

Mary Shelly

O ÚLTIMO HOMEM

MARY SHELLEY

O ÚLTIMO HOMEM

EDIÇÃO BILÍNGUE

THE LAST MAN



2010

Copyright © 2010 by Editora Landmark LTDA.
Todos os direitos reservados à Editora Landmark Ltda.
Título Original: THE LAST MAN
Primeira edição: Henry Colburn Publ. Company, Londres, 1826
Diretor editorial: Fabio Cyrino
Diagramação e Capa: Arquétipo Design+Comunicação
Tradução e notas: Marcella Furtado
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, CBL, SP, Brasil)

SHELLEY, Mary (1757-1851)
O ÚLTIMO HOMEM - The Last Man /
Mary Shelley; tradução e notas Marcella Furtado
São Paulo : Editora Landmark, 2010.
Edição bilíngue : inglês / português
ISBN 978-85-88781-35-1
e-ISBN 978-85-88781-74-0

1. Romance inglês. I. Título.
II. Título: The Last Man
07-7267 / CDD - 823
Índices para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura inglesa / 823
Textos originais em inglês de domínio público.
Reservados todos os direitos desta tradução e produção.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia
microfilme, processo
fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora Landmark,
conforme Lei n° 9610, de 19/02/1998.



EDITORA LANDMARK

Rua Alfredo Pujol, 285 - 12° andar - Santana

02017-010 - São Paulo - SP

Tel.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095

E-mail: editora@editoralandmark.com.br

www.editoralandmark.com.br

Impresso em São Paulo, SP, Brasil

Printed in Brazil

2010

MARY SHELLEY

30 DE AGOSTO DE 1797 - 1 DE FEVEREIRO DE 1851

Foi uma escritora britânica, filha do filósofo William Godwin e da pedagoga e escritora Mary Wollstonecraft. Manteve um relacionamento longo com o poeta Percy Shelley, casando-se com o mesmo em 1816, depois do suicídio de sua primeira esposa. Sua obra mais famosa é “Frankenstein, ou Moderno Prometeus” escrita entre 1816 e 1817. O romance obteve grande sucesso e gerou todo um novo gênero de horror, tendo grande influência na literatura e cultura popular ocidental. Esta obra foi escrita após o encontro do casal Shelley com Byron, em sua mansão às margens do Lago Genebra, encontro este que produziu uma série de textos, poemas, romances de autoria de Byron, Polidori, Percy Shelley e Mary Shelley. O casal mudou-se para a Itália, onde Mary sofre a perda de seus dois filhos, além do falecimento de seu marido em 1822 em um naufrágio próximo a Livorno, lançando-a em um longo período de recolhimento. Apesar da relação conturbada com o marido, Mary passou a reverenciá-lo após sua morte, com a organização de toda sua vasta produção poética. Entrementes, Mary encontrou tempo para produzir outras obras, contudo sem a mesma qualidade de “Frankenstein”. Em 1826, Mary produz o que a crítica especializada considera sua melhor obra “O Último Homem”, pioneira da ficção científica que influenciou toda uma geração de escritores deste gênero na Inglaterra, entre eles H. G. Wells. Mary Shelley falece em 1851, na Inglaterra, vítima de um tumor cerebral.

Que homem algum procure,

De agora em diante, ter ciência do porvir,

Do que acontecerá a si e as seus filhos.

John Milton

O PARAÍSO PERDIDO

Cântico XI

Let no man seek

Henceforth to be foretold what shall befall

Him or his children.

INTRODUÇÃO

VISITEI Nápoles em 1818. Em 8 de dezembro daquele ano, meu companheiro e eu cruzamos a baía para visitar as ruínas espalhadas pela praia de Baiae. As águas translúcidas e brilhantes do mar calmo cobriam os fragmentos de velhas vilas romanas, que se entrelaçavam com as algas marinhas e recebiam uma pálida coloração dourada trazida pela profusão de cores dos raios de sol; o elemento azul e transparente poderia ser o que Galateia extraíra em seu carro de madrepérolas; ou o que Cleópatra teria escolhido, mais apropriadamente do que o Rio Nilo, como caminho para seu barco encantado. Embora fosse inverno, a atmosfera soava como início de primavera; e seu calor genial contribuía para inspirar sensações de plácidas delícias, que são o prêmio de todo viajante que se detém, relutante em deixar as tranquilas baías e os radiantes promontórios de Baiae.

Fomos aos então chamados Campos Elíseos e Avernus[{1}]; e caminhamos por entre várias ruínas de templos, banhos e outros locais clássicos; ao final, adentramos a sombria caverna de Sibila de Cumas. Nosso Lazzeroni[{2}] levava tochas que reluziam um vermelho quase crepuscular pelas soturnas passagens subterrâneas, cuja escuridão parecia se embeber mais e mais de luz. Passamos por uma arcada natural, que levava a uma segunda galeria, e perguntamos se não podíamos entrar ali também. Os guias apontaram para o reflexo das tochas nas águas que cobriam sua superfície, deixando-nos com as nossas próprias conclusões; mas acrescento que era uma pena, pois a galeria conduzia à Gruta de Sibila. A curiosidade e a excitação cresceram

dentro de nós pela circunstância, e insistimos em experimentar a passagem. Como geralmente acontece durante o perfazer de tais aventuras, as dificuldades diminuíram com a avaliação. Descobrimos “terra seca para passarmos a pé enxuto” em cada lado do úmido caminho{3}.

Por fim, chegamos a uma caverna escura, deserta e enorme, que o Lazzeroni nos assegurou ser a Gruta de Sibila. Estávamos muito desapontados – mesmo assim, a perscrutamos com cuidado, como se suas paredes vazias e pedregosas ainda pudessem carregar algum traço de seu visitante celestial{4}. Havia uma pequena abertura em um lado. “Para onde isto leva?”, perguntamos. “Podemos entrar por ela?”. “Questo poi, no”{5}, disse o selvagem de rude aparência, que segurava a tocha. “Você pode avançar até um certo ponto, mas ninguém segue esse caminho”.

“Ainda assim, eu tentarei”, disse meu companheiro. “Pode ser que esse seja o caminho para a gruta verdadeira. Você vem comigo?”

Eu sinalizei minha intenção de segui-lo, mas nossos guias protestaram contra tal ideia. Com eloquência, em seu nativo dialeto napolitano, que não entendíamos muito bem, disseram que lá havia espectros, que o teto desabaria sobre nós, que o caminho era muito estreito para duas pessoas e que havia um grande buraco, cheio de água, onde poderíamos nos afogar. Meu amigo pôs fim à cantilena tirando a tocha da mão do Lazzeroni; e seguimos sozinhos.

A passagem, que era muito espremida para nós, rapidamente estreitou-se e diminuiu ainda mais; estávamos quase totalmente agachados; mesmo assim, seguimos em frente. Ao final, encontramos um amplo espaço e o teto elevou-se; porém, enquanto nos felicitávamos com a mudança, nossa tocha apagou-se com uma corrente de ar e fomos deixados em profunda

escuridão. Os guias trazem consigo materiais para reacender as tochas, mas não dispúnhamos de nada – nosso único recurso era voltar pelo mesmo caminho pelo qual viemos. Tateamos as paredes em busca da passagem e, depois de certo tempo, acreditamos tê-la encontrado. Entretanto, era uma segunda passagem, que subia e terminava como a primeira; porém, algo semelhante a um raio despejava uma tíbia luz no ambiente, que não sabíamos dizer de onde vinha. Aos poucos, nossa visão foi se acostumando à penumbra e percebemos que não havia uma passagem direta para nos levar adiante, mas era possível escalar um lado da caverna, para um arco acima, que prometia um caminho mais acessível, no qual descobrimos ser a fonte da tênue luz. Com uma dificuldade considerável, ascendemos e atingimos uma outra passagem ainda mais iluminada, que nos levou a mais uma subida igual a anterior.

Após uma sucessão de escaladas, que somente nossa resolução nos permitira realizar, chegamos a uma ampla caverna com um teto em forma de arco, como um domo. Uma abertura no meio deixava entrar a luz do céu; porém a abertura estava coberta de arbustos e plantas que agiam como véu, obscurecendo o dia e concedendo ao ambiente um tom solene e religioso. Este, era espaçoso e quase circular, com um assento de pedra elevado do chão, do tamanho de um sofá grego. O único sinal de que houvera vida lá dentro era o esqueleto de um bode, branco como a neve, que provavelmente não percebera a abertura enquanto corria pela montanha acima e mergulhara de cabeça. Eras inteiras devem ter se passado desde essa catástrofe e o estrago que fora feito anteriormente foi reparado pelo crescimento da vegetação durante centenas de verões.

O resto da mobília da caverna consistia em pilhas de folhas, fragmentos de cortiça e uma substância branca e embaciada, como a parte inferior da folha verde que

cobre os grãos do milho ainda não colhido. Estávamos cansados pelo nosso esforço até atingir aquele ponto e nos sentamos no sofá de pedra, enquanto o tilintar dos sinos das ovelhas, e o grito do jovem pastor, nos chegavam desde cima.

Ao final, meu amigo, que tinha em suas mãos algumas das folhas espalhadas ao nosso redor, exclamou: “Esta é a caverna de Sibila e estas folhas são sibilinas.”{6} Examinando-as, descobrimos que todas as folhas, as cortiças e os demais elementos continham palavras quase apagadas. O que mais nos surpreendeu foi que esses escritos estavam em várias línguas, algumas estranhas ao meu companheiro, como o antigo Chaldee e hieróglifos egípcios, velhos como as pirâmides. E, mais estranho ainda, havia palavras em idiomas modernos, como o inglês e o italiano. Não podíamos ler direito por causa da penumbra, mas pareciam ser profecias, relatos detalhados de eventos remotamente passados; nomes, agora famosos, mas de tempos modernos; e frequentes exultações e lamentos, de vitórias e derrotas, estavam traçados nas frágeis e escassas páginas. Aquela era, certamente, a Gruta de Sibila; não exatamente como Virgílio a descreve, pois todas aquelas terras foram revolvidas por erupções vulcânicas e terremotos, e a mudança não era maravilhosa, embora as marcas da destruição tenham sido ocultadas pelo tempo; e nós provavelmente devíamos a preservação daquelas folhas ao acidente que fechara a entrada da caverna e à rapidez do crescimento da vegetação, que pôde evitar a penetração da tempestade na sua única abertura. Fizemos uma seleção apressada de algumas folhas, cujos escritos poderíamos compreender; e então, carregando nosso tesouro, oferecemos nossos respeitos à caverna fendida e envolta em penumbra, e depois de muito esforço, conseguimos nos juntar aos nossos guias.

Durante nossa visita à Nápoles, frequentemente retornávamos à caverna, às vezes sozinhos, deslizando pelo mar iluminado de sol, sempre aumentando nosso tesouro. Desde aquele período, sempre que as circunstâncias mundanas não me furtavam o tempo ou que a atmosfera de minha mente não impedisse tais estudos, eu me dedicava a decifrar aquelas reminiscências sagradas. Seu significado, maravilhoso e eloquente, costumava compensar minhas dificuldades, aliviar minhas mágoas e excitar minha imaginação com voos audaciosos por entre a imensidão da natureza e a vastidão da mente humana. Por algum tempo, meu trabalho não foi solitário; mas esse tempo já passou; e, com a seleta e incomparável companhia de minhas contendas, sua recompensa mais cara me é perdida, também:

Di mie tenere frondi altro lavoro

Credea mostrarte; e qual fero pianeta

Ne' nvidio insieme, o mio nobil tesoro?[7]

Eu apresento ao público minhas últimas descobertas das finas páginas sibilinas. Aleatórias e desconexas como estavam, fui obrigada a acrescer junções e modelar o trabalho de maneira consistente. Mas a essência permanece nas verdades contidas nestas rapsódias poéticas, assim como a intuição divina de que a donzela de Cumas obteve do Paraíso.

Tenho me perguntado, com frequência, sobre o tema desses versos e sobre a tradução para o inglês de um poeta latino. Às vezes, penso que essas rimas devem sua forma presente a mim, sua decifradora – já que eram caóticas e obscuras. Como se devêssemos dar a um outro artista fragmentos pintados que compõem uma cópia do mosaico "A Transfiguração de São Pedro", de

Rafael; ele as agruparia de outro modo, determinado pelo seu talento e pela sua imaginação particular. As folhas de Sibila de Cumas, indubitavelmente, sofreram distorções e seu interesse e excelência decaíram ao passar pelas minhas mãos. Minha única desculpa por transformá-las é que estavam ininteligíveis em sua condição primeira.

Meus trabalhos acalentaram longas horas de solidão e me isolaram de um mundo que transformou sua então benigna face para uma outra, fulgurante de imaginação e poder. Perguntarão meus leitores: como poderia eu encontrar conforto em uma narrativa de mudanças tristes e de lamentações? Esse é um dos mistérios de nossa natureza, que se apoderou por completo de mim e de cuja influência não posso escapar. Confesso que me emocionei com o desenrolar da trama; e que me deprimi, não, agonizei em algumas partes do recital, que eu transcrevi literalmente dos meus materiais. Porém, assim é a natureza humana, pois a agitação mental me era querida e a imaginação, pintora de tempestades e terremotos, ou ainda pior, de paixões humanas tempestuosas e carregadas de ruína, aliviou minhas tristezas reais e infinitos arrependimentos ao revestir as fictícias de idealização, que sofre a ferroada mortal da dor.

É-me difícil saber se essa escusa é necessária. Os méritos da minha adaptação e tradução devem determinar quão bem eu investi meu tempo e meus poderes imperfeitos ao dar forma e substância às frágeis e tênues Folhas de Sibila.

VOLUME I

CAPÍTULO I

SOU NATIVO de um recanto cercado pelos mares, uma terra obscurecida pelas nuvens que, quando a superfície do globo, com seu oceano sem praias e continentes perdidos, apresenta-se à minha mente, surge apenas como um grão desprezível no imenso todo; e ainda, quando medido na escala do poder mental, ultrapassa em muito países de maior extensão e de população mais numerosa. Tão verdadeiro isso é, que a mente humana sozinha criou tudo o que é bom ou grande para o homem, e que a Natureza em si foi apenas seu primeiro-ministro. A Inglaterra, assentada bem ao norte no mar turbulento, agora visita meus sonhos no semblante de um amplo e ocupado navio, que dominou os ventos e navegou orgulhosamente por entre as ondas. Nos meus dias de criança, ela era o universo para mim. Quando eu me erguia nas montanhas onde nasci e via planícies e montes estenderem-se até onde minha visão podia alcançar, pontilhada pelas habitações dos meus conterrâneos e condicionada à fertilidade pelo seu trabalho, o centro da terra estava fixado precisamente naquele lugar, e o resto do orbe era como uma fábula, da qual minha imaginação ou compreensão poderia se esquecer sem esforço algum.

Minha sorte tem sido, desde o início, um exemplo do poder que a mudança talvez possua sobre os variados propósitos da vida humana. No que concerne a mim, isso ocorreu quase que por herança. Meu pai era um destes homens ao qual a Natureza concedeu em excesso as invejadas prendas de espírito e imaginação, e então permitiu que o barco de sua vida fosse conduzido por

esses ventos, sem convocar a razão como leme ou o julgamento como piloto para a viagem. Sua descendência era obscura; mas as circunstâncias o tornaram popular rapidamente e sua pequena propriedade paterna logo se dissipou no esplêndido mundo de luxúria e ostentação no qual ele era um ator. Durante os poucos anos de juventude impensada, ele era adorado pelos ricos frívolos da época, não só pelos jovens soberanos que, livres das intrigas das festas, assim como das árduas tarefas de negócios importantes, encontravam diversões infalíveis e excitamentos do espírito em sua sociedade. Os impulsos de meu pai, nunca sob seu controle, inevitavelmente conduziam-no a dificuldades que sua engenhosidade, por si só, poderia livrá-lo; e ele suportava a crescente pilha de dívidas de negócios e de jogo, que levaria qualquer um ao desespero, com um fino humor e uma indomável pilhéria; enquanto isso, sua companhia era tão necessária nas mesas e nas reuniões dos ricos, que seus delitos eram considerados fúteis, e ele era recebido com tóxica bajulação.

Esse tipo de popularidade, como qualquer outra, desvanece; e as dificuldades de todo o tipo contra as quais ele tinha de lutar aumentaram em uma proporção assustadora, comparada aos seus parcos meios de se safar. Em momentos como esses, o rei, devido ao seu apreço por ele, viria em seu socorro e, então, gentilmente o censurava; meu pai lhe prometia corrigir-se, mas sua disposição social, sua paixão pela ração diária de admiração e, acima de tudo, sua queda pelo jogo, que tomava conta de si, faziam suas resoluções passageiras, suas promessas, vãs. Com a ágil sensibilidade peculiar ao seu temperamento, ele percebeu que seu poder no brilhante círculo estava por se desmanchar. O rei se casou; e a arrogante princesa da Áustria, que se tornou, como rainha da Inglaterra, a

primeira em ostentação, criticava meu pai severamente pelos seus defeitos e desdenhava a afeição que seu marido real tinha por ele. Meu pai sentiu que sua queda estava próxima; porém, longe de aproveitar a última calmaria antes da tormenta para se salvar, ele buscou esquecer sua desgraça anunciada ao fazer sacrifícios ainda maiores para a deusa do prazer, cruel e dissimulada juíza do seu destino.

O rei, que era homem de excelente temperamento, mas facilmente influenciável, havia se tornado um discípulo deliberado de sua imperiosa esposa. Ele foi induzido a desaprovar com fervor, e mesmo com desgosto, a imprudência e a frivolidade de meu pai. É verdade que a sua presença dissipava tais nuvens; sua calorosa franqueza, suas ironias brilhantes e seu comportamento confiante eram irresistíveis; era apenas à distância, enquanto as histórias de seus erros eram ainda renovadas e despejadas nos ouvidos de sua consorte real, que ele perdera sua influência. As hábeis manobras da rainha eram empregadas para prolongar essas ausências, além de reunir outras acusações. Por fim, o rei foi levado a ver em meu pai uma fonte de perpétua inquietação, sabendo que ele deveria pagar pelo prazer de curta duração da sua sociedade com tediosos sermões e mais narrativas dolorosas de excessos, tão verdadeiras que ele não poderia refutar. O resultado foi que ele deveria fazer mais uma tentativa de recuperar-se, e no caso de falhar, ser eliminado para sempre.

Tal cena deve ter sido de profundo interesse e de paixão duramente trabalhada. Um rei poderoso, notável em sua bondade que o tornara dócil, e agora elevado em suas admoestações, com reprovações e rogos alternados, implorava ao seu amigo para atender seus interesses reais, para evitar com resolução essas fascinações que de fato estavam rapidamente lhe abandonando e para empregar seus grandes poderes em

algo mais útil no qual ele, seu soberano, seria seu apoio, seu amparo e seu protetor. Meu pai sentiu a bondade; por alguns momentos ambiciosos, sonhos flutuaram à sua frente; e ele considerou que seria bom trocar seus objetivos presentes por tarefas mais nobres. Com sinceridade e fervor, ele fez a promessa exigida; e como sinal de continuar a ser favorecido, recebeu do seu mestre real uma soma para aliviar as dívidas mais urgentes, permitindo-o começar sua nova carreira com bons augúrios. Naquela mesma noite, ainda cheio de gratidão e de boas resoluções, todo o dinheiro e mais uma quantia equivalente ao dobro do que recebera, se perderam na mesa de jogo. Desejoso de recuperar a perda inicial, meu pai dobrou suas apostas, o que acarretou uma dívida de jogo que lhe era totalmente impossível de pagar. Com vergonha de recorrer novamente ao rei, ele deu as costas para Londres e para suas falsas delícias e pegajosas misérias; e, com a pobreza como única companhia, ele se enfurnou entre as montanhas e os lagos da Cúmbria{8}. Seu espírito, seus bons modos, o histórico de suas atrações pessoais, seus modos fascinantes e seu talento social foram relembrados e repetidos boca a boca por muito tempo. Pergunte onde estaria esse favorito da ostentação, esse companheiro da nobreza, esse sorriso fulgurante, que dourava com exótico esplendor as reuniões dos elegantes e dos felizes – você saberá que ele estava sob suspeita, era um homem perdido; não foram poucos os que pensaram que ele buscava compensar o prazer com serviços reais ou que o longo reinado de seu espírito brilhante mereceria uma aposentadoria. O rei lamentou sua ausência; ele amava repetir seus dizeres, contar as aventuras que tiveram juntos e exaltar seus talentos – mas suas reminiscências aí terminavam.

Enquanto isso, meu pai, esquecido, não esquecia. Ele lamentava a perda do que era mais importante do que ar

ou alimento para ele – as excitações do prazer, a admiração da nobreza, a vida luxuosa e elegante dos grandes. Uma febre nervosa foi a consequência; durante a qual cuidou dele a filha de um pobre lavrador, sob cujo teto ele morava. Ela era amável, gentil e, acima de tudo, bondosa com ele; não é de se espantar que o antigo ídolo da beleza bem-nascida deveria ser, mesmo na derrota, de uma natureza maravilhosa e elevada para uma pobre filha de lavradores. O laço entre eles culminou em um casamento fracassado, do qual eu sou filho. Apesar da ternura e da doçura de minha mãe, seu marido ainda desaprovava sua condição degradada. Desacostumado ao trabalho, ele não sabia como contribuir para o sustento da sua crescente família. Às vezes, considerava recorrer ao rei; porém, o orgulho e a vergonha o continham; e, antes que sua necessidade tornasse-se tão premente a ponto de forçar-lhe a algum tipo de grande esforço, ele faleceu. Por um breve intervalo antes dessa catástrofe, ele ponderou o futuro e contemplou com angústia a situação desoladora em que sua esposa e seus filhos seriam deixados. Seu último esforço foi uma carta para o rei, recheada de uma eloquência tocante e de momentos ocasionais daquele espírito brilhante que era parte integral dele. Ele concedeu à sua viúva e aos seus órfãos a amizade de seu mestre real e satisfez-se com o fato de que, pelos seus próprios meios, sua prosperidade estaria melhor assegurada com ele morto do que vivo. Sua carta foi endereçada ao cuidado de um nobre que, ele não duvidava, executaria a última e simples tarefa de entregá-la nas mãos do rei.

Ele faleceu endividado e sua pequena propriedade foi tomada imediatamente pelos credores. Minha mãe, sem dinheiro e com o peso de duas crianças, esperou semana após semana, mês após mês, na doentia espera por uma resposta, que nunca veio. Ela não tinha experiência além das terras de seu pai; e a casa do senhorio era a maior

espécie de grandeza que ela poderia conceber. Durante a vida de meu pai, ela se tornara familiar aos nomes da realeza e da corte; mas tais coisas, alheias à sua experiência pessoal, pareciam, após a perda de meu pai, que davam substância e realidade a elas, vagas e fantásticas. Se, sob quaisquer circunstâncias, ela pudesse adquirir coragem suficiente para se dirigir aos nobres mencionados pelo seu marido, o fracasso de sua empresa a faria desistir da ideia. Portanto, ela não via como escapar da penúria: o cuidado perpétuo, aliado à mágoa pela perda do ser maravilhoso, a quem ela continuava a contemplar com ardente admiração, trabalho duro e saúde naturalmente debilitada, por fim a liberou da triste continuação de desejo e miséria.

A condição de seus órfãos era de uma desolação peculiar. Seu próprio pai migrara de uma outra parte do país e morrera há muito tempo; eles não tinham parentes para cuidar deles; eram forasteiros, pobres, sem amigos, a quem a mais escassa misericórdia era uma questão de favor e que eram tratados simplesmente como filhos de camponeses, ainda mais pobres do que os miseráveis que, ao morrer, lhes deixou um legado ingrato, à íntima caridade da terra.

Eu, o mais velho dos dois, tinha cinco anos quando minha mãe morreu. Uma recordação dos discursos dos meus pais e das mensagens sobre os amigos de meu pai, com que minha mãe empreendia tentativas de me marcar na ínfima esperança de que eu pudesse me beneficiar com tal conhecimento, flutuavam como um sonho confuso por entre meu cérebro. Eu compreendi que era diferente e superior aos meus protetores e companheiros, mas não sabia como ou por que. A sensação de injustiça, associada ao nome do rei e da nobreza, se aferrou a mim; mas eu não tirava conclusões de tais sentimentos, para servir-me de guia para meus atos. Meu primeiro conhecimento real de mim mesmo foi

como um órfão desprotegido entre os vales e as depressões da Cúmbria. Eu trabalhava para um fazendeiro; e com um cajado na mão, meu cão ao lado, eu pastoreava um grande rebanho nos montes próximos. Não tinha muito como admirar tal vida; e suas dores excediam em muito seus prazeres. Havia liberdade, a natureza como companheira e uma solidão irresponsável; mas esses elementos, românticos como eram, não estavam de acordo com o amor pela ação e o desejo da simpatia humana, característica da juventude. Nem o cuidado com meu rebanho ou a mudança de estações eram suficientes para domar meu espírito ansioso; minha vida nos campos e o tempo ocioso eram as tentações que cedo me conduziram a hábitos nefastos. Juntei-me a outros que também não tinham amigos, como eu; reuni-os em um grupo e eu era seu chefe e capitão. Todos éramos pastores e, enquanto nossos rebanhos se espalhavam pelas pastagens, planejávamos e executávamos golpes maliciosos, que nos atraíram a fúria e a vingança dos rústicos. Eu era o líder e o protetor dos meus asseclas, e como me distinguira entre eles, suas culpas eram geralmente imputadas a mim. Como recompensa, eu exigi sua admiração e obediência.

Com tal aprendizado meu temperamento se tornou rude, porém firme. O apetite por admiração e a pequena capacidade de autocontrole, que herdei de meu pai, cultivada pela adversidade, me fez ousado e irresponsável. Eu era duro como os elementos e selvagem como os animais de que cuidava. Frequentemente me comparava a eles e tendo descoberto que minha superioridade consistia em poder, logo me persuadi de que era apenas no poder que era inferior aos mais altos potentados da Terra. Assim, leigo da mais refinada filosofia e perseguido por um sentimento incansável de degradação pela minha real

posição na sociedade, eu vagueei por entre as montanhas da civilizada Inglaterra como um selvagem tão impolido quanto o fundador de Roma, alimentado por lobos. Possuía apenas uma lei, a do mais forte, e meu grande objetivo de virtude era nunca se sujeitar.

Permita-me retratar esta frase que me passou. Minha mãe, ao morrer, tinha, além de suas lições semiesquecidas e mal aplicadas, comprometido, com uma solene exortação, minha irmã mais nova aos meus cuidados; e essa tarefa eu a desempenhei o melhor que pude, com todo o zelo e afeição de que minha natureza era capaz. Minha irmã era três anos mais nova do que eu; e cuidei dela como uma infante, e quando a diferença dos nossos sexos, ao nos prover diferentes ocupações, nos separou em grande medida, ainda ela continuara a ser o objeto do meu grande amor. Órfãos, no sentido integral do termo, éramos os mais pobres entre os pobres e os desprezados entre os desonrados. Se minha ousadia e coragem me granjearam um tipo de aversão respeitosa, sua juventude e sexo, já que não despertam ternura, ao demonstrarem-lhe sua fraqueza, foram as causas de inúmeras mortificações e seu próprio temperamento não era tão forte para diminuir os efeitos maléficos de sua baixa condição social.

Ela era um ser singular e, como eu, herdou muito do temperamento peculiar de nosso pai. Suas feições uma expressão só; seus olhos não eram escuros, mas profundamente impenetráveis; era possível descobrir espaço após espaço na sua rapidez intelectual e sentir a alma que era a alma deles, compreendia um universo de pensamento em sua inteligência. Ela era pálida e clara, e seu cabelo dourado agrupado nas têmporas, contrastava com sua rica tonalidade o palor de mármore que havia entre eles. Seu humilde vestido de camponesa, pouco harmonioso com a sofisticação da emoção que seu rosto transmitia, combinava, ainda que de maneira estranha.

Ela era como uma das santas de Guido, com o Paraíso em seu coração e em sua feição, então, ao olhá-la, se poderia pensar nisso intimamente, e roupas e até adereços eram secundários à mente que irradiava em seus traços.

Ainda que amável e cheia de nobres sentimentos, minha pobre Perdita (este era o nome fantasioso que recebera do seu moribundo pai), não era completamente santificada em seu temperamento. Seus modos eram frios e repulsivos. Se ela tivesse sido educada por aqueles que demonstrassem a ela afeição, ela poderia ser diferente; porém, desprezada e rejeitada, ela pagou o desejo de bondade com desconfiança e silêncio. Era submissa àqueles que exerciam autoridade sobre ela, mas uma suspeita eterna residia em seu rosto; ela parecia esperar inimizade de qualquer um que se aproximasse dela e suas ações eram instigadas pelo mesmo sentimento. Todo o tempo que tinha livre era passado em isolamento. Ela perambulava pelos lugares mais ermos e escalava alturas perigosas, pois nesses locais esquecidos ela podia se envolver na solidão. Com frequência, ela caminhava horas a fio entre as árvores; entrelaçava grinaldas de flores e hera ou observava a dança das sombras e o cair das folhas; às vezes, sentava-se perto de um riacho e, quando seus pensamentos se interrompiam, jogava flores ou seixos nas águas, vendo como elas flutuavam e eles afundavam; ou ela colocava para navegar barcos feitos de folhas ou cortiça, com uma pena como marinheiro e olhava intensamente o navegar de sua embarcação entre as pedras e as partes rasas do riacho. No entretempo, sua fantasia viva tecia milhares de combinações; ela sonhava “de acidentes patéticos no mar e em terra”[{9}] – ela se perdia deliciosamente em suas fugas criadas por ela mesma e retornava com o espírito averso aos monótonos detalhes da vida comum. A pobreza era a nuvem que cobria suas

qualidades e tudo o que era bom nela parecia perecer pelo desejo do frescor amigável da afeição. Ela não tinha a mesma vantagem que eu, ao lembrar-se dos pais; ela se agarrava a mim, seu irmão, como único amigo, mas sua aliança comigo completou o desgosto de que seus protetores sentiam por ela; e quaisquer erros eram exagerados por eles como se fossem crimes. Se ela tivesse sido criada naquela esfera de vida na qual a delicada estrutura de sua mente e de sua pessoa, por herança, fosse adaptada, ela teria se tornado um objeto de quase adoração, pois suas virtudes eram tão distintas quanto seus defeitos. Todo o gênio que enobrecia o sangue de seu pai ilustrava o dela; uma maré generosa passava pelas suas veias; o engano, a inveja ou a maldade eram contrários à sua natureza; sua feição, quando iluminada por um sentimento amigável, poderia pertencer a uma rainha; seus olhos eram brilhantes; seu olhar, destemido.

Embora pela nossa situação e temperamento estivéssemos ambos praticamente à parte das costumeiras formas de relacionamento social, havia um forte contraste entre nós. Eu sempre necessitava dos estímulos proporcionados pelo companheirismo e pelo aplauso. Perdita era completamente autossuficiente. Apesar dos meus hábitos reprováveis, meu temperamento era sociável, o dela, recluso. Minha vida se passou entre realidades tangíveis, a dela era um sonho. Poderia até mesmo dizer que amava meus inimigos, já que me incitando, eles como que me investiram de felicidade; Perdida praticamente odiava suas amigas, por interferir em seus modos visionários. Todos os meus sentimentos, mesmo os de exultação e triunfo, tornavam-se amargos, se não compartilhados; Perdita, mesmo contente, fugia para a solidão e poderia seguir, dia após dia, sem demonstrar suas emoções ou procurar sentimentos iguais em outra mente. Ela

poderia até amar e mergulhar com ternura na aparência e na voz de sua amiga, enquanto seu comportamento expressaria a mais fria distância. Nela, uma sensação tornava-se um sentimento e ela nunca se expressaria até que pudesse mesclar suas percepções sobre objetos exteriores com as que formavam o crescimento natural da sua própria mente. Ela era como um solo fértil que se embebia dos ares e do orvalho do Paraíso, e os passava adiante em forma de reluzentes e amáveis frutas e flores; mas então ela ficava rude e obscura como aquele solo, arado e novamente cultivado com sementes nunca vistas.

Ela morava em um casebre cujo caminho de gramas aparadas inclinava-se para as águas do lago Ulswater; uma faia estendia-se pela montanha e um murmurante riacho caía delicadamente do aclive por entre bancos cobertos por álamos, até o lago. Eu vivia com um fazendeiro cuja casa foi construída nas elevações das montanhas: um escuro penhasco erguia-se logo atrás, e, para o norte, a neve permanecia em suas reentrâncias mesmo no verão. Antes de amanhecer eu conduzia meu rebanho para as pastagens e as vigiava durante o dia. Era uma vida de trabalho duro; na qual a chuva e o frio eram mais constantes do que o brilho do sol; mas meu orgulho era desprezar os elementos. Meu confiável cão vigiava as ovelhas enquanto eu me esquivava para os encontros com meus camaradas e, daí, para a realização dos nossos planos. Ao meio-dia, nos encontrávamos novamente, nos livrávamos de nossa comida simplória, enquanto preparávamos e acendíamos o fogo com que cozinharíamos as prendas roubadas das dispensas vizinhas. Então surgiam as histórias de escapadas por um triz, de lutas contra cães, de emboscadas e fugas, enquanto rodeávamos o caldeirão como ciganos. A busca por uma ovelha desgarrada ou as maquinações com que fugíamos, ou tentávamos fugir, da punição, preenchiam

as horas da tarde. Ao cair da noite, meu rebanho retornava à fazenda, e eu, para minha irmã.

Raramente escapávamos, para usar uma frase antiga, sem levar sabão. Nosso saboroso destino era quase sempre convertido em repreensões e prisão. Uma vez, aos treze anos, fui preso por um mês na cadeia do condado. Quando fui libertado, minha moral inalterada, meu ódio pelos meus opressores multiplicou-se por dez. O pão e a água não domaram meu sangue, nem o confinamento solitário me inspirou pensamentos gentis. Eu estava furioso, impaciente, miserável; meus únicos momentos de felicidade eram quando eu imaginava vingança; e tais esquemas eram aperfeiçoados em minha solidão forçada, portanto, em toda a estação seguinte, e eu fui solto em setembro, nunca falhei em prover refeições excelentes e fartas para mim e para meus camaradas. Foi um inverno glorioso. O frio agudo e as fortes nevascas mantinham os animais tranquilos e faziam com que os camponeses permanecessem perto das lareiras; tínhamos mais alimento do que poderíamos comer e meu fiel cão se fartava com nossas sobras.

Assim passaram-se os anos; e o tempo apenas reforçou o amor pela liberdade e o desprezo por tudo o que não era tão selvagem e rude como eu mesmo. Aos dezesseis anos, eu já apresentava as feições de um homem crescido; era alto e atlético; e era hábil em exibir minha força e estava habituado à inclemência dos elementos. Minha pele estava bronzeada pelo sol; meu passo era firme por saber do meu poder. Não temia ninguém, assim como não amava ninguém. Depois de viver, eu recordava maravilhado o que eu era então; quão extremamente inútil eu devo ter me tornado se tivesse continuado em minha carreira de criminoso. Minha vida era como a de um animal e minha mente estava prestes a se degenerar nos aspectos da natureza bruta. Até aquele momento, meus hábitos selvagens não tinham me

causado nenhum comprometimento maior; meus poderes físicos haviam crescido e florescido sob sua influência, e minha mente, seguindo a mesma disciplina, imbuíra-se de todas as virtudes resistentes. Mas, agora, minha independência fugaz sempre me instigava para os atos de tirania e a liberdade tornava-se desregrada. Eu permanecia na iminência de me tornar um homem; as paixões, fortes como as árvores de uma floresta, já haviam se arraigado dentro de mim e estavam prestes a cobrir com suas nocivas e enormes sombras o caminho da minha vida.

Eu ansiava por aventuras maiores que minhas explorações de criança e construía sonhos doentios sobre ações futuras. Evitava meus antigos camaradas e logo os perdi. Eles chegaram à idade na qual são enviados para cumprir seus destinos; enquanto eu, um renegado, com ninguém para me conduzir ou me mostrar o caminho, parei. Os velhos apontavam para mim como um exemplo e os novos a se admirar de mim como um estranho; eu os odiava e, última e pior degradação, comecei a me odiar. Agarrava-me aos meus hábitos ferinos, ainda que os desprezando em parte; continuei minha luta contra a civilização, embora ainda acalentasse um desejo de pertencer à ela.

Sempre revolvia minhas memórias do que minha mãe havia me dito sobre a antiga vida de meu pai; contemplei as poucas relíquias dele que eu ainda possuía, que falam sobre refinamentos superiores ao que se poderia encontrar entre choupanas; mas nada disso servia para guiar-me em direção a um estilo de vida mais prazeroso. Meu pai relacionava-se com os nobres, mas tudo o que eu conhecia dessas relações era a rejeição ulterior. O nome do rei – aquele a quem meu moribundo pai dirigira suas últimas preces e quem havia as diminuído de maneira bárbara, estava associado apenas às ideias de maldade, injustiça e, consequentemente, ressentimento.

Eu havia nascido para ser algo maior do que era – e maior iria me tornar; mas a grandeza, ao menos para a minha distorcida percepção, não estava necessariamente vinculada à bondade e meus pensamentos selvagens passavam livres pelas considerações morais quando estas se digladiavam em sonhos de distinção. Portanto, eu permanecia sobre um pico, um mar de maldade em turbilhão sob meus pés; estava prestes a me lançar a ele e jogar-me como uma torrente contra todos os obstáculos ao objeto dos meus desejos – quando uma influência estranha apoderou-se da corrente que conduziria minha sorte e alterou seu revolto destino para o que era comparado aos suaves meandros de um remanso.

CAPÍTULO II

EU MORAVA longe das frenéticas ocupações dos homens e o rumor de guerras ou de mudanças políticas chegava como um mero sussurrar às montanhas onde residíamos. A Inglaterra havia sido o palco de convulsões históricas durante minha infância. No ano 2073, o último dos seus reis, o antigo amigo de meu pai, havia abdicado de acordo com as gentis forças das objeções aos seus atos e uma república foi instituída. Grandes propriedades foram designadas para o monarca deposto e sua família; ele recebeu o título de Conde de Windsor e o Castelo de Windsor, da antiga realeza, com seus amplos arredores, fazia parte da riqueza que lhe fora alocada. Ele faleceu logo depois, deixando um filho e uma filha.

A ex-rainha, uma princesa da casa da Áustria, havia há muito instado seu marido a resistir às necessidades dos tempos. Ela era arrogante e destemida; cultivava um amor pelo poder e um amargo desprezo por aquele que a havia despojado de seu reino. Somente em prol dos seus filhos, consentira em permanecer, perdendo seu título de nobreza, membro da república inglesa. Quando enviuvou, ela se dedicou exclusivamente à educação de seu filho Adrian, segundo Conde de Windsor, para que realizasse suas metas ambiciosas; do leite materno ele se embebeu, com a intenção de crescer no rígido propósito de recuperar a coroa perdida. Adrian tinha então quinze anos. Estudava com afinco e ocupou seus anos com aprendizado e talento: documentos dão conta de que ele já começara a desvirtuar as visões de sua mãe e a cultivar princípios republicanos. Embora isso

seja possível, a altiva Condessa não confiava a ninguém os segredos de seu ensino familiar. Adrian cresceu solitário e mantido à parte da companhia natural de sua idade e posição. Alguma circunstância desconhecida então induziu sua mãe a distanciar-se de sua tutela imediata; e soubemos que ele estava prestes a visitar a Cúmbria. Milhares de histórias afloraram, explicando a conduta da Condessa de Windsor; provavelmente nenhuma delas verdadeira; mas a cada dia tornava-se mais claro que deveríamos ter um ramo da última casa real da Inglaterra entre nós.

Havia uma imensa propriedade em Ulswater, com uma mansão, pertencente à sua família. Um grande parque era um de seus apêndices, planejado com muito estilo e fartamente provido de caça. Eu havia feito frequentes depredações dentro daquelas cercas; e o estado deplorável da propriedade facilitava minhas incursões. Quando se decidiu que o jovem Conde de Windsor deveria visitar a Cúmbria, chegaram trabalhadores para colocar o local em ordem para a sua recepção. O antigo esplendor foi reposto às construções e o parque, completamente recuperado, foi protegido com cuidado incomum.

Eu estava perturbado em grande medida por toda essa preparação. Minhas lembranças sonolentas e meus sentimentos suspensos de dor estavam aguçados pela curiosidade e deram lugar a uma nova necessidade de vingança. Já não podia mais cumprir minhas ocupações; todos os meus planos e maquinações foram esquecidos; eu buscava uma forma de viver inédita e sob maus auspícios. O impulso pela guerra estava prestes a começar. Ele viria triunfantemente ao distrito para o qual meu pai fugira decepcionado; ele encontraria a sua maldita descendência, concedida com tanta confiança vã ao seu pai real, miseravelmente pobre. Que ele devesse saber de nossa existência e que, tão perto, nos tratasse

da mesma maneira com que seu pai o fizera à distância e em ausência, pareceu-me consequência certa de tudo o que acontecera antes. Portanto, eu deveria encontrar esse moleque importante – o filho do amigo de meu pai. Ele deveria estar protegido por serviçais; nobres e os filhos dos nobres eram seus companheiros; toda a Inglaterra sabia o seu nome; e sua chegada, como uma trovoada, foi ouvida de longe: enquanto eu, iletrado e sem estilo, se me encontrasse com ele deveria, no julgamento dos seus seguidores da corte, evidenciar em minha própria pessoa o nível de ingratidão que fez de mim o ser degradado que aparentava.

Com minha mente inteiramente ocupada por essas ideias, eu cercava a residência destinada ao jovem Conde com fascinação, poderia se dizer. Observava o progresso das reformas e analisava as carretas sendo descarregadas, enquanto vários artigos de luxo, trazidos de Londres, eram acomodados na mansão. Era parte do plano da ex-rainha cercar seu filho com uma magnificência de príncipe. Chamava a minha atenção os ricos carpetes e os sedosos penduricalhos, ornamentos dourados, metais ricamente decorados, móveis emblemados e os demais apêndices dispostos da alta classe, de forma que nada que não tivesse um esplendor imperial devesse atingir a visão de um descendente real. Eu os olhava; e depois fitava minha vestimenta puída. – De onde nascera esta diferença? De onde, senão da ingratidão, da falsidade, de um delito da parte do pai do príncipe, da nobre simpatia e do sentimento de generosidade. Sem dúvida, dele também, cujo sangue recebeu uma grande porção de sua orgulhosa mãe - ele, o foco reconhecido da riqueza e nobreza do reino, foi ensinado a repetir o nome do meu pai com desdém e a zombar dos meus pedidos de proteção. Esforcei-me a pensar que toda essa grandeza era nada mais do que a mais exuberante infâmia e que, ao fincar este estandarte

tramado em ouro além de minha fosca e rota bandeira, ele proclamou não a sua superioridade, mas seu rebaixamento. Ainda assim, eu o invejava. Seu haras de belos cavalos, suas armas de cara confecção, a admiração, a adoração, todos prontos a servi-lo, sua alta posição e sua alta estima, - eu as considerava terrivelmente tomadas de mim e as invejava com inédita e tormentosa amargura.

Para coroar a vexação do meu espírito, Perdita, a visionária Perdita, pareceu despertar para a vida real quando me disse que o Conde de Windsor estava para chegar.

"E isto lhe agrada?", observei, emocionado.

"Claro que sim, Lionel", ela replicou; "Eu anseio por vê-lo; é um descendente dos nossos reis, o primeiro nobre destas terras: todos o admiram e o amam, e dizem que sua posição é seu último mérito; ele é generoso, bravo e afável".

"Você aprendeu uma bela lição, Perdita", disse eu, "e a repetiu tão bem que esqueceu o momento em que provamos das virtudes do Conde; sua generosidade conosco se manifesta em nossa fartura, sua bravura na proteção que nos presta, sua afabilidade no apreço que tem por nós. Sua posição é seu último mérito, você disse? Por que, se todas as suas virtudes derivam apenas da sua condição; porque ele é muito rico, chamam-no de generoso; porque é poderoso, chamam-no de bravo; porque ele é bem servido, chamam-no de afável. Deixe-os chamarem assim, deixe que toda a Inglaterra acredite que ele é assim, pois – nós o conhecemos - ele é nosso inimigo – nosso avaro, covarde e arrogante inimigo; se ele fosse agraciado com uma partícula das virtudes que lhe atribui, ele seria justo conosco, fosse apenas para se exibir, que se ele atacasse, não seria como um adversário caído.

Seu pai feriu o meu pai – seu pai, encastelado em seu trono, ousou desprezar aquele que se inclinou a ele próprio, quando se condescendeu a se associar àquele ingrato real. Nós, descendentes de um e de outro, devemos ser inimigos, também. Ele deve descobrir que eu posso sentir minhas feridas; ele deve conhecer o pavor de minha vingança!”

Poucos dias depois, ele chegou. Até o habitante da choupana mais miserável encorpou o fluxo de gente que se despejou para conhecê-lo; mesmo Perdita, apesar da minha última filípica, se instalou próximo à estrada para observar seu grande ídolo. Eu, em parte irritado por encontrar todas as pessoas em suas melhores roupas descendo as montanhas, fugi para os picos cobertos de nuvens e, encarando as rochas estéreis acima de mim, gritei – “*Eles* não choram, vida longa ao Conde!” Não retornei para casa nem quando a noite chegou, acompanhada de garoa e frio; pois eu sabia que em cada casebre soavam os elogios para Adrian; enquanto sentia meus membros entorpecerem e congelarem-se, minha dor alimentava minha aversão insana; não, eu quase triunfei nela, uma vez que aparentava dar-me razão e justificativa para meu ódio por meu desconsiderado adversário. Tudo era atribuído a ele, já que confundia inteiramente a ideia de pai e filho, que eu esqueci que o último poderia estar totalmente desinformado de que seu pai nos rejeitou; e, enquanto batia a mão em minha cabeça dolorida, eu gritava: “Ele deve saber disso! Serei vingado! Não sofrerei como um pequeno cão! Ele deve saber, desgraçado e miserável como eu sou, que não me dobrarei à injustiça!” Cada dia, cada hora, somavam-se a esses erros exagerados. Os elogios a ele fincavam-se em meu peito vulnerável como o aguilhão de uma víbora. Se o via à distância, montado em um belo cavalo, meu sangue fervia de fúria; o ar parecia envenenado pela sua presença e meu inglês nativo decaía para um vil

arrazoado de palavras, pois cada frase que eu ouvia era acompanhada de seu nome e de sua honra. Ansiava por aliviar essa dor que queimava meu coração por meio de alguma ofensa que deveria despertar nele alguma suspeita de minha antipatia. Era o peso de sua ofensa, que ele deveria notar em mim tais sensações intoleráveis e não se dignar a demonstrar que percebia que eu vivia a senti-las.

Logo ficou notório que Adrian tinha grande prazer em seu parque e nas suas terras. Ele nunca praticava esportes, mas passava horas a observar os grupos de animais amáveis e quase domados que lá viviam, e ordenou que se tomasse mais cuidado com eles do que nunca. Eis uma chance para os meus planos de ataque e eu a aproveitei com a bruta impetuosidade que meu ativo modo de vida me proporcionara. Propus que caçássemos ilegalmente em suas terras aos meus camaradas remanescentes, que eram os mais determinados e irresponsáveis da minha turma; mas todos se retraíram do perigo; então tive de empreender minha vingança sozinho. Inicialmente, minhas explorações passaram desapercebidas; tornei-me mais ousado; pegadas na grama úmida, arbustos remexidos e marcas de caça finalmente me denunciaram aos guardas. Eles se tornaram mais vigilantes; fui pego e mandado à prisão. Adentrei pelas suas paredes escuras em meio a um êxtase de triunfo: “Ele sente minha presença agora”, gritei, “e sentirá mais vezes!” – não fiquei mais do que um dia em confinamento; fui liberado à noite, como me foi dito, por ordem do próprio Conde. Eu me elevara ao topo da minha honra, mas a notícia me lançou de lá. Ele me despreza, pensei; mas deve saber que o desprezo e tenho em igual insignificância suas punições e sua clemência. Na segunda noite após minha liberdade, fui pego novamente pelos guardas – novamente preso, novamente libertado; e então outra

vez, tal era minha pertinência, que a quarta noite encontrou-me no parque proibido. Os guardas estavam mais furiosos do que seu senhor pela minha obstinação. Haviam recebido ordens para que, se eu fosse pego novamente, deveria ser levado ao Conde; e sua leniência os fez esperar uma conclusão que consideravam leve para os meus crimes. Um deles, que era desde o início o líder dentre aqueles que me capturaram, resolveu satisfazer seu próprio ressentimento, antes de me levar aos poderes superiores.

A demora da lua em se pôr e a cautela extrema que fui obrigado a empregar nesta terceira expedição consumiram tanto tempo que algo como um escrúpulo de medo se apoderou de mim quando percebi que a escura noite já se convertia em aurora. Eu rastejei ao longo da cerca viva, procurando coberturas escuras do arbusto, enquanto os pássaros despertavam com uma canção indesejada acima de mim e o vento fresco da manhã, soprando entre os galhos, me fez temer por tropeços a cada volta. Meu coração batia rapidamente quando alcancei os mourões da cerca; minha mão estava em um deles, um salto me levaria para o outro lado, quando dois vigias me emboscaram; um deles me nocauteou e começou a me impingir severas chicotadas. Eu voltei a si – uma faca estava ao meu alcance; irrompi em direção ao seu braço direito erguido e fiz um profundo e extenso corte em sua mão. A fúria e os gritos do homem ferido, as agudas execrações do seu colega, às quais respondi com igual amargura e fúria, ecoaram pelo parque; a manhã avançava mais e mais, sua celestial beleza em desacordo com nossa luta bruta e barulhenta. Eu ainda lutava contra meu inimigo, quando o homem ferido exclamou: “O Conde!” Libertei-me da força hercúlea do guarda, respirando com dificuldade por causa do esforço; lancei olhares furiosos aos meus perseguidores e me pus de costas a uma árvore,

decidido a me defender até o fim. Minhas roupas estavam rasgadas e eles, assim como minhas mãos, estavam manchados com o sangue do homem que feri; uma mão passou pelos pássaros mortos – minha caça duramente conquistada, a outra segurava a faca; meu cabelo estava revolto; minha face se cobria com os mesmos sinais de culpa que testemunhavam contra mim no instrumento pingente ao qual me agarrava; toda a minha aparência era desleixada e esquálida. Alto e musculoso como eu era no princípio, deveria parecer como, o que eu seguramente era, o mais reles rufião que já pisou na terra.

O nome do Conde me assustou e fez com que o sangue indignado que aquecia meu coração subisse para o rosto; eu nunca o vira antes; imaginei que fosse um jovem desdenhoso e altivo, que me reprovaria caso se dignasse a falar comigo, com toda a sua a arrogância proveniente da superioridade. Minha réplica estava pronta; uma ofensa que julguei calculada a ferroar precisamente seu coração. Ele chegou num instante; e sua aparência dissipou, com um gentil sopro do oeste, minha ira nublada: diante de mim estava um garoto alto, magro e pálido, com uma fisionomia expressiva do excesso de sensibilidade e refinamento; os raios matutinos do sol tingiram de dourado seu cabelo sedoso e espalharam luz e glória sobre sua irradiante imagem. “Como é possível?” ele gritou. Os homens logo começaram a se defender; ele os interrompeu, dizendo, “Dois de vocês de uma vez num rapaz só – que vergonha!” Ele se voltou para mim: “Verney”, ele gritou, “Lionel Verney, é assim que nos encontramos pela primeira vez? Nascemos para ser amigos um do outro e, embora a má sorte tenha nos separado, você não reconhece o laço hereditário de amizade que, espero, nos unirá de agora em diante?”

À medida que falava, seus olhos sinceros, fixos em mim, pareceram ler minha própria alma: meu coração, meu selvagem e vingativo coração, sentiu a doce influência da boa vontade afundar sobre si, enquanto sua voz embargada, como a mais doce das melodias, despertou um eco mudo dentro de mim, conduzindo até as profundezas a energia vital ao meu ser. Quis responder, reconhecer sua bondade, aceitar sua amizade preferencial; mas as palavras, as palavras certas, não eram providas a um rústico montanhês; eu teria lhe dado a mão, mas a mancha da culpa me conteve. Adrian se apiedou de meus modos faltosos: “Venha comigo”, ele disse, “Tenho muito a lhe contar; venha comigo – você sabe quem sou eu?”

“Sim”, exclamei, “acredito que agora eu lhe conheça e que você perdoe meus erros – meu crime.”

Adrian sorriu gentilmente; e, depois de dar ordens aos guardas, se aproximou de mim; pondo seu braço no meu, juntos andamos até a mansão.

Não era a sua posição – depois de tudo o que eu disse, certamente não se suspeitaria que era a posição de Adrian que, desde o início, subvertera a minha convicção e colocou todo o meu espírito prostrado ante ele. Nem sozinho comecei a me aperceber intimamente de suas virtudes. Sua sensibilidade e cortesia fascinavam qualquer um. Sua vivacidade, inteligência e índole exaltada de benevolência concluíam o granjeio. Mesmo em uma tenra idade, ele havia lido muito e estava imbuído do espírito da alta filosofia. Esse espírito deu um tom de persuasão irresistível ao seu relacionamento com os outros, fazendo-o semelhante a um músico inspirado que atingia, com precisa habilidade, “a lira da mente” e produzia, portanto, uma harmonia divina. Em pessoa, ele dificilmente parecia ser deste mundo; sua delicada estrutura era supereducada pela alma que ali residia; ele era todo mente; “Basta que dirijais um junco

contra”[{10}] seu peito e teria sido conquistada sua força; mas o poder do seu sorriso teria domado um leão faminto ou feito com que um exército deitasse suas armas sob seus pés.

Passei o dia com ele. No início, não se referiu ao passado ou a quaisquer ocorrências pessoais. Ele provavelmente quis me inspirar confiança e dar-me tempo para reunir meus pensamentos esparsos. Ele falou de assuntos gerais e deu-me ideias que nunca havia concebido antes. Sentamo-nos em sua biblioteca e ele falou de velhos filósofos gregos e do poder que elas adquiriram sobre as mentes humanas apenas por força do amor e da sabedoria. A sala era decorada com bustos de muitos deles e ele descreveu o caráter de cada um. Enquanto ele falava, eu me senti sujeito a ele; e meu orgulho e força exacerbados foram subjugados pelo melífluo modo de falar daquele garoto de olhos azuis. O adequado e pálido comportamento civilizado, que antes eu considerava em minha selva como inacessível, tinha sua pequena entrada aberta por ele; eu adentrei e senti, enquanto progredia, que deixava minha terra nativa.

Quando a noite caiu, ele mencionou o passado. “Tenho uma história a lhe contar”, ele disse, “e muita explicação a dar sobre o passado; talvez você possa me ajudar a encurtá-la. Você se lembra de seu pai? Nunca tive a felicidade de conhecê-lo, mas seu nome é uma das mais antigas recordações: ele permanece escrito em minha memória como o tipo de tudo o que era galante, amável e fascinante nos homens. Seu comportamento não era mais conspícuo do que a transbordante bondade de seu coração, que ele despejava em tal medida sobre seus amigos que pouco deixou, lamentavelmente, para si mesmo.”

Encorajado por esse elogio, continuei, em resposta aos seus pedidos, a relatar o que lembrava de meu pai; e ele deu conta das circunstâncias que levaram à rejeição da

carta testamento de meu pai. Quando, depois de algum tempo, o pai de Adrian, então rei da Inglaterra, sentiu sua situação mais delicada, sua linha de conduta mais constrangedora, mais e mais ele sentiu-se saudoso de seu amigo, que poderia mover montanhas contra a ira impetuosa da rainha, mediadora entre ele e o Parlamento. Desde a noite em que ele fugiu de Londres, na noite fatal de sua derrota na mesa de jogo, o rei não mais recebeu notícias dele; e quando, depois do correr dos anos, ele se animou a descobrir seu paradeiro, todas as pistas se perderam. Com um remorso mais apaixonado do que nunca, ele se agarrou à sua memória; e incumbiu seu filho de, se encontrasse alguma vez com seu valioso amigo, prover-lhe todo o socorro em seu nome e de assegurá-lo de que, até o final, seu vínculo sobrevivera à separação e ao silêncio.

Pouco tempo antes da visita de Adrian à Cúmbria, o herdeiro do nobre a quem meu pai confiou seu último apelo ao seu mestre real, pôs sua carta, seu selo intacto, nas mãos do jovem Conde. A carta havia sido descoberta junto a uma pilha de papéis velhos e o puro acidente trouxe-a à luz. Adrian a leu com profundo interesse; e encontrou ali a vívida inteligência engenhosa e espirituosa que ele tão frequentemente ouvira ser celebrada. Ele descobriu o nome do lugar onde meu pai havia se recolhido e onde falecera; ele soube da existência de seus filhos órfãos; e durante o curto intervalo entre sua chegada a Ulswater e nosso encontro no parque, ele se ocupou perguntando sobre nós e planejando uma série de esquemas para o nosso benefício, antes de anunciar sua presença a nós.

O modo como falou de meu pai era grato à minha vaidade; o véu que despejou delicadamente sobre sua benevolência, ao alegar o cumprimento rígido da última vontade do rei, acariciava meu orgulho. Outros sentimentos, menos ambíguos, foram despertados pelo

seu modo conciliador e o generoso calor de sua expressão, o respeito raramente sentido antes, admiração e amor – ele tocou meu coração empedrado com seu poder mágico e o fluxo de afeição jorrou adiante, imperecível e puro. Separamo-nos à noite; ele apertou minha mão: “Vamos nos encontrar novamente. Venha aqui amanhã”. Eu segurei aquela bondosa mão; tentei responder; um fervoroso “Deus lhe abençoe!” foi tudo o que a minha ignorância poderia dar forma ao discurso e me afastei rapidamente, oprimido por novas emoções.

Não pude dormir. Busquei as colinas; um vento oeste as agitava e as estrelas brilhavam. Corri, sem me importar com nada ao redor, mas tentando dominar o espírito em convulsão dentro de mim por meio do cansaço físico. “Isto”, pensei, “é poder! E não ter membros fortes, dureza no coração, ferocidade e audácia; mas, sim, ser misericordioso e meigo.” Parando abruptamente, juntei minhas mãos e com o fervor de um recém convertido, gritei, “Não duvide de mim, Adrian, também me tornarei sábio e bom!” e então, bastante prostrado, chorei alto.

Assim que o acesso de emoção passou, me senti melhor composto. Deitei-me no chão e dando liberdade aos meus pensamentos, repassei pela mente minha antiga vida; e comecei, página por página, a desvelar os muitos erros de meu coração e a descobrir quão bruto, selvagem e inútil eu tinha sido até então. Eu não poderia naquela época, porém, sentir remorso, pois em minha concepção eu havia renascido; minha alma se despojou do fardo dos meus pecados passados, para iniciar uma nova jornada na inocência e no amor. Nada arrogante ou bruto permaneceu para desvalorizar os ternos sentimentos que foram inspirados pelo ocorrido no dia; eu soava como uma criança repetindo suas devoções junto à mãe e minha alma de plástico fora remodelada

por uma hábil mão, a qual eu não desejei ou era capaz de resistir.

Esse foi o primeiro início de minha amizade com Adrian e devo celebrar esse dia como o mais afortunado de minha vida. Eu começara a me tornar humano. Fui admitido para dentro da sagrada fronteira que divide a natureza intelectual e moral dos homens daquela que caracteriza os animais. Meus melhores sentimentos foram despertados para dar respostas exatas à generosidade, sabedoria e polidez de meu novo amigo. Ele, com uma bondade nobre completamente sua, tinha infinito prazer em conceder prodigalidade aos tesouros de sua mente e destino ao filho do amigo de seu pai, há muito rejeitado, a descendência daquele abençoado homem cujas qualidades e talentos ele ouvira ser celebrados desde sua infância.

Depois de abdicar, o último rei retirou-se da esfera política, ainda que seu círculo doméstico lhe provesse algumas notícias. A ex-rainha não tinha nenhuma das virtudes da vida doméstica e as de coragem e ousadia que ela possuía lhe resultaram inúteis pela secessão de seu marido; ela o desprezava e não se importava em esconder seus sentimentos. O rei, cedendo às exigências da esposa, tinha se afastado de seus velhos amigos, porém sem fazer novos sob sua orientação. Nesta escassez de simpatias, ele havia recorrido ao seu quase infante filho; e o prematuro desenvolvimento de talento e sensibilidade transformou Adrian em um depósito infindável para as confidências de seu pai. Ele nunca se cansava de ouvir as histórias dos velhos tempos frequentemente repetidas, nas quais meu pai tinha um papel eminente; suas observações perspicazes eram repetidas ao garoto e lembradas por ele; seu espírito, suas fascinações, suas próprias faltas eram veneradas pelo remorso da afeição; sua perda foi sinceramente lamentada. Mesmo a aversão da rainha pelo favorito era

vã para eliminar a admiração do seu filho: era amarga, sarcástica, desprezível – mas, enquanto ela lançava sua pesada censura tanto sobre suas virtudes quanto sobre seus erros, sobre sua amizade devotada e sobre seus amores mal-sucedidos, sobre seu desinteresse e sobre sua prodigalidade, sobre sua isenta graça de modos e sobre a facilidade com que ele levava à tentação, seu tiro carregado se provou demasiadamente pesado e errou o alvo por muito. Nem sua irada repulsa evitou que Adrian imaginasse meu pai, como havia dito, o tipo de tudo o que era galante, amável e fascinante em um homem. Não era estranho, portanto, que quando ele tomasse conhecimento da descendência desse homem formidável, planejasse investir neles todas as vantagens que sua posição lhe trouxe em abundância. Quando ele me encontrou como um miserável pastor das colinas, um caçador ilegal, um selvagem iletrado, ainda sua bondade não lhe faltou. Além da opinião que ele tinha de que seu pai era, até certo ponto, culpado pela rejeição que sofremos e que ele buscava toda e qualquer reparação, ele se comprazia em dizer que sob minha rusticidade reluzia uma elevação do espírito, que podia ser distinguida da mera coragem animal e que eu herdara uma similaridade de traços de meu pai, o que provava que todas as virtudes e os talentos não haviam morrido com ele. Meu nobre e jovem amigo decidiu que, independentemente do que eu recebera de meu pai, não deveria se perder pelo desejo de cultura.

Executando seu plano em nosso segundo encontro, ele me levou a desejar tomar parte do cultivo que tornava seu próprio intelecto gracioso. Minha mente ativa, uma vez que capturara a nova ideia, lançara-se a ela com grande avidez. No começo, o objeto de minha ambição era se igualar aos méritos de meu pai e fazer-me merecedor da amizade de Adrian. Mas logo a curiosidade despertou e um honesto amor pelo

conhecimento fez com que eu passasse dias e noites em leituras e estudos. Eu já estava bem ao par do que poderia chamar de panorama da natureza, a mudança das estações e os vários aspectos do céu e da terra. Mas fiquei definitivamente assustado e encantado com a súbita expansão da minha visão quando a cortina, estendida na frente do mundo intelectual, foi retirada e eu vi o universo, não apenas como se apresentava aos sentidos exteriores, mas como ele aparecia ao mais sábio dentre os homens. A poesia e suas criações, a filosofia e suas pesquisas e classificações, similarmente despertaram as ideias que adormeciam na minha mente e me deram outras novas.

Senti-me como um marinheiro, que do topo do mastro discerne pela primeira vez o litoral da América; e, como ele, corri para contar aos companheiros sobre as minhas descobertas em regiões desconhecidas. Mas eu era incapaz de excitar em outro peito o mesmo apetite urgente por conhecimento que existia em mim. Mesmo Perdita não podia me compreender. Eu havia vivido no que é geralmente chamado mundo real e estava despertando para um novo país para descobrir que havia um sentido mais profundo em tudo o que eu via, além do que meus olhos traziam a mim. A visionária Perdita observava em tudo isso apenas um novo brilho para uma velha leitura e a sua própria era suficientemente infatigável em contentá-la. Ela me ouvia como antes fizera quando lhe narrava minhas aventuras e, às vezes, se interessava por determinados tipos de informação; mas, ao contrário de mim, ela não via nisso a parte integral de seu ser que, tendo o obtido, eu já não mais desconcertava além do senso de toque universal.

Ambos coincidíamos em amar Adrian: embora ela, tendo ainda não escapado da juventude, não poderia apreciar, como eu, a extensão de seus méritos ou sentir a mesma simpatia por seus interesses e opiniões. Eu

estava sempre com ele. Havia uma sensibilidade e uma doçura em seu temperamento, que dava um tom delicado e etéreo à nossa conversa. Então, ele era alegre como uma cotovia a celebrar com seu canto desde sua alta torre, sobrevoando o pensamento como uma águia, inocente como uma pomba de olhos suaves. Ele poderia dispersar a seriedade de Perdita e dobrar o ferrão da torturante atividade da minha natureza. Eu recordava meus indomáveis desejos e dolorosas batalhas com meus companheiros como um sonho atormentado e me senti tão alterado como transmutado em outra forma, com um novo sensório e um inédito mecanismo de nervos que mudaram o reflexo do universo aparente no espelho da mente. Mas não era bem assim; eu era o mesmo em força, no honesto anseio por simpatia, na busca por aventuras. Minhas virtudes de homem não me deixaram, da mesma maneira como a bruxa Urânia guardou os cachos de Sansão enquanto ele repousava aos seus pés; mas tudo estava amenizado e humanizado. Adrian não me instruía apenas nas frias verdades da história e da filosofia. Ao mesmo tempo em que me ensinava, através dos seus meios, a subjugar minha própria indolência e meu árido espírito, ele abriu minha visão para a vívida página do seu próprio coração e fez-me sentir e compreender seu maravilhoso caráter.

A ex-rainha da Inglaterra tinha, durante sua infância, manobrado para incutir desígnios ambiciosos e ousados na mente de seu filho. Ela percebeu que ele tinha sido agraciado com gênio e um abrangente talento; que ela cultivou no propósito de usá-los para atingir seus objetivos. Ela encorajou seu apetite por conhecimento e sua coragem impetuosa; até mesmo tolerou seu indomável amor pela liberdade, sob a esperança de que, como frequentemente ocorre, prosperasse para uma paixão pelo comando. Ela fez com que irrompesse nele um sentimento de ressentimento e um desejo de

vingança contra aqueles que foram capitais em resultar na abdicação de seu pai. Nisso, ela fracassou. Os relatos que chegaram a ele, embora distorcidos, de uma grande e sábia nação assegurando-se do direito de se governar, excitou sua admiração: nos primeiros dias, ele tornou-se republicano por princípio. Ainda assim, sua mãe não se desesperou. Ao amor da regra e do arrogante orgulho de onde nascera, ela acrescentou uma ambição determinada, paciência e autocontrole. Ela devotou-se ao estudo do temperamento do seu filho. Pela aplicação do elogio, censura e exortação, ela tentou buscar e alcançar os acordes certos; e, embora a melodia que se seguiu ao seu toque lhe soou dissonante, ela manteve suas esperanças em seus talentos e se assegurou de que venceria, por fim. O tipo de banimento que ele agora vivia deu-se por outros motivos.

A ex-rainha tinha também uma filha, agora com doze anos de idade; Adrian estava acostumado a chamá-la de mágica irmã; uma coisinha amável, animada, cheia de sensibilidade e veracidade. Com eles, seus filhos, a nobre viúva constantemente residia em Windsor; e ninguém os visitava, com exceção de seus próprios partidários, viajantes de sua nativa Alemanha{11} e alguns dos seus ministros estrangeiros. Entre eles, e altamente preferido por ela, estava o Príncipe Zaimi, embaixador na Inglaterra dos estados livres da Grécia; e sua filha, a jovem Princesa Evadne, passava muito tempo no Castelo de Windsor. Em companhia da inteligente e alegre jovem grega, a Condessa relaxava do seu estado usual. Suas opiniões sobre seus outros filhos colocavam todas as suas palavras e ações relativas a *eles* sob censura; mas Evadne era sua diversão, e ela não a temia; e seus talentos e vivacidade eram grandes alívios para a monotonia da vida da Condessa.

Evadne tinha dezoito anos. Embora passassem muito tempo juntos em Windsor, a extrema juventude de

Adrian evitava quaisquer suspeitas sobre a natureza do seu relacionamento. Mas ele era ardente e puro de coração, além da essência comum do homem, e já havia aprendido a amar, enquanto a bela grega sorria condescendente ao garoto. Era-me estranho, embora eu, sendo mais velho do que Adrian, nunca amara, testemunhar o inteiro sacrifício do coração de meu amigo. Não havia sequer ciúme, inquietude ou desconfiança em seu sentimento; era devoção e fé. Sua vida foi engolida pela existência de sua amiga; e seu coração batia apenas em compasso com as pulsações que davam vida ao dela. Essa era a lei secreta de sua vida - ele amava e era amado. O universo era para ele como uma habitação, onde moraria com sua escolhida; e sequer um esquema social ou um encadeamento de eventos poderia lhe impor tanto a felicidade ou a miséria. Que, embora a vida e o sistema de relacionamento social fossem uma imensidão, selva habitada por tigres! Por entre seus erros, nas profundezas dos seus recessos selvagens, havia um caminho reto e florido, através do qual poderiam viajar com prazer e segurança. Seu trajeto seria como a passagem do Mar Vermelho, que eles atravessariam com os pés secos, embora um muro de destruição estivesse preso a cada lado.

Ah! por que devo eu relembrar da infeliz desilusão desta espécie sem par da humanidade? O que há em nossa natureza que sempre nos impele para a dor e a miséria? Não somos feitos para o regozijo; e, embora possamos nos sintonizar para receber emoções agradáveis, o desapontamento é o piloto infalível do barco de nossas vidas e, implacavelmente, nos conduz ao encalhe. Quem tinha melhor estrutura para amar e ser amado do que esse jovem de muitos dons e para colher prazer inalienável de uma paixão sem culpa? Se seu coração tivesse dormido alguns anos mais, ele

poderia ter sido salvo; mas ele despertou em sua infância; tinha poder, mas não conhecimento; e fora arruinado, assim como um botão recém-florido é perfurado pela neve assassina.

Eu não acuso Evadne de hipocrisia ou de desejar arruinar seu amante; mas a primeira carta que eu li de sua parte me convenceu de que ela não o amava; era escrita com elegância e, estrangeira sendo sua origem, com grande domínio da linguagem. Sua caligrafia era extremamente bela; havia algo no papel e em suas dobras que, mesmo eu, que não amava e não tinha, portanto, habilidade nesses assuntos, poderia distinguir como de bom gosto. Havia muita bondade, gratidão e doçura em seu texto, mas não amor. Evadne era dois anos mais velha do que Adrian; e quem, aos dezoito anos, poderia amar outra pessoa mais nova? Comparei suas plácidas missivas com as ardentes de Adrian. Sua alma parecia se destilar nas palavras que escrevia; e elas respiravam no papel, carregando em si uma porção da vida amorosa, que era a sua vida. A sua própria escrita parecia levá-lo à exaustão; e ele as lamentaria, somente pelo excesso de emoção que elas despertavam em seu coração.

A alma de Adrian fora pintada de acordo com sua feição e esconder ou enganar eram antípodas à destemida franqueza de sua essência. Evadne lhe pediu com sinceridade de que a história daquele amor não fosse revelada à sua mãe; e, depois de contestar seu pedido, ele aquiesceu. Uma concessão vã; seu comportamento logo denunciou seu segredo aos olhos ágeis da ex-rainha. Com a mesma prudência cautelosa que marcava completamente sua conduta, ela ocultou sua descoberta, mas agiu para remover seu filho da esfera da atraente grega. Ele foi enviado à Cúmbria; mas o plano de correspondência entre os amantes, arquitetado por Evadne, foi eficazmente escondido dela.

Assim, a ausência de Adrian, projetada com o propósito de separá-los, uniu-os com laços mais fortes do que antes. Ele discursava ininterruptamente sobre sua amada jônica para mim. Seu país, seus velhos anais, suas últimas lutas memoráveis, tudo era feito para dividir com ela sua glória e excelência. Ele se submetera a distanciar-se dela, porque ela exigia essa submissão; não fosse por sua influência, ele teria declarado seu laço por toda a Inglaterra e teria resistido, com constância irremovível, à oposição de sua mãe. A prudência feminina de Evadne percebera quão inútil seria seguir as decisões dele, antes que o tempo desse peso ao seu poder. Talvez houvesse um desgosto inconsciente de se juntar diante do mundo a alguém que ela não amava – não, ao menos, com aquele entusiasmo apaixonado com que seu coração dizia a ela que poderia sentir por outro, algum dia. Ele seguiu seus conselhos e passou um ano em exílio na Cúmbria.

CAPÍTULO III

FELIZES, três vezes felizes foram os meses, as semanas e as horas daquele ano. A amizade, de mãos dadas com admiração, ternura e respeito, erigiram um remanso de prazeres em meu coração, antes torpe como um selvagem iletrado na América, como o vento sem lar ou o mar sem vegetação. A sede insaciável por conhecimento e uma afeição sem limites por Adrian, juntaram-se para manter tanto meu coração quanto minha compreensão ocupadas, e eu estava, por conseguinte, feliz. Tal felicidade é tão verdadeira e límpida, quanto o transbordante e falastrão prazer dos jovens. Em nosso bote, sobre meu lago nativo, além das correntezas e dos álamos – nos vales e sobre as montanhas, alheado de meu cajado, um rebanho mais nobre do que estúpidas ovelhas, mesmo um rebanho de ideias recém-nascidas, eu lia ou escutava Adrian; e seu discurso, fosse sobre o seu amor ou sobre suas teorias quanto ao aperfeiçoamento do homem, sempre me hipnotizavam. Às vezes, meu comportamento irresponsável retornava, meu amor pelo perigo, minha resistência à autoridade; mas isso ocorria apenas em sua ausência; sob o suave oscilar de seus caros olhos, eu era obediente e bondoso como um garoto de cinco anos, que segue os desígnios da sua mãe.

Depois de residir um ano em Ulswater, Adrian visitou Londres e retornou cheio de planos para nós. “Você deve iniciar sua vida”, ele disse; “já está com dezessete anos e um atraso ainda maior faria o aprendizado necessário mais trabalhoso.” Ele previa que sua própria vida seria como uma batalha e eu deveria dividir os trabalhos com

ele. Para melhor me adaptar às tarefas, deveríamos nos separar. Ele descobriu em meu nome um bom intermédio à preferência e indicou-me ao cargo de secretário privado ao Embaixador em Viena, onde eu deveria começar minha carreira sob os melhores auspícios. Em dois anos, eu deveria retornar ao meu país, com um nome conhecido e uma reputação já estabelecida.

E Perdita? – Perdita se tornaria a aluna, amiga e irmã mais nova de Evadne. Com a sua habitual criatividade, ele havia providenciado a independência dela nessa situação. Como recusar as ofertas desse generoso amigo? – Eu não queria rejeitá-las; mas em meu âmago, fiz uma promessa de devotar minha vida, meu conhecimento e meu poder, todos os quais, enquanto fossem de valor, ele investira em mim – tudo, todas as minhas habilidades e esperanças, a ele apenas eu as devotaria.

Assim eu me comprometi comigo mesmo, enquanto viajava ao meu destino com curiosa e ardente expectativa: expectativa de cumprir tudo o que, na adolescência, nos prometemos em termos de poder e satisfação na maturidade. Pareceu-me que a hora havia chegado, quando, as ocupações infantis postas de lado, eu deveria começar minha vida. Mesmo nos Campos Elísios, Virgílio descreve as almas dos felizes como ansiosas por beber da onda que iria devolvê-las às atribulações cotidianas. Os jovens são raros nos Elísios, já que seus desejos, amplamente além das possibilidades, os deixam pobres como um devedor sem recursos. Fomos ensinados pelos filósofos mais sábios sobre os perigos do mundo, os truques dos homens e a traição dos nossos próprios corações; mas nem o menos destemido se livra de lançar seu frágil barco além do porto, estender sua vela ou retesar seu remo, para atingir as infindáveis correntes do mar da vida. Quão

poucos, no melhor da juventude, ancoram seus barcos nas “areias douradas” e recolhem as conchas pintadas que lá se espalham. Porém todos, ao fim do dia, com as pranchas rotas e as velas rasgadas chegam à praia, e naufragam antes de atingi-la ou encontram algum recanto castigado pelas ondas, algum litoral deserto onde se lançam a si próprios e morrem sem ser lamentados.

Uma trégua à filosofia! – A vida estende-se perante a mim e eu corro para me apoderar dela. Esperança, glória, amor e uma ambição inocente são os meus guias e a alma nada teme. O que houve, embora doce, já se fora; o presente é bom apenas porque a mudança se aproxima e o que vier será todo meu. Temo, que meu coração palpita? as altas aspirações provocam o correr de meu sangue; meus olhos parecem penetrar a obscura meia-noite do tempo e a discernir entre as profundezas de sua escuridão, a fruição de todos os desejos da minha alma.

Agora, pausa! – Durante minha jornada eu posso sonhar e com resistentes asas atinjo o terraço do alto edifício da vida. Agora, que cheguei ao seu térreo, minhas penas estão revoltas, as poderosas escadas prolongam-se à minha frente e, passo a passo, eu devo subir o maravilhoso templo – Fale! – Que porta está aberta?

Enxerguei em mim uma nova habilidade. Um diplomata: um entre a sociedade ávida por prazeres de uma cidade reluzente; uma juventude de promessas; o favorito do Embaixador. Tudo era estranho e admirável ao pastor da Cúmbria. Com uma surpresa de tirar o fôlego, eu adentrei pela fulgurante cena, cujos atores eram

… os lírios, gloriosos como Salomão,

Não trabalham, nem fiam.[{12}]

Muito rapidamente, entrei pelo inebriante redemoinho; esquecendo minhas horas de estudos e a companhia de Adrian. O desejo apaixonado por simpatia e a busca ardente pelo objeto tão venerado ainda me caracterizava. A vista da beleza me hipnotizava e as maneiras atraentes nos homens e nas mulheres conquistaram minha inteira confiança. Eu a chamei de arrebatamento, quando um sorriso acelerou as batidas do meu coração; e eu senti o sangue da vida afiar-se em minha estrutura, quando me aproximei do ídolo que cultuei por algum tempo. O mero fluxo dos espíritos animais era o Paraíso e, ao cair da noite, tudo o que eu desejei foi a renovação de uma ilusão tóxica. A ofuscante luz das salas ornamentadas; amáveis formas arrumadas em esplêndidos vestidos; os movimentos de uma dança, os voluptuosos tons de uma música rara acalentavam meus sentidos em um sonho de delícias.

E não está tudo isso em sua boa felicidade? Apelo aos moralistas e aos sábios. Pergunto se na placidez de seus calculados devaneios, se nas profundas meditações que preenchem suas horas, eles sentem o êxtase de um jovem aprendiz na escola do prazer? Podem os calmos raios de seus olhos que perscrutam os céus igualar os instantes de paixão misturada que cega os dele ou a influência da fria filosofia que rebaixa suas almas a uma alegria igual à dele, engajado

“em seu querido trabalho de jovem celebração”[{13}].

Mas, na verdade, nem as solitárias meditações do ermitão, nem os tumultuosos arrebatamentos do deslumbrado, são capazes de satisfazer o coração do homem. De um, reunimos especulação intranquila, de outro, saciedade. A mente sucumbe ante ao peso do

pensamento e inclina-se em direção ao insensível relacionamento daqueles cujo único objetivo é diversão. Não há fruição em sua vaga bondade e rochas afiadas ficam à espreita por entre as suaves ondas destas águas rasas.

Assim eu me sentia, quando o desapontamento, o cansaço e a solidão me devolveram ao meu coração, para extrair daí a alegria da qual ela se tornou estéril. Meus ânimos esvaídos pediam por algo para se referir às afeições; e, não o encontrando, esmoreci. Destarte, embora o prazer irracional esperasse ser iniciado, a impressão que tenho da minha vida em Viena é de melancolia. Goethe disse que, na juventude, não podemos ser felizes a menos que amemos. Eu não amava; mas era consumido por um desejo indomável de ser algo para outros. Tornei-me a vítima da ingratidão e frio flerte – então eu caí apático e imaginei que meu descontentamento me dava direito de odiar o mundo. Eu me retraí à solidão; recorria aos meus livros e meu desejo novamente de apreciar a companhia de Adrian passou a ser uma sede incendiária.

A simulação, que em seu excesso quase assumia as propriedades venenosas da inveja, ferrou esses sentimentos. Nestes tempos, o nome e as explorações de um conterrâneo encheram o mundo de admiração. Ilações do que ele fizera, hipóteses sobre suas próximas ações, eram os temas preferidos do momento. Eu não estava propriamente irritado, mas senti como se os elogios que esse ídolo recebia fossem folhas caídas das láureas destinadas para Adrian. Porém, eu deveria entrar em mais detalhes desse querido pela fama – esse favorito de um mundo amante das maravilhas.

Lordeee Raymond era o único remanescente de uma família nobre, contudo empobrecida. Desde o início da juventude, ele considerou sua genealogia com complacência e amargamente lamentou sua necessidade

de dinheiro. Seu primeiro desejo era engrandecimento e os meios que o levaram nessa direção eram de segundas considerações. Com arrogância, ainda que tremendo ante cada demonstração de respeito; ambicioso, porém muito orgulhoso para demonstrá-la; desejoso de obter honrarias, ainda que devotado ao prazer, - ele iniciou-se na vida. Ele foi encontrado no limiar de algum insulto, real ou imaginário; certa repulsa, onde ele menos esperava; algum desapontamento, difícil de conceber pelo seu orgulho. Ele se contorcia por entre uma injúria que era incapaz de se vingar; e deixou a Inglaterra com um voto de nunca voltar, até que os bons tempos retornassem, quando ela pudesse sentir o poder de quem desprezou.

Ele se tornou mercenário nas guerras gregas. Sua coragem indomável e seu gênio abrangente fizeram-no conhecido. Ele se transformou no estimado herói daquele povo emergente. Apenas sua identidade estrangeira, que ele recusara abandonar, o impediu de ocupar os primeiros cargos no governo. Porém, embora outros pudessem subir no escalão em título e cerimônia, Lordee Raymond ocupou uma posição acima e além de tudo isso. Ele conduziu os exércitos gregos à vitória; todos os seus triunfos pertenciam a ele. Quando ele aparecia, cidades inteiras saíam para vê-lo; novas canções eram adaptadas para aqueles ares nacionais, cujos temas eram sua glória, valor e generosidade. Uma trégua foi assinada entre gregos e turcos. Ao mesmo tempo, Lordee Raymond, por algum evento desapercebido, tornou-se possuidor de uma grande fortuna na Inglaterra, pela qual ele retornou, coroado com glória, para receber sua recompensa de honra e distinção antes negada às suas pretensões. Seu coração orgulhoso rebelou-se contra essas mudanças. Em que era o desprezado Raymond diferente? Se a aquisição de poder na forma de riqueza causou tal alteração, este

poder eles deveriam sentir como uma canga de ferro. O poder, portanto, era o objetivo de todos os seus trabalhos; o engrandecimento, a marca que ele sempre alvejou. Em ambição franca ou íntima intriga, seus fins eram os mesmos – obter o primeiro posto em seu próprio país.

O relato me encheu de curiosidade. Os eventos que se sucederam à sua chegada à Inglaterra deram-me sentimentos agradáveis. Lordee Raymond, entre outros aspectos, era extremamente belo; todos o admiravam; era idolatrado pelas mulheres. Ele era cortês e sedutor – um adepto das artes da fascinação. O que esse homem não poderia obter no atribulado mundo inglês? A mudança seguiu-se à mudança; a história completa, desconheci; pois Adrian não mais me escrevera e Perdita era uma correspondente lacônica. O rumor era de que Adrian se tornara – como escrever a palavra fatal – louco: que Lordee Raymond era o favorito da ex-rainha, o marido destinado à sua filha. Mais ainda, que esse aspirante à nobreza revivera a exigência da casa de Windsor à coroa e que, considerando a desordem mental incurável de Adrian e o seu casamento com a irmã, as feições do ambicioso Raymond poderiam ser circundadas com o mágico anel da realeza.

Tal história fez soar o trompete da fama muito entoada; tal história tornou minha estada em Viena, distante da amizade de minha infância, intolerável. Agora eu deveria cumprir minha promessa; e perfilar-me ao seu lado, ser seu aliado e ajudá-lo até a morte. Adeus aos prazeres da corte; à intriga política; às densas paixões e devaneios! Vamos lá, Inglaterra! Nativa Inglaterra, receba teu filho! tu és o cenário de todas as minhas esperanças, o poderoso teatro no qual se interpreta o único drama que podem, coração e alma, conceber-me em seu palco durante seu desenrolar. Uma voz quase irresistível, um poder onipotente, atraiu-me naquela direção. Após uma

ausência de dois anos, eu aportei em seu litoral, não ousando perguntar, temeroso de qualquer observação. Minha primeira visita seria à minha irmã, que morava em uma pequena cabana, parte do presente de Adrian, nos limites da Floresta de Windsor. Dela, eu deveria saber a verdade sobre o nosso protetor; eu deveria ouvir os motivos que a levaram a se retirar da proteção da Princesa Evadne e compreender a influência que esse prepotente e intenso Raymond exerceu sobre o destino de meu amigo.

Nunca havia estado nos arredores de Windsor; a fertilidade e a beleza do campo ao redor atingiam-me com admiração, que aumentava à medida que me aproximava das velhas árvores. As ruínas dos majestosos carvalhos que cresceram, floresceram e decaíram durante o progresso dos séculos marcavam os limites de onde, uma vez, a floresta atingiu, enquanto a despedaçada cerca e o arbusto rejeitado demonstravam que este trecho não era cultivado pelas árvores mais novas, que deviam seu nascimento ao começo do século dezenove e agora permaneciam no orgulho da maturidade. A humilde habitação de Perdita situava-se na beira da porção mais antiga; adiante, estendia-se Bishopgate Heath, que parecia interminável em direção ao leste e limitava-se a oeste por Chapel Wood e pelo pomar de Virginia Water. Atrás, a cabana era sombreada pelos veneráveis pais da floresta, sob as quais os cervos vinham pastar e, em sua maior parte, cheio de clareiras e decadência, formando fantásticos grupos que contrastavam com a beleza usual das árvores mais jovens. Estas, a descendência de um período superior, permaneciam eretas e pareciam prontas para avançar, destemidas sobre o futuro; enquanto aquelas, desgarradas e puídas, ressecadas e quebradas, agarradas umas às outras, seus fracos ramos suspirando

enquanto o vento as fomentava – uma turba derrotada pelo clima.

Um suave gradil cercava o jardim da cabana que, de teto baixo, parecia se submeter à majestade da natureza e agachar-se ante os veneráveis remanescentes de um tempo esquecido. As flores, as filhas da primavera, adornavam seu jardim e as janelas; entre a insignificância, havia um ar de elegância que combinava com o gosto delicado da prisioneira. Adentrei pela sua clausura com meu coração acelerado; enquanto permanecia na entrada, ouvi sua voz, melodiosa como sempre, que me assegurou de seu bem-estar antes de vê-la.

Um momento mais e Perdita surgiu; pôs-se à frente de mim no fresco florescer de sua feminina juventude, diferente, mas ainda a mesma montanhesa que deixei. Seus olhos não eram mais profundos do que em sua infância, nem suas feições mais expressivas; mas a fisionomia se alterara para melhor; a inteligência se instalou em seu rosto; quando ela sorria, seu rosto se embelezava pela mais suave sensibilidade e sua voz, baixa e modulada, parecia ter sido afinada pelo amor. Sua pessoa havia sido formada nas mais femininas proporções; ela não era alta, mas sua vida entre as montanhas havia dado liberdade aos seus movimentos, portanto seu passo delicado fez seu pisar inaudível enquanto ela atravessou a sala em minha direção. Quando nos separamos, eu a segurei contra meu peito com um calor irrestrito; encontramos-nos novamente e outros sentimentos despertaram; quando nos observamos, a infância passou, tornando-nos atores crescidos nesse cenário mutante. A pausa durou um momento; a torrente de associações e sentimentos naturais que foi contida irrompeu mais uma vez sobre nossos corações como uma maré cheia e, com a mais

frágil emoção, nos prendemos rapidamente em nossos braços.

Depois dessa explosão de paixão, com pensamentos mais calmos nos sentamos juntos, falando sobre o passado e o presente. Aludi à frieza de suas cartas; mas os poucos minutos que passamos juntos já eram suficientes para explicar o motivo. Novos sentimentos haviam se erguido nela e ela era incapaz de descrevê-los por escrito a quem conhecera apenas na infância; mas nos vimos outra vez e nossa intimidade foi renovada como se nada houvesse influenciado para interrompê-la. Detalhei os eventos de minha permanência no estrangeiro e, então, perguntei-a sobre as mudanças que havia em casa, as causas da ausência de Adrian e a sua vida reclusa.

As lágrimas que preencheram os olhos de minha irmã quando mencionei nosso amigo e sua cor elevada parecia comprovar a verdade das histórias que haviam chegado até a mim. Mas sua importância era terrível para eu dar o crédito instantâneo à minha suspeita. Havia mesmo, então, confusão no sublime universo dos pensamentos de Adrian, havia a loucura dispersado as bem organizadas legiões e ele já não era mais o senhor de sua própria alma? Amado amigo, este mundo incurável não era clima para seu espírito gentil; você semeou ordem pela falsa humanidade, que a desnudou de suas folhas em pleno inverno e deixou nua sua existência trêmula sujeita à perversa exposição dos mais duros ventos. Havia estes gentis olhos, estas “janelas da alma”, perdido seu sentido ou apenas discernem a horrível história de suas aberrações contra a luz? Já não mais “discursa excelente música”{14} esta voz? Horrível, muito horrível! Cubro meus olhos pelo terror da mudança e lanço lágrimas que testemunham a minha compaixão por esta inimaginável ruína.

Em obediência ao meu pedido, Perdita detalhou as melancólicas circunstâncias que levaram a esse evento.

A franca e ingênua mente de Adrian, dotada como era de toda a graça natural, habilitada com transcendentais poderes do intelecto, imune à sombra do erro (a menos que sua corajosa independência de pensamento seja compreendida como um), estava devotada, mesmo como uma vítima ao sacrifício, ao seu amor por Evadne. Ele confiou à ela os segredos de sua alma, sua busca pela excelência e seus planos para o aperfeiçoamento da humanidade. Quando a humanidade surgiu ante ele, seus esquemas e suas teorias, longe de ser alteradas por motivos pessoais e prudentes, adquiriram novas forças dos poderes que ele sentiu erguerem dentro de si; e seu amor por Evadne tornou-se ainda mais profundo, pois a cada dia ele tornou-se mais convicto de que o caminho que seguira era repleto de dificuldades e que ele deveria buscar sua recompensa não no aplauso e na gratidão dos seus semelhantes, dificilmente no sucesso dos seus planos, mas na provação do seu coração e no seu amor e simpatia, que deveriam iluminar seu trabalho e recompensar qualquer sacrifício.

Solitário e por muito vagar distante das atribulações dos homens, ele aperfeiçoou suas opiniões sobre a reforma do governo inglês e o aprimoramento da humanidade. Tudo teria estado bem caso ele tivesse ocultado seus sentimentos até que estivesse munido dos poderes necessários para desenvolvê-los na prática. Mas ele estava sem paciência para esperar os anos que o separavam desse estágio, era sincero de coração e destemido. Ele não apenas logo recusou os esquemas de sua mãe como divulgou sua intenção de usar sua influência para diminuir o poder da aristocracia e assim, obter igualdade na distribuição de riquezas e privilégios, e introduzir um perfeito sistema republicano na Inglaterra. Primeiramente, sua mãe considerou suas

teorias como selvagens excitações da inexperiência. Mas elas estavam tão sistematicamente dispostas e seus argumentos tão bem desenvolvidos que, embora incrédula, ela começou a temê-lo. Ela tentou ponderar junto a ele, mas vendo-o inflexível, aprendeu a odiá-lo.

Embora seja estranho, esse sentimento foi contagioso. Seu entusiasmo pelo bem já não mais existia; também seu desprezo pelo sagrado da autoridade; seu ardor e imprudência eram totalmente opostos da rotina comum da sua vida; o mundo o temia; o jovem e inexperiente não entendia a exaltada severidade de suas opiniões morais e não gostava dele por ser diferente deles próprios. Evadne não se entusiasmou com seus sistemas. Ela achou que ele acertara ao expor sua própria vontade, mas desejou que sua vontade fosse mais inteligível às massas. Seu espírito não era o de uma mártir e não se inclinava a compartilhar a derrota e a vergonha de um patriota fracassado. Ela estava ciente da pureza dos seus motivos, a generosidade de seu temperamento, seu ardente e verdadeiro sentimento à ela; e mantinha um grande afeto por ele. Por sua vez, ele retribuiu esse espírito de bondade com a gratidão mais apaixonada e a tornou guardadora do tesouro de suas esperanças.

Neste ínterim, Lordee Raymond retornou da Grécia. Nenhum par de pessoas poderia diferir mais entre si do que Adrian e ele. Com todas as incongruências de seu caráter, Raymond era enfaticamente um homem do seu mundo. Suas paixões eram violentas; como estas frequentemente prevaleciam sobre ele, nem sempre lhe era possível enquadrar sua conduta à linha óbvia do interesse próprio, mas pelo menos a própria recompensa era a prioridade para ele. Ele observou a estrutura da sociedade essencialmente como parte da engrenagem que suportava a teia na qual sua vida fora tecida. A terra

estendia-se para ele como uma estrada; os céus eram-lhe como um dossel.

Adrian sentiu que ele era parte do grande todo. Ele tinha afinidade não apenas com a humanidade, mas toda a natureza era seu semelhante; as montanhas e o céu eram seus amigos; os ventos do Paraíso e a descendência da terra eram seus companheiros de diversão; enquanto ele, o foco único deste poderoso espelho, sentia sua vida mesclar-se com o universo da existência. Sua alma era simpatia e dedicada ao culto da beleza e da excelência. Adrian e Raymond se conheceram e um espírito de aversão ergueu-se entre eles. Adrian desprezou as visões limitadas do político e Raymond mantinha em suprema desconsideração as benevolentes opiniões do filantropo.

Com a chegada de Raymond, formou-se a tempestade que caiu pesadamente sobre os jardins de prazeres e caminhos recolhidos que Adrian apreciava saber que tinha garantido para si próprio, como um refúgio contra a derrota e consternação. Raymond, o libertador da Grécia, o gracioso soldado, que cultivava um ar tingido por tudo isso, estranho ao clima nativo de Evadne, que o desejava – Raymond era amado por ela. Fortalecida por suas novas sensações, ela não parou para analisá-las ou para regular sua conduta por outros sentimentos com exceção do tirânico que usurpou o império de seu coração. Ela cedeu a essa influência e a consequência deveras natural em uma mente desacostumada a doces emoções foi que toda a atenção de Adrian se lhe tornou desagradável. Seu capricho cresceu; seus gentis modos para com ele transformaram-se em aspereza e frieza repulsivas. Ao perceber a selvagem ou patética aparência do expressivo rosto de Adrian, ela se suavizava e, por algum tempo, retomava sua antiga bondade. Mas essas flutuações ressoaram fundo na alma do sensível jovem; ele não mais julgava o mundo

subordinado a ele, quando possuía o amor de Evadne; ele sentiu em cada nervo que as duras ráfagas do universo mental estavam prestes a abater-se sobre seu frágil ser, que tremia pela espera de sua desolação.

Perdita, que então residia com Evadne, viu a tortura que Adrian sofria. Ela o amava como um irmão mais velho e bondoso; uma relação de guia, proteção e de instrução, sem a tão frequente opressão da autoridade paterna. Ela adorava suas virtudes e, com uma mescla de desprezo e indignação, ela via Evadne empilhar mágoas desamparadas na mente de Adrian, por alguém que quase não a notava. Em seu desespero solitário, Adrian às vezes procurava minha irmã e em termos indiretos expressava sua dor, enquanto a bravura e a agonia dividiam o trono de sua consciência. Logo, ah!, um haveria de vencer. A ira não fazia parte de suas emoções. Contra quem deveria estar ele enfurecido? Não contra Raymond, que ignorava a miséria que lhe ocorria; não contra Evadne, por quem sua alma derramava lágrimas de sangue – pobre e equivocada garota, escrava e não tirana era ela, e entre sua própria angústia ele tinha pesar por seu futuro. Uma vez, caiu em mãos de Perdita um de seus escritos; estava manchada de lágrimas – muito além do que poderia alguém chorar –

"A vida" - assim começava – "não é o romance descrito pelos escritores; seguindo pelos compassos da dança e, depois de várias evoluções, chegando a uma conclusão, quando os dançarinos podem sentar e repousar. Enquanto há vida, há ação e mudança. Continuamos, cada pensamento vinculado ao pensamento que o originou, cada ato a um ato anterior. Nenhuma alegria ou mágoa falece estéril, pois, gerado e ao gerar, entrelaça a corrente que forma a vida:

Un dia llama a otro dia

y ass i llama, y encadena

llanto a llanto, y pena a pena.[{15}]

A verdadeira decepção é a divindade guardiã da vida humana; ela senta-se no limiar de um tempo não concebido e conduz os eventos assim que surgem. Uma vez, meu coração alojou-se feliz em meu peito; toda a beleza do mundo era duas vezes mais bela, irradiada pela luz derramada pela minha própria alma. Oh, por que o amor e a ruína juntaram-se eternamente neste nosso sonho mortal? Assim que, quando fazemos de nossos corações a toca para esta fera de aparência gentil, sua companheira adentra também e, sem misericórdia, destrói o que poderia ter sido um lar e um abrigo.”

Gradualmente sua saúde abatia-se por sua miséria e, então, seu intelecto cedeu à mesma opressão. Suas maneiras tornaram-se rústicas; às vezes, ele era ferino, outras absorvido em uma muda melancolia. De súbito, Evadne deixou Londres e foi para Paris; ele a seguiu e a alcançou quando o navio estava prestes a partir; ninguém sabe o que se passou entre eles, mas Perdita não mais o viu desde então; ele vivia em reclusão, em lugar desconhecido por todos, auxiliado por pessoas escolhidas por sua mãe especialmente para isso.

CAPÍTULO IV

NO dia seguinte, Lordee Raymond passou pela cabana de Perdita, em seu caminho para o Castelo de Windsor. A cor de pele de minha irmã se intensificou e seus olhos faiscantes quase me revelaram seu segredo. Ele era completamente dono de si; abordou-nos com cortesia, parecendo entrar em nossos sentimentos com rapidez, identificando-se conosco. Eu analisei sua fisionomia, que se alterava enquanto ele falava, ainda que bela em cada mudança. A expressão costumeira de seus olhos era terna, embora às vezes ele pudesse fazê-los até brilhar de ferocidade; sua compleição era sem cor; e cada aspecto de sua personalidade irradiava determinação; seu sorriso era agradável, embora seus lábios também fossem curvados pelo desdém – lábios que, para os olhos femininos, eram o próprio trono da beleza e do amor. Sua voz, geralmente gentil, poderia, com frequência, alarmar alguém com uma aguda nota dissonante, evidenciando que seu habitual tom suave era artificial e não inato. Portanto, cheio de contradições, inflexível porém arrogante, meigo ainda que hostil, cordial mas negligente, ele, por meio de alguma estranha habilidade, conseguiu lugar na admiração e na afeição das mulheres; às vezes acariciando-as, às vezes tiranizando-as, de acordo com seu humor, mas sempre um déspota.

Naquele momento, Raymond evidentemente quis parecer amigável. Em sua conversa havia espírito, graça e profunda observação, que se processavam em cada frase que ele proferia como um raio de luz. Logo ele conquistou minha profunda aversão; passei a observá-lo e à Perdita, guardando na memória tudo o que ouvira de

ruim sobre ele. Mas tudo parecia tão engenhoso e tudo era tão fascinante, que esqueci disso, com exceção do prazer que sua companhia me proporcionava. Com a ideia de me iniciar no cenário político e social da Inglaterra, do qual estava prestes a me tornar parte, ele contou uma série de episódios e caracterizou vários personagens; seu discurso, fluía rico e variado, permeando meus sentidos com prazer. Ele teria sido triunfante exceto por uma coisa. Ele aludiu a Adrian e falou dele com aquele desprezo que a sabedoria mundana sempre remete ao entusiasmo. Ele percebeu o constrangimento e tentou dissipá-lo; mas a força dos meus sentimentos não me permitiria ignorar uma menção como essa sobre assunto tão sagrado; então eu disse enfaticamente, “Permita-me observar que tenho devota relação com o Conde de Windsor; ele é meu melhor amigo e benfeitor. Reverencio sua bondade, concordo com suas opiniões e lamento amargamente sua presente e, confio ser temporária, doença. Doença que, dada a sua peculiaridade, torna-me, mais dolorido do que palavras podem expressar, ouvir menções a ele, a menos que em termos de respeito e afeição”.

Raymond replicou; mas não havia nada de conciliatório em sua resposta. Vi que, em seu coração, ele desprezava aqueles que se dedicavam aos seus ídolos mundanos. “Todo homem”, ele disse, “sonha sobre algo, amor, honra e prazer; você sonha com a amizade e devota-se a um louco; bem, se essa é a sua vocação, sem dúvida você tem o direito de segui-la.”

Algum pensamento pareceu ferroá-lo e o espasmo de dor que por um momento convulsionou suas feições, interrompeu minha indignação. “Felizes são os sonhadores”, ele continuou, “então que não sejam despertados! Pudesse eu sonhar! Mas o ‘amplo e exuberante dia’ é o elemento no qual vivo; o ofuscante brilho da realidade inverte o cenário para mim. Mesmo o

espírito da amizade e do amor me fugiram.” Ele parou; eu não podia adivinhar se o desdém que encurvava seus lábios dirigiam-se contra a paixão ou contra a si próprio por ser seu escravo.

Esse relato pode ser considerado como uma amostra do meu relacionamento com Lordee Raymond. Tornei-me íntimo dele e cada dia me propiciava ocasiões para admirar mais e mais seus poderosos e versáteis talentos que, junto com sua eloquência, que era graciosa e espirituosa, e sua riqueza agora imensa, o fazia ser temido, amado e odiado mais do que qualquer outro homem na Inglaterra.

Minha descendência, que atraía interesse, se não respeito, minha ligação anterior com Adrian, o favor do embaixador, de quem eu fora secretário, e agora minha intimidade com Lordee Raymond, deram-me fácil acesso aos círculos sociais e políticos da Inglaterra. Sem saber, nós surgimos à beira de uma guerra civil; cada partido era violento, acrimonioso e irredutível. O Parlamento estava dividido em três facções, aristocratas, democratas e monarquistas. Após Adrian declarar sua predileção à forma republicana de governo, os últimos quase desapareceram, sem liderança nem direção; mas, quando Lordee Raymond encabeçou o grupo, reviveram com força dobrada. Alguns eram monarquistas com preconceito e velha afeição, e muitos moderados temiam a tirania caprichosa do povo e o despotismo inflexível dos aristocratas. Mais de um terço dos seus membros apoiavam Raymond e o número aumentava sempre. Os aristocratas erigiram suas esperanças em torno de sua abundante riqueza e influência; os reformistas, na força da própria nação; os debates eram violentos, mais ainda os discursos celebrados por cada grupo de políticos quando se reuniam para concertar suas medidas. Epítetos maldosos eram brandidos, ameaçava-se resistência até a morte; os protestos da população

perturbavam a tranquila ordem do país; com exceção da guerra, em quê isso tudo poderia resultar? Mesmo quando as destrutivas chamas pareciam irromper, eu as vi retroceder; favorecido pela ausência militar, pela aversão à violência que havia em cada um, exceto aquela do discurso, e pela cordial polidez e até mesmo amizade dos hostis líderes quando se encontravam privadamente. Por milhares de motivos, eu era induzido a acompanhar de perto o curso dos eventos e a observar cada reviravolta com intensa ansiedade.

Eu não poderia deixar de notar que Perdita amava Raymond; parecia-me que ele também tinha a doce filha de Verney em admiração e ternura. Eu sabia ainda que ele ansiava por casar-se com a possível herdeira da Condessa de Windsor, com grande expectativa pelas vantagens que isso poderia lhe render; todos os amigos da ex-rainha eram seus amigos; nenhuma semana passava-se sem que ele se consultasse com ela em Windsor.

Eu nunca vira a irmã de Adrian. Havia ouvido que ela era amável, amigável e fascinante. Por que mais eu deveria vê-la? Há momentos em que temos um sentimento indefinível de mudança premente, para melhor ou para pior, a surgir de um evento; e, seja para melhor ou para pior, tememos a mudança e decidimos evitar tal acontecimento. Por esse motivo, eu evitei essa donzela de alta família. Para mim, ela era tudo e nada; mesmo seu nome, mencionado por outrem, me fazia assustado e trêmulo; a discussão infindável referente à sua união com Lordee Raymond era uma verdadeira agonia para mim. Parecia-me que, com Adrian tolhido da vida ativa, e sua bela Idris, uma vítima provável dos esquemas ambiciosos de sua mãe, eu deveria me adiantar em protegê-la de sua indevida influência, resguardá-la da infelicidade e garantir-lhe a liberdade de escolha, o direito de qualquer ser humano. Porém,

como fazê-lo? Ela mesma desdenharia minha interferência. Como eu deveria ser objeto da sua indiferença ou do seu desprezo, melhor, portanto, bem melhor que eu a evitasse, não me expusesse diante dela e do sarcástico mundo ao não interpretar o papel insano do Ícaro apaixonado e tolo. Um dia, depois de muitos meses após meu retorno à Inglaterra, deixei Londres para visitar minha irmã. Sua companhia era meu principal refúgio e prazer; e meus espíritos sempre se erguiam diante da expectativa de vê-la. Sua conversa era recheada de observações apropriadas e discernimento; em sua agradável alcova, perfumada com as mais doces flores, adornada por magníficas réplicas, vasos antigos e cópias das melhores obras de Rafael, Correggio e Claude, pintadas por ela mesma, eu me regozijava em um retiro idílico imaculado e inacessível às barulhentas contendas dos políticos e dos frívolos objetivos da alta sociedade. Nessa ocasião, minha irmã não estava sozinha; nem eu teria como não reconhecer sua companheira; era Idris, a até então inédita razão de minha louca idolatria.

Em quais termos concernentes à maravilha e à delícia, em qual expressão selecionada e suave fluência de linguagem poderia eu transportar de forma mais amável, mais inteligente, melhor? Como, na pobre junção das palavras, levar o halo de glória que a cercava, as mil graças que esperavam nela sem se cansar? A primeira coisa que atingia alguém ao observar aquela elegante feição era sua perfeita generosidade e franqueza; a candura permeava seu rosto, a simplicidade, seus olhos, a divina bondade, seu sorriso. Sua figura alta e esguia inclinava-se graciosamente como um álamo na brisa do ocidente e seu andar, como o de uma deusa, era o de um anjo alado recém-descido das alturas do Paraíso; a doçura perolada espalhava-se pura em sua compleição; sua voz remetia ao suave e controlado tenor de uma

flauta. Talvez fosse mais fácil descrever pelos contrastes. Eu já detalhei as perfeições de minha irmã; e, ainda assim, ela era completamente diferente de Idris. Perdita, mesmo onde amada, era reservada e tímida; Idris era franca e confiante. Uma recolhia-se à solidão, onde ela poderia se esconder do desapontamento e da infâmia; a outra caminhava adiante em um campo aberto, acreditando que ninguém poderia fazer-lhe mal. Wordsworth comparou uma mulher amada a dois belos objetos da natureza; mas suas linhas sempre pareceram para mim um contraste do que semelhança:

Uma violeta perto de uma pedra limosa

Em parte escondida da visão,

Bela quanto uma estrela apenas

Brilha no céu.[{16}]

Tal violeta era a doce Perdita, temerosa de confiar-se ao próprio ar, acovardando-se da observação, ainda que traída pelas suas qualidades; e retribuindo com mil graças o trabalho daqueles que a buscaram em seu solitário e ermo caminho. Idris era como a estrela, no esplendor único do arcano adorno da noite fresca; pronta para iluminar e deliciar o mundo, protegida de qualquer feitiço por sua inimaginável distância de tudo o que não lhe era similar à ela e ao Paraíso.

Encontrei esta visão da beleza no quarto de Perdita, em uma conversa mais honesta com sua habitante. Quando minha irmã me viu, levantou-se e, pegando minha mão, disse: “Aqui está ele, como se tivéssemos desejado; este é meu irmão, Lionel.” Idris também se ergueu e deitou em mim seus olhos de um azul celestial, e com graça peculiar disse: “Você não precisa se apresentar; temos um quadro, muito apreciado por meu pai, que esclarece

definitivamente seu nome. Verney, você reconhecerá este laço e, como amigo de meu irmão, sinto que posso confiar em você.”

Assim, com as pálpebras úmidas por uma lágrima e com a voz trêmula, ela continuou: “Queridos amigos, não pensem que é estranho que agora, ao visitar-lhes pela primeira vez, eu peça pela sua ajuda e confidencie meus desejos e medos a vocês. Ouso falar a vocês apenas; fontes imparciais me lhes recomendaram; vocês são os amigos de meu irmão, portanto devem ser meus. O que posso dizer? Se vocês recusarem-me assistência, então realmente estarei perdida!” Ela cobriu seus olhos, enquanto a surpresa mantinha seus ouvintes mudos; então, como se levada pelas suas angústias, ela gritou: “Meu irmão! Meu amado, pobre Adrian! Como falar de seus infortúnios? Sem dúvida, vocês ouviram falar da sua história; talvez creiam na difamação; mas ele não está louco! Fosse um anjo, saído dos pés do trono de Deus, para confirmar, nem eu teria acreditado. Ele está difamado, traído, aprisionado – salve-o! Verney, você deve fazer o seguinte: busque-o onde quer que ele esteja desterrado, nesta ilha; encontre-o, resgate-o de seus verdugos, recupere-o para si mesmo, para mim – em toda a terra, apenas por ele tenho amor!”

Seu apelo sincero, expresso com tanta doçura e paixão, encheu-me de surpresa e de simpatia; e, quando ela acrescentou, com voz e aparência emocionadas, “Você aceita realizar tal empresa?”, eu prometi, com energia e honestidade, a devotar-me na vida e na morte a recuperar e cuidar de Adrian. Em seguida, conversamos sobre o plano que deveria seguir e discutimos os prováveis meios para descobrir seu paradeiro. Enquanto estávamos em franca combinação, Lordee Raymond entrou sem ser anunciado: vi Perdita tremer e ficar cada vez mais pálida, e o rosto de Idris enrubesceu. Ele deve ter ficado desconcertado com o nosso conclave, até

mesmo perturbado, pensei; mas nada disso transpareceu; ele cumprimentou minhas companhias e dirigiu-me uma saudação cordial. Idris pareceu suspensa por um momento e, então, com extrema suavidade, disse, “Lordee Raymond, confio em sua bondade e honra”.

Sorrindo com arrogância, ele inclinou sua cabeça e respondeu enfaticamente, “Você realmente confia, Lady Idris?”

Ela se esforçou para ler seus pensamentos e respondeu com dignidade, “Como quiser. Certamente é melhor não se comprometer com nenhuma dissimulação”.

“Desculpe-me”, ele replicou, “se lhe ofendi. Confie em mim ou não, espere que eu faça meu melhor para cumprir seus desejos, quaisquer que sejam eles”.

Idris sorriu agradecida e ergueu-se para ir embora. Lordee Raymond pediu permissão para acompanhá-la ao Castelo de Windsor, ao que ela concordou e eles deixaram a cabana juntos. Fomos deixados, eu e minha irmã – exatamente como dois ingênuos, que apreciavam ter obtido um grande tesouro, até que a luz do dia comprovou que era chumbo – duas moscas tontas e de má sorte, que brincavam nos raios de sol e foram capturadas pela teia da aranha. Apoiei-me no parapeito da janela e observei aquelas duas gloriosas criaturas, até que desapareceram pela floresta; e então me virei. Perdita estava imóvel; seus olhos, fixos no chão, seu rosto pálido, seus lábios muito brancos, sem movimento e rígidos, cada dobra estampada pelo pavor - assim estava. Como que assustado, peguei em sua mão; mas ela a retirou e fez um esforçou para se reanimar. Estimulei uma conversa: “Não agora”, ela respondeu, “não fale comigo, meu caro Lionel; você *não pode* dizer nada, já que não sabe de nada. Vejo-o amanhã; enquanto isso, adeus!” Ela levantou-se e saiu da sala; mas, parando na porta e apoiando-se contra ela, como se seus

pensamentos mais do que atribulados lhe tirassem a força de se sustentar, disse: “Lordee Raymond provavelmente retornará. Diga-lhe que me desculpe, pois não me sinto bem. Vê-lo-ei amanhã, caso ele queira, assim como você. Melhor seria se voltasse para Londres com ele; ali, você poderá investigar sobre o Conde de Windsor conforme combinamos e visite-me amanhã, antes de prosseguir em sua jornada – até lá, adeus!”

Ela falava com hesitação e concluiu com um profundo suspiro. Consenti ao seu apelo; e ela me deixou. Senti-me como, da ordem do mundo sistemático, eu tivesse mergulhado no caos, obscuro, contrário, ininteligível. Que Raymond casasse-se com Idris era mais do que intolerável; ainda, minha paixão, embora um gigante ao nascer, era muito estranha, selvagem e impraticável de ser sentida ao mesmo tempo da miséria que percebia em Perdita. Como eu deveria agir? Ela não confiava em mim; eu não poderia exigir uma explicação de Raymond sem o risco de trair o que talvez fosse o seu mais bem guardado segredo. Eu poderia obter a verdade dela no dia seguinte – no ínterim – mas, enquanto eu estava ocupado com estas múltiplas reflexões, Lordee Raymond voltou. Perguntou pela minha irmã; e eu dei-lhe o recado. Após pensar por algum momento, ele me questionou se pretendia voltar a Londres e se eu o acompanharia: concordei. Ele estava ensimesmado e permaneceu silencioso durante uma parte considerável da caminhada; ao fim, ele disse, “Devo desculpar-me pela minha abstração; a verdade é que a petição de Ryland chega nesta noite e estou considerando minha réplica”.

Ryland era o líder do partido popular, um homem realista e eloquente a seu modo; ele havia obtido permissão para propor um projeto de lei que tornava traição empreender a mudança do atual estado do governo da Inglaterra e das leis válidas na república.

Esse ataque era dirigido a Raymond e às suas maquinações para restaurar a monarquia.

Raymond me perguntou se eu lhe acompanharia ao Parlamento naquela noite. Lembrei-me da minha busca por informações sobre Adrian; e, ciente de que meu tempo estaria totalmente ocupado, declinei. “Ah”, disse meu companheiro, “eu posso livrá-lo de seu compromisso. Você irá perguntar pelo Conde de Windsor. Eu posso responder a suas perguntas de uma vez, ele está na residência do Duque de Athol em Dunkeld. Quando do seu primeiro acesso, ele viajou de um lugar para o outro; até que, chegando à esse romântico recanto, ele se recusou a deixá-lo e combinamos com o Duque para que continuasse lá.”

Eu estava magoado com o tom indiferente com que ele me revelou a informação e repliquei friamente: “Devo-lhe por essa informação e farei uso dela.”

“Faça isso, Verney”, ele disse, “e se você continuar em sua busca, eu lhe ajudarei. Mas antes, testemunhe, eu lhe imploro, o resultado da contenda dessa noite e do triunfo que estou prestes a obter, se posso chamar assim, enquanto temo que a vitória me seja uma derrota. O que eu posso fazer? Minhas esperanças mais queridas parecem estar próximas da sua realização. A ex-rainha me concede Idris; Adrian está totalmente despreparado para suceder ao condado e esse condado, em minhas mãos, torna-se um reino. Pelo Deus reinante, é verdade; esse mero condado de Windsor não mais deve satisfazê-lo, que herdará os direitos que devem, para sempre, ser atribuídos à pessoa que o possui. A Condessa nunca poderá esquecer que ela foi uma rainha e ela se recusa a deixar uma pequena herança para seus filhos; seu poder e minha determinação irão reconquistar o trono e a este rosto será encerrado por um diadema real. Eu posso fazer isso. Eu posso me casar com Idris.”

Ele parou abruptamente, suas feições obscureceram-se e sua expressão mudou uma vez e então novamente, sob a influência de sua paixão interna. Eu quis saber: “Lady Idris o ama?”

“Que pergunta”, ele respondeu, sorrindo. “Ela irá, com certeza, assim como eu também irei, quando nos casarmos.”

“Você começa tarde”, eu disse com ironia, “o casamento é geralmente considerado o túmulo e não o berço do amor. Então você está prestes a amá-la, mas não o faz ainda?”

“Não me catequize, Lionel. Eu cumprirei minha tarefa por ela, esteja certo. Amor! Eu devo encouraçar meu coração contra *isto*; expurgá-lo e isolá-lo fora das torres da força: a fonte do amor deve ser fechada, suas águas evaporadas e todos os pensamentos apaixonados que restarem, morrer – ou seja, o amor que me comandaria, não aquele que eu comando. Idris é uma pequena dama, gentil, bonita e doce; é impossível não se afeiçoar a ela e minha afeição é sincera; apenas não fale do amor – amor, o tirano e o subjugador de tiranos; amor, até então meu conquistador, agora meu escravo; o fogo faminto, a besta indomável, a serpente com presas – não – não - eu não terei nada a ver com esse amor. Diga-me, Lionel, você consente com que eu me case com essa jovem dama?”

Ele deitou seus ansiosos olhos em mim e meu coração incontrolável cresceu em meu peito. Respondi com voz calma – mas quão longe da tranquilidade estava o raciocínio desenhado por minhas plácidas palavras: “Nunca! Não posso nunca consentir que Lady Idris una-se a alguém que não a ama.”

“Porque você a ama.”

“Sua Nobreza poderia ter poupado esta provocação; eu não a amo e nem ousarei.”

“Ao menos”, ele continuou, arrogante, “ela não o ama. Eu não casaria com uma soberana a reinar se não tivesse plena segurança de que seu coração estivesse livre. Mas, oh Lionel! um reino é uma palavra poderosa e gentilmente soam os termos que compõem o estilo da realeza. Não eram os homens mais fortes do seu tempo reis? Alexandre era um rei; Salomão, o mais sábio dos homens, era um rei; Napoleão era um rei; César morreu tentando ser um e Cromwell, o puritano e assassino de reis, aspirou à realeza. O pai de Adrian proporcionou o já quebrado cetro da Inglaterra; mas eu colherei a planta caída, juntarei seu talo desmembrado e a exaltarei acima de todas as flores do campo.”

“Não é necessário que você se surpreenda por eu ter revelado livremente o paradeiro de Adrian. Não suponha que eu seja tão malévolo ou ingênuo a ponto de basear meu reinado em uma fraude, tão fácil de desmascarar quanto a verdadeira ou falsa insanidade do Conde. Acabei de voltar de lá. Antes de me decidir pelo matrimônio com Idris, resolvi vê-lo outra vez e julgar a probabilidade de sua recuperação. Ele está irrecuperavelmente louco.”

O ar me faltou…

“Não entrarei em detalhes”, continuou Raymond, “sobre as especificidades melancólicas. Você deve vê-lo e julgar por si mesmo, embora eu tema que essa visita, inútil para ele, seja insuperavelmente dolorosa para você. Tem-me pesado em meu espírito desde então. Formidável e gentil como ele é, mesmo na queda de sua razão, eu não o venero tal como você, mas daria todas as minhas esperanças de uma coroa, além da minha mão direita, para vê-lo de volta ao seu juízo.”

Sua voz expressava sua mais profunda compaixão: “Teu mais irresponsável ser”, eu gritei, “para onde tuas ações se inclinarão, nesta mixórdia de objetivos na qual estás perdido?”

“Para onde, mesmo? Para uma coroa, uma coroa dourada e completamente adornada, espero; e ainda ouso não confiar e, embora sonhe e acorde por uma, de tempos em tempos um hábil demônio me sussurra, que não é por um mero barrete que aspiro e que fosse eu esperto, deveria agarrá-la e tomar posse dela, pois ela vale mais do que todas as coroas do oeste e todos os cargos de presidente do leste.”

“E o que isso significa?”

“Se eu fizer disso minha escolha, então você saberá; no momento, não ouso dizê-lo, nem mesmo pensar nisso.”

Outra vez ele se pôs em silêncio e, depois de uma pausa, se virou para mim sorridente. Quando o escárnio não inspirava sua satisfação, quando era a verdadeira alegria que pintava seus modos com uma expressão de contentamento, sua beleza tornava-se proeminente e divina. “Verney”, ele disse, “meu primeiro ato quando eu me tornar Rei da Inglaterra será o de unir os gregos, tomar Constantinopla e subjugar toda a Ásia. Pretendo me tornar um guerreiro, um conquistador; o nome de Napoleão será oculto pelo meu; e os entusiastas, ao invés de visitar sua tumba e exaltar os méritos do caído, deverão adorar minha majestade e expandir minhas ilustres conquistas.”

Eu o escutava com intenso interesse. Poderia eu ser mais que ouvidos àquele que parecia governar toda a terra em sua dominante imaginação e que apenas se detinha quando tentava se dominar. Portanto, de sua palavra e vontade dependerão minha felicidade – o destino de tudo o que me era querido. Tentei adivinhar o sentido implícito em suas palavras. O nome de Perdita não foi mencionado; ainda, eu não poderia duvidar que o amor por ela causara a vacilação do propósito que ele demonstrou. E quem valeria tanto amor quanto o nobre espírito de minha irmã? Quem mereceria a mão desse convencido rei mais do que ela, cujo semblante

pertencia a uma rainha das nações? Quem o amava, como ele a amava; apesar do desapontamento que se sobrepunha à sua paixão e da ambição que travava aguerrido combate com a dele.

Fomos juntos ao Parlamento naquela noite. Raymond, embora sabendo que seus planos e perspectivas estavam para ser debatidos e decididos durante a esperada sessão, estava confiante e soberbo. Um rumor, semelhante ao de dez mil enxames abelhas, se abateu sobre nós quando entramos na cafeteria. Grupos de políticos reuniam-se com semblantes ansiosos e vozes profundas ou sussurrantes. O partido aristocrático, composto pelos homens mais ricos e influentes da Inglaterra, pareciam menos agitados do que os outros, já que a questão a ser discutida não lhes envolvia. Próximo ao fogo estavam Ryland e seus apoiadores. Ele era um homem de origem obscura e de imensa riqueza, herdada de seu pai, que era industrial. Ele testemunhara, quando jovem, a abdicação do rei e a mescla das casas dos Lordeees e dos Comuns; simpatizara com tais invasões populares e consolidá-las e aumentá-las foi o objetivo de sua vida. Desde então, a influência dos rentistas aumentara; e, a princípio, Ryland não estava descontente ao observar as tramas de Lordee Raymond, que atraiu muito dos partidários de seu oponente. Mas a coisa estava indo longe demais. A baixa nobreza saudava o retorno da nobreza, como um evento que lhes devolveria o poder e os direitos, agora perdidos. O quase extinto espírito da nobreza despertava-se nas mentes dos homens; e eles, escravos cônscios, sujeitos autoconstituídos, estavam prestes a inclinar seus pescoços ao grilhão. Alguns espíritos permaneceram eretos e másculos, pilares do estado; mas agora a palavra república se tornara amarga aos ouvidos vulgares; e muitos – o caso provaria se era realmente a maioria – prendiam-se ao festão e à exibição da realeza.

Ryland foi incentivado a resistir; ele deduziu que sua oposição solitária permitiria o aumento do partido; mas o tempo de indulgência passou e, com um movimento de seu braço, ele removeria as teias que cegavam seus compatriotas.

Quando Raymond entrou na cafeteria, sua presença foi saudada por seus amigos quase aos gritos. Reuniram-se ao seu redor, contaram quantos deles estavam ali e detalharam por que eles estavam para receber a adesão daquele e daquele membro, que ainda não haviam se declarado. Algum trivial negócio do Parlamento havia sido celebrado, os líderes tomaram seus assentos na câmara; o clamor das vozes continuou, até que Ryland ergueu-se para falar e, então, nem o mais suave sussurrar foi ouvido. Todos os olhos fixaram-se nele quando ele se pôs de pé – desproporcional de estrutura, profuso de voz e com trejeitos que, embora não graciosos, impressionavam. Virei meu rosto de sua feição marcada a ferro para Raymond, cuja face, coberta por um sorriso, não traía seu cuidado; seus lábios, porém, tremiam levemente e sua mão agarrara-se ao banco onde estava sentado, com uma força convulsiva que fazia os músculos se retesar.

Ryland começou elogiando o estado atual do império britânico. Ele trouxe anos passados à memória; as miseráveis contendas que, na época dos nossos pais, quase levou à guerra civil, a abdicação do último rei e a fundação da república. Ele a descreveu; demonstrou como ela concedera privilégios a cada indivíduo no estado, para levar à consequente e mesmo à temporária soberania. Ele comparou o espírito real e o republicano; provou como um tendia à escravidão das mentes dos homens; enquanto todas as instituições do outro serviam para elevar até mesmo o mediano entre nós para algo grande e bom. Ele demonstrou como a Inglaterra tornara-se poderosa e seus habitantes sábios e valentes,

por meio da liberdade de que desfrutavam. Enquanto falava, todos os corações encheram-se de orgulho e cada rosto brilhou com o prazer da lembrança de que todos ali eram ingleses e de que cada um apoiava e contribuía para o feliz estado das coisas agora exaltado. O fervor de Ryland cresceu – seus olhos se incendiaram – sua voz assumiu o tom da paixão. Havia um homem, ele continuou, que desejava alterar tudo isso e nos levar de volta aos nossos dias de impotência e luta: um homem, que ousava reclamar sem razão a honra que era devida a todos que alegavam ser a Inglaterra sua terra natal e queria colocar seu nome e estilo acima do nome e estilo de seu país. Vi, nesse ponto, que Raymond empalidecera; seus olhos moveram-se do orador e encararam o chão; os ouvintes entreolharam-se, mas, no entretempo, a voz do tribuno encheu novamente seus ouvidos - o trovão de suas denúncias influenciou seus sentidos. A própria clareza de suas palavras deu-lhe peso; todos sabiam que ele falava a verdade – uma verdade sabida, mas não reconhecida. Ele derrubou da realidade a máscara com a qual ela havia sido coberta; e os propósitos de Raymond, que sempre rastejaram a esmo, aprisionando de surpresa, agora eram como um cervo caçado – mesmo na baía – como percebiam todos que olhavam para as mudanças incontidas em sua expressão. Ryland terminou propondo que toda tentativa de restaurar o poder real deveria ser declarada traição e que ele era um traidor que manobrava para alterar a forma de governo. Aplausos e efusivas aclamações seguiram-se ao final do discurso.

Após sua moção ter sido apoiada, Lordee Raymond ergueu-se – sua feição branda, sua voz suavemente melodiosa, seus modos tranquilos, sua graça e doçura vieram como o delicado sopro de uma flauta, após a voz alta como um órgão de seu adversário. Ele levantou-se, disse, para falar em favor da honorável menção de seu

colega, mas com uma leve emenda agregada. Ele estava pronto para voltar aos velhos dias e celebrar as lutas dos nossos pais e a abdicação do monarca. Nobre e grandemente, ele afirmou, havia o ilustre e último soberano da Inglaterra se sacrificado para o bem aparente do seu país e renunciou a um poder que apenas poderia ser mantido com o sangue de seus súditos – que já não o eram mais, estes, seus amigos e seus iguais, que lhe concederam certos favores e distinções para ele e sua família para sempre. Uma ampla propriedade lhe fora granjeada e eles tomaram a posição mais alta entre os semelhantes, na Grã-Bretanha. Ainda, poderia se supor que eles não haviam esquecido sua antiga descendência; e era pior do que seu herdeiro podia sofrer, assim como qualquer outro pretendente, caso ele tentasse recuperar o que por velhos direitos e herança pertencia a ele. Ele não disse que deveria favorecer tal tentativa; mas afirmou que ela seria perdoável; e, se o aspirante não fosse tão longe quanto declarar guerra, e hastear sua bandeira no reino, sua falha deveria ser analisada sob olhos indulgentes. Em sua emenda, ele propunha que uma exceção deveria ser feita a favor de todos aqueles que reclamavam o poder soberano aos direitos dos condes de Windsor. Raymond não terminou sem desenhar, com vívidas cores, o esplendor de um reino, ao contrário do espírito comercial republicano. Ele declarou que cada indivíduo sob a monarquia inglesa era como é agora, capaz de obter distinção e poder – com uma exceção, a da função do juiz supremo; posição mais nobre e distinta, do que uma república escambadora e medrosa poderia prover. E, por essa exceção, a que ela somava? A natureza dos ricos e a influência forçosamente levariam a lista de candidatos a apresentar poucos dos mais abastados; e isso era para ser muito temido, já que a má intenção e a contenda geradas por essa batalha trienal poderiam ser

contrabalanceadas por suas vantagens a olhos imparciais. Mal posso recordar o fluxo das palavras e dos graciosos desvios de expressão, a perspicácia e a fácil ironia que deram vigor e influência ao seu discurso. Seus modos, tímidos no início, tornaram-se firmes – sua face em constante alteração acendeu-se com um brilho além do humano; sua voz, variada como música, era como um encantamento.

Era inútil memorizar o debate que se seguiu a essa arenga. Cada partido pôde discursar, vestindo a questão em jargões e velando seu simples sentido em uma trama etérea de palavras. A moção foi derrubada; Ryland partiu em fúria e desespero; e Raymond, feliz e exultante, retirou-se para sonhar seu futuro reino.

CAPÍTULO V

EXISTE um sentimento tal como o amor à primeira vista? E, se existir, no que sua natureza difere do amor fundado em longa observação e progresso vagaroso? Talvez seus efeitos não sejam permanentes; mas são, enquanto duram, violentos e intensos. Passamos pela indistinta trama da sociedade sem alegria, até que identificamos sua pegada, que nos leva ao labirinto para o Paraíso. Nossa obscura natureza, como uma tocha apagada, repousa disforme até que o fogo obtenha-a; essa vida da vida, a lua que recebe a luz e glória ao sol. O que importa, se o fogo for aceso com pedra e aço, a chama cultivada com cuidado, devagar acendeu a escura mecha ou se rapidamente o afiado poder da luz e do calor passar de um poder similar e iluminar em definitivo a tocha e a esperança. Na mais profunda fonte do meu coração, as pulsações estão agitadas; a adesiva Memória, como uma túnica, envolve-se por todos os lados, acima e por entre mim. Em nenhum momento por vir, eu a sentiria como no momento que se passou. O espírito de Idris pairava sobre o ar que eu respirava; seus olhos estavam sempre voltados para mim; seu sorriso, nunca esquecido, cegava meu olhar vago e fazia-me andar como um cego, não em eclipse, não na escuridão ou na ausência – mas em uma nova e brilhante luz, tão nova, tão ofuscante para meus sentidos humanos. Em cada folha, em cada divisão do universo (como o *ah* jacinto está gravado), estava impressa o talismã de minha existência – ELA VIVE! ELA EXISTE! – eu não tivera tempo de analisar meu sentimento, de me recuperar e de prender-me à indomável paixão; tudo era

uma ideia, um sentimento, uma ciência – essa era minha vida!

Mas a sombra da morte se projetava – Raymond iria se casar com Idris. Os sinos de um casamento feliz soaram em meus ouvidos; ouvi a congratulação da nação que se seguiria à união; o ambicioso nobre erguia-se em voo de águia do nível da terra à supremacia real – e ao amor de Idris. Porém, não ainda! Ela não o amava; ela me havia chamado de amigo; sorrira para mim; a mim, ela confiara o desejo mais caro ao seu coração, o bem-estar de Adrian. Essa reflexão acalentou meu sangue a se congelar e novamente a onda de vida e de amor fluiu impetuosamente adiante, como uma maré a mudar meus atribulados pensamentos.

O debate terminou às três da manhã. Minha alma estava em tumulto; eu atravessava as ruas com ansiosa rapidez. Na verdade, eu estava irado naquela noite – amor – com o qual eu batizara um gigante em seu berço, em luta contra o desespero! Meu coração, o palco daquele combate, estava ferido pela lança de ferro de um, embebido no jorro de lágrimas de outro. O dia, odioso para mim, amanheceu; retornei às minhas dependências – joguei-me em um sofá – dormi – era aquilo sono? – pois o pensamento ainda estava vivo – o amor e o desespero ainda lutavam, e eu me contorcia com uma dor irresistível.

Despertei como que estupefato; sentia uma força pesada me oprimindo, mas não conhecia sua origem; adentrei, como se fosse, a sala de conselhos de minha mente e questionei os vários ministros do raciocínio que ali se reuniam; logo me lembrei de todos; logo meus lábios tremiam de excitação entre o poder tormentoso; e logo, muito rápido, soube que era um escravo!

Subitamente e sem anunciar-se, Lordee Raymond entrou em meu apartamento. Vinha contente, cantarolando a música tirolesa da liberdade.

Cumprimentou-me com um meneio gracioso e se acomodou em um sofá oposto ao busto de Apolo Belvedere. Depois de um ou outro comentário trivial, aos quais eu respondi com mau-humor, ele de repente gritou, olhando para o busto: “Sou como aquele vencedor! Não é uma má ideia; a cabeça servirá para minhas novas moedas e será um presságio para todos os obedientes súditos de meu futuro êxito”.

Ele disse em sua maneira alegre, ainda que benevolente e sorriu, não com desdém, mas em completa zombaria de si mesmo. Então sua feição subitamente escureceu-se e naquele tom gritado que lhe era peculiar, exclamou, “Batalhei duro na noite passada; conquista maior as planícies da Grécia nunca me viram obter. Agora, sou o primeiro homem no governo, entoado em cada balada e objeto das murmurantes devoções das velhas. Em que pensa? Você, que aprecia saber ler a alma humana, como seu lago nativo lê cada fissura e cada dobra das montanhas que lhe envolvem – diga o que pensa de mim; ansioso para ser rei, anjo ou demônio, o quê?”

Este tom irônico era dissonante ao meu coração transbordante em explosão; eu estava perturbado por sua insolência e repliquei com amargor: “Há um espírito, nem angelical nem demoníaco, condenado ao mero esquecimento.” Vi seu rosto tornar-se pálido e seus lábios embranquecer e tremer; sua raiva serviu para acalmar a minha e respondi com um olhar determinado aos seus olhos que estavam fixos em mim; logo eles se desprenderam e se abaixaram, uma lágrima, pensei, umedeceu suas escuras sobrancelhas; eu amolecera e com emoção involuntária acrescentei, “Não que esse espírito seja o seu, meu caro senhor”.

Pausei e ele, mesmo apavorado pela agitação, aquiesceu: “Sim”, disse por fim, erguendo-se e mordendo seu lábio, enquanto lutava para conter sua

emoção, “Assim sou eu! Você não me conhece, Verney; nem você, nem nossa audiência de ontem à noite, nem a universal Inglaterra sabem nada de mim. Aqui estou, aparentemente, como um rei eleito; esta mão, prestes a agarrar um cetro; este rosto sente em cada nervo a coroa iminente. Pareço ter força, poder, vitórias; firme como uma coluna que suporta um domo é firme; e eu sou – um caniço! Tenho ambições e elas se cumprem; meus sonhos noturnos são realizados, meus desejos matinais satisfeitos; um reino espera que eu o aceite, meus inimigos estão derrotados. Mas aqui”, e ele bateu em seu coração com violência, “aqui está o rebelde, aqui está o que vacila; este coração que sempre rege, do qual eu posso escoar seu sangue; mas, enquanto uma excitada pulsação resta, sou seu escravo.”

Ele falava com uma voz desolada, então baixou sua cabeça e, escondendo sua face com as mãos, chorou. Ainda estava eu acordando de meu próprio desapontamento; porém, essa cena oprimiu-me com terror, pois não podia interromper seu acesso de paixão. Ela durou muito tempo; e, jogando-se no sofá, permaneceu silencioso e estático, menos quando sua compleição exibia um intenso conflito interno. Por fim, ele levantou-se e disse em seu tom de voz habitual, “O tempo passa, Verney, devo ir. Não me deixe esquecer do fim que me trouxe aqui. Você irá comigo a Windsor amanhã? Você não será desonrado pela minha companhia e como este provavelmente será o último serviço ou desserviço que me prestará, atenderá meu pedido?”

Ele mantinha sua mão quase que em ameaça. Rapidamente pensei – Sim, testemunharei a última cena do drama. Além do que, seu comportamento me conquistou e um sentimento de afeição por ele logo preencheu meu coração – deixei-o comandar-me. “Ah, isso sim”, ele disse feliz, “agora é a minha deixa; esteja

comigo amanhã cedo, às sete; seja discreto e fiel; e você será adornado com o manto antes tão desejado.”

Assim dizendo, ele disparou para fora, pulando no seu cavalo e com um gesto, como se estivesse dando sua mão para beijá-la, me deu outro sorridente adeus. Deixado sozinho, esforcei-me com intensa dor a adivinhar o motivo de seu pedido e prever os acontecimentos do dia seguinte. As horas passaram desapercebidas; minha cabeça doía de pensamentos, meus nervos pareciam inchados de tanta desatenção – agarrei minha têmpora em chamas, como se minha mão enfebrecida pudesse curá-la de sua dor. Fui pontual à hora combinada no outro dia e encontrei Lordee Raymond esperando por mim. Entramos em sua carruagem e seguimos em direção a Windsor. Eu estava me controlando, pois havia decidido que não revelaria minha agitação interna a nenhum sinal exterior.

“Que erro Ryland cometeu”, disse Raymond, “quando pensou que pudesse me superar naquela noite. Ele falou bem, muito bem; tal cantilena poderia ter tido melhor efeito se direcionada a mim apenas, do que aos tolos e às figuras ali reunidas. Estivesse eu sozinho, eu o escutaria com um desejo de ouvir a razão, mas quando ele tentou derrotar-me em meu próprio território, com minhas próprias armas, colocou-me na minha essência e o caso foi que tudo se passou como todos esperavam.”

Sorri incredulamente e repliquei: “Concordo com o raciocínio de Ryland e, se me permitir, repetirei seus argumentos; veremos o quanto você será induzido por ele, a ponto de trocar o estilo real pelo patriótico.”

“A repetição seria inútil”, disse Raymond, “pois eu me lembro bem deles e tenho ainda outros, que eu mesmo evoquei, que falariam com persuasão total.”

Ele não se explicou, nem fiz observação alguma sobre o que dissera. Nosso silêncio durou algumas milhas, até que o interior, com seus campos abertos ou parques e

bosques cheios de sombra, ofereceram agradáveis paisagens para a nossa visão. Após alguns comentários sobre o cenário e casas, Raymond disse: “Os filósofos chamaram os homens de microcosmo da natureza e encontraram uma explicação na mente interna para toda esta engrenagem que se move à nossa volta. Essa teoria frequentemente tem sido uma fonte de surpresas para mim; e muitas horas ociosas passei exercendo minha engenhosidade na busca por semelhanças. Não foi Lordee Bacon quem disse, ‘a queda da discórdia para o consenso, que propicia grande doçura para a música, não teria um acordo com as afeições, que são melhor reintegradas após alguns desgostos?’ Que oceano é a maré da paixão, cujas fontes estão em nossa própria natureza! Nossas virtudes são como areia movediça, que se exibem na água calma e rasa; mas então as ondas se erguem e os ventos as impulsionam, e o pobre demônio, cuja esperança estava em sua durabilidade, encontra-se afundando nela. As expressões do mundo, suas exigências, educações e propósitos, são ventos que conduzem nossas vontades, como nuvens em uma direção só; mas deixe que uma tempestade se levante na forma de amor, ódio ou ambição, e a destruição se volta, convulsionando o ar oponente em triunfo.”

“Ainda”, repliquei, “a natureza sempre se apresenta aos nossos olhos como um paciente; embora haja um princípio ativo no homem que o torna capaz de controlar seu destino e, ao menos, lutar contra o forte vento, até que de alguma maneira o dome.”

“Há mais pretensão do que verdade em sua distinção”, disse meu companheiro. “Por um acaso nós nos formamos escolhendo nosso temperamento, nossos poderes? Eu me encontro, por exemplo, como um instrumento encordoado com acordes e pausas – mas eu não tenho poder para girar as cravelhas ou elevar meus pensamentos para um tom maior ou menor”.

“Outros homens”, observei, “podem ser melhores músicos.”

“Eu não falo dos outros, mas de mim”, replicou Raymond, “e sou um exemplo tão bom quanto qualquer outro. Não posso afinar meu coração em um determinado tom ou executar minhas mudanças voluntariamente. Nascemos; não escolhemos nossos pais, nem nossa posição; somos educados pelos outros ou pelas circunstâncias do mundo, e este cultivo, mesclando-se com nosso temperamento inato, é o solo onde nossos desejos, paixões e motivações crescem.”

“Há muita verdade no que diz”, eu falei, “porém nenhum homem vive de acordo com esta teoria. Quem, ao fazer uma escolha, diz, eu escolho porque preciso? Ao contrário, não sente tal pessoa uma liberdade de opções dentro de si que, embora você possa chamá-la de falaciosa, ainda age enquanto decide?”

“Exatamente”, replicou Raymond, “outro elo da inquebrantável cadeia. Não estava eu prestes a cometer um ato que aniquilaria minhas esperanças e remover as vestes reais de meus membros mortais, para cobri-las com tecidos comuns, seria isso, pensa você, um ato de livre escolha de minha parte?”

Enquanto conversávamos, percebi que não tomamos o caminho comum para Windsor, mas sim íamos por Englefield Green, rumando para Bishopgate Heath. Comecei a suspeitar que Idris não era o objeto de nossa viagem, mas que eu estava sendo levado a testemunhar a cena que selaria o destino de Raymond – e de Perdita. Raymond evidentemente vacilou durante sua viagem e a indecisão marcava cada gesto quando entramos na sua cabana. Observei-o com curiosidade, determinado a, caso sua hesitação continuasse, ajudar Perdita a se recuperar e ensiná-la a desdenhar o crescente amor dele, que se equilibrava entre a posse de uma coroa e a

dela, cuja excelência e afeição transcendiam o valor de um reino.

Nós a encontramos em sua alcova adornada de flores; ela lia um artigo de jornal sobre o debate no parlamento, que aparentemente a conduzia à desesperança. Aquele sentimento que afundava seu coração era pintado em seus olhos abatidos e em sua atitude sem espírito; sua beleza estava enuviada e frequentes suspiros eram sinais de seu desassossego. Tal visão teve um efeito instantâneo em Raymond; seus olhos irradiaram ternura e o remorso vestiu suas maneiras com honestidade e verdade. Ele sentou-se diante dela; e, tomando o jornal de suas mãos, disse, “Nem uma palavra mais minha doce Perdita deve ler sobre esta contenda de loucos e tolos. Não devo permitir que saiba a extensão de minha ilusão, nem que me despreze; embora, acredite em mim, um desejo de surgir perante você, não como um vencido, mas como um conquistador, me inspirou durante minha guerra de palavras.”

Perdita o observou surpresa; sua expressiva feição brilhou com ternura por algum momento; vê-lo era sua única felicidade. Mas um amargo pensamento subitamente enturvou sua alegria; ela inclinou seu olhar para o chão, tentando dominar a paixão de lágrimas que ameaçou tomá-la. Raymond continuou, “não interpretarei diante de você, minha doce garota ou surgirei como alguém que não sou, fraco e desmoralizado, mais propenso a acirrar seu desprezo do que seu amor. Porém, você me ama; eu sinto e sei que sim, e daí extraio minhas mais queridas esperanças. Se o orgulho guiá-la, ou mesmo a razão, você poderá me rejeitar. Faça isso; se seu alto coração, incapaz de meu frágil propósito, recusar-se a se rebaixar à minha inferioridade. Dê-me as costas, se quiser – se puder. Se sua inteira alma não lhe apressa a esquecer-me – se todo o seu coração não se abrir completamente para me

deixar entrar em seu centro, abandona-me, nunca mais me dirija a palavra. Eu, embora pecando contra você sem chance de remissão, também sou orgulhoso; não deverá haver reserva em seu perdão – sem obstáculos para o dom de sua afeição.”

Perdita abaixou sua cabeça, confusa, ainda que grata. Minha presença a constrangia, portanto ela não ousou encarar os olhos de seu amante ou confiar sua voz para assegurá-lo de sua afeição; embora um rubor acortinou seu rosto e seu ar desconsolado foi substituído por um expressivo sentir de alegria profunda. Raymond circundou sua cintura com o braço e continuou, “não nego que estive em dúvida entre você e a mais alta esperança que o homem mortal pode acalentar; mas já não estou mais. Leve-me – molde-me conforme sua vontade, possua meu coração e minha alma até a eternidade. Se recusar a contribuir com minha felicidade, deixo a Inglaterra esta noite e nunca mais pisarei nestas terras.”

“Lionel, escuta-me: testemunhe por mim: convença sua irmã a esquecer a dor que lhe infligi; convença-a a ser minha.”

“Não é necessário mais nada”, disse a ruborizada Perdita, “exceto suas próprias promessas queridas e meu disposto coração, que me sussurra que elas são sinceras.”

Naquela mesma noite, andamos nós três juntos pela floresta e, com a eloquência que a felicidade inspira, eles detalharam a história de seus amores. Era agradável ver o arrogante Raymond e a reservada Perdita convertidos, por meio do feliz amor, em crianças brincalhonas e falastronas, ambos perdendo sua dignidade característica na tolice do contentamento mútuo. Uma noite ou duas antes, Lordee Raymond, com uma expressão de cuidado e um coração oprimido pelo pensamento, devotou todas as suas energias para

silenciar ou persuadir os legisladores da Inglaterra de que um cetro não era muito pesado para a sua mão, enquanto suas visões de dominações, guerras e triunfo flutuavam diante de si; agora, divertido como um garoto vivaz brincando sob o olhar de aprovação de sua mãe, as esperanças de ambição estavam completas, quando ele comprimiu a pequena e justa mão de Perdita contra seus lábios; enquanto ela, radiante com o prazer, encarava o quieto lago, não para admirar-se dela mesma, mas embebendo-se em êxtase do reflexo feito da forma dela e do seu amante, exibido pela primeira vez em cara conjunção.

Afastei-me deles. Se o arrebatamento da simpatia assegurada era deles, eu apreciava o da esperança recuperada. Olhei para as torres reais de Windsor. Alto era o muro e forte a barreira que me separava de minha Estrela da Beleza. Mas não inexpugnável. Ela não será dele. Resida mais alguns anos em teu jardim natural, doce flor, até que pelo esforço e pelo tempo eu adquira o direito de te colher. Não me desesperarei, nem me lance desespero! O que devo fazer? Primeiro buscar Adrian e devolvê-lo a ela. Paciência, gentileza e afeição incansável, devo recuperá-lo, se for verdade, como Raymond diz, que ele está louco; a energia e a coragem deverão resgatá-lo, se estiver preso injustamente.

Depois que os amantes se reuniram comigo, jantamos juntos na alcova. Era verdadeiramente um jantar mágico; pois embora todo o ar se perfumara com o cheiro de frutas e vinho, ninguém comeu ou bebeu – mesmo a beleza da noite era ignorada; seu êxtase não poderia ser elevado por objetos exteriores e eu estava absorto. Por volta da meia-noite, Raymond e eu deixamos minha irmã para voltar à cidade. Ele era um contentamento só; pedaços de canções caíam de seus lábios; cada pensamento de sua mente – cada objeto

sobre nós refletia sob o brilho de sua felicidade. Ele acusou minha melancolia, de mau-humor e de inveja.

"Não é isso", disse, "embora eu confesse que meus pensamentos não estão ocupados com prazeres, como os seus. Você prometeu facilitar minha visita a Adrian; eu lhe convoco a cumprir sua promessa. Não posso me demorar aqui; anseio aliviar – talvez curar a disfunção de meu primeiro e melhor amigo. Devo partir imediatamente para Dunkeld."

"Tu és um pássaro noturno", replicou Raymond, "que eclipse lanças sobre meus brilhantes pensamentos, forçando-me a trazer à minha mente esta ruína melancólica, que permanece em desolação mental, mais irreparável do que um fragmento de uma coluna cravada em um campo cheio de grama. Sonhas que pode recuperá-lo? Dédalo nunca cometeu um erro tão inextricável cercando o Minotauro, enquanto a loucura era tecida sobre sua razão aprisionada. Nem tu, nem outro Teseu, poderás desvendar o labirinto, do qual talvez alguma Ariadne tenha uma pista."

"Você alude à Evadne Zaimi: mas ela não está na Inglaterra."

"E, se estivesse", disse Raymond, "eu não a aconselharia a vê-lo. Melhor decair em completo delírio do que se tornar a vítima do método irracional de um amor não concedido. A longa duração de seu distúrbio provavelmente apagou de sua mente qualquer vestígio dela; e pode ser que nunca mais volte a ser impresso; você o encontrará em Dunkeld; gentil e tratável, ele vagueia pelos montes e pela floresta ou se senta ouvindo a cachoeira. Você poderá vê-lo – seu cabelo preso com flores silvestres – seus olhos cheios de um significado impenetrável – sua voz, corrompida – sua pessoa reduzida a uma sombra. Ele colhe flores e ervas, e tece guirlandas com elas ou põe folhas e pedaços de madeira para navegar no riacho, deleitando-se pela sua

segurança ou chorando pelo seu naufrágio. A simples lembrança em parte me enerva. Pelos céus! as primeiras lágrimas que derramei, desde a infância, correram lancinantes pelos meus olhos quando o vi.”

Não era necessário mais esse comentário para me encorajar a visitá-lo. Duvidei apenas se eu deveria ou não tentar ver Idris novamente, antes de partir. Tal dúvida foi desfeita no dia seguinte. Logo pela manhã, Raymond veio ao meu encontro; soubera que Adrian estava perigosamente doente e pareceu impossível que sua débil força pudesse derrotar a desordem. “Amanhã”, disse Raymond, “sua mãe e sua irmã irão à Escócia para vê-lo mais uma vez.”

“E eu irei hoje”, exclamei, “agora mesmo embarcarei em um balão; devo estar lá em quarenta e oito horas, se muito, talvez menos, se o vento ajudar. Adeus, Raymond; seja feliz por ter escolhido o melhor papel na vida. Essa virada do destino me faz reviver. Temia loucura, não a doença – eu tenho um pressentimento de que Adrian não morrerá; talvez essa enfermidade seja uma crise e ele possa se recuperar.”

Tudo favoreceu minha jornada. O balão ergueu-se sobre meia milha da terra e com o vento a favor, deslizou sobre os ares, sua emplumada fronte cortando a atmosfera condescendente. Apesar do melancólico objeto de minha viagem, meus espíritos estavam inebriados pela rapidez de movimentos da embarcação aérea e pela suave visitação do ar ensolarado. O piloto raramente movia a direção e o delicado mecanismo das asas, totalmente estendidas, produzia um barulho murmurante, que aliviava os sentidos. Planícies e montanhas, rios e campos de milho eram discerníveis abaixo, enquanto íamos sem impedimento avançando rápido e com segurança, como um cisne selvagem em seu voo para a primavera. A máquina obedecia ao mais tênue movimento do leme; e, o vento soprando

ininterruptamente, não havia obstáculo ao nosso curso. Tal era o poder do homem sobre a natureza; um poder por tanto tempo desejado e conquistado recentemente; ainda cantado em tempos remotos pelo príncipe dos poetas, cujos versos eu cito para a surpresa do meu piloto, quando lhe disse há quantos séculos foram escritos:

Oh! mente humana, tu não podes causar mal,

Por meio de tuas estranhas artes; quem pensaria que,

Um homem pesado como um pássaro poderia vagar,

Achar caminho por entre os céus?[17]

Pousei em Perth e, embora fatigado pela constante exposição ao ar durante muitas horas, não descansei, apenas mudei meu modo de transporte e fui por terra ao invés de voar para Dunkeld. O sol se levantava quando adentrei pelas montanhas. Após a revolução das eras, as montanhas de Birnam estavam novamente cobertas por uma jovem floresta, enquanto pinheiros mais provectos, plantados no começo do século dezenove pelo Duque de Athol, davam um ar solene e belo à cena. O sol nascente primeiro tingiu o topo dos pinheiros; e minha mente, por causa de minha educação nas montanhas profundamente suscetível às graças da natureza, e agora na iminência de outra vez ver meu amado e talvez moribundo amigo, estava, de forma estranha, influenciada pela visão desses distantes raios; seguramente eram presságios e, como os considerei, de boas novas para Adrian, de cuja vida minha felicidade dependia.

Pobre companheiro! ele estava deitado em uma cama de hospital, seu rosto brilhante com os tons de febre, seus olhos semicerrados, sua respiração irregular e

difícil. Ainda era menos doloroso vê-lo assim do que encontrá-lo satisfazendo suas funções animais ininterruptamente, sua mente doente sempre. Acomodei-me ao lado de sua cama; e lá fiquei, dia e noite. Era uma tarefa amarga, observar seu espírito alternar entre vida e morte; ver sua quente face e saber que o mesmo fogo que queimava tão inclemente ali, lhe consumia a energia da vida; ouvir seu lamento, que nunca mais poderia articular palavras de amor e sabedoria; testemunhar os movimentos inúteis de seus membros, prestes a ser envoltos na túnica mortal. Tanto que, por três dias e noites, pareceu a consumação do que o destino havia decretado para os meus trabalhos e me tornei cadavérico e parecido com um espectro, por meio da ansiedade e da observação. Por fim, seus olhos abriram-se sem direção, porém com um olhar de volta à vida; ele tornara-se pálido e fraco, mas a rigidez de sua feição era suavizada pela proximidade de sua convalescença. Ele me reconhecera. Que copo cheio de alegre agonia foi quando sua face brilhou primeiro com o súbito reconhecimento – quando ele apertou minha mão, agora com mais febre do que a dele, e quando ele pronunciou meu nome! Nenhum traço de sua insanidade passada permanecera, para manchar minha alegria com mágoa.

Na mesma noite, chegaram sua mãe e sua irmã. A Condessa de Windsor era, por natureza, cheia de um sentimento energético; mas ela raramente permitira em sua vida exibir as concentradas emoções de seu coração em seus traços. A imobilidade estudada de seu rosto; suas lentas e plácidas maneiras, e sua voz suave, porém sem melodia, eram uma máscara, escondendo suas ardentes paixões e a impaciência de seu temperamento. Ela em nada lembrava nenhum de seus filhos; seu olho, negro e faiscante, aceso pelo orgulho, era totalmente diferente do reflexo triste e da expressão franca e benevolente tanto de Adrian quanto de Idris. Havia algo

majestoso e grande em seus movimentos, mas nada persuasivo ou amigável. Alta, magra e esbelta, seu rosto ainda belo, seu cabelo preso quase que totalmente branco, sua testa arqueada e bela, não fosse a sobrancelha um pouco esparsa – era impossível não sofrer o impacto que ela causava, quase temê-la. Idris aparentava ser a única que poderia resistir à sua mãe, apesar da extrema suavidade de seu caráter. Mas havia uma bravura e uma franqueza nela, das quais se dizia que ela não infringiria a liberdade de alguém, mas manteria a sua própria sagrada e inviolável.

A Condessa não lançou olhos bondosos à minha aparência desfigurada, embora depois tenha me agradecido friamente pela minha atenção. Tampouco Idris; seu primeiro olhar foi para seu irmão; ela tomou sua mão, beijou suas pálpebras e manteve-se sobre ele com olhares de compaixão e de amor. Seus olhos cintilavam com lágrimas quando ela me agradeceu e a graça de suas expressões aumentara, e não ao contrário, pelo fervor, que quase a fez hesitar enquanto falava. Sua mãe, apenas olhos e ouvidos, logo nos interrompeu; e vi que ela queria que eu fosse embora logo, como alguém de cujos serviços, agora que sua família chegara, já não eram mais de utilidade para seu filho. Eu estava constrangido e cansado, resolvido a não ceder meu posto, embora tivesse dúvidas de que modo eu devesse ocupá-lo; quando Adrian me chamou e, agarrando minha mão, pediu para que eu não o deixasse. Sua mãe, aparentemente desatenta, por fim compreendeu o que se passava e vendo que estávamos em vantagem sobre ela, cedeu ao nosso desejo.

Os dias que se seguiram foram cheios de dor para mim; tanto que, às vezes, me arrependia de não ter cedido à arrogante dama, que observava todos os meus movimentos e transformou minha querida tarefa de cuidar de meu amigo em dor e irritação. Nunca antes

uma mulher pareceu ser formada completamente de razão quanto a Condessa de Windsor. Suas paixões subjugaram suas vontades, mesmo as naturais; ela pouco dormia e dificilmente se alimentava; seu corpo era claramente considerado, por ela, como uma mera máquina, cuja saúde era necessária para a realização de seus planos, mas cujos sentidos não faziam parte de seu contentamento. Há algo de temeroso em alguém que pode conquistar a parte animal de nossa natureza, se a vitória não for para o proveito de consumada virtude; nem era sem uma mistura desse sentimento que eu atentava para a figura da Condessa desperta enquanto todos dormiam, jejuando quando eu, naturalmente abstêmio e rendido à febre que grassava em mim, era forçado a comer. Ela resolvera evitar ou diminuir minhas oportunidades de ganhar influência sobre seus filhos e delimitou meus planos com uma resolução dura, silenciosa e teimosa, que parecia não pertencer a alguém de carne e sangue. A guerra estava tacitamente declarada entre nós, por fim. Travamos muitas batalhas, durante as quais nada era dito, dificilmente um olhar era trocado, mas cada um decidido a não se submeter ao outro. A Condessa tinha a vantagem da posição; então eu era derrotado, embora ainda não cedesse.

Tornei-me extremamente doente. Minha feição estava pintada com os tons de debilitada saúde e constrangimento. Adrian e Idris perceberam; insistiram para que eu descansasse e que me cuidasse, enquanto eu os assegurava de que meus melhores remédios eram seus bons desejos; estes e a assegurada convalescença de meu amigo, eram diariamente mais aparentes. Seu rosto lentamente corou-se outra vez; sua feição e seus lábios perderam a cinzenta palidez da dissolução ameaçada; tais eram as recompensas da minha atenção sem fim – e o pródigo Paraíso aumentou a transbordante

recompensa quando também me deu as graças e os sorrisos de Idris.

Depois de algumas semanas, deixamos Dunkeld. Idris e sua mãe retornaram imediatamente para Windsor, enquanto Adrian e eu prosseguimos em lentas caminhadas e frequentes interrupções, ocasionadas pela sua contínua fraqueza. Enquanto atravessávamos os variados condados da fértil Inglaterra, tudo exibia uma exuberante aparência para meu amigo, que estivera por tanto tempo separado pela doença da apreciação do clima e da paisagem. Passamos por atribuladas cidades e planícies cultivadas. Os homens casados estavam envolvidos em suas fartas colheitas e as mulheres e as crianças ocupadas em seus leves afazeres rústicos, formando grupos de pessoas felizes e saudáveis, a própria visão de quem carregava a boa temperança no coração. Uma noite, deixando nossa hospedagem, descemos por uma rua sombria, depois subimos por um monte gramado, até chegarmos à uma saliência que proporcionava uma ampla visão da serra e do vale, dos meandros dos rios, das escuras florestas e das cintilantes vilas. O sol se punha; e as nuvens, vagueando como ovelhas recém-tosadas por entre a vastidão do céu, recebiam a cor dourada dos raios que partiam; os distantes planaltos se divisavam ao longe e o soar ocupado da noite veio, harmonizado pela distância, até os nossos ouvidos. Adrian, que sentia todo o fresco espírito infuso pela saúde em recuperação, agarrou suas mãos em deleite e exclamou com arrebatamento:

“Oh terra feliz e felizes habitantes da terra! Um imponente palácio Deus lhes construiu, Oh, homens! e que sejam merecedores de sua habitação! Observem o tapete esverdeado estendido sob seus pés e o dossel azul-celeste acima; os campos da terra que geram e nutrem todas as coisas, e o caminho ao Paraíso, que contém e encerra todas as coisas. Agora, ao cair da

noite, no período da refeição e do repouso, compreendo que todos os corações respiram um único hino de amor e retribuição, e nós, como sacerdotes do antigo no topo das montanhas, damos a voz a esse sentimento.

“Seguramente, o mais benigno poder elaborou o majestoso tecido em que habitamos e desenhou as leis pela qual resiste. Se a mera existência, e não a felicidade, tem sido o objetivo final de nosso ser, por que precisar dos luxos profusos que de desfrutamos? Por que deveria nossa morada ser tão bela e por que os instintos da natureza devem ministrar prazerosas sensações? A própria sustentação da nossa máquina animal é prazerosa; e nossa sobrevivência, os frutos do campo, é pintada com matizes transcendentais, dotadas de graciosos odores e palatáveis ao nosso gosto. Por que tudo deveria ser assim, se ELE não fosse bom? Precisamos de casas para nos protegermos das estações e cuidar dos materiais com os quais somos providos; o crescimento das árvores com seu adorno de folhas; enquanto pedras se empilham sobre as planícies dão variedade ao panorama com sua agradável irregularidade.

“Nem os objetos exteriores são, por si só, os receptáculos do Espírito de Deus. Olhe pela mente do homem, onde a sabedoria reina entronada; onde a imaginação, o pintor, se senta, com seu pincel mergulhado em tons mais belos do que aqueles do pôr do sol, enfeitando a vida familiar com lúcidas tintas. Que nobre bênção, valha aquele que a concede, é a imaginação! Ela toma da realidade sua opaca deixa: ela compreende todo o pensamento e a sensação em um véu radiante e, com uma demão de beleza, nos atrai dos mares estéreis da vida para seus jardins, para suas pérgulas e para suas clareiras de bênção. E não seria o amor um dom da divindade? O amor e sua filha,

Esperança, que pode investir de riqueza a própria pobreza, a força na fraqueza e a felicidade no lamento.

"Meu quinhão não foi afortunado. Há muito a mágoa é minha consorte, adentrei pelo labirinto da loucura e emergi, mas em parte vivo. Ainda agradeço a Deus por ter resistido! Eu agradeço a Deus, que eu vi seu trono, os céus e a terra, e seu escabelo. Sou feliz por ter visto as mudanças de seu dia; por observar o sol, fonte de luz, e a gentil lua peregrina; por ter visto o fogo conceber flores do céu e as estrelas floradas da terra; por ter testemunhado o plantio e a colheita. Sou feliz por ter amado e ter sentido a correspondência de alegrias e de mágoas dos meus semelhantes. E sou feliz agora por sentir a corrente do fluxo de pensamento através da minha mente, como o sangue pelas articulações de meu corpo; a mera existência é prazer; e eu agradeço a Deus por estar vivo!

"E todos vós, sob os cuidados da mãe-terra, felizes, não ecoais minhas palavras? Vós que estais unidos pelos laços afetivos da natureza, dos companheiros, amigos, amantes! Os pais, que trabalham arduamente pelo contentamento da sua prole; as mulheres, que enquanto miram as formas vivas de suas crianças, esquecem das dores da maternidade; as crianças, que não trabalham nem fiam{18}, mas que amam e são amadas!

"Oh, que a morte e a doença sejam banidas de nossa casa terrena! Que o ódio, a opressão e o medo não possam mais entocar-se no coração humano! Que cada homem possa encontrar um irmão em seu próximo e um aconchego para o repouso entre as amplas planícies da sua herança! Que a fonte de lágrimas seque e que os lábios não mais possam formar expressões de mágoas. Dormindo sob o benevolente olho do Paraíso, possa o demônio visitar-te, Oh Terra, ou a tristeza ninar aos seus túmulos tuas crianças de má sorte? Não sussurre, deixe os demônios ouvir e se regozijar! A escolha está

conosco; deixe-nos desejar e nossa habitação se tornará um paraíso. Pois a vontade do homem é onipotente, atenuando as setas da morte, aliviando a cama da enfermidade e enxugando as lágrimas de agonia. E do que vale cada ser humano, se ele não utiliza sua força para auxiliar seus semelhantes? Minha alma é uma fagulha se esvaindo, minha natureza delicada como uma onda passada; mas eu dedico tudo do intelecto e da força que ainda permanece em mim a este trabalho e me ofereço para a tarefa, o máximo possível, de investir bênçãos em meus semelhantes!”

Sua voz tremeu, seus olhos se fecharam, suas mãos se agarraram e sua frágil pessoa se inclinou com o excesso de emoção. O espírito da vida pareceu desvanecer na sua forma como uma chama prestes a se apagar em um altar que oscila nas brasas de um sacrifício aceito.

CAPÍTULO VI

QUANDO chegamos a Windsor, soubemos que Raymond e Perdita haviam partido para o continente. Tomei posse da cabana de minha irmã e me enalteci por morar nas cercanias da vista do Castelo de Windsor. Era curioso que, nesse período, quando do casamento de Perdita, fosse aliado de um dos homens mais ricos da Inglaterra e ligado por uma íntima amizade ao seu principal nobre, eu passava pelo maior excesso de pobreza que jamais conhecera. Meus conhecimentos dos princípios mundanos de Lordee Raymond sempre me impediram de apelar a ele, mesmo se fundo meu sofrimento pudesse ter sido. Foi em vão que repeti para mim mesmo, considerando Adrian, que sua bolsa estava sempre aberta para mim; que únicos em alma, como éramos, nossas fortunas também deveriam ser comum. Eu nunca poderia, enquanto com ele, pensar que sua abundância fosse um remédio para minha pobreza; e eu até refutei precipitadamente suas contínuas ofertas de suprimentos, assegurando-lhe uma inverdade, de que eu não as precisava. Como eu poderia dizer a este generoso ser, “Mantenha-me no ócio. Você, que dedicou suas forças da mente e do destino para o bem de sua espécie, deve também desperdiçar seus esforços para suportar na inutilidade o forte, o saudável e o capaz?”

E, ainda, ousava não pedir a ele que usasse sua influência para que eu pudesse obter uma considerável provisão para mim mesmo – pois então eu seria obrigado a deixar Windsor. Eu sempre pairava sobre os muros do Castelo, entre as sombras de seus arbustos; minhas únicas companhias eram meus livros e meus amáveis

pensamentos. Estudei a sabedoria dos antigos e mirava os felizes muros que abrigavam o amor de minha alma. Minha mente nunca estava ociosa. Eu me concentrava na poesia dos velhos tempos; estudei a metafísica de Platão e de Berkeley. Li as histórias da Grécia e de Roma, e dos estágios iniciais da Inglaterra e observava os movimentos da senhora do meu coração. À noite, eu podia ver sua sombra nas paredes de seu quarto; de dia, eu a via em seu jardim ou passeando pelo parque com suas companhias habituais. Parecia-me que o charme seria quebrado se ela me visse, mas eu escutava a música de sua voz e era feliz. Eu dava a cada heroína que lia sua beleza e seus inigualáveis atributos – como era Antígona, quando guiava o cego Édipo à caverna de Eumênides e executou os ritos do funeral de Polinice; como era Miranda, na caverna nunca visitada de Prospero; como Haidee, nas areias das ilhas Jônicas. Eu enlouquecera com o excesso de devoção apaixonada; mas o orgulho, indomável como o fogo, investia minha natureza e me impedia de trair a mim mesmo por uma palavra ou um olhar.

No entretempo, enquanto eu me fartava com saborosos repastos mentais, um camponês teria desdenhado minha escassa refeição, que às vezes roubava dos esquilos da floresta. Era, eu próprio, com frequência tentado a recorrer aos hábitos ilegais de minha adolescência e abater os faisões quase domesticados que pousavam nas árvores e deitavam seus olhos brilhantes sobre mim. Mas eles eram propriedade de Adrian e cuidados por Idris; e então, embora minha imaginação se tornasse sensual pela privação, eu pensava que eles melhor estariam no espeto de minha cozinha do que nas verdes folhas da floresta,

Ainda assim,

contive minha vontade arrogante e não comi[{19}]*;*

mas jantei sentimentos e sonhei vagamente com “alguns doces poucos”[{20}] que não poderia obter ao despertar.

Mas, nesse período, todo o plano de minha existência estava prestes a mudar. O filho órfão e rejeitado de Verney estava na iminência de se conectar ao mecanismo da sociedade por meio de uma corrente dourada e a se iniciar em todas as tarefas e as afeições da vida. Os milagres estavam se formando a meu favor, a máquina da vida social empurrada com grande vigor para trás. Atenção, Oh leitor! enquanto eu narro este conto de fadas!

Um dia, quando Adrian e Idris estavam passeando pela floresta, com sua mãe e suas companhias habituais, Idris, separando-se com Adrian da comitiva, subitamente lhe perguntou, “O que fora feito de seu amigo, Lionel Verney?”

“Daqui mesmo”, replicou Adrian, apontando para a cabana de minha irmã, “você pode ver onde ele mora.”

“Claro!”, disse Idris, “e por que, se tão perto, ele não vem nos ver e se tornar parte da nossa sociedade?”

“Eu às vezes o visito”, replicou Adrian; “mas você pode facilmente adivinhar os motivos que o impedem de vir onde sua presença pode perturbar alguém entre nós.”

“Eu realmente faço ideia”, disse Idris, “e tais como são, eu não me aventuraria a combatê-los. Diga-me, porém, de que modo ele passa o tempo; o que ele está fazendo e pensando em seu retiro na cabana?”

“Não, minha doce irmã”, respondeu Adrian, “você pergunta mais do que posso responder; mas se estiver interessada nele, por que não o visita? Ele se sentirá altamente honrado e, por conseguinte, você poderá saldar uma parte da dívida que tenho com ele e compensá-lo pelas infâmias que o destino lhe fez.”

“Eu mais do que depressa acompanhá-lo-ei à sua residência”, disse a dama, “não que eu queira que nós dois nos livremos de nossa dívida que, por não ser menor do que a sua vida, deve permanecer em aberto eternamente. Mas deixe-nos ir; amanhã combinaremos de cavalgar juntos e, seguindo em direção àquela parte da floresta, nós o chamaremos.”

Na noite seguinte, portanto, embora a mudança outonal tenha trazido frio e chuva, Adrian e Idris entraram em minha cabana. Encontraram-me como Cúrio[{21}], banqueteando humildes frutas como jantar; mas trouxeram prendas mais ricas do que os dourados subornos dos Sabinos e não pude recusar o incalculável estoque de amizade e delícias que me proporcionaram. Certamente os gloriosos gêmeos de Latona[{22}] não seriam mais bem-vindos quando, na infância do mundo, eles nasceram para embelezar e iluminar este “promontório estéril”[{23}], do que aquele par angélico à minha humilde morada e grato coração. Sentamo-nos como uma família ao redor de minha lareira. Nossa conversa centrava-se em temas desconexos das emoções que evidentemente ocupava cada um deles; mas adivinhávamos os pensamentos de cada um de nós e, enquanto nossas vozes falavam de assuntos indiferentes, nossos olhos, em uma linguagem muda, diziam mil coisas que nenhuma língua poderia ter emitido.

Partiram depois de uma hora. Eles me deixaram feliz – quão indescritivelmente feliz. A felicidade não requeria os calculados sons da linguagem humana para compartir a história do meu êxtase. Idris visitara-me; Idris, que eu veria de novo e de novo – minha imaginação não ultrapassava o todo deste conhecimento. O ar era minha superfície; nenhuma dúvida, ou medo, ou mesmo a esperança, me perturbava; eu contive em minha alma a totalidade do contentamento, satisfeito, pleno, beatificado.

Adrian e Idris continuaram a me visitar por muitos dias. Nesse caro relacionamento, o amor, a guisa de uma amizade entusiástica, verteu mais e mais de seu onipotente espírito. Idris o sentira. Sim, divindade do mundo, identifico seu caráter no olhar e nos gestos de Idris; ouço-a ecoar sua melodiosa voz – você nos preparou um caminho plano e florido, adornado por bons pensamentos – seu nome, Oh Amor, não foi pronunciado, mas continuava o Gênio da Hora, velado, e o tempo, e não uma mão mortal, poderia levantar sua cortina. Órgãos de sons articulados não proclamaram a união de nossos corações; pois circunstâncias adversas não proporcionaram oportunidades para a expressão que pairava em nossos lábios. Oh, minha pena! apressa-te a escrever o que foi, antes que o pensamento do que é, prenda a mão que te guia. Se eu erguer meus olhos e encarar a terra deserta, e sentir que aqueles queridos olhos perderam seu brilho mortal e que aqueles belos lábios estão silenciosos, suas “folhas escarlates” esvaídas, para sempre estarei mudo!

Mas você vive, minha Idris, mesmo agora se move diante de mim! Havia uma clareira, Oh, leitor!, uma abertura gramada na floresta; as árvores em retirada deixaram sua vastidão aveludada como um templo do amor; o prateado Tâmisa a limitava por um lado e um salgueiro inclinava-se, mergulhando seus cabelos de Náiades[{24}] nas águas, descabelada pela invisível mão do vento. Os carvalhos ao redor eram o lar de uma revoada de rouxinóis – onde estou agora; Idris, no melhor de sua cara juventude, está ao meu lado – lembre-se, tenho apenas vinte e dois anos e escassos dezessete verões passaram pela amada de meu coração. O rio, alargado pelas chuvas de outono, encampara as terras baixas e Adrian, em seu barco favorito, estava ocupado na perigosa tarefa de agarrar e retirar o galho mais alto de

um carvalho submerso. Estaria você cansado da vida, Oh Adrian, para assim brincar com o perigo? –

Ele conseguira e pilota seu barco pelo alagamento; nossos olhos estavam fixos nele com temor, mas a correnteza o distanciou de nós; ele fora forçado a aportar bem mais abaixo e a percorrer um considerável caminho até se juntar a nós. “Ele está seguro!”, disse Idris, assim que ele pulou na encosta e agitou o galho acima de sua cabeça em sinal de vitória; “esperemos por ele aqui.”

Estávamos sozinhos; o sol havia se posto; a canção dos rouxinóis começara; a estrela vespertina brilhava distinta na inundação de luz, que ainda não se escoara pelo oeste. Os olhos azuis de minha angélica jovem estavam fixos neste doce emblema de si mesma: “Como a luz palpita”, ela disse, “que é a vida daquela estrela. Seu vacilante resplendor parece afirmar que seu estado, assim como o nosso na terra, é variável e inconstante; ela teme, me parece, e ama.”

“Não mire as estrelas, cara e generosa amiga”, exclamei, “não leia amor em *seus* trêmulos raios; não olhe para mundos distantes; não fale da mera imaginação de um sentimento. Por muito estive silencioso; durante tanto tempo, que até adoeci, quis falar-lhe e submeter minha alma, minha vida, meu ser inteiro a você. Não olhe para as estrelas, meu caro amor ou olhe, mas deixe que a eterna fagulha interceda a meu favor; deixe-a ser minha testemunha e defensora, silenciosa enquanto brilha – o amor está para mim como o brilho para uma estrela; enquanto o amor estiver livre da aniquilação, eu amá-la-ei.”

Velada para sempre do antipático olhar do mundo deve ser a emoção extrema daquele momento. Ainda sinto sua graciosa forma comprimir-se contra meu coração carregado – ainda a visão e pulso e a respiração enfraquecem-se e falham na lembrança daquele beijo.

Devagar e silenciosamente fomos ao encontro de Adrian, que ouvíamos se aproximar.

Roguei a Adrian para que voltasse após levar sua irmã para casa. E, naquela mesma noite, andando pelos caminhos da floresta iluminados pela lua, despejei meu coração inteiro, sua emoção e sua esperança, sobre meu amigo. Por um momento ele pareceu perturbado – “Eu deveria ter previsto isso”, ele disse, “que luta ranhida se desdobrará! Perdoe-me, Lionel, nem espere que a expectativa pela contenda contra minha mãe deva me desagradar, quando devo confessar com prazer que minhas mais altas esperanças se cumpriram, ao confiar minha irmã à sua proteção. Se você já não sabe, logo irá conhecer o profundo ódio que minha mãe nutre pelo nome Verney. Conversarei com Idris; e, então, tudo o que um amigo puder fazer, eu farei; a ela, deve ser reservado o papel de amante, se ela for capaz disso.”

Enquanto o irmão e a irmã ainda hesitavam sobre a melhor maneira de tentar atrair sua mãe para o lado deles, ela, suspeitando de nossos encontros, acusava seus filhos; acusou sua bela filha de engano e de uma ligação imprópria com aquele cujo único mérito era ser o filho de um imoral muito amigo de seu imprudente pai; e que era, sem dúvida, tão inútil quanto aquele que enalteceu sua descendência. Os olhos de Idris brilharam ante tal acusação; ela replicou, “Não nego que amo Verney; prove-me que ele é um inútil; e eu nunca mais o verei.”

“Cara Madame”, disse Adrian, “deixe-me rogar que o veja, que cultive sua amizade. Você se maravilhará, destarte como eu, com a extensão de seus feitos e com o brilho dos seus talentos.” (Desculpe-me, gentil leitor, isto não é fútil vaidade; - não fútil, já que saber que Adrian assim se sentia traz a alegria mesmo agora ao meu coração solitário).

“Garoto louco e tolo!”, exclamou a furiosa dama, “você decidiu, com sonhos e teorias, arruinar meus planos para o seu próprio engrandecimento; mas não faça o mesmo com a sua irmã. Eu compreendo muito bem a fascinação que lhes engana; pois empreendi na mesma luta com seu pai, para afastá-lo do pai desse jovem, que escondia seus maus impulsos com a agilidade e sutileza de uma víbora. Naqueles dias, quanto eu não ouvia sobre suas atrações, suas amplas conquistas, seu gênio, suas maneiras refinadas. Está bem quando apenas moscas sejam capturadas pelas teias de aranhas; mas é para os bem nascidos e poderosos inclinar seus pescoços para o grilhão temporário destas pretensões despropositadas? Fosse a sua irmã a pessoa insignificante que ela merece ser e eu a deixaria, de bom grado, livre para cumprir seu destino, seu naufragado destino, de ser a esposa de um homem cuja própria pessoa, semelhante a seu arruinado pai, faz lembrar a imprudência e o vício que ele tipifica – mas lembre-se, Lady Idris, não é apenas o sangue real da Inglaterra que corre pelas suas veias, você é a Princesa da Áustria e cada instante de sua vida é igual ao dos de imperadores e de reis. Portanto, você é a melhor escolha para um jovem pastor analfabeto, cuja única herança é o nome apagado de seu pai?”

“Não posso fazer outra defesa”, disse Idris, “além da mesma que meu irmão fez; veja Lionel, converse com o pastor.” – A Condessa interrompeu-a com veemência – “Você!” – ela exclamou e então, afiando seu semblante desapaixonado com um sorriso desdenhoso, continuou – “Falaremos disso outra hora. Tudo o que peço, tudo o que sua mãe, Idris, quer, é que você não veja esse emergente durante o intervalo de um mês.”

“Eu ouso não obedecer”, disse Idris, “iria machucá-lo demais. Não tenho o direito de brincar com seus

sentimentos, de aceitar a preferência de seu amor e, então, ferroá-lo com o aguilhão da rejeição.”

“Isso está indo longe demais”, respondeu sua mãe com os lábios trêmulos e os olhos novamente acesos pela raiva.

“Não, Madame”, disse Adrian, “a menos que minha irmã consinta em nunca vê-lo outra vez, certamente é um tormento inútil separá-los por um mês.”

“Certamente”, replicou a ex-rainha, com amargo escárnio, “o amor dele, assim como o seu e os infantis espasmos de ambos devem ser comparados com os meus anos de esperança e ansiedade, com as tarefas das gerações de reis, com a alta e digna conduta com que alguém da sua descendência deve perseguir. Mas me é inútil argumentar e reclamar. Talvez vocês tenham a bondade de me prometer não se casar durante esse intervalo?”

Sua pergunta não era totalmente irônica; e Idris se perguntou por que sua mãe deveria exortá-la a prometer que não sobre algo que ela nunca pensara em fazer – mas a promessa foi exigida e feita.

Tudo se passou alegremente; encontrávamos-nos como sempre e falávamos sem temor de nossos planos futuros. A Condessa era tão gentil e, mesmo além de seu costume, amigável com seus filhos, que eles começaram a nutrir esperanças de seu consentimento, por fim. Ela era bastante diferente deles, extremamente distanciada de seus gostos, para que ambos encontrassem prazer em sua companhia ou na perspectiva de sua continuidade, mas dava-lhes prazer vê-la conciliadora e bondosa. Mesmo uma vez, Adrian se aventurou a propor que ela me recebesse. Ela recusou com um sorriso, lembrando-o que, no presente, sua irmã havia lhe prometido ser paciente.

Um dia, depois de se passar quase um mês, Adrian recebeu uma carta de um amigo de Londres,

requisitando sua presença imediata para tratar de um importante negócio. Conscientemente, Adrian não temeu ser enganado. Eu o conduzi até Staines: ele estava feliz; e, já que eu não poderia ver Idris durante sua ausência, ele prometeu um retorno rápido. Sua alegria, que era extrema, tinha o estranho efeito de me despertar sentimentos contrários; um mau pressentimento se me apoderou; durante minha volta, detinha-me sem razão; contava as horas que deveriam se passar até ver Idris novamente. Por que devia ser assim? Que infortúnio poderia acontecer neste entretempo? Não poderia sua mãe se aproveitar da ausência de Adrian para implorar além do seu sofrimento, até mesmo prender-lhe em armadilha? Decidi, contra todos os riscos, ver e conversar com ela no dia seguinte. Essa determinação me aliviou. Amanhã, mais amada e querida, esperança e alegria de minha vida, amanhã eu vê-la-ei – Tolo, sonhar de um atraso do momento!

Fui descansar. Depois da meia-noite, fui despertado por violentas batidas na minha porta. Era inverno; havia nevado e a neve ainda caía; o vento assobiava pelas árvores nuas, despojando-as dos flocos brancos enquanto caíam; seu lamento triste, assim como a contínua batida, misturou-se com selvageria em meus sonhos – até que, por fim, despertei; rapidamente me vestindo, corri para descobrir a causa da minha perturbação e para abrir a porta ao visitante inesperado. Pálida como a neve que caía sobre ela, com as mãos torcidas, Idris estava diante de mim. “Salve-me”, ela exclamou, e teria caído ao chão se não a tivesse segurado. Em um momento, porém, ela se recuperou e com energia, quase violência, rogou que eu selasse os cavalos para levá-la de lá, para Londres – para seu irmão – ao menos para salvá-la. Eu não tinha cavalos – ela apertou suas mãos. “O que posso fazer?” ela exclamou, “estou perdida – nós dois estamos para sempre

perdidos! Mas venha – venha comigo, Lionel; não posso permanecer aqui – podemos obter uma carruagem no próximo posto; talvez ainda tenhamos tempo! Venha, Oh, venha comigo para me salvar e proteger!”

Quando ouvi seus pedidos piedosos, embora vestido desordenadamente, descabelado e com uma péssima aparência, ela apertou suas mãos – a ideia me acometeu, estaria ela louca? – “Doçura”, e eu a trouxe para meu peito, “melhor repousar do que vaguear; - descanse – minha amada, acenderei o fogo – você está congelada.”

“Descansar!”, ela exclamou, “repousar! Você delira, Lionel! Se nos demorarmos, estaremos perdidos; venha, eu lhe imploro, a menos que nunca mais queira me ver.”

Que Idris, nascida como uma princesa, cuidada sob luxo e riqueza, tenha vindo, pela tempestuosa noite de inverno, de seu lar real e, parando em minha humilde porta, evocava-me a voar com ela por entre a escuridão e a tormenta – era seguramente um sonho – mais uma vez seu tom lamentoso e a visão de sua amabilidade asseguraram-me que não era um delírio. Olhando timidamente ao redor, como se temesse ser escutada, ela sussurrou: “eu descobri – amanhã – ou seja, hoje – já veio o novo dia – antes da aurora, estrangeiros, austríacos, mercenários da minha mãe, deverão me levar para a Alemanha, para a prisão, para o casamento – para qualquer coisa, menos para você e meu irmão – leve-me daqui, ou logo chegarão!”

Eu estava assustado com sua veemência e imaginei algum engano em sua história incoerente; mas já não mais hesitei em obedecê-la. Ela tinha vindo por si mesma do Castelo, três longas milhas, à meia-noite, por entre a forte nevasca; deveríamos chegar a Englefield Green, uma milha e meia adiante, antes de conseguir uma carruagem. Ela me disse que havia mantido sua força e sua coragem até chegar à minha cabana e, então, ambas tinham se exaurido. Agora, ela mal podia

caminhar. Ajudando-a como eu podia, ainda ela mancava: e, em meia milha, depois de muitas interrupções, trêmulas convulsões e quase desmaios, ela caiu de meu braço na neve e com uma torrente de lágrimas declarou que ela deveria ser levada, pois não poderia prosseguir. Ergui-a em meus braços; sua leve forma repousou em meu peito. – Eu não sentia o peso, exceto aquele das emoções contrárias e em luta. Um prazer extravasou sobre mim. Novamente seus membros congelados tocaram-me como um torpedo; e eu me eriçava em simpatia com sua dor e seu temor. Sua cabeça caía sobre meu ombro, sua respiração balançava meu cabelo, seu coração batia em compasso com o meu, a emoção me fez tremer, cegou-me, aniquilou-me – até que um espasmo contido, irrompendo seus lábios, o tremor de seus dentes, que em vão ela tentava conter e todos os sinais de sofrimento que ela emitia, trouxe-me de volta à necessidade de rapidez e socorro. Por fim, lhe disse: “Chegamos a Englefield Green, aqui está o chalé. Mas, se você for vista nestas estranhas circunstâncias, querida Idris, mesmo agora seus inimigos saberão de sua fuga muito cedo; não seria melhor que eu alugasse a carruagem sozinho? Vou colocar-lhe em segurança enquanto isso e voltarei para lhe resgatar imediatamente.”

Ela respondeu que eu estava certo e poderia proceder como planejara. Observei a porta de uma pequena edícula próxima ao hotel. Eu abri-a; e, com um pouco de feno, formei uma cama, colocando seu corpo exausto sobre ela e cobrindo-a com meu paletó. Temi deixá-la, ela parecia tão fraca e esmorecida – mas em um momento ganhou ânimo, e, com isso, medo; e outra vez implorou para que eu não me demorasse. Chamar o pessoal do chalé, obter um transporte e cavalos, mesmo que eu os selasse, era trabalho para muitos minutos; cada um carregando o peso de eras. Avancei a

carruagem um pouco, esperei que as pessoas que estavam no hotel se retirassem e, então, pedi ao ajudante que levasse a carruagem ao lugar onde Idris, impaciente e agora um pouco mais recomposta, estava me esperando. Ergui-a para dentro da carruagem; assegurei-a de que nossos quatro cavalos nos levariam até Londres antes das cinco horas, a hora em que ela deveria ser buscada e desaparecida. Implorei-a para que se acalmasse; uma bondosa chuva de lágrimas aliviou-a e, aos poucos, contou-me sua história de medo e perigo.

Na mesma noite em que Adrian partiu, sua mãe havia candidamente discutido com ela sobre seu relacionamento comigo. Cada motivo, cada ameaça, cada sarcasmo afiado era entoado em vão. Ela parecia considerar que, por minha causa, ela havia perdido Raymond; eu era a má influência de sua vida; fui até mesmo acusado de aumentar e confirmar a loucura e de ser base da abjuração de Adrian de todas as visões de progresso e grandeza; e, agora, esse miserável montanhês estava para roubar sua filha. Nunca, Idris contou, a irada dama se dignou a recorrer à gentileza e à persuasão; se tivesse, a tarefa de resistir teria sido intensamente dolorosa. Como era, a natureza generosa da doce jovem era compelida à defesa e se aliar à minha causa desprezada. Sua mãe terminou com um olhar de desdém e secreto triunfo, que por algum momento despertou as suspeitas de Idris. Quando partiram para se recolher, a Condessa disse, “Amanhã, estou certa de que seu destino irá mudar: esteja disposta; eu lhe deixei agitada; descanse; e lhe enviarei um remédio que sempre tomo quando não consigo dormir – ele lhe proporcionará uma noite tranquila.”

Quando ela, com maus presságios, encostou seu belo rosto no travesseiro, a ama de sua mãe trouxe uma dose; a suspeita atravessou-lhe por conta desse novo procedimento, suficientemente alarmando-a para que se

determinasse a não beber da poção; mas apesar da decisão e com um desejo de descobrir se havia algum fundamento em suas hipóteses, ela disse, resolveu, quase que instintivamente e em contradição à sua habitual honestidade, fingir que tomava o remédio. Então, agitada como estava pela violência de sua mãe e pelo medo que ela não estava acostumada a sentir, ela se deitou sem poder dormir, assustando-se com cada ruído. Logo sua porta abriu-se com suavidade e, por ela ter se movido abruptamente, escutou um sussurro, “Ainda não dormiu” e a porta voltou a se fechar. Com o coração em disparada, ela aguardou nova visita e quando, depois de um intervalo, sua câmara foi outra vez invadida, tendo primeiro se assegurado de que os invasores eram sua mãe e uma empregada, ela se comportou como se estivesse aferrada no sono. Um passo se aproximou de sua cama, ela não ousou se mexer, lutou para acalmar suas palpitações, que se tornaram mais violentas, quando ouviu sua mãe murmurar, “Tolinha, nem faz ideia de que seu jogo já terminou para sempre”.

Por um momento, a jovem apreciou que sua mãe acreditara que tivesse bebido da poção; ela estava a ponto de se levantar; quando a Condessa, já longe da cama, disse em voz baixa à sua companheira e novamente Idris escutou-a: “Rápido”, ela disse, “não há tempo a perder – já se passa das onze; estarão aqui às cinco; leve apenas as roupas necessárias para a jornada e sua caixa de joias.” A empregada obedeceu; poucas palavras foram trocadas entre elas; mas estas eram capturadas com avidez pela pretensa vítima. Ela ouviu o nome de sua própria ama; - “Não, não”, replicou sua mãe, “ela não irá conosco; Lady Idris deverá esquecer a Inglaterra e tudo o que pertence a esse lugar.” E novamente ouviu, “Ela dormirá até tarde amanhã, quando já deveremos estar em alto mar.” - - “Tudo está pronto”, por fim a mulher anunciou. A Condessa então

voltou para o lado da cama de sua filha: “Na Áustria, pelo menos”, ela disse, “você obedecerá. Na Áustria, onde a obediência pode ser imposta e não resta escolha, a não ser entre uma honrosa prisão e um casamento perfeito.”

As duas, então, deixaram o recinto; embora, ao sair, a Condessa disse: “Calmo; tudo dorme; embora nem tudo esteja pronto para dormir, como ela. Eu não suspeitaria de ninguém ou ela teria sido impelida a resistir e, talvez, a escapar. Venha comigo para meu quarto; lá permaneceremos até chegar a hora combinada.” Saíram. Idris, em pânico, mas animada e fortalecida mesmo pelo seu excessivo medo, vestiu-se apressadamente e, descendo um lance de escadas, evitando a aproximação do aposento de sua mãe, conseguiu fugir do castelo por uma janela baixa e veio pela neve, vento e escuridão até minha cabana; não perdera sua coragem, até que chegasse e, depositando seu destino em minhas mãos, esvaiu-se no desespero e no cansaço que a consumiam.

Eu a confortei o melhor que pude. A alegria e a exultação eram minhas, por tê-la e por salvá-la. Para não lhe excitar a agitação daquela noite, “per non turbar quel bel viso sereno”{25}, contive meu prazer. Lutei para acalmar a ansiosa dança de meu coração; eu desviava meu olhar dela, irradiando tanta ternura e, orgulhosamente, para a noite escura e ao ar inclemente, murmurava as expressões de minha emoção. Chegamos a Londres muito cedo, me pareceu; e, ainda assim, eu não poderia me arrepender de nossa rápida chegada, quando testemunhei o êxtase no qual minha jovem amada se encontrou nos braços de seu irmão, segura de todo o mal sob sua inocente proteção.

Adrian escreveu uma curta mensagem para sua mãe, informando-a de que Idris estava sob seu cuidado e guarda. Muitos dias se passaram e, por fim, uma resposta veio, de Colônia. “Era inútil”, a arrogante e

desapontada dama escreveu, “para o Conde de Windsor e sua irmã se dirigirem novamente à injuriada mãe, cuja única esperança de tranquilidade deveria ser derivada do esquecimento de sua existência. Seus desejos foram esmagados, seus planos, derrotados. Ela não reclamava; na corte de seu irmão, ela encontraria não a compensação pela sua desobediência (pois a maldade filial não admitia nenhuma), mas sim um estado de coisas e um modo de vida que a reconciliariam com seu destino. Sob tais circunstâncias, ela efetivamente declinava quaisquer correspondência com eles.”

Tais foram os estranhos e inacreditáveis acontecimentos que, finalmente, selaram minha união com a irmã de meu melhor amigo, com minha adorada Idris. Com simplicidade e coragem, ela pôs de lado o preconceito e a oposição que eram obstáculos à minha felicidade, nem tivera relutado em dar a sua mão a quem tinha dado seu coração. Compensá-la, erguer-me a mim mesmo à sua altura por meio do empenho do talento e da virtude, retribuir seu amor com ternura devota e incansável eram as únicas graças que eu poderia oferecer a este incomparável presente.

CAPÍTULO VII

E agora deixo que o leitor, passando por um curto período, seja apresentado ao nosso feliz círculo. Adrian, Idris e eu estávamos estabelecidos no Castelo de Windsor; Lordee Raymond e minha irmã moravam em uma casa no limite de Great Park, próximo à cabana de Perdita, como era ainda chamada a residência de teto baixo onde nós dois, pobres até de esperança, tínhamos recebido, cada um, a garantia de nossa felicidade. Tínhamos ocupações separadas e entretenimento comum. Às vezes, passávamos dias inteiros sob a frondosa cobertura da floresta, com nossos livros e música. Isso quando, nos raros dias em que, neste país, o sol montava seu etéreo trono em límpida majestade e o ar imóvel era como um banho de águas cristalinas e agradecidas, envolvendo os sentidos em tranquilidade. Quando as nuvens cobriam o céu e o vento as dispersava aqui e acolá, rasgando seu tecido e dispersando seus fragmentos por entre as aéreas planícies – então nos levantávamos e buscávamos outros lugares de beleza e repouso. Quando as frequentes chuvas nos encerravam atrás de portas, a recreação da tarde se seguia ao estudo matutino, conduzida por música e canto. Idris tinha um talento musical natural; e sua voz, que foi cuidadosamente cultivada, era intensa e doce. Raymond e eu fazíamos parte do concerto, e Adrian e Perdita eram ouvintes devotos. Éramos, então, alegres como os insetos do verão, brincalhões como crianças; sempre nos encontrávamos com sorrisos e líamos contentamento e prazer nas feições de cada um.

Nossos principais festivais ocorriam na cabana de Perdita; e nem nos cansávamos de falar sobre o passado ou sonhar sobre o futuro. O ciúme e a inquietação eram desconhecidos entre nós; nem o medo ou esperança de mudança perturbavam nossa tranquilidade. Os outros diziam – Nós podemos ser felizes – nós dizíamos – Nós somos.

Quando nos separávamos, geralmente Idris e Perdita iam passear juntas e nós ficávamos a discutir as relações internacionais e a filosofia da vida. A própria diferença do nosso temperamento dava gosto a essas discussões. Adrian tinha a superioridade no aprendizado e na eloquência; mas Raymond possuía uma rápida penetração e um conhecimento prático da vida, que frequentemente o punha em oposição à Adrian e, assim, mantinha a discussão viva. Em outras ocasiões, fazíamos excursões de muitos dias e cruzávamos o país para visitar lugares famosos por sua beleza e associação histórica. Às vezes íamos para Londres e participávamos das diversões da ocupada multidão; às vezes, nosso retiro era invadido por visitantes oriundos de lá. Essa mudança tornou-nos mais sensíveis às delícias do íntimo relacionamento de nosso círculo, da tranquilidade de nossa floresta e das felizes noites nas dependências de nosso amado Castelo.

O temperamento de Idris era peculiarmente franco, meigo e afetuoso. Sua índole era sempre doce; e embora firme e resoluta sobre qualquer tema que tocasse seu coração, ela cedia para aqueles que amava. A natureza de Perdita era menos perfeita; mas a ternura e a felicidade aperfeiçoaram seu caráter e amenizaram sua natural reserva. Sua compreensão era clara e abrangente, sua imaginação, vívida; ela era sincera, graciosa e sensata. Adrian, o incomparável irmão de minha alma, o sensível e excelente Adrian, amando a todos e amado por todos, ainda parecia não encontrar

sua outra metade, o que deveria completar sua felicidade. Muitas vezes ele nos deixava e vagueava sozinho pela floresta, ou navegava em seu pequeno bote, apenas tendo seus livros como companheiros. Frequentemente ele era o mais alegre de nós e, ao mesmo tempo, era o único visitado por acessos de pessimismo; sua estrutura magra e elegante parecia sobrecarregada pelo peso da vida, e sua alma dava a impressão de estar mais propensa a habitar seu corpo do que uni-lo. Eu era pouco mais devotado a Idris do que a seu irmão e ela o amava como seu professor, seu amigo, seu benfeitor, que havia lhe assegurado a satisfação de seus mais queridos desejos. Raymond, o ambicioso, o incansável Raymond, estava posicionado no meio da grande estrada da vida e se contentava em nos detalhar todos os seus planos de soberania e fama, para fazer de cada um nós as flores de seu campo. Seu reino era o coração de Perdita, seus temas eram os seus pensamentos; ela o amava, o respeitava como um ser superior, obedecido e servido. Nenhum trabalho, nem devoção, nem observação lhe causava problemas, contanto que fosse relacionado a ele. Ela se distanciava de nós e o observava; emocionava-se com alegria ao pensar que ele era dela. Ela construíra um templo para ele no profundo do seu ser e cada faculdade era uma pastora devotada ao seu serviço. Às vezes, ela podia ser imprevisível e caprichosa; mas seu arrependimento era amargo, seu retorno, integral, e mesmo esta desigualdade de temperamento era conveniente a Raymond, que não dispunha da natureza para flutuar ociosamente pela corrente da vida.

Durante o primeiro ano de seu casamento, Perdita deu a Raymond uma garota adorável. Era curioso identificar nesse modelo em miniatura as características idênticas de seu pai. Os mesmos lábios em parte desdenhosos e o sorriso de triunfo, os mesmos olhos inteligentes, a

mesma feição e os cabelos castanhos; suas próprias mãos e dedos afilados lembravam os dele. Como ela era querida à Perdita! Com o passar do tempo, também tornei-me pai e nossas pequenas queridas, nossos brinquedos e deleites, convocaram mil novas e deliciosas sensações.

Assim os anos se passaram, - mesmos anos. Cada mês trazia seu sucessor, cada novo ano igual ao que passara; na verdade, nossas vidas eram um comentário vivo sobre o belo sentimento de Plutarco, que “nossas almas têm uma inclinação natural para o amor, tendo nascidas do amor, como também do sentir, da razão, da compreensão e da lembrança”. Falávamos da mudança e de objetivos ativos, mas ainda permanecíamos em Windsor, incapazes de violar o encanto que nos mantinha em nossa vida reclusa.

Pareamo aver qui tutto il ben raccolto

Che fra mortali in piu parte si rimembra.[{26}]

Agora que também tínhamos de cuidar das crianças, encontrávamos desculpas para o nosso ócio, com a ideia de prepará-los para uma carreira mais esplêndida. Por fim, nossa tranquilidade foi perturbada e o curso dos eventos, que por cinco anos fluíram em rápida calmaria, foi interrompido por barreiras e obstáculos, que nos despertaram de nosso prazeroso sonho.

Um novo Lordeee Protetor da Inglaterra estava para ser escolhido; e, atendendo a um pedido de Raymond, nos mudamos para Londres, para testemunhar e mesmo participar da eleição. Se Raymond tivesse se unido a Idris, tal cargo teria sido sua mola propulsora para superior dignidade; e seu desejo por poder e fama teria sido coroado integralmente. Ele havia trocado seu cetro por um alaúde, um reino por Perdita.

Ele pensava nisso enquanto viajávamos para a cidade? Eu o observava, mas não podia captar muito de seu espírito. Ele estava particularmente alegre, brincando com sua filha e virava-se para entreter-se com qualquer palavra que fosse enunciada. Talvez ele assim o fizesse por ter notado a preocupada feição de Perdita. Ela tentou se animar, mas seus olhos quase sempre estavam cheios de lágrimas e ela olhava sem esperança para Raymond e a garota, como se temerosa de que algum mal pudesse ocorrer a eles. E assim ela se sentia. Um mau pressentimento se lhe apoderou. Ela se apoiava na janela olhando para a floresta e as torretes do Castelo e, como estas se escondiam atrás de objetos da paisagem, ela apaixonadamente exclamou – “Cenário de felicidade!; cenário consagrado ao amor devoto, quando o verei novamente! E, quando o vir, espero ser a amada e alegre Perdita, ou eu, magoada e perdida, vaguearei entre seus bosques, o espírito do que sou!”

“Por que, tolinha”, disse Raymond, “o que está ponderando em sua pequena cabeça que de repente tornou-a tão sublimemente triste? Alegre-se ou a transferirei para a carruagem de Idris e chamarei Adrian para cá que, por seus gestos, está em linha com meus bons espíritos.”

Adrian cavalgava; ele subiu na carruagem e sua alegria, somando-se à de Raymond, afastou a melancolia de minha irmã. Chegamos a Londres à noite e fomos para nossas várias residências próximas ao Hyde Park.

Na manhã seguinte, Lordee Raymond me visitou logo cedo. “Venho até você”, ele disse, “apenas em parte certo de que me ajudará em meu projeto, mas resolvido a seguir adiante, você concordando ou não. Prometa-me guardar segredo, porém; caso você não queira contribuir para o meu sucesso, pelo menos não irá me desacreditar.”

“Bem, eu prometo. E agora…”

“E agora, meu caro amigo, por que estamos em Londres? Para estar presente à eleição de um Protetor e para dar um sim ou um não à sua astuta Graça de...? Ou para aquele barulhento Ryland? Você acredita, Verney, que eu trouxe-o aqui para isso? Não, teremos um Protetor nós mesmos. Proporemos um candidato e asseguraremos seu sucesso. Indicaremos Adrian e faremos o nosso melhor para investir nele o poder ao qual lhe é de direito por nascimento e o qual ele merece por suas virtudes.

“Não responda; já sei suas objeções e derrubá-las-ei pela ordem. Primeiro, se ele aceitará ou não se tornar um grande homem? Deixe a tarefa da persuasão a esse respeito comigo; não peço que me ajude com isso. Segundo, se ele trocará sua ocupação de colher amoras e de cuidar de perdizes feridas na floresta pelo comando de uma nação? Meu caro Lionel, *somos* casados e temos ocupações suficientes em entreter nossas esposas e em dançar com nossos filhos. Mas Adrian está sozinho, sem esposa, sem filhos, desocupado. Tenho observado-o há muito tempo. Ele anseia por algo de algum interesse na vida. Seu coração, exausto de antigos sofrimentos, repousa como um membro recém-curado e recolhe-se de qualquer excitação. Mas sua compreensão, sua caridade e suas virtudes desejam um campo para se exercitar e se exibir; e nós iremos encontrá-lo para ele. Além disso, não é uma pena que o gênio de Adrian se esvaia da terra como uma flor em um caminho nunca percorrido em uma montanha, sem frutificar? Você acha que a Natureza compôs sua insuperável máquina para nada? Acredite-me, ele foi destinado a ser o autor de infinita bondade para com a sua nativa Inglaterra. Não teria ela investido nele todo o dom em prodigalidade? – berço, riqueza, talento, bondade? Todos não o amam e o admiram? E ele não se delicia sozinho em tais demonstrações, assim como manifesta seu amor por

todos? Venha, eu vejo que você já está convencido e me ajudará quando o propuser no parlamento."

"Você dispôs seus argumentos em perfeita ordem", repliquei; "e, se Adrian consentir, eles serão irretorquíveis. Apenas uma única condição eu faria -, que você não faça nada sem sua concordância."

"Eu acredito que você está certo", disse Raymond; "embora eu tenha pensado a princípio em arrumar tal negócio diferentemente. Mas que seja assim. Verei imediatamente Adrian; e, se ele inclinar-se a aceitar, você não destruirá meu trabalho persuadindo-o a voltar atrás e tornar-se esquilo novamente na Floresta de Windsor. Idris, você não me trairá?"

"Creia-me", ela replicou, "preservarei a mais estrita neutralidade."

"De minha parte", eu disse, "estou bem convencido do valor de meu amigo e da rica safra de benefícios que toda a Inglaterra colheria de seu Protetorado para privar-lhes de tal bênção, se ele consentir em ser investi-lo no povo."

À noite, Adrian nos visitou. – "Você também está cabalando contra mim", ele disse, rindo; "e se unirá a Raymond, puxando um pobre visionário das nuvens para cercá-lo com os fogos de artifício e estouros de grandeza terrena, ao invés dos raios e ares celestiais? Pensei que você me conhecia melhor."

"E conheço-o", repliquei, "para saber que você não seria feliz em tal situação; mas o bem que você faria aos outros pode ser um convencimento, já que provavelmente chegou a hora de colocar suas teorias em prática e poderá trazer tantas mudanças e reformas que conduzirão ao perfeito sistema de governo que tem tanto prazer em detalhar."

"Você fala de um sonho quase esquecido", disse Adrian, suas feições encobrindo-se levemente enquanto ele falava; "as visões de minha adolescência há muito tempo

esvaíram-se na luz da realidade; eu sei agora que não sou um homem feito para governar nações; o pequeno reino de minha mortalidade já me será suficiente se o mantiver em total governo.

"Mas não pense, Lionel, que nosso nobre amigo está à deriva; uma deriva, talvez, desconhecida para si, porém aparente para mim. Lordee Raymond não nasceu para ser mais um e para gozar de uma vida pastoral. Ele pensa que deve ser satisfeito; ele imagina que sua situação atual elimina a possibilidade de engrandecimento; porém, ele não planeja, mesmo em seu coração, mudar. Mas você não vê que, sob a ideia de me exaltar, ele está desenhando um novo caminho para si mesmo; um caminho de ação sobre o qual ele por muito tempo tem divagado?

"Vamos ajudá-lo. Ele, o nobre, o guerreiro, o maior em qualquer qualidade que possa adornar a mente e a pessoa de um homem; ele é o indicado para ser o Protetor da Inglaterra. Se *eu* – quer dizer, se *nós* propusermos seu nome, ele seguramente será eleito e encontrará, nas funções deste alto cargo, escopo para os poderes superiores de sua mente. Mesmo Perdita apreciará. Perdita, em quem a ambição tem um fogo oculto até que ela se casou com Raymond, cujo evento foi, por um tempo, a realização de suas esperanças; Perdita se regozijará na glória e no progresso de seu senhor – e, tímida e elegantemente, não ficará descontente com seu quinhão. Nesse entretempo, nós, os sábios da terra, regressaremos ao nosso Castelo e, como Cincinato{27}, retomaremos nossos trabalhos habituais até que nosso amigo requeira nossa presença e ajuda lá."

Quanto mais Adrian elaborava seu plano, mais sentido ele fazia. Sua própria determinação de nunca entrar na vida pública era insuperável e o estado delicado de sua saúde era um argumento suficiente contra isso. O

próximo passo seria induzir Raymond a confessar seus desejos secretos por dignidade e fama. Ele entrou enquanto falávamos. O modo como Adrian recebera seu projeto para indicá-lo candidato ao Protetorado e suas réplicas, já haviam despertado em sua mente a visão do tema que estávamos agora discutindo. Sua feição e suas maneiras traíram a indecisão e a ansiedade; mas a ansiedade irrompeu do medo de que nós não devêssemos executar ou que não teríamos êxito em nossa ideia; e sua indecisão, da dúvida se ele deveria arriscar ser derrotado. Nossas poucas palavras conduziram-no à decisão e a esperança e a alegria faiscaram em seus olhos; a ideia de embarcar em uma carreira tão apropriada aos seus tenros hábitos e queridos desejos fizeram-no energético e firme como antes. Discutimos suas chances, os méritos dos outros candidatos e o temperamento dos eleitores.

Depois de tudo, nossos cálculos estavam errados. Raymond perdera muito de sua popularidade e seus partidários haviam desertado. A ausência do palco principal fez-lhe ser esquecido pelo povo; seus antigos apoiadores do parlamento eram principalmente compostos por monarquistas que queriam fazer dele um ídolo quando surgiu como o herdeiro do Condado de Windsor; mas lhe eram indiferentes quando ele avançou com outros atributos e distinções que eles entendiam ser comuns a muitos entre eles. Ele ainda tinha muitos amigos, admiradores de seus grandes talentos; sua presença na casa, sua eloquência, seu discurso e sua imponente beleza foram calculados para produzir um efeito elétrico. Adrian também, apesar de seus hábitos reclusos e de suas teorias, tão adversas ao espírito das pessoas, tinha muitos amigos e eles foram facilmente convencidos a votar no candidato de sua escolha.

O Duque de ... e o Sr. Ryland, o velho antagonista de Lordee Raymond, eram os outros candidatos. O Duque

era apoiado por todos os aristocratas da República, que o consideravam seu representante mais adequado. Ryland era o candidato popular; quando Lordee Raymond foi adicionado à lista, suas chances de vitória pareciam pequenas. Deixamos o debate que se seguiu à sua indicação; nós, que o indicamos, mortificados; ele, desencorajado ao excesso. Perdita nos reprovou amargamente. Suas expectativas tinham sido fortemente excitadas; ela não havia alegado nada contra nosso projeto, pelo contrário, ela estava evidentemente feliz por ele; mas o iminente fracasso mudou o curso de suas ideias. Ela sentia que, uma vez instigado, Raymond nunca voltaria recuperado para Windsor. Seus hábitos estavam desequilibrados; sua mente irrequieta liberta de seu sono, a ambição agora deveria ser sua companheira para o resto da vida; e, se ele falhasse em sua tentativa atual, ela previa que a infelicidade e o descontentamento sem cura seguir-se-iam. Talvez o próprio desapontamento de Perdita adicionou um ferrão aos seus pensamentos e às suas palavras; ela não nos poupara e nossas próprias reflexões somaram-se à nossa inquietude.

Era necessário acompanhar a indicação e persuadir Raymond a apresentar-se perante os eleitores na noite seguinte. Por muito tempo, ele foi um obstinado. Ele embarcaria em um balão; navegaria para os distantes quadrantes do mundo, onde seu nome e sua humilhação eram desconhecidas. Mas era inútil; sua tentativa estava registrada; seu propósito publicado para o mundo; sua vergonha nunca poderia ser apagada da memória dos homens. Era como falhar ao fim de uma batalha, assim como voar agora no começo de sua empresa.

A partir do momento em que ele aceitou a ideia, ele se transformara. Sua depressão e ansiedade fugiram; ele se tornou viçoso e ativo. O sorriso do triunfo brilhou em sua feição; determinado a perseguir seu fim até o extremo,

sua maneira e expressão pareciam pressagiar o logro de seus desejos. Mas Perdita, nem tanto. Ela estava assustada pela sua alegria, pois temia uma convulsão maior ao final. Se sua aparência nos inspirava esperança, ela apenas fazia o estado da mente de Perdita ainda mais doloroso. Ela temia perdê-lo de vista; ainda ela receava comentar cada mudança no temperamento de sua mente. Ela ouvia-o ansiosamente, ainda que se iludisse ao dar às palavras de Raymond um sentido alheio à sua verdadeira interpretação e adverso às suas esperanças. Ela não ousava estar presente à eleição; ainda que, em casa, ela fosse uma presa à dupla solidão. Ela chorava sobre sua pequena filha; ela olhava e falava como se amedrontada pela possibilidade de alguma calamidade assustadora. Ela estava em parte louca pelos efeitos da agitação descontrolada.

Lordee Raymond apresentou-se à casa com destemida confiança e uma fala insinuante. Depois que o Duque de... e o Sr. Ryland terminaram seus discursos, ele começou. Seguramente ele não havia decorado sua lição; e, no início, ele hesitava, pausando em suas ideias e nas escolhas das expressões. Aos poucos, ele aqueceu-se; suas palavras fluíam com facilidade, sua linguagem era vigorosa e, sua voz, persuasiva. Ele mencionou sua vida passada, seus sucessos na Grécia e sua atenção ao seu país. Por que ele perderia tudo isso, agora que a experiência, a prudência e o comprometimento que seu casamento deu ao seu país deveriam aumentar, e não diminuir, seu clamor por confiança? Ele falou do estado da Inglaterra; as medidas necessárias a ser tomadas para assegurar sua segurança e confirmar sua prosperidade. Ele desenhou um quadro brilhante sobre sua situação. Conforme ele falava, cada som se aquietava, cada pensamento suspenso em profunda atenção. Sua graciosa eloquência encadeava os sentidos de seus ouvintes. Em certo nível, ele também era capaz

de reconciliar todos os partidos. Seu nascimento agradou a aristocracia; sua indicação por Adrian, um homem intimamente ligado ao partido popular, fez com que um grupo, que não confiava tanto no Duque quanto no Sr. Ryland, se dispusesse a seu lado.

A contenda foi acirrada e duvidosa. Nem Adrian nem eu mesmo estaríamos tão ansiosos se nosso próprio sucesso dependesse de nossos esforços; mas havíamos iniciado nosso amigo nessa empresa e éramos responsáveis pelo seu sucesso. Idris, que tinha a mais alta opinião sobre suas habilidades, estava vivamente interessada no evento: e minha pobre irmã, que não ousava ter esperanças e para quem o medo era sua miséria, estava afundada em uma febre de inquietude.

Dia após dia passavam-se enquanto discutíamos nossos projetos para a noite e cada noite era ocupada com debates que não chegavam à nenhuma conclusão. Por fim, a crise veio: a noite em que o parlamento, que por tanto tempo havia atrasado sua escolha, deveria decidir: quando se passou da meia-noite e o novo dia começou, fora dissolvido pela força da constituição, seu poder extinto.

Reunimo-nos na casa de Raymond, nós e seus partidários. Às cinco e meia rumamos para o Parlamento. Idris tentava acalmar Perdita; mas a agitação da pobre jovem privava-a do poder de autocontrole. Ela caminhava pela sala, - olhando com ferocidade quando alguém entrava, desconfiando de que poderia ser o porta-voz de sua maldição. Devo fazer justiça à minha doce irmã: não era por ela que assim agonizava. Apenas ela sabia a importância que Raymond dava ao seu êxito. Mesmo para nós ele assumia um ar alegre e esperançoso, e fingia tão bem, que não adivinhamos as secretas maquinações de sua mente. Às vezes, um nervoso tremor, uma aguda dissonância de sua voz e momentâneos acessos de ausência revelavam

à Perdita a violência com que se afligia; mas nós, concentrados em nossos planos, observávamos apenas sua pronta risada, suas piadas inseridas em todas as ocasiões, o fluxo de seus espíritos que pareciam incapazes de diminuir. Além disso, Perdita estava com ele em seu retiro; ela via a introspecção que se seguia às suas graças forçadas; ela notava seu sono conturbado, sua dolorosa irritabilidade – uma vez, viu-o chorar – que interrompeu a dela própria, desde que vira as abundantes lágrimas que o orgulho ferido fizera com que se reunissem em seus olhos, mas que o orgulho era incapaz de ocultar. Que maravilha, então, que os sentimentos dela fossem levados a este nível! Eu me responsabilizei por sua agitação; mas isso não era tudo e a sequência revelou outra desculpa.

Tomamos um momento antes de partir para nos despedir de nossas amadas jovens. Eu tinha uma pequena esperança de sucesso e pedi à Idris que se comprometesse a cuidar de minha irmã. Enquanto abordava esta última, ela agarrou minha mão e levou-me a um outro cômodo; jogou-se em meus braços, chorando e soluçando amargamente por muito tempo. Tentei acalmá-la; pedi esperança; perguntei quais consequências tremendas se seguiriam caso falhássemos. “Meu irmão”, ela exclamou, “protetor de minha infância, querido, mais querido Lionel, meu destino pendura-se em uma ameaça. Vocês são tudo o que tenho – você, o companheiro de minha infância; Adrian, tão caro a mim quanto se tivéssemos ligação de sangue; Idris, a irmã de meu coração e sua linda filha. Esta, Oh, esta pode ser a última vez que vocês estarão ao meu redor!”

Ela parou abruptamente e então gritou: “O que eu disse? – tola e falsa garota, eu!” Ela me olhou com fúria e, então, subitamente acalmou-se, desculpando-se pelo o que ela chamou de palavras sem sentido, dizendo que

ela estava louca, sem dúvida, pois, enquanto Raymond vivesse, ela seria feliz; e, embora ainda chorasse, ela permitiu-me ir com tranquilidade. Raymond apenas pegou sua mão quando ele entrou e olhou-a expressivamente; ela respondeu com um olhar de inteligência e positividade.

Pobre jovem! Quanto ela sofreu, então! Nunca poderia perdoar Raymond inteiramente pelos julgamentos que ele impôs a ela, ocasionados por um sentimento egoísta de sua parte. Ele havia planejado, se falhasse em sua tentativa, de embarcar para a Grécia sem despedir-se de nós e nunca mais voltar à Inglaterra. Perdita cedera aos seus desejos; pois o contentamento de seu marido era o principal objeto de sua vida, a coroa de sua alegria; mas deixar a todos nós, seus companheiros, os amados parceiros de seus anos mais felizes e, neste ínterim, ocultar sua temerosa determinação, era uma tarefa que quase conquistou o poder da sua mente. Ela ocupou-se em providenciar sua partida; prometera a Raymond que durante esta noite decisiva, aproveitar-se de nossa ausência para cumprir um estágio de sua viagem, e ele, depois que sua derrota se confirmasse, fugiria de nós e se juntaria a ela.

Embora, quando fui informado desse plano, eu estivesse amargamente ofendido pela pouca significância que Raymond dava aos sentimentos de minha irmã, fui levado pela reflexão a considerar que ele agira sob a força de tamanha intensa excitação, que perdeu a consciência e, consequentemente, a culpa pelo erro. Se nos tivesse permitido testemunhar sua agitação, ele estaria mais sujeito a ser guiado pela razão; mas suas conflitos para exibir compostura agiram com tal intensidade sobre seus nervos que destruíram seu poder de autocontrole. Estou convencido de que, no pior dos casos, ele teria retornado do litoral para se despedir de nós e fazer-nos parte de sua comitiva; mas a tarefa

imposta à Perdita não foi a menos dolorosa. Ele havia exigido dela uma promessa de segredo; e o papel dela no drama, já que teria de ser executado sozinho, era o mais agonizante que se poderia conceber. Mas voltemos à nossa narrativa.

Os debates haviam sido, até então, longos e exaltados; às vezes, prolongavam-se apenas para atrasar ainda mais a decisão. Mas agora pareciam amedrontados de que o momento fatal passasse, enquanto a escolha ainda não fora feita. Um silêncio nada habitual reinou no parlamento, os membros sussurravam e os negócios corriqueiros eram tratados céleres e caladamente. Durante o primeiro estágio da eleição, o Duque de... fora eliminado; a questão, portanto, ficava entre Lordee Raymond e o Sr. Ryland. O último sentia-se seguro da vitória até que surgira Raymond; e, desde que seu nome fora colocado como candidato, ele investigara com ansiedade. Aparecia todas as noites, a impaciência e a raiva marcavam sua aparência, lançando um olhar mal-humorado desde o lado oposto de St. Stephen, como se sua mera reprovação pudesse eclipsar nossas esperanças.

Cada detalhe na constituição inglesa havia sido regulamentado para a melhor preservação da paz. No último dia, apenas dois candidatos poderiam permanecer; e para dispensar, se possível, a última batalha entre estes, um suborno era oferecido para quem voluntariamente desistisse de suas pretensões; um lugar de grande renda e honra lhe era dado, e seu sucesso facilitado em eleições futuras. Porém, era estranho que isso ainda não ocorrera, que nenhum candidato houvesse recorrido a esse expediente; consequentemente, a lei havia se tornado obsoleta e nem havia sido mencionada por um de nós em nossas discussões. Para nossa extrema surpresa, quando o avanço das coisas determinou que nos reuníssemos em

um comitê para eleger o Lordeee Protetor, o membro que indicara Ryland ergueu-se e informou-nos que seu candidato havia renunciado de suas pretensões. Sua informação foi primeiro recebida com silêncio; seguiu-se um confuso murmurar; e, quando o presidente declarou Lordee Raymond apropriadamente eleito, acarretou uma efusão de aplausos e vitória. Era como se, longe de qualquer temor de derrota, mesmo que se o Sr. Ryland não tivesse renunciado, cada voz estivesse unida a favor de nosso candidato. Na verdade, depois que a ideia de batalha passara, todos os corações voltaram ao seu antigo respeito e admiração pelo nosso realizado amigo. Todos sentiam que a Inglaterra nunca havia visto um Protetor tão capaz de satisfazer as árduas tarefas de tamanho alto posto. Uma voz feita de muitas ressoou pela câmara; gritava o nome de Raymond.

Ele entrou. Eu estava em uma das cadeiras mais altas e o vi caminhar pelo corredor em direção à mesa de discursos. A inata modéstia de seu temperamento conquistou a alegria pelo triunfo. Ele olhou ao redor com timidez; uma névoa parecia estar à frente de seus olhos. Adrian, que estava ao meu lado, correu para ele e, pulando os bancos, estava junto dele em um momento. Sua aparição reanimou nosso amigo; e, quando ele começou a discursar, sua hesitação desapareceu e ele brilhou supremo na majestade e na vitória. O Protetor anterior ofereceu-lhe os juramentos e presenteou-o com a insígnia do cargo, realizando as cerimônias de posse. O parlamento então dissolveu-se. Os principais membros do estado reuniram-se em torno do novo magistrado e conduziram-no até o palácio de governo. Adrian de repente desapareceu; e, quando os apoiadores de Raymond reduziram-se aos nossos amigos íntimos apenas, Idris liderou as congratulações ao seu amigo pelo êxito.

Mas onde estava Perdita? Ao assegurar sofregamente um retiro secreto em caso de derrota, Raymond esquecera de armar um esquema pelo qual ela poderia saber de seu êxito; e ela estava demasiado agitada para atinar a essa circunstância. Quando Idris entrou, há muito que desse detalhe também se esquecera Raymond, pois ele perguntou pela minha irmã; uma palavra, que lhe comunicou seu misterioso desaparecimento, o fez lembrar. Adrian, é verdade, já havia ido procurar a fugitiva, imaginando que sua indomável ansiedade a houvesse conduzido aos arredores do Parlamento e que algum evento sinistro a tivesse detido. Mas Raymond, sem explicar-se, subitamente nos deixou e, em seguida, o ouvimos galopar pela rua, apesar do vento e da chuva que espalhava a tempestade pela terra. Não sabíamos quão longe ele teria de ir e logo nos separamos, supondo que em breve ele retornaria ao palácio com Perdita e que eles não se desculpariam por nos encontrar sozinhos.

Perdita havia chegado com sua filha a Dartford, chorando inconsolável. Ela havia preparado tudo para continuar em sua viagem e, colocando sua amável filha dormindo na cama, passou várias horas em agudo sofrimento. Às vezes, ela observava a guerra dos elementos, pensando que a natureza também a declarara contra ela e ouvia o bater da chuva em profundo desespero. Às vezes, ela se apoiava sobre sua filha, identificando sua semelhança com o pai e temerosa de que, mesmo depois de algum tempo, ela demonstrasse as mesmas paixões e impulsos incontroláveis que o faziam infeliz. Novamente, com um jorro de orgulho e prazer, ela notava nas feições da pequena garota o belo sorriso idêntico que frequentemente irradiava da compleição de Raymond. A visão aliviou-a. Ela pensou no tesouro que possuía nas afeições de seu senhor; nos seus feitos, ultrapassando os

de seus contemporâneos, seu gênio, sua devoção por ela. – Logo ela pensou que tudo o que possuía no mundo, menos ele, poderia ser guardado, não, dado com prazer, apropriadamente ofertado, para assegurar o bem supremo que ela retinha nele. Logo ela imaginou que o destino exigia tal sacrifício de sua parte, como uma marca de que ela era devotada a Raymond e que deveria ser feito com felicidade. Ela imaginou-se vivendo na ilha grega que ele escolhera como retiro; sua tarefa de consolá-lo; seus cuidados com a bela Clara, seus passeios em sua companhia, a dedicação dela ao seu consolo. O quadro então se lhe apresentou em cores tão vívidas que ela temeu o contrário, uma vida de poder e magnificência em Londres; onde Raymond não seria apenas dela, nem ela a única fonte de felicidade para ele. Até agora, ao que lhe concernia, ela começou a esperar pela derrota; e era apenas sobre ele que seus sentimentos vacilavam, quando o ouviu galopar no jardim do hotel. Que ele viesse por ela sozinho, molhado pela chuva, descuidado de tudo menos da velocidade, o que isso poderia significar que senão, fugidos e solitários, eles estavam prestes a partir da nativa Inglaterra, o cenário da vergonha, e esconder-se nos bosques de murta das ilhas gregas?

Em um momento, ela estava em seus braços. O conhecimento de sua vitória estava impregnado nele, que esquecera da necessidade de contar seu êxito à sua companheira. Ela apenas sentiu em seu abraço uma querida garantia de que, enquanto ele a possuísse, ele não cairia em desespero. “Isto é bom”, ela exclamou, “isto é nobre, meu amor! Oh, não tema a desgraça ou um destino inferior, enquanto tiver sua Perdita; não tema a mágoa, enquanto sua filha viver e sorrir. Iremos para onde quiser; o amor que nos acompanha evitará os arrependimentos.”

Presa naquele abraço, ela assim falou e jogou sua cabeça para trás, procurando um assento para suas palavras em seus olhos – que ardiam em indizível prazer. “Por que, minha pequena Dama Protetora”, disse ele em tom de brincadeira, “você diz isso? E qual belo plano você teceu para o exílio e obscuridade, enquanto uma teia mais brilhante, um tecido costurado de ouro é, na verdade, o que você deve contemplar?”

Ele beijou seu rosto – mas a imprevisível garota, em parte lamentando seu triunfo, agitada por uma rápida mudança de ideia, escondeu seu rosto em seu peito e chorou. Ele confortou-a; instilou suas próprias esperanças e desejos; e logo suas feições irradiavam simpatia. Quão felizes eles foram naquela noite! Quão intensa, até extravasar, era seu sentido de alegria!

CAPÍTULO VIII

TENDO nosso amigo se instalado apropriadamente em seu novo gabinete, voltamos nossos olhos para Windsor. A sua proximidade com Londres era tanta, que eliminava a ideia de dolorosa separação, quando deixamos Raymond e Perdita. Despedimo-nos no Palácio dos Protetores. Era terrível ver minha irmã entrar como se fosse pelo espírito de um drama e agir para ocupar sua posição com condizente dignidade. Seu orgulho interno e suas humildes maneiras estavam mais do que nunca em guerra. Sua timidez não era artificial, mas nascia do medo de não ser apropriadamente aceita, aquela insignificante antecipação da rejeição do mundo, que também caracterizava Raymond. Mas, então, Perdita pensava mais frequentemente nos outros do que ele; e parte de seu embaraço originava-se do desejo de retirar, daqueles que a cercavam, um senso de inferioridade; um sentimento que nunca lhe ocorrera. Por causa das circunstâncias em que nascera e fora educada, Idris seria mais adequada para as fórmulas da cerimônia; mas a mesma praticidade que a acompanhava em tais ações, advinda do hábito, fazia-a entediada; enquanto, apesar de todas as desvantagens, Perdita claramente apreciava sua situação. Ela também estava repleta de novas ideias para sentir qualquer dor quando partimos; ela despediu-se afetuosamente e prometeu-nos visitar em breve; mas ela não se arrependia das circunstâncias que causaram nosso afastamento. Os espíritos de Raymond estavam livres; ele não sabia o que fazer com seu poder recém-conquistado; sua cabeça enchia-se de planos; porém, também de indecisão – mas ele prometeu a si mesmo,

aos seus amigos e ao mundo, que a era do seu Protetorado deveria ser simbolizada por algum ato de incomensurável glória. Assim, falávamos sobre ele e o julgávamos, enquanto, com poucas companhias, retornávamos ao Castelo de Windsor. Sentimos extremo prazer em nosso retiro da agitação política e buscamos nossa solidão com redobrado entusiasmo. Não queríamos nos ocupar de nada; mas meu ansioso temperamento agora voltava-se para o campo do exercício intelectual, apenas; e encontrei, no estudo disciplinado, remédio para atenuar a febre de espírito que, com indolência, eu deveria certamente ter enfrentado. Perdita permitira que levássemos Clara conosco, para Windsor; e ela, junto com meus dois filhos adoráveis, eram perpétuas fontes de interesse e diversão.

A única circunstância que afetava nossa paz era a saúde de Adrian. Esta claramente declinara, sem um sintoma que pudesse nos levar a suspeitar sua doença, a menos seus brilhantes olhos, aparência animada e seu rosto excitado; mas ele não sentia dor nem medo. Ele dedicou-se aos livros com afinco e repousava do estudo na companhia de quem mais amava, sua irmã e eu. Às vezes, ia para Londres para visitar Raymond e acompanhar o avanço dos eventos. Clara frequentemente o acompanhava nessas excursões; em parte para que ela pudesse ver seus pais, em parte porque Adrian deliciava-se com as ideias infantis e a aparência inteligente daquela amável criança.

Enquanto isso, tudo ia bem em Londres. As novas eleições haviam sido concluídas; o parlamento se reunira e Raymond estava ocupado com mil planos profícuos. Canais, aquedutos, pontes, prédios oficiais e vários edifícios para repartições públicas estavam sendo tratados; ele estava continuamente cercado por engenheiros e engenhos, que deveriam render à

Inglaterra um cenário de abundância e magnificência; o estado de pobreza estava para ser abolido; homens, para serem transportados de lugar a lugar com a mesma facilidade que os príncipes Houssain, Ali e Ahmed, em “As Mil e Uma Noites”. O estado físico dos homens em breve não deveria nada à beatitude dos anjos; doenças estavam para ser erradicadas; o trabalho, aliviado de sua extenuante carga. Isso não soava extravagante. As artes da vida e as descobertas da ciência haviam aumentado em uma proporção que deixava todo o cálculo defasado; os alimentos eram gerados, por assim dizer, espontaneamente – máquinas existiam para fornecer com facilidade qualquer desejo da população. Uma má inclinação, porém, persistia; e os homens não eram felizes, não porque não podiam, e sim porque não se animavam a eliminar obstáculos que eles próprios ergueram. Raymond deveria lhes inspirar com sua vontade de progresso e o mecanismo da sociedade, uma vez sistematizado de acordo com as regras mais virtuosas, nunca mais seria deturpado pela desordem. Por essas esperanças, ele abandonara sua longamente acalentada ambição de se registrar nos anais de todas as nações como um guerreiro vitorioso; deitando sua espada, a paz e suas eternas glórias tornaram-se seu objetivo – o título que ele ansiava era o de benfeitor de seu país.

Entre outras obras de arte nas quais ele estava entretido, ajudara a erigir uma galeria nacional para estátuas e pinturas. Ele possuía muitas delas, as quais presenteou à República; e, como o edifício era o grande ornamento de seu Protetorado, ele foi bastante minucioso na escolha do projeto que deveria basear a construção. Centenas foram-lhe enviados e rejeitados. Ele requisitou até mesmo desenhos da Itália e da Grécia; mas, como o projeto deveria se caracterizar pela originalidade, assim como pela perfeita beleza, seus

esforços foram, por algum tempo, infrutíferos. Por fim, um desenho chegou, com um endereço para onde correspondências deveriam ser entregues e sem o nome de seu autor. O projeto era novo e elegante, mas imperfeito; tão imperfeito que, embora feito com a mão e com o olho do bom gosto, era evidentemente o trabalho de alguém que não era arquiteto. Raymond contemplou-o com prazer; quanto mais o analisava, mais contente ficava; e ainda, os erros se multiplicavam pela análise. Ele escreveu para o endereço indicado, desejando ver o desenhista para quais alterações poderiam ser feitas, conforme deveriam ser sugeridas em uma reunião entre ele e o autor original.

Um grego veio. Um homem de meia idade, com alguma deferência de modos, mas com uma fisionomia tão comum que Raymond dificilmente poderia acreditar que aquele era o projetista. Este reconheceu que não era arquiteto; mas a ideia do edifício se lhe havia impregnado, embora ele tivesse enviado seu projeto sem esperanças de ser aceito. Ele era um homem de poucas palavras. Raymond fez-lhe perguntas; mas suas respostas reservadas logo fizeram-no se concentrar no desenho. Ele apontou os erros e as alterações que desejava ser feitas; ele ofereceu ao grego um lápis com o qual poderia corrigir o esboço imediatamente; oferta que foi rejeitada pelo visitante, que lhe dissera ter entendido perfeitamente e que iria trabalhar em sua casa. Por fim, Raymond deixou que partisse.

Ele retornou no dia seguinte. O desenho havia sido refeito; mas muitos defeitos ainda permaneciam e muitas das instruções dadas haviam sido mal interpretadas. “Vamos”, disse Raymond, “eu cedi aos seus desejos ontem, agora cumpra com meu pedido – aceite o lápis.”

O grego o pegou, mas segurou-o de um modo que nenhum artista o faria; por fim, ele disse: “Eu devo

confessar, meu Senhor, que eu não fiz esse desenho. É-lhe impossível conhecer o verdadeiro projetista; suas instruções devem passar por mim. Tenha a condescendência, portanto, de ser paciente com minha ignorância e de explicar seus desejos a mim; estou certo de que em tempo o senhor ficará satisfeito."

Raymond objetou em vão; o misterioso grego não mais lhe disse nada. Um arquiteto poderia ver o artista? Tal pedido também foi negado. Raymond repetiu suas instruções e o visitante retirou-se. Nosso amigo resolveu, entretanto, que seus desejos não fossem malogrados. Ele suspeitou de que o mistério fosse fruto de uma pobreza sem par e que o artista não quisesse ser visto com a vestimenta e na residência da necessidade. Raymond ficou ainda mais excitado, por esse pensamento, a descobri-lo; impelido pelo interesse que lhe dominou pelo talento obscuro, ele, portanto, ordenou que uma pessoa hábil nestes assuntos seguisse o grego na próxima vez que viesse e que observasse a casa onde ele deveria entrar. Seu emissário obedeceu e trouxe a informação desejada. Ele havia rastreado o homem até uma das casas mais pobres da metrópole. Raymond não imaginou que, por estar ali situado, o artista se recolhera, mas mesmo assim não mudara sua resolução.

Na mesma noite, ele foi sozinho à casa indicada. A pobreza, a sujeira e a repulsiva miséria caracterizavam sua aparência. Ah!, pensou Raymond, tenho muito que fazer antes que a Inglaterra torne-se um Paraíso. Ele bateu à porta; que foi aberta por uma corda na parte de cima; uma escada quebrada e lamentável estava imediatamente à sua frente, mas ninguém apareceu; ele bateu novamente, mas em vão – e então, impaciente com a espera, ele subiu pelos degraus escuros e rangentes. Seu principal desejo, mais especialmente agora que ele testemunhara a abjeta habitação do artista, era aliviar aquele, possuído de talento, mas deprimido pela

necessidade. Ele imaginou-o jovem, cujos olhos faiscavam genialidade, cuja pessoa estava abatida pela fome. Ele em parte temeu desapontá-lo; mas confiou que sua generosa bondade seria administrada tão delicadamente para não excitar a repulsa. Qual coração humano era imune à bondade? E, embora a pobreza em excesso pudesse fazer com que o sofredor tornasse-se inapto a se render à suposta degradação de um benefício, o zelo do benfeitor deveria ao menos relaxá-lo com a gratidão. Esses pensamentos encorajaram Raymond, enquanto se punha na porta do quarto mais alto da casa. Após tentar inutilmente entrar nos outros cômodos, ele percebera, no limiar daquele, um par de pequenos chinelos turcos; a porta estava parcialmente aberta, mas dentro tudo era silêncio. Era provável que o habitante estivesse fora, mas convencido de que encontrara a pessoa certa, nosso venturoso Protetor foi tentado a entrar, deixar uma bolsa na mesa, e sair sem ser notado. Executando sua ideia, ele abriu a porta suavemente – mas o quarto estava ocupado.

Raymond nunca visitara as habitações dos pobres e a cena que se apresentava a ele tocou seu coração. O chão estava gasto em vários lugares; as paredes estavam puídas e nuas – o telhado manchado de umidade – uma cama maltrapilha no canto; havia duas cadeiras no quarto e uma mesa rústica quebrada, sobre a qual havia uma vela em um fino candelabro; - ainda assim, entre a insignificância e a pungente pobreza, havia um ar de ordem e limpeza que o surpreendeu. Seu pensamento estava suspenso, pois sua atenção foi instantaneamente atraída para a pessoa daquela casa arruinada. Era uma mulher. Ela estava sentada na mesa; uma pequena mão protegia seus olhos da luz; a outra segurava um lápis; seu olhar estava preso a um desenho à sua frente, que Raymond reconheceu como o projeto que lhe fora apresentado. Toda a sua aparência despertou seu

interesse mais profundo. Seu cabelo escuro estava trançado e unido em finos nós como o penteado de uma estátua grega; suas vestes eram humildes, porém sua atitude poderia ter sido classificada como a de um modelo de graça; Raymond tinha uma confusa lembrança de que já havia visto tal forma antes; ele atravessou o quarto; ela não ergueu seus olhos, apenas perguntando em Romaico{28}, “Quem está aí?” “Um amigo”, respondeu Raymond no mesmo idioma. Ela olhou em dúvida e ele viu que era Evadne Zaimi. Evadne, uma vez dona do afeto de Adrian; e quem, pelas graças do presente visitante, desdenhou o nobre jovem, e então, rejeitada por aquele que amava, com esperança despedaçada e um pungente senso de tristeza, retornara para a sua nativa Grécia. Que revolução do destino poderia tê-la trazido de volta à Inglaterra e que acomodá-la daquela maneira?

Raymond a reconhecera; e seus modos mudaram da educada benevolência para as mais ardentes manifestações de bondade e simpatia. Vê-la, naquela situação, foi como um flecha arpoasse sua alma. Ele sentou-se próximo a ela, pegou sua mão e disse-lhe uma porção de coisas que sopraram o mais profundo espírito de compaixão e afeição. Evadne não respondeu; seus olhos grandes e escuros estavam presos ao chão e, por fim, uma lágrima brilhou em suas pestanas. “Assim”, ela exclamou, “a bondade pode fazer o que nenhuma miséria ou necessidade podem; eu choro”. De fato, ela derramou muitas lágrimas; sua cabeça afundou-se involuntariamente no ombro de Raymond; ele segurou sua mão; e beijou seu rosto desfeito, manchado de lágrimas. Ele disse-lhe que seu sofrimento acabara; ninguém possuía a arte de consolar como Raymond; não se justificara ou declamara, mas seu semblante brilhou de simpatia; ele evocou agradáveis imagens perante a sofredora; seus carinhos não despertavam desconfiança,

pois surgiam puramente do sentimento que leva a mãe a beijar seu filho ferido; um desejo de demonstrar de todas as maneiras possíveis a veracidade de seus sentimentos e a intensidade de seu desejo em derramar um bálsamo na lacerada mente da desafortunada. À medida que Evadne recuperava-se, seus modos tornavam-se até mesmo alegres; ele exercitou a ideia de sua pobreza. Algo lhe dizia que não era por isso que o coração de Evadne se afligia, mas sim a degradação e a desgraça que a miséria lhe trazia; enquanto falava, ele execrava-as; às vezes falando de sua força com energética admiração; então, aludindo à sua antiga condição, ele chamou-a de Princesa disfarçada. Ele fez calorosas ofertas de ajuda; mas ela estava muito mais ocupada com pensamentos mais prementes, seja para aceitá-las ou para rejeitá-las; por fim, ele deixou-a, prometendo que a visitaria no dia seguinte. Ele voltou para casa, repleto de sentimentos misturados, com a dor excitada pela ruína de Evadne e pelo prazer da perspectiva de aliviá-la. Algum motivo pelo qual ele não podia se responsabilizar, nem para si mesmo, impediu-o de contar sua aventura à Perdita.

No dia seguinte, ele disfarçara-se com o máximo que uma túnica poderia proporcionar e visitou Evadne mais uma vez. Levava consigo uma cesta de frutas caras, tais como as nativas do seu próprio país e, espalhando por entre elas várias flores belíssimas, veio-lhe à lembrança o sótão miserável de sua amiga. “Observe”, ele disse ao entrar, “a comida de pássaro que trouxe para minha pardal no topo da casa.”

Evadne lhe contava a história de seus infortúnios. Seu pai, embora de alto posto, havia, no final, dissipado sua fortuna e mesmo destruído sua reputação e influência por meio do transcurso de dissoluta indulgência. Sua saúde havia se deteriorado para além da esperança de cura; e tornara-se seu maior desejo antes que ele

morresse, preservar sua filha da pobreza que seria o resultado de seu estado órfão. Ele, portanto, aceitara por ela, e persuadiu-a a também concordar, uma proposta de casamento de um rico mercador grego baseado em Constantinopla. Ela deixou sua nativa Grécia; seu pai falecera; aos poucos ela foi privada de todas as suas companhias e laços de sua juventude.

A guerra, que cerca de um ano antes havia irrompido entre Grécia e Turquia, acarretou-lhe muitos reveses do destino. Seu marido faliu e então, em um tumulto e uma ameaça de massacre dos turcos, foram obrigados a fugir no meio da noite e de um bote foram resgatados por um navio inglês que os trouxe diretamente para esta ilha. As poucas joias que conseguiram salvar os mantiveram por um tempo. Toda a força da mente de Evadne era exortada a suportar os espíritos falhos de seu marido. A perda de posses, a desesperança em relação ao seu futuro e o ócio ao qual a pobreza condenava-lhe combinaram para reduzi-lo a um estado próximo da insanidade. Cinco meses após chegarem à Inglaterra, ele se suicidara.

"Você me perguntará", continuou Evadne, "o que fiz desde então. Por que não pedi socorro aos gregos ricos que aqui moram; por que não retornei ao meu país? Minha resposta para essas perguntas pode lhe parecer insatisfatória, ainda que me bastaram para que eu resistisse, dia após dia, suportando a ruína ao invés de buscar alívio. Deveria a filha de um nobre, embora pródigo Zaimi, parecer uma mendiga perante seus iguais ou inferiores – superiores a ela não haviam. Deveria eu inclinar minha cabeça perante eles e, com gestos servis, vender minha nobreza para comprar vida? Tivesse eu uma criança ou qualquer outro laço com a existência, eu poderia descer a este ponto – mas, assim – o mundo parecia-me uma dura madrasta; feliz eu teria deixado a residência que ela parece relutar em me proporcionar e,

no túmulo, esqueceria meu orgulho, minhas batalhas, meu desespero. A hora logo chegará; a angústia e a fome sugaram as fundações de meu ser; um intervalo muito curto e terei falecido; isenta do crime de autodestruição, imune à memória da degradação, meu espírito se livrará desta miserável espiral e encontrará a recompensa que a força e a resignação possam merecer. Isso pode lhe parecer loucura, ainda que você tenha orgulho e determinação; não se surpreenda, portanto, que meu orgulho seja indomável, minha determinação, irremovível."

Tendo ela terminado sua narração e dado conta conforme ela julgara apropriado, dos seus motivos para se abster de quaisquer esforços para obter ajuda de seus compatriotas, Evadne pausou; ainda que ela parecesse ter mais para dizer, porém lhe faltavam as palavras. Neste meio tempo, Raymond estava eloquente. Seu desejo de recolocar sua amiga na sua posição social e de recuperar sua prosperidade animava-o, e ele despejou, com energia, todos os seus quereres e intenções neste assunto. Mas ele foi interrompido; Evadne exigiu uma promessa, que ele devia ocultar de todos os seus amigos sua presença na Inglaterra. "Os parentes do Conde de Windsor", ela disse com arrogância, "sem dúvida pensam que os feri; talvez o próprio Conde seja o primeiro a se vingar de mim, mas provavelmente eu não mereça sofrer vingança. Agi, naquele momento como sempre, por impulso. Esta casa de penúria pode ao menos provar o desinteresse de minha conduta. Não importa. Não desejo empenhar minha causa diante de nenhum deles, nem mesmo diante da sua Senhoria, caso não tivesse me descoberto primeiro. O tom de minhas ações provará que eu preferiria morrer do que ser marcada pelo escárnio – observem a orgulhosa Evadne em seus trapos! Olhem a princesa mendiga! Há um

veneno viscoso no pensamento – prometa-me que meu segredo não será violado por você.”

Raymond consentiu; mas então uma nova discussão seguiu-se. Evadne requereu que ele se comprometesse a não entrar em um projeto para ajudá-la e nem que ele oferecesse ajuda, sem seu consentimento. “Não me degrade debaixo de meus próprios olhos”, ela disse; “a pobreza por muito tem sido minha enfermeira; ela pode ser feia, mas é honesta. Se a desonra, ou o que concebo ser, aproximar-se de mim, estarei perdida.” Raymond citou muitos argumentos e utilizou de fervente persuasão para superar seu sentimento, mas ela estava inflexível; e, agitada pela discussão, de maneira selvagem e apaixonada, fez um voto solene de fugir e de se esconder onde ele nunca pudesse descobri-la, onde a fome logo levaria a morte para cumprir sua promessa, caso ele continuasse com suas depreciativas ofertas. Ela poderia se ajudar, disse. E então mostrou-lhe como, por meio de seus desenhos e pinturas, ela ganhava uma ninharia para se manter. Raymond cedeu para o momento. Ele se sentia seguro, após ter elogiado sua vontade própria por algum momento, que a amizade e a razão venceriam no final.

Mas os sentimentos que moviam Evadne estavam arraigados nas profundezas de seu ser e cresciam de tal maneira que ele não poderia compreender. Evadne amava Raymond. Ele era o herói de sua imaginação, a imagem gravada pelo amor na inalterada textura do seu coração. Sete anos antes, no melhor de sua juventude, ela estivera ligada a ele; ele tinha servido seu país contra os turcos; ele tinha, no próprio país dela, adquirido aquela glória militar peculiarmente querida aos gregos, já que estavam obrigados, centímetro por centímetro, a lutar pela sua segurança. Ainda, quando ele retornara de lá, e primeiramente aparecera na vida pública da Inglaterra, seu amor não conquistara o dele,

que então hesitava entre Perdita e a coroa. Enquanto ele ainda estava confuso, ela havia deixado a Inglaterra; a notícia de seu casamento a havia atingido e suas esperanças, botões florais pobremente alimentados, definharam e caíram. A glória da vida a deixara; o róseo halo do amor, que imbuíra todos os outros objetos de sua própria cor, esvaiu-se; - ela contentava-se em viver a vida como ela era e a fazer o melhor com a realidade plúmbea. Ela casou-se; e, carregando sua incansável energia de caráter com ela por novos cenários, voltou seus pensamentos para a ambição e buscou o título e o poder da Princesa de Wallachia; enquanto seus sentimentos patrióticos eram aliviados com a ideia do bem que poderia fazer pelo seu país, quando seu marido fosse o chefe de seu principado. Ela viveu para descobrir que a ambição é tão irreal quanto a ilusão do amor. Suas intrigas com a Rússia para obter seu objetivo, excitou o ciúme de Porte{29} e a animosidade do governo grego. Ela foi considerada uma traidora por ambos, a ruína de seu marido seguiu-se; evitaram a morte por uma fuga oportuna e ela caiu da altura do seus desejos para a penúria na Inglaterra. Muito dessa história ela ocultou de Raymond; nem ela confessara que a repulsa e a rejeição, como para um criminoso culpado do pior dos crimes, que trazendo a foice do despotismo estrangeiro para cortar as novas liberdades florescendo em seu país, teria seguido seus pedidos de ajuda para qualquer um dos gregos.

Ela sabia que era a causa da extrema ruína de seu marido; e dispôs-se a aguentar as consequências. As reprovações que a agonia exortava; ou pior, a incurável e resignada depressão, quando sua mente afundava-se em torpor, não lhe era mais dolorosa, por ser silenciosa e imóvel. Ela reprovava a si mesma pelo crime de sua morte; a culpa e suas punições pareciam cercá-la; em vão, ela tentou aliviar seu remorso com a memória de

sua integridade real; o resto do mundo, e ela entre eles, julgava suas ações pelas suas consequências. Ela rezava pela alma de seu marido; ela implorava ao Supremo para inculcar nela o crime de sua autodestruição – ela prometera viver para expiar sua culpa.

Entre tamanha ruína, que logo deveria tê-la destruído, apenas um pensamento consolava-a. Ela vivia no mesmo país, respirava o mesmo ar que Raymond. Seu nome como o Protetor era o peso de cada língua; seus feitos, projetos e magnificência, o argumento de todas as histórias. Nada é tão precioso ao coração de uma mulher do que a glória e a excelência de quem ela ama; portanto, em cada horror Evadne regozijava-se em sua fama e prosperidade. Enquanto seu marido vivia, esse sentimento lhe era considerado um crime, reprimido e arrependido. Quando ele morreu, a maré do amor voltou ao seu antigo fluir, inundara sua alma com suas ondas tumultuosas, e ela desistiu, tornando-se presa de seu poder incontrolável.

Mas nunca, Oh, nunca, ele deveria vê-la em seu estado degradado. Nunca ele deveria observar sua queda, como ela julgava, de seu orgulho da beleza, a moradora abatida pela pobreza de um sótão, com um nome que se tornaria uma reprovação e um peso da culpa em sua alma. Mas embora impenetravelmente escondida dele, seu cargo público a permitira saber de todas as suas ações, o curso diário de sua vida, mesmo suas conversas. Ela permitiu-se um luxo, ela lia os jornais a cada edição e festejava os elogios e as ações do Protetor. Não que essa indulgência fosse destituída da consequente tristeza. O nome de Perdita estava sempre unido ao dele; sua felicidade conjugal era celebrada mesmo pela mais autêntica testemunha dos fatos. Estavam continuamente juntos, nem poderia a desafortunada Evadne ler a monossílaba que designava seu nome, sem, ao mesmo tempo, ressentir-se com a imagem dela, que era a fiel

companheira de seus trabalhos e de seus prazeres. *Eles, suas Excelências*, encontravam seus olhos a cada linha, misturando uma poção malévola que envenenou seu próprio sangue.

Foi no jornal que vira o anúncio do projeto de uma galeria nacional. Combinando seu gosto com os edifícios que ela vira no leste, e por um esforço de criatividade induzindo ambos à unirem-se em seu desenho, ela executou o plano que havia sido enviado ao Protetor. Triunfara na ideia de investir, ignorada e esquecida como era, um benefício sobre aquele a quem amava; e com orgulho entusiástico, olhou adiante para a realização de seu trabalho que, imortalizado em pedra, entraria para a posteridade estampado com o nome de Raymond. Ele aguardou com ansiedade o retorno do seu mensageiro, do palácio; ela ouvia insaciável o relato de cada palavra, cada olhar do Protetor; sentiu-se abençoada pela comunicação com seu amado, embora ele não soubesse a quem endereçava suas instruções. O seu próprio desenho tornou-se indizivelmente querido a ela. Ele o havia visto e elogiado; fora novamente retocado por ele, cada traço de seu lápis era como um acorde de uma esfuziante música e trouxe-lhe a ideia de um templo construído para celebrar as mais profundas e inexpressáveis emoções de sua alma. Tais contemplações engajaram-lhe, quando a voz de Raymond a princípio atingiu seus ouvidos, uma voz, uma vez ouvida, nunca para ser esquecida; ela dominou o jorro de suas emoções e acolheu-o com quieta gentileza.

O orgulho e a ternura agora combatiam, e por final fizeram um pacto. Ela veria Raymond, já que o destino o trouxera para ela e sua constância e devoção deveriam premiar a sua amizade. Mas os direitos dela sobre ele e sua acalentada independência não deveriam ser feridos pela ideia do interesse ou pela intervenção de complicados sentimentos referentes a obrigações

pecuniárias e se aproveitar das relativas situações de seu benfeitor. Sua mente era de força incomum; ela poderia subjugar suas sensíveis vontades aos seus desejos mentais e sofrer de frio, fome e miséria, em vez de conceder ao destino a razão de uma discussão. Ah! Que na natureza humana tal nível de disciplina mental e a desdenhosa negligência da própria natureza não devessem se aliar ao extremo da excelência moral! Mas a determinação que a permitia resistir às dores da privação florescera da igualmente grande energia de suas paixões; e a concentrada vontade própria, da qual era um sinal, estava destinada a destruir o próprio ídolo, para preservar o respeito que ela submetia à tal ruína.

O relacionamento continuou. Aos poucos, Evadne contou ao seu amigo toda a história, a mancha que seu nome recebera na Grécia, o peso do pecado que havia sido creditado a ela pela morte do seu marido. Quando Raymond ofereceu-se para limpar sua reputação e demonstrar ao mundo seu real patriotismo, ela declarou que era apenas pelo presente sofrimento que ela esperava por algum alívio para as ferroadas da consciência; que, em seu estado mental, adoentado como ele poderia pensar, a necessidade de ocupação era um remédio salutar; ela terminou exortando-o a prometer que, pelo espaço de um mês, ele evitaria discutir seus interesses, engajando depois desse período a ceder em parte aos seus desejos. Ela não poderia se esconder do fato de que quaisquer mudanças poderiam separá-lo dela; agora ela via-o todo dia. Sua ligação com Adrian e Perdita nunca era mencionada; ele era para ela como um meteoro, uma estrela solitária, que na hora marcada erguia-se em seu hemisfério, cuja aparição trazia a felicidade e que, embora se pusesse, nunca era eclipsado. Ele vinha todo dia à sua residência de penúria e sua presença transformava-a em um templo perfumado com doces, radiante com a luz do próprio céu; ele

participava do seu delírio. “Eles construíram um muro entre si e o mundo”[{30}],- Fora, mil harpias ansiosas, remorso e miséria, esperando o momento destinado para a sua invasão. Dentro, era a paz como se da inocência, cegueira temerária, de ilusiva alegria, esperança, cuja rígida âncora repousava em águas plácidas, porém inconstantes.

Assim, Raymond envolvera-se em visões de poder e de fama, enquanto olhara para a total dominação dos elementos e da mente humana, o território do qual seu próprio coração escapara de sua atenção; e, desta ignorância de origem, ergueu-se a poderosa torrente que surpreendeu sua vontade e carregou ao mar do esquecimento a fama, a esperança e a felicidade.

CAPÍTULO IX

NESTE meio tempo, o que fez Perdita?

Durante os primeiros meses de seu Protetorado, Raymond e ela eram inseparáveis; cada projeto era discutido com ela, cada plano, aprovado por ela. Eu nunca vira alguém tão feliz quanto minha irmã. Seus olhos expressivos eram como duas estrelas irradiando amor; a esperança e a leveza instalaram-se em sua plácida feição. Ela derramava até mesmo lágrimas de alegria no elogio e na glória de seu senhor; toda a sua existência era consagrada a ele e, se na humildade de seu coração ela tinha autopiedade, esta se erigia da reflexão que ela conquistara o mais distinto herói de sua época e mantinha-o por anos, mesmo depois de que o tempo tenha retirado do amor seu alimento natural. Seu próprio sentimento estava intacto como quando nascera. Cinco anos haviam falhado em destruir a ofuscante ficção da paixão. A maior parte dos homens destrói sem clemência o véu sagrado, com o qual o coração feminino está habituado a adornar o ídolo de suas afeições. Mas não Raymond; ele era um encantador, cujo reino nunca se reduzia; um rei cujo poder nunca era suspenso: continuava por entre os detalhes da vida comum, permanecia com o mesmo charme de graça e a majestade enfeitava-o; nem ele poderia ser despojado da inata deificação que a natureza lhe proporcionara. Perdita crescia em beleza e excelência sob seu olhar; eu já não mais reconhecia minha reservada e abstraída irmã na fascinante e franca esposa de Raymond. O gênio que iluminava sua compleição estava agora unido à uma

expressão de benevolência, que dava uma perfeição divina à sua beleza.

A felicidade em seu grau mais elevado é a irmã da bondade. O sofrimento e a amabilidade podem existir juntos e escritores têm amado reproduzir tal coexistência; há uma harmonia humana e tocante nesse quadro. Mas a felicidade perfeita é um atributo dos anjos; e aqueles que a possuem parecem angélicos. Já se disse que o medo é o pai da religião; mesmo daquelas religiões ele é o criador, levando seus praticantes a sacrificar vítimas humanas em seus altares; mas a religião que floresce da felicidade é uma evolução mais amável; a religião que faz o amor exalar fervente gratidão e nos faz derramar os excessos da alma perante o autor de nosso ser; que é o pai da imaginação e o nutriente da poesia; que investe benevolente inteligência no mecanismo visível do mundo e faz da terra um templo com uma cobertura de Paraíso. Tal felicidade, bondade e fé habitavam a mente de Perdita.

Durante os cinco anos que passamos juntos, uma união de seres humanos felizes no Castelo de Windsor, seu abençoado destino fora o tema frequente da conversa de minha irmã. Desde cedo, e por causa da afeição natural, ela me selecionara ao invés de Adrian ou de Idris para ser o parceiro de seus excessos de prazer; talvez, porém aparentemente bastante improvável, algum ponto secreto de semelhança ou o mesmo sangue, induziu-a a essa preferência. Com frequência, ao ocaso, passeávamos juntos nos caminhos circunspetos e sombrios da floresta e eu ouvia-a com alegre simpatia. A segurança dava dignidade à sua paixão; a certeza de um retorno proveitoso deixava-a sem que um desejo não fosse satisfeito. O nascimento de sua filha, cópia fiel de Raymond, preenchia as medidas de seu contentamento e produzira um laço sagrado e indissolúvel entre eles. Às vezes, ela sentia-se orgulhosa de que ele escolhera-a em

detrimento às esperanças por uma coroa. Às vezes, ela lembrava-se de que a severa angústia acometera-lhe, quando ele hesitou em sua escolha. Mas tal memória de um descontentamento passado servia apenas para aumentar sua alegria presente. O que havia sido duramente conquistado era, agora, completamente possuído, duplamente querido. Ela olhá-lo-ia à distância com o mesmo arrebatamento (Oh, arrebatamento mais do que demasiado!) que alguém sentiria quando, depois dos perigos da tempestade, encontrasse-se no porto desejado; ela atirar-se-ia em sua direção, para sentir mais assegurada, em seus braços, a realidade de sua bênção. Este calor afetuoso, adicionado à profundidade de sua compreensão e ao brilho de sua imaginação, fazia-a tão querida por Raymond que nem as palavras poderiam dizer.

Se um sentimento de insatisfação apenas passasse por ela, seria porque ela achava que ele não era perfeitamente feliz. O desejo por renome e uma pretensiosa ambição caracterizavam a juventude de Raymond. Uma, ele adquirira na Grécia; a outra, ele sacrificara pelo seu amor. Seu intelecto encontrara campo suficiente em seu círculo doméstico, cujos membros, todos embelezados pelo refinamento e pela literatura, eram muitos deles, assim como ele, distinguidos pelo gênio. Ainda a vida ativa era o solo genuíno para suas virtudes; e ele, às vezes, entediava-se com a monótona sucessão de eventos em nosso retiro. O orgulho fazia-o refluir da reclamação; e a gratidão e a afeição por Perdita eram geralmente exercidas como um ópio para todo o desejo, menos aquele de premiar seu amor. Todos observávamos a visita daqueles sentimentos e ninguém mais arrependia-se deles quanto Perdita. Sua vida era consagrada a ele, com um leve sacrifício de compensar sua escolha, mas não era suficiente – Precisaria ele de qualquer gratificação que ela era

incapaz de proporcionar? Esse era o único anuviar do azul de sua felicidade.

A passagem de Raymond para o poder foi dolorosa para ambos. Ele, porém, obtivera seu desejo; ele justificava a situação para a qual a natureza parecia tê-lo moldado. Sua atividade era conduzida à toda força, sem exaustão ou saciedade; seu gosto e seu gênio encontraram valiosa expressão em cada um dos modos que os serem humanos inventaram para aprisionar e manifestar o espírito da beleza; a bondade de seu coração tornara-o incansável na condução dos seus pares ao bem-estar; seu magnífico espírito e suas aspirações pelo respeito e pelo amor da humanidade, eram postos em marcha; verdade, sua exaltação era temporária; talvez era melhor que assim fosse. O hábito não embotaria seu senso de apreciação do poder; nem as batalhas, o desapontamento e a derrota esperariam pelo seu fim, que se expiaria em seu apogeu. Ele determinara-se a extrair tudo da glória, do poder e do sucesso, o que poderia resultar em um longo reinado no qual seu Protetorado de três anos se transformaria.

Raymond era eminentemente social. Tudo o que ele agora apreciava seria vazio de prazer se não fosse em comunhão. Mas em Perdita ele possuía tudo o que seu coração poderia desejar. Seu amor originou a simpatia; sua inteligência permitia-a compreendê-lo com apenas uma palavra; os poderes de seu intelecto capacitavam-na a ajudá-lo e guiá-lo. Ele sentia o valor dela. Durante os primeiros anos de sua união, o desequilíbrio do temperamento dela e sua ainda livre vontade própria, que descoloria seu caráter, eram pequenos obstáculos à totalidade de seu sentimento. Agora que a perene serenidade e a gentil concordância eram agregadas às outras qualificações dela, seu respeito igualava-se ao seu amor. Os anos somaram-se à rigidez da união. Eles não adivinhavam, o colapso a caminho, a maneira como

agradar, desejando, ainda que temendo, a continuidade da ventura. Cinco anos deram uma sóbria certeza às suas emoções, embora não roubassem delas sua natureza etérea. Esta havia lhes dado uma criança; mas não se furtara das atrações pessoais da minha irmã. A timidez, que nela quase resultava em falta de jeito, foi trocada por uma graciosa decisão de modos; a franqueza, ao invés da reserva, caracterizava sua fisionomia; e sua voz era afinada pela excitada suavidade. Ela tinha agora vinte e três anos, no orgulho da feminilidade, executando as preciosas tarefas de esposa e de mãe, possuída de tudo o que seu coração sempre ansiava. Raymond era dez anos mais velho; à sua beleza anterior, feitios nobres e aspecto de liderança somou-se à mais gentil benevolência, uma vitoriosa ternura e uma incansável atenção ao desejos de outrem.

O primeiro segredo que existia entre eles eram as visitas de Raymond à Evadne. Ele estava surpreso pela força e pela beleza da desafortunada grega; e, quando sua ternura constante por ele desdobrou-se por si só, ele perguntou surpreendido por quais atos era merecedor de seu amor apaixonado e não retribuído. Ela era, por um momento, o único alvo de seus devaneios; e Perdita logo apercebeu-se que seus pensamentos e seu tempo eram investidos em um tema do qual ela não participava. Minha irmã era, por natureza, destituída dos sentimentos comuns de ciúme ansioso e petulante. O tesouro que ela possuía, na forma das afeições de Raymond, era mais necessário ao seu ser do que o sangue que corria em suas veias – ela poderia dizer, mais apropriadamente do que Otelo,

Quando tiver dúvida

Quero a prova[{31}].

Na presente ocasião, ela não suspeitava de qualquer alienação da afeição; mas imaginava que alguma circunstância ligada ao seu alto cargo ocasionara tal mistério. Ela estava alarmada e dolorida. Ela começou a contar os longos dias e meses e anos que deveriam se passar, antes que ele retornasse a um cargo privado e sem reservas para ela. Ela não estava contente que, mesmo por algum tempo, ele escondesse algo dela. Ela frequentemente reclamava; mas confiava em que a unicidade das afeições dele estava inalterada; e, quando estavam juntos, sem serem detidos pelo medo, ela abria seu coração ao mais total prazer.

O tempo passou. Raymond, interrompendo sua desabalada carreira, pausou para, subitamente, considerar as consequências. Dois resultados mostraram-se na perspectiva que ele tinha do futuro. Que seu relacionamento com Evadne continuasse secreto ou fosse revelado à Perdita. A pobre condição e os sentimentos altamente elaborados de sua amiga evitavam que ele pensasse em abandoná-la. No primeiro caso, ele oferecera um eterno adeus para a franca conversa e a toda simpatia com a companheira de sua vida. O véu deve ser mais delgado do que o inventado pelo ciúme turco; o muro, mais alto do que a insuperável torre de Vathek[{32}], que deveria ocultar dela os trabalhos de seu coração e esconder de sua visão o segredo das ações dele. Essa ideia era intoleravelmente dolorosa para ele. A franqueza e os sentimentos sociais eram a essência da natureza de Raymond; sem elas, suas qualidades tornavam-se lugar comum; sem estas, para espargir a glória sobre seu relacionamento com Perdita, sua vangloriada troca de um trono pelo seu amor era tão fraca e vazia quanto as tonalidades de um arco-íris, que se desfazem quando o sol se põe. Mas não havia remédio. Gênio, devoção e coragem; os adornos de sua mente e as energias de sua alma, todas exortavam à sua

extrema resistência, não poderiam fazer voltar, nem pela distância de um fio de cabelo, as rodas da carruagem do tempo; pois o que acontecera estava escrito com a pena adamantina da realidade, no duradouro livro do passado; nem poderiam a agonia e as lágrimas ser suficientes para limpar um A do ato cometido.

Mas esta era a melhor parte da questão. O que seria resolvido, se as circunstâncias levassem Perdita a suspeitar, e ela suspeitasse? As fibras de seu corpo relaxaram-se e um suor frio brotou em sua testa, com essa ideia. Muitos homens poderiam zombar deste temor; mas ele lia o futuro; e a paz de Perdita era muito cara a ele, sua muda agonia certa e muito sobressaltada, não para desanimá-lo. Seu destino estava para ser rapidamente decidido. Se o pior ocorresse; se ela soubesse da verdade, ele não poderia suportar suas reprovações ou a angústia em sua aparência alterada. Ele poderia renunciá-la e à Inglaterra, seus amigos, os cenários de sua juventude, as esperanças do tempo por vir, ele buscaria outro país e em outros cenários recomeçaria a vida. Tendo assim se decidido, ele acalmou-se. Ele planejou guiar com prudência os garanhões do destino por meio de um desvio do caminho que escolhera e dedicou todos os seus melhores esforços para esconder o que ele não poderia alterar.

A perfeita confiança que existia entre Perdita e ele produzia uma comunicação intensa entre eles. Abriam um as cartas do outro, mesmo quando, até agora, o mais íntimo recanto do coração de cada um era revelado ao outro. Uma carta chegou de repente, Perdita leu-a. Se ela contivesse a confirmação, teria sido aniquilada. Do jeito em que estava, trêmula, fria e pálida, ela buscou por Raymond. Ele estava só, examinando algumas petições apresentadas ultimamente. Ela entrou em silêncio, sentou-se em um sofá oposto a ele e encarou-o com um olhar de tal desespero que os selvagens gritos e

os urgentes lamentos seriam exibições domadas de tristeza, comparados à vívida encarnação da própria coisa que ela apresentava.

Primeiramente, ele não tirou os olhos de seus papéis; quando ergueu-os, ele abateu-se pela ruína manifestada em seu rosto alterado; por um momento ele esqueceu das suas próprias decisões e medos e perguntou com consternação – “Minha cara jovem, o que foi, o que aconteceu?”

“Nada”, ela replicou de início; “e ainda, há algo”, ela continuou, atropelando seu discurso; “você tem segredos, Raymond; onde você tem estado ultimamente, quem você tem visto, o que você oculta de mim? – por que fui banida de sua confiança? Ainda, isso não é tudo – não pretendo encurralá-lo com perguntas – uma basta – serei eu uma infeliz?”

Com a mão trêmula, ela deu-lhe o papel e sentou-se branca e imóvel olhando-o enquanto ele lia. Reconhecera a caligrafia de Evadne e ruborizou-se. Com a velocidade da luz, ele tomou ciência do conteúdo da carta; tudo agora estava lançado à sorte; a falsidade e o artifício eram insignificantes ante a iminente ruína. Ele eliminaria as suspeitas de Perdita por completo ou a abandonaria para sempre. “Minha cara jovem”, ele disse, “tenho culpa; mas você deve me perdoar. Errei ao planejar esconder algo; mas o fiz para poupar-lhe da dor; e cada dia tornava-se mais difícil para mim mudar meu plano. Além disso, fui instigado pela delicadeza em relação à infeliz autora destas poucas linhas.”

Perdita conteve a respiração: “Bem”, ela gritou, “bem, continue!”

“Isto é tudo – essa carta diz por completo. Estou colocado em difíceis circunstâncias. Fiz o meu melhor, embora talvez eu tenha errado. Meu amor por você é inviolável.”

Perdita balançou sua cabeça em dúvida: “Não pode ser”, ela disse, “eu sei que não é. Você enganar-me-ia, mas não serei enganada. Eu perdi-o, perdi a mim mesma, minha vida!”

“Você não acredita em mim?”, disse Raymond com arrogância.

“Para acreditar em você”, ela exclamou, “eu desistiria de tudo e faleceria em alegria para que, morta, eu pudesse sentir que você foi sincero – mas não pode ser!”

“Perdita”, continuou Raymond, “você não vê o precipício no qual posiciona-se. Você pode crer que não entrei em minha atual linha de conduta sem relutância e dor. Eu sabia que era possível que suas suspeitas pudessem ser excitadas; mas confiei que minha própria palavra as dissipariam. Construí minha esperança em sua confiança. Você acha que eu seria questionado e minhas réplicas desdenhosamente ignoradas? Você acha que eu seria suspeito, talvez observado, interrogado e desacreditado? Eu ainda não desci tão baixo; minha honra ainda não foi tão manchada. Você amou-me; eu adorei-lhe. Mas todos os sentimentos humanos chegam ao seu fim. Deixe sua afeição expirar – mas não a deixe ser substituída pela desconfiança e recriminação. Até este momento, fomos amigos – amantes – não deixe que nos tornemos inimigos, espiões mútuos. Não posso viver como um objeto de suspeita – você não acredita em mim – separemos-nos!”

“Exatamente, então”, exclamou Perdita, “eu sabia que isso acabaria assim! Já não estamos separados? Já não uma corrente, ampla como um oceano, profunda como um vácuo, abre-se entre nós?”

Raymond ergueu-se, sua voz quebrada, seu rosto convulsionado, sua maneira calma como uma atmosfera balançada por um terremoto, replicou: “Regozijo-me que você tome minha decisão tão filosoficamente. Sem dúvida você interpretará o papel de uma esposa ferida

para que seja admirada. Às vezes, você poderá ser ferroada pelo sentimento de que se equivocou comigo, mas a condolência de seus parentes, a dó do mundo, a complacência de sua própria inocência imaculada atenuará a dor, será um excelente bálsamo – a mim, você nunca mais verá!”

Raymond caminhou em direção da porta. Ele esquecera-se de que todas as palavras que dissera eram falsas. Ele fingira sua suposição de inocência que até se enganara. Não tivessem os atores chorado, enquanto exibiram uma paixão imaginada? Um sentimento mais intenso da realidade da ficção possuíra a Raymond. Ele falara com orgulho; ele sentia-se ferido. Perdita olhou-o; discerniu seu olhar nervoso; as mãos dele estavam na fechadura da porta. Ela levantou-se, jogando-se no seu pescoço, ela respirava com dificuldade e soluçava; ele pegou sua mão e, levando-a ao sofá, sentou-se próximo dela. Sua cabeça caíra em seu ombro, ela tremia, alternando fogo e gelo por entre seus membros: observando sua emoção, ele falou com suavidade:

“A decisão foi tomada. Não partirei odiando-a; - eu devo muito à você. Devo-lhe seis anos de pura felicidade. Mas já se passaram. Eu não viverei sob a marca da suspeita, o objeto do ciúme. Eu amo-a muito. Apenas em separação eterna poderemos esperar pela dignidade e pela propriedade de ação. Não devemos nos alienar de nosso verdadeiro caráter. A fé e a devoção foram, até agora, a essência de nosso relacionamento; - perdidas, não nos agarremos à estéril casca da vida, a cobertura unicelular. Você tem sua criança, seu irmão, Idris, Adrian” –

“E você”, exclamou Perdita, “a autora dessa carta”.

Uma indignação incontrolável surgiu nos olhos de Raymond. Ele sabia que a acusação era, no mínimo, falsa. “Acalente esta crença”, ele exclamou, “abrace-a em seu coração – faça dela seu travesseiro, uma

anestesia para seus olhos – estou contente. Mas, pelo Deus que me fez, o inferno não é mais falso do que a palavra que acabou de proferir!”

Perdita estava surpresa com a seriedade desapaixonada de sua assertividade. Ela replicou com honestidade, “Não me furto a crer em você, Raymond; pelo contrário, prometo a depositar fé implícita em cada palavra sua. Apenas assegure-me de que seu amor e sua fé para comigo nunca foram violados; e a suspeita e a dúvida e o ciúme desaparecerão de uma vez. Devemos continuar como sempre temos feito, um coração, uma esperança, uma vida.”

“Eu já lhe assegurei minha fidelidade”, disse Raymond com arrogante frieza, “triplas alegações de nada adiantam onde alguém é desprezado. Nada mais direi; pois nada mais posso acrescentar ao que já disse, ao que você desdenhosamente pôs de lado. Esta contenda não vale a ambos de nós; e confesso que estou cansado de replicar à acusações infundadas e maldosas.”

Perdita tentou ler sua feição, ao que ele se virou, com ira. Havia tanta verdade e naturalidade em seu ressentimento que as dúvidas dela desfizeram-se. Seu rosto, que por anos não exibira um sentimento alienado da afeição, tornou-se outra vez radiante e satisfeito. Porém, foi-lhe difícil acalmar e reconciliar-se com Raymond. A princípio, ele recusou-se a sentar-se com ela. Mas ela não desistia; segura de seu inalterado amor, ela desejava se submeter a qualquer trabalho, usar qualquer recurso para minimizar sua raiva. Ela obteve uma audição, ele sentou-se em arrogante silêncio, mas ouviu. Primeiro, ela assegurou-lhe de sua irrestrita confiança; disso ele deveria estar cônscio, já que se não fosse por isso, ela não buscaria fazer com que ele ficasse. Ela enumerou os anos de felicidade; ela trouxe perante ele cenas de intimidade e felicidade; ela pintou sua vida futura, mencionou sua filha – lágrimas

indesejadas agora enchiam seus olhos. Ela tentou dispersá-las, mas se recusavam a ser interrompidas – sua fala engasgava-se. Ela não chorara antes. Raymond não podia resistir a tais sinais de sofrimento: sentiu-se, talvez, um pouco envergonhado do papel de homem ferido que interpretara, ele que era, na verdade, o causador da ferida. E então ele devotamente amou Perdita; a inclinação da sua cabeça, seus cachos brilhantes, as curvas de sua forma eram, para ele, sujeitos de profunda ternura e admiração; enquanto ela falava, seus tons melodiosos adentravam sua alma; ele logo suavizou-se, confortando-a e a acariciando-a, e enganando-se com a crença de ele nunca a tomara por mal.

Raymond afastara-se cambaleante dessa cena, como um homem poderia fazer se tivesse sido torturado e esperasse a próxima sessão. Ele havia pecado contra sua própria honra, ao afirmar, em tom de juramento, uma direta falsidade; a verdade era que ele tinha trapaceado uma mulher e, portanto, ser considerado como inferior – por outros – não por ele; - pois quem ele enganou? - a sua confiante, devotada, afetuosa, a sua própria Perdita, cuja fé generosa esfolara-o duplamente quando ele relembrara o alarde da inocência com a qual fora extraída. A mente de Raymond não era tão fortemente forjada ou tão rudemente manuseada, nas circunstâncias da vida, para fazê-lo imune a estas considerações – pelo contrário, ele era muito corajoso; seu espírito era puro fogo, que se extingue e se retrai a cada contágio da acre atmosfera: mas agora o contágio havia se incorporado em sua essência e a mudança era ainda mais dolorosa. A verdade e a falsidade, o amor e o ódio, perderam suas fronteiras naturais, o céu apressara-se em se mesclar com o inferno; enquanto sua sensível mente, agora o campo para tal batalha, estava preso à loucura. Ele odiou-se de coração, estava com raiva de Perdita e a

ideia de Evadne era-lhe atraída por tudo o que era repulsivo e cruel. Suas paixões, sempre seus mestres, adquiriram nova força, despertando do longo sono em que o amor as havia embalado, o pungente peso do destino inclinava-o; ele era conduzido à força e torturado, intensamente impaciente pela pior das misérias, o sentimento de remorso. Esse turbulento estado cedeu aos poucos à uma lenta animosidade e depressão dos espíritos. Seus subordinados, mesmo seus iguais, se ele tivesse algum em relação ao seu posto, assustavam-se ao encontrar a ira, o ridículo e a amargura em alguém antes distinto pela sua suavidade e benevolência de modos. Ele executava suas tarefas públicas com desgosto e fugia delas para a solidão que era, de uma vez só, seu veneno e seu alívio. Ele montava um rápido cavalo, que o carregara pelas suas vitórias na Grécia; ele fatigava-se com exercícios extremos, esvaindo as convulsões de uma turbulenta mente nas sensações de um animal.

Ele recuperou-se lentamente; ainda, por fim, como alguém pode, com os efeitos de um veneno, ele ergueu sua cabeça para além dos vapores da febre e da paixão, e atingiu a sublime atmosfera da calma reflexão. Ele meditou sobre o que era mais apropriado a ser feito. Ele primeiro surpreendeu-se pelo tempo que se passara, desde que a loucura, ao invés de qualquer impulso calculado, regulara suas ações. Ele atravessara um mês sem ver Evadne. O poder dela, que estava ligado às poucas das emoções resistentes de seu coração, havia decaído imensamente. Ele já não era mais seu escravo – nem mais seu amante; ele nunca mais a veria e, pela totalidade de seu retorno, mereceria a confiança de Perdita.

Ainda, como ele assim determinara, a imaginação evocava a miserável residência da jovem grega. Um lar que por nobre e alto princípio, ela recusara trocar por

um de maior luxo. Ele pensou no esplendor de sua situação e aparência quando viu-a pela primeira vez; pensou em sua vida em Constantinopla, servida por todas as circunstâncias da magnificência oriental; em sua atual penúria, seu trabalho diário, seu estado deplorável, seu rosto esvaído e devastado pela fome. A compaixão expandiu-se em seu peito; ele vê-la-ia outra vez; ele criaria algum plano para recuperá-la à sociedade e a apreciação de sua posição; e sua separação então se seguiria, como consequência.

Novamente considerou como, durante aquele mês, ele evitara Perdita, fugindo dela como se fossem os ferrões de sua própria consciência. Mas ele despertara agora; tudo aquilo deveria ser remediado; e a futura devoção apagaria a memória desta tormenta única na serenidade de suas vidas. Ele tornara-se feliz, enquanto se lembrava daquilo e sóbria e decididamente delimitou a linha de conduta que adotaria. Ele lembrou-se de que prometera à Perdita estar presente, naquela mesma noite (19 de outubro, aniversário de sua eleição como Protetor), em um festival dado à sua honra. Tal festival deveria ser um bom augúrio da felicidade dos anos futuros. Primeiro, ele veria Evadne; não ficaria; mas ele devia a ela alguma responsabilidade, alguma compensação por sua longa e desapercebida falta; e então a Perdita, para o mundo esquecido, para os deveres da sociedade, o esplendor da posição, o regozijo do poder.

Após a cena descrita nas páginas anteriores, Perdita contemplou uma mudança completa nas maneiras e na conduta de Raymond. Ela esperava liberdade de diálogo e um retorno ao hábito do afetuoso relacionamento que formara o prazer de sua vida. Mas Raymond não se unia à ela em nenhuma de suas diversões. Ele realizava os trabalhos do dia à parte dela; ele saía e ela não sabia para onde. A dor impingida por tal desapontamento era tormentosa e penetrante. Ela via- como um sonho

enganoso e tentou se desfazer de sua consciência; mas como a camisa de Nísio[{33}], ele agarrava-se à sua própria carne e devorava com aguda agonia seus elementos vitais. Ela possuía (embora uma assertiva como essa possa parecer um paradoxo) uma capacidade de felicidade que poucos tinham. Sua delicada organização e imaginação criativa faziam-na peculiarmente suscetível de prazerosa emoção. O abundante calor de seu coração, ao fazer do amor uma planta de profundas raízes e grande estatura, havia afinado toda a sua alma para receber a felicidade, quando ela encontrou em Raymond tudo o que poderia adornar o amor e satisfazer sua imaginação. Mas se o sentimento no qual o tecido de sua existência baseava-se tornara-se comum por meio da participação, a sucessão sem fim das atenções e da graciosa ação entrecortada pela transferência, seu universo de amor destituído dela, a felicidade então fugiria e seria trocada pelo seu oposto. As mesmas peculiaridades de caráter produziam suas magoadas agonias; sua fantasia aumentava-as, sua sensibilidade tornava-a sempre aberta às suas renovadas impressões; o amor envenenava o ferrão que perfurava seu coração. Não havia nem submissão, paciência ou autoabandono em sua tristeza; ela combatia-o, revolvia-se por entre ele e fazia com que cada convulsão tornasse-se mais aguda pela resistência. A ideia vinha-lhe intermitente, a de que ele amava outra. Ela fez-lhe justiça; ela acreditou que ele sentia uma terna afeição por ela; mas granjear-lhe um irrisório prêmio a ele que, em alguma loteria da qual sua vida dependia, era calculada na base de dezenas de milhares, desapontá-lo-ia mais do que nada. A afeição e a amizade de Raymond poderiam ser inestimáveis; porém, além da afeição, mais profundo do que a amizade, estava o indivisível tesouro do amor. Considere a soma em sua totalidade e nenhuma aritmética poderia calcular seu preço; dela, subtraia sua menor porção, não

dê o nome das partes, separe-as em graus e em seções e, como a moeda de um mágico, o ouro de tolo, tudo transforma-se na mais vil substância. Há um significado no olhar do amor; uma cadência em sua voz, seu sorriso é contagioso, o talismã de seus encantos que apenas um pode possuir; seu espírito é de elementos, sua essência, única, sua divindade, una. Os corações e as almas de Raymond e Perdita estavam misturados, assim como dois riachos que descem a montanha e juntam-se durante o caminho, murmurantes e borbulhantes entre seixos brilhantes ao lado de flores estrelares; mas deixe que um reviva seu curso original ou que seja maldito por uma barragem, e o outro estia-se em suas margens alteradas. Perdita tinha consciência da queda da maré que alimentava sua vida. Incapaz de suportar o lento secar de suas esperanças, de súbito compôs um plano, resolvida a terminar de uma vez seus dias de tristeza e levar a um final feliz os últimos e desastrosos eventos.

O aniversário tinha como objetivo exaltar Raymond em sua condição de Protetor; e era costume celebrar esse dia com um esplêndido festival. Uma variedade de sentimentos levou Perdita a derramar dupla magnificência sobre o local; porém, enquanto ela aprontava-se para a noite de gala, perguntou-se, considerando as dores que sofrera, porque fazer uma suntuosa celebração de um evento que lhe parecia ser a causa de seus sofrimentos. Lamentos recaem sobre o dia, ela pensou, lamentos, lágrimas e luto caem sobre a hora, que deram a Raymond outra esperança além do amor, outro desejo que senão minha devoção; e três vezes seja feliz o momento em que ele voltar para mim! Deus sabe que confiei em suas promessas e acreditei em sua reafirmada fé – fosse não por isso e eu não empreenderia o que estou a fazer. Outros dois anos mais devem se seguir, cada dia somando-se ao nosso distanciamento, cada ato empilhando-se na barreira que

nos separa? Não, meu Raymond, meu único amor, única posse de Perdita! Nessa noite, durante essa esplêndida reunião, nestas suntuosas câmaras e na beleza de sua lacrimosa garota, estejamos todos unidos para celebrar sua abdicação. Uma vez, por mim, você refutou a probabilidade de uma coroa. Isso foi nos dias do tenro amor, quando eu podia apenas conter a esperança e não a certeza da felicidade. Agora você já saboreou tudo o que posso lhe dar, a devoção do coração, um amor puro e uma determinada sujeição a você. Você deve escolher entre eles e seu protetorado. Essa, orgulhoso nobre, será a sua última noite! Perdita investira naquela noite tudo de magnífico e ofuscante que seu coração mais ama – mas, a partir destas belas salas, dos principescos convidados, do poder e da elevação, você deve retornar com o sol de amanhã ao seu lar rural; pois eu não obteria a imortalidade da alegria se mais uma semana transcorresse como a última.

Meditando sobre seu plano e determinada que, quando a hora chegasse, ela proporia e insistiria em seu pedido, segura de seu consentimento, o coração de Perdita iluminou-se, ou melhor, exaltou-se. Seu rosto foi irrigado com a expectativa do momento final; seus olhos faiscavam com a esperança de triunfo. Tendo jogado sua sorte ao destino e sentindo-se certa da vitória, ela, a quem eu nomeara a dona de uma estampa de rainha das nações em seu nobre rosto, agora elevado à humanidade, parecia em calmo poder para lutar com um dedo contra a roda do destino. Ela nunca antes parecera tão supremamente amável.

Nós, os Arcadianos pastores dessa história, pretendíamos estar presentes à esta festividade, mas Perdita escreveu-nos pedindo que não comparecêssemos ou para nos ausentarmos de Windsor; pois ela (embora não nos revelasse seu plano) resolvera com Raymond regressar ao nosso convívio, para então renovar o curso

da vida no qual ela encontrara toda a felicidade. Mais tarde, naquela noite, ela entrou nos cômodos designados para o festival. Raymond partira do palácio na noite anterior; ele havia prometido agraciar a reunião, mas ainda não retornara. Ela ainda estava certa de que voltaria; e quanto mais o vão parecia se abrir com a crise, mais ela assegurava-se de que o fecharia para sempre.

Era, como havia dito, o dia dezenove de outubro; o outono estava avançado e sombrio. O vento uivava; as árvores meio desnudas estavam despojadas do que restava dos seus ornamentos de verão; o estado do ar, que resultava na queda da vegetação, era hostil à alegria e à esperança. Raymond inflara-se pela decisão que tomara; mas, com o cair do dia, seus espíritos também declinavam. Primeiro, tinha de visitar Evadne e, então, apressar-se para o palácio do Protetorado. Enquanto caminhava pelas decaídas ruas da vizinhança onde residia a desafortunada grega, seu coração afligia-se com a direção de sua conduta para com ela. No início, por sua aquiescência em um acordo que a manteria naquele estado de degradação; e, depois, após um curto e violento sonho, deixando-a em terrível solidão, em ansiosa espera e, ainda em amarga – e desapontada expectativa. Como ela vivera, como ela suportara sua ausência e rejeição? A luz fazia-se opaca naquelas estreitas ruas e quando a bem conhecida porta abrira-se, a escada estava envolvida em noite perfeita. Ele subira tateando, entrou no sótão e encontrou Evadne estendida, muda, quase sem vida em sua arruinada cama. Ele chamou pelas pessoas que moravam ali, mas não obteve nenhuma informação, pois ninguém sabia de nada. Sua história era clara para ele, clara e distinta como o remorso e o horror que alvejavam suas contorções em sua direção. Quando ela encontrou-se abandonada por ele, perdera o ânimo de seguir com seu

trabalho de sempre; o orgulho proibiu-a de pedir ajuda a ele; a fome foi-lhe bem-vinda como um bondoso porteiro das portas da morte, cujas dobras abriam-se para que ela, sem pecado, repousasse adentro. Nenhuma criatura aproximou-se dela, enquanto suas forças esvaíam-se.

Se ela morresse, onde mais poderia ser encontrado um assassino, cujo cruel ato se compararia a esse? Que demônio mais desapiedado em sua destruição, que alma maldita mais propensa à perdição! Mas ele não se reservou ante tal agonia de autorreprovação. Ele pediu socorro médico; as horas passaram-se, à deriva em seu profundo suspense; à escura e longa noite outono seguiu-se o dia, antes de sua vida estar fora de perigo. Ele então levou-a para uma habitação mais confortável e rondava-a intermitentemente, para se assegurar de que ela estava segura.

Em meio ao suspense e ao temor, nesse evento, ele lembrou-se do festival dado em sua honra, por Perdita; em sua honra, então, quando a tristeza e a morte estavam afixando desgraça indelével ao seu nome, a honra para aquele que merecia o cadafalso; era a pior ironia. Ainda assim, Perdita esperá-lo-ia; ele escreveu algumas palavras incoerentes em um pedaço de papel, assegurando de que ele estava bem e pediu à mulher da casa para que levasse o papel ao palácio e entregasse-o para a esposa do Lordeee Protetor. A mulher, que não o conhecia, desdenhosamente perguntou como ela poderia entrar no palácio, especialmente em uma noite festiva e estar na presença da dama. Raymond deu-lhe seu anel para assegurar o respeito dos serviçais. Assim, enquanto Perdita entretinha seus convidados e esperava ansiosamente a chegada de seu senhor, seu anel chegou às suas mãos; e ela ouviu que uma pobre mulher tinha um recado para entregar-lhe, do seu portador.

A vaidade dos velhos rumores elevou-se pelo recado que recebera, que, por sinal, ela não compreendera,

visto que não suspeitava de que o visitante de Evadne era Lordee Raymond. Perdita temeu que ele tivesse caído de seu cavalo ou outro acidente similar – até que as respostas da mulher levantaram outros medos. Por um sentimento de evasão cegamente exercitado, a clandestina, se não maligna, mensageira não mencionou a doença de Evadne; mas ela descreveu em detalhes as frequentes visitas, somando à sua narração tais circunstâncias que, embora tenha convencido Perdita de sua veracidade, exagerou a maldade e a perfídia de Raymond. Pior de tudo, sua ausência do festival, sua mensagem totalmente irresponsável, exceto pelas desgraçadas alusões da mulher, pareceram-lhe o mais mortal dos insultos. Mais uma vez olhou para o anel, um pequeno rubi, parecido com um coração, que ela o havia presenteado. Observou a caligrafia, a qual ela não podia se enganar e repetiu para si mesma as palavras – “Não permita, eu encarrego-lhe, eu rogo, que os convidados perguntem-se sobre minha ausência”: o momento em que a velha bruxa continuou a falar, preenchendo seu ouvido com uma estranha mescla de verdade e falsidade. Por fim, Perdita dispensou-a.

A pobre garota voltou à reunião, onde sua ausência não fora percebida. Passou furtivamente para um recesso um pouco obscuro e, apoiando-se em uma coluna ornamental, tentou se recuperar. Suas faculdades vacilavam. Ela deixou-se olhar para umas flores que estavam próximas, em um vaso entalhado: arrumara-as naquela manhã, eram plantas raras e belas; mesmo agora, completamente chocada como estava, ela observava suas cores brilhantes e os formatos de estrelas. – “Divinas folhas do espírito da beleza”, ela exclamou, “não murchais, nem lamentais; o desespero que se aferra a meu coração ainda não vos contagiará! Pois não sou parceira em sua insensibilidade nem compartilho de sua calma!”

Ela parou. “Minha tarefa”, continuou mentalmente, “é não deixar meus convidados perceberem a realidade, assim como eu ou ele a vemos. Obedeço; não perceberão, embora eu morrerei assim que partirem. Devem observar os antípodas do que é real – para o que eu aparentarei viver – enquanto estou – morta.” A situação exigia todo seu autocontrole, para suprimir o jorro de lágrimas autopiedosas causada por tal ideia. Após muitos conflitos, ela vencera e retornou à companhia dos convivas.

Todo o seu trabalho agora era dirigido a dissimular seu conflito interno. Ela tinha de interpretar o papel de uma anfitriã cortês; atender a todos; brilhar no foco do regozijo e da graça. Ela tinha de fazer isso, enquanto em profundo lamento, ela ansiava pela solidão e teria trocado com prazer suas salas lotadas pelas profundezas escuras da floresta ou um sombrio grotão, escuro como a noite. Mas ela alegrara-se. Ela não podia se manter normal ou, como de seu costume, placidamente contente. Todos comentaram sua exalação de espíritos; como todas as ações parecem-se graciosas aos olhos da elite, seus convidados cercavam-na com aplausos, embora houvesse uma agudeza em seu riso e uma súbita interrupção em suas tiradas, que poderiam ter traído seu segredo para um observador atento. Ela continuou, sentindo que, se pausasse por um momento, as águas contidas da tristeza inundariam sua alma, que suas esperanças naufragadas elevariam seus lamentos e aqueles que agora entoavam seu choro e provocavam suas tiradas teriam afundado no medo pelo seu desespero compulsivo. Seu único consolo durante a violência que ela provocava em si mesma era observar os movimentos de um iluminado relógio e contava internamente os momentos que deveriam passar até que pudesse estar sozinha.

Por fim, as salas começaram a esvaziar-se. Zombando de seus próprios desejos, ela continha os convidados que saíam cedo. Um a um, eles deixaram-na – por fim, ela apertou a mão do último visitante. “Como sua mão está fria e úmida”, disse seu amigo; “você está muito cansada, presa fácil do sono”. Perdita sorriu entorpecida – seu convidado deixou-a; a carruagem descendo a rua assegurou a despedida final. Então, como se perseguida por um inimigo, como se tivesse asas nos pés, ela voou para seu quarto, dispensou seus serviçais, trancou as portas e jogou-se violentamente ao chão, mordendo seus lábios até sangrarem para reprimir seu choro e tornou-se uma presa para o abutre do desespero, lutando para não pensar, enquanto multitudinárias ideias faziam de seu coração um lar; e ideias, horríveis como as fúrias{34}, cruéis como víboras e derramavam-se em tão rápida sucessão que pareciam empurrar e ferir a si mesmas, enquanto a conduziam à loucura.

Finalmente, ela ergueu-se, mais composta, mas não menos miserável. Ficou de frente a um enorme espelho – ela fitava sua imagem refletida; seu leve e gracioso vestido, as joias que prendiam seu cabelo e rodeavam seus belos braços e seu pescoço, seus pequenos pés calçados em seda, suas tranças profusas e brilhantes, eram para o seu rosto convulsionado e para sua feição de dispensados lamentos como uma bela moldura para um retrato escuro como a tempestade. “Eu sou um vaso”, ela pensou, “um vaso cheio da essência mais urgente do desespero. Adeus, Perdita! Adeus, pobre garota! Nunca mais você verá a si dessa forma; o luxo e a riqueza não mais lhe pertencem; no excesso de sua pobreza você poderá invejar o mendigo de rua; sou mais verdadeira sem um lar! Vivo em um estéril pesadelo que, amplo e interminável, não traz frutos nem flores; no meio, há uma pedra solitária à qual, Perdita, estás

acorrentada, e verás o horizonte estender-se abominavelmente distante.”

Ela abriu a janela, que dava para os jardins do palácio. A luz e a escuridão travavam combate, e o oriente estava traçado por raios rosas e dourados. Uma estrela tremulava única na profundeza da inflamável atmosfera. O ar matinal soprava frescamente sobre as orvalhadas plantas e irrompeu o quarto aquecido. “Tudo passa”, pensou Perdita, “tudo segue, decai e perece! Quando a noite passar e o cansado dia tiver conduzido seu time para as estâncias do ocidente, os fogos do Paraíso erguer-se-ão do Leste, movendo-se em sua órbita costumeira, subindo e descendo a montanha celeste. Quando seu curso for preenchido, o indicador começará a projetar para o oeste uma sombra incerta; as pálpebras do dia abrem-se e os pássaros e as flores, a vegetação assustada e a brisa fresca despertam; o sol aparece por fim e, em procissão majestosa, escala o capitólio do céu. Tudo segue, muda e morre, exceto o sentimento de tristeza em meu lancinante coração.

“Ah, tudo segue e muda: por que estranhar então que o amor tenha caminhado até se pôr e que o senhor de meu coração transformara-se? Chamamos de fixas as luzes celestiais, ainda que vagueiem por uma planície mais distante e, se olho novamente para onde olhei há uma hora, o rosto do eterno firmamento já se alterou. A tola lua e os planetas inconstantes variam a cada noite em sua dança errante; o próprio sol, soberano no céu, desce de seu trono intermitentemente e deixa seu domínio para a noite e o inverno. A natureza envelhece e treme em seus membros decadentes – a criação tornou-se desmanteladora! Nenhuma surpresa então que o eclipse e a morte conduziram à destruição da luz de tua vida, Oh Perdita!”

CAPÍTULO X

ASSIM, tristes e desarrumados eram os pensamentos de minha pobre irmã, quando ela assegurou-se da infidelidade de Raymond. Todas as suas virtudes e todos os seus defeitos trataram de fazer com que o golpe fosse incurável. Sua afeição por mim, seu irmão, por Adrian e por Idris eram-lhe caros como se fossem pela paixão reinante em seu coração; mesmo sua ternura maternal emprestava metade de sua força do prazer em que ela tinha em identificar os traços e a expressão de Raymond nas feições da criança. Ela fora reservada e mesmo hostil em sua infância; mas o amor suavizara as asperezas de seu caráter e sua união com Raymond fizera com que seus talentos e afeições revelassem-se; uma traída, aquela perdida, ela em algum grau retornara ao seu antigo temperamento. O orgulho concentrado de sua natureza, esquecido durante seu abençoado sonho, despertara e com o ferrão de uma víbora perfurou seu coração; a humildade de seu espírito aumentara o poder do veneno; ela estivera inflada pela sua própria estima enquanto distinguida pelo amor dele: o que ela valia agora, quando ele destituíra-a de sua preferência? Ela fora orgulhosa por ter vencido e conservado-o – mas outra conquistara-o dela e sua exaltação era tão fria quanto a brasa apagada com água.

Nós, em nosso retiro, permanecíamos completamente ignorantes de seu infortúnio. Logo após o festival, ela buscara sua filha e, então, parecia ter-nos esquecido. Adrian observou uma mudança durante a visita que ele depois fez a ela; mas ele não nos podia dizer sua extensão ou adivinhar sua causa. Eles ainda apareciam

em público juntos e viviam sob o mesmo teto. Raymond era cortês como sempre, embora houvesse, em determinadas ocasiões, uma inevitável arrogância ou uma dolorosa interrupção em suas maneiras, que assustavam sua gentil amiga; seu rosto era tranquilo, porém havia desdém em seus lábios e sua voz era áspera. Perdita era muito bondosa e atenciosa com seu senhor; mas ela estava silenciosa e mais triste do que as palavras proferidas. Ela emagrecera e estava pálida; e seus olhos às vezes enchiam-se de lágrimas. Frequentemente, ela olhava para Raymond, como se dissesse – Devia ser assim, então! Para os outros, sua feição expressava – Eu ainda farei tudo o que puder para fazê-lo feliz. Mas Adrian lia com incerta intenção o caráter em seu rosto e poderia se enganar. – Clara estava sempre ao lado dela e ela parecia quase sempre tranquila, quando, em um canto obscuro, ela sentava-se segurando a mão de sua filha, silenciosa e solitária. Ainda assim, Adrian era incapaz de descobrir a verdade; ele rogou que eles nos visitassem em Windsor e prometeram vir no mês seguinte.

Era maio quando chegaram: a estação aparelhara as árvores da floresta com folhas e suas trilhas com flores mil. Soubemos de sua intenção um dia antes; e, cedo pela manhã, Perdita chegara com sua filha. Raymond logo segui-las-ia, ela disse; ficara por motivos de trabalho. Influenciado pelo relato de Adrian, eu esperava encontrá-la triste; mas, ao contrário, ela estava em seu melhor humor: com efeito, ela estava magra, seus olhos eram como se ocos e seu rosto afundado, embora tingido por um rubor brilhante . Ela tinha prazer em nos ver; acariciava nossos filhos, elogiava seu crescimento e aprimoramento; Clara também deliciava-se ao reencontrar seu jovem amigo Alfred; todos os tipos de jogos infantis eram praticados, dos quais Perdita tomava parte. Ela comunicava sua alegria para nós e, enquanto

nos divertíamos no Castelo Terrace, parecia que um grupo mais feliz e menos despreocupado não poderia ser reunido. “Aqui é melhor, mamãe”, disse Clara, “do que estar naquela ínfima Londres, onde você chora com frequência e nunca ri como aqui”. – “Silêncio, tolinha”, replicou sua mãe, “e lembre-se de que quem mencionar Londres será enviado a Coventry por uma hora.”

Logo após, Raymond chegou. Ele não se juntou ao costumeiro bom humor dos demais; mas, ao entabular conversação com Adrian e eu mesmo, aos poucos nos separávamos de nossas companheiras e apenas Idris e Perdita continuavam com as crianças. Raymond falou de seus novos edifícios; de seu plano de erigir a melhor educação para os pobres; como sempre, Adrian e ele começaram a discutir e o tempo passou desapercebido.

Juntamo-nos outra vez à noite e Perdita insistiu em que recorrêssemos à música. Ela queria, disse-nos, dar uma amostra de sua nova conquista; pois desde que estava em Londres, ela aplicara-se à música e cantava, sem muito poder, mas com uma elevada dose de doçura. Ela não nos permitiu escolher nenhuma melodia que não fosse suave; e todas as óperas de Mozart foram entoadas, que podemos escolhemos como as mais revigorantes para os seus ares. Entre os demais atributos transcendentais da música de Mozart, está aquele ao qual nenhuma outra música iguala-se, o de vir diretamente do coração; adentra-se pelas paixões expressadas por ele e somos transportados com tristeza, alegria, ira ou confusão, conforme ele, mestre de nossa alma, escolhe nos inspirar. Por algum tempo, o bom humor manteve-se; mas, por fim, Perdita deixara o piano, pois Raymond juntara-se no trio de “Taci ingiusto core”, em Don Giovanni, cujo sofisticado pedido ele suavizava com ternura e espicaçou seu coração com as memórias do passado diferente; era a mesma voz, o mesmo tom, os próprios sons e palavras de si mesmo,

que frequentemente ela as havia recebido como uma homenagem do amor que tinha por ela – mas agora já não era isso; e essa harmonia sonora com sua dissonância de expressão penetrou-a com arrependimento e desespero. Logo depois de Idris, que tocava harpa, começou a tocar a apaixonada e melancólica área de Figaro, “Porgi, amor, qualche risforo”, na qual a abandonada Condessa lamenta a mudança da hipócrita Almaviva. A alma de terna mágoa exalava-se em sua tensão; e a doce voz de Idris, mantida pelos lamentosos acordes de seu instrumento, somava-se à expressão das palavras. Durante o patético apelo com o qual a ária conclui-se, um soluço contido chamou nossa atenção para Perdita, o fim da música trouxe-a de volta para si mesma e ela saíra apressada da sala – eu segui-a. No início, ela pareceu desejar se ver livre de mim; e então, cedendo ao meu honesto questionamento, ela jogou-se em meu pescoço e chorou em voz alta: - “Mais uma vez”, exclamou, “mais uma vez em seu peito amigo, meu amado irmão, a desorientada Perdita pode despejar suas mágoas. Eu impus-me a lei do silêncio e por meses cumpri-a. Erro ao chorar agora e maior erro cometo ao expressar minha tristeza. Não falarei! Que lhe seja suficiente saber que sou miserável – baste-lhe saber que o manto pintado da vida está rasgado, que eu sento-me para sempre cercada de escuridão e mágoa, que a tristeza é minha irmã e, meu companheiro, o eterno lamento!”

Tentei consolá-la; não lhe fiz perguntas! Mas acariciava-a, seguro de minha mais profunda afeição e meu intenso interesse em mudar a sua fortuna: - “Queridas palavras”, ela exclamou, “expressões de amor que chegam aos meus ouvidos como os recuperados sons de uma música esquecida, que me foi querida. Elas são vãs, eu sei; extremamente vãs em seu esforço de aliviar-me ou confortar-me. Prezado Lionel, você não

pode adivinhar o quanto sofri nestes longos meses. Sei de choradeiras em dias há muito idos, que se vestiam em buréis, espargiam pó sobre suas cabeças, comiam seu pão misturado com cinzas e faziam seu lar no topo de montanhas desertas, reprovando o céu e a terra aos gritos pelos seus infortúnios. Por que isso é o verdadeiro luxo da mágoa! Assim, alguém poderia seguir, dia após dia, planejando novas extravagâncias, satisfazendo-se na parafernália de lamentos, unido a todos os pertences do desespero. Ah! Devo para sempre ocultar a ruína que me consome. Devo tecer um véu de deslumbrante falsidade para esconder minha tristeza dos olhos vulgares, aprumar meu rosto e pintar meus lábios com sorrisos enganosos - mesmo na solidão não ouso pensar o quão perdida estou, para não me tornar insana e furiosa.”

As lágrimas e a agitação de minha pobre irmã fizeram com que sua descompostura retornasse ao círculo onde estávamos – então convenci-a de me permitir levá-la pelo parque; e, durante o passeio, induzi-a a confidenciar-me a história de sua infelicidade, fantasiando que falar sobre isso atenuaria sua carga e certo de que, se houvesse um remédio, ele seria encontrado e guardado para ela.

Muitas semanas transcorreram desde o festival do aniversário e ela era incapaz de acalmar sua mente ou de subjugar seus pensamentos ao ritmo normal. Às vezes, reprovava-se por levar tudo com extremo amargor, o que poderia fazer muitos imaginar um mal imaginário; mas isso era desnecessário à razão; e, ignorante como ela estava sobre os motivos e da real conduta de Raymond, tudo se lhe revestia de uma aparência ainda pior do que a realidade garantia. Ele raramente estava no palácio; nunca, a menos quando tinha certeza de que suas tarefas públicas evitariam que se encontrasse sozinho com Perdita. Quase nunca se falavam, evitando explicações, cada um temendo

qualquer comunicação que o outro pudesse fazer. De repente, porém, os modos de Raymond mudaram; ele parecia ansiar por encontrar oportunidades de restaurar a bondade e a intimidade com minha irmã. A maré de amor parecia fluir em sua direção novamente; ele nunca poderia esquecer o quanto já fora devotado a ela, fazendo-a seu trono e o receptáculo onde guardava cada pensamento e cada sentimento. A partir do momento em que Perdita havia se recuperado suficientemente para elaborar um plano de ação, ela o fizera e parecia pronta para segui-lo. Ela recebeu esses símbolos de amor regresso com gentileza; ela não evitava sua companhia, mas manobrou para colocar um obstáculo na maneira de relacionamento familiar ou dolorosa discussão, cujo orgulho mesclado com pena fez com que Raymond não pudesse vencê-lo. Ele começou, por fim, a dar mostras de irada impaciência e Perdita entendeu que o sistema que ela tinha adotado não poderia perdurar; ela deveria se explicar a ele; ela não conseguia reunir coragem para falar – então, escreveu:

"Leia esta carta com paciência, eu rogo-lhe. Ela não contém reprovações. Reprovação, sem dúvida, é uma palavra inútil: pelo que deveria eu reprovar-lhe?

"Permita-me, até certo ponto, expor meus sentimentos; sem o que, continuaremos os dois a tatear no escuro, um errando o outro; perdidos no caminho que deve levar, pelo menos um de nós, a um modo de vida mais apropriado do que o que temos vivido nestas últimas semanas.

"Eu amei-o – eu amo-o – nem a ira e nem o orgulho me ditam estas linhas; mas um sentimento além, mais profundo e mais permanente do que ambos. Minha afeição está ferida; é impossível saná-la: - pare então com o esforço em vão, se para isso tendem suas

manobras. Perdão! Retorno! Quão inúteis são essas palavras! Eu perdoo a dor que me aflige; mas o caminho trilhado não pode ser recuperado.

"A afeição comum poderia ter sido satisfeita com práticas comuns. Eu acreditei que lera meu coração e que soubesse de minha devoção e de sua inalienável fidelidade para com você. Nunca amei ninguém além de você. Você apareceu como a personificação de meus sonhos mais apaixonados. O elogio dos homens, o poder e as altas aspirações eram os objetivos de sua carreira. O amor por você investiu o mundo, para mim, em uma luz encantada; já não era mais a terra que eu pisara – a terra, mãe comum, rendendo apenas a monótona e insossa repetição de objetos e circunstâncias antigas e desgastadas. Eu vivia em um templo glorificado pelo mais intenso senso de devoção e arrebatamento; eu caminhava, um ser consagrado, contemplando apenas seu poder, sua excelência;

Pois você, Oh, ao meu lado, como minha juventude,

Transformou por mim o real em sonho,

Revestindo o palpável e o comum

Com o dourado renascer da aurora.[{35}]

'O viço desapareceu de minha vida'[{36}] *– não há uma manhã que suceda esta noite que a tudo abarca; nenhum nascer do sol para o poente do amor. Naqueles dias, o resto do mundo era nada para mim: todos os outros homens – eu nunca os considerei ou os senti como eram; nem olhei para você como um deles. Separado deles; exaltado em meu coração; único possuidor de minha*

afeição; objeto solitário de minhas esperanças, a melhor metade de mim mesma.

"Ah, Raymond, não éramos felizes? O sol não brilhava sobre nós, quem mais poderia apreciar sua luz com bem-aventurança mais intensa, mais pura? Não era - não é a comum infidelidade que eu repilo. É a desunião de um todo que pode não ser separado; é a displicência com que você sacudiu o manto da eleição que, para mim, você vestia e tornou-se assim um entre muitos. Não sonhe em mudar isso. Não é o amor uma divindade, por ser imortal? Não pareço eu santificada, até para mim mesma, por ter este amor como templo meu coração? Eu observava-o enquanto dormia e desfazia-me em lágrimas, enquanto a ideia de que tudo o que eu possuía adormecia neste idolatrado, porém mortal, corpo à minha frente, preenchia minha mente. Porém, ainda assim, eu continha traiçoeiros medos com um pensamento; eu não temia a morte, pois as emoções que nos ligavam deveriam ser imortais.

"E ainda agora eu não temo a morte. Eu devo estar grata por fechar meus olhos e nunca mais abri-los outra vez. E, ainda, eu temo-a; assim como temo todas as coisas; pois em qualquer estado presa pela corrente da memória, como esta, a felicidade nunca retornaria – mesmo no Paraíso, eu devo sentir que seu amor era menos resistente do que os batimentos mortais do meu frágil coração, cada pulso do qual badala com fulgor,

A nota funeral

Do amor, enterrada há tempos, sem ressurreição.[{37}]

Não – não – miserável eu; pois para amor extinto não há ressurreição!

“Ainda, eu amo-o. Porém, e para sempre, eu contribuiria com tudo o que possuo para o seu bem-estar. Por um mundo cheio de rumores; pelo bem da minha – nossa filha, eu permaneceria com você, Raymond, compartilharia seu destino, seguiria seus conselhos. Deve ser assim? Já não somos mais amantes; nem eu posso me considerar amiga de alguém; pois, perdida como estou, todos os meus pensamentos concentram-se em minha arruinada e absorvida pessoa. Mas me agradará vê-lo a cada dia! Ouvir a voz pública reverenciando-o; manter seu amor paternal pela nossa filha; ouvir sua voz; saber que estou próxima a você, embora já não seja mais meu.

“Se você desejar romper as correntes que nos unem, basta dizer e isso será feito – eu assumirei toda a culpa sozinha, de dureza ou maldade, aos olhos do mundo.

“Ainda, como eu lhe disse, seria agraciada, ao menos para o momento, em viver sob o mesmo teto que você. Quando a febre da minha jovem vida desvanecer; quando a plácida idade domar o abutre que me devora, a amizade poderá surgir, estando o amor e a esperança mortos. Será isso verdade? Poderá minha alma, inextricavelmente ligada a este corpo perecível, tornar-se letárgica e fria, mesmo quando este sensível mecanismo perder sua jovem elasticidade? Então, com olhos opacos, cabelos grisalhos e rosto enrugado, embora agora as palavras soem vazias e sem sentido, então, tateando à beira do túmulo, eu possa ser – sua afetuosa e verdadeira amiga,

“PERDITA.”

A resposta de Raymond foi breve. O que mais ele poderia responder às suas reclamações, às mágoas que ela ciumentamente empilhara, mantendo à parte de qualquer ideia de socorro. “Apesar de sua amarga carta”, ele escreveu, “pois de amarga eu devo chamá-la, você é a pessoa primordial em minha estima e é a sua felicidade que eu devo principalmente consultar. Faça o que melhor aprouver-lhe; e se puder ser grata a um modo de vida do que de outro, não deixe que eu seja um obstáculo. Prevejo que o plano detalhado em sua carta não resistirá por muito tempo; mas você é a soberana de si mesma e é meu desejo sincero contribuir o quanto permitir-me para a sua felicidade.”

“Raymond profetizou bem”, disse Perdita, “ah, que assim seja! Nosso modo de vida atual não poderia continuar mais, embora eu não serei a primeira a propor mudanças. Ele vê a mim como alguém que ferira de morte; e eu não espero por sua bondade; nenhuma alteração será trazida mesmo pelas suas melhores intenções. Assim como Cleópatra usara como ornamento o vinagre que continha sua pérola dissolvida, estarei contente com o amor que Raymond pode me oferecer.”

Estou certo de que não vi seu infortúnio com os mesmos olhos de Perdita. Pareceu-me que tudo, sob quaisquer hipóteses, poderia ser remediado; e, se permanecessem juntos, assim seria. Tratei então de aliviar e atenuar sua mente; e não foi até seguidas tentativas que dei a tarefa como impraticável. Perdita ouvia-me com impaciência e respondia com certa aspereza: -“Você acha que todos estes argumentos são novos para mim? Ou que meus ardentes desejos e intensa angústia não os sugeriram mil vezes, com muito mais ansiedade e sutileza do que você põe? Lionel, você não pode compreender o que é o amor de uma mulher. Nos dias de felicidade, eu frequentemente repetia para mim mesma, com um alegre coração e um espírito

exultante, tudo o que Raymond sacrificou por mim. Eu era pobre, iletrada, solitária, montanhesa, tirada do nada por ele. Tudo o que eu possuía dos luxos da vida vieram dele. Ele deu-me um nome ilustre e uma nobre posição; o respeito do mundo refletido de sua própria glória: e tudo isso junto com o seu próprio amor imortal, inspirava-me sensações idênticas ao que temos para com o Doador da vida. Eu dei-lhe apenas amor. Devotei-me para ele; eu era uma criatura imperfeita e trabalhei duro para tornar-me valiosa para ele. Vigiei meu temperamento difícil, subjuguei minha cáustica impaciência de caráter, enriqueci meus pensamentos repetitivos, educando-me à melhor perfeição que pudesse atingir para que os frutos dos meus esforços pudessem ser sua felicidade. Eu não tenho méritos por isso. Ele merece tudo – todo o labor, toda a devoção, todo o sacrifício; eu teria subido uma montanha alpina intransponível para colher uma flor que o agradasse. Eu estava pronta a abandonar vocês todos, meus amados e prendados companheiros, para viver apenas com ele, para ele. Eu não poderia fazer o contrário, mesmo que quisesse; pois se dizem que temos duas almas, ele era a minha melhor, da qual a outra era uma escrava eterna. Ele devia-me somente uma coisa em troca, a fidelidade. Eu conquistara-a; eu merecia-a. Como eu nascera nas montanhas, desacostumada com os nobres e os ricos, deve ele pensar em retribuir-me um nome e uma posição vazios? Deixe-o tomá-los de volta; sem seu amor não são nada para mim. Seu único mérito, aos meus olhos, é que são dele.”

Assim discorreu apaixonadamente Perdita. Quando referi-me à questão da sua separação, ela replicou: “Que assim seja! Um dia o fim chegará; eu sei, eu sinto. Mas nisso, eu sou covarde. Esta companhia imperfeita e nossa aparência de união são estranhamente caras para mim. É doloroso, eu admito, destrutível, impraticável.

Mantém uma febre perpétua em minhas veias; corrói minhas incuráveis feridas; instila-lhes veneno. Ainda devo me agarrar a isso; talvez mate-me logo, realizando assim um grato trabalho.”

Enquanto isso, Raymond permanecera com Adrian e Idris. Ele estava naturalmente sincero; a nossa contínua ausência tornou-se notada; e Raymond logo encontrou alívio do peso nos últimos meses com uma confiança irrestrita em seus dois amigos. Ele contou-lhes a situação na qual encontrara Evadne. Primeiramente, em respeito a Adrian, ele ocultara-lhe seu nome; mas dissera-o no decorrer de sua narrativa e seu antigo enamorado ouviu com a mais aguda agitação a história de seus sofrimentos. Idris compartilhava da má opinião de Perdita sobre a grega; mas o relato de Raymond atenuou-a e atraiu seu interesse. A constância de Evadne, sua força, mesmo seu amor irregular e desafortunado eram objetos de admiração e pena; especialmente quando, a partir dos detalhes do dia dezenove de outubro, era aparente que ela escolhia o sofrimento e a morte a qualquer, pelos seus olhos, degradante pedido de ajuda pela comiseração e assistência do seu amante. Sua conduta subsequente não diminuíra seu interesse. A princípio, aliviada da fome e da morte, cuidada por Raymond com a mais terna assiduidade, com o sentimento de repouso peculiar da convalescença, Evadne rendeu-se à arrebatada gratidão e amor. Mas a reflexão retornou com sua saúde. Ela indagava-o sobre os motivos que ocasionaram sua crítica ausência. Emoldurava seu questionamento com a sutileza dos gregos; tirou suas conclusões com a decisão e a firmeza peculiares ao seu temperamento. Ela não poderia adivinhar que o abismo que ela havia ocasionado entre Raymond e Perdita já era irreparável; mas ela sabia que se alargava a cada dia, no presente sistema e que a consequência seria destruir a

felicidade de seu amante e implantar as convulsões do remorso em seu coração. Desde o momento em que ela percebera a correta linha de conduta, resolvera adotá-la e deixar Raymond para sempre. Paixões conflitantes, um amor há muito acalentado e o desapontamento autoimpingido fizeram-na considerar apenas a morte como o refúgio suficiente para seus lamentos. Mas os mesmos sentimentos e opiniões que a tinham contido antes, agiram com força redobrada; pois ela sabia que a certeza de que ele ocasionara sua morte iria acompanhá-lo para sempre, envenenando cada alegria, obscurecendo cada prospecto. Além disso, embora a violência de sua angústia tenha feito sua vida odiosa, ainda não havia produzido o senso monótono e letárgico da miséria imutável que, para os demais, leva ao suicídio. A energia do seu caráter ainda induzira-a a combater as mazelas da vida; mesmo aquelas que compõem o amor desesperançado apresentaram-se, na forma de um adversário a ser vencido em vez de um vitorioso a quem ela devesse se submeter. Também, ela tinha memórias de ternuras passadas a acalentar, sorrisos, palavras e mesmo lágrimas, para contar como vantagens que, embora relembradas em solidão e em mágoa, eram preferidas ao esquecimento do túmulo. Era impossível adivinhar seu plano por completo. Sua carta à Raymond não permitiu descobrir nenhuma pista; ela assegurava-o de não estar em perigo por necessitar dos meios de vida; ela prometera-lhe se preservar e em algum dia futuro, talvez apresentar-se a ele em uma condição melhor. Ela então pediu-lhe, com a eloquência do desespero e por um amor imutável, um último adeus.

Todas essas circunstâncias eram agora relatadas para Adrian e Idris. Raymond então lamentou o incurável mal de sua situação com Perdita. Ele declarava, apesar da severidade dela, que mesmo ele chamava de frieza, que a amava. Ele estivera pronto, uma vez, com a humildade

de um penitente e a obrigação de um vassalo, a render-se a ela; entregando sua própria alma à sua tutela, para se tornar seu pupilo, seu escravo, seu servidor. Ela rejeitara tais avanços; e o momento para tamanha exuberante submissão, que deve ser fundado no amor e nutrido por ele, passara. Ainda que todos os seus desejos e esforços fossem dirigidos para a paz dela e seu grande desconforto nascera da percepção de que ele esforçara-se em vão. Se ela continuasse inflexível em sua linha de conduta que agora seguia, eles deveriam se separar. As combinações e as ocorrências deste insensível modo de relacionamento o estavam levando à loucura. Ainda, ele não proporia a separação. Ele era perseguido pelo medo de causar a morte de uma ou de outra implicada nesses eventos; e ele não poderia se persuadir a tomar o rumo dos eventos, a menos que, ignorante das terras nas quais viajava, devesse levar aqueles em seu carro para a ruína irremediável.

Após uma discussão sobre esse tema, que durou muitas horas, ele despediu-se de seus amigos e voltou para a cidade, não querendo encontrar Perdita em nossa frente, cônscio, como todos nós deveríamos estar, dos pensamentos à tona na mente de ambos. Perdita preparava-se para segui-lo com sua filha. Idris tentou persuadi-la a ficar. Minha pobre irmã olhava para a conselheira com aflição. Sabia que Raymond conversara com ela; teria ele incentivado tal pedido? – Seria esse o prelúdio para a eterna separação? – Eu disse que os defeitos de seu caráter despertaram e revigoraram-se com sua posição artificial. Ela considerou com suspeição o convite de Idris; abraçou-me, como se estivesse a se privar também de minha afeição; chamando-me de mais do que irmão, seu único amigo, sua única esperança, ela pateticamente implorou para que eu não cessasse meu amor por ela; e com crescente ansiedade partiu para Londres, o cenário e a causa de toda a sua miséria.

As cenas que transcorreram convenceram-na de que ela ainda não havia penetrado totalmente no obscuro golfo para o qual fora atraída. Sua infelicidade assumia, a cada dia, uma nova forma; cada dia, um evento inesperado parecia se encerrar quando, na verdade, seguia adiante no encadeamento de calamidades que caíam sobre ela.

A paixão selecionada pela alma de Raymond era a ambição. Talento em prontidão, uma capacidade de adentrar e liderar os temperamentos dos homens; um honesto desejo de distinção despertavam e nutriam sua ambição. Mas outros ingredientes mesclavam-se a estes e evitavam que ele transformasse-se no caráter calculista e determinado, que por si só forma um herói vitorioso. Ele era obstinado, mas não firme; benevolente em seus primeiros movimentos; severo e incansável quando provocado. Acima de tudo, ele não sentia remorso e não cedia na busca de qualquer objeto de desejo, embora ilegal. O amor do prazer e as atenuantes sensibilidades de sua natureza, compunham uma parte proeminente em sua natureza, conquistando o conquistador; contendo-o no momento da aquisição; destruindo a teia da ambição; fazendo-o esquecer do trabalho de semanas, por um momento de indulgência do novo e atual objeto de desejo. Obedecendo a esses impulsos, ele tornara-se o marido de Perdita; nascido deles, ele encontrara-se enamorado de Evadne. Agora, ele tinha perdido ambas. Ele não tinha a nobre autocongratulação, que a constância inspira, para consolá-lo, nem o voluptuoso senso de abandono para com uma paixão proibida, mas tóxica. Seu coração estava exausto pelos últimos acontecimentos; seu regozijo da vida destruíra-se com o ressentimento de Perdita e a fuga de Evadne; e a inflexibilidade da primeira colou o último selo sobre a aniquilação de suas esperanças. Enquanto sua desunião era um segredo, ele

acalentava uma expectativa de reanimar a antiga ternura em seu peito; agora que todos nós estávamos a par dessas ocorrências, e que Perdita, declarando suas resoluções aos outros, de certa maneira comprometendo-se com a sua realização, ele desistira da ideia de reunião por achá-la fútil e buscava apenas, já que era incapaz de influenciá-la à mudança, reconciliar-se com o presente estado das coisas. Ele fez um voto contra o amor e seu encadeamento de batalhas, desapontamento e remorso, e procurava apenas o contentamento de seus sentidos, um remédio para os ferinos acessos da paixão.

O rebaixamento de caráter era a consequência certa de tais objetivos. Ainda que os desdobramentos não fossem imediatamente observáveis, se Raymond continuasse a se dedicar à execução de seus planos para o benefício público e ao cumprimento suas tarefas como Protetor. Mas, extremo em tudo, rendido pelas impressões imediatas, ele lançou-se com ardor em sua nova busca por prazer e acompanhou as intimidades incongruentes ocasionadas por ela sem reflexão ou previsão. A câmara de conselho estava vazia; as multidões que compareciam perante ele como agentes dos seus vários projetos eram rejeitadas. A festividade, e mesmo a libertinagem, tornaram-se a ordem do dia.

Perdita observava com aflição a crescente desordem. Por um momento, ela pensou que poderia interromper a torrente e que Raymond pudesse ser levado à razão por ela. – Vã esperança! O momento de sua influência já havia passado. Ele ouvia com arrogância, replicava com desprezo; e, na verdade, se ela tivesse tido êxito em despertar sua consciência, o único efeito seria que ele procuraria uma distração para a convulsão tumultuosa e em esquecimento. Com a energia que lhe era natural, Perdita então tentou suprir seu posto. A ainda aparente união permitia-a fazer muito; mas nenhuma mulher

poderia, no final, apresentar um remédio para a crescente negligência do Protetor; que, como se capturado por um paroxismo de insanidade, esmagava todas as cerimônias, toda a ordem, todas as tarefas e retirava-se em licença.

Relatos destes procedimentos estranhos chegavam a nós e não nos decidíamos por um método para devolver nosso amigo a si mesmo e ao país, quando Perdita, de súbito, surgiu entre nós. Ela detalhou o progresso da lamentada mudança e pediu a Adrian e a mim para irmos à Londres e tentarmos remediar o crescente mal: - “Diga-lhe”, ela exclamou, “diga a Lordee Raymond que minha presença não mais o perturbará. Que ele não precisa mais prender-se à esta destrutiva dissipação para desapontar-me e fazer-me fugir. Seu propósito já foi obtido; ele nunca mais me verá. Mas deixe, e este é meu último pedido, deixe-me, nos elogios de seus compatriotas e na prosperidade da Inglaterra, encontrar a predileção de minha juventude justificada.”

Durante nossa viagem para a cidade, Adrian e eu consideramos e discutimos a conduta de Raymond e a queda de suas esperanças de se manter em permanente excelência, que ele nos dera anteriormente como causa para acalentar. Meu amigo e eu havíamos sido educados em uma escola, ou melhor, eu era seu pupilo na opinião de que a rígida aderência aos princípios era o único caminho para a honra; a observação incessante das leis de utilidade geral, o único objetivo consciente da ambição humana. Mas embora cultivássemos essas ideias, diferíamos em sua aplicação. O ressentimento também adicionava um ferrão à minha censura; e eu reprovava a conduta de Raymond em termos severos. Adrian era mais condescendente, mais ponderado. Ele admitia que os princípios que eu detalhara eram os melhores; mas refutava que eram os únicos. Como diz o texto, “na casa de meu pai há muitas moradas”{38}, ele

insistia que os modos para se tornar bom ou grande variavam tanto quanto o temperamento dos homens, de quem se podia dizer, como as folhas na floresta, não há dois parecidos.

Chegamos à Londres por volta das onze da noite. Supomos, apesar do que tínhamos ouvido, que encontraríamos Raymond em Saint Stephen; disparamos para lá. A câmara estava cheia - mas não estava lá o Protetor; e havia um austero e descontente manifesto nas feições dos líderes, e um sussurrante e denso rumor entre os subordinados, não menos alvissareiro. Apressamo-nos para o palácio do Protetorado. Encontramos Raymond em sua sala de jantar, com seis mais; a garrafa estava sendo empurrada com felicidade e fizemos consideráveis questionamentos sobre a compreensão de um ou dois. Aquele sentado próximo a Raymond contava uma história que fazia os demais contorcer-se em risos.

Raymond sentava-se entre eles, contudo, embora ele entrasse no espírito do momento, sua natural dignidade nunca o abandonava. Ele estava alegre, brincalhão, fascinante – mas nunca transgrediu a modéstia da natureza ou o respeito devido a si mesmo, em suas mais selvagens tiradas. Todavia eu saiba, que considerando a tarefa da qual Raymond imbuíra-se como Protetor da Inglaterra e as exigências que passaram a ser suas obrigações, estava excessivamente instigado a observar os inúteis companheiros com quem seu tempo era desperdiçado, e o jovial, senão embriagado, espírito que parecia a ponto de roubar-lhe de suas melhores condições. Permaneci a olhar a cena, enquanto Adrian rapidamente deslizava como uma sombra entre eles e, por uma palavra e olhar de sobriedade, conseguiu instaurar a ordem na reunião. Raymond expressava-se deliciado por vê-lo, declarando que ele deveria se juntar à festividade da noite.

Tal ação de Adrian provocou-me. Eu indignara-me ao ver que ele pudesse se sentar na mesma mesa com os companheiros de Raymond – homens de caráteres abandonados, ou melhor, despojados, o refugo do luxo dos bem-nascidos, a desgraça de seu país. “Deixe-me rogar, Adrian”, exclamei, “que não aceite; melhor juntar-se a mim na tentativa de retirar Lordee Raymond desta cena e uni-lo a outros companheiros.”

“Meu bom companheiro”, disse Raymond, “esta não é a hora e nem o lugar para pregar um sermão moral: creia que minhas diversões e meus companheiros não são tão maus assim quanto você imagina. Não sejamos hipócritas nem tolos – para os demais, ‘Não penses que, por serdes virtuoso, não haverá mais bolo nem bebidas?’{39}

Virei-me irado: “Verney”, disse Adrian, “você está sendo muito cínico: sente-se; senão, talvez, por você não ser um visitante frequente, Lordee Raymond assentirá e nos acompanhará, como havíamos anteriormente concordado, ao parlamento.”

Raymond olhou com gratidão para ele; ele podia ler a boa vontade apenas em seus traços gentis; virou-se para mim, observando com escárnio meu comportamento mal-humorado e rígido. “Venha”, disse Adrian, “eu prometi por você, faça com que eu seja capaz de cumprir minha promessa. Venha conosco.” – Raymond fez um desconfortável movimento e laconicamente replicou: “Não irei.”

O grupo, entrementes, havia se dispersado. Olhavam para os quadros, vagavam pelas demais dependências, falavam de bilhar, e um a um, saíram. Raymond, furioso, andava a esmo pela sala. Permaneci pronto a receber e a responder suas invectivas. Adrian encostou-se contra a parede. “Isto é infinitamente ridículo”, ele exclamou, “se vocês fossem estudantes, não poderiam agir mais inconsequentemente.”

“Vocês não entendem”, disse Raymond. “Isto é parte apenas de um sistema: - um esquema opressor ao qual nunca me renderei. Porque sou o Protetor da Inglaterra, serei o único escravo deste império? Minha privacidade invadida, minhas ações censuradas, meus amigos insultados? Mas ver-me-ei livre de tudo isso. – Sejam vocês testemunhas” e ele tirou a estrela do peito, insígnia do cargo e jogou-a na mesa. “Renuncio ao meu cargo, abdico de meu poder – assuma-o quem o queira!”

“Deixe-o assumir”, exclamou Adrian, “quem possa se pronunciar ou quem o mundo possa pronunciar como seu superior. Não existe um homem na Inglaterra com adequada pretensão. Conheça a si mesmo, Raymond e sua indignação cessará; sua complacência retornará. Poucos meses antes, sempre que rezávamos pela prosperidade de nosso país ou da nossa própria, ao mesmo tempo rezávamos pela vida e pelo bem-estar do Protetor, como se estivessem indissoluvelmente vinculados. Suas horas eram devotadas para o nosso benefício, sua ambição era a de obter o nosso sucesso. Você decorou nossas cidades com edifícios, você investiu-nos de úteis estabelecimentos, você abençoou o solo com abundante fertilidade. Os poderosos e os injustos acovardaram-se nos degraus do seu tribunal e os pobres e os oprimidos ergueram-se como flores despertadas pela manhã sob o brilho fulgurante de sua proteção.

“Você pode se perguntar por que estamos deprimidos e lamentosos, quando isso parece mudar? Mas, venha, este acesso melancólico já passou; retome suas funções, seus partidários o celebrarão; seus inimigos serão silenciados; nosso amor, nossa honra e incumbência se manifestarão novamente em você. Contenha-se, Raymond e o mundo lhe será sujeito.”

“Tudo isso seria de muito bom senso, se dirigido a outro”, disse Raymond, de mau humor, “aproveite a lição

você mesmo, e você, o primeiro igual da terra, poderá se tornar seu soberano. Você, o bom, o sábio, o justo, poderá subjugar todos os corações. Mas eu percebo, rápido demais para a minha felicidade, tarde demais para o bem da Inglaterra, que eu me encarreguei de uma tarefa da qual sou incapaz. Não posso me dominar. Minhas paixões são minhas mestras; meu menor impulso, meu opressor. Você acha que eu renunciei ao Protetorado (sim, eu renunciei) em um acesso de irritação? Pelo Deus que vive, eu juro que nunca mais pegarei este zircônio outra vez; nunca mais carregarei o peso do cuidado e da miséria, dos quais é o mais visível sinal.

"Uma vez desejei ser rei. Era no auge da minha juventude, no orgulho da vaidade adolescente. Eu conhecia-me quando renunciei a isso. E o fiz para conquistar – independentemente do que – pois isso também perdi. Por muitos meses submeti-me a esta zombada majestade – esta solene piada. Não mais serei seu alvo. Serei livre.

"Perdi o que adornava e dignificava minha vida; aquilo que me unia a outros homens. Novamente sou um homem solitário; e me tornarei, novamente, como em meus tenros anos, um andarilho, um mercenário. Meus amigos, como Verney, eu sinto que você é meu amigo, não tentem demover minha decisão. Perdita, casada com uma abstração, não se importa com o que se esconde atrás do véu, cujo rosto é culpado e vil. Perdita renunciou a mim. Com ela, era como interpretar o papel de um soberano; e, como nos recessos de nossa floresta, interpretamos sob máscaras e imaginávamos-nos como pastores Arcadianos, para satisfazer a fantasia do momento – então eu era feliz, mais por Perdita do que por mim mesmo, para conduzir o personagem de um dos maiores da terra; para levá-la para além das cenas de grandiosidade, para mudar sua vida com um curto ato

de magnificência e poder. Isso era para ser a cor; o amor e a confiança, a substância de nossa existência. Mas devemos viver e não interpretar nossas vidas; perseguindo a sombra, eu perdi a realidade – e agora, renuncio a ambas.

"Adrian, estou prestes a retornar para a Grécia, tornar-me novamente um soldado, talvez um conquistador. Quer me acompanhar? Você observará novos cenários; verá um novo povo; testemunhará o aguerrido combate que lá se trava entre civilização e barbárie; observe e talvez dirija os esforços de uma população nova e vigorosa rumo à liberdade e à ordem. Venha comigo. Eu aguardei-o. Esperei por este momento; tudo está preparado; - você me acompanhará?"

"Sim", replicou Adrian. "Imediatamente?"

"Amanhã, caso queira."

"Reflita!", exclamei.

"Para quê?", perguntou Raymond. "Meu caro amigo, nada mais tenho feito senão refletir sobre esse ponto por todo o verão; e esteja certo de que Adrian condensou uma era de reflexão nesse momento. Não fale de reflexão; a partir de agora eu esconjuro-a; esta é minha única circunstância de felicidade durante um longo intervalo de tempo. Devo ir, Lionel – os Deuses assim querem; e eu devo. Não tente me privar de meu companheiro, o amigo do êxule.

"Uma palavra mais sobre a má e injusta Perdita. Por um tempo, pensei que, por observar um momento de concordância, tentando reavivar as ainda ardentes brasas, eu poderia reacender nela a chama do amor. É mais frio dentro dela do que um fogo deixado por ciganos no inverno, o carvão gasto coroado por uma pirâmide de neve. Então, na tentativa de cometer violência contra o meu próprio temperamento, eu fiz tudo ainda pior do que antes. Entretanto eu penso, que o tempo e mesmo a ausência, podem trazê-la de volta para

mim. Lembre-se de que eu ainda a amo, que minha esperança mais querida é a de que ela ainda pode ser minha. Eu sei, embora ela não, quão falso é o véu que ela abriu sobre a realidade – não tentar retirar essa cobertura enganosa, mas retirá-la aos poucos. Presentei-a com um espelho, no qual ela possa se conhecer; e, quando ela for iniciada nesta necessária, mas complexa ciência, ela se maravilhará com seu erro atual e se apressará a devolver-me o que é meu de direito, seu perdão, seus pensamentos afetuosos, seu amor."

CAPÍTULO XI

APÓS estes eventos, muito tempo se passou antes que pudéssemos ser capazes de obter qualquer grau de compostura. Uma tempestade moral fizera naufragar nosso navio ricamente carregado, e nós, remanescentes da reduzida tripulação, estávamos chocados com as perdas e a mudança pelas quais tínhamos passado. Idris amava apaixonadamente seu irmão e mal podia tolerar uma ausência cuja duração era incerta; a companhia dele era cara e necessária para mim – eu havia seguido minhas seletas ocupações literárias com prazer, sob sua tutela e assistência; sua suave filosofia, sua razão infalível e entusiástica amizade eram os melhores ingredientes, o espírito exaltado de nosso círculo; mesmo as crianças lamentaram amargamente a perda de seu bondoso companheiro de folguedos. Tristeza maior oprimira Perdita. Apesar do ressentimento, dia e noite ela imaginava os trabalhos e os perigos dos andarilhos. Raymond ausente, lutando contra as dificuldades, despojado do poder e da elite do Protetorado, exposto aos perigos da guerra, tornou-se um objeto de ansioso interesse; não que ela sentisse inclinações de chamá-lo, se isso fosse implicar em um retorno à antiga união. Tal retorno ela achava ser impossível; e enquanto ela assim acreditava e com angústia lamentava que assim tinha de ser, continuava irada e impaciente com ele, que ocasionara sua miséria. Estas perplexidades e lamentos faziam com que ela banhasse seu travesseiro de lágrimas noturnas e reduziram-na em pessoa e em mente à uma sombra do que ela já tinha sido. Ela buscava a solidão e evitava-nos

quando, em alegria e incontida afeição, encontrávamos-nos em um círculo familiar. Solilóquios solitários, intermináveis caminhadas a esmo e a música solene eram suas únicas diversões. Ela rejeitara até mesmo sua filha; isolando seu coração de toda a ternura, ela estava mais reservada comigo, seu primeiro e melhor amigo.

Eu não poderia vê-la senão perdida, sem que eu mesmo tentasse remediar o mal – irremediável eu sabia, se eu não pudesse, no final, reconciliá-la com Raymond. Antes que ele partisse, eu usei de todos os argumentos, toda a persuasão para induzi-la a interromper sua jornada. Ela respondeu com um jorro de lágrimas – dizendo-me que para ser persuadida – a vida e suas benesses eram uma troca barata. Não era a vontade que ela desejava, e sim a capacidade; ela declarava, uma vez e então novamente, que era mais fácil encadear o mar, colocar rédeas nas direções invisíveis do vento, do que interpretar a verdade como falsidade, engano por honestidade e comunhão sem coração por um amor sincero e confidente. Ela respondia ao meu raciocínio mais brevemente, declarando com desdém que a razão era dela; e, até que eu pudesse persuadi-la de que o passado podia ser desfeito, de que a maturidade podia voltar ao berço e de que tudo o que era podia se tornar o que nunca fora, era inútil assegurá-la de que nenhuma mudança realmente havia ocorrido em seu destino. E assim, com rígido orgulho, ela permitira que ele partisse, embora rompendo as próprias cordas de seu coração e levando, assim, tudo o que fazia a vida dela valiosa.

Para mudar o cenário para ela e até para nós mesmos, todos perturbados pela nuvem que pairara sobre nós, persuadi minhas duas companheiras remanescentes de que era melhor que nos ausentássemos por um tempo de Windsor. Visitamos o norte da Inglaterra, minha nativa Ulswater e ressuscitamos cenas caras a partir de mil

associações. Estendemos nossa viagem pela Escócia, para que pudéssemos ver o lago Katrine e o lago Lomond; de lá, cruzamos para a Irlanda e passamos várias semanas no vilarejo de Killarney. A mudança de cenário operou uma mudança em grande escala, como eu esperava; depois de um ano de ausência, Perdita chegou mais gentil e dócil a Windsor. A primeira visão do lugar por um tempo perturbou-a. Cada canto daqui era marcado por associações que agora eram ainda mais amargas. Os bosques da floresta, os vales repletos de arbustos, os gramados planaltos, os campos alegres e cultivados estendendo-se ao largo do prateado caminho do Tamisa, toda a terra, o ar e as ondas, assumiam uma voz múltipla, inspirados pela memória e pelo instinto com lamentoso arrependimento.

Mas minha tentativa em trazê-la para uma visão mais sã sobre sua própria situação não terminara aqui. Perdita ainda era, em muito, rústica. Logo quando deixara de ser uma camponesa e residira com a elegante e culta Evadne, o único feito que obtivera quase à perfeição era a pintura, para a qual ela tinha um gosto semelhante de um gênio. A pintura ocupava-a enquanto ela morava sozinha em sua cabana, quando ela abandonara a proteção de sua amiga grega. Sua paleta e seu pincel estavam agora deixados de lado; se ela tentasse pintar, desabaladas recordações fariam sua mão tremer e seus olhos encher-se de lágrimas. Com tal ocupação, ela esqueceu-se de quase todas as outras; e sua mente caçava-se a si mesma, levando quase à loucura.

De minha própria parte, desde que Adrian tinha-me sacado de meu errático deserto para o seu próprio paraíso de ordem e beleza, eu tinha me aliado à literatura. Senti-me convencido de que, embora fora assim nos primórdios, no presente estágio do mundo nenhuma faculdade do homem poderia ser desenvolvida,

nenhum princípio moral poderia crescer e ser liberal sem um amplo relacionamento com os livros. Para mim, eles estavam no lugar de uma carreira ativa, da ambição e das palpáveis excitações necessárias à multidão. A compilação de opiniões filosóficas, o estudo dos fatos históricos, o conhecimento de idiomas, eram definitivamente minha recreação e o sério objetivo de minha vida. Tornei-me escritor. Minhas produções, entretanto, eram despretensiosas; detinham-se apenas às biografias dos principais personagens históricos, especialmente aqueles que eu acreditava estar traduzidos ou sobre aqueles a quem se agarraram a obscuridade e a dúvida.

Conforme meus escritos cresciam, eu adquiria novas simpatias e prazeres. Encontrei outro, e valioso, elo para me prender aos meus semelhantes; meu ponto de vista era amplo e as inclinações e as habilidades de todos os seres humanos tornaram-se profundamente interessantes para mim. Os reis foram chamados de pais dos seus povos. De repente, era como se eu tornara-me o pai de toda a humanidade. A posteridade tornou-se minha herdeira. Meus pensamentos eram gemas para enriquecer a caixa-forte das posses intelectuais dos homens; cada sentimento era uma prenda preciosa que eu investia sobre eles. Não deixe que estas aspirações sejam atribuídas à vaidade. Elas não eram expressas em palavras, nem mesmo reduzidas a alguma forma em minha própria mente; mas preenchiam minha alma, exaltavam meus pensamentos, levantando um brilho de entusiasmo, e conduziam-me para fora da obscura trilha que eu antes percorria, para dentro do caminho iluminado de sol da humanidade, fazendo-me um cidadão do mundo, um candidato para honras imortais, um ansioso aspirante ao elogio e à simpatia dos meus compatriotas.

Ninguém certamente mais apreciava os prazeres da redação do que eu. Se eu deixava a floresta, a solene música dos ramos balançantes e o majestoso templo da natureza, buscava os amplos muros do Castelo e olhava para a ampla e fértil Inglaterra, estendida sobre nosso monte real e ouvia o instante com os sons de música inspiradores. Em tais momentos, solenes harmonias ou ares que eriçavam o espírito davam asas aos meus pensamentos demorados, permitindo, parecia-me, que penetrassem o último véu de natureza e seu Deus, e para exibir a mais alta beleza na expressão visível à compreensão dos homens. Enquanto a música seguia, minhas ideias pareciam abandonar sua mortal residência; balançavam suas penas e alçavam voo, navegando a plácida corrente do pensamento, preenchendo a criação com nova glória e despertando imagens sublimes que antes dormiam mudas. Então eu apressava-me para minha mesa para tecer a recém-encontrada teia da mente em firme textura e com cores brilhantes, deixando seu aperfeiçoamento para um momento mais calmo.

Mas esse relato, que poderia apropriadamente pertencer a um período anterior em minha vida tanto quanto ao momento atual, leva-me para longe. Era o prazer que tomava da literatura, a disciplina da mente encontrada que se erguia, que me ansiava a conduzir Perdita para os mesmos objetivos. Comecei com leveza e gentil encantamento, primeiro excitando sua curiosidade e, então, satisfazendo-a assim que ela o desejasse, ao mesmo tempo em que ela, em parte, esquecera suas mágoas por meio da ocupação, para encontrar as horas que rendiam uma reação de benevolência e tolerância.

A atividade intelectual, embora não direcionada aos livros, sempre fora característica de minha irmã. Aparecera logo em sua vida, conduzindo-a para longe de sua solitária introspecção entre suas montanhas nativas,

fazendo com que ela formasse inúmeras combinações com objetos comuns, fortalecendo suas percepções e imprimindo velocidade aos seus arranjos. O amor viera, como o clamor do Senhor[{40}], para absorver qualquer propensão menor. O amor dobrara todas as suas excelências e colocara um diadema em seu gênio. Deveria ela cessar o amor? Leve as cores e a fragrância da rosa, mude o doce nutriente do leite materno para a bílis e o veneno; assim facilmente poderia você desmamar Perdita do amor. Ela lamentava a perda de Raymond com angústia, que exilava o sorriso de seus lábios e escavava tristes linhas em seu belo rosto. Mas cada dia parecia mudar a natureza de seu sofrimento e cada hora que passava a forçava a alterar (se assim posso denominar) o modo da veste de luto da sua alma. Por um tempo, a música podia satisfazer os anseios de sua fome mental e seus pensamentos melancólicos renovavam-se em cada mudança de tom e variavam com cada alteração de andamento. Meu ensinamento primeiro impeliu-a para os livros; e, se a música tinha sido o alimento da mágoa, as produções dos sábios tornaram-se seu remédio. O aprendizado de línguas desconhecidas era muito tedioso como ocupação, para alguém que referia qualquer expressão ao universo interior e não as interpretava, como muitos, como mero passatempo; mas para quem ainda questionava a si mesma e ao autor, moldando cada ideia de mil maneiras, ardentemente desejosa pela descoberta da verdade em cada sentença. Ela buscava aprimorar sua compreensão; mecanicamente seu coração e seu temperamento tornaram-se suaves e gentis sob esta benigna disciplina. Depois de um tempo, ela descobriu que, entre seu recém-adquirido conhecimento, seu próprio caráter, que antes ela aprazia-se de tê-lo completamente compreendido, tornou-se o primeiro em solos incógnitos, as vastidões sem caminhos de uma terra sem direção.

De modo errante e estranho, ela começou o trabalho de autoexame com a autocondenação. E então, novamente, ela conscientizou-se de suas próprias excelências e começou a ponderar, com pesos justos, os tons do bom e do mau. Eu, que tentei além das palavras resgatá-la à felicidade que ela ainda detinha para usufruir, observava com ansiedade o resultado destas batalhas internas.

Mas o homem é um estranho animal. Não podemos supor suas forças com as de um motor; e, embora um impulso dado pelo poder de quarenta cavalos ao que parecia desejar produzir apenas um, ainda que no desprezo do cálculo o movimento não seja efetuado. Nem a tristeza, a filosofia ou o amor poderiam fazer Perdita pensar com leveza sobre o erro de Raymond. Ela agora tinha prazer em minha companhia; com relação à Idris, ela sentia e mostrava um senso repleto e afeiçoado do seu valor – ela agora tratava sua filha com medida abundante de ternura e cuidado. Mas poderia descobrir, entre todos os seus descontentamentos, um profundo ressentimento para com Raymond e um sentimento de justiça irremovível, que tirava de mim a esperança quando eu parecia estar mais próximo de meu objetivo. Entre outras dolorosas restrições, ela havia feito com que se tornasse uma lei entre nós nunca mencionar o nome de Raymond na sua frente. Ela recusava-se a ler quaisquer comunicações vindas da Grécia, desejando apenas que lhe dissesse quando chagavam e se os andarilhos estavam bem. Era curioso que até Clara observasse tal lei em respeito à sua mãe. Essa amável criança estava perto dos oito anos de idade. Antes, ela era uma menina tranquila e articulada, porém alegre e infantil. Após a partida de seu pai, o pensamento imprimira-se em seu jovem rosto. As crianças, desacostumadas ao linguajar, raramente encontram palavras para expressar seus pensamentos, nem nós podíamos dizer como os últimos eventos haviam sido

marcados em sua mente. Mas certamente ela fizera profundas observações enquanto notava, em silêncio, as transformações que se passavam ao seu redor. Ela nunca mencionava seu pai para Perdita, parecia em parte amedrontada quando se referia a ele para mim e, embora tentasse prolongar o assunto e diminuir as sombras que se abatiam sobre as suas ideias a respeito, eu falhava. Contudo, quando recebíamos a correspondência do estrangeiro, ela ficava atenta à chegada das cartas – ela sabia o código postal e observava-me enquanto eu lia. Eu encontrava-a frequentemente lendo com atenção um artigo sobre a Grécia no jornal.

Não há visão mais dolorosa do que o cuidado inoportuna referente às crianças e isso era mais observável em alguém cujo temperamento tinha sido, até aquele momento, alegre. Ainda assim, havia tanta doçura e docilidade em Clara que sua admiração era excitada; e se os humores da mente fossem calculados para pintar o rosto com beleza e doar graça aos movimentos, seguramente suas contemplações seriam celestiais; uma vez que cada traço era moldado com amabilidade e seus trejeitos eram mais harmoniosos do que os elegantes saltos das jovens corças de sua floresta nativa. Às vezes, eu debatia com Perdita sobre a sua reserva; mas ela rejeitava meus conselhos, enquanto a sensibilidade de sua filha suscitava nela uma ternura ainda mais apaixonada.

Depois de mais de um ano, Adrian retornou da Grécia.

Quando nossos eLivross chegaram, um pacto vigorava entre os turcos e os gregos; um pacto que era como o sono para o corpo mortal, sinal de renovada atividade ao despertar. Com os mais numerosos soldados da Ásia, com todos os recursos de guerra, navios e engenhos militares que a riqueza e o poder poderiam comandar, os turcos decidiram finalmente esmagar o inimigo que, se

arrastando aos poucos, tinham conquistado, a partir de sua fortaleza em Morea, a Trácia e a Macedônia, e haviam conduzido seus exércitos às portas de Constantinopla, enquanto as amplas relações comerciais turcas faziam seu sucesso ser do interesse de cada nação europeia. A Grécia preparara-se para uma vigorosa resistência; erguera-se para um homem; e as mulheres, sacrificando seus caros ornamentos, forneceram seus filhos para a guerra, pedindo-lhes que vencessem ou morressem com o espírito da mãe espartana. Os talentos e a coragem de Raymond eram altamente estimados entre os gregos. Nascido em Atenas, a cidade clamou-lhe para si e, ao dar-lhe o comando de sua peculiar divisão de exército, o comandante-chefe possuía apenas poder superior. Ele era distinguido entre os cidadãos, seu nome fora adicionado à lista dos heróis gregos. Seu julgamento, atividade e a bravura consumada justificavam sua escolha. O Conde de Windsor tornou-se um voluntário sob seu amigo.

"Está bem", disse Adrian, "falar sobre a guerra nestes tons agradáveis e com muito óleo mal gasto fazer uma exibição da alegria, pois muitos de nossos semelhantes deixam com dor este doce ar e sua terra natal. Não devo ser suspeito de ter aversão à causa grega; eu conheço e sinto sua necessidade; é, além de qualquer outra, uma boa causa. Eu defendi-a com a minha espada e desejava que meu espírito exalasse-se em sua defesa; a liberdade é de mais valia do que a vida e os gregos fazem bem em defender seu privilégio até a morte. Mas não nos deixemos enganar. Os turcos são homens; cada fibra, cada membro sente-se como se fossem nossos, e cada espasmo, seja mental ou corpóreo, é tão verdadeiramente sentido no coração ou no cérebro de um turco como no de um grego. A última ação na qual estive presente era a tomada de... Os turcos resistiram

até o fim, a guarnição de defesa perecera pelos muros e entramos em assalto. Cada criatura que respirava dentro dos muros foi massacrada. Pensam que, entre os gritos da inocência violada e da infância desamparada, eu não sentia em cada nervo o clamor de um ser semelhante? Eram homens e mulheres, sofrendo, antes de serem Maometanos e quando erguerem-se sem o turbante dos túmulos, com exceção de suas boas ou más ações, serão melhores ou piores do que nós? Dois soldados lutavam por uma garota, cujo rico vestido e extrema beleza excitavam os apetites brutais daqueles infelizes que, talvez bons homens em suas famílias, estavam transformados pela fúria do momento em demônios encarnados. Um velho homem, com uma barba prateada, decrépito e calvo, que podia ser o avô da garota, intercedeu para salvá-la; o machado de batalha de um deles abriu seu crânio. Corri para defendê-la, mas a fúria tornou-os cegos e surdos; eles não distinguiram minhas vestes cristãs ou atentaram para as minhas palavras – as palavras eram armas rombudas então, pois enquanto a guerra gritava “havoc” e o assassinato emitia o eco apropriado, como poderia eu…

Inverter a maré de maldade, aliviando o erro

Com suave abordagem de aliviada eloquência?[{41}]

Um dos companheiros, furioso com minha interferência, atingiu-me de lado com sua baioneta e caí sem sentidos.

“Esta ferida provavelmente encurtará minha vida por ter despedaçado um corpo fraco de si mesmo. Mas estou feliz por morrer. Aprendi, na Grécia, que um homem, mais ou menos, é de pequena importância, enquanto os corpos humanos continuam a preencher as minguadas patentes da soldadesca; e que a identidade de um único homem pode passar desapercebida para que os registros

dos oficiais contenham todos os números. Tudo isso tinha um efeito diferente sobre Raymond. Ele é capaz de contemplar o ideal da guerra, enquanto sou sensível apenas às suas realidades. Ele é um soldado, um general. Ele pode influenciar os cães de guerra sedentos de sangue, enquanto eu resisto às suas propensões em vão. O motivo é simples. Burke disse que 'em todos os corpos daqueles que liderariam, devem também, em um considerável nível, seguir'{42}. – Eu não posso seguir; pois não simpatizo com seus sonhos de massacre e glória – seguir e liderar em tal carreira é a inclinação natural da mente de Raymond. Ele sempre é vitorioso e joga limpo, ao mesmo tempo em que adquire prestígio e posição para si mesmo, para assegurar a liberdade e, provavelmente, um império maior, aos gregos."

A mente de Perdita não se suavizara com esse relato. Ele, pensava ela, pode ser grande e feliz sem mim. Eu também teria uma carreira! Eu embarcaria em algum barco novo com todas as minhas esperanças, energias e desejos, e lançá-lo-ia adiante pelo oceano da vida – em busca de algum porto a conquistar, com a ambição e o prazer no comando! Mas ventos adversos detêm-me no litoral; como Ulisses, sento-me à beira da água e lamento. Mas minhas mãos covardes não podem sentir as madeiras ou alisar as plataformas. Sob a influência desses pensamentos melancólicos, ela tornou-se mais do que nunca enamorada da mágoa. Ainda a presença de Adrian fez algum bem; ele, definitivamente, violara a lei de silêncio observada em relação a Raymond. A princípio, ela alarmara-se com o som já desacostumado; logo ela habituara-se a ele e passou a amá-lo, e ouvia com avidez os relatos de seus feitos. Clara também livrou-se de seu bloqueio; Adrian e ela haviam sido há muito companheiros de brincadeiras; e agora, enquanto andavam ou montavam juntos, ele cedia ao seu honesto

pedido e repetia, pela centésima vez, alguma história de bravura, de generosidade ou de justiça de seu pai.

Cada navio, nesse meio tempo, trazia felizes notícias da Grécia. A presença de um amigo em seus exércitos e em seus conselhos fazia-nos inteirar dos detalhes com entusiasmo; e uma breve carta ocasional de Raymond contava-nos como ele estava absorvido pelos interesses de seu país adotivo. Os gregos estavam fortemente ligados aos seus interesses comerciais e teriam se satisfeito com suas atuais aquisições caso os turcos não os tivessem eriçados com a invasão. Os patriotas venceram; um espírito de conquista espalhou-se; e eles olhavam para Constantinopla como se fosse deles. Raymond erguera-se perpetuamente em sua estima; mas um homem tinha um poder superior ao dele no exército. Ele chamava a atenção por sua conduta e pela escolha de posição em uma batalha ocorrida nas planícies da Trácia, nas margens do Hebrus, que deveria decidir o destino do Islã. Os Maometanos foram derrotados e retraíram-se por completo à margem oeste desse rio. A batalha foi sanguinária, a perda dos turcos aparentemente irreparável; os gregos, ao perderem um homem, esqueceram-se da anônima multidão espalhada pelo campo sangrento e pararam de se vangloriar pela vitória, que havia lhes custado – Raymond.

Na batalha de Makri,, ele havia conduzido a carga da cavalaria e perseguido os fugitivos até as margens do Hebrus. Seu cavalo favorito fora encontrado pastando ao largo do tranquilo rio. Tornara-se uma questão saber se ele estava caído entre os não reconhecidos; mas nenhum ornamento quebrado ou jaez manchado traíra seu destino. Suspeitava-se de que os turcos, encontrando-se possuidores de um cativo tão ilustre, resolveram satisfazer sua crueldade ao invés da avareza e, temerosos da interferência da Inglaterra, decidiram esconder para sempre o assassinato a sangue frio do

soldado que mais odiavam e temiam dos esquadrões do exército do seu inimigo.

Raymond não fora esquecido na Inglaterra. Sua abdicação do Protetorado causara uma sensação inigualável; e, quando seu magnificente e vigoroso sistema era comparado com as estreitas visões dos políticos que o seguiram, o período de sua elevação era mencionado com mágoa. A recorrência eterna de seu nome, aliada aos testemunhos mais honoráveis, nos jornais gregos, mantinha o interesse que ele havia excitado. Ele parecia o filho predileto da sorte e sua perda prematura eclipsara o mundo e deixou o resto da humanidade com brilho diminuído. Eles agarravam-se com ansiedade à esperança vigente de que ele ainda poderia estar vivo. O ministro turco em Constantinopla foi intimado a realizar as investigações necessárias e, se sua sobrevivência fosse assegurada, a exigir sua libertação. Esperava-se que os esforços tivessem sucesso e que embora um prisioneiro, o jogo da crueldade e a marca do ódio, ele pudesse ser resgatado do perigo e devolvido à felicidade, ao poder e à honra que ele merecia.

O efeito de tais informações sobre minha irmã foi aterrador. Ela nunca, nem por um momento, acreditara na história de sua morte; ela resolveu ir imediatamente para a Grécia. A ponderação e a persuasão foram despejadas sobre ela; ela não toleraria nenhum obstáculo, nenhum retardo. Poderia estar adiante da verdade que, se o argumento ou o rogo pode mudar a ideia de alguém com um desesperado propósito, cujo motivo e fim dependem apenas da força da afeição, então é correto fazê-lo, desde que a docilidade surja, contanto que nem o motivo e o fim sejam de força suficiente para vencer os obstáculos relativos à sua execução. Se, pelo contrário, eles são prova contra a imprecação, a mesma rigidez é um prenúncio do êxito; e

torna-se a tarefa daqueles que amam ajudar a aliviar as barreiras em seu caminho. Tais sentimentos agiram sobre nosso pequeno círculo. Estando Perdita irremovível, consultamo-nos sobre a melhor maneira de lograrmos seu propósito. Ela não poderia ir sozinha a um país onde não tinha amigos, onde ela poderia chegar apenas para ouvir as terríveis notícias, que deveriam surpreendê-la com tristeza e remorso. Adrian, cuja saúde sempre fora fraca, agora sofria considerável piora do calvário provocado pela sua ferida. Idris não toleraria deixá-lo naquele estado; nem era correto deixar ou levar conosco uma jovem família para uma jornada desta descrição. Resolvi, por fim, acompanhar Perdita; a separação de minha Idris foi dolorosa – mas a necessidade reconciliara-nos em certo grau: a necessidade de salvar Raymond e devolvê-lo novamente à felicidade e à Perdita. Nenhum atraso deveria ocorrer. Dois dias depois de nos decidirmos, seguimos para Portsmouth e embarcamos. Estávamos em maio, o clima, sem tempestades; prometia-se uma viagem próspera. Acalentando as mais ferventes esperanças, navegamos o amplo oceano, vimos com prazer a distante praia da Bretanha e, nas asas do desejo, aceleramos nossas velas cheias de vento em direção ao Sul. As iluminadas e curvas ondas levavam-nos adiante e o velho oceano sorria à carga de amor e esperança sob sua responsabilidade; atingia-nos gentilmente com suas planícies tempestuosas e o caminho era suavizado para nós. O vento vindo de trás, noite e dia, dava um constante impulso ao nosso mastro – nem o duro vento, a traiçoeira areia ou a destrutiva rocha interpunha-se como obstáculo entre minha irmã e a terra que estava para devolvê-la ao seu primeiro amor,

O confessor de seu caro coração – um coração dentro daquele coração.

VOLUME II

CAPÍTULO I

DURANTE esta viagem, quando nas plácidas noites conversávamos sobre a cobertura, observando a inclinação das ondas e a mutante aparência do céu, eu descobri a completa revolução que os desastres de Raymond haviam empreendido sobre a mente de minha irmã. Seriam eles da mesma água que o amor que, ultimamente frio e lancinante como o gelo, repelente como tal, agora afrouxado de suas correntes congeladas, fluindo pelas regiões de sua alma em exuberante jogo e graça? Ela não acreditava que ele estivesse morto, mas sabia que ele estava em perigo, e a esperança em auxiliar na sua libertação e a ideia de aliviar pela ternura as dores a que ele fora submetido, elevaram e harmonizaram o último elemento dissonante em seu ser. Eu não era tão otimista quanto ela sobre o resultado de nossa viagem. Ela não estava otimista, mas confiante; e a expectativa de ver o amante que ela banira, o marido, amigo, o companheiro de seu coração, de quem ela estava há muito separada, envolveu seus sentidos com prazer e sua mente em placidez. Era como retomar a vida; era como deixar a areia estéril por uma residência de beleza fértil; era como um porto depois da tempestade, um alívio depois de noites insones, um feliz despertar de um sonho terrível.

A pequena Clara acompanhava-nos; a pobre criança não entendia muito bem o que estava a ocorrer adiante. Ela ouvira que estávamos rumando para a Grécia, que ela veria seu pai e agora, pela primeira vez, ela falava dele para sua mãe.

Ao desembarcarmos em Atenas, encontramos mais dificuldades à nossa frente; nem poderiam a propalada terra ou a balsâmica atmosfera inspirar-nos com entusiasmo ou prazer, enquanto o destino de Raymond estivesse em perigo. Nenhum outro homem havia excitado com tanta força o interesse da opinião pública; isso era aparente mesmo entre os fleumáticos ingleses, de quem ele estava há muito ausente. Os atenienses haviam esperado que seu herói regressasse em triunfo; as mulheres haviam ensinado seus filhos a cecear seu nome atrelado à ação de graças; sua vigorosa beleza, sua coragem, sua devoção à causa deles, fazia-o parecer, aos olhos deles, como uma das antigas divindades daquele solo, descidas do Olimpo pátrio para defendê-los. Quando falavam de sua provável morte e captura certa, as lágrimas fluíam de seus olhos; da mesma maneira como as mulheres sírias choravam por Adonis{43}, faziam-no as esposas e as mães da Grécia pelo nosso inglês Raymond – Atenas era a cidade do lamento.

Todas essas demonstrações de desespero atingiram Perdita com aflição. Com sua expectativa otimista, porém confusa, que engendrava o desejo enquanto ela estava distante da realidade, ela formara uma imagem em sua mente de instantânea mudança que ocorreria quando ela pusesse os pés no litoral grego. Ela idealizava que Raymond já estivesse livre e que as suas ternas atenções apagariam por completo as lembranças de seu infortúnio. Mas o destino dele era ainda incerto; ela começou a temer pelo pior e a sentir que a esperança de sua alma estava jogada a uma chance que poderia se provar impossível. A esposa e a amável filha de Lordee Raymond tornaram-se objetos de intenso interesse em Atenas. As portas de sua residência estavam cercadas, as preces eram entoadas em bom som

pela sua recuperação; todas essas circunstâncias somaram-se ao desânimo e aos medos de Perdita.

Meus esforços eram incessantes: depois de um tempo deixei Atenas e juntei-me ao exército estacionado em Kishan, na Trácia. O suborno, as ameaças e a intriga logo revelaram o segredo de que Raymond estava vivo, um prisioneiro, sofrendo o mais rigoroso confinamento e as mais impiedosas crueldades. Pusemos em movimento todo o impulso político e monetário para livrá-lo daquelas mãos.

A impaciência do temperamento de minha irmã agora regressara, despertada pelo arrependimento, afiada pelo remorso. A própria beleza do clima grego, durante a estação da primavera, adicionava tortura às suas sensações. O incomparável encanto da terra coberta de flores – o ameno brilho do sol e a agradável sombra – a melodia dos pássaros – a majestade das árvores – o esplendor das ruínas de mármore – a límpida resplandecência das estrelas à noite – a combinação de tudo o que era excitante e voluptuoso nesta região transcendental por inspirar um vívido espírito de vida e uma sensibilidade adicionada a toda articulação de seu corpo, apenas sobressaía a pungência de sua tristeza. Cada longa hora era contada e "*Ele sofre*" era o peso de todos os seus pensamentos. Ela abstinha-se de alimento; deitava-se no solo e, por tal mimetismo dos seus forçados tormentos, tentava entrar em comunhão com a distante dor dele. Eu lembrei-me, em um dos seus momentos mais duros, de uma citação minha que havia eriçado nela a ira e o desprezo. "Perdita", eu havia dito, "algum dia você descobrirá que errou ao lançar Raymond novamente aos espinhos da vida. Quando o desapontamento houver manchado a beleza dele, quando as privações do soldado derrubar sua forma máscula e a solidão até triunfar amargamente sobre ele,

então você se arrependerá; e lamentará pela mudança irreparável,

"se moverá,

Nos corações agora de pedra, o tardio remorso do amor."{44}

O pungente "remorso do amor" agora perfurava seu coração. Ela acusava-se a si mesma pela viagem dele à Grécia – seus perigos – sua prisão. Ela imaginava-se a angústia de sua solidão; lembrava-se do ansioso prazer com que ele fazia-a, nos dias idos, parceira de suas alegres esperanças – com que graciosa afeição ele recebera a sua simpatia em seus cuidados. Ela trazia à mente as inúmeras vezes em que ele dissera que a solidão era-lhe o pior dos males e como a própria morte era para ele mais amedrontadora e dolorosa quando ele imaginava-se em um solitário túmulo. "Minha grande garota", ele havia dito, "alivia-me destas fantasias. Unido a ela, acalentado em seu querido coração, nunca outra vez eu deverei conhecer a miséria de encontrar-me sozinho. Mesmo se eu morrer antes de você, minha Perdita, guarde minhas cinzas até que as suas misturem-se com elas. É um sentimento tolo para quem não é materialista, ainda, parece-me, que mesmo em uma cela escura, eu possa sentir que meu pó inanimado mescle-se com o seu e, portanto, tenha uma companheira na queda." Em seu ressentido humor, tais expressões foram relembradas com aspereza e desdém; visitavam-na em sua hora mais suave, retirando o sono de seus olhos e toda a esperança do descanso de sua mente intranquila.

Dois meses assim se passaram, quando por fim obtivemos uma promessa da libertação de Raymond. O confinamento e o sofrimento minaram sua saúde; os turcos temeram que as ameaças do governo inglês cumprissem-se, caso ele morresse sob suas mãos;

consideraram sua recuperação impossível; entregaram-no como um moribundo, desejando passar para as nossas mãos a cerimônia de sepultamento.

Ele veio pelo mar, de Constantinopla até Atenas. O vento, favorável a ele, soprou tão forte para o litoral que nos impossibilitou, como havíamos pretendido a princípio, encontrá-lo em sua estrada de água. A torre de observação de Atenas foi tomada pelos curiosos, cada navio perscrutado com ansiedade; até que, no dia primeiro de maio, a galante fragata pôs-se à vista, carregada com o tesouro mais valioso do que a riqueza que, pilotada do México, era engolida pelo vexado Pacífico ou era conduzida sobre seu peito tranquilo para enriquecer a coroa espanhola. No sair da aurora o navio foi descoberto se aproximando da praia; supunha-se que ele lançaria âncora cerca de cinco milhas da terra. A notícia espalhou-se por Atenas e toda a cidade despejou-se às portas do Pireu, pelas estradas, por entre as vinhas, as oliveiras e as plantações de figos, em direção do porto. A barulhenta alegria da população, as berrantes cores de suas roupas, o tumulto de carruagens e de cavalos, a marcha dos soldados que se misturavam, o tremular das bandeiras e o som de música marcial adicionavam grande excitação à cena; enquanto à nossa volta repousava em solene majestade as relíquias de priscas eras. À nossa direita, a Acrópole erguia-se alta, espectadora de mil mudanças, de antigas glórias, de escravidão turca e da restauração da cara liberdade; tumbas e memoriais espalhavam-se densamente ao redor, adornados pela vegetação em constante renovação; os poderosos mortos pairavam sobre os monumentos e observavam em nosso entusiasmo e na aglomeração uma repetição das cenas nas quais haviam sido atores. Perdita e Clara iam em uma carruagem fechada; eu seguia-as a cavalo. Por fim, chegamos ao porto; estava agitado pelo afluxo que vinha do mar

adentro; a praia, pelo o que se podia discernir, estava coberta por uma multidão móvel que, premida por aqueles que estavam atrás na direção do mar, retrocedia quando as fortes ondas quebravam com zangado bramir perto deles. Busquei minha lente e pude ver que a fragata já havia lançado âncora, temerosa do perigo de se aproximar de uma praia cheia de vento: um bote foi baixado; com uma contorção vi que Raymond era incapaz de descer o navio; ele foi sentado em uma cadeira e envolto em mantas no fundo do bote.

Apeei e chamei alguns marinheiros que se enfileiravam perto do porto para içar e levar-me até o pequeno barco; Perdita, ao mesmo tempo, saltou da carruagem – ela agarrou-se ao meu braço – “Leve-me com você”, ela exclamou; tremia e estava pálida; Clara prendeu-se à ela – “Você não deve ir”, eu disse, “o mar está agitado – ele logo estará aqui – você não vê seu bote?” O pequeno barco ao qual eu acenara havia sido içado; antes que eu pudesse contê-la, Perdita, ajudada pelos marinheiros, estava nele – Clara seguiu sua mãe – um grito alto ecoou da multidão ao descermos pelo porto interior; enquanto minha irmã, na proa, juntara-se a um dos homens que usava uma lente, fazendo mil perguntas, sem se importar com o vapor que se espargia sobre ela, surda, cega a tudo, exceto à pequena mancha que, visível apenas no topo das ondas, evidentemente aproximava-se. Achegamos-nos com toda a força que seis remadores poderiam dar; o uniforme alinhado e pitoresco dos soldados na praia, os sons da exultante música, a excitante brisa e as ondulantes bandeiras, as exclamações incontidas da ansiosa multidão, cujos semblantes escuros e roupas estrangeiras eram puramente orientais; a visão da rocha coroada com um templo, o mármore branco dos edifícios brilhando à luz do sol e permanecendo em um fulgurante alívio contra o negro cume das altivas montanhas além; o clamor

próximo do mar, o bater dos remos, a arremetida da rajada, tudo encharcava minha alma em um íngreme delírio, insensível, inimaginável ao curso comum da vida comum. Tremendo, eu era incapaz de continuar a olhar pela lente com a qual observara o mover da tripulação, quando o bote da fragata ganhou o mar. Rapidamente avizinhamos-nos, pois longe a quantidade e as formas daqueles que lá estavam podia ser discernida; seus lados escuros tornaram-se maiores e o bater de seus remos, audível; eu podia distinguir a lânguida forma de meu amigo, enquanto ele meio que se erguia durante nossa aproximação.

As perguntas de Perdita cessaram; ela apoiara-se em meu braço, pulsando com emoções muito agudas para o choro – nossos homens pularam para o outro bote. Como último esforço, minha irmã confirmou sua força, sua firmeza; ela passou de um barco para o outro e então com um grito ela jogou-se para Raymond, ajoelhou-se ao seu lado e, colando seus lábios à mão que agarrava, seu rosto coberto pelos longos cabelos, rendeu-se às lágrimas.

Raymond havia se levantando um pouco quando o alcançamos, mas era com dificuldade que ele se esforçava mesmo nesse tanto. Com um rosto afundado e olhos profundos, pálido e magro, como eu poderia reconhecer o amado de Perdita? Eu continuava entorpecido e mudo – ele olhava com um sorriso para a pobre garota; o sorriso era o dele. Um dia de céu azul caindo pelo escuro vale exibe suas antes escondidas características; e agora aquele sorriso, o mesmo com o qual ele anunciou o amor por Perdita, com o qual ele dera boas-vindas ao Protetorado, surgindo em suas feições alteradas, fez-me sentir no âmago de meu coração que aquele era Raymond.

Ele estendeu-me sua outra mão; discerni as marcas de algemas em seu pulso nu. Ouvi os soluços de minha irmã

e pensei, felizes são as mulheres que podem chorar e em um carinho apaixonado aliviar a opressão de seus sentimentos; a vergonha e a habitual reserva contêm um homem. Eu daria mundos para ter agido como nos dias de infância, tê-lo apertado contra meu peito, pressionado sua mão contra meus lábios e chorado por ele; meu coração dilatado sufocava-me; a corrente natural não seria interrompida; as grandes e rebeldes lágrimas juntaram-se nos meus olhos; virei meu rosto e elas caíram no mar – vinham rápidas e mais ainda; - porém dificilmente eu poderia me envergonhar, pois vi que os duros marinheiros não ficaram impassíveis e que os olhos de Raymond eram os únicos secos entre nossa tripulação. Ele embebera-se da abençoada calma a que a convalescença sempre induz, apreciando em segura tranquilidade sua liberdade e a reunião com quem ele adorava. Perdita, por fim, subjugou sua explosão de paixão e ergueu-se – ela olhava ao redor procurando Clara; a criança assustou-se, não reconhecendo seu pai e, esquecida por nós, havia se arrastado para a outra ponta do barco; ela atendeu ao chamado de sua mãe. Perdita apresentou-a para Raymond; suas primeiras palavras foram: “Amor, abrace nossa filha!”

“Venha para cá, querida”, disse seu pai, “você não me conhece?” ela reconhecera sua voz e atirou-se em seus braços com uma emoção em parte modesta, mas incontrolável.

Percebendo a fraqueza de Raymond, eu temia as más consequências da pressão da multidão em sua chegada. Mas eles estavam estupefatos como eu estivera com a mudança de sua aparência. A música desvaneceu-se, os gritos pararam abruptamente; os soldados abriram um espaço no qual a carruagem foi arrumada. Ele foi colocado lá; Perdita e Clara entraram com ele e sua guarda cercou-a de perto; um profundo murmurar, semelhante ao ribombar das ondas próximas, percorreu

a multidão; eles afastavam-se à medida que a carruagem avançava e, temerosos de feri-lo, tinham vindo para dar-lhe as boas-vindas, por meio de sonoros testemunhos de contentamento e satisfizeram-se entoando um baixo salamaleque enquanto a carruagem passava; ela percorreu lentamente a estrada do Pireu; atravessou o antigo templo e a heroica tumba, por entre a escarpada rocha da cidadela. O som das ondas foi deixado para trás; o da multidão continuava, intermitente, suprimido e rouco; e, embora na cidade, as casas, igrejas e edifícios públicos fossem decorados com tapeçaria e bandeiras – embora os soldados alinhassem-se pelas ruas, e os habitantes aos milhares estivessem reunidos para saudá-lo, o mesmo solene silêncio prevalecia, os soldados apresentando armas, as bandeiras baixadas, muitas mãos brancas agitando flâmulas, buscando em vão enxergar o herói no veículo que, cercado e esquipado pelos guardas da cidade, levou-o para o palácio reservado como sua residência.

Raymond estava fraco e exausto, ainda o interesse que ele percebera ser excitado pelo seu relato, preencheu-o com um orgulhoso prazer. Ele estava praticamente anestesiado com a bondade. Na verdade, a população conteve-se; mas surgiu um sussurro e um alvoroço do tropel ao redor do palácio que, somado ao barulho dos fogos de artifício, a explosão frequente das armas, o ruído dos passos para cima e para baixo dos cavaleiros e das carruagens, de qual efervescência ele era o foco, retardaram sua recuperação. Então retiramos-nos por algum tempo para Eleusis e aqui o descanso e o cuidado fortaleciam nosso inválido a cada dia. A zelosa atenção de Perdita ocupou o primeiro lugar nos motivos que levaram ao seu rápido restabelecimento; mas em segundo, certamente vinha o prazer que ele sentia na afeição e na boa vontade dos gregos. Dizem que amamos muito aqueles de quem grandemente beneficiamos-nos.

Raymond lutara e conquistara para os atenienses; ele sofrera, por eles, o perigo, a prisão e a opressão; sua gratidão afetou-o profundamente e, no seu íntimo, ele prometeu unir seu destino para sempre ao daquele povo tão entusiasticamente devotado a ele.

O sentimento social e a simpatia constituíam-se em uma característica notável em meu temperamento. Na tenra juventude, o drama vivo era interpretado ao meu redor, atraindo meu coração e minha alma ao seu vórtex. Eu estava agora cônscio da mudança. Eu amara, tivera esperança, apreciara; mas havia algo além disso. Eu perguntava-me sobre os princípios internos da ação daqueles ao meu redor: ansioso para ler seus pensamentos com exatidão e para sempre ocupado em adivinhar suas intenções mais íntimas. Todos os eventos, ao mesmo tempo em que me interessavam profundamente, compunham imagens à minha frente. Eu dava o lugar certo para cada personagem no grupo, o equilíbrio justo para cada sentimento. Essa subcorrente de pensamento frequentemente aliviava-me do pesar e mesmo da agonia. Conferia idealidade à ela, da qual, considerada em sua verdade essencial, a alma revoltar-se-ia: investia cores imagéticas à miséria e ao mal, e não raramente consolava-me do desespero em mudanças deploráveis. Essa faculdade, ou instinto, era agora despertada. Observava a novamente desperta devoção de minha irmã; a admiração contida, mas concentrada, de Clara por seu pai e o apetite de Raymond por reconhecimento e a suscetibilidade às demonstrações de afeto por parte dos atenienses. Examinando atentamente esse animado volume, eu era o menos surpreso pela história lida a cada página virada.

O exército turco estava, naquele momento, cercando Rodosto; e os gregos, apressando seus preparativos e enviando reforços diariamente, estavam na iminência de forçar o inimigo à batalha. Cada povo encarava a luta

que se aproximava como a que seria o grande e decisivo lance; enquanto, no caso da vitória, o próximo passo seria o cerco à Constantinopla pelos gregos. Raymond, estando um pouco recuperado, preparou para reassumir seu comando no exército.

Perdita não se opôs à sua determinação. Ela apenas pediu permissão para acompanhá-lo. Nem estabelecera uma regra de conduta para si mesma; mas, pela sua vida, ela não poderia ter se oposto ao seu menor desejo ou fazer outra coisa que senão aceitar alegremente todos os seus projetos. Uma palavra, com efeito, alarmara-a mais do que batalhas ou cercos, durante os quais ela confiava que o experiente comando de Raymond livrá-lo-ia do perigo. Essa palavra, embora nada mais fosse do que isso para ela, era PESTE. Esse inimigo da raça humana começara, no início de junho, a erguer sua cabeça de serpente nas margens do Nilo; partes da Ásia, geralmente imunes a esse mal, estavam infectadas. Era em Constantinopla; mas a cada ano que a cidade vivia uma recaída, pouca atenção era prestada aos relatos que davam conta que mais pessoas morriam do que a costumeira presa que perecia nos meses mais quentes. Fosse o que fosse, nem a peste e nem a guerra poderiam evitar que Perdita seguisse seu senhor, ou induzir-na-iam a expressar uma objeção aos planos que ele propunha. Estar próximo dele, ser amada por ele, senti-lo outra vez dela eram o limite de seus desejos. O objeto de sua vida era agradá-lo; tinha sido antes, mas com uma diferença. No passado, sem pensar ou prever, ela o tinha feito feliz sendo tão ela mesma e, em qualquer escolha, consultado os seus próprios desejos, como sendo o dele. Agora, ela havia meticulosamente se colocado fora da questão, sacrificando até mesmo sua ansiedade pela saúde e bem-estar dele, decidida a não mais se contrapor aos seus desejos. O amor do povo grego, o apetite pela glória e o ódio pelo bárbaro

governo sob o qual ele sofrera até aproximá-lo da morte estimulavam-no. Ele desejava compensar a bondade dos atenienses, manter vivas as esplêndidas associações atreladas ao seu nome e erradicar da Europa um poder que, enquanto todas as nações avançavam pela civilização, permanecia imóvel, um monumento à antiga barbárie. Tendo realizado a união de Raymond e Perdita, eu estava ansioso para retornar à Inglaterra; mas seu honesto pedido, adicionado a uma estimulada curiosidade e uma indefinível ansiedade de observar a catástrofe, agora aparentemente tão perto na longa história do conflito entre gregos e turcos, induziram-me a consentir que eu prolongasse, até o outono, o período de minha residência na Grécia.

Assim que a saúde de Raymond estava suficientemente restabelecida, ele preparou-se para se juntar ao acampamento grego próximo a Kishan, uma cidade de alguma importância, situada ao leste de Hebrus; lá deveriam ficar Perdita e Clara até que a esperada batalha eclodisse. Partimos de Atenas em 2 de junho. Raymond recuperara-se da falta de peso e da palidez da febre. Embora eu não visse o fresco fulgor da juventude em suas feições maduras, se o cuidado não houvesse cercado seu rosto, “E escavado profundas trincheiras no campo da beleza”[{45}], se seu cabelo, levemente mesclado de cinza e seu olhar, considerado mesmo em sua ansiedade, davam sinais de anos transcorridos e sofrimentos passados, ainda havia algo irresistivelmente afetuoso para alguém que o visse, recentemente arrebatado do túmulo, renovando sua carreira indomada pela doença ou pelo desastre. Os atenienses viam nele, não como até aquele momento, o heroico garoto ou um homem desesperado, que estava pronto a morrer por eles; mas não o prudente comandante, que para o bem deles cuidava de sua vida e poderia colocar seus

próprios impulsos de guerreiro em segundo plano em relação ao que a política de conduta poderia apontar.

Todos os atenienses seguiram-nos por muitas milhas. Quando aportamos, há um mês, a barulhenta população tinha afluído em mágoa e medo; mas agora era um dia de comemoração para todos. O ar ressoava em seus bramidos; seu vestir pitoresco e as alegres cores que o compunham, eram alardeados pelo brilho do sol; seus gestos ansiosos e o rápido falar combinavam com sua rústica aparência. Raymond era a palavra em cada língua, a esperança de cada esposa, mãe ou noiva, cujo marido, filho ou amado, que fazia parte do exército grego, deveriam ser conduzidos à vitória por ele.

Apesar do arriscado objetivo de nossa viagem, esta era cheia de romântico interesse, enquanto passávamos por vales e sobre as montanhas, deste divino país. Raymond estava inspirado pelas intensas sensações da saúde recuperada; ele sentia que, sendo general dos atenienses, preenchia um posto que valia a sua ambição; e, na esperança de conquistar Constantinopla, ele esperava por um evento que seria referência no passar dos tempos, uma exploração incomparável nos anais da humanidade; quando uma cidade de grande importância histórica, a beleza do lugar que era uma maravilha do mundo, que por centenas de anos fora o baluarte dos muçulmanos, fosse resgatada da escravidão e da barbárie, e devolvida a um povo ilustre pela sua criatividade, civilização e espírito de liberdade. Perdita depositava-se em sua reconquistada companhia, em seu amor, suas esperanças e fama, assim como uma sibarita em um luxuoso sofá; cada pensamento era emoção, cada emoção banhada como se fosse em um elemento compatível e balsâmico.

Chegamos a Kishan em 7 de julho. O clima, durante nossa viagem, havia estado sereno. Cada dia, antes do alvorecer, deixávamos nosso acampamento noturno e

observávamos as sombras enquanto se retiravam das montanhas e dos vales, e o dourado esplendor da aproximação do sol. Os soldados que nos acompanhavam receberam, com vivacidade nacionalista, o prazer entusiasmado da vista da bela natureza. O levante da estrela do dia foi comemorado com triunfantes melodias, enquanto os pássaros, ouvidos com dificuldade, preenchiam os intervalos da música. Ao meio-dia, montávamos nossas tendas em algum vale sombreado ou enramando galhos entre as montanhas, enquanto um riacho borbulhando por entre os seixos induzia a um gracioso sono. Nossa caminhada vespertina, mais tranquila, era ainda mais prazerosa do que o desassossego matinal do espírito. Se a banda tocava, involuntariamente escolhiam tons de moderada paixão; o adeus do amor ou o lamento na ausência, era seguido e encerrado por algum hino solene, que se harmonizava com o tranquilo encanto da noite e elevava a alma para um grandioso pensamento religioso. Frequentemente todos os sons suspendiam-se para que pudéssemos ouvir o rouxinol enquanto os pirilampos bailavam com grande brilho e o suave arrolhar do mocho-de-orelhas anunciava bom tempo para os viajantes. Passamos por um vale? Suaves sombras encobriram-nos e as pedras tingiram-se de belos tons. Se atravessássemos por uma montanha, a Grécia, um mapa vivo, estendia-se além, seus renomados pináculos fendendo o éter; seus rios entrelaçando-se em linhas prateadas pela terra fértil. Quase temerosos de respirar, nós, viajantes ingleses, perscrutávamos este esplêndido panorama com êxtase, tão diferente dos tons sóbrios e das melancólicas graças de nosso cenário nativo. Quando deixamos a Macedônia, as férteis, porém baixas planícies da Trácia proporcionaram-nos menos belezas; ainda nossa viagem continuava interessante. Uma patrulha avançada dava informações de nossa chegada e os nativos rapidamente moviam-se para

saudar Lordee Raymond. Os vilarejos eram decorados com triunfais arcos de verduras ao dia e lanternas pela noite; a tapeçaria tremulava das janelas, o chão coberto com flores e o nome de Raymond, junto com o de toda a Grécia, eram ecoados pelo *Evive* da turba camponesa.

Quando chegamos em Kishan, soubemos que, por ouvirem sobre a chegada de Lordee Raymond e de sua tropa, o exército turco retirara-se de Rodosto; mas, encontrando-se com um reforço, haviam retomado seus passos. No entretempo, Argyropylo, o comandante em chefe grego, avançara, até estar entre os turcos e a cidade; uma batalha, disseram-nos, era inevitável. Perdita e sua filha deveriam permanecer em Kishan. Raymond quis saber se eu continuaria com eles. “Agora, pelas assolações da Cúmbria”, exclamei, “por tudo de vagabundo e de invasor que me pertence, ficarei ao seu lado, erguerei minha espada pela causa grega e serei saudado como vitorioso junto com você!”

Toda a planície, de Kishan a Rodosto, uma distância de dezesseis léguas, estava viva com tropas ou com os simpatizantes, movendo-se na iminência da batalha. As pequenas guarnições foram retiradas das várias cidades e fortalezas, para engrossar o exército principal. Encontramos carroções de bagagem e muitas mulheres, ricas e pobres, retornando para Fairy ou Kischan, para aguardar o acontecimento do dia esperado. Quando chegamos a Rodosto, soubemos que o campo havia sido tomado e o plano de batalha, definido. O som dos disparos, logo cedo na manhã seguinte, informou-nos que os postos avançados das tropas já estavam a caminho. Regimento após regimento avançava, suas cores tremulando e as bandas, tocando. Posicionaram o canhão na mamoa, única elevação nesta terra plana, e dispuseram-se em colunas e um quadrado oco; enquanto os homens de frente faziam pequenas barreiras para a sua proteção.

Estas eram, então, as preparações para a batalha, não, a própria batalha; muito diferente de qualquer coisa que a imaginação já tenha desenhado. Líamos sobre centro e flanco nas histórias grega e romana; fantasiávamos um lugar, plano como uma mesa, e soldados pequenos como peças de xadrez; e atiravam-se para frente, o que até o mais ignorante do jogo pode descobrir ciência e método na disposição das forças. Quando vim para a realidade e vi os regimentos enfileirarem-se à esquerda até sumirem de vista, os campos permanecerem entre os batalhões, menos umas poucas tropas perto de mim o suficiente para que eu pudesse ver seus movimentos, desisti de tentar entender, mesmo de ver uma batalha, mas aliando-me a Raymond presenciei com intenso interesse suas ações. Ele mostrou-se controlado, galante e imperial; seus comandos eram prontos, sua intuição do que aconteceria no dia me era milagrosa. Neste ínterim um canhão ressoou; a música aumentou seu animador volume durante os intervalos; e nós, na mais alta das elevações que eu mencionara, longe demais para espreitar as rodas caídas com as quais a morte levava ao seu armazém, observávamos os regimentos, agora perdidos em fumaça, agora bandeiras e hastes surgindo acima da nuvem, enquanto o brado e o clamor afogavam qualquer som.

Logo cedo, Argyropylo fora ferido perigosamente e Raymond assumira o comando de todo o exército. Ele fez poucos comentários, embora, ao examinar por suas lentes a sequência da ordem que havia dado, sua face, coberta por um momento de dúvida, tornou-se radiante. “O dia é nosso”, ele exclamou, “os turcos fogem da baioneta”. E então rapidamente despachou seus ajudantes de campo para comandar a cavalaria a cair no inimigo contido. A derrota tornou-se total; o canhão cessou de ribombar; a infantaria reagrupou-se; a equipe de Raymond dispersou-se em várias direções, para fazer

observações e dar comandos. Mesmo eu fora destacado para uma parte distante do campo.

O chão no qual a batalha travou-se era plano – mas tanto que, das mamoas, via-se a trêmula linha das montanhas no amplo horizonte; ainda assim, o espaço que se estendia não era violado pela menor irregularidade, salvo tais ondulações que se parecem com as ondas do mar. O todo dessa porção da Trácia havia sido um campo de batalha por tanto tempo que permanecera não cultivado e apresentava uma aparência sombria e estéril. A ordem que eu recebera era a de observar a direção que uma tropa do inimigo havia tomado, desde uma mamoa ao norte; todo o exército turco, seguido pelos gregos, havia se esparramado pelo oeste; ninguém, exceto os mortos, permanecia no sentido ao meu lado. Do topo da elevação, olhei muito adiante – tudo estava silencioso e deserto.

Os últimos clarões do sol praticamente submerso despontaram detrás do longínquo pico do Monte Athos; o mar de Mármara ainda brilhava com seus raios, enquanto a costa asiática além de nós estava semicoberta por uma bruma baixa. Muitos capacetes, baionetas e espadas, caída dos braços decepados, refletiam o indício que se despedia. Pelo oeste, um bando de corvos, velhos habitantes dos cemitérios turcos, vinha voando em direção da sua colheita; o sol desapareceu. Esta hora, melancólica porém doce, sempre parecera a mim como o momento em que estamos mais inclinados a entrar em comunhão com os poderes maiores; nossa rigidez mortal desaparece e a gentil complacência investe-se sobre nossa alma. Mas agora, entre os moribundos e os mortos, como poderia um pensamento superior ou uma sensação de tranquilidade possuir um dos assassinos? Durante o tomado dia, minha mente tornara-se uma escrava

propensa ao estado das coisas que se apresentava a ela pelos seus semelhantes; a associação histórica, o ódio pelo inimigo e o entusiasmo militar havia me dominado. Agora, olhava a estrela vespertina, que suave e calmamente erguia-se balançando nos tons laranja do pôr do sol. Virei-me para a terra coalhada de cadáveres; e senti vergonha da minha espécie. Então, talvez fossem os plácidos céus, pois rapidamente já se cobriam em névoa e nesta mudança, ajudava na desaparição apressada do crepúsculo, comum no sul; pesadas massas de nuvens flutuavam do sudeste e o relâmpago vermelho e denso foi disparado de suas bordas escuras; o vento célere desarrumava as vestes dos mortos e eu tremi enquanto transmutavam-se em formas congeladas. A escuridão logo se ajuntou; os objetos próximos a mim passaram a ser indistintos, desci de minha posição e com dificuldade guiei meu cavalo para evitar os mortos em luta.

De súbito ouvi um grito perfurante; uma forma parecia erguer-se da terra; lançou-se agilmente em minha direção, jogando-me ao chão novamente ao se aproximar. Tudo acontecera tão rapidamente, que com dificuldade detive meu cavalo para que não pisasse naquele ser prostrado. A roupa daquela pessoa era de soldado, mas o pescoço e os braços nus, além dos contínuos gritos revelaram uma mulher assim disfarçada. Apeei para ajudá-la, enquanto ela, com pesados suspiros e com a mão posta em seu lado, resistia às minhas tentativas de suspendê-la. Na pressa do momento eu esquecera-me de que estava na Grécia e meu sotaque nativo ajudou a tranquilizar a sofredora. Com rústicas e terríveis exclamações a perdida e moribunda Evadne (pois era ela) reconheceu o idioma de seu amante; a dor e a febre de sua ferida comprometeram seu entendimento, enquanto seus comoventes bramidos e seus fracos esforços para

escapar penetraram-me de pena. Em selvagem delírio, ela chamava pelo nome de Raymond; exclamou que eu escondia-o dela, enquanto os turcos com temerosos instrumentos de tortura estavam para tirar-lhe a vida. Então, novamente ela lamentou seu duro destino; que uma mulher, com o coração e a sensibilidade feminina, deveria ser impulsionada pelo amor sem esperança e por esperanças vazias para empunhar armas e sofrer além da resistência da privação, trabalho e dor do homem – o momento em que sua mão, seca e quente, apertou a minha e seu rosto e seus lábios queimaram com o fogo que consome.

Conforme sua força definhava, ergui-a do chão; sua conformação macilenta suspensa pelo meu braço, seu rosto afundado repousou em meu peito; com uma voz sepulcral ela murmurou: “Este é o fim do amor! – Mas ainda não o fim!” – e o frenesi emprestou-lhe força para que ela lançasse seu braço para o alto: “eis o fim! Encontraremos-nos novamente. Muitos mortos vivos eu gerei para ti, Oh Raymond, e agora pereço, tua vítima! – Com minha morte adquiro a tua – Ah! Os instrumentos da guerra, do fogo e da peste são meus serviçais. Eu ousei e conquistei-os, até agora! Vendi-me à morte, com a única condição de que a tua seguir-me-ia – Fogo, guerra e peste, unam-se para a tua destruição – Oh meu Raymond, não há salvação para ti!”

Com um coração deprimido eu ouvi as transformações do seu delírio; fiz-lhe uma cama de mantos; sua violência diminuiu e um viscoso suor ficara em seu rosto enquanto a palidez da morte seguia-se ao carmesim da febre, eu coloquei-a sobre os mantos. Ela continuava a delirar sobre o fugaz encontro com seu amor no túmulo, de sua morte iminente; às vezes declarava solenemente que ele fora convocado; às vezes ela deplorava seu duro destino. Sua voz tornou-se mais fraca, seu falar interrompeu-se; uns poucos movimentos convulsivos e seus músculos

relaxaram-se, os membros caíram, nada mais a ser sustentado, um profundo suspiro e a vida se fora.

Eu levei-a para longe da vizinhança dos mortos; envolta em mantos, acomodei-a sob uma árvore. Mais uma vez olhei para seu rosto alterado; a última vez em que a vira ela tinha dezoito anos; bela como uma visão de um poeta, esplêndida como uma Sultana do Oriente – doze anos passaram-se; doze anos de mudança, tristeza e privação; sua brilhante compleição tornara-se puída e escura, seus membros perderam o vigor da juventude e a feminilidade, seus olhos estavam vastamente fundos,

Esmagada e desgastada,

As horas sugaram seu sangue e preencheram seu rosto

De linhas e rugas.[{46}]

Com um horror arrepiante, cobri este monumento de paixão e miséria humana; empilhei sobre ela todas as bandeiras e outros acessórios pesados que consegui encontrar para guardá-la das aves e dos bichos de caça até que eu pudesse lhe dar uma sepultura apropriada. Triste e lentamente retomei meu caminho por entre a colheita da morte e, guiado pelas trêmulas luzes da cidade, por fim cheguei a Rodosto.

CAPÍTULO II

QUANDO de minha chegada, descobri que uma ordem já havia sido expedida para que o exército prosseguisse imediatamente para Constantinopla; e as tropas que menos sofreram durante a batalha estavam a caminho. A cidade era um tumulto. A ferida, e a consequente incapacidade de Argyropylo, fizeram com que Raymond tornasse-se o primeiro em comando. Ele percorreu a cidade, visitando os feridos e dando ordens necessárias para executar o cerco que ele ensejara. Logo pela manhã todo o exército estava em marcha. Na pressa, eu mal encontrei tempo para realizar o sepultamento de Evadne. Ajudado apenas pelo meu servo, abri uma profunda cova para ela ao pé da árvore e, sem perturbar sua mortalha de guerreira, coloquei-a dentro, cobrindo com pedras. O esfuziante sol e o brilho da luz do dia destituíram a solenidade da cena; e, da tumba baixa de Evadne, juntei-me a Raymond e sua equipe, agora em seu caminho para a Cidade Dourada.

Constantinopla foi atacada, trincheiras foram cavadas e os avanços, feitos. Toda a frota grega bloqueou a saída pelo mar; por terra, desde o rio Kyat Kbanah, próximo ao vale das Águas Doces, até a Torre de Mármara, nas margens do Propontis{47}, ao longo de toda a linha de velhos muros, as trincheiras do cerco foram escavadas. Já possuíamos Pera; o próprio Corno de Ouro{48}, a cidade, defendida pelo mar, e os muros cobertos por hera dos imperadores gregos, eram tudo da Europa que os maometanos poderiam clamar para si. Nosso exército olhou-as como uma presa certa. Eles contaram as guarnições de defesa; era impossível que estas fossem

socorridas; cada investida era uma vitória; pois, mesmo quando os turcos triunfavam, a perda de homens que sofriam era um dano irreparável. Fui com Raymond, certa manhã, ao alto de um monte, não distante de Top Kapou (Porta do Canhão), no qual Mahmoud hasteara seu estandarte e viu a cidade primeiro. Ainda os mesmos elevados domos e minaretes punham-se maior do que os verdes muros, onde Constantino falecera e por onde os turcos entraram. A planície era entremeada por cemitérios, turcos, gregos e armênios, com seu cultivo de ciprestes; e outras árvores de aspecto mais alegre diversificavam o cenário. Entre elas o exército grego estava acampado e seus esquadrões moviam-se para frente e para trás, agora em marcha regular, agora em rápida carreira.

Os olhos de Raymond estavam fixos na cidade. “Eu contei as horas de sua vida”, ele disse; “um mês, e ela cairá. Permaneça comigo até então; espere até ver a cruz de Santa Sofia; e então retorne para seus pacíficos bosques.”

“Então você”, perguntei, “permanecerá na Grécia?”

“Certamente”, respondeu Raymond. “Ainda, Lionel, quando eu digo isso, acredite que olho para trás com arrependimento de nossa tranquila vida em Windsor. Sou apenas em parte soldado; amo a fama, mas não a guerra em si. Antes da batalha de Rodosto eu estava cheio de esperança e espírito; conquistá-la e, depois Constantinopla, era a esperança, a meta, a satisfação de minha ambição. Esse entusiasmo já se passou e não sei por quê; pareço a mim mesmo despencar em um abismo escuro; o ardente espírito do exército é-me enfadonho e o arrebatamento do triunfo, nulo.”

Ele pausou e perdeu-se em seus pensamentos. Seu ar sério trazia, por alguma associação, a semiesquecida Evadne à minha mente e agarrei esta oportunidade para perguntá-lo sobre o estranho destino dela. Quis saber se

ele tinha visto entre as tropas alguém que era parecida com ela; se desde que ele retornara à Grécia havia ouvido sobre ela.

Ele assustou-se com a menção do nome dela, - olhou para mim com irritação. “Ainda assim”, exclamou, “eu sabia que você falaria dela. Há muito, muito que eu esqueci-a. Desde o nosso acampamento aqui, ela visitava meus pensamentos a cada dia, a cada hora. Quando me chamam, o seu nome é o som que espero: em qualquer comunicação, eu imagino que ela tomará parte. Ao fim, você quebrou o encanto; diga-me o que sabe dela.”

Relatei meu encontro com ela; a história de sua morte foi contada e recontada. Com dolorosa gravidade ele perguntou-me sobre as profecias que se referiam a ele. Eu tratei-as como delírios de uma insana. “Não, não”, ele disse, “não se engane – a mim, você não pode. Ela nada disse além do que eu já sabia – embora isso seja a sua confirmação. O fogo, a espada e a peste! Todas podem ser encontradas na longínqua cidade; mas só sobre mim podem cair!”

A partir desse dia, a melancolia de Raymond aumentou. Ele isolava-se assim que as obrigações de seu cargo permitiam-no. Quando acompanhado, a tristeza, apesar de qualquer esforço, dominaria sua feição e ele sentava-se, ausente e mudo entre a atribulada multidão que se reunia ao seu redor. Perdita juntara-se a ele e, perante ela, obrigava-se a parecer alegre, pois ela, tal como um espelho, alterava-se quando ele mudava e se ele estava silencioso e ansioso, ela amigavelmente indagava a respeito e tentava remover a causa de sua gravidade. Ela residia no palácio das Águas Doces, um harém de verão do Sultão; a beleza do cenário adjacente, imaculado pela guerra, e o frescor do rio, faziam do local duplamente delicioso. Raymond não se sentia aliviado, não recebia prazer de nenhuma exibição do céu ou da terra. Frequentemente deixava Perdita para caminhar

sozinho sem destino; ou, em uma leve chalupa, navegava ociosamente nas águas puras, meditando em profundo. Às vezes eu juntava-me a ele; em tais momentos seu semblante era invariavelmente solene, seu ar desanimado. Ele parecia se aliviar ao me ver e falaria com certo grau de interesse sobre os negócios do dia. Era evidente que havia algo por trás de tudo isso; ainda, quando ele parecia falar de algo que gostava muito, abruptamente virava o rosto e com um suspiro tentava desfazer a dolorosa ideia ao vento.

Frequentemente acontecia de, quando, como eu disse, Raymond partir da sala de estar de Perdita, Clara vir até a mim, gentilmente puxando-me de lado, falar “Papai saiu; devemos ir com ele? Ouso dizer que ele ficará feliz em lhe ver”. E, conforme o curso do dia, eu aceitava ou recusava seu pedido. Uma noite, um volumoso grupo de capitães gregos estava reunido no palácio. O intrigante Palli, o realizado Karazza e o bélico Ypsilanti estavam entre os principais. Comentavam sobre os eventos do dia; a escaramuça do meio-dia; o número reduzido de infiéis; sua derrota e fuga; contemplaram, depois de um intervalo, a captura da Cidade Dourada. Empenharam-se para imaginar o que aconteceria então e falavam em elevados termos da prosperidade da Grécia, quando Constantinopla tornasse-se sua capital. A conversa então se voltou para as informações da Ásia e a devastação que a peste causara nas suas principais cidades; as conjeturas eram sobre o risco que o avanço da doença poderia trazer à cidade sitiada.

Raymond participara desde o começo da discussão. Em termos vívidos demonstrou o ponto a que Constantinopla fora reduzida; a aparência arruinada e fatigada, embora feroz, das tropas; a fome e a pestilência estavam ao seu favor, ele observou, e os infiéis logo seriam obrigados a se refugiar em sua única esperança – a submissão. De repente, em meio ao discurso, ele pausou, como se

atingido por algum pensamento doloroso; ergueu-se intranquilo e percebi que por fim deixara a sala e pelo longo corredor buscou ar fresco. Ele não retornou; e logo Clara agarrou-me, fazendo o costumeiro convite. Aceitei-o e pegando em sua pequena mão, segui Raymond. Encontramo-lo prestes a embarcar em seu bote e ele prontamente acedeu nos tomar como companheiros. Depois do calor do dia, a refrescante brisa que saía do continente franzia o rio e encheu nossa pequena vela. A cidade parecia escura ao sul, com numerosas luzes ao longo das praias próximas e o belo aspecto das margens repousando em noite plácida, as águas refletindo com exatidão as divinais luzes, deram ao belo rio um dote de encanto que poderia caracterizar um retiro no Paraíso. Nosso único marinheiro executou a navegação; Raymond comandava; Clara sentou-se aos seus pés, agarrando seus joelhos com seus braços e deitando sua cabeça neles. Raymond começou a falar um pouco abruptamente.

"Esta, meu amigo, é provavelmente a última vez em que teremos a oportunidade de conversar com liberdade; meus planos agora estão a todo vapor e meu tempo torna-se mais e mais ocupado. Além disso, anseio finalmente contar-lhe meus desejos e minhas expectativas e, então, nunca mais voltar para assunto tão doloroso. Primeiro, devo lhe agradecer, Lionel, por ter permanecido aqui sob meu pedido. A vaidade primeiro levou-me a solicitá-lo a você: vaidade, eu chamo; embora mesmo nisso eu veja a mão do destino – sua presença logo será necessária; você tornar-se-á o último recurso de Perdita, seu protetor e consolador. Você levá-la-á de volta para Windsor."

"Não sem você", disse. "Você não quer dizer que iremos nos separar de novo?"

"Não se engane", replicou Raymond, "a separação iminente é algo sobre a qual eu não tenho nenhum

controle; muito próximo está o momento; os dias já estão contados. Posso confiar em você? Por muitos dias desejei ardentemente revelar os misteriosos pressentimentos que pesam sobre mim, embora eu tema que você ache-los-á ridículos. Espere um pouco para tanto, meu caro amigo; pois, embora infantis e insensatos como são, tornaram-se parte de mim e não espero me ver livre deles.

"Contudo, como esperar que você simpatize comigo? Você é deste mundo; eu, não. Você mantém sua mão firme; é mesmo parte de você; e, entretanto, não distingue o sentimento de identidade da forma mortal que dá corpo ao Lionel. Como então você pode me compreender? A terra é para mim um túmulo, o firmamento uma catacumba, encobrindo a mera corrupção. O tempo já não mais existe, pois ultrapassei o limiar da eternidade; cada homem que encontro parece um cadáver, que logo será despojado de sua fagulha existencial, na véspera da decadência e da corrupção.

Cada piedra un piramide levanta,

y cada flor costruye un monumento,

cada edificio es un sepulcro altivo,

cada soldado un esqueleto vivo."[{49}]

Seu tom era lamentoso, - ele suspirou profundamente. "Poucos meses atrás", ele continuou, "pensei que eu morreria; mas a vida estava forte dentro de mim. Minhas afeições eram humanas; a esperança e o amor eram as estrelas d'alva de minha vida. Agora – eles sonham que o rosto do conquistador dos infiéis esteja perto de ser adornado por um laurel triunfante; falam de honorável compensação, de títulos, de poder e riqueza – tudo o que peço da Grécia é um túmulo. Deixe-os erguer uma

mamoa sobre meu corpo inanimado, que poderá durar mesmo até depois que a abóbada de Santa Sofia tiver caída.

"Por que assim me sinto? Em Rodosto eu estava esperançoso; mas quando eu vi Constantinopla pela primeira vez, tal sentimento, como todos os demais que são alegres, deixou-me. As últimas palavras de Evadne foram o selo sobre a garantia de minha morte. Embora não seja minha intenção atribuir meu humor a um caso particular. Tudo o que posso dizer é que é assim. A peste à qual estou destinado está em Constantinopla, talvez eu esteja embebido de suas emanações – talvez a doença seja a real causa de minhas premonições. Pouco importa o motivo de estar assim, nenhum poder pode anular o golpe e a sombra da mão erguida do Destino já me obscurece.

"A você, Lionel, confio sua irmã e sua filha. Nunca mencione o nome fatal de Evadne. Ela duplamente lamentaria o estranho vínculo que me une a esta, fazendo meu espírito obedecer à sua voz moribunda, seguindo-a, como está prestes a fazer, pelo país desconhecido."

Ouvi-o maravilhado; mas seu triste comportamento e sua solene fala asseguraram-me da verdade e da intensidade de seus sentimentos, embora eu devesse, com um pouco de escárnio, tentar dissipar seus medos. Fosse o que estava prestes a dizer, fui interrompido pelas poderosas emoções de Clara. Raymond falara sem se importar com sua presença, e ela, pobre criança, ouvira com terror e fé a profecia de sua morte. Seu pai estava tocado por uma violenta tristeza; ele pegou-a em seus braços e acariciou-a, mas suas próprias carícias eram solenes e temerosas. "Não chore, doce filha", ele disse, "pela morte iminente de quem você pouco conheceu. Eu poderei morrer, mas na morte nunca esquecerei ou abandonarei minha própria Clara. Em

posterior tristeza ou alegria, acredite que o espírito de seu pai está próximo, para lhe salvar ou simpatizar com você. Tenha orgulho de mim e acalente sua recordação infantil de mim. Assim, doçura, eu parecerei não ter morrido. Uma coisa você deve me prometer, - não fale para ninguém, a não ser para seu tio, da conversa que você acabou de escutar. Quando eu me for, você consolará sua mãe e dir-lhe-á que a morte é amarga apenas por me separar dela; pois meus últimos pensamentos serão sobre ela. Mas enquanto eu viver, prometa não me trair; prometa, minha filha."

Com fala entrecortada Clara prometeu, enquanto ela ainda estava agarrada ao seu pai em um acesso de tristeza. Logo retornamos à praia e tentei remover a impressão feita na mente daquela criança, ao julgar os temores de Raymond menores. Nunca mais ouvimos sobre eles; pois, como ele dissera, o cerco, agora chegando a um final, tornou-se preponderante em seu interesse, tomando todo o seu tempo e sua atenção.

O império dos maometanos na Europa estava perto do fim. A frota grega, bloqueando cada porto de Stamboul{50}, evitou a chegada de socorro da Ásia; toda saída na lateral levando ao continente havia se tornado impraticável, exceto para as desesperadas investidas, que reduziam os números do inimigo sem causar nenhum estrago em nossas linhas. A guarnição estava agora tão reduzida que era evidente que a cidade poderia ter sido tomada de arrastão; mas tanto a humanidade quanto a diplomacia ditavam um modo mais lento de proceder. Não tínhamos dúvida de que, se perseguidos até o extremo, seus palácios, seus templos e toda a riqueza seriam destruídos pela fúria da disputa entre triunfo e derrota. Já os cidadãos indefesos haviam sofrido com a barbaridade dos Janissários{51}; e, em tempos de convulsão, tumulto e massacre, a beleza, a inocência e a decrepitude teriam sido igualmente

sacrificadas à brutal ferocidade dos soldados. A fome e o bloqueio eram meios seguros de conquista; e sobre estes repousavam nossas esperanças de vitória.

Diariamente os soldados da guarnição atacavam nossos postos avançados e impediam a realização de nossos trabalhos. Barcos contra incêndios partiam de vários portos, enquanto nossas tropas frequentemente recolhiam-se da devotada coragem dos homens que não buscavam viver, mas vender suas vidas caro. Tais contendas agravavam-se com a estação: ocorriam durante o verão, quando o vento vindo do sudeste asiático chegava carregado de intolerável calor, quando os riachos estavam secos em seus leitos rasos e a vasta bacia do mar parecia brilhar sob os implacáveis raios do sol do solstício. Sequer a noite refrescava a terra. A umidade era negada; não havia ramas nem flores; as próprias árvores desfaleciam; e o verão assumia a maligna aparência do inverno, enquanto prosseguia em silêncio e em chamas a encurtar os meios de sobrevivência dos homens. Em vão o olho lutava para encontrar os restos de uma nuvem vinda do norte no imaculado empíreo, que pudesse trazer esperanças de mudança e umidade para a atmosfera opressiva e sem vento. Tudo era calmo, ardente, aniquilador. Nós, aqueles que cercavam, comparativamente éramos pouco atingidos por essas mazelas. As árvores ao nosso redor forneciam-nos sombras, - o rio assegurava-nos um constante fornecimento de água; não, destacamentos eram empregados para fornecer gelo ao exército, que eram produzidos no Haemus e no Athos, e nas montanhas na Macedônia, enquanto frutas refrigeradas e outros alimentos renovavam a força dos trabalhadores e faziam-nos suportar com menor impaciência o peso do ar sufocante. Mas na cidade as coisas tinham um aspecto diferente. Os raios do sol eram refletidos no pavimento e nos edifícios – a interrupção das fontes

públicas – a má qualidade da comida, que já era escassa, produziam um estado de sofrimento, agravado pelo açoite da doença; enquanto a guarnição apropriava-se de qualquer supérfluo, adicionando o desperdício e o tumulto às necessárias mazelas da época. Ainda assim, não capitulariam.

De súbito, o sistema da guerra foi alterado. Não mais sofríamos assaltos; e durante noite e dia, continuamos nossos trabalhos sem interrupção. Ainda mais estranho, quando as tropas avançaram para mais perto da cidade, os muros estavam vazios e nenhum canhão era apontado contra os invasores. Quando tais fatos foram relatados a Raymond, ele determinou que fossem feitas rápidas inspeções para que se descobrissem o que acontecia dentro dos muros e, quando seus espiões retornaram, informando apenas o silêncio contínuo e a desolação da cidade, ele ordenou que o exército perfilasse-se diante das portas. Ninguém apareceu nos muros; mesmo as portas, embora bloqueadas e trancadas, pareciam desprotegidas; acima, os vários domos e os crescentes brilhantes perfuravam o céu; enquanto os velhos muros, sobreviventes de tempos, com sua torre coroada de hera e seu botaréu trançado de ramos, permaneciam como rochas em uma deserta imensidão. De dentro da cidade nem o grito ou choro, nem mesmo um ínfimo som, além de um eventual uivo de um cão, quebrava a lassidão do meio-dia. Mesmo nossos soldados estavam apavorados com o silêncio; a música foi interrompida; as armas foram agarradas com sofreguidão. Cada homem perguntava sussurrando ao seu companheiro o significado da súbita paz; enquanto Raymond, do alto, tentava, com suas lentes, descobrir e observar a estratégia do inimigo. Nenhuma forma podia ser discernida nos terraços das casas; nas partes mais altas da cidade nenhuma sombra móvel evidenciava a presença de qualquer ser vivo: nem mesmo as árvores

balançavam e zombavam da estabilidade da arquitetura com semelhante imobilidade.

O cavalgar, ouvido distintamente no silêncio, foi discernido ao final. Era uma tropa enviada por Karazza, o comandante do porto; traziam despachos para o Senhor General. O conteúdo de tais papéis era importante. Na noite anterior, o vigia, a bordo de um dos navios menores ancorados próximos ao muro do harém, foi despertado por um leve afundar como se de remos amortecidos; o alarme foi dado: doze pequenos botes, cada um contendo três Janissários, foram avistados tentando fugir por entre a frota para a praia oposta de Scutari. Quando se souberam descobertos, desembainharam seus mosquetes e alguns foram para a frente para encobrir os outros, cuja tripulação, empregando toda a sua força, conseguiu escapar com seus barcos leves dos escuros cascos de navios que os cercavam. No fim, afundaram e, com a exceção de dois ou três prisioneiros, os demais se afogaram. Pouco pôde ser obtido dos sobreviventes; mas suas respostas cautelosas fizeram presumir que várias expedições haviam precedido àquela última e que vários turcos de posição e importância haviam sido levados para a Ásia. Os homens repeliram desdenhosamente a ideia de que desertaram a defesa da própria cidade; e um, o mais jovem dentre eles, em resposta a um insulto de um marinheiro, exclamara, “Tomem, cães cristãos, tomem os palácios, os jardins, as mesquitas, as residências de nossos pais – tome a peste com elas; a pestilência é o inimigo do qual fugimos; se ela for sua amiga, abrace-a contra seu peito. A maldição de Alá abateu-se sobre Stamboul, compartilhai com ela seu destino.”

Tal era o relato enviado por Karazza para Raymond: mas uma história cheia de monstruosos exageros, embora fundamentada nisso, espalhou-se pelo grupo que acompanhava nossos soldados. Um rumor surgiu, a

cidade era presa da peste; um poder superior já subjugara os habitantes; a Morte tornara-se senhora de Constantinopla.

Ouvi dizer de um quadro em que todos os habitantes da terra foram tragados pelo medo de encontrar a Morte. Os frágeis e os decrépitos fugiram; os guerreiros retiravam-se, embora ameaçadores mesmo em fuga. Lobos e leões, além de vários monstros do deserto urrando ao seu redor; enquanto a sombria Irrealidade pairava balançando seu dardo espectral, um invasor solitário porém invencível. Assim também era com o exército grego. Estou convencido de que se a miríade de tropas da Ásia viesse pelo Propontis e permanecesse defensora da Cidade Dourada, todo grego teria marchado contra o maior número de inimigos e teria se devotado com patriótica fúria pelo seu país. Mas nenhuma salvaguarda de baionetas opunha-se, nenhuma artilharia mortal, nenhum formidável arranjo de bravos soldados – os muros desguardados permitiam entrada fácil – os vazios palácios e as luxuosas habitações; mas acima da abóbada de Santa Sofia os supersticiosos gregos viam a Peste e recolhiam-se no medo do seu contágio.

Raymond era afligido por sentimentos bem diferentes. Ele desceu o morro com uma face resplandecendo triunfo e, apontando sua espada para os portões, ordenou suas tropas – destruam aquelas barricadas – os únicos obstáculos para a vitória completa. Os soldados responderam às suas alegres palavras com pavor e olhares tomados pelo terror; instintivamente recuaram e Raymond cavalgou para a frente do exército: - “Pela minha espada, eu juro”, exclamou, “que nenhuma emboscada ou estratégia põem-lhes em perigo. O inimigo já fugiu; os agradáveis lugares, as nobres habitações e o espólio da cidade já são de vocês; forcem

o portão; entrem e tomem os assentos de seus ancestrais, sua própria herança!”

Um arrepio coletivo e um suspiro temeroso passou pelas linhas; nenhum soldado moveu-se. “Covardes!” exclamou, exasperado, seu general, “deem-me um machado! Entrarei sozinho! Hastearei sua bandeira; e quando a virem tremulando do minarete mais alto, vocês poderão ganhar coragem e invadir a cidade!”

Um de seus oficiais agora se adiantara: “General”, ele disse, “não tememos nem a coragem nem as armas, o ataque aberto nem a emboscada secreta dos muçulmanos. Estamos prontos para expor nossos peitos, expostos dez mil vezes antes, às bolas e às cimitarras dos infiéis e cair gloriosamente pela Grécia. Mas não morreremos aos montes, como cães envenenados no verão, pelo ar pestilento daquela cidade – nós não ousamos investir contra a peste!”

Milhares de homens, debilitados e inertes, sem voz e sem líder; dê-lhes esses elementos e eles recuperarão a força proporcional ao seu número. Brados de mil vozes agora rasgavam o ar – o grito de apoio tornara-se universal. Raymond viu o perigo; ele desejava salvar suas tropas do crime de desobediência; pois sabia que a contenda uma vez começada entre o comandante e seu exército, cada ato e palavra adicionavam-se à fraqueza do primeiro e investiam poder sobre o último. Ele deu ordens para a retirada de forma a ser ouvidas e os regimentos retornaram em boa ordem ao acampamento.

Apressei-me em relatar aqueles estranhos acontecimentos a Perdita; e logo se juntou Raymond a nós. Ele parecia melancólico e perturbado. Minha irmã estava abatida com a minha narrativa: “Quão além da imaginação do homem”, ela exclamou, “são os decretos do céu, magníficos e inexplicáveis!”

“Tola garota”, exclamou Raymond com raiva, “está você como meus valentes soldados, atingidos pelo

pânico? O que é inexplicável, por favor diga-me, em circunstância tão natural? Por um acaso a peste não se acomete sobre Stamboul a cada ano? Qual a surpresa, que neste ano, quando conforme nos disseram, sua virulência é sem par na Ásia, que deve ter causado tamanha devastação naquela cidade? Qual a surpresa, então, que em tempo de cerco, anseio, calor extremo e seca, que ela devesse causar inéditas destruições? Muito menos surpreendente seria se a guarnição, desesperada na capacidade de proteger por mais tempo, aproveitasse-se da negligência de nossa frota para escapar definitivamente do cerco e da captura. Não é a pestilência – pelo Deus que vive!, não é a peste ou o perigo iminente que nos faz, como pássaros durante a colheita, assustados com o espantalho, nos abster da presa pronta – é pura superstição – E assim, o objetivo do valente é feito de peteca de parvos; a valiosa ambição dos que têm a alma pura, o brinquedo destas lebres domesticadas! Mas ainda Stamboul deverá ser nossa! Pelos meus trabalhos anteriores, pela tortura e pela privação que passaram, pelas minhas vitórias, pela minha espada, eu juro – pelas minhas esperanças de fama, pelos meus desertos de outrora agora esperando suas recompensas, eu prometo com fervor, com estas mãos hastear a cruz na mais longínqua mesquita!”

“Meu caro Raymond”, interrompeu Perdita, em um tom suplicante.

Ele estava andando sem direção na sala de mármore do harém; seus lábios estavam muito pálidos de fúria, enquanto, tremendo, formulavam suas iradas palavras – seus olhos disparavam fogo – seus gestos pareciam contidos pela sua própria veemência. “Perdita”, ele continuou, impaciente, “Eu sei o que você diria; eu sei que você ama-me, que você é boa e gentil; mas isso não é trabalho de mulher – nem o coração feminino pode adivinhar a tormenta que me dilacera!”

Ele parecia em parte temeroso de sua própria violência e, de repente, deixou a sala: um olhar de Perdita exibiu sua aflição, e eu segui-o. Ele estava andando pelo jardim: suas paixões estavam em um estado de inconcebível turbulência. “Serei para sempre”, ele exclamou, “o brinquedo da sorte! Deve o homem, que escala o céu, ser eternamente a vítima dos rastejantes répteis destas espécies! Fosse como você, Lionel, aguardando ansiosamente os muitos anos de vida, uma sucessão de dias de amor iluminados, refinadas diversões e recém-nascidas esperanças, eu poderia ceder e, dissolvendo minha equipe de General, procuraria repouso nos bosques de Windsor. Mas estou prestes a morrer! – não, não me interrompa – logo morrerei. Da terra superpopulosa, das simpatias do homem, dos amados refúgios de minha juventude, da bondade dos meus amigos, da afeição da minha única amada Perdita, estou para ser removido. Tal é a vontade do destino! Tal é o decreto do Alto Comandante, contra o qual não há apelo; ao qual me submeto. Mas perder tudo – perder a vida e o amor, mas também a glória! Isso não deve ser assim!

“Eu, e em poucos e breves anos, todos vocês, - este exército dominado pelo pânico e toda a população da justa Grécia, não mais existirão. Mas outras gerações surgirão e para todo o sempre assim será, a ser feitas mais felizes pelos nossos presentes atos, a ser glorificada pelo nosso valor. Quando jovem, rezava para estar entre aqueles que produzem as esplêndidas páginas da história da terra; que exaltam a raça humana e fazem deste pequeno globo a morada dos poderosos. Ah, por Raymond! A oração de sua juventude fora desperdiçada – as esperanças da humanidade são nulas!

Do meu calabouço naquela distante cidade eu gritei, logo serei teu senhor! Quando Evadne previu minha morte, pensei que o título de Conquistador de

Constantinopla estaria escrito em minha tumba e subjuguei todo medo mortal. Ponho-me à frente de seus muros desocupados e não ouso me chamar de vencedor. Pois assim não deve ser! Alexandre não pulou dos muros da cidade de Oxidraca para mostrar às suas covardes tropas o caminho para a vitória, encontrando-se sozinho com as espadas dos seus defensores? Assim também enfrentarei a peste – e se nenhum homem seguir-me, fincarei a bandeira grega no alto de Santa Sofia."

A razão era inútil para tais sentimentos tão trabalhados. Em vão mostrei-lhe que, quando o inverno chegasse, o frio dissiparia o ar pestilento e restauraria a coragem aos gregos. "Não mencione outra estação além dessa!", ele exclamou. "Vivi meu último inverno e a data deste ano, 2092, será gravada em minha sepultura. Já vejo", ele continuou, olhando lamentosamente, "o objetivo e o precipitado beiral de minha existência, sobre o qual eu mergulho no sombrio mistério da vida por vir. Estou preparado, pois deixo atrás de mim um rastro de luz tão radiante que meus piores inimigos não poderão embaciá-lo. Eu devo isso à Grécia, a você, à minha sobrevivente Perdita e a mim mesmo, a vítima da ambição."

Fomos interrompidos por um atendente, que anunciou que a equipe de Raymond estava reunida na câmara de conselhos. Ele pediu-me, no meio tempo, para rumar para o acampamento e observar e relatar a ele o temperamento dos soldados; então, ele deixou-me. Eu tinha estado excitado ao extremo pelos acontecimentos do dia e agora mais do que nunca pelo apaixonado falar de Raymond. Ah! Pois a razão humana! Ele acusava os gregos de superstição: qual o nome que ele dava então para a fé que depositava nas predições de Evadne? Passei do palácio das Águas Doces para a planície pela qual o acampamento estendia-se e encontrei seus habitantes em comoção. A chegada de muitos com

histórias frescas de maravilhas, da frota; os exageros atribuídos ao que já se sabia; narrativas de velhas profecias, de histórias de terror sobre regiões inteiras que haviam sido devastadas durante o ano presente pela pestilência, alarmavam e preocupavam as tropas. A disciplina perdera-se; o exército desbandara. Cada indivíduo, antes parte de um grande todo se movendo em união com os demais, agora se dissolvera na natureza una que o fizera e pensava em si apenas. Partiam a princípio sozinhos ou em dois, então em maiores companhias, até que, desimpedidos pelos oficiais, batalhões inteiros buscavam a estrada que conduzia à Macedônia.

Perto da meia-noite retornei ao palácio e procurei Raymond; ele estava sozinho e aparentemente composto; tal compostura, pelo menos, era dele como é inspirada por uma resolução de aderir a uma certa linha de conduta. Ele ouviu meu relato da autodissolução do exército com tranquilidade e então disse, “Você sabe, Verney, de minha determinação fixa de não deixar este lugar até que, pela luz do dia, Stamboul seja confessadamente nossa. Se os homens que tenho sob mim refluem-se de me seguir, outros, mais corajosos, serão encontrados. Vá antes do nascer do dia, leve tais notícias para Karazza, some a elas suas próprias súplicas para que ele envie-me seus marinheiros e sua força naval; se eu obtiver ao menos um regimento para me ajudar, o resto ocorreria naturalmente. Deixe-o enviar-me esse regimento. Espero seu retorno ao meio-dia de amanhã.”

Pensei que este fosse um expediente inadequado; mas assegurei-lhe de minha obediência e zelo. Deixei-o para descansar por algumas horas. Com o irromper da manhã equipei-me para minha jornada. Protelei por algum tempo, desejoso de me despedir de Perdita, e de minha janela observei o aproximar do sol. O dourado esplendor

elevou-se e minha natureza cansada despertou para sofrer outro dia de decadência quente e sedenta. Nenhuma flor erguia seu cálice cheio de orvalho para saudar a aurora; a seca grama definhava pela planície; os campos ardentes de ar estavam vazios de pássaros; a cigarra apenas, filha do sol, começou seu som agudo e ensurdecedor entre os ciprestes e as oliveiras. Vi o cavalo de batalha de Raymond, negro como o carvão, sendo levado para o portão do palácio; um pequeno grupo de oficiais chegou logo depois; a inquietação e o medo estavam pintados em cada rosto e em cada olho, pesados pela insônia. Encontrei Raymond e Perdita juntos. Ele contemplava o sol que se levantava, enquanto o outro braço envolvia a cintura de sua amada; ela olhava para ele, o sol de sua vida, com um honesto fitar de misturada ansiedade e ternura. Raymond assustou-se nervosamente ao ver-me. “Aqui, ainda?”, ele exclamou. “É este o seu prometido cuidado?”

“Desculpe-me”, eu disse, “mas enquanto fala, já fui.”

“Não, desculpe-me”, ele replicou; “Não tenho o direito de lhe dar ordens ou reprovações; mas minha vida depende de sua saída e do seu pronto regresso. Adeus!”

Sua voz havia recuperado seu tom brando, mas uma escura turvação ainda agarrava-se às suas feições. Teria me atrasado; desejava recomendar cautela a Perdita, mas sua presença conteve-me. Eu não tinha desculpas para minha hesitação; e ao repetir sua despedida, recolhi sua mão estendida; estava fria e úmida. “Tome cuidado, meu caro Lordee”, eu disse.

“Não”, disse Perdita, “que esta tarefa seja minha. Volte logo, Lionel”. Com um ar de ausência, ele estava brincando com os dourados cachos dela, enquanto ela apoiava-se nele; por duas vezes virei-me para trás, para olhar de novo este casal ímpar. Por fim, com passos lentos e graves, eu saí da sala e montei meu cavalo. Naquele momento, Clara correu em minha direção;

agarrando meu joelho ela exclamou, “Apresse sua volta, tio! Caro tio, tenho tantos sonhos horríveis; nem ouso contá-los à minha mãe. Não demore!” Assegurei-a de minha impaciência para voltar e então, com uma pequena guarda, adentrei pela planície em direção a torre de Mármara.

Realizei minha tarefa; vi Karazza. Ele estava um pouco surpreso; ele veria, disse-me, o que poderia ser feito; mas isso requeria tempo; e Raymond havia me ordenado retornar ao meio-dia. Era impossível fazer algo em tão pouco tempo. Eu deveria ficar até o dia seguinte; ou voltar, depois de ter relatado o estado atual das coisas para o general. Minha escolha não foi difícil. Uma inquietude, um medo do que estava para acontecer, uma dúvida sobre as intenções de Raymond, propeliram-me a retornar sem demora para seu quartel. Deixando as Sete Torres, cavalguei para o oeste em direção das Águas Doces. Tomei um caminho sinuoso, principalmente quanto à subida o morro acima mencionado, que proporcionava uma vista da cidade. Tinha minha lente comigo. A cidade reluzia ante o sol do meio-dia e os veneráveis muros formavam sua pitoresca fronteira. Imediatamente à minha frente estava o Top Kapou, o portão pelo qual Maomé fez a abertura por meio da qual entrou na cidade. Árvores gigantes e envelhecidas estavam próximas; diante do portão discerni uma turba de figuras humanas que se moviam – com curiosidade intensa subi minha lente ao olho. Vi Lordee Raymond em seu alazão; uma pequena companhia de oficiais juntara-se ao seu redor; e atrás havia uma mixórdia de soldados e subalternos, sua disciplina perdida, suas armas jogadas ao lado; nenhuma música soava, nenhum estandarte tremulava. A única bandeira entre eles era a que Raymond empunhava; ele apontava com ela para o portão da cidade. O círculo ao seu redor retraiu-se. Com gestos nervosos ele apeou e, apanhando um machado

que pendia de sua cela, seguiu com a aparente intenção de demolir o portão resistente. Poucos homens vieram em sua ajuda; logo o número cresceu; sob seus golpes unidos o obstáculo foi vencido, porta, pórtico e cercas foram demolidos; e o vasto caminho coberto de sol, levando ao coração da cidade, agora estava aberto perante eles. Os homens recolheram-se; pareciam temer o que já haviam feito e puseram-se como a esperar que algum Poderoso Espírito enfrentasse-lhes com ofendida majestade pela entrada. Raymond rapidamente montou em seu cavalo, agarrou o estandarte e, com palavras que eu não podia ouvir (mas seus gestos, sendo seu exato acompanhamento, eram marcados por uma apaixonada energia), pareceu exigir sua ajuda e companheirismo; mesmo enquanto falava, a multidão distanciava-se dele. A indignação agora se lhe acometeu; supus que suas palavras estivessem carregadas de desdém – então, dando as costas aos seus covardes seguidores, ele preparou-se para adentrar sozinho na cidade. Seu próprio cavalo pareceu refugar ante a entrada fatal; seu cão, seu fiel cão, permanecia lamentando e suplicando em seu lugar – em mais um momento, ele havia afundado suas esporas no dorso do animal, que seguiu adiante, e ele, portão ultrapassado, estava galopando pela ampla e deserta rua.

Até então minha alma tinha estado apenas em meus olhos. Eu observara maravilhado, em uma mescla de medo e entusiasmo. O último sentimento agora prevalecia. Esqueci a distância entre nós: “Irei contigo, Raymond!”, exclamei; mas, o olho sem a lente, pouco eu podia discernir as minúsculas formas da turba, que por cerca de uma milha distante de mim cercava o portão; a forma de Raymond já não via. Atingido pela impaciência, forcei meu cavalo a disparar com rédeas soltas pelo declive para que, antes que o perigo chegasse, eu pudesse estar ao lado de meu nobre e divino amigo.

Algumas árvores e construções interpuseram-se, quando atingi a planície, escondendo a cidade de minha visão. Mas, naquele momento, uma explosão foi ouvida. Como um trovão, reverberou por entre o céu, enquanto o ar escureceu. Um momento mais e os velhos muros estavam visíveis novamente, enquanto sobre eles pairava uma densa nuvem; fragmentos de edifícios rodopiavam pelos ares, entrevistos em fumaça, enquanto as chamas irrompiam e mais explosões preenchiam o ar com terríveis trovões. Fugindo da massa de ruínas que se despejava dos grandes muros e balançava as torres de hera, a multidão de soldados seguia pela estrada que eu vinha; fui cercado, confinado por eles, incapaz de prosseguir adiante. Minha impaciência atingiu seu extremo; estendi minhas mãos aos homens; roguei-lhes que voltassem e salvassem seu General, o conquistador de Stamboul, o libertador da Grécia; lágrimas, ah, as lágrimas jorraram quentes de meus olhos – eu não poderia acreditar em sua destruição; ainda, cada massa que escurecia o ar parecia carregar consigo uma porção de Raymond martirizado. Horríveis visões tomavam forma para mim na carregada nuvem que pairava sobre a cidade; e meu único alívio vinha dos esforços que fiz para chegar ao portão. Contudo, quando finalmente consegui, tudo o que podia distinguir dentro da proximidade dos grandes muros era uma cidade de fogo: a estrada aberta pela qual Raymond cavalgara estava tomada por fumaça e chamas. Depois de um intervalo as explosões cessaram, mas as chamas ainda surgiram em vários quarteirões; a abóbada de Santa Sofia havia desaparecido. Estranho dizer (resultado, talvez, da concussão do ar ocasionada pelas explosões na cidade) que enormes e brancas nuvens trazendo tempestade ergueram-se no horizonte sul e juntaram-se sobre mim; eram as primeiras manchas na azul imensidão que eu havia visto há meses, e entre tal destruição e desespero,

inspiravam prazer. O firmamento tornou-se obscuro, raios despejavam-se das pesadas massas, seguidos instantaneamente pelo estrondo do trovão; então a chuva pesada caiu. As chamas da cidade renderam-se a ela; e a fumaça e o pó que se levantavam das ruínas dissiparam-se.

Eu já não mais discernia o extinguir das chamas quando, acelerado por um irresistível impulso, tentei penetrar na cidade. Podia fazer isso apenas a pé, pois a quantidade de ruínas era impraticável para um cavalo. Eu nunca estivera na cidade antes e seus caminhos eram-me desconhecidos. As ruas estavam bloqueadas, as ruínas fumegantes; subi por uma pilha de escombros apenas para ver outras, em sucessão; e nada me dizia onde poderia estar o centro da cidade ou qual direção Raymond poderia ter tomado. A chuva parou; as nuvens afundaram-se atrás do horizonte; já era tarde e o sol descia rapidamente pelo céu ocidental. Fui caminhando por entre as ruínas até chegar a uma rua cujas casas de madeira, meio queimadas, haviam sido esfriadas pela chuva e estavam, afortunadamente, salvas da pólvora. Depois disso, apressei-me – até agora não havia visto nenhum vestígio de homem. Entretanto, nenhuma das desfiguradas formas humanas que eu identificava pudesse ser de Raymond; então desviei meus olhos, enquanto meu coração adoecia dentro de mim. Cheguei a um amplo espaço – uma montanha de ruínas no meio, anunciando que alguma grande mesquita havia ocupado o espaço – e ali, espalhados ao redor, vi vários artigos de luxo e de riqueza, queimados, destruídos – mas mostrando o que haviam sido em sua ruína – joias, colares de pérolas, túnicas rendadas, ricas peles, brilhantes tapeçarias e ornamentos orientais, que pareciam ter sido empilhados ali para a destruição; mas a chuva havia interrompido-a no meio do caminho.

As horas passaram-se, enquanto nesta cena arruinada eu buscava por Raymond. Pilhas de escombros intransponíveis às vezes opunham-se a si mesmas; os remanescentes incêndios ainda chamuscavam-me. O sol pôs-se; a atmosfera tornou-se escura – e a estrela vespertina já não mais brilhava solitária. O fulgor das chamas atestava o progresso da destruição, enquanto, em uma mescla de luz e escuridão, os escombros ao meu redor tomavam proporções enormes e formatos estranhos. Por um momento eu pude ceder à força criativa da imaginação e por um momento fui aliviado pelas sublimes ficções que se me apresentavam. Os batimentos de meu coração humano trouxeram-me de volta à clara realidade. Onde, nesta imensidão mortal, estás tu, Oh Raymond—ornamento da Inglaterra, libertador da Grécia, "herói da história não escrita"{52}, por onde, neste ardente caos, estão teus caros restos espalhados? Gritei por ele – pela escuridão da noite, sobre as incandescentes ruínas da Constantinopla caída, seu nome foi ouvido; nenhuma voz respondeu – até o eco estava mudo.

Fui sobrepujado pelo cansaço; a solidão deprimiu meu humor. O ar incandescente, impregnado de pó, o calor e a fumaça dos palácios, paralisaram meus membros. A fome logo se me tornou aguda. A excitação que até então me sustentara, esvaíra-se; como um edifício, cujo suporte é afrouxado e cujas fundações balançam, treme e colapsa, assim, quando o entusiasmo e a esperança desertaram-me, minha força falhou. Sentei-me no único degrau remanescente de um edifício que, mesmo destruído, era enorme e magnífico; alguns poucos muros, não afetados pelas explosões, permaneciam em fantásticos grupos e uma chama brilhava intermitente no topo da pilha. Por algum tempo a fome e o sono lutaram, até que as constelações desfilaram diante dos meus olhos e então se perderam. Esforcei-me para me

levantar, mas minhas pálpebras, pesadas, fechavam-se, meus membros extenuados clamavam por repouso – deitei minha cabeça na pedra e cedi à grata sensação do esquecimento extremo; e naquele cenário de destruição, naquela noite desesperada – adormeci.

CAPÍTULO III

AS estrelas ainda brilhavam quando despertei e Touro, alto no céu do sul, mostrou que era meia-noite. Acordei de sonhos perturbados. Pareceu-me que havia sido convidado para a última celebração de Timon[{53}]; eu tinha muito apetite, as tampas abriram-se, a água quente exalou seu odor indesejável, enquanto eu fugia da fúria do anfitrião, que assumira a forma de Raymond; enquanto, para minha doente fantasia, os navios que ele enviara em minha direção estavam sobrecarregados de fétidos vapores e a forma de meu amigo, alterada por mil distorções, expandia-se como um gigantesco espírito, trazendo em seu rosto o sinal da pestilência. A sombra continuou a crescer, completa, e então pareceu tentar se expandir além do adamantino céu que se estendia sobre o mundo, mantendo e sustentando-lhe. O pesadelo tornou-se uma tortura; com grande esforço tirei-me do sono e convoquei a razão para suas habituais funções. Meu primeiro pensamento era sobre Perdita; para ela eu deveria voltar; ela eu deveria ajudar, arrancando tal alimento do desespero para melhor sustentar seu coração ferido; recuperando-a dos selvagens excessos de tristeza, pelas leis austeras da ocupação e a suave ternura do arrependimento.

A posição das estrelas era minha única guia. Dei as costas para a terrível ruína da Cidade Dourada e, depois de grande esforço, consegui escapar de sua clausura. Encontrei uma tropa de soldados fora dos muros; tomei um cavalo de um deles e apressei-me para encontrar minha irmã. A aparência da planície mudara durante aquele curto intervalo; o acampamento fora

desmontado; os restos do exército desbandado estavam agrupados aqui e ali; todos os rostos mostravam preocupação; cada gesto indicava surpresa e consternação.

Com um coração apertado entrei no palácio e tive medo de prosseguir, de falar, de observar. No meio da sala estava Perdita; ela sentou-se no pavimento de mármore, sua cabeça caída em seu peito, seu cabelo desarrumado, seus dedos contorcendo-se ativamente entre si; ela estava pálida como o mármore e cada traço estava contraído em agonia. Ela se me apercebera e olhava-me com indagação; sua meia feição de esperança estava triste; as palavras morriam antes que eu pudesse articulá-las; senti um inconveniente sorriso apertar meus lábios. Ela compreendeu meus gestos; outra vez sua cabeça caiu; outra vez seus dedos recomeçaram a se apertar. Por fim, recuperei a fala, mas minha voz assustava-a; a desafortunada garota havia compreendido meu olhar e por nada ela teria detalhado e confirmado a história de sua grande miséria por meio de duras e irrevogáveis palavras. Não, ela parecia desejar distrair meus pensamentos daquele assunto: ela ergueu-se do chão: “Psiu!”, ela disse, sussurrando, “depois de muito chorar, Clara está dormindo; não devemos acordá-la”. Ela sentou-se então no mesmo divã onde a deixei pela manhã, deitada no coração vivo de seu Raymond; não ousei me aproximar, porém sentei em um canto distante, observando suas assustadas e nervosas gesticulações. Ao fim, abruptamente ela perguntou, “Onde ele está?”

“Oh, não tema”, ela continuou, “não tema que eu deva ter esperança! Ainda assim, diga-me, você encontrou-o? Tê-lo mais uma vez em meus braços, vê-lo, embora alterado, é tudo o que desejo. Contanto que Constantinopla esteja sobre ele como uma tumba, ainda devo encontrá-lo – então que nos cubra com o peso da cidade, com uma montanha empilhada acima – não me

importo, desde que tal túmulo seja o de Raymond e de sua Perdita.” Então, chorando, ela agarrou-se a mim: “Leve-me até ele”, ela exclamou, “desapiedado Lionel, por que você mantém-me aqui? Sozinha não posso encontrá-lo – mas você sabe onde ele está – leve-me para lá.”

No início, tais agonizantes súplicas encheram-me de intolerável compaixão. Mas logo tentei extrair paciência das ideias que ela sugeria. Contei minhas aventuras durante a noite, minhas tentativas de encontrar nosso perdido e meu desapontamento. Conduzindo seus pensamentos para esta direção, dei-lhes um assunto que os recuperou da insanidade. Com aparente tranquilidade, ela discutiu comigo o provável lugar onde ele poderia ser encontrado e planejamos os meios que deveríamos utilizar para tal fim. Então, ouvindo minha fatiga e fome, ela mesma trouxe-me comida. Aproveitei o momento favorável e tentei despertar nela algo além do mortal torpor da tristeza. Enquanto eu falava, meu assunto dominou-me; profunda admiração; tristeza, a descendência da mais verdadeira afeição, o excesso de um coração irradiando simpatia por tudo o que foi grande e sublime na carreira de meu amigo, inspirava-me a despejar elogios para Raymond.

“Ah, para nós”, exclamei, “que perdemos a última honra deste mundo! Amado Raymond! Ele foi-se para a nação dos mortos; tornou-se um daqueles, que fazem da escura residência do obscuro túmulo ilustre por lá morarem. Ele percorreu a estrada que segue para lá e juntou-se às poderosas almas que se foram antes dele. Quando o mundo estava em seus primórdios, a morte deve ter sido terrível e o homem deixava seus amigos e sua família para morar, um estranho solitário, em um país desconhecido. Mas agora, aquele que falece encontra muitos companheiros que já foram, para preparar sua recepção. Os grandes dos velhos tempos

povoam-no, os heróis exaltados de nossa era estão entre seus habitantes, enquanto a vida torna-se duplamente ‘o deserto e a solidão’[{54}].

“Que criatura nobre foi Raymond, o primeiro entre os homens de nosso tempo. Pela grandeza de suas concepções, a graciosa ousadia de suas ações, pelo seu gênio e beleza, ele venceu e dominou as mentes de todos. De apenas uma falta ele pode ser acusado; mas sua morte compensou-a. Eu sei que o chamam inconstante de propósitos – quando ele desertou, pelo seu amor, a esperança de se tornar soberano e quando ele abdicou do protetorado da Inglaterra, os homens culparam sua debilidade de propósitos. Agora sua morte coroa sua vida e até o final dos tempos isso será relembrado, que ele devotou-se, uma vítima consciente, à glória da Grécia. Tal era sua escolha; ele esperava morrer. Ele previra que deveria deixar esta alegre terra, o iluminado céu, e teu amor, Perdita; ainda assim, ele nunca hesitara ou desistira, indo diretamente para o sinal de sua fama. Enquanto a terra durar, suas ações serão relembradas com festa. As jovens gregas irão jogar flores em sua sepultura em devoção e farão o ar entorno ressoar com hinos patrióticos, nos quais seu nome encontrará grande respeito.”

Vi como a feição de Perdita suavizava-se; a rigidez de sua tristeza cedeu à ternura – eu continuei: -“Assim, honrá-lo é a sagrada missão dos sobreviventes. Fazer seu nome mesmo como um lugar sagrado no chão, protegendo-o de todo ataque hostil pelos nossos elogios, derramando sobre ele as flores do amor e do arrependimento, guardando-o da decadência e mantendo-o imaculado pela posteridade. Tal é a tarefa de seus amigos. Uma mais querida pertence a você, Perdita, mãe de sua filha. Lembra-se da infância dela, com qual emoção você observava Clara, reconhecendo nela a união de seu ser com Raymond; alegrando-se por

ver neste vivo templo uma manifestação de seus amores eternos. Ainda assim ela permanece. Você diz que perdeu Raymond. Oh, não! – ainda ele vive com você e em você. Ela floresceu dele, carne de sua carne, osso de seu osso – e não, como até o momento, você estava feliz em identificar em sua geniosa face e em seus delicados membros, uma afinidade com Raymond, mas em sua afeição entusiasmada, nas doces qualidades de sua mente, você ainda poderá encontrá-lo vivo, o bom, o grande, o amado. Esteja sob seus cuidados incentivar tal semelhança – esteja sob seus cuidados fazê-la valiosa para ele, para que, quando estiver em glória pela sua origem, ela não tenha pena do que é."

Pude perceber que, enquanto convocava os pensamentos de minha irmã para as suas tarefas na vida, ela não ouvia com a mesma paciência de antes. Ela parecia suspeitar de um plano para consolá-la, de minha parte, do qual ela, acalentando sua recém-nascida tristeza, revoltava-se. "Você fala do futuro", ela disse, "enquanto o presente está todo aí. Deixe-me encontrar a residência terrena de meu amado; vamos resgatá-lo do pó comum, para que no porvir os homens possam apontar para o túmulo sagrado e dizer quem lá repousa – então seguirei para outros pensamentos e um novo rumo para a vida, ou o que mais o destino, em sua cruel opressão, possa ter guardado para mim."

Depois de um curto repouso, preparei-me para deixá-la, para que eu pudesse realizar seu desejo. No entretempo, Clara juntou-se a nós, cujo rosto pálido e olhar assustado mostrava a grande marca que a tristeza deixara em sua jovem mente. Ela parecia estar farta de algo ao qual não poderia oferecer palavras; mas, aproveitando-se de uma oportunidade propiciada pela ausência de Perdita, ela rogou sua mais honesta súplica, que eu levasse-a para ver o portão no qual seu pai havia entrado em Constantinopla. Ela prometera nenhuma extravagância,

ser dócil e voltar imediatamente. Não poderia recusar; pois Clara não era uma criança comum; sua sensibilidade e inteligência já haviam lhe granjeado com as certezas da feminilidade. Com ela, portanto, à minha frente no cavalo, seguido apenas pelo único serviçal que deveria reconduzi-la, seguimos para Top Kapou. Encontramos uma tropa de soldados reunidos ao seu redor. Estavam ouvindo. “São gritos humanos”, disse um: “Mais se parecem com o uivar de um cão”, replicou outro e novamente inclinaram-se para captar o som dos lamentos distantes regulares que vinham dos arredores da arruinada cidade. “Aquilo, Clara”, eu disse, “é o portão, aquela a rua pela qual ontem pela manhã seu pai avançou.” Seja qual fora a intenção de Clara em pedir para ser trazida até lá, foi impedida pela presença dos soldados. Com olhar sincero, ela fitou o labirinto de escombros fumegantes do que havia sido uma cidade e então expressou sua prontidão em retornar ao palácio. Neste momento, um uivo melancólico atingiu seus ouvidos; foi repetido; “Espere!” gritou Clara, “ele está lá; é o Florio, o cão de meu pai”. Pareceu-me impossível que ela pudesse reconhecer o som, mas ela persistiu em sua afirmação até que ganhou o crédito da multidão ao redor. Por fim, seria uma ação benevolente resgatar o sofredor, seja homem ou bruto, da desolação da cidade; então, enviando Clara de volta para casa, entrei novamente em Constantinopla. Encorajado pela impunidade recorrente de minha última visita, muitos soldados que foram da guarda pessoal de Raymond, que o amavam e sinceramente lamentavam sua perda, acompanharam-me.

Era impossível imaginar o estranho encadear de eventos que restaurou o aspecto sem vida de meu amigo para nossas mãos. Naquela parte da cidade onde o fogo mais avançara, na noite anterior, e que agora estava apagada, negra e fria, o moribundo cão de Raymond

estava agachado ao lado do corpo mutilado de seu senhor. Em tal momento, a mágoa não teve voz; a aflição, domada pela sua própria veemência, estava muda. O pobre animal reconhecera-me, lambeu minha mão e voltou para perto do seu senhor, e morreu. Raymond havia sido evidentemente jogado de seu cavalo por alguma ruína em queda, que esmagara sua cabeça e desfigurou toda a sua pessoa. Inclinei-me sobre o corpo e peguei na mão a ponta de sua túnica, menos esgarçada em aparência do que a forma humana que a vestia. Apertei-a contra meus lábios, enquanto os rústicos soldados reuniam-se em volta, carpindo por esta valiosa presa da morte, como se o arrependimento e a lamentação sem fim pudessem reacender a chama já extinta ou convocar para sua despedaçada prisão da carne seu espírito liberado. Ontem, aqueles membros valiam um universo; eles então continham, como um templo, um poder transcendental, cujos objetivos, palavras e ações valiam ser escritos em letras de ouro; agora, a superstição da pura afeição poderia dar valor ao mecanismo despedaçado que, incapaz e semelhante ao chão, não mais lembrava Raymond, assim como a chuva que cai está para a mansão de nuvens de outrora na qual escalou os céus mais altos e, dourada pelo sol, atraiu todos os olhos e saciou o sentido pelo seu excesso de beleza.

Assim como ele tornara-se, assim como era seu terreno trajar, desfigurado e arruinado, nós envolvemo-lo com nossas mantas e, erguendo a carga em nossos braços, tiramo-lo da cidade dos mortos. A questão agora era onde depositá-lo. Em nossa estrada para o palácio, passamos por um cemitério grego; ali, em uma placa de mármore negro eu deitei-o; os ciprestes tremulavam ao alto, sua tonalidade escura como a morte acorde com o seu estado de nada. Cortamos galhos das funéreas árvores e colocamo-los sobre ele, e sobre estes, a sua

espada. Deixei um guarda para proteger tal tesouro do pó; e ordenei que tochas perpétuas fossem acesas ao redor.

Quando voltei para Perdita, descobri que ela já havia sido informada do sucesso da minha tarefa. Ele, o seu amado, o único e eterno objeto de sua apaixonada ternura, era-lhe restaurado. Tal era o louco linguajar de seu entusiasmo. Que importa se seus membros não mais se movessem e aqueles lábios não mais proferissem seu sotaque modulado de sabedoria e amor! Que importa se como uma erva salva do infrutífero mar, ele fosse presa da corrupção – ainda era a forma que ela havia acariciado, aqueles os lábios que encontraram os dela, haviam bebido do espírito do amor misturado com sua respiração; aquele era o terrestre mecanismo de dissoluta argila que ela havia considerado sua. Com efeito, ela ansiava por uma outra vida; com efeito, o ardente espírito do amor parecia-lhe inextinguível pela eternidade. Porém, naquele momento, ela agarrava-se a tudo o que seus sentidos humanos permitiam-lhe para ver e sentir-se parte de Raymond.

Pálida como o mármore, límpida e irradiante como ele, ela ouviu meu relato e indagou sobre o local onde ele fora depositado. Seus traços haviam perdido a distorção da tristeza; seus olhos brilharam, sua própria pessoa pareceu se dilatar; enquanto a excessiva brancura e mesmo a transparência de sua pele, e sua voz um pouco oca, davam conta de que não a tranquilidade, mas o excesso de excitação, ocasionara a traiçoeira calma que se instalara em sua feição. Perguntei a ela onde ele deveria ser enterrado. Ela respondeu, “Em Atenas; exatamente na Atenas que ele amava. Fora da cidade, no aclive de Himeto, há um recesso pedregoso que ele apontou-me como o local onde gostaria de repousar.”

Meu próprio desejo certamente era o de que ele não fosse removido do local onde então repousava. Mas o

que ela queria seguramente deveria ser feito; e eu roguei-lhe para que se preparasse para a nossa saída sem demora.

Observe agora o rastro de melancolia cruzar os platôs da Trácia e soprar pelas passagens e sobre as montanhas da Macedônia, bordejar as puras ondas dos Peneus, atravessar a planície da Larisseia, passar os estreitos de Termópilas e subir sucessivamente por Oeta e Parnaso, descendo para a fértil planície de Atenas. As mulheres traziam com resignação estas longamente concebidas aflições, mas, para o espírito impaciente do homem, o lento mover de nossa caravana, o melancólico repouso que tomamos ao meio-dia, a perpétua presença do pálio, embora belo fosse, que envolvia o ranhurado esquife que continha Raymond, a monótona recorrência do dia e da noite, não alterada pela esperança ou pela mudança, todas essas circunstâncias de nossa marcha eram-lhe intoleráveis. Perdita, ensimesmada, pouco falava. Sua carruagem estava fechada; e, quando repousávamos, ela continuava a segurar seu pálido rosto em sua mão, branca e fria, com os olhos fixos no chão, dando espaço a pensamentos que dispensavam comunicação ou simpatia.

Descemos de Parnaso, emergindo de suas várias reentrâncias e passamos por Livadia em nossa rota para Ática. Perdita não entraria em Atenas; mas, repousando em Maratona na noite de nossa chegada, conduziu-me, no dia seguinte, ao lugar selecionado por ela como o repositório dos caros restos de Raymond. Era um recesso próximo à extremidade da ravina ao sul de Himeto. O abismo, profundo, negro e antigo, abarcava desde o pico até a base; nas fissuras da pedra, a murta crescia rusticamente por entre as árvores e o tomilho, alimentando hordas de abelhas; enormes rochas despontavam no desfiladeiro, algumas pendentes, outras se erguendo perpendicularmente a partir daí. Ao pé

deste sublime penhasco, um fértil e aprazível vale alcançava mar a mar e além se estendia o azul Egeu, salpicado de ilhas, as leves ondas resplandecentes ao sol. Próximo ao local onde estávamos, havia uma pedra solitária, alta e cônica que, dividida em cada lado da montanha, parecia uma pirâmide construída pela natureza; com pouco esforço, esta rocha foi reduzida a uma forma perfeita; a estreita cela foi esculpida por entre ela onde Raymond foi colocado, e uma breve inscrição, gravada diretamente na pedra, eternizou o nome do seu ocupante, a causa e a data de sua morte.

Tudo era feito com velocidade sob minhas ordens. Concordei em deixar o acabamento e a guarda da sepultura para o líder da igreja em Atenas, e ao fim de outubro preparei-me para voltar à Inglaterra. Mencionei minha intenção para Perdita. Era doloroso parecer puxá-la do último cenário que falava de seu amor perdido; mas permanecer aqui era inútil e a minha própria alma ansiava se juntar a Idris e suas crianças. Em resposta, minha irmã pediu para que a acompanhasse, na tarde seguinte, ao túmulo de Raymond. Alguns dias passaram-se desde que eu visitara o lugar. O caminho até lá havia sido alargado e degraus cavados na rocha conduziram-nos menos sinuosamente do que antes, ao próprio lugar; a plataforma onde ficava a pirâmide foi aumentada e, olhando para o sul, em um recesso eclipsado pelos longos galhos de uma figueira selvagem, vi fundações escavadas e escoras e a base de um telhado, evidentemente o início de uma cabana; em sua inacabada porta de entrada, a sepultura estava à nossa direita, toda a ravina e a planície e o mar azul imediatamente à nossa frente; as rochas negras recebiam um brilho do sol poente, que relanceava ao longo do vale cultivado, e tingia de púrpura e laranja as plácidas ondas; sentamos em uma elevação rochosa e fitei com arrebatamento o belo panorama de vívidas e

cambiantes cores, que variavam e aperfeiçoavam as graças da terra e do oceano.

"Não fiz o certo", disse Perdita, "em trazer meu amor até este lugar? De agora em diante, esse será um ponto de atração da Grécia. Em lugares como esse, a morte perde metade de seus terrores e mesmo o inanimado pó parece se juntar ao espírito de beleza que abençoa esta região. Lionel, aqui ele dorme; este é o túmulo de Raymond, aquele que em minha juventude primeiro amei; aquele que meu coração acompanhou nos dias de separação e de ira; aquele a quem me juntei para sempre. Nunca – preste atenção – nunca deixarei este local. Parece-me que o espírito dele aqui permanece assim como este pó que, embora seja incomunicável, é mais precioso em sua insignificância do que a menor partícula que a terra enviuvada agarra ao seu peito magoado. Os arbustos de mirta, o tomilho, o pequeno ciclame, que espreita pelas fissuras da rocha, todo o produto de um lugar, que lhe é afim; a luz que se despeja sobre as montanhas participa em sua essência, e o céu e as montanhas, o mar e os vales, estão imbuídos da presença do seu espírito. Viverei e morrerei aqui!

"Vá para a sua Inglaterra, Lionel; volte para a doce Idris e o caríssimo Adrian; volte e faça com que minha órfã seja como a sua própria filha em sua casa. Olhe para mim como se estivesse morta; e, na verdade, se a morte é apenas um mero mudar de estado, então estou morta. Este é um outro mundo, aparte daquele no qual eu ultimamente vivi, daquele que é agora seu lar. Aqui estou em comunhão apenas com o que foi e o que será. Vá para a Inglaterra e deixe-me onde, sozinha, eu possa expiar os dias miseráveis que deverei viver."

Um banho de lágrimas terminou com sua fala. Eu esperava por alguma proposição extravagante e permaneci quieto por um instante, reunindo os pensamentos com os quais poderia melhor combater seu

fantasioso plano. “Você acalenta sonhos assustadores, minha cara Perdita”, eu disse, “nem eu admiro-me que, por algum tempo, seu melhor raciocínio seja influenciado pela apaixonada tristeza e uma imaginação perturbada. Mesmo eu estou enamorado por esta última morada de Raymond; não obstante, devemos abandoná-lo.”

“Eu já esperava por isso”, exclamou Perdita; “Eu supus que você tratar-me-ia como uma garota louca e tola. Mas não se engane; esta cabana está sendo construída por ordens minhas e aqui devo permanecer, até que a hora chegue quando eu puder compartilhar sua residência mais feliz.”

“Minha cara jovem!”

“E o que há de estranho em meu desígnio? Posso ter lhe enganado; posso ter falado em permanecer aqui apenas alguns meses; em sua ansiedade por voltar a Windsor, você teria me deixado e, sem reprovação ou contenção, eu poderia ter seguido meu plano. Mas eu desprezo o artifício; ou então, em minha ruína, era meu único consolo abrir meu coração para você, meu irmão, meu único amigo. Você não vai discutir comigo? Você sabe o quão obstinada sua pobre e triste irmã é. Leve minha filha com você; livre-a das visões e dos pensamentos de mágoa; deixe que a alegria infantil revisite seu coração e anime seus olhos; pois isso nunca poderia ocorrer estivesse ela ao meu lado; é muito melhor para vocês que nunca mais me vejam de novo. Por mim, eu não procurarei voluntariamente a morte, ou seja, enquanto eu puder me controlar; e aqui, eu posso. Mas tire-me deste país; e meu poder de autocontrole esvair-se-á, nem poderei responder pela violência que minha agonia de tristeza poderá me fazer cometer.”

“Você disfarça seu propósito, Perdita”, repliquei, “em palavras poderosas, ainda que tal propósito seja egoísta e menor que você. Frequentemente você concordou

comigo que há apenas uma solução para o intrincado mistério da vida; melhorar a nós mesmos e contribuir para a felicidade dos outros; e agora, no melhor da vida, você abandona seus princípios e cala-se em inútil solidão. Você pensará em Raymond menos em Windsor, o cenário de sua antiga felicidade? Você estará em comunhão menos intensa com seu ausente espírito enquanto cuida e cultiva a rara excelência de sua filha? Você tem tido momentos tristes; nem penso eu que um sentimento similar à insanidade poder-lhe-ia conduzir a planos mais amargos e desprovidos de razão. Mas um lar de amor espera-lhe em sua nativa Inglaterra. Minha ternura e minha afeição devem aliviá-la; a companhia dos amigos de Raymond serão de maior consolo do que essas especulações horríveis. Todos nós nos esforçaremos, como nossa tarefa mais querida, a contribuir para a sua felicidade."

Perdita balançou sua cabeça; "Se pudesse ser assim", ela replicou, "estaria eu muito errada em desprezar suas ofertas. Mas não é uma questão de escolha; somente aqui posso viver. Sou parte deste cenário; cada uma de suas propriedades faz parte de mim. Isso não é uma súbita fantasia; eu vivo por ela. Saber que estou aqui se ergue comigo pela manhã e permite-me suportar a luz; mistura-se com meus alimentos, que sem ele seria veneno; anda e dorme comigo, pois sempre me acompanha. Aqui eu posso até interromper o resmungo e posso agregar meu tardio consentimento ao decreto que o tirou de mim. Ele preferiria sofrer tal morte, que será gravada na história para o tempo sem fim, do que morrer velho e desconhecido, sem honrarias. Nem posso eu desejar mais do que ter sido a escolhida e a amada de seu coração, aqui, no melhor da juventude, antes que a velhice possa fazer decair os melhores sentimentos de minha natureza, observarei seu túmulo e rapidamente me juntarei a ele em seu abençoado repouso.

“Portanto, meu caro Lionel, eu tenho dito, desejando persuadi-lo de que faço o certo. Se você não está convencido, nada mais posso acrescentar na forma de argumento e posso apenas declarar que esta é a minha decisão deliberada. Aqui eu fico; apenas a força pode me remover daqui. Que assim seja; arraste-me para longe – eu volto; ponha-me em confinamento, prenda-me, ainda assim escapo e venho para cá. Ou então meu irmão devotaria a desiludida Perdita ao feno e às correntes de uma louca em vez de liberá-la para descansar em paz entre a sombra da Sua companhia, neste meu próprio selecionado e amado recesso?”

Tudo aquilo me parecia uma loucura metódica. Imaginei que fosse meu imperativo dever levá-la para longe dos cenários que, forçosamente, lembravam-na de sua perda. Nem eu duvidava que, na tranquilidade do nosso círculo familiar em Windsor, ela recuperaria algum grau de compostura e, ao fim, de felicidade. Minha afeição por Clara também faz com que eu me opusesse a tais apaixonados sonhos de acalentada tristeza; a sensibilidade dela já havia sido excitada em muito; sua infantil inconsequência trocada rapidamente por pensamentos profundos e ansiosos. O estranho e romântico plano de sua mãe poderia perpetuar e confirmar uma visão dolorosa da vida, que havia se imiscuído muito cedo em sua contemplação.

Ao regressar para casa, o capitão do barco a vapor com quem eu havia concordado navegar veio me dizer que circunstâncias acidentais apressaram sua partida e que, se fosse com ele, eu deveria embarcar às cinco da manhã seguinte. Prontamente dei meu consentimento a esse arranjo e tão logo elaborei um plano por meio do qual Perdita deveria me acompanhar. Acredito que a maior parte das pessoas na minha situação teria agido da mesma maneira. Contudo, essa consideração não diminui, nem diminuiria com o passar do tempo, as

reprovações de minha consciência. Naquele momento, senti-me convencido de que agia pelo melhor e que tudo o que fiz foi certo e, até mesmo, necessário.

Sentei-me com Perdita e tranquilizei-a com meu aparente assentimento ao seu louco plano. Ela recebera minha anuência com prazer e por dez mil vezes agradeceu seu enganoso e enganador irmão. À medida que a noite aproximava-se, seu humor, exasperado por minha inesperada concessão, ganhou uma vivacidade quase esquecida. Eu fingia estar alarmado pelo fervente brilho em seu rosto; roguei a ela que tomasse uma dose reanimadora; despejei o remédio e ela tomou-o docilmente. Eu observava-a enquanto ela bebia-o. A falsidade e o artifício eram, em si próprios, tão odiosos que, embora eu pensasse que fazia o certo, um sentimento de vergonha e de culpa atingiu-me dolorosamente. Eu deixei-a e logo ouvi que ela dormia profundamente sob a influência do calmante que havia administrado. Ela foi carregada inconsciente a bordo; a âncora levantou-se e o vento, sendo favorável, logo ganhamos o mar profundo; com a vela totalmente aberta e o poder do motor para nos ajudar, ganhamos rápida e constantemente força por entre o áspero elemento.

Já era avançado o dia quando Perdita despertou, e um tempo mais longo passou-se antes de ela se recuperar do torpor ocasionado pelo láudano e perceber a mudança de situação. Ela levantou-se rudemente de seu sofá e correu para a janela da cabine. O mar azul e turbulento passava rápido pelo navio e espalhava-se sem costa ao redor: o céu estava coberto de nuvens, que em seu rápido movimento evidenciava quão velozmente ela estava sendo carregada. O barulho dos mastros, o ruído do timão, o bote içado, tudo a convenceu de que ela já estava longe das praias da Grécia. – “Onde estamos?”, ela exclamou, “para onde vamos?”

O atendente a quem havia pedido que a observasse respondeu, “Para a Inglaterra”.

“E meu irmão?”

“Na cobertura, madame.”

“Impiedoso! Impiedoso!”, exclamou a pobre vítima, enquanto com um profundo suspiro ela observava o deserto de águas. Então, sem maiores comentários, ela jogou-se em seu sofá e, fechando os olhos, ficou imóvel; se não fossem os profundos suspiros que irrompiam dela, pareceria que ela estivesse dormindo.

Assim que eu ouvi que despertara, enviei Clara para ela, para que a visão da amável inocente pudesse lhe inspirar gentis e afetuosos pensamentos. Mas nem a presença de sua filha nem uma visita subsequente de minha parte, pôde animar minha irmã. Ela olhava para Clara com uma feição significando pavor, mas nada falou. Quando apareci, ela virou-se e em resposta às minhas perguntas, apenas disse, “Você não sabe o que fez!” – Confiei que tal ressentimento mostrava meramente a batalha entre o desapontamento e a afeição natural, e que em poucos dias ela estaria resignada ao seu destino.

Quando a noite caiu, ela implorou para que Clara dormisse em uma cabina separada. Sua atendente, entretanto, permaneceu com ela. Por volta de meia-noite ela conversou com esta, dizendo que tivera um sonho ruim e pediu-lhe que fosse ter com a sua filha e fazer saber se esta dormia tranquilamente. A mulher obedeceu.

A brisa, que tinha amainado desde o pôr do sol, soprava novamente. Eu estava na cobertura, apreciando nosso rápido progresso. A quietude era perturbada apenas pelo correr das águas enquanto se dividiam pela firme quilha, o murmúrio das imóveis e cheias velas, o vento assobiando pelas cordas e o movimento constante do motor. O mar estava gentilmente agitado, mostrando

uma espuma branca e logo retornando ao seu tom uniforme; as nuvens haviam desaparecido; e o escuro éter envolvia o amplo oceano, no qual as constelações buscavam em vão seu habitual espelho. Nossa velocidade não poderia ser menor do que oito nós.

Súbito ouvi um mergulho no mar. Os marinheiros de guarda correram para o lado do navio, com o brado – alguém pulara pela borda fora. “Não é da cobertura”, disse o homem ao leme, “algo foi atirado perto da cabina”. Um grito para o bote ser baixado ecoou da cobertura. Corri para a cabina de minha irmã; estava vazia.

Com as velas baixadas e o motor desligado, o navio permaneceu indesejavelmente estacionário, até que, após uma hora de busca, minha pobre Perdita foi trazida a bordo. Mas nenhum cuidado poderia reanimá-la, nenhum remédio poderia fazer seus caros olhos abrirem-se de novo e o sangue fluir outra vez do seu coração inerte. Uma mão fechada continha um pedaço de papel no qual estava escrito, “Para Atenas”. Para assegurar sua chegada a tal destino e evitar a perda irrecuperável de seu corpo no amplo mar, ela tivera a precaução de amarrar um xale ao longo de sua cintura e também ao isolamento da janela da cabina. Ela havia ficado à deriva por algum tempo sob a quilha da embarcação e por estar fora de vista ocasionou o atraso em encontrá-la. E, portanto, a desafortunada garota morrera vítima de minha insensível impetuosidade. Assim, no começo do dia, ela deixou-nos para juntar-se aos mortos e preferiu compartilhar o pedregoso túmulo de Raymond do que o animado cenário que esta alegre terra providenciava e a companhia de seus grandes amigos. Assim, aos vinte e nove anos, ela morreu; tendo apreciado alguns poucos anos de felicidade paradisíaca e sustentando o reverso, ao qual seu espírito impaciente e seu temperamento afetuoso eram incapazes de se submeter. Enquanto eu

olhava a plácida expressão que havia se instalado em sua compleição ao morrer, senti, apesar das convulsões do remorso, apesar do meu coração arrependido, que era melhor morrer assim do que arrastar longos e miseráveis anos de descontentada e inconsolável tristeza. A pressão do clima conduziu-nos ao Golfo Adriático; e, sendo o nosso navio pouco adaptado para enfrentar uma tempestade, refugiamos-nos no porto de Ancona. Ali encontrei Georgio Palli, o vice-almirante da frota grega, um antigo amigo e grande partidário de Raymond. Eu confiei-lhe os restos de minha ausente Perdita, com o propósito de transportá-los ao Himeto e colocá-los na célula que Raymond já ocupava sob a pirâmide. Tudo foi feito conforme eu desejara. Ela repousava diante de seu amado e a sepultura acima foi inscrita com os nomes unidos de Raymond e Perdita.

Decidi então prosseguir a jornada para a Inglaterra por terra. Meu próprio coração estava nublado de arrependimento e remorso. A apreensão de que Raymond havia partido para sempre, que seu nome, mesclado eternamente com o passado, deveria ser apagado de qualquer previsão do futuro, tinha-me chegado devagar. Sempre admirara seus talentos; suas nobres aspirações; suas grandiosas concepções de glória e a majestade de sua ambição: seu extremo anseio por importantes paixões; sua força e ousadia. Na Grécia eu aprendera a amá-lo; sua própria imprevisibilidade e o autoabandono aos impulsos da superstição, prenderam-me duplamente a ele; poderia ser fraqueza, mas eram os antípodas de tudo o que era submisso e egoísta. A essas convulsões somava-se a perda de Perdita, por meio de minhas próprias vontade própria e fantasia malditas. Esta querida, minha única parente; cujo progresso eu havia reparado desde a tenra infância pelo atribulado caminho da vida e visto nesse período desejosa de integridade, devoção e verdadeira afeição; pois tudo o

que constitui as graças peculiares do caráter feminino, e observava-a como vítima, por fim, de muito amor, de uma ligação constante com o perecível e o perdido, ela, em sua orgulhosa beleza e vida, havia se despojado da agradável percepção do mundo aparente pela irrealidade do túmulo, e havia deixado a pobre Clara praticamente órfã. Ocultei da amada criança que a morte de sua mãe foi voluntária e tentei, por todos os meios, despertar a alegria em seu espírito afetado pela mágoa.

Um de meus primeiros atos para recompor até a minha própria compostura foi o de me despedir do mar. Seu odioso mergulho renovava-se intermitentemente com a sensação da morte de minha irmã; seu estrondo era um hino funéreo; em cada escura casca que era agitada em seu peito inconstante, imaginava um ataúde, que transportaria à morte todos aqueles que confiavam em seus traiçoeiros sorrisos. Adeus ao mar! Venha, minha Clara, sente-se ao meu lado neste barco aéreo; rápida e gentilmente ele divide o azul sereno e com suaves ondulações desliza sobre a corrente de ar; ou, se a tempestade balançar seu frágil mecanismo, a verde terra estará abaixo; podemos descer e tomar abrigo no estável continente. Ali em cima, companheiros dos rápidos pássaros, passamos velozmente pelo frágil elemento, ágeis e destemidos. O leve barco não é puxado, nem se opõe às ondas que trazem a morte; o éter abre-se defronte a proa e a sombra do globo que o sustém nos protege do sol do meio-dia. Abaixo estão as planícies da Itália ou as vastas ondulações dos Apeninos, como se fossem ondas; a fertilidade repousa em suas muitas dobras e bosques coroam os picos. O camponês livre e feliz, liberto pelo austríaco, leva a dupla colheita para o armazém; e os refinados cidadãos cultivam sem temor a muito definhada árvore do conhecimento neste jardim do mundo. Éramos erguidos acima dos picos

alpinos e de suas profundas e alvoroçadas ravinas entramos nas planícies da bela França e, depois de uma jornada aérea de seis dias, aterrissamos em Dieppe, dobramos as asas cheias de penas e fechamos o globo sedoso de nosso pequeno bote. Uma chuva forte tornara este modo de transporte inconveniente; então embarcamos em um paquete a vapor e após uma curta viagem aportamos em Portsmouth.

Uma estranha história propagou-se por ali. Poucos dias antes, um navio atingido por uma tempestade aparecera perto da cidade: o casco aparentava estar seco e rachado, as velas rotas e inclinadas de maneira descuidada, impróprias a um marinheiro, as cordas do mastro emaranhadas e rompidas. Estivera a deriva na direção do porto e estava encalhado nas areias da entrada. Pela manhã, os oficiais da alfândega, junto com uma turba de desocupados, visitaram-no. Apenas um membro da tripulação parecia ter chegado no navio. Ele conseguira alcançar a costa e havia caminhado poucos passos em direção à cidade quando, fustigado pela doença e beirando a morte, caíra na inóspita praia. Fora encontrado rígido, suas mãos fechadas e pressionadas contra o seu peito. Sua pele, quase morena, seu cabelo opaco e sua barba eriçada eram sinais de uma prolongada miséria. Sussurrava-se que morrera por causa da peste. Ninguém se aventurou a entrar no navio e estranhas visões eram afirmadas de ser vistas durante a noite, andando na cobertura e pendurando-se nos mastros e nas cordas. Logo o navio despedaçou-se; eu vira onde ele tinha estado e enxerguei suas pranchas desmembradas atiradas nas ondas. O corpo do homem que desembarcara havia sido enterrado profundamente nas areias; e ninguém pôde dizer mais, além de que o navio foi construído na América e vários meses antes dos Fortunatas terem partido da Filadélfia, dos quais nenhuma notícia fora recebida desde então.

CAPÍTULO IV

REGRESSEI à propriedade de minha família no outono do ano de 2092. Meu coração há muito estivera com eles; e eu sentia-me saudoso, com a esperança e o prazer de vê-los novamente. O distrito que os continha parecia a paragem de todo bondoso espírito. A felicidade, o amor e a paz caminhavam pelas trilhas da floresta e davam o tom da atmosfera. Depois de toda a agitação e tristeza que havia enfrentado na Grécia, busquei Windsor, como o pássaro que foge da chuva constrói o ninho no qual pode dobrar suas asas em tranquilidade.

Quão tolos haviam sido os andarilhos que abandonaram seu abrigo, emaranhando-se na teia da sociedade e entrando no que os homens do mundo chamam de “vida” – este labirinto do mal, este plano de tortura mútua. Para viver, neste sentido da palavra, não devemos apenas observar e aprender, devemos também sentir; não devemos ser meros espectadores da ação, devemos agir; não devemos descrever, e sim, sermos descritos. A profunda mágoa deve ter sido a prisioneira em nossos peitos; a fraude deve estar à nossa espreita; o artifício deve nos enganar; a pungente dúvida e a falsa esperança devem afligir nossos dias; a alegria e o contentamento, que envolvem a alma em êxtase, devem às vezes nos possuir. Aquele que sabe o que a “vida” é ansiaria por estes febris tipos de existência? Eu vivi. Passei dias e noites festivos; juntei-me em ambiciosas esperanças e exultei em vitória: agora, – fechada a porta para o mundo e elevado o muro que está prestes a me separar dos turbulentos cenários interpretados dentro

de seus recintos. Deixe-nos viver para o próximo e para a felicidade; deixe-nos buscar a paz em nosso querido lar, próximo ao murmúrio dos riachos no solo e do gracioso farfalhar das árvores, as belas vestimentas da terra e a sublime pompa dos céus. Deixe-nos esvair a “vida” para que possamos viver.

Idris ficou muito feliz com minha resolução. Sua nativa vivacidade dispensava a excitação indevida e seu plácido coração repousava contente em meu amor, no bem-estar de seus filhos e na beleza da natureza ao redor. Seu orgulho e sua inocente ambição eram o de criar sorrisos em todos à sua volta e de despejar tranquilidade sobre a frágil existência de seu irmão. Apesar de seus ternos cuidados, a saúde de Adrian declinara perceptivelmente. Caminhar, montar, as ocupações comuns da vida, dominaram-lhe: embora não sentisse dor, parecia sempre tremer na iminência de aniquilação. Contudo, como vivera por meses quase naquela mesma condição, ele não nos inspirava nenhum medo imediato; e, embora falasse da morte como um evento bem familiar aos seus pensamentos, ele não desistira de dar o seu melhor para fazer os outros felizes ou para cultivar seus surpreendentes poderes da mente. O inverno passou; e a primavera, conduzida pelos meses, despertou a vida em toda a natureza. A floresta vestira-se de verde; os bezerros buscavam a grama recém germinada; as sombras aladas de vento das leves nuvens aceleravam sobre os verdes campos de milho; o cuco repetia sua monótona saudação à estação; o rouxinol, pássaro do amor e servo da estrela vespertina, preenchia a floresta de música; enquanto Vênus prolongava-se no quente pôr do sol e o jovem verdejar das árvores deitava-se em gentil repouso ao longo do límpido horizonte.

O prazer despertou-se em cada coração, prazer e exultação; pois havia paz em todo o mundo; o templo do

Universal Jano estava fechado e os homens, naquele ano, não morreram pelas mãos de outros homens.

“Deixe que isto dure apenas doze meses”, disse Adrian; “e a terra tornar-se-á o Paraíso. As energias do homem eram antes direcionadas à destruição de sua espécie; tudo agora o que buscam é a sua liberação e preservação. O homem não pode repousar e suas incansáveis aspirações agora trarão o bem ao invés do mal. Os países favorecidos do sul irão se livrar do grilhão de ferro da servidão; a pobreza extinguir-se-á e com ela, a doença. O que não poderão as forças, nunca antes unidas, de liberdade e paz obter nesta morada do homem?”

“Sonhando, para sempre sonhando, Windsor!”, disse Ryland, o antigo adversário de Raymond e candidato ao Protetorado nas próximas eleições. “Assegure-se que a terra não é e nem será o paraíso enquanto as sementes do inferno forem nativas de seu solo. Quando as estações tornarem-se iguais, quando o ar não parir desordens, quando sua superfície não mais se responsabilizar pelas pragas e pela seca, então a doença cessará; quando as paixões dos homens estiverem mortas, a pobreza partirá. Quando o amor não mais se assemelhar ao ódio, então a compaixão existirá; estamos muito longe desse estágio agora.”

“Não tanto quanto você supõe”, observou um velho astrônomo, chamado Merrival, “os pólos adiantam-se de forma lenta, porém certa; em cem mil anos…”

“Estaremos todos enterrados”, disse Ryland.

“O pólo da terra coincidirá com o pólo da eclíptica”, continuou o astrônomo, “uma primavera universal será formada e a terra tornar-se-á um paraíso.”

“E todos nós deveremos usufruir o benefício da mudança”, disse Ryland, desdenhosamente.

“Temos notícias estranhas”, observei. Estava com o jornal nas mãos e, como sempre, buscara informações

da Grécia. “Parece que a destruição total de Constantinopla e a suposição de que o inverno havia purificado o ar da cidade caída, deram coragem aos gregos de visitar o local e começar sua reconstrução. Mas eles dizem que a maldição divina ocupa o lugar, pois cada um que se aventurou para dentro dos muros foi contaminado com a peste; e a doença espalhou-se pela Trácia e pela Macedônia; e agora, temendo a virulência da infecção durante o calor vindouro, um cordão foi levantado na fronteira da Tessália e uma rigorosa quarentena, instituída”. Tal informação trouxe-nos de volta da perspectiva de paraíso, a ser estabelecido em um prazo de cem mil anos, para a dor e a miséria do momento que existia sobre a terra. Falamos das pilhagens feitas no ano passado pela pestilência em todos os cantos do mundo; e das terríveis consequências de uma recaída. Discutimos os melhores meios de evitar o contágio e sobre como preservar a saúde e a atividade caso uma grande cidade fosse atingida – Londres, por exemplo. Merrival não se juntou a essa conversa, achegando-se de Idris, ele continuou a assegurá-la de que o deleitoso prospecto de um paraíso terreno depois de cem mil anos, era acompanhado da consternação de saber que depois de certo período um inferno ou purgatório ocorreria na terra, quando a eclíptica e o equador estariam em ângulos retos. Nosso grupo, por fim, dispersou-se; “Estamos todos sonhando nesta manhã”, disse Ryland, “é tão sábio discutir a probabilidade da aflição da peste em nossa metrópole bem governada, quanto calcular os séculos que devem transcorrer antes de cultivarmos abacaxis aqui, ao léu.”

Mas, embora parecesse absurdo estimar a chegada da peste em Londres, eu não poderia refletir sem extrema dor sobre a desolação que tal mal causaria na Grécia. A maior parte dos ingleses falava da Trácia e da Macedônia como o faria sobre um território lunar que,

desconhecido para eles, não apresentava uma ideia clara ou interessante para a mente. Eu pisara naquele solo. As faces de muitos dos habitantes eram-me familiares; nas cidades, nas planícies, nas montanhas e nos desfiladeiros dessas terras, eu apreciara um prazer indizível, enquanto os percorria no ano anterior. Alguma romântica vila, alguma cabana ou elegante residência lá situada, ocupada pelos amáveis e bons, erguia-se perante minha visão mental e a pergunta atormentava-me, será a peste lá também? – Aquele mesmo monstro invencível, que pairou sobre e destruiu Constantinopla – aquela aberração mais cruel do que a tempestade, menos domável do que o fogo, está, ah, solta naquele belo país – tais reflexões não me permitiram descansar.

O estado político da Inglaterra tornou-se agitado com o passar do tempo quando o novo Protetor estava para ser eleito. Tal evento despertou o máximo interesse já que, pelos atuais relatos, se o candidato popular (Ryland) fosse eleito, a questão da abolição das posições hereditárias e outras relíquias feudais, seriam submetidas à apreciação do parlamento. Nem uma palavra fora dita durante a presente sessão sobre quaisquer desses tópicos. Tudo dependeria da escolha de um Protetor e das eleições do ano seguinte. Porém, este silêncio era terrível, mostrando a profunda preocupação atribuída à questão; o temor de cada partido em arriscar um ataque fora de hora e a expectativa de uma furiosa contenda quando ele viesse.

Mas embora Saint Stephen não ecoasse a voz que ocupava todos os corações, os jornais pululavam com tudo aquilo; e em companhia privada, as conversas, por mais que iniciadas à distância, logo pendiam para este assunto central, enquanto as vozes abaixavam-se e as cadeiras aproximavam-se. Os nobres não hesitavam em expressar seu medo; o outro partido empenhou-se para tratar a questão com leveza. “Que pena deste país”,

disse Ryland, “em colocar tanta pressão sobre palavras e banalidade; é uma indagação sobre o nada; sobre a nova pintura dos painéis das carruagens e a rendas dos casacos dos criados.”

Poderia ainda a Inglaterra realmente deixar de lado os seus nobres ornamentos e estar feliz com o democrático estilo da América? Era o orgulho da ancestralidade, o espírito patrício, as gentis cortesias e os refinados objetivos, os esplêndidos atributos da elite, destinados a ser apagados entre nós? Disseram-nos que este não seria o caso; que éramos um povo poético por natureza, uma nação facilmente iludida pelas palavras, pronta para jogar consternação no esplendor e investir o pó de honras. Este espírito não poderíamos nunca perder; e era para diluir tal espírito concentrado de origem que a nova lei estava para ser levada adiante. Fomos assegurados que, quando o nome e o título do inglês fossem a patente única da nobreza, todos deveríamos ser nobres; que, quando nenhum homem nascido sob o domínio inglês, sentisse que outro era seu superior, a cortesia e o refinamento tornar-se-iam direito de nascença de todos os compatriotas. Não deixe a Inglaterra ser tão desgraçada ao idealizar que ela possa ficar sem nobres, a nobreza verdadeira da natureza, que trazem sua patente em seu comportamento, que são desde o berço elevados acima do resto da sua espécie, porque são melhores do que o resto. Entre uma raça de homens independentes, generosos e bem-educados, em um país onde a imaginação é imperadora das mentes dos homens, não há necessidade de temer que precisemos de uma sucessão perpétua dos bem-nascidos e dos senhores. Aquele partido, porém, dificilmente poderia ser considerado minoria no reino, que glorificava o ornamento da coluna, “a capital da polida sociedade dos Coríntios”[{55}]; apelava para o preconceito sem conta, para velhos laços e jovens esperanças; para a

expectativa de milhares que poderiam ser, algum dia, seus pares; eles ergueram-se como um espantalho, um espectro de tudo o que era sórdido, mecânico e baixo nas repúblicas comerciais.

A peste chegara a Atenas. Centenas de residentes ingleses voltavam para o seu próprio país. Os atenienses, amados por Raymond, o livre e nobre povo da mais divina cidade da Grécia, caíram como milho maduro ante a infecção impiedosa do adversário. Seus agradáveis lugares estavam vazios; seus templos e palácios foram convertidos em túmulos; suas energias, antes investidas nos mais altos objetivos da natureza humana, eram agora forçadas a convergir em um ponto, a proteção contra as inúmeras flechas da peste.

Em qualquer outra época tal desastre teria causado extrema comoção entre nós; mas isso agora era ignorado, embora cada mente estivesse concentrada na controvérsia que se aproximava. Assim não era comigo; e a questão de classe e de direito reduzia-se à insignificância aos meus olhos, quando eu imaginava o sofrimento em Atenas. Soube da morte de filhos únicos; de esposas e maridos muito devotados; do rompimento de laços tecidos com as fibras do coração, de amigos perdendo amigos e de jovens mães pranteando seus primogênitos; e estes tocantes incidentes eram agrupados e pintados em minha mente pelo meu conhecimento das pessoas, pela minha estima e afeição por aqueles que sofriam. Eram os admiradores, amigos e companheiros de luta de Raymond, famílias que haviam recepcionado Perdita na Grécia e lamentaram com ela a perda do seu senhor, que eram ceifados e foram residir com eles em sua indistinguível sepultura.

A peste em Atenas havia sido precedida e causada pelo contágio do Oriente; e a cena de destruição e morte continuava a ser encenada ali, em uma escala de temente magnitude. Uma esperança de que o ano

vindouro provar-se-ia o último mantinha os espíritos dos mercadores ligados a estes países; mas os habitantes eram levados ao desespero ou a uma resignação que, surgindo do fanatismo, assumia o mesmo tom obscuro. A América também recebera a mancha; e, fosse febre amarela ou peste, a epidemia era dotada de uma virulência nunca antes sentida. A devastação não era confinada apenas às cidades, mas espalhava-se pelo país; o caçador morria nas florestas, o camponês nos campos de milho e o pescador, em suas águas nativas.

Uma estranha história nos foi trazida do Oriente, que teria recebido pouco crédito, caso não fosse o evento atestado por uma multidão de testemunhas em várias partes do mundo. No dia 21 de junho, foi dito que uma hora antes do meio-dia, um sol negro ergueu-se{56}: um orbe do tamanho de um lustre, mas escuro, definido, cujos raios eram sombras, ascendeu do oeste; em quase uma hora atingiu o meridiano e eclipsou o brilhante pai do dia. A noite despejou-se sobre cada país, noite, súbita, sem raios, completa. As estrelas surgiram, derramando seu brilho ineficaz sobre a terra viúva da luz. Mas logo o orbe obscuro ultrapassou o sol e prolongou-se até o céu oriental. Enquanto descia, seus poeirentos raios cruzavam aqueles brilhantes do sol e anulava-os ou escurecia-os. As sombras das coisas assumiam estranhos e pavorosos aspectos. Os animais selvagens nas florestas assustavam-se com as formas desconhecidas projetadas no chão. Fugiam sem saber para onde; e os cidadãos enchiam-se de um pavor maior, na convulsão que “jogou leões nas ruas civis”{57}, - pássaros, robustas águias, de súbito cegas, caíram nos mercados, enquanto corujas e morcegos exibiam-se a si mesmos recepcionando a prematura noite. Gradualmente o objeto do medo afundou-se no horizonte, disparando finalmente seus raios de penumbra pelo outrora ar radiante. Tal era a história

que nos contavam vinda da Ásia, da extremidade oriental da Europa e da África, tão oriental quanto a Golden Coast{58}. Fosse esta história real ou não, os efeitos eram certos. Pela Ásia, desde as margens do Nilo até as praias do mar Cáspio, do Helisponto até mesmo ao Golfo de Omã, um pânico repentino eclodiu. Os homens encheram as mesquitas, as mulheres, veladas, apressaram-se para as sepulturas, carregando oferendas para os mortos, para assim preservarem os vivos. A peste fora esquecida, neste novo medo que o sol negro espalhara; e, embora os mortos multiplicassem-se, as ruas de Ispahan, Beijing e Délhi eram pontilhadas por cadáveres abatidos pela peste por onde os homens passavam, olhando para o pressago céu, indiferentes à morte sob seus pés. Os cristãos buscavam suas igrejas – donzelas cristãs, mesmo na festa das rosas, cobertas de branco em brilhantes véus, procuravam, em longa procissão, os lugares consagrados pela sua religião, preenchendo os ares com seus hinos; enquanto, com frequência, dos lábios de alguma pobre carpideira na multidão, uma voz magoada irrompia e o resto olhava para cima, imaginando que poderiam discernir as asas dos anjos batendo, que passaram pela terra, lamentando os desastres prestes a se abater sobre os homens.

No ensolarado clima da Pérsia, nas povoadas cidades da China, entre os aromáticos bosques da Caxemira e entre os litorais ao sul do Mediterrâneo, ocorriam tais cenas. Mesmo na Grécia, a história do sol da escuridão aumentou o medo e o desespero da moribunda multidão. Nós, em nossa nublada ilha, estávamos longe do perigo e a única circunstância que trazia esses desastres até nós era o diário aportar de navios do oriente, lotados de emigrantes, a maioria inglesa; já que os muçulmanos, embora o medo da morte espalhara-se agudamente entre eles, permaneciam juntos; pois, se fossem morrer (se fossem, a morte prontamente encontrá-los-ia no mar

desterrado ou na distante Inglaterra, como na Pérsia) – se eles fossem morrer, seus ossos poderiam descansar na terra feita sagrada pelas relíquias dos verdadeiros crentes. Meca nunca estivera tão cheia de peregrinos; entretanto, os árabes rejeitavam pilhar as caravanas, porém, humildes e desarmados, juntavam-se à procissão, rezando para Maomé desviar a peste de suas tendas e os desertos.

Não posso descrever o arrebatador prazer com que passei das contendas políticas domésticas e dos males físicos dos países distantes para meu próprio lar querido, para a selecionada residência da bondade e do amor; para a paz e para o intercâmbio de toda a sagrada simpatia. Tivesse eu nunca deixado Windsor, estas emoções nunca teriam sido tão intensas; mas eu, na Grécia, fora a presa do medo e da deplorável mudança; na Grécia, após um período de ansiedade e tristeza, eu vira dois partirem, cujos próprios nomes eram os símbolos exatos da grandeza e do valor. Mas tais misérias nunca poderiam invadir o círculo familiar que me foi deixado, enquanto, reclusos em nossa amada floresta, vivíamos tranquilamente. Uma pequena mudança confirmou o progresso dos anos para cá trazidos; e o tempo, como é de praxe, estampara os traços de mortalidade em nossos prazeres e expectativas. Idris, a mais afetuosa esposa, irmã e amiga, era uma mãe terna e cheia de amor. O sentimento não era para ela como para muitos, um passatempo; era uma paixão. Tivemos três filhos; um, o segundo em idade, morrera enquanto eu estava na Grécia. Tal fato esmagara as triunfantes e arrebatadoras emoções da maternidade com mágoa e medo. Antes disso, os pequenos seres, crias dela própria, os jovens herdeiros de sua transitória vida, pareciam ter certo jorro de existência; agora ela temia que o implacável destruidor pudesse roubar seus pequenos queridos,

como roubara seu irmão. A menor doença causava espasmos de terror; ela entristecia se estivesse totalmente ausente deles; seu tesouro de felicidade ela havia colhido naqueles frágeis seres e mantinha-os sempre em vigilância, como se o insidioso ladrão fosse, como antes, roubar suas valiosas gemas. Afortunadamente, ela tinha pouco a temer. Alfred, agora com nove anos de idade, era um rapaz honorável e vigoroso, com um rosto radiante, olhos ternos e temperamento gentil, embora independente. Nosso caçula ainda era muito pequeno; mas seu brando rosto estava salpicado com as rosas da saúde e sua incansável vivacidade preenchia nossos salões com inocentes gargalhadas.

Clara passara a idade que, de sua muda ignorância, era a fonte das preocupações de Idris. Clara era-lhe querida e era-o para todos. Havia tanta inteligência combinada com inocência, sensibilidade com paciência e seriedade com perfeito bom humor, uma beleza tão transcendental unida com tamanha simplicidade cativante, que ela dispunha-se como uma pérola no trono de nossas posses, um tesouro de maravilha e excelência.

No começo do inverno, nosso Alfred, agora com nove anos de idade, foi pela primeira vez à escola em Eton. Isso lhe pareceu como o primeiro passo em direção à maturidade e ele estava proporcionalmente contente. A comunhão de estudos e diversão desenvolveu o melhor de seu caráter, sua rígida perseverança, generosidade e sua firmeza bem direcionada. Que emoções, profundas e sagradas, excitam-se no peito de um pai quando ele convence-se de que o amor que tem pelo seu filho não é um mero instinto, mas valiosamente investido e que outros, menos semelhantes, participam de sua aprovação! Era a suprema felicidade para Idris e para mim, descobrir que a franqueza indicada no rosto franco de Alfred, a inteligência de seus olhos, a temperada

sensibilidade de seus tons não eram ilusões e sim, indicações de talentos e virtudes, que iriam “crescer com seu crescimento e fortalecer-se com a sua força”{59} [5]. Neste período, o fim do amor de um animal pela sua cria, - a verdadeira afeição do pai humano começa. Não mais considerávamos esta querida parte de nós mesmos como uma tenra planta que deveríamos acalentar ou um brinquedo para as horas ociosas. Elaborávamos agora em suas faculdades intelectuais, baseávamos nossas esperanças em suas propensões morais. Sua fraqueza ainda trazia ansiedade a esse sentimento, sua ignorância evitava a intimidade completa; mas começávamos a respeitar o futuro homem e a tentar conservar sua estima, mesmo se ele fosse como nós. O que um pai tem mais no coração do que a boa opinião sobre seu filho? Em todo o nosso relacionamento com ele, nossa honra deve ser inviolada, a integridade de nossas relações imaculadas; o destino e circunstância podem, quando ele atingir a idade adulta, separar-nos para sempre – mas, como seus auspícios em perigo, seu consolo em sofrimento, deixe a ardente juventude para sempre carregar com ele, por entre o duro caminho da vida, o amor e a honra pelos seus pais.

Vivêramos por tanto tempo na vizinhança de Eton que sua população de jovens era-nos bem conhecida. Muitos deles haviam sido colegas de Alfred, antes de se tornarem companheiros de escola. Agora observávamos esta congregação juvenil com redobrado interesse. Notávamos a diferença de caráter entre os garotos e tentávamos identificar o futuro homem no adolescente. Não há nada mais amável, sobre o qual o coração mais se compadece, do que um garoto de espírito livre, gentil, bravo e generoso. Muitos dos etonianos tinham essas características; todos se distinguiam pelo senso de humor e pelo espírito empreendedor; em alguns, enquanto se aproximavam da virilidade, esta se

degenerou em presunção; mas os mais jovens, poucos anos mais velhos do que o nosso, eram atraídos pelas suas disposições galantes e doces.

Aqui estavam os futuros governantes da Inglaterra; os homens que, quando nosso ardor estava frio e nossos projetos concluídos ou destruídos para sempre, quando, nosso drama encenado, vestimos a roupa da hora e assumimos o uniforme da velhice ou o da mais igualitária morte; aqui estavam os seres que deveriam dar continuidade à vasta máquina da sociedade; aqui estavam os enamorados, maridos, pais; aqui o senhorio, o político, o soldado; alguns fantasiavam que já estavam até mesmo prontos para subir ao palco, ansiosos para se tornar um entre a lista de personagens da vida ativa. Não se passara muito desde que eu era como um desses imberbes aspirantes; quando meu garoto tiver obtido o posto que agora é meu, eu já terei cambaleado para me tornar um velho de cabelos grisalhos e enrugado. Estranho sistema! Mistério da Esfinge, deveras amedrontador! Que assim o homem permaneça, enquanto nós, os indivíduos, passamos. Assim é, para tomar emprestado as palavras de um filósofo e eloquente escritor, “o modo de existência decretado para um corpo permanente composto de partes transitórias; onde, pela disposição de um saber estupendo, moldando junto a grande incorporação misteriosa da raça humana, o todo, de uma vez só, nunca envelhece ou atinge a meia-idade, ou rejuvenesce, mas, em uma condição de inalterada constância, move-se pelo variado tenor da decadência, queda, renovação e progressão perpétuas.”{60}

Desejoso estou de ceder meu lugar para ti, caro Alfred! Avance, cria do terno amor, filho de nossas esperanças; avance como soldado na estrada na qual eu fui o pioneiro! Abrirei caminho para ti. Eu já me livrei da indiferença da infância, do rosto desalinhado e do

resiliente trotar dos tenros anos, que eles possam adornar-te. Avance; e despojar-me-ei ainda mais para tua vantagem. O tempo deverá me assaltar das graças da maturidade, levar o fogo dos meus olhos e a agilidade dos meus membros, roubar o melhor período da minha vida, a ansiosa expectativa e o amor apaixonado, e despejá-los em dupla porção sobre tua querida cabeça. Avance! Faças uso ti mesmo do dom, tu e teus camaradas; e no drama em que estás prestes a atuar, não desgraces aqueles que lhe ensinaram a adentrar pelo palco e a pronunciar com crescente propriedade as falas designadas a você! Possa seu progresso ser ininterrupto e certo; nascido durante a primavera das esperanças do homem, possa você conduzir o verão ao qual não se suceda nenhum inverno!

CAPÍTULO V

ALGUMA desordem seguramente havia se insinuado no curso dos elementos, destruindo sua influência benigna. O vento, príncipe do ar, vociferou no seu reino, invectivando o mar em fúria e subjugando a rebelde terra em certo tipo de obediência.

O Deus envia suas furiosas pestes do alto,

Fome e pestilência aos montes elas morrem.

Novamente em vingança de sua cólera ele cai

Sobre seus grandes hóspedes e rompe suas paredes vacilantes;

Prende suas naves na planície do oceano

E submerge sua força com montanhas do alto-mar.[{61}]

Seu poder mortal reveste os países prósperos do sul e, durante o inverno, ainda, nós, no nosso retiro setentrional, começamos a estremecer sob seus efeitos perversos.

Aquela fábula é injusta, que confere a superioridade ao sol sobre o vento. Quem não vira a luminosa terra, a balsâmica atmosfera e a acalentadora natureza tornarem-se escura, fria e inefável, quando o vento adormecido acordara no leste? Ou, quando as nuvens sombrias espessamente ocultam o céu, enquanto afluxos de chuva caem torrencialmente sem se cansar, até que a encharcada terra, recusando-se a embeber da umidade

em abundância, permaneça em lagos na superfície; quando a tocha do dia parecer-se com um meteoro, a ser extinta; quem não vira o norte arrebatado por nuvens levantar-se, o fugaz azul surgir e, logo, uma abertura feita nas emanações no olho do vento, pela qual o garrido firmamento brilha? As nuvens tornam-se esparsas; um arco é formado para cada elevação ascendente, até que, a veste universal sendo desvelada, o sol derrame aos poucos seus raios, reanimado e alimentado pela brisa.

Então poderoso seja tu, Oh vento, a ser entronado acima de todos os outros subordinados do poder da natureza; venha tu destruindo desde o leste ou prenhe da vida elementar pelo oeste; a ti as nuvens obedecem; o sol é subserviente a ti; o oceano desprovido de praia é teu escravo! Tu assolas a terra e os carvalhos, o crescimento dos séculos, submetes a teu machado cego; a nevasca é dispersada nos cumes dos Alpes, a avalanche estremece seus vales. Tu carregas as chaves do gelo e podes primeiro acorrentar e, em seguida, libertar os riachos; sob teu gentil governo, os brotos e as folhas nascem, eles florescem nutridos por ti.

Por que tu uivas assim, Oh vento? De dia e de noite durante quatro longos meses teus bramidos não cessaram – os litorais do mar estão repletos de naufrágios, sua superfície acolhedora de embarcações tornou-se intransitável, a terra disseminou sua beleza em obediência a teu comando; o frágil balão não ousa mais alçar voo no ar agitado; teus ministros, as nuvens, inundam o solo com chuva; rios abandonam seus bancos; a selvagem torrente corrompe o trajeto da montanha; planícies e florestas, e os pequenos vales esverdeados são desprovidos de sua graciosidade; nossas próprias cidades são devastadas por ti. Ah, o que será de nós? É como se as gigantes ondas do oceano e os extensos braços do mar estivessem prestes a arrancar a ilha

profundamente arraigada do seu centro; e lançá-la, uma ruína e um naufrágio, nos campos do Atlântico.

O que somos nós, os habitantes deste planeta, ínfimos entre os muitos que povoam o espaço infinito? Nossas mentes abarcam a infinidade; o mecanismo visível do nosso ser está sujeito ao mais reles acidente. Dia após dia somos obrigados a acreditar nisso. Ele que um arranhão desorganizou, ele que desaparece da vida aparente sob a influência da hostil atividade no trabalho à nossa volta, tinha os mesmos poderes do que eu – também estou sujeito às mesmas leis. Diante de tudo isso, chamamos-nos de senhores da criação, controladores dos elementos, mestres da vida e da morte, e alegamos, na desculpa da sua arrogância que, embora o indivíduo seja destruído, o homem continua para sempre.

Assim, perdendo nossa identidade, da qual estamos soberanamente cônscios, glorificamos-nos na continuidade de nossa espécie e aprendemos a ver a morte sem terror. Mas quando qualquer nação torna-se a vítima dos poderes destrutivos de agentes exteriores, então mesmo o homem encolhe-se em insignificância, ele sente sua posse de vida insegura, sua herança na terra interrompida.

Lembro-me de que, após ter testemunhado os efeitos destrutivos de um incêndio, não podia nem mesmo observar um pequenino em um fogão sem uma sensação de medo. As crescentes chamas haviam circundado a construção, que caiu e foi destruída. Elas insinuavam-se nas suas substâncias e os impedimentos da sua propagação cederam ao seu toque. Poderíamos obter partes integrais desse poder e não estar sujeitos à sua operação? Poderíamos domesticar um filhote desta fera selvagem e não recear seu crescimento e maturidade?

Assim começamos a nos sentir com relação à morte de muitas facetas, solta nos distritos escolhidos da nossa

módica habitação e, acima de tudo, com relação à peste. Temíamos o verão próximo. Nações, divisando os países já infectados, começavam a empreender planos críticos para melhor manter o inimigo afastado. Nós, uma população comercial, fomos obrigados a considerar tais esquemas; e a controvérsia do contágio tornou-se uma questão de convicta investigação.

Que a peste não era o que é chamado comumente de contagioso, como a febre escarlatina ou a extinta varíola, estava provado. Era chamada de epidemia. Mas a grande pergunta ainda estava em aberto de como essa epidemia era gerada e proliferava-se. Se a infecção dependia do ar, o ar estava sujeito a ela. Como, por exemplo, uma febre tifoide havia sido levada pelos navios a uma cidade portuária; ainda que as próprias pessoas que a levaram fossem incapazes de transmiti-la em uma cidade mais afortunadamente localizada. Mas como nós devemos julgar os ares e pronunciar – em determina cidade a peste morrerá improdutiva; em outra, a natureza forneceu-lhe uma colheita abundante? Da mesma forma, as pessoas podem escapar noventa e nove vezes e receber o sopro da morte na centésima; porque os corpos estão às vezes em um estado de rejeitar a infecção da doença e, em outros, sedentos por embebê-la. Essas reflexões fizeram nossos legisladores conterem-se, antes que pudessem determinar leis a ser outorgadas. O mal estava era tão açambarcador, tão violento e instantâneo, que nenhum cuidado, nenhuma prevenção poderiam ser considerados supérfluos, que ainda acrescentaram uma oportunidade à nossa esquiva.

Essas eram perguntas de prudência; não havia necessidade imediata de um cuidado sério. A Inglaterra ainda estava segura. França, Alemanha, Itália e Espanha estavam interpostas, paredes porém sem uma brecha, entre nós e a peste. Nossos navios verdadeiramente eram o entretenimento dos ventos e das ondas, mesmo

quando Gulliver foi o brinquedo dos Gigantes; mas nós, em nossa estável habitação, não poderíamos ser feridos na vida ou nos membros por estas erupções da natureza. Não poderíamos temer – nem o fizemos. Ainda assim, uma sensação de estupefação, um sentimento sem fôlego de assombro, um senso doloroso da degradação da humanidade, estavam introduzidos em todos os corações. A natureza, nossa mãe e nossa amiga, apresentara-nos um semblante de ameaça. Ela demonstrara-nos completamente que, embora nos permitisse atribuir-lhe leis e subjugar seus poderes aparentes, contudo, se ela movesse apenas um dedo, deveríamos estremecer. Ela poderia tomar nosso planeta, margeado por montanhas, cingido pela atmosfera, contendo a condição do nosso ser e tudo o que a mente do homem pudesse inventar ou sua força atingir; ela poderia tomar a esfera em suas mãos e lançá-la no espaço, onde a vida seria sorvida de uma só vez e o homem, com todos os seus esforços, para sempre aniquilado.

Essas especulações eram comuns entre nós; não obstante continuávamos com nossas ocupações diárias e nossos planos, cuja realização demandava o transcorrer de muitos anos. Nenhuma voz foi ouvida nos dizendo para conter-nos! Quando as angústias estrangeiras vieram a ser sentidas por nós por meio dos canais de comércio, pusemos-nos a aplicar soluções. Contribuições eram feitas para os emigrantes e os comerciantes enfrentaram a bancarrota pela falência do comércio. O espírito inglês despertou sua atividade integral e, como sempre fizera, dispôs-se a resistir ao mal e a suportar, na lacuna que a natureza doente havia sofrido, o caos e a morte para erigir fronteiras e margens que, até então, havia os mantido do lado de fora.

No início do verão, começamos a sentir que o dano que havia ocorrido em países distantes era maior do que

havíamos suspeitado a princípio. Quito estava destruída por um terremoto. O México fora devastado pelos efeitos combinados da tempestade, pestilência e fome. Multidões de emigrantes inundavam o oeste da Europa e nossa ilha tornara-se o refúgio de milhares. No entretempo, Ryland havia sido escolhido Protetor. Ele havia perseguido esse cargo com ansiedade, sob a ideia de voltar todas as suas forças para a supressão dos orbes privilegiados da nossa comunidade. Suas medidas foram frustradas e seus esquemas interrompidos por este novo estado das coisas. Muitos dos estrangeiros foram inteiramente destituídos; e seus números crescentes por fim impediram um recurso aos modos habituais de consolo. O comércio foi descontinuado pela falha do intercâmbio de cargas usual entre nós e a América, Índia, Egito e Grécia. Uma ruptura repentina foi feita na rotina de nossas vidas. Em vão, nosso Protetor e seus partidários buscaram ocultar essa verdade; em vão, dia após dia, ele determinou um período para a discussão de novas leis referentes à condição social hereditária e ao privilégio; em vão, ele empenhou-se para representar o mal como parcial e temporário. Esses desastres chegaram a casa em muitos peitos e, por meio de diversos canais de comércio, eram levados por completo para todas as classes e divisões da comunidade, que pela necessidade tornaram-se a primeira questão no estado, os principais temas para os quais devíamos voltar nossa atenção.

Pode ser verdade, cada um perguntava ao outro com assombro e aflição, que países inteiros estejam devastados, nações inteiras aniquiladas por essas desordens na natureza? As vastas cidades da América, as férteis planícies do Hindustão e as habitações repletas de chineses estavam ameaçadas com a ruína absoluta. Onde há pouco as multidões ocupadas reuniam-se para o prazer ou lucro, agora somente o som

de lamento e miséria é ouvido. O ar está envenenado e cada ser humano inala morte, mesmo na juventude e saúde, suas esperanças estão na flor. Trazemos à memória a peste de 1348, quando foi calculado que um terço da humanidade havia sido destruída. Até agora, a Europa ocidental não estava infectada; seria sempre assim?

Oh, sim, seria – Conterrâneos, não temam! Nas ainda virgens regiões da América, qual surpresa que entre seus outros gigantes destruidores a Peste deva ser avultada! É de antigo um nativo do leste, irmã do tornado, o terremoto e o simum{62}. Infante do sol e lactente dos trópicos, ela expiraria nestes climas. Ela bebe o sangue escuro do habitante do sul, mas nunca se refestela com o pálido celta. Se, talvez, algum combatido asiático vier entre nós, a peste morrerá com ele, silenciosa e inócua. Permita-nos prantear nossos irmãos, embora nunca poderemos experimentar seu revés. Permita-nos lamentar e auxiliar as crianças no jardim da terra. Há pouco invejamos suas casas, seus arvoredos vívidos, planícies férteis e abundante encanto. Mas nesta vida mortal os extremos são sempre parelhos; o espinho nasce com a rosa, a árvore venenosa e a canela mesclam seus galhos. A Pérsia, com seu manto de ouro, corredores de mármore e infinita riqueza, agora é um túmulo. A tenda do árabe está caída nas areias e seu cavalo rejeita o solo sem rédea e sem cela. A voz da lamúria enche o vale da Caxemira; suas pequenas várzeas e bosques, suas frias fontes e jardins de rosas estão poluídos pelos mortos; na Circássia e na Geórgia o espírito da beleza chora sobre a ruína do seu templo preferido - a forma de mulher.

Nossos próprios sofrimentos, embora fossem ocasionados pela reciprocidade fictícia do comércio, aumentaram em devida proporção. Banqueiros, comerciantes e industriais, cujo negócio dependia de

exportações e do intercâmbio da riqueza, faliram. Tais eventos, quando acontecem isoladamente, afetam apenas as partes imediatas; mas a prosperidade da nação estava agora sacudida por perdas frequentes e extensas. Famílias, originadas em opulência e luxo, foram reduzidas à indigência. O próprio estado de paz no qual nos glorificamos era afrontoso; não havia como empregar o desocupado ou enviar qualquer sobressalência da população para fora do país. Até a fonte das colônias estava seca, pois na Nova Holanda{63}, terra de Van Diemen, e no Cabo da Boa Esperança a peste enraivecia-se. Oh, que algum frasco medicinal purgue a natureza insalubre e devolva a terra à sua saúde costumeira!

Ryland era um homem de rijo intelecto e de decisão rápida e sonora no curso habitual das coisas, mas permaneceu horrorizado no excesso dos males que se reuniam à nossa volta. Deve ele cobrar os juros territoriais para ajudar nossa população comercial? Para fazê-lo, ele deve obter o favorecimento dos principais latifundiários, a nobreza do país; e estes eram seus inimigos declarados – ele deve conciliá-los ao abandonar seu esquema preferido de equalização; ele deveria confirmá-los nos seus direitos de propriedade; ele deve vender seus queridos planos pelo bem permanente do seu país, para alívio temporário. Ele não deve mais almejar no que tange ao caro objeto da sua ambição; deixando seus braços de lado, ele deve, pelos propósitos do momento, desistir do objeto definitivo do seu esforço. Ele veio a Windsor para ter conosco. Cada dia aumentava suas dificuldades; a chegada dos últimos navios com emigrantes, a cessação total do comércio, a multidão faminta que se aglomerava em torno do palácio do Protetorado, eram circunstâncias com as quais não se podia meter. O golpe foi dado; a aristocracia obteve tudo o que desejou e eles assinaram um projeto de lei de doze

meses, que taxava vinte por cento de todos os aluguéis do país. A calma foi restaurada na metrópole e nas cidades populosas, antes levadas ao desespero; e voltamos à consideração das distantes calamidades, imaginando se o futuro traria algum refrigério ao seu excesso. Era agosto; portanto poderia haver uma pequena esperança de alívio durante o calor. Pelo contrário, a doença ganhou virulência, enquanto a inanição fazia seu trabalho costumeiro. Milhares morreram sem lamento; pois além do cadáver ainda morno, a carpideira foi distendida, emudecida pela morte.

No décimo oitavo dia desse mês, as notícias chegaram a Londres de que a peste estava na França e na Itália. Essas novidades foram primeiramente sussurradas na cidade; mas ninguém ousou expressar em voz alta a informação desanimadora da alma. Quando qualquer um encontrava um amigo na rua, ele apenas exclamava como se estivesse com pressa, “Você sabe!” – enquanto o outro, com um arrojo de medo e horror, responderia, - “O que será de nós?” Por fim, fora mencionado nos jornais. O parágrafo estava inserido em uma parte sombria: “Lamentamos afirmar que não pode haver mais dúvida de que a peste foi introduzida em Livorno, Gênova e Marselha.” Nenhuma palavra de comentário seguia-se; cada leitor fazia o seu próprio temeroso. Éramos como um homem que ouve que sua casa está pegando fogo e ainda corre pelas ruas, embuído de uma oculta esperança de um engano, até que ele vira a esquina e vê seu teto protetor envolto em uma chama. Antes, tivera sido um rumor, mas agora em palavras não apagáveis, em impressão definitiva e inegável, o conhecimento surgia. A obscuridade da situação tornou-a mais evidente: as letras minúsculas cresciam gigantes ao olho desnorteado do medo: elas pareciam cravadas

com uma pena de ferro, impressas pelo fogo, tecidas nas nuvens, estampadas em cada face do universo.

Os ingleses, viajantes ou residentes, chegavam aos borbotões em uma grande corrente revulsiva, de volta ao seu próprio país; e, com eles, legiões de italianos e espanhóis. Nossa pequena ilha estava cheia até irromper. Primeiro, uma quantidade incomum de dinheiro surgiu com os emigrantes; mas essas pessoas não tinham como reaver em suas mãos o que gastaram entre nós. Com o avanço do verão e o aumento da indisposição, os aluguéis não eram pagos e suas remessas não vinham. Era impossível ver essas multidões de criaturas deploráveis e necessitadas, há pouco lactentes do luxo, e não estender a mão para salvá-las. Como no final do século dezoito, os ingleses abriram seu depósito hospitaleiro, para o alívio daqueles impelidos de suas casas pela revolução política; portanto agora eles não recuaram em oferecer ajuda às vítimas de uma calamidade mais extensa. Tínhamos muitos amigos estrangeiros aos quais buscávamos ansiosamente e confortávamos da aflitiva penúria. Nosso Castelo tornou-se um refúgio para os infelizes. Uma pequena população ocupava seus salões. A renda de seu proprietário, que sempre havia encontrado um modo de dispêndio compatível com sua natureza generosa, era agora utilizada mais parcimoniosamente, para assim abarcar uma porção maior de utilidade. Entretanto, não era o dinheiro, em parte, mas as urgências da vida, que se tornaram escassas. Era difícil encontrar uma solução imediata. As costumeiras importações estavam completamente suspensas. Nesta emergência, para alimentar as próprias pessoas às quais havíamos dado abrigo, fomos obrigados a cultivar com o arado e o enxadão nossos solos de deleite e parques. A criação de animais diminuiu sensivelmente no país, a partir dos efeitos da grande demanda no mercado. Mesmo os

pobres cervos, nossos protegidos de chifres, eram submetidos à supressão para o bem dos dependentes mais dignos. O trabalho necessário para suscitar nas terras esse tipo de cultura empregou e alimentou os rejeitados das minguadas fábricas.

Adrian não descansou apenas com os esforços que ele poderia fazer com relação a suas próprias posses. Ele voltou-se à opulência da terra; fez propostas no parlamento pouco afeitas aos ricos; mas suas convictas alegações e benevolente eloquência eram irresistíveis. Abrir mão de seus solos prazerosos para o agricultor, reduzir sensivelmente o número de cavalos mantidos para finalidades de luxo em todo o país eram meios óbvios, mas que não agradavam. Contudo, para a honra dos ingleses fique registrado que, embora uma relutância natural os tenha feito demorar por algum tempo, ainda quando a miséria de seus colegas tornara-se evidente, uma entusiástica generosidade inspirou seus decretos. Os mais ostentosos eram com frequência os primeiros a se desfazer de suas indulgências. Conforme é comum nas comunidades, uma tendência foi lançada. As damas da alta estirpe do país teriam se considerado infames caso tivessem agora usufruído, do que antes chamavam uma necessidade, a comodidade de uma carruagem. Cadeiras, como nos tempos antigos, e liteiras indianas foram introduzidas para os enfermos; mas também não era raro ver as mulheres da sociedade ir a pé a locais de recursos elegantes. Era mais comum, para todos aqueles que tinham propriedades de terra, separarem-se de suas posses, acompanhados por turbas inteiras de indigentes, derrubarem suas árvores para erguer habitações temporárias e compartilharem seus parques, jardins ornamentados e de flores com as famílias miseráveis. Muitos deles, da alta classe nos seus próprios países, agora, com a enxada nas mãos, revolviam o solo. Considerou-se necessário finalmente

confirmar o espírito de sacrifício e relembrar-lhes, cuja generosidade procedera o desperdício pródigo, de que, até o presente estado das coisas tornar-se permanente, do qual não havia nenhuma semelhança, era errado levar a mudança muito adiante a ponto de dificultar uma reação. A experiência demonstrou que em um ano ou dois a pestilência teria fim; era bom que, no entretempo, nós não tivéssemos destruído nossas melhores raças de cavalos ou alterado completamente a aparência da porção adornada do país.

Pode-se imaginar que as coisas estavam realmente em uma péssima situação, antes que esse espírito de benevolência pudesse ter criado raízes tão profundas. A infecção havia agora se espalhado nas províncias do sul da França. Mas tal país dispunha de tantos recursos na área da agricultura, que a corrida da população de uma parte para outra e seu aumento através da emigração estrangeira foram menos sentidos do que entre nós. O choque do pânico pareceu ser mais uma injúria, do que a doença e suas coincidências naturais.

O inverno foi aclamado, um clínico geral e infalível. As florestas enegrecidas e os rios dilatados, as névoas do anoitecer e os gelos da manhã eram recepcionados com gratidão. Os efeitos do frio purificador era imediatamente sentido; e as listas de mortalidade no exterior eram encurtadas a cada semana. Muitos de nossos visitantes deixaram-nos: estes, cujas casas estavam distantes no sul, partiram languidamente do nosso inverno no norte e buscaram sua terra nativa, certa de fartura mesmo após sua temível provação. Respirávamos novamente. O que o próximo verão traria, desconhecíamos; mas os presentes meses eram nossos e nossas esperanças de término da pestilência eram grandes.

CAPÍTULO VI

DETIVE-ME por muito tempo na margem extrema, o esvaído remanso que se estendia pela corrente da vida, brincando furtivamente com a sombra da morte. Neste tanto, eu acalentei meu coração na retrospectiva de felicidade passada, quando havia esperança. Por que não para sempre, assim? Não sou imortal; e a linha de minha história poderia ser prolongada até os limites de minha existência. Mas o mesmo sentimento que primeiro levou-me a retratar cenas repletas de ternas lembranças, agora me obriga a me apressar. A mesma ânsia deste quente e contorcido coração, que me fez registrar por escrito minha juventude vagabunda, minha maturidade serena e as paixões de minha alma, faz-me agora retrair de maior atraso. Tenho de completar meu trabalho.

Aqui, portanto, estou, como eu disse, perante as rasas águas dos anos que seguem e agora adiante! Abra a vela e força ao remo, empurrado pelas escuras e iminentes rochas, despencando pelas corredeiras, até ao mar de desolação que alcancei. Ainda, um momento, um breve intervalo antes de embarcar – uma vez, mais uma vez deixe-me fantasiar como eu estava em 2094, em minha residência em Windsor, deixe-me fechar meus olhos e imaginar que os imensuráveis galhos de seus carvalhos ainda me sombreiam, seus muros do castelo próximos. Deixe a ilusão retratar a alegre cena do dia vinte de junho, tal como, mesmo agora, meu dolorido coração relembra.

As circunstâncias levaram-me para Londres; lá soube que os sintomas da peste ocorreram nos hospitais da cidade. Retornei para Windsor; meu rosto estava

preocupado, meu coração, carregado; entrei no Little Park, como de costume, pelo portão Frogmore, no meu caminho para o Castelo. Uma grande parte da sua superfície fora destinada à agricultura e faixas de plantações de batatas e milho espalhavam-se aqui e acolá. As gralhas cantavam alto acima das árvores; junto com seu agudo trinado, ouvi um vívido ritmo musical. Era aniversário de Alfred. Os jovens, os etonianos{64}, e as crianças da constituída vizinhança, organizaram uma feira de zombaria à qual todos estavam convidados. O parque estava pontilhado de tendas, cujas cores ostensivas e bandeiras piegas, tremulando à luz do sol, acresciam-se à alegria da cena. Em uma plataforma construída abaixo do terraço, um grupo da parte jovem da reunião dançava. Encostei-me em uma árvore para observá-los. A banda tocava um rústico tom oriental de Weber apresentado em Abon Hassan; suas voláteis notas davam asas aos pés dos dançarinos, enquanto aqueles que olhavam acompanhavam os compassos inconscientemente. Primeiramente, a medida dos passos elevou meu espírito e, por um momento, meus olhos acompanharam com alegria a intricada dança. Um pensamento repugnante passou como ferro afiado pelo meu coração. Vós todos ireis morrer, eu pensei; já a sua sepultura está construída ao seu redor. Por agora, como vocês são dotados de agilidade e força, fantasiam que vivem; mas frágil é o “retiro da carne”{65} que encapsula a vida; dissolúvel o cordão de prata{66} que os une a ele. A alegre alma, carregada de prazer a prazer pelo gracioso mecanismo dos membros bem formados, subitamente sentirá o inverter do eixo, e as molas e as rodas dissolver-se-ão em pó. Nenhum de vocês, Oh! maldita multidão, poderá escapar – ninguém! Nem os meus! Nem minha Idris e seus filhos! Horror e miséria! Já a animada dança acabara, o verde gramado repleto de cadáveres, o ar azul acima se tornara fétido com mortais

exalações. Gritem vossos clarins! Vossos altos trompetes, uivem! Empilhem hinos, um a um; soem os acordes fúnebres; deixe o ar ressoar com pressagiosos bramidos; deixe a selvagem discórdia correr nas asas do vento! Eu já os ouço, enquanto os anjos da guarda, servos da humanidade, sua tarefa concluída, apressam-se para longe e sua despedida é anunciada por melancólicos ritmos; os rostos todos desfigurados pelo choro, mantêm minhas pálpebras abertas; muito rapidamente, diversos grupos com as feições carregadas de tristeza formam uma multidão ao redor, exibindo todas as variâncias da ruína – faces bem conhecidas mescladas com as criações distorcidas da fantasia. Pálidos como cinzas, sentam-se mais adiante Raymond e Perdita, olhando com tristes sorrisos. O rosto de Adrian transfigurava-se lentamente, maculado pela morte - Idris, com os olhos languidamente fechados e lábios lívidos, estava prestes a deslizar para dentro do amplo túmulo. A confusão cresceu – seus olhares de tristeza mudaram para o de zombaria; balançavam suas cabeças no compasso da música, cujo alcance era enlouquecedor.

Senti que isso era insanidade – e caminhei adiante para me desfazer dela; apressei-me para o meio da multidão. Idris viu-me; com passos leves ela avançava; envolvi-a em meus braços, sentindo, de fato, que assim eu abrangia o que era para mim um mundo, porém frágil como a gota de água que o sol do meio-dia beberá do copo do nenúfar; lágrimas encheram meus olhos, desacostumados de serem umedecidos desta maneira. A entusiasmada recepção dos meus filhos, a suave congratulação de Clara, a pressão da mão de Adrian, contribuíram para que eu perdesse o vigor. Senti que eles estavam perto, senti que estavam seguros, ainda que me pareceu que tudo fosse engano; – a terra girava, as árvores fortemente enraizadas moviam-se – o atordoamento se me acometeu – despenquei ao chão.

Meus amados amigos alarmaram-se – não, eles expressaram seu alarme com tanta ansiedade, que eu não ousei pronunciar a palavra *peste*, que pairava sobre meus lábios, pois poderiam deduzir que minha aparência perturbada era um sintoma e identificar a infecção em minha fraqueza. Eu pouco havia me recuperado e, com fingido bom humor, trouxe de volta sorrisos ao meu pequeno círculo, quando vimos Ryland aproximar-se.

Ryland tinha um quê de aparência de fazendeiro; de um homem cujos músculos e estatura bem desenvolvida haviam sido obtidos pela influência de vigorosos exercícios e exposição aos elementos. Este era, em alto grau, o caso; pois, embora um grande latifundiário, e ainda, sendo um projetista e de uma ardente e empreendedora disposição, ele tinha em sua própria posse se rendido às atividades agrícolas. Quando foi enviado aos Estados Nortistas da América, ele, por algum tempo, planejara migrar para lá; e chegou até a realizar várias jornadas para o oeste naquele imenso continente, com o propósito de escolher o local para sua nova residência. A ambição reverteu seus pensamentos desses desígnios – a ambição, que trabalhando entre várias idas e vindas, agora o levava ao topo de suas esperanças, fazendo dele o Lordee Protetor da Inglaterra.

Sua feição era rústica mas inteligente – seu amplo rosto e os rápidos olhos cinza pareciam acompanhar seus próprios planos e a oposição de seus inimigos. Sua voz era estentórea; sua mão estendida em debate, parecia, por causa de sua forma gigante e muscular, avisar seus ouvintes que as palavras não eram suas únicas armas. Poucos descobriram alguma covardia e muita fragilidade de propósito sob este imponente exterior. Nenhum outro homem poderia esmagar “uma borboleta em uma roda”[{67}] com melhor efeito; nenhum homem poderia melhor cobrir uma rápida retirada de

um poderoso adversário. Esse fora o segredo de sua renúncia ao tempo da eleição de Lordee Raymond. No desequilibrado relance de seus olhos, no seu extremo desejo de saber as opiniões de todos, na irregularidade de sua caligrafia, estas qualidades eram identificadas com dificuldade, mas não eram conhecidas por muitos. Ele era agora nosso Lordee Protetor. Ele havia inquirido com ansiedade para obter este cargo. Seu protetorado deveria ser diferenciado por todos os tipos de inovação na aristocracia. Essa tarefa por ele selecionada fora trocada por outra, muito diferente, de encontrar a ruína causada pelas convulsões da natureza física. Ele era incapaz de localizar tais males por qualquer sistema abrangente; ele havia recorrido a expediente após expediente, e nunca poderia ser induzido a ministrar um remédio forçado, até que pudesse ser muito tarde.

Certamente aquele Ryland que avançava em nossa direção detinha pouca semelhança com o poderoso, irônico, aparentemente destemido candidato à primeira posição entre os ingleses. Nosso nativo carvalho, como seus partidários chamavam-no, era visitado, de fato, por um inverno muito frio. Ele sequer aparentava metade da sua altura normal; suas juntas não estavam firmes, seus membros não o suportariam; sua face estava contraída, seu olho vagueava; a debilidade de propósito e o medo vil eram expressados em cada gesto.

Em resposta às nossas ansiosas perguntas, apenas uma palavra caiu, como que involuntariamente, de seus lábios convulsionados: *A Peste.* – “Onde?” – “Em todo lugar – devemos fugir – todos nós – mas para onde? Ninguém pode dizer – não há um refúgio na terra, ela chega a nós como mil alcateias – devemos fugir – para onde vocês irão? Para onde poderia ir qualquer um de nós?”

Estas palavras foram pronunciadas com tremor pelo homem de ferro. Adrian replicou, “Com efeito, para onde

você fugiria? Devemos todos permanecer; e fazer o nosso melhor para ajudar nossos semelhantes que sofrem.”

“Ajuda!”, disse Ryland, “não há ajuda! – grande Deus, quem fala de ajuda! O mundo inteiro está contagiado!”

“Então, para evitá-la, devemos abandonar o mundo”, observou Adrian com um gentil sorriso.

Ryland resmungou; gotas frias estavam em seu rosto. Era inútil opor-se ao seu paroxismo de terror: mas nós aliviamo-lo e o encorajamo-lo, portanto, depois de um intervalo, ele estava apto a nos explicar melhor o fundamento de seu alarme. Este lhe viera suficientemente perto dele. Um de seus servos, enquanto lhe servia, tinha caído subitamente, morto. O médico declarara que ele tinha falecido com a peste. Tentamos acalmá-lo - mas nossos próprios corações não estavam calmos. Eu vi o olho de Idris mudar de mim para suas crianças, com um ansioso apelo ao meu julgamento. Adrian estava absorvido em meditação. Quanto a mim, reconheço que as palavras de Ryland ressoaram em meus ouvidos; todo o mundo estava infectado; - em qual imune refúgio eu poderia salvar meus amados tesouros, até que a sombra da morte tivesse passado pela terra? Afundamos-nos em silêncio: um silêncio que se embebia dos dolorosos relatos e prognósticos de nosso convidado. Tínhamos nos afastado da multidão; e, subindo os degraus do terraço, buscamos o Castelo. Nossa mudança de humor teve impacto naqueles próximos a nós; e, por conta dos criados de Ryland, a história de que ele saíra de Londres para fugir da peste logo se espalhou. As animadas patotas dissolveram-se – agora se reuniam em grupos sussurrantes. O espírito alegre fora eclipsado; a música cessou; os jovens deixaram suas ocupações e juntaram-se. A leveza de coração, que os vestira em disfarces, havia decorado suas tendas e os aglomerado em

fantásticos grupos, parecia um pecado e uma provocação contra o medonho destino que havia posto sua mão paralisada sobre a esperança e o destino. A felicidade da hora era uma zombaria blasfema às tristezas do homem. Os estrangeiros que estavam entre nós, também fugidos da peste em seu próprio país, agora viam seu último refúgio invadido; e, com o medo tornando-os eloquentes, descreviam aos ansiosos ouvintes as misérias que haviam contemplado nas cidades visitadas pela calamidade e contavam relatos terríveis da insidiosa e irremediável natureza da doença.

Entramos no Castelo. Idris olhava pela janela que dava para o parque; seus olhos maternais buscavam suas próprias crianças por entre a jovem multidão. Um rapaz italiano descrevia alguma cena de horror com gestos animados à audiência que o rodeava. Alfred permanecia imóvel à sua frente, toda a sua atenção absorvida. O pequeno Evelyn tentou fazer com que Clara brincasse com ele; mas a história do italiano também a atraiu, ela chegou-se para perto, seus brilhantes olhos fixados no interlocutor. Tanto observando a multidão no parque, quanto ocupados por alguma dolorosa reflexão, estávamos todos silenciosos; Ryland estava ensimesmado em um vão da janela; Adrian caminhava pelo corredor, revolvendo alguma nova e irresistível ideia – de súbito, parou e disse: “Há muito espero por isso; poderíamos racionalmente esperar que esta ilha deva ser poupada do contágio universal? O mal está em casa atrás de nós e não devemos nos encolher do nosso destino. Quais são seus planos, meu Lordee Protetor, para o benefício do país?”

“Pelo amor do céu! Windsor”, exclamou Ryland, “não zombe de mim com tal título. A morte e a doença nivelam todos os homens. Nem pretendo proteger nem governar um hospital – pois é o que a Inglaterra tornar-se-á em breve.”

“É sua intenção, agora, em tempo de perigo, renunciar aos seus deveres?”

“Deveres! Fale racionalmente, meu Senhor! – quando eu for um cadáver manchado pela peste, onde estarão meus deveres? Cada um por si! O demônio que tome o protetorado, eu digo, se tal cargo expuser-me ao perigo!”

“Homem de coração fraco!”, exclamou Adrian com indignação – “Seus compatriotas confiaram em você e você trai-os!”

“Eu traio-os!”, disse Ryland, “a peste trai-me. Coração fraco! Está bem, tranque-se em seu castelo, fora do perigo, para se orgulhar de não sentir medo. Tome o Protetorado quem o quiser; perante Deus, eu renuncio a ele!”

“E perante Deus”, replicou seu oponente com fervor, “eu recebo-o!” Ninguém fará cabalas por esta honra neste momento – ninguém invejará meu perigo e minhas tarefas. Deposite seus poderes em minhas mãos. Por muito tenho lutado contra a morte, e muito” (ele estendeu sua mão magra) “muito eu tenho sofrido nessa contenda. Não é fugindo, mas sim lutando contra o inimigo, que podemos vencer. Se meu último combate está para ser lutado e eu prestes a ser derrotado – que assim seja!”

“Mas vamos, Ryland, recomponha-se! Os homens até agora o julgaram como magnânimo e sábio, e você despojar-se-á de tais títulos? Considere o pânico que sua renúncia provocará. Volte para Londres. Eu irei com você. Encoraje o povo com a sua presença. Eu correrei todo o perigo. Vergonha! Vergonha! Se o primeiro magistrado da Inglaterra for o primeiro a renunciar aos seus deveres!”

Enquanto isso, entre nossos convidados no parque, todos os pensamentos festivos haviam se esvaído. Assim como mosquitos de verão são espalhados pela chuva, o

mesmo se passou com esta congregação, até então barulhenta e feliz, que irrompeu em tristeza e melancólicos murmúrios, dividindo-se pelo caminho. Com o sol pondo-se e o profundo entardecer, o parque estava praticamente vazio. Adrian e Ryland ainda estavam em franca discussão. Havíamos preparado um banquete para nossos convidados na sala inferior do castelo; e para lá Idris e eu dirigimos-nos a fim de recepcionar os poucos que ainda restaram. Não havia nada mais melancólico do que uma reunião fagueira assim transformada em mágoa; os vestidos de gala – as decorações, alegres como poderiam antes ter sido, recebem uma aparência solene e funérea. Se tal mudança fosse dolorosa por motivos menos graves, ela pesaria com gravidade intolerável do conhecimento de que o agente da desolação da terra tinha, por fim, mesmo como um demônio, levemente sobrepujado as fronteiras erguidas pelos nossos cuidados e, de uma vez só, se entronizado no completo e pulsante coração de nosso país. Idris estava no topo da sala meio vazia. Pálida e lacrimosa, ela quase esquecera de suas funções como anfitriã; seus olhos estavam fixos em suas crianças. O ar sério de Alfred mostrava que ele ainda revolvia a trágica história relatada pelo garoto italiano. Evelyn era a única criança feliz presente: ele sentou-se no colo de Clara; e, brincando com as suas próprias fantasias, ria alto. O teto que nos cobria ecoava sua voz infantil. A pobre mãe, que há muito estava consternada e suprimira a expressão de sua angústia, agora se derramava em lágrimas e, envolvendo sua criança em seus braços, saíra apressadamente da sala. Clara e Alfred seguiram-na. Enquanto isso, o resto dos convidados, em um confuso murmúrio que se elevava mais e mais, dava voz aos seus muitos medos.

Os mais jovens aglomeraram-se ao meu redor em busca de conselho; e aqueles que tinham amigos em Londres

estavam mais ansiosos do que os outros em se assegurar da extensão da doença na metrópole. Eu encorajei-os com pensamentos de ânimo tais como eles apresentavam-se. Disse-lhes que poucas mortes haviam ainda sido causadas pela peste e dei-lhes esperanças, como éramos os últimos infectados, de que a calamidade poderia ter perdido a maior parte de seu poder venenoso antes de nos atingir. A limpeza, os hábitos ordeiros e a maneira como as nossas cidades foram construídas contavam a nosso favor. Como era uma epidemia, sua principal força derivava-se das qualidades perniciosas do ar e ela poderia fazer pouco estrago onde este era naturalmente salubre. A princípio, eu falara apenas para aqueles que estavam mais próximos a mim; mas a soma inteira me cercara e percebi que era ouvido por todos. “Meus amigos”, eu disse, “nosso risco é comum; nossas precauções e nossos esforços também assim devem ser. Se a vigorosa coragem e resistência podem nos salvar, seremos salvos. Lutaremos contra o inimigo até o fim. A peste não deve nos encontrar como uma presa fácil; disputaremos cada centímetro de chão; e, pelas metódicas e inflexíveis leis, empilharemos barreiras invencíveis ao progresso de nosso adversário. Talvez em nenhuma parte do mundo a peste deparou-se com oposição tão sistemática e determinada. Talvez nenhum país seja naturalmente tão bem protegido contra nosso invasor; nem a natureza, em nenhum outro lugar, foi tão bem auxiliada pelas mãos do homem. Não nos desesperemos. Não sejamos covardes nem fatalistas; mas, crendo que Deus colocou os meios de sobrevivência em nossas mãos, usaremos tais recursos ao extremo. Lembrem-se de que a limpeza, a sobriedade e mesmo o bom-humor e a benevolência são os nossos melhores remédios.”

Pouco havia para que eu pudesse adicionar a esta exortação geral; pois a peste, embora em Londres, não

estava entre nós. Eu dispensei os convidados, portanto; e eles saíram pensativos, mais do que tristes, para aguardar os eventos que lhe eram destinados.

Procurei Adrian, ansioso por saber o resultado de sua discussão com Ryland. Ele havia prevalecido em parte; o Lordee Protetor havia consentido em retornar para Londres por poucas semanas; durante esse período, tudo deveria ser arranjado para que sua saída gerasse menos consternação. Adrian e Idris estavam juntos. A tristeza com que o primeiro havia ouvido que a peste estava em Londres esvaíra-se; a energia de seu propósito informava seu corpo da sua força, a alegria solene do entusiasmo e da autodevoção iluminava suas feições; e a fraqueza de sua natureza física parecia distante dele, como a nuvem de humanidade o fez, na fábula antiga, do amante divino de Sêmele{68}[5]. Ele estava tentando encorajar sua irmã e fazê-la encarar seu intento com uma luz menos trágica do que ela estava preparada; e, com apaixonada eloquência, revelou seus desígnios para ela.

"Deixe-me, primeiramente", ele disse, "aliviar sua mente de todo o medo sobre meu relato. Eu não me imbuirei além de minhas forças, nem procurarei o perigo inutilmente. Sinto que sei o que deve ser feito e como minha presença é necessária para o cumprimento de meus planos, tomarei cuidados especiais para preservar minha vida.

"Vou agora empreender um ofício sob medida para mim. Não poderei conspirar ou trilhar um caminho tortuoso pelo labirinto dos vícios e das paixões dos homens; mas posso levar paciência e simpatia e tal cuidado que a arte permite para as camas dos doentes; posso levantar do chão o miserável órfão e despertar para novas esperanças o coração fechado da carpideira. Posso confinar a peste em fronteiras e determinar um prazo para a miséria que esta ocasionaria; a coragem, a

paciência e a vigilância são as forças que empregarei nesta grande tarefa.

"Oh, eu devo ser algo agora! Desde meu nascimento aspirei ser a águia – mas, ao contrário dela, minhas asas falharam e minha visão tornou-se cega. O desapontamento e a doença dominaram-me até então; nascido gêmeo a mim, meu *se*, para sempre se cercou do *não deve* e tornaram-se meus tiranos. Um pastor que guia um tolo rebanho de ovelhas estava mais na escala da sociedade do que eu. Felicite-me então por ter encontrado um objetivo adequado aos meus poderes. Eu frequentemente pensei em oferecer meus serviços para as cidades afetadas pela peste na França e na Itália; mas o temor de magoá-los e a expectativa desta catástrofe contiveram-me. À Inglaterra e aos ingleses dedicar-me-ei. Se eu puder salvar um de seus poderosos espíritos de sua lança mortal; se eu puder isolar a doença de uma de suas sorridentes cabanas, eu não terei vivido em vão."

Estranha ambição, esta! Contudo, assim era Adrian. Ele parecia dado à contemplação, avesso à excitação, um tranquilo estudante, um homem visionário – mas proporcione-lhe um tema que valha a pena, e –

Como a cotovia ao irromper do dia surge,

Da escura terra, canta hinos no portal do céu.[{69}]

assim ele projetou-se do pensamento indiferente e improdutivo para a frequência mais alta da ação virtuosa.

Com ele foi o entusiasmo, a resolução bem trabalhada e o olho que sem vacilar poderia encarar a morte. Conosco permaneceram a mágoa, a ansiedade e a frágil expectativa pelo mal. O homem, diz Lordee Bacon, quem tem mulher e filhos, deu reféns ao destino. Vão era todo o pensamento filosófico – vã era toda a força – vã, vã, o confiar em um possível bem. Eu poderia abarcar toda a

escala com a lógica, a coragem e a resignação – mas deixe um medo por Idris e suas crianças entrar pelo lado oposto e, preponderado, derrubaria o ânimo.

A peste estava em Londres! Tolos fomos por não termos, há muito, esperado por isso. Choramos pela ruína dos continentes sem fronteiras do oriente e pela desolação do mundo ocidental; enquanto imaginávamos que o pequeno canal entre nossa ilha e o resto da terra preservar-nos-ia vivos entre os mortos. Parecia-me que não se requeria um poderoso salto entre Calais e Dover. O olho facilmente discernia a terra irmã; estiveram unidas antes; e o pequeno caminho que passa entre os olhares em um mapa, com exceção de uma trilha percorrida entre a grama alta. Entretanto, este pequeno intervalo deveria nos salvar; o mar deveria se erguer como um muro de adamante – fora, doença e miséria – dentro, um abrigo do mal, um recesso do jardim do paraíso – uma partícula do solo celestial, que nenhum mal poderia conspurcar – com efeito, verdadeiramente éramos hábeis em nossa geração{70}, para imaginar todas essas coisas!

Mas havíamos despertado, então. A peste estava em Londres; o ar da Inglaterra está maculado e seus filhos e filhas espalhavam-se pela insalubre terra. E agora, o mar, nossa última defesa, parece o muro de nossa prisão; enredados pelos seus golfos, deveremos morrer como os famintos habitantes de uma cidade cercada. Outras nações tiveram como companhia a morte; mas nós, enclausurados de toda a vizinhança, deveremos enterrar nossos próprios mortos e a pequena Inglaterra tornar-se-á um amplo, amplo túmulo.

Este sentimento de miséria universal assumira densidade e forma, quando olhei para minha esposa e meus filhos; e o pensamento do perigo que corriam possuiu meu inteiro ser com o medo. Como eu poderia salvá-los? Revolvi milhares e milhares de planos. Eles

não deveriam morrer – primeiramente eu teria me juntado à insignificância, caso a mais ínfima infecção devesse se aproximar desses ídolos de minha alma. Eu caminharia descalço pelo mundo para encontrar um local imune; construiria meu lar em algum tronco levado pelas ondas, à deriva no estéril oceano desprovido de litoral. Eu carregá-los-ia para uma toca de algum animal selvagem, onde a cria de um tigre, que eu abateria, tivesse crescido saudável. Eu procuraria algum ninho da águia da montanha e viveria os anos suspenso em algum recesso inacessível de um penhasco cercado pelo mar – nada muito trabalhoso, nenhum plano muito rústico, se prometesse a vida para eles. Oh! Vós, fibras de meu coração, pudessem vós serdes despedaçados e minha alma não se gastaria em lágrimas de sangue e mágoa!

Idris, após o primeiro choque, recuperou uma porção de força. Ela diligentemente fechou qualquer perspectiva de futuro e embalou seu coração nas bênçãos do momento. Ela não perdia suas crianças de vista em nenhum momento. Mas, enquanto eles, saudáveis, brincavam ao seu redor, ela poderia acalentar o contentamento e a esperança. Uma estranha e selvagem inquietude se me apoderou – ainda mais intolerável, já que eu era forçado a ocultá-la. Meus temores por Adrian eram incessantes; agosto havia chegado; e os sintomas da peste aumentaram rapidamente em Londres. Ela estava abandonada por tudo o que possuía o poder de remoção; e ele, o irmão de minha alma, estava exposto aos perigos aos quais todos, menos os escravos, levados pelas circunstâncias, fugiram. Ele permanecera para combater o inimigo – seu flanco desguarnecido, seus trabalhos isolados – a infecção poderia mesmo contagiá-lo e ele morreria desamparado e só. Tais pensamentos perseguiam-me dia e noite. Decidi visitar Londres, para vê-lo; para aquietar

estes agonizantes espasmos pelos doces remédios da esperança ou pelo ópio do desespero.

Só quando atingi Brentford que me apercebi da tamanha mudança na feição do país. As melhores casas estavam fechadas; o atribulado comércio da cidade, paralisado; havia um ar de ansiedade entre os poucos transeuntes que encontrei e eles pareciam olhar interrogativamente para a minha carruagem – a primeira que viam passar por Londres desde que a pestilência acometera os locais de classe e assolara suas ruas movimentadas. Presenciei vários funerais; pareciam que poucas carpideiras compareciam e eram consideradas pelos espectadores como presságios de desastrosa importância. Alguns observavam estas procissões com selvagem ansiedade – outros fugiam timidamente – alguns choravam alto.

O principal esforço de Adrian, depois do socorro imediato dos doentes, havia sido identificar os sintomas e o progresso da peste entre os habitantes de Londres. Ele sabia que as previsões temerosas e melancólicas eram poderosos assistentes da doença; que o relaxado e o obscuro cuidado tornava a natureza física do homem peculiarmente suscetível à infecção. Não se via, portanto, falta de modos; as lojas, em geral, estavam abertas, a confluência de transeuntes mantida, em certo nível. Mas embora o aspecto de uma cidade infectada fosse evitado, para mim, que não a havia observado desde o começo do contágio, Londres parecia suficientemente mudada. Não havia carruagens e a grama crescia alta nas ruas; as casas tinham uma aparência lúgubre; a maioria das cortinas estava cerrada; e havia um semblante de pavor e de temor nas pessoas que eu encontrava, muito diferente do comportamento de negócios dos londrinos. Minha solitária carruagem chamava atenção, enquanto chacoalhávamos em direção do Palácio do Protetorado –

e as elegantes ruas que levavam para lá se revestiam de uma conformação ainda mais desolada e abandonada. Encontrei a antecâmara de Adrian lotada – era sua hora de conceder audiência. Não queria atrapalhar seu trabalho e esperei, observando o ingresso e o egresso dos peticionários. Consistiam em pessoas das classes intermediárias e mais baixas da sociedade, cujos meios de subsistência falhavam com a extinção do comércio e do espírito atribulado de fazer dinheiro de todas as formas, peculiar ao nosso país. Havia um ar de ansiedade, às vezes de terror nos recém-chegados, que contrastava em muito com o comportamento resignado e até mesmo satisfeito dos que haviam tido uma audiência. Eu pude ver a influência de meu amigo nos seus modos apressados e rostos alegres. Deu duas horas, depois das quais ninguém era admitido; aqueles que haviam sido desapontados saíam desanimados ou entristecidos, enquanto eu entrei na câmara de audiências.

Surpreendi-me com a melhora que se operou na saúde de Adrian. Ele não estava mais curvado para o chão, como uma sobrecarregada flor primaveril que, crescendo além de suas forças, abatia-se mesmo com sua coroa de florescências. Seus olhos brilhavam, sua feição estava composta e um ar de concentrada energia espalhava-se por toda a sua pessoa, muito distinto de sua antiga languidez. Ele ocupava uma mesa com muitas secretárias, que estavam arrumando pedidos ou registrando as notas tomadas durante a audiência do dia. Dois ou três peticionários ainda eram atendidos. Admirei sua justiça e sua paciência. Aqueles que tinham como viver fora de Londres, ele aconselhou a deixar a cidade, provendo-lhes meios para fazê-lo. Para outros, cuja atividade era benéfica para a cidade ou que não possuíam outro refúgio, ele fornecia conselhos sobre como evitar a epidemia; aliviando famílias sobrecarregadas, suprindo as lacunas causadas em

outros pela morte. A ordem, o conforto e mesmo a saúde cresceram sobre sua influência, como pelo toque de uma vara de condão.

“Estou feliz por ter vindo”, ele disse-me, quando estivemos sós, por fim; “posso apenas reservar alguns poucos minutos e devo lhe contar muito neste tempo. A peste agora está avançando - é inútil fechar os olhos para tal fato – as mortes aumentam a cada semana. Não posso adivinhar o que virá. Embora ainda, graças a Deus, estou no mesmo nível do prefeito; e miro somente o presente. Ryland, a quem eu detive por tanto tempo, estipulou que eu deixe-o partir antes do fim deste mês. O deputado apontado pelo parlamento está morto; outro, portanto, deve ser nomeado; eu submeti minha solicitação e acredito que não terei competidores. Esta noite a questão deve ser decidida, pois há uma convocação da casa para o propósito. Você deve me nomear, Lionel; Ryland, por vergonha, não pode se expor; mas você, meu amigo, prestar-me-á esse serviço?

Quão bela é a devoção! Aqui estava um jovem, descendente de reis, crescido no luxo, de natureza avessa às batalhas comuns da vida pública e agora, em tempos de perigo, em um período no qual viver é o escopo extremo do ambicioso, ele, o amado e heroico Adrian, fez, em doce simplicidade, uma oferenda de sacrificar-se a si mesmo para o bem de todos. A própria ideia era generosa e nobre, - mas, além disso, suas maneiras despretensiosas, seu desejo inteiro de assumir sua virtude, fazia seu ato dez vezes mais tocante. Eu teria resistido ao seu pedido; mas eu vira o bem que ele difundia; senti que suas resoluções não deveriam ser discutidas e então, com um coração carregado, consenti ao seu pedido. Ele apertou minha mão com afeição: - “Obrigado”, ele disse, “você aliviou-me de um doloroso dilema e é, como sempre foi, o melhor dos meus amigos. Adeus – tenho de deixá-lo por algumas horas. Vá e

converse com Ryland. Embora ele deserte de seu posto em Londres, pode ser de grande utilidade no norte da Inglaterra, ao receber e ajudar viajantes, e ao contribuir para o fornecimento de alimentos para a metrópole. Desperte nele, eu rogo-lhe, algum senso de dever."

Adrian saiu, como depois eu soube, para sua tarefa diária de visitar os hospitais e inspecionar as partes lotadas de Londres. Encontrei Ryland bastante alterado, mesmo além do que estivera quando visitou Windsor. O medo eterno havia deixado uma tonalidade amarela em sua compleição e enfraquecido sua pessoa. Falei-lhe de negócios durante a tarde e um sorriso relaxou seus músculos contraídos. Ele desejava partir; todos os dias ele esperava ser infectado pela peste, todos os dias ele incapaz de resistir à gentil violência da detenção imposta por Adrian. No momento em que Adrian deveria ser investido como seu deputado, ele escaparia para a segurança. Sob essa impressão ele ouvira tudo o que eu disse; e, elevado quase à alegria pela proximidade de sua partida, ele começou uma discussão relativa aos planos que deveria adotar em seu próprio condado, esquecendo, por um momento, de sua acalentada decisão de se isolar de qualquer comunicação, na mansão e nos jardins de sua propriedade.

À noite, Adrian e eu seguimos para Westminster. Enquanto seguíamos, ele lembrou-me do que eu deveria falar e fazer, embora, estranho dizer, entrei pela câmara sem ter refletido uma vez em meu propósito. Adrian permanecera na cafeteria, enquanto eu, cumprindo seu desejo, tomei meu lugar em Saint Stephen. Reinava um silêncio incomum na câmara. Eu não a tinha visitado desde o protetorado de Raymond; um período notável para uma numerosa plateia de membros, pela eloquência dos interlocutores e pelo calor dos debates. Os bancos estavam muito vazios, aqueles ocupados pelos membros hereditários, vagos; os membros da cidade

estavam lá - os membros para as cidades comerciais, poucos latifundiários e não muitos daqueles que entravam no parlamento em atenção à carreira. O primeiro tópico que ocupou a atenção da casa foi um discurso do Lordee Protetor, urgindo-os a apontar um deputado durante uma ausência necessária de sua parte.

O silêncio prevaleceu, até que um dos membros, chegando-se para mim, sussurrou que o Conde de Windsor o havia avisado que eu deveria impulsionar sua eleição, na ausência da pessoa que primeiro havia sido escolhida para tal cargo. Agora, pela primeira vez, eu via minha tarefa em toda a sua extensão e estava surpreso com o que eu tinha me encarregado. Ryland desertara de seu posto por meio da peste: pelo mesmo medo, Adrian não tinha competidor. E eu, o homem mais próximo do Conde de Windsor, deveria propor sua eleição. Eu deveria impulsionar este distinto e incomparável amigo ao cargo de perigo – impossível! A sorte fora lançada – eu oferecer-me-ia como candidato.

Os poucos membros ali presentes estavam mais interessados em terminar o negócio ao assegurar uma audiência legal do que em um debate. Eu levantara-me mecanicamente – meus joelhos tremeram; a indecisão agarrou-se em minha voz, enquanto eu exprimia poucas palavras sobre a necessidade de se escolher uma pessoa adequada à perigosa tarefa a ser executada. Mas, quando a ideia de apresentar-me no lugar de meu amigo fora introduzida, a carga de dúvida e dor se me aliviou. Minhas palavras fluíram espontaneamente – minha dicção era firme e rápida. Aludi ao que Adrian já havia feito – prometi a mesma vigilância em estender todas as suas ideias. Desenhei um tocante quadro de sua saúde vacilante; vangloriei a minha própria. Urgi-os a salvar até mesmo de si próprio este ramo da mais nobre família na Inglaterra. Minha aliança com ele era a promessa de minha sinceridade, minha união com sua irmã, meus

filhos, seus presumíveis herdeiros, eram os reféns de minha verdade.

Este inesperado rumo do debate foi prontamente comunicado a Adrian. Ele apressou-se e testemunhou a conclusão de minha cantilena desapaixonada. Eu não o vi; minha alma estava em minhas palavras, - meus olhos não poderiam perceber o que era aquilo; enquanto uma visão da forma de Adrian, maculada pela pestilência e afundando-se na morte, flutuava perante ela. Ele agarrou minha mão, enquanto eu terminava – "Desumano!", ele exclamou, "você traiu-me!", então, movendo-se adiante, com o ar de quem tinha o direito de comandar, ele exigiu o cargo de deputado como seu. Ele o havia adquirido, disse, com o perigo e pago por ele com o seu trabalho. Sua ambição estava lá; e, depois de um intervalo devotado aos interesses do seu país, deveria eu intrometer-me e amealhar os lucros? Deixe-os se lembrar do que Londres havia sido quando ele chegara: o pânico que prevalecia trouxera a fome, enquanto todos os laços morais e legais estavam frouxos. Ele havia restaurado a ordem – esse havia sido um trabalho que requereu perseverança, paciência e energia; e ele não tinha dormido nem despertado sem pensar no bem do seu país. – Ousariam eles achar isso errado? Iriam eles arrancar de si sua recompensa duramente ganha para investi-la sobre alguém que, nunca tendo se misturado na vida pública, entraria como um novato na embarcação na qual ele já era um iniciado? Ele exigiu o cargo de deputado como seu por direito. Ryland já mostrara que ele era seu preferido. Nunca antes tivera ele, que havia nascido para herdar o trono da Inglaterra, nunca ele havia pedido favor ou honra para aqueles que agora eram seus parelhas, mas que poderiam ter sido seus súditos. Iriam eles rejeitá-lo? Poderiam eles repeli-lo do caminho da distinção e da

meritosa ambição, o herdeiro de seus antigos reis, e amealhar outro desapontamento em uma dinastia caída.

Ninguém nunca antes ouvira Adrian aludir aos direitos de seus ancestrais. Ninguém nunca suspeitara, que o poder ou o sufrágio de muitos, poderia ser, de muitas maneiras, caro a ele. Começara seu discurso com veemência; terminara com modesta gentileza, fazendo seu apelo com a mesma humildade como se estivesse pedindo para ser o primeiro em riqueza, honra e poder entre os ingleses e não, como era de fato, para ser o líder das fileiras de odiosos trabalhos e da inevitável morte. Um murmúrio de aprovação ergueu-se após seu discurso. “Oh, não escutem a ele”, eu exclamei, “ele soa falso – até para ele mesmo” – fui interrompido; e, o silêncio restaurado, fomos ordenados, como de costume, a retirar-nos durante a decisão da casa. Imaginei que hesitavam e que havia alguma esperança para mim – eu estava enganado – mal havíamos deixado a câmara, Adrian foi convocado e instalado em seu posto de Lordee Deputado do Protetor.

Retornamos juntos ao palácio. “Por que, Lionel”, disse Adrian, “o que você pretendia? Você não poderia esperar vencer e ainda me deu a dor de triunfar sobre meu mais querido amigo.”

“Isto é uma zombaria”, repliquei, “você devota-se – você, o adorado irmão de Idris, o ser, de tudo o que o mundo contém, mais caro aos nossos corações – você devota-se à uma morte prematura. Eu teria evitado isso; minha morte seria um mal menor - ou melhor, eu não deveria morrer; enquanto você não pode esperar escapar.”

“No tocante à probabilidade de escapar”, disse Adrian, “em dez anos as frias estrelas poderão brilhar sobre os túmulos de todos nós; mas no que se refere à minha peculiar propensão à infecção, eu poderia provar com

facilidade, tanto lógica quanto fisicamente, que entre o contágio tenho chances melhores de viver do que você.

"Este é meu cargo; nasci para isso - para governar a Inglaterra em anarquia, para salvá-la do perigo - para devotar-me à ela. O sangue de meus antepassados grita alto em minhas veias e impele-me a ser o primeiro entre meus compatriotas. Ou, se esse modo de falar ofende-o, deixe-me dizer que minha mãe, a orgulhosa rainha, instilou desde cedo em mim um amor de distinção e que tudo isso, se a fraqueza de minha natureza física e de minhas opiniões singulares não havia evitado tal desígnio, pode ter me feito atrasar há muito a luta pela herança perdida de minha raça. Mas agora minha mãe, ou, se quiser, as lições de minha mãe, despertaram dentro de mim. Não posso liderar uma batalha; não pude, embora a intriga e a falta de fé ergam novamente o trono sobre a desolação do espírito público inglês. Mas eu posso ser o primeiro a apoiar e proteger meu país, agora que terríveis desastres e a ruína deitaram poderosas mãos sobre ele.

"Este país e minha amada irmã são tudo o que tenho. Protegerei o primeiro – a última, deixo a seu cargo. Se eu sobreviver e ela perder-se, preferirei estar morto também. Preserve-a – para o seu próprio bem sei que você o fará - se você necessitar de outro incentivo, pense que, ao preservá-la, você preservar-me-á. Sua natureza impecável, a soma das perfeições, está envolta em suas afeições – se estas forem feridas, ela esvair-se-ia como uma flor sem água e o menor ferimento seria como um frio agudo para ela. Já ela teme por nós. Ela teme pelas crianças que adora e por você, o pai delas, seu amante, marido, protetor; e você deve estar perto dela para ajudá-la e encorajá-la. Volte para Windsor, então, meu irmão; pois tal você é por todos os laços – preencha o duplo vazio que minha ausência impõe-lhe e deixe-me,

com todos os meus sofrimentos aqui, virar meus olhos na direção daquele querido refúgio e dizer - Há paz.”

CAPÍTULO VII

SEGUI para Windsor, mas não com a intenção de lá permanecer. Fui, mas para obter o consentimento de Idris e, em seguida, para retornar e ocupar meu posto ao lado de meu inigualável amigo; compartilhar de seus trabalhos e salvá-lo, caso assim devesse ser, à custa da minha vida. Contudo, apavorei-me em testemunhar a angústia que minha decisão poderia produzir em Idris. Havia jurado ao meu próprio coração nunca obscurecer sua feição mesmo com tristeza passageira, mas devo eu provar ser covarde no momento de maior necessidade? Começara minha trajetória com uma urgência ansiosa; agora desejei prolongá-la ao longo de dias e meses. Eu quis evitar a exigência de ação; lutei para escapar do futuro – em vão – planejado, como uma imagem túrbida em uma fantasmagoria que aproxima-se mais e mais, até reter toda a terra em sua sombra.

Uma pequena circunstância induziu-me a alterar minha rota habitual e voltar para casa por Egham e Bishopgate. Eu apeei na antiga habitação de Perdita, sua cabana; e, dispensando a carruagem, resolvi caminhar pelo parque até o castelo. Tal lugar, dedicado às mais doces lembranças, a casa deserta e o jardim descuidado eram bem apropriados para nutrir minha melancolia. Nos nossos dias mais felizes, Perdita havia enfeitado sua cabana com todo o auxílio que a arte poderia trazer, ao qual a natureza havia escolhido favorecer. No mesmo espírito de exaltação ela havia, quando de sua separação de Raymond, feito com que fosse completamente negligenciado. Estava agora em ruínas: o cervo havia escalado as cercas quebradas e recostado entre as

flores; a grama crescendo no beiral e a treliça oscilante, rangendo ao vento, denotavam extremo abandono. O céu estava azul e o ar, impregnado de fragrância pelas poucas flores que nasciam entre as ervas daninhas. As árvores moveram-se para o alto, despertando a melodia preferida da natureza – mas a melancólica aparência dos caminhos sufocados e dos canteiros de flores tomados por ervas daninhas, obscureciam até esta alegre cena de verão. A época, quando em orgulho e feliz segurança nos reuníamos nessa cabana, tinha passado – logo as horas presentes juntar-se-iam a essas passadas e as sombras das futuras surgiam lúgubres e ameaçadoras do ventre do tempo, seu berço e seu esquife. Pela primeira vez na minha vida, invejei o sono dos mortos e pensei, com deleite, no leito de alguém sob o relvado, onde a tristeza e o medo não têm poder. Passei pela fenda da cerca quebrada - senti, embora com desprezo, as lágrimas engasgadas – e corri para as profundezas da floresta. Oh morte e transição, soberanos da nossa vida, onde estais vós, para que eu possa me engalfinhar com vocês! O que havia em nossa tranquilidade, que excitava sua inveja – em nossa felicidade, que vós deveis destruí-la? Éramos felizes, apaixonados e amados; o corno de Amalteia não tinha nenhuma bênção a espargir sobre nós, porém, ah!

la fortuna

deidad barbara importuna,

oy cadaver y ayer flor,

no permanece jamas![1]

Conforme eu vagueava ruminando a respeito, muitos camponeses passaram por mim. Eles pareciam cheios de preocupações e as poucas palavras de sua conversa que me alcançaram, induziram-me a abordar-lhes e fazer

mais indagações. Um grupo indo para Londres, como era frequente neste período, havia surgido no Tâmisa em um barco. Ninguém em Windsor oferecer-lhes-ia abrigo, então, indo um pouco mais além, eles permaneceram a noite toda em uma choça deserta próximo ao lago Bolter. Eles seguiram seu caminho na manhã seguinte, deixando um dentre os seus para trás, adoecido pela peste. Com tal circunstância, uma vez espalhada afora, ninguém ousou se aproximar meia milha da vizinhança infectada e o infeliz renegado foi abandonado para combater a doença e a morte em solidão, o melhor que pudesse. Fui instigado pela compaixão a apressar-me para a choça, com o propósito de averiguar sua situação e prover suas carências.

Ao avançar, encontrei reuniões de camponeses falando seriamente sobre esse evento: por mais distante que eles estivessem do temido contágio, o medo estava expresso em cada semblante. Cruzei um grupo desses aterrorizados, em uma senda na trilha direta para a choça. Um deles deteve-me e, supondo que eu estava alheio à circunstância, disse para não prosseguir, porque perto havia uma pessoa infectada.

"Eu sei", respondi, "e estou indo ver em que condição está o pobre sujeito."

Um murmúrio de surpresa e horror percorreu a turma. Eu continuei: – "Esse miserável está abandonado, morrendo, desamparado; nesta época infeliz, Deus sabe quão logo cada um ou todos nós podemos estar em tal necessidade. Estou indo fazer o que gostaria que fizessem por mim."

"Mas você nunca poderá retornar ao Castelo – Lady Idris – seus filhos –"em discurso confuso vinham as palavras que atingiam meus ouvidos.

"Vocês não sabem, meus amigos", eu disse, "que o próprio Conde, agora Lordee Protetor, visita diariamente, não só os provavelmente infectados por

essa doença, mas os hospitais e os asilos, chegando perto e até tocando os doentes? Porém, ele nunca esteve em melhor vigor. Vocês agem em completo erro quanto à natureza da peste; mas não temam, não peço que nenhum de vocês acompanhe-me, nem que acreditem em mim, até eu voltar seguro e ileso do meu paciente."

Então os deixei e apressei-me. Logo cheguei à choça: a porta estava entreaberta. Entrei e um vislumbre garantiu-me que seu antigo habitante não estava mais – ele jazia em um monte de palha, frio e duro; enquanto resíduos perniciosos enchiam o ambiente e várias manchas e marcas serviam para demonstrar a virulência da doença.

Eu nunca antes havia contemplado alguém morto pela peste. Embora todos os pensamentos estivessem cheios de consternação para com seus efeitos, um anelo por empolgação permitira-nos ler com atenção o relato de De Foe e as descrições magistrais do autor de Arthur Mervyn. As figuras desenhadas nestes livros eram tão vívidas, que parecíamos ter vivenciado os resultados representados por elas. Mas frias eram as sensações estimuladas pelas palavras, ardentes, contudo, fossem e, descrevendo a morte e a miséria de milhares, comparavam-se com o que eu senti ao olhar para o cadáver deste estranho infeliz. Isso, com efeito, era a peste. Suspendi seus membros rígidos, notei a distorção do seu rosto e os olhos empedernidos perdidos para a percepção. Enquanto eu estava assim ocupado, um horror arrepiante congelou meu sangue, fazendo minha carne tremer e deixando meu cabelo em pé. Em parte insanamente, falei com o morto. Então a peste matou-o, eu murmurei. Como ela aproximou-se? A chegada foi dolorosa? Você tem o aspecto de quem o inimigo torturara, antes de ser assassinado. E então eu me sobressaltei rapidamente e fugi da choça, antes que a natureza pudesse revogar suas leis e palavras

inorgânicas fossem proferidas em resposta nos lábios do falecido.

Ao retornar pela senda, vi de longe a mesma turma de pessoas que havia deixado. Eles dispersaram-se rapidamente, assim que me viram; minha fisionomia agitada acrescentou-se ao seu medo de se aproximar de alguém que havia estado nas raias do contágio.

Longe dos fatos, tira-se conclusões que parecem infalíveis, que, mesmo quando colocadas para comprovar a realidade, desaparecem como sonhos fantasiosos. Eu havia ridicularizado os temores dos meus conterrâneos, quando se relacionavam com outros; agora que eles vieram para casa comigo, detive-me. O rabecão, senti, passou; e competia muito bem a mim refletir o que devia fazer neste lado de cá da doença e do perigo. Segundo a superstição vulgar, minha vestimenta, minha pessoa, o ar que respirei, carregavam em si a gravidade mortal para mim mesmo e para os outros. Deveria eu regressar para o Castelo, para minha esposa e filhos, com essa nódoa sobre mim? Certamente não, se estivesse infectado; mas eu estava certo de que não tinha sido – poucas horas determinariam a questão – eu passá-las-ia na floresta, em reflexão ao que estava para acontecer e quais minhas ações futuras deveriam ser. No sentimento a mim transmitido pela visão do golpe pela peste, esqueci-me dos eventos que haviam me instado tão solidamente em Londres; perspectivas novas e mais dolorosas, aos poucos eram clareadas na névoa que havia até este ponto ocultado-as. A pergunta não era mais se eu deveria compartilhar os deveres e o perigo de Adrian; mas de qual maneira eu poderia, em Windsor e na vizinhança, reproduzir a prudência e o desvelo que, sob seu governo, produziam ordem e abundância em Londres, e como, agora que a pestilência havia se espalhado mais amplamente, eu poderia garantir a saúde de minha própria família.

Eu espalhei toda a terra como um mapa diante de mim. Em nenhum lugar de sua superfície poderia eu colocar meu dedo e afirmar, aqui é seguro. No sul, a doença, virulenta e irremediável, havia aniquilado praticamente a raça dos homens; tempestade e inundação, venenosos ventos e ruínas, enchiam a medida do sofrimento. No norte, era pior – a ínfima população gradualmente declinou e a fome e a peste mantinham-se atentas aos sobreviventes que, indefesos e débeis, estavam preparados para cair como presa fácil em suas mãos.

Eu restringi minha visão para a Inglaterra. A enorme metrópole, o grande coração da poderosa Bretanha, estava sem pulso. O comércio cessara. Todos os recursos voltados para a ambição ou prazer foram suprimidos - as ruas estavam com as gramas crescidas – as casas vazias – os poucos, que pela necessidade permaneciam, pareciam já marcados com a nódoa da inevitável pestilência. Nas maiores cidades industrializadas, a mesma tragédia foi encenada em uma escala menor, embora mais desastrosa. Não havia nenhum Adrian para administrar e direcionar, enquanto turbas inteiras de pobres eram atingidas e mortas. Entretanto, nem todos nós iríamos morrer. Não obstante, embora reduzida, a raça dos homens continuaria e a grande peste iria, nos próximos anos, se tornar um tema da história e da imaginação. Sem dúvida, essa provação foi, em extensão, incomparável – mais necessidade tínhamos de trabalhar duro para se opor ao seu progresso; antes que esses homens tivessem saído por diversão, assassinado seus milhares e dezenas de milhares; mas agora o homem havia se tornado uma criatura de valor; a vida de um deles era mais valiosa do que os então chamados tesouros dos reis. Observe esta feição provida de pensamentos, seus membros graciosos, seu semblante majestoso, seu mecanismo extraordinário - o tipo e o modelo desta melhor obra de Deus não deve ser posto

de lado como um vaso quebrado – ele deve ser preservado, e seus filhos e os filhos de seus filhos, carregar o nome e a forma do homem até o final dos tempos.

Acima de tudo, devo proteger aqueles confiados pela natureza e pelo fado ao meu cuidado especial. E certamente, se entre todos os meus semelhantes tiver de selecionar aqueles que possam transmitir exemplos de grandeza e bondade do homem, eu poderia escolher ninguém mais além daqueles que se aliaram a mim pelos laços mais sagrados. Alguns entre a família do homem devem sobreviver e estes devem estar entre os sobreviventes; esta deve ser minha tarefa – para desempenhá-la, minha própria vida era um pequeno sacrifício. Lá, então, naquele castelo – no Castelo de Windsor, local de nascimento de Idris e de meus infantes, deve ser o ancoradouro e o abrigo do barco naufragado da sociedade humana. Sua floresta deve ser nosso mundo – seu jardim proporciona-nos alimento; dentro de suas paredes eu erigiria o sacudido trono da saúde. Eu era um pária e um vagabundo, quando Adrian gentilmente jogou-me na prateada rede de amor e civilização e vinculou-me inextricavelmente às caridades e à excelência humanas. Eu era aquele que, embora aspirante em busca do bem e um amante ardente da sabedoria, não estava sequer inscrito em nenhuma lista de valor quando Idris, a nascida principesca, que era ela própria a personificação de tudo o que era divino na mulher, ela que caminhava na terra como o sonho de um poeta, como uma deusa esculpida imbuída de sentido ou uma santa representada saindo da tela – ela, a mais valorosa, escolheu-me e deu a si mesma para mim – um presente inestimável.

Durante várias horas eu continuei então a meditar até que a fome e o cansaço trouxeram-me de volta à hora atual, então marcada por longas sombras projetadas do

sol poente. Eu vagara por Bracknel, a oeste de Windsor. O sentimento de que gozava de perfeita saúde assegurou-me de que eu estava livre do contágio. Lembrei-me de que Idris havia sido mantida à parte dos meus procedimentos. Ela poderia ter ouvido sobre meu retorno de Londres e minha visita ao lago Bolter que, relacionada à minha ausência continuada, poderiam alarmá-la em muito. Regressei para Windsor por Long Walk e, passando pela cidade em direção ao Castelo, descobri-o em um estado de agitação e tumulto.

"É tarde demais para ser ambicioso", diz Sir Thomas Browne. "Não podemos esperar viver tanto tempo em nossos nomes como alguns haviam feito em suas pessoas; uma face de Jano não é proporcional à outra." Ao fim dessas palavras, muitos fanáticos levantaram-se, profetizando que o fim dos tempos estava por vir. O espírito de superstição havia nascido da devastação de nossas esperanças, e bufonarias selvagens e perigosas eram encenadas no grande teatro, enquanto a partícula remanescente do futuro minguava em um ponto nos olhos dos prenunciadores. Mulheres de espírito fraco morreram de medo quando ouviram suas revelações; homens de aspecto robusto e que pareciam fortes caíram em idiotismo e loucura, abalados pelo pavor da eternidade próxima. Um homem desse tipo estava agora desabafando seu eloquente desespero entre os habitantes de Windsor. A cena da manhã e minha visita ao morto, que haviam sido espalhadas pela cidade, tinham alarmado os camponeses, portanto eles tornaram-se instrumentos adequados a ser desfrutados por um maníaco.

O pobre infeliz havia perdido sua jovem esposa e amada criança para a peste. Ele era mecânico; e, tornado incapacitado de exercer a ocupação que provia suas necessidades, a fome foi acrescida às suas outras misérias. Ele deixou o aposento que continha sua mulher

e filho – mulher e filho não mais, mas “terra morta sobre a terra” – enlouquecido pela fome, vigilância e desgosto, e seu imaginário adoecido fez com que acreditasse que fora mesmo enviado pelos céus para preconizar ao mundo o final dos tempos. Ele entrou nas igrejas e pressagiou às congregações sua remoção rápida para as câmaras mortuárias inferiores. Ele parecia-se com o espírito esquecido do tempo nos teatros e acenava para os espectadores, que iam para casa e morriam. Ele havia sido capturado e confinado; escapara e vagara desde Londres entre as cidades vizinhas e, com gestos frenéticos e palavras assustadoras, ele desvelava a cada um seus temores ocultos e dava voz ao pensamento calado que não ousavam pronunciar. Ele permaneceu sob a galeria da prefeitura de Windsor e, deste palanque, discursou para uma multidão estremecida.

“Ouçam, Oh vós habitantes da terra”, ele bradou, “ouças tu, que a tudo vê, mas Céu mais impiedoso! Ouças tu também, Oh coração lançado à tempestade, que profere essas palavras, embora desmaie sob seu significado! A morte está entre nós! A terra é bela e jardinada de flores, mas ela é nosso túmulo! As nuvens do céu choram por nós – a pompa das estrelas é somente a luz-guia do nosso funeral. Homens grisalhos, vós esperáveis por ainda alguns anos na sua habitação há muito conhecida – mas o empréstimo expirou, vocês devem partir – crianças, vós nunca atingireis a maturidade, mesmo agora que a pequena sepultura está aberta para vós – mães, apertem-nas em seus braços, uma morte abraça-lhes!”

Estremecendo, ele esticou suas mãos, seus olhos impelidos para cima pareciam irromper de suas órbitas, enquanto ele dava a impressão de seguir formar, para nós invisíveis, no ar capitulado – “Ali estão eles”, ele exclamou, “os mortos! Eles erguem-se em suas mortalhas e passam em procissão silenciosa rumo à

distante terra da sua sina – seus lábios lívidos não se movem – seus membros obscurecidos estão destituídos de movimento, embora ainda deslizem-se para diante. Chegamos", ele exclamou, jorrando, "pelo o que devemos esperar? Apressem-se, meus amigos, aparatem-se com a vestidura da morte. A pestilência conduzir-lhes-á a sua presença. Por que demorar assim? Eles, os bons, os sábios e os amados partiram antes. Mães, despeçam-se – maridos, já não mais protetores, conduzam os parceiros da sua morte! Venham, Oh venham! Enquanto os queridos ainda estão à vista, porque logo falecerão e nós nunca, nunca mais nos encontraremos."

De delírios tamanhos como esses, ele repentinamente formou um grupo e, com palavras exatas, mas terríveis, pintaria os horrores da época; descreveria o mínimo detalhe, os efeitos da peste no aspecto humano e contaria histórias tocantes da vivacidade de caras afinidades – o horror sufocado do desespero sobre a cabeça da morte do último amado – e então gemidos e até gritos ergueram-se da multidão. Um homem em particular permaneceu na frente, seus olhos fixos no profeta, sua boca aberta, seus membros rígidos, enquanto seu rosto mudava em várias cores, amarelo, azul e verde, pelo medo intenso. O maníaco atraiu sua vista e voltou seu olhar para ele – já se ouviu sobre o olhar fixo da cascavel, que enfeitiça a vítima trêmula até que caia em suas mandíbulas. O maníaco recompôs-se; sua pessoa elevou-se mais; a autoridade irradiava do seu semblante. Ele olhou para o camponês, que começou a estremecer, enquanto ele ainda fitava; seus joelhos batiam um no outro; seus dentes estalejavam. Ele por fim caiu em convulsões. "Aquele homem está com a peste", disse o maníaco com tranquilidade. Um bramido jorrou dos lábios do pobre miserável; e, em seguida, a súbita imobilidade tomou conta dele; era o manifesto para todos de que ele estava morto.

Gritos de horror encheram o lugar – todos empenhavam-se para efetivar sua fuga – em alguns minutos, o mercado estava vazio – o cadáver permanecia no chão; e o maníaco, subjugado e exausto, sentou-se ao lado dele, apoiando seu cenho desolado na sua mão esquálida. Logo algumas pessoas, designadas pelos magistrados, vieram para remover o corpo; o desafortunado ser viu um carcereiro em cada um – ele afastou-se apressadamente, enquanto eu passava em direção ao Castelo.

A morte, cruel e implacável, havia entrado por essas paredes amadas. Uma antiga criada, que havia alimentado Idris na infância e que viveu conosco mais como um parente venerado do que como uma empregada, partira alguns dias antes para visitar uma filha, casada e estabelecida na vizinhança de Londres. Na noite do seu retorno, ela adoeceu com a peste. Com a natureza altiva e insubordinável da Condessa de Windsor, Idris tinha algumas relações filiais ternas com ela. Essa boa mulher havia ficado no lugar da mãe e suas próprias deficiências de educação e conhecimento, ao fazerem dela humilde e indefesa, granjeava-lhe a nossa afeição – ela era preferida das crianças. Encontrei minha pobre garota, não há exagero na expressão, arrebatada de tristeza e pavor. Ela estendeu-se sobre a paciente em agonia, que não era minimizada quando seus pensamentos vagueavam por suas crianças, por quem ela temia a infecção. Minha chegada foi como a lâmpada descoberta recentemente em um farol sobre marinheiros, que estão enfrentando algum ponto perigoso. Ela depositou suas dúvidas aterradoras em minhas mãos; ela confiou no meu julgamento e foi confortada por minha participação em sua tristeza. Logo nossa pobre ama-seca expirou; e a angústia do suspense foi alterada para um pesar profundo, que embora a princípio fosse mais doloroso, ainda cedia com maior

disposição aos meus consolos. O sono, o bálsamo soberano, finalmente encharcou seus olhos lagrimejantes em esquecimento.

Ela dormiu; e a quietude prevaleceu no Castelo, cujos habitantes tentavam descansar. Eu estava acordado e, durante as longas horas da noite insone, meus pensamentos atribulados operavam-se em meu cérebro, como dez mil rodas de moinhos, rápidas, precisas, indóceis. Tudo dormia – toda a Inglaterra dormia; e da minha janela, subjugando uma ampla visão do país iluminado pelas estrelas, vi a terra esticar-se em plácido repouso. Eu estava acordado, vivo, enquanto o irmão da morte possuía minha raça. E se a mais poderosa dessas divindades fraternais obtivesse domínio sobre ela? O silêncio da meia-noite, para falar sinceramente, apesar de aparentemente ser um paradoxo, soou nos meus ouvidos. A solidão tornou-se intolerável - coloquei minha mão no coração pulsante de Idris, curvei minha cabeça para obter o som da sua respiração, para assegurar-me de que ela ainda existia – por um momento duvidei se não devia acordá-la, então um delicado horror percorreu meu corpo. – Bom Deus! Seria assim um dia? Todos extintos, exceto eu, devo eu a partir desse dia caminhar na terra sozinho? Eram estas vozes de aviso, cujo sentido inarticulado e profético impingiam a crença sobre mim?

Contudo não as chamaria

De vozes de aviso, que anunciam para nós

Apenas o inevitável. Como o sol,

Antes que ele nasça, às vezes pinta sua imagem

Na atmosfera – com frequência, o mesmo fazem os espíritos

De grandes eventos transpõem-se diante dos eventos,

E no hoje já caminha o amanhã.

[1] “a sorte
divindade bárbara importuna
hoje cadáver e ontem flor
não permanece jamais!” Pedro Calderón de la Barca

CAPÍTULO VIII

APÓS um longo intervalo, sou novamente impelido pelo incansável espírito dentro de mim a continuar minha narração; mas devo alterar o modo que eu, até aqui, adotei. Os detalhes contidos nas páginas que se seguem, aparentemente triviais, embora os mais leves pesem como chumbo na deprimida escala das aflições humanas; esta tediosa residência nas mágoas dos outros, enquanto a minha própria era apenas apreensão; esta lenta exposição das feridas de minha alma: este diário da morte; esta longamente desenhada e tortuosa trilha, conduzindo ao oceano de incontáveis lágrimas, desperta-me novamente para a aguda tristeza. Havia usado esta história como um anestésico; enquanto descrevia meus amados amigos, frescos de vida e fulgurantes de esperança, assistentes ativos da cena, eu era aliviado; haverá mais do prazer melancólico ao retratar o fim de tudo. Mas os degraus intermediários, o escalar do muro, erguido entre o que era e o que é, enquanto ainda olho para trás sem poder ver o deserto afora, é um esforço além das minhas forças. O tempo e a experiência colocaram-me em uma altura da qual posso compreender o passado como um todo; e deste modo eu devo descrevê-lo, trazendo adiante os principais incidentes e dispondo a luz e a sombra como para formar um quadro em cuja própria escuridão haverá harmonia.

Seria desnecessário narrar tais desastrosas ocorrências, pois um paralelo pode ser encontrado na mais breve visitação de nossa gigante calamidade. Deseja o leitor saber sobre os sanatórios, onde a morte é

um conforto – a lamentosa passagem do rabecão – a insensibilidade dos que nada valem e a angústia do coração amoroso – os gritos de sofrimento e o lamentoso silêncio – a variedade de doenças, deserção, fome, desespero e morte? Há muitos livros que poderão alimentar o apetite desenfreado por esses temas; deixe-os se concentrar nos relatos de Boccaccio, De Foe e Browne. A vasta aniquilação que tragara todas as coisas – a solidão sem voz da então ocupada terra – o solitário estado de unicidade que me confina tem privado mesmo tais detalhes de sua pungente realidade e, enriquecendo as lúridas tintas de angústias de outrora com tons poéticos, sou capaz de escapar do mosaico de fatos ao perceber e refletir de volta o colorido agrupado e combinado do passado.

Voltei de Londres tomado pela ideia, com o sentimento íntimo de que era minha primeira tarefa assegurar, tão bem quanto eu fosse capaz, o bem-estar de minha família e, então, retornar e tomar meu posto ao lado de Adrian. Os eventos que se seguiram imediatamente à minha chegada em Windsor mudaram essa visão das coisas. A peste não estava em Londres apenas, mas em todos os lugares – ela chegou a nós, como dissera Ryland, como mil alcateias, uivando pela noite de inverno, exuberante e violenta. Quando então a doença manifestou-se nos distritos rurais, seus efeitos pareceram mais horríveis, mais urgentes e mais difíceis de curar do que nas cidades. Lá, havia um companheirismo no sofrimento e os vizinhos, mantendo constante vigia entre si e inspirados pela ativa benevolência de Adrian, proviam socorro e o trajeto de destruição era amenizado. Mas no campo, entre as dispersas fazendas, em solitárias cabanas, nos campos e nos estábulos, as tragédias eram encenadas pulverizando a alma, ocultas, silenciosas, desapercebidas. A ajuda médica era menos procurada, o

alimento era mais difícil de se obter e os seres humanos, contidos pela vergonha, pois estavam escondidos de seus companheiros, aventuravam-se em ações de maiores imoralidades ou abriam caminho mais prontamente aos seus medos abjetos.

Ações de heroísmo também se davam, cuja própria menção expande o coração e leva lágrimas aos olhos. Tal é a natureza humana, que a beleza e a deformidade têm, frequentemente, íntima ligação. Ao ler a história somos grandemente surpreendidos pela generosidade e autodevoção que seguem próximas dos calcanhares do crime, velando a mancha de sangue com flores etéreas. Tais atos não desejavam adornar o cruel trem que servia ao progresso da peste.

Os habitantes de Berkshire e Bucks há muito estavam cientes de que a peste estava em Londres, em Liverpool, Bristol, Manchester, York, para resumir, em todas as cidades mais populosas da Inglaterra. Porém, não estavam menos atônitos e surpresos quando esta surgiu entre eles. Estavam impacientes e furiosos em meio ao terror. Eles fariam algo para eliminar o crescente mal e, quando da ação, fantasiaram que um remédio foi aplicado. Os habitantes das cidades menores abandonavam suas casas, montavam tendas nos campos, movendo-se isoladamente dos outros indiferentes à fome e à inclemência dos céus, enquanto imaginavam ter evitado a doença mortal. Os fazendeiros e os camponeses, ao contrário, com o impacto do medo da solidão e ansiando desesperadamente por auxílio médico, migravam em massa para as cidades.

Mas o inverno estava chegando e, com o inverno, a esperança. Em agosto, a peste aparecera na Inglaterra e, durante setembro, fez suas pilhagens. Chegando o fim de outubro, diminuíra e fora, em certo grau, substituída pelo tifo, de muito menor virulência. O outono foi quente e chuvoso: os fracos e os doentes faleceram um a um –

mais felizes, estes: muitos jovens inundados de saúde e riqueza, tornados pálidos pela devastadora doença, tornavam-se os habitantes do cemitério. A colheita minguara, o milho ruim e a falta de vinhos estrangeiros agregavam vigor ao mal. Antes do Natal, metade da Inglaterra estava embaixo d'água. As tempestades do último inverno eram renovadas; mas o reduzido movimento dos portos deste ano fez-nos sentir menos as tempestades do mar. A inundação e as tempestades causaram mais danos à Europa continental do que a nós – dando, como se fosse, o golpe final às calamidades que a assolavam. Na Itália, os rios não eram vigiados pelos escassos campesinos; e, como bestas selvagens saindo de suas tocas quando os caçadores e os cães estão distantes, os rios Tiber, Arno e Pó invadiram e destruíram a fertilidade das planícies. Vilas inteiras foram levadas. Roma e Florença e Pisa estavam cheias de água e seus palácios de mármore, antes espelhados em tranquilos riachos, tiveram suas fundações sacudidas pelo poder granjeado do seu inverno. Na Alemanha e na Rússia, os danos foram ainda mais significativos.

E o gelo ainda viria por último e, com ele, uma renovação do nosso empréstimo de terra. O gelo cegaria as flechas da pestilência e encadearia os furiosos elementos; e a terra iria, na primavera, se despojar das suas vestes de neve, livre da sua ameaça de destruição. Não foi até fevereiro que os sinais desejosos de inverno apareceram. Por três dias a neve caiu, o gelo deteve a corrente dos rios e os pássaros voaram para longe dos rachados galhos das árvores embranquecidas pelo gelo. Na quarta manhã, tudo desapareceu. Um vento do sudoeste trouxe a chuva – o sol saiu e, zombando das leis usuais da natureza, parecia mesmo neste início de estação queimar com força do solstício. Não era nenhuma consolação que, com os primeiros ventos de março, os caminhos estivessem preenchidos de violetas,

as árvores frutíferas cobertas de florescências, que o milho germinasse e as folhas irrompessem, forçados pelo calor fora de estação. Temíamos o ar balsâmico – temíamos o céu sem nuvens, a terra florida e os prazerosos bosques, pois olhávamos para o tecido do universo já não mais como nossa residência, mas como nossa tumba e a fragrante terra cheirava à apreensão do medo como um amplo jardim de igreja.

Pisando la tierra dura

de continuo el hombre esta

y cada passo que da

es sobre su sepultura.[{71}]

Contudo, apesar dessas desvantagens, o inverno era tempo de respirar; e nos esforçamos para fazer o melhor uso dele. A peste não reviveria até o verão; mas caso conseguisse, deveria nos encontrar preparados. É parte da natureza humana adaptar-se pelo hábito, mesmo em dor e tristeza. A pestilência havia se tornado parte do nosso futuro, de nossa existência; deveríamos nos defender, como da inundação dos rios, das invasões dos oceanos ou da inclemência do céu. Após muito sofrimento e amarga vivência, alguma panaceia poderia ser descoberta; como estava, tudo o que era infectado perecia – porém, nada estava infectado; e tornou-se nosso papel reparar profundamente as fundações e elevar ao máximo a barreira entre o contágio e a imunidade; apresentar tal ordem como a condução para o bem-estar dos sobreviventes, assim como a preservação da esperança e alguma porção de felicidade para aqueles que eram espectadores da tragédia ainda renovada. Adrian introduzira modos sistemáticos de procedimentos na metrópole que, embora fossem

incapazes de deter o avanço da doença, preveniram, porém, outros males, vícios e queda de tornar o pavoroso destino da hora ainda mais tremendo. Desejei imitar tal exemplo, mas os homens se habituaram a

– *andar todos juntos, se é que andam*[{72}],

e eu não poderia encontrar meios de liderar os habitantes das esparsas cidades e vilas, que se esqueciam das minhas palavras logo que não mais as ouviam e alternavam a orientação conforme o vento, que poderia surgir de uma aparente mudança de circunstância.

Adotei outro plano. Estes escritores que imaginaram um reino de paz e felicidade na terra geralmente descrevem-no como um país rural, onde cada pequeno distrito era dirigido pelos idosos e homens sábios. Este era o ponto de meu desígnio. Cada vila, embora restrita, normalmente tem um líder, um entre eles próprios que é venerado, cujo conselho eles buscam nas dificuldades e cuja boa opinião eles prezam muito. Imediatamente eu fui levado a essa conclusão pelas ocorrências que se apresentaram à minha experiência pessoal.

Na vila de Little Marlow, uma velha mulher liderava a comunidade. Ela vivera por alguns anos em um albergue e em certos domingos sua porta estava constantemente infestada por uma multidão, procurando pelos seus conselhos e ouvindo suas admoestações. Ela fora a esposa de um soldado e havia visto o mundo; a fraqueza, induzida pelas febres sofridas em insalubres quartéis, tinha-lhe afligido antes do seu tempo e ela pouco saía de sua pequena cabana. A peste adentrara pela vila; e, embora o temor e a tristeza privaram dos habitantes o pouco conhecimento que possuíam, a velha Martha deu um passo e disse –“Antes deste momento, estive em uma cidade também assolada pela peste”. – “E você

escapou?” – “Não, mas me recuperei”. – Depois disso, Martha estava sentada mais firmemente do que nunca em seu assento suntuoso, elevada pela reverência e pelo amor. Ela entrava nas choupanas dos doentes; aliviava as necessidades deles com as próprias mãos; não demonstrava nenhum medo e inspirava a todos que a viam com alguma porção de sua própria e nativa coragem. Ela ia aos mercados – insistia em receber alimentos para aqueles que eram muito pobres para comprá-los. Ela demonstrava-lhes quanto o bem-estar de cada incluía a prosperidade de todos. Ela não permitiria que os jardins fossem rejeitados, nem as próprias flores nos vãos das janelas pender por falta de cuidado. A esperança, ela disse, era melhor do que a prescrição médica e tudo o que pudesse manter e avivar os espíritos, de mais valia do que remédios e fórmulas.

Era a visão de Little Marlow e minhas conversas com Martha, que me conduziram ao plano que elaborei. Eu tinha, anteriormente, visitado as casas de fazendas e as sedes dos cavalheiros, e frequentemente descobria que os habitantes agiam pela mais pura benevolência, prontos a dar a mais extrema ajuda para o bem-estar de seus locatários. Mas isso não era suficiente. A íntima simpatia gerada por esperanças e medos similares, assim como objetivos e atividades, faltava aqui. Os pobres perceberam que os ricos possuíam outros meios de preservação além daqueles que poderiam ser compartilhados entre si mesmos, refúgio e, ao máximo permitido pelas circunstâncias, a liberdade de cuidados. Eles não poderiam receber sua confiança, mas recorriam com decuplicada dependência ao socorro e ao aconselhamento dos seus iguais. Decidi, portanto, ir de vila em vila, procurando o rústico arconte do lugar e, sistematizando seu empenho e esclarecendo suas visões, aumentar seu poder e seu uso entre seus companheiros camponeses. Muitas alterações também ocorriam nestas

espontâneas eleições reais: temperamentos e abdicações eram frequentes, enquanto, no lugar do velho e do prudente, a ardente juventude adiantar-se-ia, ansiosa por ação, indiferente ao perigo. Corriqueiramente, também, a voz a qual todos escutavam era silenciada de repente, a mão auxiliadora resfriada, o olho simpático fechado e os aldeões temiam ainda mais a morte que havia optado por uma vítima, tremendo no pó o coração que batera por eles, reduzindo à incomunicável aniquilação a mente para sempre ocupada com projetos para o bem-estar deles.

Aquele que trabalha para o homem em geral encontra ingratidão, banhada em vício e insensatez, nascida da semente que tal trabalho plantou. A morte, que em nossos dias de jovem caminhava pela terra como “um ladrão durante a noite”{73}, agora, erguendo-se de sua abóbada subterrânea, ladeada de poder, com sua bandeira negra tremulando, vinha como conquistadora. Muitos viam, sentada em seu trono vice-real, a suprema Providência, que dirigia suas setas e guiava seu progresso, e eles baixavam suas cabeças em resignação ou, ao menos, em obediência. Outros percebiam apenas um desastre passageiro; procuravam apenas trocar o terror pela negligência e imergiam em libertinagem, para evitar os agonizantes espasmos da mais terrível apreensão. Assim, enquanto os sábios, os bons e os prudentes ocupavam-se com os trabalhos da benevolência, o armistício do inverno produziu outros efeitos entre os jovens, os desajuizados e os viciados. Durante os meses mais frios, houve uma corrida para Londres em busca de diversão – os laços da opinião pública afrouxaram-se; muitos eram ricos e, agora, pobres – muitos tinham perdido pai e mãe, os guardiões da sua moral, seus mentores e seus limites. Teria sido inútil opor barreiras contra estes impulsos, que apenas teria levado aqueles influenciados por elas a

indulgências ainda mais perniciosas. Os teatros estavam abertos e lotados; a dança e os festivais da madrugada eram frequentados – em muitos destes violava-se o decoro e os males, até então aderidos a um estado avançado de civilização, redobravam-se. O estudante deixou seus livros, o artista, seu estudo: as ocupações da vida esvaíram-se, mas as diversões permaneceram; o regozijo poderia ser levado à beira do túmulo. Todo o colorido artificial desaparecera – a morte erguera-se como a noite e, protegida pelas tristes sombras, o rubor da modéstia, a reserva de orgulho e o decoro do melindre eram frequentemente postos de lado como cortinas inúteis. Isso não era universal. Entre melhores naturezas, a angústia e o pavor, o medo da separação eterna e a terrível estupefação produzida pela calamidade sem precedentes, apertavam os laços familiares e de amizade. Filósofos opunham seus princípios como barreiras contra a inundação da devassidão ou do desespero e como os únicos baluartes para proteger o território invadido da vida humana; os religiosos, esperando agora pela sua recompensa, agarravam-se rapidamente aos seus credos, como balsas ou pranchas sobre as quais o mar fustigado pela tempestade do sofrimento levá-los-ia em segurança ao porto do Continente Desconhecido. O amoroso coração, obrigado a contrair sua visão, investia seu excedente de afeição em tripla porção aos poucos que restavam. Ainda, entre estes, o presente, como uma posse inalienável, tornou-se todo o tempo para o qual eles ousavam confiar a preciosa carga de suas esperanças.

A experiência do tempo imemorial ensinou-nos, antigamente, a contar nossas diversões pelos anos e a estender nossas perspectivas de vida por entre um período iluminado de avanço e decadência; a longa estrada tecia um vasto labirinto e o Vale da Sombra da Morte, no qual terminava, estava escondido por objetos

intervenientes. Mas um terremoto havia alterado a paisagem – sob nossos próprios pés a terra cedeu – profundo e escarpado, o golfo abria-se para receber-nos abaixo, enquanto as horas conduziam-nos para o abismo. Mas estávamos no inverno então e meses deveriam transcorrer antes de sermos arremessados de nossa segurança. Tornamo-nos efêmeros, aos quais o intervalo entre o nascer e o pôr do sol era um longo ano delineado pelo tempo comum. Nunca deveríamos ver nossas crianças avançar à maturidade, nem contemplar seus meigos rostos tornar-se rudes, seus joviais corações subjugados pela paixão ou preocupação – mas os tínhamos agora – eles viviam e nós vivíamos – o que mais poderíamos desejar? Com tal pensamento, minha pobre Idris tentava silenciar multitudinários medos e, em alguma medida, conseguia. Não era como no verão, quando cada hora poderia trazer o temido destino – até o verão, sentíamos-nos seguros; e essa certeza, breve como deve ser, ainda por certo período satisfazia sua ternura maternal. Eu não sei como expressar ou comunicar o senso de emoção concentrado e intenso, embora imperceptível, que nos erguia ao paraíso naquele instante. Nossas alegrias eram mais queridas porque víamos seu fim; eram mais vivas porque sentíamos, em toda a sua extensão, seu valor; eram mais puras porque sua essência era a simpatia – como um meteoro é mais brilhante do que uma estrela, assim a felicidade deste inverno conteve em si as extraídas delícias de uma longa, longa vida.

Quão amorosa foi a primavera! Enquanto olhávamos do Terraço de Windsor para os dezesseis férteis condados que se estendiam, salpicados de felizes cabanas e cidades mais prósperas, tudo parecia como nos anos de outrora, alegre ao coração e justo. A terra era arada, as finas lâminas de trigo irrompiam do escuro solo, as árvores frutíferas estavam repletas de botões, o

fazendeiro estava fora, nos campos, a ordenhadora voltava para casa com seus baldes bem cheios, as espécies de andorinhas atingiam os ensolarados regatos com suas longas e pontiagudas asas, os cordeiros recém-nascidos repousavam na jovem grama, o suave crescer das folhas –

Ergue sua doce cabeça ao ar, e alimenta

Um espaço silencioso com seu constante verde germinar[74].

Os próprios homens pareciam se regenerar e sentir o frio do inverno ceder a um elástico e quente renovar da vida – a razão dizia-nos que a preocupação e a mágoa aumentariam com o novo ano – mas como acreditar na pressagiosa voz alentada com os pestilentos vapores da obscura caverna do medo, enquanto a natureza, sorrindo e espargindo a partir de suas verdes flores e frutas e borbulhantes águas, convidou-nos a se juntar ao animado baile da jovem vida que ela conduzia pela paisagem?

Onde estava a peste? “Aqui – em todos os lugares!”, uma voz de horror e de assombro exclamou, quando nos felizes dias de um ensolarado maio a Destruidora dos homens pairou outra vez sobre a terra, forçando o espírito a deixar sua orgânica crisálida e adentrar pela inédita vida. Com um poderoso golpe de sua potente arma, todo o cuidado, a preocupação e a prudência eram niveladas por baixo: a morte sentava-se às mesas dos grandes, estendia-se pelo catre do camponês, agarrava o covarde que fugia, dominava o bravo homem que resistia; o desalento invadia todo coração, a mágoa escurecia qualquer olho.

As visões de aflição agora se tornaram familiares para mim e, fosse eu dizer toda a angústia e a dor que testemunhei, dos desesperadores queixumes dos velhos

e dos sorrisos mais terríveis dos infantes no peito do horror, meu leitor, seus membros tremendo e seu cabelo rareando, perguntar-se-ia como eu, dominado pela súbita loucura, não me lancei de algum precipício e, assim, fechando meus olhos ao triste fim do mundo. Mas os poderes do amor, da poesia e da imaginação criativa residirão mesmo ao lado do enfermiço da peste, com os esquálidos e os moribundos. Um sentimento de devoção, de dever, de um propósito alto e rígido, elevava-me; uma estranha alegria preenchia meu coração. Em meio a mais triste desgraça, eu parecia caminhar no ar, enquanto o espírito do bem derramava ao meu redor uma ambrosíaca atmosfera, que tornava inofensivo o aguilhão da simpatia e purificava o ar de suspiros. Se minha extenuada alma esvaía-se em sua carreira, eu pensava sobre meu amado lar, do caixão que continha meus tesouros, do beijo amoroso e do carinho filial, enquanto meus olhos umedeciam-se com o mais puro orvalho e meu coração definitivamente era suavizado e refrescado por vibrante ternura.

A afeição maternal não fizera de Idris egoísta; no início de nossa calamidade ela tinha, com imprudente entusiasmo, se devotado a cuidar dos doentes e dos necessitados. Eu impedi-a; e ela submeteu-se à minha ordem. Eu disse-lhe como o medo de seu perigo paralisava meus esforços, como o conhecimento de sua segurança permitia à minha coragem resistir. Demonstrei a ela os perigos que incorriam aos seus filhos enquanto ela ausentava-se; e ela, por fim, concordou em não ultrapassar a clausura da floresta. Com efeito, dentro dos muros do Castelo tínhamos uma colônia de infelizes, abandonados pelos seus pais e eles mesmos desamparados o suficiente para ocupar seu tempo e sua atenção, enquanto a incessante ansiedade pelo meu bem-estar e pela saúde dos seus filhos, embora ela lutasse para refreá-la ou ocultá-la, absorvia todos os

seus pensamentos e minava seu princípio vital. Após vigiar e prover pela segurança deles, seu segundo cuidado era o de esconder de mim sua angústia e suas lágrimas. Todas as noites eu retornava ao Castelo e lá encontrava repouso e amor esperando por mim. Frequentemente eu aguardava ao lado da cama da morte até a meia-noite e, por entre a obscuridade das chuvosas e nubladas noites, percorria muitas milhas, sustentado por uma circunstância apenas, a segurança e o protegido repouso daqueles que eu amava. Se alguma cena de tremenda agonia abalasse meu corpo e enfebrecesse meu rosto, eu deitaria minha cabeça no colo de Idris e os batimentos tumultuosos resumiam-se a um fluxo temperado – seu sorriso poderia me resgatar da desesperança, seu abraço banhar meu magoado coração em calma paz. O verão avançava e, coroado com os potentes raios de sol, a peste dispararia suas certeiras lanças sobre a terra. As nações sob sua influência curvavam suas cabeças e morriam. O milho que germinava em abundância, caía no outono a apodrecer pelo chão, enquanto a melancólica ruína que saíra para arrebanhar pão para suas crianças, deitava-se inflexível e influenciada pela peste em seus sulcos. As verdes árvores balançavam seus galhos majestosamente, enquanto os moribundos espalhavam-se debaixo de sua sombra, respondendo à solene melodia com gritos desarmônicos. Os coloridos pássaros voavam pelas escuridões; o cervo descuidado repousava imune sobre o feno – os bois e os cavalos vagavam fora de seus estábulos desprotegidos e avançavam sobre o trigo, pois a morte atingia apenas os homens.

Com o verão e a mortalidade, nossos medos aumentaram. Meu pobre amor e eu entreolhávamos-nos, assim como aos nossos filhos. – “Vamos salvá-los, Idris”, eu disse, “Eu salvá-los-ei. Com o passar dos anos contar-lhes-emos nossos medos, então esmaecidos junto com o

seu tempo. Embora apenas eles deverão ficar sobre a terra, ainda deverão viver, e não seus rostos empalidecerem ou suas doces vozes languescer.” Nosso filho mais velho, até certo ponto, compreendia o que se passava ao redor e, por vezes, com olhar sério indagava-me sobre o motivo de tão vasta desolação. Mas ele tinha apenas dez anos de idade; e a alegria da juventude logo afugentava a preocupação irracional de seu rosto. Evelyn, um sorridente querubim, uma criança travessa, sem ideia de dor ou tristeza, iria, tirando seus leves cachos da frente dos seus olhos, ecoar pelos corredores sua felicidade e de mil modos naturais atrair nossa atenção para as suas brincadeiras. Clara, nossa afetuosa e gentil Clara, era nossa força, nosso conforto, nosso prazer. Ela tornara seu dever ajudar os doentes, confortar os deprimidos, auxiliar os idosos, compartilhar dos esportes e despertar a animação dos jovens. Ela voava por entre as salas, como um bom espírito, despachado do reino celestial, para iluminar nosso escuro tempo com um esplendor incomum. A gratidão e o louvor marcavam onde seus passos haviam estado. Entretanto, quando ela permanecia em modesta simplicidade perante nós, brincando com nossos filhos ou com a assiduidade própria de menina desempenhando pequenos afazeres para Idris, alguém perguntar-se-ia em qual bela característica de seu puro encanto, em qual suave tom de sua palpitante voz, residia tanto heroísmo, sagacidade e ativa bondade.

O verão passou entediante, pois confiávamos que o inverno ao menos interromperia a doença. Que ela se esvaísse por si só seria uma esperança muito querida – muito sincera para ser expressa. Quanto tal pensamento era tão negligentemente pronunciado, os ouvintes, com um jorro de lágrimas e apaixonados soluços, podiam testemunhar quão profundos eram seus medos, quão ínfimas, suas esperanças. De minha própria parte, meus

esforços pelo bem público permitiam-me observar mais de perto que a maioria dos demais a virulência e as extensas pilhagens de nosso inimigo invisível. Um curto mês havia destruído uma vila e onde em maio uma pessoa adoecera, em junho os caminhos deformavam-se com os cadáveres não enterrados – as casas desocupadas, as chaminés sem emitir nenhuma fumaça; e o relógio da dona de casa marcava apenas a hora em que a morte triunfara. De tais cenas eu, às vezes, salvava uma criança abandonada – às vezes conduzia uma jovem e desesperada mãe da imagem inanimada de seu primogênito ou arrastava o vigoroso trabalhador do infantil choro sobre sua família extinta.

Julho se fora. Agosto deveria passar e, em meados de setembro, poderíamos ter esperanças. Cada dia era contado com ansiedade; e os habitantes das cidades, desejosos de pular este perigoso intervalo, mergulhavam na dissipação e lutavam, com tumulto, e o que eles queriam imaginar ser prazer, para banir o pensamento e o desespero aliviador. Ninguém além de Adrian poderia ter domado a heterogênea população de Londres que, como uma tropa desenfreada de corcéis rumando para seus pastos, havia se livrado dos medos insignificantes por meio da operação do medo supremo. Mesmo Adrian era obrigado, em parte, a ceder, para que fosse capaz de, se não guiar, ao menos estabelecer limites para a licença dos tempos. Os teatros mantinham-se abertos; cada espaço público era frequentado; embora ele tentara modificá-los, para poder melhor silenciar a agitação dos espectadores e, ao mesmo tempo, evitar uma reação de miséria quando a excitação findasse. As tragédias profundas e lúgubres eram as mais vistas. A comédia trazia consigo um grande contraste com o desespero interior: quando estas eram encenadas, não era raro que o comediante, em meio ao riso causado pela sua hilaridade desproporcional, encontrasse uma

palavra ou um pensamento de sua parte que embutia seu próprio senso de ruína e passasse repentinamente da mímica felicidade para soluços e lágrimas, enquanto os espectadores, agarrados pela irresistível simpatia, choravam e a pantomímica festança era trocada pela real exibição de trágica paixão.

Não era de minha natureza obter consolo com tais cenas; dos teatros, cujos risos bufos e contraditória jovialidade despertavam uma simpatia destemperada ou onde as fictícias lágrimas e lamentos zombavam a tristeza íntima sentida no coração; com os festivais ou reuniões lotadas, onde a hilaridade brotava dos piores sentimentos de nossa natureza ou tal escravidão dos melhores, como se impressa com ostensivo e falso verniz; com os encontros das carpideiras à guisa de farristas. Uma vez, porém, testemunhei uma cena de singular interesse em um destes teatros, onde a natureza dotara a arte de extremo poder, como uma avassaladora catarata dilacerando a débil manufatura de uma cascata de zombarias, que havia sido alimentada por uma pequena porção de suas águas.

Eu havia vindo para Londres para ver Adrian. Ele não estava no palácio; e, embora os atendentes não soubessem para onde ele havia ido, não esperavam que regressasse até tarde da noite. Era entre seis e sete horas, uma aprazível tarde de verão e passei minhas horas livres vagueando pelas vazias ruas de Londres; agora me virando para evitar um funeral que se aproximava, agora levado pela curiosidade a observar o estado de um determinado lugar; meus passos errantes eram levados pela dor, pois o silêncio e o abandono caracterizavam todos os lugares que eu visitava e os poucos seres que eu encontrava eram tão pálidos e acabrunhados, tão marcados pela preocupação e deprimidos pelo medo, que cansado de encontrar apenas

sinais de miséria, comecei a retornar meus passos para casa.

Estava agora em Holborn e passara por um edifício público lotado de ruidosos companheiros, cujas canções, risos e gritos eram mais entristecidos do que os pálidos olhares e o silêncio da carpideira. Havia uma que estava próxima, pairando ao redor da casa. A lamentável condição de seu vestido denunciava sua pobreza, ela estava terrivelmente lívida e continuava a se aproximar, primeiro pela janela e depois pela porta da casa, como se temendo, ainda que desejando, entrar. Uma súbita explosão de música e de felicidade pareceu aguilhoar-lhe o coração; ela murmurou, “Pode ele ter tido coragem?”, e então, reunindo suas forças, ela pisou a entrada. A senhoria barrou-lhe a passagem; a pobre criatura perguntou, “Meu marido está aí? Posso ver George?”

“Vê-lo”, exclamou a mulher, “sim, só se você for até ele; ontem à noite, ele foi contagiado com a peste e o levamos ao hospital.”

A desafortunada inquiridora apoiou-se contra uma parede, um tênue grito se lhe escapou – “Oh, você foi tão cruel assim”, ela exclamou, “de enviá-lo para lá?”

Neste meio tempo, a senhoria afastou-se; mas uma garçonete de mais compaixão deu-lhe um relato detalhado, cujo resumo era que o marido dela caíra doente, após uma noite de tumulto e havia sido enviado pelos seus companheiros de esbórnia com toda a pressa para o hospital de Saint Bartholomew. Eu observara essa cena, pois havia uma gentileza na pobre mulher que me atraía; ela agora se afastava cambaleando, caminhando o melhor que podia por Holborn Hill; mas suas forças logo falharam; ela apoiou-se contra um muro e sua cabeça afundou-se em seu peito, enquanto seu pálido rosto tornava-se ainda mais branco. Cheguei até ela e ofereci-lhe ajuda. Ela mal olhou para mim – “Você não

pode me ser de valia", ela replicou; "preciso ir ao hospital, se eu não morrer antes de chegar lá."

Havia ainda algumas poucas carruagens de aluguel que permaneciam pelas ruas, mais verdadeiramente por hábito do que por finalidade. Eu coloquei-a em uma destas e entrei com ela para assegurar seu trânsito pelo hospital. Nosso caminho era curto e pouco ela disse; apenas intermitentes irrupções de reprovação de que ele tinha-a deixado, exclamações sobre a impiedade de alguns de seus amigos e a esperança de que ela encontrá-lo-ia vivo. Havia uma honestidade simples e natural nela que fazia me interessar sobre o seu destino, especialmente quando ela assegurou-me que o seu marido era o melhor dos homens, – havia sido, até que a falta de negócios durante estes infelizes tempos empurrara-lhe para as péssimas companhias. "Ele não suportava voltar para casa", ela disse, "apenas para ver nossos filhos morrer. Um homem não pode ter a paciência que uma mãe tem, com a sua própria carne e seu próprio sangue."

Descemos em Saint Bartholomew e entramos pelos arredores devastados da casa da doença. A pobre criatura agarrou-se próximo a mim, enquanto via com que insensível apuro eles carregavam os mortos das enfermarias e punham-nos em uma sala, cuja porta entreaberta deixava à mostra uma quantidade de cadáveres, horríveis para ser observados por alguém desacostumado com tais cenas. Dirigimo-nos para a ala onde seu marido havia sido levado primeiro e onde estaria se, disse a enfermeira, ainda vivesse. Minha companheira olhava com ansiedade um leito após o outro, até que no fim da ala, ela divisou, em um leito miserável, uma criatura esquálida e fatigada, retorcendo-se sob a tortura da doença. Ela correu em sua direção, abraçou-o, abençoando Deus por tê-lo preservado.

O entusiasmo que a inspirou com esta estranha alegria cegou-a para os horrores à sua volta; mas eram intoleravelmente agonizantes para mim. A enfermagem estava locupleta de emanações que faziam meu coração levantar-se com dolorosas náuseas. Os mortos eram levados e os doentes, trazidos, com igual indiferença; alguns gritavam de dor, outros riam, influenciados por um delírio ainda pior; alguns tinham lamentosos e desesperados parentes ao redor, outros gritavam alto com emocionada ternura ou reprovação para seus amigos que os haviam abandonado, enquanto as enfermeiras iam de leito em leito, encarnando imagens de desespero, rejeição e morte. Desejei boa sorte à minha desafortunada companheira; recomendei-a aos cuidados das atendentes; então me apressei para fora; enquanto a tormenta, a imaginação, ocupavam-se em desenhar meus próprios amados estendidos em tais leitos, assim atendidos. O país não proporcionava tamanha massa de horrores; solitárias ruínas soçobravam nos campos abertos; e eu encontrei um sobrevivente em uma vila vazia, lutando uma vez contra a fome e a doença; mas a reunião de pestilência, a sala de banquetes da morte, estava dispersa apenas em Londres.

Vagueei, oprimido, distraído por dolorosas emoções – de súbito, encontrei-me diante do Teatro Drury Lane. A peça era Macbeth – o primeiro ator idoso estava lá para exercitar seus poderes de drogar com a irreflexão a audiência; tal remédio eu desejava tanto, que entrei. O teatro tinha lotação tolerável. Shakespeare, cuja popularidade estabelecera-se pela aprovação de quatro séculos, não perdera sua influência nem mesmo nesse terrível período; era ainda “O Mago”, o feiticeiro que dominava nossos corações e governava nossas imaginações. Entrei durante o intervalo do terceiro para o quarto ato. Olhei para a plateia; as mulheres eram, na

maioria, das classes mais baixas, mas os homens eram de todos os extratos sociais, ali se reunindo para esquecer por um momento as longas cenas de ruínas que os esperavam em seus miseráveis lares. A cortina subiu e o palco apresentou a cena da caverna das bruxas. A selvageria e a maquinação sobrenatural de Macbeth eram a garantia de que a peça continha pouco diretamente relacionado às nossas circunstâncias presentes. Grandes esforços haviam sido aplicados ao cenário para que se assemelhasse com a realidade do impossível. A extrema escuridão do palco, cuja única luz era recebida do fogo detrás do caldeirão, junto com um tipo de névoa que flutuava sobre ele, fazia com que os formatos etéreos das bruxas ficassem obscuras e enevoadas. Não eram três velhas decrépitas que se inclinavam sobre seu caldeirão para jogar arruinados ingredientes de mágico apelo, mas sim formas assustadoras, irreais e imaginosas. A entrada do Hécate e a louca música que se seguia, levavam-nos para além deste mundo. O aspecto da caverna que o palco assumia, as projetadas rochas, o fulgor do fogo, as enevoadas sombras que cruzavam as cenas de tempos em tempos, a música, em harmonia com todas as fantasias de bruxa, permitiam à imaginação farrear sem medo de contradição ou de reprovação pelo coração. A entrada de Macbeth não destruía a ilusão, pois ele atuava sob os mesmos sentimentos que nos inspiravam e, enquanto a mágica seguia, simpatizávamos com seu maravilhamento e sua ousadia, e rendíamos-nos com todas as almas à influência da ilusão cênica. Senti o resultado benéfico de tal excitação, em uma renovação daquelas prazerosas fugas da imaginação para as quais eu era, há muito, um estranho. O efeito dessa cena de encantamento transferiu uma porção de seu prazer ao que se sucedeu. Esquecemos que Malcolm e Macduff eram meros seres humanos, que agiam pelas mesmas paixões que

aqueciam seus peitos. Aos poucos, porém, fomos levados para o interesse real da cena. Um arrepio como a rápida passagem de um choque elétrico percorreu a casa, quando Rosse exclamou, em resposta a “A Escócia se encontra onde estava?”

Ai, pobre pátria;

Mal se conhece a si mesma! Não se pode

Chamar de nossa mãe, mas nosso túmulo; onde só

Sorri aquele que nada sabe,

Onde os lamentos, os gemidos e os gritos que atroam os ares

Passam despercebidos; onde as dores mais violentas

São consideradas sofrimentos banais; o dobre de finados

Soa sem que se pergunte por quem; e as vidas dos homens de bem

Expiram antes que as flores de seus gorros murchem,

E sem que tivessem adoecido.[{75}]

Cada palavra atingia o sentido, como o sino passageiro de nossa vida; temíamos olhar para o outro e deitávamos nossos olhares no palco, como se nossos olhos pudessem cair inócuos sobre apenas aquilo. A pessoa que interpretava Rosse, subitamente compreendeu o perigoso chão que pisava. Era um ator inferior, mas a verdade agora o fizera excelente; enquanto prosseguia

para anunciar a Macduff o extermínio de sua família, ele tinha medo de falar, tremendo com a apreensão pela explosão de tristeza da plateia e não de seu companheiro de peça. Cada palavra era proferida com dificuldade; a angústia verdadeira coloriu seus traços; seus olhos agora se erguiam em súbito horror, agora se fixavam no chão apavorados; Tal evidência de terror aumentava o nosso, ofegávamos com ele, cada pescoço esticado, cada face alterada com as mudanças do ator – por fim, enquanto Macduff que, seguindo com sua fala, não atentara para a altamente trabalhada simpatia da casa, exclamou com bem interpretada paixão:

Todas as belas crianças?

Dissestes todos? – Oh milhafre do inferno! Todos?

Como! Todos os meus lindos pequenos e a mãe deles,

Arrebatados de um só golpe![{76}]

Uma pontada de indomável tristeza sacudiu todos os corações, um rompante de desespero ecoou em cada lábio. – Eu entrara no espírito universal – havia sido absorvido pelos terrores de Rosse – repeti o eco da exclamação de Macduff e, então, disparei para fora como de um inferno de tortura, para encontrar calma no ar livre e na rua silenciosa.

Livre o ar não estava, nem a rua silenciosa. Oh, como eu ansiei pelos caros alívios da maternal Natureza, enquanto meu coração ferido ainda mais pungido pelo estrondo da insensível felicidade do teatro, pela visão da cambaleante e ébria casa, tendo perdido a memória do que ele poderia encontrar lá em desprezível devassidão e pelas mais atraentes saudações daqueles melancólicos seres a quem o nome do lar era zombaria. Corri com o máximo de minha velocidade até me encontrar, sem

saber como, perto da Abadia de Westminster e fui atraído pelo profundo e crescente tom do órgão. Entrei com aliviado pavor pelo presbitério iluminado e ouvi o solene canto religioso, que falava de paz e de esperança aos infelizes. As notas, carregadas com as aspirações mais queridas ao homem, ressoavam pelas escuras câmaras e o sangrar das feridas das almas era estancado pelo bálsamo divinal. Apesar da miséria que eu deprecava e não poderia compreender; apesar dos gélidos corações de toda Londres e dos campos repletos de cadáveres de minha terra nativa; apesar de toda a variedade de agonizantes emoções que eu vivera naquela tarde, pensei que, em resposta às nossas melodiosas súplicas, o Criador olhava para baixo com compaixão e promessa de alívio; o terrível troar da música alada pelo céu parecia a voz exata com a qual comungávamos com o Supremo; a calma era produzida por seu som e pela visão de muitas outras criaturas humanas oferecendo preces e submissão comigo. De um sentimento próximo da felicidade seguiu-se à total resignação de um ser à guarda do dominador do mundo. Ah! Com a falta desta solene melodia, o espírito novamente afundava-se na terra. De repente, um dos coristas morreu – ele foi erguido de seu lugar, as catacumbas abaixo foram rapidamente abertas – ele foi enviado, com poucas preces sussurradas, para a escura caverna, residência de milhares que já tinham ido antes – agora um amplo bocejo para receber até aqueles que cumpriram com os ritos funerários. Em vão eu teria então me virado desta cena, para o obscuro corredor ou para o grandioso domo, ecoando com o harmonioso louvor. No ar aberto apenas, eu encontrei alívio; entre as belas obras da natureza, seu Deus reassumia seu caráter de benevolência e, novamente, eu poderia confiar que aquele que construíra as montanhas, plantara as florestas e enchera os rios, poderia erigir outro estado

para a humanidade perdida, onde nós poderíamos despertar outra vez para nossas afeições, nossa felicidade e nossa fé.

Afortunadamente, para mim, tais circunstâncias eram de rara ocorrência, para me obrigar a visitar Londres e minhas tarefas eram confinadas ao distrito rural que nosso imponente castelo supervisionava; e nosso trabalho substituía a diversão, para ocupar tanto dos campesinos quanto eram suficientemente livres da mágoa ou da doença. Meus esforços eram dirigidos para lhes urgir para sua atenção costumeira com as lavouras e para que agissem como se a pestilência não existisse. A segadeira do ceifeiro era, às vezes, ouvida; ainda os infelizes preparadores de feno, após desatentamente revolver a grama, esqueciam de carregá-la; o pastor, quando já havia tosqueado sua ovelha, deixaria a lã para ser espalhada pelo vento, decidindo ser inútil prover roupas para o próximo inverno. Por vezes, entretanto, o espírito da vida era despertado por tais ocupações; o sol, a brisa refrescante, o doce cheiro do feno, o roçar das folhas e o borbulhar dos ribeirões traziam repouso para o peito agitado e investiam de um sentimento semelhante à felicidade aos apreensivos. Nem, estranho dizer, era o tempo sem seus prazeres. Os jovens casais, que haviam amado ansiosamente e sem esperança, de súbito encontraram todos os impedimentos removidos e a riqueza despejada pelas mortes de seus pais. O próprio perigo atraía-os mais perto. O risco imediato instava-os a agarrar a oportunidade imediata; louca e apaixonadamente, buscavam conhecer quais delícias a existência proporcionava, antes que cedessem à morte e,

Furtando seus prazeres com bruta luta,

Por entre os portões de ferro da vida[{77}],

desafiavam a peste conquistadora para destruir o que haviam sido ou apagar até dos seus pensamentos do leito de morte o sentimento de felicidade que outrora foram deles.

Um exemplo desse tipo veio imediatamente à nossa atenção, quando uma garota da alta classe tinha, em tenra juventude, dado seu coração para alguém de posição inferior. Ele era um companheiro de escola e amigo de seu irmão, e geralmente passava parte das férias na mansão do duque, seu pai. Haviam brincado juntos quando crianças, sido os confidentes dos pequenos segredos de cada um deles, ajudaram-se e consolaram-se mutuamente na dificuldade e na tristeza. O amor intrometera-se sem barulho, no princípio sem terror, até que cada um sentiu sua vida ligar-se estreitamente ao outro e, ao mesmo tempo, sabendo que deveriam se distanciar. Sua extrema juventude e a pureza de seu relacionamento, os fizeram ceder com menor resistência à opressão das circunstâncias. O pai da bela Juliet separou-os; mas não até o jovem amante prometer permanecer ausente apenas até quando ele tornasse-se merecedor dela e ela fizera o voto de manter seu coração virgem o tesouro dele, até que ele retornasse para exigir e possuí-lo.

A peste veio, ameaçando destruir de uma vez o objetivo do ambicioso e as esperanças do amor. Há muito o Duke de L. escarnecia a ideia de que poderia estar em perigo enquanto perseguia seus planos de cuidadosa reclusão; e tanto ele conseguira que não foi até o segundo verão que a destruidora, com um golpe, derrotou suas precauções, sua segurança e sua vida. A pobre Juliet viu, um por um, pai, mãe, irmãos e irmãs, adoecer e morrer. A maioria dos servos fugiu na primeira aparição da doença, aqueles que ficaram foram mortalmente infectados; nenhum vizinho ou camponês aventurou-se na iminência do contágio. Por uma estranha fatalidade,

apenas Juliet escapara e ela até o fim serviu aos seus pais e suavizou o travesseiro da morte. O momento, finalmente, chegou, quando o último golpe foi dado ao último da casa: a mais jovem sobrevivente de sua raça sentou-se só, entre os mortos. Não havia nenhum ser vivente para consolá-la ou para tirá-la de sua medonha companhia. Com o calor declinante de uma noite de setembro, um redemoinho de tempestade, trovão e granizo agitaram-se ao redor da casa e com terrível harmonia entoou a nota fúnebre de sua família. Ela caiu ao chão em um desespero sem palavras, quando entre o tempestuoso vento e a ruidosa chuva, ela pensou ter ouvido chamarem seu nome. De quem poderia ser aquela voz familiar? Ninguém de sua família, pois já estavam deitados fitando-a com seus olhos rígidos. Outra vez seu nome foi pronunciado e ela arrepiou-se enquanto se perguntava, estou enlouquecendo ou estou morrendo, pois ouço as vozes dos que já se foram? Um segundo pensamento passou, rápido como um flecha, pelo seu cérebro; ela correu para a janela e a luz de um raio mostrou-lhe a esperada visão, seu enamorado abaixo de uma moita; a alegria emprestou-lhe forças para descer as escadas e abrir a porta, então ela desmaiou em seus braços.

Por mil vezes ela reprovou-se, como se fosse um crime, de que ela devesse reviver a felicidade com ele. A tendência natural da mente humana para a vida e para a alegria estava em sua energia completa em seu jovem coração; ela cedeu impetuosamente ao encanto: estavam casados; e nos seus radiantes rostos, eu vi encarnado, pela última vez, o espírito do amor, da arrebatada simpatia, que uma vez fora a vida do mundo.

Eu invejava-os, mas sentia quão impossível era se embeber do mesmo sentimento, agora que os anos haviam multiplicado meus laços no mundo. Acima de tudo, a ansiosa mãe, minha amada e abatida Idris,

reclamava meu mais honesto cuidado; eu não podia reprovar a ansiedade que, nunca nem por um momento, dormia em seu coração, mas esforçava-me para distrair sua atenção de uma aguda observação da verdade das coisas, das cada vez mais próximas aparições da doença, da miséria e da morte, do olhar ensandecido dos nossos empregados à medida que a notícia de uma morte e, então, outra atingia-nos; pois, ao fim, algo novo ocorria que parecia transcender em horror tudo o que se passara antes. Seres miseráveis arrastavam-se para morrer sob nosso acolhedor teto; os habitantes do Castelo diminuíam diariamente, enquanto os sobreviventes amontoavam-se em medo e, como em um bote atingido pela fome, a distração das insanas e intermináveis ondas, cada um entreolhava-se para adivinhar sobre quem seria o próximo a se despejar a morte. Isso tudo eu tentava cobrir, para que menos impressionasse minha Idris; contudo, como eu dissera, minha coragem sobrevivia mesmo desesperada: eu poderia ser derrotado, mas nunca me renderia.

Um dia, era o nono de setembro, parecia ser devotado a cada desastre, a cada angustiante incidente. Logo cedo, soube da chegada de uma idosa avó de um de nossos empregados no Castelo. Essa mulher chegara aos cem anos; sua pele era enrugada, sua forma era curvada e perdida em extrema decrepitude; mas, enquanto ano após ano ela ainda permanecia viva, ultrapassando muitos mais jovens e mais fortes, ela começou a sentir como se fosse existir para sempre. A peste veio e os habitantes de sua vila morreram. Agarrando-se, com o covarde sentimento dos idosos, ao que restava de sua vida, ela havia, ao saber que a peste chegara aos seus arredores, barrado sua porta e trancado sua janela, recusando-se a comunicar com qualquer um. Ela saía pelas noites para conseguir alimento e voltava para casa feliz por não ter encontrado ninguém, porque estava

imune à peste. Enquanto a terra tornava-se mais desolada, sua dificuldade em se sustentar aumentava; no começo, seu filho, que morava perto, condescendera-se dela ao colocar artigos comestíveis em seu caminho: ao fim, ele morreu. Mas, mesmo ameaçada pela fome, o seu medo da peste era maior; e sua maior preocupação era a de evitar seus semelhantes. Ela enfraquecia a cada dia e a cada dia ia ainda mais longe. Na noite anterior, ela chegara a Datchet; e, perambulando, encontrara uma padaria aberta e abandonada. Carregada de pertences, ela apressou-se para retornar, mas se perdeu. A noite não tinha vento e estava quente e nublada; sua carga tornava-se mais pesada para ela e, um a um, ela desfez-se de seus pães, ainda tentando chegar, embora mancando, e sua fraqueza por fim incapacitou-a de caminhar.

Ela caiu por entre as altas plantações de milho e dormiu. No meio da madrugada, ela foi despertada por um farfalhar perto; ela assustou-se, mas suas juntas rígidas recusaram-se a obedecer sua vontade. Um gemido baixo seguiu-se, próximo ao seu ouvido e o farfalhar aumentou; ela ouviu uma sufocada voz expelir, Água, Água!, muitas vezes; e então, novamente um suspiro ergueu-se do coração daquele que sofria. A velha mulher estremeceu e conseguiu finalmente se sentar; mas seus dentes batiam e seus joelhos chocavam-se entre si – perto, muito perto, havia uma figura em parte desnuda, apenas discernível na escuridão e o grito por água e o sufocante gemido eram novamente emitidos. Seus movimentos, ao cabo, atraíram a atenção de seu desconhecido companheiro; sua mão foi agarrada com uma violência convulsiva que fez o aperto como de ferro, os dedos como os dentes afiados de um alçapão. – “Por fim, você veio!”, foram as palavras ditas – mas tal esforço foi o último do agonizante – as juntas relaxaram, a figura caiu prostrada, um gemido baixo, o último,

marcou o momento da morte. A manhã irrompeu; e a velha mulher viu o cadáver, demarcado com a doença fatal, perto dela; seu pulso estava lívido com o aperto agora afrouxado pela morte. Ela sentiu-se atingida pela peste; sua estrutura envelhecida era incapaz de movê-la com velocidade suficiente; e agora, acreditando-se infectada, ela não mais temia a presença de outros; mas, tão rápido quanto podia, visitava seu neto, no Castelo de Windsor, para lamentar e morrer. A visão era horrível; porém ela agarrava-se à vida e lamentava seu infortúnio com gritos e medonhos suspiros; enquanto a veloz disseminação da doença evidenciava, o que provou ser verdade, que ela não poderia sobreviver por muitas horas.

Enquanto eu tomava providências para que o cuidado necessário fosse prestado à ela, Clara chegou; ela estava trêmula e pálida; e, quando eu ansiosamente perguntei pela causa de sua agitação, jogou-se em meus braços chorando e exclamando – “Tio, meu querido tio, não me odeie para sempre! Devo lhe contar, porque deve saber, que Evelyn, pobrezinho Evelyn” – sua voz estava sufocada com soluços. O medo de uma calamidade tão poderosa quanto a perda de nosso adorado infante fez minha corrente sanguínea pausar em frio horror; mas a lembrança da mãe restaurou a presença de mente. Procurei pela pequena cama do meu querido; ele estava oprimido pela febre; mas confiei, eu apaixonada e receosamente confiei, que aquilo não fossem os sintomas da peste. Ele não tinha nem três anos de idade e sua doença pareceu apenas um dos ataques que acometem a infância. Observei-o por muito tempo – suas pálpebras pesadas e meio caídas, seu rosto ardente e o incansável juntar de seus dedos pequeninos – a febre era violenta, o torpor completo – o suficiente, sem o medo maior da pestilência, para despertar alarme. Idris não deveria vê-lo naquele estado. Clara, embora com doze anos de

idade, tornara-se, por meio de extrema sensibilidade, tão prudente e cuidadosa, que me senti seguro em confiar a carga dele à ela e era minha tarefa evitar que Idris notasse sua ausência. Administrei os remédios que cabiam e deixei minha doce sobrinha a observá-lo e avisar-me de qualquer mudança que ela percebesse.

Então busquei Idris, inventando, durante o caminho, desculpas plausíveis para permanecer todo o dia no Castelo e tentando dispersar os traços de preocupação de meu semblante. Felizmente, ela não estava sozinha. Encontrei Merrival, o astrônomo, com ela. Sua visão da humanidade estava muito adiante para prestar atenção nas baixas do dia e vivia em meio ao contágio sem saber de sua existência. Esse pobre homem, conhecido como La Place{78}, ingênuo e imprevisível como uma criança, frequentemente havia estado a ponto da inanição, ele, sua pálida esposa e muitos filhos, embora ele não se sentisse faminto nem aflito. Suas teorias astronômicas absorviam-lhe; cálculos eram rabiscados com carvão nas nuas paredes de seu sótão: uma moeda duramente conquistada ou uma vestimenta, era trocada por um livro sem remorso; ele não ouvia suas crianças chorarem, nem observava a forma de sua companheira definhar, e o excesso de calamidade era, para ele, meramente, como a ocorrência de uma noite nublada, quando ele daria sua mão direita para observar um fenômeno celeste. Sua esposa era um daqueles seres maravilhosos, a ser encontrados apenas entre as mulheres, cujas afeições não diminuíam com os infortúnios. Sua mente dividia-se entre a infinita admiração pelo seu marido e a terna ansiedade pelas suas crianças – ela servia e trabalhava por eles, sem nunca reclamar, embora o cuidado produzisse o melancólico e longamente desenhado sonho de sua vida.

Ele apresentara-se a Adrian, com um pedido para observar alguns movimentos planetários em seu

telescópio. Sua pobreza foi facilmente detectada e aliviada. Ele frequentemente agradecia-nos pelos livros que lhe emprestávamos e pelo uso dos instrumentos, mas nunca falava de sua alterada residência ou da mudança das circunstâncias. Sua esposa assegurava-nos que ele não observara nenhuma diferença, exceto a ausência dos filhos enquanto estudava e, para sua infinita surpresa, ele reclamara do desacostumado silêncio.

Ele vinha agora para anunciar o término de seu Ensaio sobre os Movimentos Pericíclicos do Eixo da Terra e a precessão dos pontos equinociais. Se um velho romano, do tempo da República, tivesse ressuscitado e falado da iminente eleição de algum cônsul laureado ou da última batalha dos Mitridatos, suas ideias teriam sido mais estranhas ao seu tempo do que a conversa de Merrival. O homem, já não mais com apetite pela simpatia, revestia seus pensamentos em visíveis sinais; nem havia leitores; enquanto cada um, despojando-se de sua espada e o escudo apenas, esperava pela peste, Merrival falava do estado da humanidade seis mil anos adiante. Ele poderia, com igual interesse para nós, ter acrescentado um comentário descrevendo os desconhecidos e inimagináveis alinhamentos das criaturas que então ocupariam a vaga residência da humanidade. Não tínhamos ânimo para desenganar o pobre e velho homem; e, no momento em que entrei, ele estava lendo trechos do seu livro para Idris, perguntando quais respostas poderiam ser dadas para esta ou aquela posição.

Idris não poderia reprimir um sorriso enquanto ouvia; ela já havia deduzido que a família dele estaria viva e saudável; embora não apta a esquecer o precipício do tempo sobre o qual ela estava, porém eu pude perceber que ela estava entretida, por um momento, pelo contraste entre a visão limitada que tínhamos por tanto

da vida humana e os sete longos passos com os quais Merrival regulou a eternidade vindoura. Eu fiquei contente por vê-la sorrir, porque me assegurei da total ignorância do perigo que corria seu caçula: mas tremi ao pensar na revulsão que seria ocasionada com a descoberta da verdade. Enquanto Merrival falava, Clara suavemente abriu a porta atrás de Idris e acenou para mim com um gesto e um olhar de tristeza. Um espelho revelou o sinal à Idris – ela assustou-se. Suspeitar o mal, perceber que, Alfred entre nós, o perigo deveria estar com seu querido mais novo, voar até pelas distantes câmaras até o quarto dele foi coisa de momento. Lá ela observou seu Evelyn deitado, abatido pela febre e imóvel. Eu segui-a e lutei para inspirar mais esperança do que eu mesmo podia acalentar; mas ela balançou sua cabeça, lamentosamente. A angústia privara-lhe da presença de espírito; ela cedeu a mim e a Clara os papéis de médico e de enfermeira; sentou ao lado da cama, segurando uma pequena e ardente mão e, com olhos fixos em sua criança, passou o longo dia em uma agonia monocórdia. Não era a peste que visitava nosso pequeno filho tão rudemente; mas ela não podia ouvir as minhas afirmações; a apreensão privara-lhe de julgamento e reflexão; cada ínfima convulsão no rosto de sua criança abalavam seu corpo – se ele movesse-se, ela temia a instantânea crise; se ele permanecesse quieto, ela veria a morte em seu torpor e a preocupação em seu semblante agravava-se.

A febre do pequeno aumentou noite adentro. A sensação é mais pavorosa, para não usar nenhum termo raro, com a qual alguém olha adiante para a passagem das longas horas da noite ante uma cama de doente, especialmente se o paciente é uma criança, que não pode explicar sua dor e cuja tremeluzente vida relembra a chama desperdiçada da lanterna,

Cuja luz estreita

Balança-se ao vento e em cuja borda

Devorando a escuridão paira[{79}]*.*

Com ansiedade, vira-se para o leste, com irada impaciência nota a escuridão irrefreada; o cantar de um galo, o som de divertimento durante o dia, chega lamentoso e desafinado – o romper das vigas e o ínfimo voar de um inseto é ouvido e sentido como o sinal e o tipo da desolação. Clara, vencida pelo cansaço, posicionou-se aos pés da cama de seu primo e, apesar dos seus esforços, o sono deitara suas pálpebras; duas ou três vezes ela espantara-o; mas por fim, ela foi derrotada e dormiu. Idris sentou-se ao lado da cama, segurando a mão de Evelyn; temíamos falar um ao outro; eu observava as estrelas – pendurava-se sobre meu filho – sentia seu pulso fraco – aproximei-me da mãe – novamente distanciei-me. No irromper da manhã um gentil suspiro do paciente atraiu-me, o ponto de ardor em seu rosto desapareceu – seu pulso batia suave e regularmente – o torpor convertera-se em sono. Por muito tempo, não ousei ter esperança; mas quando sua respiração desobstruída e a umidade que cobria sua testa eram provas irrefutáveis de que a doença se fora, aventurei-me a sussurrar a mudança para Idris e, por fim, logrei convencê-la de que falava a verdade.

Mas nem tal afirmação, nem a rápida convalescença de nosso filho poderia recuperá-la, mesmo à porção de paz de que ela desfrutava. Seu medo fora tão profundo, tão absorvente, tão completo para ser convertido em segurança. Ela sentia como se, em sua calma passada, havia sonhado, mas estava agora acordada; ela era

Como alguém

Em alguma solitária torre de observação, despertado

De plácidas visões do lar que ama,

Tremendo ao ouvir o vagalhão troar;[{80}]

como alguém que havia sido acalentado em uma tempestade e desperta para descobrir o navio afundando. Antes, ela fora visitada por contorções de medo – agora, ela nunca apreciara um intervalo de esperança. Nenhum sorriso do coração jamais irradiara de suas belas feições; às vezes ela forçava um e então um jorro de lágrimas fluiriam e o mar de tristeza logo formar-se-ia sobre tais ruínas de felicidade passada. Embora enquanto eu estivesse próximo a ela, não poderia se encontrar no extremo desespero – ela confiava totalmente em mim – ela não parecia temer minha morte ou considerar sua possibilidade; à minha proteção ela confiava a carga inteira de ansiedades, repousando em meu amor, como uma corça nova beliscada pelo vento ao lado de uma corça, como um filhote de pássaro ferido debaixo das asas de sua mãe, como um pequeno barco despedaçado, ainda trêmulo, sob algum protetor salgueiro. Enquanto eu, não tão orgulhoso como nos dias de alegria, mas ainda ternamente e com consciência contente do conforto que eu proporcionava, puxei minha vacilante garota para perto de meu coração e tentei proteger sua sensível natureza de qualquer pensamento doloroso ou circunstância rude.

Outro incidente ocorreu ao final daquele verão. A Condessa de Windsor, ex-rainha da Inglaterra, retornara da Alemanha. No início da estação, ela havia deixado a vazia cidade de Viena; e, incapaz de domar sua arrogante mente para nada parecido com a submissão, ela deteve-se em Hamburgo e, quando finalmente veio ter em Londres, muitas semanas passaram-se até que

ela avisasse Adrian da sua chegada. Apesar de sua frieza e de sua longa ausência, ele recepcionou-a com sensibilidade, mostrando tanta afeição como se buscasse curar as feridas de orgulho e de mágoa, e foi repelido apenas pela sua aparente falta de simpatia. Idris soube do retorno de sua mãe com prazer. Seus próprios sentimentos maternais eram tão ardentes que ela imaginou que sua mãe agora, neste mundo destruído, tivesse perdido seu orgulho e sua aspereza, e receberia com prazer suas atenções filiais. A primeira barreira para suas zelosas demonstrações foi uma intimação formal da deposta majestade da Inglaterra de que eu, de nenhuma maneira, seria apresentado a ela. Ela consentia, disse, em perdoar sua filha e reconhecer seus netos; maiores concessões não deveriam ser esperadas.

Este procedimento me pareceu (se um termo tão leve pode ser permitido) extremamente caprichoso. Agora que a raça humana havia perdido de fato todas as distinções de classe, esse orgulho era duplamente fátuo; agora que sentíamos uma natureza afim e fraterna com todos os que ostentavam traços de humanidade, esta furiosa reminiscência de tempos já há muito idos era pior do que a tolice. Idris estava tomada pelos seus próprios e terríveis medos, para estar furiosa e muito entristecida; pois ela julgou que a insensibilidade deveria ser a fonte do contínuo rancor. Isto não era tudo; mas a predominante vontade própria assumia os braços e a máscara do sentimento empedernido; e a arrogante dama desdenhava exibir qualquer sinal das agruras que suportara; enquanto escrava do orgulho, ela imaginava que sacrificara sua felicidade a princípios imutáveis.

Tudo isso era falso – falso menos as afeições de nossa natureza e os vínculos de simpatia com o prazer ou a dor. Havia apenas um bem e um mal no mundo – vida e morte. A pompa de classe, a pressuposição de poder, as posses da riqueza esvaíam-se como a névoa da manhã.

Um mendigo vivo havia se tornado de mais valia do que um colega nacional dos Lordeees mortes – ah, o dia! – do que heróis mortos, patriotas ou gênios. Havia muita degradação nisso: pois mesmo vício e virtude haviam perdido seus atributos – vida – vida – a continuação do nosso mecanismo animal – eram o Alfa e o Ômega dos desejos, das rezas, da prostrada ambição da raça humana.

CAPÍTULO IX

MEIA Inglaterra estava desolada quando outubro chegou e os ventos equinociais varriam a terra, resfriando os ardores da insalubre estação. O verão, que fora de um calor incomum, retardara-se até o começo do mês, quando no dia dezoito, uma súbita alteração ocorreu, substituindo a alta temperatura pelo frio do inverno. A pestilência, então, fez uma pausa na sua carreira de mortes. Ofegantes, não ousando nomear nossas esperanças, ainda que cheios até a borda de intensa expectativa, permanecíamos, como um marinheiro de um navio afundado em uma rocha estéril cercada pelo mar, observando um distante navio, imaginando que agora se aproximava e então novamente se distanciando da visão. A promessa de um renovado empréstimo de vida transformou naturezas ríspidas em derretida ternura e, por contraste, encheu o suave com sentimentos ásperos e artificiais. Quando parecia que éramos todos destinados a morrer, não nos preocupávamos sobre como e quando – agora que a virulência da doença estava mitigada e parecia desejar salvar alguns, todos estavam ansiosos para estar entre os eleitos e agarravam-se à vida com tenacidade covarde. Exemplos de deserção tornavam-se mais frequentes; e mesmo assassinatos, que faziam o ouvinte enojar-se de terror, onde o medo do contágio armara aqueles próximos de sangue contra o outro. Mas essas pequenas e isoladas tragédias estavam prestes a ceder a um interesse mais poderoso – e, enquanto éramos prometidos alívio das infecciosas influências, uma tempestade surgiu mais selvagem do que os ventos, uma

tempestade nascida das paixões do homem, nutrida pelos seus impulsos mais violentos, única e lúgubre.

Um grupo de pessoas da América do Norte, as relíquias daquele populoso continente, partira para o Oriente com o louco desejo da mudança, trocando suas planícies nativas por terras menos afligidas do que as suas próprias. Muitas centenas aportaram na Irlanda, perto de primeiro de novembro e apoderaram-se de tantas habitações abandonadas quanto puderam encontrar; tomando controle dos alimentos fartos e do gado à solta. Assim que consumiam os recursos de um local, moviam-se para outro. Por fim, começaram a perturbar os habitantes e, fortes em sua maioria, expulsavam os nativos de suas residências e roubavam-lhes de suas provisões para o inverno. Alguns fatos desse tipo eriçaram a inflamável natureza dos irlandeses; e eles atacaram os invasores. Alguns foram destruídos; a maior parte escapou por movimentos rápidos e bem coordenados; e o perigo tornou-os cuidadosos. Seus membros habilmente dispostos; as próprias mortes entre eles, ocultas; movendo-se em boa ordem e aparentemente dedicados à diversão, eles excitavam a inveja dos irlandeses. Os americanos permitiram que alguns poucos se juntassem ao seu bando e logo os recrutas sobrepujavam os estrangeiros em quantidade – não apenas se juntavam a eles, mas imitavam a admirável ordem que, preservada pelos chefes de além-mar, fazia-os seguros e formidáveis. Os irlandeses seguiam seu caminho em multidões desorganizadas; aumentando a cada dia; a cada dia tornando-se mais criminosos. Os americanos ansiavam escapar do espírito que haviam provocado e, chegando ao litoral leste da ilha, embarcaram para a Inglaterra. Sua incursão dificilmente poderia ser percebida se viessem sozinhos; mas os irlandeses, reunidos em um grupo incomensurável, começaram a sentir os ataques da fome

e também seguiram os passos dos americanos em direção à Inglaterra. A travessia do mar não poderia deter seu progresso. Os portos das desoladas cidades litorâneas do oeste da Irlanda estavam repletos de navios de todos os tamanhos, desde os experientes marinheiros até os menores botes de pescador, sem tripulação e apodrecendo no maior desleixo. Os imigrantes embarcavam às centenas e, abrindo suas velas com mãos rudes, destruíam estranhamente a boias e os encordoamentos. Aqueles que, modestamente, transportavam-se nas menores embarcações, em sua maioria cumpriam sua jornada marítima com segurança. Alguns, com o verdadeiro espírito da aventura temerária, embarcaram em um navio de cento e vinte canhões; o vasto casco flutuando ao sabor das ondas na baía e após muitas horas sua tripulação em terra conseguiu estender grande parte de sua enorme vela – o vento inflou-a e enquanto mil erros do timoneiro fizeram com que a vela virasse-se para um ponto e depois para o outro, os extensos campos formados pela vela chacoalhavam com um som semelhante ao de uma imensa cachoeira; ou, tal como uma floresta parecida com o mar poderia proporcionar quando golpeada repetidamente por um vento do norte equinocial. As vigias abriam-se, e com todo o mar, que enquanto o navio jogava, inundava as coberturas, elas receberam toneladas inteiras de água. As dificuldades aumentavam com uma fresca brisa que começava a soprar, assobiando pelas enxárcias, colidindo com as velas de todas as maneiras e provocando horríveis rasgos, zunindo como se tivessem visitado os sonhos de Milton, quando ele imaginou a ciranda das asas frontais de Satanás, que aumentou o alvoroço do louco caos. Esses sons misturavam-se com o rumor do mar, o estrondo das renhidas vagas nas laterais do navio e o gargarejar da água, no entretempo. A tripulação, muitos dos quais

nunca haviam estado no mar antes, com efeito sentia-se como se o céu e a terra estivessem desabando juntos, enquanto o navio mergulhava a proa nas ondas ou levantava-a acima delas. Seus gritos afogavam-se no clamor dos elementos e o trovejante dilapidar da sua canhestra habitação – por fim, descobriram que a água derrotara-lhes e dirigiram-se para as bombas; podiam também ter tentado esvaziar o oceano com baldes. Ao pôr do sol, a ventania aumentou; o navio pareceu sentir seu perigo, estava completamente tomado pela água e apresentava outras indicações de naufrágio antes de ceder. A baía estava lotada de navios, cujas tripulações, na maioria, observavam os toscos divertimentos daquela enorme máquina de difícil controle – viram-na afundar aos poucos; as águas agora erguendo-se acima das coberturas inferiores – eles mal podiam piscar antes que ela houvesse desaparecido totalmente, nem o lugar onde o mar trancara-a ser discernido de forma alguma. Alguns poucos de sua tripulação foram salvos, mas a grande parte agarrada ao seu encordoamento e aos mastros afundou com o navio, para levantarem-se apenas quando a morte afrouxou suas forças.

Esse evento fez com que muitos do que estavam prestes a navegar voltassem a pôr os pés em terra firme, preparados para encontrar qualquer mal do que correr para as escancaradas mandíbulas do impiedoso oceano. Mas eles eram poucos, em comparação com o número dos que realmente faziam a travessia. Muitos subiram para tão longe quanto Belfast para assegurar uma passagem mais curta e, então viajando para o sul pela Escócia, juntavam-se aos seus compatriotas mais pobres e todos despejaram-se unânimes para a Inglaterra.

Tais incursões deixavam a Inglaterra aflita, em todas as cidades onde ainda havia populações suficientes para sentir a mudança. Havia espaço o bastante, com efeito, em nosso desafortunado país para o dobro da

quantidade de invasores; mas seus espíritos desordeiros instigavam-lhes à violência; tinham prazer em expulsar os proprietários de suas casas; em tomar alguma mansão luxuosa, onde os nobres residentes isolaram-se com o medo da peste; em forçar estes, de ambos os sexos, a tornarem-se seus servos e provedores; até que, com a completa ruína do lugar, eles retiravam sua migração de grilos para outras paragens. Sem resistência, eles difundiam amplamente suas pilhagens; em caso de perigo, eles amontoavam-se e, com sua vantagem numérica, devastavam seus fracos e desesperados adversários. Vinham do leste e do norte, e dirigiam seu curso sem motivo aparente, mas todos em direção da nossa infeliz metrópole.

A comunicação fora, em muito, interrompida pelos efeitos paralisantes da pestilência, de forma que a turba avançara tão longe quanto Manchester e Derby, antes que recebêssemos notícias de sua chegada. Eles varriam o país como um exército de conquistadores, incendiando – destruindo – assassinando. O mais pobre e vagabundo inglês juntava-se a eles. Alguns poucos dos Lordeees Tenentes que restavam tentaram formar uma milícia – mas as patentes estavam vagas, o pânico capturava a todos e a resistência que se fazia servia apenas para aumentar a audácia e a crueldade do inimigo. Falavam de tomar Londres, conquistar a Inglaterra – trazendo à mente os longos detalhes dos danos que, por muitos anos, haviam sido esquecidos. Tais jactâncias mostravam suas fraquezas, em vez de sua força – porém, eles poderiam cometer males extremos que, terminando em sua destruição, poderia transformá-los, ao menos, em objetos de compaixão e remorso.

Fomos ensinados como, no início do mundo, a humanidade impingia aos seus inimigos atributos impossíveis – e como os detalhes que passavam de boca em boca, poderiam, como os sempre crescentes

Rumores de Virgílio, atingir os céus com seu semblante e agarrar Héspero e Lúcifer com suas mãos abertas. Górgona e Centauro, dragão e leão com casco de ferro, enorme monstro do mar e gigante hidra, eram apenas amostras dos estranhos e espantosos relatos sobre nossos invasores que alcançavam Londres. Seu desembarque foi por muito tempo desconhecido, mas tendo agora avançado para menos de cem milhas de Londres, os camponeses, fugindo deles antes que chegassem em tropas sucessivas, cada um exagerando a quantidade, a fúria e a crueldade dos assaltantes. Os tumultos ocupavam as antes quietas ruas – mulheres e crianças abandonaram seus lares, fugindo sem saber para onde – pais, maridos e filhos tremiam, não por eles, mas por seus parentes, amados e indefesos. Enquanto os campesinos amontoavam-se em Londres, os cidadãos fugiam para o sul – escalavam os altos edifícios da cidade, imaginando que poderiam discernir a fumaça e os incêndios que os inimigos espalhavam ao seu redor. Como Windsor estava, em alto grau, na linha de marcha para o oeste, removi minha família para Londres, designando a Torre para sua hospedagem e juntando-me a Adrian, nomeado como seu Tenente para a batalha que se aproximava.

Empregamos apenas dois dias para os preparativos e fizemos bom uso deles. Artilharia e atiradores foram reunidos; os remanescentes de nossos regimentos, à medida que puderam ser convocados, a despeito das muitas perdas, para a revista, foram arregimentados, com a aparência de disciplina militar que poderia encorajar nossa própria resistência e parecia mais formidável do que a multidão desorganizada de nossos inimigos. Mesmo a música não nos faltava: bandeiras tremulavam pelos ares e o agudo pífano e o alto trompete inspiravam sons de ânimo e vitória. Um ouvido treinado poderia identificar uma hesitação inapropriada

no passo dos soldados; mas isso não era ocasionado tanto pelo medo do inimigo, mas sim pela doença, pela tristeza e pelos prognósticos fatais que, frequentemente, pesavam com demasiada potência nos bravos e dominavam os vigorosos corações em uma abjeta submissão.

Adrian liderava as tropas. Ele estava muito preocupado. Era de pequeno alívio para ele que nossa disciplina devesse nos levar à vitória em um conflito como esse; enquanto a peste ainda pairava para igualar o conquistador ao conquistado, não seria a vitória o que ele desejava, mas a paz sem sangue. Conforme avançamos, encontrávamos grupos de camponeses, cuja condição quase desnuda, cujo desespero e horror, disseram-nos contundentemente a feroz natureza do inimigo que se aproximava. O espírito insensível de conquista e a sede de espólios cegavam-lhes, enquanto em intensa fúria afundavam o país em ruínas. A visão dos militares restaurava a esperança para aqueles que fugiram e a vingança substituiu o medo. Eles inspiraram os soldados com o mesmo sentimento. O abatimento foi trocado para ardor, o lento passo convertido em rápida caminhada, enquanto o vazio murmúrio da multidão, inspirado por uma sensação, e que mortalmente, preenchia o ar, anulando o barulho das armas e o som da música. Adrian percebera a mudança e temeu que ela dificultaria impedi-los de despejar sua extrema fúria sobre os irlandeses. Ele passara pelas linhas, encarregando os oficiais de conter suas tropas, exortando os soldados, restaurando a ordem e aquietando, até certo ponto, a violenta agitação que crescia em cada peito.

Nós enfrentamos as primeiras batalhas contra os irlandeses em Saint Albans. Eles fugiram e, juntando-se a outros companheiros, recuaram ainda mais, até atingirem o corpo principal. Notícias de uma resistência

armada e contínua conduziram-lhes a um tipo de ordem. Fizeram de Buckingham seu quartel-general e observadores eram enviados para lhes informar de nossa situação. Permanecemos em Luton durante a noite. Pela manhã, um movimento simultâneo fez cada um dos exércitos avançar. Foi logo na aurora e o ar, impregnado com os mais frescos odores, parecia em fútil zombaria brincar com nossas bandeiras e levar adiante para o inimigo a música das bandas, os relinchos dos cavalos e o passo regular da infantaria. O primeiro som dos instrumentos marciais que atingiu nossos indisciplinados contendores inspirou surpresa, não misturada com o pavor. Falava de velhos dias, de dias de concórdia e de ordem; estava associado aos tempos em que não havia peste e o homem vivia além da sombra do destino iminente. A pausa foi momentânea. Logo ouvimos seu clamor desordenado, os gritos bárbaros, o passo descompassado de milhares vindo em confusão. Suas tropas então se despejaram sobre nós pelo campo aberto ou pelas sendas estreitas; uma larga extensão de campos desimpedidos abria-se entre nós; avançamos para o meio e, então paramos: estando de certa forma em um nível superior, pudemos discernir o espaço que eles cobriam. Quando seus líderes perceberam que nos enfileiramos para resistir, também ordenaram que parassem e tentaram dispor seus homens de alguma forma imitando a disciplina militar. As primeiras filas tinham mosquetes; alguns estavam montados, mas suas armas eram como se tivessem sido capturadas durante seu avanço, seus cavalos, aqueles que tinham tomado dos camponeses; não havia uniformidade e pouco obedeciam, mas seus brados e loucos movimentos mostravam o indomável espírito que os inspirava. Nossos soldados receberam o aviso e avançaram rapidamente, porém coordenados: seus uniformes, o cintilar de suas polidas armas, seu silêncio e os olhares

de ódio obstinado, eram mais intimidadores do que o selvagem clamor de nosso inumerável adversário. Assim, aproximando-se mais e mais, os uivos e os gritos dos irlandeses aumentaram; os ingleses seguiam obedientes aos seus líderes, até chegarem próximos o suficiente para distinguir os rostos dos seus inimigos; a visão inspirou-lhes com fúria: com um bramido, que despedaçou o céu e foi ecoado pelas linhas mais distantes, eles avançaram; desdenharam o uso de balas, mas com a baioneta fixada arremetiam contra o oponente, enquanto as fileiras, abrindo-se em intervalos, os canhoneiros acionaram o canhão, cujo estrondo ensurdecedor e a cegante fumaça encheu a cena de horror. Eu estava ao lado de Adrian; um momento antes ele ordenara que parassem e permaneceu à pequena distância de nós em profunda meditação: ele estava formulando rapidamente seu plano de ação, para evitar o derramamento de sangue; o barulho do canhão, o súbito avanço das tropas e a gritaria do inimigo assustaram-no: com olhos faiscantes ele exclamou, “Nenhum deles deve morrer!” e, esporeando seu cavalo, irrompeu entre as tropas em conflito. Nós, seu estado-maior, seguimo-lo para cercar e protegê-lo; obedecendo seu sinal, contudo, retrocedemos um pouco. A soldadesca, percebendo-o, interrompeu seu assalto; ele não se desviava das balas que passavam perto dele, mas cavalgava prontamente entre as linhas opostas. O silêncio sucedeu-se ao clamor; cerca de cinquenta homens estavam caídos no chão, agonizantes ou mortos. Adrian ergueu sua espada e disse: “Sob o comando de quem”, exclamou para as suas próprias tropas, “vocês avançam? Quem ordenou o ataque? Recuem; estes homens mal conduzidos não devem ser massacrados enquanto eu for seu general. Guardem suas armas; estes são seus irmãos, não cometam fratricídio; logo a peste não deixará nenhum de vocês fartarem-se com a

vingança: vocês serão mais impiedosos do que a pestilência? Enquanto honrarem-me – enquanto vocês cultuam Deus, de Cuja imagem vocês também foram criados – enquanto seus filhos e amigos forem-lhes queridos – não derramem uma gota sequer de sangue humano.”

Ele falava com as mãos abertas e uma voz cativante e então, voltando-se para os nossos invasores, com uma feição severa, ele ordenou que baixassem suas armas: “Vocês acham”, ele disse, “que porque estamos sendo devastados pela peste, vocês podem nos derrotar; a peste também está entre vocês e quando estiverdes abatidos pela inanição e pela doença, os espíritos de quem vocês assassinaram levantar-se-ão para não lhes deixar esperança na morte. Baixem suas armas, homens bárbaros e cruéis – homens cujas mãos estão manchadas com o sangue de inocentes, cujas almas estão envergadas com o grito dos órfãos! Deveremos vencer, pois o direito está ao nosso lado; seus rostos já estão pálidos – as armas caem de seu controle acovardado. Baixem suas armas, companheiros! Irmãos! O perdão, a ajuda e o amor fraternal esperam pelo seu arrependimento. Vocês nos são queridos, porque envergam a frágil forma da humanidade; cada um de vocês encontrará um amigo e um anfitrião dentre estas tropas. Deve o homem ser inimigo do homem, enquanto a peste, adversária de todos, mesmo agora está acima de nós, triunfando nesta carnificina mais cruel do que a nossa própria?”

Cada exército parou. De nosso lado, os soldados agarraram firmemente suas armas e olhavam com ríspidos relances para o inimigo. Estes não tinham se desfeito de suas armas, mais por medo do que pelo espírito de luta; entreolhavam-se, desejando seguir o exemplo de alguém, - mas não tinham um líder. Adrian desceu de seu cavalo e, chegando perto de um dos que

acabou de ser abatido: “Ele era um homem”, ele exclamou, “e agora está morto. Oh, cubram rapidamente as feridas dos caídos – não deixem um sequer morrer; não deixem que nenhuma outra alma esvaia-se por meio de impiedosos cutiladas, para contar diante do trono de Deus a história de fratricídio; cubram suas feridas – devolvam-lhes aos seus amigos. Despojem-se dos corações de tigres que ardem em seus peitos; livrem-se destas ferramentas de crueldade e de ódio; nesta pausa do destino exterminador, deixem cada homem ser irmão, guardião e arrimo para o outro. Para longe com estas armas manchadas de sangue e apressem-se alguns de vocês para cobrir estas feridas.”

Enquanto ele falava, ajoelhou-se no chão e ergueu em seus braços um homem de cujo flanco a ardente vibração da vida escoara-se – o pobre miserável ofegava – então, ainda assim, outro hóspede havia se tornado, pois seus gemidos eram distintamente ouvidos e cada coração, há muito impetuosamente inclinado ao massacre universal, agora batia com ânsia na esperança e no medo pelo destino deste único homem. Adrian removeu seu lenço militar e usou-o para cobrir o agonizante – era tarde demais – o homem arfou seu último suspiro, sua cabeça pendeu para trás, seus membros perderam o poder de se sustentar. – “Ele está morto!”, disse Adrian, conforme o cadáver caía de suas mãos para o chão e ele abaixou sua cabeça em mágoa e terror. O destino do mundo parecia estar tomado pela morte desse único homem. De cada lado, os exércitos deitaram suas armas, mesmo os veteranos choraram e nosso grupo deu as mãos ao inimigo, enquanto um jorro de amor e de profunda amizade arrebatava todos os corações. As duas forças misturando-se, desarmadas e de mãos dadas, conversando apenas sobre como um poderia ajudar o outro, os adversários reunidos; cada arrependimento, de um lado das crueldades passadas,

de outro a última violência, eles obedeceram as ordens do General para seguir até Londres.

Adrian foi obrigado a exercer sua prudência extrema, primeiro para aquietar a discórdia e, depois, para prover a multidão de invasores. Marcharam para as várias partes dos condados sulistas, hospedados em vilas abandonadas, – uma parte foi enviada de volta para a própria ilha, enquanto o inverno reavivava até então nossa energia, de que as passagens do país foram defendidas e qualquer aumento nas imigrações proibido.

Nesta ocasião, Adrian e Idris encontraram-se após uma separação de quase um ano. Adrian estivera ocupado em realizar uma tarefa complicada e dolorosa. Ele era conhecedor das várias espécies de sofrimento humano e sempre achara seus poderes inadequados, sua ajuda de pequeno proveito. Entretanto, o propósito de sua alma, sua energia e sua ardente resolução evitavam quaisquer reações da tristeza. Ele parecia ter nascido novamente e a virtude, mais potente do que a alquimia de Medeia, dotara-o de saúde e força. Idris quase não reconheceu o frágil ser, cuja forma parecera se inclinar até para a brisa do verão, no homem energético cujo excesso de sensibilidade fazia-o mais capaz de ocupar seu posto de piloto daquela Inglaterra, tolhida por uma tempestade.

Assim não era, porém, com Idris. Ela não reclamava; mas sua própria alma de medo ocupara um lugar em seu coração. Ela emagrecera e empalidecera, seus olhos enchiam-se de lágrimas involuntárias, sua voz era quebradiça e baixa. Ela tentou jogar um véu sobre a mudança, que ela sabia que seu irmão deveria observar nela, mas o esforço foi em vão; e, quando sozinha com ele, com um arroubo de irrepreensível tristeza ela revelou suas apreensões e sua mágoa. Descreveu em termos vívidos o incessante cuidado com que ainda renovada fome devorava sua alma; ela comparou esta corrosão de inquieta espera pelo mal ao abutre que se

alimentou do coração de Prometeu; sob a influência desta excitação eterna e das lutas intermináveis que ela travava para combater e escondê-la, ela sentia, como disse, como se todas as rodas e engrenagens da máquina animal trabalhassem em velocidade dobrada e consumiam-se rapidamente. O sono não era sono, pois seus pensamentos despertavam, estorvados por resquícios de razão e pela visão de suas crianças felizes e saudáveis, eram então transformados em pesadelos, todos os seus terrores realizavam-se e todos os seus medos recebiam seus terríveis cumprimentos. Para este estado, não havia esperança, nenhum alívio, a menos que o túmulo recebesse velozmente sua caça prometida e a ela fosse permitido morrer, antes de experimentar milhares de mortes em vida com a perda daqueles que ela amava. Temendo causar-me dor, ela escondia o melhor que podia o excesso de sua ruína, mas encontrando assim seu irmão depois de uma longa ausência, ela não podia conter a expressão de sua aflição, mas com toda a vivacidade de imaginação com a qual a miséria está sempre repleta, ela despejava as emoções de seu coração para seu amado e simpatizante Adrian.

Sua presente visita a Londres tendia a aumentar seu estado de inquietude, por exibir em toda a sua extensão as pilhagens ocasionadas pela pestilência. Ela mal preservou a aparência de uma cidade habitada; a grama crescia forte pelas ruas; as praças estavam tomadas por arbustos, as casas trancadas, enquanto o silêncio e a solidão caracterizavam as partes mais ocupadas da urbe. Porém, em meio à desolação, Adrian preservara a ordem; e cada um continuava a viver de acordo com a lei e o costume – as instituições humanas assim sobrevivendo como se fossem divinas e, enquanto o decreto de população era abolido, a propriedade continuava sagrada. Era uma reflexão melancólica; e

apesar da redução do mal consequente, atingia o coração como uma triste ironia. Toda a ideia de refúgio para o prazer, de teatros e de festivais desfizera-se. “No próximo verão”, disse Adrian ao despedir-nos para voltar a Windsor, “decidiremos o destino da raça humana. Não devo interromper meus esforços até então; mas, se a peste reviver no ano que vem, toda a luta contra ela deverá ser interrompida e nossa única ocupação será a escolha de um túmulo.”

Não posso me esquecer de um incidente que ocorreu durante essa visita a Londres. As visitas de Merrival a Windsor, antes frequentes, de súbito cessaram. Naquele momento, onde apenas um fio de cabelo separava os vivos dos mortos, receei que nosso amigo tivesse se tornado uma vítima do mau que a tudo abarca. Nessa ocasião, fui, temendo o pior, à sua residência, para ver se eu poderia ser útil a quem de sua família que pudesse ter sobrevivido. A casa estava abandonada e havia sido uma das quais foi designada para os estrangeiros invasores em Londres. Vi seus instrumentos astronômicos usados para estranhos fins, seus globos deformados, seus papéis cobertos de cálculos obtusos destruídos. Os vizinhos pouco me disseram, até que me deparei com uma pobre mulher que atuou como enfermeira naquela época arriscada. Ela disse-me que toda a família estava morta, menos o próprio Merrival, que enlouquecera – louco, ela chamou-o, ainda que lhe perguntando mais, parecia apenas que ele estava possuído pelo delírio da tristeza excessiva. Este velho homem, cambaleando à beira do túmulo e prolongando seu futuro por milhões de anos calculados, - esse visionário que não via a inanição nas formas deterioradas de sua esposa e de seus filhos, ou a peste nas horríveis visões e sons que o cercavam – esse astrônomo, aparentemente morto em terra e vivendo apenas no movimento das esferas – amava sua família

com uma afeição invisível, porém intensa. Por meio de longo hábito, eles haviam se tornado parte dele mesmo; sua falta de conhecimento mundano, sua ausência de mente e sua infantil inocência tornavam-no extremamente dependentes deles. Não foi até que um deles falecesse que ele percebera o perigo; um a um, foram carregados pela pestilência; e sua esposa, sua parceira e apoiadora, mais necessária a ele do que seus próprios membros e seu corpo, que duramente aprendera a lição da autopreservação, a bondosa companheira cuja voz sempre enunciava a paz dele, fechou seus olhos com a morte. O velho homem sentira que o sistema natural do universo, que ele por tanto tempo estudara e adorara, se lhe perdia e ele permaneceu entre os mortos e erguia sua voz em maldições. – Nenhuma surpresa, então, que a criada devesse interpretar como insanidade as cruciantes blasfêmias do velho homem aturdido pela tristeza.

Começara minha busca tarde naquele dia, em novembro, que se encerrou cedo com uma chuva ruidosa e um melancólico vento. Assim que me virei da porta, vi Merrival, ou melhor, a sombra de Merrival, emagrecida e louca, passar por mim e sentar-se nos degraus de sua casa. A brisa espalhava os cachos cinzas em suas têmporas, a chuva ensopava sua cabeça descoberta e ele sentava-se escondendo seu rosto nas mãos murchas. Apertei seu ombro para chamar sua atenção, mas ele não mudou de posição. “Merrival”, eu disse, “há muito que não o vejo – você deve voltar para Windsor comigo – Lady Idris deseja vê-lo, você não poderá recusar seu pedido – venha para casa comigo.”

Ele replicou com uma voz oca, “Por que enganar um inútil velho, por que falar hipocritamente com alguém semienlouquecido? Windsor não é meu lar; minha verdadeira residência eu já encontrei; o lar que o Criador preparou para mim.”

Seu tom de amargo escárnio vibrou em mim – “Não me tente a dizer”, ele continuou, “minhas palavras assustar-lhe-ão – em um universo de covardes eu ouso pensar – entre as tumbas no jardim da igreja – entre as vítimas de Sua impiedosa tirania eu ouso reprovar o Mal Supremo. Como ele pode me punir? Deixe-o desnudar o braço e trespassar-me com um raio – isso também é um de seus atributos” – e o velho homem riu.

Ele ergueu-se e eu segui-o pela chuva a um jardim de igreja nas redondezas – ele jogou-se na terra úmida. “Aqui estão eles”, ele disse, “belas criaturas – respirantes, falantes e amáveis criaturas. Ela que, por dia e noite, acalentava o amor de sua juventude desgastado pelo tempo – eles, parte de minha carne, meus filhos – aqui estão eles: chame-os, grite seus nomes pela noite; não responderão!” Ele agarrou-se aos pequenos montes que indicavam os túmulos. “Nada pergunto, a não ser uma coisa; eu não temo Seu inferno, pois já o tenho aqui; eu não desejo Seu paraíso, deixe-me apenas morrer e ser enterrado ao lado deles; deixe-me apenas, quando eu me deitar morto, sentir minha carne enquanto ela deteriora-se, mescla-se à deles. Prometa”, e ele levantou-se dolorosamente e agarrou meu braço, “prometa que serei enterrado com eles.”

“Que Deus ajude a mim e aos meus, eu prometo”, repliquei, “com uma condição: retorne comigo para Windsor.”

“Para Windsor”, ele exclamou com um grito, “Nunca! – desse lugar nunca sairei – meus ossos, minha carne, eu mesmo, já estamos enterrados aqui e o que você vê de mim é a argila corrompida como eles. Descansarei aqui e agarrar-me-ei a esse lugar, até que a chuva e o granizo, o raio e a tormenta, arruinando-me, faça-me uno em substância com os que estão debaixo.”

Em poucas palavras eu devo concluir esta tragédia. Fui obrigado a deixar Londres e Adrian encarregou-se de

vigiá-lo; a tarefa foi logo cumprida; a velhice, a tristeza e o tempo inclemente, tudo se uniu para silenciar sua mágoa e trazer repouso para o seu coração, cujas batidas eram de agonia. Ele morreu abraçado à grama, que foi empilhada sobre seu peito, ao ser colocado ao lado dos seres de quem ele lamentava com tão louco desespero.

Voltei a Windsor pelo desejo de Idris, que parecia pensar que havia maior segurança para seus filhos no local; e porque, uma vez tendo recebido a guarda do distrito, eu não o abandonaria enquanto fosse habitado. Fui também para agir conforme os planos de Adrian, que eram o de congregar as massas que ainda restavam da população; pois ele estava convicto de que apenas pelas virtudes benevolentes e sociais que a segurança poderia ser ansiada pelo resto da humanidade.

Era melancólico voltar para esse lugar tão caro a nós, como o cenário de uma felicidade raramente antes apreciado, aqui a marcar a extinção da nossa espécie e traçar as profundas e inextinguíveis pegadas da doença sobre o fértil e querido solo. O aspecto do campo mudara tanto que era impossível iniciar a tarefa de semear e outros trabalhos de outono. Essa estação já se fora; e o inverno chegara com súbita e incomum severidade. Geadas alternadas com degelo sucedendo-se a inundações, tornando o país intransitável. Pesadas nevascas davam uma aparência ártica à paisagem; os telhados das casas despontavam na massa branca; a mais simples cabana e a mansão mais luxuosa, ambas abandonadas, estavam bloqueadas, seus portais obstruídos; as janelas estavam quebradas pelo granizo, enquanto a prevalência de um vento nordeste tornava as caminhadas externas extremamente dolorosas. O estado alterado da sociedade fazia destes acidentes da natureza, fontes de real miséria. O luxo do comando e das atenções da servidão perdera-se. É verdade que as

coisas necessárias da vida juntavam-se em tamanha quantidade, para suprir em profusão todas as carências da diminuta população; mas ainda muito trabalho era preciso para obtê-las, por serem matérias-primas; e, deprimidos pela doença e temerosos do futuro, não tínhamos energia para iniciar confiantes e decididos em qualquer trabalho.

Posso falar por mim mesmo – falta de energia não era minha culpa. A intensa vida que acelerava minhas pulsações e animava meu corpo tinha o efeito de não me arrastar para as confusões da vida ativa, mas sim exaltar minha humildade e investir proporções majestosas a insignificantes objetos – eu poderia ter vivido a vida de um camponês, da mesma maneira – minhas frívolas ocupações dilatavam-se em importantes objetivos; minhas afeições eram impetuosas e atraentes paixões, e a natureza, com todas as suas alterações, era constituída por divinos atributos. O próprio espírito da mitologia grega habitava meu coração; eu divinizava os planaltos, os bosques e os riachos, eu

Vira Proteu vindo do mar,

E ouvira o velho Tritão soprar sua corneta em espiral[{81}].

Estranho, que enquanto a terra preservava seu monótono curso, eu residia com uma admiração sempre renovada sobre suas antigas leis e agora que com excêntrica roda ela avançava por um caminho inédito, eu deveria sentir seu espírito esvair-se; lutei contra o desânimo e o cansaço, mas como uma névoa, estes me bloquearam. Talvez, após os trabalhos e a estupenda excitação do verão passado, a calmaria do inverno e das quase servis ferramentas que veio com a estação, era, pela reação natural, duplamente enfadonha. Não era a possessiva paixão pelo ano passado, que dera vida e

individualidade a cada momento – tampouco eram as doloridas contorções induzidas pelas aflições dos tempos. A extrema inutilidade que havia tomado conta das minhas ações retirou-a de seus habituais efeitos de liberdade e o desespero tornava abortivo o bálsamo do autoovação – eu ansiava por retornar às minhas antigas ocupações, mas para quê? Ler era fútil – escrever, realmente vaidade. A terra, então amplo circo para a exibição de dignas façanhas, vasto teatro de um magnífico drama, agora se apresentava como um espaço vazio – para o ator ou o espectador, já não havia mais nada para dizer ou ouvir.

Nossa pequena cidade de Windsor, na qual os sobreviventes dos condados vizinhos foram reunidos em sua maioria, envergava um aspecto melancólico. Suas ruas estavam bloqueadas de neve – os poucos passageiros pareciam paralisados e congelados pela desagradável visita do inverno. Escapar desses inconvenientes era o objetivo e o âmbito de todos os nossos esforços. Famílias antes devotadas ás atividades enaltecedoras e refinadas, ricas, florescentes e jovens, em número reduzido e corações carregados de preocupação, amontoavam-se ao redor do fogo, tornando-se egoístas e rastejando pelo sofrimento. Sem a ajuda de criados, era necessário ocupar-se de todas as atividades domésticas; mãos desacostumadas a tal trabalho deviam amassar o pão ou, na ausência de farinha de trigo, o estadista ou o perfumado cortesão deveria se encarregar do ofício do açougueiro. Os pobres e os ricos agora eram iguais, ou melhor, o pobre era agora superior, uma vez que se ocupava de tais deveres com rapidez e experiência; enquanto a ignorância, a inaptidão e os hábitos de repouso faziam-os fatigantes para o luxuoso, amargo para o orgulhoso, repulsivo para todos cujas mentes, dedicadas ao aprimoramento intelectual, tiravam seu mais caro

privilégio em ser livre de atender a meras necessidades animais.

Mas em toda mudança a bondade e a afeição podem encontrar campo para o empenho e exibição. Entre alguns, essas alterações produziram uma devoção e um autossacrifício definitivamente graciosos e heroicos. A vista era para ser apreciada pelos amantes da raça humana; observar, como nos tempos antigos, os modos patriarcais nos quais as variedades de afinidade e amizade cumpriam com seus zelosos e afetuosos ofícios. Jovens, os nobres da terra, executavam, pelo bem de suas mães ou irmãs, os serviços de criados com amigável satisfação. Desciam ao rio para quebrar o gelo e retirar água: reuniam-se em expedições de coleta ou, machado nas mãos, derrubavam as árvores para obter lenha. As mulheres recebiam-lhes em seu retorno com a simples e afável recepção conhecidas antes apenas na mais humilde cabana – um coração límpido e um fogo brilhante; o jantar já cozinhado por mãos amadas; a gratidão pela provisão do almoço de amanhã: estranhos contentamentos para o inglês de boa cepa, ainda que fossem seus únicos e aprazíveis luxos, duramente conquistados.

Ninguém era mais notável por esta grata submissão às circunstâncias, nobre humildade e engenhosa fantasia para adornar tais atos com cores românticas do que nossa própria Clara. Ela via minha apatia e as doloridas preocupações de Idris. Seu esforço perpétuo era o de nos aliviar do trabalho e o de espargir facilidade e mesmo elegância sobre nosso alterado modo de vida. Ainda tínhamos alguns criados, poupados pela doença e ardentemente ligados a nós. Mas Clara era ciumenta de seus serviços; ela seria a única ama de Idris, a única governanta para as carências de seus pequenos primos; nada lhe dava mais prazer quanto o seu uso por nós,

dessa maneira; ela ia além de nossos desejos, sincera, diligente e incansável, –

Abra estava pronta antes que chamássemos seu nome,

E embora chamássemos outro, Abra atendia[{82}].

Era meu dever diário visitar as várias famílias reunidas em nossa cidade e, quando o clima permitia, eu comprazia-me em alongar minha jornada e meditar solitariamente sobre cada inconstância de nosso destino, tentando reunir lições para o futuro, frutos da experiência do passado. A impaciência com a qual, enquanto acompanhado, os males que afligiam minha espécie inspiravam-me, era suavizada em solidão, quando o sofrimento individual fundia-se com a calamidade geral, estranho dizer, menos aflitiva na contemplação. Assim, frequentemente, seguindo meu caminho com dificuldade pela cidade estreita e bloqueada pela neve, cruzei a ponte e passei por Eton. Não havia nenhuma jovem congregação de garotos com corações galantes no portal do colégio; o triste silêncio predominava as ocupadas salas de aula e a barulhenta área de diversões. Prossegui minha jornada em direção de Salt Hill, que estava impedida pela neve por todos os lados. Onde estavam os férteis campos que eu amava – era aquele o intercâmbio do gentil planalto e da cultivada várzea, uma vez coberta com o tremulante milho, diversificada com grandiosas árvores, irrigada pelo tortuoso Tâmisa? Uma camada branca cobria-a, enquanto a amarga lembrança dizia-me que, frios como a terra vestida de inverno, eram os corações dos habitantes. Encontrei tropas de cavalos, rebanhos de gado e de ovelhas, vagueando a esmo; aqui atacando um monte de feno e rejuvenescendo do frio em seus corações, que lhes provia abrigo e alimentação – acolá, tomando posse de uma vazia cabana. Uma vez, em um

dia congelado, levado por incansáveis e insaciáveis reflexões, busquei meu abrigo favorito, um pequeno bosque não distante de Salt Hill. Um borbulhante riacho corria sobre os seixos por um lado e uma plantação de alguns olmos e faias que dificilmente mereceriam, e merecem, ser chamadas de bosque. Esse local tinha encantos peculiares para mim. Havia sido o refúgio predileto de Adrian; estava isolado; e ele com frequência dizia que, quando criança, seus momentos mais felizes foram vividos ali; tendo escapado da grande sujeição à sua mãe, ele sentava-se nos rústicos degraus que conduziam ao riacho e lia seu livro favorito ou então meditava, conjeturando os anos por vir, no ainda complexo emaranhado das morais ou da metafísica. Um melancólico augúrio assegurou-me de que eu nunca mais veria esse lugar; então, com cuidadoso pensamento, notei cada árvore, cada dobra do riacho e cada irregularidade do solo, que eu melhor poderia chamar tal ideia de ausência. Um tordo de peito vermelho caiu dos galhos gelados das árvores sobre o congelado riacho; seu peito ofegante e seus olhos semicerrados mostravam que estava a morrer; um gavião apareceu no ar; o medo repentino apoderou-se da pequena criatura; fez seu último esforço, pondo-se de costas e erguendo suas garras em impotente defesa contra seu poderoso inimigo. Eu peguei-o e coloquei-o junto ao meu peito. Alimentei-o com algumas migalhas de um biscoito; aos poucos, o pássaro revivia; seu coração, quente e pulsante, batia contra o meu; eu não poderia dizer por que eu detalho essa insignificante história – mas a cena ainda está diante de mim; os campos revestidos de neve vistos pelos troncos prateados das faias, – o riacho, nos dias de felicidade vivo com as borbulhantes águas, agora interrompido pelo gelo – as árvores desfolhadas, fantasticamente vestidas em uma respeitável geada – as formas das

folhas de verão desenhadas pela mão congelada do inverno no solo rijo – o céu sombrio, o frio terrível e o silêncio permanente – enquanto íntimos em meu peito, minhas meigas crianças repousam aquecidas e seguras, falando suas coisas com pequenos trinados – dolorosas recordações amontoam-se, eriçando meu cérebro com louca comoção – fria como a morte, assim como os campos nevados que eram toda a terra – o ânimo da vida dos habitantes abatido pela miséria – por que eu deveria me opor à catarata da destruição que nos varre? – por que excitar minha coragem e renovar minhas cansadas forças – ah, por quê? Mas a isso minha firme coragem e meus alegres esforços podem abrigar o caro colega, que eu escolhi na primavera da minha vida; embora as pulsações do meu coração estejam repletas de dor, embora as minhas esperanças de futuro estejam congeladas, enquanto ainda sua querida cabeça, meu amor mais gentil, possa repousar em paz naquele coração e enquanto você possa extrair de seu cultivado cuidado conforto e esperança, minhas batalhas não cessarão, – nem me chamarei completamente esvaído.

Em um ótimo dia de fevereiro, quando o sol reassumira pouco de seu cordial poder, eu caminhava pela floresta com minha família. Era um daqueles amáveis dias de inverno que afirmava a capacidade da natureza de investir beleza sobre a esterilidade. As árvores desfolhadas espalhavam seus galhos fibrosos contra o céu limpo; seu intricado e permeável ornato remetia às delicadas algas marinhas; os cervos reviravam a neve em busca da grama escondida; o branco tornou-se intensamente brilhante pelo sol e os troncos das árvores, mais distintos pela perda da preponderante folhagem, ordenavam-se como colunas labirínticas de um vasto templo; era impossível não receber prazer pela visão dessas coisas. Nossos filhos, livres das amarras do inverno, brincavam ao nosso redor; perseguindo o cervo

ou despertando os faisões e as perdizes de seus abrigos. Idris apoiou-se em meu braço; sua tristeza rendera-se ao senso presente de prazer. Encontramos outras famílias pela Long Walk, apreciando como nós o retorno da cordial estação. De uma vez só, pareci acordar; livrei-me do predominante torpor dos meses anteriores; a terra assumia uma nova aparência e a minha visão do futuro imediatamente fez-se clara. Exclamei, “Agora desvendei o segredo!”

“Que segredo?”

Respondendo a essa pergunta, descrevi nossa sombria vida no inverno, nossas sórdidas preocupações, nossos trabalhos servis: – “Este país, no norte”, disse, “não é o lugar para nossa raça em extinção. Quando a humanidade era pequena, não foi aqui que lutaram contra os poderosos agentes da natureza e foram capacitados a povoar o globo com seus descendentes. Devemos procurar algum Paraíso natural, algum jardim da terra, onde nossas simples necessidades possam ser facilmente satisfeitas e o regozijo de um delicioso clima compensar os prazeres sociais que perdemos. Se sobrevivermos ao próximo verão, não passarei o inverno seguinte na Inglaterra; nem eu nem nenhum de nós.”

Falei sem muita cautela e a própria conclusão do que eu disse trouxe consigo outros pensamentos. Poderíamos, qualquer um de nós, sobreviver ao próximo verão? Vi a feição de Idris nublar-se; senti novamente, que estávamos ligados ao carro do destino, sobre cujos alazões não tínhamos controle. Já não mais podíamos dizer, Faremos isso, não faremos aquilo. Um poder mais forte do que o humano estava prestes a destruir nossos planos ou a completar o trabalho que evitávamos. Era loucura planejar sobre o próximo inverno. Esse era o nosso último. O verão seguinte era o alcance máximo de onde podíamos enxergar; e, quando chegássemos lá, ao invés de continuar pela longa estrada, uma bocarra

abria-se, à qual deveríamos, forçados, ser precipitados. A última bênção da humanidade foi-nos arrancada; não podíamos mais ter esperança. Pode o louco, enquanto arrasta suas correntes, esperar? Pode o vil, levado ao cadafalso, que quando coloca sua cabeça no bloco, marca a dupla sombra de si mesmo e do executor, cujo braço erguido empunha o machado, esperar? Pode o marinheiro de um navio naufragado, que se salvou nadando, ouvir próximo de si, por trás das águas revolvidas divididas por um tubarão que o persegue pelo Atlântico, esperar? Esperanças como essas também podemos acalentar!

As velhas fábulas contam-nos que esse espírito cordial saltou da caixa de Pandora, também abarrotada de males; mas estes eram invisíveis e nulos, enquanto todos admiravam o inspirador encanto da jovem Esperança; os corações de todos os homens tornaram-se seu lar; ela foi entronizada, soberana de nossas vidas, agora e sempre; foi divinizada e cultuada, declarada incorruptível e duradoura. Mas como todas as prendas do Criador ao Homem, ela é mortal; sua vida chegara ao momento final. Zelamos por ela; cuidamos de sua bruxuleante existência; agora ela decaíra definitivamente da juventude para a decrepitude, da saúde para a doença incurável; mesmo quando nos desgastamos em batalhas por sua recuperação, ela morre; para todas as nações a voz espalha-se, a Esperança está morta! Somos meros carpideiros no rabecão e qual essência imortal ou criação perecível recusar-se-á a comparecer à triste procissão que leva ao seu túmulo a falecida consoladora da humanidade?

O Sol não chama sua luz? E o dia

Esvai-se como uma frágil emanação –

Ambos envolvendo seus raios nas nuvens para ser

Carpideiras nesta exéquia[{83}].

VOLUME III

CAPÍTULO I

NÃO OUVEM vocês o som apressado da próxima tempestade? Vocês não contemplam as nuvens abertas e a destruição lúgubre e medonha derramar-se sobre a terra maldita? Não veem vocês o raio cair e não se ensurdecem com o bramido dos céus que se segue à sua queda? Não sentem vocês a terra tremer e abrir-se com gemidos agonizantes, enquanto o ar está impregnado de gritos agudos e lamentos – todos anunciando os últimos dias do homem? Não! Nada dessas coisas acompanhou nosso declínio! O balsâmico ar da primavera, exalado pela casa aprazível da natureza, envolveu a terra adorável, que despertou como uma orgulhosa e jovem mãe, prestes a conduzir sua bela prole para se encontrar com seu progenitor, que há muito havia estado ausente. Os brotos enfeitavam as árvores, as flores adornavam a terra: os ramos escuros, sustentados com sucos sazonais, expandiam-se em folhas e a folhagem matizada primaveril, curvando e cantando na brisa, exultada no afável calor do firmamento sem nuvens: os riachos fluíam murmurantes, o mar estava plano e os promontórios que o projetavam eram refletidos nas plácidas águas; pássaros despertaram nos bosques, enquanto o alimento abundante para o homem e o animal nascia do solo negro. Onde estavam a dor e o mal? Não no calmo ar ou no encapelado oceano; não nas florestas ou nos campos férteis, nem entre os pássaros que fizeram as árvores ressoarem com música, nem nos animais que em meio à fartura expuseram-se ao brilho do sol. Nosso inimigo, como a Calamidade de Homero,

percorreu nossos corações e nenhum soído foi ecoado dos seus passos –

Com doenças a ilha está repleta, com doenças o mar,

Doenças caçam nossa frágil humanidade,

Ao meio-dia, à noite, em asas casuais elas deslizam,

Silenciosas, – uma voz do poder todo sábio negou[{84}].

Uma vez, o homem foi o preferido do Criador, como o salmista real cantava, “Tu o fizeste pouco inferior aos anjos de glória e de honra o coroaste. E deste-lhes o mando sobre as obras das tuas mãos. Sujeita-se todas as coisas debaixo de seus pés.”[{85}] Uma vez foi assim; agora é o homem o senhor da criação? Olhe para ele – ah! Vejo a peste! Ela atacou sua forma, está encanada na sua carne, emaranhou-se com seu ser e cega seus olhos, que perscrutam o céu. Deite-se, Oh homem, na terra salpicada de flores; abra mão de toda reivindicação de sua herança, tudo o que você pode um dia possuir dela é a pequena célula que o morto exige. A peste é a companheira da primavera, do brilho do sol e da fartura. Não mais lutamos com ela. Esquecemos-nos do que fazíamos quando ela não existia. De velhos navios usados para resistir às gigantes ondas do oceano entre Indus e o Pólo, por insignificantes artigos de luxo. Os homens fizeram jornadas periclitantes para possuir esplêndidas bugigangas da terra, gemas e ouro. O trabalho humano foi desperdiçado – a vida humana atribuída ao nada. Agora a vida é tudo o que cobiçamos; que este autômato de carne deve, com juntas e peças em ordem, desempenhar suas funções, que esta morada de alma deve ser capaz de conter seu morador. Nossas mentes, antes espalhadas além por meio de incontáveis esferas e infinitas combinações de pensamento, agora

entrincheiram-se novamente atrás desta parede de carne, ávidas por preservar seu bem-estar apenas. Éramos, com efeito, suficientemente degradados.

A princípio, o aumento da doença na primavera trouxe um crescimento de faina para alguns de nós que, embora poupados com vida, investiram nosso tempo e pensamentos nos nossos semelhantes. Encorajamos-nos para a tarefa: “em meio ao desespero desempenhamos as empreitadas de esperança.” Partimos com a determinação de discutir com nosso oponente. Ajudamos os doentes e confortamos os tristes; passando da enormidade morta para os raros sobreviventes, com uma energia de desejo que embuía a semelhança de poder, saudamos-lhes – vivos. A peste posicionou-se suprema no entretempo e riu de nós com escárnio.

Algum de vocês, meus leitores, observaram as ruínas de um formigueiro imediatamente após sua destruição? Primeiro, ele parece completamente desertado de seus habitantes antigos; em pouco tempo, vocês observam uma formiga lutando em meio ao molde invertido; elas ressurgem em duas e três, correndo aqui e ali na busca por suas companheiras perdidas. Assim éramos nós na terra, imaginando aterrorizados os efeitos da pestilência. Nossas habitações vazias permaneceram, mas os residentes foram reunidos nas sombras do túmulo.

Conforme as regras de ordem e a pressão das leis perdiam-se, alguns começaram com hesitação e espanto a transgredir os usos habituais da sociedade. Os palácios foram abandonados e o pobre homem ousou afinal, não sendo repreendido, a invadir os esplêndidos apartamentos, cujas próprias mobílias e decorações eram um mundo desconhecido para ele. Soube-se que, embora a princípio a proibição imposta a toda circulação de propriedade havia reduzido aqueles, que antes eram sustentados pelas necessidades artificiais da sociedade,

à súbita e odiosa pobreza, ainda quando os limites da posse privada foram eliminados, os produtos do lavoro humano na existência presente eram superiores, muito superiores, ao que a minguada geração poderia possivelmente consumir. Para alguns entre os pobres isso era uma questão de exultação. Éramos todos iguais agora; residências magníficas, tapetes luxuosos e camas de dormir eram oferecidos a todos. Carruagens e cavalos, jardins, quadros, estátuas e principescas bibliotecas, haviam o bastante deles até para superfluidade; e não havia nada para impedir que cada um tomasse posse de sua cota. Éramos todos iguais agora; porém mais próximo às mãos estava uma igualdade ainda mais niveladora, um estado onde beleza, força e sabedoria seriam tão vãs quanto riqueza e berço. A sepultura escancarava-se abaixo de todos nós e seu prospecto prevenia-nos de gozar da tranquilidade e fartura que de uma maneira tão horrível foi-nos apresentada.

Entretanto, o viço não desapareceu das feições das minhas crianças; e Clara saltava em idade e crescimento, imaculada pela doença. Não tínhamos motivo para pensar no Castelo de Windsor como peculiarmente saudável, já que muitas outras famílias haviam expirado sob seu teto; vivíamos portanto sem nenhuma precaução particular; mas vivíamos, parecia, em segurança. Se Idris tornasse-se esquálida e lívida, era a ansiedade que ocasionava a mudança; uma ansiedade que de forma nenhuma eu poderia aliviar. Ela nunca reclamava, mas o sono e o apetite deixaram-na, uma vagarosa febre tomou suas veias, sua coloração era tísica e com frequência ela chorava em segredo; prognósticos sombrios, a preocupação e o terror agonizante consumiram o princípio vital dentro dela. Eu não poderia deixar de perceber essa alteração. Frequentemente eu gostaria de ter permitido que ela

tomasse seu próprio rumo e envolvesse-se em trabalhos para o bem-estar dos outros, uma vez que poderiam ter distraído seus pensamentos. Mas era tarde demais agora. Além disso, com a praticamente extinta raça do homem, todos os nossos esforços chegaram próximos ao seu final, ela estava muito fraca; o consumo, se é que poderia ser chamado assim, ou melhor, a vida excessivamente ativa dentro dela que, quando com Adrian, gastava o óleo vital nas horas mais prematuras da manhã, privou seus membros de força. À noite, quando ela poderia me deixar sem ser notada, ela vagava pela casa ou estendia-se sobre os sofás dos seus filhos; e durante o dia afundaria em um sono perturbado, enquanto seus murmúrios e sobressaltos traíam os sonhos inquietos que a exasperavam. À medida que essa condição de infelicidade tornava-se mais comprovada e, apesar dos seus esforços para dissimular mais aparentes, eu empenhei-me, embora em vão, a despertar sua coragem e esperança. Não poderia duvidar da veemência do seu cuidado; sua própria alma era delicadeza; ela confiava, com efeito, que não deveria viver mais do que eu caso tornasse-me a presa da vasta calamidade e esse pensamento às vezes aliviava-a. Havíamos, por muitos anos, caminhado pela estrada da vida lado a lado e, ainda assim ligados, poderíamos passar pelas sombras da morte; mas seus filhos, seus adoráveis, brincalhões e animados filhos – seres crescidos à sua própria querida semelhança – porções do seu próprio ser – depositórios de nossos amores – mesmo se morrêssemos, seria confortante saber que eles percorreram a vereda habitual do homem. Mas não devia ser assim; jovens e vigorosos como eram, eles morreriam e das esperanças da maturidade, do nome orgulhoso do amadurecimento atingido, eles seriam cortados para sempre. Com frequência, com afeição maternal, ela havia projetado seus méritos e talentos

exercidos no estágio amplo da vida. Ah, nestes últimos dias! O mundo havia envelhecido e todos os seus prisioneiros compartilhavam da decrepitude. Por que falar de infância, maturidade e velhice? Nós todos permanecemos repartidores iguais das últimas agonias da natureza desgastada pelo tempo. Chegamos ao mesmo ponto da idade do mundo – não havia diferença em nós; o nome de pais e filhos havia perdido seu significado; meninos e meninas eram equiparados agora aos homens. Tudo era verdade; mas não era menos agonizante levar a admoestação para casa.

Para onde podíamos nos virar e não encontrar uma desolação prenhe com a horrenda lição de exemplo? Os campos haviam sido abandonados sem cultivos, ervas daninhas e flores vistosas cresciam - ou, onde poucas plantações de trigo demonstravam sinais das vívidas esperanças do camponês, o trabalho havia sido deixado pela metade, o lavrador morrera ao lado do arado; os cavalos haviam desertado o rego e nenhum semeador aproximara-se dos mortos; o gado descuidado vagueava pelos campos e nas sendas; os mansos habitantes do viveiro, desprovidos de sua alimentação diária, tornaram-se selvagens – cordeiros novos eram abandonados em jardins floridos e a vaca atolava na sala de estar. Adoecidos e exíguos, os campesinos nem partiam para semear nem para ceifar; mas andavam a pé pelos prados ou recostavam-se nas cercas, quando o inclemente céu não os fazia abrigarem-se no teto mais próximo. Muitos dos que restaram, isolaram-se; alguns haviam estocado provisões, o que deveria evitar a necessidade de deixar suas casas; – alguns renunciaram à mulher e filhos, e imaginaram que eles mantinham-se seguros na extrema solidão. Tal havia sido o plano de Ryland e ele foi encontrado morto e semidevorado pelos insetos, em uma casa a muitas milhas de qualquer outra, com pilhas de comida armazenadas em inútil demasia.

Outros fizeram longas jornadas para se unir aos que amavam e chegaram para encontrá-los mortos.

Londres não continha mais de mil habitantes; e esse número estava diminuindo continuamente. A maioria deles era campesinos, vindos pela mudança; os londrinos haviam buscado o campo. A ocupada parte ocidental da cidade estava silenciosa ou, quando muito, via-se apenas onde, em parte pela avareza, em parte pela curiosidade, os depósitos haviam sido mais revistados do que pilhados: fardos de ricas mercadorias da Índia, xales de estima, joias e especiarias, desembalados, polvilhavam o chão. Em alguns lugares, o proprietário havia até o fim vigiado sua loja e morrido ante os portões trancados. Os portais volumosos das igrejas oscilavam, rangendo em suas dobradiças; e alguns jaziam mortos na calçada. A mulher arruinada, vítima sem amor da vulgar brutalidade, havia vagado para o toucador da beleza bem-nascida e, arrumando-se no garbo do esplendor, morrera diante do espelho que refletiu apenas para si mesma sua aparência desfigurada. As mulheres, cujos delicados pés haviam raramente tocado a terra em seu luxo, fugiram em pavor e horror de suas casas, até que, perdendo-se nas esquálidas ruas da metrópole, morreram no limiar da pobreza. O coração adoecido pela variedade de misérias apresentadas; e, quando eu vi uma espécie dessa lúgubre mudança, minha alma padeceu com o receio de que poderia acontecer a minha amada Idris e a minhas crianças. Achariam eles, sobrevivendo a Adrian e a mim mesmo, a si próprios sem proteção no mundo? Ainda que a mente sozinha tivesse sofrido – poderia eu para sempre distrair o tempo, quando a delicada compleição e os nervos encolhidos de minha cria de prosperidade, lactente de classe e riqueza, que era minha companhia, deve ser invadida pela fome, penúria e doença? Melhor morrer de uma vez – melhor afundar um punhal no seu peito, ainda intocado pela

soturna adversidade e, então, novamente cravá-lo em mim mesmo! Mas, não! Em tempos de miséria devemos lutar contra nossos destinos e esforçar-nos para não sermos derrotados por eles. Eu não cederia, mas defenderia meus queridos contra a tristeza e a dor até o último suspiro; e se eu, finalmente, fosse derrotado, não deveria ser vergonhosamente. Permaneci no meio, resistindo ao inimigo – o intangível e invisível adversário, que por tanto tempo cercara-nos – embora ainda não tivesse aberto nenhuma brecha: era minha preocupação que ele não, minando secretamente, explodisse no limiar do templo do amor, em cujo altar eu sacrificava-me diariamente. A fome da Morte agora apertava mais forte, com a diminuição de seu alimento: ou foi que antes, sendo muitos os sobreviventes, os mortos eram calculado com menos ansiedade? Agora, cada vida era uma gema, cada forma humana respirando bem, Oh!, bem superior a mais sutil imagem de uma pedra lapidada; e a queda diária, não, horária, visível em nossos quadros, visitava o coração com uma repugnante tristeza. Este verão extinguiu nossas esperanças, o navio da sociedade naufragou e a despedaçada balsa, que carregava os poucos sobreviventes pelo mar de miséria, fendeu e perdeu-se com a tempestade. Os homens rareavam; o homem, o indivíduo que pode dormir, despertar e executar as funções animais; mas o homem, por si só fraco, embora mais poderoso se junto com outros do que o vento ou o oceano; o homem, o dominador dos elementos, o senhor da natureza criada, igual ao semideuses, já não mais existia.

Adeus ao patriótico cenário, ao amor de liberdade e à merecida recompensa de virtuosa aspiração! – adeus ao abarrotado senado, sonante com os conselhos dos sábios, cujas leis eram mais afiadas do que a lâmina da espada cunhada em Damasco! – adeus à pompa real e aos guerreiros camponeses; as coroas foram lançadas ao

pó e os que as usavam estão em seus túmulos! – adeus ao desejo de comando e à esperança de vitória; à ambição pelo firmamento, ao apetite por louvor e à ânsia pelo sufrágio de seus companheiros! Às nações que já não existem mais! Nenhum senador senta-se nos conselhos pelos mortos; nenhum herdeiro de alguma dinastia honrada pelo tempo cresce para dominar os habitantes de um cemitério; a mão do general está fria e o soldado tem sua extemporânea sepultura cavada em seus campos nativos, sem honras, embora jovem. O mercado está vazio, o candidato às boas graças do povo não encontra mais a quem representar. Às câmaras do alto estado, adeus! – À diversão da madrugada e à ofegante emulação da beleza, ao vestido caro e às festas de aniversário, ao título e à coroa dourada, adeus!

Adeus aos gigantes poderes do homem, – ao conhecimento que poderia pilotar o barco de longo alcance pelas oponentes águas do oceano sem litoral, – à ciência que dirigiu o balão de seda pelo ar sem caminhos, - ao poder que poderia dispor barreiras às possantes águas e movimentar rodas, raios e vastas máquinas, que poderiam dividir rochas de granito ou de mármore e aplainar as montanhas!

Adeus às artes, – à eloquência, que está para a mente humana como o vento para o mar, eriçando-o e, então, acalmando-o; – adeus à poesia e à profunda filosofia, pois a imaginação do homem está fria e sua mente inquiridora já não mais pode divagar sobre as maravilhas da vida, uma vez que “para onde te precipitas, não haverá nem obra, nem razão, nem sabedoria, nem ciência!”{86} – ao gracioso edifício, que em sua perfeita proporção transcende as rudes formas da natureza, o pilar gótico entrelaçado e sarracênico vultuoso, ao estupendo arco e ao glorioso domo, a coluna estriada com sua capital coríntia, jônica ou dórica, o peristilo e a bela tablatura, cuja harmonia de

forma está para o olho como o acorde musical para o ouvido! – adeus à escultura, onde o mármore puro imita a carne humana e na plástica expressão das selecionadas excelências da forma humana, brilha adiante o deus! – adeus à pintura, o sentimento altamente trabalhado e o profundo conhecimento das mentes dos artistas nas telas pintadas – aos cenários paradisíacos, onde as árvores são eternamente viçosas e o ar ambrosíaco permanece em perpétua cintilação: – à forma estampada da tempestade e do enlouquecido tumulto da natureza universal, aprisionada na estreita moldura, Oh, adeus! Adeus à música e ao som da canção; ao casamento dos instrumentos, onde o concorde do suave com o rude une-se em doce harmonia e dá asas aos arquejantes ouvintes, com os quais escalam os céus e descobrem os ocultos prazeres dos eternos! – Adeus ao palco tão bem caminhado; uma tragédia mais verossímil é interpretada no amplo cenário do mundo, que reduz ao nada a mímica tristeza: à comédia de alto nível e ao humilde bufão, adeus! – O homem já não mais pode rir. Ah! Enumerar os adornos da humanidade mostra, pelo o que perdemos, quão supremamente grande o homem era. Tudo está acabado, agora. Ele está solitário; como os nossos primeiros pais, expulsos do Paraíso, ele olha para trás, na direção da paisagem que abandonou. Os altos muros do túmulo e a flamejante espada da peste, deitam-se entre aquele e ele. Como nossos primeiros pais, toda a terra está diante dele, um vasto deserto. Desamparado e fraco, deixe-o vaguear pelos campos onde o milho não colhido permanece em estéril abundância, pelos matagais plantados por seus pais, pelas cidades construídas para seu uso. A posteridade já não é mais; a fama, a ambição e o amor são palavras vazias de sentido; assim como o gado que pasta no campo, tu, Oh abandonado, deitai sobre o cair da noite, desconhecido do passado,

indiferente ao futuro, pois de tal apaixonada ignorância apenas poderás esperar pelo ócio!

A alegria pinta com as suas próprias cores cada ato e cada pensamento. A felicidade não sente a pobreza – pois o prazer é um manto tecido em ouro e coroa-os com joias sem preço. O regozijo é como o cozinheiro para a alimentação da casa e mistura a intoxicação com suas simples bebidas. A alegria esparge com rosas a dura cama e torna o trabalho cômodo.

A mágoa duplica o peso para o dorso inclinado; semeia espinhos no inflexível travesseiro; mescla o rancor com água; adiciona sal ao seu amargo pão; veste-os em trapos e espalha cinzas sobre suas cabeças. Para o nosso irremediável pesar, cada pequena e débil inconveniência vinha com força redobrada; havíamos fortalecido nossos corpos para suportar o peso atleano jogado sobre nós; afundamos sob cada pena que o acaso lançou sobre nós, “o gafanhoto era um peso”[{87}]. Muitos dos sobreviventes cresceram em meio ao luxo – seus criados se foram, seus poderes de comando esvaíram-se como sombras fictícias: o pobre mesmo sofria várias privações; e a ideia de um outro inverno como o último trazia aflição para as nossas mentes. Já não era o bastante que morrêssemos e ainda se adicionava a dura labuta? – devemos preparar o repasto de nosso funeral com trabalho e com inadequada lida colher os estímulos para nossos lares abandonados – devemos nós, com mãos servis, fabricar as vestimentas, que logo serão nosso manto funéreo?

Não! Estamos na iminência de morrer, deixe-nos então apreciar todo o deleite do resto de nossas vidas. Vá embora, sórdida preocupação! Trabalhos lacaios e dores, leves em si mesmas, mas enormes para nossa força extenuada, não deveriam fazer parte de nossas existências efêmeras. No começo dos tempos, quando, como agora, o homem vivia em sociedade e não em

tribos ou nações, foi colocado em um clima cortês, onde a terra alimentava-o sem cultivo e o balsâmico ar envolvia seus descansados membros com brandura mais agradável do que camas de dormir. O sul é o local nativo da raça humana; a terra das frutas, mais grata ao homem do que a duramente conquistada Ceres do norte, – das árvores, cujos galhos são como o teto de um palácio, de divãs de rosas e das uvas que saciam a sede. Lá, não precisaremos temer o frio nem a fome.

Olhe para a Inglaterra! A grama desponta alta nas campinas; mas são úmidas e frias, não servem como cama para nós. Milho, não temos nenhum e as frutas cruas não podem nos sustentar. Devemos procurar calor nas entranhas da terra ou a cruel atmosfera encher-nos-á de reumas e dores. O trabalho de centenas de milhares apenas poderia tornar este inclemente recesso em uma habitação apropriada para um, somente. Para o sul, então, para o sol! – onde a natureza é boa, onde Júpiter espalhou o conteúdo do corno de Amalteia e a terra é um jardim.

Inglaterra, até então origem da excelência e escola dos sábios, teus filhos se foram, tua glória esvaiu-se! Tu, Inglaterra, foste o triunfo do homem! Poucos benefícios foram-te concedidos pelo teu Criador, tu Ilha do Norte; uma tela naturalmente rota, pintada pelo homem com cores estranhas; mas os tons que ele deu desbotaram, nunca mais serão renovadas. Portanto, temos de deixar-te, tu, maravilha do mundo; temos de despedir-nos de tuas nuvens, de teu frio e de tua escassez para sempre! Teus corações vigorosos estão parados; tua história de poder e liberdade perto do fim! Roubada de homens, Oh pequena ilha! As ondas do oceano esbofetear-te-ão e o corvo abre suas asas sobre ti; teu solo será a origem das ervas daninhas, teu céu será coberto com o estéril dossel. Não foi pelo erguer da Pérsia que tu foste famosa, nem pela banana do leste; nem pelas

temperadas brisas da Índia, nem pelo pomar de açúcar da América; nem pelos teus vinhos nem pelas tuas colheitas duplas, nem pelos teus ares primaveris, nem pelo sol do solstício – mas pelos teus filhos, com seus incansáveis engenhos e alta aspiração. Eles se foram e tu irás com eles pelo muito trilhado caminho que leva ao esquecimento,

Adeus, triste ilha, adeus, tua glória fatal

Foi totalizada, desprezada e eliminada desta história[{88}].

CAPÍTULO II

NO outono deste ano de 2096, o espírito de imigração arrastou-se pelos poucos sobreviventes que, congregando de várias partes da Inglaterra, encontraram-se em Londres. Tal espírito existia como um alento, um desejo, um pensamento distante, até que foi comunicado a Adrian, que se embebeu dele com ardor e de instantâneo ocupou-se dos planos para a sua realização. O medo da morte imediata esvaíra-se com os calores de setembro. Outro inverno estava adiante de nós e poderíamos eleger nosso modo de passá-lo da melhor maneira. Talvez na filosofia racional nada poderia ser melhor escolhido do que este plano de migração, que nos levaria da cena imediata de nosso lamento e, nos conduzindo por agradáveis e pitorescos países, entreteria nosso desespero por um tempo. A ideia, uma vez proposta, estávamos todos impacientes para pô-la em execução.

Estávamos ainda em Windsor, nossas esperanças renovadas curavam a angústia que havíamos sofrido com as últimas tragédias. A morte de muitos de nossos colegas havia nos livrado da apaixonada ideia de que o Castelo de Windsor era um local sagrado contra a peste; mas o nosso empréstimo de vida foi renovado por mais alguns meses e até Idris ergueu a cabeça, como um lírio depois da tormenta, quando um último raio de sol colore o prateado copo. Somente neste momento Adrian veio ter conosco; sua aparência ansiosa mostrou-nos que ele já esquematizara tudo. Ele apressou-se em me levar para um canto e revelou-me com rapidez seu plano de emigração da Inglaterra.

Deixar a Inglaterra para sempre! Dar as costas aos seus campos e bosques poluídos e, colocando o mar entre nós, abandoná-la, como um marinheiro abandona a rocha na qual fora um náufrago, quando o navio salvador passa. Tal era seu plano.

Deixar o país de nossos pais, tornado sagrado pelas suas tumbas! – Nós não podíamos nos sentir sequer como um antigo eLivros por vontade própria, que por prazer ou conveniência renuncia ao seu solo pátrio; embora milhares de milhas possam separá-lo, a Inglaterra ainda era uma parte dele, como ele, dela. Ele inteirava-se dos acontecimentos do momento; ele sabia que, se retornasse e reocupasse seu lugar na sociedade, a entrada ainda estaria aberta e requeria apenas a vontade para que se acercasse definitivamente das associações e dos hábitos da adolescência. Nem tanto para nós, os restantes. Não tínhamos ninguém para nos representar, ninguém para repovoar a terra deserta e o nome da Inglaterra morreria, quando a deixássemos,

Com o reles objetivo da temerosa segurança[{89}]*.*

Contudo, deixe-nos ir! A Inglaterra está em seus estertores, – não podemos nos ligar a um cadáver. Deixe-nos ir – o mundo é a nossa nação, agora e escolheremos como residência seu lugar mais fértil. Devemos, nestas salas abandonadas, sob este céu invernoso, sentar com os olhos fechados e as mãos entrelaçadas, esperando a morte? Melhor, deixe-nos sair para encontrá-la galantemente; ou talvez – como todo este oscilante orbe, esta bela gema no diadema do céu, não está totalmente atingido pela peste – talvez, em algum abrigo retirado, entre a primavera eterna, farfalhantes árvores e plácidos riachos, nós possamos encontrar a Vida. O mundo é vasto e a Inglaterra, apesar de seus muitos campos e florestas amplamente espalhadas parecerem

intermináveis, é nada mais do que uma parte dele. Ao fim de um dia de marcha sobre altas montanhas e por vales nevados, podemos obter a saúde e, comprometendo nossos amados à sua carga, replantar a arrancada árvore da humanidade e enviar para toda a posteridade a história da corrida contra a pestilência, assim como os heróis e os sábios do estado perdido das coisas.

A esperança sinaliza e a mágoa apressa-nos, o coração bate forte com a expectativa e esse ansioso desejo de mudança deve ser um presságio de sucesso. Oh, venha! Adeus aos mortos! Adeus às tumbas daqueles que amamos! – Adeus à imensa Londres e ao plácido Tâmisa, ao rio, à montanha e ao belo distrito, origem dos sábios e dos bons, à Floresta de Windsor e ao seu antigo castelo, adeus! São apenas temas para a história, - devemos morar em outro lugar.

Tais eram, em parte, os argumentos de Adrian, expressados com entusiasmo e em uma velocidade sem resposta. Algo mais estava em seu coração, ao qual ele não ousava descrever. Ele sentia que o fim do tempo estava próximo; ele sabia que, um a um, deveríamos nos reduzir ao nada. Não era aconselhável esperar essa triste consumação em nosso nativo país; mas viajar dar-nos-ia ocupação para cada dia, o que distrairia nossos pensamentos do fim das coisas que se aproximava cada vez mais rápido. Se fossemos para a Itália, para a sagrada e eterna Roma, poderíamos, com grande paciência, submeter-nos ao destino, que havia derrubado suas poderosas torres. Poderíamos perder nossa egoísta tristeza no sublime aspecto de sua desolação. Tudo isso estava na mente de Adrian; mas ele pensava em meus filhos e, ao invés de comunicar-me tais recursos de desespero, ele invocou a imagem de saúde e de vida que encontraríamos sem saber onde – sem saber quando; mas se nunca encontrada, para sempre a ser

buscada. Ele conquistou-me com seu plano, de coração e alma.

Tal fato delegou-me a revelar nosso plano para Idris. As imagens de saúde e de esperança que eu apresentei a ela fez com que consentisse com um sorriso. Com um sorriso ela concordou em deixar seu país, do qual ela nunca antes esteve ausente, e seu lugar, onde ela havia morado desde a infância; as florestas e suas poderosas árvores, os caminhos dos bosques e os recessos verdes, onde ela brincara em infância e vivera tão feliz pela juventude; ela deixá-los-ia sem arrependimento, pois esperava assim adquirir a vida de seus filhos. Eles eram a sua vida; mais queridos do que um local consagrado ao amor, mais queridos do que tudo o que a terra continha. Os garotos ouviram com infantil gosto sobre nossa partida: Clara quis saber se íamos para Atenas. “É possível”, repliquei; e suas feições tornaram-se radiantes de prazer. Lá ela observaria o túmulo de seus genitores e o território repleto de lembranças da glória de seu pai. Em silêncio, mas sem descanso, ela havia cultivado tais cenários. Era a lembrança deles que havia transformado sua alegria infantil em seriedade e havia impresso nela altos e incansáveis pensamentos.

Havia muitos amigos queridos que não deveríamos abandonar, humildes embora fossem. Havia o sagaz e obediente corcel que Lordee Raymond dera à sua filha; havia o cão de Alfred e uma águia de estimação, cuja visão ofuscara-se com o passar da idade. Mas esta lista de eleitos que nos acompanharia não pôde ser feita sem a tristeza do pensamento de nossas pesadas perdas e um profundo suspiro pelas muitas coisas que deixaríamos para trás. As lágrimas corriam pelo rosto de Idris, enquanto Alfred e Evelyn traziam sua roseira favorita, depois um vaso de mármore belamente gravado, insistindo que estes deveriam ir e exclamando que pena seria não poder levar o castelo e a floresta, o cervo e os

pássaros, e todos os demais objetos habituais e queridos, conosco. “Apaixonados e tolos”, eu disse, “perdemos para sempre tesouros muito mais preciosos do que esses; e abandonamo-los para preservar tesouros que, em comparação, não são nada. Não nos deixe esquecer por um momento nosso objetivo e nossa esperança; e eles formarão um monte irresistível a bloquear a enchente de nosso arrependimento pelas insignificâncias.”

As crianças foram facilmente distraídas e novamente voltaram aos seus planos de diversão futura. Idris havia desaparecido. Ela saíra para ocultar sua fraqueza; escapando do castelo, ele descera ao pequeno parque e buscou a solidão, onde poderia ceder às suas lágrimas; encontrei-a agarrada a um velho carvalho, apertando seu enrugado tronco com seus lábios rosados, enquanto chorava copiosamente e seus soluços e interrompidas exclamações não podiam ser suprimidos; e com insuperável tristeza observei a amada de meu coração perdida assim em mágoas! Puxei-a para mim; e, enquanto ela sentia meus beijos em suas pálpebras, enquanto sentia meus braços pressionarem-na, ela retomou o conhecimento do que permanecia com ela. “Você é muito bondoso em não me reprovar”, ela disse, “Eu choro e uma amarga pontada de intoleráveis lágrimas de mágoa despedaça meu coração. E, ainda assim, sou feliz; as mães lamentam pelos seus filhos, as esposas perdem seus maridos, enquanto você e minhas crianças permanecem comigo. Sim, sou feliz, muito feliz, que eu possa chorar, portanto, por mágoas imaginárias e que a menor perda de meu adorado país não seja ainda mais diminuída ou aniquilada por miséria maior. Leve-me para onde quiser; onde você e meus filhos estiverem, lá será Windsor e qualquer país será a Inglaterra para mim. Deixe que essas lágrimas caiam não por mim, feliz e ingrata como sou, mas pelo mundo morto – pelo nosso

perdido país – por tudo de amor, vida e alegria agora obstruídos nas empoeiradas câmaras da morte.”

Ela falava rapidamente, como se para convencer a si mesma; ela tirou os olhos das árvores e das trilhas da floresta que amava; escondeu sua face em meu peito e nós – sim, minha firmeza masculina dissolvida – choramos juntos em reconfortantes lágrimas e então, mais calmos, – não, quase alegres, retornamos ao castelo.

A primeira frente fria de um outubro inglês fez-nos apressar nossos preparativos. Persuadi Idris a ir até Londres, onde ela poderia melhor obter os arranjos necessários. Não disse a ela que, para poupar-lhe da aflição de se despedir de objetos inanimados, agora tudo o que restava, eu decidira que nenhum de nós deveria regressar a Windsor. Pela última vez olhamos pela ampla extensão de campo visível do terraço e vimos os últimos raios de sol tingir a escura massa de floresta colorida pelas tintas do outono; os campos selvagens e as cabanas sem fumaça estendiam-se pelas sombras abaixo; o Tâmisa serpenteava pela ampla planície e o venerável edifício do colégio de Eton, destacava-se no escuro, um objeto proeminente; o crocitar das miríades de gralhas que habitavam as árvores do pequeno parque, como em uma coluna ou uma fina cunha, voavam para seus ninhos, perturbando o silêncio da tarde. A natureza era a mesma de quando ela era a bondosa mãe da raça humana; agora, sem filhos e desamparada, sua fertilidade era uma zombaria; seu encanto, uma máscara para a deformidade. Por que a brisa deveria, cordialmente, eriçar as árvores e o homem não sentir seu refresco? Por que a soturna noite adornava-se com estrelas – e o homem não as via? Por que há frutas, flores ou riachos e o homem não está aqui para apreciá-los?

Idris permaneceu ao meu lado, sua querida mão presa à minha. Sua face brilhava com um sorriso. – “O sol está sozinho”, ela disse, “mas nós não. Uma estrela estranha, meu Lionel, dominou nosso nascimento; com tristeza e consternação podemos assistir à aniquilação do homem; mas restamos um para o outro. Procurei eu por outro neste amplo mundo que não tu? E já que segues nesse vasto mundo, por que deveria eu reclamar? Tu e a natureza ainda são reais para mim. Por entre as sombras da noite e pelo dia, cuja pomposa luz revela nossa solidão, tu estarás ao meu lado e mesmo Windsor não será lamentada.”

Escolhera a noite para viajar para Londres, para que a alteração e a desolação do país pudessem ser menos observáveis. Nosso único criado vivo guiou-nos. Passamos pela abrupta serra e adentramos pela escura avenida de Long Walk. Em tempos como aqueles, as circunstâncias imediatas assumiam grandes e majestosas proporções; a própria abertura giratória do portão branco que nos dava entrada à floresta deteve meus pensamentos como matéria de interesse; era um ato cotidiano que nunca mais ocorreria novamente! A lua crescente brilhava por entre as densas árvores à nossa direita e, quando entramos pelo parque, assustamos uma tropa de cervos, que fugiu aos pulos pelas sombras da floresta. Nossos dois garotos dormiam tranquilamente; por fim, antes da curva da estrada, olhei para trás e vi o castelo. Suas janelas resplandeciam com a luz do luar e seu pesado contorno posicionado como uma massa enegrecida contra o céu – as árvores perto de nós entoaram um solene hino fúnebre para a brisa da meia-noite. Idris recostou-se na carruagem; suas duas mãos apertaram as minhas, sua feição era plácida, ela parecia perder o senso do que ela havia deixado na memória do que ela ainda possuía.

Meus pensamentos eram tristes e graves, ainda que de uma dor pura. Nosso próprio excesso de miséria trazia um alívio nele, dando sublimação e elevação à mágoa. Sentia que carregava comigo aqueles que eu mais amava; eu estava satisfeito em, depois de uma longa separação, encontrar Adrian outra vez; nunca mais se separar. Eu sentia que abandonara o que eu amava e não o que me amava. Os muros do castelo e as longas árvores genealógicas não ouviram o som da despedida das rodas da nossa carruagem com pesar. E, enquanto eu sentia Idris próxima e ouvia a respiração regular de meus filhos, eu não poderia estar triste. Clara estava muito emocionada; com olhos chorosos, contendo seus soluços, ela apoiou-se na janela, olhando os últimos relances de seu nativo Windsor.

Adrian recepcionou-nos na nossa chegada. Ele estava muito animado; já não era possível identificar, em seu rosto saudável, o enfermiço; pelo seu sorriso e tons vivazes, não era possível adivinhar que ele estava prestes a conduzir de seu país nativo os contados remanescentes da nação inglesa para os reinos desabitados do sul, lá para morrer, um a um, até que o ÚLTIMO HOMEM devesse permanecer em um mundo sem voz e vazio.

Adrian estava impaciente pela nossa saída e havia ido longe em seus preparativos. Sua sabedoria guiara-lhe muito bem. Sua preocupação era a alma, tocar a desafortunada turba, que confiava inteiramente nele. Era inútil providenciar muitas coisas, pois deveríamos encontrar abundantes provisões em todas as cidades. Era desejo de Adrian evitar todo trabalho; para cobrir esta comitiva de aparente felicidade. Nossos números não chegavam a duzentas pessoas. Estes não estavam totalmente reunidos em Londres, mas cada dia testemunhava a chegada de mais gente e aqueles que residiam nas cidades vizinhas haviam recebido ordens

de se reunir em um lugar, em dezenove de novembro. Carruagens e cavalos foram fornecidos para todos; capitães e suboficiais selecionados, e toda a comitiva sabiamente organizada. Todos obedeciam ao Lordee Protetor da moribunda Inglaterra; todos o seguiam. Seu conselho foi escolhido, consistindo em cerca de cinquenta pessoas. A distinção e a posição social não foram qualificações para a eleição. Não havia classes sociais entre nós, apenas a que a benevolência e a prudência davam-nos; nenhuma distinção salva aquela entre os vivos e os mortos. Embora estivéssemos ansiosos para partir da Inglaterra antes que o inverno aprofundasse-se, ainda nos detínhamos. Pequenos grupos foram despachados para várias partes da Inglaterra em busca de errantes; nós não iríamos até termos nos assegurado de que em todas as probabilidades humanas não deixamos um único ser humano para trás.

Em nossa chegada a Londres, soubemos que a envelhecida Condessa de Windsor estava residindo com seu filho no palácio do Protetorado; dirigimos-nos para nossa habitual residência próxima ao Hyde Park. Idris, agora pela primeira vez em muitos anos, viu sua mãe, ansiosa para se certificar de que a infantilidade da idade provecta não se misturara com o orgulho não esquecido, que faz esta dama de boa cepa ainda cronicamente minha adversária. A idade e a preocupação sulcaram seu rosto, e curvaram sua forma; mas seu olho ainda brilhava, suas maneiras ainda eram autoritárias e inalteradas; ela recebeu sua filha friamente, mas mostrou mais sentimentos enquanto abraçava seus netos. É nossa natureza desejar que nossos sistemas e pensamentos continuem pela posteridade, por meio de nossa própria descendência. A Condessa falhara em seu desígnio com relação aos seus filhos; talvez ela esperasse encontrar em seu próximo parto um mais

tratável. Uma vez, Idris casualmente disse meu nome – uma carranca, um gesto convulsivo de ira, perpassou sua mãe e, com a voz trêmula de ódio, disse: “Sou de pouco valor neste mundo; os jovens impacientam-se para retirar os velhos de cena; mas Idris, se não deseja ver sua mãe expirar aos seus pés, nunca outra vez mencione esta pessoa para mim; tudo o mais posso suportar; e agora me resigno à destruição das minhas mais acalentadas esperanças: mas é muito requerer que eu deva amar o instrumento que a providência dotou com propriedades assassinas para me destruir.”

Era um discurso estranho, agora que, no palco vazio, cada um pode interpretar seu papel sem impedimento pelo outro. Mas a arrogante ex-Rainha pensava como Otávio César e Marco Antônio,

Não podemos ficar juntos

No mesmo mundo[{90}]*.*

A data de nossa partida foi marcada para 25 de novembro. O clima estava temperado; chuvas leves caíam à noite e, durante o dia, o sol do inverno brilhava. Deveríamos avançar em grupos separados e seguir rotas diferentes, unindo-nos finalmente em Paris. Adrian e sua divisão, consistindo em quinhentas pessoas ao todo, deveriam tomar a direção de Dover e Calais. No dia vinte de novembro, Adrian e eu passamos pela última vez pelas ruas de Londres. Estavam tomadas pela grama e desertas. As portas abertas das mansões vazias rangiam em suas dobradiças; a vegetação rasteira e o pó deformador rapidamente haviam se acumulado nos degraus das casas; os mudos campanários das igrejas perfuravam o ar sem fumaça; as igrejas estavam abertas, mas nenhuma oração era oferecida em seus altares; o míldio e a umidade já haviam desfigurado seus

ornamentos; pássaros e animais domésticos, agora sem casa, haviam construído ninhos e entocavam-se em lugares consagrados. Passamos por Saint Paul. Londres, que se estendera por tão longe em subúrbios em todas as direções, havia estado de certa forma abandonada no meio e muito do que tinha, em dias passados, obscurecido este vasto edifício fora removido. Seu volume preponderante, pedra enegrecida e alto domo, davam-lhe uma aparência não de um templo, mas sim de uma tumba. Pareceu-me que acima do pórtico estava gravado o *Hic jacet*[{91}] da Inglaterra. Passamos pelo leste da cidade, engajados em tal conversa solene quanto os tempos inspiravam. Nenhum passo humano era ouvido, nenhuma forma humana era discernida. Uma matilha de cães, livre de seus donos, ultrapassou-nos; e vez ou outra um cavalo, sem rédeas ou sela, trotava em nossa direção e tentava chamar a atenção dos que montávamos, como se os encantassem para então buscarem a liberdade. Um pesado boi, que se alimentara da grama abundante, subitamente baixou-se e exibiu seu formato desfigurado em um estreito corredor; tudo estava abandonado; mas nada estava em ruínas. E esta miscelânea de edifícios intactos e luxuosas acomodações, em conservada e fresca juventude, era contrastada com o solitário silêncio das ruas despovoadas.

A noite fechou-se e começou a chover. Estávamos prestes a voltar para casa, quando uma voz, humana, estranha agora de ouvir, atraiu nossa atenção. Era uma criança cantando uma feliz e jovial melodia; não havia outro som. Tínhamos atravessado Londres desde Hyde Park até onde agora estávamos, em Minories e não havíamos encontrado ninguém, nem ouvido nenhum voz ou passos. A cantoria foi interrompida por risos e conversas; nunca uma cantiga feliz foi tão lamentavelmente despropositada, nunca uma

gargalhada tão semelhante a lágrimas. A porta da casa de onde esses sons vinham estava aberta, os quartos superiores iluminados como se para uma festa. Era uma casa grande e magnífica, na qual sem dúvida algum rico mercador vivera. A cantoria recomeçou e soava pelos quartos de pé-direito alto, enquanto subíamos silenciosamente a escada. As luzes pareciam nos guiar; e um longo e esplêndido conjunto de quartos iluminados fez-nos ainda mais intrigados. Seu único habitante, uma garotinha, estava dançando, valsando e cantando sobre eles, acompanhada por um enorme cão Newfoundland que, impetuosamente, pulava em cima dela e interrompia-a, fazendo com que ela ralhasse com ele e depois risse e, então, jogasse-se no tapete para brincar com ele. Ela estava vestida grotescamente, em túnicas brilhantes e com xales do tamanho de uma mulher; parecia ter dez anos de idade. Paramos na porta, olhando essa estranha cena, até que o cão, notando-nos, latiu alto; a criança virou-se e olhou-nos: seu rosto, perdendo sua felicidade, assumiu uma expressão consternada; imediatamente ela olhou ao redor, como que premeditando sua fuga. Aproximei-me dela e segurei sua mão; ela não resistiu, mas com um rosto duro, tão estranho em uma criança, tão diferente de sua exultação anterior, ficou parada, seus olhos presos ao chão. “O que você faz aqui?”, perguntei cortês, “Quem é você?” – ela ficou quieta, mas tremia violentamente. – “Minha pobre garota”, perguntou Adrian, “você está sozinha?” Havia uma suavidade cativante em sua voz, que atingiu o coração da garota; ela olhou para ele, então tirando sua mão de mim, jogou-se em seus braços, agarrando-se ao seu pescoço, gritando – “Salve-me! Salve-me!”, enquanto sua rabugice dissolvia-se em lágrimas.

“Eu salvá-la-ei”, ele replicou, “do que você tem medo? Você não precisa temer, minha amiga, ele não a

machucará. Você está sozinha?”

“Não, Lion está comigo.”

“E o seu pai e a sua mãe?”

“Nunca os tive; sou órfã. Todos se foram, há muito, muito tempo; mas se voltarem e me encontrarem, irão me bater muito!”

Sua infeliz história foi contada nestas poucas palavras: uma órfã, levada em pretensa caridade, mal-tratada e ultrajada, cujos opressores haviam morrido; ignorante do que se passava ao seu redor, ela descobriu-se sozinha; ela não ousara sair, mas pela continuidade de sua solidão sua coragem revivera, sua infantil vivacidade fê-la brincar com milhares de excentricidades e com seu bruto companheiro ela passara um longo feriado, receando apenas o retorno das duras vozes e das práticas cruéis de seus protetores. Ela prontamente consentiu em seguir com Adrian.

Enquanto isso, em contraponto às mágoas alheias e em uma solidão que abatia nossos olhos, mas não nossos corações, enquanto tudo imaginávamos das mudanças e do sofrimento que intervieram nestas ruas abarrotadas no passado, agora, vazias e abandonadas, tornaram-se meros canis para cães e estábulos para gado: – enquanto líamos a morte do mundo sobre o escuro templo e abraçávamos-nos na lembrança de que possuíamos tudo o que era o mundo para nós – no entretempo...

Chegáramos de Windsor no começo de outubro e estávamos em Londres por cerca de seis semanas. Dia a dia, durante esse período, a saúde de minha Idris declinou: seu coração estava despedaçado; nem o sono nem o apetite, os escravos escolhidos da saúde, serviam em sua desgastada forma. Observar seus filhos a cada hora, sentar-se ao meu lado, sorvendo profundamente a querida persuasão de que eu permanecia para ela, era sua diversão. Sua vivacidade, por tanto tempo admitida, sua afetuosa exibição de contentamento, seu

despreocupado tom e seu flexível porte se foram. Eu não poderia disfarçar para mim mesmo, nem ela esconder, a mágoa que consumia sua vida. Porém a mudança de cenário e as esperanças renascidas poderiam recuperá-la; eu temia a peste apenas e ela não se importava com isso.

Eu deixara-a naquela tarde, repousando após as fadigas de suas preparações. Clara sentou-se ao seu lado, contando uma história aos dois garotos. Os olhos de Idris estavam fechados: mas Clara percebeu uma súbita mudança na aparência do nosso querido primogênito; suas pesadas pálpebras velavam seus olhos, uma cor artificial ardia em seu rosto, sua respiração encurtou-se. Clara olhou para a mãe; ela dormira, embora acordasse nas pausas que a narradora fazia – o medo de despertá-la e alarmá-la, fazia Clara atender ao ansioso chamado de Evelyn, que não estava ciente do que estava se passando. Seus olhos mudavam alternadamente de Alfred para Idris; com um tom trêmulo, ela continuava sua história, até que viu que a criança estava a ponto de cair: avançando para frente ela pegou-o e seu grito levantou Idris. Ela olhou para seu filho. Viu a morte grassar pela sua feição. Ela deitou-o na cama e umedeceu seus lábios ressecados.

Entretanto, ele poderia ser salvo. Se eu estivesse lá, ele poderia ser salvo; talvez nem fosse a peste. Sem um conselheiro, o que ela poderia ter feito? Fique e observe-o morrer! Por que naquele momento eu estava longe? “Tome conta dele, Clara”, ela exclamou, “voltarei imediatamente.”

Ela perguntou de mim para aqueles que, selecionados como companheiros de nossa jornada, haviam tomado residência em nossa casa; ouviu deles apenas que eu saíra com Adrian. Ela rogou-lhes que me buscassem; voltou para seu filho, que estava imerso em um terrível estado de torpor; outra vez ela desceu apressadamente

as escadas; tudo estava escuro, deserto e silencioso; ela perdeu todo seu autocontrole; correu pelas ruas; gritava meu nome. Somente o barulho da chuva e o uivo do vento responderam. O louco medo deu asas aos seus pés; ela disparou adiante para procurar-me, sem saber onde; mas, colocando todos os seus pensamentos, toda a sua energia e todo o seu ser apenas na velocidade, em maior parte desorientada, ela não sentiu, temeu ou pausou, sempre correndo, até que sua força subitamente abandonou-a que ela tão rápido que ela sequer pensara em salva-se. Seus joelhos falharam-lhe e ela caiu pesadamente sobre o pavimento. Ela ficara aturdida por um momento; mas ao fim ergueu-se e, embora violentamente ferida, ainda caminhou, derramando uma fonte de lágrimas, tropeçando em alguns pontos, indo sem saber para onde, de vez em quando com débil voz chamava meu nome, acrescentando exclamações tocantes de que eu era cruel e impiedoso. Não havia nenhum ser humano para responder; e a inclemência da noite levara os animais soltos para as habitações que eles usurparam. Seu leve vestido estava encharcado, seu cabelo molhado agarrava-se ao seu pescoço; ela cambaleava pelas ruas fuscas; até que, batendo seu pé contra um impedimento despercebido, ela caiu novamente; não pôde se levantar; mal fez grande esforço; mas, encolhendo-se, ela conformou-se com a fúria dos elementos e com a amarga tristeza de seu próprio coração. Ela sussurrava uma honesta prece de morrer rapidamente, pois não havia outro alívio senão a morte. Enquanto desesperançada de segurança para si mesma, ela parou de lamentar pelo filho moribundo, mas derramou lágrimas bondosas e sofridas pela tristeza que eu deveria vivenciar ao perdê-la. Enquanto ela ali estava, a vida quase suspensa, sentiu uma mão quente e suave em seu rosto, e uma voz feminina perguntou-lhe, com expressões de terna compaixão, se ela não poderia

se levantar. Que outro ser humano, simpático e generoso, estivesse próximo, despertou-a; meio erguida, mãos apertadas e lágrimas ainda frescas, ela rogou à sua companheira que procurasse por mim, para pedir que eu me apressasse a ver meu filho a morrer, para salvá-lo, pelo amor dos céus, para salvá-lo!

A mulher ergueu-a; conduziu-a a um abrigo, ela pediu para que voltasse para seu lar, para onde talvez eu já tivesse retornado. Idris facilmente cedeu à sua persuasão, apoiou-se no braço de sua amiga e tentou caminhar, mas a irresistível fraqueza fê-la parar e parar outra vez.

Acelerados pela tempestade crescente, apressamos nossa volta, nossa pequena carga foi colocada diante de Adrian em seu cavalo. Havia uma reunião de pessoas sob o pórtico da casa, em cujos gestos eu instintivamente li alguma pesada mudança, algum novo infortúnio. Com rápido alarme, temeroso de fazer uma única pergunta, pulei de meu cavalo; os espectadores viram-me, conheciam-me e em terrível silêncio abriram-se para eu passar. Roubei uma lâmpada e, correndo pelas escadas e ouvindo um lamento, sem reflexão escancarei a porta do primeiro aposento que se me apresentou. Estava muito escuro; mas, à medida que eu avançava, um odor pernicioso assaltou meus sentidos, produzindo uma repugnante náusea, que foi diretamente ao meu próprio coração, enquanto senti minha perna agarrada e um murmúrio repetido pela pessoa que me agarrou. Baixei minha lanterna e vi um negro semivestido, retorcendo-se sob a agonia da doença, enquanto me segurava em um convulsivo aperto. Com um misto de horror e impaciência lutei para me soltar e caí sobre o paciente; ele envolveu-me com seus braços supurados e nus e sua respiração, cheia de morte, entrou pelos meus princípios vitais. Por um momento eu estava imobilizado, minha cabeça caída em sufocante náusea; até que, com a

reflexão retornando, eu pulei e livrei-me do miserável e, correndo pelas escadas, entrei na câmara habitualmente ocupada pela minha família. Uma luz fraca mostrou-me Alfred em um sofá; Clara tremia e, mais pálida do que a mais branca neve, erguera-o em seu braço, segurando um copo de água em seus lábios. Eu vi nitidamente que nenhuma fagulha de vida restava em sua forma arruinada, seus traços eram rígidos, seus olhos envidraçados, sua cabeça havia pendido para trás. Eu tomei-o dela, deitei-o suavemente, beijei sua pequena e fria boca e dei-me a falar em vãos sussurros, quando o mais alto som do canhão, como um trovão, não poderia atingi-lo em sua residência etérea.

E onde estava Idris? Que ela tivesse saído para me buscar e não retornara, eram temerosas informações, enquanto a chuva e o forte vento chocavam-se contra a janela e rugiam ao redor da casa. Somou-se a isso a nauseante sensação de doença que se espalhava sobre mim; não se podia perder tempo, se fosse para eu vê-la outra vez. Montei meu cavalo e saí a procurá-la, imaginando ouvir sua voz em cada rajada de vento, oprimido pela febre e pela pulsante dor.

Cavalguei no escuro e na chuva pelas labirínticas ruas da Londres desocupada. Meu filho jazia em casa; as sementes da doença mortal haviam criado raízes em meu peito; fui buscar Idris, minha adorada, agora vagueando sozinha, enquanto as águas eram despejadas do céu como uma catarata a banhar sua querida cabeça com fria umidade, seus belos membros entorpecidos pelo frio. Uma mulher estava no pé de uma porta e chamou-me enquanto passei a galope. Não era Idris; então eu rapidamente prossegui, até que uma espécie de segundo olhar, uma reflexão de volta aos meus sentidos sobre o que eu vira, mas não observara, fez-me sentir seguro de que outra figura, magra, graciosa e alta, estava agarrada à pessoa mais frente, que a amparava.

Em um minuto eu estava de volta para a suplicante e em um minuto eu tinha a desolada Idris em meus braços. Erguendo-a, coloquei-a sobre o cavalo; ela não tinha forças para se sustentar, então montei atrás dela e segurei-a firme contra meu peito, envolvendo-a com minha manta de montagem, enquanto sua companhia, cujo semblante era bem conhecido, porém modificado (era Juliet, filha do Duque de L...) pôde, neste momento de horror, obter de mim não mais do que um relance de compaixão. Ela tomou a abandonada rédea e conduziu nosso obediente corcel para casa. Ousaria eu afirmar? Aquele foi o último momento de felicidade em minha vida; mas eu estava feliz. Idris deveria morrer, pois seu coração estava partido: eu deveria morrer, pois havia sido infectado com a peste; a terra era um cenário de desolação; a esperança era loucura; a vida casara-se com a morte; eram um; mas, amparando meu debilitado amor, assim sentia que, se eu logo morresse, eu festejaria no prazer de possuí-la uma vez mais; eu beijava, uma vez e então novamente, e apertava-a contra meu coração.

Chegamos em casa. Ajudei-a a desmontar, carreguei-a escada acima e entreguei-a aos cuidados de Clara, para que suas roupas molhadas fossem trocadas. Rapidamente assegurei a Adrian que ela estava bem e requeri que fôssemos deixados descansar. Como um avarento, que com trêmula precaução visita seu tesouro para contá-lo seguidas vezes, então enumerei cada momento e invejei aqueles que não foram passados com Idris. Retornei rapidamente para o aposento onde a vida da minha vida repousava; antes de entrar no quarto, detive-me por alguns segundos; por alguns segundos tentei examinar minhas condições; a náusea e o estremecimento, juntas e sem demora, se me apoderaram; minha cabeça pesava, meu peito oprimido e minhas pernas inclinavam-se sob mim; mas eu livrei-

me com resolução dos rapidamente crescentes sintomas de minha desordem e encontrei Idris com plácidos e até alegres olhares. Ela estava deitada em um sofá; cuidadosamente tranquei a porta para evitar qualquer intrusão; sentei-me ao seu lado, abraçamos-nos e nossos lábios encontraram-se em um beijo longo e arrebatador – que aquele momento tivesse sido meu último!

O sentimento maternal logo se despertou no peito de minha pobre garota e ela perguntou: “E Alfred?”

“Idris”, repliquei, “nós nos guardamos um para o outro, estamos juntos; não deixe qualquer outra ideia entrar. Estou feliz; mesmo nesta noite fatal, eu declaro-me feliz, além de todos os nomes, todos os pensamentos – o que mais quer, querida?”

Idris compreendeu-me: ela inclinou sua cabeça sobre meu ombro e chorou. “Por que”, ela novamente perguntou, “você treme, Lionel, o que assim lhe atormenta?”

“Bem, eu posso estar atormentado”, repliquei, “feliz como estou. Nosso filho está morto e a presente hora é escura e pressageira. Bem, eu posso tremer! Mas estou feliz, minha própria Idris, muito feliz.”

“Eu compreendo-te, meu bondoso amor”, disse Idris, “assim – pálido como estás com a mágoa pela perda; trêmulo e consternado, embora queiras suavizar minha tristeza com tuas caras afirmações. Eu não estou feliz”, (e as lágrimas irromperam e caíram sob suas pálpebras fechadas), “pois somos prisioneiros de uma miserável prisão e não há alegria para nós; porém, o verdadeiro amor que tenho por você fará esta e outras perdas mais suportáveis.”

“Fomos felizes juntos, pelo menos”, eu disse; “nenhuma tristeza futura pode nos privar do passado. Fomos sinceros um ao outro por anos, desde quando meu amor de doce princesa veio, pela neve, à humilde cabana do pobre herdeiro do arruinado Verney. Mesmo agora, com

a eternidade diante de nós, temos a esperança apenas na presença de um ao outro. Idris, você acha que, quando morrermos, separar-nos-emos?”

“Morrer! Quando nós morrermos! O que você quer dizer? Quais segredos permanecem escondidos de mim nestas terríveis palavras?”

“Não devemos todos morrer, querida?”, perguntei com um triste sorriso.

“Gracioso Deus! Você está doente, Lionel, para falar da morte? Meu único amigo, coração do meu coração, diga!”

“Eu não acho”, repliquei, “que cada um de nós tenha muito mais para viver; e quando a cortina cair sobre esta mortal cena, onde, você acha, que nos encontraremos?” Idris acalmara-se pelo meu tom e olhar serenos; ela respondeu: – “Você pode facilmente crer que durante este longo processo da peste, eu pensei muito na morte e perguntei-me, agora que a humanidade está morta para esta vida, para qual outra elas nasceram. Hora após hora, eu detive-me sobre tais pensamentos e esforcei-me para formar uma conclusão racional sobre o mistério de uma condição futura. Que espantalho, com efeito, a morte seria, se estivéssemos apenas para nos despojar da sombra na qual agora caminhamos e, avançando pelo límpido fulgor do conhecimento e do amor, revivêssemos com os mesmos companheiros, as mesmas afeições e obtivéssemos a satisfação de nossas esperanças, deixando nossos temores com nossas vestes terrenas no túmulo. Ah! O mesmo forte sentimento que me faz ter certeza de que eu não morrerei inteiramente, leva-me a refutar acreditar que eu viva integralmente como o faço agora. Contudo, Lionel, nunca, nunca, eu poderei amar senão você; pela eternidade eu devo ansiar pela sua companhia; e, como sou inocente do mal para os outros e tão confiante e segura de mim quanto minha

natureza mortal permite, eu confio que o Senhor do mundo nunca nos deixará distantes.”

“Suas observações são como você mesma, meu querido amor” repliquei, “cordiais e boas; deixe-nos acalentar tal crença e descartar a ansiedade de nossas mentes. Mas, doçura, somos assim feitos (e não há pecado, se Deus fez nossa natureza, em ceder ao que Ele ordena), somos assim feitos para amar a vida e agarrar-nos a ela; devemos amar o vívido sorriso, a emoção simpática e a excitante voz, peculiar ao nosso mecanismo mortal. Não nos deixe, pela segurança do porvir, negligenciar o presente. Este momento de agora, embora naturalmente curto, é parte da eternidade e a mais querida parte, por ser inalienavelmente nossa. Tu, a esperança de meu futuro, és minha alegria do momento. Deixe-me então olhar em teus queridos olhos e, lendo o amor neles, sorver tóxicos prazeres.”

Timidamente, pois minha veemência de certa forma aterrorizou-a, Idris olhou para mim. Meus olhos estavam injetados, a começar pela minha cabeça; as pulsações de cada artéria pareceram-me audíveis, cada músculo palpitava, cada nervo sentia-o. Seu olhar de louca aflição disse-me que eu já não mais poderia manter meu segredo: - “Assim é, minha própria amada”, disse, “a última hora de muitas outras chegou, nem mais podemos evitar o destino inevitável. Não posso viver mais – porém, repetidamente, eu digo, esse momento é nosso!”

Mais pálida que o mármore, com lábios brancos e traços convulsionados, Idris ficou ciente de minha situação. Meu braço, conforme eu sentei, envolveu sua cintura. Ela sentia a palma arder em febre, mesmo no coração que ela apertava: – “Um momento”, ela murmurou, quase inaudível, “apenas um momento”.

Ela ajoelhou-se e, escondendo seu rosto em suas mãos, expressou uma breve, mas sincera oração, de que ela cumpriria totalmente seu dever e cuidaria de mim até o

fim. Enquanto houve esperança, a agonia havia sido suportável; – tudo estava concluído; seus sentimentos tornaram-se solenes e calmos. Assim como Epícare, tranquila e firme, submeteu-se aos instrumentos de tortura, fez Idris, contendo qualquer suspiro e sinal de tristeza, ao tornar-se resistente às tormentas, das quais o cavalete e a roda são apenas símbolos tímidos e metafísicos.

Eu transformei-me; a corda tesa que soava tão rudemente afrouxou-se, o momento em que Idris compartilhou meu conhecimento de nossa real situação. As ondas de pensamento, perturbadas e reviradas pela paixão, continuavam, deixando apenas a pesada vaga que se mantinha sem nenhuma manifestação exterior de seu distúrbio, até que quebrasse na remota praia para a qual eu rapidamente avançava: – “É verdade que estou doente”, eu disse, “e sua companhia, minha Idris, é meu único remédio; venha e sente-se ao meu lado.”

Ela fez-me deitar no sofá e, puxando um divã baixo para perto, sentou-se na minha cabeceira, pressionando minhas mãos em chamas com suas palmas frias. Ela cedeu ao meu desassossego febril e, deixou-me falar e falou comigo, sobre assuntos alheios aos seres, que assim olhavam o último e ouviam o último, do que eles unicamente amavam neste mundo. Falávamos de tempos já idos; do feliz período de nosso tenro amor; de Raymond, Perdita e Evadne. Falávamos do que poderia acontecer nesta terra abandonada se, salvando-se dois ou três, ela fosse lentamente repopulada. – Falávamos do que estava além do túmulo; e, o homem em sua forma humana sendo quase extinto, sentimos com a firmeza da fé que outros espíritos, outras mentes, outros perceptivos seres, invisíveis a nós, deveriam povoar com sabedoria e amor este belo e imperecível universo.

Conversamos – não sei por quanto tempo – mas, pela manhã, despertei de um sono pesado e doloroso; o

pálido rosto de Idris descansava em meu travesseiro; os largos orbes de seus olhos ergueram-se em meio às pálpebras e exibiram as profundas luzes azuis por entre eles; seus lábios estavam abertos e os leves murmúrios que formavam diziam que, mesmo dormindo, ela sofria. “Se ela estivesse morta”, pensei, “que diferença? Agora que esta forma é o templo de uma divindade que nele reside; estes olhos são a janela de sua alma; toda a graça, amor e inteligência estão entronados neste encantador peito – estivesse ela morta, onde estaria esta mente, minha metade mais cara? Pois rapidamente a bela proporção deste edifício estaria mais deformada, do que as ruínas cobertas de areia dos abandonados templos de Palmira”.

CAPÍTULO III

IDRIS mexeu-se e despertou; ah! Despertou para a miséria. Ela agora via os sinais da doença em meu rosto e perguntava-se como ela permitira que a longa noite passasse sem que ela procurasse não pela cura, que era impossível, mas por alívio aos meus sofrimentos. Ela chamou Adrian; meu sofá estava rapidamente cercado pelos amigos e assistentes, e pelos remédios que se julgaram apropriados para ser administrados. Era a peculiar e a temerosa distinção de nossa visitação que ninguém tivera sido atacado pela pestilência havia se recuperado. O primeiro sintoma da doença era a garantia de morte, que em nenhuma instância seguira-se pelo perdão ou alívio. Nenhum vislumbre de esperança, portanto, alegrou meus amigos.

Enquanto a febre causava torpor, fortes dores, colocando chumbo em meus membros e tornando meu peito pesado, afligiam-me; eu continuava insensível a tudo menos à dor e, por fim, até mesmo a isso. Despertei na quarta manhã como de um sono sem sonhos. Uma irritante sensação de sede e, quando me esforçava para falar ou mover-me, uma inteira deserção de forças, era tudo o que eu sentia.

Por três dias e noites, Idris não se movera do meu lado. Ela supria todas as minhas faltas e nunca dormia ou descansava. Ela não tinha esperança; e, portanto, ela nem tentava ler o rosto do médico, nem observar sintomas de recuperação. Todo o seu pensamento era para cumprir com todos os meus desejos até o último e, então, deitar-se e morrer ao meu lado. Na terceira noite, a animação suspendera-se; aos olhos e aos toques de

todos, eu estava morto. Com a mais sincera oração, quase com força, Adrian tentou puxar Idris de mim. Ele esgotou todas as suas súplicas, o bem-estar de seu filho e o dele próprio. Ela balançou a cabeça e secou uma lágrima que escapou pelo seu cansado rosto, mas não cedia; ela rogou que se lhe permitisse observar-me por mais uma noite, com tamanha aflição e meiga sinceridade, que ela obteve o que queria e sentou-se silenciosa e imóvel exceto quando, ferida por uma intolerável lembrança, ela beijou meus olhos cerrados e meus pálidos lábios, e apertou minhas mãos enrijecidas contra seu pulsante coração.

Ao findar da noite, quando, embora fosse meio de inverno, o galo cantou às três horas, como um arauto da mudança matutina, enquanto debruçada sobre mim e lamentando em silêncio, o amargo pensamento pela perda de todo o amor por ela que havia sido guardado, como relíquia, em meu coração; seu cabelo desgrenhado caíra sobre seu rosto e os longos fios atingiram a cama; ela viu um cacho mover-se e o cabelo espalhado levemente eriçado, como que se por um respiro. Mas não, ela pensou, pois ele nunca mais respirará. A mesma coisa ocorreu várias vezes e ela apenas explicou tal fato pela mesma reflexão; até que todo o cacho foi para trás e ela pensou ter visto meu peito ofegar. Sua primeira emoção era de mortal medo, o suor frio brotou em sua feição; meus olhos abriram em parte; e, duplamente certa, ela teria exclamado “Ele está vivo!”, mas as palavras foram bloqueadas por um espasmo e ela caiu com um gemido no chão.

Adrian estava na câmara. Depois de uma longa vigília, ele havia dormido sem o desejar. Ele assustou-se e observou sua irmã cair sem sentidos no chão, molhando-se em um fluxo de sangue que saía de sua boca. Os crescentes sinais de vida em mim, de certa forma, explicavam seu estado; a surpresa, a explosão de

alegria, a revulsão de todos os sentimentos, haviam sido excessivos para seu corpo, puído pelos longos meses de preocupação e há pouco despedaçado por todos os tipos de aflição e faina. Ela estava agora sob maior perigo do que eu, as rodas e as molas de minha vida mais uma vez postas em movimento, adquiriram elasticidade de sua curta suspensão. Por muito tempo, ninguém acreditara que eu fosse, com efeito, continuar a viver; durante o reino da peste sobre a terra, nem uma pessoa, atacada pela austera doença, recuperara-se. Minha sobrevivência era vista como uma decepção; a cada momento esperava-se que os maus sintomas voltassem a atacar com redobrada violência, até que a convalescença confirmada, a ausência de quaisquer febre ou dor e a força crescente, trouxeram a lenta convicção de que eu havia me recuperado da peste.

A recuperação de Idris foi mais problemática. Quando eu fui atacado pela doença, seu rosto estava afundado, sua forma, emagrecida; mas agora, o eleito, que havia rompido os efeitos da extrema agitação, não havia se curado inteiramente, mas era como uma sonda que sugava, a gotas, o róseo riacho que dava vida ao seu coração. Seus olhos profundos e seu semblante gasto tinham uma aparência espectral; a maçã de seu rosto, sua franca e bela compleição, a projeção de sua boca, estavam terrivelmente proeminentes; podia-se contar cada osso na esquálida anatomia de seu corpo. Sua mão pendia sem força; cada junta revelava-se, de tal forma que a luz penetrava mais e mais. Era estranho que a vida pudesse existir no que mais estava gasto e puído em um tipo apropriado de morte.

Retirá-la dessas cenas de partir o coração, conduzi-la a esquecer a desolação do mundo nas variedades de objetos apresentados em uma viagem e cuidar de sua débil força nos suaves climas de onde tínhamos decidido ir eram minha última esperança de recuperá-la. Os

preparativos para nossa partida, que haviam sido suspensos durante minha enfermidade, foram renovados. Eu não revivera para uma recuperação duvidosa; a saúde poupou seus tesouros para mim; como uma árvore na primavera pode sentir em seus membros enrugados o fresco verdejar irromper e a vívida seiva erguer-se e circular, assim foi com o iterado vigor de meu corpo, a alegre corrente de meu sangue, a renascida elasticidade de meus membros, influenciando minha mente para a contente resistência e agradáveis pensamentos. Meu corpo, até então o peso que me vinculava ao túmulo, estava exuberante de saúde; os meros exercícios comuns eram insuficientes para minha força revivida; parecia-me que eu poderia imitar a velocidade de um cavalo de corridas, discernir pelo ar objetos invisíveis pela distância, ouvir as operações da natureza em suas mudas moradas; meus sentidos tornaram-se mais refinados e suscetíveis após a recuperação dessa doença mortal.

A esperança, entre minhas outras bênçãos, não me era negada; e eu apaixonadamente confiei que minhas incansáveis atenções recuperariam minha adorada garota. Eu estava, portanto, ansioso para apressar nossos preparativos. De acordo com o plano originalmente estabelecido, deveríamos deixar Londres no dia 25 de novembro; e, para cumprir com tal agenda, dois terços do nosso pessoal – *o* povo – tudo o que restava da Inglaterra, havia ido adiante e já estava há algumas semanas em Paris. Primeiro minha doença e, subsequentemente a de Idris, detiveram Adrian com sua divisão, que consistia em trezentas pessoas, portanto partimos no dia primeiro de janeiro de 2098. Era de meu desejo manter Idris tão distante quanto possível da pressa e do clamor da multidão, e esconder dela as aparências que a fariam se lembrar, forçosamente, de nossa real situação. Separamos-nos em muito de Adrian,

que era obrigado a dar todo o seu tempo para os negócios públicos. A Condessa de Windsor viajava com seu filho. Clara, Evelyn e uma mulher que agia como nossa criada, eram as únicas pessoas com quem tínhamos contato. Ocupávamos uma confortável carruagem, nosso empregado trabalhava como cocheiro. Um grupo de cerca de vinte pessoas ia à nossa frente a uma pequena distância. Eles tinham o dever de preparar nossas paradas e nossa residência noturna. Foram selecionados para este serviço a partir de um grande número que ofereceu seus préstimos, por causa da sagacidade superior do homem que havia sido indicado como seu líder.

Logo após nossa partida, comprazi-me em verificar uma mudança em Idris, que eu encarecidamente ansiava que prognosticasse os melhores resultados. Toda a alegria e o cortês contentamento que eram natural a ela, reviveram. Ela estava fraca e tal alteração era mais bem exibida em sua aparência e voz do que em atos; mas era permanente e real. Minha recuperação da peste e minha firme saúde instilavam nela uma forte convicção de que eu agora estava seguro contra este terrível inimigo. Ela disse-me estar certa de que se recomporia. Que ela tinha um pressentimento, que a onda de calamidades que alagou nossa infeliz raça agora havia esmorecido. Que os remanescentes seriam preservados e, entre eles, os caros objetos de nossa mais terna afeição; e que em algum lugar selecionado deveríamos cumprir com nossas vidas juntos, em prazerosa companhia. “Não deixe que meu frágil estado engane-o”, ela disse; “sinto que estou melhor; há vida ativa dentro de mim e um espírito de antecipação assegurando-me que deverei continuar por muito tempo a fazer parte deste mundo. Eu devo me livrar desta degradante fraqueza do corpo, que infecta até mesmo minha mente com esta debilidade e retomar o desempenho de minhas tarefas. Eu estava

triste por deixar Windsor: mas agora me desapeguei deste vínculo local; estou contente por me mudar para um clima ameno, o que irá completar minha recuperação. Confie em mim, querido, eu nunca o deixarei, nem meu irmão, nem estas queridas crianças; e minha firme determinação de permanecer com você até o final e continuar a contribuir para sua felicidade e bem-estar, manter-me-iam viva, mesmo se a terrível morte mais estivesse próxima do que realmente está."

Eu estava apenas meio confiante por essas expressões; eu não podia acreditar que o fluxo extremamente rápido de seu sangue era um sinal de saúde ou que o rubor de seu rosto denotava convalescença. Mas eu não temia uma catástrofe imediata; não, eu persuadia-me de que ela recuperar-se-ia, por fim. E assim, a alegria reinava em nossa pequena sociedade. Idris conversava com animação sobre milhares de assuntos. Seu principal desejo era o de conduzir nossos pensamentos para longe das reflexões melancólicas; então ela desenhava atraentes desenhos de um tranquilo refúgio, de um belo retiro, das simples maneiras de nossa pequena tribo e da irmandade patriarcal do amor, que sobreviveria nas ruínas das populosas nações que até então existiram. Eliminamos o presente de nossos pensamentos e fechamos os olhos às assustadoras paisagens que cruzávamos. O inverno reinava em toda a sua escuridão. As árvores desfolhadas estendiam-se sem movimento contra o atormentado céu; as formas das geleiras, imitando as folhagens do verão, disseminavam-se pelo chão; as trilhas estavam cobertas de vegetação; os campos de milho, sem aragem, estavam manchados de grama e ervas daninhas; as ovelhas reuniam-se às portas das cabanas, o boi de chifres empurrava sua cabeça pela janela. O vento era gélido e as frequentes saraivas ou tempestades de neve juntavam-se à melancólica aparência que a invernosa natureza assumia.

Chegamos a Rochester e um incidente deteve-nos ali por um dia. Durante esse período, ocorreu uma circunstância que mudou nossos planos e que, ah!, seu resultado alterou o curso eterno dos eventos, transferindo-me da agradável e recém-nascida esperança que eu apreciava para um deserto obscuro e sombrio. Mas devo dar algumas explicações antes de seguir com a causa final de nossa temporária alteração de planos e referir-me novamente a esses tempos quando o homem caminhava pela terra destemido, antes da Peste tornar-se a Rainha do Mundo.

Residia uma família nos arredores de Windsor, de pretensões muito modestas, mas que nos fora objeto de interesse pelo relato de uma das pessoas que a compunha. A família dos Clayton conhecera dias melhores; mas, depois de uma série de reveses, o pai morrera falido e a mãe, de coração partido e inválida, retirou-se com seus cinco filhos para uma pequena cabana entre Eton e Salt Hill. A mais velha dessas cinco crianças, que tinha treze anos de idade, parecia definitivamente, pela influência da adversidade, adquirir a sagacidade e os princípios pertencentes a alguém mais velho. A saúde de sua mãe piorava mais e mais, porém Lucy ajudava-a e era uma terna mãe para seus irmãos e irmãs mais novos e, no meio tempo, mostrava-se tão bem-humorada, comunicativa e benevolente, que ela era amada assim como honrada, em sua pequena vizinhança.

Lucy era, além disso, extremamente bela; assim, quando chegou aos dezesseis anos, era de se supor, apesar de sua pobreza, que ela tivesse admiradores. Um deles era o filho de um pároco; ele era um jovem generoso e de coração franco, com um ardente amor pelo saber e de talento nada mediano. Embora Lucy fosse inculta, as conversas com sua mãe e suas maneiras, deram-lhe um gosto pelos refinamentos

superior à sua situação presente. Ela amava o jovem mesmo sem sabê-lo, exceto quando em alguma dificuldade era naturalmente recorria à sua ajuda e despertava com um coração mais aliviado todos os domingos, porque sabia que seria acompanhada por ele nas suas caminhadas vespertinas com suas irmãs. Ela tinha outro admirador, um dos maîtres do hotel em Salt Hill. Ele também alimentava pretensões à urbana superioridade, tal como conheceu dos criados dos cavalheiros e das damas de companhia que, iniciando-o no jargão dos bem-nascidos clandestinamente, fizeram do seu temperamento arrogante dez vezes mais intrusivo. Lucy não o repudiava – ela era incapaz de tal sentimento; mas entristecia-se quando o via se aproximar e silenciosamente resistia a todas as suas tentativas de estabelecer uma intimidade. O rapaz logo se apercebeu de que seu rival era o preferido; e isso transformou o que era, de início, uma admiração oportuna em uma paixão, cujas principais nascentes eram a inveja e um baixo desejo de privar seu competidor da vantagem que tinha em relação a ele.

A triste história da pobre Lucy era apenas mais uma, comum. O pai de seu enamorado faleceu; e ele fora deixado destituído. Ele aceitou a oferta de ir para a Índia com um cavalheiro, sentindo-se seguro de que logo adquiriria independência e que retornaria para reclamar a mão de sua amada. Ele envolveu-se com a guerra que lá se desenrolava, foi levado prisioneiro e os anos passaram-se antes que as notícias de sua existência fossem recebidas em sua terra natal. Neste entretempo, a pobreza desastrosa abateu-se sobre Lucy. Sua pequena cabana, que se podia observar desde sua treliça, coberta com madressilvas e jasmins, incendiou-se; e toda a sua diminuta propriedade foi incluída na destruição. Para onde levá-los? Por qual hábil esforço poderia Lucy prover-lhes outra residência? Sua mãe, quase encamada,

não poderia sobreviver à pobreza atingida pela inanição. Nesse momento, seu outro admirador adiantou-se e renovou sua oferta de casamento. Ele havia poupado e estava prestes a estabelecer um pequeno hotel em Datchet. Não havia nada que fascinasse Lucy nessa oferta, com exceção à casa que asseguraria para a sua mãe e ela sentiu-se mais certa disso, já que se surpreendera com a aparente generosidade que ocasionou aquela oferta. Ela aceitou-a; sacrificando-se assim a si própria pelo conforto e pelo bem-estar de sua mãe.

Passaram-se alguns anos depois de seu matrimônio para que nós a conhecêssemos. A irrupção de uma tempestade fez com que nos hospedássemos no hotel, onde testemunhamos o brutal e irascível comportamento de seu marido e sua resistente paciência. Seu quinhão não era afortunado. Seu primeiro enamorado regressara com a esperança de fazê-la dele e encontrou-a acidentalmente, pela primeira vez, como a ama de seu hotel e esposa de outro. Ele retirou-se em desespero para outros lugares; nada ia bem para ele; por fim ele alistou-se e retornou novamente, ferido e doente e, ainda, Lucy foi impedida de cuidar dele. O temperamento brutal de seu marido agravou-se com ele cedendo às muitas tentações que se abriam pela sua situação e a consequente piora de seus negócios. Por sorte ela não tinha filhos; mas seu coração estava dedicado aos seus irmãos e irmãs que, pela avareza e mau temperamento dele, dispersaram-se pelo país, ganhando sua subsistência com labuta e preocupação. Ele até mesmo mostrou uma inclinação para se ver livre da mãe dela – mas Lucy foi firme –ela havia se sacrificado por ela; vivia por ela – não a deixaria nunca – se a sua mãe se fosse, ela também mendigaria o pão por ela, morreria com ela, mas nunca a abandonaria. A presença de Lucy era muito necessária para manter a

casa em boa ordem e para evitar que todo o estabelecimento arruinasse-se, para que ele a permitisse deixá-lo. Ele cedera; mas em todos os seus acessos de fúria ou em suas borrachices, ele voltava ao velho assunto e feria o coração da pobre Lucy com opróbrios epítetos lançados sobre sua mãe.

Uma paixão, porém, se for totalmente pura, completa e recíproca, traz consigo seu próprio conforto. Lucy era verdadeiramente e desde o fundo de seu coração devotada à sua mãe; o único fim a que ela propunha-se na vida era o conforto e a preservação dela. Embora que ela afligisse-se com as consequências, contudo não se arrependia de seu casamento, mesmo quando seu enamorado retornou para investir sobre sua competência. Três anos passaram-se e, como, em seu estado miserável, poderia sua mãe resistir durante esse tempo? Esta excelente dama compensava a devoção de sua filha. Confiança e amizade perfeitas existiam entre elas; além disso, ela era de modo algum analfabeta; e Lucy, cuja mente tivera sido, de certa forma, cultivada pelo seu antigo enamorado, agora se encontrava nela a única pessoa que poderia compreender e apreciá-la. Assim, embora sofrendo, ela não estava desolada de nenhuma maneira e quando, durante os excelentes dias de verão, ela levava sua mãe pelas floridas e sombreadas trilhas perto de sua casa, um vislumbre de alegria iluminava suas feições; ela via que sua mãe estava feliz e sabia que tal felicidade era de sua única criação.

Enquanto isso, os negócios de seu marido complicavam-se mais e mais; a ruína estava próxima e ela estava prestes a perder o fruto de todos os seus trabalhos, quando a peste veio para mudar o aspecto do mundo. Seu marido colheu os benefícios da miséria universal; mas, à medida que o desastre aumentava, o espírito da ilegalidade capturou-o; ele abandonou seu lar para se refestelar nos luxos a ele prometidos em

Londres e lá encontrou seu túmulo. Seu antigo enamorado fora uma das primeiras vítimas da doença. Mas Lucy continuou a viver para e com a sua mãe. Sua coragem apenas vacilou quando ela sentiu o perigo para sua progenitora ou temeu que a morte pudesse impedi-la de realizar as tarefas às quais ela estava inalteradamente devotada.

Quando trocamos Windsor por Londres, como a etapa anterior para nossa emigração final, visitamos Lucy e combinamos com ela o plano de sua remoção e de sua mãe. Lucy estava triste com a necessidade que a forçava a abandonar suas trilhas e sua vila, e sacar sua desvalida mãe dos confortos do lar, para o deserto sem teto da terra despovoada; mas ela era também bem disciplinada com as adversidades e de temperamento muito doce, para tolerar queixumes do que era inevitável.

As circunstâncias subsequentes, minha doença e a de Idris, removeram-lhe de nossa lembrança; e quando finalmente nos reocupamos dela, descobrimos que ela era um dos poucos que vieram de Windsor para juntar-se aos emigrantes e que ela já estava em Paris. Quando chegamos em Rochester, porém, surpreendemos-nos ao receber, por um homem recém-chegado de Slough, uma carta desta exemplar sofredora. Seu relato era que, viajando desde casa e passando por Datchet, ele estava surpreso por ver fumaça sair pela chaminé da estalagem e supondo que lá encontraria camaradas ali reunidos para a viagem, bateu na porta e foi recepcionado. Não havia ninguém na casa senão Lucy e sua mãe; a última não podia usar seus membros, por causa de um ataque de reumatismo e então, um a um, todos os habitantes que restavam no país se foram, deixando-as sozinhas. Lucy rogou-lhe que ficasse com ela; em uma semana ou duas sua mãe estaria melhor e então, partiriam; mas elas deveriam perecer se fossem deixadas assim, desamparadas e esquecidas. O homem disse que sua

mulher e seus filhos já estavam entre os emigrantes e, portanto, de acordo com a sua noção, era-lhe impossível permanecer. Lucy, como último recurso, deu-lhe uma carta para Idris, a ser entregue a ela quando ele encontrasse-nos. Essa tarefa ao menos ele cumpriu e Idris recebeu com emoção a seguinte carta:

"HONORÁVEL DAMA,

"Estou certa de que você irá se lembrar e se compadecer de mim, e eu ouso esperar que você me ajudará; que outra esperança posso eu ter? Perdoe minha maneira de escrever, estou muito desconcertada. Um mês atrás, minha querida mãe foi privada do uso de seus membros. Ela já está melhor e em outro mês eu, por certo, seria capaz de viajar, da maneira como vocês tão bondosamente afirmaram que iriam nos prover. Mas agora todos se foram – todos – e enquanto partiam, diziam, que talvez minha mãe pudesse estar melhor antes que ficássemos abandonadas. Mas há três dias eu fui até Samuel Woods que, por causa de seu recém-nascido, ficou por último; e tendo ele uma grande família, eu pensei que poderia persuadi-los a esperar um pouco mais por nós; mas encontrei a casa deserta. Desde então não tenho visto viva alma, até que este bom homem chegou. – O que será de nós? Minha mãe desconhece nosso estado; ela está tão doente, que eu ocultei-o dela.

"Não enviarão vocês alguém para nos socorrer? Estou certa de que morreremos miseravelmente como estamos. Se eu tentasse mover minha mãe agora, ela morreria na estrada; e se, quando ela melhorar, eu puder, não sei como, descobrir as estradas e ir por muitas e muitas milhas até o mar, todos vocês estariam na França e o grande oceano estaria entre nós, o que é tão terrível até para os marinheiros. Como seria então

para mim, uma mulher, que nunca o viu? Deveremos ficar presas neste país, totalmente sozinhas, sem ajuda; melhor morrer onde estamos. Mal posso escrever – não posso interromper minhas lágrimas – mas não por mim; eu poderia colocar minha fé em Deus; e deixar o pior acontecer, eu acho que poderia suportar, se estivesse sozinha. Mas minha mãe, minha doente, querida, querida mãe, que nunca, desde que eu nasci, disse uma palavra dura para mim, que foi paciente em meus sofrimentos; tenha pena dela, querida Lady, ela deve sofrer uma morte miserável se você não se apiedar dela. As pessoas falam negligentemente dela, por ser velha e inválida, como se não devêssemos todos, se formos poupados, ficar assim; e então, quando o jovem envelhecer, eles pensarão que devem ter alguém para cuidar deles. É muito tolo de minha parte escrever deste modo para você; mas quando eu ouço-a tentar conter seu lamento e vejo-a sorrir para me confortar, quando eu sei que ela tem dor; e quando eu penso que ela não sabe do pior, mas que logo saberá; e então ela não reclamará; mas eu devo tentar adivinhar sobre o que ela está meditando, a fome e a miséria – eu sinto que meu coração se partirá e não sei o que dizer ou fazer; minha mãe – mãe a quem eu sempre apoio, Deus a livre desse destino! – Preserve-a, Lady e Ele a abençoará; e eu, pobre criatura que sou, lhe agradecerei e rezarei por você, enquanto eu viver.

"Sua infeliz e prestativa serva,

"30 de dezembro de 2097. LUCY MARTIN."

Essa carta teve um profundo impacto sobre Idris e ela instantaneamente propôs que retornássemos a Datchet para ajudar Lucy e sua mãe. Eu disse que sem demora partiríamos para aquele lugar, mas roguei a ela que se

juntasse a seu irmão e lá esperasse pelo meu retorno com as crianças. Mas Idris estava animada e cheia de esperança. Ela declarou que não consentiria mesmo com uma separação temporária de mim, que não havia necessidade para tal, que o movimento da carruagem fizera-lhe bem e que a distância era muito pequena para ser considerada. Poderíamos despachar mensageiros para Adrian, para informá-lo de nosso desvio do plano original. Ela falava com vivacidade e desenhava um quadro com o seu próprio coração querido, do prazer com que ela iria receber Lucy e declarou, se eu fosse, que ela deveria me acompanhar e que teria muito desgosto em confiar o trabalho de resgatá-la para outros, que poderiam cumpri-lo com frieza ou falta de humanidade. A vida de Lucy fora um ato de devoção e virtude; deixe-a agora colher a pequena recompensa de encontrar sua excelência apreciada e sua necessidade atendida, por aqueles que ela respeitava e honrava.

Estes e muitos outros argumentos foram urgidos com cortês pertinência e com o ardor de um desejo de fazer todo o bem em seu poder, por ela cuja simples expressão de desejo e o menor pedido sempre foram lei para mim. Eu, claro, consenti, no momento em que vi que ela pusera seu coração nesta etapa. Enviamos metade de nossa tropa para Adrian; e, com a outra metade, voltamos para Windsor.

Pergunto-me agora como eu pude ser tão cego e insensível para, assim, colocar em risco a segurança de Idris; pois, se eu tivesse olhos, certamente poderia ver o iminente, porém enganoso, avanço da morte em seu rosto ardente e na sua crescente fraqueza. Mas ela dissera que estava melhor; e eu acreditei. A extinção não poderia estar próxima de um ser cuja vivacidade e inteligência cresciam a cada hora e cujo corpo estava dotado de um intenso, e eu pensei apaixonadamente, forte e permanente espírito de vida. Quem, após um

grande desastre, não olhou para trás maravilhado em sua inconcebível estupidez de compreensão, que não poderia perceber os muitos fios com os quais a sorte tece a inextricável rede de nossos destinos, até que ele esteja completamente enredado nele?

As trilhas que agora adentrávamos, estavam em um estado ainda pior do que as há muito desleixadas estradas; e a inconveniência parecia ameaçar o deteriorado corpo de Idris com destruição. Passando por Dartford, chegamos a Hampton no segundo dia. Mesmo neste curto intervalo, a saúde de minha amada companheira piorou sensivelmente, embora seu espírito ainda estivesse leve e ela alegrou minha crescente ansiedade com divertidas tiradas; às vezes o pensamento trespassava meu cérebro – Estaria ela a morrer? – enquanto via sua bela mão desencarnada descansar sobre a minha ou observava a languidez com a qual ela executava os habituais atos da vida. Afastei a ideia, como se me fora sugerida pela insanidade; mas esta me ocorria intermitentemente, apenas para ser dissipada pela continuada disposição de suas maneiras.

Perto do meio-dia, após deixar Hampton, nossa carruagem quebrou: o choque fez Idris desmaiar, mas após despertar, nenhuma outra má consequência seguiu-se; nosso grupo de criados tinha, como sempre, ido na nossa frente e nosso cocheiro saíra à procura de outro veículo, pois o nosso atual, por causa do acidente, já não prestava mais para o serviço. O único lugar próximo de nós era uma pobre vila, na qual encontramos um tipo de cáfila capaz de comportar quatro pessoas, mas que era desajeitada e tinha péssimo caimento; além disso, ele encontrou uma cabriolé muito boa; nosso plano foi imediatamente formulado; eu levaria Idris nesta última, enquanto as crianças seriam conduzidas pelo criado na primeira. Mas tais arranjos demandam tempo; havíamos concordado em seguir naquela noite para Windsor e

para lá nossos provedores tinham ido: deveríamos ter dificuldade para encontrar acomodação, antes de atingirmos o lugar; afinal, a distância era de apenas dez milhas; meu cavalo era bom; eu poderia seguir adiante em boa velocidade com Idris, deixando as crianças para seguir em um avanço mais consoante com o uso da incômoda máquina.

A noite caiu rapidamente, muito mais rápido do que eu estava preparado a esperar. Ao cair do sol começou a nevar pesadamente. Tentei em vão defender minha amada companheira da tempestade; o vento levava a neve para os nossos rostos; e acumulava-se tão alta no chão que mal abríamos caminho; e a noite era tão escura que, se não fosse pela branca cobertura da superfície, não seríamos capazes de ver uma jarda à nossa frente. Tínhamos deixado nossa cáfila bem longe de nós; e agora eu percebia que a tempestade fizera-me desviar inconscientemente de nossa rota. Eu havia me afastado algumas milhas de meu caminho. Meu conhecimento do país capacitou-me a recuperar a estrada certa; mas, ao invés de irmos, como primeiramente combinado, por uma trilha por entre Stanwell para Datchet, fui obrigado a tomar o caminho de Egham e Bishopgate. Estava certo de que não nos reagruparíamos com o outro veículo e que eu não encontraria uma única pessoa até chegarmos a Windsor.

A traseira de nossa carruagem estava erguida e eu suspendi uma peliça de frente a ela, assim para proteger a amada sofredora da cobertura de granizos. Ela apoiou-se em meus ombros, ficando cada vez mais lânguida e fraca; primeiramente replicava as minhas palavras de satisfação com afetuosos agradecimentos; mas aos poucos foi afundando-se em silêncio; sua cabeça caíra pesadamente sobre mim; eu sabia apenas que ela vivia pela sua respiração irregular e pelos frequentes suspiros. Por um momento resolvi parar e, colocando a

traseira da cabriolé contra a força da tempestade, esperar pela manhã o quanto eu podia. Mas o vento era gélido e perfurante, enquanto os ocasionais estremecimentos de minha pobre Idris e o frio intenso que eu mesmo sentia, demonstravam que este era um experimento perigoso. Por fim, pareceu-me que ela dormira – o sono fatal, induzido pelo frio: neste instante eu vi o grosso contorno de uma cabana delineado no escuro horizonte perto de nós. “Querido amor”, eu disse, “aguente-se por mais um momento e logo teremos abrigo; deixe-nos parar aqui e que eu possa abrir a porta desta abençoada casa.”

Enquanto eu falava, meu coração emocionava-se e meus sentidos inundavam-se com excessivo prazer e gratidão; coloquei a cabeça de Idris contra a carruagem e, pulando para fora, cambaleei pela neve até a cabana, cuja porta estava aberta. Eu tinha como procurar por luz, o que me mostrou uma sala confortável, com uma pilha de madeira em um canto e nenhuma aparência de desordem, exceto que, por causa da porta estar meio aberta, a neve, adentrando, havia bloqueado a soleira. Voltei para a carruagem e a súbita mudança de luz para escuridão cegou-me no início. Quando recuperei minha visão – Deus eterno deste mundo sem lei! Oh morte suprema! Eu não perturbarei teu silencioso reino ou frustrarei minha história com infrutíferas exclamações de horror – eu vi Idris, que caíra do assento para o fundo da carruagem; sua cabeça, seu longo cabelo pendendo, com um braço suspenso ao seu lado. – Atingindo por um espasmo de horror, eu ergui-a; seu coração já não batia, seus lábios esvaídos sem bafejar a menor respiração.

Eu carreguei-a para dentro da cabana; coloquei-a na cama. Acendendo o fogo, friccionei seus membros enrijecidos; por duas longas horas tentei restaurar a vida perdida; e, quando a esperança estava tão morta quanto minha amada, eu fechei com mãos trêmulas seus

olhos embaciados. Eu fiz, sem dúvida, o que eu tinha de fazer. Na confusão relativa à minha doença, a tarefa de sepultar nosso querido Alfred fora transferida para a sua avó, a Ex-Rainha e ela, de acordo com sua paixão dominadora, fizera-o ser trasladado para Windsor e enterrado na cripta da família, na Capela de Saint George. Eu deveria seguir para Windsor, para acalmar a ansiedade de Clara, que estaria nos esperando impacientemente – contudo eu forçosamente poupar-lhe-ia o decepcionante espetáculo de Idris, levada por mim sem vida da jornada. Então, primeiro eu depositaria minha amada ao lado de seu filho na cripta e, depois, procuraria as pobres crianças que estariam esperando por mim.

Acendi as luzes da carruagem; envolvi-a em peles e coloquei-a ao longo do assento; então, tomando as rédeas, fiz os cavalos avançarem. Seguimos pela neve, que caía aos montes fechando o caminho, enquanto os flocos em queda, caindo sobre mim com fúria redobrada, cegavam-me. A aflição causada pela ira da natureza e o frio metal das setas de gelo que me golpeavam e entravam pela carne em dor, eram um alívio para mim; amenizavam meu sofrimento mental. Os cavalos cambaleavam e as rédeas pendiam frouxamente em minhas mãos. Eu frequentemente pensava que deitaria minha cabeça perto da doce e fria face de meu anjo perdido e assim resignar-me-ia ao torpor crescente. Porém, eu não a deixaria uma presa para os pássaros do ar; mas, cumprindo com minha determinação, colocá-la-ia na tumba de seus ancestrais, onde um piedoso Deus também permitir-me-ia descansar.

A estrada pela qual passamos por Egham era-me familiar; mas o vento e a neve fizeram com que os cavalos carregassem sua carga lenta e pesadamente. De repente, o vento guinou do sudeste para o oeste, e então novamente para o noroeste. Enquanto Sansão, com

puxão e força, moveu as bases das colunas que sustentavam o templo Filistino, assim a tempestade sacudiu os densos vapores estancados no horizonte, enquanto o volumoso domo de nuvens caía para o sul, revelando pela teia espalhada o límpido empíreo e as pequenas estrelas, que estavam a uma distância incomensurável nos cristalinos campos, derramavam seus ínfimos raios na neve brilhante. Até os cavalos estavam animados e moviam-se com vigor renovado. Entramos na floresta por Bishopgate e, ao fim de Long Walk, eu vi o Castelo, “a orgulhosa masmorra de Windsor, erguendo-se na majestade de proporção, cintado com o duplo cinturão de suas fraternais e coevais torres”{92}. Olhei com reverência para a estrutura, tão velha quanto à rocha sobre a qual se sustentava, residência de reis, tema de admiração para os sábios. Com maior reverência e lacrimosa afeição, observei-o como o santuário do longo empréstimo de amor que lá desfrutei com o perecível e incomparável tesouro de pó, que agora se estendia frio ao meu lado. Com efeito, agora eu poderia ter cedido a toda a suavidade de minha natureza e ter chorado; e, como uma mulher, ter expressado amargos protestos; enquanto as árvores que eu conhecia, os rebanhos de vivos cervos, o gramado tanto pisado pelos seus pés de fada, um a um apresentavam-se em tristes associações. O portão branco, ao fim de Long Walk, estava escancarado e eu passei pela vazia cidade pela primeira porta da torre feudal; e agora a capela de Saint George, com suas paredes cinzeladas e escurecidas, estava bem defronte a mim. Parei em sua porta, que estava aberta; entrei e coloquei minha lâmpada no altar; então, retornei e com terno cuidado carreguei Idris pelo corredor até o presbitério e deitei-a suavemente no tapete que cobria o degrau levando à mesa de comunhão. Os estandartes dos cavaleiros da Jarreteira e

suas espadas em parte embainhadas, pendiam de vãs decorações heráldicas acima dos assentos. A bandeira de minha família estava ali, ainda com a coroa real por cima. Adeus à glória e à heráldica da Inglaterra! – Dei às costas à tamanha vaidade com um leve sentimento de assombro, sobre como a humanidade pode ter interesse em tais coisas. Inclinei-me sobre o cadáver sem vida de minha amada; e, enquanto olhava para sua face descoberta, as feições já se contraindo pela rigidez da morte, senti como se todo o universo visível tivesse ficado desalmado, oco e desconfortável como a imagem fria da argila abaixo de mim. Senti, por um momento, o intolerável senso de luta e repulsa pelas leis que regem o mundo; até que a calma ainda visível na face de meu amor morto trouxe-me para um tom mental mais ameno e eu prossegui para cumprir com o último ofício que deveria ser prestado à ela. Por ela eu não poderia lamentar, tanto que invejei seu regozijo das “tristes imunidades do túmulo”[{93}].

A cripta fora aberta pela última vez para receber nosso Alfred. A cerimônia habitual destes últimos dias havia sido executada superficialmente e o pavimento da capela, que estava na sua entrada, fora removido e não recolocado. Desci os degraus e caminhei pela longa passagem até a imensa cripta que continha o pó da família de minha Idris. Distingui o pequeno caixão de meu filho. Com mãos apressadas e trêmulas, construí um esquife ao seu lado, espargindo as peles e os xales indianos, que haviam envolto Idris em sua jornada para lá. Acendi a fraca luz, que bruxuleava nesta úmida morada dos mortos; então carreguei minha perdida para a sua derradeira cama, compondo decentemente seus membros e cobrindo-os com uma manta, velando tudo exceto o rosto, que permanecia encantador e plácido. Ela parecia descansar como alguém mais que exausto, seus belos olhos infusos em doce sono. Contudo, não era

assim – ela estava morta! Quão intensamente eu então desejei me deitar ao seu lado para olhá-la até que a morte juntasse-me no mesmo repouso.

Mas a morte não atende aos pedidos dos miseráveis. Eu havia me recuperado da doença mortal e meu sangue nunca fluíra com tal corrente, nem meus membros estiveram tão animados com reflexos quanto agora. Eu senti que minha morte deveria ser voluntária. Ainda, o que seria mais natural do que a fome, enquanto a observava nessa câmara mortuária, colocada no mundo dos mortos, ao lado da última esperança da minha vida? Enquanto isso, conforme eu olhava seus traços, que carregavam uma semelhança fraternal com Adrian, meus pensamentos regressaram aos vivos, para este querido amigo, para Clara e para Evelyn, que provavelmente agora estavam em Windsor, esperando ansiosamente pela nossa chegada.

Pareceu-me que ouvi um barulho, um passo pela capela distante, que ecoava novamente pelo seu telhado arqueado e se me chegava pelas ocas passagens. Teria Clara visto minha carruagem passar pela cidade e vindo me buscar aqui? Eu deveria salvá-la, ao menos, da horrível cena que se apresentava na cripta. Busquei a fonte dos passos e então vi uma figura feminina, inclinada pela idade e vestida em longas túnicas de luto, avançar pela escura capela, apoiada em uma fina bengala, porém cambaleando mesmo com tal suporte. Ela ouviu-me e buscou; a lâmpada que eu tinha iluminava meu semblante e os raios da lua, lutando contra o vidro esmaltado, caíram sobre sua face, enrugada e magra, embora com um olho penetrante e um rosto altivo – reconheci a Condessa de Windsor. Com uma voz pouco sonora, ela perguntou, “Onde está a princesa?”

Apontei para o pavimento revirado: ela caminhou até o local e olhou para baixo pela escuridão tangível; como a

cripta estava muito distante para os raios da pequena lâmpada, havia deixado ali para ser discernida.

"Sua lâmpada", ela disse. Dei-a para ela; e ela considerou os degraus agora visíveis, mas íngremes, como se calculasse sua capacidade de descer. Instintivamente fiz uma silenciosa oferta de meus préstimos. Ela afastou-me com um olhar de escárnio, dizendo com uma voz arrogante, enquanto apontava para baixo, "Lá, por fim, posso tê-la sem que me perturbe."

Ela desceu com determinação, enquanto eu, derrotado, miserável além de palavras ou lágrimas ou lamentos, joguei-me ao pavimento próximo – a forma rígida de Idris estava diante de mim, a feição atingida pela morte, silenciada em eterno repouso abaixo. Aquilo era para mim o fim de tudo! No dia anterior, eu imaginara várias aventuras e reuniões com meus amigos nos tempos vindouros – agora, eu pulara o intervalo e atingi a borda mais extrema e avançada da vida. Assim envolto em trevas, fechado, emparedado, abobadado pelo onipotente presente, eu assustei-me com o som de pés nos degraus da cripta e lembrei-me de quem eu havia para longe relegado em minha memória, minha irada visitante; sua forma alta lentamente surgiu pela cripta, uma estátua viva, repleta de ódio e de luta, humana e apaixonada; ela parecia-me ter atingido o pavimento do corredor; parou, imóvel, procurando apenas com os olhos algum objeto desejado – até que, percebendo-me próximo a ela, colocou sua mão enrugada em meu braço, exclamando com trêmulo tom, "Lionel Verney, meu filho!" Este nome, pronunciado em tal momento pela mãe de meu anjo, instilou-me mais respeito do que eu jamais sentira por essa ambiciosa dama. Baixei minha cabeça e beijei sua mão contraída e, observando que ela tremia violentamente, apoiei-a até o fim do presbitério, onde ela sentou-se nos degraus que

levam para o assento real. Ela deixou-se ir embora e ainda segurando minha mão, apoiou sua cabeça contra o assento, enquanto os raios da lua, tingidos de várias cores pelo vidro pintado, caíam em seus resplandecentes olhos; ciente de sua fraqueza, novamente trazendo à mente sua longa e acalentada dignidade, ela derramou suas lágrimas; entretanto, caíam rápidas, como ela disse, à guisa de desculpa, “Ela é tão bela e plácida, mesmo na morte. Nenhum sentimento áspero nunca cruzou seu sereno rosto; como tratei-a? Ferindo seu cortês coração com selvagem frieza; eu não tive compaixão por ela nos anos passados, ela perdoa-me agora? Pouco, mas pouco adianta falar de arrependimento e perdão para os mortos, tivesse eu, durante sua vida, uma vez perguntado sobre seus gentis desejos e restringido minha ríspida natureza para agradá-la, não me sentiria assim.”

Idris e sua mãe eram diferentes como pessoa. O cabelo escuro, os profundos olhos negros e os traços proeminentes da Ex-Rainha estavam em inteiro contraste com as tranças douradas, as órbitas totalmente azuis e as suaves linhas, e o contorno das feições da sua filha. Ainda, nos últimos dias, a doença tirara de minha pobre garota, todo o delinear de sua face e reduzira-a para o formato inflexível do osso logo abaixo. Na forma de seu rosto, em seu queixo oval, podia ser encontrada uma semelhança com sua mãe; não em alguns humores, assim como nos gestos, que eram iguais; nem, tendo vivido por tanto tempo juntas, isso era maravilhoso.

Há um poder mágico na semelhança. Quando alguém que amamos morre, esperamos ver-lhe em outro estado e em parte esperar que a ação da mente informe sua nova aparência na imitação de sua decaída veste terrena. Mas essas são ideias da mente, apenas. Sabemos que o instrumento é sacudido, a sensível

imagem está em miseráveis fragmentos, dissolvida ao empoeirado nada; um olhar, um gesto ou um modelo de membros similar ao morto em uma pessoa viva, toca um emocionante acorde, cuja sacra harmonia é sentida no recesso mais querido do coração. Estranhamente comovido, prostrado ante esta imagem espectral e escravizado pela força do sangue manifestado na semelhança de olhar e de movimento, permaneci tremendo na presença da arrogante, orgulhosa e até agora não amada mãe de Idris.

Pobre e equivocada mulher! Em seu mais terno humor, antes, ela acalentara a ideia de que uma palavra, um olhar de reconciliação dela seria recebido com alegria e pagaria os longos anos de rigor. Agora que a hora passara para o exercício de tal poder, ela caíra de uma vez sobre a espinhosa verdade das coisas e sentiu que nem o sorriso e nem a carícia poderiam penetrar no estado inconsciente ou influenciar a felicidade daquela que estava deitada na cripta abaixo. Essa convicção, junta com a lembrança de suaves reprovações a amargas broncas, de corteses olhares para compensar nervosos relances; a percepção da falsidade, da torpeza e da futilidade de seus acalentados sonhos de nascença e de poder; o conhecimento excessivo poderoso, de que o amor e a vida eram os verdadeiros imperadores de nosso estado mortal; tudo, como uma onda, ergueram-se preencheram sua alma com tormentosa e desconcertante confusão. Isso remontava ao meu quinhão, a vir como um poder influenciador, a acalmar a feroz agitação destas tumultuosas ondas. Eu falei com ela; conduzi-a a refletir sobre quão feliz Idris realmente fora e como suas virtudes e numerosas excelências encontraram escopo e estima em sua passada vida. Eu louvei-a, a deusa da querida idolatria de meu coração, o tipo admirado de perfeição feminina. Com ardente e abundante eloquência, aliviei meu coração de sua carga

e despertei o sentimento de um novo prazer na vida, enquanto eu despejava meu funéreo tributo. Então mencionei Adrian, seu amado irmão e seu filho sobrevivente. Declarei, o que eu quase esquecera, quais eram meus deveres com relação às suas valiosas porções de si mesma e pedi que a melancólica e arrependida mãe refletisse sobre como ela poderia melhor expiar a maldade contra a falecida, com o redobrado amor pelos vivos. Consolando-a, minhas próprias mágoas abrandavam-se; minha sinceridade conquistava sua inteira convicção.

Ela virou-se para mim. A dura, inflexível e perseguidora mulher, virou-se com uma suave expressão no rosto e disse, “Se nossa amada angélica visse-nos agora, deliciar-se-ia ao descobrir que eu faço-lhe tardia justiça. Você era merecedor dela; e do meu coração eu fico feliz que você tenha-a conquistado de mim. Perdão, meu filho, os muitos erros que eu fiz-lhe; esqueça minhas amargas palavras e maldoso tratamento – leve-me e governe de acordo com sua vontade.”

Aproveitei este dócil momento para propor que deixássemos a igreja. “Primeiro”, ela disse, “vamos substituir o pavimento sobre a cripta.”

Chegamos perto; “Devemos olhá-la novamente?”, perguntei.

“Não posso”, ela replicou, “e, eu rogo-lhe, nem vá você. Não precisamos nos torturar olhando ao corpo sem alma, enquanto seu vivo espírito está enterrado intensamente em nossos corações e seu insuperável encanto está tão profundamente gravado neles, que dormindo ou despertando ela sempre estará presente conosco.”

Por alguns momentos, inclinamos-nos em solene silêncio sobre a cripta aberta. Consagrei minha vida futura a conservar sua querida memória; prometi servir seu irmão e seu filho até a morte. Os soluços convulsivos

de minha companheira fizeram-me interromper minhas preces internas. Depois, arrastei as pedras sobre a entrada da tumba e fechei o buraco que continha a vida de minha vida. Então, apoiando minha decrépita companheira de lamentação, lentamente deixamos a capela. Senti, enquanto adentrava pelo ar aberto, como se eu tivesse abandonado um feliz ninho de repouso por uma assustadora imensidão, um caminho tortuoso, uma peregrinação amarga, infeliz e desesperançada.

CAPÍTULO IV

NOSSA comitiva fora direcionada para preparar nossa hospedagem da noite no hotel, oposto ao aclive do Castelo. Não podíamos revisitar as salas e as câmaras familiares de nosso lar, em uma mera passagem. Tínhamos já deixado para sempre os bosques de Windsor e todos os capões, as fileiras de cerca viva e os murmurantes riachos, que deram forma e intensidade ao amor pelo nosso país e os quase supersticiosos vínculos com os quais víamos a nativa Inglaterra. Era nossa intenção ter chegado à residência de Lucy em Datchet e ter reafirmado nossas promessas de ajuda e proteção antes de seguirmos para os nossos quartos durante a noite. Agora, enquanto a Condessa de Windsor e eu descíamos a íngreme colina que levava desde o Castelo, vimos as crianças, que tinham apenas parado sua cáfila, na porta do hotel. Tinham passado por Datchet sem se deter. Temi encontrá-las e ser o portador de minha trágica história, então enquanto eles ainda se ocupavam na pressa da chegada, eu subitamente deixei-os e pelo ar repleto de neve e claro luar, apressei-me pela bem conhecida estrada para Datchet.

Com efeito, bem conhecida era. Cada cabana permanecia em seu lugar de sempre, cada árvore vestia sua familiar aparência. O hábito gravara-se indelevelmente em minha memória, cada curva e mudança de objeto na estrada. Pouco mais à frente de Little Park, havia um olmo meio encurvado pela tempestade, cerca de dez anos atrás; e ainda, com seus galhos desfolhados e carregados de neve, estendia-se sobre a trilha, que serpenteava por uma campina,

defronte a um riacho raso, cujo borbulhar estava silenciado pelo gelo – aquela escada, aquele portão branco, aquele oco carvalho, que sem dúvida uma vez pertenceram à floresta e que agora mostravam, à luz do luar, seus rasgos escancarados; aquelas imaginosas aparências, enganadas pela escuridão pela semelhança com a forma humana, as crianças haviam apelidado de Falstaff; – todos esses objetos eram tão familiares a mim quanto o frio círculo familiar de meu lar abandonado e cada muro coberto de musgo e cada orquidário, iguais como dois cordeiros gêmeos são para cada um aos olhos de um estranho, ainda para meu olhar acostumado traziam diferenças, distinção e um nome. A Inglaterra permanecia, embora a Inglaterra estivesse morta – era o espírito da feliz Inglaterra que eu observava, sob aquelas sombras de verdes árvores que gerações passavam se divertindo em segurança e comodidade. A este doloroso reconhecimento de lugares familiares, adicionou-se um sentimento vivido por todos, compreendida por ninguém – um sentimento como se em algum estado, menos visionário do que um sonho, em algum passado que realmente existiu, eu já tinha visto tudo o que eu via, com precisamente os mesmos sentimentos com que agora os observava – como se todas as minhas sensações fossem um espelho duplo de uma revelação passada. Para livrar-me deste senso opressor, lutei para imaginar a mudança neste lugar tranquilo – o que avolumou meu ânimo, por fazer-me prestar mais atenção nos objetos que me causavam dor.

Cheguei a Datchet e à humilde residência de Lucy – uma vez barulhenta com os foliões de sábado a noite ou decorada e asseada em um domingo pela manhã, nascida testemunha dos trabalhos e dos hábitos ordeiros da dona de casa. A neve acumulava-se alta perto da porta, como se tivesse permanecido aberta por muitos dias.

“Qual cena de morte terá Roscius agora para interpretar?”{94}, murmurei para mim mesmo enquanto olhava os escuros caixilhos. Primeiro, eu vira uma luz em um deles, mas depois se provou ser o mero reflexo dos raios do luar, enquanto o único som vinha dos galhos rachando enquanto a brisa revolvia com um chiado os flocos de neve lá caídos – a lua já estava alta e límpida no éter interminável, enquanto a sombra da cabana descia negra sobre o jardim de trás. Adentrei pela cancela aberta e examinei ansiosamente cada janela. Por fim, detectei um raio de luz lutando por uma veneziana fechada em um dos quartos superiores – era um novo sentimento, ah! Olhar para uma casa e dizer que lá residia seus usuais moradores – a porta da casa estava meramente encostada: então entrei e subi a escada iluminada pela luz da lua. A porta do quarto habitado estava entreaberta; olhando para dentro, vi Lucy sentada como se trabalhando diante de uma mesa onde estava a luz; os apetrechos de bordado estavam perto dela, mas a sua mão caíra em seu colo e seus olhos, fixos no chão, mostravam pelo seu vazio que seus pensamentos perambulavam. Os traços de preocupação e vigília haviam diminuído seus atrativos anteriores – mas seu vestido e sua touca simples, sua atitude desanimada e a vela solitária que despejava sua luz sobre ela deram, por um momento, um conjunto pitoresco ao todo. Uma realidade temível trouxe-me do pensamento – uma figura deitava-se estendida sobre o catre, coberta com um lençol – sua mãe morrera, e Lucy, separada do mundo, abandonada e sozinha, fazia a vigília defronte ao cadáver durante a cansativa noite. Entrei pelo quarto e minha inesperada presença primeiro causou um grito da única sobrevivente de uma nação morta; mas ela reconhecera-me e recuperou-se, com o rápido uso do autocontrole que lhe era habitual. “Você não esperava por mim?”, perguntei, naquela voz

baixa que a presença dos mortos nos faz, instintivamente, assumir.

"Você é muito bom", ela replicou, "para ter vindo você mesmo; nunca poderei lhe agradecer o suficiente; mas já é muito tarde."

"Muito tarde", exclamei, "o que quer dizer? Não é muito tarde para retirá-la deste lugar abandonado e conduzir-lhe para..."

Minha própria perda, que eu esquecera enquanto falava, agora me fez afastar, enquanto a tristeza contida bloqueou minha fala. Eu escancarei a janela e olhei para o frio, minguado, espectral e deformado círculo no alto e a fria e branca terra sobre ela – havia o espírito de Idris navegado pelo ar cristalizado da lua irregelada? – Não, não, uma atmosfera mais cordial, uma habitação mais encantadora seria a dela!

Tolerei tal pensamento por um momento e, novamente, voltei-me à carpideira, que permanecera apoiada contra a cama em uma expressão de resignado desespero, de miséria completa e um sofrer paciente por isso, que era muito mais emocionante do que quaisquer dos insanos desvarios ou da louca gesticulação da mágoa indomada. Desejei retirá-la daquele lugar; mas ela opôs-se ao meu pedido. Aquela classe de pessoas cuja imaginação e sensibilidade nunca foram removidas além do estreito círculo imediatamente à vista, se possuísse tais qualidades em qualquer extensão estaria apta a despejar sua influência pelas várias realidades que parecem destruí-la e agarra-se a elas com dupla tenacidade por não ser capaz de compreender qualquer coisa além dela. Assim Lucy, na deserta Inglaterra, em um mundo morto, desejava cumprir com as habituais cerimônias dos mortos, como era de costume entre os camponeses ingleses, quando a morte era uma rara visitante e dava-nos tempo para receber sua aterradora usurpação com pompa e circunstância – prosseguindo com a procissão

para entregar as chaves do túmulo para suas conquistadoras mãos. Ela já tinha, sozinha como estava, realizado alguns deles e o trabalho o qual a descobri efetuando era o manto funerário de sua mãe. Meu coração nauseou-se com tal detalhe de pesar a que uma mulher submete-se, que é mais doloroso ao espírito masculino do que a luta mais renhida ou os espasmos da agonia indizível porém transitória.

Não deveria ser assim, eu disse-lhe; e então, como argumento mais forte, comuniquei-a de minha recente perda e dei-lhe a ideia de que ela deveria vir comigo para me ajudar a cuidar das crianças órfãs, a quem a morte de Idris privara de cuidados maternais. Lucy nunca resistiu ao chamado do dever, portanto consentiu e fechando os caixilhos e as portas com cuidado, ela acompanhou-me de volta para Windsor. Enquanto seguíamos, ela contou-me a ocasião da morte de sua mãe. Ou algum infortúnio deixou-a ver a carta que ela escrevera para Idris ou que tivera ouvido sua conversa com o camponês que a levou; o que quer que fosse, sua mãe soubera da aterrorizante situação em que estavam ela e sua filha, seu corpo envelhecido não poderia suportar a ansiedade e o horror que tal descoberta instilava – ela não revelou que sabia para Lucy, mas meditava sobre isso por noites a fio, até que a febre e o delírio, rápidos precursores da morte, revelaram seu segredo. Sua vida, que esteve por muito tempo pairando sobre a extinção, agora cedera completamente aos efeitos reunidos da miséria e da doença, e naquela mesma manhã, ela faleceu.

Após as tumultuosas emoções do dia, eu estava feliz por saber, em minha chegada à estalagem, que meus companheiros haviam se retirado para dormir. Deixei Lucy sob a responsabilidade da criada da Condessa e então, busquei repouso de minhas várias lutas e impacientes arrependimentos. Por alguns momentos, os

eventos do dia flutuaram em desastroso desfile pelo meu cérebro, até que o sono banhou-os de esquecimento; quando amanheceu e eu despertei, parecia que meu sono durara por anos.

Meus companheiros não compartilhavam de meu esquecimento. Os olhos inchados de Clara evidenciavam que ela passara a noite chorando. A Condessa parecia fatigada e doentia. Seu firme espírito não encontrara alívio nas lágrimas e ela sofria mais com todo o doloroso retrospecto e o agonizante arrependimento que agora a assolava. Partimos de Windsor, tão logo quanto os ritos funerais haviam sido executados pela mãe de Lucy e, premidos por um desejo impaciente de mudar de cenário, seguimos adiante para Dover com velocidade, nossa comitiva tendo ido à frente para fornecer cavalos; encontrando-os tanto nos quentes estábulos que eles instintivamente procuravam durante o frio ou permanecendo tremendo nos desolados campos, prontos para entregar sua liberdade em troca de milho.

Durante nossa viagem, a Condessa contou-me novamente as extraordinárias circunstâncias que a levaram tão estranhamente para o meu lado no presbitério da capela de Saint George. Ao se despedir pela última vez de Idris, enquanto olhava ansiosamente em sua esvaída pessoa e em seu pálido rosto, ela subitamente fora visitada por uma convicção de que a via pela última vez. Era difícil afastar-se dela enquanto sob o domínio de tal sentimento e, pela última vez, ela tentou persuadir sua filha a se comprometer ao seus cuidados, permitindo a mim se reunir a Adrian. Idris delicadamente recusou e, assim, separaram-se. A ideia de que nunca mais a veria outra vez avolumou-se na mente da Condessa e perseguia-a perpetuamente; por mil vezes ela resolvera voltar e juntar-se a nós, mas era sempre contida pelo orgulho e pela ira das quais ela era escrava. Orgulhosa ao extremo como era, ela banhava

seu travesseiro com lágrimas noturnas e durante o dia era subjugada pela nervosa agitação e pela expectativa do temido evento, o qual ela era completamente incapaz de controlar. Ela confessou que, nesse período, seu ódio por mim não conhecia limites, já que ela considerava-me o único obstáculo para a satisfação de seu desejo mais querido, que era o de estar ao lado de sua filha nos seus últimos momentos. Ela desejava expressar seus medos ao seu filho e buscar por consolo em sua simpatia ou coragem de sua recusa, com seus augúrios.

No primeiro dia de sua chegada a Dover, ela caminhou com ele pela praia e com a tímida característica do sentimento apaixonado e exagerado, foi aos poucos conduzindo a conversa para o assunto desejado, quando ela poderia comunicá-lo seus medos, quando o mensageiro que trazia minha carta anunciando nosso retorno temporário a Windsor cavalgou até eles. Ele contou como tinha nos deixado e acrescentou que, apesar da alegria e da boa coragem de Lady Idris, ele temia que dificilmente ela pudesse chegar a Windsor viva. “Com efeito”, disse a Condessa, “seus medos são justos, ela está prestes a falecer!”

Enquanto falava, seus olhos fixaram-se em uma depressão semelhante a uma tumba do despenhadeiro e ela viu, asseverou-me com solenidade, ter visto Idris sendo depositava lentamente pela caverna. Ela estava virada contra ela, sua cabeça caída, seu vestido branco como os que ela estava acostumada a usar, exceto por um véu parecido a um crepe cobria suas douradas tranças e ocultava-a em uma névoa obscura e transparente. Ela parecia abatida, como se cedesse docemente a um poder autoritário; ela entrou submissa e perdeu-se no escuro recesso.

“Fosse eu sujeita a humores visionários”, disse a venerável dama, enquanto continuava sua narrativa, “eu poderia duvidar de meus olhos e condenar minha

credulidade; mas a realidade é o mundo em que vivo e o que vi duvido que não existira, além de mim. Desde aquele momento, eu não pude descansar; valia minha existência vê-la mais uma vez antes de morrer; eu sabia que eu não conseguiria isso, mas ainda assim deveria tentar. Parti imediatamente para Windsor; e, embora eu estivesse certa de que viajamos rapidamente, parecia-me que nosso progresso era como o de uma lesma e que atrasos eram criados apenas para minha irritação. Ainda acusava-o e empilhei sobre você as ígneas cinzas de minha ardente impaciência. Não era o desapontamento e sim uma convulsão agonizante, quando você apontou para a última residência dela; e as palavras mal poderiam expressar a repugnância que senti por você naquele momento, o triunfante obstáculo aos meus desejos mais queridos. Eu vi-a e a ira, o ódio e a injustiça morreram no seu ataúde, dando lugar, com sua saída, ao remorso (Grande Deus, que eu deveria senti-lo!) que deve durar enquanto a memória e o sentimento resistirem.”

Para curar tal remorso, para evitar que o amor agora desperto e a recém-nascida brandura produzissem a mesma amarga fruta que o ódio e a dureza haviam feito, eu devotei todos os meus esforços para tranquilizar a venerável penitente. Nosso grupo era melancólico; cada um estava possuído pelo arrependimento do que era irremediável; pois a ausência de sua mãe obscurecera até mesmo a infante alegria de Evelyn. Somava-se a isso a perspectiva do incerto futuro. Antes da realização final de qualquer grande mudança voluntária, a mente vacila e agora alivia a si mesma com uma fervente expectativa, como agora retrai ante os obstáculos que nunca pareceram se apresentar antes com aspecto tão terrível. Um tremor involuntário percorreu-me quando pensei que, no outro dia deveríamos cruzar a líquida barreira e teríamos iniciado tal perambulação desesperançada,

interminável e triste, que apenas pouco tempo antes eu considerara como o único alívio para a mágoa que a nossa situação impingia-nos.

Nossa chegada a Dover anunciou-se com os altos bramidos do mar de inverno. Eram levados por milhas terra adentro pela explosão cheia de som e pelos seus nada habituais estrondos, impunham um sentimento de insegurança e perigo à nossa estável permanência. A princípio, dificilmente nos permitimos pensar que uma rara erupção da natureza causava esta tremenda batalha entre o ar e a água, mas depois imaginamos que apenas ouvíamos ao que escutamos mil vezes antes, quando observamos a afluência das ondas adornadas como lãs, levadas pelos ventos, chegar para lamentar e morrer nas estéreis areias e nas pontiagudas rochas. Mas descobrimos, seguindo adiante, que Dover estava inundada – muitas das casas eram tomadas pelas vagas que enchiam as ruas e, com medonhas disputas, às vezes recuavam, deixando o pavimento da cidade nu, até que novamente corriam além com o influxo do oceano, retornando com suas trovoadas para sua condição usurpada.

Pouco menos perturbado do que o tempestuoso mundo das águas estava a multidão de seres humanos que, do desfiladeiro, observava temerosa seus devaneios. Na manhã da chegada dos emigrantes sob a tutela de Adrian, o mar estivera sereno e vítreo, as leves ondulações refletindo os raios de sol que derramavam seu brilho por entre o ar congelado, azul e límpido. Esta plácida aparência da natureza fora saudada como um bom augúrio para a viagem e o líder imediatamente retirou-se para o porto a fim de examinar os dois barcos a vapor que lá estavam atracados. Na madrugada seguinte, quando todos dormiam, uma terrível tempestade de ventos e estrepitosa chuva e granizo primeiro perturbou-os e a voz de um grito pelas ruas,

avisando os que dormiam para despertar ou, senão, morreriam afogados; e, quando eles saíram, meio vestidos, para descobrir a causa do alarme, descobriram que a maré, erguendo-se sobre todas as marcas, adentrava pela cidade. Subiram para o desfiladeiro, mas a escuridão permitia apenas que vissem a crista branca das ondas, enquanto o ruidoso vento misturava seus uivos em triste harmonia com as selvagens vagas. A medonha hora da noite, a extrema inexperiência de muitos que nunca haviam visto o mar antes, o lamento das mulheres e os gritos das crianças somavam-se ao terror do tumulto. Por todo o dia seguinte, a cena continuou. Quando a maré desceu, a cidade secou; mas em seu fluxo, erguia-se até mesmo mais alta do que na noite anterior. Os grandes navios que apodreciam nos ancoradouros foram arrancados de suas âncoras e levados para se amontoar contra o desfiladeiro, as embarcações no porto foram arremessadas à terra como se fossem algas marinhas e, então, despedaçadas pela ressaca. As ondas arremetiam-se contra as escarpas, que se em algum lugar foram afrouxadas anteriormente, agora cediam e a aflita turba enxergava grandes fragmentos da terra próxima despencar e urrar pelo mar profundo. Tal visão operava de maneira diferente em diferentes pessoas. A maior parte pensava que era o julgamento de Deus, para impedir ou punir nossa emigração de nossa terra nativa. Muitos estavam duplamente ansiosos para abandonar o recanto que se lhes tornou sua prisão, que parecia incapaz de resistir às incursões das gigantescas ondas do oceano.

Quando chegamos em Dover, depois de um dia fatigante de viagem, tudo o que queríamos era descanso e sono; mas a cena desenrolando-se ao nosso redor logo demoveu tais ideias. Fomos levados, junto com a maior parte de nossos companheiros, para a beira do desfiladeiro, a ouvir e a fazer milhares de hipóteses.

Uma neblina estreitava nosso horizonte para cerca de um quarto de milha e o indistinto véu, frio e denso, cobria o céu e o mar em igual escuridão. O que se somava à nossa inquietude era o fato de que dois terços de nosso grupo estavam agora nos esperando em Paris e agarrando-nos, como agora fazíamos com muita dor, a qualquer adição para os melancólicos remanescentes, esta divisão, com o indomável e intransitável oceano entre nós, atingia-nos com aflição. Por fim, depois de nos demorarmos por várias horas no desfiladeiro, fomos para o Castelo de Dover, cujo telhado abrigava todos aqueles que respiravam o ar inglês e buscamos o sono necessário para recuperar a força e a coragem para nossos corpos exaustos e espíritos enlanguescidos.

Logo pela manhã, Adrian trouxe-me notícias bem-vindas de que o vento mudara; fora sudeste; agora era noroeste. O céu estava estriado de nuvens pela crescente ventania, enquanto a maré em sua vazante retraía-se inteiramente da cidade. A mudança de vento alimentara a fúria do mar, mas alterara seu último tom escurecido para um verde brilhante; e apesar de seu intacto clamor, sua aparência mais amigável instilou esperança e prazer. Por todo o dia observamos a variação das ondas que eram como montanhas e, pelo crepúsculo, um desejo de decifrar a promessa para o amanhã cedo fez-nos reunir com um objetivo na ponta o desfiladeiro. Quando o poderoso iluminador aproximou-se a poucos graus do horizonte abalado pela tempestade, subitamente, uma maravilha! Três outros sóis, igualmente brilhantes e ardentes, surgiram dos vários quadrantes dos céus em direção ao grande orbe; rodopiaram por ele. O brilho da luz era intenso para os nossos olhos ofuscados; o próprio sol parecia se juntar à dança, enquanto o mar queimava como uma fornalha, assim como os Vesúvios iluminados, com lava correndo abaixo. Os cavalos fugiram dos estábulos com horror –

um rebanho de gado, atingido pelo pânico, correu para a beira do precipício e, cego pela luz, despencou com gritos horríveis para as ondas debaixo. O tempo tomado pela aparição desses três meteoros foi relativamente curto; de repente, os três sóis zombeteiros uniram-se em apenas um e mergulharam ao mar. Poucos segundos depois, um som ensurdecedor de água surgiu, com um terrível clangor, do lugar onde eles desapareceram.

Enquanto isso, o sol, desincumbido de seus estranhos satélites, caminhava com sua costumeira majestade em direção ao seu lar ocidental. Quando – não ousamos confiar em nossos olhos até então cegos, mas parecia que – o mar ergueu-se para encontrá-lo – ele subia alto e mais alto até que o globo incandescente obscureceu-se e o muro de água continuava a escalar o horizonte; parecia que de súbito, o movimento da terra se nos revelava – como se não mais fossemos governados pelas velhas leis, mas estivéssemos à deriva em uma região desconhecida do espaço. Muitos gritavam alto, que aqueles não eram meteoros e, sim, globos de matéria ardente, que incendiariam a terra e fariam com que o vasto caldeirão sob nossos pés borbulhasse com suas desmedidas ondas; o dia do julgamento final chegara, eles asseveravam e uns poucos momentos nos transportariam para a frente da terrível feição do onipotente juiz; enquanto aqueles menos dados a terrores visionários declaravam que duas correntes de ar conflitantes haviam ocasionado o último fenômeno. Para apoiar essa opinião, apontavam que a corrente do leste esmorecera, enquanto a investida da corrente do oeste misturara seu louco uivo com o clamor das águas que avançavam. Resistiria o desfiladeiro a esta nova bateria? Não seria a imensa onda mais alta que o precipício? Não seria nossa ilha inundada pelo seu aproximar? A multidão de espectadores fugiu. Dispersaram-se pelos campos, parando algumas vezes e

olhando para trás com horror. Um senso sublime de pavor acalmou as nervosas pulsações do meu coração – esperei pela chegada do ameaço de destruição, com aquela solene resignação que uma necessidade inevitável instila. O oceano assumia, a cada momento, um aspecto mais terrível, enquanto o crepúsculo escurecia-se com as nuvens que o vento do oeste espalhava pelo céu. Aos poucos, porém, conforme a onda avançava, assumia uma aparência mais suave; alguma corrente de ar ou obstrução ao pé da onda, bloqueou seu progresso e ela afundou gradualmente; enquanto a superfície do mar tornou-se uniformemente mais alta enquanto a onda dissolvia-se nele. Tal mudança levou-nos o medo de uma catástrofe imediata, embora estivéssemos ainda ansiosos pelo resultado final. Continuamos, durante toda a noite, a observar a fúria do mar e o caminhar das nuvens moventes, por entre cujas aberturas as estrelas precipitavam-se impetuosamente; o trovejar dos elementos em conflito privou-nos de toda força para dormir.

Isso durou ininterruptamente três dias e três noites. Os corações mais bravos tremeram diante da selvagem inimizade da natureza; as provisões começaram a faltar-nos, embora todos os dias grupos de pilhagem fossem distribuídos pelas cidades mais próximas. Em vão tentávamos nos escolar pela crença de que não havia nada fora da ordem comum da natureza na batalha que testemunhávamos; nosso desastroso e surpreendente destino tornava o melhor de nós covarde. A morte perseguia-nos pelo curso de muitos meses, mesmo na menor faixa de tempo em que estávamos; estreito, de fato, e atingido por tempestades, estava nosso caminho projetando-se sobre o grande mar de calamidade...

Como uma praia desabrigada ao norte,

É sacudida pela onda do inverno –

E frequentes tempestades, eternamente,

(Enquanto ao oeste os sonoros ventos devaneiam

Ou pelo leste ou as montanhas gelam)

O perplexo e cambaleante banco de areia lavam[{95}].

Era preciso mais do que energia humana para suportar as ameaças de destruição que de todos os lugares cercavam-nos.

Depois de passarem três dias, a ventania esvaiu-se, a gaivota navegava pelo calmo peito da atmosfera sem vento e a última folha amarela no galho mais alto do carvalho permanecia imóvel. O mar já não quebrava com fúria; mas um vagalhão, rumando direto para a praia, com longa varredura e sombria explosão substituiu o clamor da ressaca. Ainda extraíamos esperança com a mudança de que, sem dúvida, após o intervalo de alguns dias, o mar retomaria sua tranquilidade. O crepúsculo do quarto dia favoreceu tal ideia; estava límpido e dourado. Enquanto olhávamos para o mar púrpuro, brilhante debaixo, fomos atraídos para um novo espetáculo; uma mancha negra – à medida que se aproximava, vimos que era um barco – navegava pela crista das ondas, de vez em quando perdido entre os íngremes declives. Acompanhávamos seu curso com ansiosas perguntas; e, quando observamos que evidentemente seguia para a praia, descemos para o único lugar aportável e levantamos sinais para guiá-los. Com a ajuda de lentes, discernimos sua tripulação; consistia em nove pessoas, ingleses, pertencentes de fato às duas divisões de nosso grupo, que viajaram adiante e estavam já há muitas semanas em Paris. Como conterrâneos sentem

necessidade de outros conterrâneos em terras distantes, saudamos nossos visitantes ao aportarem, com mãos estendidas e contente recepção. Estavam lentos em retribuir nossas congratulações. Olhavam-nos com raiva e ressentimento; não menos do esfolado mar que haviam atravessado com grandes perigos, embora parecessem mais descontentes consigo mesmo do que conosco. Era estranho ver esses seres humanos, que pareciam brotar da terra como raras e inestimáveis plantas, cheios de forte paixão e do espírito de brava luta. Sua primeira exigência era a de serem conduzidos ao Lorde Protetor da Inglaterra, assim chamavam Adrian, embora ele há muito descartara o vazio título, como uma amarga zombaria da sombra ao que o Protetorado foi agora reduzido. Foram prontamente levados ao Castelo de Dover, de cuja torre Adrian observara os movimentos do barco. Ele recebeu-os com o interesse e a curiosidade sobre tão estranha visita. Na confusão criada pelas suas furiosas exigências de superioridade, muito se passou até que pudéssemos descobrir o significado secreto desta estranha cena. Aos poucos, das furiosas declamações de um, das ferinas interrupções de outro e dos amargos escárnios de um terceiro, descobrimos que eram deputados de nossa colônia em Paris, dos três partidos lá formados que, cada um em acirrada rivalidade, tentava obter superioridade sobre os outros dois. Esses deputados haviam sido despachados por eles para Adrian, que fora selecionado árbitro; e eles haviam viajado desde Paris até Calais, pelas cidades vazias e pelo desolado país, tolerando durante o violento ódio de um contra o outro; e agora pleiteavam por suas várias causas com um espírito de partido não mitigado.

Ao examinar cada deputado e depois de muita investigação, descobrimos o real estado das coisas em Paris. Desde que o parlamento elegera-o deputado de Ryland, todos os ingleses sobreviventes submetiam-se a

Adrian. Ele era nosso capitão para nos conduzir do nosso solo nativo para terras desconhecidas, nosso legislador e nosso preservador. No primeiro arranjo de nosso plano de emigração, não se considerava nenhuma separação prolongada de nossos membros e o comando do corpo inteiro, em uma escala ascendente de poder, tinha seu ápice no Conde de Windsor. Mas circunstâncias imprevistas mudaram nossos planos e fizeram com que a maior parte de nossos membros fosse dividida pelo espaço de quase dois meses, pelo chefe supremo. Eles partiram em dois grupos distintos; e em sua chegada a Paris, a distensão ergueu-se entre eles.

Encontraram Paris deserta. Quando primeiro a peste aparecera, o retorno dos viajantes e dos mercadores, além das comunicações por carta, informavam-nos regularmente das pilhagens feitas pela doença no continente. Mas, com a mortalidade crescente, esse intercâmbio declinou e cessou. Mesmo na própria Inglaterra, a comunicação entre uma parte da ilha e a outra se tornou lenta e rara. Nenhum navio enfrentou o canal que divide Calais de Dover; ou, se algum melancólico viajante, desejando assegurar-se da vida ou da morte de seus familiares, partisse do litoral da França para retornar entre nós, frequentemente o ambicioso oceano engolia sua pequena embarcação ou depois de um dia ou dois ele estava infectado pela desordem e morria antes de poder contar a história da desolação da França. Estávamos, portanto, em grande parte ignorantes do estado das coisas no continente e tínhamos vagas esperanças de encontrar numerosos companheiros em suas vastas estradas. Mas as mesmas causas que tinham diminuído tão temerosamente a nação inglesa encontraram maior escopo para danos na terra irmã. A França estava devastada; durante a longa estrada de Calais para Paris nenhum ser humano foi encontrado. Em Paris havia poucos, talvez uma centena

que, resignados ao destino, caminhavam a esmo pelas ruas da capital e reuniam-se para conversar dos tempos passados, com aquela vivacidade e mesmo alegria que raramente abandona os cidadãos daquele país.

Os ingleses tomaram posse incontestavelmente de Paris. Suas altas casas e estreitas ruas estavam sem vida. Algumas pálidas figuras podiam ser discernidas no habitual refúgio das Tuileries; imaginavam por qual motivo os ilhéus invadiam sua malfadada cidade – pois, no excesso de miséria, os sofredores sempre imaginam que sua parte na calamidade é a mais amarga já que, ao resistir à intensa dor, trocaríamos a tortura particular sob a qual nos retorcemos por qualquer outra que atinja uma parte diferente do corpo. Eles ouviram o relato que emigrantes deram sobre os motivos que os fizeram deixar sua terra nativa com um dar de ombros quase de desdém – “Voltem”, disseram, “voltem para a sua ilha, onde a brisa marinha sopra e a separação do continente dá alguma promessa de saúde: se a Pestilência entre vocês matou centenas, entre nós foram milhares. Não são vocês até mesmo mais numerosos do que nós? – Há um ano vocês teriam encontrado apenas os doentes enterrando os mortos; agora, estamos mais felizes; pois a pontada já passou e os poucos que vocês encontraram aqui estão pacientemente esperando pelo golpe final. Mas vocês, que não estão contentes em morrer, respirem não mais o ar da França ou logo farão parte de seu solo.”

Assim, pelas ameaças da espada, eles teriam contido aqueles que escaparam do fogo. Mas o perigo deixado para trás foi considerado iminente pelos meus compatriotas; que antes deles cheios de dúvida e distantes; e logo outros sentimentos ergueram-se para obliterar o medo ou substituí-lo por paixões, que devessem não dar lugar entre a irmandade de infelizes sobreviventes do mundo moribundo.

A mais numerosa divisão de emigrantes, que chegou primeiro a Paris, assumiu a superioridade de classe e de poder; o segundo grupo garantiu sua independência. Um terceiro foi formado por um sectário, um profeta autoelegido que, enquanto atribuía todo o poder e dominação a Deus, lutava para obter o real controle de seus camaradas em suas próprias mãos. Esse terceiro grupo consistia em poucos indivíduos, mas seu propósito era outro, obedecer ao seu líder completamente, sua firmeza e coragem mais resistente e ativa.

Durante todo o progresso da peste, os professores de religião possuíam grande poder; um poder do bem, se corretamente dirigido ou de incalculável dano se o fanatismo ou a intolerância guiam seus esforços. No presente caso, um sentimento pior do que estes agiam sobre o líder. Ele era um impostor no mais estrito sentido do termo. Um homem que tivera, no começo da vida, perdido todo o senso de retidão e autoestima, por meio da indulgência da propensão ao vício; e que, quando a ambição se lhe despertara, rendera-se à sua influência sem ser contido por quaisquer escrúpulos. Seu pai fora um pregador metodista, um entusiasta com simples intenções; mas aquelas perniciosas doutrinas de eleição e de graça especial contribuíram para destruir todos os sentimentos conscientes de seu filho. Durante o processo de contágio, ele participara de vários planos, pelos quais obteve seguidores e poder. Adrian descobrira e derrotara suas tentativas; mas Adrian estava ausente; o lobo assumia as vestes do pastor e o rebanho sucumbia ao engano: ele formara um partido durante as poucas semanas que estivera em Paris, que zelosamente propagou o credo de sua missão divina e acreditou que a segurança e a salvação eram proporcionadas para somente aqueles que confiassem nele.

Quando o espírito de distensão ergueu-se, as mais frívolas causas alimentaram-no. O primeiro partido, chegando a Paris, apropriou-se de Tuileries; a oportunidade e o sentimento amigável induziram o segundo grupo a instalar-se próximo a eles. Uma luta iniciou-se em relação à distribuição da pilhagem; os líderes da primeira divisão exigiram que tudo fosse colocado à sua disposição; o grupo oponente recusou aceitar tal pretensão. Quando, depois, os últimos saíram para a pilhagem, as portas de Paris fecharam-se para eles. Após superar essa dificuldade, marcharam juntos para Tuileries. Descobriram que seus inimigos já haviam sido expulsos de lá pelo Eleito, como o partido fanático designava-se e recusaram-se a admitir qualquer um dentro do palácio que não renunciasse a obediência a tudo menos Deus e ao seu enviado à terra, seu líder. Assim fora o começo da contenda, que ao fim seguiu até o ponto em que os três grupos, armados, encontraram-se em Place Vendôme, cada um resolvido a subjugar a resistência dos seus adversários. Reuniram-se, carregaram seus mosquetes e até apontaram-lhes para os peitos de seus, assim chamados, inimigos. Uma palavra teria sido suficiente; e então os últimos da humanidade teriam embrutecido suas almas com o crime de assassinato e afundado suas mãos no sangue de cada um. Um sentimento de vergonha, uma lembrança de que não apenas suas causas, mas a existência de toda a raça humana estava em risco, entrou no peito do líder do grupo mais numeroso. Ele estava ciente de que, se as fileiras diminuíssem, nenhum outro recruta poderia preenchê-las; que cada homem era uma gema sem preço em uma coroa real que, se destruída, as profundas entranhas da terra não mais gerariam nenhum outro modelo. Ele era jovem e havia sido incitado pela sua presunção e pela noção de seu alto posto e superioridade sobre todos os demais

pretendentes; agora ele arrependia-se de seu trabalho, ele sentia que todo o sangue prestes a ser despejado deveria o ser sobre sua cabeça; com súbito impulso portanto ele esporeou seu cavalo entre os lutadores e, tendo afixado um lenço branco na ponta de sua espada levantada, exigiu uma conferência; os líderes oponentes obedeceram ao sinal. Ele falou com brandura; ele lembrou-os do juramento que todos os comandantes fizeram de se submeter ao Lorde Protetor; ele declarou que a presente reunião era um ato de traição e de motim; ele concedeu que fora incitado pela paixão, mas que um momento mais tranquilo chegara; e ele propôs que cada partido enviasse deputados para o Conde de Windsor, convidando-o a interferir e oferecendo submissão à sua decisão. Sua oferta fora então aceita e cada líder assentiu em comandar uma retirada e além do mais, concordaram que após obter aprovação de várias partes, eles encontrar-se-iam naquela noite, em algum local neutro, para ratificar o armistício. Com o encontro dos líderes, esse plano foi finalmente concluído. O líder dos fanáticos, com efeito, recusou a admitir a arbitragem de Adrian; ele enviou embaixadores, ao invés de deputados, para reafirmar sua reivindicação e não para defender sua causa.

O pacto deveria durar até primeiro de fevereiro, quando os grupos deveriam se encontrar novamente em Place Vendôme; era de importância extrema que Adrian chegasse à Paris naquele dia, já que um fio de cabelo poderia fazer a balança pender e a paz, alarmada pelo aquecimento interno, poderia voltar apenas para vigiar os mortos silenciosos. Era então o dia vinte e oito de janeiro; cada navio estacionado próximo a Dover havia sido despedaçado pelas furiosas tormentas que eu recordara. Nossa jornada, portanto, não permitiria nenhum atraso. Naquela mesma noite, Adrian, eu e mais doze outros, tanto amigos quanto criados, partimos do

litoral inglês no barco que trouxera os deputados. Nós revezávamos-nos nos remos; e o motivo imediato de nossa partida proporcionou-nos matéria abundante para hipóteses e discursos, evitou o sentimento de que deixávamos nosso país natal, a despovoada Inglaterra, pela última vez, para adentrar longe nas mentes da maior parte de nossa comitiva. Era uma noite serena e estrelada, e a linha escura da costa inglesa continuava visível por intervalos, enquanto progredíamos pela extensa crista das ondas. Esforcei-me com meu longo remo para dar rápido impulso ao nosso bote; e, enquanto as águas batiam com melancólico som em suas laterais, olhei com triste afeição para o último relance da Inglaterra, envolta pelo mar e forcei meus olhos para não perder logo a vista do escarpado desfiladeiro, que se erguia para proteger a terra de heróis e dos belos das incursões do oceano que, turbulento como eu o vira ultimamente, requeria muros de ciclopes para evitá-las. Uma solitária gaivota voava sobre nossas cabeças, buscando seu ninho em uma fenda do precipício. Sim, deves revisitar a terra de teu nascimento, eu pensei, enquanto olhava a aérea viajante com inveja; mas nós, nunca mais! Adeus, túmulo de Idris! Cemitério no qual meu coração está sepultado, adeus para sempre!

Estávamos há doze horas no mar e a forte onda obrigava-nos a extrair toda a nossa força. Por fim, pela mera força do remo, chegamos à costa francesa. As estrelas sumiram e a cinza manhã lançava um escuro véu sobre os cornos dourados da lua minguante – o sol ergueu-se amplo e vermelho do mar, enquanto andávamos pela areia até Calais. Nosso primeiro cuidado foi o de procurar cavalos, e embora cansados pela nossa noite de vigia e trabalho, alguns de nosso grupo imediatamente partiram na busca por estes nos vastos campos da aberta e agora estéril planície que circunda Calais. Dividimos-nos, como marinheiros, em

vigílias e alguns repousavam, enquanto outros preparavam o repasto da manhã. Nossos forrageadores retornaram ao meio-dia com seis cavalos – nestes, Adrian, eu e mais outros quatro, seguimos em nossa jornada em direção à grande cidade, cujos habitantes apaixonadamente chamaram-na de capital do mundo civilizado. Nossos cavalos tornaram-se, em suas longas férias, quase selvagens e cruzamos a planície de Calais com impetuosa velocidade. Da elevação perto de Bolonha, virei-me outra vez para olhar a Inglaterra; a natureza havia descido um enevoado véu sobre ela, seu despenhadeiro estava escondido – espalhava-se a aquosa barreira que nos dividia, nunca mais a ser cruzada; ela estendia-se o plano oceano,

No grande lago, um ninho de cisnes[{96}].

Ah, arruinado o ninho! Os cisnes de Albion faleceram para sempre – uma pedra desabitada no amplo Pacífico, que permanecera desde a Criação despovoada, sem nome, desconhecida, seria de muita importância para a história futura do mundo quanto à abandonada Inglaterra.

Nossa jornada foi impedida por milhares de obstáculos. À medida que nossos cavalos cansavam-se, tínhamos de procurar por outros; e horas eram desperdiçadas, enquanto gastávamos nossos artifícios para iludir alguns destes emancipados escravos do homem para retomar o grilhão; ou íamos de estábulo em estábulo entre as cidades, esperando encontrar algum que não esquecera o abrigo de suas baias. Nosso pouco sucesso em obtê-los nos obrigava a, continuamente, deixar algum de nossos companheiros para trás; e, no dia primeiro de fevereiro, Adrian e eu entramos em Paris, completamente sós. Já havia alvorecido uma manhã serena ao chegarmos a Saint Denis e o sol estava alto quando o clamor de vozes,

e o choque, como temíamos, de armas, guiou-nos para onde nossos compatriotas estavam reunidos na Place Vendôme. Passamos por um grupo de franceses, que falavam com honestidade da loucura dos invasores insulares e então, vindo por uma súbita curva sobre o Palácio, vimos o sol brilhar nas espadas desembainhadas e nas baionetas fixadas, enquanto gritos e clamores rasgavam o ar. Era uma cena incomum naqueles dias de despovoamento. Eriçados por fantasiosos erros e insultantes zombarias, os grupos oponentes impeliam-se ao ataque mútuo; enquanto o eleito, separadamente, parecia esperar pela oportunidade de cair com mais vantagem sobre seus inimigos, quando eles devessem se enfraquecer mutuamente. Um poder misericordioso interveio e nenhum sangue derramou-se; pois, enquanto a multidão insana estava prestes a atacar, as mulheres, esposas, mães e filhas, irrompiam entre eles; elas abraçavam os joelhos dos cavaleiros e penduravam-se nos pescoços ou nos braços armados de seus furiosos parentes; o guincho dos gritos femininos misturava-se com o brado masculino e formavam o louco clamor que nos recepcionou em nossa chegada.

Nossas vozes não podiam ser ouvidas no tumulto; Adrian, entretanto, tinha destaque por causa do branco alazão que montava; esporeando-o, ele lançou-se ao meio da turba; ele foi reconhecido e um alto bramido ergueu-se pela Inglaterra e pelo Protetor. Os até então adversários, aquecidos pela afeição em vê-lo, juntaram-se em descuidada confusão e cercaram-no; as mulheres beijavam suas mãos e as bordas das suas roupas; não, seu cavalo recebeu o tributo dos seus abraços; algumas choravam ao recebê-lo; ele parecia um anjo pacífico descido entre eles; e o único perigo era que sua natureza mortal seria demonstrada pelo seu sufocar com a bondade de seus amigos. Sua voz foi, finalmente, ouvida e obedecida; a multidão retraiu-se; os líderes,

sozinhos, juntaram-se em volta dele. Eu vira Lorde Raymond passar por suas fileiras; seu olhar de vitória e sua conduta majestosa obtinham o respeito e a obediência de todos: aquela não era a aparência ou a influência de Adrian. Sua figura esguia, seu olhar fervente, seus gestos, mais de deprecação do que de domínio, eram as provas de que o amor, não turvado pelo medo, dava-lhe o controle sobre os corações de milhares, pois sabiam que ele nunca vacilava ante o perigo, nem agia por outros motivos senão a preocupação com o bem-estar geral. Nenhuma distinção era visível entre os dois grupos, até então prestes a derramar o sangue um do outro, pois, embora nem se submetendo ao outro, ambos concederam pronta obediência ao Conde de Windsor.

Um grupo, porém, permanecia separado do resto, que não simpatizava com a alegria exibida pela chegada de Adrian ou embebia-se do espírito de paz que caía como o orvalho sobre os suavizados corações de nossos compatriotas. Encabeçando o grupo estava um enfadonho e sombrio homem, cujo olho maligno pesquisava com nocivo prazer a ríspida aparência de seus seguidores. Até então, estiveram inativos, mas agora, apercebendo-se de que foram esquecidos do jubileu universal, avançavam com gestos ameaçadores: nossos amigos tinham, como se em devassa contenda, atacado uns aos outros; queriam apenas que lhes dissessem que suas causas eram somente uma, pois assim se tornou: sua ira mútua tornara-se fogo de palha, comparado ao lento ardor do ódio que acalentavam por aqueles segregadores, que agarravam um pedaço do mundo por vir, lá para se entrincheirar e se acastelar e para pregar, com tiradas amedrontadoras e denúncias intimidadoras, sobre as meras crianças da terra. O primeiro avanço do pequeno exército do eleito se lhes despertou novamente a fúria; agarraram suas armas e

esperaram apenas pelo sinal do líder para começar o ataque, quando os claros tons da voz de Adrian foram ouvidos, ordenando-os para que recuassem; com um confuso murmúrio e um rápido retiro, como as ondas que caíam com clamor sobre a areia que anteriormente cobriam, nossos amigos obedeceram. Adrian passou sozinho pelo espaço entre os grupos adversários; ele abordou o líder hostil, como que lhe pedindo que tomasse seu exemplo, mas seu olhar não foi acompanhado e o líder prosseguiu, seguido por sua tropa inteira. Havia muitas mulheres entre eles, que pareciam mais furiosas e resolutas do que seus companheiros. Eles agruparam-se em torno de seu líder, como se para protegê-lo, enquanto em voz alta investiam sobre ele todas as denominações sagradas e epítetos de culto. Adrian encontrou-os no meio do caminho; eles pararam: “O que”, ele disse, “vocês buscam? Vocês pedem algo que nós recusamos-nos a dar e que vocês são obrigados a tomar pelas armas e com guerra?”

Suas perguntas eram respondidas por um grito geral, nos quais as palavras eleição, pecado e rubro braço direito de Deus eram as únicas que podiam ser ouvidas.

Adrian olhou expressivamente para o líder, dizendo, “Você não pode silenciar seus seguidores? Os meus, você vê, obedecem-me.”

O companheiro respondeu com uma carranca; e então, talvez temeroso de que seu séquito pudesse ouvir o debate que se seguiria, ele ordenou que recuassem e avançou sozinho. “O que, eu pergunto novamente”, disse Adrian, “vocês querem de nós?”

“Arrependimento”, replicou o homem, cujo sinistro rosto enevoava-se enquanto falava. “Obediência às vontades do Altíssimo, manifesta para estes, seu Povo Eleito. Não morremos todos pelos seus pecados, Oh geração de descrentes e não temos o direito de exigir de vocês arrependimento e obediência?”

“E se recusarmos, o que acontecerá?”, seu oponente perguntou suavemente.

“Cuidado”, exclamou o homem, “Deus ouve-o e golpeará seu coração de pedra com sua ira; suas setas envenenadas voam, seus cães da morte estão soltos! Não pereceremos sem vingar-nos – e poderosa possa nossa vingança ser, quando ele descer em visível majestade e espargir a destruição entre vocês.”

“Meu bom companheiro”, disse Adrian com quieta ironia, “eu desejo que você seja um ignorante apenas e penso que não seria uma tarefa difícil provar-lhe de que fala do que não entende. Nesta presente ocasião, porém, é suficiente para mim que você não busque nenhum de nós; e o céu é nossa testemunha, não buscaremos ninguém dos seus. Eu devo me desculpar por tornar amargo pela luta os poucos dias que qualquer um de nós possa ter para viver aqui; quando então”, ele apontou para baixo, “não deveremos ser capazes de lutar, por não mais precisarmos. Vá para casa ou fique; reze para seu Deus da sua maneira; seus amigos podem fazer o mesmo. Minhas preces consistem em paz e boa vontade, em resignação e esperança. Adeus!”

Ele reverenciou levemente o furioso oponente que estava prestes a replicar; e, virando seu cavalo pela Rue Saint Honoré, convocou seus amigos para seguirem-no. Partiu lentamente, para dar tempo a todos de se juntar a ele em Barrier e, assim, emitiu suas ordens para aqueles que concederam obediência a ele, fizessem um rendez-vous em Versailles. No entretempo, ele permaneceu dentro dos muros de Paris, até que assegurou uma retirada segura para todos. Em cerca de quinze dias, o restante dos emigrantes chegou da Inglaterra e todos rumaram para Versailles; apartamentos foram preparados para a família do Protetor no Grand Trianon e lá, depois da excitação desses eventos, repousamos entre os luxos dos Bourbons passados.

CAPÍTULO V

APÓS o repouso de alguns dias, convocamos um conselho para decidir nossos futuros movimentos. Nosso primeiro plano era o de deixar nossa latitude nativa e invernosa, e buscar para o nosso diminuto grupo o luxo e os prazeres de um clima sulista. Não tínhamos fixado nenhum lugar preciso como o destino de nossas perambulações; mas um vago quadro de primavera perpétua, bosques cheirosos e borbulhantes riachos flutuavam em nossa imaginação para nos instigar. Uma variedade de motivos deteve-nos na Inglaterra e tínhamos agora chegado ao meio de fevereiro; se continuássemos em nosso projeto original, deveríamos nos encontrar em uma situação pior do que a original, tendo trocado nosso clima temperado pelo intolerável calor de um verão no Egito ou na Pérsia. Éramos, portanto, obrigados a modificar nosso plano, enquanto a estação continuava a ser inclemente; e foi determinado que esperássemos a chegada da primavera em nossa residência atual e, então, ordenássemos os próximos passos de modo a passar os meses quentes nos gelados vales da Suíça, protelando nosso avanço para o sul até o outono seguinte, se tal estação fosse-nos possível ser observada.

O castelo e a cidade de Versailles proporcionavam amplas acomodações ao nosso grupo e expedições de pilhagem sucessivas satisfaziam nossas necessidades. Havia uma estranha e intimidadora variedade na situação daqueles últimos da raça. A princípio, eu comparei-a a uma colônia que, carregada pelos mares distantes, firmava-se pela primeira vez em um novo país.

Mas onde estava o alvoroço e a diligência de tal grupo; as construções rudemente fabricadas, que eram suficientes até que uma casa mais cômoda pudesse ser erguida; a delimitação das lavouras; a tentativa de cultivo; a ansiosa curiosidade para descobrir animais e ervas desconhecidas; as excursões de exploração do país? Nossas habitações eram palácios, nosso alimento já estava estocado nos silos – não havia necessidade de trabalho, nenhum impulso de descoberta, nenhum desejo de progredir. Se fossemos assegurados de que deveríamos garantir as vidas de nosso presente grupo, haveria mais vivacidade e esperança em nossos conselhos. Teríamos discutido sobre o período em que os víveres para o sustento do homem já mais não nos seriam suficientes e qual modo de vida deveríamos então adotar. Teríamos considerado mais cautelosamente nossos planos futuros e debateríamos em relação ao lugar de nossa próxima morada. Mas o verão e a peste estavam próximos, e não ousávamos olhar adiante. Cada coração adoecia com a perspectiva de distração; se a parte mais jovem de nossa comunidade fosse impelida, pela indomável alegria juvenil, a se lançar em alguma dança ou cantoria para alegrar aqueles melancólicos tempos, eles logo parariam, interrompidos por um olhar lamentoso ou um suspiro agoniado de algum entre eles, que pelas suas mágoas e perdas, era impedido de se misturar à festividade. Se risos ecoavam sob o nosso teto, ainda o coração estava vazio de alegria; e, quando eventualmente eu testemunhava tais tentativas de passatempo, elas aumentavam, ao invés de diminuir, meu sentimento de aflição. Em meio à turba desesperada por prazer, eu fecharia meus olhos e veria diante de mim a obscura caverna onde estava depositada a mortalidade de Idris e onde a morta encontrava-se, esvaindo-se em quieto repouso. Quando novamente eu tornava-me ciente do momento presente,

a mais suave das melodias da flauta de Lídia ou o harmonioso emaranhado da graciosa dança eram apenas como o canto demoníaco do Lobo do Vale{97}[1] e as travessuras dos répteis que cercavam o círculo mágico.

Meu momento de paz mais caro ocorreu quando, livre da incumbência de me socializar com a multidão, eu pude repousar no querido lar onde meus filhos viviam. Digo filhos, pelos mais ternos laços de paternidade que me uniam a Clara. Ela tinha agora catorze anos; a tristeza e o claro discernimento das cenas ao seu redor acalmaram o impaciente espírito da mocidade; enquanto a lembrança de seu pai, que ela idolatrava, e o respeito por mim e Adrian inculcavam um alto sentimento de dever em seu jovem coração. Embora séria, ela não era triste; o ansioso desejo que nos faz, quando jovens, emplumar nossas asas e a esticar nossos pescoços para que possamos mais rápida e levemente andar nas pontas dos pés na altura da maturidade, era subjugado nela pela precoce experiência. Tudo o que ela podia guardar de seu excessivo amor pela memória dos seus pais e da atenção aos pais vivos era devotado à religião. Esta era a lei oculta em seu coração, que ela escondia com reserva infantil e acalentava-a ainda mais por ser secreta. Qual fé tão completa, qual caridade tão pura, qual esperança tão fervente como aquela da tenra juventude? E ela, tomada de amor, ternura e confiança, que desde a infância fora tolhida pelo amplo mar da paixão e do infortúnio, via o dedo de aparente divindade em tudo e sua mais alta esperança era a de se tornar aceitável ao poder que ela cultuava. Evelyn tinha apenas cinco anos; seu coração contente era incapaz de se entristecer e ele avivava nossa casa com a inocente jovialidade concernente à sua idade.

A envelhecida Condessa de Windsor abdicara de seu sonho de poder, classe e grandeza; ela fora subitamente agarrada pela convicção de que o amor era o único bem

na vida, a virtude a única distinção enobrecedora e opulência enriquecedora. Tal lição fora-lhe ensinada pelos mortos lábios de sua rejeitada filha; e ela devotara-se, com a ardente violência de seu caráter, a obter a afeição dos remanescentes de sua família. Há tempos atrás, o coração de Adrian enregelara-se por ela; e, embora ele respeitasse-a, sua frieza, misturada com a lembrança do desapontamento e da loucura, fazia-o até mesmo sentir dor quando ao seu lado. Ela via isso e assim se determinou a conquistar seu amor; o obstáculo servia também para que ela exercitasse sua ambição. Como Henrique, Imperador da Alemanha, deitou-se na neve diante da porta do Papa Leão por três dias e três noites no inverno, assim ela também fez em humilde espera perante as congeladas barreiras do coração fechado de Adrian, até que ele, o escravo do amor e príncipe da terna cortesia, abriu-o amplamente para que ela entrasse, investindo, com fervor e gratidão, o tributo de sua atenção filial sobre ela, que o merecia. Sua compreensão, coragem e presença de espírito tornaram-se poderosos auxiliares para ele na sua difícil tarefa de controlar a multidão em turbilhão que se sujeitava ao seu, na verdade, frágil domínio.

Os principais fatos que perturbaram nossa tranquilidade durante este intervalo tiveram origem na vizinhança do profeta-impostor e seus seguidores. Continuavam a residir em Paris; mas missionários entre eles frequentemente visitavam Versailles – e tal era o poder de suas afirmações, embora falsas, porém veementemente reiteradas sobre a imediata credulidade dos ignorantes e dos tementes, que eles raramente falhavam em arrastar para o seu grupo alguns dos nossos. Um exemplo deste tipo chegando diretamente ao nosso conhecimento levou-nos a considerar o miserável estado no qual devíamos deixar nossos compatriotas quando, com a chegada do verão, dirigíssemos-nos para

a Suíça e abandonássemos uma turba iludida nas mãos de seu perverso líder. A percepção da diminuição de nossa comitiva e a expectativa de mais redução pressionava-nos; e, enquanto era motivo de congratulação trazer alguém para o nosso lado, seria duplamente gratificante resgatar da perniciosa influência da superstição e da inexorável opressão as vítimas que agora, embora voluntariamente acorrentadas, lamentavam sob dela. Se tivéssemos considerado o pregador como sincero em uma crença das suas próprias denúncias ou somente agido moderadamente pelo seu bom sentimento no exercício de seus poderes assumidos, teríamos nós mesmos nos dirigido a ele e tentado com os nossos melhores argumentos suavizar e humanizar suas opiniões. Mas, instigado pela ambição, ele desejava dominar estes últimos errantes no envoltório da morte; seus projetos iam tão longe que o fazia calcular que, se destes oprimidos remanescentes alguns poucos sobrevivessem, alguma nova raça seria gerada e ele, por segurar firme as rédeas da crença, poderia ser lembrado por essa raça pós-peste como um patriarca, um profeta, não, uma divindade; tais como entre os pós-diluvianos eram Júpiter, o conquistador, Serápis, o legislador e Vishnou, o preservador. Estas ideias faziam-lhe inflexível em seu domínio e violento em seu ódio por aquele que presumia dividir com ele seu império usurpado.

Era um fato estranho, embora incontestável, que o filantrópico, ardente em seu desejo de fazer o bem, que paciente, razoável e cortês, ainda desdenhe em utilizar outro argumento senão a verdade, tendo menor influência sobre a mente dos homens do que aquele que, sôfrego e egoísta, recusa-se a adotar quaisquer meios, nem despertar qualquer paixão, nem esclarecer qualquer falsidade, para o avanço de sua causa. Se esta tem sido a razão desde tempos imemoriais, então o

contraste era muito maior, já que aquele poderia trazer medos aterrorizantes e esperanças transcendentais à cena; enquanto o outro, que tinha menos esperanças para se agarrar, nem poderia influenciar a imaginação para diminuir os medos que ele próprio era o primeiro a acalentar. O pregador havia persuadido seus seguidores de que a escapatória da peste, a salvação de seus filhos e o surgimento de uma nova raça de homens a partir de suas sementes dependia da fé e da submissão a ele. Eles embeberam-se dessa crença com ambição; e sua credulidade mais que fantasiosa fazia-os ansiosos em converter outros para a mesma fé.

Como seduzir quaisquer indivíduos de tal aliança de fraude era um tema recorrente das meditações e do discurso de Adrian. Ele fazia muitos planos com tal propósito; mas sua própria tropa mantinha-o totalmente ocupado em assegurar-lhe fidelidade e segurança; além do que o pregador era tão cauteloso e prudente quanto cruel. Suas vítimas viviam sob estritas regras e leis, que tanto os aprisionavam por completo nas Tuileries quanto os deixavam em tal quantidade e sob tais líderes, que evitavam a possibilidade de controvérsia. Havia alguém entre eles, porém, que eu resolvera salvar; ela conhecera-nos em dias melhores; Idris a havia amado; e sua excelente natureza fazia particularmente lamentável que ela pudesse ser sacrificada por esse impiedoso canibal de almas.

Esse homem tinha entre duzentas e trezentas pessoas alistada entre suas fileiras. Mais da metade deles era mulher; havia cerca de cinquenta crianças de todas as idades; e não mais do que oitenta homens. Foram em muito atraídos do que, quando tais distinções existiam, era denominada a classe baixa da sociedade. As exceções consistiam em algumas mulheres da elite que, atingidas pelo pânico e domadas pela tristeza, juntaram-se a ele. Entre elas havia uma, jovem, encantadora e

entusiástica, cuja própria bondade fizera-a uma vítima mais fácil. Eu já a mencionei antes: Juliet, a filha mais nova e, agora, a única relíquia da casa ducal de L.... Há alguns seres cujo destino parece selecionar aquele a quem despejará, em porção desmedida, a dose de sua ira e aqueles sobre quem ela banha até os lábios em tristeza. Assim era a desafortunada Juliet. Ela perdera seus indulgentes pais, irmãos e irmãs, companheiros de sua juventude; em apenas um golpe, eles foram levados dela. Contudo ela ousava se considerar feliz; unida ao seu admirador, àquele que possuía e ocupava todo o seu coração, ela cedia aos poderes leteus do amor e sabia e sentia apenas sua vida e sua presença. Ao mesmo tempo em que com vivo prazer ela recepcionava os sinais de maternidade, este único apoio de sua vida falhara-lhe, seu marido faleceu da peste. Por um tempo ela fora embalada pela insanidade; o nascimento de sua filha restaurou-lhe à cruel realidade das coisas, mas dera-lhe, concomitantemente, um motivo para manter definitivamente a vida e a razão. Cada amigo e parente morreu, e ela foi reduzida à solidão e à penúria; a profunda melancolia e a irada impaciência distorceram seu julgamento, assim que ela convenceu-se a não revelar seu pesar para nós. Quando ela ouviu do plano de emigração universal, decidiu permanecer com sua filha, sozinha na imensa Inglaterra para viver ou morrer, enquanto o destino pudesse decretar, além do túmulo de seu amado. Ela escondera-se em uma das muitas habitações vazias de Londres; foi ela quem resgatou minha Idris do fatal dia de vinte de novembro, embora meu perigo imediato e a doença subsequente de Idris fizeram-nos esquecer de nossa infeliz amiga. Tal circunstância, porém, recolocou-a em contato com seus semelhantes; uma pequena doença de seu infante provou a ela que ainda estava ligada à humanidade por um indestrutível laço; preservar a vida de sua pequena

criatura tornou-se o objetivo de sua existência e ela juntou-se à primeira divisão dos emigrantes que rumava para Paris.

Ela tornou-se presa fácil para o metodista; sua sensibilidade e seus agudos medos faziam-na acessível para qualquer impulso; o amor por sua filha tornava-a ansiosa para se agarrar a uma simples palha estendida para salvá-la. Sua mente, então desafinada, e agora afinada pelas mais rudes e inarmônicas mãos, convertera-a em crédula: bela como uma deusa de fábulas, com voz de doçura sem igual, ardente com um recém-inflamado entusiasmo, ela tornou-se uma firme convertida e uma poderosa auxiliar do líder dos eleitos. Eu observara-a na multidão no dia em que nos encontramos na Place Vendôme; e, relembrando subitamente seu resgate providencial de minha perdida, na noite de vinte de novembro, eu reprovei-me pela minha indiferença e ingratidão, e senti-me impelido a não deixar meio algum sem ser tentado a recompô-la ao seu melhor estado e resgatá-la das presas do hipócrita destruidor.

Não recordarei, neste ponto de minha história, os artifícios que empreguei para penetrar no asilo das Tuileries ou dar um tedioso relato dos meus estratagemas, decepções e perseverança. Eu tivera, por fim, êxito em adentrar aqueles muros e percorri suas salas e seus corredores na ansiosa esperança de encontrar minha selecionada neófita. Na noite em que tramei me misturar sem ser observado na congregação, que se reunia na capela para escutar a cantilena astuciosa e eloquente de seu profeta. Eu vi Juliet perto dele. Seus olhos escuros, com o indomável resplendor da loucura impressos com temor, estavam fixos nele; ela segurava sua infante, que nem um ano de idade tinha, em seus braços; e apenas ao cuidado dela ela poderia distrair sua atenção das palavras que ansiosamente

ouvia. Depois que o sermão terminou, a congregação dispersou-se; todos abandonaram a capela, menos ela, que eu buscava; seu bebê dormira; ela colocou-o em uma almofada e sentou-se no chão, observando de frente seu sono tranquilo.

Eu apresentei-me a ela; por um momento, a sensação natural produziu um sentimento de felicidade, que novamente desapareceu, quando com ardente e afetuosa exortação implorei que me acompanhasse na fuga daquele antro de superstição e miséria. Imediatamente ela reincidiu no delírio de fanatismo e, se não fosse sua gentil natureza proibir, ela teria me carregado de execrações. Ela conjurou-me, ordenou que eu deixasse-a – “Cuidado, Oh cuidado”, ela exclamou, “fuja enquanto é possível. Agora você está salvo; mas estranhos sons e inspirações vêm-me às vezes e se o Eterno, em terrível sussurro, revelar-me sua vontade, que para salvar minha filha você deve ser sacrificado, eu convocaria seus adeptos, que chama de opressor; eles despedaçá-lo-iam membro por membro; e eu não consagraria a morte daquele amado por Idris nem com uma lágrima.”

Ela falava apressadamente, com uma voz sem tom e com um olhar louco; sua criança despertou e, assustada, começou a chorar; cada soluço atingia o coração da mãe desafortunada e ela misturou os epítetos de carinho que dizia à sua filha com nervosas ordens para que eu deixasse-a. Tivesse eu os meios e teria arriscado tudo, teria a pego pela força do covil dos assassinos e confiado-a ao curativo bálsamo da razão e da afeição. Mas eu não tinha escolha, nenhum poder mesmo para uma batalha mais longa; passos ouviam-se pela galeria e a voz do pregador fazia-se mais próxima. Juliet, apertando sua filha com um forte abraço, fugiu por outra passagem. Ainda assim eu a teria seguido; mas meu adversário e seus seguidores entraram; fui rendido e feito prisioneiro.

Recordei a ameaça da infeliz Juliet e esperei a descarga completa da vingança do homem e a despertada ira de seus seguidores, a cair instantaneamente sobre mim. Fui inquirido. Minhas respostas eram simples e sinceras. “Sua própria boca condena-o”, exclamou o impostor; “ele confessa que sua intenção era seduzir do caminho da salvação nossa muito amada irmã em Deus; leve-o para o calabouço; amanhã conhecerá a morte; se nos exigem que façamos um exemplo, tremendo e intimidador, para espantar os filhos do pecado do asilo dos salvos.”

Meu coração revoltou-se com seu palavreado hipócrita; mas não me valia a pena combater em palavras o rufião; e minha resposta era fria; enquanto, longe de ser possuído pelo medo, pareceu-me, mesmo no pior, um homem verdadeiro a si mesmo, corajoso e determinado, ser capaz de abrir seu caminho mesmo à beira do cadafalso, pela horda daqueles desvirtuados maníacos. “Lembre-se”, eu disse, “de quem eu sou; esteja certo de que não morrerei sem vingança. Seu magistrado legal, o Lorde Protetor, soube de meus desígnios e está ciente de que estou aqui; o grito de sangue chegará a ele e você e suas miseráveis vítimas por muito lamentarão a tragédia que está prestes a cometer.”

Meu antagonista sequer dignou-se a responder, nem a olhar-me; – “Vocês sabem seu dever”, disse para seus camaradas, – “obedeçam.”

Em um momento fui jogado ao chão, algemado, vendado e levado – a liberdade dos membros e da visão apenas me foi devolvida quando, cercado pelas paredes do calabouço, escuro e impenetrável, descobri-me prisioneiro e solitário.

Tal foi o resultado de minha tentativa de recuperar a neófita desse criminoso; não podia esconder que ele poderia me matar. – Ainda eu estava em suas mãos; o

caminho de sua ambição sempre fora sombrio e cruel; seu poder fundamentava-se no medo; a única palavra que poderia me fazer morrer, inaudito, desapercebido, na obscuridade do meu calabouço, poderia ser mais fácil de dizer do que realizar a proeza da misericórdia. Ele não arriscaria uma execução pública; mas um assassinato privado poderia, de uma vez, amedrontar quaisquer dos meus companheiros de tentar algo similar, ao mesmo tempo em que uma linha de conduta cautelosa poderia capacitá-lo a evitar as indagações e a vingança de Adrian.

Dois meses atrás, sob um firmamento ainda mais soturno do que aquele que agora habitava, eu refletira sobre o desígnio de silenciosamente entregar-me à morte; agora, eu tremia com a aproximação do destino. Minha imaginação ocupava-se em formatar o tipo de morte que eu sofreria. Permitiria ele que eu me esvaísse pela fome; ou o alimento que ele administrar-me-ia estaria envenenado com a morte? Roubar-me-ia ele a vida durante meu sono; ou eu deveria lutar até o fim contra meus assassinos, sabendo, mesmo enquanto eu enfrentava-os, que deveria ser vencido? Eu vivera sob uma terra cuja diminuída população poderia ser contada pela aritmética de uma criança; eu vivera por muitos meses com a morte espreitando-me de perto, enquanto em tempos a sombra de sua forma esquelética escurecia meu caminho. Acreditara ter despistado o terrível fantasma e zombei de seu poder.

Qualquer outro fim eu teria enfrentado com coragem, não, teria ido galantemente ao seu encontro. Mas ser assassinado desta maneira, na madrugada, por matadores de sangue frio, nenhuma mão amiga para fechar meus olhos ou receber minha última benção – morrer em combate, ódio e execração – ah, por que, meu anjo do amor, tu devolves-me a vida, quando eu já tinha entrado pelo portal da tumba, agora que tão logo

novamente eu estava prestes a ser arremessado como um cadáver lacerado?

As horas transcorreram-se – séculos. Pudesse eu dar palavras aos muitos pensamentos que me ocupavam em infinita sucessão durante este intervalo, eu escrevia compêndios. O ar era úmido, o chão do calabouço embolorado e frio como o gelo; a fome se me abateu também e nenhum som se me vinha de fora. Amanhã, o rufião declarara que eu deveria morrer. Quando chegaria o amanhã? Já não era agora?

Minha porta estava prestes a ser aberta. Ouvi a chave virar-se e as barras e os ferrolhos lentamente serem revolvidos. A abertura das passagens intervenientes permitiu que sons do interior do palácio se me chegassem; e ouvi o relógio apontar uma hora. Eles vinham me matar, pensei; essa hora não era apropriada para uma execução pública. Arrastei-me para uma parede oposta à entrada; reuni minhas forças, recobrei minha coragem, eu não cairia como uma presa domesticada. Lentamente a porta recuou em suas dobradiças – eu estava pronto para pular adiante a fim de agarrar e lutar contra o intruso, até que a visão de quem era mudou o temperamento de minha mente. Era a própria Juliet; ela estava pálida e trêmula, com uma lâmpada na mão, no limiar do calabouço, olhando para mim com feição saudosa. Mas em um momento ela reassumira seu autocontrole; e seus lânguidos olhos recuperaram seu brilho. Ela disse, “Vim salvá-lo, Verney.”

“E a si própria, também”, exclamei: “querida amiga, podemos ser salvos?”

“Nem uma palavra”, ela replicou, “siga-me!”

Obedeci na mesma hora. Percorremos com passos leves muitos corredores, subimos vários lances de escadas e passamos por compridas galerias; ao fim de uma, ela destrancou uma portada baixa; um sopro do

vento apagou nossa vela; mas, em vez dele, tínhamos os abençoados raios de lua e o rosto aberto do céu. Então, primeiro Juliet falou: “Está salvo, ela disse, que Deus acompanhe-lhe. Adeus!”

Agarrei sua mão relutante – “Cara amiga”, exclamei, “desorientada vítima, você não pretende fugir comigo? Você já não arriscou tudo ao facilitar-me a fuga? E você não acha que eu permitir-lhe-ia voltar e sofrer sozinha os efeitos da fúria daquele canalha? Nunca!”

“Você não teme por mim”, replicou a encantadora garota, lamentosamente, “e não imagina que sem o consentimento de nosso chefe você poderia estar fora destas muralhas. Foi ele quem o salvou; ele atribuiu-me a função de trazê-lo até aqui, porque estou mais relacionada aos seus motivos de estar aqui e posso melhor apreciar sua piedade em permitir que você parta.”

“E então você”, exclamei, “deixa-se enganar por este homem? Ele receia-me vivo como um inimigo, e morto, teme minha vingança. Ao favorecer minha fuga clandestina, ele preserva sua aparência de firmeza perante seus seguidores; mas o perdão está longe de seu coração. Você esquece de seus artifícios, sua crueldade e sua fraude? Assim como estou livre, você também está. Venha, Juliet, a mãe de nossa perdida Idris dar-lhe-á boas-vindas, o nobre Adrian regozijar-se-á em recebê-la; você encontrará paz e amor, e melhores esperanças do que o fanatismo pode proporcionar. Venha e não tenha medo; antes do novo dia deveremos estar em Versailles; feche a porta desta morada do crime – venha, doce Juliet, da hipocrisia e da culpa para a companhia dos afetuosos e dos bons.”

Eu falava apressadamente, mas com fervor: e, enquanto com gentil violência eu puxava-a da portada, algum pensamento, alguma lembrança de cenas passadas de juventude e felicidade, fizeram-na ouvir-me

e render-se a mim; de repente, ela desprendeu-se com um grito penetrante: “Minha filha, minha filha! Ele tem minha filha; minha querida garota é minha refém.”

Ela fugiu de mim pela passagem; a porta fechou-se entre nós – ela foi deixada nas presas desse criminoso, uma prisioneira, ainda a inalar a atmosfera pestilenta que se aderia à natureza demoníaca dele; a brisa livre brincou em meu rosto, a lua brilhou graciosamente sobre mim, meu caminho estava livre. Feliz por ter escapado, porém melancólico na minha própria alegria, retomei meus passos para Versailles.

CAPÍTULO VI

O TURBULENTO inverno passou; inverno, a continuação de nossos males. Aos poucos, o sol, que com oblíquos raios havia, antes, cedido amplo terreno para a noite, continuava sua jornada diurna e sentava-se em seu mais alto trono, definitivamente o promotor da nova beleza da terra e seu amante. Nós que, como moscas que se reúnem em uma pedra seca depois que a maré baixa, tínhamos brincado lascivamente com o tempo, permitindo que nossas paixões, nossas esperanças e nossos loucos desejos dominassem-nos e agora ouvíamos o estrondo do oceano de destruição se nos aproximar, e poderíamos ter fugido para alguma fenda antes que a primeira onda quebrasse-se sobre nós. Resolvemos, sem demora, iniciar nossa jornada para a Suíça; tornamos-nos ansiosos para deixar a França. Sob as geladas abóbadas dos glaciais, debaixo das sombras dos pinheiros, o balanço de cujos poderosos galhos prendeu-se em uma carga de neve; além dos riachos cujo frio intenso proclamou sua origem nas pilhas de água congelada, derretendo lentamente entre frequentes tempestades que poderiam purificar o ar e nós, encontrar a saúde, se, na verdade, ela própria não estivesse doente.

Começamos nossos preparativos primeiro com diligência. Nós não nos despedíamos de nosso país nativo, aos túmulos daqueles que amávamos, das flores e dos riachos e das árvores, que viviam conosco desde a infância. Ficaríamos pouco tristes ao deixar Paris. Um cenário de vergonha, quando nos lembrávamos de nossas últimas contendas e pensávamos que deixamos

para trás uma horda de vítimas miseráveis e iludidas, pendendo sobre a opressão de um impostor egoísta. Sentíamos pequenas pontadas ao deixar os jardins, os bosques e as salas dos palácios dos Bourbon em Versailles, que temíamos estar logo manchada com os mortos, quando olhávamos para os vales mais encantadores do que qualquer jardim, para as poderosas florestas e salas, construídas não para a majestade mortal, mas palácios da própria natureza, com os Alpes de brancura marmórea como seus muros, o céu como telhado.

Entretanto, nossos espíritos esmoreciam-se, enquanto o dia que marcáramos para nossa partida aproximava-se. Duras visões e maus augúrios, se tais coisas existissem, sucediam-se rapidamente ao nosso redor, para que em vão os homens digam…

Estas são suas razões e são naturais[98],

sentíamos-lhes pressagiosas e tememos o evento futuro encadeado a elas. Que a coruja da noite deva gritar antes do sol do meio-dia, que o morcego de duras asas deva rodar pela cama da beleza, que o trovão deva resmungar no começo da primavera, assustando o ar sem nuvens, que a praga abata-se sobre a árvore e o arbusto, eram eventos raros porém físicos, menos horríveis do que as criações mentais do poderoso medo. Alguns tiveram uma visão de procissões funéreas e os rostos encardidos de lágrimas que adejavam pelas longas alamedas dos jardins e abriam as cortinas dos que dormiam na noite da morte. Outros ouviam lamentos e choros pelo ar; um canto lúgubre fluiria pela escura atmosfera, como se os espíritos acima entoassem o réquiem da raça humana. O que havia nisso tudo, além dos outros sentimentos criados pelo temor em nosso corpo, fazendo-nos ver, ouvir e sentir o que não era? O

que era isso, senão a atividade de imaginações adoentadas e credulidade infantil? Então poderia ser; mas o que era mais real era a existência destes mesmos medos; os olhares fixos de terror, as faces pálidas ao extremo, as vozes tornadas mudas pelo atormentado receio daqueles, entre nós, que via e ouvia tais coisas. Neste grupo estava Adrian, que conhecia a ilusão, mas ainda assim não podia se livrar do contagiante terror. Mesmo a ignorância pueril aparecia com tímidos gritos e convulsões para reconhecer a presença de poderes invisíveis. Devíamos partir: mudando de cenário, ocupando-se e a tal segurança conforme ainda esperávamos encontrar, deveríamos descobrir a cura para estes horrores coletivos.

Ao revistar nossa companhia, descobrimos que consistia em mil e quatrocentas almas, homens, mulheres e crianças. Até agora, portanto, nosso grupo não diminuíra, exceto pela deserção daqueles que se vincularam ao profeta-impostor e permaneceram em Paris. Cerca de cinquenta franceses juntaram-se a nós. A ordem de nossa marcha foi facilmente organizada; o pouco sucesso que obtivera nossa divisão obrigou Adrian a manter todos unidos. Eu, com mais cem homens, fomos primeiro como fornecedores, tomando a rota para Côte-d'Or, por Auxerre, Dijon e Dole, sobre o Jura, para Genebra. Eu deveria providenciar, a cada dez milhas, acomodação para tantos quanto descobria que a cidade ou a vila receberia, deixando um mensageiro com uma ordem por escrito, apontando quantos lá poderiam ser aquartelados. O remanescente de nossa tribo foi então dividido em grupos de cinquenta cada, cada divisão contendo dezoito homens e o resto consistia em mulheres e crianças. Cada um deles era encabeçado por um oficial que tinha uma lista de nomes, através da qual seriam, diariamente, revisitados. Se os homens fossem divididos à noite, ao dia aqueles na dianteira teriam de

aguardar pelos de trás. Deveríamos nos reunir em cada uma das grandes cidades acima mencionadas; e um conclave dos principais oficiais manteria um conselho para o bem-estar geral. Segui primeiro, como disse; Adrian, o último. Sua mãe, com Clara e Evelyn sob sua proteção, também permaneceram com ele. Assim, nossa ordem sendo determinada, eu parti. Meu plano era o de ir primeiro a no máximo Fontainebleau, onde em poucos dias deveria ser reunido a Adrian, antes de partir novamente para o oeste.

Meu amigo acompanhou-me a poucas milhas de Versailles. Ele estava triste; e, em um tom de raro desânimo, emitiu seu desejo de que chegássemos rapidamente aos Alpes, acompanhado de uma expressão de vão arrependimento por ainda não estarmos lá. “Nesse caso”, observei, “podemos apressar nossa marcha; por que seguir um plano cujo lento proceder você já desaprova?”

“Não”, ele replicou, “é muito tarde, agora. Um mês atrás, éramos os mestres do universo; agora”, ele virou sua face de mim; embora o vindouro crepúsculo já houvesse ocultado sua expressão, ele distanciou-se ainda mais, enquanto acrescentava, “um homem morreu da peste ontem à noite!”

Ele falava com uma voz abafada e então, subitamente apertando suas mãos, ele exclamou, “Rapidamente, muito rapidamente avança a última hora para todos nós; assim como as estrelas esvaem-se diante do sol, assim irá sua iminente aproximação destruir-nos. Eu fiz o meu melhor; com apertos de mão e força impotente, eu agarrei-me à roda da carruagem da peste; mas ela arrasta-me consigo, enquanto, assim como Juggernaut, ela segue esmagando aqueles que se estendem pela grande estrada da vida. Se estivesse terminado – se sua procissão tivesse êxito, teríamos todos entrado no túmulo juntos!”

Lágrimas caíam de seus olhos. “Novamente”, ele continuou, “a tragédia será interpretada; mais uma vez eu devo ouvir os murmúrios dos moribundos, o lamento dos sobreviventes; mais uma vez testemunhar as angústias que, consumindo todos, envolvem uma eternidade naquelas evanescentes existências. Por que eu mereço isso? Por que o carneiro manchado do rebanho, eu, não sou um dos primeiros a ser levado para baixo da terra? É difícil, muito difícil, para alguém que nasceu de uma mulher suportar tudo o que eu aguento!”

Até então, com um espírito destemido e com um alto sentido de dever e valor, Adrian satisfizera a tarefa que impôs a si mesmo. Eu contemplava-o com reverência e com um infrutífero desejo de imitação. Agora, eu oferecia poucas palavras de encorajamento e simpatia. Ele escondeu seu rosto em suas mãos e enquanto lutava para se acalmar, desabafou, “Por alguns meses, ainda por alguns meses mais, não deixe, Oh Deus, meu coração falhar ou minha coragem ser esmorecida; não deixe as visões de miséria intolerável enlouquecer este cérebro já meio louco ou fazer este frágil coração bater contra as paredes desta prisão, até explodir. Acreditei que era meu destino guiar e controlar os últimos da raça humana, até que a morte extinguisse meu governo e a este destino submeti-me.

“Perdão, Verney, eu aborreço-o, mas não mais reclamarei. Agora, já sou eu novamente, ou ainda, estou melhor do que eu mesmo. Você sabe como, desde minha infância, ambiciosos pensamentos e altos desejos guerrearam contra a doença inata e a mais que esforçada sensibilidade, até que a última venceu. Você sabe como eu depositei esta gasta e fraca mão sobre o leme abandonado do governo humano. Eu sou visitado, em tempos, por intervalos de instabilidade; entretanto, até agora, eu sentira que um espírito superior e incansável tomara-me como sua morada, ou melhor,

incorporara-se em meu frágil ser. O sagrado visitante dormiu por um tempo, talvez para me mostrar quão impotente eu sou sem sua inspiração. Porém, fique mais um pouco, Oh Poder da bondade e da força; não desdenhe ainda este destroçado santuário de carnal mortalidade, Oh imortal Capacidade! Enquanto houver um semelhante para quem o auxílio possa ser providenciado, permaneça e impulsione seu despedaçado e falho motor!”

Sua veemência e sua voz interrompida por suspiros irreprimíveis afundaram meu coração; seus olhos lampejaram na escuridão da noite, como duas estrelas na terra; e, sua forma estendendo-se, suas feições radiantes, pareciam verdadeiramente quase como se em seu eloquente apelo um espírito mais do que mortal entrasse em seu corpo, exaltando-o acima da humanidade. Ele rapidamente voltou-se para mim e estendeu sua mão. “Adeus, Verney”, ele exclamou, “irmão do meu amor, adeus; nenhuma outra expressão de fraqueza deverá cruzar estes lábios, estou vivo novamente; às nossas tarefas, aos nossos combates contra nossa invencível adversária, pois até o fim lutarei contra ela.”

Ele agarrou minha mão e lançou-me um olhar mais fervente e animado do que qualquer sorriso; então, virando a cabeça de seu cavalo, tocou o animal com a espora e desapareceu rapidamente.

Um homem morrera com a peste na noite passada. A aljava não fora esvaziada, nem o arco distendido. Éramos como alvos, enquanto a Pestilência partiana mirava e disparava, insaciada de conquista, desimpedida pela pilha de assassinatos. Uma doença da alma, contagiosa mesmo ao mecanismo físico, apoderou-se de mim. Meus joelhos batiam-se, meus dentes tremiam, minha corrente sanguínea, coagulada pelo repentino frio, dolorosamente forçava a passagem a partir de meu

pesado coração. Eu não temia por mim mesmo, mas entristecia-me pensar que não pudemos salvar sequer aquele remanescente. Que aqueles que eu amava pudessem, em poucos dias, estar frios como a argila como Idris em sua antiga tumba; nem a força do corpo ou a energia da mente puderam repelir o golpe. Um senso de degradação se me atingiu. Deus criou o homem meramente para, no final, tornar a terra morta em meio à saudável e forte natureza? Não valeria mais ele para seu Criador do que um milharal apodrecido em cada espiga? Deveriam desvanecer assim os nossos sonhos? Nosso nome era escrito como “pouco inferior aos anjos”[{99}], e, observe, não fomos melhores do que libélulas. Chamávamos a nós mesmos de “o modelo dos animais” e, oh! éramos a “quintessência do pó”[{100}]. Lamentávamos que as pirâmides viveram mais tempo do que o corpo embalsamado de seu construtor. Ah! A mera cabana de palha do pastor pela qual passamos, pela estrada, continha em sua estrutura o princípio de maior longevidade do que toda a raça do homem. Como contentar-se com esta triste mudança em relação às nossas aspirações passadas, aos nossos poderes aparentes!

Subitamente, uma voz interna, articulada e clara, parecia dizer: - Assim, desde a eternidade, foi decretado: os corcéis que carregam o Tempo adiante tiveram esta hora e a sua execução atreladas a eles, pois o vazio trouxe-lhes sua carga. Você leria ao reverso as leis imutáveis da Necessidade?

Mãe do mundo! Escrava do Onipotente! Eterna e imutável Necessidade! Aquela que com dedos ocupados senta-se, sempre tecendo a indissolúvel cadeia de eventos! – não reclamarei dos teus atos. Se minha mente humana não pode interpretar que tudo o que é, está certo; contudo, já que o que é, que seja, sentar-me-ei em

meio às ruínas e sorrirei. Com efeito, não nascemos para usufruir, mas para submeter-nos e esperar.

O leitor não se cansará se eu rapidamente descrever nossa longa jornada de Paris para Genebra? Se, dia após dia, eu devesse registrar, na forma de um diário, as abundantes misérias de nosso quinhão, poderia minha mão escrever ou a linguagem proporcionar-me palavras para expressar a variedade de nossas dores; a pressa e o tumulto de um deplorável evento sobre o outro? Paciência, oh leitor! Seja quem fordes, onde mores, qual tua raça ou religião ou nascido de algum par sobrevivente, tua natureza será humana, tua habitação, a terra; lerás aqui sobre os atos da raça extinta e perguntar-se-á surpreso, se eles, que sofreram o que tu exatamente relatas, eram da frágil carne e de suave composição como ti mesmo. Com efeito, eles eram – lamente, portanto; pois seguramente, ser solitário, tu serás do mesmo temperamento cortês; derrames compadecidas lágrimas; mas para o momento empreste tua atenção para meu relato e conheça as proezas e os sofrimentos dos teus predecessores.

Entretanto, os últimos eventos que marcaram nosso progresso pela França foram repletos de estranho terror e melancólica miséria que nem ouso pausar muito em minha narração. Se eu fosse detalhar cada incidente, cada pequeno fragmento de um segundo conteria uma história atormentada, cuja palavra primeira coagularia o sangue em tuas jovens veias. É certo que eu deveria erigir para tua instrução este monumento da raça passada; mas não que eu te arrastasse ao cuidado do hospital e nem pelas câmaras secretas de um cemitério. Essa história, portanto, deve ser rapidamente desvendada. Imagens de destruição, quadros de desespero, a procissão do último triunfo da morte devem ser estendidos diante de ti, rápido como as nuvens

levadas pelo vento norte pelo obliterado esplendor do céu.

Matagais, cidades desoladas, o louco aproximar dos cavalos selvagens haviam se tornado habituais aos meus olhos; não, visões muito piores, de mortos não enterrados e formas humanas que estavam jogadas à beira da estrada e nos degraus das habitações uma vez visitadas, onde,

Pela carne que se esvai,

Debaixo do sol abrasador, os ossos embranquecidos

Cedem e moldam-se ao escuro pó[{101}].

Visões como essas se tornaram – ah, lamente o momento! tão comuns, que já não mais nos arrepiávamos ou esporeávamos nossos feridos cavalos para apressarem-se enquanto passávamos por elas. A França, em seus melhores dias, pelo menos a França pela qual viajávamos, tinha sido um deserto cultivado e a ausência de cercas, de cabanas e mesmo de camponeses, era entristecedora para um viajante da ensolarada Itália ou da atribulada Inglaterra. Contudo, as cidades eram ocupadas e vívidas, e a polidez cordial e o pronto sorriso dos camponeses de sapato amadeirado restauravam o bom humor ao rabugento. Agora, a idosa já não mais se senta na porta com seu fuso – o magro mendigo já não mais esmolava com frases quase bajuladoras; nem nos feriados os camponeses teciam com lenta graça o emaranhado das danças. O silêncio, noivo melancólico da morte, saíra em procissão de cidade em cidade pela ampla região.

Chegamos a Fontainebleau e velozmente preparamos a recepção para os nossos amigos. Ao revistar nosso grupo durante a noite, demos pela falta de três. Quando perguntei por eles, o homem a quem eu falava proferiu a

palavra “peste” e caiu aos meus pés, em convulsões; ele também foi infectado. Havia rostos ásperos ao meu redor; pois, entre minha tropa, havia marinheiros que cruzaram os mares muitas vezes sozinhos, soldados que, na Rússia e na distante América, sofreram fome, frio e perigo, e homens ainda de traços rígidos, uma vez predadores da noite em nossa imensa metrópole; homens alimentados desde o berço a ver a máquina inteira da sociedade trabalhar pela sua destruição. Olhei em volta e vi naqueles rostos todo o horror e o desespero escrito em pulsantes caracteres.

Passamos quatro dias em Fontainebleau. Muitos adoeceram e morreram e, no meio tempo, nem Adrian nem quaisquer de nossos amigos apareceram. Minha própria tropa estava em comoção; chegar à Suíça, mergulhar nos rios de neve e viver em cavernas de gelo tornaram-se os loucos desejos de todos. Porém, prometemos esperar pelo Conde; e ele não vinha. Meu pessoal exigiu ser conduzido adiante – rebelião, se assim poderíamos chamar o que era um simples se livrar de algemas feitas de palha, parecia se manifestar entre eles. Eles marchariam adiante sem seu líder. A única chance de segurança, a única esperança de preservação de cada forma de indescritíveis sofrimentos era ficarmos juntos. Eu disse-lhes isso; enquanto os mais determinados entre eles respondiam com resmungos de que eles podiam cuidar de si mesmos e replicavam aos meus rogos com zombarias e ameaças.

Por fim, no quinto dia, um mensageiro enviado por Adrian trouxe-nos cartas que nos instruíam a seguir para Auxerre e lá esperar pela sua chegada, que poderia atrasar alguns dias. Tais eram os tons de suas cartas abertas. Já as particulares entregues a mim detalhavam as dificuldades de sua situação e deixavam os arranjos de meus futuros planos à minha própria conta. Seu relato do estado dos negócios em Versailles era breve,

mas as comunicações orais de seu mensageiro preenchiam suas omissões e mostravam-me que os perigos da mais aterradora natureza juntavam-se ao seu redor. Primeiramente, o reaparecimento da peste foi ocultado; mas com as mortes aumentando, o segredo foi divulgado e a destruição já efetuada foi exagerada pelos temores dos sobreviventes. Alguns emissários do inimigo da humanidade, os amaldiçoados Impostores, estavam entre eles instilando sua doutrina, de que a segurança e a vida poderiam ser garantidas apenas com a submissão ao seu líder; e eles tinham tanto sucesso que logo, ao invés de desejar seguir para a Suíça, a maior parte da multidão, mulheres de mentes fracas e homens covardes, queria retornar para Paris e, ao enfileirar-se sob a bandeira do assim chamado profeta e por meio de um covarde culto do príncipe do mal, adquirir repouso, como esperavam, da iminente morte. A discórdia e o tumulto induzidos por estes conflitantes medos e paixões detiveram Adrian. Requeria-se todo o seu ardor na busca de um objetivo e sua paciência sob as dificuldades, para acalmar e animar aquela quantidade de seus seguidores, assim como para contrabalançar o pânico do resto e conduzi-los de volta aos meios que unicamente poderiam proporcionar segurança. Ele esperara ansiosamente acompanhar-me; mas, sendo derrotando em tal intenção, enviou seu mensageiro a urgir-me que mantivesse a minha própria tropa a grande distância de Versailles, como para prevenir o contágio da rebelião de nos atingir; prometia, ao mesmo tempo, juntar-se a mim no instante em que uma ocasião favorável surgisse, por meio da qual ele poderia retirar a maior parte dos emigrantes da má influência exercida sobre eles, naquele momento.

Fui jogado no mais doloroso estado de incerteza por aquelas cartas. Meu primeiro impulso foi o de que todos deveríamos retornar a Versailles, para que lá

ajudássemos a livrar nosso comandante de seus perigos. Dessa forma, reuni minha tropa e propus-lhes retroceder, ao invés de continuar nossa jornada para Auxerre. Com uma voz, negaram-se a obedecer. A noção que circulava entre eles era a de que as pilhagens da praga por si só detiveram o Protetor; eles colocavam a ordem dele contra o meu pedido; decidiram seguir sem mim, caso eu recusasse-me a acompanhá-los. O argumento e a súplica foram inúteis com aqueles covardes. A contínua diminuição de nossos próprios membros, efetuada pela pestilência, acrescentava uma pontada ao seu desagrado pelo atraso; e a minha oposição servia apenas para que decidissem sobre a crise. Naquela mesma noite, partiram para Auxerre. Juramentos, como os de soldados para seu general, haviam sido tomados por eles: e foram quebrados por eles. Eu também havia me comprometido a nunca abandoná-los; parecia-me inumano basear qualquer quebra de palavra nas deles. O mesmo espírito que os fizera se rebelar contra mim impeli-los-ia a abandonar cada um de si; e os sofrimentos mais terríveis seriam as consequências de sua ordem desarranjada e sem liderança. Esses sentimentos foram, por um tempo, preponderantes; e, em obediência a eles, acompanhei o restante em direção à Auxerre. Chegamos na mesma noite à Villeneuve-la-Guiard, uma cidade distante quatro guarnições de Fontainebleau. Quando meus companheiros retiraram-se para dormir e fui deixado para revolver e ruminar sobre as informações que recebi sobre a situação de Adrian, outra visão do assunto se me apresentou. O que eu estava fazendo e qual era o objetivo dos meus movimentos atuais? Aparentemente, eu deveria liderar esta tropa de egoístas e desordeiros até a Suíça, deixando para trás minha família e meu estimado amigo que, sujeitos como estavam à iminente morte que ameaçava a todos, eu nunca mais poderia ver

novamente. Não era meu primeiro dever ajudar o Protetor, abrindo um exemplo de lealdade e ditame? Em uma crise, tal como essa que se instalara, é muito difícil equilibrar interesses diametralmente opostos e àquele ao que nossas inclinações tendem obstinadamente assume a aparência de egoísmo, mesmo quando mediamos um sacrifício. Somos facilmente levados em tais momentos a conciliar a questão; e este era meu recurso naquele momento. Resolvi seguir naquela mesma noite para Versailles; se encontrasse a situação menos desesperada do que eu julgava, retornaria sem demora para a minha tropa; eu tinha uma vaga ideia de que minha chegada àquela cidade causaria uma sensação mais ou menos forte, da qual poderíamos nos beneficiar, para o propósito de conduzir adiante a multidão vacilante – pelo menos, não havia tempo a perder – visitei os estábulos, selei meu cavalo favorito e montando em seu lombo, sem mesmo dar-me mais tempo para reflexão ou hesitação, deixei Villeneuve-la-Guiard para voltar para Versailles.

Eu estava feliz por abandonar minha tropa rebelde e de perder de vista, por algum tempo, a luta entre o mal e o bem, onde o primeiro sempre permanece triunfante. Eu fora aguilhoado até a loucura pela incerteza em relação ao destino de Adrian e tornava-me indiferente a qualquer evento, exceto àquele poria em risco ou preservaria meu inigualável amigo. Com um coração oprimido, que buscava alívio na rapidez de minha jornada, segui pela noite até Versailles. Esporeei meu cavalo, que dedicou seus membros à velocidade e arremeteu sua galante cabeça em orgulho. As constelações perpassavam rapidamente, rapidamente cada árvore, pedra e marco passavam na minha desabalada carreira. Expus minha cabeça ao ímpeto do vento, que banhou meu rosto em um frio delicioso. Enquanto eu perdia a vista de Villeneuve-la-Guiard,

esqueci o triste drama da miséria humana; pareceu-me que era felicidade suficiente viver, sensível ao momento da beleza e da terra revestida de verde, o céu semeado de estrelas e o indomável vento que concedia animação ao todo. Meu cavalo cansou-se – e eu, esquecido de sua fatiga, ainda enquanto ele coxeava, animei-o com minha voz e apressei-o com a espora. Era um animal galante e eu não queria trocá-lo por qualquer besta ocasional que eu pudesse avistar, deixando-o para nunca ser encontrado. Avançamos a noite toda; pela manhã, ele percebeu que nos aproximávamos de Versailles, para atingir o que, sendo seu lar, ele reuniu o restante de suas forças. A distância que tínhamos de percorrer não era menos do que cinquenta milhas, ainda ele desceu os longos Boulervards rápido como uma flecha; pobre companheiro, assim que desmontei às portas do castelo, ele ajoelhou-se, seus olhos enevoaram-se, tombou para o lado, seu nobre peito inflou ofegante e morreu. Vi-o expirar com angústia, imensurável até para mim mesmo, o espasmo como se lhe arrancasse algum membro em agonizante tortura, tão breve quanto intolerável. Esqueci dele enquanto eu rapidamente adentrava pelo portal aberto e subia as majestosas escadas deste castelo de vitórias – ouvi a voz de Adrian – Oh, tolo! Oh ser alimentado por mulher, delicado e desprezível – Ouvi sua voz e respondi-a com gritos convulsivos; corri para o Salão de Hércules, onde ele estava cercado por uma multidão, cujos olhos, voltados com espanto para mim, lembravam-me que naquele estágio do mundo, um homem deve reprimir tais arrebatamentos. Eu teria dado mundos para tê-lo abraçado; não ousei – meio exausto, meio voluntariamente, joguei-me por fim ao chão – ousaria eu revelar a verdade para os gentis descendentes da solidão? Eu o fiz, tanto que poderia beijar o caro e sagrado chão que ele pisava.

Encontrei tudo em um estado de tumulto. Um emissário do líder dos eleitos fora tão persuadido pelo seu chefe e pelo seu próprio fanático credo, que tentara matar o Protetor e o preservador da humanidade perdida. Sua mão foi contida no momento em que apunhalava o Conde; tal circunstância causara o clamor que eu ouvira ao chegar ao castelo e a confusa reunião de pessoas que vi na Sâlle d'Hercule. Embora a fúria supersticiosa e demoníaca arrastasse-se entre os emigrantes, ainda muitos seguiam com fidelidade o nobre comandante; e muitos, cuja fé e cujo amor não haviam sido atordoados pelo medo, sentiram que toda a sua latente afeição reacendera-se por esta detestável tentativa. Uma falange de crédulos peitos juntou-se ao seu redor; o miserável que, embora um prisioneiro e algemado, jactava-se de seu desígnio e insanamente reclamava a coroa do martírio, teria sido destroçado se sua pretensa vítima não tivesse intervindo. Adrian, pulando adiante, protegeu-o com sua própria pessoa e ordenou com energia que seus furiosos amigos obedecessem-lhe – neste momento, eu entrara.

A disciplina e a paz, por fim, foram restauradas no castelo; e então Adrian foi de casa em casa, de tropa em tropa, para aliviar as perturbadas mentes de seus seguidores e relembrá-los de sua antiga obediência. Mas o medo da morte imediata era ainda reinante entre aqueles sobreviventes de uma destruição do mundo; o horror ocasionado pela tentativa de assassinato passara; cada olho voltou-se para Paris. O homem gosta tanto de um amparo que se apoiará em uma lança envenenada e pontiaguda; e assim era ele, o impostor que, com medo do inferno por seu flagelado e mais do que voraz lobo, interpretava o guia para seu crédulo rebanho.

Era um momento de suspense, que vacilou mesmo a resolução do inflexível amigo do homem. Adrian, por um momento, esteve para desistir, interromper a contenda e

abandonar, com poucos seguidores, a iludida turba, deixando-a como uma miserável presa de suas paixões e para o pior tirano que os excitava. Mas novamente, após uma breve flutuação de propósito, ele retomou sua coragem e sua firmeza, sustentado pela unicidade de seu propósito e pelo inesgotável espírito de benevolência que o animava. Neste momento, como um presságio de excelente significado, seu miserável inimigo empurrou a destruição sobre ele, destruindo com as suas mãos o domínio que ele forjara.

Seu grande controle sobre a mente dos homens devia-se à doutrina que ele inculcava, de que aqueles que acreditavam e seguiam-no, eram os remanescentes a serem salvos, enquanto todo o resto da humanidade estava condenado à morte. Agora, no tempo da Inundação, o onipotente arrependeu-se por ter criado o homem{102} e então, com água, agora com as setas da peste, estava prestes a aniquilar todos, exceto aquele que obedecia seus decretos, promulgados pelo profeta *ipse dixit*. É impossível dizer sobre quais fundações esse homem construiu suas esperanças de ser capaz de manter tal impostura. Era provável que ele estivesse completamente ciente da mentira, cuja natureza assassina poderia ser transferida para suas afirmações e considerada como ser um lance de dados, se ele, no futuro, fosse reverenciado como um delegado inspirado pelo céu ou reconhecido como um impostor pela moribunda geração atual. Em algum ponto ele decidira manter o drama até o último ato. Quando, na primeira aproximação do verão, a fatal doença novamente fez suas pilhagens entre os seguidores de Adrian, o impostor exultante proclamou a imunidade de sua própria congregação da calamidade universal. Ele ganhou crédito; seus seguidores, até então calados em Paris, agora vinham para Versailles. Misturando-se com o covarde grupo lá reunido, eles insultaram seu

admirável líder e afirmaram sua própria superioridade e imunidade. Por fim, a peste, lentamente, mas certa em seu silencioso avanço, destruiu a ilusão, invadindo a congregação dos eleitos e espalhando a promíscua morte entre eles. Seu comandante tentou ocultar tal evento; ele tinha alguns seguidores que, admitidos à arcana de sua perversidade, poderiam ajudá-lo na execução de seus nefastos desígnios. Aqueles que adoeciam eram rápida e silenciosamente retirados, a corda e um túmulo noturno livrados deles para sempre; enquanto alguma justificativa plausível era dada para sua ausência. Finalmente, uma mulher, cuja vigilância maternal subjugou até mesmo os efeitos dos narcóticos dados a ela, tornou-se testemunha de seus planos homicidas sobre seu único filho. Louca de terror, ela desabafara com seus iludidos companheiros de sina e, gritando ensandecida, despertou o entorpecido ouvido da noite com a história do demoníaco crime; quando o Impostor, em seu último ato de fúria e desespero, enterrou um punhal em seu peito. Assim, ferida até a morte, suas roupas respingando seu próprio sangue, carregando sua filha estrangulada em seus braços, bela e jovem como era, Juliet (pois era ela) denunciou o anfitrião dos enganados crentes, a perversão do seu líder. Ele viu os terríveis olhares de seus ouvintes, transformando-se de horror em fúria – os nomes daqueles já sacrificados eram ecoados pelos seus pais, agora certos de sua perda. O miserável, com aquela energia de propósito que o havia conduzido tão longe em sua culpada carreira, viu seu perigo e resolveu fugir da pior maneira – apressou-se em tirar, de um dos mais próximos a ele, uma pistola do seu cinto e seu alto riso de menosprezo misturou-se com o estampido da arma com que ele aniquilou-se.

Eles deixaram seus miseráveis restos exatamente onde jaziam; colocaram o cadáver da pobre Juliet e de sua

filha em um ataúde e todos, com os corações rendidos ao arrependimento mais triste, em longa procissão marcharam para Versailles. Encontraram as tropas daqueles que haviam abandonado a bondosa proteção de Adrian e estavam viajando para se reunir aos fanáticos. A história de horror foi recontada – todos regressaram; e assim, por fim, acompanhados pelos não reduzidos números da humanidade sobrevivente e precedidos pelo lamentoso emblema de sua recuperada razão, apareceram diante de Adrian e novamente e para sempre devotaram obediência às suas ordens e fidelidade à sua causa.

CAPÍTULO VII

AQUELES eventos tomaram tanto tempo que Junho já contava mais da metade de seus dias antes que novamente começamos nossa há muito procrastinada jornada. O dia após meu retorno a Versailles, seis homens, daqueles que eu deixara em Villeneuve-la-Guiard, chegaram com informações de que o resto da tropa já havia seguido para a Suíça. Seguimos adiante pelo mesmo caminho.

Era estranho, depois de algum tempo, olhar para trás em um período que, embora curto em si próprio, parecia, quando no atual progresso, estender-se interminavelmente. Ao fim de julho, entramos em Dijon; ao fim de julho, aquelas horas, dias e semanas misturaram-se com o oceano do tempo esquecido, que em sua passagem fervilhava de eventos fatais e agonizante tristeza. Ao fim de julho, pouco mais do que um mês passara-se, se a vida do homem fosse ser contada pelo nascer e poer do sol: mas, ah!, naquele intervalo, a ardente juventude tornou-se grisalha; rugas profundas e eternas entrincheiravam-se no rosto exuberante da jovem mãe; os membros elásticos da tenra virilidade, paralisados como se pela carga dos anos, assumiam a decrepitude da velhice. As noites passavam-se, em cuja escuridão fatal o sol envelhecia-se antes de nascer; e dias ardentes, para resfriar a véspera balsâmica, cujo calor funesto, prolongando-se nos climas orientais, chegavam atrasados e sem efeito; dias, nos quais o disco, radiante em sua posição meridiana, sequer movia sua sombra pelo espaço de uma hora, até

que uma vida inteira de tristezas conduzia o sofredor a um túmulo prematuro.

Partimos de Versailles com mil e quinhentas almas. Começamos a jornada no dia dezoito de junho. Fizemos uma longa procissão, na qual continha cada querido relacionamento ou laço de amor, que existia na sociedade humana. Pais e maridos, com cuidado de guardião, reuniam seus parentes ao seu redor; mães e esposas buscavam apoiar a forma vigorosa ao seu lado e então, com terna ansiedade, deitavam seus olhos à tropa de infantes ao redor. Estávamos tristes, mas não desesperançados. Cada um pensava que alguém seria salvo; cada um, com o otimismo pertinente, que por fim caracterizou a natureza humana, confiava que sua amada família seria a única preservada.

Passamos pela França e encontramo-la vazia de habitantes. Alguns poucos nativos sobreviveram nas cidades maiores, pelas quais vagueavam como fantasmas; recebíamos, portanto, pouco aumento aos nossos quadros e maior declínio pela morte, que por fim, tornou-se mais fácil de contar a escassa lista de sobreviventes. Como nunca abandonávamos nenhum dos doentes, até que a morte permitisse-nos entregar seus restos ao abrigo de um túmulo, nossa jornada era longa, enquanto a cada dia um temível vão abria-se em nossa tropa – morriam às dezenas, aos cinquentas, centenas. Nenhuma piedade era mostrada pela morte; paramos de esperá-la; e a cada dia recepcionávamos o sol com o sentimento de que poderíamos nunca mais vê-lo de novo.

Os nervosos terrores e as amedrontadoras visões que nos assustavam durante a primavera continuavam a visitar nossa covarde tropa durante esta triste jornada. Cada noite carregava sua fresca criação de espectros; um fantasma era pintado por cada árvore morta; e formas aterrorizantes eram fabricadas por cada arbusto denso. Aos poucos, tais prodígios debilitavam-se e então,

outras maravilhas vinham à existência. Uma vez foi comprovadamente afirmado que o sol nascia uma hora mais tarde do que deveria naquela estação; novamente descobria-se que ele tornava-se mais e mais pálido; que as sombras tomavam uma aparência incomum. Era impossível ter imaginado, durante a usual e calma rotina da vida que os homens antes viveram, os terríveis efeitos produzidos por estas extravagantes ilusões: com efeito, de tão pequeno valor são nossos sentidos, quando são abandonados pelo testemunho simultâneo, que era com a mais extrema dificuldade que eu mantinha-me livre da crença em eventos sobrenaturais, aos quais a maior parte do nosso pessoal prontamente dava crédito. Estando são em uma multidão de loucos, eu dificilmente ousava afirmar à minha própria mente que a vasta luminária não sofrera nenhuma mudança – que as sombras da noite não se engrossavam com os inumeráveis formatos de pavor e terror; ou que o vento, enquanto cantava pelas árvores ou assobiava por entre um edifício vazio, não trazia consigo sons de lamento e desespero. Às vezes, realidades assumem fantasmagóricas formas; e era impossível para o sangue de alguém não se coagular com a percepção de uma mistura evidente do que sabemos ser verdadeiro, com a imaginária semelhança de tudo o que temíamos.

Uma vez, no crepúsculo da tarde, vimos uma figura toda de branco, aparentemente maior do que a estatura humana, agitando-se na estrada, agora balançando seus braços, agora pulando a uma altura surpreendente pelo ar, então rodopiando muitas vezes sucessivas, então se erguendo em todo o seu porte e gesticulando violentamente. Nossa tropa, no alerta para descobrir e acreditar no sobrenatural, parou a alguma distância daquela forma; e, enquanto escurecia, havia algo intimidante mesmo para os incrédulos naquele solitário espectro, cujas cambalhotas, se dificilmente estavam

consoantes com a dignidade espiritual, estavam além dos poderes humanos. Agora pulava pelo ar, agora desviava de uma alta sebe e estava novamente, logo em seguida, na estrada à nossa frente. No momento em que apareci, o medo vivido pelos espectadores desta fantasmagórica exibição começava a se manifestar pela fuga de uns e no denso amontoar do resto. Nosso gnomo se nos apercebeu; ele aproximou-se e, enquanto retrocedíamos com reverência, fez um pequeno aceno. A visão era irresistivelmente ridícula mesmo para nosso grupo infeliz e sua polidez foi saudada com gargalhadas; – então, mais uma vez pulando, como um último esforço, afundou-se no chão, tornando-se quase invisível pela escura noite. Essa circunstância novamente espalhou o silêncio e o medo pela tropa; os mais corajosos por fim avançaram e, erguendo o moribundo miserável, descobriram a trágica explicação para tal cena louca. Era um dançarino de ópera e havia sido um da tropa que desertara de Villeneuve-la-Guiard: adoecido, fora abandonado pelos seus companheiros; e em um acesso de delírio ele imaginara-se em um palco e, pobre homem, seus moribundos sentidos ansiosamente aceitaram o último aplauso humano com que sua graça e agilidade poderiam ser galardoados.

Em outra ocasião, fomos assombrados por muitos dias por uma aparição, ao qual nosso pessoal atribuiu a alcunha de Espectro Negro. Nunca o víamos, exceto à noite, quando seu corcel negro como o carvão, seu traje de luto e sua pluma de penas negras tinham uma aparência majestosa e invocadora de pânico; sua face, alguém disse, fora vista por um momento, era pálida como a cinza; ele ficara muito atrás de sua tropa e subitamente, em uma curva da estrada, vira o Espectro Negro vindo em sua direção; ele escondeu-se de medo e o cavalo e seu ginete passaram lentamente, enquanto os raios da lua bateram sobre o último, mostrando seu tom

fora deste mundo. Às vezes, ao morrer da noite, enquanto vigiávamos os doentes, ouvíamos alguém galopando pela cidade; era o Espectro Negro vindo em sinal da morte inevitável. Ele tomava proporções gigantescas aos olhos vulgares; uma atmosfera gelada, diziam, cercava-o; quando ele era ouvido, todos os animais tremiam e o moribundo sabia que sua última hora chegara. Era a própria Morte, afirmavam, tornando-se visível para fazer a terra sua súdita e dominar definitivamente nossos decrescentes números, únicos rebeldes à sua lei. Um dia, sol a pino, vimos uma massa negra diante de nós na estrada e, aproximando-nos, vimos o Espectro Negro caído de seu cavalo, estirado nas agonias da doença sobre o chão. Ele não sobreviveu muitas horas; e suas últimas palavras revelaram o segredo de sua misteriosa conduta. Ele era um distinto nobre francês que, com os efeitos da peste, fora deixado sozinho em seu distrito; por muitos meses, ele vagueara de cidade em cidade, de província em província, procurando algum sobrevivente para companhia e repudiando a solidão à qual fora condenado. Quando ele descobriu nossa tropa, o medo de contágio conquistou seu desejo por companhia. Ele não ousou se juntar a nós, ainda que resolvera não nos perder de vista, únicos seres humanos que, além dele próprio, existiam na ampla e fértil França; então ele acompanhou-nos em um disfarce espectral que eu descrevi, até que a peste convocou-o para uma congregação maior, aquela da Humanidade Morta.

Tudo estaria bem se não fossem os vãos terrores que distraíam nossos pensamentos de males bem mais tangíveis. Mas estes eram muito mais terríveis e demais para não forçarem a entrar em cada pensamento, em cada momento, de nossas vidas. Éramos obrigados a parar em diferentes períodos por muitos dias, até que outro e ainda outro fossem despachados como terra para

a vasta terra que fora, uma vez, nossa mãe viva. Assim continuamos a viajar pela estação mais quente; e não foi até o dia primeiro de agosto que nós, emigrantes, – leitor, havia apenas oitenta de nós – entramos pelas portas de Dijon.

Havíamos esperado por esse momento com ansiedade, pois com isso completamos a pior parte de nossa terrível jornada, e a Suíça estava ao alcance da mão. Ainda, como poderíamos nos felicitar sobre qualquer evento tão imperfeitamente realizado? Eram estes miseráveis seres que, cansados e arruinados, passavam em triste procissão, os únicos remanescentes da raça humana que, como uma inundação, uma vez haviam se espalhado e dominaram toda a terra? Havia descido límpida e desimpedida de sua fonte no monte primário em Ararat e passara de um estreito riacho para um vasto rio perene, fluindo ininterruptamente geração após geração. Cresceu a mesma, porém diversificada e impetuosamente seguia em direção do absorvente oceano, cujas obscuras praias agora atingíamos. Fora um mero brinquedo da natureza, quando primeiro arrastou-se do estéril vazio para a luz; mas o pensamento trouxe poder e conhecimento; e, vestidos com eles, a raça humana assumiu dignidade e autoridade. Já não era mais a simples jardineira da terra ou o pastor de seus rebanhos; “trazia consigo um aspecto imponente e majestoso; tinha uma estirpe e ancestrais ilustres; tinha sua galeria de retratos, suas monumentais inscrições, seus feitos e seus títulos”{103}.

Tudo agora se acabara, já que o oceano da morte sorvera-a com o quebrar de sua onda e sua fonte secara-se. Primeiro, despedimos-nos do estado das coisas que, tendo existido por muitos milhares de anos, pareciam eternas; como o estado de governo, obediência, tráfego e o relacionamento doméstico, que tinham moldado nossos corações e nossas habilidades por tanto tempo

quanto a memória podia alcançar. Então do zelo patriótico, das artes, da reputação, da fama resistente ao tempo, dos nomes de países, havíamos nos despedido. Víamos partir toda a esperança de recuperar nossa antiga condição – toda a expectativa, exceto aquela fraca de salvar nossas vidas da ruína do passado. Para preservá-las, abandonamos a Inglaterra – Inglaterra, nunca mais; pois sem seus filhos, qual nome aquela estéril ilha poderia clamar? Com tenaz força, agarramos-nos a tal regra e ordem que nos poderia salvar; confiando que se uma pequena colônia pudesse ser preservada, seria suficiente em algum período remoto para restaurar a perdida comunidade da humanidade.

Mas o jogo acabara! Devíamos todos morrer; sem deixar sobrevivente nem herdeiros à ampla herança da terra. Devíamos todos morrer! A espécie humana deve perecer; seu corpo de extraordinária feitura; o maravilhoso mecanismo de seus sentidos; a nobre proporção de seus membros quase divinos; sua mente, o rei entronado daqueles; devem perecer. Manterá a terra ainda seu lugar entre os planetas; viajará com desapercebida regularidade ao redor do sol; mudarão as estações, as árvores adornar-se-ão com folhas e as flores derramarão sua fragrância em solidão? Permanecerão as montanhas imóveis e os riachos, seu curso descendente em direção do vasto abismo; subirão e cairão as ondas, e os ventos abanarão a natureza universal; as bestas pastarão, as aves voarão e os peixes nadarão quando o homem, o senhor, possuidor, observador e historiador de todas estas coisas, tiver falecido, embora ele nunca tivera? Oh, que zombaria é essa! Certamente a morte não é a morte e a humanidade não será extinta; mas apenas passará para outras formas, inatingíveis às nossas percepções. A morte é um vasto portal, uma estrada para a vida: deixe-nos passar rapidamente; deixe

que existamos não mais nesta viva morte, mas que morramos para podermos viver!

Tínhamos esperado com uma honestidade inexpressiva chegar a Dijon, desde que o nomeamos como um tipo de estação em nosso progresso. Mas agora adentrávamos com um torpor mais dolorido do que o sofrimento agudo. Havíamos chegado, lento porém irrevogavelmente, à opinião de que nossos mais extremos esforços não preservariam vivo um ser humano sequer. Tiramos, portanto, nossas mãos do timão há muito agarrado; e o frágil navio no qual flutuávamos parecia, com o controle sobre ele agora suspenso, acelerar, proa à frente, pelo escuro abismo dos vagalhões. Uma torrente de pesar, uma atrevida profusão de lágrimas e de lamentos em vão, de excessiva ternura e de apaixonada, porém infrutífera, ligação com os inestimáveis poucos que restaram, era seguida pelo langor e pela negligência.

Durante esta desastrosa jornada perdemos todos aqueles com quem, não de nossa própria família, tínhamos particularmente nos ligado, entre os sobreviventes. Não seria bom preencher estas páginas com um mero catálogo de perdas; porém, eu não podia evitar uma última menção daqueles que eram mais queridos para nós. A pequena garota que Adrian resgatara do extremo abandono, durante nossa cavalgada por Londres no dia vinte de novembro, morreu em Auxerre. A pobre criança tinha se afeiçoado muito a nós; e a brusquidão de sua morte aumentou nossa tristeza. Pela manhã, vimo-la aparentemente saudável – à noite, Lucy, antes de nos retirarmos para dormir, visitou nossos alojamentos para nos comunicar que ela morrera. A pobre Lucy apenas sobrevivera até chegarmos a Dijon. Ela devotara-se inteiramente a cuidar dos doentes e a tomar conta dos desamparados. Seus esforços excessivos acarretaram-lhe uma lenta febre, que culminou na terrível doença cuja aparição

logo a livrou de seus sofrimentos. Ela se nos tornara querida por meio de suas qualidades, pela sua pronta e alegre execução de qualquer tarefa e pela meiga submissão à toda reviravolta adversa. Quando entregamo-la ao seu túmulo, parecíamos ao mesmo tempo despedir-nos de todas as virtudes peculiares às mulheres, notáveis nela; inculta e modesta como era, ela distinguia-se pela paciência, indulgência e doçura. Estas, com todas as suas consequentes qualidades peculiares aos ingleses, nunca mais reviveriam em nós. Este tipo de tudo o que era mais passível de admiração em sua classe, entre minhas compatriotas, foi colocado sob a grama da abandonada França; e nunca mais vê-la era como uma segunda separação de nosso país.

A Condessa de Windsor morrera durante nossa residência em Dijon. Em uma manhã, fui informado de que ela desejava me ver. Sua mensagem fez-me relembrar que muitos dias haviam transcorrido desde que a vira pela última vez. Tal fato frequentemente ocorria em nossa viagem, quando eu permanecia atrás para observar o concluir dos últimos momentos de alguns dos nossos infelizes camaradas e o resto da tropa passava diante de mim. Mas havia algo na maneira de sua mensageira que me fazia suspeitar de que nada estava certo. Um capricho da imaginação fazia-me supor que algum mal acontecera com Clara ou Evelyn, ao invés de com a envelhecida dama. Nossos medos, sempre tensionados, exigiam nutrição do terror; e parecia demasiada natural a ocorrência, muito idêntica ao passado, de que o velho morresse antes do jovem. Encontrei a venerável mãe de minha Idris deitada, sua alta e magra figura estendida em um sofá; seu rosto abatido, do qual o nariz era proeminente em um veemente perfil e seus grandes olhos negros, ocos e profundos, cintilavam com tal brilho que poderiam circundar uma nuvem carregada de raios ao pôr do sol.

Ela estava toda enrugada e ressecada, exceto aquele brilho; sua voz estava terrivelmente alterada, enquanto ela falava comigo em intervalos. “Temo”, ela disse, “que seja egoísta de minha parte pedir que visite esta velha novamente, antes que ela morra; embora talvez fosse um choque maior ouvir que eu subitamente falecera do que me ver antes assim.”

Agarrei sua mão enrugada: “Você está mesmo assim tão mal?”, perguntei.

“Você não percebe a morte em meu rosto”, ela replicou, “o que é estranho; eu deveria esperar por isso e ainda confesso que se me pegou desprevenida. Eu nunca me agarrei à vida ou apreciei-a, como nestes últimos meses, enquanto estive entre aqueles que insensivelmente abandonei; e é-me difícil ser apanhada imediatamente. Estou feliz, porém, por não ser uma vítima da peste; provavelmente eu teria morrido neste momento, embora o mundo continuasse como era em minha juventude.”

Ela falava com dificuldade e eu percebi que ela deplorava a necessidade da morte, ainda mais do que ela importava em confessar. Contudo, ela não reclamava de uma redução injusta da existência; sua pessoa esvaída mostrava que a vida fora vivida naturalmente até seu final. Estávamos sozinhos no começo; depois, Clara entrou; a Condessa voltou-se para ela com um sorriso e pegou a mão desta criança encantadora; sua rósea palma e dedos brancos como a neve, em contraste com as fibras relaxadas e o tom amarelado daquela de sua envelhecida amiga; ela inclinou-se para beijá-la, tocando sua boca murcha nos ardentes e plenos lábios da jovem. “Verney”, disse a Condessa, “não preciso recomendar esta garota a você, pois por si mesmo preservá-la-á. Fosse o mundo como era e eu teria milhares de sábias precauções para dar a alguém que, tão sensível, boa e bela, pudesse escapar dos perigos que tocaiam para a

destruição do justo e do excelente. Tudo isso é nada, agora.

"Eu confio-lhe, minha boa enfermeira, ao cuidado de seu tio; a você mesma, confio a mais cara relíquia do meu melhor. Seja para Adrian, doçura, o que você foi para mim – alente o desespero dele com suas vivas tiradas; alivie sua angústia com sua conversa sóbria e inspirada, quando ele estiver morrendo; cuide dele como cuidou de mim."

Clara irrompeu em prantos; "Boa garota", disse a Condessa, "não chore por mim. Muitos caros amigos lhe são deixados."

"Ainda assim", exclamou Clara, "você fala de sua morte, também. Isso é realmente cruel – como poderei viver, se todos se forem? Se fosse possível que meu amado protetor morresse antes de mim, eu não cuidaria dele; eu morreria também."

A venerável senhora sobreviveu mais vinte e quatro horas depois dessa cena. Ela era o último laço unindo-nos ao antigo estado das coisas. Era impossível olhar para ela e não se lembrar, em sua habitual aparência, os eventos e as pessoas, tão alienadas de nossa situação atual quanto as disputas de Temístocles e Aristides ou a guerra das rosas em nossa terra nativa. A coroa da Inglaterra pressionara seu rosto; a memória de meu pai e de seus infortúnios, as vãs batalhas do último rei, as imagens de Raymond, Evadne e Perdita, que viveram no melhor período do mundo, foram trazidas vívidas diante de nós. Entregamo-la à tumba do esquecimento com relutância; e, quando eu virei-me de seu túmulo, Jano cobriu sua retrospectiva face; aquela que mirava às futuras gerações havia, há muito, perdido sua faculdade.

Depois de permanecermos uma semana em Dijon, até que trinta de nossos membros abandonassem as escassas fileiras da vida, continuamos nosso caminho para Genebra. Ao meio-dia do segundo dia, chegamos

aos pés do Jura. Ali detivemos-nos durante o calor do dia. Ali, cinquenta seres humanos – cinquenta, os únicos seres humanos que sobreviveram da terra abundante de alimentos, reuniram-se para ler nos semblantes de cada um a espectral peste ou a tristeza e o desespero devastadores ou pior, a indiferença pelo mal, futuro ou presente. Ali reunimos-nos, ao pé desta poderosa parede de montanhas, sob uma frondosa nogueira; um barulhento riacho refrescava a relva com seu borrifo; e o ocupado grilo cricrilava entre o tomilho. Nós ajuntamos um grupo de desgraçados sofredores. Uma mãe acalentava em seus frágeis braços a criança, última de muitos, cujo olho opaco estava prestes a ser fechado para sempre. Aqui, a beleza, até então crescendo no fulgor e na consciência juvenis, agora pálida e rejeitada, ajoelhara-se abanando com incerto movimento o amado, que estava lutando para pintar seus traços, distorcidos pela doença, com um grato sorriso. Acolá um veterano, de feição dura e gasta pelo tempo, tendo preparado sua refeição, sentou-se, sua cabeça caída em seu peito, a faca inútil soltando-se de seu controle, seus membros totalmente relaxados, enquanto o pensamento sobre a esposa e o filho, e o parente mais querido, todos mortos, passava pela sua memória. Ali se sentara um homem que, por quarenta anos, aquecera-se no tranquilo brilho do sol da fortuna; ele segurava a mão de sua última esperança, sua amada filha, que acabara de atingir a maturidade; e ele fitava-a com ansiosos olhos, enquanto ela tentava recompor seu débil espírito para reanimá-lo. Aqui um criado, leal até o fim, embora moribundo, servia alguém que, apesar de ereto e saudável, mirava com ofegante medo a variedade de aflições ao seu redor.

Adrian apoiava-se em uma árvore; ele tinha um livro nas mãos, mas seus olhos vagueavam das páginas e buscavam os meus; misturaram-se em um relance de simpatia; seu olhar confessou que seus pensamentos já

não estavam mais na inanimada impressão, pois páginas mais carregadas de significado, mais atraentes, estendiam-se diante dele. Às margens do riacho, separados de todos, em um tranquilo refúgio, onde o riacho murmurante beijava a verde relva suavemente, Clara e Evelyn brincavam, algumas vezes batendo na água com grandes galhos, às vezes observando os mosquitos que voavam sobre ela. Evelyn agora perseguia uma borboleta – agora colhia uma flor para sua prima; e seu rosto sorridente de querubim e despreocupada aparência refletiam o leve coração que batia em seu peito.

Clara, embora tentasse entregar-se a essa diversão, às vezes esquecia-se dele, enquanto voltava-se para observar Adrian e eu. Ela tinha agora catorze anos e retinha seu semblante infantil, embora tivesse a altura de uma mulher; ela interpretava o papel da mais terna mãe do meu pequeno órfão; vê-la brincando com ele ou servindo quieta e submissa seus desejos, era de se pensar apenas em sua admirável docilidade e paciência; mas, em seus suaves olhos e nas raiadas cortinas que os cobriam, na limpidez de seu rosto marmóreo e na terna expressão de seus lábios, havia uma inteligência e uma beleza que definitivamente inspiravam admiração e amor.

Quando o sol pôs-se na direção do alcantilado oeste e as sombras do entardecer tornavam-se maiores, preparamo-nos para subir a montanha. A atenção a que éramos obrigados a prestar aos doentes tornava nosso avanço lento. A estrada sinuosa, embora íngreme, apresentava uma vista limitada dos campos rochosos e das serras, cada uma escondendo a outra, até que nosso progresso revelou-as em sucessão. Raramente éramos encobertos do sol poente, cujos raios inclinados eram impelidos pelo calor exaustivo. Havia momentos em que as menores dificuldades tornavam-se gigantescas –

momentos como quando o poeta hebreu definia-os expressivamente, “o grilo é um peso”[{104}]; assim era com nosso grupo naquela tarde. Adrian, geralmente o primeiro a recompor os espíritos e também a arremeter contra a fatiga e a privação, com membros relaxados e cabeça caída, as rédeas afrouxadas em seu controle, deixava a escolha da rota ao instinto de seu cavalo, de vez em quando dolorosamente erguendo-se quando a dificuldade da subida requeria que ele mantivesse sua posição com mais cuidado. O medo e o horror se me abateram. Será que seu aspecto atestava que ele tinha se contagiado? Por quanto tempo, quando eu olho para este incomparável espécime da mortalidade, poderei perceber que seu pensamento responde ao meu? Por quanto tempo estes membros obedecerão ao seu bondoso espírito? Por quanto tempo a luz e a vida residirão nos olhos do único amigo que me restou? Assim, lentamente caminhando, cada serra sobrepujada apenas apresentava outra a ser trilhada; cada canto saliente apenas revelava outro, igual à última, interminavelmente. Às vezes, a pressão dos doentes em alguém entre nós fazia toda a cavalgada parar; o grito por água, o desejo expresso com ansiedade por repouso; o grito de dor e o soluço contido do pranteador – tais eram os tristes criados de nossa passagem pelo Jura.

Adrian fora primeiro. Eu vi-o, enquanto me detive afrouxando o cinturão, lutando contra o caminho ascendente, aparentando mais dificuldade do que qualquer outro pelo qual já tínhamos passado. Ele chegou ao topo e o escuro contorno de sua figura permanecia em alívio contra o céu. Ele parecia observar algo inesperado e maravilhoso; pois, pausando, sua cabeça erguida, seus braços por um momento estendidos, ele parecia dar um Bem-vindos! à alguma nova visão. Levado pela curiosidade, apressei-me a juntar-me a ele. Depois de lutar por muitos tediosos

minutos contra o precipício, a mesma cena apresentou-se para mim, que havia envolto-lhe em uma contemplação extática.

A natureza, ou a favorita da natureza, apresentava suas mais insuperáveis belezas em resplandecente e súbita exibição. Abaixo, bem, bem mais abaixo, como se fosse no escancarado abismo do enfadonho globo, estava a plácida e azul extensão do lago Leman; serras cobertas de parreiras bordejavam-no e, atrás, escuras montanhas, em formato cônico ou um irregular muro ciclópico, serviam como posterior defesa. Mas além e mais alto do que tudo, como se os espíritos do ar tivessem repentinamente revelado suas brilhantes moradas, colocadas em altitude sem escala sobre o imaculado céu, beijando o paraíso, companheiros do inalcançável éter, eram os gloriosos Alpes, vestidos em deslumbrantes mantos de luz pelo sol poente. E, como se os andarilhos do mundo nunca se cansassem, sua vasta imensidão, seus recortados rochedos e seu róseo revestimento apareciam novamente no lago abaixo, mergulhando suas orgulhosas altitudes entre as tranquilas ondas – palácios das Náiades{105} das plácidas águas. Cidades e vilas estavam espalhadas aos pés do Jura que, com um escuro desfiladeiro e negros promontórios, estendia suas raízes por baixo da extensão de água. Emocionado pela maravilha, esqueci-me da morte do homem e do vivo e amado amigo próximo a mim. Quando virei-me, vi lágrimas caindo de seus olhos; suas finas mãos oprimidas uma contra a outra, suas animadas feições irradiando admiração; “Por que”, ele exclamou, por fim, “Por que, oh coração, sussurras tu de tristeza para mim? Beba da beleza deste cenário e possua o prazer mais além do que um paraíso de fábulas poderia proporcionar.”

Aos poucos, todo o nosso grupo venceu a subida e juntou-se a nós, e nenhum deles conteve sinais visíveis

de admiração, ultrapassando qualquer outra já vivida. Alguém bradou, “Deus revela seu paraíso para nós; podemos morrer abençoados”. Outro e mais outro, com exclamações interrompidas e frases extravagantes, tentavam expressar os efeitos tóxicos dessa maravilha da natureza. Assim permanecemos por um momento, aliviados do opressor fardo do destino, esquecidos da morte, em cuja noite estávamos prestes a mergulhar; não mais refletindo o que nossos olhos, agora e para sempre, eram e seriam os únicos que poderiam perceber a divina magnificência desta exibição terrestre. Uma emoção entusiástica, igual à felicidade, irrompeu, como um súbito raio de sol, em nossa vida obscurecida. Precioso atributo da humanidade extenuada de aflição! Que pode roubar a emoção extática, mesmo de sobre a própria relha e ancinho, que rudemente ara e devasta toda esperança.

A noite foi marcada também por outro evento. Passando por Ferney em nosso caminho para Genebra, sons nada habituais de música erguiam-se da igreja rural que permanecia cingida pelas árvores, cercada de cabanas desabitadas. O ressoar do órgão, com rico crescendo, despertava o mudo ar, detendo-se ao largo dele e misturando-se com a intensa beleza que vestia as rochas e a floresta, e as ondas ao redor. Música – a linguagem dos imortais, revelada para nós como um testemunho de sua existência – música, “a chave prateada da fonte de lágrimas”{106}, filha do amor, alívio da tristeza, inspiradora de heroísmo e radiantes pensamentos, Oh música, nesta nossa desolação, esquecemos-nos de ti! Nenhuma flauta alegrava-nos de noite, nem a harmonia de vozes, nem a unida vibração das cordas; tu vinhas sobre nós agora, como a revelação de outras formas de existência; e emocionava-nos como estivemos pelo encanto da natureza, imaginando que observávamos a morada dos espíritos, agora que

podíamos bem imaginar que ouvíamos suas melódicas mensagens. Paramos em tal pavor como poderíamos agarrar uma pálida devota, ao visitar algum templo sagrado à meia-noite; se ela observasse animada e sorridente a imagem que cultuava. Ficamos todos mudos; muitos ajoelharam-se. Em poucos minutos, porém, regressamos à simpatia e maravilha humanas por uma sonância familiar. A canção era “New Created World”{107}, de Haydn e, velha e lânguida como a humanidade tornara-se, o mundo ainda fresco como no dia em que fora criado, poderia ainda ser valiosamente celebrado por tal hino de louvor. Adrian e eu entramos na igreja; a nave estava vazia, embora a fumaça do incenso erguesse-se do altar, trazendo consigo a lembrança de vastas congregações, nas outrora lotadas catedrais; fomos para a galeria. Um homem, cego e velho, estava ao fole; sua alma inteira era seu ouvido; e ele sentava-se como se estivesse ouvindo atentamente, uma brasa incandescente de prazer difundia-se sobre sua compleição; pois, embora seu olho sem brilho não pudesse refletir os raios, ainda seus lábios separados e todas as linhas de sua face e de sua respeitável fronte comunicavam prazer. Uma jovem mulher, talvez com vinte anos de idade, sentava-se ao teclado. Seu cabelo dourado caía sobre seu pescoço e sua bela fronte resplandecia em sua própria beleza; mas seus olhos abatidos deixavam cair lépidas lágrimas, enquanto o esforço que ela fazia para suprimir seus soluços e seu tremor, ruborizava sua pálida face; ela era magra; o langor, e ah!, a doença, curvavam sua forma. Ficamos olhando o par, esquecendo o que ouvíamos na absorvente visão; até que, chegado o último acorde, o som esvaeceu-se em decrescentes reverberações. A poderosa voz, podíamos dizer que não vinha do órgão, pois de maneira nenhuma era possível associá-la ao mecanismo de tubos ou teclas, aquietou seu tom sonoro

e a garota, virando-se para prestar sua ajuda ao seu idoso companheiro, por fim se nos apercebeu.

Era seu pai; e ela, desde a infância, fora a guia de seus escuros passos. Eles eram alemães da Saxônia e, emigrando para cá alguns anos antes, formaram novos laços com os aldeões vizinhos. Quase ao mesmo tempo em que a pestilência irrompera, um jovem estudante alemão juntara-se a eles. A sua simples história era fácil de ser adivinhada. Ele, um nobre, amava a bela filha do pobre músico e seguira-os em sua fuga da perseguição de seus amigos; mas logo o poderoso nivelador chegou com sua afiada foice para ceifar, junto com a grama, as altas flores do campo. O jovem foi uma das primeiras vítimas. Ela preservara-se para o bem de seu pai. Sua cegueira permitiu-a continuar com a ilusão, primeiro a filha do acaso – e agora, seres solitários, únicos sobreviventes na região, ele permanecia ignorante da mudança, nem ciente de que, quando ouvia a música tocada por sua filha, as mudas montanhas, os insensíveis lagos e as inconscientes árvores eram, além dele mesmo, sua única audiência.

No mesmo dia em que chegamos, ela fora atacada pela sintomática doença. Ela paralisou-se com horror diante da ideia de deixar seu pai, idoso e cego, sozinho na terra vazia; mas ela não tinha coragem de revelar a verdade e o próprio excesso de seu desespero animou-a a esforços insuperáveis. Na habitual hora da véspera, ela conduziu-o para a capela; e, embora trêmula e chorando sobre sua perspectiva, ela tocava, sem errar o tempo ou nota, o hino escrito para celebrar a criação da terra enfeitada, prestes a se tornar seu túmulo.

Para ela, éramos como visitantes do próprio paraíso; sua coragem altamente trabalhada; sua firmeza mantida com dificuldade, fugiram com a aparição do alívio. Com um grito, ela correu para nós, abraçando os joelhos de Adrian e exprimindo apenas as palavras, “Oh, salvem

meu pai!”, com soluços e gritos histéricos, abriu as comportas, por tanto tempo fechadas, de sua angústia.

Pobre garota! – ela e seu pai agora estão lado a lado, debaixo da enorme nogueira onde seu enamorado repousa e que ela, em seus últimos momentos, apontou-nos. Seu pai, por fim ciente do perigo de sua filha, incapaz de ver as mudanças em sua querida feição, obstinadamente segurou sua mão, até que ela resfriou-se e enrijeceu-se com a morte. Ele não se moveu nem falou até que, doze horas depois, gentilmente a morte levou-o para o seu eterno repouso. Descansam juntos sob a grama, a árvore seu monumento; – o local sagrado é distinto em minha memória, empalidecido ante o escarpado Jura e os distante e incomensuráveis Alpes; o pináculo da igreja que frequentavam ainda desponta das árvores que o encerra; e embora sua mão esteja fria, ainda me parece que o som da divina música que eles amavam vagueia ao redor, consolando seus gentis espíritos.

CAPÍTULO VIII

TÍNHAMOS agora chegado à Suíça, até então o alvo final e objeto de nossos esforços. Havíamos olhado, eu não sabia o motivo, com esperança e agradável expectativa para a sua congregação de serras e nevadas escarpas e abríamos nossos peitos com renovados espíritos ao congelado Biz{108}, que mesmo no meio do verão nascia das geleiras do norte carregado de gelo. Ainda, como poderíamos nutrir a expectativa de alívio? Como nossa nativa Inglaterra e a vasta extensão da fértil França, esta terra abobadada por montanhas estava desolada de seus habitantes. Nem os frios cumes, nem ribeirões alimentados de neve; nem o carregado de gelo Biz, nem o trovão, o domador do contágio, preservaram-lhes – por que então deveríamos reclamar por imunidade?

Quem estava lá certo de ser salvo? Qual tropa trazíamos justa para lutar contra o inimigo e combater o conquistador? Éramos um remanescente falho, domesticados para a mera submissão ao golpe iminente. Uma comitiva semimorta, embora temente da morte – uma turba desesperançada, sem resistência, quase indiferente que, no agitado barco da vida, desistira de qualquer condução e resignava-se à destrutiva força dos ventos desgovernados. Como algumas leiras não colhidas de milho que, deixadas intocadas em um amplo campo depois que o resto da lavoura é levado para o silo, são rapidamente abatidas pela tempestade de inverno. Como as esparsas andorinhas que, permanecendo depois que suas companheiras migraram, no primeiro sopro maldoso que passa do outono, para

climas mais amenos, despencavam ao chão à primeira geada de novembro. Como uma ovelha desgarrada que vagueia pela encosta fustigada pelo granizo, enquanto o rebanho está no curral e morre antes do alvorecer. Como uma nuvem, similar às muitas que compõem a impenetrável textura sobre o céu que, quando o pastor do norte dirige suas companheiras “para beber do meridiano antípoda”{109}, esvai-se e dissolve-se no límpido éter – Assim éramos nós!

Deixamos a formosa margem do belo lago de Genebra e entramos pelos desfiladeiros alpinos; viajávamos acompanhando até a sua fonte o barulhento Arve, por entre o vale de Servox, delimitado pelas rochas, ao lado das poderosas cataratas e sob a sombra das inacessíveis montanhas; enquanto a exuberante nogueira dava lugar aos escuros pinheiros, cujos galhos musicais balançavam ao vento e suas formas eretas afrontaram mil tempestades – até o verdejante gramado, o pequeno vale florido e a serra cheia de arbustos foram trocados por rochas altas como que perfurando o céu, inexploradas e estéreis, “os ossos do mundo esperando para serem vestidos com todo o necessário para dar vida e beleza”{110}. Estranho que procurássemos por abrigo ali! Certamente, se, naqueles países onde a terra era carente, como uma terna mãe, de nutrir seus filhos, nós havíamos descoberto-a como destruidora, não a buscaríamos lá, onde abatida pela aguda penúria ela parecia tremer pelas suas pétreas veias. Nem estávamos equivocados em nossa suposição. Procurávamos em vão pelas vastas e sempre moventes geleiras de Chamonix, fendas de gelos pendentes, mares de águas congeladas, bosques sem folhas de pinheiros fustigados pelas tempestades, pequenos vales, simples caminhos para a tonitruante avalanche e os cumes dos morros, o refúgio das trovejantes tempestades. A pestilência reinava predominante mesmo aqui. Quando o dia e a noite, como

irmãs gêmeas de equivalente tamanho, dividiam igualmente seu domínio sobre as horas, uma a uma, entre as cavernas congeladas, ao lado das águas nascendo da neve degelando de mil invernos, outro e ainda outro dos remanescentes da raça do Homem fechavam seus olhos eternamente para a luz.

Porém, não estávamos totalmente errados em buscar um cenário como este, sobre o qual encerrávamos o drama. A natureza, verdadeira até o fim, consolava-nos na própria essência da miséria. A sublime grandeza dos objetos exteriores aliviava nossos infelizes corações e estávamos em harmonia com nossa desolação. Muitas tristezas sobrevieram ao homem durante seu variado curso; e frequentemente um enlutado, dominado pelo pavor, descobrira-se o único sobrevivente entre muitos. Nossa miséria tomava sua forma e suas cores majestosas da vasta ruína que acompanhava e fazia-se dela. Assim, na encantadora terra, muitos escuros desfiladeiros continham um barulhento riacho, encoberto por românticas rochas, circundada por caminhos repletos de musgo – mas tudo, menos isso, necessitava do poderoso cenário, os elevados Alpes, cujos nevados promontórios ou desnudos espinhaços, erguiam-nos de nossa torpe e mortal morada para os palácios da própria Natureza.

Esta solene harmonia de eventos e situações comandava nossos sentimentos, dando-nos como um uniforme justo ao nosso último ato. O brilho majestoso e a trágica pompa acompanhavam o óbito da arruinada humanidade. A marcha fúnebre dos antigos monarcas era transcendida pelas nossas esplêndidas exibições. Próximo às fontes de Arveiron, executamos os ritos para, quatro apenas excluídos, o último da espécie. Adrian e eu, deixando Clara e Evelyn envoltos em um pacífico e despercebido sono, carregamos o corpo para tal desolado lugar e colocamo-lo naquelas cavernas enregeladas sob a geleira, que se rasga e se destaca

com o menor dos sons e traz a destruição para aqueles dentro da fissura – nenhum pássaro ou nenhuma fera poderia profanar a forma congelada. Assim, com cautelosos passos e em silêncio, colocamos o morto em um ataúde de gelo e então, partindo, permanecemos na rochosa plataforma ao lado das nascentes do rio. Tudo estava quieto como sempre fora, o próprio impacto do ar em nós era suficiente para perturbar o repouso desta região sempre congelada; e nós mal tínhamos deixado a caverna e enormes blocos de gelo, soltando-se do topo, caíram e cobriram a imagem humana que lá dentro tínhamos depositado. Escolhemos uma bela noite de luar, mas nossa jornada até lá fora longa e a lua crescente afundou-se atrás das montanhas a oeste quando terminamos de cumprir nosso propósito. As montanhas nevadas e as azuis geleiras brilhavam com sua própria luz. O áspero e abrupto desfiladeiro, que formava um lado do Mont Anvert, estava à nossa frente, a geleira ao nosso lado; sob nossos pés, Arveiron, branco e espumante, lançava-se sobre as rochas pontiagudas que se projetavam sobre ele e, com um borrifar sussurrante e com um rugir ininterrupto, perturbava a calma noite. Relâmpagos amarelados brincavam ao redor do vasto domo do Mont Blanc, silenciosos como a montanha revestida de neve que iluminavam; tudo estava despido, selvagem e sublime, enquanto o cantar dos pinheiros em murmurantes melodias adicionavam uma gentil atração à rude magnificência. Agora, o rasgar e o cair de rochas de gelo perfuram o ar; agora, o trovejar da avalanche ressoa em nossos ouvidos. Nos países cujos recursos são de menor magnitude, a natureza trai seus poderes viventes na folhagem das árvores, no crescimento das ervas, no suave meandro dos sinuosos riachos; aqui, dotada de grandes atributos, a torrente, a tempestade de raios e o fluxo de águas massivas, mostram sua atividade. Assim como o

cemitério, como o réquiem, a congregação eterna, que serviam ao funeral de nosso companheiro!

Não era apenas uma forma humana que havíamos colocado neste eterno sepulcro, cujas exéquias agora celebrávamos. Com esta última vítima, a Peste também se desvanecera da terra. A morte nunca precisara de recursos com o fim de destruir a vida, e nós, poucos e fracos como nos tornamos, ainda estávamos expostos a quaisquer dardos com os quais sua aljava cheia fervilhava. Mas a pestilência estava ausente entre eles. Por sete anos tivera total domínio sobre a terra; ela caminhara por todos os refúgios de nosso espaçoso globo; havia se misturado à atmosfera, que como um manto cobre todos os nossos semelhantes – os habitantes da nativa Europa – os luxuosos asiáticos – os morenos africanos e os livres americanos foram subjugados e aniquilados por ela. Sua bárbara opressão chegara ao seu fim no rochoso vale de Chamonix.

Cenas ainda recorrentes de miséria e de dor, os frutos de seu destempero, já não mais faziam parte de nossas vidas – a palavra peste não mais soava em nossos ouvidos – o aspecto da peste encarnada na feição humana não mais aparecia ante nossos olhos. A partir deste momento, não mais vi a peste. Ela abdicara de seu trono e despojara-se de seu cetro imperial entre as rochas de gelo que nos cercavam. Deixara a solidão e o silêncio como coerdeiros de seu reino.

Meus sentimentos atuais estavam tão misturados com o passado que eu não podia dizer se o conhecimento desta mudança visitava-nos, enquanto permanecíamos neste lugar estéril. Tinha a impressão de que sim; de que uma nuvem parecia se afastar de nós, de que um peso retirara-se do ar; de que, de agora em diante, respiraríamos mais livremente e erguíamos nossas cabeças com alguma porção da antiga liberdade. Ainda assim, não tínhamos esperança. Estávamos

impressionados pelo sentimento de que nossa raça extinguira-se, mas que a peste não seria a causa de nossa destruição. A hora que se aproximava era como um poderoso rio, pelo qual desce um formoso bote, cujo timoneiro sabe que o perigo óbvio não é aquele que precisa temer, embora o perigo esteja perto; e quem flutua dominado pelo pavor sob proeminentes precipícios pela escura e túrbida água – vendo à distância ainda formas mais estranhas e mais rudes, na direção das quais ele é irresistivelmente impelido. O que seria de nós? Oh, que algum oráculo de Delfos ou alguma virgem de Pítia, revele os segredos do futuro! Oh, que algum Édipo resolva o enigma da cruel Esfinge! Tal Édipo eu estava prestes a me tornar – não adivinhando uma palavra do artifício, mas cujas agonizantes pontadas e a vida manchada pela mágoa, deviam ser os motores com os quais desvendaríamos os segredos do destino e revelaríamos o significado do desafio, cuja explicação encerraria a história da raça humana.

Obscuras fantasias, semelhantes a estas, assombravam nossas mentes e instilavam sentimentos comuns ao prazer, enquanto permanecíamos diante desta silenciosa tumba da natureza, tendo estas montanhas sem vida às costas, acima de suas veias vivas, sufocando seus princípios vitais. “Assim fomos deixados”, disse Adrian, “duas melancólicas árvores secas, onde uma vez uma floresta tremulou. Somos deixados para lamentar, definhar e falecer. Ainda assim, agora temos nossos deveres, aos quais temos de nos prender para cumprir: o dever de ter prazer onde pudermos e, pela força do amor, irradiar com os tons do arco-íris a tempestade da tristeza. Não irei me queixar se, nesta extremidade, preservarmos o que agora possuímos. Algo diz-me, Verney, que não mais precisaremos temer nosso cruel inimigo e eu agarro-me com prazer a esta voz oracular.

Embora estranho, será doce observar o crescimento de nosso pequeno garoto e o desenvolvimento do jovem coração de Clara. Em meio a um mundo deserto, somos tudo para eles; e, se vivermos, deverá ser nossa tarefa tornar este modo de vida feliz para eles. Agora isso é fácil, pois suas ideias infantis não vagueiam pelo futuro e a pungente necessidade de simpatia e de todo o amor a que a nossa natureza é suscetível ainda não despertou neles: não podemos adivinhar o que acontecerá, então, quando a natureza afirmar seus invencíveis e sagrados poderes; mas, muito antes disso, poderemos estar todos frios, como aquele que agora repousa acolá em seu túmulo de gelo. Necessitaremos prover apenas para o presente e tentar preencher com prazerosas imagens a inexperiente fantasia de sua encantadora sobrinha. O cenário que agora nos cerca, vasto e sublime como é, não é o mais apropriado para contribuir com tal trabalho. A natureza aqui é como a nossa sorte, grande, porém muito destrutiva, crua e rude para ser capaz de proporcionar prazer à sua jovem imaginação. Vamos descer para as ensolaradas planícies da Itália. O inverno logo chegará aqui para revestir esta imensidão de dupla desolação; mas poderemos cruzar os desertos cumes e conduzi-la a cenários de fertilidade e beleza, onde seu caminho será adornado com flores e a jovial atmosfera inspirar-lhe-á prazer e esperança.”

Na busca desse plano, deixamos Chamonix no dia seguinte. Não tínhamos motivo para apertar nossos passos; nenhum evento ocorria além de nossa real esfera para encadear nossas resoluções, assim que cedíamos a cada ocioso capricho e julgávamos nosso tempo bem gasto, quando podíamos observar a passagem das horas sem desânimo. Demoramos-nos pelo encantador Vale de Servox; passamos longas horas na ponte que, cruzando o desfiladeiro de Arve, comanda uma perspectiva de profundidades cobertas de pinheiros e as nevadas

montanhas que o cercam. Perambulamos pela romântica Suíça; até que, com o medo do iminente inverno impulsionando-nos, os primeiros dias de outubro encontraram-nos no vale de La Maurienne, que leva a Cenis. Não podia explicar a relutância que sentimos ao deixar esta terra de montanhas; talvez fosse porque considerávamos os Alpes como a fronteira entre nossos antigo e futuro estados de existência, e agarramos-nos tão apaixonadamente ao que de velho tínhamos amado. Talvez, porque agora tínhamos tão poucos impulsos urgindo-nos a uma escolha entre dois modos de ação, estivéssemos felizes por preservar a existência de um e preferimos a perspectiva do que teríamos de fazer à lembrança do que já tinha sido feito. Sentimos que, com relação àquele ano, o perigo passara; e acreditamos que, por alguns meses, estávamos seguros entre si. Havia um prazer excitante e agoniado no pensamento – que enchia os olhos de nebulosas lágrimas, despedaçava o coração com tumultuosas aflições; mais frágil do que "a neve que cai sobre o rio"[{111}] éramos cada um e todos – mas lutávamos para dar vida e individualidade ao curso meteórico de nossas muitas existências e para sentir que nenhum momento se nos escapava sem ser apreciado. Assim, cambaleando na vertiginosa beira, éramos felizes. Sim! Enquanto sentávamos entre as pedras caídas ao lado das cataratas, próximo das

–Florestas, anciãs como as serras,

E entrelaçando ensolarados locais verdejantes[{112}]*,*

onde a camurça pastoreava e o tímido esquilo amontoava seu estoque – fazendo um contraponto aos encantos da natureza, bebendo no instante de suas inalienáveis belezas – nós éramos, em um mundo vazio, felizes.

Ainda, Oh dias de alegria – dias, quando o olho falava ao olho e as vozes, mais doces do que a música dos oscilantes galhos dos pinheiros ou do gentil murmúrio dos ribeirões, respondiam a minha – ainda, Oh dias repletos de bem-aventurança, dias de amadas companhias – dias indizivelmente caros para um abandonado eu – passam, Oh passam diante de mim, fazendo-me em sua memória esquecer o que sou. Observe como meus olhos transbordantes mancham este insensível papel – observe como meus traços convulsionam-se com agoniados espasmos, com a simples lembrança, agora que, sozinho, minhas lágrimas fluem, meus lábios tremem e meus gritos rasgam o ar, invisíveis, desapercebidos, surdos! Ainda, Oh ainda, dias de delícias! Deixe-me residir em suas horas longamente arrastadas!

Enquanto frio se nos aumentava, passamos pelos Alpes e descemos para a Itália. Ao erguer da manhã, sentamos para o nosso repasto e iludimos nossos arrependimentos com alegres tiradas ou profundas argumentações. O dia inteiro passeamos, ainda mantendo em vista o fim da nossa jornada, mas indiferente à hora de seu término. Assim que a estrela vespertina irrompeu e o crepúsculo laranja, distante a oeste, marcou a posição da cara terra que tínhamos para sempre deixado, a fala e o pensamento, encadeando-se, fizeram as horas voar – Oh, que tivéssemos vivido assim para todo o sempre! De que consequência era para os nossos quatro corações que fossem, sozinhos, a fontes de vida no amplo mundo? Ao que tangia ao mero sentimento individual, preferimos ter sido assim deixados juntos, do que se, cada um sozinho em um populoso deserto de homens desconhecidos, tivesse caminhado verdadeiramente sem companheiros até o fim da vida. Dessa maneira, tentamos consolar-nos mutuamente; dessa maneira, a verdadeira filosofia ensinou-nos a raciocinar.

Era o prazer de Adrian e meu próprio servir Clara, nomeando-a pequena rainha do mundo e a nós mesmos como seus mais humildes servos. Quando chegávamos a uma cidade, nosso primeiro cuidado era selecionar para ela sua residência preferida; assegurar que nenhuma relíquia aterrorizadora de seus antigos habitantes lá permanecera; buscar alimentos para ela e cuidar de suas necessidades com assídua ternura. Clara aceitou nosso plano com alegria infantil. Sua principal ocupação era servir Evelyn; mas era sua diversão prender-se em esplêndidas túnicas, enfeitar-se com ensolaradas gemas e imitar uma condição principesca. Sua religião, profunda e pura, não a ensinara a recusar a ignorar assim o afiado agulhão do arrependimento; sua jovem vivacidade fazia-a imergir, de coração e alma, nestes estranhos disfarces.

Resolvemos passar o inverno seguinte em Milão que, por ser uma grande e luxuosa cidade, proporcionar-nos-ia escolha de lares. Descemos os Alpes e deixamos bem para trás suas vastas florestas e poderosas escarpas. Adentramos pela sorridente Itália. O milho misturava-se à grama em suas planícies, as vinhas não desbastadas lançavam seus galhos luxuosos ao redor dos olmos. As uvas, já passadas, caíam ao chão ou pendiam púrpuras ou brilhavam verdes, entre as folhas vermelhas e amarelas. As espigas remanescentes eram peneiradas até o fim pelos pródigos ventos; a folhagem caída das árvores, os riachos cheios de mato, a parda oliva, agora manchada com seu enegrecido fruto; as castanheiras, das quais os esquilos eram os únicos colhedores; tudo farto, e ainda, ah! tudo pobre, pintavam em maravilhosos tons e fantásticos agrupamentos esta bela terra. Nas cidades, nas mudas cidades, visitávamos as igrejas, adornadas por quadros, obras-primas de arte ou por galerias de estátuas – enquanto neste ameno clima os animais, em sua recém-descoberta liberdade,

vagueavam por belos palácios e dificilmente temiam nosso esquecido aspecto. Os bois coloridos como pombas punham seus olhos cheios sobre nós e afastavam-se lentamente; uma assustadora multidão de tolas ovelhas, com rápidos pés, levantava-se abruptamente em alguma câmara, antes dedicada ao repouso da beleza e passar-nos-ia em confusa correria, descendo as escadas de mármore até a rua e novamente para dentro da primeira porta aberta, tomando sem censura posse de um sagrado santuário ou de uma câmara de conselho real. Já não mais nos assustávamos com tais ocorrências, nem ao menos com a exibição da mudança – quando o palácio tornara-se uma mera tumba, repleto de odores fétidos, lotado de cadáveres; e poderíamos perceber quanto a pestilência e o medo interpretaram estranhas excentricidades, perseguindo a luxuosa dama nos úmidos campos e na rústica cabana; reunindo, entre carpetes de trama indiana e camas de seda, o rude camponês ou o deformado aspecto meio humano do miserável mendigo.

Chegamos a Milão e hospedamos-nos no palácio do Vice-Rei. Estabelecemos ali regras para nós mesmos, dividindo nosso dia e fixando distintas ocupações para cada hora. Pela manhã, passávamos pela vizinhança ou perambulávamos pelos palácios, procurando quadros e antiguidades. À tarde, reuníamos-nos para ler ou conversar. Havia poucos livros que ousávamos ler; poucos, que não desfigurariam cruelmente a pintura que investimos sobre nossa solidão, ao relembrar combinações e emoções que nunca mais viveríamos novamente. A pesquisa metafísica; ficção que, vagueando além de todas as realidades, perdia-se nos próprios erros que criava; poetas de tempos tão distantes que lê-los era como ler sobre Atlântida e Utopia; ou assim como apenas se referia à natureza e os trabalhos de uma mente em particular; mas, acima de

tudo, a conversa, variada e sempre nova, enganava nossas horas.

Enquanto assim pausávamos nosso avanço em direção da morte, o tempo mantinha seu costumeiro curso. Ainda e para sempre a terra girava, entronizada em seu atmosférico carro, acelerada pela força dos invisíveis corcéis de precisão infalível. E agora, esta gota de orvalho no céu, esta esfera, pesada de montanhas, brilhante de ondas, passando pela frágil opressão da líquida constelação de Peixes e do frígido Áries, adentrava pelos radiantes domínios de Touro e de Gêmeos. Lá, abanado por ares juvenis, o Espírito da Beleza erguia-se de seu frio repouso; e, com adejantes asas e pés de suaves passadas, dispunha um cinto verdejante ao redor da terra, brincando entre as violetas, escondendo-se dentro da primaveril folhagem das árvores, descendo levemente os radiantes riachos até o ensolarado mergulho. “Porque já passou o inverno, a chuva cessou, desapareceu. Apareceram as flores na nossa terra, chegou o tempo da poda; ouviu-se na nossa terra a voz da rola; a figueira lança os seus rebentos; as vinhas em flor espalharam o seu perfume.”{113} Assim era no tempo do velho poeta real; assim é agora.

Contudo, como poderíamos miseravelmente saudar a chegada desta prazerosa estação? Esperávamos, com efeito, que a morte, agora como até este momento, não caminhasse em sua sombra; porém, deixados como estávamos sozinhos um para o outro, olhávamos com olhos inquisidores um para o rosto do outro, não ousando juntos confiar em nossos pressentimentos e tentando adivinhar qual seria o infeliz sobrevivente dos outros três. Iríamos passar o verão no lago de Como e para lá removemos-nos assim que a primavera amadureceu-se e a neve desapareceu dos cumes. A dez milhas de Como, sob os altos desfiladeiros das montanhas do leste, pela margem do lago, havia uma

vila chamada Pliniana, por ter sido construída no local de uma fonte, cuja periódica vazante e sua corrente foram descritas pelo jovem Plínio em suas cartas. A casa havia praticamente caído em ruínas, até que no ano 2090, um nobre inglês comprara-a e mobiliara-a com todo o luxo. Dois amplos muros, cobertos com esplêndidas tapeçarias e pavimentados de mármore, abriam-se de cada lado de um pátio, cujo outro lado mostrava o lago, profundo e escuro e o outro era bordejado por uma montanha, de cuja rochosa encosta jorrava, com barulho e estrondo, a celebrada fonte. Acima, arbustos de mirta e tufos de fragrantes plantas adornavam o exuberante crescer das castanheiras. Estabelecemos aqui nossa residência de verão. Tínhamos um bote encantador, no qual navegávamos, tocando com a proa as ondas mais próximas do centro, depois acostando as margens salientes e recortadas, onde se disseminavam as semprevivas, que mergulhavam suas brilhantes folhas nas águas e eram espelhadas em muitas em uma pequena baía e um riacho com águas de uma escuridão translúcida. Ali, laranjeiras floresciam, aqui, pássaros despejavam melodiosos hinos; e acolá, durante a primavera, a fria serpente reaparecia das fendas e aquecia-se nos ensolarados terraços de pedra.

Não estávamos felizes nesse retiro paradisíaco? Se algum bondoso espírito assoprasse esquecimento para nós, parece-me que teríamos sido felizes ali, onde as íngremes montanhas, quase intransitáveis, escondiam de nossa visão os campos da desolada terra e, com pequeno esforço da imaginação, poderíamos imaginar que as cidades ainda ressoavam o rumor dos habitantes e o camponês ainda guiava seu arado pela lavoura e que nós, livres viajantes do mundo, regozijávamos em um exílio voluntário e não em uma irremediável cisão de nossa espécie extinta.

Nenhum de nós apreciava tanto a beleza desse cenário quanto Clara. Antes de deixarmos Milão, uma mudança ocorrera em seus hábitos e modos. Ela perdera sua alegria, privava-se de seus folguedos e assumira uma modéstia de trajes parecida com a de uma freira. Ela se nos evitava, saindo com Evelyn para alguma câmara distante ou um refúgio silencioso; nem entrava nos passatempos com o mesmo gosto que de costume, mas sentava-se e observava-o com um triste e terno sorriso e seus olhos brilhavam de lágrimas, ainda que sem uma palavra de reclamação. Ela se nos chegava timidamente, evitava nossos carinhos, nem se livrava de seu embaraço até que alguma séria discussão ou um tema superior despertava-a por um momento de seu ensimesmar. Sua beleza era a de uma rosa que, abrindo-se ao vento do verão, revela-se folha por folha até que o sentido dói com o excesso de encanto. Uma leve e variada coloração tingia sua face e seus movimentos pareciam concordes com alguma harmonia oculta de excessiva doçura. Redobramos nossas ternas e honestas atenções. Ela recebia-as com graciosos sorrisos, que se esvaíam rapidamente como o raio do sol em uma onda brilhante de um dia de abril.

Nosso único ponto comum de simpatia com ela parecia ser Evelyn. Esse pequeno e querido companheiro era um conforto e um prazer indizível para nós. Seu alegre espírito e sua inocente ignorância de nossa vasta calamidade eram como um bálsamo para nós, cujos pensamentos e sentimentos estavam exaustos e tecidos na imensidade da especulativa tristeza. Acalentá-lo, acariciá-lo e diverti-lo eram as tarefas comuns a todos. Clara, que se sentia dele, em certo nível, como uma jovem mãe, reconhecia com gratidão nossa bondade para com ele. Para mim, Oh! para mim, que via a límpida fronte e os suaves olhos da amada de meu coração, minha perdida e eternamente querida Idris, renascida

em sua gentil face, para mim ele era querido mesmo até a dor; se eu pressionasse-o contra meu coração, parecer-me-ia que eu agarrava uma parte viva e real dela, que tinha lá derramado longos anos de juvenil felicidade.

Era costume meu e de Adrian sair diariamente em nosso bote para buscar alimentos nos campos vizinhos. Nessas expedições, raramente éramos acompanhados por Clara ou pela sua pequena carga, mas nosso retorno era um momento de entusiasmo. Evelyn saqueava nossos estoques com infantil ansiedade e sempre trazíamos alguma prenda recém-encontrada para nosso belo companheiro. Também fazíamos, então, descobertas de encantadores cenários ou alegres palácios, para onde seguíamos às tardes. Nossas expedições de navegação eram bem divinas e, com um bom vento ou um curso transversal, cortávamos as ondas líquidas; e se a conversa falhava sob o peso do pensamento, eu levava meu clarinete, que despertava os ecos e alterava nossas preocupadas mentes. Clara, em tais momentos, retornava aos seus antigos hábitos de livre conversa e divertidas tiradas; e, embora apenas nossos quatro corações batessem no mundo, aqueles quatro corações eram felizes.

Um dia, retornando da cidade de Como, com um bote carregado, esperamos, como sempre, sermos recepcionados no porto por Clara e Evelyn, e surpreendemos-nos, de certa forma, ao ver a praia vazia. Eu, como minha natureza induzia-me, não prognosticaria um mal, mas se me explicava como um mero incidente. Assim não era Adrian. Ele foi dominado por um súbito tremor e apreensão, e convocou-me veementemente a dirigir rapidamente para a terra e, quando perto dela, pulou do bote, meio caindo na água; e, escalando a íngreme margem, correu pela estreita faixa de grama, o único espaço plano entre o lago e a montanha. Eu segui-o sem demora; o jardim e o pátio interno estavam vazios,

assim como a casa, pois visitamos todos os cômodos. Adrian gritou alto o nome de Clara e estava prestes a disparar pelo próximo caminho da montanha quando a porta de um quiosque ao fim do jardim lentamente abriu-se e Clara apareceu, sem caminhar em nossa direção, mas se apoiando contra uma coluna da construção, o pálido rosto, em uma postura de extrema apatia. Adrian avançou a ela com um grito de alegria e conteve-a demoradamente em seus braços. Ela livrou-se do seu abraço e, sem uma palavra, entrou novamente no quiosque. Seus lábios trêmulos e seu coração desesperado recusavam-se a oferecer sua voz para expressar nosso infortúnio. O pobre Evelyn tinha, enquanto brincava com ela, sido agarrado com a súbita febre e agora estendia-se entorpecido e mudo em um pequeno sofá no quiosque.

Por toda uma quinzena vigiamos ininterruptamente a pobre criança, enquanto sua vida declinava sob a pilhagem do virulento tifo. Sua diminuta forma e seus minúsculos traços continham o embrião da mente humana, ampla como o mundo. A natureza do homem, repleta de paixões e afeições, teria tido um lar naquele pequeno coração, cujas rápidas pulsações apressavam-se para seu fim. O mecanismo de sua pequena mão, agora flácido e frouxo, teria, no crescimento dos nervos e dos músculos, realizado trabalhos de beleza ou de força. Seu pé, delicado e róseo, teria caminhado em firme vigor pelos caramanchões e bosques do mundo – essas reflexões agora eram inúteis: ele estendia-se, o pensamento e a força suspensos, esperando sem resistência o golpe final.

Vigiávamos ao lado de sua cama e quando o acesso de febre se lhe apoderava, nem falávamos ou olhávamos um para o outro, observando apenas sua respiração obstruída e o brilho mortal que tingia seu rosto afundado, a grave morte que pesava em suas pálpebras.

Era uma desculpa banal dizer que as palavras não expressam nossa longa e arrastada agonia; ainda como podem as palavras desenhar sensações, cujo acerado fio jogava-nos de volta, como era, às profundas raízes e às ocultas fundações da nossa natureza, que balançavam nosso ser com espasmos sísmicos, assim que deixávamos de confiar nos habituais sentimentos que nossa mãe natureza provia-nos e agarrávamos-nos a alguma vã imaginação ou enganosa esperança, que logo estaria enterrada nas ruínas ocasionadas pelo choque final. Eu chamei aquele período de uma quinzena, durante a qual passamos observando as mudanças na enfermidade da doce criança – e assim poderia ter sido – à noite, surpreendíamos-nos em ver outro dia transcorrer, enquanto cada hora particular parecia infindável. O dia e a noite foram trocados por um outro, não considerado; quase não dormíamos, nem nunca abandonamos seu quarto, exceto quando uma convulsão de tristeza se nos acometia e retirávamos-nos para ocultar nossos soluços e nossas lágrimas. Empenhamos-nos em vão de abstrair Clara desta deplorável cena. Ela sentava-se, hora após hora, olhando para ele, agora suavemente arrumando seu travesseiro e, enquanto ele tinha força para engolir, administrando sua bebida. Por fim, o momento de sua morte chegou: o sangue interrompeu seu fluxo – seus olhos abriram-se e, então, fecharam-se novamente; sem convulsões ou suspiros, o frágil cortiço tornou-se vago de seu habitante espiritual.

Eu ouvira que a visão do morto confirmara a crença dos materialistas. Eu sempre senti o contrário. Era aquele meu filho – aquele inânime decaído imóvel? Meu filho foi arrebatado pelos meus carinhos; sua querida voz revestia com expressivas articulações seus pensamentos, de outro modo inacessíveis; seu sorriso era um raio da alma e a mesma alma sentava-se em seu trono em seus olhos. Eu dei as costas à zombaria na qual

ele transformou-se. Leve, Oh terra, teu débito! Voluntariamente e para sempre eu entrego a ti a veste que tu proporcionas. Mas tu, doce criança, amigo e amado garoto, se teu espírito buscara uma morada mais apropriada ou, santificado em meu coração, tu viverás enquanto ele vive.

Depositamos seus restos sob um cipreste, as montanhas eretas escavadas para recebê-los. E, então, Clara disse, “Se querem que eu viva, tirem-me daqui. Há algo neste cenário de transcendental beleza, nestas árvores e serras e ondas que sempre me sussurraram, deixe tua incômoda carne e torne-se parte de nós. Eu sinceramente rogo-lhes que me tirem daqui.”

Assim, no dia quinze de agosto, despedimos-nos de nossa vila e das sombras das folhas dessa residência de beldade; da calma baía e da barulhenta queda d’água; ao pequeno túmulo de Evelyn, adeus! E então, com corações oprimidos, partimos em peregrinação para Roma.

CAPÍTULO IX

AGORA – logo depois – teria eu chegado tão perto do fim? Sim! Tudo está acabado agora – um passo ou dois sobre estas novas tumbas e o cansativo caminho estará findo. Posso eu realizar minha tarefa? Posso eu riscar meu papel com palavras capazes de uma grande conclusão? Erga-se, negra Melancolia! Abandone tua Ciméria solidão![{114}] Traga contigo as escuras névoas do inferno, que possam se embeber do dia! Traga a doença das plantas e as pestilentas exalações que, entrando pelas ocas cavernas e pelos lugares em que a terra respira, possam encher suas pétreas veias com a corrupção, para que nem as ervas possam mais florescer, as árvores possam apodrecer e os rios corram com fel – mas as eternas montanhas possam ser decompostas e a poderosa profundidade putrefaça-se e o ameno clima que cerceia o mundo perca todos os seus poderes de geração e sustento. Faça isso, poder de triste aspecto, enquanto eu escrevo, enquanto olhos leem estas páginas.

E quem as lerá? Cuidado, terno descendente do mundo renascido – cuidado, belo ser, com coração humano, ainda indomado pela preocupação e fronte humana, ainda inculta pelo tempo – cuidado, deixe que a alegre corrente de teu sangue não seja obstruída, tuas douradas madeixas não embranqueçam, as doces covinhas do teu sorriso não se transformem em fixas e ásperas rugas! Não deixe que o dia olhe para estas linhas, permita que o exuberante dia não se desperdice, torne-se pálido e morra. Procure um bosque de ciprestes, cujos ramos queixosos sejam de harmonia

apropriada; procure alguma caverna, profundamente sombreada nas escuras entranhas da terra, onde nenhuma luz penetre, salvo aquela que luta, vermelha e bruxuleante, por entre a única fissura, manchando tua página com a inflexível farda da morte.

Há uma dolorosa confusão em meu cérebro, que se recusa a delinear o progresso dos eventos com exatidão. Algumas vezes, o sorriso radiante de meu cortês amigo vem até a mim; e parece-me que sua luz abrange e preenche a eternidade – então, novamente, eu sinto os ofegantes espasmos.

Partimos de Como e, cumprindo os mais sinceros desejos de Adrian, paramos em Veneza durante nosso caminho para Roma. Havia algo peculiarmente atraente aos ingleses na ideia dessa cidade rodeada por ondas e entronizada em uma ilha. Adrian nunca a vira. Descemos o Pó e o Brenta em um bote; e, os dias provando-se intoleravelmente quentes, descansamos nos bordejantes palácios durante o dia, viajando pela noite, quando a escuridão fazia as margens indistintas e nossa solidão menos perceptível; quando a perambulante lua iluminava as ondas que se dividiam adiante em nossa proa e o vento da noite enchia nossas velas e o riacho murmurante, as árvores balançando e a elegante tela concordavam um tom harmonioso. Clara, há tempos vencida pela excessiva tristeza, tinha em muito se despojado de sua tímida e fria reserva e recebia nossas atenções com grata ternura. Enquanto Adrian, com poético fervor, discursava sobre as gloriosas nações dos mortos, a bela terra e o destino do homem, ela arrastava-se para perto dele, tomando suas palavras com silencioso prazer. Banimos de nossas conversas, e o quanto podíamos de nossos pensamentos, o conhecimento de nossa desolação. E seria inacreditável para o homem que habitava as cidades, para alguém imerso em atribulada multidão, a extensão de nossos

sucessos. Era como um homem aprisionado em um calabouço, cuja pequena e gradeada fenda primeiro proporciona a vacilante luz, mais sensivelmente obscura, até que, o orbe visual tendo bebido dos raios e adaptando-se à sua escassez, ele descobre que o límpido meio-dia reside em sua cela. Então nós, uma simples tríade em toda a terra, multiplicávamos-nos para cada um, até nos tornarmos todos em tudo. Éramos como as árvores, cujas raízes afrouxavam-se com o vento, que se apoiavam umas nas outras, escorando e agarrando com crescente fervor enquanto as tempestades do inverno uivam. Assim, flutuávamos as ampliadas correntes do Pó, dormindo quando a cigarra cantava e despertando com as estrelas. Entramos pelas estreitas margens do Brenta e chegamos às costas de Laguna ao nascer do sol do dia seis de setembro. O brilhante orbe lentamente ergueu-se acima de suas cúpulas e torres, e despejou sua penetrante luz sobre as vítreas águas. Gôndolas naufragadas, e algumas inteiras, espalhavam-se pela praia em Fusina. Embarcamos em uma daquelas pela enviuvada filha do oceano que, abandonada e caída, sentava-se desamparada em suas arrimadas ilhas, olhando na direção das distantes montanhas gregas. Remamos levemente por Laguna e adentramos o Canale Grande. A maré baixou sombriamente dos destroçados portais e das violadas salas de Veneza; algas e monstros marinhos foram deixados no mármore enegrecido, enquanto o limo salgado desfigurava as incomparáveis obras de arte que adornavam suas paredes e a gaivota voava da janela despedaçada. Em meio a esta amedrontadora ruína dos monumentos ao poder do homem, a natureza afirmava sua ascendência e brilhava ainda mais bela com o contraste. As radiantes águas dificilmente tremiam, enquanto as ondulações criavam muitos espelhos voltados ao sol; a imensidão azul, vista além do Lido, estendia-se longe, imaculada de botes, tão

tranquila, tão encantadora, que parecia nos convidar a deixar a terra salpicada de ruínas e a buscar refúgio da tristeza e do medo em sua plácida extensão.

Víamos as ruínas dessa infeliz cidade do alto da torre de San Marco, imediatamente abaixo de nós e viramos-nos com corações oprimidos para o mar que, embora seja um túmulo, não constrói monumentos, não revela ruínas. A tarde se nos viera veloz. O sol punha-se em calma majestade atrás dos enevoados picos dos Apeninos e seus tons dourados e róseos pintavam as montanhas do lado oposto da praia. “Aquela terra”, disse Adrian, “pintada com as últimas glórias do dia, é a Grécia”. Grécia! O som teve um acorde como resposta no peito de Clara. Ela veementemente lembrou-nos de que tínhamos prometido levá-la mais uma vez ao país, à tumba de seus pais. Por que ir para Roma? O que deveríamos fazer em Roma? Poderíamos pegar um dos muitos navios a ser encontrados aqui, embarcar nele e rumar diretamente para a Albânia.

Objetei os perigos do oceano de Atenas e a distância das montanhas que víamos; uma distância que, dada a selvagem desolação do país, era intransponível. Adrian, que se deliciara com a proposta de Clara, relevou tais objeções. A estação era apropriada; o nordeste que soprava levar-nos-ia transversalmente pelo golfo; e então, quando pudéssemos encontrar, em algum porto abandonado, um leve e pequeno barco grego, adaptado para tal navegação, desceríamos a costa de Morea e, passando pelo istmo de Corinto, sem muita viagem terrestre ou fadiga, encontrar-nos-íamos em Atenas. Isso me pareceu uma conversa de doidos; mas o mar, brilhando com mil tons de púrpura, aparentava-se tão brilhante e seguro; meus amados companheiros tão sinceros e tão determinados que, quando Adrian disse, “Bem, embora não seja exatamente o que você queria, porém consinta, para me agradar”, – eu não mais

poderia recusar. Naquela tarde, selecionamos um barco, cujo tamanho parecia exato para nossa aventura; inclinamos as velas e colocamos o cordame em ordem e, repousando naquela noite em um dos mil palácios da cidade, concordamos em embarcar ao nascer do sol da manhã seguinte.

Quando os ventos não movem sua calma superfície, golpeiam

O mar azul-celeste, já não amo mais a terra;

Os sorrisos da serena e tranquila profundidade

Tentam minha mente irrequieta...

Assim disse Adrian, citando uma tradução de um poema de Mosco{115}, enquanto na límpida luz da manhã, nós remamos sobre a Laguna, passando o Lido, na direção do mar aberto – eu teria acrescentado em continuação,

Mas quando o estrondo

Do cinza abismo do oceano ressoa e as espumas

Juntam-se sobre o mar e as vastas ondas quebram...

Porém, meus amigos declararam que tais versos eram de mau augúrio; assim, de bom-humor, deixamos as rasas águas e, quando já no mar, abrimos nossas velas para apanhar a brisa favorável. O sorridente ar da manhã preenchia-as, enquanto a terra, o céu e o oceano, banhados pela luz do sol – as plácidas ondas dividiam-se para receber nossa quilha e brincando beijavam as laterais de nosso pequeno bote, murmurando um bem-

vindo; enquanto a terra afastava-se, ainda a superfície azul, quase sem ondas, irmã gêmea do empíreo firmamento, proporcionava-nos ágil condução para o nosso barco. Enquanto o ar e as águas eram tranquilos e balsâmicos, assim estavam nossas mentes imersas em silêncio. Em comparação com a imaculada profundidade, a terra funérea parecia um túmulo, suas altas rochas e majestosas montanhas eram apenas monumentos, suas árvores as plumas de um pórtico, os riachos e os rios salobros com as lágrimas pelo extinto homem. Adeus às cidades desoladas – aos campos com sua selvagem mistura de milho e ervas – às sempre multiplicadoras relíquias de nossa espécie perdida. Oceano, entregamos-nos a ti – mesmo como o patriarca antigo flutuava acima do mundo alagado, deixe-nos ser salvos, enquanto assim nos dirigimos à tua perene inundação.

Adrian sentou-se ao leme; eu cuidava do cordame, a brisa soprando à proa enchia nossas infladas velas e percorríamos diante dela o mar calmo. O vento esmoreceu ao meio-dia; seu sopro ocioso apenas nos permitia manter nosso curso. Como marinheiros preguiçosos, que só navegam no tempo bom, indiferentes à hora que se aproximava, falávamos alegremente de nossa viagem costeira, de nossa chegada a Atenas. Faríamos nossa morada em uma das Cíclades, e lá, em bosques de mirta, entre a perpétua primavera, abanados pela completa brisa marinha – viveríamos longos anos em sagrada união – Havia tal coisa como a morte no mundo?

O sol passou seu zênite e desceu lentamente o imaculado chão do paraíso. Deitado no bote, meu rosto virado para o céu, pensei ter visto em seu límpido azul, riscos de mármore, tão leves, tão imateriais, que agora eu dizia – Estão lá – e então, É mera imaginação. Um medo repentino aguilhoou-me enquanto eu olhava; e, levantando-me, correndo até a proa – ao chegar lá, meu

cabelo gentilmente eriçou-se em minha fronte – uma escura linha de ondulações surgira ao leste, vindo em nossa direção rapidamente – meu comentário sufocado para Adrian foi seguido por um bater das velas, enquanto o vento adverso atingia-as e nosso bote dava uma guinada – rápido como o falar, a teia da tempestade formou-se sobre nós, o sol desceu vermelho, o mar escuro encheu-se de espuma e nosso barco subia e descia em suas crescentes marolas.

Observe-nos agora, em nosso frágil cortiço, cercados por ondas famintas e estrondosas, bofeteados pelo vento. No tingido leste, duas enormes nuvens, indo em caminhos contrários, chocaram-se; o relâmpago pulou adiante e o rouco trovão boquejou. Novamente, ao sul, as nuvens replicaram e a corrente ziguezagueante de fogo, percorrendo o céu escuro, mostrou-nos as apavorantes pilhas de nuvens, agora atingidas e obliteradas pelas pesadas ondas. Grande Deus! E nós, sozinhos – nós três – sós – sós – únicos residentes no mar e na terra, nós três deveríamos falecer! O vasto universo, sua miríade de mundos e as planícies da infinita terra que havíamos deixado – a extensão do mar sem litoral ao nosso redor – contraídos em minha visão – eles, e tudo o que continham, encolhiam-se em um ponto, mesmo para o nosso tolhido barco, carregado da gloriosa humanidade.

Uma convulsão de desespero cruzou a face radiante de amor de Adrian, enquanto entre dentes ele murmurou, “Ainda eles deverão ser salvos!” Clara, visitada por uma ânsia humana, pálida e trêmula, arrastou-se para perto dele – ele olhava para ela com um sorriso encorajador – “Você teme, doce garota? Oh, não tema, devemos logo estar em terra firme!”

A escuridão impossibilitou que eu visse as mudanças de sua compleição; mas sua voz era distinta e terna, enquanto ela replicava, “Por que devo eu temer? Nem o

mar nem a tempestade podem nos fazer mal, se o poderoso destino ou o criador do destino assim nos permitir. E então o pungente medo de que alguém sobreviva não está aqui – pois apenas uma morte se nos agarrará."

Enquanto isso, recolhemos nossas velas, menos uma chaveta; e mudamos nosso curso o mais rápido que pudemos sem perigo, seguindo o vento para a costa da Itália. A noite escura misturava tudo; quase não discerníamos as brancas cristas das assassinas vagas, exceto quando os relâmpagos faziam que, por um instante, fosse meio-dia, bebendo a escuridão e mostrando-nos nosso risco, depois nos devolvendo a dupla noite. Estávamos todos silenciosos, menos quando Adrian, como piloto, fazia uma observação encorajadora. Nosso pequeno casco obedecia o timão milagrosamente bem e percorria o topo das ondas como se fosse descendente do mar e a sua raivosa mãe abrigasse sua filha em perigo.

Sentei-me à proa, observando nosso curso; quando, de repente, ouvi as águas quebrando com fúria redobrada. Estávamos certamente perto da costa – ao mesmo tempo em que gritei, "Por ali!", e um amplo relâmpago preenchendo a abóbada mostrou-nos por um momento a praia já perto, revelando até a areia e as diminutas camas de junco, salpicadas de limo, que cresciam acima do nível da água. Mais uma vez estava escuro e nós seguramos nossa respiração com tal esforço quanto era possível, como alguém que, enquanto fragmentos de rochas expelidas pelo vulcão cruzam o ar escurecido, vê uma vasta massa afundando o chão imediatamente aos seus pés. O que não sabíamos – a arrebentação aqui, ali, em todos os lugares, encerrando-nos – elas bramiam e lançavam-se e soltavam seu odioso vapor em nossos rostos. Com considerável dificuldade e perigo conseguimos, por fim, alterar nosso rumo e

distanciamos-nos da costa. Instei meus amigos a se preparar para o naufrágio de nosso pequeno bote e se agarrar a algum remo ou mastro que pudesse ser suficiente para fazê-los flutuar. Eu era um excelente nadador – a própria visão do mar era necessária para erguer em mim tais sensações, como um caçador vive, quando ele ouve uma matilha de cães de caça latindo alto; amava sentir as ondas envolver-me e lutar para me dominar; enquanto eu, senhor de mim mesmo, movia-me em uma direção ou outra, apesar de suas nervosas bofetadas. Adrian também sabia nadar – mas a fraqueza de seu corpo evitava que ele sentisse prazer no exercício ou que adquirisse maior habilidade. Mas qual força poderia opor o mais forte nadador ao violento excesso de poder do oceano em sua fúria? Meus esforços para preparar meus companheiros fizeram-se quase fúteis – pois a estrondosa arrebentação fazia com que não ouvíssemos uns aos outros e as ondas, quebrando-se continuamente sobre nosso bote, obrigava-me a usar todo meu empenho para baldear a água para fora, tão rápido quanto ela vinha. A escuridão do momento, palpável e sem raios, cercava-nos completamente, sendo dissipada apenas pelos relâmpagos; às vezes, observávamos raios e trovões, vermelhos e flamejantes, cair ao mar e, em intervalos, vastos jorros arremessados pelas nuvens, encrespando o louco oceano, que se erguia para se encontrar com eles; enquanto o furioso temporal levava as nuvens adiante e perdia-se no caótico misturar do céu com o mar. Nossas amuradas tinham se despedaçado, nossa única vela rasgada em trapos e rendida ao fluxo dos ventos. Nosso mastro quebrara-se, aliviando o bote de tudo o que ele continha – Clara tentava me ajudar a baldear a água do convés e, enquanto ela virava seus olhos para ver o relâmpago, eu podia discernir por aquele brilho momentâneo que a resignação conquistara-lhe todos os medos. Temos um

poder que nos é concedido em qualquer situação de extrema gravidade, que escora a então fraca mente do homem e capacita-nos a resistir às mais selvagens torturas com uma rigidez de alma que, em horas de felicidade, nunca poderíamos imaginar. Uma calma, ainda mais terrível, na verdade, do que a tempestade, aquietou as violentas batidas de meu coração – uma calma como aquela do jogador, do suicida e do assassino, quando o último dado está prestes a ser lançado – enquanto a taça envenenada está nos lábios – como se o golpe da morte estivesse para ser desferido.

As horas transcorreram assim – horas que poderiam inscrever a velhice no rosto do jovem imberbe e tornar grisalho o sedoso cabelo do infante – horas, enquanto o caótico tumulto continuou, enquanto cada terrível rajada ultrapassava em fúria a antecessora e nosso bote pendurava-se na onda que quebrava e então, disparava pelo vale abaixo e tremia e girava entre os líquidos precipícios que mais pareciam se encontrar acima dele. Por um momento a tempestade pausou e o oceano afundou-se em um silêncio comparativo – era um intervalo sem respiração; o vento que, como um experiente saltador, concentrava-se antes de pular, agora com terrível estrondo disparava pelo mar e as ondas atingiam nossa popa. Adrian exclamou que o timão partira-se; – “Estamos perdidos”, bradou Clara, “Salvem-se – Oh, salvem-se!” O relâmpago mostrou-me a pobre garota, meio enterrada na água, ao fundo do barco; ela estava afundando quando Adrian pegou-a e sustentou-a em seus braços. Estávamos sem o timão – corremos primeiro para a proa, por entre os enormes vagalhões empilhados acima de nossas cabeças – eles quebravam por cima e enchiam o pequeno barco; ouvi um grito – um grito de que já éramos, eu exprimi; encontrei-me nas águas; a escuridão estava ao meu redor. Quando a luz da tempestade lampejou, vi a quilha

de nosso barco virado perto de mim – agarrei-me a ela, segurando com mãos e unhas apertadas, enquanto eu tentava, durante cada lampejo, descobrir o paradeiro de meus companheiros. Pensei ter visto Adrian próximo a mim, agarrando-se a um remo; pulei de minha posição e com energia além de minha força humana, atirei-me nas águas enquanto lutava para ter o controle dele. Assim que essa esperança esvaiu-se, o amor instintivo pela vida se me animou e os sentimentos de contenda lutavam contra mim como se fossem hostis. Eu enfrentava as vagas e arremessava-as de mim, como eu faria com a fronte oposta e as afiadas garras de um leão prestes a apresar meu peito. Quando eu havia sido atingido por uma onda, erguia-me em outra, enquanto um amargo sentimento encrespava meu lábio.

Desde que a tempestade carregava-nos para perto da praia, nunca tínhamos atingido uma distância maior dela. Em cada lampejo, eu via a costa bordejante; embora o progresso que eu fazia era pequeno, pois cada onda, enquanto recuava, levava-me de volta aos distantes abismos do oceano. Em um momento, senti meus pés tocarem a areia, e então, novamente, eu estava nas profundas águas; meus braços começaram a perder sua força de movimento; minha respiração falhava-me sob a influência das sufocantes águas – mil pensamentos selvagens e delirantes se me cruzaram: ainda que eu possa relembrá-los, meu sentimento principal era, quão doce seria se eu pudesse repousar minha cabeça na tranquila terra, onde os vagalhões não mais pudessem atingir meu corpo enfraquecido, nem o som das águas soar em meus ouvidos – para obter tal repouso, não para salvar minha vida, fiz um último esforço – a acolhedora praia subitamente se me apresentou a uma caminhada de mim. Eu levantei-me, mas fui novamente tolhido pela rebentação – um ponto rochoso ao qual eu podia me agarrar, deu-me um alívio

momentâneo; e então, aproveitando-me da vazante das ondas, corri para frente – ganhei as areias secas e caí sem sentido sobre os juncos cheios do limo que se espargia sobre eles.

Devo ter permanecido muito tempo desacordado; pois quando pela primeira vez, com um sentimento doentio, abri meus olhos, a luz da manhã encontrou-os. Uma grande mudança havia ocorrido no entretempo: a aurora acinzentada salpicou as nuvens esvoaçantes, que avançavam, deixando visíveis em intervalos amplos lagos de puro éter. Uma fonte de luz surgiu em um crescente fluxo do leste, atrás das ondas do Adriático, transformando o cinza em uma tonalidade rósea e, então, inundando o céu e o mar de um etéreo ouro.

Uma espécie de estupor seguiu-se ao meu desmaio; meus sentidos estavam vivos, mas a memória, extinta. A abençoada folga foi breve – uma serpente se me espreitava próxima, para me picar de volta para a vida – eu tinha despertado na primeira emoção retrospectiva, mas meus membros recusavam-se a me obedecer; meus joelhos tremiam e os músculos haviam perdido todo o seu poder. Eu ainda acreditava que poderia encontrar algum dos meus amados companheiros jogados como eu, semivivos, na praia; e eu lutei de todas as maneiras para devolver ao meu corpo o uso de suas funções animais. Torci o sal de meu cabelo; e os raios do sol poente logo me visitaram com ameno calor. Com a restauração dos meus poderes corpóreos, minha mente tornou-se, em algum grau, ciente do universo de miséria, de agora em diante a ser sua morada. Corri para a beira d’água, gritando os amados nomes. O oceano bêbado, absorvendo minha frágil voz, respondia com seu impiedoso bramir. Subi em uma árvore próxima: as planas areias delimitadas por uma floresta de pinheiros e o mar, cortado pelo horizonte, era tudo o que eu podia discernir. Em vão estendi minhas buscas pela praia; o

mastro que tínhamos lançado fora do barco, com o cordame emaranhado e os restos de uma vela, era a única relíquia que a terra recebera de nosso naufrágio. Às vezes eu parava e torcia minhas mãos. Eu acusava a terra e o céu – a máquina universal e a Toda-Poderosa força que os desorientara. Novamente eu atirei-me no areal e então, com o lamentoso vento, imitando um choro humano, ericei-me a esperança amarga e falaciosa. Certamente, se algum pequeno barco ou a menor das canoas estivesse perto, eu teria buscado as selvagens planícies do oceano, encontrado os caros restos dos meus amados e, agarrando-me a eles, teria compartilhado seu túmulo.

Assim passou-se o dia; cada momento continha a eternidade; embora quando hora após hora despedira-se, eu surpreendia-me com o rápido avançar do tempo. Ainda mesmo agora eu não havia bebido a amarga poção das borras; eu ainda não estava convencido da minha perda; ainda não sentia, em cada pulsação, em cada nervo, em cada pensamento, que eu permanecia o último da minha raça – que eu era o ÚLTIMO HOMEM.

O dia nublou-se e uma garoa começou a cair ao pôr do sol. Até os eternos céus choram, eu pensei; há alguma vergonha, portanto, em que o mortal homem desfaça-se em lágrimas? Relembrei as antigas fábulas, nas quais os seres humanos são descritos como se se dissolvessem pelo choro em fontes que sempre jorram. Ah! Que assim fosse; e então, meu destino seria, de alguma forma, semelhante à morte pelas águas de Adrian e de Clara. Oh! A tristeza é fantástica; tece uma teia com a qual rastreia a história de sua agonia desde todas as formas e mudanças ao redor; incorpora-se a toda natureza viva; encontra sustento em cada objeto; tão leve, preenche todas as coisas e, como a luz, concede suas próprias cores a tudo.

Vagueara em minha busca a alguma distância do local onde eu havia sido jogado e cheguei a um destes faróis, que em distâncias definidas cobrem o litoral italiano. Eu estava feliz pelo abrigo, feliz por encontrar um trabalho para mãos humanas, depois de ter mirado por tanto tempo a lúgubre esterilidade da natureza; assim, adentrei e subi a dura e sinuosa escadaria até o posto de guarda. Tanto era o destino bondoso, que nenhum angustiante vestígio restara de seus antigos habitantes; algumas pranchas estendiam-se por dois cavaletes de ferro e salpicada de folhas secas de milho, era a cama que se me apresentava; e uma caixa aberta, contendo alguns biscoitos esfarelados, despertou a fome, que talvez já existisse, mas da qual até então eu não estava ciente. A sede, também, violenta e ressecante, resultado da água que eu bebera do mar e da exaustão de meu corpo, atormentava-me. A bondosa natureza havia presenteado os víveres para tais necessidades com prazerosas sensações, então, assim que eu – mesmo eu! – refresquei-me e acalmei-me, enquanto comia esta lamentável refeição e bebia um pouco do amargo vinho que enchia pela metade um cantil deixado nessa abandonada morada. Então, estirei-me na cama, não para ser desdenhado como vítima de um naufrágio. O cheiro terreno das folhas secas era um bálsamo para o meu sentido depois do detestável odor das algas marinhas. Esqueci do meu estado de solidão. Eu não olhava para trás, nem para frente; meus sentidos apressaram-se em repousar; adormeci e sonhei de todas as cenas queridas em terra, de preparadores de feno, do assobio do pastor ao seu cão, quando ele exigia sua ajuda para levar o rebanho ao curral; de visões e sons peculiares à vida de montanhês de minha infância, de que há muito eu esquecera.

Despertei em dolorosa agonia – pois eu sonhara que o oceano, ultrapassando seus limites, levava consigo o fixo

continente e as montanhas profundamente arraigadas, junto com os riachos que eu amava, as florestas e os rebanhos – encolerizava-se ao redor, com aquele contínuo e terrível estrondo que acompanhara o último náufrago da sobrevivente humanidade. Enquanto meu senso de despertar retornava, as paredes nuas do posto de guarda fechavam-se sobre mim e a chuva ressoava na única janela. Quão terrível é submergir do esquecimento do sono para o opressor conhecimento do desastre inalterado! – Assim se passava comigo, agora e para sempre! O aguilhão de outras mágoas poderia ser entorpecido com o tempo; e mesmo a minha cedia às vezes, durante o dia, para o prazer inspirado pela imaginação ou pelos sentidos; mas eu nunca olhara antes para a luz da manhã apenas com meus dedos pressionados fortemente contra meu coração oprimido e minha alma inundada com a enchente interminável da desesperançada miséria. Agora, eu despertava pela primeira vez no mundo morto – despertava sozinho – e a monótona canção do mar, ouvida mesmo entre a chuva, levava-me a refletir sobre o miserável que eu me tornara. O som vinha como uma reprovação, uma zombaria – como a pontada de remorso na alma – suspirei – as veias e os músculos de minha garganta inflaram-se, sufocando-me. Coloquei meus dedos em minhas orelhas, enterrei minha cabeça nas folhas de minha cama, eu teria mergulhado ao centro para não mais ouvir aquele medonho lamento.

Mas outra tarefa devia ser minha – novamente eu visitei a detestada praia – novamente eu, em vão, procurei por toda a parte – novamente gritei para não obter resposta, erguendo a única voz que poderia outra vez forçar o mudo ar a pronunciar uma sílaba do pensamento humano.

Que ser deplorável, desamparado e desconsolado eu era! Meu próprio aspecto e vestes contavam a história

de meu desespero. Meu cabelo estava emaranhado e selvagem – meus membros manchados pelo salgado limo; ainda no mar, tinha me desfeito das roupas que me estorvavam e a chuva ensopara a fina roupa de verão que eu retivera – meus pés estavam descalços e os atrofiados juncos e as conchas quebradas fizeram-lhes sangrar – o instante, eu correra para todos os lados, agora olhando gravemente para alguma rocha distante que, ilhada pela areia, trazia por um minuto uma aparência enganosa – agora, com olhos lampejantes, reprovando o assassino oceano por sua indizível crueldade.

Por um momento, comparei-me ao monarca da destruição – Robinson Crusoé. Ambos tínhamos sido lançados solitários – ele na praia de uma ilha desolada: eu, em um mundo desolado. Eu era rico dos assim chamados bens da vida. Se eu virasse meus passos contra o cenário estéril próximo e adentrasse por uma das milhões de cidades da terra, eu deveria encontrar sua riqueza armazenada para a minha acomodação – roupas, alimentos, livros e a escolha de residir além do comando dos príncipes de tempos antigos – cada clima estava sujeito à minha escolha, enquanto ele era obrigado a trabalhar duro pela aquisição de tudo o que era necessário e era o habitante de uma ilha tropical, contra tais calores e tempestades poderia procurar um pequeno abrigo. – Vendo assim a questão, quem não teria preferido os divertimentos sibaritas que eu poderia comandar, o lazer filosófico e os amplos recursos intelectuais, a esta vida de trabalho e perigo? Porém, ele era mais feliz do que eu: pois ele poderia esperar e não em vão – o navio destinado ao fim chegou, para trazê-lo aos seus compatriotas e familiares, onde os eventos de sua solidão tornaram-se uma história contada ao pé da lareira. A ninguém eu nunca poderia relatar a trama de minha adversidade; eu não tinha esperança. Ele sabia

que, além do oceano que sitiava sua solitária ilha, milhares também viviam sob o sol que o iluminava: sob o sol do meridiano e a visitante lua, apenas eu carregava os traços humanos; apenas eu poderia articular o pensamento; e, quando eu dormia, tanto o sol quanto a lua não eram observados por ninguém. Ele fugira de seus companheiros e emocionou-se com terror ao ver uma pegada humana. Eu teria me ajoelhado e cultuado-a. O selvagem e cruel caribenho, o impiedoso canibal – ou, pior que estes, o grosseiro, bruto e sem remorsos veterano nos vícios da civilização, ter-me-iam sido um amado companheiro, um tesouro caramente apreciado – sua natureza seria a mesma que a minha; sua forma, feita pelo mesmo molde; o sangue humano fluiria pelas suas veias; uma simpatia humana deveria nos vincular para sempre. Não pode ser que eu nunca mais observe um ser igual a mim! – nunca! – nunca! – não no decorrer dos anos! – Devo eu despertar e falar com ninguém, passar as intermináveis horas, minha alma, ilhada no mundo, um ponto solitário, cercado pelo vácuo? O dia seguir-se-á ao dia interminavelmente, portanto? - Não! Não! Um Deus governa a terra – a providência não trocou seu cetro dourado pelo aguilhão de uma víbora. Longe! Deixe-me fugir do oceano que é um túmulo, deixe-me partir deste estéril refúgio, abatido, como é, do acesso à sua própria desolação; deixe-me trilhar mais uma vez as cidades pavimentadas; pisar sobre os portais das moradas dos homens e mais certamente eu deverei descobrir este pensamento como uma horrível visão – um sonho enlouquecedor, porém, esvaecido.

Adentrei por Ravena (a cidade mais próxima ao lugar onde eu fora lançado) antes que o segundo sol houvesse se posto sobre o vazio mundo; vi muitas criaturas vivas; bois, cavalos e cães, mas entre eles não havia nenhum homem; entrei em uma cabana, estava vazia; subi os degraus de mármore de um palácio, os morcegos e as

corujas estavam aninhados na tapeçaria; pisei suavemente, para não despertar a cidade adormecida: repreendi um cão que, com seu latido, perturbava a sagrada quietude; eu não acreditava que tudo era como parecia – O mundo não estava morto, mas eu enlouqueci; estava privado de visão, audição e tato; eu estava padecendo sob o efeito de um feitiço, que me permitia observar todas as imagens da terra com exceção de seus habitantes; eles estavam prosseguindo com seus trabalhos cotidianos. Cada casa tinha seu morador; mas eu não poderia percebê-los. Se pudesse ter me iludido com uma crença deste tipo, eu deveria estar mais satisfeito. Mas meu cérebro, com sua tenaz razão, recusou-se a ceder a tais imaginações – e embora me empenhasse para interpretar o excêntrico para mim mesmo, eu sabia que eu, a descendência do homem, durante longos anos o único entre muitos – agora permanecia o único sobrevivente da minha espécie.

O sol afundou-se atrás das serras ao oeste; eu jejuara desde a tarde anterior, mas, embora tonto e cansado, evitei comer, nem parei, enquanto houvesse ainda um raio de luz, de percorrer as solitárias ruas. A noite chegou e enviou todas as criaturas vivas, menos eu, ao peito de seu consorte. Era meu conforto aliviar a agonia mental pelo sacrifício pessoal – entre mil camas ao redor, não busquei o luxo de nenhuma; deitei-me no pavimento – um frio degrau de mármore serviu-me como travesseiro – a madrugada veio; e então, embora não antes, minhas cansadas pálpebras fecharam a visão das cintilantes estrelas e do seu reflexo no calçamento próximo. Assim eu passei a segunda noite de minha desolação.

CAPÍTULO X

DESPERTEI pela manhã, assim que as janelas superiores das imponentes casas receberam os primeiros raios do sol nascente. Os pássaros estavam gorjeando, empoleirados nos parapeitos das janelas e nas abandonadas soleiras das portas. Despertei e o meu primeiro pensamento foi o de que Adrian e Clara estavam mortos. Eu não mais seria saudado pelos seus bom dias – ou passaria o dia em sua companhia. Eu nunca mais os veria. O oceano roubara-me deles – furtado seus corações de amor de seus peitos e entregado à corrupção o que me era mais caro do que a luz, a vida, ou a esperança.

Eu era um inculto pastor quando Adrian dignou-me a me conferir sua amizade. Os melhores anos de minha vida foram passados com ele. Tudo o que possuía de bens deste mundo, da felicidade, conhecimento ou virtude – eu devia-os a ele. Em sua pessoa, seu intelecto e suas raras qualidades, ele dera uma glória à minha vida, a qual sem ele nunca teria conhecido. Além de todos os outros seres, ele ensinara-me que a bondade, pura e simples, pode ser um atributo do homem. Era uma visão de anjos reunir-se para observar, vê-lo liderar, governar e consolar os últimos dias da raça humana.

Minha encantadora Clara também se me perdera – ela, que era a última das filhas do homem, exibia todas aquelas virtudes femininas e virginais que os poetas, pintores e escultores tentaram, em suas várias linguagens, expressar. Contudo, ao que tangia à ela, poderia eu lamentar que fosse retirada precocemente do certo advento da miséria? Pura ela era de alma e todos

os seus intentos eram sagrados. Mas seu coração era o trono do amor e a sensibilidade que sua encantadora compleição exprimia era a profetisa de muitos lamentos, porém profundos e terríveis, porque ela sempre os teria ocultado.

Esses dois maravilhosamente dotados seres foram poupados do naufrágio universal para serem meus companheiros durante o último ano de solidão. Eu sentira, enquanto estiveram comigo, todo o seu valor. Eu estava ciente de que qualquer outro sentimento, arrependimento ou paixão tinha, aos poucos, fundido-se em uma saudosa e aferrada afeição por eles. Eu não me esquecera da doce parceira de minha juventude, mãe de meus filhos, minha adorada Idris; mas eu via, por fim, uma parte de seu espírito viver novamente em seu irmão; e depois, com a morte de Evelyn, eu perdera o que de mais querido fazia-me lembrar dela; eu consagrei sua memória na forma de Adrian e tentei misturar as duas queridas ideias. Eu toco as profundezas de meu coração e tento, em vão, de lá extrair as expressões que podem tipificar meu amor por estes remanescentes da minha raça. Se o arrependimento e a mágoa viessem ao meu lado, como era possível em nossa solitária e incerta condição, os límpidos tons da voz de Adrian e seu olhar fervente dissipavam a tristeza; ou eu era inconscientemente animado pelo suave contentamento e pela doce resignação manifestada pela tranquila fronte e os profundos olhos azuis de Clara. Eles eram tudo para mim – os sóis de minha alma sombria – repouso em meu cansaço – sono em minha insone angústia. Mal, muito mal, com palavras desarticuladas, desprovido e fraco, eu tenho expressado o sentimento com o qual eu me agarrava a eles. Eu teria me enroscado, como a hera inextricavelmente ao redor deles, para que o mesmo golpe pudesse nos destruir. Eu teria entrado e tornado-me uma parte deles – para que

Se a insípida substância de minha carne fosse pensamento[{116}],

ainda agora eu os teria acompanhado à sua nova e incomunicável morada.

Nunca mais eu os deveria ver. Fui privado de suas caras conversas – privado da visão deles. Sou uma árvore destroçada por um raio; nunca a cortiça cobrirá as fibras nuas – sua trêmula vida, rasgada pelos ventos, nunca receberá o alívio de um bálsamo momentâneo. Estou sozinho no mundo – mas essa expressão ainda é menos carregada de miséria do que a de que Adrian e Clara estão mortos.

A maré de pensamento e sentimento flui sempre a mesma, embora as margens e as formas ao redor, que governam seu curso e o reflexo sobre a onda, variem. Assim, o sentimento da perda imediata, de alguma maneira, decaiu, enquanto aquele de total e irremediável solidão crescia em mim, com o tempo. Vagueei três dias por Ravena – agora pensando apenas nos amados seres que dormiam nas limosas cavernas do oceano – agora olhando para a frente no terrível vazio diante de mim; tremendo a cada passo – retorcendo a cada mudança que marcava o progresso das horas.

Por três dias eu perambulei desorientado nesta melancólica cidade. Passei horas inteiras indo de casa em casa, tentando detectar algum sinal à espreita da existência humana. Às vezes eu tocava uma campainha; tilintava pelos abobadados cômodos e o silêncio seguia-se ao som. Eu sabia-me desesperançado, ainda assim eu esperava; e embora o desapontamento antecipasse-se às horas, penetrando a fria e afiada lâmina que primeiro perfurava-me, até a dolorosa ferida supurar. Comia como uma besta selvagem, que captura seu alimento apenas quando aguilhoada pela intolerável fome. Eu não

mudara de roupas ou procurara pelo abrigo de um telhado, durante todos esses dias. O calor abrasivo, a irritação nervosa, um ininterrupto, mas confuso, raciocínio, noites insones e os dias movidos por um frenesi de agitação, se me apoderaram durante aqueles tempos.

Enquanto a febre de meu sangue aumentava, um desejo de vaguear se me acometeu. Relembro que, assim que o sol pôs-se no quinto dia após meu naufrágio, eu, sem propósito ou objetivo, deixe a cidade de Ravena. Eu devo ter estado muito mal. Estivesse eu possuído por, mais ou menos, um delírio, e aquela noite teria sido, seguramente, a minha última; pois, enquanto eu continuava a caminhar pelas margens do Mantone, cuja corrente ascendente seguia, eu olhava saudoso para o rio, reconhecendo para mim mesmo que suas diáfanas ondas poderiam curar minhas aflições para sempre e era incapaz de responsabilizar-me pela minha tardança em procurar sua proteção das envenenadas setas de pensamento que me perfuravam mais e mais. Caminhei uma considerável parte da noite e o cansaço excessivo, ao fim, conquistou minha repugnância de me aproveitar das desertas habitações da minha espécie. A lua minguante, que acabara de subir, mostrou-me uma cabana, cuja limpa entrada e o aparado jardim lembraram-me da minha própria Inglaterra. Ergui o trinco da porta e entrei. Uma cozinha primeiro apresentou-se, onde, guiado pelos raios da lua, encontrei materiais para acender a luz. Dentro havia um dormitório; a cama estava arrumada com lençóis brancos como a neve; a madeira, empilhada na lareira e, estando tudo em ordem para o jantar, quase me enganei com a cara crença de que aqui encontrara o que tanto buscara – um sobrevivente, um companheiro para minha solidão, um consolo para meu desespero. Fiz-me encouraçado contra a ilusão; a própria sala estava vazia:

era apenas prudente, repetia a mim mesmo, examinar o resto da casa. Imaginei que eu era a prova contra a expectativa; porém, meu coração batia audível, enquanto eu punha minha mão nas fechaduras de cada porta e afundava-se novamente, quando eu percebia em cada uma a mesma ausência. Eram escuras e silenciosas como cofres; então eu voltei para a primeira câmara, imaginando qual invisível anfitrião ordenara os materiais para meu repasto e meu repouso. Arrastei uma cadeira para a mesa e examinei quais eram os mantimentos dos quais eu deveria partilhar. Na verdade, era uma festa morta! O pão estava azul e bolorento; sobre o queijo amontoava-se o pó. Não ousei examinar os outros pratos; uma tropa de formigas passava em uma linha dupla sobre a toalha da mesa; cada utensílio estava coberto de poeira, de teias de aranha e miríades de moscas mortas: aqueles eram objetos, um e todos, predizendo a falácia de minhas expectativas. As lágrimas afluíram aos meus olhos; certamente era uma travessa exibição do poder do destruidor. O que fizera eu, para que cada nervo sensível assim fosse anatomizado? Ainda, por que reclamo mais agora do que nunca? Esta cabana abandonada não revelava nenhuma nova tristeza – o mundo estava vazio; a humanidade estava morta – eu sabia-o bem – por que então disputar contra uma verdade reconhecida e sem novidade? Ainda, como eu disse, eu esperara, na própria essência do desespero, que cada nova impressão da mal acabada realidade em minha alma trouxesse consigo uma nova pontada, dizendo-me que a ainda não estudada lição, que nem a mudança de lugar ou do tempo poderia trazer alívio à minha miséria, mas que, assim como agora era, eu deveria continuar, dia após dia, mês após mês, ano após ano, enquanto eu vivesse. Eu dificilmente ousava conjeturar em qual espaço de tempo essa expressão implicava. Com efeito, eu já não era mais a primeira

vergonha da humanidade; nem eu declinara tão fundo no vale dos anos – os homens chamaram a minha vida de plenitude: eu acabara de completar trinta e sete anos; cada membro estava ainda bem unido, cada articulação estava intacta de quanto eu trabalhava como pastor nas serras da Cúmbria; e com estas vantagens eu deveria começar a seguir minha vida solitária. Tais eram as reflexões que me conduziram ao sono naquela noite.

O abrigo, porém, e um repouso mais tranquilo do qual desfrutei, devolveram-me, na manhã seguinte, uma grande parte da saúde e da força, maiores do que eu tivera-as desde meu fatal naufrágio. Entre os suprimentos que eu descobrira vasculhando a cabana, na noite anterior, estava uma porção de uvas-passa; estas me refrescaram pela manhã, enquanto deixei meu alojamento e segui adiante para uma cidade que eu discernia a uma distância não muito grande. O quanto eu poderia adivinhar, deveria ser Forli. Adentrei com prazer pelas suas amplas e gramadas ruas. Tudo, com efeito, retratava o excesso de desolação; entretanto, eu amava me encontrar naqueles locais que haviam sido a morada de meus semelhantes. Eu deliciava-me ao atravessar rua após rua, olhar para as altas casas e repetir para mim mesmo que, uma vez, contiveram seres similares a mim – eu não fui sempre a ruína que era agora. A ampla praça de Forli, a arcada ao redor, seu leve e agradável aspecto animaram-me. Eu estava feliz com a ideia de que, se a terra fosse novamente repovoada, nós, a raça perdida, teríamos, nas relíquias deixadas, apresentado uma exibição nada desprezível de nossos poderes aos recém-chegados.

Entrei em um dos palácios e abri a porta de um magnífico salão. Assustei-me – olhei novamente com renovado espanto. Que selvagem de aparência enlouquecida, desgrenhado e seminu estava diante de mim? A surpresa foi momentânea.

Percebi que era eu mesmo quem olhava em um grande espelho ao final do corredor. Não é uma surpresa que o amante da principesca Idris não se reconheça no miserável objeto ali retratado. Minha roupa esfarrapada era a mesma com que eu tinha me rastejado semivivo do tempestuoso mar. Meu comprido e emaranhado cabelo pendia em traquinos cachos sobre minha fronte – meus olhos escuros, agora ocos e selvagens, brilhavam sob eles – meu rosto estava descolorado pela icterícia, que (o efeito da miséria e do descaso) cobria minha pele e que estava em parte escondida por uma barba de muitos dias.

Contudo, por que eu não deveria permanecer assim, pensei; o mundo estava morto e este esquálido vestuário é um luto mais apropriado do que a casquilharia de um terno preto. E assim, parecia-me, deveria permanecer, não fosse a esperança, sem a qual não acredito que o homem pudesse existir, me sussurrado que, em tal situação, eu seria um objeto de medo e aversão ao ser, preservado não sei onde, mas que apaixonadamente confiava que, por fim, iria encontrar. Irão meus leitores zombar da vaidade, que me fez vestir com algum cuidado para o bem deste visionário ser? Ou perdoarão as sandices desta quase enlouquecida imaginação? Eu posso facilmente perdoar-me – pois a esperança, embora vaga, era-me tão querida e um sentimento de prazer de rara ocorrência, que eu prontamente cedi à ideia que o acalentava ou prometia qualquer recorrência da anterior ao meu entristecido coração. Depois de tal ocupação, visitei cada rua, ruela e refúgio de Forli. Essas cidades italianas tinham uma aparência de ainda maior desolação do que aquelas da Inglaterra e da França. A peste aparecera aqui primeiro – terminara seu curso e concluíra seu trabalho muito mais rápido do que conosco. Provavelmente, o último verão já não encontrara mais nenhum ser humano vivo, por toda a

faixa que incluía as praias da Calábria e os Alpes, ao norte. Minha procura era extremamente vã, embora eu não me acovardasse. A razão, parecia-me, estava ao meu lado; e as chances não eram, de maneira alguma, desprezíveis, de que deveria existir em alguma parte da Itália um sobrevivente como eu mesmo – de um mundo destruído e despovoado. Assim, portanto, eu perambulava pela cidade vazia, elaborando meu plano para as operações futuras. Continuaria minha jornada em direção à Roma. Depois de ter me satisfeito, por uma fina busca que não deixaria para trás nenhum ser humano nas cidades pelas quais eu passaria, escreveria nas evidentes partes de cada uma, com tinta branca, em três idiomas, “Verney, o último da raça dos ingleses, estabelecera morada em Roma”.

Ao seguir este esquema, entrei em uma loja para pintores e busquei eu mesmo a tinta. Era estranho que uma ocupação tão trivial tivesse consolado, e até mesmo, me revivido. Mas a tristeza torna algo infantil, desesperadoramente fantástico. A essa simples inscrição, simplesmente acrescentei a súplica, “Venha, amigo! Espero por ti! – *Deh, vieni! ti aspetto*!”. Na manhã seguinte, com algo parecido com a esperança por companheira, abandonei Forli e segui para Roma. Até agora, o passado agoniado e os terríveis prospectos para o futuro ferroavam-me quando desperto e acalentavam-me ao meu repouso. Muitas vezes eu entregara-me à opressão da angústia - muitas vezes eu determinava um final veloz para os meus pesares; e a morte pelas minhas próprias mãos era uma solução, cuja viabilidade até me animava. O que mais eu poderia temer no outro mundo? Se houvesse um inferno e fosse condenado a ele, eu deveria me tornar um adepto do sofrimento de suas torturas - o ato era fácil, o rápido e certo fim de minha deplorável tragédia. Mas agora, estes pensamentos esvaíam-se antes da recém-nascida expectativa. Segui

meu caminho, não como antes, sentindo cada hora, cada minuto, como uma era repleta de incalculável dor.

Enquanto vagueava pela planície, aos pés dos Apeninos, – pelos seus vales e sobre seus desertos picos, meu caminho conduzia-me pelo país que fora pisado por heróis, visitado e admirado por milhares. Eles tinham, como uma onda, retraído-se, deixando-me desolado e nu no entretempo. Mas por que reclamar? Eu não esperava? – então eu eduquei-me, mesmo depois que o reanimador espírito deixou-me e assim fui obrigado a convocar toda a força que eu poderia reunir, e que não era muita, para evitar uma recorrência daquele caótico e intolerável desespero, que se sucedera ao miserável naufrágio, que consumira todo o medo e lançara à aniquilação toda a alegria.

Eu levantava-me diariamente com o sol da manhã e deixava minha desolada estalagem. Enquanto meus pés vagueavam pelo despovoado país, meus pensamentos erravam pelo universo e eu era menos miserável quando eu pudesse, absorvido em devaneios, esquecer da passagem das horas. À tarde, apesar do cansaço, eu detestava entrar em qualquer residência para lá estabelecer minha morada noturna – eu sentava-me, hora após hora, na porta da cabana que eu selecionara, incapaz de erguer o trinco e encontrar-me com o desolado abandono face a face. Muitas noites, embora a névoa do outono espalhasse-se, eu passava sob um azevinho – muitas vezes eu jantava as bagas de arbusto e castanhas, fazendo fogo, como um cigano, no chão – porque o selvagem e natural cenário lembrava-me com menos agudeza de meu desesperançado estado de solidão. Eu contava os dias e trazia comigo uma vara descascada de um salgueiro, na qual, tão bem quanto poderia relembrar, havia entalhado os dias que se passaram desde meu naufrágio e a cada noite eu adicionava outra unidade à melancólica soma.

Eu havia me esforçado para subir a serra que levava a Spoleto. Ao redor estendia-se uma planície, envolta pelos Apeninos cobertos de castanheiras. Uma escura garganta abria-se de um lado, abarcada por um aqueduto, cujos altos arcos estavam enraizados no vale abaixo e atestavam que o homem uma vez dignara-se a investir de trabalho e pensamento sobre este lugar, para adornar e civilizar a natureza. A natureza, selvagem e ingrata, que em louca diversão desfigurara seus restos, ressaltando seu facilmente renovado e frágil crescimento de flores selvagens e plantas parasitas ao redor de seus edifícios eternos. Sentei-me em um fragmento de rocha e olhei em volta. O sol banhara em ouro a ocidental atmosfera e ao leste as nuvens capturavam o brilho e brotavam em breve encanto. Ajustava-se um mundo que continha apenas a mim como habitante. Peguei meu bastão – contei as marcas. Vinte e cinco já estavam traçadas – vinte e cinco dias já tinham se passado, desde que a voz humana alegrara meus ouvidos ou a feição humana encontrara meu olhar. Vinte e cinco longos e cansativos dias, sucedidos por escuras e solitárias noites, misturavam-se com precedentes anos e tornaram-se uma parte do passado – o nunca a ser lembrado – uma porção real e inegável de minha vida – vinte e cinco longos, longos dias.

Por que não era isso um mês! – Por que falar de dias – ou de semanas – ou de meses – eu deveria segurar os anos em minha imaginação, se eu verdadeiramente retrataria o futuro a mim mesmo – três, cinco, dez, vinte, cinquenta aniversários daquela época fatal poderiam se passar – cada ano contendo doze meses, cada um de mais numerosos cálculos em um diário do que os vinte e cinco dias percorridos – Pode ser? Será? – Acostumáramos a ansiar pela morte, trêmulos – porque, então, seu lugar era obscuro? Porém, mais terrível e ainda mais obscuro, era o curso revelado de meu

solitário futuro. Quebrei meu bastão; joguei-o fora. Não precisava mais recordar da polegada e do crescimento como o grão de cevada da minha vida, enquanto meus intranquilos pensamentos criavam outras divisões, além daquelas dominadas pelos planetas – e, ao olhar para trás para o tempo que se passou desde que eu estivera sozinho, desdenhei dar o nome dos dias e das horas aos espasmos de agonia que, com efeito, dividia-os.

Escondi meu rosto em minhas mãos. O gorjear dos jovens pássaros, indo repousar e seu rumorejar entre as árvores, perturbavam o ar tranquilo da tarde – os grilos cricrilavam – a coruja arrulhava de tempos em tempos. Meus pensamentos tinham sido de morte – esses sons falavam a mim de vida. Ergui meus olhos – um morcego rodopiava ao redor – o sol tinha se afundado atrás da recortada linha de montanhas e a pálida lua crescente estava visível, translúcida, entre o alaranjado pôr do sol e acompanhada por uma estrela brilhante, prolongando assim o crepúsculo. Uma manada de gado passou pelo vale abaixo, abandonada, em direção ao seu lugar de refresco – a grama farfalhava com a gentil brisa e as oliveiras, abrandada em suaves massas pelo luar, contrastava seu verde marinho com a escura folhagem da castanheira. Sim, esta é a terra; não havia mudança – nem ruína – nenhum estrago feito em sua extensão verdejante; ela continuava a girar incessantemente, com o alternado dia e noite, pelo céu, embora o homem não a adorne nem a habite. Por que eu não poderia me esquecer como um daqueles animais e não mais sofrer o selvagem tumulto da miséria pela qual eu passava? Ainda, ah! Que mortal brecha abre-se entre aquele estado e o meu! Não têm eles companheiros? Não têm eles cada um seu par – seus queridos jovens, seu lar que, embora não exprimido para nós, é, não duvido, encarecido e enriquecido, mesmo aos olhos deles, pela companhia com que a bondosa natureza criara para

eles? Apenas eu estou sozinho – eu, neste pequeno cume, olhando para as planícies e aos recessos das montanhas – para o céu e sua estrelada população, ouvindo a cada som da terra e o ar e a murmurante onda – eu apenas não posso expressar para um companheiro meus muitos pensamentos, nem deitar minha palpitante cabeça em algum peito amado, nem beber dos olhares que se encontram uma umidade tóxica, que transcende o fabuloso néctar dos deuses. Devo eu então nem reclamar? Devo eu então não amaldiçoar o assassino mecanismo que ceifou os filhos dos homens, meus irmãos? Devo eu então não descarregar uma maldição sobre cada outro da descendência da natureza, que ousa viver e apreciar, enquanto eu vivo e sofro?

Ah, não! Disciplinarei meu entristecido coração para simpatizar com suas alegrias; serei feliz, porque tu assim és. Viva, inocentes, queridos escolhidos pela natureza; não sou muito diferente de vocês. Nervos, pulso, cérebro, juntas e carne, do que sou composto e vós sois organizados pelas mesmas leis. Eu possuo algo além disso, mas o chamarei de defeito e não de dote, se me conduz à miséria, enquanto vós sois felizes. Apenas quando, de lá emergidos, de um cadáver perto, dois bodes e um pequeno cabrito, pelo lado materno; eles começam a pastar sobre as ervas da serra. Cheguei próximo deles, sem que me percebessem; juntei um punhado de grama fresca e estendi-o; o pequeno aninhou-se perto de sua mãe, enquanto ela timidamente recuava. O macho avançou, fixando seus olhos em mim: aproximei-me, ainda segurando minha isca, enquanto ele, abaixando sua cabeça, correu para mim com seus chifres. Eu fora muito tolo; eu sabia, embora cedi à minha fúria. Agarrei um enorme fragmento de uma rocha; teria esmagado meu estouvado adversário. Eu equilibrei-a – mirei – e então meu coração falhou-me. Arremessei-a para longe do alvo; a pedra rolou

ruidosamente entre os arbustos do vale. Meus pequenos visitantes, todos apavorados, galoparam de volta para o abrigo da floresta; enquanto eu, meu próprio coração sangrando e partido, corri serra abaixo e, pela violência do esforço físico, busquei escapar de meu miserável eu.

Não, não, eu não viverei entre os selvagens cenários da natureza, o inimigo de tudo o que vive. Buscarei as cidades - Roma, a capital do mundo, a coroa dos feitos humanos. Entre suas célebres ruas, consagradas ruínas e os estupendos restos dos esforços humanos, eu não devo, como aqui, encontrar qualquer coisa que esqueça o homem; pisando sobre sua memória, desfigurando seus trabalhos, proclamando, de serra em serra e de vale em vale – pelas torrentes liberadas das fronteiras que se impunham – pela vegetação liberada das leis que se reforçavam – pela sua habitação abandonada ao míldio e às ervas, que seu poder está perdido, sua raça aniquilada para sempre.

Saudei o Tiber, pois era como se fosse uma possessão inalienável da humanidade. Saudei a selvagem Campagna, pois cada encruzilhada fora percorrida pelo homem; e sua bárbara ausência de cultivo, de longa data, apenas proclamava mais distinto seu poder, já que ele dera um honorável nome e um título sagrado para o que mais teria sido uma faixa estéril e sem valor. Entrei na Eterna Roma pela Porta del Popolo e saudei com pavor seu espaço honrado pelo tempo. A ampla praça, as igrejas próximas, a longa extensão do Corso, a contígua eminência do Trinità dei Monti parecendo um fantástico trabalho, estavam tão silenciosos, tão pacíficos e assim, tão belos. Era tarde; e a população de animais que ainda existia nessa poderosa cidade tinha ido descansar; não havia nenhum som, salvo o murmúrio de suas muitas fontes, cuja suave monotonia era harmônica à minha alma. O conhecimento de que eu estava em Roma aliviou-me; aquela cidade maravilhosa, muito mais

ilustre pelos seus heróis e sábios do que pelo poder que exerceu sobre as imaginações dos homens. Fui repousar naquela noite; o fogo eterno de meu coração foi debelado – meus sentidos, tranquilos.

Na manhã seguinte, eu ansiosamente comecei a vaguear pela busca do esquecimento. Subi aos muitos terraços do jardim do Palácio Colonna, sob cujo teto eu dormira; e saindo dele pelo seu cume, encontrei-me no Monte Cavallo. A fonte faiscava sob o sol; o obelisco acima perfurava o claro ar azul-escuro. As estátuas de cada lado, os trabalhos, como são inscritos, de Fídias e Praxiteles, permaneciam em inalterada grandeza, representando Castor e Pólux, que com poder majestoso domavam o empinado animal ao seu lado. Se esses ilustres artistas tiveram, com efeito, esculpido tais formas, quantas gerações que passaram sobreviveram ante suas gigantes proporções! E, agora, eram vistos pelo último da espécie para a qual foram esculpidos para representar e divinizar. Eu encolhera-me à insignificância em meus próprios olhos, enquanto considerava os multitudinários seres a que esses semideuses haviam dado vida, mas essa reflexão tardia devolveu-me à dignidade em meu próprio conceito. A visão da poesia eternizada nessas estátuas tomou o ferrão do pensamento, arrumando-o apenas em uma poética ideia.

Eu repetia para mim mesmo – estou em Roma! Eu observava, e como se fosse, conversar familiarmente com a maravilha do mundo, soberana patroa da imaginação, sobrevivente majestosa e eterna de milhões de gerações dos extintos homens. Esforcei-me para silenciar as mágoas do meu consternado coração ao, mesmo agora, interessar-me no que minha juventude havia ardentemente desejado ver. Cada parte de Roma é repleta de relíquias dos velhos tempos. As menores ruas estão espargidas com truncadas colunas e capitólios

quebrados – coríntios e jônicos, e faiscantes fragmentos de granito e pórfiro. As paredes das residências mais pobres encerravam um pilar canelado ou uma pesada pedra, que uma vez fez parte do palácio dos César; e a voz do tempo morto, em rígidas vibrações, exalava-se destes mudos objetos, animados e glorificados como se fosse pelo homem.

Abracei as vastas colunas do templo de Júpiter Stator, que sobrevive no espaço aberto que era o Fórum e, apoiando meu ardente rosto contra sua fria durabilidade, tentei afrouxar o senso de presente miséria e presente abandono, ao relembrar à perseguida célula de meu cérebro, vívidas memórias de tempos já idos. Regozijei-me com meu sucesso, enquanto imaginava Camilo, o Gracchi, Cato e o último dos heróis de Tácito, que resplandecem meteoros de insuperável fulgor durante a sombria noite do império; – enquanto os versos de Horácio e Virgílio ou as incandescentes frases de Cícero atropelavam-se pelas portas abertas em minha mente, eu sentia-me exaltado pelo há muito esquecido entusiasmo. Eu deliciava-me em saber que eu observava o cenário que eles observavam – o cenário que suas esposas e mães, e a turba desconhecida testemunhavam, enquanto ao mesmo tempo, honravam, aplaudiam ou lamentavam aqueles incomparáveis espécimes da humanidade. Ao fim, então, eu encontrara consolo. Eu não havia buscado em vão pelos famosos arredores de Roma – eu descobrira um remédio para as minhas muitas e vitais feridas.

Sentei-me aos pés destas vastas colunas. O Coliseu, cuja ruína nua é roubada pela natureza com um verdejante e brilhante véu, estendia-se à minha direita, à luz do sol. Não muito distante, à esquerda, estava a Torre do Capitólio. Arcos triunfais, as paredes caídas dos vários templos, espalhavam-se pelo chão aos meus pés. Decidi lutar para impor-me a ver a multidão Plebeia e as

altas formas Patrícias reunidas ao redor; e, enquanto o Diorama das eras passava pela minha subjugada fantasia, eram repostas pelo Romano moderno; o Papa, em sua branca estola, distribuindo bênçãos aos ajoelhados veneradores; o frade em seu capelo; a garota de olhos escuros, velada pela sua mezzera; o rústico, barulhento e queimado de sol, conduzindo sua horda de búfalos e bois ao Campo Vaccino. O romance com o qual, mergulhando seu lápis nos tons dos arco-íris do céu e na transcendente natureza, nós, em certa medida, desnecessariamente dotamos os italianos, substituindo a solene grandeza da antiguidade. Relembrei o escuro monge e as flutuantes figuras de “O Italiano”[{117}] e como meu adolescente sangue emocionara-se com a descrição. Recordei-me de Corina, subindo o Capitólio para ser coroada e passando da heroína para a autora, refleti como o Encantando Espírito de Roma mantinha soberano controle sobre as mentes daqueles que imaginavam, até que se apoiou em mim – único espectador remanescente de suas maravilhas.

Há muito fui envolvido por tais ideias: mas a alma cansa-se da fuga sem pausa; e, curvando de seus circuitos retorcidos mais e mais sobre este lugar, de repente dez mil profundas sondas pelo abismo do presente – em autoconhecimento – em tristeza dez vezes maior. Eu estimulei-me – despojei-me de meus sonhos despertos; e eu, que apenas agora podia quase ouvir os gritos da aglomeração romana e era apressado por incontáveis multidões, agora observava as desertas ruínas de Roma, dormindo sobre seu próprio céu azul; as sombras estendiam-se tranquilamente sobre o chão; as ovelhas pastavam sem cortejo pela Palatina e um búfalo passava pomposamente pela Via Sacra que conduzia ao Capitólio. Eu estava sozinho no Fórum; sozinho em Roma; sozinho no mundo. Não haveria um homem vivo – um companheiro em minha cansativa solidão, que

valesse toda a glória e o relembrado poder desta cidade honrada pelo tempo? A mágoa dupla – tristeza, oriunda das cavernas cimerianas, vestia minha alma de luto. As gerações que eu invocara à minha fantasia, contrastavam mais fortemente com o fim de tudo – o único ponto no qual, como uma pirâmide, o poderoso tecido de companhia terminara, enquanto eu, em vertiginosa altura, via espaços vagos ao meu redor.

De tais vagos lamentos eu voltei-me à contemplação das minúcias de minha situação. Até o momento, eu não tinha tido êxito no único objeto de meus desejos, o encontro de um companheiro para minha desolação. Porém, eu não me desesperava. Era verdade que minhas inscrições estavam em todas as partes, em insignificantes cidades e vilas; contudo, mesmo sem esses memoriais, era possível que a pessoa, que como eu deveria se encontrar sozinha em uma terra despovoada, deveria, como eu, vir para Roma. Quanto mais magra minha expectativa era, mais eu escolhia elaborá-la, para acomodar minhas ações a essa vaga possibilidade.

Tornava-se necessário, portanto, que por um tempo eu devesse me acostumar em Roma. Tornava-se necessário que eu encarasse meu desastre de frente – não interpretando o papel do aluno, de obediência sem submissão; resistindo à vida e ainda rebelando-se contra as leis pelas quais eu vivia.

Entretanto, como eu poderia me resignar? Sem amor, sem simpatia, sem comunhão com ninguém, como eu poderia encontrar o sol da manhã e com ele traçar sua frequentemente repetida viagem às sombras da tarde? Por que eu continuava a viver – por que não me despojar do cansativo peso do tempo e, com a minha própria mão, livrar o alvoroçado prisioneiro de meu peito agoniado? – Não era a covardia que me continha; pois a verdadeira força é resistir; e a morte tinha um som de alívio que a acompanhava, que facilmente seduzia-me a adentrar

pelo seu território. Mas isso eu não faria. Eu havia, desde o momento em que raciocinara sobre o tema, me instituído como sujeito ao destino e como servo da necessidade, as visíveis leis do invisível Deus – acreditei que minha obediência era o resultado de um sonoro raciocínio, puro sentimento e um senso exaltado da verdadeira excelência e nobreza de minha natureza. Pudesse eu ver, nesta terra vazia, com as estações e as suas mudanças, a mão apenas de um poder cego e mais dispostamente eu teria colocado minha cabeça no gramado, fechando meus olhos ao seu encanto para sempre. Mas o destino tinha ministrado a vida para mim, quando a peste já agarrara sua presa – ela puxara-me pelo cabelo das sufocantes ondas – Por tais milagres, ela trouxera-me a ela própria; eu admiti sua autoridade e inclinei-me aos seus decretos. Se, depois de madura consideração, tal era minha resolução, era duplamente necessário que eu não perdesse o fim da vida, a melhora de minhas faculdades e que não envenenasse seu fluxo com queixas intermináveis. Porém, como parar de se queixar, já que não há mão próxima para extrair a farpada seta que entrou na essência de meu coração? Estendi minha mão e ela não tocou nenhuma das sensações que correspondiam às minhas. Eu estava envolto, emparedado, coberto, por sétuplas barreiras de solidão. A mera ocupação, se eu pudesse me entregar a ela, seria capaz de proporcionar alívio ao meu insone senso de aflição. Tendo determinado em fazer de Roma minha morada, ao menos por alguns meses, eu fiz arranjos para me acomodar – selecionei meu lar. O Palácio Colonna era bem apropriado para meu propósito. Sua grandeza – seu tesouro de pinturas, suas magníficas salas, eram objeto de alívio e até de diversão.

Encontrei os silos de Roma bem fornidos de grãos e, particularmente, de milho indiano; sendo este menos exigente na preparação como alimento, escolhi-o como

principal sustento. Eu agora descobria que os sacrifícios e a imoralidade de minha juventude eram-me cobrados. Um homem não pode se desfazer de seus hábitos de dezesseis anos. Desde aquela idade, com efeito, eu vivera luxuosamente ou pelo menos cercado por todas as conveniências que a civilização proporcionara. Mas, antes daquele tempo, eu fora “tão rudemente um selvagem, como o fundador da velha Roma, cuidado pela loba” – e agora, na própria Roma, as propensões para o roubo e o pastoreio, similares àquelas de seu fundador, beneficiavam seu único habitante. Passei a manhã montando e caçando pela Campagna – percorri muitas horas em suas várias galerias – olhando para cada estátua e perdendo-me em devaneios perante uma bela Madonna ou uma bela ninfa. Frequentei o Vaticano e permaneci surpreso pelas formas marmóreas de divinal beleza. Cada deidade de pedra era possuída pela felicidade sagrada e pela eterna fruição do amor. Olhavam para mim com antipática complacência e frequentemente com loucos tons reprovei-as pela suprema indiferença – pois eram formas humanas, a divina forma humana manifestava-se em cada belo membro e traços. O molde perfeito trouxe consigo a ideia da cor e do movimento; com frequência, em parte em amarga zombaria, em parte em autoilusão, eu agarrava suas geladas proporções e, indo entre Cupido e os lábios de sua Psique, oprimia o inconcebível mármore.

Tentei ler. Visitei as bibliotecas de Roma. Selecionei um volume e, escolhendo algum recanto isolado e sombreado, às margens do Tiber ou oposto ao belo templo nos Jardins dos Bórgia ou sob a velha pirâmide de Céstio, tentei esconder-me de mim mesmo e mergulhar no assunto traçado nas páginas à minha frente. Como se no mesmo solo em que se planta a erva-moura e uma árvore de mirta, cada uma irá se apropriar

da terra, da umidade que lhes são administradas para fomentar suas muitas propriedades – assim minha tristeza encontrou sustento e poder de existência, e crescimento, no que mais teria sido um divino maná para alimentar a radiante meditação. Ah! Enquanto traço este papel com a história do que minhas chamadas ocupações eram – enquanto delineio o esqueleto dos meus dias – minha mão treme – meu coração ofega e meu cérebro recusa-se a conceder expressão ou frase ou ideia, pela qual eu possa descrever o véu de indizível lamento que revestia estas nuas realidades. Oh, puído e pulsante coração, possa eu dissecar suas fibras e dizer como, em cada completa miséria, lúgubre tristeza, lamentos e desespero, existiram? Possa eu relembrar minhas muitas alucinações – as loucas imprecações que lancei à torturante natureza – e como eu passei dias sem luz e sem alimento – sem nada, exceto o ardente inferno que vive em meu próprio peito?

Eu fui apresentado, no entretempo, a uma outra ocupação, mais apropriada a disciplinar meus melancólicos pensamentos, que se perderam para trás, sobre ruínas e, muitas vezes, por um florido bosque, até os recessos das montanhas, das quais em tenra idade eu primeiro emergira.

Durante uma de minhas perambulações pelas habitações de Roma, encontrei materiais escritos em uma mesa, o estudo de um escritor. Partes de um manuscrito estavam espalhadas. Continham uma profunda pesquisa sobre o idioma italiano; uma página era uma dedicatória não terminada para a posteridade, para cujo proveito o escritor tinha examinado e selecionado as sutilezas dessa harmoniosa linguagem – para cujo duradouro benefício ele legou seu trabalho.

Eu também escreverei um livro, exclamei – para quem ler? – a quem dedicar? E então com tolo floreio (o que mais tão caprichoso e infantil quanto o desespero?)

escrevi, DEDICADO AOS ILUSTRES MORTOS. SOMBRAS, ERGAM-SE E LEIAM SUA QUEDA! OBSERVEM A HISTÓRIA DO ÚLTIMO HOMEM.

Porém, este mundo repovoado e os filhos de um par de amantes poupado, em alguma, para mim, desconhecida e inatingível reclusão, passeando por estas prodigiosas relíquias da raça pré-pestilência, não procurarão descobrir como seres tão maravilhosos em seus feitos, de imaginações infinitas e poderes como os de algum deus, abandonaram seu lar para algum país desconhecido?

Escreverei e deixarei nessa cidade, a mais velha, este "único monumento do mundo"{118}, um registro destas coisas. Deixarei um monumento à existência de Verney, o Último Homem. A princípio, pensei apenas em me referir à peste, à morte e, por último, ao abandono; mas detive-me apaixonadamente nos meus primeiros anos e registrei com sagrado zelo as virtudes de meus companheiros. Eles estiveram comigo durante a realização desta tarefa. Eu trouxe-a a um fim – ergo meus olhos do meu papel – novamente se perdem de mim. Novamente sinto que estou sozinho.

Um ano passou-se desde que estive assim ocupado. As estações fizeram sua necessária volta e adornaram essa cidade eterna em um manto variável de excessiva beleza. Um ano transcorrera; e eu não mais adivinhava meu estado ou de meus prospectos – a solidão é minha família, a mágoa, minha inseparável companheira. Eu tentara enfrentar a tempestade – eu tentara me educar na força – eu buscara me imbuir das lições da sabedoria. Eu não farei. Meu cabelo tornara-se quase branco – minha voz, desacostumada a proferir sons, chegava estranha aos meus ouvidos. Minha pessoa, com seus poderes e recursos humanos, parecia-me uma monstruosa excrescência da natureza. Como expressar, na linguagem humana, uma aflição que nenhum ser

humano até esta hora nunca conheceu! Como dar expressão inteligível a uma pontada que ninguém, além de mim, poderia mesmo compreender! – Ninguém adentrou por Roma. Ninguém nunca o fará. Eu sorrio com amargura para a ilusão que por tanto tempo nutri e, ainda mais, quando reflito sobre o que troquei por outra ilusão, tão falsa, mas à qual eu agora me agarro com a mesma confiança apaixonada.

O inverno chegou outra vez; e os jardins de Roma perderam suas folhas – o ar afiado vem da Campagna e levou seus brutos habitantes para tomar sua morada em muitas das residências da cidade abandonada – o gelo suspendera as vibrantes fontes – e Trevi interrompera sua eterna música. Fizera uma estimativa apressada, ajudado pelas estrelas, pela qual tentei assegurar o primeiro dia do ano novo. Na era antiga, o Soberano Pontífice costumava ir, em solene pompa, a marcar a renovação do ano colocando um cravo no portão do templo de Jano. Naquele dia, subi Saint Peter e gravei em sua pedra mais saliente o ano 2100, o último ano do mundo!

Meu único companheiro era um cão, um felpudo companheiro, meio cão de caça e meio de pastoreio, que eu encontrei comandando as ovelhas na Campagna. Seu mestre estava morto, mas apesar disso ele continuava cumprindo com sua tarefa na expectativa de seu retorno. Se uma ovelha desgarrava-se do resto, ele forçava-a a retornar para o rebanho e diligentemente afastava qualquer intruso. Cavalgando pela Campagna, eu deparei-me com sua condução das ovelhas e por algum tempo observei a sua repetição das lições aprendidas do homem, agora inúteis, embora não esquecidas. Seu prazer foi excessivo quando ele viu-me. Ele pulou nos meus joelhos; ele pulava por todos os lados, balançando sua cauda, com o curto e rápido latir de prazer: ele deixou seu curral para me seguir e, desde aquele dia,

nunca descuidou de vigiar e de tomar conta de mim, mostrando impetuosa gratidão sempre que eu acariciava-o ou falava com ele. Seus cambaleantes passos, junto com os meus, foram ouvidos quando entramos pela magnífica extensão da nave e do corredor de Saint Peter. Subimos pela miríade de degraus juntos, quando no topo realizei meu desígnio e, em brutos números, marquei a data do último ano. Então, virei-me para contemplar o país e para me despedir de Roma. Há muito eu determinara-me a abandoná-la e agora eu formara o plano que adotaria para minha futura viagem, depois de ter deixado essa magnífica morada.

Um ser solitário é, por instinto, um andarilho e isso eu tornar-me-ia. Uma esperança de melhora sempre desempenha a mudança de lugar, o que aliviaria o peso de minha vida. Eu fora um tolo ao permanecer em Roma por todo este tempo: Roma conhecida pela malária, a famosa fornecedora da morte. Mas era ainda possível que, pudesse eu visitar toda a extensão da terra, encontrasse em alguma parte da ampla vastidão um sobrevivente. Pareceu-me que o litoral era o retiro mais provável a ser escolhido por alguém. Se deixado sozinho em um distrito em terra, ainda eles não continuariam no lugar onde suas últimas esperanças haviam sido frustradas; eles viajariam, como eu, na busca de um parceiro para a sua solidão, até que a líquida barreira detivesse seu progresso.

À água – causa de minhas aflições, talvez agora a ser sua cura, eu dirigir-me-ia. Adeus, Itália! – adeus, ornamento do mundo, incomparável Roma, o retiro do solitário durante longos meses! – à vida civilizada – ao lar estabelecido e à sucessão de monótonos dias, adeus! O perigo agora será meu; e eu o saúdo como um amigo – a morte irá, eternamente, cruzar meu caminho e eu encontrá-la-ei como um benfeitor; o sacrifício, o clima inclemente e as perigosas tempestades serão meus

juramentados amigos. Vós, espíritos da tempestade, recebais-me! Vós, poderes da destruição, abrais amplamente vossos braços e agarrais-me perpetuamente! Se um bondoso poder não decretou outro fim, então que depois de muito resistir eu possa colher minha recompensa e novamente sentir meu coração bater próximo ao coração de outro como eu.

Tiber, a estrada que se espalha pela própria mão da natureza, costurando seu continente, estava aos meus pés, assim como os muitos botes aportados em suas margens. Eu poderia, com alguns livros, provisões e meu cão, embarcar em um deles e flutuar pela corrente abaixo até o mar; e então, mantendo-me próximo à terra, bordejaria as belíssimas praias e os ensolarados promontórios do azul Mediterrâneo, passando por Nápoles, pela Calábria e desafiaria os perigos gêmeos de Scylla e Charybdis; então, com objetivo destemido (pois o que eu tinha a perder?), escumaria a superfície do oceano na direção de Malta e das mais distantes Cíclades. Evitaria Constantinopla, a visão daquelas torres bem conhecidas e das passagens que pertenciam a outro estado de existência anterior ao meu; costearia a Ásia Menor e a Síria e, passando pelas sete bocas do Nilo, dirigiria para o norte outra vez, até perder de vista a esquecida Cartago e a abandonada Líbia, para assim atingir os pilares de Hércules. E, em seguida – não importa onde – as lodosas cavernas e as silenciosas profundezas do oceano poderão ser minha residência, antes que eu complete essa há muito planejada viagem ou a flecha da doença encontre meu coração enquanto eu flutuo solitariamente pelo colossal Mediterrâneo; ou, em algum lugar onde eu aportar, eu possa encontrar o que busco – um companheiro; ou se assim não for – ao tempo infinito, decrépito e grisalho – a juventude já no túmulo com aqueles que eu amo – o solitário andarilho ainda desfraldará sua vela e agarrará o leme – e, ainda

obedecendo às brisas do oceano, para sempre outro e outro promontório, ancorando em outra e outra baía, ainda arando o estéril oceano, deixando para trás a verdejante terra da nativa Europa, abaixo pelo fulvo litoral da África, tendo dobrado os ferozes mares do Cabo, eu possa atracar meu cansado esquife em uma enseada, sombreada pelos picantes bosques das fragrantes ilhas do distante oceano Índico.

Estes são loucos sonhos. Embora ainda, agora há uma semana, eles se me acometeram, enquanto eu permanecia no alto de Saint Peter, dominando minha imaginação. Escolhi meu bote e embarquei minhas poucas histórias. Selecionei poucos livros; os principais sendo Homero e Shakespeare – Mas as bibliotecas do mundo se me foram lançadas abertas – e em qualquer porto eu posso renovar meu estoque. Não espero mudança para melhor; mas o monótono presente é intolerável para mim. A esperança não me guia, nem a alegria – o incansável desespero e o feroz desejo por mudança conduzem-me. Anseio lutar contra o perigo, ser excitado pelo medo, ter o que fazer, embora pouco ou voluntário, para o passar do dia. Eu devo testemunhar toda a variedade de aparências que os elementos possam assumir – eu devo ler o límpido augúrio no arco-íris – a ameaça na nuvem – alguma lição ou memória caras ao meu coração em tudo. Assim, ao redor dos litorais da terra abandonada, enquanto o sol estiver alto e a lua crescer e minguar, os anjos, os espíritos dos mortos e o olho sempre aberto do Supremo observarão o pequeno barco, carregado com Verney – o ÚLTIMO HOMEM.

FIM.

THE LAST MAN

INTRODUCTION

I VISITED Naples in the year 1818. On the 8th of December of that year, my companion and I crossed the Bay, to visit the antiquities which are scattered on the shores of Baiae. The translucent and shining waters of the calm sea covered fragments of old Roman villas, which were interlaced by sea-weed, and received diamond tints from the chequering of the sun-beams; the blue and pellucid element was such as Galatea might have skimmed in her car of mother of pearl; or Cleopatra, more fitly than the Nile, have chosen as the path of her magic ship. Though it was winter, the atmosphere seemed more appropriate to early spring; and its genial warmth contributed to inspire those sensations of placid delight, which are the portion of every traveller, as he lingers, loath to quit the tranquil bays and radiant promontories of Baiae.

We visited the so called Elysian Fields and Avernus: and wandered through various ruined temples, baths, and classic spots; at length we entered the gloomy cavern of the Cumaean Sibyl. Our Lazzeroni bore flaring torches, which shone red, and almost dusky, in the murky subterranean passages, whose darkness thirstily surrounding them, seemed eager to imbibe more and more of the element of light. We passed by a natural archway, leading to a second gallery, and enquired, if we could not enter there also. The guides pointed to the reflection of their torches on the water that paved it, leaving us to form our own conclusion; but adding it was a pity, for it led to the Sibyl’s Cave. Our curiosity and enthusiasm were excited by this circumstance, and we insisted upon attempting the passage. As is usually the

case in the prosecution of such enterprizes, the difficulties decreased on examination. We found, on each side of the humid pathway, “dry land for the sole of the foot.”

At length we arrived at a large, desert, dark cavern, which the Lazzeroni assured us was the Sibyl’s Cave. We were sufficiently disappointed – Yet we examined it with care, as if its blank, rocky walls could still bear trace of celestial visitant. On one side was a small opening. Whither does this lead? we asked: can we enter here? – “Questo poi, no,” – said the wild looking savage, who held the torch; “you can advance but a short distance, and nobody visits it.”

“Nevertheless, I will try it,” said my companion; “it may lead to the real cavern. Shall I go alone, or will you accompany me?”

I signified my readiness to proceed, but our guides protested against such a measure. With great volubility, in their native Neapolitan dialect, with which we were not very familiar, they told us that there were spectres, that the roof would fall in, that it was too narrow to admit us, that there was a deep hole within, filled with water, and we might be drowned. My friend shortened the harangue, by taking the man’s torch from him; and we proceeded alone.

The passage, which at first scarcely admitted us, quickly grew narrower and lower; we were almost bent double; yet still we persisted in making our way through it. At length we entered a wider space, and the low roof heightened; but, as we congratulated ourselves on this change, our torch was extinguished by a current of air, and we were left in utter darkness. The guides bring with them materials for renewing the light, but we had none – our only resource was to return as we came. We groped round the widened space to find the entrance, and after a time fancied that we had succeeded. This

proved however to be a second passage, which evidently ascended. It terminated like the former; though something approaching to a ray, we could not tell whence, shed a very doubtful twilight in the space. By degrees, our eyes grew somewhat accustomed to this dimness, and we perceived that there was no direct passage leading us further; but that it was possible to climb one side of the cavern to a low arch at top, which promised a more easy path, from whence we now discovered that this light proceeded. With considerable difficulty we scrambled up, and came to another passage with still more of illumination, and this led to another ascent like the former.

After a succession of these, which our resolution alone permitted us to surmount, we arrived at a wide cavern with an arched dome-like roof. An aperture in the midst let in the light of heaven; but this was overgrown with brambles and underwood, which acted as a veil, obscuring the day, and giving a solemn religious hue to the apartment. It was spacious, and nearly circular, with a raised seat of stone, about the size of a Grecian couch, at one end. The only sign that life had been here, was the perfect snow-white skeleton of a goat, which had probably not perceived the opening as it grazed on the hill above, and had fallen headlong. Ages perhaps had elapsed since this catastrophe; and the ruin it had made above, had been repaired by the growth of vegetation during many hundred summers.

The rest of the furniture of the cavern consisted of piles of leaves, fragments of bark, and a white filmy substance, resembling the inner part of the green hood which shelters the grain of the unripe Indian corn. We were fatigued by our struggles to attain this point, and seated ourselves on the rocky couch, while the sounds of tinkling sheep-bells, and shout of shepherd-boy, reached us from above.

At length my friend, who had taken up some of the leaves strewed about, exclaimed, “This is the Sibyl’s cave; these are Sibylline leaves.” On examination, we found that all the leaves, bark, and other substances, were traced with written characters. What appeared to us more astonishing, was that these writings were expressed in various languages: some unknown to my companion, ancient Chaldee, and Egyptian hieroglyphics, old as the Pyramids. Stranger still, some were in modern dialects, English and Italian. We could make out little by the dim light, but they seemed to contain prophecies, detailed relations of events but lately passed; names, now well known, but of modern date; and often exclamations of exultation or woe, of victory or defeat, were traced on their thin scant pages. This was certainly the Sibyl’s Cave; not indeed exactly as Virgil describes it, but the whole of this land had been so convulsed by earthquake and volcano, that the change was not wonderful, though the traces of ruin were effaced by time; and we probably owed the preservation of these leaves, to the accident which had closed the mouth of the cavern, and the swift-growing vegetation which had rendered its sole opening impervious to the storm. We made a hasty selection of such of the leaves, whose writing one at least of us could understand; and then, laden with our treasure, we bade adieu to the dim hypaethric cavern, and after much difficulty succeeded in rejoining our guides.

During our stay at Naples, we often returned to this cave, sometimes alone, skimming the sun-lit sea, and each time added to our store. Since that period, whenever the world’s circumstance has not imperiously called me away, or the temper of my mind impeded such study, I have been employed in deciphering these sacred remains. Their meaning, wondrous and eloquent, has often repaid my toil, soothing me in sorrow, and exciting

my imagination to daring flights, through the immensity of nature and the mind of man. For awhile my labours were not solitary; but that time is gone; and, with the selected and matchless companion of my toils, their dearest reward is also lost to me:

Di mie tenere frondi altro lavoro

Credea mostrarte; e qual fero pianeta

Ne' nvidio insieme, o mio nobil tesoro?

I present the public with my latest discoveries in the slight Sibylline pages. Scattered and unconnected as they were, I have been obliged to add links, and model the work into a consistent form. But the main substance rests on the truths contained in these poetic rhapsodies, and the divine intuition which the Cumaean damsel obtained from heaven.

I have often wondered at the subject of her verses, and at the English dress of the Latin poet. Sometimes I have thought, that, obscure and chaotic as they are, they owe their present form to me, their decipherer. As if we should give to another artist, the painted fragments which form the mosaic copy of Raphael's Transfiguration in St. Peter's; he would put them together in a form, whose mode would be fashioned by his own peculiar mind and talent. Doubtless the leaves of the Cumaean Sibyl have suffered distortion and diminution of interest and excellence in my hands. My only excuse for thus transforming them, is that they were unintelligible in their pristine condition.

My labours have cheered long hours of solitude, and taken me out of a world, which has averted its once benignant face from me, to one glowing with imagination and power. Will my readers ask how I could find solace from the narration of misery and woeful

change? This is one of the mysteries of our nature, which holds full sway over me, and from whose influence I cannot escape. I confess, that I have not been unmoved by the development of the tale; and that I have been depressed, nay, agonized, at some parts of the recital, which I have faithfully transcribed from my materials. Yet such is human nature, that the excitement of mind was dear to me, and that the imagination, painter of tempest and earthquake, or, worse, the stormy and ruin-fraught passions of man, softened my real sorrows and endless regrets, by clothing these fictitious ones in that ideality, which takes the mortal sting from pain.

I hardly know whether this apology is necessary. For the merits of my adaptation and translation must decide how far I have well bestowed my time and imperfect powers, in giving form and substance to the frail and attenuated Leaves of the Sibyl.

VOLUME I

CHAPTER I

I AM the native of a sea-surrounded nook, a cloud-enshadowed land, which, when the surface of the globe, with its shoreless ocean and trackless continents, presents itself to my mind, appears only as an inconsiderable speck in the immense whole; and yet, when balanced in the scale of mental power, far outweighed countries of larger extent and more numerous population. So true it is, that man's mind alone was the creator of all that was good or great to man, and that Nature herself was only his first minister. England, seated far north in the turbid sea, now visits my dreams in the semblance of a vast and well-manned ship, which mastered the winds and rode proudly over the waves. In my boyish days she was the universe to me. When I stood on my native hills, and saw plain and mountain stretch out to the utmost limits of my vision, speckled by the dwellings of my countrymen, and subdued to fertility by their labours, the earth's very centre was fixed for me in that spot, and the rest of her orb was as a fable, to have forgotten which would have cost neither my imagination nor understanding an effort.

My fortunes have been, from the beginning, an exemplification of the power that mutability may possess over the varied tenor of man's life. With regard to myself, this came almost by inheritance. My father was one of those men on whom nature had bestowed to prodigality the envied gifts of wit and imagination, and then left his bark of life to be impelled by these winds, without adding reason as the rudder, or judgment as the pilot for the voyage. His extraction was obscure; but

circumstances brought him early into public notice, and his small paternal property was soon dissipated in the splendid scene of fashion and luxury in which he was an actor. During the short years of thoughtless youth, he was adored by the high-bred triflers of the day, nor least by the youthful sovereign, who escaped from the intrigues of party, and the arduous duties of kingly business, to find never-failing amusement and exhilaration of spirit in his society. My father's impulses, never under his own controul, perpetually led him into difficulties from which his ingenuity alone could extricate him; and the accumulating pile of debts of honour and of trade, which would have bent to earth any other, was supported by him with a light spirit and tameless hilarity; while his company was so necessary at the tables and assemblies of the rich, that his derelictions were considered venial, and he himself received with intoxicating flattery.

This kind of popularity, like every other, is evanescent: and the difficulties of every kind with which he had to contend, increased in a frightful ratio compared with his small means of extricating himself. At such times the king, in his enthusiasm for him, would come to his relief, and then kindly take his friend to task; my father gave the best promises for amendment, but his social disposition, his craving for the usual diet of admiration, and more than all, the fiend of gambling, which fully possessed him, made his good resolutions transient, his promises vain. With the quick sensibility peculiar to his temperament, he perceived his power in the brilliant circle to be on the wane. The king married; and the haughty princess of Austria, who became, as queen of England, the head of fashion, looked with harsh eyes on his defects, and with contempt on the affection her royal husband entertained for him. My father felt that his fall was near; but so far from profiting by this last calm

before the storm to save himself, he sought to forget anticipated evil by making still greater sacrifices to the deity of pleasure, deceitful and cruel arbiter of his destiny.

The king, who was a man of excellent dispositions, but easily led, had now become a willing disciple of his imperious consort. He was induced to look with extreme disapprobation, and at last with distaste, on my father's imprudence and follies. It is true that his presence dissipated these clouds; his warm-hearted frankness, brilliant sallies, and confiding demeanour were irresistible: it was only when at a distance, while still renewed tales of his errors were poured into his royal friend's ear, that he lost his influence. The queen's dextrous management was employed to prolong these absences, and gather together accusations. At length the king was brought to see in him a source of perpetual disquiet, knowing that he should pay for the short-lived pleasure of his society by tedious homilies, and more painful narrations of excesses, the truth of which he could not disprove. The result was, that he would make one more attempt to reclaim him, and in case of ill success, cast him off for ever.

Such a scene must have been one of deepest interest and high-wrought passion. A powerful king, conspicuous for a goodness which had heretofore made him meek, and now lofty in his admonitions, with alternate entreaty and reproof, besought his friend to attend to his real interests, resolutely to avoid those fascinations which in fact were fast deserting him, and to spend his great powers on a worthy field, in which he, his sovereign, would be his prop, his stay, and his pioneer. My father felt this kindness; for a moment ambitious dreams floated before him; and he thought that it would be well to exchange his present pursuits for nobler duties. With sincerity and fervour he gave the required promise: as a

pledge of continued favour, he received from his royal master a sum of money to defray pressing debts, and enable him to enter under good auspices his new career. That very night, while yet full of gratitude and good resolves, this whole sum, and its amount doubled, was lost at the gaming-table. In his desire to repair his first losses, my father risked double stakes, and thus incurred a debt of honour he was wholly unable to pay. Ashamed to apply again to the king, he turned his back upon London, its false delights and clinging miseries; and, with poverty for his sole companion, buried himself in solitude among the hills and lakes of Cumberland. His wit, his bon mots, the record of his personal attractions, fascinating manners, and social talents, were long remembered and repeated from mouth to mouth. Ask where now was this favourite of fashion, this companion of the noble, this excelling beam, which gilt with alien splendour the assemblies of the courtly and the gay – you heard that he was under a cloud, a lost man; not one thought it belonged to him to repay pleasure by real services, or that his long reign of brilliant wit deserved a pension on retiring. The king lamented his absence; he loved to repeat his sayings, relate the adventures they had had together, and exalt his talents – but here ended his reminiscence.

Meanwhile my father, forgotten, could not forget. He repined for the loss of what was more necessary to him than air or food – the excitements of pleasure, the admiration of the noble, the luxurious and polished living of the great. A nervous fever was the consequence; during which he was nursed by the daughter of a poor cottager, under whose roof he lodged. She was lovely, gentle, and, above all, kind to him; nor can it afford astonishment, that the late idol of high-bred beauty should, even in a fallen state, appear a being of an elevated and wondrous nature to the lowly

cottage-girl. The attachment between them led to the ill-fated marriage, of which I was the offspring. Notwithstanding the tenderness and sweetness of my mother, her husband still deplored his degraded state. Unaccustomed to industry, he knew not in what way to contribute to the support of his increasing family. Sometimes he thought of applying to the king; pride and shame for a while withheld him; and, before his necessities became so imperious as to compel him to some kind of exertion, he died. For one brief interval before this catastrophe, he looked forward to the future, and contemplated with anguish the desolate situation in which his wife and children would be left. His last effort was a letter to the king, full of touching eloquence, and of occasional flashes of that brilliant spirit which was an integral part of him. He bequeathed his widow and orphans to the friendship of his royal master, and felt satisfied that, by this means, their prosperity was better assured in his death than in his life. This letter was enclosed to the care of a nobleman, who, he did not doubt, would perform the last and inexpensive office of placing it in the king’s own hand.

He died in debt, and his little property was seized immediately by his creditors. My mother, pennyless and burthened with two children, waited week after week, and month after month, in sickening expectation of a reply, which never came. She had no experience beyond her father’s cottage; and the mansion of the lord of the manor was the chiefest type of grandeur she could conceive. During my father’s life, she had been made familiar with the name of royalty and the courtly circle; but such things, ill according with her personal experience, appeared, after the loss of him who gave substance and reality to them, vague and fantastical. If, under any circumstances, she could have acquired sufficient courage to address the noble persons

mentioned by her husband, the ill success of his own application caused her to banish the idea. She saw therefore no escape from dire penury: perpetual care, joined to sorrow for the loss of the wondrous being, whom she continued to contemplate with ardent admiration, hard labour, and naturally delicate health, at length released her from the sad continuity of want and misery.

The condition of her orphan children was peculiarly desolate. Her own father had been an emigrant from another part of the country, and had died long since: they had no one relation to take them by the hand; they were outcasts, paupers, unfriended beings, to whom the most scanty pittance was a matter of favour, and who were treated merely as children of peasants, yet poorer than the poorest, who, dying, had left them, a thankless bequest, to the close-handed charity of the land.

I, the elder of the two, was five years old when my mother died. A remembrance of the discourses of my parents, and the communications which my mother endeavoured to impress upon me concerning my father’s friends, in slight hope that I might one day derive benefit from the knowledge, floated like an indistinct dream through my brain. I conceived that I was different and superior to my protectors and companions, but I knew not how or wherefore. The sense of injury, associated with the name of king and noble, clung to me; but I could draw no conclusions from such feelings, to serve as a guide to action. My first real knowledge of myself was as an unprotected orphan among the valleys and fells of Cumberland. I was in the service of a farmer; and with crook in hand, my dog at my side, I shepherded a numerous flock on the near uplands. I cannot say much in praise of such a life; and its pains far exceeded its pleasures. There was freedom in it, a companionship with nature, and a reckless loneliness; but these,

romantic as they were, did not accord with the love of action and desire of human sympathy, characteristic of youth. Neither the care of my flock, nor the change of seasons, were sufficient to tame my eager spirit; my out-door life and unemployed time were the temptations that led me early into lawless habits. I associated with others friendless like myself; I formed them into a band, I was their chief and captain. All shepherd-boys alike, while our flocks were spread over the pastures, we schemed and executed many a mischievous prank, which drew on us the anger and revenge of the rustics. I was the leader and protector of my comrades, and as I became distinguished among them, their misdeeds were usually visited upon me. But while I endured punishment and pain in their defence with the spirit of an hero, I claimed as my reward their praise and obedience.

In such a school my disposition became rugged, but firm. The appetite for admiration and small capacity for self-controul which I inherited from my father, nursed by adversity, made me daring and reckless. I was rough as the elements, and unlearned as the animals I tended. I often compared myself to them, and finding that my chief superiority consisted in power, I soon persuaded myself that it was in power only that I was inferior to the chiefest potentates of the earth. Thus untaught in refined philosophy, and pursued by a restless feeling of degradation from my true station in society, I wandered among the hills of civilized England as uncouth a savage as the wolf-bred founder of old Rome. I owned but one law, it was that of the strongest, and my greatest deed of virtue was never to submit.

Yet let me a little retract from this sentence I have passed on myself. My mother, when dying, had, in addition to her other half-forgotten and misapplied lessons, committed, with solemn exhortation, her other child to my fraternal guardianship; and this one duty I

performed to the best of my ability, with all the zeal and affection of which my nature was capable. My sister was three years younger than myself; I had nursed her as an infant, and when the difference of our sexes, by giving us various occupations, in a great measure divided us, yet she continued to be the object of my careful love. Orphans, in the fullest sense of the term, we were poorest among the poor, and despised among the unhonoured. If my daring and courage obtained for me a kind of respectful aversion, her youth and sex, since they did not excite tenderness, by proving her to be weak, were the causes of numberless mortifications to her; and her own disposition was not so constituted as to diminish the evil effects of her lowly station.

She was a singular being, and, like me, inherited much of the peculiar disposition of our father. Her countenance was all expression; her eyes were not dark, but impenetrably deep; you seemed to discover space after space in their intellectual glance, and to feel that the soul which was their soul, comprehended an universe of thought in its ken. She was pale and fair, and her golden hair clustered on her temples, contrasting its rich hue with the living marble beneath. Her coarse peasant-dress, little consonant apparently with the refinement of feeling which her face expressed, yet in a strange manner accorded with it. She was like one of Guido’s saints, with heaven in her heart and in her look, so that when you saw her you only thought of that within, and costume and even feature were secondary to the mind that beamed in her countenance.

Yet though lovely and full of noble feeling, my poor Perdita (for this was the fanciful name my sister had received from her dying parent), was not altogether saintly in her disposition. Her manners were cold and repulsive. If she had been nurtured by those who had regarded her with affection, she might have been

different; but unloved and neglected, she repaid want of kindness with distrust and silence. She was submissive to those who held authority over her, but a perpetual cloud dwelt on her brow; she looked as if she expected enmity from every one who approached her, and her actions were instigated by the same feeling. All the time she could command she spent in solitude. She would ramble to the most unfrequented places, and scale dangerous heights, that in those unvisited spots she might wrap herself in loneliness. Often she passed whole hours walking up and down the paths of the woods; she wove garlands of flowers and ivy, or watched the flickering of the shadows and glancing of the leaves; sometimes she sat beside a stream, and as her thoughts paused, threw flowers or pebbles into the waters, watching how those swam and these sank; or she would set afloat boats formed of bark of trees or leaves, with a feather for a sail, and intensely watch the navigation of her craft among the rapids and shallows of the brook. Meanwhile her active fancy wove a thousand combinations; she dreamt “of moving accidents by flood and field” – she lost herself delightedly in these self-created wanderings, and returned with unwilling spirit to the dull detail of common life. Poverty was the cloud that veiled her excellencies, and all that was good in her seemed about to perish from want of the genial dew of affection. She had not even the same advantage as I in the recollection of her parents; she clung to me, her brother, as her only friend, but her alliance with me completed the distaste that her protectors felt for her; and every error was magnified by them into crimes. If she had been bred in that sphere of life to which by inheritance the delicate framework of her mind and person was adapted, she would have been the object almost of adoration, for her virtues were as eminent as her defects. All the genius that ennobled the blood of her

father illustrated hers; a generous tide flowed in her veins; artifice, envy, or meanness, were at the antipodes of her nature; her countenance, when enlightened by amiable feeling, might have belonged to a queen of nations; her eyes were bright; her look fearless.

Although by our situation and dispositions we were almost equally cut off from the usual forms of social intercourse, we formed a strong contrast to each other. I always required the stimulants of companionship and applause. Perdita was all-sufficient to herself. Notwithstanding my lawless habits, my disposition was sociable, hers recluse. My life was spent among tangible realities, hers was a dream. I might be said even to love my enemies, since by exciting me they in a sort bestowed happiness upon me; Perdita almost disliked her friends, for they interfered with her visionary moods. All my feelings, even of exultation and triumph, were changed to bitterness, if unparticipated; Perdita, even in joy, fled to loneliness, and could go on from day to day, neither expressing her emotions, nor seeking a fellow-feeling in another mind. Nay, she could love and dwell with tenderness on the look and voice of her friend, while her demeanour expressed the coldest reserve. A sensation with her became a sentiment, and she never spoke until she had mingled her perceptions of outward objects with others which were the native growth of her own mind. She was like a fruitful soil that imbibed the airs and dews of heaven, and gave them forth again to light in loveliest forms of fruits and flowers; but then she was often dark and rugged as that soil, raked up, and new sown with unseen seed.

She dwelt in a cottage whose trim grass-plat sloped down to the waters of the lake of Ulswater; a beech wood stretched up the hill behind, and a purling brook gently falling from the acclivity ran through poplar-shaded banks into the lake. I lived with a farmer whose

house was built higher up among the hills: a dark crag rose behind it, and, exposed to the north, the snow lay in its crevices the summer through. Before dawn I led my flock to the sheep-walks, and guarded them through the day. It was a life of toil; for rain and cold were more frequent than sunshine; but it was my pride to contemn the elements. My trusty dog watched the sheep as I slipped away to the rendezvous of my comrades, and thence to the accomplishment of our schemes. At noon we met again, and we threw away in contempt our peasant fare, as we built our fire-place and kindled the cheering blaze destined to cook the game stolen from the neighbouring preserves. Then came the tale of hair-breadth escapes, combats with dogs, ambush and flight, as gipsey-like we encompassed our pot. The search after a stray lamb, or the devices by which we elude or endeavoured to elude punishment, filled up the hours of afternoon; in the evening my flock went to its fold, and I to my sister.

It was seldom indeed that we escaped, to use an old-fashioned phrase, scot free. Our dainty fare was often exchanged for blows and imprisonment. Once, when thirteen years of age, I was sent for a month to the county jail. I came out, my morals unimproved, my hatred to my oppressors encreased tenfold. Bread and water did not tame my blood, nor solitary confinement inspire me with gentle thoughts. I was angry, impatient, miserable; my only happy hours were those during which I devised schemes of revenge; these were perfected in my forced solitude, so that during the whole of the following season, and I was freed early in September, I never failed to provide excellent and plenteous fare for myself and my comrades. This was a glorious winter. The sharp frost and heavy snows tamed the animals, and kept the country gentlemen by their

firesides; we got more game than we could eat, and my faithful dog grew sleek upon our refuse.

Thus years passed on; and years only added fresh love of freedom, and contempt for all that was not as wild and rude as myself. At the age of sixteen I had shot up in appearance to man’s estate; I was tall and athletic; I was practised to feats of strength, and inured to the inclemency of the elements. My skin was embrowned by the sun; my step was firm with conscious power. I feared no man, and loved none. In after life I looked back with wonder to what I then was; how utterly worthless I should have become if I had pursued my lawless career. My life was like that of an animal, and my mind was in danger of degenerating into that which informs brute nature. Until now, my savage habits had done me no radical mischief; my physical powers had grown up and flourished under their influence, and my mind, undergoing the same discipline, was imbued with all the hardy virtues. But now my boasted independence was daily instigating me to acts of tyranny, and freedom was becoming licentiousness. I stood on the brink of manhood; passions, strong as the trees of a forest, had already taken root within me, and were about to shadow with their noxious overgrowth, my path of life.

I panted for enterprises beyond my childish exploits, and formed distempered dreams of future action. I avoided my ancient comrades, and I soon lost them. They arrived at the age when they were sent to fulfil their destined situations in life; while I, an outcast, with none to lead or drive me forward, paused. The old began to point at me as an example, the young to wonder at me as a being distinct from themselves; I hated them, and began, last and worst degradation, to hate myself. I clung to my ferocious habits, yet half despised them; I continued my war against civilization, and yet entertained a wish to belong to it.

I revolved again and again all that I remembered my mother to have told me of my father’s former life; I contemplated the few relics I possessed belonging to him, which spoke of greater refinement than could be found among the mountain cottages; but nothing in all this served as a guide to lead me to another and pleasanter way of life. My father had been connected with nobles, but all I knew of such connection was subsequent neglect. The name of the king, – he to whom my dying father had addressed his latest prayers, and who had barbarously slighted them, was associated only with the ideas of unkindness, injustice, and consequent resentment. I was born for something greater than I was – and greater I would become; but greatness, at least to my distorted perceptions, was no necessary associate of goodness, and my wild thoughts were unchecked by moral considerations when they rioted in dreams of distinction. Thus I stood upon a pinnacle, a sea of evil rolled at my feet; I was about to precipitate myself into it, and rush like a torrent over all obstructions to the object of my wishes – when a stranger influence came over the current of my fortunes, and changed their boisterous course to what was in comparison like the gentle meanderings of a meadow-encircling streamlet.

CHAPTER II

I LIVED far from the busy haunts of men, and the rumour of wars or political changes came worn to a mere sound, to our mountain abodes. England had been the scene of momentous struggles, during my early boyhood. In the year 2073, the last of its kings, the ancient friend of my father, had abdicated in compliance with the gentle force of the remonstrances of his subjects, and a republic was instituted. Large estates were secured to the dethroned monarch and his family; he received the title of Earl of Windsor, and Windsor Castle, an ancient royalty, with its wide demesnes were a part of his allotted wealth. He died soon after, leaving two children, a son and a daughter.

The ex-queen, a princess of the house of Austria, had long impelled her husband to withstand the necessity of the times. She was haughty and fearless; she cherished a love of power, and a bitter contempt for him who had despoiled himself of a kingdom. For her children’s sake alone she consented to remain, shorn of regality, a member of the English republic. When she became a widow, she turned all her thoughts to the educating her son Adrian, second Earl of Windsor, so as to accomplish her ambitious ends; and with his mother’s milk he imbibed, and was intended to grow up in the steady purpose of re-acquiring his lost crown. Adrian was now fifteen years of age. He was addicted to study, and imbued beyond his years with learning and talent: report said that he had already begun to thwart his mother’s views, and to entertain republican principles. However this might be, the haughty Countess entrusted none with

the secrets of her family-tuition. Adrian was bred up in solitude, and kept apart from the natural companions of his age and rank. Some unknown circumstance now induced his mother to send him from under her immediate tutelage; and we heard that he was about to visit Cumberland. A thousand tales were rife, explanatory of the Countess of Windsor's conduct; none true probably; but each day it became more certain that we should have the noble scion of the late regal house of England among us.

There was a large estate with a mansion attached to it, belonging to this family, at Ulswater. A large park was one of its appendages, laid out with great taste, and plentifully stocked with game. I had often made depredations on these preserves; and the neglected state of the property facilitated my incursions. When it was decided that the young Earl of Windsor should visit Cumberland, workmen arrived to put the house and grounds in order for his reception. The apartments were restored to their pristine splendour, and the park, all disrepairs restored, was guarded with unusual care.

I was beyond measure disturbed by this intelligence. It roused all my dormant recollections, my suspended sentiments of injury, and gave rise to the new one of revenge. I could no longer attend to my occupations; all my plans and devices were forgotten; I seemed about to begin life anew, and that under no good auspices. The tug of war, I thought, was now to begin. He would come triumphantly to the district to which my parent had fled broken-hearted; he would find the ill-fated offspring, bequeathed with such vain confidence to his royal father, miserable paupers. That he should know of our existence, and treat us, near at hand, with the same contumely which his father had practised in distance and absence, appeared to me the certain consequence of all that had gone before. Thus then I should meet this

titled stripling – the son of my father's friend. He would be hedged in by servants; nobles, and the sons of nobles, were his companions; all England rang with his name; and his coming, like a thunderstorm, was heard from far: while I, unlettered and unfashioned, should, if I came in contact with him, in the judgment of his courtly followers, bear evidence in my very person to the propriety of that ingratitude which had made me the degraded being I appeared.

With my mind fully occupied by these ideas, I might be said as if fascinated, to haunt the destined abode of the young Earl. I watched the progress of the improvements, and stood by the unlading waggons, as various articles of luxury, brought from London, were taken forth and conveyed into the mansion. It was part of the Ex-Queen's plan, to surround her son with princely magnificence. I beheld rich carpets and silken hangings, ornaments of gold, richly embossed metals, emblazoned furniture, and all the appendages of high rank arranged, so that nothing but what was regal in splendour should reach the eye of one of royal descent. I looked on these; I turned my gaze to my own mean dress. – Whence sprung this difference? Whence but from ingratitude, from falsehood, from a dereliction on the part of the prince's father, of all noble sympathy and generous feeling. Doubtless, he also, whose blood received a mingling tide from his proud mother – he, the acknowledged focus of the kingdom's wealth and nobility, had been taught to repeat my father's name with disdain, and to scoff at my just claims to protection. I strove to think that all this grandeur was but more glaring infamy, and that, by planting his gold-enwoven flag beside my tarnished and tattered banner, he proclaimed not his superiority, but his debasement. Yet I envied him. His stud of beautiful horses, his arms of costly workmanship, the praise that attended him, the adoration, ready servitor, high place

and high esteem, – I considered them as forcibly wrenched from me, and envied them all with novel and tormenting bitterness.

To crown my vexation of spirit, Perdita, the visionary Perdita, seemed to awake to real life with transport, when she told me that the Earl of Windsor was about to arrive.

"And this pleases you?" I observed, moodily.

"Indeed it does, Lionel," she replied; "I quite long to see him; he is the descendant of our kings, the first noble of the land: every one admires and loves him, and they say that his rank is his least merit; he is generous, brave, and affable."

"You have learnt a pretty lesson, Perdita," said I, "and repeat it so literally, that you forget the while the proofs we have of the Earl's virtues; his generosity to us is manifest in our plenty, his bravery in the protection he affords us, his affability in the notice he takes of us. His rank his least merit, do you say? Why, all his virtues are derived from his station only; because he is rich, he is called generous; because he is powerful, brave; because he is well served, he is affable. Let them call him so, let all England believe him to be thus – we know him – he is our enemy – our penurious, dastardly, arrogant enemy; if he were gifted with one particle of the virtues you call his, he would do justly by us, if it were only to shew, that if he must strike, it should not be a fallen foe.

His father injured my father – his father, unassailable on his throne, dared despise him who only stooped beneath himself, when he deigned to associate with the royal ingrate. We, descendants from the one and the other, must be enemies also. He shall find that I can feel my injuries; he shall learn to dread my revenge!"

A few days after he arrived. Every inhabitant of the most miserable cottage, went to swell the stream of population that poured forth to meet him: even Perdita,

in spite of my late philippic, crept near the highway, to behold this idol of all hearts. I, driven half mad, as I met party after party of the country people, in their holiday best, descending the hills, escaped to their cloud-veiled summits, and looking on the sterile rocks about me, exclaimed – “They do not cry, long live the Earl!” Nor, when night came, accompanied by drizzling rain and cold, would I return home; for I knew that each cottage rang with the praises of Adrian; as I felt my limbs grow numb and chill, my pain served as food for my insane aversion; nay, I almost triumphed in it, since it seemed to afford me reason and excuse for my hatred of my unheeding adversary. All was attributed to him, for I confounded so entirely the idea of father and son, that I forgot that the latter might be wholly unconscious of his parent’s neglect of us; and as I struck my aching head with my hand, I cried: “He shall hear of this! I will be revenged! I will not suffer like a spaniel! He shall know, beggar and friendless as I am, that I will not tamely submit to injury!” Each day, each hour added to these exaggerated wrongs. His praises were so many adder’s stings infixed in my vulnerable breast. If I saw him at a distance, riding a beautiful horse, my blood boiled with rage; the air seemed poisoned by his presence, and my very native English was changed to a vile jargon, since every phrase I heard was coupled with his name and honour. I panted to relieve this painful heart-burning by some misdeed that should rouse him to a sense of my antipathy. It was the height of his offending, that he should occasion in me such intolerable sensations, and not deign himself to afford any demonstration that he was aware that I even lived to feel them.

It soon became known that Adrian took great delight in his park and preserves. He never sported, but spent hours in watching the tribes of lovely and almost tame animals with which it was stocked, and ordered that

greater care should be taken of them than ever. Here was an opening for my plans of offence, and I made use of it with all the brute impetuosity I derived from my active mode of life. I proposed the enterprize of poaching on his demesne to my few remaining comrades, who were the most determined and lawless of the crew; but they all shrunk from the peril; so I was left to achieve my revenge myself. At first my exploits were unperceived; I increased in daring; footsteps on the dewy grass, torn boughs, and marks of slaughter, at length betrayed me to the game-keepers. They kept better watch; I was taken, and sent to prison. I entered its gloomy walls in a fit of triumphant extasy: “He feels me now,” I cried, “and shall, again and again!” – I passed but one day in confinement; in the evening I was liberated, as I was told, by the order of the Earl himself. This news precipitated me from my self-raised pinnacle of honour. He despises me, I thought; but he shall learn that I despise him, and hold in equal contempt his punishments and his clemency. On the second night after my release, I was again taken by the gamekeepers – again imprisoned, and again released; and again, such was my pertinacity, did the fourth night find me in the forbidden park. The gamekeepers were more enraged than their lord by my obstinacy. They had received orders that if I were again taken, I should be brought to the Earl; and his lenity made them expect a conclusion which they considered ill befitting my crime. One of them, who had been from the first the leader among those who had seized me, resolved to satisfy his own resentment, before he made me over to the higher powers.

The late setting of the moon, and the extreme caution I was obliged to use in this my third expedition, consumed so much time, that something like a qualm of fear came over me when I perceived dark night yield to twilight. I

crept along by the fern, on my hands and knees, seeking the shadowy coverts of the underwood, while the birds awoke with unwelcome song above, and the fresh morning wind, playing among the boughs, made me suspect a footfall at each turn. My heart beat quick as I approached the palings; my hand was on one of them, a leap would take me to the other side, when two keepers sprang from an ambush upon me: one knocked me down, and proceeded to inflict a severe horse-whipping. I started up – a knife was in my grasp; I made a plunge at his raised right arm, and inflicted a deep, wide wound in his hand. The rage and yells of the wounded man, the howling execrations of his comrade, which I answered with equal bitterness and fury, echoed through the dell; morning broke more and more, ill accordant in its celestial beauty with our brute and noisy contest. I and my enemy were still struggling, when the wounded man exclaimed, “The Earl!” I sprang out of the herculean hold of the keeper, panting from my exertions; I cast furious glances on my persecutors, and placing myself with my back to a tree, resolved to defend myself to the last. My garments were torn, and they, as well as my hands, were stained with the blood of the man I had wounded; one hand grasped the dead birds – my hard-earned prey, the other held the knife; my hair was matted; my face besmeared with the same guilty signs that bore witness against me on the dripping instrument I clenched; my whole appearance was haggard and squalid. Tall and muscular as I was in form, I must have looked like, what indeed I was, the merest ruffian that ever trod the earth.

The name of the Earl startled me, and caused all the indignant blood that warmed my heart to rush into my cheeks; I had never seen him before; I figured to myself a haughty, assuming youth, who would take me to task, if he deigned to speak to me, with all the arrogance of

superiority. My reply was ready; a reproach I deemed calculated to sting his very heart. He came up the while; and his appearance blew aside, with gentle western breath, my cloudy wrath: a tall, slim, fair boy, with a physiognomy expressive of the excess of sensibility and refinement stood before me; the morning sunbeams tinged with gold his silken hair, and spread light and glory over his beaming countenance. “How is this?” he cried. The men eagerly began their defence; he put them aside, saying, “Two of you at once on a mere lad – for shame!” He came up to me: “Verney,” he cried, “Lionel Verney, do we meet thus for the first time? We were born to be friends to each other; and though ill fortune has divided us, will you not acknowledge the hereditary bond of friendship which I trust will hereafter unite us?”

As he spoke, his earnest eyes, fixed on me, seemed to read my very soul: my heart, my savage revengeful heart, felt the influence of sweet benignity sink upon it; while his thrilling voice, like sweetest melody, awoke a mute echo within me, stirring to its depths the life-blood in my frame. I desired to reply, to acknowledge his goodness, accept his proffered friendship; but words, fitting words, were not afforded to the roughmountaineer; I would have held out my hand, but its guilty stain restrained me. Adrian took pity on my faltering mien: “Come with me,” he said, “I have much to say to you; come home with me – you know who I am?”

“Yes,” I exclaimed, “I do believe that I now know you, and that you will pardon my mistakes – my crime.”

Adrian smiled gently; and after giving his orders to the gamekeepers, he came up to me; putting his arm in mine, we walked together to the mansion.

It was not his rank – after all that I have said, surely it will not be suspected that it was Adrian’s rank, that, from the first, subdued my heart of hearts, and laid my

entire spirit prostrate before him. Nor was it I alone who felt thus intimately his perfections. His sensibility and courtesy fascinated every one. His vivacity, intelligence, and active spirit of benevolence, completed the conquest. Even at this early age, he was deep read and imbued with the spirit of high philosophy. This spirit gave a tone of irresistible persuasion to his intercourse with others, so that he seemed like an inspired musician, who struck, with unerring skill, the “lyre of mind,” and produced thence divine harmony. In person, he hardly appeared of this world; his slight frame was overinformed by the soul that dwelt within; he was all mind; “Man but a rush against” his breast, and it would have conquered his strength; but the might of his smile would have tamed an hungry lion, or caused a legion of armed men to lay their weapons at his feet.

I spent the day with him. At first he did not recur to the past, or indeed to any personal occurrences. He wished probably to inspire me with confidence, and give me time to gather together my scattered thoughts. He talked of general subjects, and gave me ideas I had never before conceived. We sat in his library, and he spoke of the old Greek sages, and of the power which they had acquired over the minds of men, through the force of love and wisdom only. The room was decorated with the busts of many of them, and he described their characters to me. As he spoke, I felt subject to him; and all my boasted pride and strength were subdued by the honeyed accents of this blue-eyed boy. The trim and paled demesne of civilization, which I had before regarded from my wild jungle as inaccessible, had its wicket opened by him; I stepped within, and felt, as I entered, that I trod my native soil.

As evening came on, he reverted to the past. “I have a tale to relate,” he said, “and much explanation to give concerning the past; perhaps you can assist me to

curtail it. Do you remember your father? I had never the happiness of seeing him, but his name is one of my earliest recollections: he stands written in my mind's tablets as the type of all that was gallant, amiable, and fascinating in man. His wit was not more conspicuous than the overflowing goodness of his heart, which he poured in such full measure on his friends, as to leave, alas! small remnant for himself."

Encouraged by this encomium, I proceeded, in answer to his inquiries, to relate what I remembered of my parent; and he gave an account of those circumstances which had brought about a neglect of my father's testamentary letter. When, in after times, Adrian's father, then king of England, felt his situation become more perilous, his line of conduct more embarrassed, again and again he wished for his early friend, who might stand a mound against the impetuous anger of his queen, a mediator between him and the parliament. From the time that he had quitted London, on the fatal night of his defeat at the gaming-table, the king had received no tidings concerning him; and when, after the lapse of years, he exerted himself to discover him, every trace was lost. With fonder regret than ever, he clung to his memory; and gave it in charge to his son, if ever he should meet this valued friend, in his name to bestow every succour, and to assure him that, to the last, his attachment survived separation and silence.

A short time before Adrian's visit to Cumberland, the heir of the nobleman to whom my father had confided his last appeal to his royal master, put this letter, its seal unbroken, into the young Earl's hands. It had been found cast aside with a mass of papers of old date, and accident alone brought it to light. Adrian read it with deep interest; and found there that living spirit of genius and wit he had so often heard commemorated. He discovered the name of the spot whither my father had

retreated, and where he died; he learnt the existence of his orphan children; and during the short interval between his arrival at Ulswater and our meeting in the park, he had been occupied in making inquiries concerning us, and arranging a variety of plans for our benefit, preliminary to his introducing himself to our notice.

The mode in which he spoke of my father was gratifying to my vanity; the veil which he delicately cast over his benevolence, in alledging a duteous fulfilment of the king's latest will, was soothing to my pride. Other feelings, less ambiguous, were called into play by his conciliating manner and the generous warmth of his expressions, respect rarely before experienced, admiration, and love – he had touched my rocky heart with his magic power, and the stream of affection gushed forth, imperishable and pure. In the evening we parted; he pressed my hand: "We shall meet again; come to me tomorrow." I clasped that kind hand; I tried to answer; a fervent "God bless you!" was all my ignorance could frame of speech, and I darted away, oppressed by my new emotions.

I could not rest. I sought the hills; a west wind swept them, and the stars glittered above. I ran on, careless of outward objects, but trying to master the struggling spirit within me by means of bodily fatigue. "This," I thought, "is power! Not to be strong of limb, hard of heart, ferocious, and daring; but kind compassionate and soft." – Stopping short, I clasped my hands, and with the fervour of a new proselyte, cried, "Doubt me not, Adrian, I also will become wise and good!" and then quite overcome, I wept aloud.

As this gust of passion passed from me, I felt more composed. I lay on the ground, and giving the reins to my thoughts, repassed in my mind my former life; and began, fold by fold, to unwind the many errors of my

heart, and to discover how brutish, savage, and worthless I had hitherto been. I could not however at that time feel remorse, for methought I was born anew; my soul threw off the burthen of past sin, to commence a new career in innocence and love. Nothing harsh or rough remained to jar with the soft feelings which the transactions of the day had inspired; I was as a child lisping its devotions after its mother, and my plastic soul was remoulded by a master hand, which I neither desired nor was able to resist.

This was the first commencement of my friendship with Adrian, and I must commemorate this day as the most fortunate of my life. I now began to be human. I was admitted within that sacred boundary which divides the intellectual and moral nature of man from that which characterizes animals. My best feelings were called into play to give fitting responses to the generosity, wisdom, and amenity of my new friend. He, with a noble goodness all his own, took infinite delight in bestowing to prodigality the treasures of his mind and fortune on the long-neglected son of his father’s friend, the offspring of that gifted being whose excellencies and talents he had heard commemorated from infancy.

After his abdication the late king had retreated from the sphere of politics, yet his domestic circle afforded him small content. The ex-queen had none of the virtues of domestic life, and those of courage and daring which she possessed were rendered null by the secession of her husband: she despised him, and did not care to conceal her sentiments. The king had, in compliance with her exactions, cast off his old friends, but he had acquired no new ones under her guidance. In this dearth of sympathy, he had recourse to his almost infant son; and the early development of talent and sensibility rendered Adrian no unfitting depository of his father’s confidence. He was never weary of listening to the

latter’s often repeated accounts of old times, in which my father had played a distinguished part; his keen remarks were repeated to the boy, and remembered by him; his wit, his fascinations, his very faults were hallowed by the regret of affection; his loss was sincerely deplored. Even the queen’s dislike of the favourite was ineffectual to deprive him of his son’s admiration: it was bitter, sarcastic, contemptuous – but as she bestowed her heavy censure alike on his virtues as his errors, on his devoted friendship and his ill-bestowed loves, on his disinterestedness and his prodigality, on his pre-possessing grace of manner, and the facility with which he yielded to temptation, her double shot proved too heavy, and fell short of the mark. Nor did her angry dislike prevent Adrian from imaging my father, as he had said, the type of all that was gallant, amiable, and fascinating in man. It was not strange therefore, that when he heard of the existence of the offspring of this celebrated person, he should have formed the plan of bestowing on them all the advantages his rank made him rich to afford. When he found me a vagabond shepherd of the hills, a poacher, an unlettered savage, still his kindness did not fail. In addition to the opinion he entertained that his father was to a degree culpable of neglect towards us, and that he was bound to every possible reparation, he was pleased to say that under all my ruggedness there glimmered forth an elevation of spirit, which could be distinguished from mere animal courage, and that I inherited a similarity of countenance to my father, which gave proof that all his virtues and talents had not died with him. Whatever those might be which descended to me, my noble young friend resolved should not be lost for want of culture.

Acting upon this plan in our subsequent intercourse, he led me to wish to participate in that cultivation which graced his own intellect. My active mind, when once it

seized upon this new idea, fastened on it with extreme avidity. At first it was the great object of my ambition to rival the merits of my father, and render myself worthy of the friendship of Adrian. But curiosity soon awoke, and an earnest love of knowledge, which caused me to pass days and nights in reading and study. I was already well acquainted with what I may term the panorama of nature, the change of seasons, and the various appearances of heaven and earth. But I was at once startled and enchanted by my sudden extension of vision, when the curtain, which had been drawn before the intellectual world, was withdrawn, and I saw the universe, not only as it presented itself to my outward senses, but as it had appeared to the wisest among men. Poetry and its creations, philosophy and its researches and classifications, alike awoke the sleeping ideas in my mind, and gave me new ones.

I felt as the sailor, who from the topmast first discovered the shore of America; and like him I hastened to tell my companions of my discoveries in unknown regions. But I was unable to excite in any breast the same craving appetite for knowledge that existed in mine. Even Perdita was unable to understand me. I had lived in what is generally called the world of reality, and it was awakening to a new country to find that there was a deeper meaning in all I saw, besides that which my eyes conveyed to me. The visionary Perdita beheld in all this only a new gloss upon an old reading, and her own was sufficiently inexhaustible to content her. She listened to me as she had done to the narration of my adventures, and sometimes took an interest in this species of information; but she did not, as I did, look on it as an integral part of her being, which having obtained, I could no more put off than the universal sense of touch.

We both agreed in loving Adrian: although she not having yet escaped from childhood could not appreciate as I did the extent of his merits, or feel the same sympathy in his pursuits and opinions. I was for ever with him. There was a sensibility and sweetness in his disposition, that gave a tender and unearthly tone to our converse. Then he was gay as a lark carolling from its skiey tower, soaring in thought as an eagle, innocent as the mild-eyed dove. He could dispel the seriousness of Perdita, and take the sting from the torturing activity of my nature. I looked back to my restless desires and painful struggles with my fellow beings as to a troubled dream, and felt myself as much changed as if I had transmigrated into another form, whose fresh sensorium and mechanism of nerves had altered the reflection of the apparent universe in the mirror of mind. But it was not so; I was the same in strength, in earnest craving for sympathy, in my yearning for active exertion. My manly virtues did not desert me, for the witch Urania spared the locks of Sampson, while he reposed at her feet; but all was softened and humanized. Nor did Adrian instruct me only in the cold truths of history and philosophy. At the same time that he taught me by their means to subdue my own reckless and uncultured spirit, he opened to my view the living page of his own heart, and gave me to feel and understand its wondrous character.

The ex-queen of England had, even during infancy, endeavoured to implant daring and ambitious designs in the mind of her son. She saw that he was endowed with genius and surpassing talent; these she cultivated for the sake of afterwards using them for the furtherance of her own views. She encouraged his craving for knowledge and his impetuous courage; she even tolerated his tameless love of freedom, under the hope that this would, as is too often the case, lead to a passion for command. She endeavoured to bring him up in a

sense of resentment towards, and a desire to revenge himself upon, those who had been instrumental in bringing about his father’s abdication. In this she did not succeed. The accounts furnished him, however distorted, of a great and wise nation asserting its right to govern itself, excited his admiration: in early days he became a republican from principle. Still his mother did not despair. To the love of rule and haughty pride of birth she added determined ambition, patience, and self-control. She devoted herself to the study of her son’s disposition. By the application of praise, censure, and exhortation, she tried to seek and strike the fitting chords; and though the melody that followed her touch seemed discord to her, she built her hopes on his talents, and felt sure that she would at last win him. The kind of banishment he now experienced arose from other causes.

The ex-queen had also a daughter, now twelve years of age; his fairy sister, Adrian was wont to call her; a lovely, animated, little thing, all sensibility and truth. With these, her children, the noble widow constantly resided at Windsor; and admitted no visitors, except her own partizans, travellers from her native Germany, and a few of the foreign ministers. Among these, and highly distinguished by her, was Prince Zaimi, ambassador to England from the free States of Greece; and his daughter, the young Princess Evadne, passed much of her time at Windsor Castle. In company with this sprightly and clever Greek girl, the Countess would relax from her usual state. Her views with regard to her own children, placed all her words and actions relative to them under restraint: but Evadne was a plaything she could in no way fear; nor were her talents and vivacity slight alleviations to the monotony of the Countess’s life.

Evadne was eighteen years of age. Although they spent much time together at Windsor, the extreme youth of

Adrian prevented any suspicion as to the nature of their intercourse. But he was ardent and tender of heart beyond the common nature of man, and had already learnt to love, while the beauteous Greek smiled benignantly on the boy. It was strange to me, who, though older than Adrian, had never loved, to witness the whole heart's sacrifice of my friend. There was neither jealousy, inquietude, or mistrust in his sentiment; it was devotion and faith. His life was swallowed up in the existence of his beloved; and his heart beat only in unison with the pulsations that vivified hers. This was the secret law of his life – he loved and was beloved. The universe was to him a dwelling, to inhabit with his chosen one; and not either a scheme of society or an enchainment of events, that could impart to him either happiness or misery. What, though life and the system of social intercourse were a wilderness, a tiger-haunted jungle! Through the midst of its errors, in the depths of its savage recesses, there was a disentangled and flowery pathway, through which they might journey in safety and delight. Their track would be like the passage of the Red Sea, which they might traverse with unwet feet, though a wall of destruction were impending on either side.

Alas! why must I record the hapless delusion of this matchless specimen of humanity? What is there in our nature that is for ever urging us on towards pain and misery? We are not formed for enjoyment; and, however we may be attuned to the reception of pleasureable emotion, disappointment is the never-failing pilot of our life's bark, and ruthlessly carries us on to the shoals. Who was better framed than this highly-gifted youth to love and be beloved, and to reap unalienable joy from an unblamed passion? If his heart had slept but a few years longer, he might have been saved; but it awoke in its infancy; it had power, but no knowledge; and it was

ruined, even as a too early-blowing bud is nipt by the killing frost.

I did not accuse Evadne of hypocrisy or a wish to deceive her lover; but the first letter that I saw of hers convinced me that she did not love him; it was written with elegance, and, foreigner as she was, with great command of language. The hand-writing itself was exquisitely beautiful; there was something in her very paper and its folds, which even I, who did not love, and was withal unskilled in such matters, could discern as being tasteful. There was much kindness, gratitude, and sweetness in her expression, but no love. Evadne was two years older than Adrian; and who, at eighteen, ever loved one so much their junior? I compared her placid epistles with the burning ones of Adrian. His soul seemed to distil itself into the words he wrote; and they breathed on the paper, bearing with them a portion of the life of love, which was his life. The very writing used to exhaust him; and he would weep over them, merely from the excess of emotion they awakened in his heart.

Adrian’s soul was painted in his countenance, and concealment or deceit were at the antipodes to the dreadless frankness of his nature. Evadne made it her earnest request that the tale of their loves should not be revealed to his mother; and after for a while contesting the point, he yielded it to her. A vain concession; his demeanour quickly betrayed his secret to the quick eyes of the ex-queen. With the same wary prudence that characterized her whole conduct, she concealed her discovery, but hastened to remove her son from the sphere of the attractive Greek. He was sent to Cumberland; but the plan of correspondence between the lovers, arranged by Evadne, was effectually hidden from her. Thus the absence of Adrian, concerted for the purpose of separating, united them in firmer bonds than ever. To me he discoursed ceaselessly of his beloved

Ionian. Her country, its ancient annals, its late memorable struggles, were all made to partake in her glory and excellence. He submitted to be away from her, because she commanded this submission; but for her influence, he would have declared his attachment before all England, and resisted, with unshaken constancy, his mother’s opposition. Evadne’s feminine prudence perceived how useless any assertion of his resolves would be, till added years gave weight to his power. Perhaps there was besides a lurking dislike to bind herself in the face of the world to one whom she did not love – not love, at least, with that passionate enthusiasm which her heart told her she might one day feel towards another. He obeyed her injunctions, and passed a year in exile in Cumberland.

CHAPTER III

HAPPY, thrice happy, were the months, and weeks, and hours of that year. Friendship, hand in hand with admiration, tenderness and respect, built a bower of delight in my heart, late rough as an untrod wild in America, as the homeless wind or herbless sea. Insatiate thirst for knowledge, and boundless affection for Adrian, combined to keep both my heart and understanding occupied, and I was consequently happy. What happiness is so true and unclouded, as the overflowing and talkative delight of young people. In our boat, upon my native lake, beside the streams and the pale bordering poplars – in valley and over hill, my crook thrown aside, a nobler flock to tend than silly sheep, even a flock of new-born ideas, I read or listened to Adrian; and his discourse, whether it concerned his love or his theories for the improvement of man, alike entranced me. Sometimes my lawless mood would return, my love of peril, my resistance to authority; but this was in his absence; under the mild sway of his dear eyes, I was obedient and good as a boy of five years old, who does his mother’s bidding.

After a residence of about a year at Ulswater, Adrian visited London, and came back full of plans for our benefit. You must begin life, he said: you are seventeen, and longer delay would render the necessary apprenticeship more and more irksome. He foresaw that his own life would be one of struggle, and I must partake his labours with him. The better to fit me for this task, we must now separate. He found my name a good passport to preferment, and he had procured for me the

situation of private secretary to the Ambassador at Vienna, where I should enter on my career under the best auspices. In two years, I should return to my country, with a name well known and a reputation already founded.

And Perdita? – Perdita was to become the pupil, friend and younger sister of Evadne. With his usual thoughtfulness, he had provided for her independence in this situation. How refuse the offers of this generous friend? – I did not wish to refuse them; but in my heart of hearts, I made a vow to devote life, knowledge, and power, all of which, in as much as they were of any value, he had bestowed on me – all, all my capacities and hopes, to him alone I would devote.

Thus I promised myself, as I journied towards my destination with roused and ardent expectation: expectation of the fulfilment of all that in boyhood we promise ourselves of power and enjoyment in maturity. Methought the time was now arrived, when, childish occupations laid aside, I should enter into life. Even in the Elysian fields, Virgil describes the souls of the happy as eager to drink of the wave which was to restore them to this mortal coil. The young are seldom in Elysium, for their desires, outstripping possibility, leave them as poor as a moneyless debtor. We are told by the wisest philosophers of the dangers of the world, the deceits of men, and the treason of our own hearts: but not the less fearlessly does each put off his frail bark from the port, spread the sail, and strain his oar, to attain the multitudinous streams of the sea of life. How few in youth’s prime, moor their vessels on the “golden sands,” and collect the painted shells that strew them. But all at close of day, with riven planks and rent canvas make for shore, and are either wrecked ere they reach it, or find some wave-beaten haven, some desart strand, whereon to cast themselves and die unmourned.

A truce to philosophy! – Life is before me, and I rush into possession. Hope, glory, love, and blameless ambition are my guides, and my soul knows no dread. What has been, though sweet, is gone; the present is good only because it is about to change, and the to come is all my own. Do I fear, that my heart palpitates? high aspirations cause the flow of my blood; my eyes seem to penetrate the cloudy midnight of time, and to discern within the depths of its darkness, the fruition of all my soul desires.

Now pause! – During my journey I might dream, and with buoyant wings reach the summit of life's high edifice. Now that I am arrived at its base, my pinions are furled, the mighty stairs are before me, and step by step I must ascend the wondrous fane – Speak! – What door is opened?

Behold me in a new capacity. A diplomatist: one among the pleasure-seeking society of a gay city; a youth of promise; favourite of the Ambassador. All was strange and admirable to the shepherd of Cumberland. With breathless amaze I entered on the gay scene, whose actors were

… the lilies glorious as Solomon,

Who toil not, neither do they spin.

Soon, too soon, I entered the giddy whirl; forgetting my studious hours, and the companionship of Adrian. Passionate desire of sympathy, and ardent pursuit for a wished-for object still characterized me. The sight of beauty entranced me, and attractive manners in man or woman won my entire confidence. I called it rapture, when a smile made my heart beat; and I felt the life's blood tingle in my frame, when I approached the idol which for awhile I worshipped. The mere flow of animal spirits was Paradise, and at night's close I only desired a

renewal of the intoxicating delusion. The dazzling light of ornamented rooms; lovely forms arrayed in splendid dresses; the motions of a dance, the voluptuous tones of exquisite music, cradled my senses in one delightful dream.

And is not this in its kind happiness? I appeal to moralists and sages. I ask if in the calm of their measured reveries, if in the deep meditations which fill their hours, they feel the extasy of a youthful tyro in the school of pleasure? Can the calm beams of their heaven-seeking eyes equal the flashes of mingling passion which blind his, or does the influence of cold philosophy steep their soul in a joy equal to his, engaged

In this dear work of youthful revelry.

But in truth, neither the lonely meditations of the hermit, nor the tumultuous raptures of the reveller, are capable of satisfying man’s heart. From the one we gather unquiet speculation, from the other satiety. The mind flags beneath the weight of thought, and droops in the heartless intercourse of those whose sole aim is amusement. There is no fruition in their vacant kindness, and sharp rocks lurk beneath the smiling ripples of these shallow waters.

Thus I felt, when disappointment, weariness, and solitude drove me back upon my heart, to gather thence the joy of which it had become barren. My flagging spirits asked for something to speak to the affections; and not finding it, I drooped. Thus, notwithstanding the thoughtless delight that waited on its commencement, the impression I have of my life at Vienna is melancholy. Goethe has said, that in youth we cannot be happy unless we love. I did not love; but I was devoured by a restless wish to be something to others. I became the victim of ingratitude and cold coquetry – then I desponded, and imagined that my discontent gave me a

right to hate the world. I receded to solitude; I had recourse to my books, and my desire again to enjoy the society of Adrian became a burning thirst.

Emulation, that in its excess almost assumed the venomous properties of envy, gave a sting to these feelings. At this period the name and exploits of one of my countrymen filled the world with admiration. Relations of what he had done, conjectures concerning his future actions, were the never-failing topics of the hour. I was not angry on my own account, but I felt as if the praises which this idol received were leaves torn from laurels destined for Adrian. But I must enter into some account of this darling of fame – this favourite of the wonder-loving world.

Lord Raymond was the sole remnant of a noble but impoverished family. From early youth he had considered his pedigree with complacency, and bitterly lamented his want of wealth. His first wish was aggrandisement; and the means that led towards this end were secondary considerations. Haughty, yet trembling to every demonstration of respect; ambitious, but too proud to shew his ambition; willing to achieve honour, yet a votary of pleasure, – he entered upon life. He was met on the threshold by some insult, real or imaginary; some repulse, where he least expected it; some disappointment, hard for his pride to bear. He writhed beneath an injury he was unable to revenge; and he quitted England with a vow not to return, till the good time should arrive, when she might feel the power of him she now despised.

He became an adventurer in the Greek wars. His reckless courage and comprehensive genius brought him into notice. He became the darling hero of this rising people. His foreign birth, and he refused to throw off his allegiance to his native country, alone prevented him from filling the first offices in the state. But, though

others might rank higher in title and ceremony, Lord Raymond held a station above and beyond all this. He led the Greek armies to victory; their triumphs were all his own. When he appeared, whole towns poured forth their population to meet him; new songs were adapted to their national airs, whose themes were his glory, valour, and munificence. A truce was concluded between the Greeks and Turks. At the same time, Lord Raymond, by some unlooked-for chance, became the possessor of an immense fortune in England, whither he returned, crowned with glory, to receive the meed of honour and distinction before denied to his pretensions. His proud heart rebelled against this change. In what was the despised Raymond not the same? If the acquisition of power in the shape of wealth caused this alteration, that power should they feel as an iron yoke. Power therefore was the aim of all his endeavours; aggrandizement the mark at which he for ever shot. In open ambition or close intrigue, his end was the same – to attain the first station in his own country.

This account filled me with curiosity. The events that in succession followed his return to England, gave me keener feelings. Among his other advantages, Lord Raymond was supremely handsome; every one admired him; of women he was the idol. He was courteous, honey-tongued – an adept in fascinating arts. What could not this man achieve in the busy English world? Change succeeded to change; the entire history did not reach me; for Adrian had ceased to write, and Perdita was a laconic correspondent. The rumour went that Adrian had become – how write the fatal word – mad: that Lord Raymond was the favourite of the ex-queen, her daughter’s destined husband. Nay, more, that this aspiring noble revived the claim of the house of Windsor to the crown, and that, on the event of Adrian’s incurable disorder and his marriage with the sister, the

brow of the ambitious Raymond might be encircled with the magic ring of regality.

Such a tale filled the trumpet of many voiced fame; such a tale rendered my longer stay at Vienna, away from the friend of my youth, intolerable. Now I must fulfil my vow; now range myself at his side, and be his ally and support till death. Farewell to courtly pleasure; to politic intrigue; to the maze of passion and folly! All hail, England! Native England, receive thy child! thou art the scene of all my hopes, the mighty theatre on which is acted the only drama that can, heart and soul, bear me along with it in its development. A voice most irresistible, a power omnipotent, drew me thither. After an absence of two years I landed on its shores, not daring to make any inquiries, fearful of every remark. My first visit would be to my sister, who inhabited a little cottage, a part of Adrian’s gift, on the borders of Windsor Forest. From her I should learn the truth concerning our protector; I should hear why she had withdrawn from the protection of the Princess Evadne, and be instructed as to the influence which this overtopping and towering Raymond exercised over the fortunes of my friend.

I had never before been in the neighbourhood of Windsor; the fertility and beauty of the country around now struck me with admiration, which encreased as I approached the antique wood. The ruins of majestic oaks which had grown, flourished, and decayed during the progress of centuries, marked where the limits of the forest once reached, while the shattered palings and neglected underwood shewed that this part was deserted for the younger plantations, which owed their birth to the beginning of the nineteenth century, and now stood in the pride of maturity. Perdita’s humble dwelling was situated on the skirts of the most ancient portion; before it was stretched Bishopgate Heath,

which towards the east appeared interminable, and was bounded to the west by Chapel Wood and the grove of Virginia Water. Behind, the cottage was shadowed by the venerable fathers of the forest, under which the deer came to graze, and which for the most part hollow and decayed, formed fantastic groups that contrasted with the regular beauty of the younger trees. These, the offspring of a later period, stood erect and seemed ready to advance fearlessly into coming time; while those out worn stragglers, blasted and broke, clung to each other, their weak boughs sighing as the wind buffetted them – a weather-beaten crew.

A light railing surrounded the garden of the cottage, which, low-roofed, seemed to submit to the majesty of nature, and cower amidst the venerable remains of forgotten time. Flowers, the children of the spring, adorned her garden and casements; in the midst of lowliness there was an air of elegance which spoke the graceful taste of the inmate. With a beating heart I entered the enclosure; as I stood at the entrance, I heard her voice, melodious as it had ever been, which before I saw her assured me of her welfare.

A moment more and Perdita appeared; she stood before me in the fresh bloom of youthful womanhood, different from and yet the same as the mountain girl I had left. Her eyes could not be deeper than they were in childhood, nor her countenance more expressive; but the expression was changed and improved; intelligence sat on her brow; when she smiled her face was embellished by the softest sensibility, and her low, modulated voice seemed tuned by love. Her person was formed in the most feminine proportions; she was not tall, but her mountain life had given freedom to her motions, so that her light step scarce made her foot-fall heard as she tript across the hall to meet me. When we had parted, I had clasped her to my bosom with unrestrained warmth;

we met again, and new feelings were awakened; when each beheld the other, childhood passed, as full grown actors on this changeful scene. The pause was but for a moment; the flood of association and natural feeling which had been checked, again rushed in full tide upon our hearts, and with tenderest emotion we were swiftly locked in each other's embrace.

This burst of passionate feeling over, with calmed thoughts we sat together, talking of the past and present. I alluded to the coldness of her letters; but the few minutes we had spent together sufficiently explained the origin of this. New feelings had arisen within her, which she was unable to express in writing to one whom she had only known in childhood; but we saw each other again, and our intimacy was renewed as if nothing had intervened to check it. I detailed the incidents of my sojourn abroad, and then questioned her as to the changes that had taken place at home, the causes of Adrian's absence, and her secluded life.

The tears that suffused my sister's eyes when I mentioned our friend, and her heightened colour seemed to vouch for the truth of the reports that had reached me. But their import was too terrible for me to give instant credit to my suspicion. Was there indeed anarchy in the sublime universe of Adrian's thoughts, did madness scatter the well-appointed legions, and was he no longer the lord of his own soul? Beloved friend, this ill world was no clime for your gentle spirit; you delivered up its governance to false humanity, which stript it of its leaves ere winter-time, and laid bare its quivering life to the evil ministration of roughest winds. Have those gentle eyes, those "channels of the soul" lost their meaning, or do they only in their glare disclose the horrible tale of its aberrations? Does that voice no longer "discourse excellent music?" Horrible, most horrible! I veil my eyes in terror of the change, and

gushing tears bear witness to my sympathy for this unimaginable ruin.

In obedience to my request Perdita detailed the melancholy circumstances that led to this event.

The frank and unsuspicious mind of Adrian, gifted as it was by every natural grace, endowed with transcendant powers of intellect, unblemished by the shadow of defect (unless his dreadless independence of thought was to be construed into one), was devoted, even as a victim to sacrifice, to his love for Evadne. He entrusted to her keeping the treasures of his soul, his aspirations after excellence, and his plans for the improvement of mankind. As manhood dawned upon him, his schemes and theories, far from being changed by personal and prudential motives, acquired new strength from the powers he felt arise within him; and his love for Evadne became deep-rooted, as he each day became more certain that the path he pursued was full of difficulty, and that he must seek his reward, not in the applause or gratitude of his fellow creatures, hardly in the success of his plans, but in the approbation of his own heart, and in her love and sympathy, which was to lighten every toil and recompence every sacrifice.

In solitude, and through many wanderings afar from the haunts of men, he matured his views for the reform of the English government, and the improvement of the people. It would have been well if he had concealed his sentiments, until he had come into possession of the power which would secure their practical development. But he was impatient of the years that must intervene, he was frank of heart and fearless. He gave not only a brief denial to his mother’s schemes, but published his intention of using his influence to diminish the power of the aristocracy, to effect a greater equalization of wealth and privilege, and to introduce a perfect system of republican government into England. At first his mother

treated his theories as the wild ravings of inexperience. But they were so systematically arranged, and his arguments so well supported, that though still in appearance incredulous, she began to fear him. She tried to reason with him, and finding him inflexible, learned to hate him.

Strange to say, this feeling was infectious. His enthusiasm for good which did not exist; his contempt for the sacredness of authority; his ardour and imprudence were all at the antipodes of the usual routine of life; the worldly feared him; the young and inexperienced did not understand the lofty severity of his moral views, and disliked him as a being different from themselves. Evadne entered but coldly into his systems. She thought he did well to assert his own will, but she wished that will to have been more intelligible to the multitude. She had none of the spirit of a martyr, and did not incline to share the shame and defeat of a fallen patriot. She was aware of the purity of his motives, the generosity of his disposition, his true and ardent attachment to her; and she entertained a great affection for him. He repaid this spirit of kindness with the fondest gratitude, and made her the treasure-house of all his hopes.

At this time Lord Raymond returned from Greece. No two persons could be more opposite than Adrian and he. With all the incongruities of his character, Raymond was emphatically a man of the world. His passions were violent; as these often obtained the mastery over him, he could not always square his conduct to the obvious line of self-interest, but self-gratification at least was the paramount object with him. He looked on the structure of society as but a part of the machinery which supported the web on which his life was traced. The earth was spread out as an highway for him; the heavens built up as a canopy for him.

Adrian felt that he made a part of a great whole. He owned affinity not only with mankind, but all nature was akin to him; the mountains and sky were his friends; the winds of heaven and the offspring of earth his playmates; while he the focus only of this mighty mirror, felt his life mingle with the universe of existence. His soul was sympathy, and dedicated to the worship of beauty and excellence. Adrian and Raymond now came into contact, and a spirit of aversion rose between them. Adrian despised the narrow views of the politician, and Raymond held in supreme contempt the benevolent visions of the philanthropist.

With the coming of Raymond was formed the storm that laid waste at one fell blow the gardens of delight and sheltered paths which Adrian fancied that he had secured to himself, as a refuge from defeat and contumely. Raymond, the deliverer of Greece, the graceful soldier, who bore in his mien a tinge of all that, peculiar to her native clime, Evadne cherished as most dear – Raymond was loved by Evadne. Overpowered by her new sensations, she did not pause to examine them, or to regulate her conduct by any sentiments except the tyrannical one which suddenly usurped the empire of her heart. She yielded to its influence, and the too natural consequence in a mind unattuned to soft emotions was, that the attentions of Adrian became distasteful to her. She grew capricious; her gentle conduct towards him was exchanged for asperity and repulsive coldness. When she perceived the wild or pathetic appeal of his expressive countenance, she would relent, and for a while resume her ancient kindness. But these fluctuations shook to its depths the soul of the sensitive youth; he no longer deemed the world subject to him, because he possessed Evadne’s love; he felt in every nerve that the dire storms of the

mental universe were about to attack his fragile being, which quivered at the expectation of its advent.

Perdita, who then resided with Evadne, saw the torture that Adrian endured. She loved him as a kind elder brother; a relation to guide, protect, and instruct her, without the too frequent tyranny of parental authority. She adored his virtues, and with mixed contempt and indignation she saw Evadne pile drear sorrow on his head, for the sake of one who hardly marked her. In his solitary despair Adrian would often seek my sister, and in covered terms express his misery, while fortitude and agony divided the throne of his mind. Soon, alas! was one to conquer. Anger made no part of his emotion. With whom should he be angry? Not with Raymond, who was unconscious of the misery he occasioned; not with Evadne, for her his soul wept tears of blood – poor, mistaken girl, slave not tyrant was she, and amidst his own anguish he grieved for her future destiny. Once a writing of his fell into Perdita's hands; it was blotted with tears – well might any blot it with the like –

"Life" – it began thus – "is not the thing romance writers describe it; going through the measures of a dance, and after various evolutions arriving at a conclusion, when the dancers may sit down and repose. While there is life there is action and change. We go on, each thought linked to the one which was its parent, each act to a previous act. No joy or sorrow dies barren of progeny, which for ever generated and generating, weaves the chain that make our life:

Un dia llama a otro dia

y ass i llama, y encadena

llanto a llanto, y pena a pena.

Truly disappointment is the guardian deity of human life; she sits at the threshold of unborn time, and marshals the events as they come forth. Once my heart sat lightly in my bosom; all the beauty of the world was doubly beautiful, irradiated by the sun-light shed from my own soul. O wherefore are love and ruin for ever joined in this our mortal dream? So that when we make our hearts a lair for that gently seeming beast, its companion enters with it, and pitilessly lays waste what might have been an home and a shelter."

By degrees his health was shaken by his misery, and then his intellect yielded to the same tyranny. His manners grew wild; he was sometimes ferocious, sometimes absorbed in speechless melancholy. Suddenly Evadne quitted London for Paris; he followed, and overtook her when the vessel was about to sail; none knew what passed between them, but Perdita had never seen him since; he lived in seclusion, no one knew where, attended by such persons as his mother selected for that purpose.

CHAPTER IV

THE next day Lord Raymond called at Perdita's cottage, on his way to Windsor Castle. My sister's heightened colour and sparkling eyes half revealed her secret to me. He was perfectly self-possessed; he accosted us both with courtesy, seemed immediately to enter into our feelings, and to make one with us. I scanned his physiognomy, which varied as he spoke, yet was beautiful in every change. The usual expression of his eyes was soft, though at times he could make them even glare with ferocity; his complexion was colourless; and every trait spoke predominate self-will; his smile was pleasing, though disdain too often curled his lips – lips which to female eyes were the very throne of beauty and love. His voice, usually gentle, often startled you by a sharp discordant note, which shewed that his usual low tone was rather the work of study than nature. Thus full of contradictions, unbending yet haughty, gentle yet fierce, tender and again neglectful, he by some strange art found easy entrance to the admiration and affection of women; now caressing and now tyrannizing over them according to his mood, but in every change a despot.

At the present time Raymond evidently wished to appear amiable. Wit, hilarity, and deep observation were mingled in his talk, rendering every sentence that he uttered as a flash of light. He soon conquered my latent distaste; I endeavoured to watch him and Perdita, and to keep in mind every thing I had heard to his disadvantage. But all appeared so ingenuous, and all was so fascinating, that I forgot everything except the pleasure his society afforded me. Under the idea of

initiating me in the scene of English politics and society, of which I was soon to become a part, he narrated a number of anecdotes, and sketched many characters; his discourse, rich and varied, flowed on, pervading all my senses with pleasure. But for one thing he would have been completely triumphant. He alluded to Adrian, and spoke of him with that disparagement that the worldly wise always attach to enthusiasm. He perceived the cloud gathering, and tried to dissipate it; but the strength of my feelings would not permit me to pass thus lightly over this sacred subject; so I said emphatically, “Permit me to remark, that I am devotedly attached to the Earl of Windsor; he is my best friend and benefactor. I reverence his goodness, I accord with his opinions, and bitterly lament his present, and I trust temporary, illness. That illness, from its peculiarity, makes it painful to me beyond words to hear him mentioned, unless in terms of respect and affection.”

Raymond replied; but there was nothing conciliatory in his reply. I saw that in his heart he despised those dedicated to any but worldly idols. “Every man,” he said, “dreams about something, love, honour, and pleasure; you dream of friendship, and devote yourself to a maniac; well, if that be your vocation, doubtless you are in the right to follow it.” –

Some reflection seemed to sting him, and the spasm of pain that for a moment convulsed his countenance, checked my indignation. “Happy are dreamers,” he continued, “so that they be not awakened! Would I could dream! but ‘broad and garish day’ is the element in which I live; the dazzling glare of reality inverts the scene for me. Even the ghost of friendship has departed, and love” – – He broke off; nor could I guess whether the disdain that curled his lip was directed against the passion, or against himself for being its slave.

This account may be taken as a sample of my intercourse with Lord Raymond. I became intimate with him, and each day afforded me occasion to admire more and more his powerful and versatile talents, that together with his eloquence, which was graceful and witty, and his wealth now immense, caused him to be feared, loved, and hated beyond any other man in England.

My descent, which claimed interest, if not respect, my former connection with Adrian, the favour of the ambassador, whose secretary I had been, and now my intimacy with Lord Raymond, gave me easy access to the fashionable and political circles of England. To my inexperience we at first appeared on the eve of a civil war; each party was violent, acrimonious, and unyielding. Parliament was divided by three factions, aristocrats, democrats, and royalists. After Adrian's declared predeliction to the republican form of government, the latter party had nearly died away, chiefless, guideless; but, when Lord Raymond came forward as its leader, it revived with redoubled force. Some were royalists from prejudice and ancient affection, and there were many moderately inclined who feared alike the capricious tyranny of the popular party, and the unbending despotism of the aristocrats. More than a third of the members ranged themselves under Raymond, and their number was perpetually encreasing. The aristocrats built their hopes on their preponderant wealth and influence; the reformers on the force of the nation itself; the debates were violent, more violent the discourses held by each knot of politicians as they assembled to arrange their measures. Opprobrious epithets were bandied about, resistance even to the death threatened; meetings of the populace disturbed the quiet order of the country; except in war, how could all this end? Even as the destructive flames were ready

to break forth, I saw them shrink back; allayed by the absence of the military, by the aversion entertained by every one to any violence, save that of speech, and by the cordial politeness and even friendship of the hostile leaders when they met in private society. I was from a thousand motives induced to attend minutely to the course of events, and watch each turn with intense anxiety.

I could not but perceive that Perdita loved Raymond; methought also that he regarded the fair daughter of Verney with admiration and tenderness. Yet I knew that he was urging forward his marriage with the presumptive heiress of the Earldom of Windsor, with keen expectation of the advantages that would thence accrue to him. All the ex-queen’s friends were his friends; no week passed that he did not hold consultations with her at Windsor.

I had never seen the sister of Adrian. I had heard that she was lovely, amiable, and fascinating. Wherefore should I see her? There are times when we have an indefinable sentiment of impending change for better or for worse, to arise from an event; and, be it for better or for worse, we fear the change, and shun the event. For this reason I avoided this high-born damsel. To me she was everything and nothing; her very name mentioned by another made me start and tremble; the endless discussion concerning her union with Lord Raymond was real agony to me. Methought that, Adrian withdrawn from active life, and this beauteous Idris, a victim probably to her mother’s ambitious schemes, I ought to come forward to protect her from undue influence, guard her from unhappiness, and secure to her freedom of choice, the right of every human being. Yet how was I to do this? She herself would disdain my interference. Since then I must be an object of indifference or contempt to her, better, far better avoid her, nor expose

myself before her and the scornful world to the chance of playing the mad game of a fond, foolish Icarus. One day, several months after my return to England, I quitted London to visit my sister. Her society was my chief solace and delight; and my spirits always rose at the expectation of seeing her. Her conversation was full of pointed remark and discernment; in her pleasant alcove, redolent with sweetest flowers, adorned by magnificent casts, antique vases, and copies of the finest pictures of Raphael, Correggio, and Claude, painted by herself, I fancied myself in a fairy retreat untainted by and inaccessible to the noisy contentions of politicians and the frivolous pursuits of fashion. On this occasion, my sister was not alone; nor could I fail to recognise her companion: it was Idris, the till now unseen object of my mad idolatry.

In what fitting terms of wonder and delight, in what choice expression and soft flow of language, can I usher in the loveliest, wisest, best? How in poor assemblage of words convey the halo of glory that surrounded her, the thousand graces that waited unwearied on her. The first thing that struck you on beholding that charming countenance was its perfect goodness and frankness; candour sat upon her brow, simplicity in her eyes, heavenly benignity in her smile. Her tall slim figure bent gracefully as a poplar to the breezy west, and her gait, goddess-like, was as that of a winged angel new alit from heaven’s high floor; the pearly fairness of her complexion was stained by a pure suffusion; her voice resembled the low, subdued tenor of a flute. It is easiest perhaps to describe by contrast. I have detailed the perfections of my sister; and yet she was utterly unlike Idris. Perdita, even where she loved, was reserved and timid; Idris was frank and confiding. The one recoiled to solitude, that she might there entrench herself from disappointment and injury; the other walked forth in

open day, believing that none would harm her. Wordsworth has compared a beloved female to two fair objects in nature; but his lines always appeared to me rather a contrast than a similitude:

A violet by a mossy stone

Half hidden from the eye,

Fair as a star when only one

Is shining in the sky.

Such a violet was sweet Perdita, trembling to entrust herself to the very air, cowering from observation, yet betrayed by her excellences; and repaying with a thousand graces the labour of those who sought her in her lonely bye-path. Idris was as the star, set in single splendour in the dim anadem of balmy evening; ready to enlighten and delight the subject world, shielded herself from every taint by her unimagined distance from all that was not like herself akin to heaven.

I found this vision of beauty in Perdita's alcove, in earnest conversation with its inmate. When my sister saw me, she rose, and taking my hand, said, "He is here, even at our wish; this is Lionel, my brother." Idris arose also, and bent on me her eyes of celestial blue, and with grace peculiar said – "You hardly need an introduction; we have a picture, highly valued by my father, which declares at once your name. Verney, you will acknowledge this tie, and as my brother's friend, I feel that I may trust you."

Then, with lids humid with a tear and trembling voice, she continued – "Dear friends, do not think it strange that now, visiting you for the first time, I ask your assistance, and confide my wishes and fears to you. To you alone do I dare speak; I have heard you commended

by impartial spectators; you are my brother's friends, therefore you must be mine. What can I say? if you refuse to aid me, I am lost indeed!" She cast up her eyes, while wonder held her auditors mute; then, as if carried away by her feelings, she cried – "My brother! beloved, ill-fated Adrian! how speak of your misfortunes? Doubtless you have both heard the current tale; perhaps believe the slander; but he is not mad! Were an angel from the foot of God's throne to assert it, never, never would I believe it. He is wronged, betrayed, imprisoned – save him! Verney, you must do this; seek him out in whatever part of the island he is immured; find him, rescue him from his persecutors, restore him to himself, to me – on the wide earth I have none to love but only him!"

Her earnest appeal, so sweetly and passionately expressed, filled me with wonder and sympathy; and, when she added, with thrilling voice and look, "Do you consent to undertake this enterprize?" I vowed, with energy and truth, to devote myself in life and death to the restoration and welfare of Adrian. We then conversed on the plan I should pursue, and discussed the probable means of discovering his residence. While we were in earnest discourse, Lord Raymond entered unannounced: I saw Perdita tremble and grow deadly pale, and the cheeks of Idris glow with purest blushes. He must have been astonished at our conclave, disturbed by it I should have thought; but nothing of this appeared; he saluted my companions, and addressed me with a cordial greeting. Idris appeared suspended for a moment, and then with extreme sweetness, she said, "Lord Raymond, I confide in your goodness and honour."

Smiling haughtily, he bent his head, and replied, with emphasis, "Do you indeed confide, Lady Idris?"

She endeavoured to read his thought, and then answered with dignity, "As you please. It is certainly best

not to compromise oneself by any concealment."

"Pardon me," he replied, "if I have offended. Whether you trust me or not, rely on my doing my utmost to further your wishes, whatever they may be."

Idris smiled her thanks, and rose to take leave. Lord Raymond requested permission to accompany her to Windsor Castle, to which she consented, and they quitted the cottage together. My sister and I were left – truly like two fools, who fancied that they had obtained a golden treasure, till daylight shewed it to be lead – two silly, luckless flies, who had played in sunbeams and were caught in a spider's web. I leaned against the casement, and watched those two glorious creatures, till they disappeared in the forest-glades; and then I turned. Perdita had not moved; her eyes fixed on the ground, her cheeks pale, her very lips white, motionless and rigid, every feature stamped by woe, she sat. Half frightened, I would have taken her hand; but she shudderingly withdrew it, and strove to collect herself. I entreated her to speak to me: "Not now," she replied, "nor do you speak to me, my dear Lionel; you can say nothing, for you know nothing. I will see you tomorrow; in the meantime, adieu!" She rose, and walked from the room; but pausing at the door, and leaning against it, as if her over-busy thoughts had taken from her the power of supporting herself, she said, "Lord Raymond will probably return. Will you tell him that he must excuse me today, for I am not well. I will see him tomorrow if he wishes it, and you also. You had better return to London with him; you can there make the enquiries agreed upon, concerning the Earl of Windsor and visit me again tomorrow, before you proceed on your journey – till then, farewell!"

She spoke falteringly, and concluded with a heavy sigh. I gave my assent to her request; and she left me. I felt as if, from the order of the systematic world, I had plunged

into chaos, obscure, contrary, unintelligible. That Raymond should marry Idris was more than ever intolerable; yet my passion, though a giant from its birth, was too strange, wild, and impracticable, for me to feel at once the misery I perceived in Perdita. How should I act? She had not confided in me; I could not demand an explanation from Raymond without the hazard of betraying what was perhaps her most treasured secret. I would obtain the truth from her the following day – in the mean time – But, while I was occupied by multiplying reflections, Lord Raymond returned. He asked for my sister; and I delivered her message. After musing on it for a moment, he asked me if I were about to return to London, and if I would accompany him: I consented. He was full of thought, and remained silent during a considerable part of our ride; at length he said, “I must apologize to you for my abstraction; the truth is, Ryland’s motion comes on tonight, and I am considering my reply.”

Ryland was the leader of the popular party, a hard-headed man, and in his way eloquent; he had obtained leave to bring in a bill making it treason to endeavour to change the present state of the English government and the standing laws of the republic. This attack was directed against Raymond and his machinations for the restoration of the monarchy.

Raymond asked me if I would accompany him to the House that evening. I remembered my pursuit for intelligence concerning Adrian; and, knowing that my time would be fully occupied, I excused myself. “Nay,” said my companion, “I can free you from your present impediment. You are going to make enquiries concerning the Earl of Windsor. I can answer them at once, he is at the Duke of Athol’s seat at Dunkeld. On the first approach of his disorder, he travelled about from one place to another; until, arriving at that

romantic seclusion he refused to quit it, and we made arrangements with the Duke for his continuing there."

I was hurt by the careless tone with which he conveyed this information, and replied coldly: "I am obliged to you for your intelligence, and will avail myself of it."

"You shall, Verney," said he, "and if you continue of the same mind, I will facilitate your views. But first witness, I beseech you, the result of this night's contest, and the triumph I am about to achieve, if I may so call it, while I fear that victory is to me defeat. What can I do? My dearest hopes appear to be near their fulfilment. The ex-queen gives me Idris; Adrian is totally unfitted to succeed to the earldom, and that earldom in my hands becomes a kingdom. By the reigning God it is true; the paltry earldom of Windsor shall no longer content him, who will inherit the rights which must for ever appertain to the person who possesses it. The Countess can never forget that she has been a queen, and she disdains to leave a diminished inheritance to her children; her power and my wit will rebuild the throne, and this brow will be clasped by a kingly diadem. – I can do this – I can marry Idris."

He stopped abruptly, his countenance darkened, and its expression changed again and again under the influence of internal passion. I asked, "Does Lady Idris love you?"

"What a question," replied he laughing. "She will of course, as I shall her, when we are married."

"You begin late," said I, ironically, "marriage is usually considered the grave, and not the cradle of love. So you are about to love her, but do not already?"

"Do not catechise me, Lionel; I will do my duty by her, be assured. Love! I must steel my heart against that; expel it from its tower of strength, barricade it out: the fountain of love must cease to play, its waters be dried up, and all passionate thoughts attendant on it die – that is to say, the love which would rule me, not that which I

rule. Idris is a gentle, pretty, sweet little girl; it is impossible not to have an affection for her, and I have a very sincere one; only do not speak of love – love, the tyrant and the tyrant-queller; love, until now my conqueror, now my slave; the hungry fire, the untameable beast, the fanged snake – no – no – I will have nothing to do with that love. Tell me, Lionel, do you consent that I should marry this young lady?"

He bent his keen eyes upon me, and my uncontrollable heart swelled in my bosom. I replied in a calm voice – but how far from calm was the thought imaged by my still words – "Never! I can never consent that Lady Idris should be united to one who does not love her."

"Because you love her yourself."

"Your Lordship might have spared that taunt; I do not, dare not love her."

"At least," he continued haughtily, "she does not love you. I would not marry a reigning sovereign, were I not sure that her heart was free. But, O, Lionel! a kingdom is a word of might, and gently sounding are the terms that compose the style of royalty. Were not the mightiest men of the olden times kings? Alexander was a king; Solomon, the wisest of men, was a king; Napoleon was a king; Caesar died in his attempt to become one, and Cromwell, the puritan and king-killer, aspired to regality. The father of Adrian yielded up the already broken sceptre of England; but I will rear the fallen plant, join its dismembered frame, and exalt it above all the flowers of the field.

"You need not wonder that I freely discover Adrian's abode. Do not suppose that I am wicked or foolish enough to found my purposed sovereignty on a fraud, and one so easily discovered as the truth or falsehood of the Earl's insanity. I am just come from him. Before I decided on my marriage with Idris, I resolved to see him

myself again, and to judge of the probability of his recovery. – He is irrecoverably mad."

I gasped for breath…

"I will not detail to you," continued Raymond, "the melancholy particulars. You shall see him, and judge for yourself; although I fear this visit, useless to him, will be insufferably painful to you. It has weighed on my spirits ever since. Excellent and gentle as he is even in the downfall of his reason, I do not worship him as you do, but I would give all my hopes of a crown and my right hand to boot, to see him restored to himself."

His voice expressed the deepest compassion: "Thou most unaccountable being," I cried, "whither will thy actions tend, in all this maze of purpose in which thou seemest lost?"

"Whither indeed? To a crown, a golden be-gemmed crown, I hope; and yet I dare not trust and though I dream of a crown and wake for one, ever and anon a busy devil whispers to me, that it is but a fool's cap that I seek, and that were I wise, I should trample on it, and take in its stead, that which is worth all the crowns of the east and presidentships of the west."

"And what is that?"

"If I do make it my choice, then you shall know; at present I dare not speak, even think of it."

Again he was silent, and after a pause turned to me laughingly. When scorn did not inspire his mirth, when it was genuine gaiety that painted his features with a joyous expression, his beauty became super-eminent, divine. "Verney," said he, "my first act when I become King of England, will be to unite with the Greeks, take Constantinople, and subdue all Asia. I intend to be a warrior, a conqueror; Napoleon's name shall vail to mine; and enthusiasts, instead of visiting his rocky grave, and exalting the merits of the fallen, shall adore my majesty, and magnify my illustrious achievements."

I listened to Raymond with intense interest. Could I be other than all ear, to one who seemed to govern the whole earth in his grasping imagination, and who only quailed when he attempted to rule himself. Then on his word and will depended my own happiness – the fate of all dear to me. I endeavoured to divine the concealed meaning of his words. Perdita's name was not mentioned; yet I could not doubt that love for her caused the vacillation of purpose that he exhibited. And who was so worthy of love as my noble-minded sister? Who deserved the hand of this self-exalted king more than she whose glance belonged to a queen of nations? who loved him, as he did her; notwithstanding that disappointment quelled her passion, and ambition held strong combat with his.

We went together to the House in the evening. Raymond, while he knew that his plans and prospects were to be discussed and decided during the expected debate, was gay and careless. An hum, like that of ten thousand hives of swarming bees, stunned us as we entered the coffee-room. Knots of politicians were assembled with anxious brows and loud or deep voices. The aristocratical party, the richest and most influential men in England, appeared less agitated than the others, for the question was to be discussed without their interference. Near the fire was Ryland and his supporters. Ryland was a man of obscure birth and of immense wealth, inherited from his father, who had been a manufacturer. He had witnessed, when a young man, the abdication of the king, and the amalgamation of the two houses of Lords and Commons; he had sympathized with these popular encroachments, and it had been the business of his life to consolidate and encrease them. Since then, the influence of the landed proprietors had augmented; and at first Ryland was not sorry to observe the machinations of Lord Raymond, which drew off many

of his opponent’s partizans. But the thing was now going too far. The poorer nobility hailed the return of sovereignty, as an event which would restore them to their power and rights, now lost. The half extinct spirit of royalty roused itself in the minds of men; and they, willing slaves, self-constituted subjects, were ready to bend their necks to the yoke. Some erect and manly spirits still remained, pillars of state; but the word republic had grown stale to the vulgar ear; and many – the event would prove whether it was a majority – pined for the tinsel and show of royalty. Ryland was roused to resistance; he asserted that his sufferance alone had permitted the encrease of this party; but the time for indulgence was passed, and with one motion of his arm he would sweep away the cobwebs that blinded his countrymen.

When Raymond entered the coffee-room, his presence was hailed by his friends almost with a shout. They gathered round him, counted their numbers, and detailed the reasons why they were now to receive an addition of such and such members, who had not yet declared themselves. Some trifling business of the House having been gone through, the leaders took their seats in the chamber; the clamour of voices continued, till Ryland arose to speak, and then the slightest whispered observation was audible. All eyes were fixed upon him as he stood – ponderous of frame, sonorous of voice, and with a manner which, though not graceful, was impressive. I turned from his marked, iron countenance to Raymond, whose face, veiled by a smile, would not betray his care; yet his lips quivered somewhat, and his hand clasped the bench on which he sat, with a convulsive strength that made the muscles start again.

Ryland began by praising the present state of the British empire. He recalled past years to their memory;

the miserable contentions which in the time of our fathers arose almost to civil war, the abdication of the late king, and the foundation of the republic. He described this republic; shewed how it gave privilege to each individual in the state, to rise to consequence, and even to temporary sovereignty. He compared the royal and republican spirit; shewed how the one tended to enslave the minds of men; while all the institutions of the other served to raise even the meanest among us to something great and good. He shewed how England had become powerful, and its inhabitants valiant and wise, by means of the freedom they enjoyed. As he spoke, every heart swelled with pride, and every cheek glowed with delight to remember, that each one there was English, and that each supported and contributed to the happy state of things now commemorated. Ryland's fervour increased – his eyes lighted up – his voice assumed the tone of passion. There was one man, he continued, who wished to alter all this, and bring us back to our days of impotence and contention: – one man, who would dare arrogate the honour which was due to all who claimed England as their birthplace, and set his name and style above the name and style of his country. I saw at this juncture that Raymond changed colour; his eyes were withdrawn from the orator, and cast on the ground; the listeners turned from one to the other; but in the meantime the speaker's voice filled their ears – the thunder of his denunciations influenced their senses. The very boldness of his language gave him weight; each knew that he spoke truth – a truth known, but not acknowledged. He tore from reality the mask with which she had been clothed; and the purposes of Raymond, which before had crept around, ensnaring by stealth, now stood a hunted stag – even at bay – as all perceived who watched the irrepressible changes of his countenance. Ryland ended by moving, that any attempt

to re-erect the kingly power should be declared treason, and he a traitor who should endeavour to change the present form of government. Cheers and loud acclamations followed the close of his speech.

After his motion had been seconded, Lord Raymond rose, – his countenance bland, his voice softly melodious, his manner soothing, his grace and sweetness came like the mild breathing of a flute, after the loud, organ-like voice of his adversary. He rose, he said, to speak in favour of the honourable member’s motion, with one slight amendment subjoined. He was ready to go back to old times, and commemorate the contests of our fathers, and the monarch’s abdication. Nobly and greatly, he said, had the illustrious and last sovereign of England sacrificed himself to the apparent good of his country, and divested himself of a power which could only be maintained by the blood of his subjects – these subjects named so no more, these, his friends and equals, had in gratitude conferred certain favours and distinctions on him and his family for ever. An ample estate was allotted to them, and they took the first rank among the peers of Great Britain. Yet it might be conjectured that they had not forgotten their ancient heritage; and it was hard that his heir should suffer alike with any other pretender, if he attempted to regain what by ancient right and inheritance belonged to him. He did not say that he should favour such an attempt; but he did say that such an attempt would be venial; and, if the aspirant did not go so far as to declare war, and erect a standard in the kingdom, his fault ought to be regarded with an indulgent eye. In his amendment he proposed, that an exception should be made in the bill in favour of any person who claimed the sovereign power in right of the earls of Windsor. Nor did Raymond make an end without drawing in vivid and glowing colours, the splendour of a kingdom, in opposition to the commercial spirit of

republicanism. He asserted, that each individual under the English monarchy, was then as now, capable of attaining high rank and power – with one only exception, that of the function of chief magistrate; higher and nobler rank, than a bartering, timorous commonwealth could afford. And for this one exception, to what did it amount? The nature of riches and influence forcibly confined the list of candidates to a few of the wealthiest; and it was much to be feared, that the ill-humour and contention generated by this triennial struggle, would counterbalance its advantages in impartial eyes. I can ill record the flow of language and graceful turns of expression, the wit and easy raillery that gave vigour and influence to his speech. His manner, timid at first, became firm – his changeful face was lit up to superhuman brilliancy; his voice, various as music, was like that enchanting.

It were useless to record the debate that followed this harangue. Party speeches were delivered, which clothed the question in cant, and veiled its simple meaning in a woven wind of words. The motion was lost; Ryland withdrew in rage and despair; and Raymond, gay and exulting, retired to dream of his future kingdom.

CHAPTER V

IS there such a feeling as love at first sight? And if there be, in what does its nature differ from love founded in long observation and slow growth? Perhaps its effects are not so permanent; but they are, while they last, as violent and intense. We walk the pathless mazes of society, vacant of joy, till we hold this clue, leading us through that labyrinth to paradise. Our nature dim, like to an unlighted torch, sleeps in formless blank till the fire attain it; this life of life, this light to moon, and glory to the sun. What does it matter, whether the fire be struck from flint and steel, nourished with care into a flame, slowly communicated to the dark wick, or whether swiftly the radiant power of light and warmth passes from a kindred power, and shines at once the beacon and the hope. In the deepest fountain of my heart the pulses were stirred; around, above, beneath, the clinging Memory as a cloak enwrapt me. In no one moment of coming time did I feel as I had done in time gone by. The spirit of Idris hovered in the air I breathed; her eyes were ever and for ever bent on mine; her remembered smile blinded my faint gaze, and caused me to walk as one, not in eclipse, not in darkness and vacancy – but in a new and brilliant light, too novel, too dazzling for my human senses. On every leaf, on every small division of the universe, (as on the hyacinth ai is engraved) was imprinted the talisman of my existence – SHE LIVES! SHE IS! – I had not time yet to analyze my feeling, to take myself to task, and leash in the tameless passion; all was one idea, one feeling, one knowledge – it was my life!

But the die was cast – Raymond would marry Idris. The merry marriage bells rung in my ears; I heard the nation's gratulation which followed the union; the ambitious noble uprose with swift eagle-flight, from the lowly ground to regal supremacy – and to the love of Idris. Yet, not so! She did not love him; she had called me her friend; she had smiled on me; to me she had entrusted her heart's dearest hope, the welfare of Adrian. This reflection thawed my congealing blood, and again the tide of life and love flowed impetuously onward, again to ebb as my busy thoughts changed.

The debate had ended at three in the morning. My soul was in tumults; I traversed the streets with eager rapidity. Truly, I was mad that night – love – which I have named a giant from its birth, wrestled with despair! My heart, the field of combat, was wounded by the iron heel of the one, watered by the gushing tears of the other. Day, hateful to me, dawned; I retreated to my lodgings – I threw myself on a couch – I slept – was it sleep? – for thought was still alive – love and despair struggled still, and I writhed with unendurable pain.

I awoke half stupefied; I felt a heavy oppression on me, but knew not wherefore; I entered, as it were, the council-chamber of my brain, and questioned the various ministers of thought therein assembled; too soon I remembered all; too soon my limbs quivered beneath the tormenting power; soon, too soon, I knew myself a slave!

Suddenly, unannounced, Lord Raymond entered my apartment. He came in gaily, singing the Tyrolese song of liberty; noticed me with a gracious nod, and threw himself on a sopha opposite the copy of a bust of the Apollo Belvidere. After one or two trivial remarks, to which I sullenly replied, he suddenly cried, looking at the bust, "I am called like that victor! Not a bad idea; the head will serve for my new coinage, and be an omen to all dutiful subjects of my future success."

He said this in his most gay, yet benevolent manner, and smiled, not disdainfully, but in playful mockery of himself. Then his countenance suddenly darkened, and in that shrill tone peculiar to himself, he cried, “I fought a good battle last night; higher conquest the plains of Greece never saw me achieve. Now I am the first man in the state, burthen of every ballad, and object of old women’s mumbled devotions. What are your meditations? You, who fancy that you can read the human soul, as your native lake reads each crevice and folding of its surrounding hills – say what you think of me; king-expectant, angel or devil, which?”

This ironical tone was discord to my bursting, over-boiling-heart; I was nettled by his insolence, and replied with bitterness; “There is a spirit, neither angel or devil, damned to limbo merely.” I saw his cheeks become pale, and his lips whiten and quiver; his anger served but to enkindle mine, and I answered with a determined look his eyes which glared on me; suddenly they were withdrawn, cast down, a tear, I thought, wetted the dark lashes; I was softened, and with involuntary emotion added, “Not that you are such, my dear lord.”

I paused, even awed by the agitation he evinced; “Yes,” he said at length, rising and biting his lip, as he strove to curb his passion; “Such am I! You do not know me, Verney; neither you, nor our audience of last night, nor does universal England know aught of me. I stand here, it would seem, an elected king; this hand is about to grasp a sceptre; these brows feel in each nerve the coming diadem. I appear to have strength, power, victory; standing as a dome-supporting column stands; and I am – a reed! I have ambition, and that attains its aim; my nightly dreams are realized, my waking hopes fulfilled; a kingdom awaits my acceptance, my enemies are overthrown. But here,” and he struck his heart with violence, “here is the rebel, here the stumbling-block;

this over-ruling heart, which I may drain of its living blood; but, while one fluttering pulsation remains, I am its slave."

He spoke with a broken voice, then bowed his head, and, hiding his face in his hands, wept. I was still smarting from my own disappointment; yet this scene oppressed me even to terror, nor could I interrupt his access of passion. It subsided at length; and, throwing himself on the couch, he remained silent and motionless, except that his changeful features shewed a strong internal conflict. At last he rose, and said in his usual tone of voice, "The time grows on us, Verney, I must away. Let me not forget my chiefest errand here. Will you accompany me to Windsor tomorrow? You will not be dishonoured by my society, and as this is probably the last service, or disservice you can do me, will you grant my request?"

He held out his hand with almost a bashful air. Swiftly I thought – Yes, I will witness the last scene of the drama. Beside which, his mien conquered me, and an affectionate sentiment towards him, again filled my heart – I bade him command me. "Aye, that I will," said he gaily, "that's my cue now; be with me tomorrow morning by seven; be secret and faithful; and you shall be groom of the stole ere long."

So saying, he hastened away, vaulted on his horse, and with a gesture as if he gave me his hand to kiss, bade me another laughing adieu. Left to myself, I strove with painful intensity to divine the motive of his request and foresee the events of the coming day. The hours passed on unperceived; my head ached with thought, the nerves seemed teeming with the over full fraught – I clasped my burning brow, as if my fevered hand could medicine its pain. I was punctual to the appointed hour on the following day, and found Lord Raymond waiting for me. We got into his carriage, and proceeded towards

Windsor. I had tutored myself, and was resolved by no outward sign to disclose my internal agitation.

"What a mistake Ryland made," said Raymond, "when he thought to overpower me the other night. He spoke well, very well; such an harangue would have succeeded better addressed to me singly, than to the fools and knaves assembled yonder. Had I been alone, I should have listened to him with a wish to hear reason, but when he endeavoured to vanquish me in my own territory, with my own weapons, he put me on my mettle, and the event was such as all might have expected."

I smiled incredulously, and replied: "I am of Ryland's way of thinking, and will, if you please, repeat all his arguments; we shall see how far you will be induced by them, to change the royal for the patriotic style."

"The repetition would be useless," said Raymond, "since I well remember them, and have many others, self-suggested, which speak with unanswerable persuasion."

He did not explain himself, nor did I make any remark on his reply. Our silence endured for some miles, till the country with open fields, or shady woods and parks, presented pleasant objects to our view. After some observations on the scenery and seats, Raymond said: "Philosophers have called man a microcosm of nature, and find a reflection in the internal mind for all this machinery visibly at work around us. This theory has often been a source of amusement to me; and many an idle hour have I spent, exercising my ingenuity in finding resemblances. Does not Lord Bacon say that, 'the falling from a discord to a concord, which maketh great sweetness in music, hath an agreement with the affections, which are re-integrated to the better after some dislikes?' What a sea is the tide of passion, whose fountains are in our own nature! Our virtues are the quick-sands, which shew themselves at calm and low

water; but let the waves arise and the winds buffet them, and the poor devil whose hope was in their durability, finds them sink from under him. The fashions of the world, its exigencies, educations and pursuits, are winds to drive our wills, like clouds all one way; but let a thunderstorm arise in the shape of love, hate, or ambition, and the rack goes backward, stemming the opposing air in triumph."

"Yet," replied I, "nature always presents to our eyes the appearance of a patient: while there is an active principle in man which is capable of ruling fortune, and at least of tacking against the gale, till it in some mode conquers it."

"There is more of what is specious than true in your distinction," said my companion. "Did we form ourselves, choosing our dispositions, and our powers? I find myself, for one, as a stringed instrument with chords and stops – but I have no power to turn the pegs, or pitch my thoughts to a higher or lower key."

"Other men," I observed, "may be better musicians."

"I talk not of others, but myself," replied Raymond, "and I am as fair an example to go by as another. I cannot set my heart to a particular tune, or run voluntary changes on my will. We are born; we choose neither our parents, nor our station; we are educated by others, or by the world's circumstance, and this cultivation, mingling with our innate disposition, is the soil in which our desires, passions, and motives grow."

"There is much truth in what you say," said I, "and yet no man ever acts upon this theory. Who, when he makes a choice, says, Thus I choose, because I am necessitated? Does he not on the contrary feel a freedom of will within him, which, though you may call it fallacious, still actuates him as he decides?"

"Exactly so," replied Raymond, "another link of the breakless chain. Were I now to commit an act which

would annihilate my hopes, and pluck the regal garment from my mortal limbs, to clothe them in ordinary weeds, would this, think you, be an act of free-will on my part?”

As we talked thus, I perceived that we were not going the ordinary road to Windsor, but through Englefield Green, towards Bishopgate Heath. I began to divine that Idris was not the object of our journey, but that I was brought to witness the scene that was to decide the fate of Raymond – and of Perdita. Raymond had evidently vacillated during his journey, and irresolution was marked in every gesture as we entered Perdita’s cottage. I watched him curiously, determined that, if this hesitation should continue, I would assist Perdita to overcome herself, and teach her to disdain the wavering love of him, who balanced between the possession of a crown, and of her, whose excellence and affection transcended the worth of a kingdom.

We found her in her flower-adorned alcove; she was reading the newspaper report of the debate in parliament, that apparently doomed her to hopelessness. That heart-sinking feeling was painted in her sunk eyes and spiritless attitude; a cloud was on her beauty, and frequent sighs were tokens of her distress. This sight had an instantaneous effect on Raymond; his eyes beamed with tenderness, and remorse clothed his manners with earnestness and truth. He sat beside her; and, taking the paper from her hand, said, “Not a word more shall my sweet Perdita read of this contention of madmen and fools. I must not permit you to be acquainted with the extent of my delusion, lest you despise me; although, believe me, a wish to appear before you, not vanquished, but as a conqueror, inspired me during my wordy war.”

Perdita looked at him like one amazed; her expressive countenance shone for a moment with tenderness; to see him only was happiness. But a bitter thought swiftly

shadowed her joy; she bent her eyes on the ground, endeavouring to master the passion of tears that threatened to overwhelm her. Raymond continued, “I will not act a part with you, dear girl, or appear other than what I am, weak and unworthy, more fit to excite your disdain than your love. Yet you do love me; I feel and know that you do, and thence I draw my most cherished hopes. If pride guided you, or even reason, you might well reject me. Do so; if your high heart, incapable of my infirmity of purpose, refuses to bend to the lowness of mine. Turn from me, if you will, – if you can. If your whole soul does not urge you to forgive me – if your entire heart does not open wide its door to admit me to its very centre, forsake me, never speak to me again. I, though sinning against you almost beyond remission, I also am proud; there must be no reserve in your pardon – no drawback to the gift of your affection.”

Perdita looked down, confused, yet pleased. My presence embarrassed her; so that she dared not turn to meet her lover’s eye, or trust her voice to assure him of her affection; while a blush mantled her cheek, and her disconsolate air was exchanged for one expressive of deep-felt joy. Raymond encircled her waist with his arm, and continued, “I do not deny that I have balanced between you and the highest hope that mortal men can entertain; but I do so no longer. Take me – mould me to your will, possess my heart and soul to all eternity. If you refuse to contribute to my happiness, I quit England tonight, and will never set foot in it again.

“Lionel, you hear: witness for me: persuade your sister to forgive the injury I have done her; persuade her to be mine.”

“There needs no persuasion,” said the blushing Perdita, “except your own dear promises, and my ready heart, which whispers to me that they are true.”

That same evening we all three walked together in the forest, and, with the garrulity which happiness inspires, they detailed to me the history of their loves. It was pleasant to see the haughty Raymond and reserved Perdita changed through happy love into prattling, playful children, both losing their characteristic dignity in the fulness of mutual contentment. A night or two ago Lord Raymond, with a brow of care, and a heart oppressed with thought, bent all his energies to silence or persuade the legislators of England that a sceptre was not too weighty for his hand, while visions of dominion, war, and triumph floated before him; now, frolicsome as a lively boy sporting under his mother's approving eye, the hopes of his ambition were complete, when he pressed the small fair hand of Perdita to his lips; while she, radiant with delight, looked on the still pool, not truly admiring herself, but drinking in with rapture the reflection there made of the form of herself and her lover, shewn for the first time in dear conjunction.

I rambled away from them. If the rapture of assured sympathy was theirs, I enjoyed that of restored hope. I looked on the regal towers of Windsor. High is the wall and strong the barrier that separate me from my Star of Beauty. But not impassible. She will not be his. A few more years dwell in thy native garden, sweet flower, till I by toil and time acquire a right to gather thee. Despair not, nor bid me despair! What must I do now? First I must seek Adrian, and restore him to her. Patience, gentleness, and untired affection, shall recall him, if it be true, as Raymond says, that he is mad; energy and courage shall rescue him, if he be unjustly imprisoned.

After the lovers again joined me, we supped together in the alcove. Truly it was a fairy's supper; for though the air was perfumed by the scent of fruits and wine, we none of us either ate or drank – even the beauty of the

night was unobserved; their extasy could not be increased by outward objects, and I was wrapt in reverie. At about midnight Raymond and I took leave of my sister, to return to town. He was all gaiety; scraps of songs fell from his lips; every thought of his mind – every object about us, gleamed under the sunshine of his mirth. He accused me of melancholy, of ill-humour and envy.

"Not so," said I, "though I confess that my thoughts are not occupied as pleasantly as yours are. You promised to facilitate my visit to Adrian; I conjure you to perform your promise. I cannot linger here; I long to soothe – perhaps to cure the malady of my first and best friend. I shall immediately depart for Dunkeld."

"Thou bird of night," replied Raymond, "what an eclipse do you throw across my bright thoughts, forcing me to call to mind that melancholy ruin, which stands in mental desolation, more irreparable than a fragment of a carved column in a weed-grown field. You dream that you can restore him? Daedalus never wound so inextricable an error round Minotaur, as madness has woven about his imprisoned reason. Nor you, nor any other Theseus, can thread the labyrinth, to which perhaps some unkind Ariadne has the clue."

"You allude to Evadne Zaimi: but she is not in England."

"And were she," said Raymond, "I would not advise her seeing him. Better to decay in absolute delirium, than to be the victim of the methodical unreason of ill-bestowed love. The long duration of his malady has probably erased from his mind all vestige of her; and it were well that it should never again be imprinted. You will find him at Dunkeld; gentle and tractable he wanders up the hills, and through the wood, or sits listening beside the waterfall. You may see him – his hair stuck with wild flowers – his eyes full of untraceable meaning – his voice

broken – his person wasted to a shadow. He plucks flowers and weeds, and weaves chaplets of them, or sails yellow leaves and bits of bark on the stream, rejoicing in their safety, or weeping at their wreck. The very memory half unmans me. By Heaven! the first tears I have shed since boyhood rushed scalding into my eyes when I saw him."

It needed not this last account to spur me on to visit him. I only doubted whether or not I should endeavour to see Idris again, before I departed. This doubt was decided on the following day. Early in the morning Raymond came to me; intelligence had arrived that Adrian was dangerously ill, and it appeared impossible that his failing strength should surmount the disorder. "Tomorrow," said Raymond, "his mother and sister set out for Scotland to see him once again."

"And I go today," I cried; "this very hour I will engage a sailing balloon; I shall be there in forty-eight hours at furthest, perhaps in less, if the wind is fair. Farewell, Raymond; be happy in having chosen the better part in life. This turn of fortune revives me. I feared madness, not sickness – I have a presentiment that Adrian will not die; perhaps this illness is a crisis, and he may recover."

Everything favoured my journey. The balloon rose about half a mile from the earth, and with a favourable wind it hurried through the air, its feathered vans cleaving the unopposing atmosphere. Notwithstanding the melancholy object of my journey, my spirits were exhilarated by reviving hope, by the swift motion of the airy pinnace, and the balmy visitation of the sunny air. The pilot hardly moved the plumed steerage, and the slender mechanism of the wings, wide unfurled, gave forth a murmuring noise, soothing to the sense. Plain and hill, stream and corn-field, were discernible below, while we unimpeded sped on swift and secure, as a wild swan in his spring-tide flight. The machine obeyed the

slightest motion of the helm; and, the wind blowing steadily, there was no let or obstacle to our course. Such was the power of man over the elements; a power long sought, and lately won; yet foretold in by-gone time by the prince of poets, whose verses I quoted much to the astonishment of my pilot, when I told him how many hundred years ago they had been written:

Oh! human wit, thou can’st invent much ill,

Thou searchest strange arts: who would think by skill,

An heavy man like a light bird should stray,

And through the empty heavens find a way?

I alighted at Perth; and, though much fatigued by a constant exposure to the air for many hours, I would not rest, but merely altering my mode of conveyance, I went by land instead of air, to Dunkeld. The sun was rising as I entered the opening of the hills. After the revolution of ages Birnam hill was again covered with a young forest, while more aged pines, planted at the very commencement of the nineteenth century by the then Duke of Athol, gave solemnity and beauty to the scene. The rising sun first tinged the pine tops; and my mind, rendered through my mountain education deeply susceptible of the graces of nature, and now on the eve of again beholding my beloved and perhaps dying friend, was strangely influenced by the sight of those distant beams: surely they were ominous, and as such I regarded them, good omens for Adrian, on whose life my happiness depended.

Poor fellow! he lay stretched on a bed of sickness, his cheeks glowing with the hues of fever, his eyes half closed, his breath irregular and difficult. Yet it was less painful to see him thus, than to find him fulfilling the

animal functions uninterruptedly, his mind sick the while. I established myself at his bedside; I never quitted it day or night. Bitter task was it, to behold his spirit waver between death and life: to see his warm cheek, and know that the very fire which burned too fiercely there, was consuming the vital fuel; to hear his moaning voice, which might never again articulate words of love and wisdom; to witness the ineffectual motions of his limbs, soon to be wrapt in their mortal shroud. Such for three days and nights appeared the consummation which fate had decreed for my labours, and I became haggard and spectre-like, through anxiety and watching. At length his eyes unclosed faintly, yet with a look of returning life; he became pale and weak; but the rigidity of his features was softened by approaching convalescence. He knew me. What a brimful cup of joyful agony it was, when his face first gleamed with the glance of recognition – when he pressed my hand, now more fevered than his own, and when he pronounced my name! No trace of his past insanity remained, to dash my joy with sorrow.

This same evening his mother and sister arrived. The Countess of Windsor was by nature full of energetic feeling; but she had very seldom in her life permitted the concentrated emotions of her heart to shew themselves on her features. The studied immovability of her countenance; her slow, equable manner, and soft but unmelodious voice, were a mask, hiding her fiery passions, and the impatience of her disposition. She did not in the least resemble either of her children; her black and sparkling eye, lit up by pride, was totally unlike the blue lustre, and frank, benignant expression of either Adrian or Idris. There was something grand and majestic in her motions, but nothing persuasive, nothing amiable. Tall, thin, and strait, her face still handsome, her raven hair hardly tinged with grey, her

forehead arched and beautiful, had not the eye-brows been somewhat scattered – it was impossible not to be struck by her, almost to fear her. Idris appeared to be the only being who could resist her mother, notwithstanding the extreme mildness of her character. But there was a fearlessness and frankness about her, which said that she would not encroach on another's liberty, but held her own sacred and unassailable.

The Countess cast no look of kindness on my worn-out frame, though afterwards she thanked me coldly for my attentions. Not so Idris; her first glance was for her brother; she took his hand, she kissed his eye-lids, and hung over him with looks of compassion and love. Her eyes glistened with tears when she thanked me, and the grace of her expressions was enhanced, not diminished, by the fervour, which caused her almost to falter as she spoke. Her mother, all eyes and ears, soon interrupted us; and I saw, that she wished to dismiss me quietly, as one whose services, now that his relatives had arrived, were of no use to her son. I was harassed and ill, resolved not to give up my post, yet doubting in what way I should assert it; when Adrian called me, and clasping my hand, bade me not leave him. His mother, apparently inattentive, at once understood what was meant, and seeing the hold we had upon her, yielded the point to us.

The days that followed were full of pain to me; so that I sometimes regretted that I had not yielded at once to the haughty lady, who watched all my motions, and turned my beloved task of nursing my friend to a work of pain and irritation. Never did any woman appear so entirely made of mind, as the Countess of Windsor. Her passions had subdued her appetites, even her natural wants; she slept little, and hardly ate at all; her body was evidently considered by her as a mere machine, whose health was necessary for the accomplishment of

her schemes, but whose senses formed no part of her enjoyment. There is something fearful in one who can thus conquer the animal part of our nature, if the victory be not the effect of consummate virtue; nor was it without a mixture of this feeling, that I beheld the figure of the Countess awake when others slept, fasting when I, abstemious naturally, and rendered so by the fever that preyed on me, was forced to recruit myself with food. She resolved to prevent or diminish my opportunities of acquiring influence over her children, and circumvented my plans by a hard, quiet, stubborn resolution, that seemed not to belong to flesh and blood. War was at last tacitly acknowledged between us. We had many pitched battles, during which no word was spoken, hardly a look was interchanged, but in which each resolved not to submit to the other. The Countess had the advantage of position; so I was vanquished, though I would not yield.

I became sick at heart. My countenance was painted with the hues of ill health and vexation. Adrian and Idris saw this; they attributed it to my long watching and anxiety; they urged me to rest, and take care of myself, while I most truly assured them, that my best medicine was their good wishes; those, and the assured convalescence of my friend, now daily more apparent. The faint rose again blushed on his cheek; his brow and lips lost the ashy paleness of threatened dissolution; such was the dear reward of my unremitting attention – and bounteous heaven added overflowing recompence, when it gave me also the thanks and smiles of Idris.

After the lapse of a few weeks, we left Dunkeld. Idris and her mother returned immediately to Windsor, while Adrian and I followed by slow journies and frequent stoppages, occasioned by his continued weakness. As we traversed the various counties of fertile England, all wore an exhilarating appearance to my companion, who had been so long secluded by disease from the

enjoyments of weather and scenery. We passed through busy towns and cultivated plains. The husbandmen were getting in their plenteous harvests, and the women and children, occupied by light rustic toils, formed groupes of happy, healthful persons, the very sight of whom carried cheerfulness to the heart. One evening, quitting our inn, we strolled down a shady lane, then up a grassy slope, till we came to an eminence, that commanded an extensive view of hill and dale, meandering rivers, dark woods, and shining villages. The sun was setting; and the clouds, straying, like new-shorn sheep, through the vast fields of sky, received the golden colour of his parting beams; the distant uplands shone out, and the busy hum of evening came, harmonized by distance, on our ear. Adrian, who felt all the fresh spirit infused by returning health, clasped his hands in delight, and exclaimed with transport:

"O happy earth, and happy inhabitants of earth! A stately palace has God built for you, O man! and worthy are you of your dwelling! Behold the verdant carpet spread at our feet, and the azure canopy above; the fields of earth which generate and nurture all things, and the track of heaven, which contains and clasps all things. Now, at this evening hour, at the period of repose and refection, methinks all hearts breathe one hymn of love and thanksgiving, and we, like priests of old on the mountain-tops, give a voice to their sentiment.

"Assuredly a most benignant power built up the majestic fabric we inhabit, and framed the laws by which it endures. If mere existence, and not happiness, had been the final end of our being, what need of the profuse luxuries which we enjoy? Why should our dwelling place be so lovely, and why should the instincts of nature minister pleasurable sensations? The very sustaining of our animal machine is made delightful; and our sustenance, the fruits of the field, is painted with

transcendant hues, endued with grateful odours, and palatable to our taste. Why should this be, if HE were not good? We need houses to protect us from the seasons, and behold the materials with which we are provided; the growth of trees with their adornment of leaves; while rocks of stone piled above the plains variegate the prospect with their pleasant irregularity.

“Nor are outward objects alone the receptacles of the Spirit of Good. Look into the mind of man, where wisdom reigns enthroned; where imagination, the painter, sits, with his pencil dipt in hues lovelier than those of sunset, adorning familiar life with glowing tints. What a noble boon, worthy the giver, is the imagination! it takes from reality its leaden hue: it envelopes all thought and sensation in a radiant veil, and with an hand of beauty beckons us from the sterile seas of life, to her gardens, and bowers, and glades of bliss. And is not love a gift of the divinity? Love, and her child, Hope, which can bestow wealth on poverty, strength on the weak, and happiness on the sorrowing.

“My lot has not been fortunate. I have consorted long with grief, entered the gloomy labyrinth of madness, and emerged, but half alive. Yet I thank God that I have lived! I thank God, that I have beheld his throne, the heavens, and earth, his footstool. I am glad that I have seen the changes of his day; to behold the sun, fountain of light, and the gentle pilgrim moon; to have seen the fire bearing flowers of the sky, and the flowery stars of earth; to have witnessed the sowing and the harvest. I am glad that I have loved, and have experienced sympathetic joy and sorrow with my fellow-creatures. I am glad now to feel the current of thought flow through my mind, as the blood through the articulations of my frame; mere existence is pleasure; and I thank God that I live!

“And all ye happy nurslings of mother-earth, do ye not echo my words? Ye who are linked by the affectionate ties of nature, companions, friends, lovers! fathers, who toil with joy for their offspring; women, who while gazing on the living forms of their children, forget the pains of maternity; children, who neither toil nor spin, but love and are loved!

“Oh, that death and sickness were banished from our earthly home! That hatred, tyranny, and fear could no longer make their lair in the human heart! that each man might find a brother in his fellow, and a nest of repose amid the wide plains of his inheritance! that the source of tears were dry, and that lips might no longer form expressions of sorrow. Sleeping thus under the beneficent eye of heaven, can evil visit thee, O Earth, or grief cradle to their graves thy luckless children? Whisper it not, let the demons hear and rejoice! The choice is with us; let us will it, and our habitation becomes a paradise. For the will of man is omnipotent, blunting the arrows of death, soothing the bed of disease, and wiping away the tears of agony. And what is each human being worth, if he do not put forth his strength to aid his fellow-creatures? My soul is a fading spark, my nature frail as a spent wave; but I dedicate all of intellect and strength that remains to me, to that one work, and take upon me the task, as far as I am able, of bestowing blessings on my fellow-men!”

His voice trembled, his eyes were cast up, his hands clasped, and his fragile person was bent, as it were, with excess of emotion. The spirit of life seemed to linger in his form, as a dying flame on an altar flickers on the embers of an accepted sacrifice.

CHAPTER VI

WHEN we arrived at Windsor, I found that Raymond and Perdita had departed for the continent. I took possession of my sister's cottage, and blessed myself that I lived within view of Windsor Castle. It was a curious fact, that at this period, when by the marriage of Perdita I was allied to one of the richest individuals in England, and was bound by the most intimate friendship to its chiefest noble, I experienced the greatest excess of poverty that I had ever known. My knowledge of the worldly principles of Lord Raymond, would have ever prevented me from applying to him, however deep my distress might have been. It was in vain that I repeated to myself with regard to Adrian, that his purse was open to me; that one in soul, as we were, our fortunes ought also to be common. I could never, while with him, think of his bounty as a remedy to my poverty; and I even put aside hastily his offers of supplies, assuring him of a falsehood, that I needed them not. How could I say to this generous being, "Maintain me in idleness. You who have dedicated your powers of mind and fortune to the benefit of your species, shall you so misdirect your exertions, as to support in uselessness the strong, healthy, and capable?"

And yet I dared not request him to use his influence that I might obtain an honourable provision for myself – for then I should have been obliged to leave Windsor. I hovered for ever around the walls of its Castle, beneath its enshadowing thickets; my sole companions were my books and my loving thoughts. I studied the wisdom of the ancients, and gazed on the happy walls that

sheltered the beloved of my soul. My mind was nevertheless idle. I pored over the poetry of old times; I studied the metaphysics of Plato and Berkeley. I read the histories of Greece and Rome, and of England's former periods, and I watched the movements of the lady of my heart. At night I could see her shadow on the walls of her apartment; by day I viewed her in her flower-garden, or riding in the park with her usual companions. Methought the charm would be broken if I were seen, but I heard the music of her voice and was happy. I gave to each heroine of whom I read, her beauty and matchless excellences – such was Antigone, when she guided the blind Oedipus to the grove of the Eumenides, and discharged the funeral rites of Polynices; such was Miranda in the unvisited cave of Prospero; such Haidee, on the sands of the Ionian island. I was mad with excess of passionate devotion; but pride, tameless as fire, invested my nature, and prevented me from betraying myself by word or look.

In the mean time, while I thus pampered myself with rich mental repasts, a peasant would have disdained my scanty fare, which I sometimes robbed from the squirrels of the forest. I was, I own, often tempted to recur to the lawless feats of my boy-hood, and knock down the almost tame pheasants that perched upon the trees, and bent their bright eyes on me. But they were the property of Adrian, the nurslings of Idris; and so, although my imagination rendered sensual by privation, made me think that they would better become the spit in my kitchen, than the green leaves of the forest,

Nathelesse,

I checked my haughty will, and did not eat;

but supped upon sentiment, and dreamt vainly of "such morsels sweet," as I might not waking attain.

But, at this period, the whole scheme of my existence was about to change. The orphan and neglected son of Verney, was on the eve of being linked to the mechanism of society by a golden chain, and to enter into all the duties and affections of life. Miracles were to be wrought in my favour, the machine of social life pushed with vast effort backward. Attend, O reader! while I narrate this tale of wonders!

One day as Adrian and Idris were riding through the forest, with their mother and accustomed companions, Idris, drawing her brother aside from the rest of the cavalcade, suddenly asked him, “What had become of his friend, Lionel Verney?”

“Even from this spot,” replied Adrian, pointing to my sister’s cottage, “you can see his dwelling.”

“Indeed!” said Idris, “and why, if he be so near, does he not come to see us, and make one of our society?”

“I often visit him,” replied Adrian; “but you may easily guess the motives, which prevent him from coming where his presence may annoy any one among us.”

“I do guess them,” said Idris, “and such as they are, I would not venture to combat them. Tell me, however, in what way he passes his time; what he is doing and thinking in his cottage retreat?”

“Nay, my sweet sister,” replied Adrian, “you ask me more than I can well answer; but if you feel interest in him, why not visit him? He will feel highly honoured, and thus you may repay a part of the obligation I owe him, and compensate for the injuries fortune has done him.”

“I will most readily accompany you to his abode,” said the lady, “not that I wish that either of us should unburthen ourselves of our debt, which, being no less than your life, must remain unpayable ever. But let us go; tomorrow we will arrange to ride out together, and proceeding towards that part of the forest, call upon him.”

The next evening therefore, though the autumnal change had brought on cold and rain, Adrian and Idris entered my cottage. They found me Curius-like, feasting on sorry fruits for supper; but they brought gifts richer than the golden bribes of the Sabines, nor could I refuse the invaluable store of friendship and delight which they bestowed. Surely the glorious twins of Latona were not more welcome, when, in the infancy of the world, they were brought forth to beautify and enlighten this “sterile promontory,” than were this angelic pair to my lowly dwelling and grateful heart. We sat like one family round my hearth. Our talk was on subjects, unconnected with the emotions that evidently occupied each; but we each divined the other’s thought, and as our voices spoke of indifferent matters, our eyes, in mute language, told a thousand things no tongue could have uttered.

They left me in an hour’s time. They left me happy – how unspeakably happy. It did not require the measured sounds of human language to syllable the story of my extasy. Idris had visited me; Idris I should again and again see – my imagination did not wander beyond the completeness of this knowledge. I trod air; no doubt, no fear, no hope even, disturbed me; I clasped with my soul the fulness of contentment, satisfied, undesiring, beatified.

For many days Adrian and Idris continued to visit me thus. In this dear intercourse, love, in the guise of enthusiastic friendship, infused more and more of his omnipotent spirit. Idris felt it. Yes, divinity of the world, I read your characters in her looks and gesture; I heard your melodious voice echoed by her – you prepared for us a soft and flowery path, all gentle thoughts adorned it – your name, O Love, was not spoken, but you stood the Genius of the Hour, veiled, and time, but no mortal hand, might raise the curtain. Organs of articulate sound did not proclaim the union of our hearts; for untoward

circumstance allowed no opportunity for the expression that hovered on our lips. Oh my pen! haste thou to write what was, before the thought of what is, arrests the hand that guides thee. If I lift up my eyes and see the desart earth, and feel that those dear eyes have spent their mortal lustre, and that those beauteous lips are silent, their “crimson leaves” faded, for ever I am mute!

But you live, my Idris, even now you move before me! There was a glade, O reader! a grassy opening in the wood; the retiring trees left its velvet expanse as a temple for love; the silver Thames bounded it on one side, and a willow bending down dipt in the water its Naiad hair, dishevelled by the wind’s viewless hand. The oaks around were the home of a tribe of nightingales – there am I now; Idris, in youth’s dear prime, is by my side – remember, I am just twenty-two, and seventeen summers have scarcely passed over the beloved of my heart. The river swollen by autumnal rains, deluged the low lands, and Adrian in his favourite boat is employed in the dangerous pastime of plucking the topmost bough from a submerged oak. Are you weary of life, O Adrian, that you thus play with danger? –

He has obtained his prize, and he pilots his boat through the flood; our eyes were fixed on him fearfully, but the stream carried him away from us; he was forced to land far lower down, and to make a considerable circuit before he could join us. “He is safe!” said Idris, as he leapt on shore, and waved the bough over his head in token of success; “we will wait for him here.”

We were alone together; the sun had set; the song of the nightingales began; the evening star shone distinct in the flood of light, which was yet unfaded in the west. The blue eyes of my angelic girl were fixed on this sweet emblem of herself: “How the light palpitates,” she said, “which is that star’s life. Its vacillating effulgence seems to say that its state, even like ours upon earth, is

wavering and inconstant; it fears, methinks, and it loves."

"Gaze not on the star, dear, generous friend," I cried, "read not love in its trembling rays; look not upon distant worlds; speak not of the mere imagination of a sentiment. I have long been silent; long even to sickness have I desired to speak to you, and submit my soul, my life, my entire being to you. Look not on the star, dear love, or do, and let that eternal spark plead for me; let it be my witness and my advocate, silent as it shines – love is to me as light to the star; even so long as that is uneclipsed by annihilation, so long shall I love you."

Veiled for ever to the world's callous eye must be the transport of that moment. Still do I feel her graceful form press against my full-fraught heart – still does sight, and pulse, and breath sicken and fail, at the remembrance of that first kiss. Slowly and silently we went to meet Adrian, whom we heard approaching.

I entreated Adrian to return to me after he had conducted his sister home. And that same evening, walking among the moon-lit forest paths, I poured forth my whole heart, its transport and its hope, to my friend. For a moment he looked disturbed – "I might have foreseen this," he said, "what strife will now ensue! Pardon me, Lionel, nor wonder that the expectation of contest with my mother should jar me, when else I should delightedly confess that my best hopes are fulfilled, in confiding my sister to your protection. If you do not already know it, you will soon learn the deep hate my mother bears to the name Verney. I will converse with Idris; then all that a friend can do, I will do; to her it must belong to play the lover's part, if she be capable of it."

While the brother and sister were still hesitating in what manner they could best attempt to bring their mother over to their party, she, suspecting our meetings,

taxed her children with them; taxed her fair daughter with deceit, and an unbecoming attachment for one whose only merit was being the son of the profligate favourite of her imprudent father; and who was doubtless as worthless as he from whom he boasted his descent. The eyes of Idris flashed at this accusation; she replied, “I do not deny that I love Verney; prove to me that he is worthless; and I will never see him more.”

“Dear Madam,” said Adrian, “let me entreat you to see him, to cultivate his friendship. You will wonder then, as I do, at the extent of his accomplishments, and the brilliancy of his talents.” (Pardon me, gentle reader, this is not futile vanity; – not futile, since to know that Adrian felt thus, brings joy even now to my lone heart).

“Mad and foolish boy!” exclaimed the angry lady, “you have chosen with dreams and theories to overthrow my schemes for your own aggrandizement; but you shall not do the same by those I have formed for your sister. I but too well understand the fascination you both labour under; since I had the same struggle with your father, to make him cast off the parent of this youth, who hid his evil propensities with the smoothness and subtlety of a viper. In those days how often did I hear of his attractions, his wide spread conquests, his wit, his refined manners. It is well when flies only are caught by such spiders’ webs; but is it for the high-born and powerful to bow their necks to the flimsy yoke of these unmeaning pretensions? Were your sister indeed the insignificant person she deserves to be, I would willingly leave her to the fate, the wretched fate, of the wife of a man, whose very person, resembling as it does his wretched father, ought to remind you of the folly and vice it typifies – but remember, Lady Idris, it is not alone the once royal blood of England that colours your veins, you are a Princess of Austria, and every life-drop is akin to emperors and kings. Are you then a fit mate for an

uneducated shepherd-boy, whose only inheritance is his father's tarnished name?"

"I can make but one defence," replied Idris, "the same offered by my brother; see Lionel, converse with my shepherd-boy" – -The Countess interrupted her indignantly – "Yours!" – she cried: and then, smoothing her impassioned features to a disdainful smile, she continued – "We will talk of this another time. All I now ask, all your mother, Idris, requests is, that you will not see this upstart during the interval of one month."

"I dare not comply," said Idris, "it would pain him too much. I have no right to play with his feelings, to accept his proffered love, and then sting him with neglect."

"This is going too far," her mother answered, with quivering lips, and eyes again instinct by anger.

"Nay, Madam," said Adrian, "unless my sister consent never to see him again, it is surely an useless torment to separate them for a month."

"Certainly," replied the ex-queen, with bitter scorn, "his love, and her love, and both their childish flutterings, are to be put in fit comparison with my years of hope and anxiety, with the duties of the offspring of kings, with the high and dignified conduct which one of her descent ought to pursue. But it is unworthy of me to argue and complain. Perhaps you will have the goodness to promise me not to marry during that interval?"

This was asked only half ironically; and Idris wondered why her mother should extort from her a solemn vow not to do, what she had never dreamed of doing – but the promise was required and given.

All went on cheerfully now; we met as usual, and talked without dread of our future plans. The Countess was so gentle, and even beyond her wont, amiable with her children, that they began to entertain hopes of her ultimate consent. She was too unlike them, too utterly alien to their tastes, for them to find delight in her

society, or in the prospect of its continuance, but it gave them pleasure to see her conciliating and kind. Once even, Adrian ventured to propose her receiving me. She refused with a smile, reminding him that for the present his sister had promised to be patient.

One day, after the lapse of nearly a month, Adrian received a letter from a friend in London, requesting his immediate presence for the furtherance of some important object. Guileless himself, Adrian feared no deceit. I rode with him as far as Staines: he was in high spirits; and, since I could not see Idris during his absence, he promised a speedy return. His gaiety, which was extreme, had the strange effect of awakening in me contrary feelings; a presentiment of evil hung over me; I loitered on my return; I counted the hours that must elapse before I saw Idris again. Wherefore should this be? What evil might not happen in the mean time? Might not her mother take advantage of Adrian's absence to urge her beyond her sufferance, perhaps to entrap her? I resolved, let what would befall, to see and converse with her the following day. This determination soothed me. Tomorrow, loveliest and best, hope and joy of my life, tomorrow I will see thee – Fool, to dream of a moment's delay!

I went to rest. At past midnight I was awaked by a violent knocking. It was now deep winter; it had snowed, and was still snowing; the wind whistled in the leafless trees, despoiling them of the white flakes as they fell; its drear moaning, and the continued knocking, mingled wildly with my dreams – at length I was wide awake; hastily dressing myself, I hurried to discover the cause of this disturbance, and to open my door to the unexpected visitor. Pale as the snow that showered about her, with clasped hands, Idris stood before me. "Save me!" she exclaimed, and would have sunk to the ground had I not supported her. In a moment however

she revived, and, with energy, almost with violence, entreated me to saddle horses, to take her away, away to London – to her brother – at least to save her. I had no horses – she wrung her hands. “What can I do?” she cried, “I am lost – we are both for ever lost! But come – come with me, Lionel; here I must not stay, – we can get a chaise at the nearest post-house; yet perhaps we have time! come, O come with me to save and protect me!”

When I heard her piteous demands, while with disordered dress, dishevelled hair, and aghast looks, she wrung her hands – the idea shot across me is she also mad? – “Sweet one,” and I folded her to my heart, “better repose than wander further; – rest – my beloved, I will make a fire – you are chill.”

“Rest!” she cried, “repose! you rave, Lionel! If you delay we are lost; come, I pray you, unless you would cast me off for ever.”

That Idris, the princely born, nursling of wealth and luxury, should have come through the tempestuous winter-night from her regal abode, and standing at my lowly door, conjure me to fly with her through darkness and storm – was surely a dream – again her plaintive tones, the sight of her loveliness assured me that it was no vision. Looking timidly around, as if she feared to be overheard, she whispered: “I have discovered – tomorrow – that is, today – already the tomorrow is come – before dawn, foreigners, Austrians, my mother’s hirelings, are to carry me off to Germany, to prison, to marriage – to anything, except you and my brother – take me away, or soon they will be here!”

I was frightened by her vehemence, and imagined some mistake in her incoherent tale; but I no longer hesitated to obey her. She had come by herself from the Castle, three long miles, at midnight, through the heavy snow; we must reach Englefield Green, a mile and a half further, before we could obtain a chaise. She told me,

that she had kept up her strength and courage till her arrival at my cottage, and then both failed. Now she could hardly walk. Supporting her as I did, still she lagged: and at the distance of half a mile, after many stoppages, shivering fits, and half faintings, she slipt from my supporting arm on the snow, and with a torrent of tears averred that she must be taken, for that she could not proceed. I lifted her up in my arms; her light form rested on my breast. – I felt no burthen, except the internal one of contrary and contending emotions. Brimming delight now invested me. Again her chill limbs touched me as a torpedo; and I shuddered in sympathy with her pain and fright. Her head lay on my shoulder, her breath waved my hair, her heart beat near mine, transport made me tremble, blinded me, annihilated me – till a suppressed groan, bursting from her lips, the chattering of her teeth, which she strove vainly to subdue, and all the signs of suffering she evinced, recalled me to the necessity of speed and succour. At last I said to her, “There is Englefield Green; there the inn. But, if you are seen thus strangely circumstanced, dear Idris, even now your enemies may learn your flight too soon: were it not better that I hired the chaise alone? I will put you in safety meanwhile, and return to you immediately.”

She answered that I was right, and might do with her as I pleased. I observed the door of a small out-house a-jar. I pushed it open; and, with some hay strewed about, I formed a couch for her, placing her exhausted frame on it, and covering her with my cloak. I feared to leave her, she looked so wan and faint – but in a moment she re-acquired animation, and, with that, fear; and again she implored me not to delay. To call up the people of the inn, and obtain a conveyance and horses, even though I harnessed them myself, was the work of many minutes; minutes, each freighted with the weight of ages. I

caused the chaise to advance a little, waited till the people of the inn had retired, and then made the post-boy draw up the carriage to the spot where Idris, impatient, and now somewhat recovered, stood waiting for me. I lifted her into the chaise; I assured her that with our four horses we should arrive in London before five o'clock, the hour when she would be sought and missed. I besought her to calm herself; a kindly shower of tears relieved her, and by degrees she related her tale of fear and peril.

That same night after Adrian's departure, her mother had warmly expostulated with her on the subject of her attachment to me. Every motive, every threat, every angry taunt was urged in vain. She seemed to consider that through me she had lost Raymond; I was the evil influence of her life; I was even accused of encreasing and confirming the mad and base apostacy of Adrian from all views of advancement and grandeur; and now this miserable mountaineer was to steal her daughter. Never, Idris related, did the angry lady deign to recur to gentleness and persuasion; if she had, the task of resistance would have been exquisitely painful. As it was, the sweet girl's generous nature was roused to defend, and ally herself with, my despised cause. Her mother ended with a look of contempt and covert triumph, which for a moment awakened the suspicions of Idris. When they parted for the night, the Countess said, "Tomorrow I trust your tone will be changed: be composed; I have agitated you; go to rest; and I will send you a medicine I always take when unduly restless – it will give you a quiet night."

By the time that she had with uneasy thoughts laid her fair cheek upon her pillow, her mother's servant brought a draught; a suspicion again crossed her at this novel proceeding, sufficiently alarming to determine her not to take the potion; but dislike of contention, and a wish to

discover whether there was any just foundation for her conjectures, made her, she said, almost instinctively, and in contradiction to her usual frankness, pretend to swallow the medicine. Then, agitated as she had been by her mother's violence, and now by unaccustomed fears, she lay unable to sleep, starting at every sound. Soon her door opened softly, and on her springing up, she heard a whisper, "Not asleep yet," and the door again closed. With a beating heart she expected another visit, and when after an interval her chamber was again invaded, having first assured herself that the intruders were her mother and an attendant, she composed herself to feigned sleep. A step approached her bed, she dared not move, she strove to calm her palpitations, which became more violent, when she heard her mother say mutteringly, "Pretty simpleton, little do you think that your game is already at an end for ever."

For a moment the poor girl fancied that her mother believed that she had drank poison: she was on the point of springing up; when the Countess, already at a distance from the bed, spoke in a low voice to her companion, and again Idris listened: "Hasten," said she, "there is no time to lose – it is long past eleven; they will be here at five; take merely the clothes necessary for her journey, and her jewel-casket." The servant obeyed; few words were spoken on either side; but those were caught at with avidity by the intended victim. She heard the name of her own maid mentioned; – "No, no," replied her mother, "she does not go with us; Lady Idris must forget England, and all belonging to it." And again she heard, "She will not wake till late tomorrow, and we shall then be at sea." – – "All is ready," at length the woman announced. The Countess again came to her daughter's bedside: "In Austria at least," she said, "you will obey. In Austria, where obedience can be enforced,

and no choice left but between an honourable prison and a fitting marriage."

Both then withdrew; though, as she went, the Countess said, "Softly; all sleep; though all have not been prepared for sleep, like her. I would not have any one suspect, or she might be roused to resistance, and perhaps escape. Come with me to my room; we will remain there till the hour agreed upon." They went. Idris, panic-struck, but animated and strengthened even by her excessive fear, dressed herself hurriedly, and going down a flight of back-stairs, avoiding the vicinity of her mother's apartment, she contrived to escape from the castle by a low window, and came through snow, wind, and obscurity to my cottage; nor lost her courage, until she arrived, and, depositing her fate in my hands, gave herself up to the desperation and weariness that overwhelmed her.

I comforted her as well as I might. Joy and exultation, were mine, to possess, and to save her. Yet not to excite fresh agitation in her, "per non turbar quel bel viso sereno," I curbed my delight. I strove to quiet the eager dancing of my heart; I turned from her my eyes, beaming with too much tenderness, and proudly, to dark night, and the inclement atmosphere, murmured the expressions of my transport. We reached London, methought, all too soon; and yet I could not regret our speedy arrival, when I witnessed the extasy with which my beloved girl found herself in her brother's arms, safe from every evil, under his unblamed protection.

Adrian wrote a brief note to his mother, informing her that Idris was under his care and guardianship. Several days elapsed, and at last an answer came, dated from Cologne. "It was useless," the haughty and disappointed lady wrote, "for the Earl of Windsor and his sister to address again the injured parent, whose only expectation of tranquillity must be derived from oblivion

of their existence. Her desires had been blasted, her schemes overthrown. She did not complain; in her brother’s court she would find, not compensation for their disobedience (filial unkindness admitted of none), but such a state of things and mode of life, as might best reconcile her to her fate. Under such circumstances, she positively declined any communication with them.”

Such were the strange and incredible events, that finally brought about my union with the sister of my best friend, with my adored Idris. With simplicity and courage she set aside the prejudices and opposition which were obstacles to my happiness, nor scrupled to give her hand, where she had given her heart. To be worthy of her, to raise myself to her height through the exertion of talents and virtue, to repay her love with devoted, unwearied tenderness, were the only thanks I could offer for the matchless gift.

CHAPTER VII

AND now let the reader, passing over some short period of time, be introduced to our happy circle. Adrian, Idris and I, were established in Windsor Castle; Lord Raymond and my sister, inhabited a house which the former had built on the borders of the Great Park, near Perdita's cottage, as was still named the low-roofed abode, where we two, poor even in hope, had each received the assurance of our felicity. We had our separate occupations and our common amusements. Sometimes we passed whole days under the leafy covert of the forest with our books and music. This occurred during those rare days in this country, when the sun mounts his etherial throne in unclouded majesty, and the windless atmosphere is as a bath of pellucid and grateful water, wrapping the senses in tranquillity. When the clouds veiled the sky, and the wind scattered them there and here, rending their woof, and strewing its fragments through the aerial plains – then we rode out, and sought new spots of beauty and repose. When the frequent rains shut us within doors, evening recreation followed morning study, ushered in by music and song. Idris had a natural musical talent; and her voice, which had been carefully cultivated, was full and sweet. Raymond and I made a part of the concert, and Adrian and Perdita were devout listeners. Then we were as gay as summer insects, playful as children; we ever met one another with smiles, and read content and joy in each other's countenances.

Our prime festivals were held in Perdita's cottage; nor were we ever weary of talking of the past or dreaming of

the future. Jealousy and disquiet were unknown among us; nor did a fear or hope of change ever disturb our tranquillity. Others said, We might be happy – we said – We are.

When any separation took place between us, it generally so happened, that Idris and Perdita would ramble away together, and we remained to discuss the affairs of nations, and the philosophy of life. The very difference of our dispositions gave zest to these conversations. Adrian had the superiority in learning and eloquence; but Raymond possessed a quick penetration, and a practical knowledge of life, which usually displayed itself in opposition to Adrian, and thus kept up the ball of discussion. At other times we made excursions of many days' duration, and crossed the country to visit any spot noted for beauty or historical association. Sometimes we went up to London, and entered into the amusements of the busy throng; sometimes our retreat was invaded by visitors from among them. This change made us only the more sensible to the delights of the intimate intercourse of our own circle, the tranquillity of our divine forest, and our happy evenings in the halls of our beloved Castle.

The disposition of Idris was peculiarly frank, soft, and affectionate. Her temper was unalterably sweet; and although firm and resolute on any point that touched her heart, she was yielding to those she loved. The nature of Perdita was less perfect; but tenderness and happiness improved her temper, and softened her natural reserve. Her understanding was clear and comprehensive, her imagination vivid; she was sincere, generous, and reasonable. Adrian, the matchless brother of my soul, the sensitive and excellent Adrian, loving all, and beloved by all, yet seemed destined not to find the half of himself, which was to complete his happiness. He often left us, and wandered by himself in the woods, or

sailed in his little skiff, his books his only companions. He was often the gayest of our party, at the same time that he was the only one visited by fits of despondency; his slender frame seemed overcharged with the weight of life, and his soul appeared rather to inhabit his body than unite with it. I was hardly more devoted to my Idris than to her brother, and she loved him as her teacher, her friend, the benefactor who had secured to her the fulfilment of her dearest wishes. Raymond, the ambitious, restless Raymond, reposed midway on the great high-road of life, and was content to give up all his schemes of sovereignty and fame, to make one of us, the flowers of the field. His kingdom was the heart of Perdita, his subjects her thoughts; by her he was loved, respected as a superior being, obeyed, waited on. No office, no devotion, no watching was irksome to her, as it regarded him. She would sit apart from us and watch him; she would weep for joy to think that he was hers. She erected a temple for him in the depth of her being, and each faculty was a priestess vowed to his service. Sometimes she might be wayward and capricious; but her repentance was bitter, her return entire, and even this inequality of temper suited him who was not formed by nature to float idly down the stream of life.

During the first year of their marriage, Perdita presented Raymond with a lovely girl. It was curious to trace in this miniature model the very traits of its father. The same half-disdainful lips and smile of triumph, the same intelligent eyes, the same brow and chestnut hair; her very hands and taper fingers resembled his. How very dear she was to Perdita! In progress of time, I also became a father, and our little darlings, our playthings and delights, called forth a thousand new and delicious feelings.

Years passed thus, – even years. Each month brought forth its successor, each year one like to that gone by;

truly, our lives were a living comment on that beautiful sentiment of Plutarch, that “our souls have a natural inclination to love, being born as much to love, as to feel, to reason, to understand and remember.” We talked of change and active pursuits, but still remained at Windsor, incapable of violating the charm that attached us to our secluded life.

Pareamo aver qui tutto il ben raccolto

Che fra mortali in piu parte si rimembra.

Now also that our children gave us occupation, we found excuses for our idleness, in the idea of bringing them up to a more splendid career. At length our tranquillity was disturbed, and the course of events, which for five years had flowed on in hushing tranquillity, was broken by breakers and obstacles, that woke us from our pleasant dream.

A new Lord Protector of England was to be chosen; and, at Raymond’s request, we removed to London, to witness, and even take a part in the election. If Raymond had been united to Idris, this post had been his stepping-stone to higher dignity; and his desire for power and fame had been crowned with fullest measure. He had exchanged a sceptre for a lute, a kingdom for Perdita.

Did he think of this as we journeyed up to town? I watched him, but could make but little of him. He was particularly gay, playing with his child, and turning to sport every word that was uttered. Perhaps he did this because he saw a cloud upon Perdita’s brow. She tried to rouse herself, but her eyes every now and then filled with tears, and she looked wistfully on Raymond and her girl, as if fearful that some evil would betide them. And so she felt. A presentiment of ill hung over her. She leaned from the window looking on the forest, and the turrets of the Castle, and as these became hid by

intervening objects, she passionately exclaimed – “Scenes of happiness! scenes sacred to devoted love, when shall I see you again! And when I see ye, shall I be still the beloved and joyous Perdita, or shall I, heart-broken and lost, wander among your groves, the ghost of what I am!”

“Why, silly one,” cried Raymond, “what is your little head pondering upon, that of a sudden you have become so sublimely dismal? Cheer up, or I shall make you over to Idris, and call Adrian into the carriage, who, I see by his gesture, sympathizes with my good spirits.”

Adrian was on horseback; he rode up to the carriage, and his gaiety, in addition to that of Raymond, dispelled my sister’s melancholy. We entered London in the evening, and went to our several abodes near Hyde Park.

The following morning Lord Raymond visited me early. “I come to you,” he said, “only half assured that you will assist me in my project, but resolved to go through with it, whether you concur with me or not. Promise me secrecy however; for if you will not contribute to my success, at least you must not baffle me.”

“Well, I promise. And now…”

“And now, my dear fellow, for what are we come to London? To be present at the election of a Protector, and to give our yea or nay for his shuffling Grace of…? or for that noisy Ryland? Do you believe, Verney, that I brought you to town for that? No, we will have a Protector of our own. We will set up a candidate, and ensure his success. We will nominate Adrian, and do our best to bestow on him the power to which he is entitled by his birth, and which he merits through his virtues.

“Do not answer; I know all your objections, and will reply to them in order. First, Whether he will or will not consent to become a great man? Leave the task of persuasion on that point to me; I do not ask you to assist

me there. Secondly, Whether he ought to exchange his employment of plucking blackberries, and nursing wounded partridges in the forest, for the command of a nation? My dear Lionel, we are married men, and find employment sufficient in amusing our wives, and dancing our children. But Adrian is alone, wifeless, childless, unoccupied. I have long observed him. He pines for want of some interest in life. His heart, exhausted by his early sufferings, reposes like a new-healed limb, and shrinks from all excitement. But his understanding, his charity, his virtues, want a field for exercise and display; and we will procure it for him. Besides, is it not a shame, that the genius of Adrian should fade from the earth like a flower in an untrod mountain-path, fruitless? Do you think Nature composed his surpassing machine for no purpose? Believe me, he was destined to be the author of infinite good to his native England. Has she not bestowed on him every gift in prodigality? – birth, wealth, talent, goodness? Does not every one love and admire him? and does he not delight singly in such efforts as manifest his love to all? Come, I see that you are already persuaded, and will second me when I propose him tonight in parliament."

"You have got up all your arguments in excellent order," I replied; "and, if Adrian consent, they are unanswerable. One only condition I would make, – that you do nothing without his concurrence."

"I believe you are in the right," said Raymond; "although I had thought at first to arrange the affair differently. Be it so. I will go instantly to Adrian; and, if he inclines to consent, you will not destroy my labour by persuading him to return, and turn squirrel again in Windsor Forest. Idris, you will not act the traitor towards me?"

"Trust me," replied she, "I will preserve a strict neutrality."

“For my part,” said I, “I am too well convinced of the worth of our friend, and the rich harvest of benefits that all England would reap from his Protectorship, to deprive my countrymen of such a blessing, if he consent to bestow it on them.”

In the evening Adrian visited us. – “Do you cabal also against me,” said he, laughing; “and will you make common cause with Raymond, in dragging a poor visionary from the clouds to surround him with the fire-works and blasts of earthly grandeur, instead of heavenly rays and airs? I thought you knew me better.”

“I do know you better,” I replied “than to think that you would be happy in such a situation; but the good you would do to others may be an inducement, since the time is probably arrived when you can put your theories into practice, and you may bring about such reformation and change, as will conduce to that perfect system of government which you delight to portray.”

“You speak of an almost-forgotten dream,” said Adrian, his countenance slightly clouding as he spoke; “the visions of my boyhood have long since faded in the light of reality; I know now that I am not a man fitted to govern nations; sufficient for me, if I keep in wholesome rule the little kingdom of my own mortality.

“But do not you see, Lionel, the drift of our noble friend; a drift, perhaps, unknown to himself, but apparent to me. Lord Raymond was never born to be a drone in the hive, and to find content in our pastoral life. He thinks, that he ought to be satisfied; he imagines, that his present situation precludes the possibility of aggrandisement; he does not therefore, even in his own heart, plan change for himself. But do you not see, that, under the idea of exalting me, he is chalking out a new path for himself; a path of action from which he has long wandered?

“Let us assist him. He, the noble, the warlike, the great in every quality that can adorn the mind and person of man; he is fitted to be the Protector of England. If I – that is, if we propose him, he will assuredly be elected, and will find, in the functions of that high office, scope for the towering powers of his mind. Even Perdita will rejoice. Perdita, in whom ambition was a covered fire until she married Raymond, which event was for a time the fulfilment of her hopes; Perdita will rejoice in the glory and advancement of her lord – and, coyly and prettily, not be discontented with her share. In the mean time, we, the wise of the land, will return to our Castle, and, Cincinnatus-like, take to our usual labours, until our friend shall require our presence and assistance here.”

The more Adrian reasoned upon this scheme, the more feasible it appeared. His own determination never to enter into public life was insurmountable, and the delicacy of his health was a sufficient argument against it. The next step was to induce Raymond to confess his secret wishes for dignity and fame. He entered while we were speaking. The way in which Adrian had received his project for setting him up as a candidate for the Protectorship, and his replies, had already awakened in his mind, the view of the subject which we were now discussing. His countenance and manner betrayed irresolution and anxiety; but the anxiety arose from a fear that we should not prosecute, or not succeed in our idea; and his irresolution, from a doubt whether we should risk a defeat. A few words from us decided him, and hope and joy sparkled in his eyes; the idea of embarking in a career, so congenial to his early habits and cherished wishes, made him as before energetic and bold. We discussed his chances, the merits of the other candidates, and the dispositions of the voters.

After all we miscalculated. Raymond had lost much of his popularity, and was deserted by his peculiar partizans. Absence from the busy stage had caused him to be forgotten by the people; his former parliamentary supporters were principally composed of royalists, who had been willing to make an idol of him when he appeared as the heir of the Earldom of Windsor; but who were indifferent to him, when he came forward with no other attributes and distinctions than they conceived to be common to many among themselves. Still he had many friends, admirers of his transcendent talents; his presence in the house, his eloquence, address and imposing beauty, were calculated to produce an electric effect. Adrian also, notwithstanding his recluse habits and theories, so adverse to the spirit of party, had many friends, and they were easily induced to vote for a candidate of his selection.

The Duke of…, and Mr. Ryland, Lord Raymond's old antagonist, were the other candidates. The Duke was supported by all the aristocrats of the republic, who considered him their proper representative. Ryland was the popular candidate; when Lord Raymond was first added to the list, his chance of success appeared small. We retired from the debate which had followed on his nomination: we, his nominators, mortified; he dispirited to excess. Perdita reproached us bitterly. Her expectations had been strongly excited; she had urged nothing against our project, on the contrary, she was evidently pleased by it; but its evident ill success changed the current of her ideas. She felt, that, once awakened, Raymond would never return unrepining to Windsor. His habits were unhinged; his restless mind roused from its sleep, ambition must now be his companion through life; and if he did not succeed in his present attempt, she foresaw that unhappiness and cureless discontent would follow. Perhaps her own

disappointment added a sting to her thoughts and words; she did not spare us, and our own reflections added to our disquietude.

It was necessary to follow up our nomination, and to persuade Raymond to present himself to the electors on the following evening. For a long time he was obstinate. He would embark in a balloon; he would sail for a distant quarter of the world, where his name and humiliation were unknown. But this was useless; his attempt was registered; his purpose published to the world; his shame could never be erased from the memories of men. It was as well to fail at last after a struggle, as to fly now at the beginning of his enterprise.

From the moment that he adopted this idea, he was changed. His depression and anxiety fled; he became all life and activity. The smile of triumph shone on his countenance; determined to pursue his object to the uttermost, his manner and expression seem ominous of the accomplishment of his wishes. Not so Perdita. She was frightened by his gaiety, for she dreaded a greater revulsion at the end. If his appearance even inspired us with hope, it only rendered the state of her mind more painful. She feared to lose sight of him; yet she dreaded to remark any change in the temper of his mind. She listened eagerly to him, yet tantalized herself by giving to his words a meaning foreign to their true interpretation, and adverse to her hopes. She dared not be present at the contest; yet she remained at home a prey to double solicitude. She wept over her little girl; she looked, she spoke, as if she dreaded the occurrence of some frightful calamity. She was half mad from the effects of uncontrollable agitation.

Lord Raymond presented himself to the house with fearless confidence and insinuating address. After the Duke of… and Mr. Ryland had finished their speeches, he commenced. Assuredly he had not conned his lesson;

and at first he hesitated, pausing in his ideas, and in the choice of his expressions. By degrees he warmed; his words flowed with ease, his language was full of vigour, and his voice of persuasion. He reverted to his past life, his successes in Greece, his favour at home. Why should he lose this, now that added years, prudence, and the pledge which his marriage gave to his country, ought to encrease, rather than diminish his claims to confidence? He spoke of the state of England; the necessary measures to be taken to ensure its security, and confirm its prosperity. He drew a glowing picture of its present situation. As he spoke, every sound was hushed, every thought suspended by intense attention. His graceful elocution enchained the senses of his hearers. In some degree also he was fitted to reconcile all parties. His birth pleased the aristocracy; his being the candidate recommended by Adrian, a man intimately allied to the popular party, caused a number, who had no great reliance either on the Duke or Mr. Ryland, to range on his side.

The contest was keen and doubtful. Neither Adrian nor myself would have been so anxious, if our own success had depended on our exertions; but we had egged our friend on to the enterprise, and it became us to ensure his triumph. Idris, who entertained the highest opinion of his abilities, was warmly interested in the event: and my poor sister, who dared not hope, and to whom fear was misery, was plunged into a fever of disquietude.

Day after day passed while we discussed our projects for the evening, and each night was occupied by debates which offered no conclusion. At last the crisis came: the night when parliament, which had so long delayed its choice, must decide: as the hour of twelve passed, and the new day began, it was by virtue of the constitution dissolved, its power extinct.

We assembled at Raymond's house, we and our partizans. At half past five o'clock we proceeded to the House. Idris endeavoured to calm Perdita; but the poor girl's agitation deprived her of all power of self-command. She walked up and down the room, – gazed wildly when any one entered, fancying that they might be the announcers of her doom. I must do justice to my sweet sister: it was not for herself that she was thus agonized. She alone knew the weight which Raymond attached to his success. Even to us he assumed gaiety and hope, and assumed them so well, that we did not divine the secret workings of his mind. Sometimes a nervous trembling, a sharp dissonance of voice, and momentary fits of absence revealed to Perdita the violence he did himself; but we, intent on our plans, observed only his ready laugh, his joke intruded on all occasions, the flow of his spirits which seemed incapable of ebb. Besides, Perdita was with him in his retirement; she saw the moodiness that succeeded to this forced hilarity; she marked his disturbed sleep, his painful irritability – once she had seen his tears – hers had scarce ceased to flow, since she had beheld the big drops which disappointed pride had caused to gather in his eye, but which pride was unable to dispel. What wonder then, that her feelings were wrought to this pitch! I thus accounted to myself for her agitation; but this was not all, and the sequel revealed another excuse.

One moment we seized before our departure, to take leave of our beloved girls. I had small hope of success, and entreated Idris to watch over my sister. As I approached the latter, she seized my hand, and drew me into another apartment; she threw herself into my arms, and wept and sobbed bitterly and long. I tried to soothe her; I bade her hope; I asked what tremendous consequences would ensue even on our failure. "My brother," she cried, "protector of my childhood, dear,

most dear Lionel, my fate hangs by a thread. I have you all about me now – you, the companion of my infancy; Adrian, as dear to me as if bound by the ties of blood; Idris, the sister of my heart, and her lovely offspring. This, O this may be the last time that you will surround me thus!”

Abruptly she stopped, and then cried: “What have I said? – foolish false girl that I am!” She looked wildly on me, and then suddenly calming herself, apologized for what she called her unmeaning words, saying that she must indeed be insane, for, while Raymond lived, she must be happy; and then, though she still wept, she suffered me tranquilly to depart. Raymond only took her hand when he went, and looked on her expressively; she answered by a look of intelligence and assent.

Poor girl! what she then suffered! I could never entirely forgive Raymond for the trials he imposed on her, occasioned as they were by a selfish feeling on his part. He had schemed, if he failed in his present attempt, without taking leave of any of us, to embark for Greece, and never again to revisit England. Perdita acceded to his wishes; for his contentment was the chief object of her life, the crown of her enjoyment; but to leave us all, her companions, the beloved partners of her happiest years, and in the interim to conceal this frightful determination, was a task that almost conquered her strength of mind. She had been employed in arranging for their departure; she had promised Raymond during this decisive evening, to take advantage of our absence, to go one stage of the journey, and he, after his defeat was ascertained, would slip away from us, and join her.

Although, when I was informed of this scheme, I was bitterly offended by the small attention which Raymond paid to my sister’s feelings, I was led by reflection to consider, that he acted under the force of such strong excitement, as to take from him the consciousness, and,

consequently, the guilt of a fault. If he had permitted us to witness his agitation, he would have been more under the guidance of reason; but his struggles for the shew of composure, acted with such violence on his nerves, as to destroy his power of self-command. I am convinced that, at the worst, he would have returned from the seashore to take leave of us, and to make us the partners of his council. But the task imposed on Perdita was not the less painful. He had extorted from her a vow of secrecy; and her part of the drama, since it was to be performed alone, was the most agonizing that could be devised. But to return to my narrative.

The debates had hitherto been long and loud; they had often been protracted merely for the sake of delay. But now each seemed fearful lest the fatal moment should pass, while the choice was yet undecided. Unwonted silence reigned in the house, the members spoke in whispers, and the ordinary business was transacted with celerity and quietness. During the first stage of the election, the Duke of… had been thrown out; the question therefore lay between Lord Raymond and Mr. Ryland. The latter had felt secure of victory, until the appearance of Raymond; and, since his name had been inserted as a candidate, he had canvassed with eagerness. He had appeared each evening, impatience and anger marked in his looks, scowling on us from the opposite side of St. Stephen’s, as if his mere frown would cast eclipse on our hopes.

Every thing in the English constitution had been regulated for the better preservation of peace. On the last day, two candidates only were allowed to remain; and to obviate, if possible, the last struggle between these, a bribe was offered to him who should voluntarily resign his pretensions; a place of great emolument and honour was given him, and his success facilitated at a future election. Strange to say however, no instance had

yet occurred, where either candidate had had recourse to this expedient; in consequence the law had become obsolete, nor had been referred to by any of us in our discussions. To our extreme surprise, when it was moved that we should resolve ourselves into a committee for the election of the Lord Protector, the member who had nominated Ryland, rose and informed us that this candidate had resigned his pretensions. His information was at first received with silence; a confused murmur succeeded; and, when the chairman declared Lord Raymond duly chosen, it amounted to a shout of applause and victory. It seemed as if, far from any dread of defeat even if Mr. Ryland had not resigned, every voice would have been united in favour of our candidate. In fact, now that the idea of contest was dismissed, all hearts returned to their former respect and admiration of our accomplished friend. Each felt, that England had never seen a Protector so capable of fulfilling the arduous duties of that high office. One voice made of many voices, resounded through the chamber; it syllabled the name of Raymond.

He entered. I was on one of the highest seats, and saw him walk up the passage to the table of the speaker. The native modesty of his disposition conquered the joy of his triumph. He looked round timidly; a mist seemed before his eyes. Adrian, who was beside me, hastened to him, and jumping down the benches, was at his side in a moment. His appearance re-animated our friend; and, when he came to speak and act, his hesitation vanished, and he shone out supreme in majesty and victory. The former Protector tendered him the oaths, and presented him with the insignia of office, performing the ceremonies of installation. The house then dissolved. The chief members of the state crowded round the new magistrate, and conducted him to the palace of government. Adrian suddenly vanished; and, by the time

that Raymond’s supporters were reduced to our intimate friends merely, returned leading Idris to congratulate her friend on his success.

But where was Perdita? In securing solicitously an unobserved retreat in case of failure, Raymond had forgotten to arrange the mode by which she was to hear of his success; and she had been too much agitated to revert to this circumstance. When Idris entered, so far had Raymond forgotten himself, that he asked for my sister; one word, which told of her mysterious disappearance, recalled him. Adrian it is true had already gone to seek the fugitive, imagining that her tameless anxiety had led her to the purlieus of the House, and that some sinister event detained her. But Raymond, without explaining himself, suddenly quitted us, and in another moment we heard him gallop down the street, in spite of the wind and rain that scattered tempest over the earth. We did not know how far he had to go, and soon separated, supposing that in a short time he would return to the palace with Perdita, and that they would not be sorry to find themselves alone.

Perdita had arrived with her child at Dartford, weeping and inconsolable. She directed everything to be prepared for the continuance of their journey, and placing her lovely sleeping charge on a bed, passed several hours in acute suffering. Sometimes she observed the war of elements, thinking that they also declared against her, and listened to the pattering of the rain in gloomy despair. Sometimes she hung over her child, tracing her resemblance to the father, and fearful lest in after life she should display the same passions and uncontrollable impulses, that rendered him unhappy. Again, with a gush of pride and delight, she marked in the features of her little girl, the same smile of beauty that often irradiated Raymond’s countenance. The sight of it soothed her. She thought of the treasure

she possessed in the affections of her lord; of his accomplishments, surpassing those of his contemporaries, his genius, his devotion to her. – Soon she thought, that all she possessed in the world, except him, might well be spared, nay, given with delight, a propitiatory offering, to secure the supreme good she retained in him. Soon she imagined, that fate demanded this sacrifice from her, as a mark she was devoted to Raymond, and that it must be made with cheerfulness. She figured to herself their life in the Greek isle he had selected for their retreat; her task of soothing him; her cares for the beauteous Clara, her rides in his company, her dedication of herself to his consolation. The picture then presented itself to her in such glowing colours, that she feared the reverse, and a life of magnificence and power in London; where Raymond would no longer be hers only, nor she the sole source of happiness to him. So far as she merely was concerned, she began to hope for defeat; and it was only on his account that her feelings vacillated, as she heard him gallop into the court-yard of the inn. That he should come to her alone, wetted by the storm, careless of every thing except speed, what else could it mean, than that, vanquished and solitary, they were to take their way from native England, the scene of shame, and hide themselves in the myrtle groves of the Grecian isles?

In a moment she was in his arms. The knowledge of his success had become so much a part of himself, that he forgot that it was necessary to impart it to his companion. She only felt in his embrace a dear assurance that while he possessed her, he would not despair. “This is kind,” she cried; “this is noble, my own beloved! O fear not disgrace or lowly fortune, while you have your Perdita; fear not sorrow, while our child lives and smiles. Let us go even where you will; the love that accompanies us will prevent our regrets.”

Locked in his embrace, she spoke thus, and cast back her head, seeking an assent to her words in his eyes – they were sparkling with ineffable delight. “Why, my little Lady Protectress,” said he, playfully, “what is this you say? And what pretty scheme have you woven of exile and obscurity, while a brighter web, a gold-enwoven tissue, is that which, in truth, you ought to contemplate?”

He kissed her brow – but the wayward girl, half sorry at his triumph, agitated by swift change of thought, hid her face in his bosom and wept. He comforted her; he instilled into her his own hopes and desires; and soon her countenance beamed with sympathy. How very happy were they that night! How full even to bursting was their sense of joy!

CHAPTER VIII

HAVING seen our friend properly installed in his new office, we turned our eyes towards Windsor. The nearness of this place to London was such, as to take away the idea of painful separation, when we quitted Raymond and Perdita. We took leave of them in the Protectoral Palace. It was pretty enough to see my sister enter as it were into the spirit of the drama, and endeavour to fill her station with becoming dignity. Her internal pride and humility of manner were now more than ever at war. Her timidity was not artificial, but arose from that fear of not being properly appreciated, that slight estimation of the neglect of the world, which also characterized Raymond. But then Perdita thought more constantly of others than he; and part of her bashfulness arose from a wish to take from those around her a sense of inferiority; a feeling which never crossed her mind. From the circumstances of her birth and education, Idris would have been better fitted for the formulae of ceremony; but the very ease which accompanied such actions with her, arising from habit, rendered them tedious; while, with every drawback, Perdita evidently enjoyed her situation. She was too full of new ideas to feel much pain when we departed; she took an affectionate leave of us, and promised to visit us soon; but she did not regret the circumstances that caused our separation. The spirits of Raymond were unbounded; he did not know what to do with his new got power; his head was full of plans; he had as yet decided on none – but he promised himself, his friends, and the world, that the aera of his Protectorship should be

signalized by some act of surpassing glory. Thus, we talked of them, and moralized, as with diminished numbers we returned to Windsor Castle. We felt extreme delight at our escape from political turmoil, and sought our solitude with redoubled zest. We did not want for occupation; but my eager disposition was now turned to the field of intellectual exertion only; and hard study I found to be an excellent medicine to allay a fever of spirit with which in indolence, I should doubtless have been assailed. Perdita had permitted us to take Clara back with us to Windsor; and she and my two lovely infants were perpetual sources of interest and amusement.

The only circumstance that disturbed our peace, was the health of Adrian. It evidently declined, without any symptom which could lead us to suspect his disease, unless indeed his brightened eyes, animated look, and flustering cheeks, made us dread consumption; but he was without pain or fear. He betook himself to books with ardour, and reposed from study in the society he best loved, that of his sister and myself. Sometimes he went up to London to visit Raymond, and watch the progress of events. Clara often accompanied him in these excursions; partly that she might see her parents, partly because Adrian delighted in the prattle, and intelligent looks of this lovely child.

Meanwhile all went on well in London. The new elections were finished; parliament met, and Raymond was occupied in a thousand beneficial schemes. Canals, aqueducts, bridges, stately buildings, and various edifices for public utility, were entered upon; he was continually surrounded by projectors and projects, which were to render England one scene of fertility and magnificence; the state of poverty was to be abolished; men were to be transported from place to place almost with the same facility as the Princes Houssain, Ali, and

Ahmed, in the Arabian Nights. The physical state of man would soon not yield to the beatitude of angels; disease was to be banished; labour lightened of its heaviest burden. Nor did this seem extravagant. The arts of life, and the discoveries of science had augmented in a ratio which left all calculation behind; food sprung up, so to say, spontaneously – machines existed to supply with facility every want of the population. An evil direction still survived; and men were not happy, not because they could not, but because they would not rouse themselves to vanquish self-raised obstacles. Raymond was to inspire them with his beneficial will, and the mechanism of society, once systematised according to faultless rules, would never again swerve into disorder. For these hopes he abandoned his long-cherished ambition of being enregistered in the annals of nations as a successful warrior; laying aside his sword, peace and its enduring glories became his aim – the title he coveted was that of the benefactor of his country.

Among other works of art in which he was engaged, he had projected the erection of a national gallery for statues and pictures. He possessed many himself, which he designed to present to the Republic; and, as the edifice was to be the great ornament of his Protectorship, he was very fastidious in his choice of the plan on which it would be built. Hundreds were brought to him and rejected. He sent even to Italy and Greece for drawings; but, as the design was to be characterized by originality as well as by perfect beauty, his endeavours were for a time without avail. At length a drawing came, with an address where communications might be sent, and no artist’s name affixed. The design was new and elegant, but faulty; so faulty, that although drawn with the hand and eye of taste, it was evidently the work of one who was not an architect. Raymond contemplated it with delight; the more he gazed, the more pleased he

was; and yet the errors multiplied under inspection. He wrote to the address given, desiring to see the draughtsman, that such alterations might be made, as should be suggested in a consultation between him and the original conceiver.

A Greek came. A middle-aged man, with some intelligence of manner, but with so common-place a physiognomy, that Raymond could scarcely believe that he was the designer. He acknowledged that he was not an architect; but the idea of the building had struck him, though he had sent it without the smallest hope of its being accepted. He was a man of few words. Raymond questioned him; but his reserved answers soon made him turn from the man to the drawing. He pointed out the errors, and the alterations that he wished to be made; he offered the Greek a pencil that he might correct the sketch on the spot; this was refused by his visitor, who said that he perfectly understood, and would work at it at home. At length Raymond suffered him to depart.

The next day he returned. The design had been re-drawn; but many defects still remained, and several of the instructions given had been misunderstood. “Come,” said Raymond, “I yielded to you yesterday, now comply with my request – take the pencil.”

The Greek took it, but he handled it in no artist-like way; at length he said: “I must confess to you, my Lord, that I did not make this drawing. It is impossible for you to see the real designer; your instructions must pass through me. Condescend therefore to have patience with my ignorance, and to explain your wishes to me; in time I am certain that you will be satisfied.”

Raymond questioned vainly; the mysterious Greek would say no more. Would an architect be permitted to see the artist? This also was refused. Raymond repeated his instructions, and the visitor retired. Our friend

resolved however not to be foiled in his wish. He suspected, that unaccustomed poverty was the cause of the mystery, and that the artist was unwilling to be seen in the garb and abode of want. Raymond was only the more excited by this consideration to discover him; impelled by the interest he took in obscure talent, he therefore ordered a person skilled in such matters, to follow the Greek the next time he came, and observe the house in which he should enter. His emissary obeyed, and brought the desired intelligence. He had traced the man to one of the most penurious streets in the metropolis. Raymond did not wonder, that, thus situated, the artist had shrunk from notice, but he did not for this alter his resolve.

On the same evening, he went alone to the house named to him. Poverty, dirt, and squalid misery characterized its appearance. Alas! Thought Raymond, I have much to do before England becomes a Paradise. He knocked; the door was opened by a string from above – the broken, wretched staircase was immediately before him, but no person appeared; he knocked again, vainly – and then, impatient of further delay, he ascended the dark, creaking stairs. His main wish, more particularly now that he witnessed the abject dwelling of the artist, was to relieve one, possessed of talent, but depressed by want. He pictured to himself a youth, whose eyes sparkled with genius, whose person was attenuated by famine. He half feared to displease him; but he trusted that his generous kindness would be administered so delicately, as not to excite repulse. What human heart is shut to kindness? and though poverty, in its excess, might render the sufferer unapt to submit to the supposed degradation of a benefit, the zeal of the benefactor must at last relax him into thankfulness. These thoughts encouraged Raymond, as he stood at the door of the highest room of the house. After trying vainly

to enter the other apartments, he perceived just within the threshold of this one, a pair of small Turkish slippers; the door was ajar, but all was silent within. It was probable that the inmate was absent, but secure that he had found the right person, our adventurous Protector was tempted to enter, to leave a purse on the table, and silently depart. In pursuance of this idea, he pushed open the door gently – but the room was inhabited.

Raymond had never visited the dwellings of want, and the scene that now presented itself struck him to the heart. The floor was sunk in many places; the walls ragged and bare – the ceiling weather-stained – a tattered bed stood in the corner; there were but two chairs in the room, and a rough broken table, on which was a light in a tin candlestick; – yet in the midst of such drear and heart sickening poverty, there was an air of order and cleanliness that surprised him. The thought was fleeting; for his attention was instantly drawn towards the inhabitant of this wretched abode. It was a female. She sat at the table; one small hand shaded her eyes from the candle; the other held a pencil; her looks were fixed on a drawing before her, which Raymond recognized as the design presented to him. Her whole appearance awakened his deepest interest. Her dark hair was braided and twined in thick knots like the head-dress of a Grecian statue; her garb was mean, but her attitude might have been selected as a model of grace. Raymond had a confused remembrance that he had seen such a form before; he walked across the room; she did not raise her eyes, merely asking in Romaic, who is there? “A friend,” replied Raymond in the same dialect. She looked up wondering, and he saw that it was Evadne Zaimi. Evadne, once the idol of Adrian’s affections; and who, for the sake of her present visitor, had disdained the noble youth, and then, neglected by him she loved,

with crushed hopes and a stinging sense of misery, had returned to her native Greece. What revolution of fortune could have brought her to England, and housed her thus?

Raymond recognized her; and his manner changed from polite beneficence to the warmest protestations of kindness and sympathy. The sight of her, in her present situation, passed like an arrow into his soul. He sat by her, he took her hand, and said a thousand things which breathed the deepest spirit of compassion and affection. Evadne did not answer; her large dark eyes were cast down, at length a tear glimmered on the lashes. “Thus,” she cried, “kindness can do, what no want, no misery ever effected; I weep.” She shed indeed many tears; her head sunk unconsciously on the shoulder of Raymond; he held her hand: he kissed her sunken tear-stained cheek. He told her, that her sufferings were now over: no one possessed the art of consoling like Raymond; he did not reason or declaim, but his look shone with sympathy; he brought pleasant images before the sufferer; his caresses excited no distrust, for they arose purely from the feeling which leads a mother to kiss her wounded child; a desire to demonstrate in every possible way the truth of his feelings, and the keenness of his wish to pour balm into the lacerated mind of the unfortunate. As Evadne regained her composure, his manner became even gay; he sported with the idea of her poverty. Something told him that it was not its real evils that lay heavily at her heart, but the debasement and disgrace attendant on it; as he talked, he divested it of these; sometimes speaking of her fortitude with energetic praise; then, alluding to her past state, he called her his Princess in disguise. He made her warm offers of service; she was too much occupied by more engrossing thoughts, either to accept or reject them; at length he left her, making a promise to repeat his visit

the next day. He returned home, full of mingled feelings, of pain excited by Evadne's wretchedness, and pleasure at the prospect of relieving it. Some motive for which he did not account, even to himself, prevented him from relating his adventure to Perdita.

The next day he threw such disguise over his person as a cloak afforded, and revisited Evadne. As he went, he bought a basket of costly fruits, such as were natives of her own country, and throwing over these various beautiful flowers, bore it himself to the miserable garret of his friend. "Behold," cried he, as he entered, "what bird's food I have brought for my sparrow on the house-top."

Evadne now related the tale of her misfortunes. Her father, though of high rank, had in the end dissipated his fortune, and even destroyed his reputation and influence through a course of dissolute indulgence. His health was impaired beyond hope of cure; and it became his earnest wish, before he died, to preserve his daughter from the poverty which would be the portion of her orphan state. He therefore accepted for her, and persuaded her to accede to, a proposal of marriage, from a wealthy Greek merchant settled at Constantinople. She quitted her native Greece; her father died; by degrees she was cut off from all the companions and ties of her youth.

The war, which about a year before the present time had broken out between Greece and Turkey, brought about many reverses of fortune. Her husband became bankrupt, and then in a tumult and threatened massacre on the part of the Turks, they were obliged to fly at midnight, and reached in an open boat an English vessel under sail, which brought them immediately to this island. The few jewels they had saved, supported them awhile. The whole strength of Evadne's mind was exerted to support the failing spirits of her husband. Loss of property, hopelessness as to his future prospects,

the inoccupation to which poverty condemned him, combined to reduce him to a state bordering on insanity. Five months after their arrival in England, he committed suicide.

"You will ask me," continued Evadne, "what I have done since; why I have not applied for succour to the rich Greeks resident here; why I have not returned to my native country? My answer to these questions must needs appear to you unsatisfactory, yet they have sufficed to lead me on, day after day, enduring every wretchedness, rather than by such means to seek relief. Shall the daughter of the noble, though prodigal Zaimi, appear a beggar before her compeers or inferiors – superiors she had none. Shall I bow my head before them, and with servile gesture sell my nobility for life? Had I a child, or any tie to bind me to existence, I might descend to this – but, as it is – the world has been to me a harsh step-mother; fain would I leave the abode she seems to grudge, and in the grave forget my pride, my struggles, my despair. The time will soon come; grief and famine have already sapped the foundations of my being; a very short time, and I shall have passed away; unstained by the crime of self-destruction, unstung by the memory of degradation, my spirit will throw aside the miserable coil, and find such recompense as fortitude and resignation may deserve. This may seem madness to you, yet you also have pride and resolution; do not then wonder that my pride is tameless, my resolution unalterable."

Having thus finished her tale, and given such an account as she deemed fit, of the motives of her abstaining from all endeavour to obtain aid from her countrymen, Evadne paused; yet she seemed to have more to say, to which she was unable to give words. In the mean time Raymond was eloquent. His desire of restoring his lovely friend to her rank in society, and to

her lost prosperity, animated him, and he poured forth with energy, all his wishes and intentions on that subject. But he was checked; Evadne exacted a promise, that he should conceal from all her friends her existence in England. “The relatives of the Earl of Windsor,” said she haughtily, “doubtless think that I injured him; perhaps the Earl himself would be the first to acquit me, but probably I do not deserve acquittal. I acted then, as I ever must, from impulse. This abode of penury may at least prove the disinterestedness of my conduct. No matter: I do not wish to plead my cause before any of them, not even before your Lordship, had you not first discovered me. The tenor of my actions will prove that I had rather die, than be a mark for scorn – behold the proud Evadne in her tatters! look on the beggar-princess! There is aspic venom in the thought – promise me that my secret shall not be violated by you.”

Raymond promised; but then a new discussion ensued. Evadne required another engagement on his part, that he would not without her concurrence enter into any project for her benefit, nor himself offer relief. “Do not degrade me in my own eyes,” she said; “poverty has long been my nurse; hard-visaged she is, but honest. If dishonour, or what I conceive to be dishonour, come near me, I am lost.” Raymond adduced many arguments and fervent persuasions to overcome her feeling, but she remained unconvinced; and, agitated by the discussion, she wildly and passionately made a solemn vow, to fly and hide herself where he never could discover her, where famine would soon bring death to conclude her woes, if he persisted in his to her disgracing offers. She could support herself, she said. And then she shewed him how, by executing various designs and paintings, she earned a pittance for her support. Raymond yielded for the present. He felt assured, after he had for awhile

humoured her self-will, that in the end friendship and reason would gain the day.

But the feelings that actuated Evadne were rooted in the depths of her being, and were such in their growth as he had no means of understanding. Evadne loved Raymond. He was the hero of her imagination, the image carved by love in the unchanged texture of her heart. Seven years ago, in her youthful prime, she had become attached to him; he had served her country against the Turks; he had in her own land acquired that military glory peculiarly dear to the Greeks, since they were still obliged inch by inch to fight for their security. Yet when he returned thence, and first appeared in public life in England, her love did not purchase his, which then vacillated between Perdita and a crown. While he was yet undecided, she had quitted England; the news of his marriage reached her, and her hopes, poorly nurtured blossoms, withered and fell. The glory of life was gone for her; the roseate halo of love, which had imbued every object with its own colour, faded; – she was content to take life as it was, and to make the best of leaden-coloured reality. She married; and, carrying her restless energy of character with her into new scenes, she turned her thoughts to ambition, and aimed at the title and power of Princess of Wallachia; while her patriotic feelings were soothed by the idea of the good she might do her country, when her husband should be chief of this principality. She lived to find ambition, as unreal a delusion as love. Her intrigues with Russia for the furtherance of her object, excited the jealousy of the Porte, and the animosity of the Greek government. She was considered a traitor by both, the ruin of her husband followed; they avoided death by a timely flight, and she fell from the height of her desires to penury in England. Much of this tale she concealed from Raymond; nor did she confess, that repulse and denial, as to a

criminal convicted of the worst of crimes, that of bringing the scythe of foreign despotism to cut away the new springing liberties of her country, would have followed her application to any among the Greeks.

She knew that she was the cause of her husband's utter ruin; and she strung herself to bear the consequences. The reproaches which agony extorted; or worse, cureless, uncomplaining depression, when his mind was sunk in a torpor, not the less painful because it was silent and moveless. She reproached herself with the crime of his death; guilt and its punishments appeared to surround her; in vain she endeavoured to allay remorse by the memory of her real integrity; the rest of the world, and she among them, judged of her actions, by their consequences. She prayed for her husband's soul; she conjured the Supreme to place on her head the crime of his self-destruction – she vowed to live to expiate his fault.

In the midst of such wretchedness as must soon have destroyed her, one thought only was matter of consolation. She lived in the same country, breathed the same air as Raymond. His name as Protector was the burthen of every tongue; his achievements, projects, and magnificence, the argument of every story. Nothing is so precious to a woman's heart as the glory and excellence of him she loves; thus in every horror Evadne revelled in his fame and prosperity. While her husband lived, this feeling was regarded by her as a crime, repressed, repented of. When he died, the tide of love resumed its ancient flow, it deluged her soul with its tumultuous waves, and she gave herself up a prey to its uncontrollable power.

But never, O, never, should he see her in her degraded state. Never should he behold her fallen, as she deemed, from her pride of beauty, the poverty-stricken inhabitant of a garret, with a name which had become a reproach,

and a weight of guilt on her soul. But though impenetrably veiled from him, his public office permitted her to become acquainted with all his actions, his daily course of life, even his conversation. She allowed herself one luxury, she saw the newspapers every day, and feasted on the praise and actions of the Protector. Not that this indulgence was devoid of accompanying grief. Perdita's name was for ever joined with his; their conjugal felicity was celebrated even by the authentic testimony of facts. They were continually together, nor could the unfortunate Evadne read the monosyllable that designated his name, without, at the same time, being resented with the image of her who was the faithful companion of all his labours and pleasures. They, their Excellencies, met her eyes in each line, mingling an evil potion that poisoned her very blood.

It was in the newspaper that she saw the advertisement for the design for a national gallery. Combining with taste her remembrance of the edifices which she had seen in the east, and by an effort of genius enduing them with unity of design, she executed the plan which had been sent to the Protector. She triumphed in the idea of bestowing, unknown and forgotten as she was, a benefit upon him she loved; and with enthusiastic pride looked forward to the accomplishment of a work of hers, which, immortalized in stone, would go down to posterity stamped with the name of Raymond. She awaited with eagerness the return of her messenger from the palace; she listened insatiate to his account of each word, each look of the Protector; she felt bliss in this communication with her beloved, although he knew not to whom he addressed his instructions. The drawing itself became ineffably dear to her. He had seen it, and praised it; it was again retouched by her, each stroke of her pencil was as a chord of thrilling music, and bore to her the idea of a temple raised to celebrate the deepest

and most unutterable emotions of her soul. These contemplations engaged her, when the voice of Raymond first struck her ear, a voice, once heard, never to be forgotten; she mastered her gush of feelings, and welcomed him with quiet gentleness.

Pride and tenderness now struggled, and at length made a compromise together. She would see Raymond, since destiny had led him to her, and her constancy and devotion must merit his friendship. But her rights with regard to him, and her cherished independence, should not be injured by the idea of interest, or the intervention of the complicated feelings attendant on pecuniary obligation, and the relative situations of the benefactor, and benefited. Her mind was of uncommon strength; she could subdue her sensible wants to her mental wishes, and suffer cold, hunger and misery, rather than concede to fortune a contested point. Alas! that in human nature such a pitch of mental discipline, and disdainful negligence of nature itself, should not have been allied to the extreme of moral excellence! But the resolution that permitted her to resist the pains of privation, sprung from the too great energy of her passions; and the concentrated self-will of which this was a sign, was destined to destroy even the very idol, to preserve whose respect she submitted to this detail of wretchedness.

Their intercourse continued. By degrees Evadne related to her friend the whole of her story, the stain her name had received in Greece, the weight of sin which had accrued to her from the death of her husband. When Raymond offered to clear her reputation, and demonstrate to the world her real patriotism, she declared that it was only through her present sufferings that she hoped for any relief to the stings of conscience; that, in her state of mind, diseased as he might think it, the necessity of occupation was salutary medicine; she ended by extorting a promise that for the space of one

month he would refrain from the discussion of her interests, engaging after that time to yield in part to his wishes. She could not disguise to herself that any change would separate her from him; now she saw him each day. His connection with Adrian and Perdita was never mentioned; he was to her a meteor, a companionless star, which at its appointed hour rose in her hemisphere, whose appearance brought felicity, and which, although it set, was never eclipsed. He came each day to her abode of penury, and his presence transformed it to a temple redolent with sweets, radiant with heaven's own light; he partook of her delirium. "They built a wall between them and the world" – Without, a thousand harpies raved, remorse and misery, expecting the destined moment for their invasion. Within, was the peace as of innocence, reckless blindless, deluding joy, hope, whose still anchor rested on placid but unconstant water.

Thus, while Raymond had been wrapt in visions of power and fame, while he looked forward to entire dominion over the elements and the mind of man, the territory of his own heart escaped his notice; and from that unthought of source arose the mighty torrent that overwhelmed his will, and carried to the oblivious sea, fame, hope, and happiness.

CHAPTER IX

IN the mean time what did Perdita?

During the first months of his Protectorate, Raymond and she had been inseparable; each project was discussed with her, each plan approved by her. I never beheld any one so perfectly happy as my sweet sister. Her expressive eyes were two stars whose beams were love; hope and light-heartedness sat on her cloudless brow. She fed even to tears of joy on the praise and glory of her Lord; her whole existence was one sacrifice to him, and if in the humility of her heart she felt self-complacency, it arose from the reflection that she had won the distinguished hero of the age, and had for years preserved him, even after time had taken from love its usual nourishment. Her own feeling was as entire as at its birth. Five years had failed to destroy the dazzling unreality of passion. Most men ruthlessly destroy the sacred veil, with which the female heart is wont to adorn the idol of its affections. Not so Raymond; he was an enchanter, whose reign was for ever undiminished; a king whose power never was suspended: follow him through the details of common life, still the same charm of grace and majesty adorned him; nor could he be despoiled of the innate deification with which nature had invested him. Perdita grew in beauty and excellence under his eye; I no longer recognised my reserved abstracted sister in the fascinating and open-hearted wife of Raymond. The genius that enlightened her countenance, was now united to an expression of benevolence, which gave divine perfection to her beauty.

Happiness is in its highest degree the sister of goodness. Suffering and amiability may exist together, and writers have loved to depict their conjunction; there is a human and touching harmony in the picture. But perfect happiness is an attribute of angels; and those who possess it, appear angelic. Fear has been said to be the parent of religion: even of that religion is it the generator, which leads its votaries to sacrifice human victims at its altars; but the religion which springs from happiness is a lovelier growth; the religion which makes the heart breathe forth fervent thanksgiving, and causes us to pour out the overflowings of the soul before the author of our being; that which is the parent of the imagination and the nurse of poetry; that which bestows benevolent intelligence on the visible mechanism of the world, and makes earth a temple with heaven for its cope. Such happiness, goodness, and religion inhabited the mind of Perdita.

During the five years we had spent together, a knot of happy human beings at Windsor Castle, her blissful lot had been the frequent theme of my sister’s conversation. From early habit, and natural affection, she selected me in preference to Adrian or Idris, to be the partner in her overflowings of delight; perhaps, though apparently much unlike, some secret point of resemblance, the offspring of consanguinity, induced this preference. Often at sunset, I have walked with her, in the sober, enshadowed forest paths, and listened with joyful sympathy. Security gave dignity to her passion; the certainty of a full return, left her with no wish unfulfilled. The birth of her daughter, embryo copy of her Raymond, filled up the measure of her content, and produced a sacred and indissoluble tie between them. Sometimes she felt proud that he had preferred her to the hopes of a crown. Sometimes she remembered that she had suffered keen anguish, when he hesitated in his

choice. But this memory of past discontent only served to enhance her present joy. What had been hardly won, was now, entirely possessed, doubly dear. She would look at him at a distance with the same rapture, (O, far more exuberant rapture!) that one might feel, who after the perils of a tempest, should find himself in the desired port; she would hasten towards him, to feel more certain in his arms, the reality of her bliss. This warmth of affection, added to the depth of her understanding, and the brilliancy of her imagination, made her beyond words dear to Raymond.

If a feeling of dissatisfaction ever crossed her, it arose from the idea that he was not perfectly happy. Desire of renown, and presumptuous ambition, had characterized his youth. The one he had acquired in Greece; the other he had sacrificed to love. His intellect found sufficient field for exercise in his domestic circle, whose members, all adorned by refinement and literature, were many of them, like himself, distinguished by genius. Yet active life was the genuine soil for his virtues; and he sometimes suffered tedium from the monotonous succession of events in our retirement. Pride made him recoil from complaint; and gratitude and affection to Perdita, generally acted as an opiate to all desire, save that of meriting her love. We all observed the visitation of these feelings, and none regretted them so much as Perdita. Her life consecrated to him, was a slight sacrifice to reward his choice, but was not that sufficient – Did he need any gratification that she was unable to bestow? This was the only cloud in the azure of her happiness.

His passage to power had been full of pain to both. He however attained his wish; he filled the situation for which nature seemed to have moulded him. His activity was fed in wholesome measure, without either exhaustion or satiety; his taste and genius found worthy

expression in each of the modes human beings have invented to encage and manifest the spirit of beauty; the goodness of his heart made him never weary of conducing to the well-being of his fellow-creatures; his magnificent spirit, and aspirations for the respect and love of mankind, now received fruition; true, his exaltation was temporary; perhaps it were better that it should be so. Habit would not dull his sense of the enjoyment of power; nor struggles, disappointment and defeat await the end of that which would expire at its maturity. He determined to extract and condense all of glory, power, and achievement, which might have resulted from a long reign, into the three years of his Protectorate.

Raymond was eminently social. All that he now enjoyed would have been devoid of pleasure to him, had it been unparticipated. But in Perdita he possessed all that his heart could desire. Her love gave birth to sympathy; her intelligence made her understand him at a word; her powers of intellect enabled her to assist and guide him. He felt her worth. During the early years of their union, the inequality of her temper, and yet unsubdued self-will which tarnished her character, had been a slight drawback to the fulness of his sentiment. Now that unchanged serenity, and gentle compliance were added to her other qualifications, his respect equalled his love. Years added to the strictness of their union. They did not now guess at, and totter on the pathway, divining the mode to please, hoping, yet fearing the continuance of bliss. Five years gave a sober certainty to their emotions, though it did not rob them of their etherial nature. It had given them a child; but it had not detracted from the personal attractions of my sister. Timidity, which in her had almost amounted to awkwardness, was exchanged for a graceful decision of manner; frankness, instead of reserve, characterized her

physiognomy; and her voice was attuned to thrilling softness. She was now three and twenty, in the pride of womanhood, fulfilling the precious duties of wife and mother, possessed of all her heart had ever coveted. Raymond was ten years older; to his previous beauty, noble mien, and commanding aspect, he now added gentlest benevolence, winning tenderness, graceful and unwearied attention to the wishes of another.

The first secret that had existed between them was the visits of Raymond to Evadne. He had been struck by the fortitude and beauty of the ill-fated Greek; and, when her constant tenderness towards him unfolded itself, he asked with astonishment, by what act of his he had merited this passionate and unrequited love. She was for a while the sole object of his reveries; and Perdita became aware that his thoughts and time were bestowed on a subject unparticipated by her. My sister was by nature destitute of the common feelings of anxious, petulant jealousy. The treasure which she possessed in the affections of Raymond, was more necessary to her being, than the life-blood that animated her veins – more truly than Othello she might say,

To be once in doubt,

Is – once to be resolved.

On the present occasion she did not suspect any alienation of affection; but she conjectured that some circumstance connected with his high place, had occasioned this mystery. She was startled and pained. She began to count the long days, and months, and years which must elapse, before he would be restored to a private station, and unreservedly to her. She was not content that, even for a time, he should practice concealment with her. She often repined; but her trust in the singleness of his affection was undisturbed; and,

when they were together, unchecked by fear, she opened her heart to the fullest delight.

Time went on. Raymond, stopping mid-way in his wild career, paused suddenly to think of consequences. Two results presented themselves in the view he took of the future. That his intercourse with Evadne should continue a secret to, or that finally it should be discovered by Perdita. The destitute condition, and highly wrought feelings of his friend prevented him from adverting to the possibility of exiling himself from her. In the first event he had bidden an eternal farewell to open-hearted converse, and entire sympathy with the companion of his life. The veil must be thicker than that invented by Turkish jealousy; the wall higher than the unscaleable tower of Vathek, which should conceal from her the workings of his heart, and hide from her view the secret of his actions. This idea was intolerably painful to him. Frankness and social feelings were the essence of Raymond’s nature; without them his qualities became common-place; without these to spread glory over his intercourse with Perdita, his vaunted exchange of a throne for her love, was as weak and empty as the rainbow hues which vanish when the sun is down. But there was no remedy. Genius, devotion, and courage; the adornments of his mind, and the energies of his soul, all exerted to their uttermost stretch, could not roll back one hair’s breadth the wheel of time’s chariot; that which had been was written with the adamantine pen of reality, on the everlasting volume of the past; nor could agony and tears suffice to wash out one iota from the act fulfilled.

But this was the best side of the question. What, if circumstance should lead Perdita to suspect, and suspecting to be resolved? The fibres of his frame became relaxed, and cold dew stood on his forehead, at this idea. Many men may scoff at his dread; but he read

the future; and the peace of Perdita was too dear to him, her speechless agony too certain, and too fearful, not to unman him. His course was speedily decided upon. If the worst befell; if she learnt the truth, he would neither stand her reproaches, or the anguish of her altered looks. He would forsake her, England, his friends, the scenes of his youth, the hopes of coming time, he would seek another country, and in other scenes begin life again. Having resolved on this, he became calmer. He endeavoured to guide with prudence the steeds of destiny through the devious road which he had chosen, and bent all his efforts the better to conceal what he could not alter.

The perfect confidence that subsisted between Perdita and him, rendered every communication common between them. They opened each other's letters, even as, until now, the inmost fold of the heart of each was disclosed to the other. A letter came unawares, Perdita read it. Had it contained confirmation, she must have been annihilated. As it was, trembling, cold, and pale, she sought Raymond. He was alone, examining some petitions lately presented. She entered silently, sat on a sofa opposite to him, and gazed on him with a look of such despair, that wildest shrieks and dire moans would have been tame exhibitions of misery, compared to the living incarnation of the thing itself exhibited by her.

At first he did not take his eyes from the papers; when he raised them, he was struck by the wretchedness manifest on her altered cheek; for a moment he forgot his own acts and fears, and asked with consternation – "Dearest girl, what is the matter; what has happened?"

"Nothing," she replied at first; "and yet not so," she continued, hurrying on in her speech; "you have secrets, Raymond; where have you been lately, whom have you seen, what do you conceal from me? – why am I banished from your confidence? Yet this is not it – I do

not intend to entrap you with questions – one will suffice – am I completely a wretch?”

With trembling hand she gave him the paper, and sat white and motionless looking at him while he read it. He recognised the hand-writing of Evadne, and the colour mounted in his cheeks. With lightning-speed he conceived the contents of the letter; all was now cast on one die; falsehood and artifice were trifles in comparison with the impending ruin. He would either entirely dispel Perdita’s suspicions, or quit her for ever. “My dear girl,” he said, “I have been to blame; but you must pardon me. I was in the wrong to commence a system of concealment; but I did it for the sake of sparing you pain; and each day has rendered it more difficult for me to alter my plan. Besides, I was instigated by delicacy towards the unhappy writer of these few lines.”

Perdita gasped: “Well,” she cried, “well, go on!”

“That is all – this paper tells all. I am placed in the most difficult circumstances. I have done my best, though perhaps I have done wrong. My love for you is inviolate.”

Perdita shook her head doubtingly: “It cannot be,” she cried, “I know that it is not. You would deceive me, but I will not be deceived. I have lost you, myself, my life!”

“Do you not believe me?” said Raymond haughtily.

“To believe you,” she exclaimed, “I would give up all, and expire with joy, so that in death I could feel that you were true – but that cannot be!”

“Perdita,” continued Raymond, “you do not see the precipice on which you stand. You may believe that I did not enter on my present line of conduct without reluctance and pain. I knew that it was possible that your suspicions might be excited; but I trusted that my simple word would cause them to disappear. I built my hope on your confidence. Do you think that I will be questioned, and my replies disdainfully set aside? Do you think that I will be suspected, perhaps watched,

cross-questioned, and disbelieved? I am not yet fallen so low; my honour is not yet so tarnished. You have loved me; I adored you. But all human sentiments come to an end. Let our affection expire – but let it not be exchanged for distrust and recrimination. Heretofore we have been friends – lovers – let us not become enemies, mutual spies. I cannot live the object of suspicion – you cannot believe me – let us part!”

“Exactly so,” cried Perdita, “I knew that it would come to this! Are we not already parted? Does not a stream, boundless as ocean, deep as vacuum, yawn between us?”

Raymond rose, his voice was broken, his features convulsed, his manner calm as the earthquake-cradling atmosphere, he replied: “I am rejoiced that you take my decision so philosophically. Doubtless you will play the part of the injured wife to admiration. Sometimes you may be stung with the feeling that you have wronged me, but the condolence of your relatives, the pity of the world, the complacency which the consciousness of your own immaculate innocence will bestow, will be excellent balm; – me you will never see more!”

Raymond moved towards the door. He forgot that each word he spoke was false. He personated his assumption of innocence even to self-deception. Have not actors wept, as they pourtrayed imagined passion? A more intense feeling of the reality of fiction possessed Raymond. He spoke with pride; he felt injured. Perdita looked up; she saw his angry glance; his hand was on the lock of the door. She started up, she threw herself on his neck, she gasped and sobbed; he took her hand, and leading her to the sofa, sat down near her. Her head fell on his shoulder, she trembled, alternate changes of fire and ice ran through her limbs: observing her emotion he spoke with softened accents:

“The blow is given. I will not part from you in anger; – I owe you too much. I owe you six years of unalloyed happiness. But they are passed. I will not live the mark of suspicion, the object of jealousy. I love you too well. In an eternal separation only can either of us hope for dignity and propriety of action. We shall not then be degraded from our true characters. Faith and devotion have hitherto been the essence of our intercourse; – these lost, let us not cling to the seedless husk of life, the unkernelled shell. You have your child, your brother, Idris, Adrian” –

“And you,” cried Perdita, “the writer of that letter.”

Uncontrollable indignation flashed from the eyes of Raymond. He knew that this accusation at least was false. “Entertain this belief,” he cried, “hug it to your heart – make it a pillow to your head, an opiate for your eyes – I am content. But, by the God that made me, hell is not more false than the word you have spoken!”

Perdita was struck by the impassioned seriousness of his asseverations. She replied with earnestness, “I do not refuse to believe you, Raymond; on the contrary I promise to put implicit faith in your simple word. Only assure me that your love and faith towards me have never been violated; and suspicion, and doubt, and jealousy will at once be dispersed. We shall continue as we have ever done, one heart, one hope, one life.”

“I have already assured you of my fidelity,” said Raymond with disdainful coldness, “triple assertions will avail nothing where one is despised. I will say no more; for I can add nothing to what I have already said, to what you before contemptuously set aside. This contention is unworthy of both of us; and I confess that I am weary of replying to charges at once unfounded and unkind.”

Perdita tried to read his countenance, which he angrily averted. There was so much of truth and nature in his

resentment, that her doubts were dispelled. Her countenance, which for years had not expressed a feeling unallied to affection, became again radiant and satisfied. She found it however no easy task to soften and reconcile Raymond. At first he refused to stay to hear her. But she would not be put off; secure of his unaltered love, she was willing to undertake any labour, use any entreaty, to dispel his anger. She obtained an hearing, he sat in haughty silence, but he listened. She first assured him of her boundless confidence; of this he must be conscious, since but for that she would not seek to detain him. She enumerated their years of happiness; she brought before him past scenes of intimacy and happiness; she pictured their future life, she mentioned their child – tears unbidden now filled her eyes. She tried to disperse them, but they refused to be checked – her utterance was choaked. She had not wept before. Raymond could not resist these signs of distress: he felt perhaps somewhat ashamed of the part he acted of the injured man, he who was in truth the injurer. And then he devoutly loved Perdita; the bend of her head, her glossy ringlets, the turn of her form were to him subjects of deep tenderness and admiration; as she spoke, her melodious tones entered his soul; he soon softened towards her, comforting and caressing her, and endeavouring to cheat himself into the belief that he had never wronged her.

Raymond staggered forth from this scene, as a man might do, who had been just put to the torture, and looked forward to when it would be again inflicted. He had sinned against his own honour, by affirming, swearing to, a direct falsehood; true this he had palmed on a woman, and it might therefore be deemed less base – by others – not by him; – for whom had he deceived? – his own trusting, devoted, affectionate Perdita, whose generous belief galled him doubly, when he remembered

the parade of innocence with which it had been exacted. The mind of Raymond was not sorough cast, nor had been so rudely handled, in the circumstance of life, as to make him proof to these considerations – on the contrary, he was all nerve; his spirit was as a pure fire, which fades and shrinks from every contagion of foul atmosphere: but now the contagion had become incorporated with its essence, and the change was the more painful. Truth and falsehood, love and hate lost their eternal boundaries, heaven rushed in to mingle with hell; while his sensitive mind, turned to a field for such battle, was stung to madness. He heartily despised himself, he was angry with Perdita, and the idea of Evadne was attended by all that was hideous and cruel. His passions, always his masters, acquired fresh strength, from the long sleep in which love had cradled them, the clinging weight of destiny bent him down; he was goaded, tortured, fiercely impatient of that worst of miseries, the sense of remorse. This troubled state yielded by degrees, to sullen animosity, and depression of spirits. His dependants, even his equals, if in his present post he had any, were startled to find anger, derision, and bitterness in one, before distinguished for suavity and benevolence of manner. He transacted public business with distaste, and hastened from it to the solitude which was at once his bane and relief. He mounted a fiery horse, that which had borne him forward to victory in Greece; he fatigued himself with deadening exercise, losing the pangs of a troubled mind in animal sensation.

He slowly recovered himself; yet, at last, as one might from the effects of poison, he lifted his head from above the vapours of fever and passion into the still atmosphere of calm reflection. He meditated on what was best to be done. He was first struck by the space of time that had elapsed, since madness, rather than any

reasonable impulse, had regulated his actions. A month had gone by, and during that time he had not seen Evadne. Her power, which was linked to few of the enduring emotions of his heart, had greatly decayed. He was no longer her slave – no longer her lover: he would never see her more, and by the completeness of his return, deserve the confidence of Perdita.

Yet, as he thus determined, fancy conjured up the miserable abode of the Greek girl. An abode, which from noble and lofty principle, she had refused to exchange for one of greater luxury. He thought of the splendour of her situation and appearance when he first knew her; he thought of her life at Constantinople, attended by every circumstance of oriental magnificence; of her present penury, her daily task of industry, her lorn state, her faded, famine-struck cheek. Compassion swelled his breast; he would see her once again; he would devise some plan for restoring her to society, and the enjoyment of her rank; their separation would then follow, as a matter of course.

Again he thought, how during this long month, he had avoided Perdita, flying from her as from the stings of his own conscience. But he was awake now; all this should be remedied; and future devotion erase the memory of this only blot on the serenity of their life. He became cheerful, as he thought of this, and soberly and resolutely marked out the line of conduct he would adopt. He remembered that he had promised Perdita to be present this very evening (the 19th of October, anniversary of his election as Protector) at a festival given in his honour. Good augury should this festival be of the happiness of future years. First, he would look in on Evadne; he would not stay; but he owed her some account, some compensation for his long and unannounced absence; and then to Perdita, to the

forgotten world, to the duties of society, the splendour of rank, the enjoyment of power.

After the scene sketched in the preceding pages, Perdita had contemplated an entire change in the manners and conduct of Raymond. She expected freedom of communication, and a return to those habits of affectionate intercourse which had formed the delight of her life. But Raymond did not join her in any of her avocations. He transacted the business of the day apart from her; he went out, she knew not whither. The pain inflicted by this disappointment was tormenting and keen. She looked on it as a deceitful dream, and tried to throw off the consciousness of it; but like the shirt of Nessus, it clung to her very flesh, and ate with sharp agony into her vital principle. She possessed that (though such an assertion may appear a paradox) which belongs to few, a capacity of happiness. Her delicate organization and creative imagination rendered her peculiarly susceptible of pleasurable emotion. The overflowing warmth of her heart, by making love a plant of deep root and stately growth, had attuned her whole soul to the reception of happiness, when she found in Raymond all that could adorn love and satisfy her imagination. But if the sentiment on which the fabric of her existence was founded, became common place through participation, the endless succession of attentions and graceful action snapt by transfer, his universe of love wrested from her, happiness must depart, and then be exchanged for its opposite. The same peculiarities of character rendered her sorrows agonies; her fancy magnified them, her sensibility made her for ever open to their renewed impression; love envenomed the heart-piercing sting. There was neither submission, patience, nor self-abandonment in her grief; she fought with it, struggled beneath it, and rendered every pang more sharp by resistance. Again and again

the idea recurred, that he loved another. She did him justice; she believed that he felt a tender affection for her; but give a paltry prize to him who in some life-pending lottery has calculated on the possession of tens of thousands, and it will disappoint him more than a blank. The affection and amity of a Raymond might be inestimable; but, beyond that affection, embosomed deeper than friendship, was the indivisible treasure of love. Take the sum in its completeness, and no arithmetic can calculate its price; take from it the smallest portion, give it but the name of parts, separate it into degrees and sections, and like the magician's coin, the valueless gold of the mine, is turned to vilest substance. There is a meaning in the eye of love; a cadence in its voice, an irradiation in its smile, the talisman of whose enchantments one only can possess; its spirit is elemental, its essence single, its divinity an unit. The very heart and soul of Raymond and Perdita had mingled, even as two mountain brooks that join in their descent, and murmuring and sparkling flow over shining pebbles, beside starry flowers; but let one desert its primal course, or be dammed up by choaking obstruction, and the other shrinks in its altered banks. Perdita was sensible of the failing of the tide that fed her life. Unable to support the slow withering of her hopes, she suddenly formed a plan, resolving to terminate at once the period of misery, and to bring to an happy conclusion the late disastrous events.

The anniversary was at hand of the exaltation of Raymond to the office of Protector; and it was customary to celebrate this day by a splendid festival. A variety of feelings urged Perdita to shed double magnificence over the scene; yet, as she arrayed herself for the evening gala, she wondered herself at the pains she took, to render sumptuous the celebration of an event which appeared to her the beginning of her sufferings. Woe

befall the day, she thought, woe, tears, and mourning betide the hour, that gave Raymond another hope than love, another wish than my devotion; and thrice joyful the moment when he shall be restored to me! God knows, I put my trust in his vows, and believe his asserted faith – but for that, I would not seek what I am now resolved to attain. Shall two years more be thus passed, each day adding to our alienation, each act being another stone piled on the barrier which separates us? No, my Raymond, my only beloved, sole possession of Perdita! This night, this splendid assembly, these sumptuous apartments, and this adornment of your tearful girl, are all united to celebrate your abdication. Once for me, you relinquished the prospect of a crown. That was in days of early love, when I could only hold out the hope, not the assurance of happiness. Now you have the experience of all that I can give, the heart's devotion, taintless love, and unhesitating subjection to you. You must choose between these and your protectorate. This, proud noble, is your last night! Perdita has bestowed on it all of magnificent and dazzling that your heart best loves – but, from these gorgeous rooms, from this princely attendance, from power and elevation, you must return with tomorrow's sun to our rural abode; for I would not buy an immortality of joy, by the endurance of one more week sister to the last.

Brooding over this plan, resolved when the hour should come, to propose, and insist upon its accomplishment, secure of his consent, the heart of Perdita was lightened, or rather exalted. Her cheek was flushed by the expectation of struggle; her eyes sparkled with the hope of triumph. Having cast her fate upon a die, and feeling secure of winning, she, whom I have named as bearing the stamp of queen of nations on her noble brow, now rose superior to humanity, and seemed in calm power, to

arrest with her finger, the wheel of destiny. She had never before looked so supremely lovely.

We, the Arcadian shepherds of the tale, had intended to be present at this festivity, but Perdita wrote to entreat us not to come, or to absent ourselves from Windsor; for she (though she did not reveal her scheme to us) resolved the next morning to return with Raymond to our dear circle, there to renew a course of life in which she had found entire felicity. Late in the evening she entered the apartments appropriated to the festival. Raymond had quitted the palace the night before; he had promised to grace the assembly, but he had not yet returned. Still she felt sure that he would come at last; and the wider the breach might appear at this crisis, the more secure she was of closing it for ever.

It was as I said, the nineteenth of October; the autumn was far advanced and dreary. The wind howled; the half bare trees were despoiled of the remainder of their summer ornament; the state of the air which induced the decay of vegetation, was hostile to cheerfulness or hope. Raymond had been exalted by the determination he had made; but with the declining day his spirits declined. First he was to visit Evadne, and then to hasten to the palace of the Protectorate. As he walked through the wretched streets in the neighbourhood of the luckless Greek’s abode, his heart smote him for the whole course of his conduct towards her. First, his having entered into any engagement that should permit her to remain in such a state of degradation; and then, after a short wild dream, having left her to drear solitude, anxious conjecture, and bitter, still – disappointed expectation. What had she done the while, how supported his absence and neglect? Light grew dim in these close streets, and when the well known door was opened, the staircase was shrouded in perfect night. He groped his way up, he entered the garret, he found Evadne

stretched speechless, almost lifeless on her wretched bed. He called for the people of the house, but could learn nothing from them, except that they knew nothing. Her story was plain to him, plain and distinct as the remorse and horror that darted their fangs into him. When she found herself forsaken by him, she lost the heart to pursue her usual avocations; pride forbade every application to him; famine was welcomed as the kind porter to the gates of death, within whose opening folds she should now, without sin, quickly repose. No creature came near her, as her strength failed.

If she died, where could there be found on record a murderer, whose cruel act might compare with his? What fiend more wanton in his mischief, what damned soul more worthy of perdition! But he was not reserved for this agony of self-reproach. He sent for medical assistance; the hours passed, spun by suspense into ages; the darkness of the long autumnal night yielded to day, before her life was secure. He had her then removed to a more commodious dwelling, and hovered about her, again and again to assure himself that she was safe.

In the midst of his greatest suspense and fear as to the event, he remembered the festival given in his honour, by Perdita; in his honour then, when misery and death were affixing indelible disgrace to his name, honour to him whose crimes deserved a scaffold; this was the worst mockery. Still Perdita would expect him; he wrote a few incoherent words on a scrap of paper, testifying that he was well, and bade the woman of the house take it to the palace, and deliver it into the hands of the wife of the Lord Protector. The woman, who did not know him, contemptuously asked, how he thought she should gain admittance, particularly on a festal night, to that lady’s presence? Raymond gave her his ring to ensure the respect of the menials. Thus, while Perdita was

entertaining her guests, and anxiously awaiting the arrival of her lord, his ring was brought her; and she was told that a poor woman had a note to deliver to her from its wearer.

The vanity of the old gossip was raised by her commission, which, after all, she did not understand, since she had no suspicion, even now that Evadne's visitor was Lord Raymond. Perdita dreaded a fall from his horse, or some similar accident – till the woman's answers woke other fears. From a feeling of cunning blindly exercised, the officious, if not malignant messenger, did not speak of Evadne's illness; but she garrulously gave an account of Raymond's frequent visits, adding to her narration such circumstances, as, while they convinced Perdita of its truth, exaggerated the unkindness and perfidy of Raymond. Worst of all, his absence now from the festival, his message wholly unaccounted for, except by the disgraceful hints of the woman, appeared the deadliest insult. Again she looked at the ring, it was a small ruby, almost heart-shaped, which she had herself given him. She looked at the hand-writing, which she could not mistake, and repeated to herself the words – "Do not, I charge you, I entreat you, permit your guests to wonder at my absence:" the while the old crone going on with her talk, filled her ear with a strange medley of truth and falsehood. At length Perdita dismissed her.

The poor girl returned to the assembly, where her presence had not been missed. She glided into a recess somewhat obscured, and leaning against an ornamental column there placed, tried to recover herself. Her faculties were palsied. She gazed on some flowers that stood near in a carved vase: that morning she had arranged them, they were rare and lovely plants; even now all aghast as she was, she observed their brilliant colours and starry shapes. – "Divine infoliations of the

spirit of beauty," she exclaimed, "Ye droop not, neither do ye mourn; the despair that clasps my heart, has not spread contagion over you! – Why am I not a partner of your insensibility, a sharer in your calm!"

She paused. "To my task," she continued mentally, "my guests must not perceive the reality, either as it regards him or me. I obey; they shall not, though I die the moment they are gone. They shall behold the antipodes of what is real – for I will appear to live – while I am – dead." It required all her self-command, to suppress the gush of tears self-pity caused at this idea. After many struggles, she succeeded, and turned to join the company.

All her efforts were now directed to the dissembling her internal conflict. She had to play the part of a courteous hostess; to attend to all; to shine the focus of enjoyment and grace. She had to do this, while in deep woe she sighed for loneliness, and would gladly have exchanged her crowded rooms for dark forest depths, or a drear, night-enshadowed heath. But she became gay. She could not keep in the medium, nor be, as was usual with her, placidly content. Every one remarked her exhilaration of spirits; as all actions appear graceful in the eye of rank, her guests surrounded her applaudingly, although there was a sharpness in her laugh, and an abruptness in her sallies, which might have betrayed her secret to an attentive observer. She went on, feeling that, if she had paused for a moment, the checked waters of misery would have deluged her soul, that her wrecked hopes would raise their wailing voices, and that those who now echoed her mirth, and provoked her repartees, would have shrunk in fear from her convulsive despair. Her only consolation during the violence which she did herself, was to watch the motions of an illuminated clock, and internally count the moments which must elapse before she could be alone.

At length the rooms began to thin. Mocking her own desires, she rallied her guests on their early departure. One by one they left her – at length she pressed the hand of her last visitor. “How cold and damp your hand is,” said her friend; “you are over fatigued, pray hasten to rest.” Perdita smiled faintly – her guest left her; the carriage rolling down the street assured the final departure. Then, as if pursued by an enemy, as if wings had been at her feet, she flew to her own apartment, she dismissed her attendants, she locked the doors, she threw herself wildly on the floor, she bit her lips even to blood to suppress her shrieks, and lay long a prey to the vulture of despair, striving not to think, while multitudinous ideas made a home of her heart; and ideas, horrid as furies, cruel as vipers, and poured in with such swift succession, that they seemed to jostle and wound each other, while they worked her up to madness.

At length she rose, more composed, not less miserable. She stood before a large mirror – she gazed on her reflected image; her light and graceful dress, the jewels that studded her hair, and encircled her beauteous arms and neck, her small feet shod in satin, her profuse and glossy tresses, all were to her clouded brow and woe-begone countenance like a gorgeous frame to a dark tempest-pourtraying picture. “Vase am I,” she thought, “vase brimful of despair’s direst essence. Farewell, Perdita! farewell, poor girl! never again will you see yourself thus; luxury and wealth are no longer yours; in the excess of your poverty you may envy the homeless beggar; most truly am I without a home! I live on a barren desart, which, wide and interminable, brings forth neither fruit or flower; in the midst is a solitary rock, to which thou, Perdita, art chained, and thou seest the dreary level stretch far away.”

She threw open her window, which looked on the palace-garden. Light and darkness were struggling together, and the orient was streaked by roseate and golden rays. One star only trembled in the depth of the kindling atmosphere. The morning air blowing freshly over the dewy plants, rushed into the heated room. “All things go on,” thought Perdita, “all things proceed, decay, and perish! When noontide has passed, and the weary day has driven her team to their western stalls, the fires of heaven rise from the East, moving in their accustomed path, they ascend and descend the skiey hill. When their course is fulfilled, the dial begins to cast westward an uncertain shadow; the eye-lids of day are opened, and birds and flowers, the startled vegetation, and fresh breeze awaken; the sun at length appears, and in majestic procession climbs the capitol of heaven. All proceeds, changes and dies, except the sense of misery in my bursting heart.

“Ay, all proceeds and changes: what wonder then, that love has journied on to its setting, and that the lord of my life has changed? We call the supernal lights fixed, yet they wander about yonder plain, and if I look again where I looked an hour ago, the face of the eternal heavens is altered. The silly moon and inconstant planets vary nightly their erratic dance; the sun itself, sovereign of the sky, ever and anon deserts his throne, and leaves his dominion to night and winter. Nature grows old, and shakes in her decaying limbs, – creation has become bankrupt! What wonder then, that eclipse and death have led to destruction the light of thy life, O Perdita!”

CHAPTER X

THUS sad and disarranged were the thoughts of my poor sister, when she became assured of the infidelity of Raymond. All her virtues and all her defects tended to make the blow incurable. Her affection for me, her brother, for Adrian and Idris, was subject as it were to the reigning passion of her heart; even her maternal tenderness borrowed half its force from the delight she had in tracing Raymond's features and expression in the infant's countenance. She had been reserved and even stern in childhood; but love had softened the asperities of her character, and her union with Raymond had caused her talents and affections to unfold themselves; the one betrayed, and the other lost, she in some degree returned to her ancient disposition. The concentrated pride of her nature, forgotten during her blissful dream, awoke, and with its adder's sting pierced her heart; her humility of spirit augmented the power of the venom; she had been exalted in her own estimation, while distinguished by his love: of what worth was she, now that he thrust her from this preferment? She had been proud of having won and preserved him – but another had won him from her, and her exultation was as cold as a water quenched ember.

We, in our retirement, remained long in ignorance of her misfortune. Soon after the festival she had sent for her child, and then she seemed to have forgotten us. Adrian observed a change during a visit that he afterward paid them; but he could not tell its extent, or divine the cause. They still appeared in public together, and lived under the same roof. Raymond was as usual

courteous, though there was, on occasions, an unbidden haughtiness, or painful abruptness in his manners, which startled his gentle friend; his brow was not clouded but disdain sat on his lips, and his voice was harsh. Perdita was all kindness and attention to her lord; but she was silent, and beyond words sad. She had grown thin and pale; and her eyes often filled with tears. Sometimes she looked at Raymond, as if to say – That it should be so! At others her countenance expressed – I will still do all I can to make you happy. But Adrian read with uncertain aim the charactery of her face, and might mistake. – Clara was always with her, and she seemed most at ease, when, in an obscure corner, she could sit holding her child's hand, silent and lonely. Still Adrian was unable to guess the truth; he entreated them to visit us at Windsor, and they promised to come during the following month.

It was May before they arrived: the season had decked the forest trees with leaves, and its paths with a thousand flowers. We had notice of their intention the day before; and, early in the morning, Perdita arrived with her daughter. Raymond would follow soon, she said; he had been detained by business. According to Adrian's account, I had expected to find her sad; but, on the contrary, she appeared in the highest spirits: true, she had grown thin, her eyes were somewhat hollow, and her cheeks sunk, though tinged by a bright glow. She was delighted to see us; caressed our children, praised their growth and improvement; Clara also was pleased to meet again her young friend Alfred; all kinds of childish games were entered into, in which Perdita joined. She communicated her gaiety to us, and as we amused ourselves on the Castle Terrace, it appeared that a happier, less care-worn party could not have been assembled. "This is better, Mamma," said Clara, "than being in that dismal London, where you often cry, and

never laugh as you do now." – "Silence, little foolish thing," replied her mother, "and remember any one that mentions London is sent to Coventry for an hour."

Soon after, Raymond arrived. He did not join as usual in the playful spirit of the rest; but, entering into conversation with Adrian and myself, by degrees we seceded from our companions, and Idris and Perdita only remained with the children. Raymond talked of his new buildings; of his plan for an establishment for the better education of the poor; as usual Adrian and he entered into argument, and the time slipped away unperceived.

We assembled again towards evening, and Perdita insisted on our having recourse to music. She wanted, she said, to give us a specimen of her new accomplishment; for since she had been in London, she had applied herself to music, and sang, without much power, but with a great deal of sweetness. We were not permitted by her to select any but light-hearted melodies; and all the Operas of Mozart were called into service, that we might choose the most exhilarating of his airs. Among the other transcendant attributes of Mozart's music, it possesses more than any other that of appearing to come from the heart; you enter into the passions expressed by him, and are transported with grief, joy, anger, or confusion, as he, our soul's master, chooses to inspire. For some time, the spirit of hilarity was kept up; but, at length, Perdita receded from the piano, for Raymond had joined in the trio of "Taci ingiusto core," in Don Giovanni, whose arch entreaty was softened by him into tenderness, and thrilled her heart with memories of the changed past; it was the same voice, the same tone, the self-same sounds and words, which often before she had received, as the homage of love to her – no longer was it that; and this concord of sound with its dissonance of expression penetrated her with regret and despair. Soon after Idris,

who was at the harp, turned to that passionate and sorrowful air in Figaro, “Porgi, amor, qualche risforo,” in which the deserted Countess laments the change of the faithless Almaviva. The soul of tender sorrow is breathed forth in this strain; and the sweet voice of Idris, sustained by the mournful chords of her instrument, added to the expression of the words. During the pathetic appeal with which it concludes, a stifled sob attracted our attention to Perdita, the cessation of the music recalled her to herself, she hastened out of the hall – I followed her. At first, she seemed to wish to shun me; and then, yielding to my earnest questioning, she threw herself on my neck, and wept aloud: – “Once more,” she cried, “once more on your friendly breast, my beloved brother, can the lost Perdita pour forth her sorrows. I had imposed a law of silence on myself; and for months I have kept it. I do wrong in weeping now, and greater wrong in giving words to my grief. I will not speak! Be it enough for you to know that I am miserable – be it enough for you to know, that the painted veil of life is rent, that I sit for ever shrouded in darkness and gloom, that grief is my sister, everlasting lamentation my mate!”

I endeavoured to console her; I did not question her! but I caressed her, assured her of my deepest affection and my intense interest in the changes of her fortune: – “Dear words,” she cried, “expressions of love come upon my ear, like the remembered sounds of forgotten music, that had been dear to me. They are vain, I know; how very vain in their attempt to soothe or comfort me. Dearest Lionel, you cannot guess what I have suffered during these long months. I have read of mourners in ancient days, who clothed themselves in sackcloth, scattered dust upon their heads, ate their bread mingled with ashes, and took up their abode on the bleak mountain tops, reproaching heaven and earth aloud with

their misfortunes. Why this is the very luxury of sorrow! thus one might go on from day to day contriving new extravagances, revelling in the paraphernalia of woe, wedded to all the appurtenances of despair. Alas! I must for ever conceal the wretchedness that consumes me. I must weave a veil of dazzling falsehood to hide my grief from vulgar eyes, smoothe my brow, and paint my lips in deceitful smiles – even in solitude I dare not think how lost I am, lest I become insane and rave."

The tears and agitation of my poor sister had rendered her unfit to return to the circle we had left – so I persuaded her to let me drive her through the park; and, during the ride, I induced her to confide the tale of her unhappiness to me, fancying that talking of it would lighten the burthen, and certain that, if there were a remedy, it should be found and secured to her.

Several weeks had elapsed since the festival of the anniversary, and she had been unable to calm her mind, or to subdue her thoughts to any regular train. Sometimes she reproached herself for taking too bitterly to heart, that which many would esteem an imaginary evil; but this was no subject for reason; and, ignorant as she was of the motives and true conduct of Raymond, things assumed for her even a worse appearance, than the reality warranted. He was seldom at the palace; never, but when he was assured that his public duties would prevent his remaining alone with Perdita. They seldom addressed each other, shunning explanation, each fearing any communication the other might make. Suddenly, however, the manners of Raymond changed; he appeared to desire to find opportunities of bringing about a return to kindness and intimacy with my sister. The tide of love towards her appeared to flow again; he could never forget, how once he had been devoted to her, making her the shrine and storehouse wherein to place every thought and every sentiment. Shame seemed

to hold him back; yet he evidently wished to establish a renewal of confidence and affection. From the moment Perdita had sufficiently recovered herself to form any plan of action, she had laid one down, which now she prepared to follow. She received these tokens of returning love with gentleness; she did not shun his company; but she endeavoured to place a barrier in the way of familiar intercourse or painful discussion, which mingled pride and shame prevented Raymond from surmounting. He began at last to shew signs of angry impatience, and Perdita became aware that the system she had adopted could not continue; she must explain herself to him; she could not summon courage to speak – she wrote thus:

"Read this letter with patience, I entreat you. It will contain no reproaches. Reproach is indeed an idle word: for what should I reproach you?

"Allow me in some degree to explain my feeling; without that, we shall both grope in the dark, mistaking one another; erring from the path which may conduct, one of us at least, to a more eligible mode of life than that led by either during the last few weeks.

"I loved you – I love you – neither anger nor pride dictates these lines; but a feeling beyond, deeper, and more unalterable than either. My affections are wounded; it is impossible to heal them: – cease then the vain endeavour, if indeed that way your endeavours tend. Forgiveness! Return! Idle words are these! I forgive the pain I endure; but the trodden path cannot be retraced.

"Common affection might have been satisfied with common usages. I believed that you read my heart, and knew its devotion, its unalienable fidelity towards you. I

never loved any but you. You came the embodied image of my fondest dreams. The praise of men, power and high aspirations attended your career. Love for you invested the world for me in enchanted light; it was no longer the earth I trod – the earth, common mother, yielding only trite and stale repetition of objects and circumstances old and worn out. I lived in a temple glorified by intensest sense of devotion and rapture; I walked, a consecrated being, contemplating only your power, your excellence;

For O, you stood beside me, like my youth,

Transformed for me the real to a dream,

Cloathing the palpable and familiar

With golden exhalations of the dawn.

'The bloom has vanished from my life' – there is no morning to this all investing night; no rising to the set-sun of love. In those days the rest of the world was nothing to me: all other men – I never considered nor felt what they were; nor did I look on you as one of them. Separated from them; exalted in my heart; sole possessor of my affections; single object of my hopes, the best half of myself.

"Ah, Raymond, were we not happy? Did the sun shine on any, who could enjoy its light with purer and more intense bliss? It was not – it is not a common infidelity at which I repine. It is the disunion of an whole which may not have parts; it is the carelessness with which you have shaken off the mantle of election with which to me you were invested, and have become one among the many. Dream not to alter this. Is not love a divinity,

because it is immortal? Did not I appear sanctified, even to myself, because this love had for its temple my heart? I have gazed on you as you slept, melted even to tears, as the idea filled my mind, that all I possessed lay cradled in those idolized, but mortal lineaments before me. Yet, even then, I have checked thick-coming fears with one thought; I would not fear death, for the emotions that linked us must be immortal.

"And now I do not fear death. I should be well pleased to close my eyes, never more to open them again. And yet I fear it; even as I fear all things; for in any state of being linked by the chain of memory with this, happiness would not return – even in Paradise, I must feel that your love was less enduring than the mortal beatings of my fragile heart, every pulse of which knells audibly,

The funeral note

Of love, deep buried, without resurrection.

No – no – me miserable; for love extinct there is no resurrection!

"Yet I love you. Yet, and for ever, would I contribute all I possess to your welfare. On account of a tattling world; for the sake of my – of our child, I would remain by you, Raymond, share your fortunes, partake your counsel. Shall it be thus? We are no longer lovers; nor can I call myself a friend to any; since, lost as I am, I have no thought to spare from my own wretched, engrossing self. But it will please me to see you each day! To listen to the public voice praising you; to keep up your paternal love for our girl; to hear your voice; to know that I am near you, though you are no longer mine.

“If you wish to break the chains that bind us, say the word, and it shall be done – I will take all the blame on myself, of harshness or unkindness, in the world’s eye.

“Yet, as I have said, I should be best pleased, at least for the present, to live under the same roof with you. When the fever of my young life is spent; when placid age shall tame the vulture that devours me, friendship may come, love and hope being dead. May this be true? Can my soul, inextricably linked to this perishable frame, become lethargic and cold, even as this sensitive mechanism shall lose its youthful elasticity? Then, with lack-lustre eyes, grey hairs, and wrinkled brow, though now the words sound hollow and meaningless, then, tottering on the grave’s extreme edge, I may be – your affectionate and true friend,

“PERDITA.”

Raymond’s answer was brief. What indeed could he reply to her complaints, to her griefs which she jealously paled round, keeping out all thought of remedy. “Notwithstanding your bitter letter,” he wrote, “for bitter I must call it, you are the chief person in my estimation, and it is your happiness that I would principally consult. Do that which seems best to you: and if you can receive gratification from one mode of life in preference to another, do not let me be any obstacle. I foresee that the plan which you mark out in your letter will not endure long; but you are mistress of yourself, and it is my sincere wish to contribute as far as you will permit me to your happiness.”

“Raymond has prophesied well,” said Perdita, “alas, that it should be so! our present mode of life cannot continue long, yet I will not be the first to propose alteration. He beholds in me one whom he has injured

even unto death; and I derive no hope from his kindness; no change can possibly be brought about even by his best intentions. As well might Cleopatra have worn as an ornament the vinegar which contained her dissolved pearl, as I be content with the love that Raymond can now offer me."

I own that I did not see her misfortune with the same eyes as Perdita. At all events methought that the wound could be healed; and, if they remained together, it would be so. I endeavoured therefore to sooth and soften her mind; and it was not until after many endeavours that I gave up the task as impracticable. Perdita listened to me impatiently, and answered with some asperity: – "Do you think that any of your arguments are new to me? Or that my own burning wishes and intense anguish have not suggested them all a thousand times, with far more eagerness and subtlety than you can put into them? Lionel, you cannot understand what woman's love is. In days of happiness I have often repeated to myself, with a grateful heart and exulting spirit, all that Raymond sacrificed for me. I was a poor, uneducated, unbefriended, mountain girl, raised from nothingness by him. All that I possessed of the luxuries of life came from him. He gave me an illustrious name and noble station; the world's respect reflected from his own glory: all this joined to his own undying love, inspired me with sensations towards him, akin to those with which we regard the Giver of life. I gave him love only. I devoted myself to him: imperfect creature that I was, I took myself to task, that I might become worthy of him. I watched over my hasty temper, subdued my burning impatience of character, schooled my self-engrossing thoughts, educating myself to the best perfection I might attain, that the fruit of my exertions might be his happiness. I took no merit to myself for this. He deserved it all – all labour, all devotion, all sacrifice; I

would have toiled up a scaleless Alp, to pluck a flower that would please him. I was ready to quit you all, my beloved and gifted companions, and to live only with him, for him. I could not do otherwise, even if I had wished; for if we are said to have two souls, he was my better soul, to which the other was a perpetual slave. One only return did he owe me, even fidelity. I earned that; I deserved it. Because I was mountain bred, unallied to the noble and wealthy, shall he think to repay me by an empty name and station? Let him take them back; without his love they are nothing to me. Their only merit in my eyes was that they were his."

Thus passionately Perdita ran on. When I adverted to the question of their entire separation, she replied: "Be it so! One day the period will arrive; I know it, and feel it. But in this I am a coward. This imperfect companionship, and our masquerade of union, are strangely dear to me. It is painful, I allow, destructive, impracticable. It keeps up a perpetual fever in my veins; it frets my immedicable wound; it is instinct with poison. Yet I must cling to it; perhaps it will kill me soon, and thus perform a thankful office."

In the mean time, Raymond had remained with Adrian and Idris. He was naturally frank; the continued absence of Perdita and myself became remarkable; and Raymond soon found relief from the constraint of months, by an unreserved confidence with his two friends. He related to them the situation in which he had found Evadne. At first, from delicacy to Adrian he concealed her name; but it was divulged in the course of his narrative, and her former lover heard with the most acute agitation the history of her sufferings. Idris had shared Perdita's ill opinion of the Greek; but Raymond's account softened and interested her. Evadne's constancy, fortitude, even her ill-fated and ill-regulated love, were matter of admiration and pity; especially when, from the detail of

the events of the nineteenth of October, it was apparent that she preferred suffering and death to any in her eyes degrading application for the pity and assistance of her lover. Her subsequent conduct did not diminish this interest. At first, relieved from famine and the grave, watched over by Raymond with the tenderest assiduity, with that feeling of repose peculiar to convalescence, Evadne gave herself up to rapturous gratitude and love. But reflection returned with health. She questioned him with regard to the motives which had occasioned his critical absence. She framed her enquiries with Greek subtlety; she formed her conclusions with the decision and firmness peculiar to her disposition. She could not divine, that the breach which she had occasioned between Raymond and Perdita was already irreparable: but she knew, that under the present system it would be widened each day, and that its result must be to destroy her lover's happiness, and to implant the fangs of remorse in his heart. From the moment that she perceived the right line of conduct, she resolved to adopt it, and to part from Raymond for ever. Conflicting passions, long-cherished love, and self-inflicted disappointment, made her regard death alone as sufficient refuge for her woe. But the same feelings and opinions which had before restrained her, acted with redoubled force; for she knew that the reflection that he had occasioned her death, would pursue Raymond through life, poisoning every enjoyment, clouding every prospect. Besides, though the violence of her anguish made life hateful, it had not yet produced that monotonous, lethargic sense of changeless misery which for the most part produces suicide. Her energy of character induced her still to combat with the ills of life; even those attendant on hopeless love presented themselves, rather in the shape of an adversary to be overcome, than of a victor to whom she must submit.

Besides, she had memories of past tenderness to cherish, smiles, words, and even tears, to con over, which, though remembered in desertion and sorrow, were to be preferred to the forgetfulness of the grave. It was impossible to guess at the whole of her plan. Her letter to Raymond gave no clue for discovery; it assured him, that she was in no danger of wanting the means of life; she promised in it to preserve herself, and some future day perhaps to present herself to him in a station not unworthy of her. She then bade him, with the eloquence of despair and of unalterable love, a last farewell.

All these circumstances were now related to Adrian and Idris. Raymond then lamented the cureless evil of his situation with Perdita. He declared, notwithstanding her harshness, he even called it coldness, that he loved her. He had been ready once with the humility of a penitent, and the duty of a vassal, to surrender himself to her; giving up his very soul to her tutelage, to become her pupil, her slave, her bondsman. She had rejected these advances; and the time for such exuberant submission, which must be founded on love and nourished by it, was now passed. Still all his wishes and endeavours were directed towards her peace, and his chief discomfort arose from the perception that he exerted himself in vain. If she were to continue inflexible in the line of conduct she now pursued, they must part. The combinations and occurrences of this senseless mode of intercourse were maddening to him. Yet he would not propose the separation. He was haunted by the fear of causing the death of one or other of the beings implicated in these events; and he could not persuade himself to undertake to direct the course of events, lest, ignorant of the land he traversed, he should lead those attached to the car into irremediable ruin.

After a discussion on this subject, which lasted for several hours, he took leave of his friends, and returned to town, unwilling to meet Perdita before us, conscious, as we all must be, of the thoughts uppermost in the minds of both. Perdita prepared to follow him with her child. Idris endeavoured to persuade her to remain. My poor sister looked at the counsellor with affright. She knew that Raymond had conversed with her; had he instigated this request? – was this to be the prelude to their eternal separation? – I have said, that the defects of her character awoke and acquired vigour from her unnatural position. She regarded with suspicion the invitation of Idris; she embraced me, as if she were about to be deprived of my affection also: calling me her more than brother, her only friend, her last hope, she pathetically conjured me not to cease to love her; and with encreased anxiety she departed for London, the scene and cause of all her misery.

The scenes that followed, convinced her that she had not yet fathomed the obscure gulph into which she had plunged. Her unhappiness assumed every day a new shape; every day some unexpected event seemed to close, while in fact it led onward, the train of calamities which now befell her.

The selected passion of the soul of Raymond was ambition. Readiness of talent, a capacity of entering into, and leading the dispositions of men; earnest desire of distinction were the awakeners and nurses of his ambition. But other ingredients mingled with these, and prevented him from becoming the calculating, determined character, which alone forms a successful hero. He was obstinate, but not firm; benevolent in his first movements; harsh and reckless when provoked. Above all, he was remorseless and unyielding in the pursuit of any object of desire, however lawless. Love of pleasure, and the softer sensibilities of our nature, made

a prominent part of his character, conquering the conqueror; holding him in at the moment of acquisition; sweeping away ambition’s web; making him forget the toil of weeks, for the sake of one moment’s indulgence of the new and actual object of his wishes. Obeying these impulses, he had become the husband of Perdita: egged on by them, he found himself the lover of Evadne. He had now lost both. He had neither the ennobling self-gratulation, which constancy inspires, to console him, nor the voluptuous sense of abandonment to a forbidden, but intoxicating passion. His heart was exhausted by the recent events; his enjoyment of life was destroyed by the resentment of Perdita, and the flight of Evadne; and the inflexibility of the former, set the last seal upon the annihilation of his hopes. As long as their disunion remained a secret, he cherished an expectation of re-awakening past tenderness in her bosom; now that we were all made acquainted with these occurrences, and that Perdita, by declaring her resolves to others, in a manner pledged herself to their accomplishment, he gave up the idea of re-union as futile, and sought only, since he was unable to influence her to change, to reconcile himself to the present state of things. He made a vow against love and its train of struggles, disappointment and remorse, and sought in mere sensual enjoyment, a remedy for the injurious inroads of passion.

Debasement of character is the certain follower of such pursuits. Yet this consequence would not have been immediately remarkable, if Raymond had continued to apply himself to the execution of his plans for the public benefit, and the fulfilling his duties as Protector. But, extreme in all things, given up to immediate impressions, he entered with ardour into this new pursuit of pleasure, and followed up the incongruous intimacies occasioned by it without reflection or

foresight. The council-chamber was deserted; the crowds which attended on him as agents to his various projects were neglected. Festivity, and even libertinism, became the order of the day.

Perdita beheld with affright the encreasing disorder. For a moment she thought that she could stem the torrent, and that Raymond could be induced to hear reason from her. – Vain hope! The moment of her influence was passed. He listened with haughtiness, replied disdainfully; and, if in truth, she succeeded in awakening his conscience, the sole effect was that he sought an opiate for the pang in oblivious riot. With the energy natural to her, Perdita then endeavoured to supply his place. Their still apparent union permitted her to do much; but no woman could, in the end, present a remedy to the encreasing negligence of the Protector; who, as if seized with a paroxysm of insanity, trampled on all ceremony, all order, all duty, and gave himself up to license.

Reports of these strange proceedings reached us, and we were undecided what method to adopt to restore our friend to himself and his country, when Perdita suddenly appeared among us. She detailed the progress of the mournful change, and entreated Adrian and myself to go up to London, and endeavour to remedy the encreasing evil: – “Tell him,” she cried, “tell Lord Raymond, that my presence shall no longer annoy him. That he need not plunge into this destructive dissipation for the sake of disgusting me, and causing me to fly. This purpose is now accomplished; he will never see me more. But let me, it is my last entreaty, let me in the praises of his countrymen and the prosperity of England, find the choice of my youth justified.”

During our ride up to town, Adrian and I discussed and argued upon Raymond’s conduct, and his falling off from the hopes of permanent excellence on his part, which he

had before given us cause to entertain. My friend and I had both been educated in one school, or rather I was his pupil in the opinion, that steady adherence to principle was the only road to honour; a ceaseless observance of the laws of general utility, the only conscientious aim of human ambition. But though we both entertained these ideas, we differed in their application. Resentment added also a sting to my censure; and I reprobated Raymond's conduct in severe terms. Adrian was more benign, more considerate. He admitted that the principles that I laid down were the best; but he denied that they were the only ones. Quoting the text, there are many mansions in my father's house, he insisted that the modes of becoming good or great, varied as much as the dispositions of men, of whom it might be said, as of the leaves of the forest, there were no two alike.

We arrived in London at about eleven at night. We conjectured, notwithstanding what we had heard, that we should find Raymond in St. Stephen's: thither we sped. The chamber was full – but there was no Protector; and there was an austere discontent manifest on the countenances of the leaders, and a whispering and busy tattle among the underlings, not less ominous. We hastened to the palace of the Protectorate. We found Raymond in his dining room with six others: the bottle was being pushed about merrily, and had made considerable inroads on the understanding of one or two. He who sat near Raymond was telling a story, which convulsed the rest with laughter.

Raymond sat among them, though while he entered into the spirit of the hour, his natural dignity never forsook him. He was gay, playful, fascinating – but never did he overstep the modesty of nature, or the respect due to himself, in his wildest sallies. Yet I own, that considering the task which Raymond had taken on

himself as Protector of England, and the cares to which it became him to attend, I was exceedingly provoked to observe the worthless fellows on whom his time was wasted, and the jovial if not drunken spirit which seemed on the point of robbing him of his better self. I stood watching the scene, while Adrian flitted like a shadow in among them, and, by a word and look of sobriety, endeavoured to restore order in the assembly. Raymond expressed himself delighted to see him, declaring that he should make one in the festivity of the night.

This action of Adrian provoked me. I was indignant that he should sit at the same table with the companions of Raymond – men of abandoned characters, or rather without any, the refuse of high-bred luxury, the disgrace of their country. “Let me entreat Adrian,” I cried, “not to comply: rather join with me in endeavouring to withdraw Lord Raymond from this scene, and restore him to other society.”

“My good fellow,” said Raymond, “this is neither the time nor place for the delivery of a moral lecture: take my word for it that my amusements and society are not so bad as you imagine. We are neither hypocrites or fools – for the rest, ‘Dost thou think because thou art virtuous, there shall be no more cakes and ale?’”

I turned angrily away: “Verney,” said Adrian, “you are very cynical: sit down; or if you will not, perhaps, as you are not a frequent visitor, Lord Raymond will humour you, and accompany us, as we had previously agreed upon, to parliament.”

Raymond looked keenly at him; he could read benignity only in his gentle lineaments; he turned to me, observing with scorn my moody and stern demeanour. “Come,” said Adrian, “I have promised for you, enable me to keep my engagement. Come with us.” – Raymond made an uneasy movement, and laconically replied – “I won’t!”

The party in the mean time had broken up. They looked at the pictures, strolled into the other apartments, talked of billiards, and one by one vanished. Raymond strode angrily up and down the room. I stood ready to receive and reply to his reproaches. Adrian leaned against the wall. “This is infinitely ridiculous,” he cried, “if you were school-boys, you could not conduct yourselves more unreasonably.”

“You do not understand,” said Raymond. “This is only part of a system: – a scheme of tyranny to which I will never submit. Because I am Protector of England, am I to be the only slave in its empire? My privacy invaded, my actions censured, my friends insulted? But I will get rid of the whole together. – Be you witnesses,” and he took the star, insignia of office, from his breast, and threw it on the table. “I renounce my office, I abdicate my power – assume it who will!”

“Let him assume it,” exclaimed Adrian, “who can pronounce himself, or whom the world will pronounce to be your superior. There does not exist the man in England with adequate presumption. Know yourself, Raymond, and your indignation will cease; your complacency return. A few months ago, whenever we prayed for the prosperity of our country, or our own, we at the same time prayed for the life and welfare of the Protector, as indissolubly linked to it. Your hours were devoted to our benefit, your ambition was to obtain our commendation. You decorated our towns with edifices, you bestowed on us useful establishments, you gifted the soil with abundant fertility. The powerful and unjust cowered at the steps of your judgment-seat, and the poor and oppressed arose like morn-awakened flowers under the sunshine of your protection.

“Can you wonder that we are all aghast and mourn, when this appears changed? But, come, this splenetic fit is already passed; resume your functions; your partizans

will hail you; your enemies be silenced; our love, honour, and duty will again be manifested towards you. Master yourself, Raymond, and the world is subject to you."

"All this would be very good sense, if addressed to another," replied Raymond, moodily, "con the lesson yourself, and you, the first peer of the land, may become its sovereign. You the good, the wise, the just, may rule all hearts. But I perceive, too soon for my own happiness, too late for England's good, that I undertook a task to which I am unequal. I cannot rule myself. My passions are my masters; my smallest impulse my tyrant. Do you think that I renounced the Protectorate (and I have renounced it) in a fit of spleen? By the God that lives, I swear never to take up that bauble again; never again to burthen myself with the weight of care and misery, of which that is the visible sign.

"Once I desired to be a king. It was in the hey-day of youth, in the pride of boyish folly. I knew myself when I renounced it. I renounced it to gain – no matter what – for that also I have lost. For many months I have submitted to this mock majesty – this solemn jest. I am its dupe no longer. I will be free.

"I have lost that which adorned and dignified my life; that which linked me to other men. Again I am a solitary man; and I will become again, as in my early years, a wanderer, a soldier of fortune. My friends, for Verney, I feel that you are my friend, do not endeavour to shake my resolve. Perdita, wedded to an imagination, careless of what is behind the veil, whose charactery is in truth faulty and vile, Perdita has renounced me. With her it was pretty enough to play a sovereign's part; and, as in the recesses of your beloved forest we acted masques, and imagined ourselves Arcadian shepherds, to please the fancy of the moment – so was I content, more for Perdita's sake than my own, to take on me the character of one of the great ones of the earth; to lead her behind

the scenes of grandeur, to vary her life with a short act of magnificence and power. This was to be the colour; love and confidence the substance of our existence. But we must live, and not act our lives; pursuing the shadow, I lost the reality – now I renounce both.

"Adrian, I am about to return to Greece, to become again a soldier, perhaps a conqueror. Will you accompany me? You will behold new scenes; see a new people; witness the mighty struggle there going forward between civilization and barbarism; behold, and perhaps direct the efforts of a young and vigorous population, for liberty and order. Come with me. I have expected you. I waited for this moment; all is prepared; – will you accompany me?"

"I will," replied Adrian. "Immediately?"

"Tomorrow if you will."

"Reflect!" I cried.

"Wherefore?" asked Raymond – "My dear fellow, I have done nothing else than reflect on this step the live-long summer; and be assured that Adrian has condensed an age of reflection into this little moment. Do not talk of reflection; from this moment I abjure it; this is my only happy moment during a long interval of time. I must go, Lionel – the Gods will it; and I must. Do not endeavour to deprive me of my companion, the out-cast's friend.

"One word more concerning unkind, unjust Perdita. For a time, I thought that, by watching a complying moment, fostering the still warm ashes, I might relume in her the flame of love. It is more cold within her, than a fire left by gypsies in winter-time, the spent embers crowned by a pyramid of snow. Then, in endeavouring to do violence to my own disposition, I made all worse than before. Still I think, that time, and even absence, may restore her to me. Remember, that I love her still, that my dearest hope is that she will again be mine. I know, though she does not, how false the veil is which she has spread over the

reality – do not endeavour to rend this deceptive covering, but by degrees withdraw it. Present her with a mirror, in which she may know herself; and, when she is an adept in that necessary but difficult science, she will wonder at her present mistake, and hasten to restore to me, what is by right mine, her forgiveness, her kind thoughts, her love.”

CHAPTER XI

AFTER these events, it was long before we were able to attain any degree of composure. A moral tempest had wrecked our richly freighted vessel, and we, remnants of the diminished crew, were aghast at the losses and changes which we had undergone. Idris passionately loved her brother, and could ill brook an absence whose duration was uncertain; his society was dear and necessary to me – I had followed up my chosen literary occupations with delight under his tutorship and assistance; his mild philosophy, unerring reason, and enthusiastic friendship were the best ingredient, the exalted spirit of our circle; even the children bitterly regretted the loss of their kind playfellow. Deeper grief oppressed Perdita. In spite of resentment, by day and night she figured to herself the toils and dangers of the wanderers. Raymond absent, struggling with difficulties, lost to the power and rank of the Protectorate, exposed to the perils of war, became an object of anxious interest; not that she felt any inclination to recall him, if recall must imply a return to their former union. Such return she felt to be impossible; and while she believed it to be thus, and with anguish regretted that so it should be, she continued angry and impatient with him, who occasioned her misery. These perplexities and regrets caused her to bathe her pillow with nightly tears, and to reduce her in person and in mind to the shadow of what she had been. She sought solitude, and avoided us when in gaiety and unrestrained affection we met in a family circle. Lonely musings, interminable wanderings, and solemn music were her only pastimes.

She neglected even her child; shutting her heart against all tenderness, she grew reserved towards me, her first and fast friend.

I could not see her thus lost, without exerting myself to remedy the evil – remediless I knew, if I could not in the end bring her to reconcile herself to Raymond. Before he went I used every argument, every persuasion to induce her to stop his journey. She answered the one with a gush of tears – telling me that to be persuaded – life and the goods of life were a cheap exchange. It was not will that she wanted, but the capacity; again and again she declared, it were as easy to enchain the sea, to put reins on the wind's viewless courses, as for her to take truth for falsehood, deceit for honesty, heartless communion for sincere, confiding love. She answered my reasonings more briefly, declaring with disdain, that the reason was hers; and, until I could persuade her that the past could be unacted, that maturity could go back to the cradle, and that all that was could become as though it had never been, it was useless to assure her that no real change had taken place in her fate. And thus with stern pride she suffered him to go, though her very heart-strings cracked at the fulfilling of the act, which rent from her all that made life valuable.

To change the scene for her, and even for ourselves, all unhinged by the cloud that had come over us, I persuaded my two remaining companions that it were better that we should absent ourselves for a time from Windsor. We visited the north of England, my native Ulswater, and lingered in scenes dear from a thousand associations. We lengthened our tour into Scotland, that we might see Loch Katrine and Loch Lomond; thence we crossed to Ireland, and passed several weeks in the neighbourhood of Killarney. The change of scene operated to a great degree as I expected; after a year's absence, Perdita returned in gentler and more docile

mood to Windsor. The first sight of this place for a time unhinged her. Here every spot was distinct with associations now grown bitter. The forest glades, the ferny dells, and lawny uplands, the cultivated and cheerful country spread around the silver pathway of ancient Thames, all earth, air, and wave, took up one choral voice, inspired by memory, instinct with plaintive regret.

But my essay towards bringing her to a saner view of her own situation, did not end here. Perdita was still to a great degree uneducated. When first she left her peasant life, and resided with the elegant and cultivated Evadne, the only accomplishment she brought to any perfection was that of painting, for which she had a taste almost amounting to genius. This had occupied her in her lonely cottage, when she quitted her Greek friend's protection. Her pallet and easel were now thrown aside; did she try to paint, thronging recollections made her hand tremble, her eyes fill with tears. With this occupation she gave up almost every other; and her mind preyed upon itself almost to madness.

For my own part, since Adrian had first withdrawn me from my selvatic wilderness to his own paradise of order and beauty, I had been wedded to literature. I felt convinced that however it might have been in former times, in the present stage of the world, no man's faculties could be developed, no man's moral principle be enlarged and liberal, without an extensive acquaintance with books. To me they stood in the place of an active career, of ambition, and those palpable excitements necessary to the multitude. The collation of philosophical opinions, the study of historical facts, the acquirement of languages, were at once my recreation, and the serious aim of my life. I turned author myself. My productions however were sufficiently unpretending; they were confined to the biography of favourite

historical characters, especially those whom I believed to have been traduced, or about whom clung obscurity and doubt.

As my authorship increased, I acquired new sympathies and pleasures. I found another and a valuable link to enchain me to my fellow-creatures; my point of sight was extended, and the inclinations and capacities of all human beings became deeply interesting to me. Kings have been called the fathers of their people. Suddenly I became as it were the father of all mankind. Posterity became my heirs. My thoughts were gems to enrich the treasure house of man’s intellectual possessions; each sentiment was a precious gift I bestowed on them. Let not these aspirations be attributed to vanity. They were not expressed in words, nor even reduced to form in my own mind; but they filled my soul, exalting my thoughts, raising a glow of enthusiasm, and led me out of the obscure path in which I before walked, into the bright noon-enlightened highway of mankind, making me, citizen of the world, a candidate for immortal honors, an eager aspirant to the praise and sympathy of my fellow men.

No one certainly ever enjoyed the pleasures of composition more intensely than I. If I left the woods, the solemn music of the waving branches, and the majestic temple of nature, I sought the vast halls of the Castle, and looked over wide, fertile England, spread beneath our regal mount, and listened the while to inspiring strains of music. At such times solemn harmonies or spirit-stirring airs gave wings to my lagging thoughts,permitting them, methought, to penetrate the last veil of nature and her God, and to display the highest beauty in visible expression to the understandings of men. As the music went on, my ideas seemed to quit their mortal dwelling house; they shook their pinions and began a flight, sailing on the placid

current of thought, filling the creation with new glory, and rousing sublime imagery that else had slept voiceless. Then I would hasten to my desk, weave the new-found web of mind in firm texture and brilliant colours, leaving the fashioning of the material to a calmer moment.

But this account, which might as properly belong to a former period of my life as to the present moment, leads me far afield. It was the pleasure I took in literature, the discipline of mind I found arise from it, that made me eager to lead Perdita to the same pursuits. I began with light hand and gentle allurement; first exciting her curiosity, and then satisfying it in such a way as might occasion her, at the same time that she half forgot her sorrows in occupation, to find in the hours that succeeded a reaction of benevolence and toleration.

Intellectual activity, though not directed towards books, had always been my sister's characteristic. It had been displayed early in life, leading her out to solitary musing among her native mountains, causing her to form innumerous combinations from common objects, giving strength to her perceptions, and swiftness to their arrangement. Love had come, as the rod of the master-prophet, to swallow up every minor propensity. Love had doubled all her excellencies, and placed a diadem on her genius. Was she to cease to love? Take the colours and odour from the rose, change the sweet nutriment of mother's milk to gall and poison; as easily might you wean Perdita from love. She grieved for the loss of Raymond with an anguish, that exiled all smile from her lips, and trenched sad lines on her brow of beauty. But each day seemed to change the nature of her suffering, and every succeeding hour forced her to alter (if so I may style it) the fashion of her soul's mourning garb. For a time music was able to satisfy the cravings of her mental hunger, and her melancholy thoughts renewed

themselves in each change of key, and varied with every alteration in the strain. My schooling first impelled her towards books; and, if music had been the food of sorrow, the productions of the wise became its medicine. The acquisition of unknown languages was too tedious an occupation, for one who referred every expression to the universe within, and read not, as many do, for the mere sake of filling up time; but who was still questioning herself and her author, moulding every idea in a thousand ways, ardently desirous for the discovery of truth in every sentence. She sought to improve her understanding; mechanically her heart and dispositions became soft and gentle under this benign discipline. After awhile she discovered, that amidst all her newly acquired knowledge, her own character, which formerly she fancied that she thoroughly understood, became the first in rank among the terrae incognitae, the pathless wilds of a country that had no chart. Erringly and strangely she began the task of self-examination with self-condemnation. And then again she became aware of her own excellencies, and began to balance with juster scales the shades of good and evil. I, who longed beyond words, to restore her to the happiness it was still in her power to enjoy, watched with anxiety the result ofthese internal proceedings.

But man is a strange animal. We cannot calculate on his forces like that of an engine; and, though an impulse draw with a forty-horse power at what appears willing to yield to one, yet in contempt of calculation the movement is not effected. Neither grief, philosophy, nor love could make Perdita think with mildness of the dereliction of Raymond. She now took pleasure in my society; towards Idris she felt and displayed a full and affectionate sense of her worth – she restored to her child in abundant measure her tenderness and care. But I could discover, amidst all her repinings, deep

resentment towards Raymond, and an unfading sense of injury, that plucked from me my hope, when I appeared nearest to its fulfilment. Among other painful restrictions, she has occasioned it to become a law among us, never to mention Raymond's name before her. She refused to read any communications from Greece, desiring me only to mention when any arrived, and whether the wanderers were well. It was curious that even little Clara observed this law towards her mother. This lovely child was nearly eight years of age. Formerly she had been a light-hearted infant, fanciful, but gay and childish. After the departure of her father, thought became impressed on her young brow. Children, unadepts in language, seldom find words to express their thoughts, nor could we tell in what manner the late events had impressed themselves on her mind. But certainly she had made deep observations while she noted in silence the changes that passed around her. She never mentioned her father to Perdita, she appeared half afraid when she spoke of him to me, and though I tried to draw her out on the subject, and to dispel the gloom that hung about her ideas concerning him, I could not succeed. Yet each foreign post-day she watched for the arrival of letters – knew the post mark, and watched me as I read. I found her often poring over the article of Greek intelligence in the newspaper.

There is no more painful sight than that of untimely care in children, and it was particularly observable in one whose disposition had heretofore been mirthful. Yet there was so much sweetness and docility about Clara, that your admiration was excited; and if the moods of mind are calculated to paint the cheek with beauty, and endow motions with grace, surely her contemplations must have been celestial; since every lineament was moulded into loveliness, and her motions were more harmonious than the elegant boundings of the fawns of

her native forest. I sometimes expostulated with Perdita on the subject of her reserve; but she rejected my counsels, while her daughter's sensibility excited in her a tenderness still more passionate.

After the lapse of more than a year, Adrian returned from Greece.

When our exiles had first arrived, a truce was in existence between the Turks and Greeks; a truce that was as sleep to the mortal frame, signal of renewed activity on waking. With the numerous soldiers of Asia, with all of warlike stores, ships, and military engines, that wealth and power could command, the Turks at once resolved to crush an enemy, which creeping on by degrees, had from their stronghold in the Morea, acquired Thrace and Macedonia, and had led their armies even to the gates of Constantinople, while their extensive commercial relations gave every European nation an interest in their success. Greece prepared for a vigorous resistance; it rose to a man; and the women, sacrificing their costly ornaments, accoutred their sons for the war, and bade them conquer or die with the spirit of the Spartan mother. The talents and courage of Raymond were highly esteemed among the Greeks. Born at Athens, that city claimed him for her own, and by giving him the command of her peculiar division in the army, the commander-in-chief only possessed superior power. He was numbered among her citizens, his name was added to the list of Grecian heroes. His judgment, activity, and consummate bravery, justified their choice. The Earl of Windsor became a volunteer under his friend.

"It is well," said Adrian, "to prate of war in these pleasant shades, and with much ill-spent oil make a show of joy, because many thousand of our fellow-creatures leave with pain this sweet air and natal earth. I shall not be suspected of being averse to the Greek

cause; I know and feel its necessity; it is beyond every other a good cause. I have defended it with my sword, and was willing that my spirit should be breathed out in its defence; freedom is of more worth than life, and the Greeks do well to defend their privilege unto death. But let us not deceive ourselves. The Turks are men; each fibre, each limb is as feeling as our own, and every spasm, be it mental or bodily, is as truly felt in a Turk's heart or brain, as in a Greek's. The last action at which I was present was the taking of… The Turks resisted to the last, the garrison perished on the ramparts, and we entered by assault. Every breathing creature within the walls was massacred. Think you, amidst the shrieks of violated innocence and helpless infancy, I did not feel in every nerve the cry of a fellow being? They were men and women, the sufferers, before they were Mahometans, and when they rise turbanless from the grave, in what except their good or evil actions will they be the better or worse than we? Two soldiers contended for a girl, whose rich dress and extreme beauty excited the brutal appetites of these wretches, who, perhaps good men among their families, were changed by the fury of the moment into incarnated evils. An old man, with a silver beard, decrepid and bald, he might be her grandfather, interposed to save her; the battle axe of one of them clove his skull. I rushed to her defence, but rage made them blind and deaf; they did not distinguish my Christian garb or heed my words – words were blunt weapons then, for while war cried "havoc," and murder gave fit echo, how could I…

Turn back the tide of ills, relieving wrong

With mild accost of soothing eloquence?

One of the fellows, enraged at my interference, struck me with his bayonet in the side, and I fell senseless.

“This wound will probably shorten my life, having shattered a frame, weak of itself. But I am content to die. I have learnt in Greece that one man, more or less, is of small import, while human bodies remain to fill up the thinned ranks of the soldiery; and that the identity of an individual may be overlooked, so that the muster roll contain its full numbers. All this has a different effect upon Raymond. He is able to contemplate the ideal of war, while I am sensible only to its realities. He is a soldier, a general. He can influence the blood-thirsty war-dogs, while I resist their propensities vainly. The cause is simple. Burke has said that, ‘in all bodies those who would lead, must also, in a considerable degree, follow.’ – I cannot follow; for I do not sympathize in their dreams of massacre and glory – to follow and to lead in such a career, is the natural bent of Raymond’s mind. He is always successful, and bids fair, at the same time that he acquires high name and station for himself, to secure liberty, probably extended empire, to the Greeks.”

Perdita’s mind was not softened by this account. He, she thought, can be great and happy without me. Would that I also had a career! Would that I could freight some untried bark with all my hopes, energies, and desires, and launch it forth into the ocean of life – bound for some attainable point, with ambition or pleasure at the helm! But adverse winds detain me on shore; like Ulysses, I sit at the water’s edge and weep. But my nerveless hands can neither fell the trees, nor smooth the planks. Under the influence of these melancholy thoughts, she became more than ever in love with sorrow. Yet Adrian’s presence did some good; he at once broke through the law of silence observed concerning Raymond. At first she started from the unaccustomed sound; soon she got used to it and to love it, and she listened with avidity to the account of his achievements. Clara got rid also of her restraint; Adrian and she had

been old playfellows; and now, as they walked or rode together, he yielded to her earnest entreaty, and repeated, for the hundredth time, some tale of her father's bravery, munificence, or justice.

Each vessel in the mean time brought exhilarating tidings from Greece. The presence of a friend in its armies and councils made us enter into the details with enthusiasm; and a short letter now and then from Raymond told us how he was engrossed by the interests of his adopted country. The Greeks were strongly attached to their commercial pursuits, and would have been satisfied with their present acquisitions, had not the Turks roused them by invasion. The patriots were victorious; a spirit of conquest was instilled; and already they looked on Constantinople as their own. Raymond rose perpetually in their estimation; but one man held a superior command to him in their armies. He was conspicuous for his conduct and choice of position in a battle fought in the plains of Thrace, on the banks of the Hebrus, which was to decide the fate of Islam. The Mahometans were defeated, and driven entirely from the country west of this river. The battle was sanguinary, the loss of the Turks apparently irreparable; the Greeks, in losing one man, forgot the nameless crowd strewed upon the bloody field, and they ceased to value themselves on a victory, which cost them – Raymond.

At the battle of Makri he had led the charge of cavalry, and pursued the fugitives even to the banks of the Hebrus. His favourite horse was found grazing by the margin of the tranquil river. It became a question whether he had fallen among the unrecognized; but no broken ornament or stained trapping betrayed his fate. It was suspected that the Turks, finding themselves possessed of so illustrious a captive, resolved to satisfy their cruelty rather than their avarice, and fearful of the interference of England, had come to the determination

of concealing for ever the cold-blooded murder of the soldier they most hated and feared in the squadrons of their enemy.

Raymond was not forgotten in England. His abdication of the Protectorate had caused an unexampled sensation; and, when his magnificent and manly system was contrasted with the narrow views of succeeding politicians, the period of his elevation was referred to with sorrow. The perpetual recurrence of his name, joined to most honourable testimonials, in the Greek gazettes, kept up the interest he had excited. He seemed the favourite child of fortune, and his untimely loss eclipsed the world, and shewed forth the remnant of mankind with diminished lustre. They clung with eagerness to the hope held out that he might yet be alive. Their minister at Constantinople was urged to make the necessary perquisitions, and should his existence be ascertained, to demand his release. It was to be hoped that their efforts would succeed, and that though now a prisoner, the sport of cruelty and the mark of hate, he would be rescued from danger and restored to the happiness, power, and honour which he deserved.

The effect of this intelligence upon my sister was striking. She never for a moment credited the story of his death; she resolved instantly to go to Greece. Reasoning and persuasion were thrown away upon her; she would endure no hindrance, no delay. It may be advanced for a truth, that, if argument or entreaty can turn any one from a desperate purpose, whose motive and end depends on the strength of the affections only, then it is right so to turn them, since their docility shews, that neither the motive nor the end were of sufficient force to bear them through the obstacles attendant on their undertaking. If, on the contrary, they are proof against expostulation, this very steadiness is an omen of success; and it becomes the duty of those

who love them, to assist in smoothing the obstructions in their path. Such sentiments actuated our little circle. Finding Perdita immoveable, we consulted as to the best means of furthering her purpose. She could not go alone to a country where she had no friends, where she might arrive only to hear the dreadful news, which must overwhelm her with grief and remorse. Adrian, whose health had always been weak, now suffered considerable aggravation of suffering from the effects of his wound. Idris could not endure to leave him in this state; nor was it right either to quit or take with us a young family for a journey of this description. I resolved at length to accompany Perdita. The separation from my Idris was painful – but necessity reconciled us to it in some degree: necessity and the hope of saving Raymond, and restoring him again to happiness and Perdita. No delay was to ensue. Two days after we came to our determination, we set out for Portsmouth, and embarked. The season was May, the weather stormless; we were promised a prosperous voyage. Cherishing the most fervent hopes, embarked on the waste ocean, we saw with delight the receding shore of Britain, and on the wings of desire outspeeded our well filled sails towards the South. The light curling waves bore us onward, and old ocean smiled at the freight of love and hope committed to his charge; it stroked gently its tempestuous plains, and the path was smoothed for us. Day and night the wind right aft, gave steady impulse to our keel – nor did rough gale, or treacherous sand, or destructive rock interpose an obstacle between my sister and the land which was to restore her to her first beloved,

Her dear heart’s confessor – a heart within that heart.

VOLUME II

CHAPTER I

DURING this voyage, when on calm evenings we conversed on deck, watching the glancing of the waves and the changeful appearances of the sky, I discovered the total revolution that the disasters of Raymond had wrought in the mind of my sister. Were they the same waters of love, which, lately cold and cutting as ice, repelling as that, now loosened from their frozen chains, flowed through the regions of her soul in gushing and grateful exuberance? She did not believe that he was dead, but she knew that he was in danger, and the hope of assisting in his liberation, and the idea of soothing by tenderness the ills that he might have undergone, elevated and harmonized the late jarring element of her being. I was not so sanguine as she as to the result of our voyage. She was not sanguine, but secure; and the expectation of seeing the lover she had banished, the husband, friend, heart's companion from whom she had long been alienated, wrapt her senses in delight, her mind in placidity. It was beginning life again; it was leaving barren sands for an abode of fertile beauty; it was a harbour after a tempest, an opiate after sleepless nights, a happy waking from a terrible dream.

Little Clara accompanied us; the poor child did not well understand what was going forward. She heard that we were bound for Greece, that she would see her father, and now, for the first time, she prattled of him to her mother.

On landing at Athens we found difficulties encrease upon us: nor could the storied earth or balmy atmosphere inspire us with enthusiasm or pleasure,

while the fate of Raymond was in jeopardy. No man had ever excited so strong an interest in the public mind; this was apparent even among the phlegmatic English, from whom he had long been absent. The Athenians had expected their hero to return in triumph; the women had taught their children to lisp his name joined to thanksgiving; his manly beauty, his courage, his devotion to their cause, made him appear in their eyes almost as one of the ancient deities of the soil descended from their native Olympus to defend them. When they spoke of his probable death and certain captivity, tears streamed from their eyes; even as the women of Syria sorrowed for Adonis, did the wives and mothers of Greece lament our English Raymond – Athens was a city of mourning.

All these shews of despair struck Perdita with affright. With that sanguine but confused expectation, which desire engendered while she was at a distance from reality, she had formed an image in her mind of instantaneous change, when she should set her foot on Grecian shores. She fancied that Raymond would already be free, and that her tender attentions would come to entirely obliterate even the memory of his mischance. But his fate was still uncertain; she began to fear the worst, and to feel that her soul’s hope was cast on a chance that might prove a blank. The wife and lovely child of Lord Raymond became objects of intense interest in Athens. The gates of their abode were besieged, audible prayers were breathed for his restoration; all these circumstances added to the dismay and fears of Perdita.

My exertions were unremitted: after a time I left Athens, and joined the army stationed at Kishan in Thrace. Bribery, threats, and intrigue, soon discovered the secret that Raymond was alive, a prisoner, suffering the most rigorous confinement and wanton cruelties. We

put in movement every impulse of policy and money to redeem him from their hands.

The impatience of my sister's disposition now returned on her, awakened by repentance, sharpened by remorse. The very beauty of the Grecian climate, during the season of spring, added torture to her sensations. The unexampled loveliness of the flower-clad earth – the genial sunshine and grateful shade – the melody of the birds – the majesty of the woods – the splendour of the marble ruins – the clear effulgence of the stars by night – the combination of all that was exciting and voluptuous in this transcending land, by inspiring a quicker spirit of life and an added sensitiveness to every articulation of her frame, only gave edge to the poignancy of her grief. Each long hour was counted, and "He suffers" was the burthen of all her thoughts. She abstained from food; she lay on the bare earth, and, by such mimickry of his enforced torments, endeavoured to hold communion with his distant pain. I remembered in one of her harshest moments a quotation of mine had roused her to anger and disdain. "Perdita," I had said, "some day you will discover that you have done wrong in again casting Raymond on the thorns of life. When disappointment has sullied his beauty, when a soldier's hardships have bent his manly form, and loneliness made even triumph bitter to him, then you will repent; and regret for the irreparable change

"will move

In hearts all rocky now, the late remorse of love."

The stinging "remorse of love" now pierced her heart. She accused herself of his journey to Greece – his dangers – his imprisonment. She pictured to herself the anguish of his solitude; she remembered with what eager delight he had in former days made her the

partner of his joyful hopes – with what grateful affection he received her sympathy in his cares. She called to mind how often he had declared that solitude was to him the greatest of all evils, and how death itself was to him more full of fear and pain when he pictured to himself a lonely grave. “My best girl,” he had said, “relieves me from these phantasies. United to her, cherished in her dear heart, never again shall I know the misery of finding myself alone. Even if I die before you, my Perdita, treasure up my ashes till yours may mingle with mine. It is a foolish sentiment for one who is not a materialist, yet, methinks, even in that dark cell, I may feel that my inanimate dust mingles with yours, and thus have a companion in decay.” In her resentful mood, these expressions had been remembered with acrimony and disdain; they visited her in her softened hour, taking sleep from her eyes, all hope of rest from her uneasy mind.

Two months passed thus, when at last we obtained a promise of Raymond’s release. Confinement and hardship had undermined his health; the Turks feared an accomplishment of the threats of the English government, if he died under their hands; they looked upon his recovery as impossible; they delivered him up as a dying man, willingly making over to us the rites of burial.

He came by sea from Constantinople to Athens. The wind, favourable to him, blew so strongly in shore, that we were unable, as we had at first intended, to meet him on his watery road. The watchtower of Athens was besieged by inquirers, each sail eagerly looked out for; till on the first of May the gallant frigate bore in sight, freighted with treasure more invaluable than the wealth which, piloted from Mexico, the vexed Pacific swallowed, or that was conveyed over its tranquil bosom to enrich the crown of Spain. At early dawn the vessel was

discovered bearing in shore; it was conjectured that it would cast anchor about five miles from land. The news spread through Athens, and the whole city poured out at the gate of the Piraeus, down the roads, through the vineyards, the olive woods and plantations of fig-trees, towards the harbour. The noisy joy of the populace, the gaudy colours of their dress, the tumult of carriages and horses, the march of soldiers intermixed, the waving of banners and sound of martial music added to the high excitement of the scene; while round us reposed in solemn majesty the relics of antient time. To our right the Acropolis rose high, spectatress of a thousand changes, of ancient glory, Turkish slavery, and the restoration of dear-bought liberty; tombs and cenotaphs were strewed thick around, adorned by ever renewing vegetation; the mighty dead hovered over their monuments, and beheld in our enthusiasm and congregated numbers a renewal of the scenes in which they had been the actors. Perdita and Clara rode in a close carriage; I attended them on horseback. At length we arrived at the harbour; it was agitated by the outward swell of the sea; the beach, as far could be discerned, was covered by a moving multitude, which, urged by those behind toward the sea, again rushed back as the heavy waves with sullen roar burst close to them. I applied my glass, and could discern that the frigate had already cast anchor, fearful of the danger of approaching nearer to a lee shore: a boat was lowered; with a pang I saw that Raymond was unable to descend the vessel’s side; he was let down in a chair, and lay wrapt in cloaks at the bottom of the boat.

I dismounted, and called to some sailors who were rowing about the harbour to pull up, and take me into their skiff; Perdita at the same moment alighted from her carriage – she seized my arm – “Take me with you,” she cried; she was trembling and pale; Clara clung to

her – “You must not,” I said, “the sea is rough – he will soon be here – do you not see his boat?” The little bark to which I had beckoned had now pulled up; before I could stop her, Perdita, assisted by the sailors was in it – Clara followed her mother – a loud shout echoed from the crowd as we pulled out of the inner harbour; while my sister at the prow, had caught hold of one of the men who was using a glass, asking a thousand questions, careless of the spray that broke over her, deaf, sightless to all, except the little speck that, just visible on the top of the waves, evidently neared. We approached with all the speed six rowers could give; the orderly and picturesque dress of the soldiers on the beach, the sounds of exulting music, the stirring breeze and waving flags, the unchecked exclamations of the eager crowd, whose dark looks and foreign garb were purely eastern; the sight of temple-crowned rock, the white marble of the buildings glittering in the sun, and standing in bright relief against the dark ridge of lofty mountains beyond; the near roar of the sea, the splash of oars, and dash of spray, all steeped my soul in a delirium, unfelt, unimagined in the common course of common life. Trembling, I was unable to continue to look through the glass with which I had watched the motion of the crew, when the frigate’s boat had first been launched. We rapidly drew near, so that at length the number and forms of those within could be discerned; its dark sides grew big, and the splash of its oars became audible: I could distinguish the languid form of my friend, as he half raised himself at our approach.

Perdita’s questions had ceased; she leaned on my arm, panting with emotions too acute for tears – our men pulled alongside the other boat. As a last effort, my sister mustered her strength, her firmness; she stepped from one boat to the other, and then with a shriek she sprang towards Raymond, knelt at his side, and glueing

her lips to the hand she seized, her face shrouded by her long hair, gave herself up to tears.

Raymond had somewhat raised himself at our approach, but it was with difficulty that he exerted himself even thus much. With sunken cheek and hollow eyes, pale and gaunt, how could I recognize the beloved of Perdita? I continued awe-struck and mute – he looked smilingly on the poor girl; the smile was his. A day of sun-shine falling on a dark valley, displays its before hidden characteristics; and now this smile, the same with which he first spoke love to Perdita, with which he had welcomed the protectorate, playing on his altered countenance, made me in my heart's core feel that this was Raymond.

He stretched out to me his other hand; I discerned the trace of manacles on his bared wrist. I heard my sister's sobs, and thought, happy are women who can weep, and in a passionate caress disburthen the oppression of their feelings; shame and habitual restraint hold back a man. I would have given worlds to have acted as in days of boyhood, have strained him to my breast, pressed his hand to my lips, and wept over him; my swelling heart choked me; the natural current would not be checked; the big rebellious tears gathered in my eyes; I turned aside, and they dropped in the sea – they came fast and faster; – yet I could hardly be ashamed, for I saw that the rough sailors were not unmoved, and Raymond's eyes alone were dry from among our crew. He lay in that blessed calm which convalescence always induces, enjoying in secure tranquillity his liberty and re-union with her whom he adored. Perdita at length subdued her burst of passion, and rose, – she looked round for Clara; the child frightened, not recognizing her father, and neglected by us, had crept to the other end of the boat; she came at her mother's call. Perdita presented her to

Raymond; her first words were: “Beloved, embrace our child!”

“Come hither, sweet one,” said her father, “do you not know me?” she knew his voice, and cast herself in his arms with half bashful but uncontrollable emotion.

Perceiving the weakness of Raymond, I was afraid of ill consequences from the pressure of the crowd on his landing. But they were awed as I had been, at the change of his appearance. The music died away, the shouts abruptly ended; the soldiers had cleared a space in which a carriage was drawn up. He was placed in it; Perdita and Clara entered with him, and his escort closed round it; a hollow murmur, akin to the roaring of the near waves, went through the multitude; they fell back as the carriage advanced, and fearful of injuring him they had come to welcome, by loud testimonies of joy, they satisfied themselves with bending in a low salaam as the carriage passed; it went slowly along the road of the Piraeus; passed by antique temple and heroic tomb, beneath the craggy rock of the citadel. The sound of the waves was left behind; that of the multitude continued at intervals, supressed and hoarse; and though, in the city, the houses, churches, and public buildings were decorated with tapestry and banners – though the soldiery lined the streets, and the inhabitants in thousands were assembled to give him hail, the same solemn silence prevailed, the soldiery presented arms, the banners vailed, many a white hand waved a streamer, and vainly sought to discern the hero in the vehicle, which, closed and encompassed by the city guards, drew him to the palace allotted for his abode.

Raymond was weak and exhausted, yet the interest he perceived to be excited on his account, filled him with proud pleasure. He was nearly killed with kindness. It is true, the populace retained themselves; but there arose a perpetual hum and bustle from the throng round the

palace, which added to the noise of fireworks, the frequent explosion of arms, the tramp to and fro of horsemen and carriages, to which effervescence he was the focus, retarded his recovery. So we retired awhile to Eleusis, and here rest and tender care added each day to the strength of our invalid. The zealous attention of Perdita claimed the first rank in the causes which induced his rapid recovery; but the second was surely the delight he felt in the affection and good will of the Greeks. We are said to love much those whom we greatly benefit. Raymond had fought and conquered for the Athenians; he had suffered, on their account, peril, imprisonment, and hardship; their gratitude affected him deeply, and he inly vowed to unite his fate for ever to that of a people so enthusiastically devoted to him.

Social feeling and sympathy constituted a marked feature in my disposition. In early youth, the living drama acted around me, drew me heart and soul into its vortex. I was now conscious of a change. I loved, I hoped, I enjoyed; but there was something besides this. I was inquisitive as to the internal principles of action of those around me: anxious to read their thoughts justly, and for ever occupied in divining their inmost mind. All events, at the same time that they deeply interested me, arranged themselves in pictures before me. I gave the right place to every personage in the groupe, the just balance to every sentiment. This undercurrent of thought, often soothed me amidst distress, and even agony. It gave ideality to that, from which, taken in naked truth, the soul would have revolted: it bestowed pictorial colours on misery and disease, and not unfrequently relieved me from despair in deplorable changes. This faculty, or instinct, was now rouzed. I watched the re-awakened devotion of my sister; Clara’s timid, but concentrated admiration of her father, and Raymond’s appetite for renown, and sensitiveness to the

demonstrations of affection of the Athenians. Attentively perusing this animated volume, I was the less surprised at the tale I read on the new-turned page.

The Turkish army were at this time besieging Rodosto; and the Greeks, hastening their preparations, and sending each day reinforcements, were on the eve of forcing the enemy to battle. Each people looked on the coming struggle as that which would be to a great degree decisive; as, in case of victory, the next step would be the siege of Constantinople by the Greeks. Raymond, being somewhat recovered, prepared to re-assume his command in the army.

Perdita did not oppose herself to his determination. She only stipulated to be permitted to accompany him. She had set down no rule of conduct for herself; but for her life she could not have opposed his slightest wish, or do other than acquiesce cheerfully in all his projects. One word, in truth, had alarmed her more than battles or sieges, during which she trusted Raymond’s high command would exempt him from danger. That word, as yet it was not more to her, was PLAGUE. This enemy to the human race had begun early in June to raise its serpent-head on the shores of the Nile; parts of Asia, not usually subject to this evil, were infected. It was in Constantinople; but as each year that city experienced a like visitation, small attention was paid to those accounts which declared more people to have died there already, than usually made up the accustomed prey of the whole of the hotter months. However it might be, neither plague nor war could prevent Perdita from following her lord, or induce her to utter one objection to the plans which he proposed. To be near him, to be loved by him, to feel him again her own, was the limit of her desires. The object of her life was to do him pleasure: it had been so before, but with a difference. In past times, without thought or foresight she had made

him happy, being so herself, and in any question of choice, consulted her own wishes, as being one with his. Now she sedulously put herself out of the question, sacrificing even her anxiety for his health and welfare to her resolve not to oppose any of his desires. Love of the Greek people, appetite for glory, and hatred of the barbarian government under which he had suffered even to the approach of death, stimulated him. He wished to repay the kindness of the Athenians, to keep alive the splendid associations connected with his name, and to eradicate from Europe a power which, while every other nation advanced in civilization, stood still, a monument of antique barbarism. Having effected the reunion of Raymond and Perdita, I was eager to return to England; but his earnest request, added to awakening curiosity, and an indefinable anxiety to behold the catastrophe, now apparently at hand, in the long drawn history of Grecian and Turkish warfare, induced me to consent to prolong until the autumn, the period of my residence in Greece.

As soon as the health of Raymond was sufficiently re-established, he prepared to join the Grecian camp, hear Kishan, a town of some importance, situated to the east of the Hebrus; in which Perdita and Clara were to remain until the event of the expected battle. We quitted Athens on the 2nd of June. Raymond had recovered from the gaunt and pallid looks of fever. If I no longer saw the fresh glow of youth on his matured countenance, if care had besieged his brow, “And dug deep trenches in his beauty’s field,” if his hair, slightly mingled with grey, and his look, considerate even in its eagerness, gave signs of added years and past sufferings, yet there was something irresistibly affecting in the sight of one, lately snatched from the grave, renewing his career, untamed by sickness or disaster. The Athenians saw in him, not as heretofore, the heroic boy or desperate man, who was

ready to die for them; but the prudent commander, who for their sakes was careful of his life, and could make his own warrior-propensities second to the scheme of conduct policy might point out.

All Athens accompanied us for several miles. When he had landed a month ago, the noisy populace had been hushed by sorrow and fear; but this was a festival day to all. The air resounded with their shouts; their picturesque costume, and the gay colours of which it was composed, flaunted in the sunshine; their eager gestures and rapid utterance accorded with their wild appearance. Raymond was the theme of every tongue, the hope of each wife, mother or betrothed bride, whose husband, child, or lover, making a part of the Greek army, were to be conducted to victory by him.

Notwithstanding the hazardous object of our journey, it was full of romantic interest, as we passed through the vallies, and over the hills, of this divine country. Raymond was inspirited by the intense sensations of recovered health; he felt that in being general of the Athenians, he filled a post worthy of his ambition; and, in his hope of the conquest of Constantinople, he counted on an event which would be as a landmark in the waste of ages, an exploit unequalled in the annals of man; when a city of grand historic association, the beauty of whose site was the wonder of the world, which for many hundred years had been the strong hold of the Moslems, should be rescued from slavery and barbarism, and restored to a people illustrious for genius, civilization, and a spirit of liberty. Perdita rested on his restored society, on his love, his hopes and fame, even as a Sybarite on a luxurious couch; every thought was transport, each emotion bathed as it were in a congenial and balmy element.

We arrived at Kishan on the 7th of July. The weather during our journey had been serene. Each day, before

dawn, we left our night's encampment, and watched the shadows as they retreated from hill and valley, and the golden splendour of the sun's approach. The accompanying soldiers received, with national vivacity, enthusiastic pleasure from the sight of beautiful nature. The uprising of the star of day was hailed by triumphant strains, while the birds, heard by snatches, filled up the intervals of the music. At noon, we pitched our tents in some shady valley, or embowering wood among the mountains, while a stream prattling over pebbles induced grateful sleep. Our evening march, more calm, was yet more delightful than the morning restlessness of spirit. If the band played, involuntarily they chose airs of moderated passion; the farewell of love, or lament at absence, was followed and closed by some solemn hymn, which harmonized with the tranquil loveliness of evening, and elevated the soul to grand and religious thought. Often all sounds were suspended, that we might listen to the nightingale, while the fire-flies danced in bright measure, and the soft cooing of the aziolo spoke of fair weather to the travellers. Did we pass a valley? Soft shades encompassed us, and rocks tinged with beauteous hues. If we traversed a mountain, Greece, a living map, was spread beneath, her renowned pinnacles cleaving the ether; her rivers threading in silver line the fertile land. Afraid almost to breathe, we English travellers surveyed with extasy this splendid landscape, so different from the sober hues and melancholy graces of our native scenery. When we quitted Macedonia, the fertile but low plains of Thrace afforded fewer beauties; yet our journey continued to be interesting. An advanced guard gave information of our approach, and the country people were quickly in motion to do honour to Lord Raymond. The villages were decorated by triumphal arches of greenery by day, and lamps by night; tapestry waved from the windows, the

ground was strewed with flowers, and the name of Raymond, joined to that of Greece, was echoed in the Evive of the peasant crowd.

When we arrived at Kishan, we learnt, that on hearing of the advance of Lord Raymond and his detachment, the Turkish army had retreated from Rodosto; but meeting with a reinforcement, they had re-trod their steps. In the meantime, Argyropylo, the Greek commander-in-chief, had advanced, so as to be between the Turks and Rodosto; a battle, it was said, was inevitable. Perdita and her child were to remain at Kishan. Raymond asked me, if I would not continue with them. “Now by the fells of Cumberland,” I cried, “by all of the vagabond and poacher that appertains to me, I will stand at your side, draw my sword in the Greek cause, and be hailed as a victor along with you!”

All the plain, from Kishan to Rodosto, a distance of sixteen leagues, was alive with troops, or with the camp-followers, all in motion at the approach of a battle. The small garrisons were drawn from the various towns and fortresses, and went to swell the main army. We met baggage waggons, and many females of high and low rank returning to Fairy or Kishan, there to wait the issue of the expected day. When we arrived at Rodosto, we found that the field had been taken, and the scheme of the battle arranged. The sound of firing, early on the following morning, informed us that advanced posts of the armies were engaged. Regiment after regiment advanced, their colours flying and bands playing. They planted the cannon on the tumuli, sole elevations in this level country, and formed themselves into column and hollow square; while the pioneers threw up small mounds for their protection.

These then were the preparations for a battle, nay, the battle itself; far different from any thing the imagination had pictured. We read of centre and wing in Greek and

Roman history; we fancy a spot, plain as a table, and soldiers small as chessmen; and drawn forth, so that the most ignorant of the game can discover science and order in the disposition of the forces. When I came to the reality, and saw regiments file off to the left far out of sight, fields intervening between the battalions, but a few troops sufficiently near me to observe their motions, I gave up all idea of understanding, even of seeing a battle, but attaching myself to Raymond attended with intense interest to his actions. He shewed himself collected, gallant and imperial; his commands were prompt, his intuition of the events of the day to me miraculous. In the mean time the cannon roared; the music lifted up its enlivening voice at intervals; and we on the highest of the mounds I mentioned, too far off to observe the fallen sheaves which death gathered into his storehouse, beheld the regiments, now lost in smoke, now banners and staves peering above the cloud, while shout and clamour drowned every sound.

Early in the day, Argyropylo was wounded dangerously, and Raymond assumed the command of the whole army. He made few remarks, till, on observing through his glass the sequel of an order he had given, his face, clouded for awhile with doubt, became radiant. “The day is ours,” he cried, “the Turks fly from the bayonet.” And then swiftly he dispatched his aides-de-camp to command the horse to fall on the routed enemy. The defeat became total; the cannon ceased to roar; the infantry rallied, and horse pursued the flying Turks along the dreary plain; the staff of Raymond was dispersed in various directions, to make observations, and bear commands. Even I was dispatched to a distant part of the field.

The ground on which the battle was fought, was a level plain – so level, that from the tumuli you saw the waving line of mountains on the wide-stretched horizon; yet the

intervening space was unvaried by the least irregularity, save such undulations as resembled the waves of the sea. The whole of this part of Thrace had been so long a scene of contest, that it had remained uncultivated, and presented a dreary, barren appearance. The order I had received, was to make an observation of the direction which a detachment of the enemy might have taken, from a northern tumulus; the whole Turkish army, followed by the Greek, had poured eastward; none but the dead remained in the direction of my side. From the top of the mound, I looked far round – all was silent and deserted.

The last beams of the nearly sunken sun shot up from behind the far summit of Mount Athos; the sea of Marmora still glittered beneath its rays, while the Asiatic coast beyond was half hid in a haze of low cloud. Many a casque, and bayonet, and sword, fallen from unnerved arms, reflected the departing ray; they lay scattered far and near. From the east, a band of ravens, old inhabitants of the Turkish cemeteries, came sailing along towards their harvest; the sun disappeared. This hour, melancholy yet sweet, has always seemed to me the time when we are most naturally led to commune with higher powers; our mortal sternness departs, and gentle complacency invests the soul. But now, in the midst of the dying and the dead, how could a thought of heaven or a sensation of tranquillity possess one of the murderers? During the busy day, my mind had yielded itself a willing slave to the state of things presented to it by its fellow-beings; historical association, hatred of the foe, and military enthusiasm had held dominion over me. Now, I looked on the evening star, as softly and calmly it hung pendulous in the orange hues of sunset. I turned to the corse-strewn earth; and felt ashamed of my species. So perhaps were the placid skies; for they quickly veiled themselves in mist, and in this change assisted the swift

disappearance of twilight usual in the south; heavy masses of cloud floated up from the south east, and red and turbid lightning shot from their dark edges; the rushing wind disturbed the garments of the dead, and was chilled as it passed over their icy forms. Darkness gathered round; the objects about me became indistinct, I descended from my station, and with difficulty guided my horse, so as to avoid the slain.

Suddenly I heard a piercing shriek; a form seemed to rise from the earth; it flew swiftly towards me, sinking to the ground again as it drew near. All this passed so suddenly, that I with difficulty reined in my horse, so that it should not trample on the prostrate being. The dress of this person was that of a soldier, but the bared neck and arms, and the continued shrieks discovered a female thus disguised. I dismounted to her aid, while she, with heavy groans, and her hand placed on her side, resisted my attempt to lead her on. In the hurry of the moment I forgot that I was in Greece, and in my native accents endeavoured to soothe the sufferer. With wild and terrific exclamations did the lost, dying Evadne (for it was she) recognize the language of her lover; pain and fever from her wound had deranged her intellects, while her piteous cries and feeble efforts to escape, penetrated me with compassion. In wild delirium she called upon the name of Raymond; she exclaimed that I was keeping him from her, while the Turks with fearful instruments of torture were about to take his life. Then again she sadly lamented her hard fate; that a woman, with a woman’s heart and sensibility, should be driven by hopeless love and vacant hopes to take up the trade of arms, and suffer beyond the endurance of man privation, labour, and pain – the while her dry, hot hand pressed mine, and her brow and lips burned with consuming fire.

As her strength grew less, I lifted her from the ground; her emaciated form hung over my arm, her sunken cheek rested on my breast; in a sepulchral voice she murmured: – “This is the end of love! – Yet not the end!” – and frenzy lent her strength as she cast her arm up to heaven: “there is the end! there we meet again. Many living deaths have I borne for thee, O Raymond, and now I expire, thy victim! – By my death I purchase thee – lo! the instruments of war, fire, the plague are my servitors. I dared, I conquered them all, till now! I have sold myself to death, with the sole condition that thou shouldst follow me – Fire, and war, and plague, unite for thy destruction – O my Raymond, there is no safety for thee!”

With an heavy heart I listened to the changes of her delirium; I made her a bed of cloaks; her violence decreased and a clammy dew stood on her brow as the paleness of death succeeded to the crimson of fever, I placed her on the cloaks. She continued to rave of her speedy meeting with her beloved in the grave, of his death nigh at hand; sometimes she solemnly declared that he was summoned; sometimes she bewailed his hard destiny. Her voice grew feebler, her speech interrupted; a few convulsive movements, and her muscles relaxed, the limbs fell, no more to be sustained, one deep sigh, and life was gone.

I bore her from the near neighbourhood of the dead; wrapt in cloaks, I placed her beneath a tree. Once more I looked on her altered face; the last time I saw her she was eighteen; beautiful as poet’s vision, splendid as a Sultana of the East – Twelve years had past; twelve years of change, sorrow and hardship; her brilliant complexion had become worn and dark, her limbs had lost the roundness of youth and womanhood; her eyes had sunk deep,

Crushed and o’erworn,

The hours had drained her blood, and filled her brow

With lines and wrinkles.

With shuddering horror I veiled this monument of human passion and human misery; I heaped over her all of flags and heavy accoutrements I could find, to guard her from birds and beasts of prey, until I could bestow on her a fitting grave. Sadly and slowly I stemmed my course from among the heaps of slain, and, guided by the twinkling lights of the town, at length reached Rodosto.

CHAPTER II

ON my arrival, I found that an order had already gone forth for the army to proceed immediately towards Constantinople; and the troops which had suffered least in the battle were already on their way. The town was full of tumult. The wound, and consequent inability of Argyropylo, caused Raymond to be the first in command. He rode through the town, visiting the wounded, and giving such orders as were necessary for the siege he meditated. Early in the morning the whole army was in motion. In the hurry I could hardly find an opportunity to bestow the last offices on Evadne. Attended only by my servant, I dug a deep grave for her at the foot of the tree, and without disturbing her warrior shroud, I placed her in it, heaping stones upon the grave. The dazzling sun and glare of daylight, deprived the scene of solemnity; from Evadne's low tomb, I joined Raymond and his staff, now on their way to the Golden City.

Constantinople was invested, trenches dug, and advances made. The whole Greek fleet blockaded it by sea; on land from the river Kyat Kbanah, near the Sweet Waters, to the Tower of Marmora, on the shores of the Propontis, along the whole line of the ancient walls, the trenches of the siege were drawn. We already possessed Pera; the Golden Horn itself, the city, bastioned by the sea, and the ivy-mantled walls of the Greek emperors was all of Europe that the Mahometans could call theirs. Our army looked on her as certain prey. They counted the garrison; it was impossible that it should be relieved; each sally was a victory; for, even when the Turks were triumphant, the loss of men they sustained was an

irreparable injury. I rode one morning with Raymond to the lofty mound, not far from the Top Kapou, (Cannon-gate), on which Mahmoud planted his standard, and first saw the city. Still the same lofty domes and minarets towered above the verdurous walls, where Constantine had died, and the Turk had entered the city. The plain around was interspersed with cemeteries, Turk, Greek, and Armenian, with their growth of cypress trees; and other woods of more cheerful aspect, diversified the scene. Among them the Greek army was encamped, and their squadrons moved to and fro – now in regular march, now in swift career.

Raymond's eyes were fixed on the city. "I have counted the hours of her life," said he; "one month, and she falls. Remain with me till then; wait till you see the cross on St. Sophia; and then return to your peaceful glades."

"You then," I asked, "still remain in Greece?"

"Assuredly," replied Raymond. "Yet Lionel, when I say this, believe me I look back with regret to our tranquil life at Windsor. I am but half a soldier; I love the renown, but not the trade of war. Before the battle of Rodosto I was full of hope and spirit; to conquer there, and afterwards to take Constantinople, was the hope, the bourne, the fulfilment of my ambition. This enthusiasm is now spent, I know not why; I seem to myself to be entering a darksome gulph; the ardent spirit of the army is irksome to me, the rapture of triumph null."

He paused, and was lost in thought. His serious mien recalled, by some association, the half-forgotten Evadne to my mind, and I seized this opportunity to make enquiries from him concerning her strange lot. I asked him, if he had ever seen among the troops any one resembling her; if since he had returned to Greece he had heard of her?

He started at her name, – he looked uneasily on me. "Even so," he cried, "I knew you would speak of her.

Long, long I had forgotten her. Since our encampment here, she daily, hourly visits my thoughts. When I am addressed, her name is the sound I expect: in every communication, I imagine that she will form a part. At length you have broken the spell; tell me what you know of her."

I related my meeting with her; the story of her death was told and re-told. With painful earnestness he questioned me concerning her prophecies with regard to him. I treated them as the ravings of a maniac. "No, no," he said, "do not deceive yourself, – me you cannot. She has said nothing but what I knew before – though this is confirmation. Fire, the sword, and plague! They may all be found in yonder city; on my head alone may they fall!"

From this day Raymond's melancholy increased. He secluded himself as much as the duties of his station permitted. When in company, sadness would in spite of every effort steal over his features, and he sat absent and mute among the busy crowd that thronged about him. Perdita rejoined him, and before her he forced himself to appear cheerful, for she, even as a mirror, changed as he changed, and if he were silent and anxious, she solicitously inquired concerning, and endeavoured to remove the cause of his seriousness. She resided at the palace of Sweet Waters, a summer seraglio of the Sultan; the beauty of the surrounding scenery, undefiled by war, and the freshness of the river, made this spot doubly delightful. Raymond felt no relief, received no pleasure from any show of heaven or earth. He often left Perdita, to wander in the grounds alone; or in a light shallop he floated idly on the pure waters, musing deeply. Sometimes I joined him; at such times his countenance was invariably solemn, his air dejected. He seemed relieved on seeing me, and would talk with some degree of interest on the affairs of the day. There was

evidently something behind all this; yet, when he appeared about to speak of that which was nearest his heart, he would abruptly turn away, and with a sigh endeavour to deliver the painful idea to the winds.

It had often occurred, that, when, as I said, Raymond quitted Perdita's drawing-room, Clara came up to me, and gently drawing me aside, said, "Papa is gone; shall we go to him? I dare say he will be glad to see you." And, as accident permitted, I complied with or refused her request. One evening a numerous assembly of Greek chieftains were gathered together in the palace. The intriguing Palli, the accomplished Karazza, the warlike Ypsilanti, were among the principal. They talked of the events of the day; the skirmish at noon; the diminished numbers of the Infidels; their defeat and flight: they contemplated, after a short interval of time, the capture of the Golden City. They endeavoured to picture forth what would then happen, and spoke in lofty terms of the prosperity of Greece, when Constantinople should become its capital. The conversation then reverted to Asiatic intelligence, and the ravages the plague made in its chief cities; conjectures were hazarded as to the progress that disease might have made in the besieged city.

Raymond had joined in the former part of the discussion. In lively terms he demonstrated the extremities to which Constantinople was reduced; the wasted and haggard, though ferocious appearance of the troops; famine and pestilence was at work for them, he observed, and the infidels would soon be obliged to take refuge in their only hope – submission. Suddenly in the midst of his harangue he broke off, as if stung by some painful thought; he rose uneasily, and I perceived him at length quit the hall, and through the long corridor seek the open air. He did not return; and soon Clara crept round to me, making the accustomed invitation. I

consented to her request, and taking her little hand, followed Raymond. We found him just about to embark in his boat, and he readily agreed to receive us as companions. After the heats of the day, the cooling land-breeze ruffled the river, and filled our little sail. The city looked dark to the south, while numerous lights along the near shores, and the beautiful aspect of the banks reposing in placid night, the waters keenly reflecting the heavenly lights, gave to this beauteous river a dower of loveliness that might have characterized a retreat in Paradise. Our single boatman attended to the sail; Raymond steered; Clara sat at his feet, clasping his knees with her arms, and laying her head on them. Raymond began the conversation somewhat abruptly.

"This, my friend, is probably the last time we shall have an opportunity of conversing freely; my plans are now in full operation, and my time will become more and more occupied. Besides, I wish at once to tell you my wishes and expectations, and then never again to revert to so painful a subject. First, I must thank you, Lionel, for having remained here at my request. Vanity first prompted me to ask you: vanity, I call it; yet even in this I see the hand of fate – your presence will soon be necessary; you will become the last resource of Perdita, her protector and consoler. You will take her back to Windsor."

"Not without you," I said. "You do not mean to separate again?"

"Do not deceive yourself," replied Raymond, "the separation at hand is one over which I have no control; most near at hand is it; the days are already counted. May I trust you? For many days I have longed to disclose the mysterious presentiments that weigh on me, although I fear that you will ridicule them. Yet do not, my gentle friend; for, all childish and unwise as they are,

they have become a part of me, and I dare not expect to shake them off.

"Yet how can I expect you to sympathize with me? You are of this world; I am not. You hold forth your hand; it is even as a part of yourself; and you do not yet divide the feeling of identity from the mortal form that shapes forth Lionel. How then can you understand me? Earth is to me a tomb, the firmament a vault, shrouding mere corruption. Time is no more, for I have stepped within the threshold of eternity; each man I meet appears a corse, which will soon be deserted of its animating spark, on the eve of decay and corruption.

Cada piedra un piramide levanta,

y cada flor costruye un monumento,

cada edificio es un sepulcro altivo,

cada soldado un esqueleto vivo."

His accent was mournful, – he sighed deeply. "A few months ago," he continued, "I was thought to be dying; but life was strong within me. My affections were human; hope and love were the day-stars of my life. Now – they dream that the brows of the conqueror of the infidel faith are about to be encircled by triumphant laurel; they talk of honourable reward, of title, power, and wealth – all I ask of Greece is a grave. Let them raise a mound above my lifeless body, which may stand even when the dome of St. Sophia has fallen.

"Wherefore do I feel thus? At Rodosto I was full of hope; but when first I saw Constantinople, that feeling, with every other joyful one, departed. The last words of Evadne were the seal upon the warrant of my death. Yet I do not pretend to account for my mood by any particular event. All I can say is, that it is so. The plague

I am told is in Constantinople, perhaps I have imbibed its effluvia – perhaps disease is the real cause of my prognostications. It matters little why or wherefore I am affected, no power can avert the stroke, and the shadow of Fate's uplifted hand already darkens me.

"To you, Lionel, I entrust your sister and her child. Never mention to her the fatal name of Evadne. She would doubly sorrow over the strange link that enchains me to her, making my spirit obey her dying voice, following her, as it is about to do, to the unknown country."

I listened to him with wonder; but that his sad demeanour and solemn utterance assured me of the truth and intensity of his feelings, I should with light derision have attempted to dissipate his fears. Whatever I was about to reply, was interrupted by the powerful emotions of Clara. Raymond had spoken, thoughtless of her presence, and she, poor child, heard with terror and faith the prophecy of his death. Her father was moved by her violent grief; he took her in his arms and soothed her, but his very soothings were solemn and fearful. "Weep not, sweet child," said he, "the coming death of one you have hardly known. I may die, but in death I can never forget or desert my own Clara. In after sorrow or joy, believe that you father's spirit is near, to save or sympathize with you. Be proud of me, and cherish your infant remembrance of me. Thus, sweetest, I shall not appear to die. One thing you must promise, – not to speak to any one but your uncle, of the conversation you have just overheard. When I am gone, you will console your mother, and tell her that death was only bitter because it divided me from her; that my last thoughts will be spent on her. But while I live, promise not to betray me; promise, my child."

With faltering accents Clara promised, while she still clung to her father in a transport of sorrow. Soon we

returned to shore, and I endeavoured to obviate the impression made on the child’s mind, by treating Raymond’s fears lightly. We heard no more of them; for, as he had said, the siege, now drawing to a conclusion, became paramount in interest, engaging all his time and attention.

The empire of the Mahometans in Europe was at its close. The Greek fleet blockading every port of Stamboul, prevented the arrival of succour from Asia; all egress on the side towards land had become impracticable, except to such desperate sallies, as reduced the numbers of the enemy without making any impression on our lines. The garrison was now so much diminished, that it was evident that the city could easily have been carried by storm; but both humanity and policy dictated a slower mode of proceeding. We could hardly doubt that, if pursued to the utmost, its palaces, its temples and store of wealth would be destroyed in the fury of contending triumph and defeat. Already the defenceless citizens had suffered through the barbarity of the Janisaries; and, in time of storm, tumult and massacre, beauty, infancy and decrepitude, would have alike been sacrificed to the brutal ferocity of the soldiers. Famine and blockade were certain means of conquest; and on these we founded our hopes of victory.

Each day the soldiers of the garrison assaulted our advanced posts, and impeded the accomplishment of our works. Fire-boats were launched from the various ports, while our troops sometimes recoiled from the devoted courage of men who did not seek to live, but to sell their lives dearly. These contests were aggravated by the season: they took place during summer, when the southern Asiatic wind came laden with intolerable heat, when the streams were dried up in their shallow beds, and the vast basin of the sea appeared to glow under the unmitigated rays of the solsticial sun. Nor did night

refresh the earth. Dew was denied; herbage and flowers there were none; the very trees drooped; and summer assumed the blighted appearance of winter, as it went forth in silence and flame to abridge the means of sustenance to man. In vain did the eye strive to find the wreck of some northern cloud in the stainless empyrean, which might bring hope of change and moisture to the oppressive and windless atmosphere. All was serene, burning, annihilating. We the besiegers were in the comparison little affected by these evils. The woods around afforded us shade, – the river secured to us a constant supply of water; nay, detachments were employed in furnishing the army with ice, which had been laid up on Haemus, and Athos, and the mountains of Macedonia, while cooling fruits and wholesome food renovated the strength of the labourers, and made us bear with less impatience the weight of the unrefreshing air. But in the city things wore a different face. The sun's rays were refracted from the pavement and buildings – the stoppage of the public fountains – the bad quality of the food, and scarcity even of that, produced a state of suffering, which was aggravated by the scourge of disease; while the garrison arrogated every superfluity to themselves, adding by waste and riot to the necessary evils of the time. Still they would not capitulate.

Suddenly the system of warfare was changed. We experienced no more assaults; and by night and day we continued our labours unimpeded. Stranger still, when the troops advanced near the city, the walls were vacant, and no cannon was pointed against the intruders. When these circumstances were reported to Raymond, he caused minute observations to be made as to what was doing within the walls, and when his scouts returned, reporting only the continued silence and desolation of the city, he commanded the army to be drawn out before the gates. No one appeared on the walls; the very

portals, though locked and barred, seemed unguarded; above, the many domes and glittering crescents pierced heaven; while the old walls, survivors of ages, with ivy-crowned tower and weed-tangled buttress, stood as rocks in an uninhabited waste. From within the city neither shout nor cry, nor aught except the casual howling of a dog, broke the noon-day stillness. Even our soldiers were awed to silence; the music paused; the clang of arms was hushed. Each man asked his fellow in whispers, the meaning of this sudden peace; while Raymond from an height endeavoured, by means of glasses, to discover and observe the stratagem of the enemy. No form could be discerned on the terraces of the houses; in the higher parts of the town no moving shadow bespoke the presence of any living being: the very trees waved not, and mocked the stability of architecture with like immovability.

The tramp of horses, distinctly heard in the silence, was at length discerned. It was a troop sent by Karazza, the Admiral; they bore dispatches to the Lord General. The contents of these papers were important. The night before, the watch, on board one of the smaller vessels anchored near the seraglio wall, was roused by a slight splashing as of muffled oars; the alarm was given: twelve small boats, each containing three Janizaries, were descried endeavouring to make their way through the fleet to the opposite shore of Scutari. When they found themselves discovered they discharged their muskets, and some came to the front to cover the others, whose crews, exerting all their strength, endeavoured to escape with their light barks from among the dark hulls that environed them. They were in the end all sunk, and, with the exception of two or three prisoners, the crews drowned. Little could be got from the survivors; but their cautious answers caused it to be surmised that several expeditions had preceded this last, and that

several Turks of rank and importance had been conveyed to Asia. The men disdainfully repelled the idea of having deserted the defence of their city; and one, the youngest among them, in answer to the taunt of a sailor, exclaimed, “Take it, Christian dogs! take the palaces, the gardens, the mosques, the abode of our fathers – take plague with them; pestilence is the enemy we fly; if she be your friend, hug her to your bosoms. The curse of Allah is on Stamboul, share ye her fate.”

Such was the account sent by Karazza to Raymond: but a tale full of monstrous exaggerations, though founded on this, was spread by the accompanying troop among our soldiers. A murmur arose, the city was the prey of pestilence; already had a mighty power subjugated the inhabitants; Death had become lord of Constantinople.

I have heard a picture described, wherein all the inhabitants of earth were drawn out in fear to stand the encounter of Death. The feeble and decrepid fled; the warriors retreated, though they threatened even in flight. Wolves and lions, and various monsters of the desert roared against him; while the grim Unreality hovered shaking his spectral dart, a solitary but invincible assailant. Even so was it with the army of Greece. I am convinced, that had the myriad troops of Asia come from over the Propontis, and stood defenders of the Golden City, each and every Greek would have marched against the overwhelming numbers, and have devoted himself with patriotic fury for his country. But here no hedge of bayonets opposed itself, no death-dealing artillery, no formidable array of brave soldiers – the unguarded walls afforded easy entrance – the vacant palaces luxurious dwellings; but above the dome of St. Sophia the superstitious Greek saw Pestilence, and shrunk in trepidation from her influence.

Raymond was actuated by far other feelings. He descended the hill with a face beaming with triumph,

and pointing with his sword to the gates, commanded his troops to – down with those barricades – the only obstacles now to completest victory. The soldiers answered his cheerful words with aghast and awe-struck looks; instinctively they drew back, and Raymond rode in the front of the lines: – “By my sword I swear,” he cried, “that no ambush or stratagem endangers you. The enemy is already vanquished; the pleasant places, the noble dwellings and spoil of the city are already yours; force the gate; enter and possess the seats of your ancestors, your own inheritance!”

An universal shudder and fearful whispering passed through the lines; not a soldier moved. “Cowards!” exclaimed their general, exasperated, “give me an hatchet! I alone will enter! I will plant your standard; and when you see it wave from yon highest minaret, you may gain courage, and rally round it!”

One of the officers now came forward: “General,” he said, “we neither fear the courage, nor arms, the open attack, nor secret ambush of the Moslems. We are ready to expose our breasts, exposed ten thousand times before, to the balls and scymetars of the infidels, and to fall gloriously for Greece. But we will not die in heaps, like dogs poisoned in summer-time, by the pestilential air of that city – we dare not go against the Plague!”

A multitude of men are feeble and inert, without a voice, a leader; give them that, and they regain the strength belonging to their numbers. Shouts from a thousand voices now rent the air – the cry of applause became universal. Raymond saw the danger; he was willing to save his troops from the crime of disobedience; for he knew, that contention once begun between the commander and his army, each act and word added to the weakness of the former, and bestowed power on the latter. He gave orders for the

retreat to be sounded, and the regiments repaired in good order to the camp.

I hastened to carry the intelligence of these strange proceedings to Perdita; and we were soon joined by Raymond. He looked gloomy and perturbed. My sister was struck by my narrative: “How beyond the imagination of man,” she exclaimed, “are the decrees of heaven, wondrous and inexplicable!”

“Foolish girl,” cried Raymond angrily, “are you like my valiant soldiers, panic-struck? What is there inexplicable, pray, tell me, in so very natural an occurrence? Does not the plague rage each year in Stamboul? What wonder, that this year, when as we are told, its virulence is unexampled in Asia, that it should have occasioned double havoc in that city? What wonder then, in time of siege, want, extreme heat, and drought, that it should make unaccustomed ravages? Less wonder far is it, that the garrison, despairing of being able to hold out longer, should take advantage of the negligence of our fleet to escape at once from siege and capture. It is not pestilence – by the God that lives! it is not either plague or impending danger that makes us, like birds in harvest-time, terrified by a scarecrow, abstain from the ready prey – it is base superstition – And thus the aim of the valiant is made the shuttlecock of fools; the worthy ambition of the high-souled, the plaything of these tamed hares! But yet Stamboul shall be ours! By my past labours, by torture and imprisonment suffered for them, by my victories, by my sword, I swear – by my hopes of fame, by my former deserts now awaiting their reward, I deeply vow, with these hands to plant the cross on yonder mosque!”

“Dearest Raymond!” interrupted Perdita, in a supplicating accent.

He had been walking to and fro in the marble hall of the seraglio; his very lips were pale with rage, while,

quivering, they shaped his angry words – his eyes shot fire – his gestures seemed restrained by their very vehemence. “Perdita,” he continued, impatiently, “I know what you would say; I know that you love me, that you are good and gentle; but this is no woman’s work – nor can a female heart guess at the hurricane which tears me!”

He seemed half afraid of his own violence, and suddenly quitted the hall: a look from Perdita shewed me her distress, and I followed him. He was pacing the garden: his passions were in a state of inconceivable turbulence. “Am I for ever,” he cried, “to be the sport of fortune! Must man, the heaven-climber, be for ever the victim of the crawling reptiles of his species! Were I as you, Lionel, looking forward to many years of life, to a succession of love-enlightened days, to refined enjoyments and fresh-springing hopes, I might yield, and breaking my General’s staff, seek repose in the glades of Windsor. But I am about to die! – nay, interrupt me not – soon I shall die. From the many-peopled earth, from the sympathies of man, from the loved resorts of my youth, from the kindness of my friends, from the affection of my only beloved Perdita, I am about to be removed. Such is the will of fate! Such the decree of the High Ruler from whom there is no appeal: to whom I submit. But to lose all – to lose with life and love, glory also! It shall not be!

“I, and in a few brief years, all you, – this panic-struck army, and all the population of fair Greece, will no longer be. But other generations will arise, and ever and for ever will continue, to be made happier by our present acts, to be glorified by our valour. The prayer of my youth was to be one among those who render the pages of earth’s history splendid; who exalt the race of man, and make this little globe a dwelling of the mighty. Alas, for Raymond! the prayer of his youth is wasted – the hopes of his manhood are null!

“From my dungeon in yonder city I cried, soon I will be thy lord! When Evadne pronounced my death, I thought that the title of Victor of Constantinople would be written on my tomb, and I subdued all mortal fear. I stand before its vanquished walls, and dare not call myself a conqueror. So shall it not be! Did not Alexander leap from the walls of the city of the Oxydracae, to shew his coward troops the way to victory, encountering alone the swords of its defenders? Even so will I brave the plague – and though no man follow, I will plant the Grecian standard on the height of St. Sophia.”

Reason came unavailing to such high-wrought feelings. In vain I shewed him, that when winter came, the cold would dissipate the pestilential air, and restore courage to the Greeks. “Talk not of other season than this!” he cried. “I have lived my last winter, and the date of this year, 2092, will be carved upon my tomb. Already do I see,” he continued, looking up mournfully, “the bourne and precipitate edge of my existence, over which I plunge into the gloomy mystery of the life to come. I am prepared, so that I leave behind a trail of light so radiant, that my worst enemies cannot cloud it. I owe this to Greece, to you, to my surviving Perdita, and to myself, the victim of ambition.”

We were interrupted by an attendant, who announced, that the staff of Raymond was assembled in the council-chamber. He requested me in the meantime to ride through the camp, and to observe and report to him the dispositions of the soldiers; he then left me. I had been excited to the utmost by the proceedings of the day, and now more than ever by the passionate language of Raymond. Alas! for human reason! He accused the Greeks of superstition: what name did he give to the faith he lent to the predictions of Evadne? I passed from the palace of Sweet Waters to the plain on which the encampment lay, and found its inhabitants in

commotion. The arrival of several with fresh stories of marvels, from the fleet; the exaggerations bestowed on what was already known; tales of old prophecies, of fearful histories of whole regions which had been laid waste during the present year by pestilence, alarmed and occupied the troops. Discipline was lost; the army disbanded itself. Each individual, before a part of a great whole moving only in unison with others, now became resolved into the unit nature had made him, and thought of himself only. They stole off at first by ones and twos, then in larger companies, until, unimpeded by the officers, whole battalions sought the road that led to Macedonia.

About midnight I returned to the palace and sought Raymond; he was alone, and apparently composed; such composure, at least, was his as is inspired by a resolve to adhere to a certain line of conduct. He heard my account of the self-dissolution of the army with calmness, and then said, “You know, Verney, my fixed determination not to quit this place, until in the light of day Stamboul is confessedly ours. If the men I have about me shrink from following me, others, more courageous, are to be found. Go you before break of day, bear these dispatches to Karazza, add to them your own entreaties that he send me his marines and naval force; if I can get but one regiment to second me, the rest would follow of course. Let him send me this regiment. I shall expect your return by tomorrow noon.”

Methought this was but a poor expedient; but I assured him of my obedience and zeal. I quitted him to take a few hours rest. With the breaking of morning I was accoutred for my ride. I lingered awhile, desirous of taking leave of Perdita, and from my window observed the approach of the sun. The golden splendour arose, and weary nature awoke to suffer yet another day of heat and thirsty decay. No flowers lifted up their dew-

laden cups to meet the dawn; the dry grass had withered on the plains; the burning fields of air were vacant of birds; the cicale alone, children of the sun, began their shrill and deafening song among the cypresses and olives. I saw Raymond’s coal-black charger brought to the palace gate; a small company of officers arrived soon after; care and fear was painted on each cheek, and in each eye, unrefreshed by sleep. I found Raymond and Perdita together. He was watching the rising sun, while with one arm he encircled his beloved’s waist; she looked on him, the sun of her life, with earnest gaze of mingled anxiety and tenderness. Raymond started angrily when he saw me. “Here still?” he cried. “Is this your promised zeal?”

“Pardon me,” I said, “but even as you speak, I am gone.”

“Nay, pardon me,” he replied; “I have no right to command or reproach; but my life hangs on your departure and speedy return. Farewell!”

His voice had recovered its bland tone, but a dark cloud still hung on his features. I would have delayed; I wished to recommend watchfulness to Perdita, but his presence restrained me. I had no pretence for my hesitation; and on his repeating his farewell, I clasped his outstretched hand; it was cold and clammy. “Take care of yourself, my dear Lord,” I said.

“Nay,” said Perdita, “that task shall be mine. Return speedily, Lionel.” With an air of absence he was playing with her auburn locks, while she leaned on him; twice I turned back, only to look again on this matchless pair. At last, with slow and heavy steps, I had paced out of the hall, and sprung upon my horse. At that moment Clara flew towards me; clasping my knee she cried, “Make haste back, uncle! Dear uncle, I have such fearful dreams; I dare not tell my mother. Do not be long away!” I assured her of my impatience to return, and then, with

a small escort rode along the plain towards the tower of Marmora.

I fulfilled my commission; I saw Karazza. He was somewhat surprised; he would see, he said, what could be done; but it required time; and Raymond had ordered me to return by noon. It was impossible to effect any thing in so short a time. I must stay till the next day; or come back, after having reported the present state of things to the general. My choice was easily made. A restlessness, a fear of what was about to betide, a doubt as to Raymond's purposes, urged me to return without delay to his quarters. Quitting the Seven Towers, I rode eastward towards the Sweet Waters. I took a circuitous path, principally for the sake of going to the top of the mount before mentioned, which commanded a view of the city. I had my glass with me. The city basked under the noon-day sun, and the venerable walls formed its picturesque boundary. Immediately before me was the Top Kapou, the gate near which Mahomet had made the breach by which he entered the city. Trees gigantic and aged grew near; before the gate I discerned a crowd of moving human figures – with intense curiosity I lifted my glass to my eye. I saw Lord Raymond on his charger; a small company of officers had gathered about him; and behind was a promiscuous concourse of soldiers and subalterns, their discipline lost, their arms thrown aside; no music sounded, no banners streamed. The only flag among them was one which Raymond carried; he pointed with it to the gate of the city. The circle round him fell back. With angry gestures he leapt from his horse, and seizing a hatchet that hung from his saddle-bow, went with the apparent intention of battering down the opposing gate. A few men came to aid him; their numbers increased; under their united blows the obstacle was vanquished, gate, portcullis, and fence were demolished; and the wide sun-lit way, leading to

the heart of the city, now lay open before them. The men shrank back; they seemed afraid of what they had already done, and stood as if they expected some Mighty Phantom to stalk in offended majesty from the opening. Raymond sprung lightly on his horse, grasped the standard, and with words which I could not hear (but his gestures, being their fit accompaniment, were marked by passionate energy,) he seemed to adjure their assistance and companionship; even as he spoke, the crowd receded from him. Indignation now transported him; his words I guessed were fraught with disdain – then turning from his coward followers, he addressed himself to enter the city alone. His very horse seemed to back from the fatal entrance; his dog, his faithful dog, lay moaning and supplicating in his path – in a moment more, he had plunged the rowels into the sides of the stung animal, who bounded forward, and he, the gateway passed, was galloping up the broad and desart street.

Until this moment my soul had been in my eyes only. I had gazed with wonder, mixed with fear and enthusiasm. The latter feeling now predominated. I forgot the distance between us: “I will go with thee, Raymond!” I cried; but, my eye removed from the glass, I could scarce discern the pigmy forms of the crowd, which about a mile from me surrounded the gate; the form of Raymond was lost. Stung with impatience, I urged my horse with force of spur and loosened reins down the acclivity, that, before danger could arrive, I might be at the side of my noble, godlike friend. A number of buildings and trees intervened, when I had reached the plain, hiding the city from my view. But at that moment a crash was heard. Thunderlike it reverberated through the sky, while the air was darkened. A moment more and the old walls again met my sight, while over them hovered a murky cloud; fragments of buildings whirled

above, half seen in smoke, while flames burst out beneath, and continued explosions filled the air with terrific thunders. Flying from the mass of falling ruin which leapt over the high walls, and shook the ivy towers, a crowd of soldiers made for the road by which I came; I was surrounded, hemmed in by them, unable to get forward. My impatience rose to its utmost; I stretched out my hands to the men; I conjured them to turn back and save their General, the conqueror of Stamboul, the liberator of Greece; tears, aye tears, in warm flow gushed from my eyes – I would not believe in his destruction; yet every mass that darkened the air seemed to bear with it a portion of the martyred Raymond. Horrible sights were shaped to me in the turbid cloud that hovered over the city; and my only relief was derived from the struggles I made to approach the gate. Yet when I effected my purpose, all I could discern within the precincts of the massive walls was a city of fire: the open way through which Raymond had ridden was enveloped in smoke and flame. After an interval the explosions ceased, but the flames still shot up from various quarters; the dome of St. Sophia had disappeared. Strange to say (the result perhaps of the concussion of air occasioned by the blowing up of the city) huge, white thunder clouds lifted themselves up from the southern horizon, and gathered over-head; they were the first blots on the blue expanse that I had seen for months, and amidst this havoc and despair they inspired pleasure. The vault above became obscured, lightning flashed from the heavy masses, followed instantaneously by crashing thunder; then the big rain fell. The flames of the city bent beneath it; and the smoke and dust arising from the ruins was dissipated.

I no sooner perceived an abatement of the flames than, hurried on by an irresistible impulse, I endeavoured to penetrate the town. I could only do this on foot, as the

mass of ruin was impracticable for a horse. I had never entered the city before, and its ways were unknown to me. The streets were blocked up, the ruins smoking; I climbed up one heap, only to view others in succession; and nothing told me where the centre of the town might be, or towards what point Raymond might have directed his course. The rain ceased; the clouds sunk behind the horizon; it was now evening, and the sun descended swiftly the western sky. I scrambled on, until I came to a street, whose wooden houses, half-burnt, had been cooled by the rain, and were fortunately uninjured by the gunpowder. Up this I hurried – until now I had not seen a vestige of man. Yet none of the defaced human forms which I distinguished, could be Raymond; so I turned my eyes away, while my heart sickened within me. I came to an open space – a mountain of ruin in the midst, announced that some large mosque had occupied the space – and here, scattered about, I saw various articles of luxury and wealth, singed, destroyed – but shewing what they had been in their ruin – jewels, strings of pearls, embroidered robes, rich furs, glittering tapestries, and oriental ornaments, seemed to have been collected here in a pile destined for destruction; but the rain had stopped the havoc midway.

Hours passed, while in this scene of ruin I sought for Raymond. Insurmountable heaps sometimes opposed themselves; the still burning fires scorched me. The sun set; the atmosphere grew dim – and the evening star no longer shone companionless. The glare of flames attested the progress of destruction, while, during mingled light and obscurity, the piles around me took gigantic proportions and weird shapes. For a moment I could yield to the creative power of the imagination, and for a moment was soothed by the sublime fictions it presented to me. The beatings of my human heart drew me back to blank reality. Where, in this wilderness of

death, art thou, O Raymond – ornament of England, deliverer of Greece, “hero of unwritten story,” where in this burning chaos are thy dear relics strewed? I called aloud for him – through the darkness of night, over the scorching ruins of fallen Constantinople, his name was heard; no voice replied – echo even was mute.

I was overcome by weariness; the solitude depressed my spirits. The sultry air impregnated with dust, the heat and smoke of burning palaces, palsied my limbs. Hunger suddenly came acutely upon me. The excitement which had hitherto sustained me was lost; as a building, whose props are loosened, and whose foundations rock, totters and falls, so when enthusiasm and hope deserted me, did my strength fail. I sat on the sole remaining step of an edifice, which even in its downfall, was huge and magnificent; a few broken walls, not dislodged by gunpowder, stood in fantastic groupes, and a flame glimmered at intervals on the summit of the pile. For a time hunger and sleep contended, till the constellations reeled before my eyes and then were lost. I strove to rise, but my heavy lids closed, my limbs over-wearied, claimed repose – I rested my head on the stone, I yielded to the grateful sensation of utter forgetfulness; and in that scene of desolation, on that night of despair – I slept.

CHAPTER III

THE stars still shone brightly when I awoke, and Taurus high in the southern heaven shewed that it was midnight. I awoke from disturbed dreams. Methought I had been invited to Timon’s last feast; I came with keen appetite, the covers were removed, the hot water sent up its unsatisfying steams, while I fled before the anger of the host, who assumed the form of Raymond; while to my diseased fancy, the vessels hurled by him after me, were surcharged with fetid vapour, and my friend’s shape, altered by a thousand distortions, expanded into a gigantic phantom, bearing on its brow the sign of pestilence. The growing shadow rose and rose, filling, and then seeming to endeavour to burst beyond, the adamantine vault that bent over, sustaining and enclosing the world. The night-mare became torture; with a strong effort I threw off sleep, and recalled reason to her wonted functions. My first thought was Perdita; to her I must return; her I must support, drawing such food from despair as might best sustain her wounded heart; recalling her from the wild excesses of grief, by the austere laws of duty, and the soft tenderness of regret.

The position of the stars was my only guide. I turned from the awful ruin of the Golden City, and, after great exertion, succeeded in extricating myself from its enclosure. I met a company of soldiers outside the walls; I borrowed a horse from one of them, and hastened to my sister. The appearance of the plain was changed during this short interval; the encampment was broken up; the relics of the disbanded army met in small

companies here and there; each face was clouded; every gesture spoke astonishment and dismay.

With an heavy heart I entered the palace, and stood fearful to advance, to speak, to look. In the midst of the hall was Perdita; she sat on the marble pavement, her head fallen on her bosom, her hair dishevelled, her fingers twined busily one within the other; she was pale as marble, and every feature was contracted by agony. She perceived me, and looked up enquiringly; her half glance of hope was misery; the words died before I could articulate them; I felt a ghastly smile wrinkle my lips. She understood my gesture; again her head fell; again her fingers worked restlessly. At last I recovered speech, but my voice terrified her; the hapless girl had understood my look, and for worlds she would not that the tale of her heavy misery should have been shaped out and confirmed by hard, irrevocable words. Nay, she seemed to wish to distract my thoughts from the subject: she rose from the floor: “Hush!” she said, whisperingly; “after much weeping, Clara sleeps; we must not disturb her.” She seated herself then on the same ottoman where I had left her in the morning resting on the beating heart of her Raymond; I dared not approach her, but sat at a distant corner, watching her starting and nervous gestures. At length, in an abrupt manner she asked, “Where is he?”

“O, fear not,” she continued, “fear not that I should entertain hope! Yet tell me, have you found him? To have him once more in my arms, to see him, however changed, is all I desire. Though Constantinople be heaped above him as a tomb, yet I must find him – then cover us with the city’s weight, with a mountain piled above – I care not, so that one grave hold Raymond and his Perdita.” Then weeping, she clung to me: “Take me to him,” she cried, “unkind Lionel, why do you keep me

here? Of myself I cannot find him – but you know where he lies – lead me thither."

At first these agonizing plaints filled me with intolerable compassion. But soon I endeavoured to extract patience for her from the ideas she suggested. I related my adventures of the night, my endeavours to find our lost one, and my disappointment. Turning her thoughts this way, I gave them an object which rescued them from insanity. With apparent calmness she discussed with me the probable spot where he might be found, and planned the means we should use for that purpose. Then hearing of my fatigue and abstinence, she herself brought me food. I seized the favourable moment, and endeavoured to awaken in her something beyond the killing torpor of grief. As I spoke, my subject carried me away; deep admiration; grief, the offspring of truest affection, the overflowing of a heart bursting with sympathy for all that had been great and sublime in the career of my friend, inspired me as I poured forth the praises of Raymond.

"Alas, for us," I cried, "who have lost this latest honour of the world! Beloved Raymond! He is gone to the nations of the dead; he has become one of those, who render the dark abode of the obscure grave illustrious by dwelling there. He has journied on the road that leads to it, and joined the mighty of soul who went before him. When the world was in its infancy death must have been terrible, and man left his friends and kindred to dwell, a solitary stranger, in an unknown country. But now, he who dies finds many companions gone before to prepare for his reception. The great of past ages people it, the exalted hero of our own days is counted among its inhabitants, while life becomes doubly 'the desart and the solitude.'

"What a noble creature was Raymond, the first among the men of our time. By the grandeur of his conceptions,

the graceful daring of his actions, by his wit and beauty, he won and ruled the minds of all. Of one only fault he might have been accused; but his death has cancelled that. I have heard him called inconstant of purpose – when he deserted, for the sake of love, the hope of sovereignty, and when he abdicated the protectorship of England, men blamed his infirmity of purpose. Now his death has crowned his life, and to the end of time it will be remembered, that he devoted himself, a willing victim, to the glory of Greece. Such was his choice: he expected to die. He foresaw that he should leave this cheerful earth, the lightsome sky, and thy love, Perdita; yet he neither hesitated or turned back, going right onward to his mark of fame. While the earth lasts, his actions will be recorded with praise. Grecian maidens will in devotion strew flowers on his tomb, and make the air around it resonant with patriotic hymns, in which his name will find high record."

I saw the features of Perdita soften; the sternness of grief yielded to tenderness – I continued: – "Thus to honour him, is the sacred duty of his survivors. To make his name even as an holy spot of ground, enclosing it from all hostile attacks by our praise, shedding on it the blossoms of love and regret, guarding it from decay, and bequeathing it untainted to posterity. Such is the duty of his friends. A dearer one belongs to you, Perdita, mother of his child. Do you remember in her infancy, with what transport you beheld Clara, recognizing in her the united being of yourself and Raymond; joying to view in this living temple a manifestation of your eternal loves. Even such is she still. You say that you have lost Raymond. O, no! – yet he lives with you and in you there. From him she sprung, flesh of his flesh, bone of his bone – and not, as heretofore, are you content to trace in her downy cheek and delicate limbs, an affinity to Raymond, but in her enthusiastic affections, in the sweet qualities

of her mind, you may still find him living, the good, the great, the beloved. Be it your care to foster this similarity – be it your care to render her worthy of him, so that, when she glory in her origin, she take not shame for what she is."

I could perceive that, when I recalled my sister's thoughts to her duties in life, she did not listen with the same patience as before. She appeared to suspect a plan of consolation on my part, from which she, cherishing her new-born grief, revolted. "You talk of the future," she said, "while the present is all to me. Let me find the earthly dwelling of my beloved; let us rescue that from common dust, so that in times to come men may point to the sacred tomb, and name it his – then to other thoughts, and a new course of life, or what else fate, in her cruel tyranny, may have marked out for me."

After a short repose I prepared to leave her, that I might endeavour to accomplish her wish. In the mean time we were joined by Clara, whose pallid cheek and scared look shewed the deep impression grief had made on her young mind. She seemed to be full of something to which she could not give words; but, seizing an opportunity afforded by Perdita's absence, she preferred to me an earnest prayer, that I would take her within view of the gate at which her father had entered Constantinople. She promised to commit no extravagance, to be docile, and immediately to return. I could not refuse; for Clara was not an ordinary child; her sensibility and intelligence seemed already to have endowed her with the rights of womanhood. With her therefore, before me on my horse, attended only by the servant who was to re-conduct her, we rode to the Top Kapou. We found a party of soldiers gathered round it. They were listening. "They are human cries," said one: "More like the howling of a dog," replied another; and again they bent to catch the sound of regular distant

moans, which issued from the precincts of the ruined city. “That, Clara,” I said, “is the gate, that the street which yestermorn your father rode up.” Whatever Clara’s intention had been in asking to be brought hither, it was balked by the presence of the soldiers. With earnest gaze she looked on the labyrinth of smoking piles which had been a city, and then expressed her readiness to return home. At this moment a melancholy howl struck on our ears; it was repeated; “Hark!” cried Clara, “he is there; that is Florio, my father’s dog.” It seemed to me impossible that she could recognise the sound, but she persisted in her assertion till she gained credit with the crowd about. At least it would be a benevolent action to rescue the sufferer, whether human or brute, from the desolation of the town; so, sending Clara back to her home, I again entered Constantinople. Encouraged by the impunity attendant on my former visit, several soldiers who had made a part of Raymond’s body guard, who had loved him, and sincerely mourned his loss, accompanied me.

It is impossible to conjecture the strange enchainment of events which restored the lifeless form of my friend to our hands. In that part of the town where the fire had most raged the night before, and which now lay quenched, black and cold, the dying dog of Raymond crouched beside the mutilated form of its lord. At such a time sorrow has no voice; affliction, tamed by it is very vehemence, is mute. The poor animal recognised me, licked my hand, crept close to its lord, and died. He had been evidently thrown from his horse by some falling ruin, which had crushed his head, and defaced his whole person. I bent over the body, and took in my hand the edge of his cloak, less altered in appearance than the human frame it clothed. I pressed it to my lips, while the rough soldiers gathered around, mourning over this worthiest prey of death, as if regret and endless

lamentation could re-illumine the extinguished spark, or call to its shattered prison-house of flesh the liberated spirit. Yesterday those limbs were worth an universe; they then enshrined a transcendant power, whose intents, words, and actions were worthy to be recorded in letters of gold; now the superstition of affection alone could give value to the shattered mechanism, which, incapable and clod-like, no more resembled Raymond, than the fallen rain is like the former mansion of cloud in which it climbed the highest skies, and gilded by the sun, attracted all eyes, and satiated the sense by its excess of beauty.

Such as he had now become, such as was his terrene vesture, defaced and spoiled, we wrapt it in our cloaks, and lifting the burthen in our arms, bore it from this city of the dead. The question arose as to where we should deposit him. In our road to the palace, we passed through the Greek cemetery; here on a tablet of black marble I caused him to be laid; the cypresses waved high above, their death-like gloom accorded with his state of nothingness. We cut branches of the funereal trees and placed them over him, and on these again his sword. I left a guard to protect this treasure of dust; and ordered perpetual torches to be burned around.

When I returned to Perdita, I found that she had already been informed of the success of my undertaking. He, her beloved, the sole and eternal object of her passionate tenderness, was restored her. Such was the maniac language of her enthusiasm. What though those limbs moved not, and those lips could no more frame modulated accents of wisdom and love! What though like a weed flung from the fruitless sea, he lay the prey of corruption – still that was the form she had caressed, those the lips that meeting hers, had drank the spirit of love from the commingling breath; that was the earthly mechanism of dissoluble clay she had called her own.

True, she looked forward to another life; true, the burning spirit of love seemed to her unextinguishable throughout eternity. Yet at this time, with human fondness, she clung to all that her human senses permitted her to see and feel to be a part of Raymond.

Pale as marble, clear and beaming as that, she heard my tale, and enquired concerning the spot where he had been deposited. Her features had lost the distortion of grief; her eyes were brightened, her very person seemed dilated; while the excessive whiteness and even transparency of her skin, and something hollow in her voice, bore witness that not tranquillity, but excess of excitement, occasioned the treacherous calm that settled on her countenance. I asked her where he should be buried. She replied, “At Athens; even at the Athens which he loved. Without the town, on the acclivity of Hymettus, there is a rocky recess which he pointed out to me as the spot where he would wish to repose.”

My own desire certainly was that he should not be removed from the spot where he now lay. But her wish was of course to be complied with; and I entreated her to prepare without delay for our departure.

Behold now the melancholy train cross the flats of Thrace, and wind through the defiles, and over the mountains of Macedonia, coast the clear waves of the Peneus, cross the Larissean plain, pass the straits of Thermopylae, and ascending in succession Oeta and Parnassus, descend to the fertile plain of Athens. Women bear with resignation these long drawn ills, but to a man’s impatient spirit, the slow motion of our cavalcade, the melancholy repose we took at noon, the perpetual presence of the pall, gorgeous though it was, that wrapt the rifled casket which had contained Raymond, the monotonous recurrence of day and night, unvaried by hope or change, all the circumstances of our march were intolerable. Perdita, shut up in herself, spoke little. Her

carriage was closed; and, when we rested, she sat leaning her pale cheek on her white cold hand, with eyes fixed on the ground, indulging thoughts which refused communication or sympathy.

We descended from Parnassus, emerging from its many folds, and passed through Livadia on our road to Attica. Perdita would not enter Athens; but reposing at Marathon on the night of our arrival, conducted me on the following day, to the spot selected by her as the treasure house of Raymond's dear remains. It was in a recess near the head of the ravine to the south of Hymettus. The chasm, deep, black, and hoary, swept from the summit to the base; in the fissures of the rock myrtle underwood grew and wild thyme, the food of many nations of bees; enormous crags protruded into the cleft, some beetling over, others rising perpendicularly from it. At the foot of this sublime chasm, a fertile laughing valley reached from sea to sea, and beyond was spread the blue Aegean, sprinkled with islands, the light waves glancing beneath the sun. Close to the spot on which we stood, was a solitary rock, high and conical, which, divided on every side from the mountain, seemed a nature-hewn pyramid; with little labour this block was reduced to a perfect shape; the narrow cell was scooped out beneath in which Raymond was placed, and a short inscription, carved in the living stone, recorded the name of its tenant, the cause and aera of his death.

Every thing was accomplished with speed under my directions. I agreed to leave the finishing and guardianship of the tomb to the head of the religious establishment at Athens, and by the end of October prepared for my return to England. I mentioned this to Perdita. It was painful to appear to drag her from the last scene that spoke of her lost one; but to linger here was vain, and my very soul was sick with its yearning to

rejoin my Idris and her babes. In reply, my sister requested me to accompany her the following evening to the tomb of Raymond. Some days had passed since I had visited the spot. The path to it had been enlarged, and steps hewn in the rock led us less circuitously than before, to the spot itself; the platform on which the pyramid stood was enlarged, and looking towards the south, in a recess overshadowed by the straggling branches of a wild fig-tree, I saw foundations dug, and props and rafters fixed, evidently the commencement of a cottage; standing on its unfinished threshold, the tomb was at our right-hand, the whole ravine, and plain, and azure sea immediately before us; the dark rocks received a glow from the descending sun, which glanced along the cultivated valley, and dyed in purple and orange the placid waves; we sat on a rocky elevation, and I gazed with rapture on the beauteous panorama of living and changeful colours, which varied and enhanced the graces of earth and ocean.

"Did I not do right," said Perdita, "in having my loved one conveyed hither? Hereafter this will be the cynosure of Greece. In such a spot death loses half its terrors, and even the inanimate dust appears to partake of the spirit of beauty which hallows this region. Lionel, he sleeps there; that is the grave of Raymond, he whom in my youth I first loved; whom my heart accompanied in days of separation and anger; to whom I am now joined for ever. Never – mark me – never will I leave this spot. Methinks his spirit remains here as well as that dust, which, uncommunicable though it be, is more precious in its nothingness than aught else widowed earth clasps to her sorrowing bosom. The myrtle bushes, the thyme, the little cyclamen, which peep from the fissures of the rock, all the produce of the place, bear affinity to him; the light that invests the hills participates in his essence,

and sky and mountains, sea and valley, are imbued by the presence of his spirit. I will live and die here!

"Go you to England, Lionel; return to sweet Idris and dearest Adrian; return, and let my orphan girl be as a child of your own in your house. Look on me as dead; and truly if death be a mere change of state, I am dead. This is another world, from that which late I inhabited, from that which is now your home. Here I hold communion only with the has been, and to come. Go you to England, and leave me where alone I can consent to drag out the miserable days which I must still live."

A shower of tears terminated her sad harangue. I had expected some extravagant proposition, and remained silent awhile, collecting my thoughts that I might the better combat her fanciful scheme. "You cherish dreary thoughts, my dear Perdita," I said, "nor do I wonder that for a time your better reason should be influenced by passionate grief and a disturbed imagination. Even I am in love with this last home of Raymond's; nevertheless we must quit it."

"I expected this," cried Perdita; "I supposed that you would treat me as a mad, foolish girl. But do not deceive yourself; this cottage is built by my order; and here I shall remain, until the hour arrives when I may share his happier dwelling."

"My dearest girl!"

"And what is there so strange in my design? I might have deceived you; I might have talked of remaining here only a few months; in your anxiety to reach Windsor you would have left me, and without reproach or contention, I might have pursued my plan. But I disdained the artifice; or rather in my wretchedness it was my only consolation to pour out my heart to you, my brother, my only friend. You will not dispute with me? You know how wilful your poor, misery-stricken sister is. Take my girl with you; wean her from sights and

thoughts of sorrow; let infantine hilarity revisit her heart, and animate her eyes; so could it never be, were she near me; it is far better for all of you that you should never see me again. For myself, I will not voluntarily seek death, that is, I will not, while I can command myself; and I can here. But drag me from this country; and my power of self control vanishes, nor can I answer for the violence my agony of grief may lead me to commit."

"You clothe your meaning, Perdita," I replied, "in powerful words, yet that meaning is selfish and unworthy of you. You have often agreed with me that there is but one solution to the intricate riddle of life; to improve ourselves, and contribute to the happiness of others: and now, in the very prime of life, you desert your principles, and shut yourself up in useless solitude. Will you think of Raymond less at Windsor, the scene of your early happiness? Will you commune less with his departed spirit, while you watch over and cultivate the rare excellence of his child? You have been sadly visited; nor do I wonder that a feeling akin to insanity should drive you to bitter and unreasonable imaginings. But a home of love awaits you in your native England. My tenderness and affection must soothe you; the society of Raymond's friends will be of more solace than these dreary speculations. We will all make it our first care, our dearest task, to contribute to your happiness."

Perdita shook her head; "If it could be so," she replied, "I were much in the wrong to disdain your offers. But it is not a matter of choice; I can live here only. I am a part of this scene; each and all its properties are a part of me. This is no sudden fancy; I live by it. The knowledge that I am here, rises with me in the morning, and enables me to endure the light; it is mingled with my food, which else were poison; it walks, it sleeps with me, for ever it accompanies me. Here I may even cease to

repine, and may add my tardy consent to the decree which has taken him from me. He would rather have died such a death, which will be recorded in history to endless time, than have lived to old age unknown, unhonoured. Nor can I desire better, than, having been the chosen and beloved of his heart, here, in youth's prime, before added years can tarnish the best feelings of my nature, to watch his tomb, and speedily rejoin him in his blessed repose.

"So much, my dearest Lionel, I have said, wishing to persuade you that I do right. If you are unconvinced, I can add nothing further by way of argument, and I can only declare my fixed resolve. I stay here; force only can remove me. Be it so; drag me away – I return; confine me, imprison me, still I escape, and come here. Or would my brother rather devote the heart-broken Perdita to the straw and chains of a maniac, than suffer her to rest in peace beneath the shadow of His society, in this my own selected and beloved recess?"

All this appeared to me, I own, methodized madness. I imagined, that it was my imperative duty to take her from scenes that thus forcibly reminded her of her loss. Nor did I doubt, that in the tranquillity of our family circle at Windsor, she would recover some degree of composure, and in the end, of happiness. My affection for Clara also led me to oppose these fond dreams of cherished grief; her sensibility had already been too much excited; her infant heedlessness too soon exchanged for deep and anxious thought. The strange and romantic scheme of her mother, might confirm and perpetuate the painful view of life, which had intruded itself thus early on her contemplation.

On returning home, the captain of the steam packet with whom I had agreed to sail, came to tell me, that accidental circumstances hastened his departure, and that, if I went with him, I must come on board at five on

the following morning. I hastily gave my consent to this arrangement, and as hastily formed a plan through which Perdita should be forced to become my companion. I believe that most people in my situation would have acted in the same manner. Yet this consideration does not, or rather did not in after time, diminish the reproaches of my conscience. At the moment, I felt convinced that I was acting for the best, and that all I did was right and even necessary.

I sat with Perdita and soothed her, by my seeming assent to her wild scheme. She received my concurrence with pleasure, and a thousand times over thanked her deceiving, deceitful brother. As night came on, her spirits, enlivened by my unexpected concession, regained an almost forgotten vivacity. I pretended to be alarmed by the feverish glow in her cheek; I entreated her to take a composing draught; I poured out the medicine, which she took docilely from me. I watched her as she drank it. Falsehood and artifice are in themselves so hateful, that, though I still thought I did right, a feeling of shame and guilt came painfully upon me. I left her, and soon heard that she slept soundly under the influence of the opiate I had administered. She was carried thus unconscious on board; the anchor weighed, and the wind being favourable, we stood far out to sea; with all the canvas spread, and the power of the engine to assist, we scudded swiftly and steadily through the chafed element.

It was late in the day before Perdita awoke, and a longer time elapsed before recovering from the torpor occasioned by the laudanum, she perceived her change of situation. She started wildly from her couch, and flew to the cabin window. The blue and troubled sea sped past the vessel, and was spread shoreless around: the sky was covered by a rack, which in its swift motion shewed how speedily she was borne away. The creaking

of the masts, the clang of the wheels, the tramp above, all persuaded her that she was already far from the shores of Greece. – “Where are we?” she cried, “where are we going?”

The attendant whom I had stationed to watch her, replied, “to England.”

“And my brother?”

“Is on deck, Madam.”

“Unkind! unkind!” exclaimed the poor victim, as with a deep sigh she looked on the waste of waters. Then without further remark, she threw herself on her couch, and closing her eyes remained motionless; so that but for the deep sighs that burst from her, it would have seemed that she slept.

As soon as I heard that she had spoken, I sent Clara to her, that the sight of the lovely innocent might inspire gentle and affectionate thoughts. But neither the presence of her child, nor a subsequent visit from me, could rouse my sister. She looked on Clara with a countenance of woful meaning, but she did not speak. When I appeared, she turned away, and in reply to my enquiries, only said, “You know not what you have done!” – I trusted that this sullenness betokened merely the struggle between disappointment and natural affection, and that in a few days she would be reconciled to her fate.

When night came on, she begged that Clara might sleep in a separate cabin. Her servant, however, remained with her. About midnight she spoke to the latter, saying that she had had a bad dream, and bade her go to her daughter, and bring word whether she rested quietly. The woman obeyed.

The breeze, that had flagged since sunset, now rose again. I was on deck, enjoying our swift progress. The quiet was disturbed only by the rush of waters as they divided before the steady keel, the murmur of the

moveless and full sails, the wind whistling in the shrouds, and the regular motion of the engine. The sea was gently agitated, now shewing a white crest, and now resuming an uniform hue; the clouds had disappeared; and dark ether clipt the broad ocean, in which the constellations vainly sought their accustomed mirror. Our rate could not have been less than eight knots.

Suddenly I heard a splash in the sea. The sailors on watch rushed to the side of the vessel, with the cry – some one gone overboard. “It is not from deck,” said the man at the helm, “something has been thrown from the aft cabin.” A call for the boat to be lowered was echoed from the deck. I rushed into my sister’s cabin; it was empty.

With sails abaft, the engine stopt, the vessel remained unwillingly stationary, until, after an hour’s search, my poor Perdita was brought on board. But no care could re-animate her, no medicine cause her dear eyes to open, and the blood to flow again from her pulseless heart. One clenched hand contained a slip of paper, on which was written, “To Athens.” To ensure her removal thither, and prevent the irrecoverable loss of her body in the wide sea, she had had the precaution to fasten a long shawl round her waist, and again to the staunchions of the cabin window. She had drifted somewhat under the keel of the vessel, and her being out of sight occasioned the delay in finding her. And thus the ill-starred girl died a victim to my senseless rashness. Thus, in early day, she left us for the company of the dead, and preferred to share the rocky grave of Raymond, before the animated scene this cheerful earth afforded, and the society of loving friends. Thus in her twenty-ninth year she died; having enjoyed some few years of the happiness of paradise, and sustaining a reverse to which her impatient spirit and affectionate disposition were unable to submit. As I marked the

placid expression that had settled on her countenance in death, I felt, in spite of the pangs of remorse, in spite of heart-rending regret, that it was better to die so, than to drag on long, miserable years of repining and inconsolable grief. Stress of weather drove us up the Adriatic Gulph; and, our vessel being hardly fitted to weather a storm, we took refuge in the port of Ancona. Here I met Georgio Palli, the vice-admiral of the Greek fleet, a former friend and warm partizan of Raymond. I committed the remains of my lost Perdita to his care, for the purpose of having them transported to Hymettus, and placed in the cell her Raymond already occupied beneath the pyramid. This was all accomplished even as I wished. She reposed beside her beloved, and the tomb above was inscribed with the united names of Raymond and Perdita.

I then came to a resolution of pursuing our journey to England overland. My own heart was racked by regrets and remorse. The apprehension, that Raymond had departed for ever, that his name, blended eternally with the past, must be erased from every anticipation of the future, had come slowly upon me. I had always admired his talents; his noble aspirations; his grand conceptions of the glory and majesty of his ambition: his utter want of mean passions; his fortitude and daring. In Greece I had learnt to love him; his very waywardness, and self-abandonment to the impulses of superstition, attached me to him doubly; it might be weakness, but it was the antipodes of all that was grovelling and selfish. To these pangs were added the loss of Perdita, lost through my own accursed self-will and conceit. This dear one, my sole relation; whose progress I had marked from tender childhood through the varied path of life, and seen her throughout conspicuous for integrity, devotion, and true affection; for all that constitutes the peculiar graces of the female character, and beheld her at last the victim of

too much loving, too constant an attachment to the perishable and lost, she, in her pride of beauty and life, had thrown aside the pleasant perception of the apparent world for the unreality of the grave, and had left poor Clara quite an orphan. I concealed from this beloved child that her mother's death was voluntary, and tried every means to awaken cheerfulness in her sorrow-stricken spirit.

One of my first acts for the recovery even of my own composure, was to bid farewell to the sea. Its hateful splash renewed again and again to my sense the death of my sister; its roar was a dirge; in every dark hull that was tossed on its inconstant bosom, I imaged a bier, that would convey to death all who trusted to its treacherous smiles. Farewell to the sea! Come, my Clara, sit beside me in this aerial bark; quickly and gently it cleaves the azure serene, and with soft undulation glides upon the current of the air; or, if storm shake its fragile mechanism, the green earth is below; we can descend, and take shelter on the stable continent. Here aloft, the companions of the swift-winged birds, we skim through the unresisting element, fleetly and fearlessly. The light boat heaves not, nor is opposed by death-bearing waves; the ether opens before the prow, and the shadow of the globe that upholds it, shelters us from the noon-day sun. Beneath are the plains of Italy, or the vast undulations of the wave-like Apennines: fertility reposes in their many folds, and woods crown the summits. The free and happy peasant, unshackled by the Austrian, bears the double harvest to the garner; and the refined citizens rear without dread the long blighted tree of knowledge in this garden of the world. We were lifted above the Alpine peaks, and from their deep and brawling ravines entered the plain of fair France, and after an airy journey of six days, we landed at Dieppe, furled the feathered wings, and closed the silken globe of our little pinnace. A heavy

rain made this mode of travelling now incommodious; so we embarked in a steam-packet, and after a short passage landed at Portsmouth.

A strange story was rife here. A few days before, a tempest-struck vessel had appeared off the town: the hull was parched-looking and cracked, the sails rent, and bent in a careless, unseamanlike manner, the shrouds tangled and broken. She drifted towards the harbour, and was stranded on the sands at the entrance. In the morning the custom-house officers, together with a crowd of idlers, visited her. One only of the crew appeared to have arrived with her. He had got to shore, and had walked a few paces towards the town, and then, vanquished by malady and approaching death, had fallen on the inhospitable beach. He was found stiff, his hands clenched, and pressed against his breast. His skin, nearly black, his matted hair and bristly beard, were signs of a long protracted misery. It was whispered that he had died of the plague. No one ventured on board the vessel, and strange sights were averred to be seen at night, walking the deck, and hanging on the masts and shrouds. She soon went to pieces; I was shewn where she had been, and saw her disjoined timbers tossed on the waves. The body of the man who had landed, had been buried deep in the sands; and none could tell more, than that the vessel was American built, and that several months before the Fortunatas had sailed from Philadelphia, of which no tidings were afterwards received.

CHAPTER IV

I RETURNED to my family estate in the autumn of the year 2092. My heart had long been with them; and I felt sick with the hope and delight of seeing them again. The district which contained them appeared the abode of every kindly spirit. Happiness, love and peace, walked the forest paths, and tempered the atmosphere. After all the agitation and sorrow I had endured in Greece, I sought Windsor, as the storm-driven bird does the nest in which it may fold its wings in tranquillity.

How unwise had the wanderers been, who had deserted its shelter, entangled themselves in the web of society, and entered on what men of the world call “life,” – that labyrinth of evil, that scheme of mutual torture. To live, according to this sense of the word, we must not only observe and learn, we must also feel; we must not be mere spectators of action, we must act; we must not describe, but be subjects of description. Deep sorrow must have been the inmate of our bosoms; fraud must have lain in wait for us; the artful must have deceived us; sickening doubt and false hope must have chequered our days; hilarity and joy, that lap the soul in ecstasy, must at times have possessed us. Who that knows what “life” is, would pine for this feverish species of existence? I have lived. I have spent days and nights of festivity; I have joined in ambitious hopes, and exulted in victory: now, – shut the door on the world, and build high the wall that is to separate me from the troubled scene enacted within its precincts. Let us live for each other and for happiness; let us seek peace in our dear home, near the inland murmur of streams, and the gracious

waving of trees, the beauteous vesture of earth, and sublime pageantry of the skies. Let us leave “life,” that we may live.

Idris was well content with this resolve of mine. Her native sprightliness needed no undue excitement, and her placid heart reposed contented on my love, the well-being of her children, and the beauty of surrounding nature. Her pride and blameless ambition was to create smiles in all around her, and to shed repose on the fragile existence of her brother. In spite of her tender nursing, the health of Adrian perceptibly declined. Walking, riding, the common occupations of life, overcame him: he felt no pain, but seemed to tremble for ever on the verge of annihilation. Yet, as he had lived on for months nearly in the same state, he did not inspire us with any immediate fear; and, though he talked of death as an event most familiar to his thoughts, he did not cease to exert himself to render others happy, or to cultivate his own astonishing powers of mind. Winter passed away; and spring, led by the months, awakened life in all nature. The forest was dressed in green; the young calves frisked on the new-sprung grass; the wind-winged shadows of light clouds sped over the green cornfields; the hermit cuckoo repeated his monotonous all-hail to the season; the nightingale, bird of love and minion of the evening star, filled the woods with song; while Venus lingered in the warm sunset, and the young green of the trees lay in gentle relief along the clear horizon.

Delight awoke in every heart, delight and exultation; for there was peace through all the world; the temple of Universal Janus was shut, and man died not that year by the hand of man.

“Let this last but twelve months,” said Adrian; “and earth will become a Paradise. The energies of man were before directed to the destruction of his species: they

now aim at its liberation and preservation. Man cannot repose, and his restless aspirations will now bring forth good instead of evil. The favoured countries of the south will throw off the iron yoke of servitude; poverty will quit us, and with that, sickness. What may not the forces, never before united, of liberty and peace achieve in this dwelling of man?”

“Dreaming, for ever dreaming, Windsor!” said Ryland, the old adversary of Raymond, and candidate for the Protectorate at the ensuing election. “Be assured that earth is not, nor ever can be heaven, while the seeds of hell are natives of her soil. When the seasons have become equal, when the air breeds no disorders, when its surface is no longer liable to blights and droughts, then sickness will cease; when men’s passions are dead, poverty will depart. When love is no longer akin to hate, then brotherhood will exist: we are very far from that state at present.”

“Not so far as you may suppose,” observed a little old astronomer, by name Merrival, “the poles precede slowly, but securely; in an hundred thousand years…”

“We shall all be underground,” said Ryland.

“The pole of the earth will coincide with the pole of the ecliptic,” continued the astronomer, “an universal spring will be produced, and earth become a paradise.”

“And we shall of course enjoy the benefit of the change,” said Ryland, contemptuously.

“We have strange news here,” I observed. I had the newspaper in my hand, and, as usual, had turned to the intelligence from Greece. “It seems that the total destruction of Constantinople, and the supposition that winter had purified the air of the fallen city, gave the Greeks courage to visit its site, and begin to rebuild it. But they tell us that the curse of God is on the place, for every one who has ventured within the walls has been tainted by the plague; that this disease has spread in

Thrace and Macedonia; and now, fearing the virulence of infection during the coming heats, a cordon has been drawn on the frontiers of Thessaly, and a strict quarantine exacted." This intelligence brought us back from the prospect of paradise, held out after the lapse of an hundred thousand years, to the pain and misery at present existent upon earth. We talked of the ravages made last year by pestilence in every quarter of the world; and of the dreadful consequences of a second visitation. We discussed the best means of preventing infection, and of preserving health and activity in a large city thus afflicted – London, for instance. Merrival did not join in this conversation; drawing near Idris, he proceeded to assure her that the joyful prospect of an earthly paradise after an hundred thousand years, was clouded to him by the knowledge that in a certain period of time after, an earthly hell or purgatory, would occur, when the ecliptic and equator would be at right angles . Our party at length broke up; "We are all dreaming this morning," said Ryland, "it is as wise to discuss the probability of a visitation of the plague in our well-governed metropolis, as to calculate the centuries which must escape before we can grow pine-apples here in the open air."

But, though it seemed absurd to calculate upon the arrival of the plague in London, I could not reflect without extreme pain on the desolation this evil would cause in Greece. The English for the most part talked of Thrace and Macedonia, as they would of a lunar territory, which, unknown to them, presented no distinct idea or interest to the minds. I had trod the soil. The faces of many of the inhabitants were familiar to me; in the towns, plains, hills, and defiles of these countries, I had enjoyed unspeakable delight, as I journied through them the year before. Some romantic village, some cottage, or elegant abode there situated, inhabited by

the lovely and the good, rose before my mental sight, and the question haunted me, is the plague there also? – That same invincible monster, which hovered over and devoured Constantinople – that fiend more cruel than tempest, less tame than fire, is, alas, unchained in that beautiful country – these reflections would not allow me to rest.

The political state of England became agitated as the time drew near when the new Protector was to be elected. This event excited the more interest, since it was the current report, that if the popular candidate (Ryland) should be chosen, the question of the abolition of hereditary rank, and other feudal relics, would come under the consideration of parliament. Not a word had been spoken during the present session on any of these topics. Every thing would depend upon the choice of a Protector, and the elections of the ensuing year. Yet this very silence was awful, shewing the deep weight attributed to the question; the fear of either party to hazard an ill-timed attack, and the expectation of a furious contention when it should begin.

But although St. Stephen’s did not echo with the voice which filled each heart, the newspapers teemed with nothing else; and in private companies the conversation however remotely begun, soon verged towards this central point, while voices were lowered and chairs drawn closer. The nobles did not hesitate to express their fear; the other party endeavoured to treat the matter lightly. “Shame on the country,” said Ryland, “to lay so much stress upon words and frippery; it is a question of nothing; of the new painting of carriage-pannels and the embroidery of footmen’s coats.”

Yet could England indeed doff her lordly trappings, and be content with the democratic style of America? Were the pride of ancestry, the patrician spirit, the gentle courtesies and refined pursuits, splendid attributes of

rank, to be erased among us? We were told that this would not be the case; that we were by nature a poetical people, a nation easily duped by words, ready to array clouds in splendour, and bestow honour on the dust. This spirit we could never lose; and it was to diffuse this concentrated spirit of birth, that the new law was to be brought forward. We were assured that, when the name and title of Englishman was the sole patent of nobility, we should all be noble; that when no man born under English sway, felt another his superior in rank, courtesy and refinement would become the birth-right of all our countrymen. Let not England be so far disgraced, as to have it imagined that it can be without nobles, nature's true nobility, who bear their patent in their mien, who are from their cradle elevated above the rest of their species, because they are better than the rest. Among a race of independent, and generous, and well educated men, in a country where the imagination is empress of men's minds, there needs be no fear that we should want a perpetual succession of the high-born and lordly. That party, however, could hardly yet be considered a minority in the kingdom, who extolled the ornament of the column, "the Corinthian capital of polished society;" they appealed to prejudices without number, to old attachments and young hopes; to the expectation of thousands who might one day become peers; they set up as a scarecrow, the spectre of all that was sordid, mechanic and base in the commercial republics.

The plague had come to Athens. Hundreds of English residents returned to their own country. Raymond's beloved Athenians, the free, the noble people of the divinest town in Greece, fell like ripe corn before the merciless sickle of the adversary. Its pleasant places were deserted; its temples and palaces were converted into tombs; its energies, bent before towards the highest objects of human ambition, were now forced to converge

to one point, the guarding against the innumerous arrows of the plague.

At any other time this disaster would have excited extreme compassion among us; but it was now passed over, while each mind was engaged by the coming controversy. It was not so with me; and the question of rank and right dwindled to insignificance in my eyes, when I pictured the scene of suffering Athens. I heard of the death of only sons; of wives and husbands most devoted; of the rending of ties twisted with the heart's fibres, of friend losing friend, and young mothers mourning for their first born; and these moving incidents were grouped and painted in my mind by the knowledge of the persons, by my esteem and affection for the sufferers. It was the admirers, friends, fellow soldiers of Raymond, families that had welcomed Perdita to Greece, and lamented with her the loss of her lord, that were swept away, and went to dwell with them in the undistinguishing tomb.

The plague at Athens had been preceded and caused by the contagion from the East; and the scene of havoc and death continued to be acted there, on a scale of fearful magnitude. A hope that the visitation of the present year would prove the last, kept up the spirits of the merchants connected with these countries; but the inhabitants were driven to despair, or to a resignation which, arising from fanaticism, assumed the same dark hue. America had also received the taint; and, were it yellow fever or plague, the epidemic was gifted with a virulence before unfelt. The devastation was not confined to the towns, but spread throughout the country; the hunter died in the woods, the peasant in the corn-fields, and the fisher on his native waters.

A strange story was brought to us from the East, to which little credit would have been given, had not the fact been attested by a multitude of witnesses, in various

parts of the world. On the twenty-first of June, it was said that an hour before noon, a black sun arose: an orb, the size of that luminary, but dark, defined, whose beams were shadows, ascended from the west; in about an hour it had reached the meridian, and eclipsed the bright parent of day. Night fell upon every country, night, sudden, rayless, entire. The stars came out, shedding their ineffectual glimmerings on the light-widowed earth. But soon the dim orb passed from over the sun, and lingered down the eastern heaven. As it descended, its dusky rays crossed the brilliant ones of the sun, and deadened or distorted them. The shadows of things assumed strange and ghastly shapes. The wild animals in the woods took fright at the unknown shapes figured on the ground. They fled they knew not whither; and the citizens were filled with greater dread, at the convulsion which “shook lions into civil streets;” – birds, strong-winged eagles, suddenly blinded, fell in the market-places, while owls and bats shewed themselves welcoming the early night. Gradually the object of fear sank beneath the horizon, and to the last shot up shadowy beams into the otherwise radiant air. Such was the tale sent us from Asia, from the eastern extremity of Europe, and from Africa as far west as the Golden Coast. Whether this story were true or not, the effects were certain. Through Asia, from the banks of the Nile to the shores of the Caspian, from the Hellespont even to the sea of Oman, a sudden panic was driven. The men filled the mosques; the women, veiled, hastened to the tombs, and carried offerings to the dead, thus to preserve the living. The plague was forgotten, in this new fear which the black sun had spread; and, though the dead multiplied, and the streets of Ispahan, of Pekin, and of Delhi were strewed with pestilence-struck corpses, men passed on, gazing on the ominous sky, regardless of the death beneath their feet. The christians sought their

churches, – christian maidens, even at the feast of roses, clad in white, with shining veils, sought, in long procession, the places consecrated to their religion, filling the air with their hymns; while, ever and anon, from the lips of some poor mourner in the crowd, a voice of wailing burst, and the rest looked up, fancying they could discern the sweeping wings of angels, who passed over the earth, lamenting the disasters about to fall on man.

In the sunny clime of Persia, in the crowded cities of China, amidst the aromatic groves of Cashmere, and along the southern shores of the Mediterranean, such scenes had place. Even in Greece the tale of the sun of darkness encreased the fears and despair of the dying multitude. We, in our cloudy isle, were far removed from danger, and the only circumstance that brought these disasters at all home to us, was the daily arrival of vessels from the east, crowded with emigrants, mostly English; for the Moslems, though the fear of death was spread keenly among them, still clung together; that, if they were to die (and if they were, death would as readily meet them on the homeless sea, or in far England, as in Persia,) – if they were to die, their bones might rest in earth made sacred by the relics of true believers. Mecca had never before been so crowded with pilgrims; yet the Arabs neglected to pillage the caravans, but, humble and weaponless, they joined the procession, praying Mahomet to avert plague from their tents and deserts.

I cannot describe the rapturous delight with which I turned from political brawls at home, and the physical evils of distant countries, to my own dear home, to the selected abode of goodness and love; to peace, and the interchange of every sacred sympathy. Had I never quitted Windsor, these emotions would not have been so intense; but I had in Greece been the prey of fear and

deplorable change; in Greece, after a period of anxiety and sorrow, I had seen depart two, whose very names were the symbol of greatness and virtue. But such miseries could never intrude upon the domestic circle left to me, while, secluded in our beloved forest, we passed our lives in tranquillity. Some small change indeed the progress of years brought here; and time, as it is wont, stamped the traces of mortality on our pleasures and expectations. Idris, the most affectionate wife, sister and friend, was a tender and loving mother. The feeling was not with her as with many, a pastime; it was a passion. We had had three children; one, the second in age, died while I was in Greece. This had dashed the triumphant and rapturous emotions of maternity with grief and fear. Before this event, the little beings, sprung from herself, the young heirs of her transient life, seemed to have a sure lease of existence; now she dreaded that the pitiless destroyer might snatch her remaining darlings, as it had snatched their brother. The least illness caused throes of terror; she was miserable if she were at all absent from them; her treasure of happiness she had garnered in their fragile being, and kept forever on the watch, lest the insidious thief should as before steal these valued gems. She had fortunately small cause for fear. Alfred, now nine years old, was an upright, manly little fellow, with radiant brow, soft eyes, and gentle, though independent disposition. Our youngest was yet in infancy; but his downy cheek was sprinkled with the roses of health, and his unwearied vivacity filled our halls with innocent laughter.

Clara had passed the age which, from its mute ignorance, was the source of the fears of Idris. Clara was dear to her, to all. There was so much intelligence combined with innocence, sensibility with forbearance, and seriousness with perfect good-humour, a beauty so

transcendant, united to such endearing simplicity, that she hung like a pearl in the shrine of our possessions, a treasure of wonder and excellence.

At the beginning of winter our Alfred, now nine years of age, first went to school at Eton. This appeared to him the primary step towards manhood, and he was proportionably pleased. Community of study and amusement developed the best parts of his character, his steady perseverance, generosity, and well-governed firmness. What deep and sacred emotions are excited in a father's bosom, when he first becomes convinced that his love for his child is not a mere instinct, but worthily bestowed, and that others, less akin, participate his approbation! It was supreme happiness to Idris and myself, to find that the frankness which Alfred's open brow indicated, the intelligence of his eyes, the tempered sensibility of his tones, were not delusions, but indications of talents and virtues, which would "grow with his growth, and strengthen with his strength." At this period, the termination of an animal's love for its offspring, – the true affection of the human parent commences. We no longer look on this dearest part of ourselves, as a tender plant which we must cherish, or a plaything for an idle hour. We build now on his intellectual faculties, we establish our hopes on his moral propensities. His weakness still imparts anxiety to this feeling, his ignorance prevents entire intimacy; but we begin to respect the future man, and to endeavour to secure his esteem, even as if he were our equal. What can a parent have more at heart than the good opinion of his child? In all our transactions with him our honour must be inviolate, the integrity of our relations untainted: fate and circumstance may, when he arrives at maturity, separate us for ever – but, as his aegis in danger, his consolation in hardship, let the ardent youth

for ever bear with him through the rough path of life, love and honour for his parents.

We had lived so long in the vicinity of Eton, that its population of young folks was well known to us. Many of them had been Alfred's playmates, before they became his school-fellows. We now watched this youthful congregation with redoubled interest. We marked the difference of character among the boys, and endeavoured to read the future man in the stripling. There is nothing more lovely, to which the heart more yearns than a free-spirited boy, gentle, brave, and generous. Several of the Etonians had these characteristics; all were distinguished by a sense of honour, and spirit of enterprize; in some, as they verged towards manhood, this degenerated into presumption; but the younger ones, lads a little older than our own, were conspicuous for their gallant and sweet dispositions.

Here were the future governors of England; the men, who, when our ardour was cold, and our projects completed or destroyed for ever, when, our drama acted, we doffed the garb of the hour, and assumed the uniform of age, or of more equalizing death; here were the beings who were to carry on the vast machine of society; here were the lovers, husbands, fathers; here the landlord, the politician, the soldier; some fancied that they were even now ready to appear on the stage, eager to make one among the dramatis personae of active life. It was not long since I was like one of these beardless aspirants; when my boy shall have obtained the place I now hold, I shall have tottered into a grey-headed, wrinkled old man. Strange system! Riddle of the Sphynx, most awe-striking! that thus man remains, while we the individuals pass away. Such is, to borrow the words of an eloquent and philosophic writer, "the mode of existence decreed to a permanent body composed of transitory

parts; wherein, by the disposition of a stupendous wisdom, moulding together the great mysterious incorporation of the human race, the whole, at one time, is never old, or middle-aged, or young, but, in a condition of unchangeable constancy, moves on through the varied tenour of perpetual decay, fall, renovation, and progression."

Willingly do I give place to thee, dear Alfred! advance, offspring of tender love, child of our hopes; advance a soldier on the road to which I have been the pioneer! I will make way for thee. I have already put off the carelessness of childhood, the unlined brow, and springy gait of early years, that they may adorn thee. Advance; and I will despoil myself still further for thy advantage. Time shall rob me of the graces of maturity, shall take the fire from my eyes, and agility from my limbs, shall steal the better part of life, eager expectation and passionate love, and shower them in double portion on thy dear head. Advance! avail thyself of the gift, thou and thy comrades; and in the drama you are about to act, do not disgrace those who taught you to enter on the stage, and to pronounce becomingly the parts assigned to you! May your progress be uninterrupted and secure; born during the spring-tide of the hopes of man, may you lead up the summer to which no winter may succeed!

CHAPTER V

SOME disorder had surely crept into the course of the elements, destroying their benignant influence. The wind, prince of air, raged through his kingdom, lashing the sea into fury, and subduing the rebel earth into some sort of obedience.

The God sends down his angry plagues from high,

Famine and pestilence in heaps they die.

Again in vengeance of his wrath he falls

On their great hosts, and breaks their tottering walls;

Arrests their navies on the ocean's plain,

And whelms their strength with mountains of the main.

Their deadly power shook the flourishing countries of the south, and during winter, even, we, in our northern retreat, began to quake under their ill effects.

That fable is unjust, which gives the superiority to the sun over the wind. Who has not seen the lightsome earth, the balmy atmosphere, and basking nature become dark, cold and ungenial, when the sleeping wind has awoke in the east? Or, when the dun clouds thickly veil the sky, while exhaustless stores of rain are poured down, until, the dank earth refusing to imbibe the superabundant moisture, it lies in pools on the surface; when the torch of day seems like a meteor, to be quenched; who has not seen the cloud-stirring north

arise, the streaked blue appear, and soon an opening made in the vapours in the eye of the wind, through which the bright azure shines? The clouds become thin; an arch is formed for ever rising upwards, till, the universal cope being unveiled, the sun pours forth its rays, re-animated and fed by the breeze.

Then mighty art thou, O wind, to be throned above all other vicegerents of nature's power; whether thou comest destroying from the east, or pregnant with elementary life from the west; thee the clouds obey; the sun is subservient to thee; the shoreless ocean is thy slave! Thou sweepest over the earth, and oaks, the growth of centuries, submit to thy viewless axe; the snow-drift is scattered on the pinnacles of the Alps, the avalanche thunders down their vallies. Thou holdest the keys of the frost, and canst first chain and then set free the streams; under thy gentle governance the buds and leaves are born, they flourish nursed by thee.

Why dost thou howl thus, O wind? By day and by night for four long months thy roarings have not ceased – the shores of the sea are strewn with wrecks, its keel-welcoming surface has become impassable, the earth has shed her beauty in obedience to thy command; the frail balloon dares no longer sail on the agitated air; thy ministers, the clouds, deluge the land with rain; rivers forsake their banks; the wild torrent tears up the mountain path; plain and wood, and verdant dell are despoiled of their loveliness; our very cities are wasted by thee. Alas, what will become of us? It seems as if the giant waves of ocean, and vast arms of the sea, were about to wrench the deep-rooted island from its centre; and cast it, a ruin and a wreck, upon the fields of the Atlantic.

What are we, the inhabitants of this globe, least among the many that people infinite space? Our minds embrace infinity; the visible mechanism of our being is subject to

merest accident. Day by day we are forced to believe this. He whom a scratch has disorganized, he who disappears from apparent life under the influence of the hostile agency at work around us, had the same powers as I – I also am subject to the same laws. In the face of all this we call ourselves lords of the creation, wielders of the elements, masters of life and death, and we allege in excuse of this arrogance, that though the individual is destroyed, man continues forever.

Thus, losing our identity, that of which we are chiefly conscious, we glory in the continuity of our species, and learn to regard death without terror. But when any whole nation becomes the victim of the destructive powers of exterior agents, then indeed man shrinks into insignificance, he feels his tenure of life insecure, his inheritance on earth cut off.

I remember, after having witnessed the destructive effects of a fire, I could not even behold a small one in a stove, without a sensation of fear. The mounting flames had curled round the building, as it fell, and was destroyed. They insinuated themselves into the substances about them, and the impediments to their progress yielded at their touch. Could we take integral parts of this power, and not be subject to its operation? Could we domesticate a cub of this wild beast, and not fear its growth and maturity?

Thus we began to feel, with regard to many-visaged death let loose on the chosen districts of our fair habitation, and above all, with regard to the plague. We feared the coming summer. Nations, bordering on the already infected countries, began to enter upon serious plans for the better keeping out of the enemy. We, a commercial people, were obliged to bring such schemes under consideration; and the question of contagion became matter of earnest disquisition.

That the plague was not what is commonly called contagious, like the scarlet fever, or extinct small-pox, was proved. It was called an epidemic. But the grand question was still unsettled of how this epidemic was generated and increased. If infection depended upon the air, the air was subject to infection. As for instance, a typhus fever has been brought by ships to one sea-port town; yet the very people who brought it there, were incapable of communicating it in a town more fortunately situated. But how are we to judge of airs, and pronounce – in such a city plague will die unproductive; in such another, nature has provided for it a plentiful harvest? In the same way, individuals may escape ninety-nine times, and receive the death-blow at the hundredth; because bodies are sometimes in a state to reject the infection of malady, and at others, thirsty to imbibe it. These reflections made our legislators pause, before they could decide on the laws to be put in force. The evil was so wide-spreading, so violent and immedicable, that no care, no prevention could be judged superfluous, which even added a chance to our escape.

These were questions of prudence; there was no immediate necessity for an earnest caution. England was still secure. France, Germany, Italy and Spain, were interposed, walls yet without a breach, between us and the plague. Our vessels truly were the sport of winds and waves, even as Gulliver was the toy of the Brobdignagians; but we on our stable abode could not be hurt in life or limb by these eruptions of nature. We could not fear – we did not. Yet a feeling of awe, a breathless sentiment of wonder, a painful sense of the degradation of humanity, was introduced into every heart. Nature, our mother, and our friend, had turned on us a brow of menace. She shewed us plainly, that, though she permitted us to assign her laws and subdue

her apparent powers, yet, if she put forth but a finger, we must quake. She could take our globe, fringed with mountains, girded by the atmosphere, containing the condition of our being, and all that man's mind could invent or his force achieve; she could take the ball in her hand, and cast it into space, where life would be drunk up, and man and all his efforts for ever annihilated.

These speculations were rife among us; yet not the less we proceeded in our daily occupations, and our plans, whose accomplishment demanded the lapse of many years. No voice was heard telling us to hold! When foreign distresses came to be felt by us through the channels of commerce, we set ourselves to apply remedies. Subscriptions were made for the emigrants, and merchants bankrupt by the failure of trade. The English spirit awoke to its full activity, and, as it had ever done, set itself to resist the evil, and to stand in the breach which diseased nature had suffered chaos and death to make in the bounds and banks which had hitherto kept them out.

At the commencement of summer, we began to feel, that the mischief which had taken place in distant countries was greater than we had at first suspected. Quito was destroyed by an earthquake. Mexico laid waste by the united effects of storm, pestilence and famine. Crowds of emigrants inundated the west of Europe; and our island had become the refuge of thousands. In the mean time Ryland had been chosen Protector. He had sought this office with eagerness, under the idea of turning his whole forces to the suppression of the privileged orders of our community. His measures were thwarted, and his schemes interrupted by this new state of things. Many of the foreigners were utterly destitute; and their increasing numbers at length forbade a recourse to the usual modes of relief. Trade was stopped by the failure of the

interchange of cargoes usual between us, and America, India, Egypt and Greece. A sudden break was made in the routine of our lives. In vain our Protector and his partizans sought to conceal this truth; in vain, day after day, he appointed a period for the discussion of the new laws concerning hereditary rank and privilege; in vain he endeavoured to represent the evil as partial and temporary. These disasters came home to so many bosoms, and, through the various channels of commerce, were carried so entirely into every class and division of the community, that of necessity they became the first question in the state, the chief subjects to which we must turn our attention.

Can it be true, each asked the other with wonder and dismay, that whole countries are laid waste, whole nations annihilated, by these disorders in nature? The vast cities of America, the fertile plains of Hindostan, the crowded abodes of the Chinese, are menaced with utter ruin. Where late the busy multitudes assembled for pleasure or profit, now only the sound of wailing and misery is heard. The air is empoisoned, and each human being inhales death, even while in youth and health, their hopes are in the flower. We called to mind the plague of 1348, when it was calculated that a third of mankind had been destroyed. As yet western Europe was uninfected; would it always be so?

O, yes, it would – Countrymen, fear not! In the still uncultivated wilds of America, what wonder that among its other giant destroyers, Plague should be numbered! It is of old a native of the East, sister of the tornado, the earthquake, and the simoon. Child of the sun, and nursling of the tropics, it would expire in these climes. It drinks the dark blood of the inhabitant of the south, but it never feasts on the pale-faced Celt. If perchance some stricken Asiatic come among us, plague dies with him, uncommunicated and innoxious. Let us weep for our

brethren, though we can never experience their reverse. Let us lament over and assist the children of the garden of the earth. Late we envied their abodes, their spicy groves, fertile plains, and abundant loveliness. But in this mortal life extremes are always matched; the thorn grows with the rose, the poison tree and the cinnamon mingle their boughs. Persia, with its cloth of gold, marble halls, and infinite wealth, is now a tomb. The tent of the Arab is fallen in the sands, and his horse spurns the ground unbridled and unsaddled. The voice of lamentation fills the valley of Cashmere; its dells and woods, its cool fountains, and gardens of roses, are polluted by the dead; in Circassia and Georgia the spirit of beauty weeps over the ruin of its favourite temple – the form of woman.

Our own distresses, though they were occasioned by the fictitious reciprocity of commerce, encreased in due proportion. Bankers, merchants, and manufacturers, whose trade depended on exports and interchange of wealth, became bankrupt. Such things, when they happen singly, affect only the immediate parties; but the prosperity of the nation was now shaken by frequent and extensive losses. Families, bred in opulence and luxury, were reduced to beggary. The very state of peace in which we gloried was injurious; there were no means of employing the idle, or of sending any overplus of population out of the country. Even the source of colonies was dried up, for in New Holland, Van Diemen’s Land, and the Cape of Good Hope, plague raged. O, for some medicinal vial to purge unwholesome nature, and bring back the earth to its accustomed health!

Ryland was a man of strong intellects and quick and sound decision in the usual course of things, but he stood aghast at the multitude of evils that gathered round us. Must he tax the landed interest to assist our commercial population? To do this, he must gain the

favour of the chief land-holders, the nobility of the country; and these were his vowed enemies – he must conciliate them by abandoning his favourite scheme of equalization; he must confirm them in their manorial rights; he must sell his cherished plans for the permanent good of his country, for temporary relief. He must aim no more at the dear object of his ambition; throwing his arms aside, he must for present ends give up the ultimate object of his endeavours. He came to Windsor to consult with us. Every day added to his difficulties; the arrival of fresh vessels with emigrants, the total cessation of commerce, the starving multitude that thronged around the palace of the Protectorate, were circumstances not to be tampered with. The blow was struck; the aristocracy obtained all they wished, and they subscribed to a twelvemonths' bill, which levied twenty per cent on all the rent-rolls of the country. Calm was now restored to the metropolis, and to the populous cities, before driven to desperation; and we returned to the consideration of distant calamities, wondering if the future would bring any alleviation to their excess. It was August; so there could be small hope of relief during the heats. On the contrary, the disease gained virulence, while starvation did its accustomed work. Thousands died unlamented; for beside the yet warm corpse the mourner was stretched, made mute by death.

On the eighteenth of this month news arrived in London that the plague was in France and Italy. These tidings were at first whispered about town; but no one dared express aloud the soul-quailing intelligence. When any one met a friend in the street, he only cried as he hurried on, "You know!" – while the other, with an ejaculation of fear and horror, would answer, – "What will become of us?" At length it was mentioned in the newspapers. The paragraph was inserted in an obscure part: "We regret to state that there can be no longer a

doubt of the plague having been introduced at Leghorn, Genoa, and Marseilles." No word of comment followed; each reader made his own fearful one. We were as a man who hears that his house is burning, and yet hurries through the streets, borne along by a lurking hope of a mistake, till he turns the corner, and sees his sheltering roof enveloped in a flame. Before it had been a rumour; but now in words uneraseable, in definite and undeniable print, the knowledge went forth. Its obscurity of situation rendered it the more conspicuous: the diminutive letters grew gigantic to the bewildered eye of fear: they seemed graven with a pen of iron, impressed by fire, woven in the clouds, stamped on the very front of the universe.

The English, whether travellers or residents, came pouring in one great revulsive stream, back on their own country; and with them crowds of Italians and Spaniards. Our little island was filled even to bursting. At first an unusual quantity of specie made its appearance with the emigrants; but these people had no means of receiving back into their hands what they spent among us. With the advance of summer, and the increase of the distemper, rents were unpaid, and their remittances failed them. It was impossible to see these crowds of wretched, perishing creatures, late nurslings of luxury, and not stretch out a hand to save them. As at the conclusion of the eighteenth century, the English unlocked their hospitable store, for the relief of those driven from their homes by political revolution; so now they were not backward in affording aid to the victims of a more wide-spreading calamity. We had many foreign friends whom we eagerly sought out, and relieved from dreadful penury. Our Castle became an asylum for the unhappy. A little population occupied its halls. The revenue of its possessor, which had always found a mode of expenditure congenial to his generous nature, was

now attended to more parsimoniously, that it might embrace a wider portion of utility. It was not however money, except partially, but the necessaries of life, that became scarce. It was difficult to find an immediate remedy. The usual one of imports was entirely cut off. In this emergency, to feed the very people to whom we had given refuge, we were obliged to yield to the plough and the mattock our pleasure-grounds and parks. Live stock diminished sensibly in the country, from the effects of the great demand in the market. Even the poor deer, our antlered proteges, were obliged to fall for the sake of worthier pensioners. The labour necessary to bring the lands to this sort of culture, employed and fed the offcasts of the diminished manufactories.

Adrian did not rest only with the exertions he could make with regard to his own possessions. He addressed himself to the wealthy of the land; he made proposals in parliament little adapted to please the rich; but his earnest pleadings and benevolent eloquence were irresistible. To give up their pleasure-grounds to the agriculturist, to diminish sensibly the number of horses kept for the purposes of luxury throughout the country, were means obvious, but unpleasing. Yet, to the honour of the English be it recorded, that, although natural disinclination made them delay awhile, yet when the misery of their fellow-creatures became glaring, an enthusiastic generosity inspired their decrees. The most luxurious were often the first to part with their indulgencies. As is common in communities, a fashion was set. The high-born ladies of the country would have deemed themselves disgraced if they had now enjoyed, what they before called a necessary, the ease of a carriage. Chairs, as in olden time, and Indian palanquins were introduced for the infirm; but else it was nothing singular to see females of rank going on foot to places of fashionable resort. It was more common, for all who

possessed landed property to secede to their estates, attended by whole troops of the indigent, to cut down their woods to erect temporary dwellings, and to portion out their parks, parterres and flower-gardens, to necessitous families. Many of these, of high rank in their own countries, now, with hoe in hand, turned up the soil. It was found necessary at last to check the spirit of sacrifice, and to remind those whose generosity proceeded to lavish waste, that, until the present state of things became permanent, of which there was no likelihood, it was wrong to carry change so far as to make a reaction difficult. Experience demonstrated that in a year or two pestilence would cease; it were well that in the mean time we should not have destroyed our fine breeds of horses, or have utterly changed the face of the ornamented portion of the country.

It may be imagined that things were in a bad state indeed, before this spirit of benevolence could have struck such deep roots. The infection had now spread in the southern provinces of France. But that country had so many resources in the way of agriculture, that the rush of population from one part of it to another, and its increase through foreign emigration, was less felt than with us. The panic struck appeared of more injury, than disease and its natural concomitants.

Winter was hailed, a general and never-failing physician. The embrowning woods, and swollen rivers, the evening mists, and morning frosts, were welcomed with gratitude. The effects of purifying cold were immediately felt; and the lists of mortality abroad were curtailed each week. Many of our visitors left us: those whose homes were far in the south, fled delightedly from our northern winter, and sought their native land, secure of plenty even after their fearful visitation. We breathed again. What the coming summer would bring, we knew

not; but the present months were our own, and our hopes of a cessation of pestilence were high.

CHAPTER VI

I HAVE lingered thus long on the extreme bank, the wasting shoal that stretched into the stream of life, dallying with the shadow of death. Thus long, I have cradled my heart in retrospection of past happiness, when hope was. Why not for ever thus? I am not immortal; and the thread of my history might be spun out to the limits of my existence. But the same sentiment that first led me to pourtray scenes replete with tender recollections, now bids me hurry on. The same yearning of this warm, panting heart, that has made me in written words record my vagabond youth, my serene manhood, and the passions of my soul, makes me now recoil from further delay. I must complete my work.

Here then I stand, as I said, beside the fleet waters of the flowing years, and now away! Spread the sail, and strain with oar, hurrying by dark impending crags, adown steep rapids, even to the sea of desolation I have reached. Yet one moment, one brief interval before I put from shore – once, once again let me fancy myself as I was in 2094 in my abode at Windsor, let me close my eyes, and imagine that the immeasurable boughs of its oaks still shadow me, its castle walls anear. Let fancy pourtray the joyous scene of the twentieth of June, such as even now my aching heart recalls it.

Circumstances had called me to London; here I heard talk that symptoms of the plague had occurred in hospitals of that city. I returned to Windsor; my brow was clouded, my heart heavy; I entered the Little Park, as was my custom, at the Frogmore gate, on my way to the Castle. A great part of these grounds had been given

to cultivation, and strips of potatoe-land and corn were scattered here and there. The rooks cawed loudly in the trees above; mixed with their hoarse cries I heard a lively strain of music. It was Alfred’s birthday. The young people, the Etonians, and children of the neighbouring gentry, held a mock fair, to which all the country people were invited. The park was speckled by tents, whose flaunting colours and gaudy flags, waving in the sunshine, added to the gaiety of the scene. On a platform erected beneath the terrace, a number of the younger part of the assembly were dancing. I leaned against a tree to observe them. The band played the wild eastern air of Weber introduced in Abon Hassan; its volatile notes gave wings to the feet of the dancers, while the lookers-on unconsciously beat time. At first the tripping measure lifted my spirit with it, and for a moment my eyes gladly followed the mazes of the dance. The revulsion of thought passed like keen steel to my heart. Ye are all going to die, I thought; already your tomb is built up around you. Awhile, because you are gifted with agility and strength, you fancy that you live: but frail is the “bower of flesh” that encaskets life; dissoluble the silver cord than binds you to it. The joyous soul, charioted from pleasure to pleasure by the graceful mechanism of well-formed limbs, will suddenly feel the axle-tree give way, and spring and wheel dissolve in dust. Not one of you, O! fated crowd, can escape – not one! not my own ones! not my Idris and her babes! Horror and misery! Already the gay dance vanished, the green sward was strewn with corpses, the blue air above became fetid with deathly exhalations. Shriek, ye clarions! ye loud trumpets, howl! Pile dirge on dirge; rouse the funereal chords; let the air ring with dire wailing; let wild discord rush on the wings of the wind! Already I hear it, while guardian angels, attendant on humanity, their task achieved, hasten away, and their

departure is announced by melancholy strains; faces all unseemly with weeping, forced open my lids; faster and faster many groups of these woe-begone countenances thronged around, exhibiting every variety of wretchedness – well known faces mingled with the distorted creations of fancy. Ashy pale, Raymond and Perdita sat apart, looking on with sad smiles. Adrian's countenance flitted across, tainted by death – Idris, with eyes languidly closed and livid lips, was about to slide into the wide grave. The confusion grew – their looks of sorrow changed to mockery; they nodded their heads in time to the music, whose clang became maddening.

I felt that this was insanity – I sprang forward to throw it off; I rushed into the midst of the crowd. Idris saw me: with light step she advanced; as I folded her in my arms, feeling, as I did, that I thus enclosed what was to me a world, yet frail as the waterdrop which the noon-day sun will drink from the water lily's cup; tears filled my eyes, unwont to be thus moistened. The joyful welcome of my boys, the soft gratulation of Clara, the pressure of Adrian's hand, contributed to unman me. I felt that they were near, that they were safe, yet methought this was all deceit; – the earth reeled, the firm-enrooted trees moved – dizziness came over me – I sank to the ground.

My beloved friends were alarmed – nay, they expressed their alarm so anxiously, that I dared not pronounce the word plague, that hovered on my lips, lest they should construe my perturbed looks into a symptom, and see infection in my languor. I had scarcely recovered, and with feigned hilarity had brought back smiles into my little circle, when we saw Ryland approach.

Ryland had something the appearance of a farmer; of a man whose muscles and full grown stature had been developed under the influence of vigorous exercise and exposure to the elements. This was to a great degree the case: for, though a large landed proprietor, yet, being a

projector, and of an ardent and industrious disposition, he had on his own estate given himself up to agricultural labours. When he went as ambassador to the Northern States of America, he, for some time, planned his entire migration; and went so far as to make several journies far westward on that immense continent, for the purpose of choosing the site of his new abode. Ambition turned his thoughts from these designs – ambition, which labouring through various lets and hindrances, had now led him to the summit of his hopes, in making him Lord Protector of England.

His countenance was rough but intelligent – his ample brow and quick grey eyes seemed to look out, over his own plans, and the opposition of his enemies. His voice was stentorian: his hand stretched out in debate, seemed by its gigantic and muscular form, to warn his hearers that words were not his only weapons. Few people had discovered some cowardice and much infirmity of purpose under this imposing exterior. No man could crush a “butterfly on the wheel” with better effect; no man better cover a speedy retreat from a powerful adversary. This had been the secret of his secession at the time of Lord Raymond’s election. In the unsteady glance of his eye, in his extreme desire to learn the opinions of all, in the feebleness of his hand-writing, these qualities might be obscurely traced, but they were not generally known. He was now our Lord Protector. He had canvassed eagerly for this post. His protectorate was to be distinguished by every kind of innovation on the aristocracy. This his selected task was exchanged for the far different one of encountering the ruin caused by the convulsions of physical nature. He was incapable of meeting these evils by any comprehensive system; he had resorted to expedient after expedient, and could never be induced to put a remedy in force, till it came too late to be of use.

Certainly the Ryland that advanced towards us now, bore small resemblance to the powerful, ironical, seemingly fearless canvasser for the first rank among Englishmen. Our native oak, as his partisans called him, was visited truly by a nipping winter. He scarcely appeared half his usual height; his joints were unknit, his limbs would not support him; his face was contracted, his eye wandering; debility of purpose and dastard fear were expressed in every gesture.

In answer to our eager questions, one word alone fell, as it were involuntarily, from his convulsed lips: The Plague. – “Where?” – “Every where – we must fly – all fly – but whither? No man can tell – there is no refuge on earth, it comes on us like a thousand packs of wolves – we must all fly – where shall you go? Where can any of us go?”

These words were syllabled trembling by the iron man. Adrian replied, “Whither indeed would you fly? We must all remain; and do our best to help our suffering fellow-creatures.”

“Help!” said Ryland, “there is no help! – great God, who talks of help! All the world has the plague!”

“Then to avoid it, we must quit the world,” observed Adrian, with a gentle smile.

Ryland groaned; cold drops stood on his brow. It was useless to oppose his paroxysm of terror: but we soothed and encouraged him, so that after an interval he was better able to explain to us the ground of his alarm. It had come sufficiently home to him. One of his servants, while waiting on him, had suddenly fallen down dead. The physician declared that he died of the plague. We endeavoured to calm him – but our own hearts were not calm. I saw the eye of Idris wander from me to her children, with an anxious appeal to my judgment. Adrian was absorbed in meditation. For myself, I own that Ryland’s words rang in my ears; all the world was

infected; – in what uncontaminated seclusion could I save my beloved treasures, until the shadow of death had passed from over the earth? We sunk into silence: a silence that drank in the doleful accounts and prognostications of our guest. We had receded from the crowd; and ascending the steps of the terrace, sought the Castle. Our change of cheer struck those nearest to us; and, by means of Ryland's servants, the report soon spread that he had fled from the plague in London. The sprightly parties broke up – they assembled in whispering groups. The spirit of gaiety was eclipsed; the music ceased; the young people left their occupations and gathered together. The lightness of heart which had dressed them in masquerade habits, had decorated their tents, and assembled them in fantastic groups, appeared a sin against, and a provocative to, the awful destiny that had laid its palsying hand upon hope and life. The merriment of the hour was an unholy mockery of the sorrows of man. The foreigners whom we had among us, who had fled from the plague in their own country, now saw their last asylum invaded; and, fear making them garrulous, they described to eager listeners the miseries they had beheld in cities visited by the calamity, and gave fearful accounts of the insidious and irremediable nature of the disease.

We had entered the Castle. Idris stood at a window that over-looked the park; her maternal eyes sought her own children among the young crowd. An Italian lad had got an audience about him, and with animated gestures was describing some scene of horror. Alfred stood immoveable before him, his whole attention absorbed. Little Evelyn had endeavoured to draw Clara away to play with him; but the Italian's tale arrested her, she crept near, her lustrous eyes fixed on the speaker. Either watching the crowd in the park, or occupied by painful reflection, we were all silent; Ryland stood by himself in

an embrasure of the window; Adrian paced the hall, revolving some new and overpowering idea – suddenly he stopped and said: “I have long expected this; could we in reason expect that this island should be exempt from the universal visitation? The evil is come home to us, and we must not shrink from our fate. What are your plans, my Lord Protector, for the benefit of our country?”

“For heaven’s love! Windsor,” cried Ryland, “do not mock me with that title. Death and disease level all men. I neither pretend to protect nor govern an hospital – such will England quickly become.”

“Do you then intend, now in time of peril, to recede from your duties?”

“Duties! speak rationally, my Lord! – when I am a plague-spotted corpse, where will my duties be? Every man for himself! the devil take the protectorship, say I, if it expose me to danger!”

“Faint-hearted man!” cried Adrian indignantly – “Your countrymen put their trust in you, and you betray them!”

“I betray them!” said Ryland, “the plague betrays me. Faint-hearted! It is well, shut up in your castle, out of danger, to boast yourself out of fear. Take the Protectorship who will; before God I renounce it!”

“And before God,” replied his opponent, fervently, “do I receive it! No one will canvass for this honour now – none envy my danger or labours. Deposit your powers in my hands. Long have I fought with death, and much” (he stretched out his thin hand) “much have I suffered in the struggle. It is not by flying, but by facing the enemy, that we can conquer. If my last combat is now about to be fought, and I am to be worsted – so let it be!”

“But come, Ryland, recollect yourself! Men have hitherto thought you magnanimous and wise, will you cast aside these titles? Consider the panic your departure will occasion. Return to London. I will go with you. Encourage the people by your presence. I will incur

all the danger. Shame! shame! if the first magistrate of England be foremost to renounce his duties.”

Meanwhile among our guests in the park, all thoughts of festivity had faded. As summer-flies are scattered by rain, so did this congregation, late noisy and happy, in sadness and melancholy murmurs break up, dwindling away apace. With the set sun and the deepening twilight the park became nearly empty. Adrian and Ryland were still in earnest discussion. We had prepared a banquet for our guests in the lower hall of the castle; and thither Idris and I repaired to receive and entertain the few that remained. There is nothing more melancholy than a merry-meeting thus turned to sorrow: the gala dresses – the decorations, gay as they might otherwise be, receive a solemn and funereal appearance. If such change be painful from lighter causes, it weighed with intolerable heaviness from the knowledge that the earth’s desolator had at last, even as an arch-fiend, lightly over-leaped the boundaries our precautions raised, and at once enthroned himself in the full and beating heart of our country. Idris sat at the top of the half-empty hall. Pale and tearful, she almost forgot her duties as hostess; her eyes were fixed on her children. Alfred’s serious air shewed that he still revolved the tragic story related by the Italian boy. Evelyn was the only mirthful creature present: he sat on Clara’s lap; and, making matter of glee from his own fancies, laughed aloud. The vaulted roof echoed again his infant tone. The poor mother who had brooded long over, and suppressed the expression of her anguish, now burst into tears, and folding her babe in her arms, hurried from the hall. Clara and Alfred followed. While the rest of the company, in confused murmur, which grew louder and louder, gave voice to their many fears.

The younger part gathered round me to ask my advice; and those who had friends in London were anxious

beyond the rest, to ascertain the present extent of disease in the metropolis. I encouraged them with such thoughts of cheer as presented themselves. I told them exceedingly few deaths had yet been occasioned by pestilence, and gave them hopes, as we were the last visited, so the calamity might have lost its most venomous power before it had reached us. The cleanliness, habits of order, and the manner in which our cities were built, were all in our favour. As it was an epidemic, its chief force was derived from pernicious qualities in the air, and it would probably do little harm where this was naturally salubrious. At first, I had spoken only to those nearest me; but the whole assembly gathered about me, and I found that I was listened to by all. “My friends,” I said, “our risk is common; our precautions and exertions shall be common also. If manly courage and resistance can save us, we will be saved. We will fight the enemy to the last. Plague shall not find us a ready prey; we will dispute every inch of ground; and, by methodical and inflexible laws, pile invincible barriers to the progress of our foe. Perhaps in no part of the world has she met with so systematic and determined an opposition. Perhaps no country is naturally so well protected against our invader; nor has nature anywhere been so well assisted by the hand of man. We will not despair. We are neither cowards nor fatalists; but, believing that God has placed the means for our preservation in our own hands, we will use those means to our utmost. Remember that cleanliness, sobriety, and even good-humour and benevolence, are our best medicines.”

There was little I could add to this general exhortation; for the plague, though in London, was not among us. I dismissed the guests therefore; and they went thoughtful, more than sad, to await the events in store for them.

I now sought Adrian, anxious to hear the result of his discussion with Ryland. He had in part prevailed; the Lord Protector consented to return to London for a few weeks; during which time things should be so arranged, as to occasion less consternation at his departure. Adrian and Idris were together. The sadness with which the former had first heard that the plague was in London had vanished; the energy of his purpose informed his body with strength, the solemn joy of enthusiasm and self-devotion illuminated his countenance; and the weakness of his physical nature seemed to pass from him, as the cloud of humanity did, in the ancient fable, from the divine lover of Semele. He was endeavouring to encourage his sister, and to bring her to look on his intent in a less tragic light than she was prepared to do; and with passionate eloquence he unfolded his designs to her.

"Let me, at the first word," he said, "relieve your mind from all fear on my account. I will not task myself beyond my powers, nor will I needlessly seek danger. I feel that I know what ought to be done, and as my presence is necessary for the accomplishment of my plans, I will take especial care to preserve my life.

"I am now going to undertake an office fitted for me. I cannot intrigue, or work a tortuous path through the labyrinth of men's vices and passions; but I can bring patience, and sympathy, and such aid as art affords, to the bed of disease; I can raise from earth the miserable orphan, and awaken to new hopes the shut heart of the mourner. I can enchain the plague in limits, and set a term to the misery it would occasion; courage, forbearance, and watchfulness, are the forces I bring towards this great work.

"O, I shall be something now! From my birth I have aspired like the eagle – but, unlike the eagle, my wings have failed, and my vision has been blinded.

Disappointment and sickness have hitherto held dominion over me; twin born with me, my would, was for ever enchained by the shall not, of these my tyrants. A shepherd-boy that tends a silly flock on the mountains, was more in the scale of society than I. Congratulate me then that I have found fitting scope for my powers. I have often thought of offering my services to the pestilence-stricken towns of France and Italy; but fear of paining you, and expectation of this catastrophe, withheld me. To England and to Englishmen I dedicate myself. If I can save one of her mighty spirits from the deadly shaft; if I can ward disease from one of her smiling cottages, I shall not have lived in vain."

Strange ambition this! Yet such was Adrian. He appeared given up to contemplation, averse to excitement, a lowly student, a man of visions – but afford him worthy theme, and –

Like to the lark at break of day arising,

From sullen earth, sings hymns at heaven's gate .

so did he spring up from listlessness and unproductive thought, to the highest pitch of virtuous action.

With him went enthusiasm, the high-wrought resolve, the eye that without blenching could look at death. With us remained sorrow, anxiety, and unendurable expectation of evil. The man, says Lord Bacon, who hath wife and children, has given hostages to fortune. Vain was all philosophical reasoning – vain all fortitude – vain, vain, a reliance on probable good. I might heap high the scale with logic, courage, and resignation – but let one fear for Idris and our children enter the opposite one, and, over-weighed, it kicked the beam.

The plague was in London! Fools that we were not long ago to have foreseen this. We wept over the ruin of the boundless continents of the east, and the desolation of

the western world; while we fancied that the little channel between our island and the rest of the earth was to preserve us alive among the dead. It were no mighty leap methinks from Calais to Dover. The eye easily discerns the sister land; they were united once; and the little path that runs between looks in a map but as a trodden footway through high grass. Yet this small interval was to save us: the sea was to rise a wall of adamant – without, disease and misery – within, a shelter from evil, a nook of the garden of paradise – a particle of celestial soil, which no evil could invade – truly we were wise in our generation, to imagine all these things!

But we are awake now. The plague is in London; the air of England is tainted, and her sons and daughters strew the unwholesome earth. And now, the sea, late our defence, seems our prison bound; hemmed in by its gulphs, we shall die like the famished inhabitants of a besieged town. Other nations have a fellowship in death; but we, shut out from all neighbourhood, must bury our own dead, and little England become a wide, wide tomb.

This feeling of universal misery assumed concentration and shape, when I looked on my wife and children; and the thought of danger to them possessed my whole being with fear. How could I save them? I revolved a thousand and a thousand plans. They should not die – first I would be gathered to nothingness, ere infection should come anear these idols of my soul. I would walk barefoot through the world, to find an uninfected spot; I would build my home on some wave-tossed plank, drifted about on the barren, shoreless ocean. I would betake me with them to some wild beast’s den, where a tyger’s cubs, which I would slay, had been reared in health. I would seek the mountain eagle’s eirie, and live years suspended in some inaccessible recess of a sea-bounding cliff – no labour too great, no scheme too wild,

if it promised life to them. O! ye heart-strings of mine, could ye be torn asunder, and my soul not spend itself in tears of blood for sorrow!

Idris, after the first shock, regained a portion of fortitude. She studiously shut out all prospect of the future, and cradled her heart in present blessings. She never for a moment lost sight of her children. But while they in health sported about her, she could cherish contentment and hope. A strange and wild restlessness came over me – the more intolerable, because I was forced to conceal it. My fears for Adrian were ceaseless; August had come; and the symptoms of plague encreased rapidly in London. It was deserted by all who possessed the power of removing; and he, the brother of my soul, was exposed to the perils from which all but slaves enchained by circumstance fled. He remained to combat the fiend – his side unguarded, his toils unshared – infection might even reach him, and he die unattended and alone. By day and night these thoughts pursued me. I resolved to visit London, to see him; to quiet these agonizing throes by the sweet medicine of hope, or the opiate of despair.

It was not until I arrived at Brentford, that I perceived much change in the face of the country. The better sort of houses were shut up; the busy trade of the town palsied; there was an air of anxiety among the few passengers I met, and they looked wonderingly at my carriage – the first they had seen pass towards London, since pestilence sat on its high places, and possessed its busy streets. I met several funerals; they were slenderly attended by mourners, and were regarded by the spectators as omens of direst import. Some gazed on these processions with wild eagerness – others fled timidly – some wept aloud.

Adrian’s chief endeavour, after the immediate succour of the sick, had been to disguise the symptoms and

progress of the plague from the inhabitants of London. He knew that fear and melancholy forebodings were powerful assistants to disease; that desponding and brooding care rendered the physical nature of man peculiarly susceptible of infection. No unseemly sights were therefore discernible: the shops were in general open, the concourse of passengers in some degree kept up. But although the appearance of an infected town was avoided, to me, who had not beheld it since the commencement of the visitation, London appeared sufficiently changed. There were no carriages, and grass had sprung high in the streets; the houses had a desolate look; most of the shutters were closed; and there was a ghast and frightened stare in the persons I met, very different from the usual business-like demeanour of the Londoners. My solitary carriage attracted notice, as it rattled along towards the Protectoral Palace – and the fashionable streets leading to it wore a still more dreary and deserted appearance. I found Adrian's anti-chamber crowded – it was his hour for giving audience. I was unwilling to disturb his labours, and waited, watching the ingress and egress of the petitioners. They consisted of people of the middling and lower classes of society, whose means of subsistence failed with the cessation of trade, and of the busy spirit of money-making in all its branches, peculiar to our country. There was an air of anxiety, sometimes of terror in the new-comers, strongly contrasted with the resigned and even satisfied mien of those who had had audience. I could read the influence of my friend in their quickened motions and cheerful faces. Two o'clock struck, after which none were admitted; those who had been disappointed went sullenly or sorrowfully away, while I entered the audience-chamber.

I was struck by the improvement that appeared in the health of Adrian. He was no longer bent to the ground,

like an over-nursed flower of spring, that, shooting up beyond its strength, is weighed down even by its own coronal of blossoms. His eyes were bright, his countenance composed, an air of concentrated energy was diffused over his whole person, much unlike its former languor. He sat at a table with several secretaries, who were arranging petitions, or registering the notes made during that day's audience. Two or three petitioners were still in attendance. I admired his justice and patience. Those who possessed a power of living out of London, he advised immediately to quit it, affording them the means of so doing. Others, whose trade was beneficial to the city, or who possessed no other refuge, he provided with advice for better avoiding the epidemic; relieving overloaded families, supplying the gaps made in others by death. Order, comfort, and even health, rose under his influence, as from the touch of a magician's wand.

"I am glad you are come," he said to me, when we were at last alone; "I can only spare a few minutes, and must tell you much in that time. The plague is now in progress – it is useless closing one's eyes to the fact – the deaths encrease each week. What will come I cannot guess. As yet, thank God, I am equal to the government of the town; and I look only to the present. Ryland, whom I have so long detained, has stipulated that I shall suffer him to depart before the end of this month. The deputy appointed by parliament is dead; another therefore must be named; I have advanced my claim, and I believe that I shall have no competitor. Tonight the question is to be decided, as there is a call of the house for the purpose. You must nominate me, Lionel; Ryland, for shame, cannot shew himself; but you, my friend, will do me this service?

How lovely is devotion! Here was a youth, royally sprung, bred in luxury, by nature averse to the usual

struggles of a public life, and now, in time of danger, at a period when to live was the utmost scope of the ambitious, he, the beloved and heroic Adrian, made, in sweet simplicity, an offer to sacrifice himself for the public good. The very idea was generous and noble, – but, beyond this, his unpretending manner, his entire want of the assumption of a virtue, rendered his act ten times more touching. I would have withstood his request; but I had seen the good he diffused; I felt that his resolves were not to be shaken, so, with an heavy heart, I consented to do as he asked. He grasped my hand affectionately: – “Thank you,” he said, “you have relieved me from a painful dilemma, and are, as you ever were, the best of my friends. Farewell – I must now leave you for a few hours. Go you and converse with Ryland. Although he deserts his post in London, he may be of the greatest service in the north of England, by receiving and assisting travellers, and contributing to supply the metropolis with food. Awaken him, I entreat you, to some sense of duty.”

Adrian left me, as I afterwards learnt, upon his daily task of visiting the hospitals, and inspecting the crowded parts of London. I found Ryland much altered, even from what he had been when he visited Windsor. Perpetual fear had jaundiced his complexion, and shrivelled his whole person. I told him of the business of the evening, and a smile relaxed the contracted muscles. He desired to go; each day he expected to be infected by pestilence, each day he was unable to resist the gentle violence of Adrian’s detention. The moment Adrian should be legally elected his deputy, he would escape to safety. Under this impression he listened to all I said; and, elevated almost to joy by the near prospect of his departure, he entered into a discussion concerning the plans he should adopt in his own county, forgetting, for the moment, his cherished resolution of shutting himself up from all

communication in the mansion and grounds of his estate.

In the evening, Adrian and I proceeded to Westminster. As we went he reminded me of what I was to say and do, yet, strange to say, I entered the chamber without having once reflected on my purpose. Adrian remained in the coffee-room, while I, in compliance with his desire, took my seat in St. Stephen's. There reigned unusual silence in the chamber. I had not visited it since Raymond's protectorate; a period conspicuous for a numerous attendance of members, for the eloquence of the speakers, and the warmth of the debate. The benches were very empty, those by custom occupied by the hereditary members were vacant; the city members were there – the members for the commercial towns, few landed proprietors, and not many of those who entered parliament for the sake of a career. The first subject that occupied the attention of the house was an address from the Lord Protector, praying them to appoint a deputy during a necessary absence on his part.

A silence prevailed, till one of the members coming to me, whispered that the Earl of Windsor had sent him word that I was to move his election, in the absence of the person who had been first chosen for this office. Now for the first time I saw the full extent of my task, and I was overwhelmed by what I had brought on myself. Ryland had deserted his post through fear of the plague: from the same fear Adrian had no competitor. And I, the nearest kinsman of the Earl of Windsor, was to propose his election. I was to thrust this selected and matchless friend into the post of danger – impossible! the die was cast – I would offer myself as candidate.

The few members who were present, had come more for the sake of terminating the business by securing a legal attendance, than under the idea of a debate. I had

risen mechanically – my knees trembled; irresolution hung on my voice, as I uttered a few words on the necessity of choosing a person adequate to the dangerous task in hand. But, when the idea of presenting myself in the room of my friend intruded, the load of doubt and pain was taken from off me. My words flowed spontaneously – my utterance was firm and quick. I adverted to what Adrian had already done – I promised the same vigilance in furthering all his views. I drew a touching picture of his vacillating health; I boasted of my own strength. I prayed them to save even from himself this scion of the noblest family in England. My alliance with him was the pledge of my sincerity, my union with his sister, my children, his presumptive heirs, were the hostages of my truth.

This unexpected turn in the debate was quickly communicated to Adrian. He hurried in, and witnessed the termination of my impassioned harangue. I did not see him: my soul was in my words, – my eyes could not perceive that which was; while a vision of Adrian's form, tainted by pestilence, and sinking in death, floated before them. He seized my hand, as I concluded – "Unkind!" he cried, "you have betrayed me!" then, springing forwards, with the air of one who had a right to command, he claimed the place of deputy as his own. He had bought it, he said, with danger, and paid for it with toil. His ambition rested there; and, after an interval devoted to the interests of his country, was I to step in, and reap the profit? Let them remember what London had been when he arrived: the panic that prevailed brought famine, while every moral and legal tie was loosened. He had restored order – this had been a work which required perseverance, patience, and energy; and he had neither slept nor waked but for the good of his country. – Would they dare wrong him thus? Would they wrest his hard-earned reward from him, to

bestow it on one, who, never having mingled in public life, would come a tyro to the craft, in which he was an adept. He demanded the place of deputy as his right. Ryland had shewn that he preferred him. Never before had he, who was born even to the inheritance of the throne of England, never had he asked favour or honour from those now his equals, but who might have been his subjects. Would they refuse him? Could they thrust back from the path of distinction and laudable ambition, the heir of their ancient kings, and heap another disappointment on a fallen house.

No one had ever before heard Adrian allude to the rights of his ancestors. None had ever before suspected, that power, or the suffrage of the many, could in any manner become dear to him. He had begun his speech with vehemence; he ended with unassuming gentleness, making his appeal with the same humility, as if he had asked to be the first in wealth, honour, and power among Englishmen, and not, as was the truth, to be the foremost in the ranks of loathsome toils and inevitable death. A murmur of approbation rose after his speech. “Oh, do not listen to him,” I cried, “he speaks false – false to himself,” – I was interrupted: and, silence being restored, we were ordered, as was the custom, to retire during the decision of the house. I fancied that they hesitated, and that there was some hope for me – I was mistaken – hardly had we quitted the chamber, before Adrian was recalled, and installed in his office of Lord Deputy to the Protector.

We returned together to the palace. “Why, Lionel,” said Adrian, “what did you intend? you could not hope to conquer, and yet you gave me the pain of a triumph over my dearest friend.”

“This is mockery,” I replied, “you devote yourself, – you, the adored brother of Idris, the being, of all the world contains, dearest to our hearts – you devote yourself to

an early death. I would have prevented this; my death would be a small evil – or rather I should not die; while you cannot hope to escape."

"As to the likelihood of escaping," said Adrian, "ten years hence the cold stars may shine on the graves of all of us; but as to my peculiar liability to infection, I could easily prove, both logically and physically, that in the midst of contagion I have a better chance of life than you.

"This is my post: I was born for this – to rule England in anarchy, to save her in danger – to devote myself for her. The blood of my forefathers cries aloud in my veins, and bids me be first among my countrymen. Or, if this mode of speech offend you, let me say, that my mother, the proud queen, instilled early into me a love of distinction, and all that, if the weakness of my physical nature and my peculiar opinions had not prevented such a design, might have made me long since struggle for the lost

inheritance of my race. But now my mother, or, if you will, my mother's lessons, awaken within me. I cannot lead on to battle; I cannot, through intrigue and faithlessness rear again the throne upon the wreck of English public spirit. But I can be the first to support and guard my country, now that terrific disasters and ruin have laid strong hands upon her.

"That country and my beloved sister are all I have. I will protect the first – the latter I commit to your charge. If I survive, and she be lost, I were far better dead. Preserve her – for her own sake I know that you will – if you require any other spur, think that, in preserving her, you preserve me. Her faultless nature, one sum of perfections, is wrapt up in her affections – if they were hurt, she would droop like an unwatered floweret, and the slightest injury they receive is a nipping frost to her. Already she fears for us. She fears for the children she adores, and for you, the father of these, her lover,

husband, protector; and you must be near her to support and encourage her. Return to Windsor then, my brother; for such you are by every tie – fill the double place my absence imposes on you, and let me, in all my sufferings here, turn my eyes towards that dear seclusion, and say – There is peace.”

CHAPTER VII

I DID proceed to Windsor, but not with the intention of remaining there. I went but to obtain the consent of Idris, and then to return and take my station beside my unequalled friend; to share his labours, and save him, if so it must be, at the expence of my life. Yet I dreaded to witness the anguish which my resolve might excite in Idris. I had vowed to my own heart never to shadow her countenance even with transient grief, and should I prove recreant at the hour of greatest need? I had begun my journey with anxious haste; now I desired to draw it out through the course of days and months. I longed to avoid the necessity of action; I strove to escape from thought – vainly – futurity, like a dark image in a phantasmagoria, came nearer and more near, till it clasped the whole earth in its shadow.

A slight circumstance induced me to alter my usual route, and to return home by Egham and Bishopgate. I alighted at Perdita's ancient abode, her cottage; and, sending forward the carriage, determined to walk across the park to the castle. This spot, dedicated to sweetest recollections, the deserted house and neglected garden were well adapted to nurse my melancholy. In our happiest days, Perdita had adorned her cottage with every aid art might bring, to that which nature had selected to favour. In the same spirit of exaggeration she had, on the event of her separation from Raymond, caused it to be entirely neglected. It was now in ruin: the deer had climbed the broken palings, and reposed among the flowers; grass grew on the threshold, and the swinging lattice creaking to the wind, gave signal of

utter desertion. The sky was blue above, and the air impregnated with fragrance by the rare flowers that grew among the weeds. The trees moved overhead, awakening nature's favourite melody – but the melancholy appearance of the choaked paths, and weed-grown flower-beds, dimmed even this gay summer scene. The time when in proud and happy security we assembled at this cottage, was gone – soon the present hours would join those past, and shadows of future ones rose dark and menacing from the womb of time, their cradle and their bier. For the first time in my life I envied the sleep of the dead, and thought with pleasure of one's bed under the sod, where grief and fear have no power. I passed through the gap of the broken paling – I felt, while I disdained, the choaking tears – I rushed into the depths of the forest. O death and change, rulers of our life, where are ye, that I may grapple with you! What was there in our tranquillity, that excited your envy – in our happiness, that ye should destroy it? We were happy, loving, and beloved; the horn of Amalthea contained no blessing unshowered upon us, but, alas!

la fortuna

deidad barbara importuna,

oy cadaver y ayer flor,

no permanece jamas!

As I wandered on thus ruminating, a number of country people passed me. They seemed full of careful thought, and a few words of their conversation that reached me, induced me to approach and make further enquiries. A party of people flying from London, as was frequent in those days, had come up the Thames in a boat. No one at Windsor would afford them shelter; so, going a little

further up, they remained all night in a deserted hut near Bolter's lock. They pursued their way the following morning, leaving one of their company behind them, sick of the plague. This circumstance once spread abroad, none dared approach within half a mile of the infected neighbourhood, and the deserted wretch was left to fight with disease and death in solitude, as he best might. I was urged by compassion to hasten to the hut, for the purpose of ascertaining his situation, and administering to his wants.

As I advanced I met knots of country-people talking earnestly of this event: distant as they were from the apprehended contagion, fear was impressed on every countenance. I passed by a group of these terrorists, in a lane in the direct road to the hut. One of them stopped me, and, conjecturing that I was ignorant of the circumstance, told me not to go on, for that an infected person lay but at a short distance.

"I know it," I replied, "and I am going to see in what condition the poor fellow is."

A murmur of surprise and horror ran through the assembly. I continued: – "This poor wretch is deserted, dying, succourless; in these unhappy times, God knows how soon any or all of us may be in like want. I am going to do, as I would be done by."

"But you will never be able to return to the Castle – Lady Idris – his children – " in confused speech were the words that struck my ear.

"Do you not know, my friends," I said, "that the Earl himself, now Lord Protector, visits daily, not only those probably infected by this disease, but the hospitals and pest houses, going near, and even touching the sick? yet he was never in better health. You labour under an entire mistake as to the nature of the plague; but do not fear, I do not ask any of you to accompany me, nor to

believe me, until I return safe and sound from my patient.”

So I left them, and hurried on. I soon arrived at the hut: the door was ajar. I entered, and one glance assured me that its former inhabitant was no more – he lay on a heap of straw, cold and stiff; while a pernicious effluvia filled the room, and various stains and marks served to shew the virulence of the disorder.

I had never before beheld one killed by pestilence. While every mind was full of dismay at its effects, a craving for excitement had led us to peruse De Foe’s account, and the masterly delineations of the author of Arthur Mervyn. The pictures drawn in these books were so vivid, that we seemed to have experienced the results depicted by them. But cold were the sensations excited by words, burning though they were, and describing the death and misery of thousands, compared to what I felt in looking on the corpse of this unhappy stranger. This indeed was the plague. I raised his rigid limbs, I marked the distortion of his face, and the stony eyes lost to perception. As I was thus occupied, chill horror congealed my blood, making my flesh quiver and my hair to stand on end. Half insanely I spoke to the dead. So the plague killed you, I muttered. How came this? Was the coming painful? You look as if the enemy had tortured, before he murdered you. And now I leapt up precipitately, and escaped from the hut, before nature could revoke her laws, and inorganic words be breathed in answer from the lips of the departed.

On returning through the lane, I saw at a distance the same assemblage of persons which I had left. They hurried away, as soon as they saw me; my agitated mien added to their fear of coming near one who had entered within the verge of contagion.

At a distance from facts one draws conclusions which appear infallible, which yet when put to the test of

reality, vanish like unreal dreams. I had ridiculed the fears of my countrymen, when they related to others; now that they came home to myself, I paused. The Rubicon, I felt, was passed; and it behoved me well to reflect what I should do on this hither side of disease and danger. According to the vulgar superstition, my dress, my person, the air I breathed, bore in it mortal danger to myself and others. Should I return to the Castle, to my wife and children, with this taint upon me? Not surely if I were infected; but I felt certain that I was not – a few hours would determine the question – I would spend these in the forest, in reflection on what was to come, and what my future actions were to be. In the feeling communicated to me by the sight of one struck by the plague, I forgot the events that had excited me so strongly in London; new and more painful prospects, by degrees were cleared of the mist which had hitherto veiled them. The question was no longer whether I should share Adrian's toils and danger; but in what manner I could, in Windsor and the neighbourhood, imitate the prudence and zeal which, under his government, produced order and plenty in London, and how, now pestilence had spread more widely, I could secure the health of my own family.

I spread the whole earth out as a map before me. On no one spot of its surface could I put my finger and say, here is safety. In the south, the disease, virulent and immedicable, had nearly annihilated the race of man; storm and inundation, poisonous winds and blights, filled up the measure of suffering. In the north it was worse – the lesser population gradually declined, and famine and plague kept watch on the survivors, who, helpless and feeble, were ready to fall an easy prey into their hands.

I contracted my view to England. The overgrown metropolis, the great heart of mighty Britain, was

pulseless. Commerce had ceased. All resort for ambition or pleasure was cut off – the streets were grass-grown – the houses empty – the few, that from necessity remained, seemed already branded with the taint of inevitable pestilence. In the larger manufacturing towns the same tragedy was acted on a smaller, yet more disastrous scale. There was no Adrian to superintend and direct, while whole flocks of the poor were struck and killed. Yet we were not all to die. No truly, though thinned, the race of man would continue, and the great plague would, in after years, become matter of history and wonder. Doubtless this visitation was for extent unexampled – more need that we should work hard to dispute its progress; ere this men have gone out in sport, and slain their thousands and tens of thousands; but now man had become a creature of price; the life of one of them was of more worth than the so called treasures of kings. Look at his thought-endued countenance, his graceful limbs, his majestic brow, his wondrous mechanism – the type and model of this best work of God is not to be cast aside as a broken vessel – he shall be preserved, and his children and his children's children carry down the name and form of man to latest time.

Above all I must guard those entrusted by nature and fate to my especial care. And surely, if among all my fellow-creatures I were to select those who might stand forth examples of the greatness and goodness of man, I could choose no other than those allied to me by the most sacred ties. Some from among the family of man must survive, and these should be among the survivors; that should be my task – to accomplish it my own life were a small sacrifice. There then in that castle – in Windsor Castle, birth-place of Idris and my babes, should be the haven and retreat for the wrecked bark of human society. Its forest should be our world – its

garden afford us food; within its walls I would establish the shaken throne of health. I was an outcast and a vagabond, when Adrian gently threw over me the silver net of love and civilization, and linked me inextricably to human charities and human excellence. I was one, who, though an aspirant after good, and an ardent lover of wisdom, was yet unenrolled in any list of worth, when Idris, the princely born, who was herself the personification of all that was divine in woman, she who walked the earth like a poet's dream, as a carved goddess endued with sense, or pictured saint stepping from the canvas – she, the most worthy, chose me, and gave me herself – a priceless gift.

During several hours I continued thus to meditate, till hunger and fatigue brought me back to the passing hour, then marked by long shadows cast from the descending sun. I had wandered towards Bracknel, far to the west of Windsor. The feeling of perfect health which I enjoyed, assured me that I was free from contagion. I remembered that Idris had been kept in ignorance of my proceedings. She might have heard of my return from London, and my visit to Bolter's Lock, which, connected with my continued absence, might tend greatly to alarm her. I returned to Windsor by the Long Walk, and passing through the town towards the Castle, I found it in a state of agitation and disturbance.

"It is too late to be ambitious," says Sir Thomas Browne. "We cannot hope to live so long in our names as some have done in their persons; one face of Janus holds no proportion to the other." Upon this text many fanatics arose, who prophesied that the end of time was come. The spirit of superstition had birth, from the wreck of our hopes, and antics wild and dangerous were played on the great theatre, while the remaining particle of futurity dwindled into a point in the eyes of the prognosticators. Weak-spirited women died of fear as

they listened to their denunciations; men of robust form and seeming strength fell into idiotcy and madness, racked by the dread of coming eternity. A man of this kind was now pouring forth his eloquent despair among the inhabitants of Windsor. The scene of the morning, and my visit to the dead, which had been spread abroad, had alarmed the country-people, so they had become fit instruments to be played upon by a maniac.

The poor wretch had lost his young wife and lovely infant by the plague. He was a mechanic; and, rendered unable to attend to the occupation which supplied his necessities, famine was added to his other miseries. He left the chamber which contained his wife and child – wife and child no more, but “dead earth upon the earth” – wild with hunger, watching and grief, his diseased fancy made him believe himself sent by heaven to preach the end of time to the world. He entered the churches, and foretold to the congregations their speedy removal to the vaults below. He appeared like the forgotten spirit of the time in the theatres, and bade the spectators go home and die. He had been seized and confined; he had escaped and wandered from London among the neighbouring towns, and, with frantic gestures and thrilling words, he unveiled to each their hidden fears, and gave voice to the soundless thought they dared not syllable. He stood under the arcade of the town-hall of Windsor, and from this elevation harangued a trembling crowd.

“Hear, O ye inhabitants of the earth,” he cried, “hear thou, all seeing, but most pitiless Heaven! hear thou too, O tempest-tossed heart, which breathes out these words, yet faints beneath their meaning! Death is among us! The earth is beautiful and flower-bedecked, but she is our grave! The clouds of heaven weep for us – the pageantry of the stars is but our funeral torchlight. Grey headed men, ye hoped for yet a few years in your long-

known abode – but the lease is up, you must remove – children, ye will never reach maturity, even now the small grave is dug for ye – mothers, clasp them in your arms, one death embraces you!”

Shuddering, he stretched out his hands, his eyes cast up, seemed bursting from their sockets, while he appeared to follow shapes, to us invisible, in the yielding air – “There they are,” he cried, “the dead! They rise in their shrouds, and pass in silent procession towards the far land of their doom – their bloodless lips move not – their shadowy limbs are void of motion, while still they glide onwards. We come,” he exclaimed, springing forwards, “for what should we wait? Haste, my friends, apparel yourselves in the court-dress of death. Pestilence will usher you to his presence. Why thus long? they, the good, the wise, and the beloved, are gone before. Mothers, kiss you last – husbands, protectors no more, lead on the partners of your death! Come, O come! while the dear ones are yet in sight, for soon they will pass away, and we never never shall join them more.”

From such ravings as these, he would suddenly become collected, and with unexaggerated but terrific words, paint the horrors of the time; describe with minute detail, the effects of the plague on the human frame, and tell heart-breaking tales of the snapping of dear affinities – the gasping horror of despair over the death-bed of the last beloved – so that groans and even shrieks burst from the crowd. One man in particular stood in front, his eyes fixt on the prophet, his mouth open, his limbs rigid, while his face changed to various colours, yellow, blue, and green, through intense fear. The maniac caught his glance, and turned his eye on him – one has heard of the gaze of the rattle-snake, which allures the trembling victim till he falls within his jaws. The maniac became composed; his person rose higher;

authority beamed from his countenance. He looked on the peasant, who began to tremble, while he still gazed; his knees knocked together; his teeth chattered. He at last fell down in convulsions. “That man has the plague,” said the maniac calmly. A shriek burst from the lips of the poor wretch; and then sudden motionlessness came over him; it was manifest to all that he was dead.

Cries of horror filled the place – every one endeavoured to effect his escape – in a few minutes the market place was cleared – the corpse lay on the ground; and the maniac, subdued and exhausted, sat beside it, leaning his gaunt cheek upon his thin hand. Soon some people, deputed by the magistrates, came to remove the body; the unfortunate being saw a jailor in each – he fled precipitately, while I passed onwards to the Castle.

Death, cruel and relentless, had entered these beloved walls. An old servant, who had nursed Idris in infancy, and who lived with us more on the footing of a revered relative than a domestic, had gone a few days before to visit a daughter, married, and settled in the neighbourhood of London. On the night of her return she sickened of the plague. From the haughty and unbending nature of the Countess of Windsor, Idris had few tender filial associations with her. This good woman had stood in the place of a mother, and her very deficiencies of education and knowledge, by rendering her humble and defenceless, endeared her to us – she was the especial favourite of the children. I found my poor girl, there is no exaggeration in the expression, wild with grief and dread. She hung over the patient in agony, which was not mitigated when her thoughts wandered towards her babes, for whom she feared infection. My arrival was like the newly discovered lamp of a lighthouse to sailors, who are weathering some dangerous point. She deposited her appalling doubts in my hands; she relied on my judgment, and was

comforted by my participation in her sorrow. Soon our poor nurse expired; and the anguish of suspense was changed to deep regret, which though at first more painful, yet yielded with greater readiness to my consolations. Sleep, the sovereign balm, at length steeped her tearful eyes in forgetfulness.

She slept; and quiet prevailed in the Castle, whose inhabitants were hushed to repose. I was awake, and during the long hours of dead night, my busy thoughts worked in my brain, like ten thousand mill-wheels, rapid, acute, untameable. All slept – all England slept; and from my window, commanding a wide prospect of the star-illumined country, I saw the land stretched out in placid rest. I was awake, alive, while the brother of death possessed my race. What, if the more potent of these fraternal deities should obtain dominion over it? The silence of midnight, to speak truly, though apparently a paradox, rung in my ears. The solitude became intolerable – I placed my hand on the beating heart of Idris, I bent my head to catch the sound of her breath, to assure myself that she still existed – for a moment I doubted whether I should not awake her; so effeminate an horror ran through my frame. – Great God! would it one day be thus? One day all extinct, save myself, should I walk the earth alone? Were these warning voices, whose inarticulate and oracular sense forced belief upon me?

Yet I would not call them

Voices of warning, that announce to us

Only the inevitable. As the sun,

Ere it is risen, sometimes paints its image

In the atmosphere – so often do the spirits

Of great events stride on before the events,

And in today already walks tomorrow .

CHAPTER VIII

AFTER a long interval, I am again impelled by the restless spirit within me to continue my narration; but I must alter the mode which I have hitherto adopted. The details contained in the foregoing pages, apparently trivial, yet each slightest one weighing like lead in the depressed scale of human afflictions; this tedious dwelling on the sorrows of others, while my own were only in apprehension; this slowly laying bare of my soul's wounds: this journal of death; this long drawn and tortuous path, leading to the ocean of countless tears, awakens me again to keen grief. I had used this history as an opiate; while it described my beloved friends, fresh with life and glowing with hope, active assistants on the scene, I was soothed; there will be a more melancholy pleasure in painting the end of all. But the intermediate steps, the climbing the wall, raised up between what was and is, while I still looked back nor saw the concealed desert beyond, is a labour past my strength. Time and experience have placed me on an height from which I can comprehend the past as a whole; and in this way I must describe it, bringing forward the leading incidents, and disposing light and shade so as to form a picture in whose very darkness there will be harmony.

It would be needless to narrate those disastrous occurrences, for which a parallel might be found in any slighter visitation of our gigantic calamity. Does the reader wish to hear of the pest-houses, where death is the comforter – of the mournful passage of the death-cart – of the insensibility of the worthless, and the anguish of the loving heart – of harrowing shrieks and

silence dire – of the variety of disease, desertion, famine, despair, and death? There are many books which can feed the appetite craving for these things; let them turn to the accounts of Boccaccio, De Foe, and Browne. The vast annihilation that has swallowed all things – the voiceless solitude of the once busy earth – the lonely state of singleness which hems me in, has deprived even such details of their stinging reality, and mellowing the lurid tints of past anguish with poetic hues, I am able to escape from the mosaic of circumstance, by perceiving and reflecting back the grouping and combined colouring of the past.

I had returned from London possessed by the idea, with the intimate feeling that it was my first duty to secure, as well as I was able, the well-being of my family, and then to return and take my post beside Adrian. The events that immediately followed on my arrival at Windsor changed this view of things. The plague was not in London alone, it was every where – it came on us, as Ryland had said, like a thousand packs of wolves, howling through the winter night, gaunt and fierce. When once disease was introduced into the rural districts, its effects appeared more horrible, more exigent, and more difficult to cure, than in towns. There was a companionship in suffering there, and, the neighbours keeping constant watch on each other, and inspired by the active benevolence of Adrian, succour was afforded, and the path of destruction smoothed. But in the country, among the scattered farm-houses, in lone cottages, in fields, and barns, tragedies were acted harrowing to the soul, unseen, unheard, unnoticed. Medical aid was less easily procured, food was more difficult to obtain, and human beings, unwithheld by shame, for they were unbeheld of their fellows, ventured on deeds of greater wickedness, or gave way more readily to their abject fears.

Deeds of heroism also occurred, whose very mention swells the heart and brings tears into the eyes. Such is human nature, that beauty and deformity are often closely linked. In reading history we are chiefly struck by the generosity and self-devotion that follow close on the heels of crime, veiling with supernal flowers the stain of blood. Such acts were not wanting to adorn the grim train that waited on the progress of the plague.

The inhabitants of Berkshire and Bucks had been long aware that the plague was in London, in Liverpool, Bristol, Manchester, York, in short, in all the more populous towns of England. They were not however the less astonished and dismayed when it appeared among themselves. They were impatient and angry in the midst of terror. They would do something to throw off the clinging evil, and, while in action, they fancied that a remedy was applied. The inhabitants of the smaller towns left their houses, pitched tents in the fields, wandering separate from each other careless of hunger or the sky's inclemency, while they imagined that they avoided the death-dealing disease. The farmers and cottagers, on the contrary, struck with the fear of solitude, and madly desirous of medical assistance, flocked into the towns.

But winter was coming, and with winter, hope. In August, the plague had appeared in the country of England, and during September it made its ravages. Towards the end of October it dwindled away, and was in some degree replaced by a typhus, of hardly less virulence. The autumn was warm and rainy: the infirm and sickly died off – happier they: many young people flushed with health and prosperity, made pale by wasting malady, became the inhabitants of the grave. The crop had failed, the bad corn, and want of foreign wines, added vigour to disease. Before Christmas half England was under water. The storms of the last winter were

renewed; but the diminished shipping of this year caused us to feel less the tempests of the sea. The flood and storms did more harm to continental Europe than to us – giving, as it were, the last blow to the calamities which destroyed it. In Italy the rivers were unwatched by the diminished peasantry; and, like wild beasts from their lair when the hunters and dogs are afar, did Tiber, Arno, and Po, rush upon and destroy the fertility of the plains. Whole villages were carried away. Rome, and Florence, and Pisa were overflowed, and their marble palaces, late mirrored in tranquil streams, had their foundations shaken by their winter-gifted power. In Germany and Russia the injury was still more momentous.

But frost would come at last, and with it a renewal of our lease of earth. Frost would blunt the arrows of pestilence, and enchain the furious elements; and the land would in spring throw off her garment of snow, released from her menace of destruction. It was not until February that the desired signs of winter appeared. For three days the snow fell, ice stopped the current of the rivers, and the birds flew out from crackling branches of the frost-whitened trees. On the fourth morning all vanished. A south-west wind brought up rain – the sun came out, and mocking the usual laws of nature, seemed even at this early season to burn with solsticial force. It was no consolation, that with the first winds of March the lanes were filled with violets, the fruit trees covered with blossoms, that the corn sprung up, and the leaves came out, forced by the unseasonable heat. We feared the balmy air – we feared the cloudless sky, the flower-covered earth, and delightful woods, for we looked on the fabric of the universe no longer as our dwelling, but our tomb, and the fragrant land smelled to the apprehension of fear like a wide church-yard.

Pisando la tierra dura

de continuo el hombre esta

y cada passo que da

es sobre su sepultura .

Yet notwithstanding these disadvantages winter was breathing time; and we exerted ourselves to make the best of it. Plague might not revive with the summer; but if it did, it should find us prepared. It is a part of man's nature to adapt itself through habit even to pain and sorrow. Pestilence had become a part of our future, our existence; it was to be guarded against, like the flooding of rivers, the encroachments of ocean, or the inclemency of the sky. After long suffering and bitter experience, some panacea might be discovered; as it was, all that received infection died – all however were not infected; and it became our part to fix deep the foundations, and raise high the barrier between contagion and the sane; to introduce such order as would conduce to the well-being of the survivors, and as would preserve hope and some portion of happiness to those who were spectators of the still renewed tragedy. Adrian had introduced systematic modes of proceeding in the metropolis, which, while they were unable to stop the progress of death, yet prevented other evils, vice and folly, from rendering the awful fate of the hour still more tremendous. I wished to imitate his example, but men are used to

– *move all together, if they move at all ,*

and I could find no means of leading the inhabitants of scattered towns and villages, who forgot my words as soon as they heard them not, and veered with every

baffling wind, that might arise from an apparent change of circumstance.

I adopted another plan. Those writers who have imagined a reign of peace and happiness on earth, have generally described a rural country, where each small township was directed by the elders and wise men. This was the key of my design. Each village, however small, usually contains a leader, one among themselves whom they venerate, whose advice they seek in difficulty, and whose good opinion they chiefly value. I was immediately drawn to make this observation by occurrences that presented themselves to my personal experience.

In the village of Little Marlow an old woman ruled the community. She had lived for some years in an alms-house, and on fine Sundays her threshold was constantly beset by a crowd, seeking her advice and listening to her admonitions. She had been a soldier's wife, and had seen the world; infirmity, induced by fevers caught in unwholesome quarters, had come on her before its time, and she seldom moved from her little cot. The plague entered the village; and, while fright and grief deprived the inhabitants of the little wisdom they possessed, old Martha stepped forward and said – "Before now I have been in a town where there was the plague." – "And you escaped?" – "No, but I recovered." – After this Martha was seated more firmly than ever on the regal seat, elevated by reverence and love. She entered the cottages of the sick; she relieved their wants with her own hand; she betrayed no fear, and inspired all who saw her with some portion of her own native courage. She attended the markets – she insisted upon being supplied with food for those who were too poor to purchase it. She shewed them how the well-being of each included the prosperity of all. She would not permit the gardens to be neglected, nor the very flowers in the

cottage lattices to droop from want of care. Hope, she said, was better than a doctor’s prescription, and every thing that could sustain and enliven the spirits, of more worth than drugs and mixtures.

It was the sight of Little Marlow, and my conversations with Martha, that led me to the plan I formed. I had before visited the manor houses and gentlemen’s seats, and often found the inhabitants actuated by the purest benevolence, ready to lend their utmost aid for the welfare of their tenants. But this was not enough. The intimate sympathy generated by similar hopes and fears, similar experience and pursuits, was wanting here. The poor perceived that the rich possessed other means of preservation than those which could be partaken of by themselves, seclusion, and, as far as circumstances permitted, freedom from care. They could not place reliance on them, but turned with tenfold dependence to the succour and advice of their equals. I resolved therefore to go from village to village, seeking out the rustic archon of the place, and by systematizing their exertions, and enlightening their views, encrease both their power and their use among their fellow-cottagers. Many changes also now occurred in these spontaneous regal elections: depositions and abdications were frequent, while, in the place of the old and prudent, the ardent youth would step forward, eager for action, regardless of danger. Often too, the voice to which all listened was suddenly silenced, the helping hand cold, the sympathetic eye closed, and the villagers feared still more the death that had selected a choice victim, shivering in dust the heart that had beat for them, reducing to incommunicable annihilation the mind for ever occupied with projects for their welfare.

Whoever labours for man must often find ingratitude, watered by vice and folly, spring from the grain which he has sown. Death, which had in our younger days walked

the earth like “a thief that comes in the night,” now, rising from his subterranean vault, girt with power, with dark banner floating, came a conqueror. Many saw, seated above his vice-regal throne, supreme Providence, who directed his shafts, and guided his progress, and they bowed their heads in resignation, or at least in obedience. Others perceived only a passing casualty; they endeavoured to exchange terror for heedlessness, and plunged into licentiousness, to avoid the agonizing throes of worst apprehension. Thus, while the wise, the good, and the prudent were occupied by the labours of benevolence, the truce of winter produced other effects among the young, the thoughtless, and the vicious. During the colder months there was a general rush to London in search of amusement – the ties of public opinion were loosened; many were rich, heretofore poor – many had lost father and mother, the guardians of their morals, their mentors and restraints. It would have been useless to have opposed these impulses by barriers, which would only have driven those actuated by them to more pernicious indulgencies. The theatres were open and thronged; dance and midnight festival were frequented – in many of these decorum was violated, and the evils, which hitherto adhered to an advanced state of civilization, were doubled. The student left his books, the artist his study: the occupations of life were gone, but the amusements remained; enjoyment might be protracted to the verge of the grave. All factitious colouring disappeared – death rose like night, and, protected by its murky shadows the blush of modesty, the reserve of pride, the decorum of prudery were frequently thrown aside as useless veils. This was not universal. Among better natures, anguish and dread, the fear of eternal separation, and the awful wonder produced by unprecedented calamity, drew closer the ties of kindred and friendship. Philosophers opposed

their principles, as barriers to the inundation of profligacy or despair, and the only ramparts to protect the invaded territory of human life; the religious, hoping now for their reward, clung fast to their creeds, as the rafts and planks which over the tempest-vexed sea of suffering, would bear them in safety to the harbour of the Unknown Continent. The loving heart, obliged to contract its view, bestowed its overflow of affection in triple portion on the few that remained. Yet, even among these, the present, as an unalienable possession, became all of time to which they dared commit the precious freight of their hopes.

The experience of immemorial time had taught us formerly to count our enjoyments by years, and extend our prospect of life through a lengthened period of progression and decay; the long road threaded a vast labyrinth, and the Valley of the Shadow of Death, in which it terminated, was hid by intervening objects. But an earthquake had changed the scene – under our very feet the earth yawned – deep and precipitous the gulph below opened to receive us, while the hours charioted us towards the chasm. But it was winter now, and months must elapse before we are hurled from our security. We became ephemera, to whom the interval between the rising and setting sun was as a long drawn year of common time. We should never see our children ripen into maturity, nor behold their downy cheeks roughen, their blithe hearts subdued by passion or care; but we had them now – they lived, and we lived – what more could we desire? With such schooling did my poor Idris try to hush thronging fears, and in some measure succeeded. It was not as in summer-time, when each hour might bring the dreaded fate – until summer, we felt sure; and this certainty, short lived as it must be, yet for awhile satisfied her maternal tenderness. I know not how to express or communicate the sense of

concentrated, intense, though evanescent transport, that imparadized us in the present hour. Our joys were dearer because we saw their end; they were keener because we felt, to its fullest extent, their value; they were purer because their essence was sympathy – as a meteor is brighter than a star, did the felicity of this winter contain in itself the extracted delights of a long, long life.

How lovely is spring! As we looked from Windsor Terrace on the sixteen fertile counties spread beneath, speckled by happy cottages and wealthier towns, all looked as in former years, heart-cheering and fair. The land was ploughed, the slender blades of wheat broke through the dark soil, the fruit trees were covered with buds, the husbandman was abroad in the fields, the milk-maid tripped home with well-filled pails, the swallows and martins struck the sunny pools with their long, pointed wings, the new dropped lambs reposed on the young grass, the tender growth of leaves –

Lifts its sweet head into the air, and feeds

A silent space with ever sprouting green .

Man himself seemed to regenerate, and feel the frost of winter yield to an elastic and warm renewal of life – reason told us that care and sorrow would grow with the opening year – but how to believe the ominous voice breathed up with pestiferous vapours from fear’s dim cavern, while nature, laughing and scattering from her green lap flowers, and fruits, and sparkling waters, invited us to join the gay masque of young life she led upon the scene?

Where was the plague? “Here – every where!” one voice of horror and dismay exclaimed, when in the pleasant days of a sunny May the Destroyer of man brooded again over the earth, forcing the spirit to leave

its organic chrysalis, and to enter upon an untried life. With one mighty sweep of its potent weapon, all caution, all care, all prudence were levelled low: death sat at the tables of the great, stretched itself on the cottager's pallet, seized the dastard who fled, quelled the brave man who resisted: despondency entered every heart, sorrow dimmed every eye.

Sights of woe now became familiar to me, and were I to tell all of anguish and pain that I witnessed, of the despairing moans of age, and the more terrible smiles of infancy in the bosom of horror, my reader, his limbs quivering and his hair on end, would wonder how I did not, seized with sudden frenzy, dash myself from some precipice, and so close my eyes for ever on the sad end of the world. But the powers of love, poetry, and creative fancy will dwell even beside the sick of the plague, with the squalid, and with the dying. A feeling of devotion, of duty, of a high and steady purpose, elevated me; a strange joy filled my heart. In the midst of saddest grief I seemed to tread air, while the spirit of good shed round me an ambrosial atmosphere, which blunted the sting of sympathy, and purified the air of sighs. If my wearied soul flagged in its career, I thought of my loved home, of the casket that contained my treasures, of the kiss of love and the filial caress, while my eyes were moistened by purest dew, and my heart was at once softened and refreshed by thrilling tenderness.

Maternal affection had not rendered Idris selfish; at the beginning of our calamity she had, with thoughtless enthusiasm, devoted herself to the care of the sick and helpless. I checked her; and she submitted to my rule. I told her how the fear of her danger palsied my exertions, how the knowledge of her safety strung my nerves to endurance. I shewed her the dangers which her children incurred during her absence; and she at length agreed not to go beyond the inclosure of the forest. Indeed,

within the walls of the Castle we had a colony of the unhappy, deserted by their relatives, and in themselves helpless, sufficient to occupy her time and attention, while ceaseless anxiety for my welfare and the health of her children, however she strove to curb or conceal it, absorbed all her thoughts, and undermined the vital principle. After watching over and providing for their safety, her second care was to hide from me her anguish and tears. Each night I returned to the Castle, and found there repose and love awaiting me. Often I waited beside the bed of death till midnight, and through the obscurity of rainy, cloudy nights rode many miles, sustained by one circumstance only, the safety and sheltered repose of those I loved. If some scene of tremendous agony shook my frame and fevered my brow, I would lay my head on the lap of Idris, and the tumultuous pulses subsided into a temperate flow – her smile could raise me from hopelessness, her embrace bathe my sorrowing heart in calm peace. Summer advanced, and, crowned with the sun's potent rays, plague shot her unerring shafts over the earth. The nations beneath their influence bowed their heads, and died. The corn that sprung up in plenty, lay in autumn rotting on the ground, while the melancholy wretch who had gone out to gather bread for his children, lay stiff and plague-struck in the furrow. The green woods waved their boughs majestically, while the dying were spread beneath their shade, answering the solemn melody with inharmonious cries. The painted birds flitted through the shades; the careless deer reposed unhurt upon the fern – the oxen and the horses strayed from their unguarded stables, and grazed among the wheat, for death fell on man alone.

With summer and mortality grew our fears. My poor love and I looked at each other, and our babes. – "We will save them, Idris," I said, "I will save them. Years

hence we shall recount to them our fears, then passed away with their occasion. Though they only should remain on the earth, still they shall live, nor shall their cheeks become pale nor their sweet voices languish." Our eldest in some degree understood the scenes passing around, and at times, he with serious looks questioned me concerning the reason of so vast a desolation. But he was only ten years old; and the hilarity of youth soon chased unreasonable care from his brow. Evelyn, a laughing cherub, a gamesome infant, without idea of pain or sorrow, would, shaking back his light curls from his eyes, make the halls re-echo with his merriment, and in a thousand artless ways attract our attention to his play. Clara, our lovely gentle Clara, was our stay, our solace, our delight. She made it her task to attend the sick, comfort the sorrowing, assist the aged, and partake the sports and awaken the gaiety of the young. She flitted through the rooms, like a good spirit, dispatched from the celestial kingdom, to illumine our dark hour with alien splendour. Gratitude and praise marked where her footsteps had been. Yet, when she stood in unassuming simplicity before us, playing with our children, or with girlish assiduity performing little kind offices for Idris, one wondered in what fair lineament of her pure loveliness, in what soft tone of her thrilling voice, so much of heroism, sagacity and active goodness resided.

The summer passed tediously, for we trusted that winter would at least check the disease. That it would vanish altogether was an hope too dear – too heartfelt, to be expressed. When such a thought was heedlessly uttered, the hearers, with a gush of tears and passionate sobs, bore witness how deep their fears were, how small their hopes. For my own part, my exertions for the public good permitted me to observe more closely than most others, the virulence and extensive ravages of our

sightless enemy. A short month has destroyed a village, and where in May the first person sickened, in June the paths were deformed by unburied corpses – the houses tenantless, no smoke arising from the chimneys; and the housewife’s clock marked only the hour when death had been triumphant. From such scenes I have sometimes saved a deserted infant – sometimes led a young and grieving mother from the lifeless image of her first born, or drawn the sturdy labourer from childish weeping over his extinct family.

July is gone. August must pass, and by the middle of September we may hope. Each day was eagerly counted; and the inhabitants of towns, desirous to leap this dangerous interval, plunged into dissipation, and strove, by riot, and what they wished to imagine to be pleasure, to banish thought and opiate despair. None but Adrian could have tamed the motley population of London, which, like a troop of unbitted steeds rushing to their pastures, had thrown aside all minor fears, through the operation of the fear paramount. Even Adrian was obliged in part to yield, that he might be able, if not to guide, at least to set bounds to the license of the times. The theatres were kept open; every place of public resort was frequented; though he endeavoured so to modify them, as might best quiet the agitation of the spectators, and at the same time prevent a reaction of misery when the excitement was over. Tragedies deep and dire were the chief favourites. Comedy brought with it too great a contrast to the inner despair: when such were attempted, it was not unfrequent for a comedian, in the midst of the laughter occasioned by his disporportioned buffoonery, to find a word or thought in his part that jarred with his own sense of wretchedness, and burst from mimic merriment into sobs and tears, while the spectators, seized with irresistible sympathy,

wept, and the pantomimic revelry was changed to a real exhibition of tragic passion.

It was not in my nature to derive consolation from such scenes; from theatres, whose buffoon laughter and discordant mirth awakened distempered sympathy, or where fictitious tears and wailings mocked the heart-felt grief within; from festival or crowded meeting, where hilarity sprung from the worst feelings of our nature, or such enthralment of the better ones, as impressed it with garish and false varnish; from assemblies of mourners in the guise of revellers. Once however I witnessed a scene of singular interest at one of the theatres, where nature overpowered art, as an overflowing cataract will tear away the puny manufacture of a mock cascade, which had before been fed by a small portion of its waters.

I had come to London to see Adrian. He was not at the palace; and, though the attendants did not know whither he had gone, they did not expect him till late at night. It was between six and seven o’clock, a fine summer afternoon, and I spent my leisure hours in a ramble through the empty streets of London; now turning to avoid an approaching funeral, now urged by curiosity to observe the state of a particular spot; my wanderings were instinct with pain, for silence and desertion characterized every place I visited, and the few beings I met were so pale and woe-begone, so marked with care and depressed by fear, that weary of encountering only signs of misery, I began to retread my steps towards home.

I was now in Holborn, and passed by a public house filled with uproarious companions, whose songs, laughter, and shouts were more sorrowful than the pale looks and silence of the mourner. Such an one was near, hovering round this house. The sorry plight of her dress displayed her poverty, she was ghastly pale, and

continued approaching, first the window and then the door of the house, as if fearful, yet longing to enter. A sudden burst of song and merriment seemed to sting her to the heart; she murmured, “Can he have the heart?” and then mustering her courage, she stepped within the threshold. The landlady met her in the passage; the poor creature asked, “Is my husband here? Can I see George?”

“See him,” cried the woman, “yes, if you go to him; last night he was taken with the plague, and we sent him to the hospital.”

The unfortunate inquirer staggered against a wall, a faint cry escaped her – “O! were you cruel enough,” she exclaimed, “to send him there?”

The landlady meanwhile hurried away; but a more compassionate bar-maid gave her a detailed account, the sum of which was, that her husband had been taken ill, after a night of riot, and sent by his boon companions with all expedition to St. Bartholomew’s Hospital. I had watched this scene, for there was a gentleness about the poor woman that interested me; she now tottered away from the door, walking as well as she could down Holborn Hill; but her strength soon failed her; she leaned against a wall, and her head sunk on her bosom, while her pallid cheek became still more white. I went up to her and offered my services. She hardly looked up – “You can do me no good,” she replied; “I must go to the hospital; if I do not die before I get there.”

There were still a few hackney-coaches accustomed to stand about the streets, more truly from habit than for use. I put her in one of these, and entered with her that I might secure her entrance into the hospital. Our way was short, and she said little; except interrupted ejaculations of reproach that he had left her, exclamations on the unkindness of some of his friends, and hope that she would find him alive. There was a

simple, natural earnestness about her that interested me in her fate, especially when she assured me that her husband was the best of men, – had been so, till want of business during these unhappy times had thrown him into bad company. “He could not bear to come home,” she said, “only to see our children die. A man cannot have the patience a mother has, with her own flesh and blood.”

We were set down at St. Bartholomew’s, and entered the wretched precincts of the house of disease. The poor creature clung closer to me, as she saw with what heartless haste they bore the dead from the wards, and took them into a room, whose half-opened door displayed a number of corpses, horrible to behold by one unaccustomed to such scenes. We were directed to the ward where her husband had been first taken, and still was, the nurse said, if alive. My companion looked eagerly from one bed to the other, till at the end of the ward she espied, on a wretched bed, a squalid, haggard creature, writhing under the torture of disease. She rushed towards him, she embraced him, blessing God for his preservation.

The enthusiasm that inspired her with this strange joy, blinded her to the horrors about her; but they were intolerably agonizing to me. The ward was filled with an effluvia that caused my heart to heave with painful qualms. The dead were carried out, and the sick brought in, with like indifference; some were screaming with pain, others laughing from the influence of more terrible delirium; some were attended by weeping, despairing relations, others called aloud with thrilling tenderness or reproach on the friends who had deserted them, while the nurses went from bed to bed, incarnate images of despair, neglect, and death. I gave gold to my luckless companion; I recommended her to the care of the attendants; I then hastened away; while the tormentor,

the imagination, busied itself in picturing my own loved ones, stretched on such beds, attended thus. The country afforded no such mass of horrors; solitary wretches died in the open fields; and I have found a survivor in a vacant village, contending at once with famine and disease; but the assembly of pestilence, the banqueting hall of death, was spread only in London.

I rambled on, oppressed, distracted by painful emotions – suddenly I found myself before Drury Lane Theatre. The play was Macbeth – the first actor of the age was there to exert his powers to drug with irreflection the auditors; such a medicine I yearned for, so I entered. The theatre was tolerably well filled. Shakspeare, whose popularity was established by the approval of four centuries, had not lost his influence even at this dread period; but was still “Ut magus,” the wizard to rule our hearts and govern our imaginations. I came in during the interval between the third and fourth act. I looked round on the audience; the females were mostly of the lower classes, but the men were of all ranks, come hither to forget awhile the protracted scenes of wretchedness, which awaited them at their miserable homes. The curtain drew up, and the stage presented the scene of the witches’ cave. The wildness and supernatural machinery of Macbeth, was a pledge that it could contain little directly connected with our present circumstances. Great pains had been taken in the scenery to give the semblance of reality to the impossible. The extreme darkness of the stage, whose only light was received from the fire under the cauldron, joined to a kind of mist that floated about it, rendered the unearthly shapes of the witches obscure and shadowy. It was not three decrepid old hags that bent over their pot throwing in the grim ingredients of the magic charm, but forms frightful, unreal, and fanciful. The entrance of Hecate, and the wild music that

followed, took us out of this world. The cavern shape the stage assumed, the beetling rocks, the glare of the fire, the misty shades that crossed the scene at times, the music in harmony with all witch-like fancies, permitted the imagination to revel, without fear of contradiction, or reproof from reason or the heart. The entrance of Macbeth did not destroy the illusion, for he was actuated by the same feelings that inspired us, and while the work of magic proceeded we sympathized in his wonder and his daring, and gave ourselves up with our whole souls to the influence of scenic delusion. I felt the beneficial result of such excitement, in a renewal of those pleasing flights of fancy to which I had long been a stranger. The effect of this scene of incantation communicated a portion of its power to that which followed. We forgot that Malcolm and Macduff were mere human beings, acted upon by such simple passions as warmed our own breasts. By slow degrees however we were drawn to the real interest of the scene. A shudder like the swift passing of an electric shock ran through the house, when Rosse exclaimed, in answer to "Stands Scotland where it did?"

Alas, poor country;

Almost afraid to know itself! It cannot

Be called our mother, but our grave: where nothing,

But who knows nothing, is once seen to smile;

Where sighs, and groans, and shrieks that rent the air,

Are made, not marked; where violent sorrow seems

A modern extasy: the dead man's knell

Is there scarce asked, for who; and good men's lives

Expire before the flowers in their caps,

Dying, or ere they sicken.

Each word struck the sense, as our life's passing bell; we feared to look at each other, but bent our gaze on the stage, as if our eyes could fall innocuous on that alone. The person who played the part of Rosse, suddenly became aware of the dangerous ground he trod. He was an inferior actor, but truth now made him excellent; as he went on to announce to Macduff the slaughter of his family, he was afraid to speak, trembling from apprehension of a burst of grief from the audience, not from his fellow-mime. Each word was drawn out with difficulty; real anguish painted his features; his eyes were now lifted in sudden horror, now fixed in dread upon the ground. This shew of terror encreased ours, we gasped with him, each neck was stretched out, each face changed with the actor's changes – at length while Macduff, who, attending to his part, was unobservant of the high wrought sympathy of the house, cried with well acted passion:

All my pretty ones?

Did you say all? – O hell kite! All?

What! all my pretty chickens, and their dam,

At one fell swoop!

A pang of tameless grief wrenched every heart, a burst of despair was echoed from every lip. – I had entered into the universal feeling – I had been absorbed by the terrors of Rosse – I re-echoed the cry of Macduff, and

then rushed out as from an hell of torture, to find calm in the free air and silent street.

Free the air was not, or the street silent. Oh, how I longed then for the dear soothings of maternal Nature, as my wounded heart was still further stung by the roar of heartless merriment from the public-house, by the sight of the drunkard reeling home, having lost the memory of what he would find there in oblivious debauch, and by the more appalling salutations of those melancholy beings to whom the name of home was a mockery. I ran on at my utmost speed until I found myself I knew not how, close to Westminster Abbey, and was attracted by the deep and swelling tone of the organ. I entered with soothing awe the lighted chancel, and listened to the solemn religious chaunt, which spoke peace and hope to the unhappy. The notes, freighted with man's dearest prayers, re-echoed through the dim aisles, and the bleeding of the soul's wounds was staunched by heavenly balm. In spite of the misery I deprecated, and could not understand; in spite of the cold hearths of wide London, and the corpse-strewn fields of my native land; in spite of all the variety of agonizing emotions I had that evening experienced, I thought that in reply to our melodious adjurations, the Creator looked down in compassion and promise of relief; the awful peal of the heaven-winged music seemed fitting voice wherewith to commune with the Supreme; calm was produced by its sound, and by the sight of many other human creatures offering up prayers and submission with me. A sentiment approaching happiness followed the total resignation of one's being to the guardianship of the world's ruler. Alas! with the failing of this solemn strain, the elevated spirit sank again to earth. Suddenly one of the choristers died – he was lifted from his desk, the vaults below were hastily opened – he was consigned with a few muttered prayers

to the darksome cavern, abode of thousands who had gone before – now wide yawning to receive even all who fulfilled the funeral rites. In vain I would then have turned from this scene, to darkened aisle or lofty dome, echoing with melodious praise. In the open air alone I found relief; among nature's beauteous works, her God reassumed his attribute of benevolence, and again I could trust that he who built up the mountains, planted the forests, and poured out the rivers, would erect another state for lost humanity, where we might awaken again to our affections, our happiness, and our faith.

Fortunately for me those circumstances were of rare occurrence that obliged me to visit London, and my duties were confined to the rural district which our lofty castle overlooked; and here labour stood in the place of pastime, to occupy such of the country people as were sufficiently exempt from sorrow or disease. My endeavours were directed towards urging them to their usual attention to their crops, and to the acting as if pestilence did not exist. The mower's scythe was at times heard; yet the joyless haymakers after they had listlessly turned the grass, forgot to cart it; the shepherd, when he had sheared his sheep, would let the wool lie to be scattered by the winds, deeming it useless to provide clothing for another winter. At times however the spirit of life was awakened by these employments; the sun, the refreshing breeze, the sweet smell of the hay, the rustling leaves and prattling rivulets brought repose to the agitated bosom, and bestowed a feeling akin to happiness on the apprehensive. Nor, strange to say, was the time without its pleasures. Young couples, who had loved long and hopelessly, suddenly found every impediment removed, and wealth pour in from the death of relatives. The very danger drew them closer. The immediate peril urged them to seize the immediate opportunity; wildly and passionately they sought to know

what delights existence afforded, before they yielded to death, and

Snatching their pleasures with rough strife

Thorough the iron gates of life ,

they defied the conquering pestilence to destroy what had been, or to erase even from their death-bed thoughts the sentiment of happiness which had been theirs.

One instance of this kind came immediately under our notice, where a high-born girl had in early youth given her heart to one of meaner extraction. He was a schoolfellow and friend of her brother's, and usually spent a part of the holidays at the mansion of the duke her father. They had played together as children, been the confidants of each other's little secrets, mutual aids and consolers in difficulty and sorrow. Love had crept in, noiseless, terrorless at first, till each felt their life bound up in the other, and at the same time knew that they must part. Their extreme youth, and the purity of their attachment, made them yield with less resistance to the tyranny of circumstances. The father of the fair Juliet separated them; but not until the young lover had promised to remain absent only till he had rendered himself worthy of her, and she had vowed to preserve her virgin heart, his treasure, till he returned to claim and possess it.

Plague came, threatening to destroy at once the aim of the ambitious and the hopes of love. Long the Duke of L... derided the idea that there could be danger while he pursued his plans of cautious seclusion; and he so far succeeded, that it was not till this second summer, that the destroyer, at one fell stroke, overthrew his precautions, his security, and his life. Poor Juliet saw one by one, father, mother, brothers, and sisters, sicken and

die. Most of the servants fled on the first appearance of disease, those who remained were infected mortally; no neighbour or rustic ventured within the verge of contagion. By a strange fatality Juliet alone escaped, and she to the last waited on her relatives, and smoothed the pillow of death. The moment at length came, when the last blow was given to the last of the house: the youthful survivor of her race sat alone among the dead. There was no living being near to soothe her, or withdraw her from this hideous company. With the declining heat of a September night, a whirlwind of storm, thunder, and hail, rattled round the house, and with ghastly harmony sung the dirge of her family. She sat upon the ground absorbed in wordless despair, when through the gusty wind and bickering rain she thought she heard her name called. Whose could that familiar voice be? Not one of her relations, for they lay glaring on her with stony eyes. Again her name was syllabled, and she shuddered as she asked herself, am I becoming mad, or am I dying, that I hear the voices of the departed? A second thought passed, swift as an arrow, into her brain; she rushed to the window; and a flash of lightning shewed to her the expected vision, her lover in the shrubbery beneath; joy lent her strength to descend the stairs, to open the door, and then she fainted in his supporting arms.

A thousand times she reproached herself, as with a crime, that she should revive to happiness with him. The natural clinging of the human mind to life and joy was in its full energy in her young heart; she gave herself impetuously up to the enchantment: they were married; and in their radiant features I saw incarnate, for the last time, the spirit of love, of rapturous sympathy, which once had been the life of the world.

I envied them, but felt how impossible it was to imbibe the same feeling, now that years had multiplied my ties in the world. Above all, the anxious mother, my own

beloved and drooping Idris, claimed my earnest care; I could not reproach the anxiety that never for a moment slept in her heart, but I exerted myself to distract her attention from too keen an observation of the truth of things, of the near and nearer approaches of disease, misery, and death, of the wild look of our attendants as intelligence of another and yet another death reached us; for to the last something new occurred that seemed to transcend in horror all that had gone before. Wretched beings crawled to die under our succouring roof; the inhabitants of the Castle decreased daily, while the survivors huddled together in fear, and, as in a famine-struck boat, the sport of the wild, interminable waves, each looked in the other's face, to guess on whom the death-lot would next fall. All this I endeavoured to veil, so that it might least impress my Idris; yet, as I have said, my courage survived even despair: I might be vanquished, but I would not yield.

One day, it was the ninth of September, seemed devoted to every disaster, to every harrowing incident. Early in the day, I heard of the arrival of the aged grandmother of one of our servants at the Castle. This old woman had reached her hundredth year; her skin was shrivelled, her form was bent and lost in extreme decrepitude; but as still from year to year she continued in existence, out-living many younger and stronger, she began to feel as if she were to live for ever. The plague came, and the inhabitants of her village died. Clinging, with the dastard feeling of the aged, to the remnant of her spent life, she had, on hearing that the pestilence had come into her neighbourhood, barred her door, and closed her casement, refusing to communicate with any. She would wander out at night to get food, and returned home, pleased that she had met no one, that she was in no danger from the plague. As the earth became more desolate, her difficulty in acquiring sustenance

increased; at first, her son, who lived near, had humoured her by placing articles of food in her way: at last he died. But, even though threatened by famine, her fear of the plague was paramount; and her greatest care was to avoid her fellow creatures. She grew weaker each day, and each day she had further to go. The night before, she had reached Datchet; and, prowling about, had found a baker's shop open and deserted. Laden with spoil, she hastened to return, and lost her way. The night was windless, hot, and cloudy; her load became too heavy for her; and one by one she threw away her loaves, still endeavouring to get along, though her hobbling fell into lameness, and her weakness at last into inability to move.

She lay down among the tall corn, and fell asleep. Deep in midnight, she was awaked by a rustling near her; she would have started up, but her stiff joints refused to obey her will. A low moan close to her ear followed, and the rustling increased; she heard a smothered voice breathe out, Water, Water! several times; and then again a sigh heaved from the heart of the sufferer. The old woman shuddered, she contrived at length to sit upright; but her teeth chattered, and her knees knocked together – close, very close, lay a half-naked figure, just discernible in the gloom, and the cry for water and the stifled moan were again uttered. Her motions at length attracted the attention of her unknown companion; her hand was seized with a convulsive violence that made the grasp feel like iron, the fingers like the keen teeth of a trap. – "At last you are come!" were the words given forth – but this exertion was the last effort of the dying – the joints relaxed, the figure fell prostrate, one low moan, the last, marked the moment of death. Morning broke; and the old woman saw the corpse, marked with the fatal disease, close to her; her wrist was livid with the hold loosened by death. She felt struck by the

plague; her aged frame was unable to bear her away with sufficient speed; and now, believing herself infected, she no longer dreaded the association of others; but, as swiftly as she might, came to her grand-daughter, at Windsor Castle, there to lament and die. The sight was horrible; still she clung to life, and lamented her mischance with cries and hideous groans; while the swift advance of the disease shewed, what proved to be the fact, that she could not survive many hours.

While I was directing that the necessary care should be taken of her, Clara came in; she was trembling and pale; and, when I anxiously asked her the cause of her agitation, she threw herself into my arms weeping and exclaiming – “Uncle, dearest uncle, do not hate me for ever! I must tell you, for you must know, that Evelyn, poor little Evelyn” – her voice was choked by sobs. The fear of so mighty a calamity as the loss of our adored infant made the current of my blood pause with chilly horror; but the remembrance of the mother restored my presence of mind. I sought the little bed of my darling; he was oppressed by fever; but I trusted, I fondly and fearfully trusted, that there were no symptoms of the plague. He was not three years old, and his illness appeared only one of those attacks incident to infancy. I watched him long – his heavy half-closed lids, his burning cheeks and restless twining of his small fingers – the fever was violent, the torpor complete – enough, without the greater fear of pestilence, to awaken alarm. Idris must not see him in this state. Clara, though only twelve years old, was rendered, through extreme sensibility, so prudent and careful, that I felt secure in entrusting the charge of him to her, and it was my task to prevent Idris from observing their absence. I administered the fitting remedies, and left my sweet

niece to watch beside him, and bring me notice of any change she should observe.

I then went to Idris, contriving in my way, plausible excuses for remaining all day in the Castle, and endeavouring to disperse the traces of care from my brow. Fortunately she was not alone. I found Merrival, the astronomer, with her. He was far too long sighted in his view of humanity to heed the casualties of the day, and lived in the midst of contagion unconscious of its existence. This poor man, learned as La Place, guileless and unforeseeing as a child, had often been on the point of starvation, he, his pale wife and numerous offspring, while he neither felt hunger, nor observed distress. His astronomical theories absorbed him; calculations were scrawled with coal on the bare walls of his garret: a hard-earned guinea, or an article of dress, was exchanged for a book without remorse; he neither heard his children cry, nor observed his companion's emaciated form, and the excess of calamity was merely to him as the occurrence of a cloudy night, when he would have given his right hand to observe a celestial phenomenon. His wife was one of those wondrous beings, to be found only among women, with affections not to be diminished by misfortune. Her mind was divided between boundless admiration for her husband, and tender anxiety for her children – she waited on him, worked for them, and never complained, though care rendered her life one long-drawn, melancholy dream.

He had introduced himself to Adrian, by a request he made to observe some planetary motions from his glass. His poverty was easily detected and relieved. He often thanked us for the books we lent him, and for the use of our instruments, but never spoke of his altered abode or change of circumstances. His wife assured us, that he had not observed any difference, except in the absence

of the children from his study, and to her infinite surprise he complained of this unaccustomed quiet.

He came now to announce to us the completion of his Essay on the Pericyclical Motions of the Earth's Axis, and the precession of the equinoctial points. If an old Roman of the period of the Republic had returned to life, and talked of the impending election of some laurel-crowned consul, or of the last battle with Mithridates, his ideas would not have been more alien to the times, than the conversation of Merrival. Man, no longer with an appetite for sympathy, clothed his thoughts in visible signs; nor were there any readers left: while each one, having thrown away his sword with opposing shield alone, awaited the plague, Merrival talked of the state of mankind six thousand years hence. He might with equal interest to us, have added a commentary, to describe the unknown and unimaginable lineaments of the creatures, who would then occupy the vacated dwelling of mankind. We had not the heart to undeceive the poor old man; and at the moment I came in, he was reading parts of his book to Idris, asking what answer could be given to this or that position.

Idris could not refrain from a smile, as she listened; she had already gathered from him that his family was alive and in health; though not apt to forget the precipice of time on which she stood, yet I could perceive that she was amused for a moment, by the contrast between the contracted view we had so long taken of human life, and the seven league strides with which Merrival paced a coming eternity. I was glad to see her smile, because it assured me of her total ignorance of her infant's danger: but I shuddered to think of the revulsion that would be occasioned by a discovery of the truth. While Merrival was talking, Clara softly opened a door behind Idris, and beckoned me to come with a gesture and look of grief. A mirror betrayed the sign to Idris – she started up. To

suspect evil, to perceive that, Alfred being with us, the danger must regard her youngest darling, to fly across the long chambers into his apartment, was the work but of a moment. There she beheld her Evelyn lying fever-stricken and motionless. I followed her, and strove to inspire more hope than I could myself entertain; but she shook her head mournfully. Anguish deprived her of presence of mind; she gave up to me and Clara the physician’s and nurse’s parts; she sat by the bed, holding one little burning hand, and, with glazed eyes fixed on her babe, passed the long day in one unvaried agony. It was not the plague that visited our little boy so roughly; but she could not listen to my assurances; apprehension deprived her of judgment and reflection; every slight convulsion of her child’s features shook her frame – if he moved, she dreaded the instant crisis; if he remained still, she saw death in his torpor, and the cloud on her brow darkened.

The poor little thing’s fever encreased towards night. The sensation is most dreary, to use no stronger term, with which one looks forward to passing the long hours of night beside a sick bed, especially if the patient be an infant, who cannot explain its pain, and whose flickering life resembles the wasting flame of the watch-light,

Whose narrow fire

Is shaken by the wind, and on whose edge

Devouring darkness hovers .

With eagerness one turns toward the east, with angry impatience one marks the unchequered darkness; the crowing of a cock, that sound of glee during day-time, comes wailing and untuneable – the creaking of rafters, and slight stir of invisible insect is heard and felt as the signal and type of desolation. Clara, overcome by

weariness, had seated herself at the foot of her cousin's bed, and in spite of her efforts slumber weighed down her lids; twice or thrice she shook it off; but at length she was conquered and slept. Idris sat at the bedside, holding Evelyn's hand; we were afraid to speak to each other; I watched the stars – I hung over my child – I felt his little pulse – I drew near the mother – again I receded. At the turn of morning a gentle sigh from the patient attracted me, the burning spot on his cheek faded – his pulse beat softly and regularly – torpor yielded to sleep. For a long time I dared not hope; but when his unobstructed breathing and the moisture that suffused his forehead, were tokens no longer to be mistaken of the departure of mortal malady, I ventured to whisper the news of the change to Idris, and at length succeeded in persuading her that I spoke truth.

But neither this assurance, nor the speedy convalescence of our child could restore her, even to the portion of peace she before enjoyed. Her fear had been too deep, too absorbing, too entire, to be changed to security. She felt as if during her past calm she had dreamed, but was now awake; she was

As one

In some lone watch-tower on the deep, awakened

From soothing visions of the home he loves,

Trembling to hear the wrathful billows roar;

as one who has been cradled by a storm, and awakes to find the vessel sinking. Before, she had been visited by pangs of fear – now, she never enjoyed an interval of hope. No smile of the heart ever irradiated her fair countenance; sometimes she forced one, and then gushing tears would flow, and the sea of grief close

above these wrecks of past happiness. Still while I was near her, she could not be in utter despair – she fully confided herself to me – she did not seem to fear my death, or revert to its possibility; to my guardianship she consigned the full freight of her anxieties, reposing on my love, as a wind-nipped fawn by the side of a doe, as a wounded nestling under its mother's wing, as a tiny, shattered boat, quivering still, beneath some protecting willow-tree. While I, not proudly as in days of joy, yet tenderly, and with glad consciousness of the comfort I afforded, drew my trembling girl close to my heart, and tried to ward every painful thought or rough circumstance from her sensitive nature.

One other incident occurred at the end of this summer. The Countess of Windsor, Ex-Queen of England, returned from Germany. She had at the beginning of the season quitted the vacant city of Vienna; and, unable to tame her haughty mind to anything like submission, she had delayed at Hamburgh, and, when at last she came to London, many weeks elapsed before she gave Adrian notice of her arrival. In spite of her coldness and long absence, he welcomed her with sensibility, displaying such affection as sought to heal the wounds of pride and sorrow, and was repulsed only by her total apparent want of sympathy. Idris heard of her mother's return with pleasure. Her own maternal feelings were so ardent, that she imagined her parent must now, in this waste world, have lost pride and harshness, and would receive with delight her filial attentions. The first check to her duteous demonstrations was a formal intimation from the fallen majesty of England, that I was in no manner to be intruded upon her. She consented, she said, to forgive her daughter, and acknowledge her grandchildren; larger concessions must not be expected.

To me this proceeding appeared (if so light a term may be permitted) extremely whimsical. Now that the race of

man had lost in fact all distinction of rank, this pride was doubly fatuitous; now that we felt a kindred, fraternal nature with all who bore the stamp of humanity, this angry reminiscence of times for ever gone, was worse than foolish. Idris was too much taken up by her own dreadful fears, to be angry, hardly grieved; for she judged that insensibility must be the source of this continued rancour. This was not altogether the fact: but predominant self-will assumed the arms and masque of callous feeling; and the haughty lady disdained to exhibit any token of the struggle she endured; while the slave of pride, she fancied that she sacrificed her happiness to immutable principle.

False was all this – false all but the affections of our nature, and the links of sympathy with pleasure or pain. There was but one good and one evil in the world – life and death. The pomp of rank, the assumption of power, the possessions of wealth vanished like morning mist. One living beggar had become of more worth than a national peerage of dead lords – alas the day! – than of dead heroes, patriots, or men of genius. There was much of degradation in this: for even vice and virtue had lost their attributes – life – life – the continuation of our animal mechanism – was the Alpha and Omega of the desires, the prayers, the prostrate ambition of human race.

CHAPTER IX

HALF England was desolate, when October came, and the equinoctial winds swept over the earth, chilling the ardours of the unhealthy season. The summer, which was uncommonly hot, had been protracted into the beginning of this month, when on the eighteenth a sudden change was brought about from summer temperature to winter frost. Pestilence then made a pause in her death-dealing career. Gasping, not daring to name our hopes, yet full even to the brim with intense expectation, we stood, as a ship-wrecked sailor stands on a barren rock islanded by the ocean, watching a distant vessel, fancying that now it nears, and then again that it is bearing from sight. This promise of a renewed lease of life turned rugged natures to melting tenderness, and by contrast filled the soft with harsh and unnatural sentiments. When it seemed destined that all were to die, we were reckless of the how and when – now that the virulence of the disease was mitigated, and it appeared willing to spare some, each was eager to be among the elect, and clung to life with dastard tenacity. Instances of desertion became more frequent; and even murders, which made the hearer sick with horror, where the fear of contagion had armed those nearest in blood against each other. But these smaller and separate tragedies were about to yield to a mightier interest – and, while we were promised calm from infectious influences, a tempest arose wilder than the winds, a tempest bred by the passions of man, nourished by his most violent impulses, unexampled and dire.

A number of people from North America, the relics of that populous continent, had set sail for the East with mad desire of change, leaving their native plains for lands not less afflicted than their own. Several hundreds landed in Ireland, about the first of November, and took possession of such vacant habitations as they could find; seizing upon the superabundant food, and the stray cattle. As they exhausted the produce of one spot, they went on to another. At length they began to interfere with the inhabitants, and strong in their concentrated numbers, ejected the natives from their dwellings, and robbed them of their winter store. A few events of this kind roused the fiery nature of the Irish; and they attacked the invaders. Some were destroyed; the major part escaped by quick and well ordered movements; and danger made them careful. Their numbers ably arranged; the very deaths among them concealed; moving on in good order, and apparently given up to enjoyment, they excited the envy of the Irish. The Americans permitted a few to join their band, and presently the recruits outnumbered the strangers – nor did they join with them, nor imitate the admirable order which, preserved by the Trans-Atlantic chiefs, rendered them at once secure and formidable. The Irish followed their track in disorganized multitudes; each day encreasing; each day becoming more lawless. The Americans were eager to escape from the spirit they had roused, and, reaching the eastern shores of the island, embarked for England. Their incursion would hardly have been felt had they come alone; but the Irish, collected in unnatural numbers, began to feel the inroads of famine, and they followed in the wake of the Americans for England also. The crossing of the sea could not arrest their progress. The harbours of the desolate sea-ports of the west of Ireland were filled with vessels of all sizes, from the man of war to the small

fishers' boat, which lay sailorless, and rotting on the lazy deep. The emigrants embarked by hundreds, and unfurling their sails with rude hands, made strange havoc of buoy and cordage. Those who modestly betook themselves to the smaller craft, for the most part achieved their watery journey in safety. Some, in the true spirit of reckless enterprise, went on board a ship of an hundred and twenty guns; the vast hull drifted with the tide out of the bay, and after many hours its crew of landsmen contrived to spread a great part of her enormous canvass – the wind took it, and while a thousand mistakes of the helmsman made her present her head now to one point, and now to another, the vast fields of canvass that formed her sails flapped with a sound like that of a huge cataract; or such as a sea-like forest may give forth when buffeted by an equinoctial north-wind. The port-holes were open, and with every sea, which as she lurched, washed her decks, they received whole tons of water. The difficulties were increased by a fresh breeze which began to blow, whistling among the shrowds, dashing the sails this way and that, and rending them with horrid split, and such whir as may have visited the dreams of Milton, when he imagined the winnowing of the arch-fiend's van-like wings, which encreased the uproar of wild chaos. These sounds were mingled with the roaring of the sea, the splash of the chafed billows round the vessel's sides, and the gurgling up of the water in the hold. The crew, many of whom had never seen the sea before, felt indeed as if heaven and earth came ruining together, as the vessel dipped her bows in the waves, or rose high upon them. Their yells were drowned in the clamour of elements, and the thunder rivings of their unwieldy habitation – they discovered at last that the water gained on them, and they betook themselves to their pumps; they might as well have laboured to empty the ocean by bucketfuls.

As the sun went down, the gale encreased; the ship seemed to feel her danger, she was now completely water-logged, and presented other indications of settling before she went down. The bay was crowded with vessels, whose crews, for the most part, were observing the uncouth sportings of this huge unwieldy machine – they saw her gradually sink; the waters now rising above her lower decks – they could hardly wink before she had utterly disappeared, nor could the place where the sea had closed over her be at all discerned. Some few of her crew were saved, but the greater part clinging to her cordage and masts went down with her, to rise only when death loosened their hold.

This event caused many of those who were about to sail, to put foot again on firm land, ready to encounter any evil rather than to rush into the yawning jaws of the pitiless ocean. But these were few, in comparison to the numbers who actually crossed. Many went up as high as Belfast to ensure a shorter passage, and then journeying south through Scotland, they were joined by the poorer natives of that country, and all poured with one consent into England.

Such incursions struck the English with affright, in all those towns where there was still sufficient population to feel the change. There was room enough indeed in our hapless country for twice the number of invaders; but their lawless spirit instigated them to violence; they took a delight in thrusting the possessors from their houses; in seizing on some mansion of luxury, where the noble dwellers secluded themselves in fear of the plague; in forcing these of either sex to become their servants and purveyors; till, the ruin complete in one place, they removed their locust visitation to another. When unopposed they spread their ravages wide; in cases of danger they clustered, and by dint of numbers overthrew their weak and despairing foes. They came

from the east and the north, and directed their course without apparent motive, but unanimously towards our unhappy metropolis.

Communication had been to a great degree cut off through the paralyzing effects of pestilence, so that the van of our invaders had proceeded as far as Manchester and Derby, before we received notice of their arrival. They swept the country like a conquering army, burning – laying waste – murdering. The lower and vagabond English joined with them. Some few of the Lords Lieutenant who remained, endeavoured to collect the militia – but the ranks were vacant, panic seized on all, and the opposition that was made only served to increase the audacity and cruelty of the enemy. They talked of taking London, conquering England – calling to mind the long detail of injuries which had for many years been forgotten. Such vaunts displayed their weakness, rather than their strength – yet still they might do extreme mischief, which, ending in their destruction, would render them at last objects of compassion and remorse.

We were now taught how, in the beginning of the world, mankind clothed their enemies in impossible attributes – and how details proceeding from mouth to mouth, might, like Virgil’s ever-growing Rumour, reach the heavens with her brow, and clasp Hesperus and Lucifer with her outstretched hands. Gorgon and Centaur, dragon and iron-hoofed lion, vast sea-monster and gigantic hydra, were but types of the strange and appalling accounts brought to London concerning our invaders. Their landing was long unknown, but having now advanced within an hundred miles of London, the country people flying before them arrived in successive troops, each exaggerating the numbers, fury, and cruelty of the assailants. Tumult filled the before quiet streets – women and children deserted their homes, escaping

they knew not whither – fathers, husbands, and sons, stood trembling, not for themselves, but for their loved and defenceless relations. As the country people poured into London, the citizens fled southwards – they climbed the higher edifices of the town, fancying that they could discern the smoke and flames the enemy spread around them. As Windsor lay, to a great degree, in the line of march from the west, I removed my family to London, assigning the Tower for their sojourn, and joining Adrian, acted as his Lieutenant in the coming struggle.

We employed only two days in our preparations, and made good use of them. Artillery and arms were collected; the remnants of such regiments, as could be brought through many losses into any show of muster, were put under arms, with that appearance of military discipline which might encourage our own party, and seem most formidable to the disorganized multitude of our enemies. Even music was not wanting: banners floated in the air, and the shrill fife and loud trumpet breathed forth sounds of encouragement and victory. A practised ear might trace an undue faltering in the step of the soldiers; but this was not occasioned so much by fear of the adversary, as by disease, by sorrow, and by fatal prognostications, which often weighed most potently on the brave, and quelled the manly heart to abject subjection.

Adrian led the troops. He was full of care. It was small relief to him that our discipline should gain us success in such a conflict; while plague still hovered to equalize the conqueror and the conquered, it was not victory that he desired, but bloodless peace. As we advanced, we were met by bands of peasantry, whose almost naked condition, whose despair and horror, told at once the fierce nature of the coming enemy. The senseless spirit of conquest and thirst of spoil blinded them, while with insane fury they deluged the country in ruin. The sight

of the military restored hope to those who fled, and revenge took place of fear. They inspired the soldiers with the same sentiment. Languor was changed to ardour, the slow step converted to a speedy pace, while the hollow murmur of the multitude, inspired by one feeling, and that deadly, filled the air, drowning the clang of arms and sound of music. Adrian perceived the change, and feared that it would be difficult to prevent them from wreaking their utmost fury on the Irish. He rode through the lines, charging the officers to restrain the troops, exhorting the soldiers, restoring order, and quieting in some degree the violent agitation that swelled every bosom.

We first came upon a few stragglers of the Irish at St. Albans. They retreated, and, joining others of their companions, still fell back, till they reached the main body. Tidings of an armed and regular opposition recalled them to a sort of order. They made Buckingham their head-quarters, and scouts were sent out to ascertain our situation. We remained for the night at Luton. In the morning a simultaneous movement caused us each to advance. It was early dawn, and the air, impregnated with freshest odour, seemed in idle mockery to play with our banners, and bore onwards towards the enemy the music of the bands, the neighings of the horses, and regular step of the infantry. The first sound of martial instruments that came upon our undisciplined foe, inspired surprise, not unmingled with dread. It spoke of other days, of days of concord and order; it was associated with times when plague was not, and man lived beyond the shadow of imminent fate. The pause was momentary. Soon we heard their disorderly clamour, the barbarian shouts, the untimed step of thousands coming on in disarray. Their troops now came pouring on us from the open country or narrow lanes; a large extent of unenclosed fields lay

between us; we advanced to the middle of this, and then made a halt: being somewhat on superior ground, we could discern the space they covered. When their leaders perceived us drawn out in opposition, they also gave the word to halt, and endeavoured to form their men into some imitation of military discipline. The first ranks had muskets; some were mounted, but their arms were such as they had seized during their advance, their horses those they had taken from the peasantry; there was no uniformity, and little obedience, but their shouts and wild gestures showed the untamed spirit that inspired them. Our soldiers received the word, and advanced to quickest time, but in perfect order: their uniform dresses, the gleam of their polished arms, their silence, and looks of sullen hate, were more appalling than the savage clamour of our innumerous foe. Thus coming nearer and nearer each other, the howls and shouts of the Irish increased; the English proceeded in obedience to their officers, until they came near enough to distinguish the faces of their enemies; the sight inspired them with fury: with one cry, that rent heaven and was re-echoed by the furthest lines, they rushed on; they disdained the use of the bullet, but with fixed bayonet dashed among the opposing foe, while the ranks opening at intervals, the matchmen lighted the cannon, whose deafening roar and blinding smoke filled up the horror of the scene. I was beside Adrian; a moment before he had again given the word to halt, and had remained a few yards distant from us in deep meditation: he was forming swiftly his plan of action, to prevent the effusion of blood; the noise of cannon, the sudden rush of the troops, and yell of the foe, startled him: with flashing eyes he exclaimed, “Not one of these must perish!” and plunging the rowels into his horse’s sides, he dashed between the conflicting bands. We, his staff, followed him to surround and protect him; obeying

his signal, however, we fell back somewhat. The soldiery perceiving him, paused in their onset; he did not swerve from the bullets that passed near him, but rode immediately between the opposing lines. Silence succeeded to clamour; about fifty men lay on the ground dying or dead. Adrian raised his sword in act to speak: “By whose command,” he cried, addressing his own troops, “do you advance? Who ordered your attack? Fall back; these misguided men shall not be slaughtered, while I am your general. Sheath your weapons; these are your brothers, commit not fratricide; soon the plague will not leave one for you to glut your revenge upon: will you be more pitiless than pestilence? As you honour me – as you worship God, in whose image those also are created – as your children and friends are dear to you, – shed not a drop of precious human blood.”

He spoke with outstretched hand and winning voice, and then turning to our invaders, with a severe brow, he commanded them to lay down their arms: “Do you think,” he said, “that because we are wasted by plague, you can overcome us; the plague is also among you, and when ye are vanquished by famine and disease, the ghosts of those you have murdered will arise to bid you not hope in death. Lay down your arms, barbarous and cruel men – men whose hands are stained with the blood of the innocent, whose souls are weighed down by the orphan’s cry! We shall conquer, for the right is on our side; already your cheeks are pale – the weapons fall from your nerveless grasp. Lay down your arms, fellow men! brethren! Pardon, succour, and brotherly love await your repentance. You are dear to us, because you wear the frail shape of humanity; each one among you will find a friend and host among these forces. Shall man be the enemy of man, while plague, the foe to all, even now is above us, triumphing in our butchery, more cruel than her own?”

Each army paused. On our side the soldiers grasped their arms firmly, and looked with stern glances on the foe. These had not thrown down their weapons, more from fear than the spirit of contest; they looked at each other, each wishing to follow some example given him, – but they had no leader. Adrian threw himself from his horse, and approaching one of those just slain: “He was a man,” he cried, “and he is dead. O quickly bind up the wounds of the fallen – let not one die; let not one more soul escape through your merciless gashes, to relate before the throne of God the tale of fratricide; bind up their wounds – restore them to their friends. Cast away the hearts of tigers that burn in your breasts; throw down those tools of cruelty and hate; in this pause of exterminating destiny, let each man be brother, guardian, and stay to the other. Away with those blood-stained arms, and hasten some of you to bind up these wounds.”

As he spoke, he knelt on the ground, and raised in his arms a man from whose side the warm tide of life gushed – the poor wretch gasped – so still had either host become, that his moans were distinctly heard, and every heart, late fiercely bent on universal massacre, now beat anxiously in hope and fear for the fate of this one man. Adrian tore off his military scarf and bound it round the sufferer – it was too late – the man heaved a deep sigh, his head fell back, his limbs lost their sustaining power. – “He is dead!” said Adrian, as the corpse fell from his arms on the ground, and he bowed his head in sorrow and awe. The fate of the world seemed bound up in the death of this single man. On either side the bands threw down their arms, even the veterans wept, and our party held out their hands to their foes, while a gush of love and deepest amity filled every heart. The two forces mingling, unarmed and hand in hand, talking only how each might assist the other,

the adversaries conjoined; each repenting, the one side their former cruelties, the other their late violence, they obeyed the orders of the General to proceed towards London.

Adrian was obliged to exert his utmost prudence, first to allay the discord, and then to provide for the multitude of the invaders. They were marched to various parts of the southern counties, quartered in deserted villages, – a part were sent back to their own island, while the season of winter so far revived our energy, that the passes of the country were defended, and any increase of numbers prohibited.

On this occasion Adrian and Idris met after a separation of nearly a year. Adrian had been occupied in fulfilling a laborious and painful task. He had been familiar with every species of human misery, and had for ever found his powers inadequate, his aid of small avail. Yet the purpose of his soul, his energy and ardent resolution, prevented any re-action of sorrow. He seemed born anew, and virtue, more potent than Medean alchemy, endued him with health and strength. Idris hardly recognized the fragile being, whose form had seemed to bend even to the summer breeze, in the energetic man, whose very excess of sensibility rendered him more capable of fulfilling his station of pilot in storm-tossed England.

It was not thus with Idris. She was uncomplaining; but the very soul of fear had taken its seat in her heart. She had grown thin and pale, her eyes filled with involuntary tears, her voice was broken and low. She tried to throw a veil over the change which she knew her brother must observe in her, but the effort was ineffectual; and when alone with him, with a burst of irrepressible grief she gave vent to her apprehensions and sorrow. She described in vivid terms the ceaseless care that with still renewing hunger ate into her soul; she compared this

gnawing of sleepless expectation of evil, to the vulture that fed on the heart of Prometheus; under the influence of this eternal excitement, and of the interminable struggles she endured to combat and conceal it, she felt, she said, as if all the wheels and springs of the animal machine worked at double rate, and were fast consuming themselves. Sleep was not sleep, for her waking thoughts, bridled by some remains of reason, and by the sight of her children happy and in health, were then transformed to wild dreams, all her terrors were realized, all her fears received their dread fulfilment. To this state there was no hope, no alleviation, unless the grave should quickly receive its destined prey, and she be permitted to die, before she experienced a thousand living deaths in the loss of those she loved. Fearing to give me pain, she hid as best she could the excess of her wretchedness, but meeting thus her brother after a long absence, she could not restrain the expression of her woe, but with all the vividness of imagination with which misery is always replete, she poured out the emotions of her heart to her beloved and sympathizing Adrian.

Her present visit to London tended to augment her state of inquietude, by shewing in its utmost extent the ravages occasioned by pestilence. It hardly preserved the appearance of an inhabited city; grass sprung up thick in the streets; the squares were weed-grown, the houses were shut up, while silence and loneliness characterized the busiest parts of the town. Yet in the midst of desolation Adrian had preserved order; and each one continued to live according to law and custom – human institutions thus surviving as it were divine ones, and while the decree of population was abrogated, property continued sacred. It was a melancholy reflection; and in spite of the diminution of evil produced, it struck on the heart as a wretched mockery.

All idea of resort for pleasure, of theatres and festivals had passed away. “Next summer,” said Adrian as we parted on our return to Windsor, “will decide the fate of the human race. I shall not pause in my exertions until that time; but, if plague revives with the coming year, all contest with her must cease, and our only occupation be the choice of a grave.”

I must not forget one incident that occurred during this visit to London. The visits of Merrival to Windsor, before frequent, had suddenly ceased. At this time where but a hair’s line separated the living from the dead, I feared that our friend had become a victim to the all-embracing evil. On this occasion I went, dreading the worst, to his dwelling, to see if I could be of any service to those of his family who might have survived. The house was deserted, and had been one of those assigned to the invading strangers quartered in London. I saw his astronomical instruments put to strange uses, his globes defaced, his papers covered with abstruse calculations destroyed. The neighbours could tell me little, till I lighted on a poor woman who acted as nurse in these perilous times. She told me that all the family were dead, except Merrival himself, who had gone mad – mad, she called it, yet on questioning her further, it appeared that he was possessed only by the delirium of excessive grief. This old man, tottering on the edge of the grave, and prolonging his prospect through millions of calculated years, – this visionary who had not seen starvation in the wasted forms of his wife and children, or plague in the horrible sights and sounds that surrounded him – this astronomer, apparently dead on earth, and living only in the motion of the spheres – loved his family with unapparent but intense affection. Through long habit they had become a part of himself; his want of worldly knowledge, his absence of mind and infant guilelessness, made him utterly dependent on

them. It was not till one of them died that he perceived their danger; one by one they were carried off by pestilence; and his wife, his helpmate and supporter, more necessary to him than his own limbs and frame, which had hardly been taught the lesson of self-preservation, the kind companion whose voice always spoke peace to him, closed her eyes in death. The old man felt the system of universal nature which he had so long studied and adored, slide from under him, and he stood among the dead, and lifted his voice in curses. – No wonder that the attendant should interpret as phrensy the harrowing maledictions of the grief-struck old man.

I had commenced my search late in the day, a November day, that closed in early with pattering rain and melancholy wind. As I turned from the door, I saw Merrival, or rather the shadow of Merrival, attenuated and wild, pass me, and sit on the steps of his home. The breeze scattered the grey locks on his temples, the rain drenched his uncovered head, he sat hiding his face in his withered hands. I pressed his shoulder to awaken his attention, but he did not alter his position. “Merrival,” I said, “it is long since we have seen you – you must return to Windsor with me – Lady Idris desires to see you, you will not refuse her request – come home with me.”

He replied in a hollow voice, “Why deceive a helpless old man, why talk hypocritically to one half crazed? Windsor is not my home; my true home I have found; the home that the Creator has prepared for me.”

His accent of bitter scorn thrilled me – “Do not tempt me to speak,” he continued, “my words would scare you – in an universe of cowards I dare think – among the church-yard tombs – among the victims of His merciless tyranny I dare reproach the Supreme Evil. How can he punish me? Let him bare his arm and transfix me with

lightning – this is also one of his attributes" – and the old man laughed.

He rose, and I followed him through the rain to a neighbouring church-yard – he threw himself on the wet earth. "Here they are," he cried, "beautiful creatures – breathing, speaking, loving creatures. She who by day and night cherished the age-worn lover of her youth – they, parts of my flesh, my children – here they are: call them, scream their names through the night; they will not answer!" He clung to the little heaps that marked the graves. "I ask but one thing; I do not fear His hell, for I have it here; I do not desire His heaven, let me but die and be laid beside them; let me but, when I lie dead, feel my flesh as it moulders, mingle with theirs. Promise," and he raised himself painfully, and seized my arm, "promise to bury me with them."

"So God help me and mine as I promise," I replied, "on one condition: return with me to Windsor."

"To Windsor!" he cried with a shriek, "Never! – from this place I never go – my bones, my flesh, I myself, are already buried here, and what you see of me is corrupted clay like them. I will lie here, and cling here, till rain, and hail, and lightning and storm, ruining on me, make me one in substance with them below."

In a few words I must conclude this tragedy. I was obliged to leave London, and Adrian undertook to watch over him; the task was soon fulfilled; age, grief, and inclement weather, all united to hush his sorrows, and bring repose to his heart, whose beats were agony. He died embracing the sod, which was piled above his breast, when he was placed beside the beings whom he regretted with such wild despair.

I returned to Windsor at the wish of Idris, who seemed to think that there was greater safety for her children at that spot; and because, once having taken on me the guardianship of the district, I would not desert it while

an inhabitant survived. I went also to act in conformity with Adrian’s plans, which was to congregate in masses what remained of the population; for he possessed the conviction that it was only through the benevolent and social virtues that any safety was to be hoped for the remnant of mankind.

It was a melancholy thing to return to this spot so dear to us, as the scene of a happiness rarely before enjoyed, here to mark the extinction of our species, and trace the deep uneraseable footsteps of disease over the fertile and cherished soil. The aspect of the country had so far changed, that it had been impossible to enter on the task of sowing seed, and other autumnal labours. That season was now gone; and winter had set in with sudden and unusual severity. Alternate frosts and thaws succeeding to floods, rendered the country impassable. Heavy falls of snow gave an arctic appearance to the scenery; the roofs of the houses peeped from the white mass; the lowly cot and stately mansion, alike deserted, were blocked up, their thresholds uncleared; the windows were broken by the hail, while the prevalence of a north-east wind rendered out-door exertions extremely painful. The altered state of society made these accidents of nature, sources of real misery. The luxury of command and the attentions of servitude were lost. It is true that the necessaries of life were assembled in such quantities, as to supply to superfluity the wants of the diminished population; but still much labour was required to arrange these, as it were, raw materials; and depressed by sickness, and fearful of the future, we had not energy to enter boldly and decidedly on any system.

I can speak for myself – want of energy was not my failing. The intense life that quickened my pulses, and animated my frame, had the effect, not of drawing me into the mazes of active life, but of exalting my lowliness, and of bestowing majestic proportions on

insignificant objects – I could have lived the life of a peasant in the same way – my trifling occupations were swelled into important pursuits; my affections were impetuous and engrossing passions, and nature with all her changes was invested in divine attributes. The very spirit of the Greek mythology inhabited my heart; I deified the uplands, glades, and streams, I

Had sight of Proteus coming from the sea;

And heard old Triton blow his wreathed horn .

Strange, that while the earth preserved her monotonous course, I dwelt with ever-renewing wonder on her antique laws, and now that with excentric wheel she rushed into an untried path, I should feel this spirit fade; I struggled with despondency and weariness, but like a fog, they choked me. Perhaps, after the labours and stupendous excitement of the past summer, the calm of winter and the almost menial toils it brought with it, were by natural re-action doubly irksome. It was not the grasping passion of the preceding year, which gave life and individuality to each moment – it was not the aching pangs induced by the distresses of the times. The utter inutility that had attended all my exertions took from them their usual effects of exhilaration, and despair rendered abortive the balm of self applause – I longed to return to my old occupations, but of what use were they? To read were futile – to write, vanity indeed. The earth, late wide circus for the display of dignified exploits, vast theatre for a magnificent drama, now presented a vacant space, an empty stage – for actor or spectator there was no longer aught to say or hear.

Our little town of Windsor, in which the survivors from the neighbouring counties were chiefly assembled, wore a melancholy aspect. Its streets were blocked up with snow – the few passengers seemed palsied, and frozen

by the ungenial visitation of winter. To escape these evils was the aim and scope of all our exertions. Families late devoted to exalting and refined pursuits, rich, blooming, and young, with diminished numbers and care-fraught hearts, huddled over a fire, grown selfish and grovelling through suffering. Without the aid of servants, it was necessary to discharge all household duties; hands unused to such labour must knead the bread, or in the absence of flour, the statesmen or perfumed courtier must undertake the butcher's office. Poor and rich were now equal, or rather the poor were the superior, since they entered on such tasks with alacrity and experience; while ignorance, inaptitude, and habits of repose, rendered them fatiguing to the luxurious, galling to the proud, disgustful to all whose minds, bent on intellectual improvement, held it their dearest privilege to be exempt from attending to mere animal wants.

But in every change goodness and affection can find field for exertion and display. Among some these changes produced a devotion and sacrifice of self at once graceful and heroic. It was a sight for the lovers of the human race to enjoy; to behold, as in ancient times, the patriarchal modes in which the variety of kindred and friendship fulfilled their duteous and kindly offices. Youths, nobles of the land, performed for the sake of mother or sister, the services of menials with amiable cheerfulness. They went to the river to break the ice, and draw water: they assembled on foraging expeditions, or axe in hand felled the trees for fuel. The females received them on their return with the simple and affectionate welcome known before only to the lowly cottage – a clean hearth and bright fire; the supper ready cooked by beloved hands; gratitude for the provision for tomorrow's meal: strange enjoyments for the high-born English, yet they were now their sole, hard earned, and dearly prized luxuries.

None was more conspicuous for this graceful submission to circumstances, noble humility, and ingenious fancy to adorn such acts with romantic colouring, than our own Clara. She saw my despondency, and the aching cares of Idris. Her perpetual study was to relieve us from labour and to spread ease and even elegance over our altered mode of life. We still had some attendants spared by disease, and warmly attached to us. But Clara was jealous of their services; she would be sole handmaid of Idris, sole minister to the wants of her little cousins; nothing gave her so much pleasure as our employing her in this way; she went beyond our desires, earnest, diligent, and unwearied, –

Abra was ready ere we called her name,

And though we called another, Abra came .

It was my task each day to visit the various families assembled in our town, and when the weather permitted, I was glad to prolong my ride, and to muse in solitude over every changeful appearance of our destiny, endeavouring to gather lessons for the future from the experience of the past. The impatience with which, while in society, the ills that afflicted my species inspired me, were softened by loneliness, when individual suffering was merged in the general calamity, strange to say, less afflicting to contemplate. Thus often, pushing my way with difficulty through the narrow snow-blocked town, I crossed the bridge and passed through Eton. No youthful congregation of gallant-hearted boys thronged the portal of the college; sad silence pervaded the busy school-room and noisy playground. I extended my ride towards Salt Hill, on every side impeded by the snow. Were those the fertile fields I loved – was that the interchange of gentle upland and cultivated dale, once covered with waving corn, diversified by stately trees,

watered by the meandering Thames? One sheet of white covered it, while bitter recollection told me that cold as the winter-clothed earth, were the hearts of the inhabitants. I met troops of horses, herds of cattle, flocks of sheep, wandering at will; here throwing down a hay-rick, and nestling from cold in its heart, which afforded them shelter and food – there having taken possession of a vacant cottage. Once on a frosty day, pushed on by restless unsatisfying reflections, I sought a favourite haunt, a little wood not far distant from Salt Hill. A bubbling spring prattles over stones on one side, and a plantation of a few elms and beeches, hardly deserve, and yet continue the name of wood. This spot had for me peculiar charms. It had been a favourite resort of Adrian; it was secluded; and he often said that in boyhood, his happiest hours were spent here; having escaped the stately bondage of his mother, he sat on the rough hewn steps that led to the spring, now reading a favourite book, now musing, with speculation beyond his years, on the still unravelled skein of morals or metaphysics. A melancholy foreboding assured me that I should never see this place more; so with careful thought, I noted each tree, every winding of the streamlet and irregularity of the soil, that I might better call up its idea in absence. A robin red-breast dropt from the frosty branches of the trees, upon the congealed rivulet; its panting breast and half-closed eyes shewed that it was dying: a hawk appeared in the air; sudden fear seized the little creature; it exerted its last strength, throwing itself on its back, raising its talons in impotent defence against its powerful enemy. I took it up and placed it in my breast. I fed it with a few crumbs from a biscuit; by degrees it revived; its warm fluttering heart beat against me; I cannot tell why I detail this trifling incident – but the scene is still before me; the snow-clad fields seen through the silvered trunks of the beeches, –

the brook, in days of happiness alive with sparkling waters, now choked by ice – the leafless trees fantastically dressed in hoar frost – the shapes of summer leaves imaged by winter's frozen hand on the hard ground – the dusky sky, drear cold, and unbroken silence – while close in my bosom, my feathered nursling lay warm, and safe, speaking its content with a light chirp – painful reflections thronged, stirring my brain with wild commotion – cold and death-like as the snowy fields was all earth – misery-stricken the life-tide of the inhabitants – why should I oppose the cataract of destruction that swept us away? – why string my nerves and renew my wearied efforts – ah, why? But that my firm courage and cheerful exertions might shelter the dear mate, whom I chose in the spring of my life; though the throbbings of my heart be replete with pain, though my hopes for the future are chill, still while your dear head, my gentlest love, can repose in peace on that heart, and while you derive from its fostering care, comfort, and hope, my struggles shall not cease, – I will not call myself altogether vanquished.

One fine February day, when the sun had reassumed some of its genial power, I walked in the forest with my family. It was one of those lovely winter-days which assert the capacity of nature to bestow beauty on barrenness. The leafless trees spread their fibrous branches against the pure sky; their intricate and pervious tracery resembled delicate sea-weed; the deer were turning up the snow in search of the hidden grass; the white was made intensely dazzling by the sun, and trunks of the trees, rendered more conspicuous by the loss of preponderating foliage, gathered around like the labyrinthine columns of a vast temple; it was impossible not to receive pleasure from the sight of these things. Our children, freed from the bondage of winter, bounded before us; pursuing the deer, or rousing the pheasants

and partridges from their coverts. Idris leant on my arm; her sadness yielded to the present sense of pleasure. We met other families on the Long Walk, enjoying like ourselves the return of the genial season. At once, I seemed to awake; I cast off the clinging sloth of the past months; earth assumed a new appearance, and my view of the future was suddenly made clear. I exclaimed, “I have now found out the secret!”

“What secret?”

In answer to this question, I described our gloomy winter-life, our sordid cares, our menial labours: – “This northern country,” I said, “is no place for our diminished race. When mankind were few, it was not here that they battled with the powerful agents of nature, and were enabled to cover the globe with offspring. We must seek some natural Paradise, some garden of the earth, where our simple wants may be easily supplied, and the enjoyment of a delicious climate compensate for the social pleasures we have lost. If we survive this coming summer, I will not spend the ensuing winter in England; neither I nor any of us.”

I spoke without much heed, and the very conclusion of what I said brought with it other thoughts. Should we, any of us, survive the coming summer? I saw the brow of Idris clouded; I again felt, that we were enchained to the car of fate, over whose coursers we had no control. We could no longer say, This we will do, and this we will leave undone. A mightier power than the human was at hand to destroy our plans or to achieve the work we avoided. It were madness to calculate upon another winter. This was our last. The coming summer was the extreme end of our vista; and, when we arrived there, instead of a continuation of the long road, a gulph yawned, into which we must of force be precipitated. The last blessing of humanity was wrested from us; we might no longer hope. Can the madman, as he clanks his

chains, hope? Can the wretch, led to the scaffold, who when he lays his head on the block, marks the double shadow of himself and the executioner, whose uplifted arm bears the axe, hope? Can the ship-wrecked mariner, who spent with swimming, hears close behind the splashing waters divided by a shark which pursues him through the Atlantic, hope? Such hope as theirs, we also may entertain!

Old fable tells us, that this gentle spirit sprung from the box of Pandora, else crammed with evils; but these were unseen and null, while all admired the inspiriting loveliness of young Hope; each man's heart became her home; she was enthroned sovereign of our lives, here and here-after; she was deified and worshipped, declared incorruptible and everlasting. But like all other gifts of the Creator to Man, she is mortal; her life has attained its last hour. We have watched over her; nursed her flickering existence; now she has fallen at once from youth to decrepitude, from health to immedicinable disease; even as we spend ourselves in struggles for her recovery, she dies; to all nations the voice goes forth, Hope is dead! We are but mourners in the funeral train, and what immortal essence or perishable creation will refuse to make one in the sad procession that attends to its grave the dead comforter of humanity?

Does not the sun call in his light? and day

Like a thin exhalation melt away –

Both wrapping up their beams in clouds to be

Themselves close mourners at this obsequie .

VOLUME III

CHAPTER I

HEAR YOU not the rushing sound of the coming tempest? Do you not behold the clouds open, and destruction lurid and dire pour down on the blasted earth? See you not the thunderbolt fall, and are deafened by the shout of heaven that follows its descent? Feel you not the earth quake and open with agonizing groans, while the air is pregnant with shrieks and wailings – all announcing the last days of man? No! none of these things accompanied our fall! The balmy air of spring, breathed from nature's ambrosial home, invested the lovely earth, which wakened as a young mother about to lead forth in pride her beauteous offspring to meet their sire who had been long absent. The buds decked the trees, the flowers adorned the land: the dark branches, swollen with seasonable juices, expanded into leaves, and the variegated foliage of spring, bending and singing in the breeze, rejoiced in the genial warmth of the unclouded empyrean: the brooks flowed murmuring, the sea was waveless, and the promontories that over-hung it were reflected in the placid waters; birds awoke in the woods, while abundant food for man and beast sprung up from the dark ground. Where was pain and evil? Not in the calm air or weltering ocean; not in the woods or fertile fields, nor among the birds that made the woods resonant with song, nor the animals that in the midst of plenty basked in the sunshine. Our enemy, like the Calamity of Homer, trod our hearts, and no sound was echoed from her steps –

With ills the land is rife, with ills the sea,

Diseases haunt our frail humanity,

Through noon, through night, on casual wing they glide,

Silent, – a voice the power all-wise denied .

Once man was a favourite of the Creator, as the royal psalmist sang, “God had made him a little lower than the angels, and had crowned him with glory and honour. God made him to have dominion over the works of his hands, and put all things under his feet.” Once it was so; now is man lord of the creation? Look at him – ha! I see plague! She has invested his form, is incarnate in his flesh, has entwined herself with his being, and blinds his heaven-seeking eyes. Lie down, O man, on the flower-strown earth; give up all claim to your inheritance, all you can ever possess of it is the small cell which the dead require. Plague is the companion of spring, of sunshine, and plenty. We no longer struggle with her. We have forgotten what we did when she was not. Of old navies used to stem the giant ocean-waves betwixt Indus and the Pole for slight articles of luxury. Men made perilous journies to possess themselves of earth’s splendid trifles, gems and gold. Human labour was wasted – human life set at nought. Now life is all that we covet; that this automaton of flesh should, with joints and springs in order, perform its functions, that this dwelling of the soul should be capable of containing its dweller. Our minds, late spread abroad through countless spheres and endless combinations of thought, now retrenched themselves behind this wall of flesh, eager to preserve its well-being only. We were surely sufficiently degraded.

At first the increase of sickness in spring brought increase of toil to such of us, who, as yet spared to life, bestowed our time and thoughts on our fellow creatures. We nerved ourselves to the task: “in the midst of despair we performed the tasks of hope.” We went out with the resolution of disputing with our foe. We aided the sick, and comforted the sorrowing; turning from the multitudinous dead to the rare survivors, with an energy of desire that bore the resemblance of power, we bade them – live. Plague sat paramount the while, and laughed us to scorn.

Have any of you, my readers, observed the ruins of an anthill immediately after its destruction? At first it appears entirely deserted of its former inhabitants; in a little time you see an ant struggling through the upturned mould; they reappear by twos and threes, running hither and thither in search of their lost companions. Such were we upon earth, wondering aghast at the effects of pestilence. Our empty habitations remained, but the dwellers were gathered to the shades of the tomb.

As the rules of order and pressure of laws were lost, some began with hesitation and wonder to transgress the accustomed uses of society. Palaces were deserted, and the poor man dared at length, unreproved, intrude into the splendid apartments, whose very furniture and decorations were an unknown world to him. It was found, that, though at first the stop put to to all circulation of property, had reduced those before supported by the factitious wants of society to sudden and hideous poverty, yet when the boundaries of private possession were thrown down, the products of human labour at present existing were more, far more, than the thinned generation could possibly consume. To some among the poor this was matter of exultation. We were all equal now; magnificent dwellings, luxurious carpets,

and beds of down, were afforded to all. Carriages and horses, gardens, pictures, statues, and princely libraries, there were enough of these even to superfluity; and there was nothing to prevent each from assuming possession of his share. We were all equal now; but near at hand was an equality still more levelling, a state where beauty and strength, and wisdom, would be as vain as riches and birth. The grave yawned beneath us all, and its prospect prevented any of us from enjoying the ease and plenty which in so awful a manner was presented to us.

Still the bloom did not fade on the cheeks of my babes; and Clara sprung up in years and growth, unsullied by disease. We had no reason to think the site of Windsor Castle peculiarly healthy, for many other families had expired beneath its roof; we lived therefore without any particular precaution; but we lived, it seemed, in safety. If Idris became thin and pale, it was anxiety that occasioned the change; an anxiety I could in no way alleviate. She never complained, but sleep and appetite fled from her, a slow fever preyed on her veins, her colour was hectic, and she often wept in secret; gloomy prognostications, care, and agonizing dread, ate up the principle of life within her. I could not fail to perceive this change. I often wished that I had permitted her to take her own course, and engage herself in such labours for the welfare of others as might have distracted her thoughts. But it was too late now. Besides that, with the nearly extinct race of man, all our toils grew near a conclusion, she was too weak; consumption, if so it might be called, or rather the over active life within her, which, as with Adrian, spent the vital oil in the early morning hours, deprived her limbs of strength. At night, when she could leave me unperceived, she wandered through the house, or hung over the couches of her children; and in the day time would sink into a perturbed

sleep, while her murmurs and starts betrayed the unquiet dreams that vexed her. As this state of wretchedness became more confirmed, and, in spite of her endeavours at concealment more apparent, I strove, though vainly, to awaken in her courage and hope. I could not wonder at the vehemence of her care; her very soul was tenderness; she trusted indeed that she should not outlive me if I became the prey of the vast calamity, and this thought sometimes relieved her. We had for many years trod the highway of life hand in hand, and still thus linked, we might step within the shades of death; but her children, her lovely, playful, animated children – beings sprung from her own dear side – portions of her own being – depositories of our loves – even if we died, it would be comfort to know that they ran man's accustomed course. But it would not be so; young and blooming as they were, they would die, and from the hopes of maturity, from the proud name of attained manhood, they were cut off for ever. Often with maternal affection she had figured their merits and talents exerted on life's wide stage. Alas for these latter days! The world had grown old, and all its inmates partook of the decrepitude. Why talk of infancy, manhood, and old age? We all stood equal sharers of the last throes of time-worn nature. Arrived at the same point of the world's age – there was no difference in us; the name of parent and child had lost their meaning; young boys and girls were level now with men. This was all true; but it was not less agonizing to take the admonition home.

Where could we turn, and not find a desolation pregnant with the dire lesson of example? The fields had been left uncultivated, weeds and gaudy flowers sprung up, – or where a few wheat-fields shewed signs of the living hopes of the husbandman, the work had been left halfway, the ploughman had died beside the plough; the

horses had deserted the furrow, and no seedsman had approached the dead; the cattle unattended wandered over the fields and through the lanes; the tame inhabitants of the poultry yard, baulked of their daily food, had become wild – young lambs were dropt in flower-gardens, and the cow stalled in the hall of pleasure. Sickly and few, the country people neither went out to sow nor reap; but sauntered about the meadows, or lay under the hedges, when the inclement sky did not drive them to take shelter under the nearest roof. Many of those who remained, secluded themselves; some had laid up stores which should prevent the necessity of leaving their homes; – some deserted wife and child, and imagined that they secured their safety in utter solitude. Such had been Ryland's plan, and he was discovered dead and half-devoured by insects, in a house many miles from any other, with piles of food laid up in useless superfluity. Others made long journies to unite themselves to those they loved, and arrived to find them dead.

London did not contain above a thousand inhabitants; and this number was continually diminishing. Most of them were country people, come up for the sake of change; the Londoners had sought the country. The busy eastern part of the town was silent, or at most you saw only where, half from cupidity, half from curiosity, the warehouses had been more ransacked than pillaged: bales of rich India goods, shawls of price, jewels, and spices, unpacked, strewed the floors. In some places the possessor had to the last kept watch on his store, and died before the barred gates. The massy portals of the churches swung creaking on their hinges; and some few lay dead on the pavement. The wretched female, loveless victim of vulgar brutality, had wandered to the toilet of high-born beauty, and, arraying herself in the garb of splendour, had died before the mirror which

reflected to herself alone her altered appearance. Women whose delicate feet had seldom touched the earth in their luxury, had fled in fright and horror from their homes, till, losing themselves in the squalid streets of the metropolis, they had died on the threshold of poverty. The heart sickened at the variety of misery presented; and, when I saw a specimen of this gloomy change, my soul ached with the fear of what might befall my beloved Idris and my babes. Were they, surviving Adrian and myself, to find themselves protectorless in the world? As yet the mind alone had suffered – could I for ever put off the time, when the delicate frame and shrinking nerves of my child of prosperity, the nursling of rank and wealth, who was my companion, should be invaded by famine, hardship, and disease? Better die at once – better plunge a poinard in her bosom, still untouched by drear adversity, and then again sheathe it in my own! But, no; in times of misery we must fight against our destinies, and strive not to be overcome by them. I would not yield, but to the last gasp resolutely defended my dear ones against sorrow and pain; and if I were vanquished at last, it should not be ingloriously. I stood in the gap, resisting the enemy – the impalpable, invisible foe, who had so long besieged us – as yet he had made no breach: it must be my care that he should not, secretly undermining, burst up within the very threshold of the temple of love, at whose altar I daily sacrificed. The hunger of Death was now stung more sharply by the diminution of his food: or was it that before, the survivors being many, the dead were less eagerly counted? Now each life was a gem, each human breathing form of far, O! far more worth than subtlest imagery of sculptured stone; and the daily, nay, hourly decrease visible in our numbers, visited the heart with sickening misery. This summer extinguished our hopes, the vessel of society was wrecked, and the shattered

raft, which carried the few survivors over the sea of misery, was riven and tempest tost. Man existed by twos and threes; man, the individual who might sleep, and wake, and perform the animal functions; but man, in himself weak, yet more powerful in congregated numbers than wind or ocean; man, the queller of the elements, the lord of created nature, the peer of demi-gods, existed no longer.

Farewell to the patriotic scene, to the love of liberty and well earned meed of virtuous aspiration! – farewell to crowded senate, vocal with the councils of the wise, whose laws were keener than the sword blade tempered at Damascus! – farewell to kingly pomp and warlike pageantry; the crowns are in the dust, and the wearers are in their graves! – farewell to the desire of rule, and the hope of victory; to high vaulting ambition, to the appetite for praise, and the craving for the suffrage of their fellows! The nations are no longer! No senate sits in council for the dead; no scion of a time honoured dynasty pants to rule over the inhabitants of a charnel house; the general’s hand is cold, and the soldier has his untimely grave dug in his native fields, unhonoured, though in youth. The market-place is empty, the candidate for popular favour finds none whom he can represent. To chambers of painted state farewell! – To midnight revelry, and the panting emulation of beauty, to costly dress and birth-day shew, to title and the gilded coronet, farewell!

Farewell to the giant powers of man, – to knowledge that could pilot the deep-drawing bark through the opposing waters of shoreless ocean, – to science that directed the silken balloon through the pathless air, – to the power that could put a barrier to mighty waters, and set in motion wheels, and beams, and vast machinery, that could divide rocks of granite or marble, and make the mountains plain!

Farewell to the arts, – to eloquence, which is to the human mind as the winds to the sea, stirring, and then allaying it; – farewell to poetry and deep philosophy, for man's imagination is cold, and his enquiring mind can no longer expatiate on the wonders of life, for "there is no work, nor device, nor knowledge, nor wisdom in the grave, whither thou goest!" – to the graceful building, which in its perfect proportion transcended the rude forms of nature, the fretted gothic and massy saracenic pile, to the stupendous arch and glorious dome, the fluted column with its capital, Corinthian, Ionic, or Doric, the peristyle and fair entablature, whose harmony of form is to the eye as musical concord to the ear! – farewell to sculpture, where the pure marble mocks human flesh, and in the plastic expression of the culled excellencies of the human shape, shines forth the god! – farewell to painting, the high wrought sentiment and deep knowledge of the artists's mind in pictured canvas – to paradisaical scenes, where trees are ever vernal, and the ambrosial air rests in perpetual glow: – to the stamped form of tempest, and wildest uproar of universal nature encaged in the narrow frame, O farewell! Farewell to music, and the sound of song; to the marriage of instruments, where the concord of soft and harsh unites in sweet harmony, and gives wings to the panting listeners, whereby to climb heaven, and learn the hidden pleasures of the eternals! – Farewell to the well-trod stage; a truer tragedy is enacted on the world's ample scene, that puts to shame mimic grief: to high-bred comedy, and the low buffoon, farewell! – Man may laugh no more. Alas! to enumerate the adornments of humanity, shews, by what we have lost, how supremely great man was. It is all over now. He is solitary; like our first parents expelled from Paradise, he looks back towards the scene he has quitted. The high walls of the tomb, and the flaming sword of plague, lie

between it and him. Like to our first parents, the whole earth is before him, a wide desart. Unsupported and weak, let him wander through fields where the unreaped corn stands in barren plenty, through copses planted by his fathers, through towns built for his use. Posterity is no more; fame, and ambition, and love, are words void of meaning; even as the cattle that grazes in the field, do thou, O deserted one, lie down at evening-tide, unknowing of the past, careless of the future, for from such fond ignorance alone canst thou hope for ease!

Joy paints with its own colours every act and thought. The happy do not feel poverty – for delight is as a gold-tissued robe, and crowns them with priceless gems. Enjoyment plays the cook to their homely fare, and mingles intoxication with their simple drink. Joy strews the hard couch with roses, and makes labour ease.

Sorrow doubles the burthen to the bent-down back; plants thorns in the unyielding pillow; mingles gall with water; adds saltness to their bitter bread; cloathing them in rags, and strewing ashes on their bare heads. To our irremediable distress every small and pelting inconvenience came with added force; we had strung our frames to endure the Atlean weight thrown on us; we sank beneath the added feather chance threw on us, “the grasshopper was a burthen.” Many of the survivors had been bred in luxury – their servants were gone, their powers of command vanished like unreal shadows: the poor even suffered various privations; and the idea of another winter like the last, brought affright to our minds. Was it not enough that we must die, but toil must be added? – must we prepare our funeral repast with labour, and with unseemly drudgery heap fuel on our deserted hearths – must we with servile hands fabricate the garments, soon to be our shroud?

Not so! We are presently to die, let us then enjoy to its full relish the remnant of our lives. Sordid care, avaunt!

menial labours, and pains, slight in themselves, but too gigantic for our exhausted strength, shall make no part of our ephemeral existences. In the beginning of time, when, as now, man lived by families, and not by tribes or nations, they were placed in a genial clime, where earth fed them untilled, and the balmy air enwrapt their reposing limbs with warmth more pleasant than beds of down. The south is the native place of the human race; the land of fruits, more grateful to man than the hard-earned Ceres of the north, – of trees, whose boughs are as a palace-roof, of couches of roses, and of the thirst-appeasing grape. We need not there fear cold and hunger.

Look at England! the grass shoots up high in the meadows; but they are dank and cold, unfit bed for us. Corn we have none, and the crude fruits cannot support us. We must seek firing in the bowels of the earth, or the unkind atmosphere will fill us with rheums and aches. The labour of hundreds of thousands alone could make this inclement nook fit habitation for one man. To the south then, to the sun! – where nature is kind, where Jove has showered forth the contents of Amalthea’s horn, and earth is garden.

England, late birth-place of excellence and school of the wise, thy children are gone, thy glory faded! Thou, England, wert the triumph of man! Small favour was shewn thee by thy Creator, thou Isle of the North; a ragged canvas naturally, painted by man with alien colours; but the hues he gave are faded, never more to be renewed. So we must leave thee, thou marvel of the world; we must bid farewell to thy clouds, and cold, and scarcity for ever! Thy manly hearts are still; thy tale of power and liberty at its close! Bereft of man, O little isle! the ocean waves will buffet thee, and the raven flap his wings over thee; thy soil will be birth-place of weeds, thy sky will canopy barrenness. It was not for the rose of

Persia thou wert famous, nor the banana of the east; not for the spicy gales of India, nor the sugar groves of America; not for thy vines nor thy double harvests, nor for thy vernal airs, nor solstitial sun – but for thy children, their unwearied industry and lofty aspiration. They are gone, and thou goest with them the oft trodden path that leads to oblivion,

Farewell, sad Isle, farewell, thy fatal glory

Is summed, cast up, and cancelled in this story .

CHAPTER II

IN the autumn of this year 2096, the spirit of emigration crept in among the few survivors, who, congregating from various parts of England, met in London. This spirit existed as a breath, a wish, a far off thought, until communicated to Adrian, who imbibed it with ardour, and instantly engaged himself in plans for its execution. The fear of immediate death vanished with the heats of September. Another winter was before us, and we might elect our mode of passing it to the best advantage. Perhaps in rational philosophy none could be better chosen than this scheme of migration, which would draw us from the immediate scene of our woe, and, leading us through pleasant and picturesque countries, amuse for a time our despair. The idea once broached, all were impatient to put it in execution.

We were still at Windsor; our renewed hopes medicined the anguish we had suffered from the late tragedies. The death of many of our inmates had weaned us from the fond idea, that Windsor Castle was a spot sacred from the plague; but our lease of life was renewed for some months, and even Idris lifted her head, as a lily after a storm, when a last sunbeam tinges its silver cup. Just at this time Adrian came down to us; his eager looks shewed us that he was full of some scheme. He hastened to take me aside, and disclosed to me with rapidity his plan of emigration from England.

To leave England for ever! to turn from its polluted fields and groves, and, placing the sea between us, to quit it, as a sailor quits the rock on which he has been

wrecked, when the saving ship rides by. Such was his plan.

To leave the country of our fathers, made holy by their graves! – We could not feel even as a voluntary exile of old, who might for pleasure or convenience forsake his native soil; though thousands of miles might divide him, England was still a part of him, as he of her. He heard of the passing events of the day; he knew that, if he returned, and resumed his place in society, the entrance was still open, and it required but the will, to surround himself at once with the associations and habits of boyhood. Not so with us, the remnant. We left none to represent us, none to repeople the desart land, and the name of England died, when we left her,

In vagabond pursuit of dreadful safety.

Yet let us go! England is in her shroud, – we may not enchain ourselves to a corpse. Let us go – the world is our country now, and we will choose for our residence its most fertile spot. Shall we, in these desart halls, under this wintry sky, sit with closed eyes and folded hands, expecting death? Let us rather go out to meet it gallantly: or perhaps – for all this pendulous orb, this fair gem in the sky's diadem, is not surely plague-striken – perhaps, in some secluded nook, amidst eternal spring, and waving trees, and purling streams, we may find Life. The world is vast, and England, though her many fields and wide spread woods seem interminable, is but a small part of her. At the close of a day's march over high mountains and through snowy vallies, we may come upon health, and committing our loved ones to its charge, replant the uprooted tree of humanity, and send to late posterity the tale of the ante-pestilential race, the heroes and sages of the lost state of things.

Hope beckons and sorrow urges us, the heart beats high with expectation, and this eager desire of change

must be an omen of success. O come! Farewell to the dead! farewell to the tombs of those we loved! – farewell to giant London and the placid Thames, to river and mountain or fair district, birth-place of the wise and good, to Windsor Forest and its antique castle, farewell! themes for story alone are they, – we must live elsewhere.

Such were in part the arguments of Adrian, uttered with enthusiasm and unanswerable rapidity. Something more was in his heart, to which he dared not give words. He felt that the end of time was come; he knew that one by one we should dwindle into nothingness. It was not adviseable to wait this sad consummation in our native country; but travelling would give us our object for each day, that would distract our thoughts from the swift-approaching end of things. If we went to Italy, to sacred and eternal Rome, we might with greater patience submit to the decree, which had laid her mighty towers low. We might lose our selfish grief in the sublime aspect of its desolation. All this was in the mind of Adrian; but he thought of my children, and, instead of communicating to me these resources of despair, he called up the image of health and life to be found, where we knew not – when we knew not; but if never to be found, for ever and for ever to be sought. He won me over to his party, heart and soul.

It devolved on me to disclose our plan to Idris. The images of health and hope which I presented to her, made her with a smile consent. With a smile she agreed to leave her country, from which she had never before been absent, and the spot she had inhabited from infancy; the forest and its mighty trees, the woodland paths and green recesses, where she had played in childhood, and had lived so happily through youth; she would leave them without regret, for she hoped to purchase thus the lives of her children. They were her

life; dearer than a spot consecrated to love, dearer than all else the earth contained. The boys heard with childish glee of our removal: Clara asked if we were to go to Athens. “It is possible,” I replied; and her countenance became radiant with pleasure. There she would behold the tomb of her parents, and the territory filled with recollections of her father’s glory. In silence, but without respite, she had brooded over these scenes. It was the recollection of them that had turned her infant gaiety to seriousness, and had impressed her with high and restless thoughts.

There were many dear friends whom we must not leave behind, humble though they were. There was the spirited and obedient steed which Lord Raymond had given his daughter; there was Alfred’s dog and a pet eagle, whose sight was dimmed through age. But this catalogue of favourites to be taken with us, could not be made without grief to think of our heavy losses, and a deep sigh for the many things we must leave behind. The tears rushed into the eyes of Idris, while Alfred and Evelyn brought now a favourite rose tree, now a marble vase beautifully carved, insisting that these must go, and exclaiming on the pity that we could not take the castle and the forest, the deer and the birds, and all accustomed and cherished objects along with us. “Fond and foolish ones,” I said, “we have lost for ever treasures far more precious than these; and we desert them, to preserve treasures to which in comparison they are nothing. Let us not for a moment forget our object and our hope; and they will form a resistless mound to stop the overflowing of our regret for trifles.”

The children were easily distracted, and again returned to their prospect of future amusement. Idris had disappeared. She had gone to hide her weakness; escaping from the castle, she had descended to the little park, and sought solitude, that she might there indulge

her tears; I found her clinging round an old oak, pressing its rough trunk with her roseate lips, as her tears fell plenteously, and her sobs and broken exclamations could not be suppressed; with surpassing grief I beheld this loved one of my heart thus lost in sorrow! I drew her towards me; and, as she felt my kisses on her eyelids, as she felt my arms press her, she revived to the knowledge of what remained to her. “You are very kind not to reproach me,” she said: “I weep, and a bitter pang of intolerable sorrow tears my heart. And yet I am happy; mothers lament their children, wives lose their husbands, while you and my children are left to me. Yes, I am happy, most happy, that I can weep thus for imaginary sorrows, and that the slight loss of my adored country is not dwindled and annihilated in mightier misery. Take me where you will; where you and my children are, there shall be Windsor, and every country will be England to me. Let these tears flow not for myself, happy and ungrateful as I am, but for the dead world – for our lost country – for all of love, and life, and joy, now choked in the dusty chambers of death.”

She spoke quickly, as if to convince herself; she turned her eyes from the trees and forest-paths she loved; she hid her face in my bosom, and we – yes, my masculine firmness dissolved – we wept together consolatory tears, and then calm – nay, almost cheerful, we returned to the castle.

The first cold weather of an English October, made us hasten our preparations. I persuaded Idris to go up to London, where she might better attend to necessary arrangements. I did not tell her, that to spare her the pang of parting from inanimate objects, now the only things left, I had resolved that we should none of us return to Windsor. For the last time we looked on the wide extent of country visible from the terrace, and saw

the last rays of the sun tinge the dark masses of wood variegated by autumnal tints; the uncultivated fields and smokeless cottages lay in shadow below; the Thames wound through the wide plain, and the venerable pile of Eton college, stood in dark relief, a prominent object; the cawing of the myriad rooks which inhabited the trees of the little park, as in column or thick wedge they speeded to their nests, disturbed the silence of evening. Nature was the same, as when she was the kind mother of the human race; now, childless and forlorn, her fertility was a mockery; her loveliness a mask for deformity. Why should the breeze gently stir the trees, man felt not its refreshment? Why did dark night adorn herself with stars – man saw them not? Why are there fruits, or flowers, or streams, man is not here to enjoy them?

Idris stood beside me, her dear hand locked in mine. Her face was radiant with a smile. – “The sun is alone,” she said, “but we are not. A strange star, my Lionel, ruled our birth; sadly and with dismay we may look upon the annihilation of man; but we remain for each other. Did I ever in the wide world seek other than thee? And since in the wide world thou remainest, why should I complain? Thou and nature are still true to me. Beneath the shades of night, and through the day, whose garish light displays our solitude, thou wilt still be at my side, and even Windsor will not be regretted.”

I had chosen night time for our journey to London, that the change and desolation of the country might be the less observable. Our only surviving servant drove us. We past down the steep hill, and entered the dusky avenue of the Long Walk. At times like these, minute circumstances assume giant and majestic proportions; the very swinging open of the white gate that admitted us into the forest, arrested my thoughts as matter of interest; it was an every day act, never to occur again!

The setting crescent of the moon glittered through the massy trees to our right, and when we entered the park, we scared a troop of deer, that fled bounding away in the forest shades. Our two boys quietly slept; once, before our road turned from the view, I looked back on the castle. Its windows glistened in the moonshine, and its heavy outline lay in a dark mass against the sky – the trees near us waved a solemn dirge to the midnight breeze. Idris leaned back in the carriage; her two hands pressed mine, her countenance was placid, she seemed to lose the sense of what she now left, in the memory of what she still possessed.

My thoughts were sad and solemn, yet not of unmingled pain. The very excess of our misery carried a relief with it, giving sublimity and elevation to sorrow. I felt that I carried with me those I best loved; I was pleased, after a long separation to rejoin Adrian; never again to part. I felt that I quitted what I loved, not what loved me. The castle walls, and long familiar trees, did not hear the parting sound of our carriage-wheels with regret. And, while I felt Idris to be near, and heard the regular breathing of my children, I could not be unhappy. Clara was greatly moved; with streaming eyes, suppressing her sobs, she leaned from the window, watching the last glimpse of her native Windsor.

Adrian welcomed us on our arrival. He was all animation; you could no longer trace in his look of health, the suffering valetudinarian; from his smile and sprightly tones you could not guess that he was about to lead forth from their native country, the numbered remnant of the English nation, into the tenantless realms of the south, there to die, one by one, till the LAST MAN should remain in a voiceless, empty world.

Adrian was impatient for our departure, and had advanced far in his preparations. His wisdom guided all. His care was the soul, to move the luckless crowd, who

relied wholly on him. It was useless to provide many things, for we should find abundant provision in every town. It was Adrian’s wish to prevent all labour; to bestow a festive appearance on this funeral train. Our numbers amounted to not quite two thousand persons. These were not all assembled in London, but each day witnessed the arrival of fresh numbers, and those who resided in the neighbouring towns, had received orders to assemble at one place, on the twentieth of November. Carriages and horses were provided for all; captains and under officers chosen, and the whole assemblage wisely organized. All obeyed the Lord Protector of dying England; all looked up to him. His council was chosen, it consisted of about fifty persons. Distinction and station were not the qualifications of their election. We had no station among us, but that which benevolence and prudence gave; no distinction save between the living and the dead. Although we were anxious to leave England before the depth of winter, yet we were detained. Small parties had been dispatched to various parts of England, in search of stragglers; we would not go, until we had assured ourselves that in all human probability we did not leave behind a single human being.

On our arrival in London, we found that the aged Countess of Windsor was residing with her son in the palace of the Protectorate; we repaired to our accustomed abode near Hyde Park. Idris now for the first time for many years saw her mother, anxious to assure herself that the childishness of old age did not mingle with unforgotten pride, to make this high-born dame still so inveterate against me. Age and care had furrowed her cheeks, and bent her form; but her eye was still bright, her manners authoritative and unchanged; she received her daughter coldly, but displayed more feeling as she folded her grand-children

in her arms. It is our nature to wish to continue our systems and thoughts to posterity through our own offspring. The Countess had failed in this design with regard to her children; perhaps she hoped to find the next remove in birth more tractable. Once Idris named me casually – a frown, a convulsive gesture of anger, shook her mother, and, with voice trembling with hate, she said – “I am of little worth in this world; the young are impatient to push the old off the scene; but, Idris, if you do not wish to see your mother expire at your feet, never again name that person to me; all else I can bear; and now I am resigned to the destruction of my cherished hopes: but it is too much to require that I should love the instrument that providence gifted with murderous properties for my destruction.”

This was a strange speech, now that, on the empty stage, each might play his part without impediment from the other. But the haughty Ex-Queen thought as Octavius Caesar and Mark Antony,

We could not stall together

In the whole world.

The period of our departure was fixed for the twenty-fifth of November. The weather was temperate; soft rains fell at night, and by day the wintry sun shone out. Our numbers were to move forward in separate parties, and to go by different routes, all to unite at last at Paris. Adrian and his division, consisting in all of five hundred persons, were to take the direction of Dover and Calais. On the twentieth of November, Adrian and I rode for the last time through the streets of London. They were grass-grown and desert. The open doors of the empty mansions creaked upon their hinges; rank herbage, and deforming dirt, had swiftly accumulated on the steps of the houses; the voiceless steeples of the churches

pierced the smokeless air; the churches were open, but no prayer was offered at the altars; mildew and damp had already defaced their ornaments; birds, and tame animals, now homeless, had built nests, and made their lairs in consecrated spots. We passed St. Paul's. London, which had extended so far in suburbs in all direction, had been somewhat deserted in the midst, and much of what had in former days obscured this vast building was removed. Its ponderous mass, blackened stone, and high dome, made it look, not like a temple, but a tomb. Methought above the portico was engraved the Hic jacet of England. We passed on eastwards, engaged in such solemn talk as the times inspired. No human step was heard, nor human form discerned. Troops of dogs, deserted of their masters, passed us; and now and then a horse, unbridled and unsaddled, trotted towards us, and tried to attract the attention of those which we rode, as if to allure them to seek like liberty. An unwieldy ox, who had fed in an abandoned granary, suddenly lowed, and shewed his shapeless form in a narrow door-way; every thing was desert; but nothing was in ruin. And this medley of undamaged buildings, and luxurious accommodation, in trim and fresh youth, was contrasted with the lonely silence of the unpeopled streets.

Night closed in, and it began to rain. We were about to return homewards, when a voice, a human voice, strange now to hear, attracted our attention. It was a child singing a merry, lightsome air; there was no other sound. We had traversed London from Hyde Park even to where we now were in the Minories, and had met no person, heard no voice nor footstep. The singing was interrupted by laughing and talking; never was merry ditty so sadly timed, never laughter more akin to tears. The door of the house from which these sounds proceeded was open, the upper rooms were illuminated as for a feast. It was a large magnificent house, in which

doubtless some rich merchant had lived. The singing again commenced, and rang through the high-roofed rooms, while we silently ascended the stair-case. Lights now appeared to guide us; and a long suite of splendid rooms illuminated, made us still more wonder. Their only inhabitant, a little girl, was dancing, waltzing, and singing about them, followed by a large Newfoundland dog, who boisterously jumping on her, and interrupting her, made her now scold, now laugh, now throw herself on the carpet to play with him. She was dressed grotesquely, in glittering robes and shawls fit for a woman; she appeared about ten years of age. We stood at the door looking on this strange scene, till the dog perceiving us barked loudly; the child turned and saw us: her face, losing its gaiety, assumed a sullen expression: she slunk back, apparently meditating an escape. I came up to her, and held her hand; she did not resist, but with a stern brow, so strange in childhood, so different from her former hilarity, she stood still, her eyes fixed on the ground. “What do you do here?” I said gently; “Who are you?” – she was silent, but trembled violently. – “My poor child,” asked Adrian, “are you alone?” There was a winning softness in his voice, that went to the heart of the little girl; she looked at him, then snatching her hand from me, threw herself into his arms, clinging round his neck, ejaculating – “Save me! save me!” while her unnatural sullenness dissolved in tears.

“I will save you,” he replied, “of what are you afraid? you need not fear my friend, he will do you no harm. Are you alone?”

“No, Lion is with me.”

“And your father and mother? “

“I never had any; I am a charity girl. Every body is gone, gone for a great, great many days; but if they come back and find me out, they will beat me so!”

Her unhappy story was told in these few words: an orphan, taken on pretended charity, ill-treated and reviled, her oppressors had died: unknowing of what had passed around her, she found herself alone; she had not dared venture out, but by the continuance of her solitude her courage revived, her childish vivacity caused her to play a thousand freaks, and with her brute companion she passed a long holiday, fearing nothing but the return of the harsh voices and cruel usage of her protectors. She readily consented to go with Adrian.

In the mean time, while we descanted on alien sorrows, and on a solitude which struck our eyes and not our hearts, while we imagined all of change and suffering that had intervened in these once thronged streets, before, tenantless and abandoned, they became mere kennels for dogs, and stables for cattle: – while we read the death of the world upon the dark fane, and hugged ourselves in the remembrance that we possessed that which was all the world to us – in the meanwhile…

We had arrived from Windsor early in October, and had now been in London about six weeks. Day by day, during that time, the health of my Idris declined: her heart was broken; neither sleep nor appetite, the chosen servants of health, waited on her wasted form. To watch her children hour by hour, to sit by me, drinking deep the dear persuasion that I remained to her, was all her pastime. Her vivacity, so long assumed, her affectionate display of cheerfulness, her light-hearted tone and springy gait were gone. I could not disguise to myself, nor could she conceal, her life-consuming sorrow. Still change of scene, and reviving hopes might restore her; I feared the plague only, and she was untouched by that.

I had left her this evening, reposing after the fatigues of her preparations. Clara sat beside her, relating a story to the two boys. The eyes of Idris were closed: but Clara perceived a sudden change in the appearance of our

eldest darling; his heavy lids veiled his eyes, an unnatural colour burnt in his cheeks, his breath became short. Clara looked at the mother; she slept, yet started at the pause the narrator made – Fear of awakening and alarming her, caused Clara to go on at the eager call of Evelyn, who was unaware of what was passing. Her eyes turned alternately from Alfred to Idris; with trembling accents she continued her tale, till she saw the child about to fall: starting forward she caught him, and her cry roused Idris. She looked on her son. She saw death stealing across his features; she laid him on a bed, she held drink to his parched lips.

Yet he might be saved. If I were there, he might be saved; perhaps it was not the plague. Without a counsellor, what could she do? stay and behold him die! Why at that moment was I away? “Look to him, Clara,” she exclaimed, “I will return immediately.”

She inquired among those who, selected as the companions of our journey, had taken up their residence in our house; she heard from them merely that I had gone out with Adrian. She entreated them to seek me: she returned to her child, he was plunged in a frightful state of torpor; again she rushed down stairs; all was dark, desert, and silent; she lost all self-possession; she ran into the street; she called on my name. The pattering rain and howling wind alone replied to her. Wild fear gave wings to her feet; she darted forward to seek me, she knew not where; but, putting all her thoughts, all her energy, all her being in speed only, most misdirected speed, she neither felt, nor feared, nor paused, but ran right on, till her strength suddenly deserted her so suddenly, that she had not thought to save herself. Her knees failed her, and she fell heavily on the pavement. She was stunned for a time; but at length rose, and though sorely hurt, still walked on, shedding a fountain of tears, stumbling at times, going she knew not whither,

only now and then with feeble voice she called my name, adding with heart-piercing exclamations, that I was cruel and unkind. Human being there was none to reply; and the inclemency of the night had driven the wandering animals to the habitations they had usurped. Her thin dress was drenched with rain; her wet hair clung round her neck; she tottered through the dark streets; till, striking her foot against an unseen impediment, she again fell; she could not rise; she hardly strove; but, gathering up her limbs, she resigned herself to the fury of the elements, and the bitter grief of her own heart. She breathed an earnest prayer to die speedily, for there was no relief but death. While hopeless of safety for herself, she ceased to lament for her dying child, but shed kindly, bitter tears for the grief I should experience in losing her. While she lay, life almost suspended, she felt a warm, soft hand on her brow, and a gentle female voice asked her, with expressions of tender compassion, if she could not rise? That another human being, sympathetic and kind, should exist near, roused her; half rising, with clasped hands, and fresh springing tears, she entreated her companion to seek for me, to bid me hasten to my dying child, to save him, for the love of heaven, to save him!

The woman raised her; she led her under shelter, she entreated her to return to her home, whither perhaps I had already returned. Idris easily yielded to her persuasions, she leaned on the arm of her friend, she endeavoured to walk on, but irresistible faintness made her pause again and again.

Quickened by the encreasing storm, we had hastened our return, our little charge was placed before Adrian on his horse. There was an assemblage of persons under the portico of our house, in whose gestures I instinctively read some heavy change, some new misfortune. With swift alarm, afraid to ask a single

question, I leapt from my horse; the spectators saw me, knew me, and in awful silence divided to make way for me. I snatched a light, and rushing up stairs, and hearing a groan, without reflection I threw open the door of the first room that presented itself. It was quite dark; but, as I stept within, a pernicious scent assailed my senses, producing sickening qualms, which made their way to my very heart, while I felt my leg clasped, and a groan repeated by the person that held me. I lowered my lamp, and saw a negro half clad, writhing under the agony of disease, while he held me with a convulsive grasp. With mixed horror and impatience I strove to disengage myself, and fell on the sufferer; he wound his naked festering arms round me, his face was close to mine, and his breath, death-laden, entered my vitals. For a moment I was overcome, my head was bowed by aching nausea; till, reflection returning, I sprung up, threw the wretch from me, and darting up the staircase, entered the chamber usually inhabited by my family. A dim light shewed me Alfred on a couch; Clara trembling, and paler than whitest snow, had raised him on her arm, holding a cup of water to his lips. I saw full well that no spark of life existed in that ruined form, his features were rigid, his eyes glazed, his head had fallen back. I took him from her, I laid him softly down, kissed his cold little mouth, and turned to speak in a vain whisper, when loudest sound of thunderlike cannon could not have reached him in his immaterial abode.

And where was Idris? That she had gone out to seek me, and had not returned, were fearful tidings, while the rain and driving wind clattered against the window, and roared round the house. Added to this, the sickening sensation of disease gained upon me; no time was to be lost, if ever I would see her again. I mounted my horse and rode out to seek her, fancying that I heard her voice in every gust, oppressed by fever and aching pain.

I rode in the dark and rain through the labyrinthine streets of unpeopled London. My child lay dead at home; the seeds of mortal disease had taken root in my bosom; I went to seek Idris, my adored, now wandering alone, while the waters were rushing from heaven like a cataract to bathe her dear head in chill damp, her fair limbs in numbing cold. A female stood on the step of a door, and called to me as I gallopped past. It was not Idris; so I rode swiftly on, until a kind of second sight, a reflection back again on my senses of what I had seen but not marked, made me feel sure that another figure, thin, graceful and tall, stood clinging to the foremost person who supported her. In a minute I was beside the suppliant, in a minute I received the sinking Idris in my arms. Lifting her up, I placed her on the horse; she had not strength to support herself; so I mounted behind her, and held her close to my bosom, wrapping my riding-cloak round her, while her companion, whose well known, but changed countenance, (it was Juliet, daughter of the Duke of L…) could at this moment of horror obtain from me no more than a passing glance of compassion. She took the abandoned rein, and conducted our obedient steed homewards. Dare I avouch it? That was the last moment of my happiness; but I was happy. Idris must die, for her heart was broken: I must die, for I had caught the plague; earth was a scene of desolation; hope was madness; life had married death; they were one; but, thus supporting my fainting love, thus feeling that I must soon die, I revelled in the delight of possessing her once more; again and again I kissed her, and pressed her to my heart.

We arrived at our home. I assisted her to dismount, I carried her up stairs, and gave her into Clara’s care, that her wet garments might be changed. Briefly I assured Adrian of her safety, and requested that we might be left to repose. As the miser, who with trembling

caution visits his treasure to count it again and again, so I numbered each moment, and grudged every one that was not spent with Idris. I returned swiftly to the chamber where the life of my life reposed; before I entered the room I paused for a few seconds; for a few seconds I tried to examine my state; sickness and shuddering ever and anon came over me; my head was heavy, my chest oppressed, my legs bent under me; but I threw off resolutely the swift growing symptoms of my disorder, and met Idris with placid and even joyous looks. She was lying on a couch; carefully fastening the door to prevent all intrusion; I sat by her, we embraced, and our lips met in a kiss long drawn and breathless – would that moment had been my last!

Maternal feeling now awoke in my poor girl's bosom, and she asked: "And Alfred?"

"Idris," I replied, "we are spared to each other, we are together; do not let any other idea intrude. I am happy; even on this fatal night, I declare myself happy, beyond all name, all thought – what would you more, sweet one?"

Idris understood me: she bowed her head on my shoulder and wept. "Why," she again asked, "do you tremble, Lionel, what shakes you thus?"

"Well may I be shaken," I replied, "happy as I am. Our child is dead, and the present hour is dark and ominous. Well may I tremble! but, I am happy, mine own Idris, most happy."

"I understand thee, my kind love," said Idris, "thus – pale as thou art with sorrow at our loss; trembling and aghast, though wouldest assuage my grief by thy dear assurances. I am not happy," (and the tears flashed and fell from under her down-cast lids), "for we are inmates of a miserable prison, and there is no joy for us; but the true love I bear you will render this and every other loss endurable."

“We have been happy together, at least,” I said; “no future misery can deprive us of the past. We have been true to each other for years, ever since my sweet princess-love came through the snow to the lowly cottage of the poverty-striken heir of the ruined Verney. Even now, that eternity is before us, we take hope only from the presence of each other. Idris, do you think, that when we die, we shall be divided?”

“Die! when we die! what mean you? What secret lies hid from me in those dreadful words?”

“Must we not all die, dearest?” I asked with a sad smile.

“Gracious God! are you ill, Lionel, that you speak of death? My only friend, heart of my heart, speak!”

“I do not think,” replied I, “that we have any of us long to live; and when the curtain drops on this mortal scene, where, think you, we shall find ourselves?” Idris was calmed by my unembarrassed tone and look; she answered: – “You may easily believe that during this long progress of the plague, I have thought much on death, and asked myself, now that all mankind is dead to this life, to what other life they may have been borne. Hour after hour, I have dwelt on these thoughts, and strove to form a rational conclusion concerning the mystery of a future state. What a scare-crow, indeed, would death be, if we were merely to cast aside the shadow in which we now walk, and, stepping forth into the unclouded sunshine of knowledge and love, revived with the same companions, the same affections, and reached the fulfilment of our hopes, leaving our fears with our earthly vesture in the grave. Alas! the same strong feeling which makes me sure that I shall not wholly die, makes me refuse to believe that I shall live wholly as I do now. Yet, Lionel, never, never, can I love any but you; through eternity I must desire your society; and, as I am innocent of harm to others, and as relying

and confident as my mortal nature permits, I trust that the Ruler of the world will never tear us asunder."

"Your remarks are like yourself, dear love," replied I, "gentle and good; let us cherish such a belief, and dismiss anxiety from our minds. But, sweet, we are so formed, (and there is no sin, if God made our nature, to yield to what he ordains), we are so formed, that we must love life, and cling to it; we must love the living smile, the sympathetic touch, and thrilling voice, peculiar to our mortal mechanism. Let us not, through security in hereafter, neglect the present. This present moment, short as it is, is a part of eternity, and the dearest part, since it is our own unalienably. Thou, the hope of my futurity, art my present joy. Let me then look on thy dear eyes, and, reading love in them, drink intoxicating pleasure."

Timidly, for my vehemence somewhat terrified her, Idris looked on me. My eyes were bloodshot, starting from my head; every artery beat, methought, audibly, every muscle throbbed, each single nerve felt. Her look of wild affright told me, that I could no longer keep my secret: – "So it is, mine own beloved," I said, "the last hour of many happy ones is arrived, nor can we shun any longer the inevitable destiny. I cannot live long – but, again and again, I say, this moment is ours!"

Paler than marble, with white lips and convulsed features, Idris became aware of my situation. My arm, as I sat, encircled her waist. She felt the palm burn with fever, even on the heart it pressed: – "One moment," she murmured, scarce audibly, "only one moment."

She kneeled, and hiding her face in her hands, uttered a brief, but earnest prayer, that she might fulfil her duty, and watch over me to the last. While there was hope, the agony had been unendurable; – all was now concluded; her feelings became solemn and calm. Even as Epicharis, unperturbed and firm, submitted to the

instruments of torture, did Idris, suppressing every sigh and sign of grief, enter upon the endurance of torments, of which the rack and the wheel are but faint and metaphysical symbols.

I was changed; the tight-drawn cord that sounded so harshly was loosened, the moment that Idris participated in my knowledge of our real situation. The perturbed and passion-tossed waves of thought subsided, leaving only the heavy swell that kept right on without any outward manifestation of its disturbance, till it should break on the remote shore towards which I rapidly advanced: – “It is true that I am sick,” I said, “and your society, my Idris is my only medicine; come, and sit beside me.”

She made me lie down on the couch, and, drawing a low ottoman near, sat close to my pillow, pressing my burning hands in her cold palms. She yielded to my feverish restlessness, and let me talk, and talked to me, on subjects strange indeed to beings, who thus looked the last, and heard the last, of what they loved alone in the world. We talked of times gone by; of the happy period of our early love; of Raymond, Perdita, and Evadne. We talked of what might arise on this desert earth, if, two or three being saved, it were slowly re-peopled. – We talked of what was beyond the tomb; and, man in his human shape being nearly extinct, we felt with certainty of faith, that other spirits, other minds, other perceptive beings, sightless to us, must people with thought and love this beauteous and imperishable universe.

We talked – I know not how long – but, in the morning I awoke from a painful heavy slumber; the pale cheek of Idris rested on my pillow; the large orbs of her eyes half raised the lids, and shewed the deep blue lights beneath; her lips were unclosed, and the slight murmurs they formed told that, even while asleep, she suffered. “If she

were dead," I thought, "what difference? now that form is the temple of a residing deity; those eyes are the windows of her soul; all grace, love, and intelligence are throned on that lovely bosom – were she dead, where would this mind, the dearer half of mine, be? For quickly the fair proportion of this edifice would be more defaced, than are the sand-choked ruins of the desert temples of Palmyra."

CHAPTER III

IDRIS stirred and awoke; alas! she awoke to misery. She saw the signs of disease on my countenance, and wondered how she could permit the long night to pass without her having sought, not cure, that was impossible, but alleviation to my sufferings. She called Adrian; my couch was quickly surrounded by friends and assistants, and such medicines as were judged fitting were administered. It was the peculiar and dreadful distinction of our visitation, that none who had been attacked by the pestilence had recovered. The first symptom of the disease was the death-warrant, which in no single instance had been followed by pardon or reprieve. No gleam of hope therefore cheered my friends.

While fever producing torpor, heavy pains, sitting like lead on my limbs, and making my breast heave, were upon me; I continued insensible to every thing but pain, and at last even to that. I awoke on the fourth morning as from a dreamless sleep. An irritating sense of thirst, and, when I strove to speak or move, an entire dereliction of power, was all I felt.

For three days and nights Idris had not moved from my side. She administered to all my wants, and never slept nor rested. She did not hope; and therefore she neither endeavoured to read the physician’s countenance, nor to watch for symptoms of recovery. All her thought was to attend on me to the last, and then to lie down and die beside me. On the third night animation was suspended; to the eye and touch of all I was dead. With earnest prayer, almost with force, Adrian tried to draw Idris

from me. He exhausted every adjuration, her child's welfare and his own. She shook her head, and wiped a stealing tear from her sunk cheek, but would not yield; she entreated to be allowed to watch me that one night only, with such affliction and meek earnestness, that she gained her point, and sat silent and motionless, except when, stung by intolerable remembrance, she kissed my closed eyes and pallid lips, and pressed my stiffening hands to her beating heart.

At dead of night, when, though it was mid winter, the cock crowed at three o'clock, as herald of the morning change, while hanging over me, and mourning in silent, bitter thought for the loss of all of love towards her that had been enshrined in my heart; her dishevelled hair hung over her face, and the long tresses fell on the bed; she saw one ringlet in motion, and the scattered hair slightly stirred, as by a breath. It is not so, she thought, for he will never breathe more. Several times the same thing occurred, and she only marked it by the same reflection; till the whole ringlet waved back, and she thought she saw my breast heave. Her first emotion was deadly fear, cold dew stood on her brow; my eyes half opened; and, re-assured, she would have exclaimed, "He lives!" but the words were choked by a spasm, and she fell with a groan on the floor.

Adrian was in the chamber. After long watching, he had unwillingly fallen into a sleep. He started up, and beheld his sister senseless on the earth, weltering in a stream of blood that gushed from her mouth. Encreasing signs of life in me in some degree explained her state; the surprise, the burst of joy, the revulsion of every sentiment, had been too much for her frame, worn by long months of care, late shattered by every species of woe and toil. She was now in far greater danger than I, the wheels and springs of my life, once again set in motion, acquired elasticity from their short suspension.

For a long time, no one believed that I should indeed continue to live; during the reign of the plague upon earth, not one person, attacked by the grim disease, had recovered. My restoration was looked on as a deception; every moment it was expected that the evil symptoms would recur with redoubled violence, until confirmed convalescence, absence of all fever or pain, and encreasing strength, brought slow conviction that I had recovered from the plague.

The restoration of Idris was more problematical. When I had been attacked by illness, her cheeks were sunk, her form emaciated; but now, the vessel, which had broken from the effects of extreme agitation, did not entirely heal, but was as a channel that drop by drop drew from her the ruddy stream that vivified her heart. Her hollow eyes and worn countenance had a ghastly appearance; her cheek-bones, her open fair brow, the projection of the mouth, stood fearfully prominent; you might tell each bone in the thin anatomy of her frame. Her hand hung powerless; each joint lay bare, so that the light penetrated through and through. It was strange that life could exist in what was wasted and worn into a very type of death.

To take her from these heart-breaking scenes, to lead her to forget the world’s desolation in the variety of objects presented by travelling, and to nurse her failing strength in the mild climate towards which we had resolved to journey, was my last hope for her preservation. The preparations for our departure, which had been suspended during my illness, were renewed. I did not revive to doubtful convalescence; health spent her treasures upon me; as the tree in spring may feel from its wrinkled limbs the fresh green break forth, and the living sap rise and circulate, so did the renewed vigour of my frame, the cheerful current of my blood, the new-born elasticity of my limbs, influence my mind

to cheerful endurance and pleasurable thoughts. My body, late the heavy weight that bound me to the tomb, was exuberant with health; mere common exercises were insufficient for my reviving strength; methought I could emulate the speed of the race-horse, discern through the air objects at a blinding distance, hear the operations of nature in her mute abodes; my senses had become so refined and susceptible after my recovery from mortal disease.

Hope, among my other blessings, was not denied to me; and I did fondly trust that my unwearied attentions would restore my adored girl. I was therefore eager to forward our preparations. According to the plan first laid down, we were to have quitted London on the 25th of November; and, in pursuance of this scheme, two-thirds of our people – the people – all that remained of England, had gone forward, and had already been some weeks in Paris. First my illness, and subsequently that of Idris, had detained Adrian with his division, which consisted of three hundred persons, so that we now departed on the first of January, 2098. It was my wish to keep Idris as distant as possible from the hurry and clamour of the crowd, and to hide from her those appearances that would remind her most forcibly of our real situation. We separated ourselves to a great degree from Adrian, who was obliged to give his whole time to public business. The Countess of Windsor travelled with her son. Clara, Evelyn, and a female who acted as our attendant, were the only persons with whom we had contact. We occupied a commodious carriage, our servant officiated as coachman. A party of about twenty persons preceded us at a small distance. They had it in charge to prepare our halting places and our nightly abode. They had been selected for this service out of a great number that offered, on account of the superior

sagacity of the man who had been appointed their leader.

Immediately on our departure, I was delighted to find a change in Idris, which I fondly hoped prognosticated the happiest results. All the cheerfulness and gentle gaiety natural to her revived. She was weak, and this alteration was rather displayed in looks and voice than in acts; but it was permanent and real. My recovery from the plague and confirmed health instilled into her a firm belief that I was now secure from this dread enemy. She told me that she was sure she should recover. That she had a presentiment, that the tide of calamity which deluged our unhappy race had now turned. That the remnant would be preserved, and among them the dear objects of her tender affection; and that in some selected spot we should wear out our lives together in pleasant society. “Do not let my state of feebleness deceive you,” she said; “I feel that I am better; there is a quick life within me, and a spirit of anticipation that assures me, that I shall continue long to make a part of this world. I shall throw off this degrading weakness of body, which infects even my mind with debility, and I shall enter again on the performance of my duties. I was sorry to leave Windsor: but now I am weaned from this local attachment; I am content to remove to a mild climate, which will complete my recovery. Trust me, dearest, I shall neither leave you, nor my brother, nor these dear children; my firm determination to remain with you to the last, and to continue to contribute to your happiness and welfare, would keep me alive, even if grim death were nearer at hand than he really is.”

I was only half re-assured by these expressions; I could not believe that the over-quick flow of her blood was a sign of health, or that her burning cheeks denoted convalescence. But I had no fears of an immediate catastrophe; nay, I persuaded myself that she would

ultimately recover. And thus cheerfulness reigned in our little society. Idris conversed with animation on a thousand topics. Her chief desire was to lead our thoughts from melancholy reflections; so she drew charming pictures of a tranquil solitude, of a beauteous retreat, of the simple manners of our little tribe, and of the patriarchal brotherhood of love, which would survive the ruins of the populous nations which had lately existed. We shut out from our thoughts the present, and withdrew our eyes from the dreary landscape we traversed. Winter reigned in all its gloom. The leafless trees lay without motion against the dun sky; the forms of frost, mimicking the foliage of summer, strewed the ground; the paths were overgrown; the unploughed cornfields were patched with grass and weeds; the sheep congregated at the threshold of the cottage, the horned ox thrust his head from the window. The wind was bleak, and frequent sleet or snow-storms, added to the melancholy appearance wintry nature assumed.

We arrived at Rochester, and an accident caused us to be detained there a day. During that time, a circumstance occurred that changed our plans, and which, alas! in its result changed the eternal course of events, turning me from the pleasant new sprung hope I enjoyed, to an obscure and gloomy desert. But I must give some little explanation before I proceed with the final cause of our temporary alteration of plan, and refer again to those times when man walked the earth fearless, before Plague had become Queen of the World.

There resided a family in the neighbourhood of Windsor, of very humble pretensions, but which had been an object of interest to us on account of one of the persons of whom it was composed. The family of the Claytons had known better days; but, after a series of reverses, the father died a bankrupt, and the mother heartbroken, and a confirmed invalid, retired with her

five children to a little cottage between Eton and Salt Hill. The eldest of these children, who was thirteen years old, seemed at once from the influence of adversity, to acquire the sagacity and principle belonging to a more mature age. Her mother grew worse and worse in health, but Lucy attended on her, and was as a tender parent to her younger brothers and sisters, and in the meantime shewed herself so good-humoured, social, and benevolent, that she was beloved as well as honoured, in her little neighbourhood.

Lucy was besides extremely pretty; so when she grew to be sixteen, it was to be supposed, notwithstanding her poverty, that she should have admirers. One of these was the son of a country-curate; he was a generous, frank-hearted youth, with an ardent love of knowledge, and no mean acquirements. Though Lucy was untaught, her mother’s conversation and manners gave her a taste for refinements superior to her present situation. She loved the youth even without knowing it, except that in any difficulty she naturally turned to him for aid, and awoke with a lighter heart every Sunday, because she knew that she would be met and accompanied by him in her evening walk with her sisters. She had another admirer, one of the head-waiters at the inn at Salt Hill. He also was not without pretensions to urbane superiority, such as he learnt from gentlemen’s servants and waiting-maids, who initiating him in all the slang of high life below stairs, rendered his arrogant temper ten times more intrusive. Lucy did not disclaim him – she was incapable of that feeling; but she was sorry when she saw him approach, and quietly resisted all his endeavours to establish an intimacy. The fellow soon discovered that his rival was preferred to him; and this changed what was at first a chance admiration into a passion, whose main springs were envy, and a base

desire to deprive his competitor of the advantage he enjoyed over himself.

Poor Lucy’s sad story was but a common one. Her lover’s father died; and he was left destitute. He accepted the offer of a gentleman to go to India with him, feeling secure that he should soon acquire an independence, and return to claim the hand of his beloved. He became involved in the war carried on there, was taken prisoner, and years elapsed before tidings of his existence were received in his native land. In the meantime disastrous poverty came on Lucy. Her little cottage, which stood looking from its trellice, covered with woodbine and jessamine, was burnt down; and the whole of their little property was included in the destruction. Whither betake them? By what exertion of industry could Lucy procure them another abode? Her mother nearly bed-rid, could not survive any extreme of famine-struck poverty. At this time her other admirer stept forward, and renewed his offer of marriage. He had saved money, and was going to set up a little inn at Datchet. There was nothing alluring to Lucy in this offer, except the home it secured to her mother; and she felt more sure of this, since she was struck by the apparent generosity which occasioned the present offer. She accepted it; thus sacrificing herself for the comfort and welfare of her parent.

It was some years after her marriage that we became acquainted with her. The accident of a storm caused us to take refuge in the inn, where we witnessed the brutal and quarrelsome behaviour of her husband, and her patient endurance. Her lot was not a fortunate one. Her first lover had returned with the hope of making her his own, and met her by accident, for the first time, as the mistress of his country inn, and the wife of another. He withdrew despairingly to foreign parts; nothing went well with him; at last he enlisted, and came back again

wounded and sick, and yet Lucy was debarred from nursing him. Her husband's brutal disposition was aggravated by his yielding to the many temptations held out by his situation, and the consequent disarrangement of his affairs. Fortunately she had no children; but her heart was bound up in her brothers and sisters, and these his avarice and ill temper soon drove from the house; they were dispersed about the country, earning their livelihood with toil and care. He even shewed an inclination to get rid of her mother – but Lucy was firm here – she had sacrificed herself for her; she lived for her – she would not part with her – if the mother went, she would also go beg bread for her, die with her, but never desert her. The presence of Lucy was too necessary in keeping up the order of the house, and in preventing the whole establishment from going to wreck, for him to permit her to leave him. He yielded the point; but in all accesses of anger, or in his drunken fits, he recurred to the old topic, and stung poor Lucy's heart by opprobrious epithets bestowed on her parent.

A passion however, if it be wholly pure, entire, and reciprocal, brings with it its own solace. Lucy was truly, and from the depth of heart, devoted to her mother; the sole end she proposed to herself in life, was the comfort and preservation of this parent. Though she grieved for the result, yet she did not repent of her marriage, even when her lover returned to bestow competence on her. Three years had intervened, and how, in their pennyless state, could her mother have existed during this time? This excellent woman was worthy of her child's devotion. A perfect confidence and friendship existed between them; besides, she was by no means illiterate; and Lucy, whose mind had been in some degree cultivated by her former lover, now found in her the only person who could understand and appreciate her. Thus, though suffering, she was by no means desolate, and

when, during fine summer days, she led her mother into the flowery and shady lanes near their abode, a gleam of unmixed joy enlightened her countenance; she saw that her parent was happy, and she knew that this happiness was of her sole creating.

Meanwhile her husband's affairs grew more and more involved; ruin was near at hand, and she was about to lose the fruit of all her labours, when pestilence came to change the aspect of the world. Her husband reaped benefit from the universal misery; but, as the disaster encreased, the spirit of lawlessness seized him; he deserted his home to revel in the luxuries promised him in London, and found there a grave. Her former lover had been one of the first victims of the disease. But Lucy continued to live for and in her mother. Her courage only failed when she dreaded peril for her parent, or feared that death might prevent her from performing those duties to which she was unalterably devoted.

When we had quitted Windsor for London, as the previous step to our final emigration, we visited Lucy, and arranged with her the plan of her own and her mother's removal. Lucy was sorry at the necessity which forced her to quit her native lanes and village, and to drag an infirm parent from her comforts at home, to the homeless waste of depopulate earth; but she was too well disciplined by adversity, and of too sweet a temper, to indulge in repinings at what was inevitable.

Subsequent circumstances, my illness and that of Idris, drove her from our remembrance; and we called her to mind at last, only to conclude that she made one of the few who came from Windsor to join the emigrants, and that she was already in Paris. When we arrived at Rochester therefore, we were surprised to receive, by a man just come from Slough, a letter from this exemplary sufferer. His account was, that, journeying from his home, and passing through Datchet, he was surprised to

see smoke issue from the chimney of the inn, and supposing that he should find comrades for his journey assembled there, he knocked and was admitted. There was no one in the house but Lucy, and her mother; the latter had been deprived of the use of her limbs by an attack of rheumatism, and so, one by one, all the remaining inhabitants of the country set forward, leaving them alone. Lucy intreated the man to stay with her; in a week or two her mother would be better, and they would then set out; but they must perish, if they were left thus helpless and forlorn. The man said, that his wife and children were already among the emigrants, and it was therefore, according to his notion, impossible for him to remain. Lucy, as a last resource, gave him a letter for Idris, to be delivered to her wherever he should meet us. This commission at least he fulfilled, and Idris received with emotion the following letter:

"HONOURED LADY,

"I am sure that you will remember and pity me, and I dare hope that you will assist me; what other hope have I? Pardon my manner of writing, I am so bewildered. A month ago my dear mother was deprived of the use of her limbs. She is already better, and in another month would I am sure be able to travel, in the way you were so kind as to say you would arrange for us. But now everybody is gone – everybody – as they went away, each said, that perhaps my mother would be better, before we were quite deserted. But three days ago I went to Samuel Woods, who, on account of his new-born child, remained to the last; and there being a large family of them, I thought I could persuade them to wait a little longer for us; but I found the house deserted. I have not seen a soul since, till this good man came. – What will become of us? My mother does not know our state; she is so ill, that I have hidden it from her.

“Will you not send some one to us? I am sure we must perish miserably as we are. If I were to try to move my mother now, she would die on the road; and if, when she gets better, I were able, I cannot guess how, to find out the roads, and get on so many many miles to the sea, you would all be in France, and the great ocean would be between us, which is so terrible even to sailors. What would it be to me, a woman, who never saw it? We should be imprisoned by it in this country, all, all alone, with no help; better die where we are. I can hardly write – I cannot stop my tears – it is not for myself; I could put my trust in God; and let the worst come, I think I could bear it, if I were alone. But my mother, my sick, my dear, dear mother, who never, since I was born, spoke a harsh word to me, who has been patient in many sufferings; pity her, dear Lady, she must die a miserable death if you do not pity her. People speak carelessly of her, because she is old and infirm, as if we must not all, if we are spared, become so; and then, when the young are old themselves, they will think that they ought to be taken care of. It is very silly of me to write in this way to you; but, when I hear her trying not to groan, and see her look smiling on me to comfort me, when I know she is in pain; and when I think that she does not know the worst, but she soon must; and then she will not complain; but I shall sit guessing at all that she is dwelling upon, of famine and misery – I feel as if my heart must break, and I do not know what I say or do; my mother – mother for whom I have borne much, God preserve you from this fate! Preserve her, Lady, and He will bless you; and I, poor miserable creature as I am, will thank you and pray for you while I live.

“Your unhappy and dutiful servant,

“Dec. 30th, 2097. LUCY MARTIN.”

This letter deeply affected Idris, and she instantly proposed, that we should return to Datchet, to assist Lucy and her mother. I said that I would without delay set out for that place, but entreated her to join her brother, and there await my return with the children. But Idris was in high spirits, and full of hope. She declared that she could not consent even to a temporary separation from me, but that there was no need of this, the motion of the carriage did her good, and the distance was too trifling to be considered. We could dispatch messengers to Adrian, to inform him of our deviation from the original plan. She spoke with vivacity, and drew a picture after her own dear heart, of the pleasure we should bestow upon Lucy, and declared, if I went, she must accompany me, and that she should very much dislike to entrust the charge of rescuing them to others, who might fulfil it with coldness or inhumanity. Lucy’s life had been one act of devotion and virtue; let her now reap the small reward of finding her excellence appreciated, and her necessity assisted, by those whom she respected and honoured.

These, and many other arguments, were urged with gentle pertinacity, and the ardour of a wish to do all the good in her power, by her whose simple expression of a desire and slightest request had ever been a law with me. I, of course, consented, the moment that I saw that she had set her heart upon this step. We sent half our attendant troop on to Adrian; and with the other half our carriage took a retrograde course back to Windsor.

I wonder now how I could be so blind and senseless, as thus to risk the safety of Idris; for, if I had eyes, surely I could see the sure, though deceitful, advance of death in her burning cheek and encreasing weakness. But she said she was better; and I believed her. Extinction could

not be near a being, whose vivacity and intelligence hourly encreased, and whose frame was endowed with an intense, and I fondly thought, a strong and permanent spirit of life. Who, after a great disaster, has not looked back with wonder at his inconceivable obtuseness of understanding, that could not perceive the many minute threads with which fate weaves the inextricable net of our destinies, until he is inmeshed completely in it?

The cross roads which we now entered upon, were even in a worse state than the long neglected high-ways; and the inconvenience seemed to menace the perishing frame of Idris with destruction. Passing through Dartford, we arrived at Hampton on the second day. Even in this short interval my beloved companion grew sensibly worse in health, though her spirits were still light, and she cheered my growing anxiety with gay sallies; sometimes the thought pierced my brain – Is she dying? – as I saw her fair fleshless hand rest on mine, or observed the feebleness with which she performed the accustomed acts of life. I drove away the idea, as if it had been suggested by insanity; but it occurred again and again, only to be dispelled by the continued liveliness of her manner.

About mid-day, after quitting Hampton, our carriage broke down: the shock caused Idris to faint, but on her reviving no other ill consequence ensued; our party of attendants had as usual gone on before us, and our coachman went in search of another vehicle, our former one being rendered by this accident unfit for service. The only place near us was a poor village, in which he found a kind of caravan, able to hold four people, but it was clumsy and ill hung; besides this he found a very excellent cabriolet: our plan was soon arranged; I would drive Idris in the latter; while the children were conveyed by the servant in the former. But these

arrangements cost time; we had agreed to proceed that night to Windsor, and thither our purveyors had gone: we should find considerable difficulty in getting accommodation, before we reached this place; after all, the distance was only ten miles; my horse was a good one; I would go forward at a good pace with Idris, leaving the children to follow at a rate more consonant to the uses of their cumberous machine.

Evening closed in quickly, far more quickly than I was prepared to expect. At the going down of the sun it began to snow heavily. I attempted in vain to defend my beloved companion from the storm; the wind drove the snow in our faces; and it lay so high on the ground, that we made but small way; while the night was so dark, that but for the white covering on the ground we should not have been able to see a yard before us. We had left our accompanying caravan far behind us; and now I perceived that the storm had made me unconsciously deviate from my intended route. I had gone some miles out of my way. My knowledge of the country enabled me to regain the right road; but, instead of going, as at first agreed upon, by a cross road through Stanwell to Datchet, I was obliged to take the way of Egham and Bishopgate. It was certain therefore that I should not be rejoined by the other vehicle, that I should not meet a single fellow-creature till we arrived at Windsor.

The back of our carriage was drawn up, and I hung a pelisse before it, thus to curtain the beloved sufferer from the pelting sleet. She leaned on my shoulder, growing every moment more languid and feeble; at first she replied to my words of cheer with affectionate thanks; but by degrees she sunk into silence; her head lay heavily upon me; I only knew that she lived by her irregular breathing and frequent sighs. For a moment I resolved to stop, and, opposing the back of the cabriolet to the force of the tempest, to expect morning as well as

I might. But the wind was bleak and piercing, while the occasional shudderings of my poor Idris, and the intense cold I felt myself, demonstrated that this would be a dangerous experiment. At length methought she slept – fatal sleep, induced by frost: at this moment I saw the heavy outline of a cottage traced on the dark horizon close to us: “Dearest love,” I said, “support yourself but one moment, and we shall have shelter; let us stop here, that I may open the door of this blessed dwelling.”

As I spoke, my heart was transported, and my senses swam with excessive delight and thankfulness; I placed the head of Idris against the carriage, and, leaping out, scrambled through the snow to the cottage, whose door was open. I had apparatus about me for procuring light, and that shewed me a comfortable room, with a pile of wood in one corner, and no appearance of disorder, except that, the door having been left partly open, the snow, drifting in, had blocked up the threshold. I returned to the carriage, and the sudden change from light to darkness at first blinded me. When I recovered my sight – eternal God of this lawless world! O supreme Death! I will not disturb thy silent reign, or mar my tale with fruitless exclamations of horror – I saw Idris, who had fallen from the seat to the bottom of the carriage; her head, its long hair pendent, with one arm, hung over the side. – Struck by a spasm of horror, I lifted her up; her heart was pulseless, her faded lips unfanned by the slightest breath.

I carried her into the cottage; I placed her on the bed. Lighting a fire, I chafed her stiffening limbs; for two long hours I sought to restore departed life; and, when hope was as dead as my beloved, I closed with trembling hands her glazed eyes. I did not doubt what I should now do. In the confusion attendant on my illness, the task of interring our darling Alfred had devolved on his grandmother, the Ex-Queen, and she, true to her ruling

passion, had caused him to be carried to Windsor, and buried in the family vault, in St. George's Chapel. I must proceed to Windsor, to calm the anxiety of Clara, who would wait anxiously for us – yet I would fain spare her the heart-breaking spectacle of Idris, brought in by me lifeless from the journey. So first I would place my beloved beside her child in the vault, and then seek the poor children who would be expecting me.

I lighted the lamps of my carriage; I wrapt her in furs, and placed her along the seat; then taking the reins, made the horses go forward. We proceeded through the snow, which lay in masses impeding the way, while the descending flakes, driving against me with redoubled fury, blinded me. The pain occasioned by the angry elements, and the cold iron of the shafts of frost which buffetted me, and entered my aching flesh, were a relief to me; blunting my mental suffering. The horses staggered on, and the reins hung loosely in my hands. I often thought I would lay my head close to the sweet, cold face of my lost angel, and thus resign myself to conquering torpor. Yet I must not leave her a prey to the fowls of the air; but, in pursuance of my determination place her in the tomb of her forefathers, where a merciful God might permit me to rest also.

The road we passed through Egham was familiar to me; but the wind and snow caused the horses to drag their load slowly and heavily. Suddenly the wind veered from south-west to west, and then again to north-west. As Sampson with tug and strain stirred from their bases the columns that supported the Philistine temple, so did the gale shake the dense vapours propped on the horizon, while the massy dome of clouds fell to the south, disclosing through the scattered web the clear empyrean, and the little stars, which were set at an immeasurable distance in the crystalline fields, showered their small rays on the glittering snow. Even

the horses were cheered, and moved on with renovated strength. We entered the forest at Bishopgate, and at the end of the Long Walk I saw the Castle, “the proud Keep of Windsor, rising in the majesty of proportion, girt with the double belt of its kindred and coeval towers.” I looked with reverence on a structure, ancient almost as the rock on which it stood, abode of kings, theme of admiration for the wise. With greater reverence and, tearful affection I beheld it as the asylum of the long lease of love I had enjoyed there with the perishable, unmatchable treasure of dust, which now lay cold beside me. Now indeed, I could have yielded to all the softness of my nature, and wept; and, womanlike, have uttered bitter plaints; while the familiar trees, the herds of living deer, the sward oft prest by her fairy-feet, one by one with sad association presented themselves. The white gate at the end of the Long Walk was wide open, and I rode up the empty town through the first gate of the feudal tower; and now St. George’s Chapel, with its blackened fretted sides, was right before me. I halted at its door, which was open; I entered, and placed my lighted lamp on the altar; then I returned, and with tender caution I bore Idris up the aisle into the chancel, and laid her softly down on the carpet which covered the step leading to the communion table. The banners of the knights of the garter, and their half drawn swords, were hung in vain emblazonry above the stalls. The banner of her family hung there, still surmounted by its regal crown. Farewell to the glory and heraldry of England! – I turned from such vanity with a slight feeling of wonder, at how mankind could have ever been interested in such things. I bent over the lifeless corpse of my beloved; and, while looking on her uncovered face, the features already contracted by the rigidity of death, I felt as if all the visible universe had grown as soulless, inane, and comfortless as the clay-cold image beneath me. I felt for

a moment the intolerable sense of struggle with, and detestation for, the laws which govern the world; till the calm still visible on the face of my dead love recalled me to a more soothing tone of mind, and I proceeded to fulfil the last office that could now be paid her. For her I could not lament, so much I envied her enjoyment of “the sad immunities of the grave.”

The vault had been lately opened to place our Alfred therein. The ceremony customary in these latter days had been cursorily performed, and the pavement of the chapel, which was its entrance, having been removed, had not been replaced. I descended the steps, and walked through the long passage to the large vault which contained the kindred dust of my Idris. I distinguished the small coffin of my babe. With hasty, trembling hands I constructed a bier beside it, spreading it with the furs and Indian shawls, which had wrapt Idris in her journey thither. I lighted the glimmering lamp, which flickered in this damp abode of the dead; then I bore my lost one to her last bed, decently composing her limbs, and covering them with a mantle, veiling all except her face, which remained lovely and placid. She appeared to rest like one over-wearied, her beauteous eyes steeped in sweet slumber. Yet, so it was not – she was dead! How intensely I then longed to lie down beside her, to gaze till death should gather me to the same repose.

But death does not come at the bidding of the miserable. I had lately recovered from mortal illness, and my blood had never flowed with such an even current, nor had my limbs ever been so instinct with quick life, as now. I felt that my death must be voluntary. Yet what more natural than famine, as I watched in this chamber of mortality, placed in a world of the dead, beside the lost hope of my life? Meanwhile as I looked on her, the features, which bore a sisterly resemblance to

Adrian, brought my thoughts back again to the living, to this dear friend, to Clara, and to Evelyn, who were probably now in Windsor, waiting anxiously for our arrival.

Methought I heard a noise, a step in the far chapel, which was re-echoed by its vaulted roof, and borne to me through the hollow passages. Had Clara seen my carriage pass up the town, and did she seek me here? I must save her at least from the horrible scene the vault presented. I sprung up the steps, and then saw a female figure, bent with age, and clad in long mourning robes, advance through the dusky chapel, supported by a slender cane, yet tottering even with this support. She heard me, and looked up; the lamp I held illuminated my figure, and the moon-beams, struggling through the painted glass, fell upon her face, wrinkled and gaunt, yet with a piercing eye and commanding brow – I recognized the Countess of Windsor. With a hollow voice she asked, “Where is the princess?”

I pointed to the torn up pavement: she walked to the spot, and looked down into the palpable darkness; for the vault was too distant for the rays of the small lamp I had left there to be discernible.

“Your light,” she said. I gave it her; and she regarded the now visible, but precipitous steps, as if calculating her capacity to descend. Instinctively I made a silent offer of my assistance. She motioned me away with a look of scorn, saying in an harsh voice, as she pointed downwards, “There at least I may have her undisturbed.”

She walked deliberately down, while I, overcome, miserable beyond words, or tears, or groans, threw myself on the pavement near – the stiffening form of Idris was before me, the death-struck countenance hushed in eternal repose beneath. That was to me the end of all! The day before, I had figured to my self

various adventures, and communion with my friends in after time – now I had leapt the interval, and reached the utmost edge and bourne of life. Thus wrapt in gloom, enclosed, walled up, vaulted over by the omnipotent present, I was startled by the sound of feet on the steps of the tomb, and I remembered her whom I had utterly forgotten, my angry visitant; her tall form slowly rose upwards from the vault, a living statue, instinct with hate, and human, passionate strife: she seemed to me as having reached the pavement of the aisle; she stood motionless, seeking with her eyes alone, some desired object – till, perceiving me close to her, she placed her wrinkled hand on my arm, exclaiming with tremulous accents, “Lionel Verney, my son!” This name, applied at such a moment by my angel’s mother, instilled into me more respect than I had ever before felt for this disdainful lady. I bowed my head, and kissed her shrivelled hand, and, remarking that she trembled violently, supported her to the end of the chancel, where she sat on the steps that led to the regal stall. She suffered herself to be led, and still holding my hand, she leaned her head back against the stall, while the moon beams, tinged with various colours by the painted glass, fell on her glistening eyes; aware of her weakness, again calling to mind her long cherished dignity, she dashed the tears away; yet they fell fast, as she said, for excuse, “She is so beautiful and placid, even in death. No harsh feeling ever clouded her serene brow; how did I treat her? wounding her gentle heart with savage coldness; I had no compassion on her in past years, does she forgive me now? Little, little does it boot to talk of repentance and forgiveness to the dead, had I during her life once consulted her gentle wishes, and curbed my rugged nature to do her pleasure, I should not feel thus.”

Idris and her mother were unlike in person. The dark hair, deep-set black eyes, and prominent features of the

Ex-Queen were in entire contrast to the golden tresses, the full blue orbs, and the soft lines and contour of her daughter’s countenance. Yet, in latter days, illness had taken from my poor girl the full outline of her face, and reduced it to the inflexible shape of the bone beneath. In the form of her brow, in her oval chin, there was to be found a resemblance to her mother; nay in some moods, their gestures were not unlike; nor, having lived so long together, was this wonderful.

There is a magic power in resemblance. When one we love dies, we hope to see them in another state, and half expect that the agency of mind will inform its new garb in imitation of its decayed earthly vesture. But these are ideas of the mind only. We know that the instrument is shivered, the sensible image lies in miserable fragments, dissolved to dusty nothingness; a look, a gesture, or a fashioning of the limbs similar to the dead in a living person, touches a thrilling chord, whose sacred harmony is felt in the heart’s dearest recess. Strangely moved, prostrate before this spectral image, and enslaved by the force of blood manifested in likeness of look and movement, I remained trembling in the presence of the harsh, proud, and till now unloved mother of Idris.

Poor, mistaken woman! in her tenderest mood before, she had cherished the idea, that a word, a look of reconciliation from her, would be received with joy, and repay long years of severity. Now that the time was gone for the exercise of such power, she fell at once upon the thorny truth of things, and felt that neither smile nor caress could penetrate to the unconscious state, or influence the happiness of her who lay in the vault beneath. This conviction, together with the remembrance of soft replies to bitter speeches, of gentle looks repaying angry glances; the perception of the falsehood, paltryness and futility of her cherished dreams of birth and power; the overpowering

knowledge, that love and life were the true emperors of our mortal state; all, as a tide, rose, and filled her soul with stormy and bewildering confusion. It fell to my lot, to come as the influential power, to allay the fierce tossing of these tumultuous waves. I spoke to her; I led her to reflect how happy Idris had really been, and how her virtues and numerous excellencies had found scope and estimation in her past career. I praised her, the idol of my heart's dear worship, the admired type of feminine perfection. With ardent and overflowing eloquence, I relieved my heart from its burthen, and awoke to the sense of a new pleasure in life, as I poured forth the funeral eulogy. Then I referred to Adrian, her loved brother, and to her surviving child. I declared, which I had before almost forgotten, what my duties were with regard to these valued portions of herself, and bade the melancholy repentant mother reflect, how she could best expiate unkindness towards the dead, by redoubled love of the survivors. Consoling her, my own sorrows were assuaged; my sincerity won her entire conviction.

She turned to me. The hard, inflexible, persecuting woman, turned with a mild expression of face, and said, "If our beloved angel sees us now, it will delight her to find that I do you even tardy justice. You were worthy of her; and from my heart I am glad that you won her away from me. Pardon, my son, the many wrongs I have done you; forget my bitter words and unkind treatment – take me, and govern me as you will."

I seized this docile moment to propose our departure from the church. "First," she said, "let us replace the pavement above the vault."

We drew near to it; "Shall we look on her again?" I asked.

"I cannot," she replied, "and, I pray you, neither do you. We need not torture ourselves by gazing on the soulless body, while her living spirit is buried quick in

our hearts, and her surpassing loveliness is so deeply carved there, that sleeping or waking she must ever be present to us.”

For a few moments, we bent in solemn silence over the open vault. I consecrated my future life, to the embalming of her dear memory; I vowed to serve her brother and her child till death. The convulsive sob of my companion made me break off my internal orisons. I next dragged the stones over the entrance of the tomb, and closed the gulph that contained the life of my life. Then, supporting my decrepid fellow-mourner, we slowly left the chapel. I felt, as I stepped into the open air, as if I had quitted an happy nest of repose, for a dreary wilderness, a tortuous path, a bitter, joyless, hopeless pilgrimage.

CHAPTER IV

OUR escort had been directed to prepare our abode for the night at the inn, opposite the ascent to the Castle. We could not again visit the halls and familiar chambers of our home, on a mere visit. We had already left for ever the glades of Windsor, and all of coppice, flowery hedgerow, and murmuring stream, which gave shape and intensity to the love of our country, and the almost superstitious attachment with which we regarded native England. It had been our intention to have called at Lucy's dwelling in Datchet, and to have re-assured her with promises of aid and protection before we repaired to our quarters for the night. Now, as the Countess of Windsor and I turned down the steep hill that led from the Castle, we saw the children, who had just stopped in their caravan, at the inn-door. They had passed through Datchet without halting. I dreaded to meet them, and to be the bearer of my tragic story, so while they were still occupied in the hurry of arrival, I suddenly left them, and through the snow and clear moon-light air, hastened along the well known road to Datchet.

Well known indeed it was. Each cottage stood on its accustomed site, each tree wore its familiar appearance. Habit had graven uneraseably on my memory, every turn and change of object on the road. At a short distance beyond the Little Park, was an elm half blown down by a storm, some ten years ago; and still, with leafless snow-laden branches, it stretched across the pathway, which wound through a meadow, beside a shallow brook, whose brawling was silenced by frost – that stile, that white gate, that hollow oak tree, which doubtless once

belonged to the forest, and which now shewed in the moonlight its gaping rent; to whose fanciful appearance, tricked out by the dusk into a resemblance of the human form, the children had given the name of Falstaff; – all these objects were as well known to me as the cold hearth of my deserted home, and every moss-grown wall and plot of orchard ground, alike as twin lambs are to each other in a stranger's eye, yet to my accustomed gaze bore differences, distinction, and a name. England remained, though England was dead – it was the ghost of merry England that I beheld, under those greenwood shade passing generations had sported in security and ease. To this painful recognition of familiar places, was added a feeling experienced by all, understood by none – a feeling as if in some state, less visionary than a dream, in some past real existence, I had seen all I saw, with precisely the same feelings as I now beheld them – as if all my sensations were a duplex mirror of a former revelation. To get rid of this oppressive sense I strove to imagine change in this tranquil spot – this augmented my mood, by causing me to bestow more attention on the objects which occasioned me pain.

I reached Datchet and Lucy's humble abode – once noisy with Saturday night revellers, or trim and neat on Sunday morning it had borne testimony to the labours and orderly habits of the housewife. The snow lay high about the door, as if it had remained unclosed for many days.

"What scene of death hath Roscius now to act?" I muttered to myself as I looked at the dark casements. At first I thought I saw a light in one of them, but it proved to be merely the refraction of the moon-beams, while the only sound was the crackling branches as the breeze whirred the snow flakes from them – the moon sailed high and unclouded in the interminable ether, while the shadow of the cottage lay black on the garden behind. I

entered this by the open wicket, and anxiously examined each window. At length I detected a ray of light struggling through a closed shutter in one of the upper rooms – it was a novel feeling, alas! to look at any house and say there dwells its usual inmate – the door of the house was merely on the latch: so I entered and ascended the moon-lit staircase. The door of the inhabited room was ajar: looking in, I saw Lucy sitting as at work at the table on which the light stood; the implements of needlework were about her, but her hand had fallen on her lap, and her eyes, fixed on the ground, shewed by their vacancy that her thoughts wandered. Traces of care and watching had diminished her former attractions – but her simple dress and cap, her desponding attitude, and the single candle that cast its light upon her, gave for a moment a picturesque grouping to the whole. A fearful reality recalled me from the thought – a figure lay stretched on the bed covered by a sheet – her mother was dead, and Lucy, apart from all the world, deserted and alone, watched beside the corpse during the weary night. I entered the room, and my unexpected appearance at first drew a scream from the lone survivor of a dead nation; but she recognised me, and recovered herself, with the quick exercise of self-control habitual to her. “Did you not expect me?” I asked, in that low voice which the presence of the dead makes us as it were instinctively assume.

“You are very good,” replied she, “to have come yourself; I can never thank you sufficiently; but it is too late.”

“Too late,” cried I, “what do you mean? It is not too late to take you from this deserted place, and conduct you to…”

My own loss, which I had forgotten as I spoke, now made me turn away, while choking grief impeded my speech. I threw open the window, and looked on the

cold, waning, ghastly, misshaped circle on high, and the chill white earth beneath – did the spirit of sweet Idris sail along the moon-frozen crystal air? – No, no, a more genial atmosphere, a lovelier habitation was surely hers!

I indulged in this meditation for a moment, and then again addressed the mourner, who stood leaning against the bed with that expression of resigned despair, of complete misery, and a patient sufferance of it, which is far more touching than any of the insane ravings or wild gesticulation of untamed sorrow. I desired to draw her from this spot; but she opposed my wish. That class of persons whose imagination and sensibility have never been taken out of the narrow circle immediately in view, if they possess these qualities to any extent, are apt to pour their influence into the very realities which appear to destroy them, and to cling to these with double tenacity from not being able to comprehend any thing beyond. Thus Lucy, in desert England, in a dead world, wished to fulfil the usual ceremonies of the dead, such as were customary to the English country people, when death was a rare visitant, and gave us time to receive his dreaded usurpation with pomp and circumstance – going forth in procession to deliver the keys of the tomb into his conquering hand. She had already, alone as she was, accomplished some of these, and the work on which I found her employed, was her mother’s shroud. My heart sickened at such detail of woe, which a female can endure, but which is more painful to the masculine spirit than deadliest struggle, or throes of unutterable but transient agony.

This must not be, I told her; and then, as further inducement, I communicated to her my recent loss, and gave her the idea that she must come with me to take charge of the orphan children, whom the death of Idris had deprived of a mother’s care. Lucy never resisted the call of a duty, so she yielded, and closing the casements

and doors with care, she accompanied me back to Windsor. As we went she communicated to me the occasion of her mother's death. Either by some mischance she had got sight of Lucy's letter to Idris, or she had overheard her conversation with the countryman who bore it; however it might be, she obtained a knowledge of the appalling situation of herself and her daughter, her aged frame could not sustain the anxiety and horror this discovery instilled – she concealed her knowledge from Lucy, but brooded over it through sleepless nights, till fever and delirium, swift forerunners of death, disclosed the secret. Her life, which had long been hovering on its extinction, now yielded at once to the united effects of misery and sickness, and that same morning she had died.

After the tumultuous emotions of the day, I was glad to find on my arrival at the inn that my companions had retired to rest. I gave Lucy in charge to the Countess's attendant, and then sought repose from my various struggles and impatient regrets. For a few moments the events of the day floated in disastrous pageant through my brain, till sleep bathed it in forgetfulness; when morning dawned and I awoke, it seemed as if my slumber had endured for years.

My companions had not shared my oblivion. Clara's swollen eyes shewed that she has passed the night in weeping. The Countess looked haggard and wan. Her firm spirit had not found relief in tears, and she suffered the more from all the painful retrospect and agonizing regret that now occupied her. We departed from Windsor, as soon as the burial rites had been performed for Lucy's mother, and, urged on by an impatient desire to change the scene, went forward towards Dover with speed, our escort having gone before to provide horses; finding them either in the warm stables they instinctively sought during the cold weather, or standing

shivering in the bleak fields ready to surrender their liberty in exchange for offered corn.

During our ride the Countess recounted to me the extraordinary circumstances which had brought her so strangely to my side in the chancel of St. George's chapel. When last she had taken leave of Idris, as she looked anxiously on her faded person and pallid countenance, she had suddenly been visited by a conviction that she saw her for the last time. It was hard to part with her while under the dominion of this sentiment, and for the last time she endeavoured to persuade her daughter to commit herself to her nursing, permitting me to join Adrian. Idris mildly refused, and thus they separated. The idea that they should never again meet grew on the Countess's mind, and haunted her perpetually; a thousand times she had resolved to turn back and join us, and was again and again restrained by the pride and anger of which she was the slave. Proud of heart as she was, she bathed her pillow with nightly tears, and through the day was subdued by nervous agitation and expectation of the dreaded event, which she was wholly incapable of curbing. She confessed that at this period her hatred of me knew no bounds, since she considered me as the sole obstacle to the fulfilment of her dearest wish, that of attending upon her daughter in her last moments. She desired to express her fears to her son, and to seek consolation from his sympathy with, or courage from his rejection of, her auguries.

On the first day of her arrival at Dover she walked with him on the sea beach, and with the timidity characteristic of passionate and exaggerated feeling was by degrees bringing the conversation to the desired point, when she could communicate her fears to him, when the messenger who bore my letter announcing our temporary return to Windsor, came riding down to them.

He gave some oral account of how he had left us, and added, that notwithstanding the cheerfulness and good courage of Lady Idris, he was afraid that she would hardly reach Windsor alive. “True,” said the Countess, “your fears are just, she is about to expire!”

As she spoke, her eyes were fixed on a tomblike hollow of the cliff, and she saw, she averred the same to me with solemnity, Idris pacing slowly towards this cave. She was turned from her, her head was bent down, her white dress was such as she was accustomed to wear, except that a thin crape-like veil covered her golden tresses, and concealed her as a dim transparent mist. She looked dejected, as docilely yielding to a commanding power; she submissively entered, and was lost in the dark recess.

“Were I subject to visionary moods,” said the venerable lady, as she continued her narrative, “I might doubt my eyes, and condemn my credulity; but reality is the world I live in, and what I saw I doubt not had existence beyond myself. From that moment I could not rest; it was worth my existence to see her once again before she died; I knew that I should not accomplish this, yet I must endeavour. I immediately departed for Windsor; and, though I was assured that we travelled speedily, it seemed to me that our progress was snail-like, and that delays were created solely for my annoyance. Still I accused you, and heaped on your head the fiery ashes of my burning impatience. It was no disappointment, though an agonizing pang, when you pointed to her last abode; and words would ill express the abhorrence I that moment felt towards you, the triumphant impediment to my dearest wishes. I saw her, and anger, and hate, and injustice died at her bier, giving place at their departure to a remorse (Great God, that I should feel it!) which must last while memory and feeling endure.”

To medicine such remorse, to prevent awakening love and new-born mildness from producing the same bitter fruit that hate and harshness had done, I devoted all my endeavours to soothe the venerable penitent. Our party was a melancholy one; each was possessed by regret for what was remediless; for the absence of his mother shadowed even the infant gaiety of Evelyn. Added to this was the prospect of the uncertain future. Before the final accomplishment of any great voluntary change the mind vacillates, now soothing itself by fervent expectation, now recoiling from obstacles which seem never to have presented themselves before with so frightful an aspect. An involuntary tremor ran through me when I thought that in another day we might have crossed the watery barrier, and have set forward on that hopeless, interminable, sad wandering, which but a short time before I regarded as the only relief to sorrow that our situation afforded.

Our approach to Dover was announced by the loud roarings of the wintry sea. They were borne miles inland by the sound-laden blast, and by their unaccustomed uproar, imparted a feeling of insecurity and peril to our stable abode. At first we hardly permitted ourselves to think that any unusual eruption of nature caused this tremendous war of air and water, but rather fancied that we merely listened to what we had heard a thousand times before, when we had watched the flocks of fleece-crowned waves, driven by the winds, come to lament and die on the barren sands and pointed rocks. But we found upon advancing farther, that Dover was overflowed – many of the houses were overthrown by the surges which filled the streets, and with hideous brawlings sometimes retreated leaving the pavement of the town bare, till again hurried forward by the influx of ocean, they returned with thunder-sound to their usurped station.

Hardly less disturbed than the tempestuous world of waters was the assembly of human beings, that from the cliff fearfully watched its ravings. On the morning of the arrival of the emigrants under the conduct of Adrian, the sea had been serene and glassy, the slight ripples refracted the sunbeams, which shed their radiance through the clear blue frosty air. This placid appearance of nature was hailed as a good augury for the voyage, and the chief immediately repaired to the harbour to examine two steamboats which were moored there. On the following midnight, when all were at rest, a frightful storm of wind and clattering rain and hail first disturbed them, and the voice of one shrieking in the streets, that the sleepers must awake or they would be drowned; and when they rushed out, half clothed, to discover the meaning of this alarm, they found that the tide, rising above every mark, was rushing into the town. They ascended the cliff, but the darkness permitted only the white crest of waves to be seen, while the roaring wind mingled its howlings in dire accord with the wild surges. The awful hour of night, the utter inexperience of many who had never seen the sea before, the wailing of women and cries of children added to the horror of the tumult. All the following day the same scene continued. When the tide ebbed, the town was left dry; but on its flow, it rose even higher than on the preceding night. The vast ships that lay rotting in the roads were whirled from their anchorage, and driven and jammed against the cliff, the vessels in the harbour were flung on land like sea-weed, and there battered to pieces by the breakers. The waves dashed against the cliff, which if in any place it had been before loosened, now gave way, and the affrighted crowd saw vast fragments of the near earth fall with crash and roar into the deep. This sight operated differently on different persons. The greater part thought it a judgment of God, to prevent or punish

our emigration from our native land. Many were doubly eager to quit a nook of ground now become their prison, which appeared unable to resist the inroads of ocean's giant waves.

When we arrived at Dover, after a fatiguing day's journey, we all required rest and sleep; but the scene acting around us soon drove away such ideas. We were drawn, along with the greater part of our companions, to the edge of the cliff, there to listen to and make a thousand conjectures. A fog narrowed our horizon to about a quarter of a mile, and the misty veil, cold and dense, enveloped sky and sea in equal obscurity. What added to our inquietude was the circumstance that two-thirds of our original number were now waiting for us in Paris, and clinging, as we now did most painfully, to any addition to our melancholy remnant, this division, with the tameless impassable ocean between, struck us with affright. At length, after loitering for several hours on the cliff, we retired to Dover Castle, whose roof sheltered all who breathed the English air, and sought the sleep necessary to restore strength and courage to our worn frames and languid spirits.

Early in the morning Adrian brought me the welcome intelligence that the wind had changed: it had been south-west; it was now north-east. The sky was stripped bare of clouds by the increasing gale, while the tide at its ebb seceded entirely from the town. The change of wind rather increased the fury of the sea, but it altered its late dusky hue to a bright green; and in spite of its unmitigated clamour, its more cheerful appearance instilled hope and pleasure. All day we watched the ranging of the mountainous waves, and towards sunset a desire to decypher the promise for the morrow at its setting, made us all gather with one accord on the edge of the cliff. When the mighty luminary approached within a few degrees of the tempest-tossed horizon,

suddenly, a wonder! three other suns, alike burning and brilliant, rushed from various quarters of the heavens towards the great orb; they whirled round it. The glare of light was intense to our dazzled eyes; the sun itself seemed to join in the dance, while the sea burned like a furnace, like all Vesuvius a-light, with flowing lava beneath. The horses broke loose from their stalls in terror – a herd of cattle, panic struck, raced down to the brink of the cliff, and blinded by light, plunged down with frightful yells in the waves below. The time occupied by the apparition of these meteors was comparatively short; suddenly the three mock suns united in one, and plunged into the sea. A few seconds afterwards, a deafening watery sound came up with awful peal from the spot where they had disappeared.

Meanwhile the sun, disencumbered from his strange satellites, paced with its accustomed majesty towards its western home. When – we dared not trust our eyes late dazzled, but it seemed that – the sea rose to meet it – it mounted higher and higher, till the fiery globe was obscured, and the wall of water still ascended the horizon; it appeared as if suddenly the motion of earth was revealed to us – as if no longer we were ruled by ancient laws, but were turned adrift in an unknown region of space. Many cried aloud, that these were no meteors, but globes of burning matter, which had set fire to the earth, and caused the vast cauldron at our feet to bubble up with its measureless waves; the day of judgment was come they averred, and a few moments would transport us before the awful countenance of the omnipotent judge; while those less given to visionary terrors, declared that two conflicting gales had occasioned the last phaenomenon. In support of this opinion they pointed out the fact that the east wind died away, while the rushing of the coming west mingled its wild howl with the roar of the advancing waters. Would

the cliff resist this new battery? Was not the giant wave far higher than the precipice? Would not our little island be deluged by its approach? The crowd of spectators fled. They were dispersed over the fields, stopping now and then, and looking back in terror. A sublime sense of awe calmed the swift pulsations of my heart – I awaited the approach of the destruction menaced, with that solemn resignation which an unavoidable necessity instils. The ocean every moment assumed a more terrific aspect, while the twilight was dimmed by the rack which the west wind spread over the sky. By slow degrees however, as the wave advanced, it took a more mild appearance; some under current of air, or obstruction in the bed of the waters, checked its progress, and it sank gradually; while the surface of the sea became uniformly higher as it dissolved into it. This change took from us the fear of an immediate catastrophe, although we were still anxious as to the final result. We continued during the whole night to watch the fury of the sea and the pace of the driving clouds, through whose openings the rare stars rushed impetuously; the thunder of conflicting elements deprived us of all power to sleep.

This endured ceaselessly for three days and nights. The stoutest hearts quailed before the savage enmity of nature; provisions began to fail us, though every day foraging parties were dispersed to the nearer towns. In vain we schooled ourselves into the belief, that there was nothing out of the common order of nature in the strife we witnessed; our disasterous and overwhelming destiny turned the best of us to cowards. Death had hunted us through the course of many months, even to the narrow strip of time on which we now stood; narrow indeed, and buffeted by storms, was our footway overhanging the great sea of calamity…

As an unsheltered northern shore

Is shaken by the wintry wave –

And frequent storms for evermore,

(While from the west the loud winds rave,

Or from the east, or mountains hoar)

The struck and tott'ring sand-bank lave .

It required more than human energy to bear up against the menaces of destruction that every where surrounded us.

After the lapse of three days, the gale died away, the sea-gull sailed upon the calm bosom of the windless atmosphere, and the last yellow leaf on the topmost branch of the oak hung without motion. The sea no longer broke with fury; but a swell setting in steadily for shore, with long sweep and sullen burst replaced the roar of the breakers. Yet we derived hope from the change, and we did not doubt that after the interval of a few days the sea would resume its tranquillity. The sunset of the fourth day favoured this idea; it was clear and golden. As we gazed on the purple sea, radiant beneath, we were attracted by a novel spectacle; a dark speck – as it neared, visibly a boat – rode on the top of the waves, every now and then lost in the steep vallies between. We marked its course with eager questionings; and, when we saw that it evidently made for shore, we descended to the only practicable landing place, and hoisted a signal to direct them. By the help of glasses we distinguished her crew; it consisted of nine men, Englishmen, belonging in truth to the two divisions of our people, who had preceded us, and had been for several weeks at Paris. As countryman was wont to meet countryman in distant lands, did we greet our visitors on

their landing, with outstretched hands and gladsome welcome. They were slow to reciprocate our gratulations. They looked angry and resentful; not less than the chafed sea which they had traversed with imminent peril, though apparently more displeased with each other than with us. It was strange to see these human beings, who appeared to be given forth by the earth like rare and inestimable plants, full of towering passion, and the spirit of angry contest. Their first demand was to be conducted to the Lord Protector of England, so they called Adrian, though he had long discarded the empty title, as a bitter mockery of the shadow to which the Protectorship was now reduced. They were speedily led to Dover Castle, from whose keep Adrian had watched the movements of the boat. He received them with the interest and wonder so strange a visitation created. In the confusion occasioned by their angry demands for precedence, it was long before we could discover the secret meaning of this strange scene. By degrees, from the furious declamations of one, the fierce interruptions of another, and the bitter scoffs of a third, we found that they were deputies from our colony at Paris, from three parties there formed, who, each with angry rivalry, tried to attain a superiority over the other two. These deputies had been dispatched by them to Adrian, who had been selected arbiter; and they had journied from Paris to Calais, through the vacant towns and desolate country, indulging the while violent hatred against each other; and now they pleaded their several causes with unmitigated party-spirit.

By examining the deputies apart, and after much investigation, we learnt the true state of things at Paris. Since parliament had elected him Ryland’s deputy, all the surviving English had submitted to Adrian. He was our captain to lead us from our native soil to unknown lands, our lawgiver and our preserver. On the first

arrangement of our scheme of emigration, no continued separation of our members was contemplated, and the command of the whole body in gradual ascent of power had its apex in the Earl of Windsor. But unforeseen circumstances changed our plans for us, and occasioned the greater part of our numbers to be divided for the space of nearly two months, from the supreme chief. They had gone over in two distinct bodies; and on their arrival at Paris dissension arose between them.

They had found Paris a desert. When first the plague had appeared, the return of travellers and merchants, and communications by letter, informed us regularly of the ravages made by disease on the continent. But with the encreased mortality this intercourse declined and ceased. Even in England itself communication from one part of the island to the other became slow and rare. No vessel stemmed the flood that divided Calais from Dover; or if some melancholy voyager, wishing to assure himself of the life or death of his relatives, put from the French shore to return among us, often the greedy ocean swallowed his little craft, or after a day or two he was infected by the disorder, and died before he could tell the tale of the desolation of France. We were therefore to a great degree ignorant of the state of things on the continent, and were not without some vague hope of finding numerous companions in its wide track. But the same causes that had so fearfully diminished the English nation had had even greater scope for mischief in the sister land. France was a blank; during the long line of road from Calais to Paris not one human being was found. In Paris there were a few, perhaps a hundred, who, resigned to their coming fate, flitted about the streets of the capital and assembled to converse of past times, with that vivacity and even gaiety that seldom deserts the individuals of this nation.

The English took uncontested possession of Paris. Its high houses and narrow streets were lifeless. A few pale figures were to be distinguished at the accustomed resort at the Tuileries; they wondered wherefore the islanders should approach their ill-fated city – for in the excess of wretchedness, the sufferers always imagine, that their part of the calamity is the bitterest, as, when enduring intense pain, we would exchange the particular torture we writhe under, for any other which should visit a different part of the frame. They listened to the account the emigrants gave of their motives for leaving their native land, with a shrug almost of disdain – “Return,” they said, “return to your island, whose sea breezes, and division from the continent gives some promise of health; if Pestilence among you has slain its hundreds, with us it has slain its thousands. Are you not even now more numerous than we are? – A year ago you would have found only the sick burying the dead; now we are happier; for the pang of struggle has passed away, and the few you find here are patiently waiting the final blow. But you, who are not content to die, breathe no longer the air of France, or soon you will only be a part of her soil.”

Thus, by menaces of the sword, they would have driven back those who had escaped from fire. But the peril left behind was deemed imminent by my countrymen; that before them doubtful and distant; and soon other feelings arose to obliterate fear, or to replace it by passions, that ought to have had no place among a brotherhood of unhappy survivors of the expiring world.

The more numerous division of emigrants, which arrived first at Paris, assumed a superiority of rank and power; the second party asserted their independence. A third was formed by a sectarian, a self-erected prophet, who, while he attributed all power and rule to God, strove to get the real command of his comrades into his

own hands. This third division consisted of fewest individuals, but their purpose was more one, their obedience to their leader more entire, their fortitude and courage more unyielding and active.

During the whole progress of the plague, the teachers of religion were in possession of great power; a power of good, if rightly directed, or of incalculable mischief, if fanaticism or intolerance guided their efforts. In the present instance, a worse feeling than either of these actuated the leader. He was an impostor in the most determined sense of the term. A man who had in early life lost, through the indulgence of vicious propensities, all sense of rectitude or self-esteem; and who, when ambition was awakened in him, gave himself up to its influence unbridled by any scruple. His father had been a methodist preacher, an enthusiastic man with simple intentions; but whose pernicious doctrines of election and special grace had contributed to destroy all conscientious feeling in his son. During the progress of the pestilence he had entered upon various schemes, by which to acquire adherents and power. Adrian had discovered and defeated these attempts; but Adrian was absent; the wolf assumed the shepherd’s garb, and the flock admitted the deception: he had formed a party during the few weeks he had been in Paris, who zealously propagated the creed of his divine mission, and believed that safety and salvation were to be afforded only to those who put their trust in him.

When once the spirit of dissension had arisen, the most frivolous causes gave it activity. The first party, on arriving at Paris, had taken possession of the Tuileries; chance and friendly feeling had induced the second to lodge near to them. A contest arose concerning the distribution of the pillage; the chiefs of the first division demanded that the whole should be placed at their disposal; with this assumption the opposite party refused

to comply. When next the latter went to forage, the gates of Paris were shut on them. After overcoming this difficulty, they marched in a body to the Tuileries. They found that their enemies had been already expelled thence by the Elect, as the fanatical party designated themselves, who refused to admit any into the palace who did not first abjure obedience to all except God, and his delegate on earth, their chief. Such was the beginning of the strife, which at length proceeded so far, that the three divisions, armed, met in the Place Vendome, each resolved to subdue by force the resistance of its adversaries. They assembled, their muskets were loaded, and even pointed at the breasts of their so called enemies. One word had been sufficient; and there the last of mankind would have burthened their souls with the crime of murder, and dipt their hands in each other's blood. A sense of shame, a recollection that not only their cause, but the existence of the whole human race was at stake, entered the breast of the leader of the more numerous party. He was aware, that if the ranks were thinned, no other recruits could fill them up; that each man was as a priceless gem in a kingly crown, which if destroyed, the earth's deep entrails could yield no paragon. He was a young man, and had been hurried on by presumption, and the notion of his high rank and superiority to all other pretenders; now he repented his work, he felt that all the blood about to be shed would be on his head; with sudden impulse therefore he spurred his horse between the bands, and, having fixed a white handkerchief on the point of his uplifted sword, thus demanded parley; the opposite leaders obeyed the signal. He spoke with warmth; he reminded them of the oath all the chiefs had taken to submit to the Lord Protector; he declared their present meeting to be an act of treason and mutiny; he allowed that he had been hurried away by passion, but

that a cooler moment had arrived; and he proposed that each party should send deputies to the Earl of Windsor, inviting his interference and offering submission to his decision. His offer was accepted so far, that each leader consented to command a retreat, and moreover agreed, that after the approbation of their several parties had been consulted, they should meet that night on some neutral spot to ratify the truce. At the meeting of the chiefs, this plan was finally concluded upon. The leader of the fanatics indeed refused to admit the arbitration of Adrian; he sent ambassadors, rather than deputies, to assert his claim, not plead his cause.

The truce was to continue until the first of February, when the bands were again to assemble on the Place Vendome; it was of the utmost consequence therefore that Adrian should arrive in Paris by that day, since an hair might turn the scale, and peace, scared away by intestine broils, might only return to watch by the silent dead. It was now the twenty-eighth of January; every vessel stationed near Dover had been beaten to pieces and destroyed by the furious storms I have commemorated. Our journey however would admit of no delay. That very night, Adrian, and I, and twelve others, either friends or attendants, put off from the English shore, in the boat that had brought over the deputies. We all took our turn at the oar; and the immediate occasion of our departure affording us abundant matter for conjecture and discourse, prevented the feeling that we left our native country, depopulate England, for the last time, to enter deeply into the minds of the greater part of our number. It was a serene starlight night, and the dark line of the English coast continued for some time visible at intervals, as we rose on the broad back of the waves. I exerted myself with my long oar to give swift impulse to our skiff; and, while the waters splashed with melancholy sound against its sides, I looked with

sad affection on this last glimpse of sea-girt England, and strained my eyes not too soon to lose sight of the castellated cliff, which rose to protect the land of heroism and beauty from the inroads of ocean, that, turbulent as I had lately seen it, required such cyclopean walls for its repulsion. A solitary sea-gull winged its flight over our heads, to seek its nest in a cleft of the precipice. Yes, thou shalt revisit the land of thy birth, I thought, as I looked invidiously on the airy voyager; but we shall, never more! Tomb of Idris, farewell! Grave, in which my heart lies sepultured, farewell for ever!

We were twelve hours at sea, and the heavy swell obliged us to exert all our strength. At length, by mere dint of rowing, we reached the French coast. The stars faded, and the grey morning cast a dim veil over the silver horns of the waning moon – the sun rose broad and red from the sea, as we walked over the sands to Calais. Our first care was to procure horses, and although wearied by our night of watching and toil, some of our party immediately went in quest of these in the wide fields of the unenclosed and now barren plain round Calais. We divided ourselves, like seamen, into watches, and some reposed, while others prepared the morning's repast. Our foragers returned at noon with only six horses – on these, Adrian and I, and four others, proceeded on our journey towards the great city, which its inhabitants had fondly named the capital of the civilized world. Our horses had become, through their long holiday, almost wild, and we crossed the plain round Calais with impetuous speed. From the height near Boulogne, I turned again to look on England; nature had cast a misty pall over her, her cliff was hidden – there was spread the watery barrier that divided us, never again to be crossed; she lay on the ocean plain,

In the great pool a swan's nest.

Ruined the nest, alas! the swans of Albion had passed away for ever – an uninhabited rock in the wide Pacific, which had remained since the creation uninhabited, unnamed, unmarked, would be of as much account in the world's future history, as desert England.

Our journey was impeded by a thousand obstacles. As our horses grew tired, we had to seek for others; and hours were wasted, while we exhausted our artifices to allure some of these enfranchised slaves of man to resume the yoke; or as we went from stable to stable through the towns, hoping to find some who had not forgotten the shelter of their native stalls. Our ill success in procuring them, obliged us continually to leave some one of our companions behind; and on the first of February, Adrian and I entered Paris, wholly unaccompanied. The serene morning had dawned when we arrived at Saint Denis, and the sun was high, when the clamour of voices, and the clash, as we feared, of weapons, guided us to where our countrymen had assembled on the Place Vendome. We passed a knot of Frenchmen, who were talking earnestly of the madness of the insular invaders, and then coming by a sudden turn upon the Place, we saw the sun glitter on drawn swords and fixed bayonets, while yells and clamours rent the air. It was a scene of unaccustomed confusion in these days of depopulation. Roused by fancied wrongs, and insulting scoffs, the opposite parties had rushed to attack each other; while the elect, drawn up apart, seemed to wait an opportunity to fall with better advantage on their foes, when they should have mutually weakened each other. A merciful power interposed, and no blood was shed; for, while the insane mob were in the very act of attack, the females, wives, mothers and daughters, rushed between; they seized the bridles; they embraced the knees of the horsemen, and hung on the

necks, or enweaponed arms of their enraged relatives; the shrill female scream was mingled with the manly shout, and formed the wild clamour that welcomed us on our arrival.

Our voices could not be heard in the tumult; Adrian however was eminent for the white charger he rode; spurring him, he dashed into the midst of the throng: he was recognized, and a loud cry raised for England and the Protector. The late adversaries, warmed to affection at the sight of him, joined in heedless confusion, and surrounded him; the women kissed his hands, and the edges of his garments; nay, his horse received tribute of their embraces; some wept their welcome; he appeared an angel of peace descended among them; and the only danger was, that his mortal nature would be demonstrated, by his suffocation from the kindness of his friends. His voice was at length heard, and obeyed; the crowd fell back; the chiefs alone rallied round him. I had seen Lord Raymond ride through his lines; his look of victory, and majestic mien obtained the respect and obedience of all: such was not the appearance or influence of Adrian. His slight figure, his fervent look, his gesture, more of deprecation than rule, were proofs that love, unmingled with fear, gave him dominion over the hearts of a multitude, who knew that he never flinched from danger, nor was actuated by other motives than care for the general welfare. No distinction was now visible between the two parties, late ready to shed each other’s blood, for, though neither would submit to the other, they both yielded ready obedience to the Earl of Windsor.

One party however remained, cut off from the rest, which did not sympathize in the joy exhibited on Adrian’s arrival, or imbibe the spirit of peace, which fell like dew upon the softened hearts of their countrymen. At the head of this assembly was a ponderous, dark-

looking man, whose malign eye surveyed with gloating delight the stern looks of his followers. They had hitherto been inactive, but now, perceiving themselves to be forgotten in the universal jubilee, they advanced with threatening gestures: our friends had, as it were in wanton contention, attacked each other; they wanted but to be told that their cause was one, for it to become so: their mutual anger had been a fire of straw, compared to the slow-burning hatred they both entertained for these seceders, who seized a portion of the world to come, there to entrench and incastellate themselves, and to issue with fearful sally, and appalling denunciations, on the mere common children of the earth. The first advance of the little army of the elect reawakened their rage; they grasped their arms, and waited but their leader's signal to commence the attack, when the clear tones of Adrian's voice were heard, commanding them to fall back; with confused murmur and hurried retreat, as the wave ebbs clamorously from the sands it lately covered, our friends obeyed. Adrian rode singly into the space between the opposing bands; he approached the hostile leader, as requesting him to imitate his example, but his look was not obeyed, and the chief advanced, followed by his whole troop. There were many women among them, who seemed more eager and resolute than their male companions. They pressed round their leader, as if to shield him, while they loudly bestowed on him every sacred denomination and epithet of worship. Adrian met them half way; they halted: "What," he said, "do you seek? Do you require any thing of us that we refuse to give, and that you are forced to acquire by arms and warfare?"

His questions were answered by a general cry, in which the words election, sin, and red right arm of God, could alone be heard.

Adrian looked expressly at their leader, saying, “Can you not silence your followers? Mine, you perceive, obey me.”

The fellow answered by a scowl; and then, perhaps fearful that his people should become auditors of the debate he expected to ensue, he commanded them to fall back, and advanced by himself. “What, I again ask,” said Adrian, “do you require of us?”

“Repentance,” replied the man, whose sinister brow gathered clouds as he spoke. “Obedience to the will of the Most High, made manifest to these his Elected People. Do we not all die through your sins, O generation of unbelief, and have we not a right to demand of you repentance and obedience?”

“And if we refuse them, what then?” his opponent inquired mildly.

“Beware,” cried the man, “God hears you, and will smite your stony heart in his wrath; his poisoned arrows fly, his dogs of death are unleashed! We will not perish unrevenged – and mighty will our avenger be, when he descends in visible majesty, and scatters destruction among you.”

“My good fellow,” said Adrian, with quiet scorn, “I wish that you were ignorant only, and I think it would be no difficult task to prove to you, that you speak of what you do not understand. On the present occasion however, it is enough for me to know that you seek nothing of us; and, heaven is our witness, we seek nothing of you. I should be sorry to embitter by strife the few days that we any of us may have here to live; when there,” he pointed downwards, “we shall not be able to contend, while here we need not. Go home, or stay; pray to your God in your own mode; your friends may do the like. My orisons consist in peace and good will, in resignation and hope. Farewell!”

He bowed slightly to the angry disputant who was about to reply; and, turning his horse down Rue Saint Honore, called on his friends to follow him. He rode slowly, to give time to all to join him at the Barrier, and then issued his orders that those who yielded obedience to him, should rendezvous at Versailles. In the meantime he remained within the walls of Paris, until he had secured the safe retreat of all. In about a fortnight the remainder of the emigrants arrived from England, and they all repaired to Versailles; apartments were prepared for the family of the Protector in the Grand Trianon, and there, after the excitement of these events, we reposed amidst the luxuries of the departed Bourbons.

CHAPTER V

AFTER the repose of a few days, we held a council, to decide on our future movements. Our first plan had been to quit our wintry native latitude, and seek for our diminished numbers the luxuries and delights of a southern climate. We had not fixed on any precise spot as the termination of our wanderings; but a vague picture of perpetual spring, fragrant groves, and sparkling streams, floated in our imagination to entice us on. A variety of causes had detained us in England, and we had now arrived at the middle of February; if we pursued our original project, we should find ourselves in a worse situation than before, having exchanged our temperate climate for the intolerable heats of a summer in Egypt or Persia. We were therefore obliged to modify our plan, as the season continued to be inclement; and it was determined that we should await the arrival of spring in our present abode, and so order our future movements as to pass the hot months in the icy vallies of Switzerland, deferring our southern progress until the ensuing autumn, if such a season was ever again to be beheld by us.

The castle and town of Versailles afforded our numbers ample accommodation, and foraging parties took it by turns to supply our wants. There was a strange and appalling motley in the situation of these the last of the race. At first I likened it to a colony, which borne over the far seas, struck root for the first time in a new country. But where was the bustle and industry characteristic of such an assemblage; the rudely constructed dwelling, which was to suffice till a more

commodious mansion could be built; the marking out of fields; the attempt at cultivation; the eager curiosity to discover unknown animals and herbs; the excursions for the sake of exploring the country? Our habitations were palaces our food was ready stored in granaries – there was no need of labour, no inquisitiveness, no restless desire to get on. If we had been assured that we should secure the lives of our present numbers, there would have been more vivacity and hope in our councils. We should have discussed as to the period when the existing produce for man's sustenance would no longer suffice for us, and what mode of life we should then adopt. We should have considered more carefully our future plans, and debated concerning the spot where we should in future dwell. But summer and the plague were near, and we dared not look forward. Every heart sickened at the thought of amusement; if the younger part of our community were ever impelled, by youthful and untamed hilarity, to enter on any dance or song, to cheer the melancholy time, they would suddenly break off, checked by a mournful look or agonizing sigh from any one among them, who was prevented by sorrows and losses from mingling in the festivity. If laughter echoed under our roof, yet the heart was vacant of joy; and, when ever it chanced that I witnessed such attempts at pastime, they encreased instead of diminishing my sense of woe. In the midst of the pleasure-hunting throng, I would close my eyes, and see before me the obscure cavern, where was garnered the mortality of Idris, and the dead lay around, mouldering in hushed repose. When I again became aware of the present hour, softest melody of Lydian flute, or harmonious maze of graceful dance, was but as the demoniac chorus in the Wolf's Glen, and the caperings of the reptiles that surrounded the magic circle.

My dearest interval of peace occurred, when, released from the obligation of associating with the crowd, I could repose in the dear home where my children lived. Children I say, for the tenderest emotions of paternity bound me to Clara. She was now fourteen; sorrow, and deep insight into the scenes around her, calmed the restless spirit of girlhood; while the remembrance of her father whom she idolized, and respect for me and Adrian, implanted an high sense of duty in her young heart. Though serious she was not sad; the eager desire that makes us all, when young, plume our wings, and stretch our necks, that we may more swiftly alight tiptoe on the height of maturity, was subdued in her by early experience. All that she could spare of overflowing love from her parents' memory, and attention to her living relatives, was spent upon religion. This was the hidden law of her heart, which she concealed with childish reserve, and cherished the more because it was secret. What faith so entire, what charity so pure, what hope so fervent, as that of early youth? and she, all love, all tenderness and trust, who from infancy had been tossed on the wide sea of passion and misfortune, saw the finger of apparent divinity in all, and her best hope was to make herself acceptable to the power she worshipped. Evelyn was only five years old; his joyous heart was incapable of sorrow, and he enlivened our house with the innocent mirth incident to his years.

The aged Countess of Windsor had fallen from her dream of power, rank and grandeur; she had been suddenly seized with the conviction, that love was the only good of life, virtue the only ennobling distinction and enriching wealth. Such a lesson had been taught her by the dead lips of her neglected daughter; and she devoted herself, with all the fiery violence of her character, to the obtaining the affection of the remnants of her family. In early years the heart of Adrian had been

chilled towards her; and, though he observed a due respect, her coldness, mixed with the recollection of disappointment and madness, caused him to feel even pain in her society. She saw this, and yet determined to win his love; the obstacle served the rather to excite her ambition. As Henry, Emperor of Germany, lay in the snow before Pope Leo's gate for three winter days and nights, so did she in humility wait before the icy barriers of his closed heart, till he, the servant of love, and prince of tender courtesy, opened it wide for her admittance, bestowing, with fervency and gratitude, the tribute of filial affection she merited. Her understanding, courage, and presence of mind, became powerful auxiliaries to him in the difficult task of ruling the tumultuous crowd, which were subjected to his control, in truth by a single hair.

The principal circumstances that disturbed our tranquillity during this interval, originated in the vicinity of the impostor-prophet and his followers. They continued to reside at Paris; but missionaries from among them often visited Versailles – and such was the power of assertions, however false, yet vehemently iterated, over the ready credulity of the ignorant and fearful, that they seldom failed in drawing over to their party some from among our numbers. An instance of this nature coming immediately under our notice, we were led to consider the miserable state in which we should leave our countrymen, when we should, at the approach of summer, move on towards Switzerland, and leave a deluded crew behind us in the hands of their miscreant leader. The sense of the smallness of our numbers, and expectation of decrease, pressed upon us; and, while it would be a subject of congratulation to ourselves to add one to our party, it would be doubly gratifying to rescue from the pernicious influence of superstition and unrelenting tyranny, the victims that now, though

voluntarily enchained, groaned beneath it. If we had considered the preacher as sincere in a belief of his own denunciations, or only moderately actuated by kind feeling in the exercise of his assumed powers, we should have immediately addressed ourselves to him, and endeavoured with our best arguments to soften and humanize his views. But he was instigated by ambition, he desired to rule over these last stragglers from the fold of death; his projects went so far, as to cause him to calculate that, if, from these crushed remains, a few survived, so that a new race should spring up, he, by holding tight the reins of belief, might be remembered by the post-pestilential race as a patriarch, a prophet, nay a deity; such as of old among the post-diluvians were Jupiter the conqueror, Serapis the lawgiver, and Vishnou the preserver. These ideas made him inflexible in his rule, and violent in his hate of any who presumed to share with him his usurped empire.

It is a strange fact, but incontestible, that the philanthropist, who ardent in his desire to do good, who patient, reasonable and gentle, yet disdains to use other argument than truth, has less influence over men’s minds, than he who, grasping and selfish, refuses not to adopt any means, nor awaken any passion, nor diffuse any falsehood, for the advancement of his cause. If this from time immemorial has been the case, the contrast was infinitely greater, now that the one could bring harrowing fears and transcendent hopes into play; while the other had few hopes to hold forth, nor could influence the imagination to diminish the fears which he himself was the first to entertain. The preacher had persuaded his followers, that their escape from the plague, the salvation of their children, and the rise of a new race of men from their seed, depended on their faith in, and their submission to him. They greedily imbibed this belief; and their over-weening credulity

even rendered them eager to make converts to the same faith.

How to seduce any individuals from such an alliance of fraud, was a frequent subject of Adrian’s meditations and discourse. He formed many plans for the purpose; but his own troop kept him in full occupation to ensure their fidelity and safety; beside which the preacher was as cautious and prudent, as he was cruel. His victims lived under the strictest rules and laws, which either entirely imprisoned them within the Tuileries, or let them out in such numbers, and under such leaders, as precluded the possibility of controversy. There was one among them however whom I resolved to save; she had been known to us in happier days; Idris had loved her; and her excellent nature made it peculiarly lamentable that she should be sacrificed by this merciless cannibal of souls.

This man had between two and three hundred persons enlisted under his banners. More than half of them were women; there were about fifty children of all ages; and not more than eighty men. They were mostly drawn from that which, when such distinctions existed, was denominated the lower rank of society. The exceptions consisted of a few high-born females, who, panic-struck, and tamed by sorrow, had joined him. Among these was one, young, lovely, and enthusiastic, whose very goodness made her a more easy victim. I have mentioned her before: Juliet, the youngest daughter, and now sole relic of the ducal house of L... There are some beings, whom fate seems to select on whom to pour, in unmeasured portion, the vials of her wrath, and whom she bathes even to the lips in misery. Such a one was the ill-starred Juliet. She had lost her indulgent parents, her brothers and sisters, companions of her youth; in one fell swoop they had been carried off from her. Yet she had again dared to call herself happy; united to her

admirer, to him who possessed and filled her whole heart, she yielded to the lethean powers of love, and knew and felt only his life and presence. At the very time when with keen delight she welcomed the tokens of maternity, this sole prop of her life failed, her husband died of the plague. For a time she had been lulled in insanity; the birth of her child restored her to the cruel reality of things, but gave her at the same time an object for whom to preserve at once life and reason. Every friend and relative had died off, and she was reduced to solitude and penury; deep melancholy and angry impatience distorted her judgment, so that she could not persuade herself to disclose her distress to us. When she heard of the plan of universal emigration, she resolved to remain behind with her child, and alone in wide England to live or die, as fate might decree, beside the grave of her beloved. She had hidden herself in one of the many empty habitations of London; it was she who rescued my Idris on the fatal twentieth of November, though my immediate danger, and the subsequent illness of Idris, caused us to forget our hapless friend. This circumstance had however brought her again in contact with her fellow-creatures; a slight illness of her infant, proved to her that she was still bound to humanity by an indestructible tie; to preserve this little creature’s life became the object of her being, and she joined the first division of migrants who went over to Paris.

She became an easy prey to the methodist; her sensibility and acute fears rendered her accessible to every impulse; her love for her child made her eager to cling to the merest straw held out to save him. Her mind, once unstrung, and now tuned by roughest inharmonious hands, made her credulous: beautiful as fabled goddess, with voice of unrivalled sweetness, burning with new lighted enthusiasm, she became a stedfast proselyte, and powerful auxiliary to the leader

of the elect. I had remarked her in the crowd on the day we met on the Place Vendome; and, recollecting suddenly her providential rescue of my lost one, on the night of the twentieth of November, I reproached myself for my neglect and ingratitude, and felt impelled to leave no means that I could adopt untried, to recall her to her better self, and rescue her from the fangs of the hypocrite destroyer.

I will not, at this period of my story, record the artifices I used to penetrate the asylum of the Tuileries, or give what would be a tedious account of my stratagems, disappointments, and perseverance. I at last succeeded in entering these walls, and roamed its halls and corridors in eager hope to find my selected convert. In the evening I contrived to mingle unobserved with the congregation, which assembled in the chapel to listen to the crafty and eloquent harangue of their prophet. I saw Juliet near him. Her dark eyes, fearfully impressed with the restless glare of madness, were fixed on him; she held her infant, not yet a year old, in her arms; and care of it alone could distract her attention from the words to which she eagerly listened. After the sermon was over, the congregation dispersed; all quitted the chapel except she whom I sought; her babe had fallen asleep; so she placed it on a cushion, and sat on the floor beside, watching its tranquil slumber.

I presented myself to her; for a moment natural feeling produced a sentiment of gladness, which disappeared again, when with ardent and affectionate exhortation I besought her to accompany me in flight from this den of superstition and misery. In a moment she relapsed into the delirium of fanaticism, and, but that her gentle nature forbade, would have loaded me with execrations. She conjured me, she commanded me to leave her – “Beware, O beware,” she cried, “fly while yet your escape is practicable. Now you are safe; but strange

sounds and inspirations come on me at times, and if the Eternal should in awful whisper reveal to me his will, that to save my child you must be sacrificed, I would call in the satellites of him you call the tyrant; they would tear you limb from limb; nor would I hallow the death of him whom Idris loved, by a single tear."

She spoke hurriedly, with tuneless voice, and wild look; her child awoke, and, frightened, began to cry; each sob went to the ill-fated mother's heart, and she mingled the epithets of endearment she addressed to her infant, with angry commands that I should leave her. Had I had the means, I would have risked all, have torn her by force from the murderer's den, and trusted to the healing balm of reason and affection. But I had no choice, no power even of longer struggle; steps were heard along the gallery, and the voice of the preacher drew near. Juliet, straining her child in a close embrace, fled by another passage. Even then I would have followed her; but my foe and his satellites entered; I was surrounded, and taken prisoner.

I remembered the menace of the unhappy Juliet, and expected the full tempest of the man's vengeance, and the awakened wrath of his followers, to fall instantly upon me. I was questioned. My answers were simple and sincere. "His own mouth condemns him," exclaimed the impostor; "he confesses that his intention was to seduce from the way of salvation our well-beloved sister in God; away with him to the dungeon; tomorrow he dies the death; we are manifestly called upon to make an example, tremendous and appalling, to scare the children of sin from our asylum of the saved."

My heart revolted from his hypocritical jargon: but it was unworthy of me to combat in words with the ruffian; and my answer was cool; while, far from being possessed with fear, methought, even at the worst, a man true to himself, courageous and determined, could

fight his way, even from the boards of the scaffold, through the herd of these misguided maniacs. “Remember,” I said, “who I am; and be well assured that I shall not die unavenged. Your legal magistrate, the Lord Protector, knew of my design, and is aware that I am here; the cry of blood will reach him, and you and your miserable victims will long lament the tragedy you are about to act.”

My antagonist did not deign to reply, even by a look; – “You know your duty,” he said to his comrades, – “obey.”

In a moment I was thrown on the earth, bound, blindfolded, and hurried away – liberty of limb and sight was only restored to me, when, surrounded by dungeon-walls, dark and impervious, I found myself a prisoner and alone.

Such was the result of my attempt to gain over the proselyte of this man of crime; I could not conceive that he would dare put me to death. – Yet I was in his hands; the path of his ambition had ever been dark and cruel; his power was founded upon fear; the one word which might cause me to die, unheard, unseen, in the obscurity of my dungeon, might be easier to speak than the deed of mercy to act. He would not risk probably a public execution; but a private assassination would at once terrify any of my companions from attempting a like feat, at the same time that a cautious line of conduct might enable him to avoid the enquiries and the vengeance of Adrian.

Two months ago, in a vault more obscure than the one I now inhabited, I had revolved the design of quietly laying me down to die; now I shuddered at the approach of fate. My imagination was busied in shaping forth the kind of death he would inflict. Would he allow me to wear out life with famine; or was the food administered to me to be medicined with death? Would he steal on me in my sleep; or should I contend to the last with my

murderers, knowing, even while I struggled, that I must be overcome? I lived upon an earth whose diminished population a child’s arithmetic might number; I had lived through long months with death stalking close at my side, while at intervals the shadow of his skeleton-shape darkened my path. I had believed that I despised the grim phantom, and laughed his power to scorn.

Any other fate I should have met with courage, nay, have gone out gallantly to encounter. But to be murdered thus at the midnight hour by cold-blooded assassins, no friendly hand to close my eyes, or receive my parting blessing – to die in combat, hate and execration – ah, why, my angel love, didst thou restore me to life, when already I had stepped within the portals of the tomb, now that so soon again I was to be flung back a mangled corpse!

Hours passed – centuries. Could I give words to the many thoughts which occupied me in endless succession during this interval, I should fill volumes. The air was dank, the dungeon-floor mildewed and icy cold; hunger came upon me too, and no sound reached me from without. Tomorrow the ruffian had declared that I should die. When would tomorrow come? Was it not already here?

My door was about to be opened. I heard the key turn, and the bars and bolts slowly removed. The opening of intervening passages permitted sounds from the interior of the palace to reach me; and I heard the clock strike one. They come to murder me, I thought; this hour does not befit a public execution. I drew myself up against the wall opposite the entrance; I collected my forces, I rallied my courage, I would not fall a tame prey. Slowly the door receded on its hinges – I was ready to spring forward to seize and grapple with the intruder, till the sight of who it was changed at once the temper of my mind. It was Juliet herself; pale and trembling she stood,

a lamp in her hand, on the threshold of the dungeon, looking at me with wistful countenance. But in a moment she re-assumed her self-possession; and her languid eyes recovered their brilliancy. She said, “I am come to save you, Verney.”

“And yourself also,” I cried: “dearest friend, can we indeed be saved?”

“Not a word,” she replied, “follow me!”

I obeyed instantly. We threaded with light steps many corridors, ascended several flights of stairs, and passed through long galleries; at the end of one she unlocked a low portal; a rush of wind extinguished our lamp; but, in lieu of it, we had the blessed moon-beams and the open face of heaven. Then first Juliet spoke: – “You are safe,” she said, “God bless you! – farewell!”

I seized her reluctant hand – “Dear friend,” I cried, “misguided victim, do you not intend to escape with me? Have you not risked all in facilitating my flight? and do you think, that I will permit you to return, and suffer alone the effects of that miscreant’s rage? Never!”

“Do not fear for me,” replied the lovely girl mournfully, “and do not imagine that without the consent of our chief you could be without these walls. It is he that has saved you; he assigned to me the part of leading you hither, because I am best acquainted with your motives for coming here, and can best appreciate his mercy in permitting you to depart.”

“And are you,” I cried, “the dupe of this man? He dreads me alive as an enemy, and dead he fears my avengers. By favouring this clandestine escape he preserves a shew of consistency to his followers; but mercy is far from his heart. Do you forget his artifices, his cruelty, and fraud? As I am free, so are you. Come, Juliet, the mother of our lost Idris will welcome you, the noble Adrian will rejoice to receive you; you will find peace and love, and better hopes than fanaticism can

afford. Come, and fear not; long before day we shall be at Versailles; close the door on this abode of crime – come, sweet Juliet, from hypocrisy and guilt to the society of the affectionate and good."

I spoke hurriedly, but with fervour: and while with gentle violence I drew her from the portal, some thought, some recollection of past scenes of youth and happiness, made her listen and yield to me; suddenly she broke away with a piercing shriek: – "My child, my child! he has my child; my darling girl is my hostage."

She darted from me into the passage; the gate closed between us – she was left in the fangs of this man of crime, a prisoner, still to inhale the pestilential atmosphere which adhered to his demoniac nature; the unimpeded breeze played on my cheek, the moon shone graciously upon me, my path was free. Glad to have escaped, yet melancholy in my very joy, I retrod my steps to Versailles.

CHAPTER VI

EVENTFUL winter passed; winter, the respite of our ills. By degrees the sun, which with slant beams had before yielded the more extended reign to night, lengthened his diurnal journey, and mounted his highest throne, at once the fosterer of earth's new beauty, and her lover. We who, like flies that congregate upon a dry rock at the ebbing of the tide, had played wantonly with time, allowing our passions, our hopes, and our mad desires to rule us, now heard the approaching roar of the ocean of destruction, and would have fled to some sheltered crevice, before the first wave broke over us. We resolved without delay, to commence our journey to Switzerland; we became eager to leave France. Under the icy vaults of the glaciers, beneath the shadow of the pines, the swinging of whose mighty branches was arrested by a load of snow; beside the streams whose intense cold proclaimed their origin to be from the slow-melting piles of congelated waters, amidst frequent storms which might purify the air, we should find health, if in truth health were not herself diseased.

We began our preparations at first with alacrity. We did not now bid adieu to our native country, to the graves of those we loved, to the flowers, and streams, and trees, which had lived beside us from infancy. Small sorrow would be ours on leaving Paris. A scene of shame, when we remembered our late contentions, and thought that we left behind a flock of miserable, deluded victims, bending under the tyranny of a selfish impostor. Small pangs should we feel in leaving the gardens, woods, and halls of the palaces of the Bourbons at Versailles, which

we feared would soon be tainted by the dead, when we looked forward to vallies lovelier than any garden, to mighty forests and halls, built not for mortal majesty, but palaces of nature’s own, with the Alp of marmoreal whiteness for their walls, the sky for their roof.

Yet our spirits flagged, as the day drew near which we had fixed for our departure. Dire visions and evil auguries, if such things were, thickened around us, so that in vain might men say…

These are their reasons, they are natural ,

we felt them to be ominous, and dreaded the future event enchained to them. That the night owl should screech before the noon-day sun, that the hard-winged bat should wheel around the bed of beauty, that muttering thunder should in early spring startle the cloudless air, that sudden and exterminating blight should fall on the tree and shrub, were unaccustomed, but physical events, less horrible than the mental creations of almighty fear. Some had sight of funeral processions, and faces all begrimed with tears, which flitted through the long avenues of the gardens, and drew aside the curtains of the sleepers at dead of night. Some heard wailing and cries in the air; a mournful chaunt would stream through the dark atmosphere, as if spirits above sang the requiem of the human race. What was there in all this, but that fear created other senses within our frames, making us see, hear, and feel what was not? What was this, but the action of diseased imaginations and childish credulity? So might it be; but what was most real, was the existence of these very fears; the staring looks of horror, the faces pale even to ghastliness, the voices struck dumb with harrowing dread, of those among us who saw and heard these things. Of this number was Adrian, who knew the delusion, yet could not cast off the clinging terror. Even

ignorant infancy appeared with timorous shrieks and convulsions to acknowledge the presence of unseen powers. We must go: in change of scene, in occupation, and such security as we still hoped to find, we should discover a cure for these gathering horrors.

On mustering our company, we found them to consist of fourteen hundred souls, men, women, and children. Until now therefore, we were undiminished in numbers, except by the desertion of those who had attached themselves to the impostor-prophet, and remained behind in Paris. About fifty French joined us. Our order of march was easily arranged; the ill success which had attended our division, determined Adrian to keep all in one body. I, with an hundred men, went forward first as purveyor, taking the road of the Cote d'Or, through Auxerre, Dijon, Dole, over the Jura to Geneva. I was to make arrangements, at every ten miles, for the accommodation of such numbers as I found the town or village would receive, leaving behind a messenger with a written order, signifying how many were to be quartered there. The remainder of our tribe was then divided into bands of fifty each, every division containing eighteen men, and the remainder, consisting of women and children. Each of these was headed by an officer, who carried the roll of names, by which they were each day to be mustered. If the numbers were divided at night, in the morning those in the van waited for those in the rear. At each of the large towns before mentioned, we were all to assemble; and a conclave of the principal officers would hold council for the general weal. I went first, as I said; Adrian last. His mother, with Clara and Evelyn under her protection, remained also with him. Thus our order being determined, I departed. My plan was to go at first no further than Fontainebleau, where in a few days I should be joined by Adrian, before I took flight again further eastward.

My friend accompanied me a few miles from Versailles. He was sad; and, in a tone of unaccustomed despondency, uttered a prayer for our speedy arrival among the Alps, accompanied with an expression of vain regret that we were not already there. “In that case,” I observed, “we can quicken our march; why adhere to a plan whose dilatory proceeding you already disapprove?”

“Nay,” replied he, “it is too late now. A month ago, and we were masters of ourselves; now, – “ he turned his face from me; though gathering twilight had already veiled its expression, he turned it yet more away, as he added – “a man died of the plague last night!”

He spoke in a smothered voice, then suddenly clasping his hands, he exclaimed, “Swiftly, most swiftly advances the last hour for us all; as the stars vanish before the sun, so will his near approach destroy us. I have done my best; with grasping hands and impotent strength, I have hung on the wheel of the chariot of plague; but she drags me along with it, while, like Juggernaut, she proceeds crushing out the being of all who strew the high road of life. Would that it were over – would that her procession achieved, we had all entered the tomb together!”

Tears streamed from his eyes. “Again and again,” he continued, “will the tragedy be acted; again I must hear the groans of the dying, the wailing of the survivors; again witness the pangs, which, consummating all, envelope an eternity in their evanescent existence. Why am I reserved for this? Why the tainted wether of the flock, am I not struck to earth among the first? It is hard, very hard, for one of woman born to endure all that I endure!”

Hitherto, with an undaunted spirit, and an high feeling of duty and worth, Adrian had fulfilled his self-imposed task. I had contemplated him with reverence, and a

fruitless desire of imitation. I now offered a few words of encouragement and sympathy. He hid his face in his hands, and while he strove to calm himself, he ejaculated, “For a few months, yet for a few months more, let not, O God, my heart fail, or my courage be bowed down; let not sights of intolerable misery madden this half-crazed brain, or cause this frail heart to beat against its prison-bound, so that it burst. I have believed it to be my destiny to guide and rule the last of the race of man, till death extinguish my government; and to this destiny I submit.

“Pardon me, Verney, I pain you, but I will no longer complain. Now I am myself again, or rather I am better than myself. You have known how from my childhood aspiring thoughts and high desires have warred with inherent disease and overstrained sensitiveness, till the latter became victors. You know how I placed this wasted feeble hand on the abandoned helm of human government. I have been visited at times by intervals of fluctuation; yet, until now, I have felt as if a superior and indefatigable spirit had taken up its abode within me or rather incorporated itself with my weaker being. The holy visitant has for a time slept, perhaps to show me how powerless I am without its inspiration. Yet, stay for a while, O Power of goodness and strength; disdain not yet this rent shrine of fleshly mortality, O immortal Capability! While one fellow creature remains to whom aid can be afforded, stay by and prop your shattered, falling engine!”

His vehemence, and voice broken by irrepressible sighs, sunk to my heart; his eyes gleamed in the gloom of night like two earthly stars; and, his form dilating, his countenance beaming, truly it almost seemed as if at his eloquent appeal a more than mortal spirit entered his frame, exalting him above humanity. He turned quickly towards me, and held out his hand. “Farewell, Verney,”

he cried, “brother of my love, farewell; no other weak expression must cross these lips, I am alive again: to our tasks, to our combats with our unvanquishable foe, for to the last I will struggle against her.”

He grasped my hand, and bent a look on me, more fervent and animated than any smile; then turning his horse’s head, he touched the animal with the spur, and was out of sight in a moment.

A man last night had died of the plague. The quiver was not emptied, nor the bow unstrung. We stood as marks, while Parthian Pestilence aimed and shot, insatiated by conquest, unobstructed by the heaps of slain. A sickness of the soul, contagious even to my physical mechanism, came over me. My knees knocked together, my teeth chattered, the current of my blood, clotted by sudden cold, painfully forced its way from my heavy heart. I did not fear for myself, but it was misery to think that we could not even save this remnant. That those I loved might in a few days be as clay-cold as Idris in her antique tomb; nor could strength of body or energy of mind ward off the blow. A sense of degradation came over me. Did God create man, merely in the end to become dead earth in the midst of healthful vegetating nature? Was he of no more account to his Maker, than a field of corn blighted in the ear? Were our proud dreams thus to fade? Our name was written “a little lower than the angels;” and, behold, we were no better than ephemera. We had called ourselves the “paragon of animals,” and, lo! we were a “quint-essence of dust.” We repined that the pyramids had outlasted the embalmed body of their builder. Alas! the mere shepherd’s hut of straw we passed on the road, contained in its structure the principle of greater longevity than the whole race of man. How reconcile this sad change to our past aspirations, to our apparent powers!

Sudden an internal voice, articulate and clear, seemed to say: – Thus from eternity, it was decreed: the steeds that bear Time onwards had this hour and this fulfilment enchained to them, since the void brought forth its burthen. Would you read backwards the unchangeable laws of Necessity?

Mother of the world! Servant of the Omnipotent! eternal, changeless Necessity! who with busy fingers sittest ever weaving the indissoluble chain of events! – I will not murmur at thy acts. If my human mind cannot acknowledge that all that is, is right; yet since what is, must be, I will sit amidst the ruins and smile. Truly we were not born to enjoy, but to submit, and to hope.

Will not the reader tire, if I should minutely describe our long-drawn journey from Paris to Geneva? If, day by day, I should record, in the form of a journal, the thronging miseries of our lot, could my hand write, or language afford words to express, the variety of our woe; the hustling and crowding of one deplorable event upon another? Patience, oh reader! Whoever thou art, wherever thou dwellest, whether of race spiritual, or, sprung from some surviving pair, thy nature will be human, thy habitation the earth; thou wilt here read of the acts of the extinct race, and wilt ask wonderingly, if they, who suffered what thou findest recorded, were of frail flesh and soft organization like thyself. Most true, they were – weep therefore; for surely, solitary being, thou wilt be of gentle disposition; shed compassionate tears; but the while lend thy attention to the tale, and learn the deeds and sufferings of thy predecessors.

Yet the last events that marked our progress through France were so full of strange horror and gloomy misery, that I dare not pause too long in the narration. If I were to dissect each incident, every small fragment of a second would contain an harrowing tale, whose minutest word would curdle the blood in thy young veins. It is

right that I should erect for thy instruction this monument of the foregone race; but not that I should drag thee through the wards of an hospital, nor the secret chambers of the charnel-house. This tale, therefore, shall be rapidly unfolded. Images of destruction, pictures of despair, the procession of the last triumph of death, shall be drawn before thee, swift as the rack driven by the north wind along the blotted splendour of the sky.

Weed-grown fields, desolate towns, the wild approach of riderless horses had now become habitual to my eyes; nay, sights far worse, of the unburied dead, and human forms which were strewed on the road side, and on the steps of once frequented habitations, where,

Through the flesh that wastes away

Beneath the parching sun, the whitening bones

Start forth, and moulder in the sable dust .

Sights like these had become – ah, woe the while! so familiar, that we had ceased to shudder, or spur our stung horses to sudden speed, as we passed them. France in its best days, at least that part of France through which we travelled, had been a cultivated desert, and the absence of enclosures, of cottages, and even of peasantry, was saddening to a traveller from sunny Italy, or busy England. Yet the towns were frequent and lively, and the cordial politeness and ready smile of the wooden-shoed peasant restored good humour to the splenetic. Now, the old woman sat no more at the door with her distaff – the lank beggar no longer asked charity in courtier-like phrase; nor on holidays did the peasantry thread with slow grace the mazes of the dance. Silence, melancholy bride of death,

went in procession with him from town to town through the spacious region.

We arrived at Fontainebleau, and speedily prepared for the reception of our friends. On mustering our numbers for the night, three were found missing. When I enquired for them, the man to whom I spoke, uttered the word “plague,” and fell at my feet in convulsions; he also was infected. There were hard faces around me; for among my troop were sailors who had crossed the line times unnumbered, soldiers who, in Russia and far America, had suffered famine, cold and danger, and men still sterner-featured, once nightly depredators in our over-grown metropolis; men bred from their cradle to see the whole machine of society at work for their destruction. I looked round, and saw upon the faces of all horror and despair written in glaring characters.

We passed four days at Fontainebleau. Several sickened and died, and in the mean time neither Adrian nor any of our friends appeared. My own troop was in commotion; to reach Switzerland, to plunge into rivers of snow, and to dwell in caves of ice, became the mad desire of all. Yet we had promised to wait for the Earl; and he came not. My people demanded to be led forward – rebellion, if so we might call what was the mere casting away of straw-formed shackles, appeared manifestly among them. They would away on the word without a leader. The only chance of safety, the only hope of preservation from every form of indescribable suffering, was our keeping together. I told them this; while the most determined among them answered with sullenness, that they could take care of themselves, and replied to my entreaties with scoffs and menaces.

At length, on the fifth day, a messenger arrived from Adrian, bearing letters, which directed us to proceed to Auxerre, and there await his arrival, which would only be deferred for a few days. Such was the tenor of his

public letters. Those privately delivered to me, detailed at length the difficulties of his situation, and left the arrangement of my future plans to my own discretion. His account of the state of affairs at Versailles was brief, but the oral communications of his messenger filled up his omissions, and shewed me that perils of the most frightful nature were gathering around him. At first the re-awakening of the plague had been concealed; but the number of deaths encreasing, the secret was divulged, and the destruction already achieved, was exaggerated by the fears of the survivors. Some emissaries of the enemy of mankind, the accursed Impostors. were among them instilling their doctrine, that safety and life could only be ensured by submission to their chief; and they succeeded so well, that soon, instead of desiring to proceed to Switzerland, the major part of the multitude, weak-minded women, and dastardly men, desired to return to Paris, and, by ranging themselves under the banners of the so called prophet, and by a cowardly worship of the principle of evil, to purchase respite, as they hoped, from impending death. The discord and tumult induced by these conflicting fears and passions, detained Adrian. It required all his ardour in pursuit of an object, and his patience under difficulties, to calm and animate such a number of his followers, as might counterbalance the panic of the rest, and lead them back to the means from which alone safety could be derived. He had hoped immediately to follow me; but, being defeated in this intention, he sent his messenger urging me to secure my own troop at such a distance from Versailles, as to prevent the contagion of rebellion from reaching them; promising, at the same time, to join me the moment a favourable occasion should occur, by means of which he could withdraw the main body of the emigrants from the evil influence at present exercised over them.

I was thrown into a most painful state of uncertainty by these communications. My first impulse was that we should all return to Versailles, there to assist in extricating our chief from his perils. I accordingly assembled my troop, and proposed to them this retrograde movement, instead of the continuation of our journey to Auxerre. With one voice they refused to comply. The notion circulated among them was, that the ravages of the plague alone detained the Protector; they opposed his order to my request; they came to a resolve to proceed without me, should I refuse to accompany them. Argument and adjuration were lost on these dastards. The continual diminution of their own numbers, effected by pestilence, added a sting to their dislike of delay; and my opposition only served to bring their resolution to a crisis. That same evening they departed towards Auxerre. Oaths, as from soldiers to their general, had been taken by them: these they broke. I also had engaged myself not to desert them; it appeared to me inhuman to ground any infraction of my word on theirs. The same spirit that caused them to rebel against me, would impel them to desert each other; and the most dreadful sufferings would be the consequence of their journey in their present unordered and chiefless array. These feelings for a time were paramount; and, in obedience to them, I accompanied the rest towards Auxerre. We arrived the same night at Villeneuve-la-Guiard, a town at the distance of four posts from Fontainebleau. When my companions had retired to rest, and I was left alone to revolve and ruminate upon the intelligence I received of Adrian’s situation, another view of the subject presented itself to me. What was I doing, and what was the object of my present movements? Apparently I was to lead this troop of selfish and lawless men towards Switzerland, leaving behind my family and my selected friend, which, subject

as they were hourly to the death that threatened to all, I might never see again. Was it not my first duty to assist the Protector, setting an example of attachment and duty? At a crisis, such as the one I had reached, it is very difficult to balance nicely opposing interests, and that towards which our inclinations lead us, obstinately assumes the appearance of selfishness, even when we meditate a sacrifice. We are easily led at such times to make a compromise of the question; and this was my present resource. I resolved that very night to ride to Versailles; if I found affairs less desperate than I now deemed them, I would return without delay to my troop; I had a vague idea that my arrival at that town, would occasion some sensation more or less strong, of which we might profit, for the purpose of leading forward the vacillating multitude – at least no time was to be lost – I visited the stables, I saddled my favourite horse, and vaulting on his back, without giving myself time for further reflection or hesitation, quitted Villeneuve-la-Guiard on my return to Versailles.

I was glad to escape from my rebellious troop, and to lose sight for a time, of the strife of evil with good, where the former for ever remained triumphant. I was stung almost to madness by my uncertainty concerning the fate of Adrian, and grew reckless of any event, except what might lose or preserve my unequalled friend. With an heavy heart, that sought relief in the rapidity of my course, I rode through the night to Versailles. I spurred my horse, who addressed his free limbs to speed, and tossed his gallant head in pride. The constellations reeled swiftly by, swiftly each tree and stone and landmark fled past my onward career. I bared my head to the rushing wind, which bathed my brow in delightful coolness. As I lost sight of Villeneuve-la-Guiard, I forgot the sad drama of human misery; methought it was happiness enough to live, sensitive the

while of the beauty of the verdure-clad earth, the star-bespangled sky, and the tameless wind that lent animation to the whole. My horse grew tired – and I, forgetful of his fatigue, still as he lagged, cheered him with my voice, and urged him with the spur. He was a gallant animal, and I did not wish to exchange him for any chance beast I might light on, leaving him never to be refound. All night we went forward; in the morning he became sensible that we approached Versailles, to reach which as his home, he mustered his flagging strength. The distance we had come was not less than fifty miles, yet he shot down the long Boulevards swift as an arrow; poor fellow, as I dismounted at the gate of the castle, he sunk on his knees, his eyes were covered with a film, he fell on his side, a few gasps inflated his noble chest, and he died. I saw him expire with an anguish, unaccountable even to myself, the spasm was as the wrenching of some limb in agonizing torture, but it was brief as it was intolerable. I forgot him, as I swiftly darted through the open portal, and up the majestic stairs of this castle of victories – heard Adrian's voice – O fool! O woman nurtured, effeminate and contemptible being – I heard his voice, and answered it with convulsive shrieks; I rushed into the Hall of Hercules, where he stood surrounded by a crowd, whose eyes, turned in wonder on me, reminded me that on the stage of the world, a man must repress such girlish extacies. I would have given worlds to have embraced him; I dared not – Half in exhaustion, half voluntarily, I threw myself at my length on the ground – dare I disclose the truth to the gentle offspring of solitude? I did so, that I might kiss the dear and sacred earth he trod.

I found everything in a state of tumult. An emissary of the leader of the elect, had been so worked up by his chief, and by his own fanatical creed, as to make an attempt on the life of the Protector and preserver of lost

mankind. His hand was arrested while in the act of poignarding the Earl; this circumstance had caused the clamour I heard on my arrival at the castle, and the confused assembly of persons that I found assembled in the Salle d'Hercule. Although superstition and demoniac fury had crept among the emigrants, yet several adhered with fidelity to their noble chieftain; and many, whose faith and love had been unhinged by fear, felt all their latent affection rekindled by this detestable attempt. A phalanx of faithful breasts closed round him; the wretch, who, although a prisoner and in bonds, vaunted his design, and madly claimed the crown of martyrdom, would have been torn to pieces, had not his intended victim interposed. Adrian, springing forward, shielded him with his own person, and commanded with energy the submission of his infuriate friends – at this moment I had entered.

Discipline and peace were at length restored in the castle; and then Adrian went from house to house, from troop to troop, to soothe the disturbed minds of his followers, and recall them to their ancient obedience. But the fear of immediate death was still rife amongst these survivors of a world's destruction; the horror occasioned by the attempted assassination, past away; each eye turned towards Paris. Men love a prop so well, that they will lean on a pointed poisoned spear; and such was he, the impostor, who, with fear of hell for his scourge, most ravenous wolf, played the driver to a credulous flock.

It was a moment of suspense, that shook even the resolution of the unyielding friend of man. Adrian for one moment was about to give in, to cease the struggle, and quit, with a few adherents, the deluded crowd, leaving them a miserable prey to their passions, and to the worse tyrant who excited them. But again, after a brief fluctuation of purpose, he resumed his courage and

resolves, sustained by the singleness of his purpose, and the untried spirit of benevolence which animated him. At this moment, as an omen of excellent import, his wretched enemy pulled destruction on his head, destroying with his own hands the dominion he had erected.

His grand hold upon the minds of men, took its rise from the doctrine inculcated by him, that those who believed in, and followed him, were the remnant to be saved, while all the rest of mankind were marked out for death. Now, at the time of the Flood, the omnipotent repented him that he had created man, and as then with water, now with the arrows of pestilence, was about to annihilate all, except those who obeyed his decrees, promulgated by the ipse dixit prophet. It is impossible to say on what foundations this man built his hopes of being able to carry on such an imposture. It is likely that he was fully aware of the lie which murderous nature might give to his assertions, and believed it to be the cast of a die, whether he should in future ages be reverenced as an inspired delegate from heaven, or be recognized as an impostor by the present dying generation. At any rate he resolved to keep up the drama to the last act. When, on the first approach of summer, the fatal disease again made its ravages among the followers of Adrian, the impostor exultingly proclaimed the exemption of his own congregation from the universal calamity. He was believed; his followers, hitherto shut up in Paris, now came to Versailles. Mingling with the coward band there assembled, they reviled their admirable leader, and asserted their own superiority and exemption. At length the plague, slow-footed, but sure in her noiseless advance, destroyed the illusion, invading the congregation of the elect, and showering promiscuous death among them. Their leader endeavoured to conceal this event; he had a few

followers, who, admitted into the arcana of his wickedness, could help him in the execution of his nefarious designs. Those who sickened were immediately and quietly withdrawn, the cord and a midnight-grave disposed of them for ever; while some plausible excuse was given for their absence. At last a female, whose maternal vigilance subdued even the effects of the narcotics administered to her, became a witness of their murderous designs on her only child. Mad with horror, she would have burst among her deluded fellow-victims, and, wildly shrieking, have awaked the dull ear of night with the history of the fiend-like crime; when the Impostor, in his last act of rage and desperation, plunged a poignard in her bosom. Thus wounded to death, her garments dripping with her own life-blood, bearing her strangled infant in her arms, beautiful and young as she was, Juliet, (for it was she) denounced to the host of deceived believers, the wickedness of their leader. He saw the aghast looks of her auditors, changing from horror to fury – the names of those already sacrificed were echoed by their relatives, now assured of their loss. The wretch with that energy of purpose, which had borne him thus far in his guilty career, saw his danger, and resolved to evade the worst forms of it – he rushed on one of the foremost, seized a pistol from his girdle, and his loud laugh of derision mingled with the report of the weapon with which he destroyed himself.

They left his miserable remains even where they lay; they placed the corpse of poor Juliet and her babe upon a bier, and all, with hearts subdued to saddest regret, in long procession walked towards Versailles. They met troops of those who had quitted the kindly protection of Adrian, and were journeying to join the fanatics. The tale of horror was recounted – all turned back; and thus at last, accompanied by the undiminished numbers of

surviving humanity, and preceded by the mournful emblem of their recovered reason, they appeared before Adrian, and again and for ever vowed obedience to his commands, and fidelity to his cause.

CHAPTER VII

THESE events occupied so much time, that June had numbered more than half its days, before we again commenced our long-protracted journey. The day after my return to Versailles, six men, from among those I had left at Villeneuve-la-Guiard, arrived, with intelligence, that the rest of the troop had already proceeded towards Switzerland. We went forward in the same track.

It is strange, after an interval of time, to look back on a period, which, though short in itself, appeared, when in actual progress, to be drawn out interminably. By the end of July we entered Dijon; by the end of July those hours, days, and weeks had mingled with the ocean of forgotten time, which in their passage teemed with fatal events and agonizing sorrow. By the end of July, little more than a month had gone by, if man's life were measured by the rising and setting of the sun: but, alas! in that interval ardent youth had become grey-haired; furrows deep and uneraseable were trenched in the blooming cheek of the young mother; the elastic limbs of early manhood, paralyzed as by the burthen of years, assumed the decrepitude of age. Nights passed, during whose fatal darkness the sun grew old before it rose; and burning days, to cool whose baleful heat the balmy eve, lingering far in eastern climes, came lagging and ineffectual; days, in which the dial, radiant in its noon-day station, moved not its shadow the space of a little hour, until a whole life of sorrow had brought the sufferer to an untimely grave.

We departed from Versailles fifteen hundred souls. We set out on the eighteenth of June. We made a long

procession, in which was contained every dear relationship, or tie of love, that existed in human society. Fathers and husbands, with guardian care, gathered their dear relatives around them; wives and mothers looked for support to the manly form beside them, and then with tender anxiety bent their eyes on the infant troop around. They were sad, but not hopeless. Each thought that someone would be saved; each, with that pertinacious optimism, which to the last characterized our human nature, trusted that their beloved family would be the one preserved.

We passed through France, and found it empty of inhabitants. Some one or two natives survived in the larger towns, which they roamed through like ghosts; we received therefore small encrease to our numbers, and such decrease through death, that at last it became easier to count the scanty list of survivors. As we never deserted any of the sick, until their death permitted us to commit their remains to the shelter of a grave, our journey was long, while every day a frightful gap was made in our troop – they died by tens, by fifties, by hundreds. No mercy was shewn by death; we ceased to expect it, and every day welcomed the sun with the feeling that we might never see it rise again.

The nervous terrors and fearful visions which had scared us during the spring, continued to visit our coward troop during this sad journey. Every evening brought its fresh creation of spectres; a ghost was depicted by every blighted tree; and appalling shapes were manufactured from each shaggy bush. By degrees these common marvels palled on us, and then other wonders were called into being. Once it was confidently asserted, that the sun rose an hour later than its seasonable time; again it was discovered that he grew paler and paler; that shadows took an uncommon appearance. It was impossible to have imagined, during

the usual calm routine of life men had before experienced, the terrible effects produced by these extravagant delusions: in truth, of such little worth are our senses, when unsupported by concurring testimony, that it was with the utmost difficulty I kept myself free from the belief in supernatural events, to which the major part of our people readily gave credit. Being one sane amidst a crowd of the mad, I hardly dared assert to my own mind, that the vast luminary had undergone no change – that the shadows of night were unthickened by innumerable shapes of awe and terror; or that the wind, as it sung in the trees, or whistled round an empty building, was not pregnant with sounds of wailing and despair. Sometimes realities took ghostly shapes; and it was impossible for one's blood not to curdle at the perception of an evident mixture of what we knew to be true, with the visionary semblance of all that we feared.

Once, at the dusk of the evening, we saw a figure all in white, apparently of more than human stature, flourishing about the road, now throwing up its arms, now leaping to an astonishing height in the air, then turning round several times successively, then raising itself to its full height and gesticulating violently. Our troop, on the alert to discover and believe in the supernatural, made a halt at some distance from this shape; and, as it became darker, there was something appalling even to the incredulous, in the lonely spectre, whose gambols, if they hardly accorded with spiritual dignity, were beyond human powers. Now it leapt right up in the air, now sheer over a high hedge, and was again the moment after in the road before us. By the time I came up, the fright experienced by the spectators of this ghostly exhibition, began to manifest itself in the flight of some, and the close huddling together of the rest. Our goblin now perceived us; he approached, and, as we drew reverentially back, made a low bow. The

sight was irresistibly ludicrous even to our hapless band, and his politeness was hailed by a shout of laughter; – then, again springing up, as a last effort, it sunk to the ground, and became almost invisible through the dusky night. This circumstance again spread silence and fear through the troop; the more courageous at length advanced, and, raising the dying wretch, discovered the tragic explanation of this wild scene. It was an opera-dancer, and had been one of the troop which deserted from Villeneuve-la-Guiard: falling sick, he had been deserted by his companions; in an access of delirium he had fancied himself on the stage, and, poor fellow, his dying sense eagerly accepted the last human applause that could ever be bestowed on his grace and agility.

At another time we were haunted for several days by an apparition, to which our people gave the appellation of the Black Spectre. We never saw it except at evening, when his coal black steed, his mourning dress, and plume of black feathers, had a majestic and awe-striking appearance; his face, one said, who had seen it for a moment, was ashy pale; he had lingered far behind the rest of his troop, and suddenly at a turn in the road, saw the Black Spectre coming towards him; he hid himself in fear, and the horse and his rider slowly past, while the moonbeams fell on the face of the latter, displaying its unearthly hue. Sometimes at dead of night, as we watched the sick, we heard one galloping through the town; it was the Black Spectre come in token of inevitable death. He grew giant tall to vulgar eyes; an icy atmosphere, they said, surrounded him; when he was heard, all animals shuddered, and the dying knew that their last hour was come. It was Death himself, they declared, come visibly to seize on subject earth, and quell at once our decreasing numbers, sole rebels to his law. One day at noon, we saw a dark mass on the road before us, and, coming up, beheld the Black Spectre

fallen from his horse, lying in the agonies of disease upon the ground. He did not survive many hours; and his last words disclosed the secret of his mysterious conduct. He was a French noble of distinction, who, from the effects of plague, had been left alone in his district; during many months, he had wandered from town to town, from province to province, seeking some survivor for a companion, and abhorring the loneliness to which he was condemned. When he discovered our troop, fear of contagion conquered his love of society. He dared not join us, yet he could not resolve to lose sight of us, sole human beings who besides himself existed in wide and fertile France; so he accompanied us in the spectral guise I have described, till pestilence gathered him to a larger congregation, even that of Dead Mankind.

It had been well, if such vain terrors could have distracted our thoughts from more tangible evils. But these were too dreadful and too many not to force themselves into every thought, every moment, of our lives. We were obliged to halt at different periods for days together, till another and yet another was consigned as a clod to the vast clod which had been once our living mother. Thus we continued travelling during the hottest season; and it was not till the first of August, that we, the emigrants, – reader, there were just eighty of us in number, – entered the gates of Dijon.

We had expected this moment with eagerness, for now we had accomplished the worst part of our drear journey, and Switzerland was near at hand. Yet how could we congratulate ourselves on any event thus imperfectly fulfilled? Were these miserable beings, who, worn and wretched, passed in sorrowful procession, the sole remnants of the race of man, which, like a flood, had once spread over and possessed the whole earth? It had come down clear and unimpeded from its primal

mountain source in Ararat, and grew from a puny streamlet to a vast perennial river, generation after generation flowing on ceaselessly. The same, but diversified, it grew, and swept onwards towards the absorbing ocean, whose dim shores we now reached. It had been the mere plaything of nature, when first it crept out of uncreative void into light; but thought brought forth power and knowledge; and, clad with these, the race of man assumed dignity and authority. It was then no longer the mere gardener of earth, or the shepherd of her flocks; “it carried with it an imposing and majestic aspect; it had a pedigree and illustrious ancestors; it had its gallery of portraits, its monumental inscriptions, its records and titles.”

This was all over, now that the ocean of death had sucked in the slackening tide, and its source was dried up. We first had bidden adieu to the state of things which having existed many thousand years, seemed eternal; such a state of government, obedience, traffic, and domestic intercourse, as had moulded our hearts and capacities, as far back as memory could reach. Then to patriotic zeal, to the arts, to reputation, to enduring fame, to the name of country, we had bidden farewell. We saw depart all hope of retrieving our ancient state – all expectation, except the feeble one of saving our individual lives from the wreck of the past. To preserve these we had quitted England – England, no more; for without her children, what name could that barren island claim? With tenacious grasp we clung to such rule and order as could best save us; trusting that, if a little colony could be preserved, that would suffice at some remoter period to restore the lost community of mankind.

But the game is up! We must all die; nor leave survivor nor heir to the wide inheritance of earth. We must all die! The species of man must perish; his frame of

exquisite workmanship; the wondrous mechanism of his senses; the noble proportion of his godlike limbs; his mind, the throned king of these; must perish. Will the earth still keep her place among the planets; will she still journey with unmarked regularity round the sun; will the seasons change, the trees adorn themselves with leaves, and flowers shed their fragrance, in solitude? Will the mountains remain unmoved, and streams still keep a downward course towards the vast abyss; will the tides rise and fall, and the winds fan universal nature; will beasts pasture, birds fly, and fishes swim, when man, the lord, possessor, perceiver, and recorder of all these things, has passed away, as though he had never been? O, what mockery is this! Surely death is not death, and humanity is not extinct; but merely passed into other shapes, unsubjected to our perceptions. Death is a vast portal, an high road to life: let us hasten to pass; let us exist no more in this living death, but die that we may live!

We had longed with inexpressible earnestness to reach Dijon, since we had fixed on it, as a kind of station in our progress. But now we entered it with a torpor more painful than acute suffering. We had come slowly but irrevocably to the opinion, that our utmost efforts would not preserve one human being alive. We took our hands therefore away from the long grasped rudder; and the frail vessel on which we floated, seemed, the government over her suspended, to rush, prow foremost, into the dark abyss of the billows. A gush of grief, a wanton profusion of tears, and vain laments, and overflowing tenderness, and passionate but fruitless clinging to the priceless few that remained, was followed by languor and recklessness.

During this disastrous journey we lost all those, not of our own family, to whom we had particularly attached ourselves among the survivors. It were not well to fill

these pages with a mere catalogue of losses; yet I cannot refrain from this last mention of those principally dear to us. The little girl whom Adrian had rescued from utter desertion, during our ride through London on the twentieth of November, died at Auxerre. The poor child had attached herself greatly to us; and the suddenness of her death added to our sorrow. In the morning we had seen her apparently in health – in the evening, Lucy, before we retired to rest, visited our quarters to say that she was dead. Poor Lucy herself only survived, till we arrived at Dijon. She had devoted herself throughout to the nursing the sick, and attending the friendless. Her excessive exertions brought on a slow fever, which ended in the dread disease whose approach soon released her from her sufferings. She had throughout been endeared to us by her good qualities, by her ready and cheerful execution of every duty, and mild acquiescence in every turn of adversity. When we consigned her to the tomb, we seemed at the same time to bid a final adieu to those peculiarly feminine virtues conspicuous in her; uneducated and unpretending as she was, she was distinguished for patience, forbearance, and sweetness. These, with all their train of qualities peculiarly English, would never again be revived for us. This type of all that was most worthy of admiration in her class among my countrywomen, was placed under the sod of desert France; and it was as a second separation from our country to have lost sight of her for ever.

The Countess of Windsor died during our abode at Dijon. One morning I was informed that she wished to see me. Her message made me remember, that several days had elapsed since I had last seen her. Such a circumstance had often occurred during our journey, when I remained behind to watch to their close the last moments of some one of our hapless comrades, and the

rest of the troop past on before me. But there was something in the manner of her messenger, that made me suspect that all was not right. A caprice of the imagination caused me to conjecture that some ill had occurred to Clara or Evelyn, rather than to this aged lady. Our fears, for ever on the stretch, demanded a nourishment of horror; and it seemed too natural an occurrence, too like past times, for the old to die before the young. I found the venerable mother of my Idris lying on a couch, her tall emaciated figure stretched out; her face fallen away, from which the nose stood out in sharp profile, and her large dark eyes, hollow and deep, gleamed with such light as may edge a thunder cloud at sun-set. All was shrivelled and dried up, except these lights; her voice too was fearfully changed, as she spoke to me at intervals. “I am afraid,” said she, “that it is selfish in me to have asked you to visit the old woman again, before she dies: yet perhaps it would have been a greater shock to hear suddenly that I was dead, than to see me first thus.”

I clasped her shrivelled hand: “Are you indeed so ill?” I asked.

“Do you not perceive death in my face,” replied she, “it is strange; I ought to have expected this, and yet I confess it has taken me unaware. I never clung to life, or enjoyed it, till these last months, while among those I senselessly deserted: and it is hard to be snatched immediately away. I am glad, however, that I am not a victim of the plague; probably I should have died at this hour, though the world had continued as it was in my youth.”

She spoke with difficulty, and I perceived that she regretted the necessity of death, even more than she cared to confess. Yet she had not to complain of an undue shortening of existence; her faded person shewed that life had naturally spent itself. We had been alone at

first; now Clara entered; the Countess turned to her with a smile, and took the hand of this lovely child; her roseate palm and snowy fingers, contrasted with relaxed fibres and yellow hue of those of her aged friend; she bent to kiss her, touching her withered mouth with the warm, full lips of youth. “Verney,” said the Countess, “I need not recommend this dear girl to you, for your own sake you will preserve her. Were the world as it was, I should have a thousand sage precautions to impress, that one so sensitive, good, and beauteous, might escape the dangers that used to lurk for the destruction of the fair and excellent. This is all nothing now.

“I commit you, my kind nurse, to your uncle’s care; to yours I entrust the dearest relic of my better self. Be to Adrian, sweet one, what you have been to me – enliven his sadness with your sprightly sallies; sooth his anguish by your sober and inspired converse, when he is dying; nurse him as you have done me.”

Clara burst into tears; “Kind girl,” said the Countess, “do not weep for me. Many dear friends are left to you.”

“And yet,” cried Clara, “you talk of their dying also. This is indeed cruel – how could I live, if they were gone? If it were possible for my beloved protector to die before me, I could not nurse him; I could only die too.”

The venerable lady survived this scene only twenty-four hours. She was the last tie binding us to the ancient state of things. It was impossible to look on her, and not call to mind in their wonted guise, events and persons, as alien to our present situation as the disputes of Themistocles and Aristides, or the wars of the two roses in our native land. The crown of England had pressed her brow; the memory of my father and his misfortunes, the vain struggles of the late king, the images of Raymond, Evadne, and Perdita, who had lived in the world’s prime, were brought vividly before us. We consigned her to the oblivious tomb with reluctance; and

when I turned from her grave, Janus veiled his retrospective face; that which gazed on future generations had long lost its faculty.

After remaining a week at Dijon, until thirty of our number deserted the vacant ranks of life, we continued our way towards Geneva. At noon on the second day we arrived at the foot of Jura. We halted here during the heat of the day. Here fifty human beings – fifty, the only human beings that survived of the food-teeming earth, assembled to read in the looks of each other ghastly plague, or wasting sorrow, desperation, or worse, carelessness of future or present evil. Here we assembled at the foot of this mighty wall of mountain, under a spreading walnut tree; a brawling stream refreshed the green sward by its sprinkling; and the busy grasshopper chirped among the thyme. We clustered together a group of wretched sufferers. A mother cradled in her enfeebled arms the child, last of many, whose glazed eye was about to close for ever. Here beauty, late glowing in youthful lustre and consciousness, now wan and neglected, knelt fanning with uncertain motion the beloved, who lay striving to paint his features, distorted by illness, with a thankful smile. There an hard-featured, weather-worn veteran, having prepared his meal, sat, his head dropped on his breast, the useless knife falling from his grasp, his limbs utterly relaxed, as thought of wife and child, and dearest relative, all lost, passed across his recollection. There sat a man who for forty years had basked in fortune’s tranquil sunshine; he held the hand of his last hope, his beloved daughter, who had just attained womanhood; and he gazed on her with anxious eyes, while she tried to rally her fainting spirit to comfort him. Here a servant, faithful to the last, though dying, waited on one, who, though still erect with health, gazed with gasping fear on the variety of woe around.

Adrian stood leaning against a tree; he held a book in his hand, but his eye wandered from the pages, and sought mine; they mingled a sympathetic glance; his looks confessed that his thoughts had quitted the inanimate print, for pages more pregnant with meaning, more absorbing, spread out before him. By the margin of the stream, apart from all, in a tranquil nook, where the purling brook kissed the green sward gently, Clara and Evelyn were at play, sometimes beating the water with large boughs, sometimes watching the summer-flies that sported upon it. Evelyn now chased a butterfly – now gathered a flower for his cousin; and his laughing cherub-face and clear brow told of the light heart that beat in his bosom.

Clara, though she endeavoured to give herself up to his amusement, often forgot him, as she turned to observe Adrian and me. She was now fourteen, and retained her childish appearance, though in height a woman; she acted the part of the tenderest mother to my little orphan boy; to see her playing with him, or attending silently and submissively on our wants, you thought only of her admirable docility and patience; but, in her soft eyes, and the veined curtains that veiled them, in the clearness of her marmoreal brow, and the tender expression of her lips, there was an intelligence and beauty that at once excited admiration and love.

When the sun had sunk towards the precipitate west, and the evening shadows grew long, we prepared to ascend the mountain. The attention that we were obliged to pay to the sick, made our progress slow. The winding road, though steep, presented a confined view of rocky fields and hills, each hiding the other, till our farther ascent disclosed them in succession. We were seldom shaded from the declining sun, whose slant beams were instinct with exhausting heat. There are times when minor difficulties grow gigantic – times,

when as the Hebrew poet expressively terms it, “the grasshopper is a burthen;” so was it with our ill fated party this evening. Adrian, usually the first to rally his spirits, and dash foremost into fatigue and hardship, with relaxed limbs and declined head, the reins hanging loosely in his grasp, left the choice of the path to the instinct of his horse, now and then painfully rousing himself, when the steepness of the ascent required that he should keep his seat with better care. Fear and horror encompassed me. Did his languid air attest that he also was struck with contagion? How long, when I look on this matchless specimen of mortality, may I perceive that his thought answers mine? how long will those limbs obey the kindly spirit within? how long will light and life dwell in the eyes of this my sole remaining friend? Thus pacing slowly, each hill surmounted, only presented another to be ascended; each jutting corner only discovered another, sister to the last, endlessly. Sometimes the pressure of sickness in one among us, caused the whole cavalcade to halt; the call for water, the eagerly expressed wish to repose; the cry of pain, and suppressed sob of the mourner – such were the sorrowful attendants of our passage of the Jura.

Adrian had gone first. I saw him, while I was detained by the loosening of a girth, struggling with the upward path, seemingly more difficult than any we had yet passed. He reached the top, and the dark outline of his figure stood in relief against the sky. He seemed to behold something unexpected and wonderful; for, pausing, his head stretched out, his arms for a moment extended, he seemed to give an All Hail! to some new vision. Urged by curiosity, I hurried to join him. After battling for many tedious minutes with the precipice, the same scene presented itself to me, which had wrapt him in extatic wonder.

Nature, or nature’s favourite, this lovely earth, presented her most unrivalled beauties in resplendent and sudden exhibition. Below, far, far below, even as it were in the yawning abyss of the ponderous globe, lay the placid and azure expanse of lake Leman; vine-covered hills hedged it in, and behind dark mountains in cone-like shape, or irregular cyclopean wall, served for further defence. But beyond, and high above all, as if the spirits of the air had suddenly unveiled their bright abodes, placed in scaleless altitude in the stainless sky, heaven-kissing, companions of the unattainable ether, were the glorious Alps, clothed in dazzling robes of light by the setting sun. And, as if the world’s wonders were never to be exhausted, their vast immensities, their jagged crags, and roseate painting, appeared again in the lake below, dipping their proud heights beneath the unruffled waves – palaces for the Naiads of the placid waters. Towns and villages lay scattered at the foot of Jura, which, with dark ravine, and black promontories, stretched its roots into the watery expanse beneath. Carried away by wonder, I forgot the death of man, and the living and beloved friend near me. When I turned, I saw tears streaming from his eyes; his thin hands pressed one against the other, his animated countenance beaming with admiration; “Why,” cried he, at last, “Why, oh heart, whisperest thou of grief to me? Drink in the beauty of that scene, and possess delight beyond what a fabled paradise could afford.”

By degrees, our whole party surmounting the steep, joined us, not one among them, but gave visible tokens of admiration, surpassing any before experienced. One cried, “God reveals his heaven to us; we may die blessed.” Another and another, with broken exclamations, and extravagant phrases, endeavoured to express the intoxicating effect of this wonder of nature. So we remained awhile, lightened of the pressing

burthen of fate, forgetful of death, into whose night we were about to plunge; no longer reflecting that our eyes now and for ever were and would be the only ones which might perceive the divine magnificence of this terrestrial exhibition. An enthusiastic transport, akin to happiness, burst, like a sudden ray from the sun, on our darkened life. Precious attribute of woe-worn humanity! that can snatch extatic emotion, even from under the very share and harrow, that ruthlessly ploughs up and lays waste every hope.

This evening was marked by another event. Passing through Ferney in our way to Geneva, unaccustomed sounds of music arose from the rural church which stood embosomed in trees, surrounded by smokeless, vacant cottages. The peal of an organ with rich swell awoke the mute air, lingering along, and mingling with the intense beauty that clothed the rocks and woods, and waves around. Music – the language of the immortals, disclosed to us as testimony of their existence – music, “silver key of the fountain of tears,” child of love, soother of grief, inspirer of heroism and radiant thoughts, O music, in this our desolation, we had forgotten thee! Nor pipe at eve cheered us, nor harmony of voice, nor linked thrill of string; thou camest upon us now, like the revealing of other forms of being; and transported as we had been by the loveliness of nature, fancying that we beheld the abode of spirits, now we might well imagine that we heard their melodious communings. We paused in such awe as would seize on a pale votarist, visiting some holy shrine at midnight; if she beheld animated and smiling, the image which she worshipped. We all stood mute; many knelt. In a few minutes however, we were recalled to human wonder and sympathy by a familiar strain. The air was Haydn’s “New-Created World,” and, old and drooping as humanity had become, the world yet fresh as at

creation’s day, might still be worthily celebrated by such an hymn of praise. Adrian and I entered the church; the nave was empty, though the smoke of incense rose from the altar, bringing with it the recollection of vast congregations, in once thronged cathedrals; we went into the loft. A blind old man sat at the bellows; his whole soul was ear; and as he sat in the attitude of attentive listening, a bright glow of pleasure was diffused over his countenance; for, though his lack-lustre eye could not reflect the beam, yet his parted lips, and every line of his face and venerable brow spoke delight. A young woman sat at the keys, perhaps twenty years of age. Her auburn hair hung on her neck, and her fair brow shone in its own beauty; but her drooping eyes let fall fast-flowing tears, while the constraint she exercised to suppress her sobs, and still her trembling, flushed her else pale cheek; she was thin; languor, and alas! sickness, bent her form. We stood looking at the pair, forgetting what we heard in the absorbing sight; till, the last chord struck, the peal died away in lessening reverberations. The mighty voice, inorganic we might call it, for we could in no way associate it with mechanism of pipe or key, stilled its sonorous tone, and the girl, turning to lend her assistance to her aged companion, at length perceived us.

It was her father; and she, since childhood, had been the guide of his darkened steps. They were Germans from Saxony, and, emigrating thither but a few years before, had formed new ties with the surrounding villagers. About the time that the pestilence had broken out, a young German student had joined them. Their simple history was easily divined. He, a noble, loved the fair daughter of the poor musician, and followed them in their flight from the persecutions of his friends; but soon the mighty leveller came with unblunted scythe to mow, together with the grass, the tall flowers of the field. The

youth was an early victim. She preserved herself for her father's sake. His blindness permitted her to continue a delusion, at first the child of accident – and now solitary beings, sole survivors in the land, he remained unacquainted with the change, nor was aware that when he listened to his child's music, the mute mountains, senseless lake, and unconscious trees, were, himself excepted, her sole auditors.

The very day that we arrived she had been attacked by symptomatic illness. She was paralyzed with horror at the idea of leaving her aged, sightless father alone on the empty earth; but she had not courage to disclose the truth, and the very excess of her desperation animated her to surpassing exertions. At the accustomed vesper hour, she led him to the chapel; and, though trembling and weeping on his account, she played, without fault in time, or error in note, the hymn written to celebrate the creation of the adorned earth, soon to be her tomb.

We came to her like visitors from heaven itself; her high-wrought courage; her hardly sustained firmness, fled with the appearance of relief. With a shriek she rushed towards us, embraced the knees of Adrian, and uttering but the words, "O save my father!" with sobs and hysterical cries, opened the long-shut floodgates of her woe.

Poor girl! – she and her father now lie side by side, beneath the high walnut-tree where her lover reposes, and which in her dying moments she had pointed out to us. Her father, at length aware of his daughter's danger, unable to see the changes of her dear countenance, obstinately held her hand, till it was chilled and stiffened by death. Nor did he then move or speak, till, twelve hours after, kindly death took him to his breakless repose. They rest beneath the sod, the tree their monument; – the hallowed spot is distinct in my memory, paled in by craggy Jura, and the far, immeasurable Alps;

the spire of the church they frequented still points from out the embosoming trees; and though her hand be cold, still methinks the sounds of divine music which they loved wander about, solacing their gentle ghosts.

CHAPTER VIII

WE had now reached Switzerland, so long the final mark and aim of our exertions. We had looked, I know not wherefore, with hope and pleasing expectation on her congregation of hills and snowy crags, and opened our bosoms with renewed spirits to the icy Biz, which even at Midsummer used to come from the northern glacier laden with cold. Yet how could we nourish expectation of relief? Like our native England, and the vast extent of fertile France, this mountain-embowered land was desolate of its inhabitants. Nor bleak mountain-top, nor snow-nourished rivulet; not the ice-laden Biz, nor thunder, the tamer of contagion, had preserved them – why therefore should we claim exemption?

Who was there indeed to save? What troop had we brought fit to stand at bay, and combat with the conqueror? We were a failing remnant, tamed to mere submission to the coming blow. A train half dead, through fear of death – a hopeless, unresisting, almost reckless crew, which, in the tossed bark of life, had given up all pilotage, and resigned themselves to the destructive force of ungoverned winds. Like a few furrows of unreaped corn, which, left standing on a wide field after the rest is gathered to the garner, are swiftly borne down by the winter storm. Like a few straggling swallows, which, remaining after their fellows had, on the first unkind breath of passing autumn, migrated to genial climes, were struck to earth by the first frost of November. Like a stray sheep that wanders over the sleet-beaten hill-side, while the flock is in the pen, and dies before morning-dawn. Like a cloud, like one of

many that were spread in impenetrable woof over the sky, which, when the shepherd north has driven its companions “to drink Antipodean noon,” fades and dissolves in the clear ether – Such were we!

We left the fair margin of the beauteous lake of Geneva, and entered the Alpine ravines; tracing to its source the brawling Arve, through the rock-bound valley of Servox, beside the mighty waterfalls, and under the shadow of the inaccessible mountains, we travelled on; while the luxuriant walnut-tree gave place to the dark pine, whose musical branches swung in the wind, and whose upright forms had braved a thousand storms – till the verdant sod, the flowery dell, and shrubbery hill were exchanged for the sky-piercing, untrodden, seedless rock, “the bones of the world, waiting to be clothed with every thing necessary to give life and beauty. “ Strange that we should seek shelter here! Surely, if, in those countries where earth was wont, like a tender mother, to nourish her children, we had found her a destroyer, we need not seek it here, where stricken by keen penury she seems to shudder through her stony veins. Nor were we mistaken in our conjecture. We vainly sought the vast and ever moving glaciers of Chamounix, rifts of pendant ice, seas of congelated waters, the leafless groves of tempest-battered pines, dells, mere paths for the loud avalanche, and hill-tops, the resort of thunder-storms. Pestilence reigned paramount even here. By the time that day and night, like twin sisters of equal growth, shared equally their dominion over the hours, one by one, beneath the ice-caves, beside the waters springing from the thawed snows of a thousand winters, another and yet another of the remnant of the race of Man, closed their eyes for ever to the light.

Yet we were not quite wrong in seeking a scene like this, whereon to close the drama. Nature, true to the last, consoled us in the very heart of misery. Sublime

grandeur of outward objects soothed our hapless hearts, and were in harmony with our desolation. Many sorrows have befallen man during his chequered course; and many a woe-stricken mourner has found himself sole survivor among many. Our misery took its majestic shape and colouring from the vast ruin, that accompanied and made one with it. Thus on lovely earth, many a dark ravine contains a brawling stream, shadowed by romantic rocks, threaded by mossy paths – but all, except this, wanted the mighty back-ground, the towering Alps, whose snowy capes, or bared ridges, lifted us from our dull mortal abode, to the palaces of Nature's own.

This solemn harmony of event and situation regulated our feelings, and gave as it were fitting costume to our last act. Majestic gloom and tragic pomp attended the decease of wretched humanity. The funeral procession of monarchs of old, was transcended by our splendid shews. Near the sources of the Arveiron we performed the rites for, four only excepted, the last of the species. Adrian and I, leaving Clara and Evelyn wrapt in peaceful unobserving slumber, carried the body to this desolate spot, and placed it in those caves of ice beneath the glacier, which rive and split with the slightest sound, and bring destruction on those within the clefts – no bird or beast of prey could here profane the frozen form. So, with hushed steps and in silence, we placed the dead on a bier of ice, and then, departing, stood on the rocky platform beside the river springs. All hushed as we had been, the very striking of the air with our persons had sufficed to disturb the repose of this thawless region; and we had hardly left the cavern, before vast blocks of ice, detaching themselves from the roof, fell, and covered the human image we had deposited within. We had chosen a fair moonlight night, but our journey thither had been long, and the crescent sank behind the

western heights by the time we had accomplished our purpose. The snowy mountains and blue glaciers shone in their own light. The rugged and abrupt ravine, which formed one side of Mont Anvert, was opposite to us, the glacier at our side; at our feet Arveiron, white and foaming, dashed over the pointed rocks that jutted into it, and, with whirring spray and ceaseless roar, disturbed the stilly night. Yellow lightnings played around the vast dome of Mont Blanc, silent as the snow-clad rock they illuminated; all was bare, wild, and sublime, while the singing of the pines in melodious murmurings added a gentle interest to the rough magnificence. Now the riving and fall of icy rocks clave the air; now the thunder of the avalanche burst on our ears. In countries whose features are of less magnitude, nature betrays her living powers in the foliage of the trees, in the growth of herbage, in the soft purling of meandering streams; here, endowed with giant attributes, the torrent, the thunder-storm, and the flow of massive waters, display her activity. Such the church-yard, such the requiem, such the eternal congregation, that waited on our companion’s funeral!

Nor was it the human form alone which we had placed in this eternal sepulchre, whose obsequies we now celebrated. With this last victim Plague vanished from the earth. Death had never wanted weapons wherewith to destroy life, and we, few and weak as we had become, were still exposed to every other shaft with which his full quiver teemed. But pestilence was absent from among them. For seven years it had had full sway upon earth; she had trod every nook of our spacious globe; she had mingled with the atmosphere, which as a cloak enwraps all our fellow-creatures – the inhabitants of native Europe – the luxurious Asiatic – the swarthy African and free American had been vanquished and

destroyed by her. Her barbarous tyranny came to its close here in the rocky vale of Chamounix.

Still recurring scenes of misery and pain, the fruits of this distemper, made no more a part of our lives – the word plague no longer rung in our ears – the aspect of plague incarnate in the human countenance no longer appeared before our eyes. From this moment I saw plague no more. She abdicated her throne, and despoiled herself of her imperial sceptre among the ice rocks that surrounded us. She left solitude and silence co-heirs of her kingdom.

My present feelings are so mingled with the past, that I cannot say whether the knowledge of this change visited us, as we stood on this sterile spot. It seems to me that it did; that a cloud seemed to pass from over us, that a weight was taken from the air; that henceforth we breathed more freely, and raised our heads with some portion of former liberty. Yet we did not hope. We were impressed by the sentiment, that our race was run, but that plague would not be our destroyer. The coming time was as a mighty river, down which a charmed boat is driven, whose mortal steersman knows, that the obvious peril is not the one he needs fear, yet that danger is nigh; and who floats awe-struck under beetling precipices, through the dark and turbid waters – seeing in the distance yet stranger and ruder shapes, towards which he is irresistibly impelled. What would become of us? O for some Delphic oracle, or Pythian maid, to utter the secrets of futurity! O for some Oedipus to solve the riddle of the cruel Sphynx! Such Oedipus was I to be – not divining a word’s juggle, but whose agonizing pangs, and sorrow-tainted life were to be the engines, wherewith to lay bare the secrets of destiny, and reveal the meaning of the enigma, whose explanation closed the history of the human race.

Dim fancies, akin to these, haunted our minds, and instilled feelings not unallied to pleasure, as we stood beside this silent tomb of nature, reared by these lifeless mountains, above her living veins, choking her vital principle. “Thus are we left,” said Adrian, “two melancholy blasted trees, where once a forest waved. We are left to mourn, and pine, and die. Yet even now we have our duties, which we must string ourselves to fulfil: the duty of bestowing pleasure where we can, and by force of love, irradiating with rainbow hues the tempest of grief. Nor will I repine if in this extremity we preserve what we now possess. Something tells me, Verney, that we need no longer dread our cruel enemy, and I cling with delight to the oracular voice. Though strange, it will be sweet to mark the growth of your little boy, and the development of Clara’s young heart. In the midst of a desert world, we are everything to them; and, if we live, it must be our task to make this new mode of life happy to them. At present this is easy, for their childish ideas do not wander into futurity, and the stinging craving for sympathy, and all of love of which our nature is susceptible, is not yet awake within them: we cannot guess what will happen then, when nature asserts her indefeasible and sacred powers; but, long before that time, we may all be cold, as he who lies in yonder tomb of ice. We need only provide for the present, and endeavour to fill with pleasant images the inexperienced fancy of your lovely niece. The scenes which now surround us, vast and sublime as they are, are not such as can best contribute to this work. Nature is here like our fortunes, grand, but too destructive, bare, and rude, to be able to afford delight to her young imagination. Let us descend to the sunny plains of Italy. Winter will soon be here, to clothe this wilderness in double desolation; but we will cross the bleak hill-tops, and lead her to scenes of fertility and beauty, where her path will be

adorned with flowers, and the cheery atmosphere inspire pleasure and hope."

In pursuance of this plan we quitted Chamounix on the following day. We had no cause to hasten our steps; no event was transacted beyond our actual sphere to enchain our resolves, so we yielded to every idle whim, and deemed our time well spent, when we could behold the passage of the hours without dismay. We loitered along the lovely Vale of Servox; passed long hours on the bridge, which, crossing the ravine of Arve, commands a prospect of its pine-clothed depths, and the snowy mountains that wall it in. We rambled through romantic Switzerland; till, fear of coming winter leading us forward, the first days of October found us in the valley of La Maurienne, which leads to Cenis. I cannot explain the reluctance we felt at leaving this land of mountains; perhaps it was, that we regarded the Alps as boundaries between our former and our future state of existence, and so clung fondly to what of old we had loved. Perhaps, because we had now so few impulses urging to a choice between two modes of action, we were pleased to preserve the existence of one, and preferred the prospect of what we were to do, to the recollection of what had been done. We felt that for this year danger was past; and we believed that, for some months, we were secured to each other. There was a thrilling, agonizing delight in the thought – it filled the eyes with misty tears, it tore the heart with tumultuous heavings; frailer than the "snow fall in the river," were we each and all – but we strove to give life and individuality to the meteoric course of our several existences, and to feel that no moment escaped us unenjoyed. Thus tottering on the dizzy brink, we were happy. Yes! as we sat beneath the toppling rocks, beside the waterfalls, near

– *Forests, ancient as the hills,*

And folding sunny spots of greenery,

where the chamois grazed, and the timid squirrel laid up its hoard – descanting on the charms of nature, drinking in the while her unalienable beauties – we were, in an empty world, happy.

Yet, O days of joy – days, when eye spoke to eye, and voices, sweeter than the music of the swinging branches of the pines, or rivulet's gentle murmur, answered mine – yet, O days replete with beatitude, days of loved society – days unutterably dear to me forlorn – pass, O pass before me, making me in your memory forget what I am. Behold, how my streaming eyes blot this senseless paper – behold, how my features are convulsed by agonizing throes, at your mere recollection, now that, alone, my tears flow, my lips quiver, my cries fill the air, unseen, unmarked, unheard! Yet, O yet, days of delight! let me dwell on your long-drawn hours!

As the cold increased upon us, we passed the Alps, and descended into Italy. At the uprising of morn, we sat at our repast, and cheated our regrets by gay sallies or learned disquisitions. The live-long day we sauntered on, still keeping in view the end of our journey, but careless of the hour of its completion. As the evening star shone out, and the orange sunset, far in the west, marked the position of the dear land we had for ever left, talk, thought enchaining, made the hours fly – O that we had lived thus for ever and for ever! Of what consequence was it to our four hearts, that they alone were the fountains of life in the wide world? As far as mere individual sentiment was concerned, we had rather be left thus united together, than if, each alone in a populous desert of unknown men, we had wandered truly companionless till life's last term. In this manner,

we endeavoured to console each other; in this manner, true philosophy taught us to reason.

It was the delight of Adrian and myself to wait on Clara, naming her the little queen of the world, ourselves her humblest servitors. When we arrived at a town, our first care was to select for her its most choice abode; to make sure that no harrowing relic remained of its former inhabitants; to seek food for her, and minister to her wants with assiduous tenderness. Clara entered into our scheme with childish gaiety. Her chief business was to attend on Evelyn; but it was her sport to array herself in splendid robes, adorn herself with sunny gems, and ape a princely state. Her religion, deep and pure, did not teach her to refuse to blunt thus the keen sting of regret; her youthful vivacity made her enter, heart and soul, into these strange masquerades.

We had resolved to pass the ensuing winter at Milan, which, as being a large and luxurious city, would afford us choice of homes. We had descended the Alps, and left far behind their vast forests and mighty crags. We entered smiling Italy. Mingled grass and corn grew in her plains, the unpruned vines threw their luxuriant branches around the elms. The grapes, overripe, had fallen on the ground, or hung purple, or burnished green, among the red and yellow leaves. The ears of standing corn winnowed to emptiness by the spendthrift winds; the fallen foliage of the trees, the weed-grown brooks, the dusky olive, now spotted with its blackened fruit; the chestnuts, to which the squirrel only was harvest-man; all plenty, and yet, alas! all poverty, painted in wondrous hues and fantastic groupings this land of beauty. In the towns, in the voiceless towns, we visited the churches, adorned by pictures, master-pieces of art, or galleries of statues – while in this genial clime the animals, in new found liberty, rambled through the gorgeous palaces, and hardly feared our forgotten

aspect. The dove-coloured oxen turned their full eyes on us, and paced slowly by; a startling throng of silly sheep, with pattering feet, would start up in some chamber, formerly dedicated to the repose of beauty, and rush, huddling past us, down the marble staircase into the street, and again in at the first open door, taking unrebuked possession of hallowed sanctuary, or kingly council-chamber. We no longer started at these occurrences, nor at worse exhibition of change – when the palace had become a mere tomb, pregnant with fetid stench, strewn with the dead; and we could perceive how pestilence and fear had played strange antics, chasing the luxurious dame to the dank fields and bare cottage; gathering, among carpets of Indian woof, and beds of silk, the rough peasant, or the deformed half-human shape of the wretched beggar.

We arrived at Milan, and stationed ourselves in the Vice-Roy’s palace. Here we made laws for ourselves, dividing our day, and fixing distinct occupations for each hour. In the morning we rode in the adjoining country, or wandered through the palaces, in search of pictures or antiquities. In the evening we assembled to read or to converse. There were few books that we dared read; few, that did not cruelly deface the painting we bestowed on our solitude, by recalling combinations and emotions never more to be experienced by us. Metaphysical disquisition; fiction, which wandering from all reality, lost itself in self-created errors; poets of times so far gone by, that to read of them was as to read of Atlantis and Utopia; or such as referred to nature only, and the workings of one particular mind; but most of all, talk, varied and ever new, beguiled our hours.

While we paused thus in our onward career towards death, time held on its accustomed course. Still and for ever did the earth roll on, enthroned in her atmospheric car, speeded by the force of the invisible coursers of

never-erring necessity. And now, this dew-drop in the sky, this ball, ponderous with mountains, lucent with waves, passing from the short tyranny of watery Pisces and the frigid Ram, entered the radiant demesne of Taurus and the Twins. There, fanned by vernal airs, the Spirit of Beauty sprung from her cold repose; and, with winnowing wings and soft pacing feet, set a girdle of verdure around the earth, sporting among the violets, hiding within the springing foliage of the trees, tripping lightly down the radiant streams into the sunny deep. “For lo! winter is past, the rain is over and gone; the flowers appear on the earth, the time of the singing of birds is come, and the voice of the turtle is heard in our land; the fig tree putteth forth her green figs, and the vines, with the tender grape, give a good smell.” Thus was it in the time of the ancient regal poet; thus was it now.

Yet how could we miserable hail the approach of this delightful season? We hoped indeed that death did not now as heretofore walk in its shadow; yet, left as we were alone to each other, we looked in each other’s faces with enquiring eyes, not daring altogether to trust to our presentiments, and endeavouring to divine which would be the hapless survivor to the other three. We were to pass the summer at the lake of Como, and thither we removed as soon as spring grew to her maturity, and the snow disappeared from the hill tops. Ten miles from Como, under the steep heights of the eastern mountains, by the margin of the lake, was a villa called the Pliniana, from its being built on the site of a fountain, whose periodical ebb and flow is described by the younger Pliny in his letters. The house had nearly fallen into ruin, till in the year 2090, an English nobleman had bought it, and fitted it up with every luxury. Two large halls, hung with splendid tapestry, and paved with marble, opened on each side of a court, of

whose two other sides one overlooked the deep dark lake, and the other was bounded by a mountain, from whose stony side gushed, with roar and splash, the celebrated fountain. Above, underwood of myrtle and tufts of odorous plants crowned the rock, while the star-pointing giant cypresses reared themselves in the blue air, and the recesses of the hills were adorned with the luxuriant growth of chestnut-trees. Here we fixed our summer residence. We had a lovely skiff, in which we sailed, now stemming the midmost waves, now coasting the over-hanging and craggy banks, thick sown with evergreens, which dipped their shining leaves in the waters, and were mirrored in many a little bay and creek of waters of translucent darkness. Here orange plants bloomed, here birds poured forth melodious hymns; and here, during spring, the cold snake emerged from the clefts, and basked on the sunny terraces of rock.

Were we not happy in this paradisiacal retreat? If some kind spirit had whispered forgetfulness to us, methinks we should have been happy here, where the precipitous mountains, nearly pathless, shut from our view the far fields of desolate earth, and with small exertion of the imagination, we might fancy that the cities were still resonant with popular hum, and the peasant still guided his plough through the furrow, and that we, the world’s free denizens, enjoyed a voluntary exile, and not a remediless cutting off from our extinct species.

Not one among us enjoyed the beauty of this scenery so much as Clara. Before we quitted Milan, a change had taken place in her habits and manners. She lost her gaiety, she laid aside her sports, and assumed an almost vestal plainness of attire. She shunned us, retiring with Evelyn to some distant chamber or silent nook; nor did she enter into his pastimes with the same zest as she was wont, but would sit and watch him with sadly tender smiles, and eyes bright with tears, yet without a word of

complaint. She approached us timidly, avoided our caresses, nor shook off her embarrassment till some serious discussion or lofty theme called her for awhile out of herself. Her beauty grew as a rose, which, opening to the summer wind, discloses leaf after leaf till the sense aches with its excess of loveliness. A slight and variable colour tinged her cheeks, and her motions seemed attuned by some hidden harmony of surpassing sweetness. We redoubled our tenderness and earnest attentions. She received them with grateful smiles, that fled swift as sunny beam from a glittering wave on an April day.

Our only acknowledged point of sympathy with her, appeared to be Evelyn. This dear little fellow was a comforter and delight to us beyond all words. His buoyant spirit, and his innocent ignorance of our vast calamity, were balm to us, whose thoughts and feelings were over-wrought and spun out in the immensity of speculative sorrow. To cherish, to caress, to amuse him was the common task of all. Clara, who felt towards him in some degree like a young mother, gratefully acknowledged our kindness towards him. To me, O! to me, who saw the clear brows and soft eyes of the beloved of my heart, my lost and ever dear Idris, re-born in his gentle face, to me he was dear even to pain; if I pressed him to my heart, methought I clasped a real and living part of her, who had lain there through long years of youthful happiness.

It was the custom of Adrian and myself to go out each day in our skiff to forage in the adjacent country. In these expeditions we were seldom accompanied by Clara or her little charge, but our return was an hour of hilarity. Evelyn ransacked our stores with childish eagerness, and we always brought some new found gift for our fair companion. Then too we made discoveries of lovely scenes or gay palaces, whither in the evening we

all proceeded. Our sailing expeditions were most divine, and with a fair wind or transverse course we cut the liquid waves; and, if talk failed under the pressure of thought, I had my clarionet with me, which awoke the echoes, and gave the change to our careful minds. Clara at such times often returned to her former habits of free converse and gay sally; and though our four hearts alone beat in the world, those four hearts were happy.

One day, on our return from the town of Como, with a laden boat, we expected as usual to be met at the port by Clara and Evelyn, and we were somewhat surprised to see the beach vacant. I, as my nature prompted, would not prognosticate evil, but explained it away as a mere casual incident. Not so Adrian. He was seized with sudden trembling and apprehension, and he called to me with vehemence to steer quickly for land, and, when near, leapt from the boat, half falling into the water; and, scrambling up the steep bank, hastened along the narrow strip of garden, the only level space between the lake and the mountain. I followed without delay; the garden and inner court were empty, so was the house, whose every room we visited. Adrian called loudly upon Clara’s name, and was about to rush up the near mountain-path, when the door of a summer-house at the end of the garden slowly opened, and Clara appeared, not advancing towards us, but leaning against a column of the building with blanched cheeks, in a posture of utter despondency. Adrian sprang towards her with a cry of joy, and folded her delightedly in his arms. She withdrew from his embrace, and, without a word, again entered the summer-house. Her quivering lips, her despairing heart refused to afford her voice to express our misfortune. Poor little Evelyn had, while playing with her, been seized with sudden fever, and now lay torpid and speechless on a little couch in the summer-house.

For a whole fortnight we unceasingly watched beside the poor child, as his life declined under the ravages of a virulent typhus. His little form and tiny lineaments encaged the embryo of the world-spanning mind of man. Man’s nature, brimful of passions and affections, would have had an home in that little heart, whose swift pulsations hurried towards their close. His small hand’s fine mechanism, now flaccid and unbent, would in the growth of sinew and muscle, have achieved works of beauty or of strength. His tender rosy feet would have trod in firm manhood the bowers and glades of earth – these reflections were now of little use: he lay, thought and strength suspended, waiting unresisting the final blow.

We watched at his bedside, and when the access of fever was on him, we neither spoke nor looked at each other, marking only his obstructed breath and the mortal glow that tinged his sunken cheek, the heavy death that weighed on his eyelids. It is a trite evasion to say, that words could not express our long drawn agony; yet how can words image sensations, whose tormenting keenness throw us back, as it were, on the deep roots and hidden foundations of our nature, which shake our being with earth-quake-throe, so that we leave to confide in accustomed feelings which like mother-earth support us, and cling to some vain imagination or deceitful hope, which will soon be buried in the ruins occasioned by the final shock. I have called that period a fortnight, which we passed watching the changes of the sweet child’s malady – and such it might have been – at night, we wondered to find another day gone, while each particular hour seemed endless. Day and night were exchanged for one another uncounted; we slept hardly at all, nor did we even quit his room, except when a pang of grief seized us, and we retired from each other for a short period to conceal our sobs and tears. We

endeavoured in vain to abstract Clara from this deplorable scene. She sat, hour after hour, looking at him, now softly arranging his pillow, and, while he had power to swallow, administered his drink. At length the moment of his death came: the blood paused in its flow – his eyes opened, and then closed again: without convulsion or sigh, the frail tenement was left vacant of its spiritual inhabitant.

I have heard that the sight of the dead has confirmed materialists in their belief. I ever felt otherwise. Was that my child – that moveless decaying inanimation? My child was enraptured by my caresses; his dear voice cloathed with meaning articulations his thoughts, otherwise inaccessible; his smile was a ray of the soul, and the same soul sat upon its throne in his eyes. I turn from this mockery of what he was. Take, O earth, thy debt! freely and for ever I consign to thee the garb thou didst afford. But thou, sweet child, amiable and beloved boy, either thy spirit has sought a fitter dwelling, or, shrined in my heart, thou livest while it lives.

We placed his remains under a cypress, the upright mountain being scooped out to receive them. And then Clara said, “If you wish me to live, take me from hence. There is something in this scene of transcendent beauty, in these trees, and hills and waves, that for ever whisper to me, leave thy cumbrous flesh, and make a part of us. I earnestly entreat you to take me away.”

So on the fifteenth of August we bade adieu to our villa, and the embowering shades of this abode of beauty; to calm bay and noisy waterfall; to Evelyn’s little grave we bade farewell! and then, with heavy hearts, we departed on our pilgrimage towards Rome.

CHAPTER IX

NOW – soft awhile – have I arrived so near the end? Yes! it is all over now – a step or two over those new made graves, and the wearisome way is done. Can I accomplish my task? Can I streak my paper with words capacious of the grand conclusion? Arise, black Melancholy! quit thy Cimmerian solitude! Bring with thee murky fogs from hell, which may drink up the day; bring blight and pestiferous exhalations, which, entering the hollow caverns and breathing places of earth, may fill her stony veins with corruption, so that not only herbage may no longer flourish, the trees may rot, and the rivers run with gall – but the everlasting mountains be decomposed, and the mighty deep putrify, and the genial atmosphere which clips the globe, lose all powers of generation and sustenance. Do this, sad visaged power, while I write, while eyes read these pages.

And who will read them? Beware, tender offspring of the re-born world – beware, fair being, with human heart, yet untamed by care, and human brow, yet unploughed by time – beware, lest the cheerful current of thy blood be checked, thy golden locks turn grey, thy sweet dimpling smiles be changed to fixed, harsh wrinkles! Let not day look on these lines, lest garish day waste, turn pale, and die. Seek a cypress grove, whose moaning boughs will be harmony befitting; seek some cave, deep embowered in earth’s dark entrails, where no light will penetrate, save that which struggles, red and flickering, through a single fissure, staining thy page with grimmestlivery of death.

There is a painful confusion in my brain, which refuses to delineate distinctly succeeding events. Sometimes the irradiation of my friend’s gentle smile comes before me; and methinks its light spans and fills eternity – then, again, I feel the gasping throes.

We quitted Como, and in compliance with Adrian’s earnest desire, we took Venice in our way to Rome. There was something to the English peculiarly attractive in the idea of this wave-encircled, island-enthroned city. Adrian had never seen it. We went down the Po and the Brenta in a boat; and, the days proving intolerably hot, we rested in the bordering palaces during the day, travelling through the night, when darkness made the bordering banks indistinct, and our solitude less remarkable; when the wandering moon lit the waves that divided before our prow, and the night-wind filled our sails, and the murmuring stream, waving trees, and swelling canvass, accorded in harmonious strain. Clara, long overcome by excessive grief, had to a great degree cast aside her timid, cold reserve, and received our attentions with grateful tenderness. While Adrian with poetic fervour discoursed of the glorious nations of the dead, of the beauteous earth and the fate of man, she crept near him, drinking in his speech with silent pleasure. We banished from our talk, and as much as possible from our thoughts, the knowledge of our desolation. And it would be incredible to an inhabitant of cities, to one among a busy throng, to what extent we succeeded. It was as a man confined in a dungeon, whose small and grated rift at first renders the doubtful light more sensibly obscure, till, the visual orb having drunk in the beam, and adapted itself to its scantiness, he finds that clear noon inhabits his cell. So we, a simple triad on empty earth, were multiplied to each other, till we became all in all. We stood like trees, whose roots are loosened by the wind, which support one another,

leaning and clinging with encreased fervour while the wintry storms howl. Thus we floated down the widening stream of the Po, sleeping when the cicale sang, awake with the stars. We entered the narrower banks of the Brenta, and arrived at the shore of the Laguna at sunrise on the sixth of September. The bright orb slowly rose from behind its cupolas and towers, and shed its penetrating light upon the glassy waters. Wrecks of gondolas, and some few uninjured ones, were strewed on the beach at Fusina. We embarked in one of these for the widowed daughter of ocean, who, abandoned and fallen, sat forlorn on her propping isles, looking towards the far mountains of Greece. We rowed lightly over the Laguna, and entered Canale Grande. The tide ebbed sullenly from out the broken portals and violated halls of Venice: sea weed and sea monsters were left on the blackened marble, while the salt ooze defaced the matchless works of art that adorned their walls, and the sea gull flew out from the shattered window. In the midst of this appalling ruin of the monuments of man’s power, nature asserted her ascendancy, and shone more beauteous from the contrast. The radiant waters hardly trembled, while the rippling waves made many sided mirrors to the sun; the blue immensity, seen beyond Lido, stretched far, unspecked by boat, so tranquil, so lovely, that it seemed to invite us to quit the land strewn with ruins, and to seek refuge from sorrow and fear on its placid extent.

We saw the ruins of this hapless city from the height of the tower of San Marco, immediately under us, and turned with sickening hearts to the sea, which, though it be a grave, rears no monument, discloses no ruin. Evening had come apace. The sun set in calm majesty behind the misty summits of the Apennines, and its golden and roseate hues painted the mountains of the opposite shore. “That land,” said Adrian, “tinged with

the last glories of the day, is Greece.” Greece! The sound had a responsive chord in the bosom of Clara. She vehemently reminded us that we had promised to take her once again to Greece, to the tomb of her parents. Why go to Rome? what should we do at Rome? We might take one of the many vessels to be found here, embark in it, and steer right for Albania.

I objected the dangers of ocean, and the distance of the mountains we saw, from Athens; a distance which, from the savage uncultivation of the country, was almost impassable. Adrian, who was delighted with Clara’s proposal, obviated these objections. The season was favourable; the north-west that blew would take us transversely across the gulph; and then we might find, in some abandoned port, a light Greek caique, adapted for such navigation, and run down the coast of the Morea, and, passing over the Isthmus of Corinth, without much land-travelling or fatigue, find ourselves at Athens. This appeared to me wild talk; but the sea, glowing with a thousand purple hues, looked so brilliant and safe; my beloved companions were so earnest, so determined, that, when Adrian said, “Well, though it is not exactly what you wish, yet consent, to please me” – I could no longer refuse. That evening we selected a vessel, whose size just seemed fitted for our enterprize; we bent the sails and put the rigging in order, and reposing that night in one of the city’s thousand palaces, agreed to embark at sunrise the following morning.

When winds that move not its calm surface, sweep

The azure sea, I love the land no more;

The smiles of the serene and tranquil deep

Tempt my unquiet mind…

Thus said Adrian, quoting a translation of Moschus's poem, as in the clear morning light, we rowed over the Laguna, past Lido, into the open sea – I would have added in continuation,

But when the roar

Of ocean's gray abyss resounds, and foam

Gathers upon the sea, and vast waves burst…

But my friends declared that such verses were evil augury; so in cheerful mood we left the shallow waters, and, when out at sea, unfurled our sails to catch the favourable breeze. The laughing morning air filled them, while sun-light bathed earth, sky and ocean – the placid waves divided to receive our keel, and playfully kissed the dark sides of our little skiff, murmuring a welcome; as land receded, still the blue expanse, most waveless, twin sister to the azure empyrean, afforded smooth conduct to our bark. As the air and waters were tranquil and balmy, so were our minds steeped in quiet. In comparison with the unstained deep, funereal earth appeared a grave, its high rocks and stately mountains were but monuments, its trees the plumes of a herse, the brooks and rivers brackish with tears for departed man. Farewell to desolate towns – to fields with their savage intermixture of corn and weeds – to ever multiplying relics of our lost species. Ocean, we commit ourselves to thee – even as the patriarch of old floated above the drowned world, let us be saved, as thus we betake ourselves to thy perennial flood.

Adrian sat at the helm; I attended to the rigging, the breeze right aft filled our swelling canvas, and we ran before it over the untroubled deep. The wind died away at noon; its idle breath just permitted us to hold our course. As lazy, fair-weather sailors, careless of the

coming hour, we talked gaily of our coasting voyage, of our arrival at Athens. We would make our home of one of the Cyclades, and there in myrtle-groves, amidst perpetual spring, fanned by the wholesome sea-breezes – we would live long years in beatific union – Was there such a thing as death in the world?

The sun passed its zenith, and lingered down the stainless floor of heaven. Lying in the boat, my face turned up to the sky, I thought I saw on its blue white, marbled streaks, so slight, so immaterial, that now I said – They are there – and now, It is a mere imagination. A sudden fear stung me while I gazed; and, starting up, and running to the prow, – as I stood, my hair was gently lifted on my brow – a dark line of ripples appeared to the east, gaining rapidly on us – my breathless remark to Adrian, was followed by the flapping of the canvas, as the adverse wind struck it, and our boat lurched – swift as speech, the web of the storm thickened over head, the sun went down red, the dark sea was strewed with foam, and our skiff rose and fell in its encreasing furrows.

Behold us now in our frail tenement, hemmed in by hungry, roaring waves, buffeted by winds. In the inky east two vast clouds, sailing contrary ways, met; the lightning leapt forth, and the hoarse thunder muttered. Again in the south, the clouds replied, and the forked stream of fire running along the black sky, shewed us the appalling piles of clouds, now met and obliterated by the heaving waves. Great God! And we alone – we three – alone – alone – sole dwellers on the sea and on the earth, we three must perish! The vast universe, its myriad worlds, and the plains of boundless earth which we had left – the extent of shoreless sea around – contracted to my view – they and all that they contained, shrunk up to one point, even to our tossing bark, freighted with glorious humanity.

A convulsion of despair crossed the love-beaming face of Adrian, while with set teeth he murmured, “Yet they shall be saved!” Clara, visited by an human pang, pale and trembling, crept near him – he looked on her with an encouraging smile – “Do you fear, sweet girl? O, do not fear, we shall soon be on shore!”

The darkness prevented me from seeing the changes of her countenance; but her voice was clear and sweet, as she replied, “Why should I fear? Neither sea nor storm can harm us, if mighty destiny or the ruler of destiny does not permit. And then the stinging fear of surviving either of you, is not here – one death will clasp us undivided.”

Meanwhile we took in all our sails, save a gib; and, as soon as we might without danger, changed our course, running with the wind for the Italian shore. Dark night mixed everything; we hardly discerned the white crests of the murderous surges, except when lightning made brief noon, and drank the darkness, shewing us our danger, and restoring us to double night. We were all silent, except when Adrian, as steersman, made an encouraging observation. Our little shell obeyed the rudder miraculously well, and ran along on the top of the waves, as if she had been an offspring of the sea, and the angry mother sheltered her endangered child.

I sat at the prow, watching our course; when suddenly I heard the waters break with redoubled fury. We were certainly near the shore – at the same time I cried, “About there!” and a broad lightning filling the concave, shewed us for one moment the level beach a-head, disclosing even the sands, and stunted, ooze-sprinkled beds of reeds, that grew at high water mark. Again it was dark, and we drew in our breath with such content as one may, who, while fragments of volcano-hurled rock darken the air, sees a vast mass ploughing the ground immediately at his feet. What to do we knew not – the

breakers here, there, everywhere, encompassed us – they roared, and dashed, and flung their hated spray in our faces. With considerable difficulty and danger we succeeded at length in altering our course, and stretched out from shore. I urged my companions to prepare for the wreck of our little skiff, and to bind themselves to some oar or spar which might suffice to float them. I was myself an excellent swimmer – the very sight of the sea was wont to raise in me such sensations, as a huntsman experiences, when he hears a pack of hounds in full cry; I loved to feel the waves wrap me and strive to overpower me; while I, lord of myself, moved this way or that, in spite of their angry buffetings. Adrian also could swim – but the weakness of his frame prevented him from feeling pleasure in the exercise, or acquiring any great expertness. But what power could the strongest swimmer oppose to the overpowering violence of ocean in its fury? My efforts to prepare my companions were rendered nearly futile – for the roaring breakers prevented our hearing one another speak, and the waves, that broke continually over our boat, obliged me to exert all my strength in lading the water out, as fast as it came in. The while darkness, palpable and rayless, hemmed us round, dissipated only by the lightning; sometimes we beheld thunderbolts, fiery red, fall into the sea, and at intervals vast spouts stooped from the clouds, churning the wild ocean, which rose to meet them; while the fierce gale bore the rack onwards, and they were lost in the chaotic mingling of sky and sea. Our gunwales had been torn away, our single sail had been rent to ribbands, and borne down the stream of the wind. We had cut away our mast, and lightened the boat of all she contained – Clara attempted to assist me in heaving the water from the hold, and, as she turned her eyes to look on the lightning, I could discern by that momentary gleam, that resignation had

conquered every fear. We have a power given us in any worst extremity, which props the else feeble mind of man, and enables us to endure the most savage tortures with a stillness of soul which in hours of happiness we could not have imagined. A calm, more dreadful in truth than the tempest, allayed the wild beatings of my heart – a calm like that of the gamester, the suicide, and the murderer, when the last die is on the point of being cast – while the poisoned cup is at the lips, – as the death-blow is about to be given.

Hours passed thus – hours which might write old age on the face of beardless youth, and grizzle the silky hair of infancy – -hours, while the chaotic uproar continued, while each dread gust transcended in fury the one before, and our skiff hung on the breaking wave, and then rushed into the valley below, and trembled and spun between the watery precipices that seemed most to meet above her. For a moment the gale paused, and ocean sank to comparative silence – it was a breathless interval; the wind which, as a practised leaper, had gathered itself up before it sprung, now with terrific roar rushed over the sea, and the waves struck our stern. Adrian exclaimed that the rudder was gone; – “We are lost,” cried Clara, “Save yourselves – O save yourselves!” The lightning shewed me the poor girl half buried in the water at the bottom of the boat; as she was sinking in it Adrian caught her up, and sustained her in his arms. We were without a rudder – we rushed prow foremost into the vast billows piled up a-head – they broke over and filled the tiny skiff; one scream I heard – one cry that we were gone, I uttered; I found myself in the waters; darkness was around. When the light of the tempest flashed, I saw the keel of our upset boat close to me – I clung to this, grasping it with clenched hand and nails, while I endeavoured during each flash to discover any appearance of my companions. I thought I saw

Adrian at no great distance from me, clinging to an oar; I sprung from my hold, and with energy beyond my human strength, I dashed aside the waters as I strove to lay hold of him. As that hope failed, instinctive love of life animated me, and feelings of contention, as if a hostile will combated with mine. I breasted the surges, and flung them from me, as I would the opposing front and sharpened claws of a lion about to enfang my bosom. When I had been beaten down by one wave, I rose on another, while I felt bitter pride curl my lip.

Ever since the storm had carried us near the shore, we had never attained any great distance from it. With every flash I saw the bordering coast; yet the progress I made was small, while each wave, as it receded, carried me back into ocean's far abysses. At one moment I felt my foot touch the sand, and then again I was in deep water; my arms began to lose their power of motion; my breath failed me under the influence of the strangling waters – a thousand wild and delirious thoughts crossed me: as well as I can now recall them, my chief feeling was, how sweet it would be to lay my head on the quiet earth, where the surges would no longer strike my weakened frame, nor the sound of waters ring in my ears – to attain this repose, not to save my life, I made a last effort – the shelving shore suddenly presented a footing for me. I rose, and was again thrown down by the breakers – a point of rock to which I was enabled to cling, gave me a moment's respite; and then, taking advantage of the ebbing of the waves, I ran forwards – gained the dry sands, and fell senseless on the oozy reeds that sprinkled them.

I must have lain long deprived of life; for when first, with a sickening feeling, I unclosed my eyes, the light of morning met them. Great change had taken place meanwhile: grey dawn dappled the flying clouds, which sped onwards, leaving visible at intervals vast lakes of

pure ether. A fountain of light arose in an encreasing stream from the east, behind the waves of the Adriatic, changing the grey to a roseate hue, and then flooding sky and sea with aerial gold.

A kind of stupor followed my fainting; my senses were alive, but memory was extinct. The blessed respite was short – a snake lurked near me to sting me into life – on the first retrospective emotion I would have started up, but my limbs refused to obey me; my knees trembled, the muscles had lost all power. I still believed that I might find one of my beloved companions cast like me, half alive, on the beach; and I strove in every way to restore my frame to the use of its animal functions. I wrung the brine from my hair; and the rays of the risen sun soon visited me with genial warmth. With the restoration of my bodily powers, my mind became in some degree aware of the universe of misery, henceforth to be its dwelling. I ran to the water's edge, calling on the beloved names. Ocean drank in, and absorbed my feeble voice, replying with pitiless roar. I climbed a near tree: the level sands bounded by a pine forest, and the sea clipped round by the horizon, was all that I could discern. In vain I extended my researches along the beach; the mast we had thrown overboard, with tangled cordage, and remnants of a sail, was the sole relic land received of our wreck. Sometimes I stood still, and wrung my hands. I accused earth and sky – the universal machine and the Almighty power that misdirected it. Again I threw myself on the sands, and then the sighing wind, mimicking a human cry, roused me to bitter, fallacious hope. Assuredly if any little bark or smallest canoe had been near, I should have sought the savage plains of ocean, found the dear remains of my lost ones, and clinging round them, have shared their grave.

The day passed thus; each moment contained eternity; although when hour after hour had gone by, I wondered

at the quick flight of time. Yet even now I had not drunk the bitter potion to the dregs; I was not yet persuaded of my loss; I did not yet feel in every pulsation, in every nerve, in every thought, that I remained alone of my race, – that I was the LAST MAN.

The day had clouded over, and a drizzling rain set in at sunset. Even the eternal skies weep, I thought; is there any shame then, that mortal man should spend himself in tears? I remembered the ancient fables, in which human beings are described as dissolving away through weeping into ever-gushing fountains. Ah! that so it were; and then my destiny would be in some sort akin to the watery death of Adrian and Clara. Oh! grief is fantastic; it weaves a web on which to trace the history of its woe from every form and change around; it incorporates itself with all living nature; it finds sustenance in every object; as light, it fills all things, and, like light, it gives its own colours to all.

I had wandered in my search to some distance from the spot on which I had been cast, and came to one of those watch-towers, which at stated distances line the Italian shore. I was glad of shelter, glad to find a work of human hands, after I had gazed so long on nature’s drear barrenness; so I entered, and ascended the rough winding staircase into the guard-room. So far was fate kind, that no harrowing vestige remained of its former inhabitants; a few planks laid across two iron tressels, and strewed with the dried leaves of Indian corn, was the bed presented to me; and an open chest, containing some half mouldered biscuit, awakened an appetite, which perhaps existed before, but of which, until now, I was not aware. Thirst also, violent and parching, the result of the sea-water I had drank, and of the exhaustion of my frame, tormented me. Kind nature had gifted the supply of these wants with pleasurable sensations, so that I – even I! – was refreshed and

calmed, as I ate of this sorry fare, and drank a little of the sour wine which half filled a flask left in this abandoned dwelling. Then I stretched myself on the bed, not to be disdained by the victim of shipwreck. The earthy smell of the dried leaves was balm to my sense after the hateful odour of sea-weed. I forgot my state of loneliness. I neither looked backward nor forward; my senses were hushed to repose; I fell asleep and dreamed of all dear inland scenes, of hay-makers, of the shepherd’s whistle to his dog, when he demanded his help to drive the flock to fold; of sights and sounds peculiar to my boyhood’s mountain life, which I had long forgotten.

I awoke in a painful agony – for I fancied that ocean, breaking its bounds, carried away the fixed continent and deep rooted mountains, together with the streams I loved, the woods, and the flocks – it raged around, with that continued and dreadful roar which had accompanied the last wreck of surviving humanity. As my waking sense returned, the bare walls of the guard room closed round me, and the rain pattered against the single window. How dreadful it is, to emerge from the oblivion of slumber, and to receive as a good morrow the mute wailing of one’s own hapless heart – to return from the land of deceptive dreams, to the heavy knowledge of unchanged disaster! – Thus was it with me, now, and for ever! The sting of other griefs might be blunted by time; and even mine yielded sometimes during the day, to the pleasure inspired by the imagination or the senses; but I never look first upon the morning-light but with my fingers pressed tight on my bursting heart, and my soul deluged with the interminable flood of hopeless misery. Now I awoke for the first time in the dead world – I awoke alone – and the dull dirge of the sea, heard even amidst the rain, recalled me to the reflection of the wretch I had become. The sound came like a reproach, a

scoff – like the sting of remorse in the soul – I gasped – the veins and muscles of my throat swelled, suffocating me. I put my fingers to my ears, I buried my head in the leaves of my couch, I would have dived to the centre to lose hearing of that hideous moan.

But another task must be mine – again I visited the detested beach – again I vainly looked far and wide – again I raised my unanswered cry, lifting up the only voice that could ever again force the mute air to syllable the human thought.

What a pitiable, forlorn, disconsolate being I was! My very aspect and garb told the tale of my despair. My hair was matted and wild – my limbs soiled with salt ooze; while at sea, I had thrown off those of my garments that encumbered me, and the rain drenched the thin summer-clothing I had retained – my feet were bare, and the stunted reeds and broken shells made them bleed – the while, I hurried to and fro, now looking earnestly on some distant rock which, islanded in the sands, bore for a moment a deceptive appearance – now with flashing eyes reproaching the murderous ocean for its unutterable cruelty.

For a moment I compared myself to that monarch of the waste – Robinson Crusoe. We had been both thrown companionless – he on the shore of a desolate island: I on that of a desolate world. I was rich in the so called goods of life. If I turned my steps from the near barren scene, and entered any of the earth's million cities, I should find their wealth stored up for my accommodation – clothes, food, books, and a choice of dwelling beyond the command of the princes of former times – every climate was subject to my selection, while he was obliged to toil in the acquirement of every necessary, and was the inhabitant of a tropical island, against whose heats and storms he could obtain small shelter. – Viewing the question thus, who would not have

preferred the Sybarite enjoyments I could command, the philosophic leisure, and ample intellectual resources, to his life of labour and peril? Yet he was far happier than I: for he could hope, nor hope in vain – the destined vessel at last arrived, to bear him to countrymen and kindred, where the events of his solitude became a fire-side tale. To none could I ever relate the story of my adversity; no hope had I. He knew that, beyond the ocean which begirt his lonely island, thousands lived whom the sun enlightened when it shone also on him: beneath the meridian sun and visiting moon, I alone bore human features; I alone could give articulation to thought; and, when I slept, both day and night were unbeheld of any. He had fled from his fellows, and was transported with terror at the print of a human foot. I would have knelt down and worshipped the same. The wild and cruel Caribbee, the merciless Cannibal – or worse than these, the uncouth, brute, and remorseless veteran in the vices of civilization, would have been to me a beloved companion, a treasure dearly prized – his nature would be kin to mine; his form cast in the same mould; human blood would flow in his veins; a human sympathy must link us for ever. It cannot be that I shall never behold a fellow being more! – never! – never! – not in the course of years! – Shall I wake, and speak to none, pass the interminable hours, my soul, islanded in the world, a solitary point, surrounded by vacuum? Will day follow day endlessly thus? – No! no! a God rules the world – providence has not exchanged its golden sceptre for an aspic’s sting. Away! let me fly from the ocean-grave, let me depart from this barren nook, paled in, as it is, from access by its own desolateness; let me tread once again the paved towns; step over the threshold of man’s dwellings, and most certainly I shall find this thought a horrible vision – a maddening, but evanescent dream.

I entered Ravenna, (the town nearest to the spot whereon I had been cast), before the second sun had set on the empty world; I saw many living creatures; oxen, and horses, and dogs, but there was no man among them; I entered a cottage, it was vacant; I ascended the marble stairs of a palace, the bats and the owls were nestled in the tapestry; I stepped softly, not to awaken the sleeping town: I rebuked a dog, that by yelping disturbed the sacred stillness; I would not believe that all was as it seemed – The world was not dead, but I was mad; I was deprived of sight, hearing, and sense of touch; I was labouring under the force of a spell, which permitted me to behold all sights of earth, except its human inhabitants; they were pursuing their ordinary labours. Every house had its inmate; but I could not perceive them. If I could have deluded myself into a belief of this kind, I should have been far more satisfied. But my brain, tenacious of its reason, refused to lend itself to such imaginations – and though I endeavoured to play the antic to myself, I knew that I, the offspring of man, during long years one among many – now remained sole survivor of my species.

The sun sank behind the western hills; I had fasted since the preceding evening, but, though faint and weary, I loathed food, nor ceased, while yet a ray of light remained, to pace the lonely streets. Night came on, and sent every living creature but me to the bosom of its mate. It was my solace, to blunt my mental agony by personal hardship – of the thousand beds around, I would not seek the luxury of one; I lay down on the pavement, – a cold marble step served me for a pillow – midnight came; and then, though not before, did my wearied lids shut out the sight of the twinkling stars, and their reflex on the pavement near. Thus I passed the second night of my desolation.

CHAPTER X

I AWOKE in the morning, just as the higher windows of the lofty houses received the first beams of the rising sun. The birds were chirping, perched on the windows sills and deserted thresholds of the doors. I awoke, and my first thought was, Adrian and Clara are dead. I no longer shall be hailed by their good-morrow – or pass the long day in their society. I shall never see them more. The ocean has robbed me of them – stolen their hearts of love from their breasts, and given over to corruption what was dearer to me than light, or life, or hope.

I was an untaught shepherd-boy, when Adrian deigned to confer on me his friendship. The best years of my life had been passed with him. All I had possessed of this world's goods, of happiness, knowledge, or virtue – I owed to him. He had, in his person, his intellect, and rare qualities, given a glory to my life, which without him it had never known. Beyond all other beings he had taught me, that goodness, pure and single, can be an attribute of man. It was a sight for angels to congregate to behold, to view him lead, govern, and solace, the last days of the human race.

My lovely Clara also was lost to me – she who last of the daughters of man, exhibited all those feminine and maiden virtues, which poets, painters, and sculptors, have in their various languages strove to express. Yet, as far as she was concerned, could I lament that she was removed in early youth from the certain advent of misery? Pure she was of soul, and all her intents were holy. But her heart was the throne of love, and the

sensibility her lovely countenance expressed, was the prophet of many woes, not the less deep and drear, because she would have for ever concealed them.

These two wondrously endowed beings had been spared from the universal wreck, to be my companions during the last year of solitude. I had felt, while they were with me, all their worth. I was conscious that every other sentiment, regret, or passion had by degrees merged into a yearning, clinging affection for them. I had not forgotten the sweet partner of my youth, mother of my children, my adored Idris; but I saw at least a part of her spirit alive again in her brother; and after, that by Evelyn's death I had lost what most dearly recalled her to me; I enshrined her memory in Adrian's form, and endeavoured to confound the two dear ideas. I sound the depths of my heart, and try in vain to draw thence the expressions that can typify my love for these remnants of my race. If regret and sorrow came athwart me, as well it might in our solitary and uncertain state, the clear tones of Adrian's voice, and his fervent look, dissipated the gloom; or I was cheered unaware by the mild content and sweet resignation Clara's cloudless brow and deep blue eyes expressed. They were all to me – the suns of my benighted soul – repose in my weariness – slumber in my sleepless woe. Ill, most ill, with disjointed words, bare and weak, have I expressed the feeling with which I clung to them. I would have wound myself like ivy inextricably round them, so that the same blow might destroy us. I would have entered and been a part of them – so that

If the dull substance of my flesh were thought,

even now I had accompanied them to their new and incommunicable abode.

Never shall I see them more. I am bereft of their dear converse – bereft of sight of them. I am a tree rent by

lightning; never will the bark close over the bared fibres – never will their quivering life, torn by the winds, receive the opiate of a moment's balm. I am alone in the world – but that expression as yet was less pregnant with misery, than that Adrian and Clara are dead.

The tide of thought and feeling rolls on for ever the same, though the banks and shapes around, which govern its course, and the reflection in the wave, vary. Thus the sentiment of immediate loss in some sort decayed, while that of utter, irremediable loneliness grew on me with time. Three days I wandered through Ravenna – now thinking only of the beloved beings who slept in the oozy caves of ocean – now looking forward on the dread blank before me; shuddering to make an onward step – writhing at each change that marked the progress of the hours.

For three days I wandered to and fro in this melancholy town. I passed whole hours in going from house to house, listening whether I could detect some lurking sign of human existence. Sometimes I rang at a bell; it tinkled through the vaulted rooms, and silence succeeded to the sound. I called myself hopeless, yet still I hoped; and still disappointment ushered in the hours, intruding the cold, sharp steel which first pierced me, into the aching festering wound. I fed like a wild beast, which seizes its food only when stung by intolerable hunger. I did not change my garb, or seek the shelter of a roof, during all those days. Burning heats, nervous irritation, a ceaseless, but confused flow of thought, sleepless nights, and days instinct with a frenzy of agitation, possessed me during that time.

As the fever of my blood encreased, a desire of wandering came upon me. I remember, that the sun had set on the fifth day after my wreck, when, without purpose or aim, I quitted the town of Ravenna. I must have been very ill. Had I been possessed by more or less

of delirium, that night had surely been my last; for, as I continued to walk on the banks of the Mantone, whose upward course I followed, I looked wistfully on the stream, acknowledging to myself that its pellucid waves could medicine my woes for ever, and was unable to account to myself for my tardiness in seeking their shelter from the poisoned arrows of thought, that were piercing me through and through. I walked a considerable part of the night, and excessive weariness at length conquered my repugnance to the availing myself of the deserted habitations of my species. The waning moon, which had just risen, shewed me a cottage, whose neat entrance and trim garden reminded me of my own England. I lifted up the latch of the door and entered. A kitchen first presented itself, where, guided by the moon beams, I found materials for striking a light. Within this was a bed room; the couch was furnished with sheets of snowy whiteness; the wood piled on the hearth, and an array as for a meal, might almost have deceived me into the dear belief that I had here found what I had so long sought – one survivor, a companion for my loneliness, a solace to my despair. I steeled myself against the delusion; the room itself was vacant: it was only prudent, I repeated to myself, to examine the rest of the house. I fancied that I was proof against the expectation; yet my heart beat audibly, as I laid my hand on the lock of each door, and it sunk again, when I perceived in each the same vacancy. Dark and silent they were as vaults; so I returned to the first chamber, wondering what sightless host had spread the materials for my repast, and my repose. I drew a chair to the table, and examined what the viands were of which I was to partake. In truth it was a death feast! The bread was blue and mouldy; the cheese lay a heap of dust. I did not dare examine the other dishes; a troop of ants passed in a double line across the table cloth; every

utensil was covered with dust, with cobwebs, and myriads of dead flies: these were objects each and all betokening the fallaciousness of my expectations. Tears rushed into my eyes; surely this was a wanton display of the power of the destroyer. What had I done, that each sensitive nerve was thus to be anatomized? Yet why complain more now than ever? This vacant cottage revealed no new sorrow – the world was empty; mankind was dead – I knew it well – why quarrel therefore with an acknowledged and stale truth? Yet, as I said, I had hoped in the very heart of despair, so that every new impression of the hard-cut reality on my soul brought with it a fresh pang, telling me the yet unstudied lesson, that neither change of place nor time could bring alleviation to my misery, but that, as I now was, I must continue, day after day, month after month, year after year, while I lived. I hardly dared conjecture what space of time that expression implied. It is true, I was no longer in the first blush of manhood; neither had I declined far in the vale of years – men have accounted mine the prime of life: I had just entered my thirty-seventh year; every limb was as well knit, every articulation as true, as when I had acted the shepherd on the hills of Cumberland; and with these advantages I was to commence the train of solitary life. Such were the reflections that ushered in my slumber on that night.

The shelter, however, and less disturbed repose which I enjoyed, restored me the following morning to a greater portion of health and strength, than I had experienced since my fatal shipwreck. Among the stores I had discovered on searching the cottage the preceding night, was a quantity of dried grapes; these refreshed me in the morning, as I left my lodging and proceeded towards a town which I discerned at no great distance. As far as I could divine, it must have been Forli. I entered with pleasure its wide and grassy streets. All, it

is true, pictured the excess of desolation; yet I loved to find myself in those spots which had been the abode of my fellow creatures. I delighted to traverse street after street, to look up at the tall houses, and repeat to myself, once they contained beings similar to myself – I was not always the wretch I am now. The wide square of Forli, the arcade around it, its light and pleasant aspect cheered me. I was pleased with the idea, that, if the earth should be again peopled, we, the lost race, would, in the relics left behind, present no contemptible exhibition of our powers to the new comers.

I entered one of the palaces, and opened the door of a magnificent saloon. I started – I looked again with renewed wonder. What wild-looking, unkempt, half-naked savage was that before me? The surprise was momentary.

I perceived that it was I myself whom I beheld in a large mirror at the end of the hall. No wonder that the lover of the princely Idris should fail to recognize himself in the miserable object there pourtrayed. My tattered dress was that in which I had crawled half alive from the tempestuous sea. My long and tangled hair hung in elf locks on my brow – my dark eyes, now hollow and wild, gleamed from under them – my cheeks were discoloured by the jaundice, which (the effect of misery and neglect) suffused my skin, and were half hid by a beard of many days' growth.

Yet why should I not remain thus, I thought; the world is dead, and this squalid attire is a fitter mourning garb than the foppery of a black suit. And thus, methinks, I should have remained, had not hope, without which I do not believe man could exist, whispered to me, that, in such a plight, I should be an object of fear and aversion to the being, preserved I knew not where, but I fondly trusted, at length, to be found by me. Will my readers scorn the vanity, that made me attire myself with some

care, for the sake of this visionary being? Or will they forgive the freaks of a half crazed imagination? I can easily forgive myself – for hope, however vague, was so dear to me, and a sentiment of pleasure of so rare occurrence, that I yielded readily to any idea, that cherished the one, or promised any recurrence of the former to my sorrowing heart. After such occupation, I visited every street, alley, and nook of Forli. These Italian towns presented an appearance of still greater desolation, than those of England or France. Plague had appeared here earlier – it had finished its course, and achieved its work much sooner than with us. Probably the last summer had found no human being alive, in all the track included between the shores of Calabria and the northern Alps. My search was utterly vain, yet I did not despond. Reason methought was on my side; and the chances were by no means contemptible, that there should exist in some part of Italy a survivor like myself – of a wasted, depopulate land. As therefore I rambled through the empty town, I formed my plan for future operations. I would continue to journey on towards Rome. After I should have satisfied myself, by a narrow search, that I left behind no human being in the towns through which I passed, I would write up in a conspicuous part of each, with white paint, in three languages, that “Verney, the last of the race of Englishmen, had taken up his abode in Rome.”

In pursuance of this scheme, I entered a painter’s shop, and procured myself the paint. It is strange that so trivial an occupation should have consoled, and even enlivened me. But grief renders one childish, despair fantastic. To this simple inscription, I merely added the adjuration, “Friend, come! I wait for thee! – Deh, vieni! ti aspetto!” On the following morning, with something like hope for my companion, I quitted Forli on my way to Rome. Until now, agonizing retrospect, and dreary

prospects for the future, had stung me when awake, and cradled me to my repose. Many times I had delivered myself up to the tyranny of anguish – many times I resolved a speedy end to my woes; and death by my own hands was a remedy, whose practicability was even cheering to me. What could I fear in the other world? If there were an hell, and I were doomed to it, I should come an adept to the sufferance of its tortures – the act were easy, the speedy and certain end of my deplorable tragedy. But now these thoughts faded before the new born expectation. I went on my way, not as before, feeling each hour, each minute, to be an age instinct with incalculable pain.

As I wandered along the plain, at the foot of the Appennines – through their vallies, and over their bleak summits, my path led me through a country which had been trodden by heroes, visited and admired by thousands. They had, as a tide, receded, leaving me blank and bare in the midst. But why complain? Did I not hope? – so I schooled myself, even after the enlivening spirit had really deserted me, and thus I was obliged to call up all the fortitude I could command, and that was not much, to prevent a recurrence of that chaotic and intolerable despair, that had succeeded to the miserable shipwreck, that had consummated every fear, and dashed to annihilation every joy.

I rose each day with the morning sun, and left my desolate inn. As my feet strayed through the unpeopled country, my thoughts rambled through the universe, and I was least miserable when I could, absorbed in reverie, forget the passage of the hours. Each evening, in spite of weariness, I detested to enter any dwelling, there to take up my nightly abode – I have sat, hour after hour, at the door of the cottage I had selected, unable to lift the latch, and meet face to face blank desertion within. Many nights, though autumnal mists were spread

around, I passed under an ilex – many times I have supped on arbutus berries and chestnuts, making a fire, gypsy-like, on the ground – because wild natural scenery reminded me less acutely of my hopeless state of loneliness. I counted the days, and bore with me a peeled willow-wand, on which, as well as I could remember, I had notched the days that had elapsed since my wreck, and each night I added another unit to the melancholy sum.

I had toiled up a hill which led to Spoleto. Around was spread a plain, encircled by the chestnut-covered Appennines. A dark ravine was on one side, spanned by an aqueduct, whose tall arches were rooted in the dell below, and attested that man had once deigned to bestow labour and thought here, to adorn and civilize nature. Savage, ungrateful nature, which in wild sport defaced his remains, protruding her easily renewed, and fragile growth of wild flowers and parasite plants around his eternal edifices. I sat on a fragment of rock, and looked round. The sun had bathed in gold the western atmosphere, and in the east the clouds caught the radiance, and budded into transient loveliness. It set on a world that contained me alone for its inhabitant. I took out my wand – I counted the marks. Twenty-five were already traced – twenty-five days had already elapsed, since human voice had gladdened my ears, or human countenance met my gaze. Twenty-five long, weary days, succeeded by dark and lonesome nights, had mingled with foregone years, and had become a part of the past – the never to be recalled – a real, undeniable portion of my life – twenty-five long, long days.

Why this was not a month! – Why talk of days – or weeks – or months – I must grasp years in my imagination, if I would truly picture the future to myself – three, five, ten, twenty, fifty anniversaries of that fatal epoch might elapse – every year containing twelve

months, each of more numerous calculation in a diary, than the twenty-five days gone by – Can it be? Will it be? – We had been used to look forward to death tremulously – wherefore, but because its place was obscure? But more terrible, and far more obscure, was the unveiled course of my lone futurity. I broke my wand; I threw it from me. I needed no recorder of the inch and barley-corn growth of my life, while my unquiet thoughts created other divisions, than those ruled over by the planets – and, in looking back on the age that had elapsed since I had been alone, I disdained to give the name of days and hours to the throes of agony which had in truth portioned it out.

I hid my face in my hands. The twitter of the young birds going to rest, and their rustling among the trees, disturbed the still evening-air – the crickets chirped – the aziolo cooed at intervals. My thoughts had been of death – these sounds spoke to me of life. I lifted up my eyes – a bat wheeled round – the sun had sunk behind the jagged line of mountains, and the paly, crescent moon was visible, silver white, amidst the orange sunset, and accompanied by one bright star, prolonged thus the twilight. A herd of cattle passed along in the dell below, untended, towards their watering place – the grass was rustled by a gentle breeze, and the olive-woods, mellowed into soft masses by the moonlight, contrasted their sea-green with the dark chestnut foliage. Yes, this is the earth; there is no change – no ruin – no rent made in her verdurous expanse; she continues to wheel round and round, with alternate night and day, through the sky, though man is not her adorner or inhabitant. Why could I not forget myself like one of those animals, and no longer suffer the wild tumult of misery that I endure? Yet, ah! what a deadly breach yawns between their state and mine! Have not they companions? Have not they each their mate – their cherished young, their home,

which, though unexpressed to us, is, I doubt not, endeared and enriched, even in their eyes, by the society which kind nature has created for them? It is I only that am alone – I, on this little hill top, gazing on plain and mountain recess – on sky, and its starry population, listening to every sound of earth, and air, and murmuring wave, – I only cannot express to any companion my many thoughts, nor lay my throbbing head on any loved bosom, nor drink from meeting eyes an intoxicating dew, that transcends the fabulous nectar of the gods. Shall I not then complain? Shall I not curse the murderous engine which has mowed down the children of men, my brethren? Shall I not bestow a malediction on every other of nature's offspring, which dares live and enjoy, while I live and suffer?

Ah, no! I will discipline my sorrowing heart to sympathy in your joys; I will be happy, because ye are so. Live on, ye innocents, nature's selected darlings; I am not much unlike to you. Nerves, pulse, brain, joint, and flesh, of such am I composed, and ye are organized by the same laws. I have something beyond this, but I will call it a defect, not an endowment, if it leads me to misery, while ye are happy. Just then, there emerged from a near copse two goats and a little kid, by the mother's side; they began to browze the herbage of the hill. I approached near to them, without their perceiving me; I gathered a handful of fresh grass, and held it out; the little one nestled close to its mother, while she timidly withdrew. The male stepped forward, fixing his eyes on me: I drew near, still holding out my lure, while he, depressing his head, rushed at me with his horns. I was a very fool; I knew it, yet I yielded to my rage. I snatched up a huge fragment of rock; it would have crushed my rash foe. I poized it – aimed it – then my heart failed me. I hurled it wide of the mark; it rolled clattering among the bushes into dell. My little visitants,

all aghast, galloped back into the covert of the wood; while I, my very heart bleeding and torn, rushed down the hill, and by the violence of bodily exertion, sought to escape from my miserable self.

No, no, I will not live among the wild scenes of nature, the enemy of all that lives. I will seek the towns – Rome, the capital of the world, the crown of man's achievements. Among its storied streets, hallowed ruins, and stupendous remains of human exertion, I shall not, as here, find every thing forgetful of man; trampling on his memory, defacing his works, proclaiming from hill to hill, and vale to vale, – by the torrents freed from the boundaries which he imposed – by the vegetation liberated from the laws which he enforced – by his habitation abandoned to mildew and weeds, that his power is lost, his race annihilated for ever.

I hailed the Tiber, for that was as it were an unalienable possession of humanity. I hailed the wild Campagna, for every rood had been trod by man; and its savage uncultivation, of no recent date, only proclaimed more distinctly his power, since he had given an honourable name and sacred title to what else would have been a worthless, barren track. I entered Eternal Rome by the Porta del Popolo, and saluted with awe its time-honoured space. The wide square, the churches near, the long extent of the Corso, the near eminence of Trinita de' Monti appeared like fairy work, they were so silent, so peaceful, and so very fair. It was evening; and the population of animals which still existed in this mighty city, had gone to rest; there was no sound, save the murmur of its many fountains, whose soft monotony was harmony to my soul. The knowledge that I was in Rome, soothed me; that wondrous city, hardly more illustrious for its heroes and sages, than for the power it exercised over the imaginations of men. I went to rest

that night; the eternal burning of my heart quenched, – my senses tranquil.

The next morning I eagerly began my rambles in search of oblivion. I ascended the many terraces of the garden of the Colonna Palace, under whose roof I had been sleeping; and passing out from it at its summit, I found myself on Monte Cavallo. The fountain sparkled in the sun; the obelisk above pierced the clear dark-blue air. The statues on each side, the works, as they are inscribed, of Phidias and Praxiteles, stood in undiminished grandeur, representing Castor and Pollux, who with majestic power tamed the rearing animal at their side. If those illustrious artists had in truth chiselled these forms, how many passing generations had their giant proportions outlived! and now they were viewed by the last of the species they were sculptured to represent and deify. I had shrunk into insignificance in my own eyes, as I considered the multitudinous beings these stone demigods had outlived, but this after-thought restored me to dignity in my own conception. The sight of the poetry eternized in these statues, took the sting from the thought, arraying it only in poetic ideality.

I repeated to myself, – I am in Rome! I behold, and as it were, familiarly converse with the wonder of the world, sovereign mistress of the imagination, majestic and eternal survivor of millions of generations of extinct men. I endeavoured to quiet the sorrows of my aching heart, by even now taking an interest in what in my youth I had ardently longed to see. Every part of Rome is replete with relics of ancient times. The meanest streets are strewed with truncated columns, broken capitals – Corinthian and Ionic, and sparkling fragments of granite or porphyry. The walls of the most penurious dwellings enclose a fluted pillar or ponderous stone, which once made part of the palace of the Caesars; and the voice of

dead time, in still vibrations, is breathed from these dumb things, animated and glorified as they were by man.

I embraced the vast columns of the temple of Jupiter Stator, which survives in the open space that was the Forum, and leaning my burning cheek against its cold durability, I tried to lose the sense of present misery and present desertion, by recalling to the haunted cell of my brain vivid memories of times gone by. I rejoiced at my success, as I figured Camillus, the Gracchi, Cato, and last the heroes of Tacitus, which shine meteors of surpassing brightness during the murky night of the empire; – as the verses of Horace and Virgil, or the glowing periods of Cicero thronged into the opened gates of my mind, I felt myself exalted by long forgotten enthusiasm. I was delighted to know that I beheld the scene which they beheld – the scene which their wives and mothers, and crowds of the unnamed witnessed, while at the same time they honoured, applauded, or wept for these matchless specimens of humanity. At length, then, I had found a consolation. I had not vainly sought the storied precincts of Rome – I had discovered a medicine for my many and vital wounds.

I sat at the foot of these vast columns. The Coliseum, whose naked ruin is robed by nature in a verdurous and glowing veil, lay in the sunlight on my right. Not far off, to the left, was the Tower of the Capitol. Triumphal arches, the falling walls of many temples, strewed the ground at my feet. I strove, I resolved, to force myself to see the Plebeian multitude and lofty Patrician forms congregated around; and, as the Diorama of ages passed across my subdued fancy, they were replaced by the modern Roman; the Pope, in his white stole, distributing benedictions to the kneeling worshippers; the friar in his cowl; the dark-eyed girl, veiled by her mezzera; the noisy, sun-burnt rustic, leading his heard of buffaloes

and oxen to the Campo Vaccino. The romance with which, dipping our pencils in the rainbow hues of sky and transcendent nature, we to a degree gratuitously endow the Italians, replaced the solemn grandeur of antiquity. I remembered the dark monk, and floating figures of “The Italian,” and how my boyish blood had thrilled at the description. I called to mind Corinna ascending the Capitol to be crowned, and, passing from the heroine to the author, reflected how the Enchantress Spirit of Rome held sovereign sway over the minds of the imaginative, until it rested on me – sole remaining spectator of its wonders.

I was long wrapt by such ideas; but the soul wearies of a pauseless flight; and, stooping from its wheeling circuits round and round this spot, suddenly it fell ten thousand fathom deep, into the abyss of the present – into self-knowledge – into tenfold sadness. I roused myself – I cast off my waking dreams; and I, who just now could almost hear the shouts of the Roman throng, and was hustled by countless multitudes, now beheld the desart ruins of Rome sleeping under its own blue sky; the shadows lay tranquilly on the ground; sheep were grazing untended on the Palatine, and a buffalo stalked down the Sacred Way that led to the Capitol. I was alone in the Forum; alone in Rome; alone in the world. Would not one living man – one companion in my weary solitude, be worth all the glory and remembered power of this time-honoured city? Double sorrow – sadness, bred in Cimmerian caves, robed my soul in a mourning garb. The generations I had conjured up to my fancy, contrasted more strongly with the end of all – the single point in which, as a pyramid, the mighty fabric of society had ended, while I, on the giddy height, saw vacant space around me.

From such vague laments I turned to the contemplation of the minutiae of my situation. So far, I had not

succeeded in the sole object of my desires, the finding a companion for my desolation. Yet I did not despair. It is true that my inscriptions were set up for the most part, in insignificant towns and villages; yet, even without these memorials, it was possible that the person, who like me should find himself alone in a depopulate land, should, like me, come to Rome. The more slender my expectation was, the more I chose to build on it, and to accommodate my actions to this vague possibility.

It became necessary therefore, that for a time I should domesticate myself at Rome. It became necessary, that I should look my disaster in the face – not playing the school-boy's part of obedience without submission; enduring life, and yet rebelling against the laws by which I lived.

Yet how could I resign myself? Without love, without sympathy, without communion with any, how could I meet the morning sun, and with it trace its oft repeated journey to the evening shades? Why did I continue to live – why not throw off the weary weight of time, and with my own hand, let out the fluttering prisoner from my agonized breast? – It was not cowardice that withheld me; for the true fortitude was to endure; and death had a soothing sound accompanying it, that would easily entice me to enter its demesne. But this I would not do. I had, from the moment I had reasoned on the subject, instituted myself the subject to fate, and the servant of necessity, the visible laws of the invisible God – I believed that my obedience was the result of sound reasoning, pure feeling, and an exalted sense of the true excellence and nobility of my nature. Could I have seen in this empty earth, in the seasons and their change, the hand of a blind power only, most willingly would I have placed my head on the sod, and closed my eyes on its loveliness for ever. But fate had administered life to me, when the plague had already seized on its prey – she had

dragged me by the hair from out the strangling waves – By such miracles she had bought me for her own; I admitted her authority, and bowed to her decrees. If, after mature consideration, such was my resolve, it was doubly necessary that I should not lose the end of life, the improvement of my faculties, and poison its flow by repinings without end. Yet how cease to repine, since there was no hand near to extract the barbed spear that had entered my heart of hearts? I stretched out my hand, and it touched none whose sensations were responsive to mine. I was girded, walled in, vaulted over, by seven-fold barriers of loneliness. Occupation alone, if I could deliver myself up to it, would be capable of affording an opiate to my sleepless sense of woe. Having determined to make Rome my abode, at least for some months, I made arrangements for my accommodation – I selected my home. The Colonna Palace was well adapted for my purpose. Its grandeur – its treasure of paintings, its magnificent halls were objects soothing and even exhilarating.

I found the granaries of Rome well stored with grain, and particularly with Indian corn; this product requiring less art in its preparation for food, I selected as my principal support. I now found the hardships and lawlessness of my youth turn to account. A man cannot throw off the habits of sixteen years. Since that age, it is true, I had lived luxuriously, or at least surrounded by all the conveniences civilization afforded. But before that time, I had been “as uncouth a savage, as the wolf-bred founder of old Rome” – and now, in Rome itself, robber and shepherd propensities, similar to those of its founder, were of advantage to its sole inhabitant. I spent the morning riding and shooting in the Campagna – I passed long hours in the various galleries – I gazed at each statue, and lost myself in a reverie before many a fair Madonna or beauteous nymph. I haunted the

Vatican, and stood surrounded by marble forms of divine beauty. Each stone deity was possessed by sacred gladness, and the eternal fruition of love. They looked on me with unsympathizing complacency, and often in wild accents I reproached them for their supreme indifference – for they were human shapes, the human form divine was manifest in each fairest limb and lineament. The perfect moulding brought with it the idea of colour and motion; often, half in bitter mockery, half in self-delusion, I clasped their icy proportions, and, coming between Cupid and his Psyche's lips, pressed the unconceiving marble.

I endeavoured to read. I visited the libraries of Rome. I selected a volume, and, choosing some sequestered, shady nook, on the banks of the Tiber, or opposite the fair temple in the Borghese Gardens, or under the old pyramid of Cestius, I endeavoured to conceal me from myself, and immerse myself in the subject traced on the pages before me. As if in the same soil you plant nightshade and a myrtle tree, they will each appropriate the mould, moisture, and air administered, for the fostering their several properties – so did my grief find sustenance, and power of existence, and growth, in what else had been divine manna, to feed radiant meditation. Ah! while I streak this paper with the tale of what my so named occupations were – while I shape the skeleton of my days – my hand trembles – my heart pants, and my brain refuses to lend expression, or phrase, or idea, by which to image forth the veil of unutterable woe that clothed these bare realities. O, worn and beating heart, may I dissect thy fibres, and tell how in each unmitigable misery, sadness dire, repinings, and despair, existed? May I record my many ravings – the wild curses I hurled at torturing nature – and how I have passed days shut out from light and food – from all except the burning hell alive in my own bosom?

I was presented, meantime, with one other occupation, the one best fitted to discipline my melancholy thoughts, which strayed backwards, over many a ruin, and through many a flowery glade, even to the mountain recess, from which in early youth I had first emerged.

During one of my rambles through the habitations of Rome, I found writing materials on a table in an author's study. Parts of a manuscript lay scattered about. It contained a learned disquisition on the Italian language; one page an unfinished dedication to posterity, for whose profit the writer had sifted and selected the niceties of this harmonious language – to whose everlasting benefit he bequeathed his labours.

I also will write a book, I cried – for whom to read? – to whom dedicated? And then with silly flourish (what so capricious and childish as despair?) I wrote, DEDICATION TO THE ILLUSTRIOUS DEAD. SHADOWS, ARISE, AND READ YOUR FALL! BEHOLD THE HISTORY OF THE LAST MAN.

Yet, will not this world be re-peopled, and the children of a saved pair of lovers, in some to me unknown and unattainable seclusion, wandering to these prodigious relics of the ante-pestilential race, seek to learn how beings so wondrous in their achievements, with imaginations infinite, and powers godlike, had departed from their home to an unknown country?

I will write and leave in this most ancient city, this "world's sole monument," a record of these things. I will leave a monument of the existence of Verney, the Last Man. At first I thought only to speak of plague, of death, and last, of desertion; but I lingered fondly on my early years, and recorded with sacred zeal the virtues of my companions. They have been with me during the fulfilment of my task. I have brought it to an end – I lift my eyes from my paper – again they are lost to me. Again I feel that I am alone.

A year has passed since I have been thus occupied. The seasons have made their wonted round, and decked this eternal city in a changeful robe of surpassing beauty. A year has passed; and I no longer guess at my state or my prospects – loneliness is my familiar, sorrow my inseparable companion. I have endeavoured to brave the storm – I have endeavoured to school myself to fortitude – I have sought to imbue myself with the lessons of wisdom. It will not do. My hair has become nearly grey – my voice, unused now to utter sound, comes strangely on my ears. My person, with its human powers and features, seem to me a monstrous excrescence of nature. How express in human language a woe human being until this hour never knew! How give intelligible expression to a pang none but I could ever understand! – No one has entered Rome. None will ever come. I smile bitterly at the delusion I have so long nourished, and still more, when I reflect that I have exchanged it for another as delusive, as false, but to which I now cling with the same fond trust.

Winter has come again; and the gardens of Rome have lost their leaves – the sharp air comes over the Campagna, and has driven its brute inhabitants to take up their abode in the many dwellings of the deserted city – frost has suspended the gushing fountains – and Trevi has stilled her eternal music. I had made a rough calculation, aided by the stars, by which I endeavoured to ascertain the first day of the new year. In the old out-worn age, the Sovereign Pontiff was used to go in solemn pomp, and mark the renewal of the year by driving a nail in the gate of the temple of Janus. On that day I ascended St. Peter’s, and carved on its topmost stone the aera 2100, last year of the world!

My only companion was a dog, a shaggy fellow, half water and half shepherd’s dog, whom I found tending sheep in the Campagna. His master was dead, but

nevertheless he continued fulfilling his duties in expectation of his return. If a sheep strayed from the rest, he forced it to return to the flock, and sedulously kept off every intruder. Riding in the Campagna I had come upon his sheep-walk, and for some time observed his repetition of lessons learned from man, now useless, though unforgotten. His delight was excessive when he saw me. He sprung up to my knees; he capered round and round, wagging his tail, with the short, quick bark of pleasure: he left his fold to follow me, and from that day has never neglected to watch by and attend on me, shewing boisterous gratitude whenever I caressed or talked to him. His pattering steps and mine alone were heard, when we entered the magnificent extent of nave and aisle of St. Peter’s. We ascended the myriad steps together, when on the summit I achieved my design, and in rough figures noted the date of the last year. I then turned to gaze on the country, and to take leave of Rome. I had long determined to quit it, and I now formed the plan I would adopt for my future career, after I had left this magnificent abode.

A solitary being is by instinct a wanderer, and that I would become. A hope of amelioration always attends on change of place, which would even lighten the burthen of my life. I had been a fool to remain in Rome all this time: Rome noted for Malaria, the famous caterer for death. But it was still possible, that, could I visit the whole extent of earth, I should find in some part of the wide extent a survivor. Methought the sea-side was the most probable retreat to be chosen by such a one. If left alone in an inland district, still they could not continue in the spot where their last hopes had been extinguished; they would journey on, like me, in search of a partner for their solitude, till the watery barrier stopped their further progress.

To that water – cause of my woes, perhaps now to be their cure, I would betake myself. Farewell, Italy! – farewell, thou ornament of the world, matchless Rome, the retreat of the solitary one during long months! – to civilized life – to the settled home and succession of monotonous days, farewell! Peril will now be mine; and I hail her as a friend – death will perpetually cross my path, and I will meet him as a benefactor; hardship, inclement weather, and dangerous tempests will be my sworn mates. Ye spirits of storm, receive me! ye powers of destruction, open wide your arms, and clasp me for ever! if a kinder power have not decreed another end, so that after long endurance I may reap my reward, and again feel my heart beat near the heart of another like to me.

Tiber, the road which is spread by nature's own hand, threading her continent, was at my feet, and many a boat was tethered to the banks. I would with a few books, provisions, and my dog, embark in one of these and float down the current of the stream into the sea; and then, keeping near land, I would coast the beauteous shores and sunny promontories of the blue Mediterranean, pass Naples, along Calabria, and would dare the twin perils of Scylla and Charybdis; then, with fearless aim, (for what had I to lose?) skim ocean's surface towards Malta and the further Cyclades. I would avoid Constantinople, the sight of whose well-known towers and inlets belonged to another state of existence from my present one; I would coast Asia Minor, and Syria, and, passing the seven-mouthed Nile, steer northward again, till losing sight of forgotten Carthage and deserted Lybia, I should reach the pillars of Hercules. And then – no matter where – the oozy caves, and soundless depths of ocean may be my dwelling, before I accomplish this long-drawn voyage, or the arrow of disease find my heart as I float singly on the

weltering Mediterranean; or, in some place I touch at, I may find what I seek – a companion; or if this may not be – to endless time, decrepid and grey headed – youth already in the grave with those I love – the lone wanderer will still unfurl his sail, and clasp the tiller – and, still obeying the breezes of heaven, for ever round another and another promontory, anchoring in another and another bay, still ploughing seedless ocean, leaving behind the verdant land of native Europe, adown the tawny shore of Africa, having weathered the fierce seas of the Cape, I may moor my worn skiff in a creek, shaded by spicy groves of the odorous islands of the far Indian ocean.

These are wild dreams. Yet since, now a week ago, they came on me, as I stood on the height of St. Peter's, they have ruled my imagination. I have chosen my boat, and laid in my scant stores. I have selected a few books; the principal are Homer and Shakespeare – But the libraries of the world are thrown open to me – and in any port I can renew my stock. I form no expectation of alteration for the better; but the monotonous present is intolerable to me. Neither hope nor joy are my pilots – restless despair and fierce desire of change lead me on. I long to grapple with danger, to be excited by fear, to have some task, however slight or voluntary, for each day's fulfilment. I shall witness all the variety of appearance, that the elements can assume – I shall read fair augury in the rainbow – menace in the cloud – some lesson or record dear to my heart in everything. Thus around the shores of deserted earth, while the sun is high, and the moon waxes or wanes, angels, the spirits of the dead, and the ever-open eye of the Supreme, will behold the tiny bark, freighted with Verney – the LAST MAN.

THE END.

{1} Avernus: lago formado numa região vulcânica próxima ao Vesúsio e da caverna cumana, onde os antigos gregos e romanos acreditavam estar localizada a entrada para o Hades, ou o mundo subterrâneo dos mortos. A lenda ainda nos conta que sobre o lago nem as aves ousavam voar.
{2} Lazzeroni são membros das camadas sociais mais baixas de Nápoles. Nesse caso, trabalham como guias turísticos e criados.
{3} Refere-se a duas passagens do Velho Testamento: no livro do Gênesis 8, v. 8 a 9: “Depois soltou uma pomba para ver se as águas já haviam secado sobre a face da terra. Mas a pomba, não achando terra seca onde pousar, voltou para a arca”; e no livro do Êxodos 14, v.22: “...e os israelitas entraram pelo meio do mar a pé enxuto, enquanto as águas lhes formavam uma muralha à direita e outra à esquerda.”
{4} A Sibila de Cumas recebia em sua caverna, Apolo, o deus dos presságios, dentre outros atributos.
{5} Do italiano: “Não, isso não é possível.”
{6} A Sibila de Cumas anotava em folhas o que Apolo lhe sussurrava sobre os fatos do futuro. Esta anotava as profecias em folhas soltas e às lançava no ar, sendo coletadas pelos sacerdotes de Apolo.
{7} “Pensei em mostrar-te outros trabalhos
De minhas frágeis folhas, mas qual cruel planeta
Nossa companhia inveja, Oh meu nobre tesouro?”
“Il Canzonieri”, Soneto CCCXXII, Francesco Petrarca
{8} Cúmbria é um condado administrativo no noroeste da Inglaterra, que sucedeu o condado de Cumberland, extinto em 1974.
{9} “Otelo”, Ato Primeiro, Cena III. Shakespeare.
{10} “Otelo”, Ato Quinto, Cena II. Shakespeare.
{11} Quando o livro foi escrito, a Áustria era um dos Estados independentes que compunha a Confederação Germânica.
{12} Mateus, 6:28
{13} “Hino Homérico IV a Hermes”
{14} “Hamlet”, Ato Terceiro, Cena II, Shakespeare
{15}] “Um dia ao outro chama,
e ao chamar encadeia
pranto a pranto, pena a pena”
“El Príncipe Constante”, Pedro Calderón de la Barca
{16} “Baladas Líricas”, William Wordsworth

{17} “A Lenda de Dédalo”, Thomas Heywood

{18} Mateus, 6:28

{19} “Hino Homérico IV a Hermes”

{20} “Hino Homérico IV a Hermes”

{21} Por volta de 270 aC, Mânio Cúrio Dentato foi um cônsul romano que conquistou os Sabinos, tribo da região central da Península Itálica, e ficou famoso por sua austeridade inabalável e recusa em ser subornado.

{22} Latona, deusa da noite clara, era mãe dos gêmeos Febo e Diana. Fora expulsa da Terra por Gaia, a mando da ciumenta Juno, quando engravidou de Júpiter. Após fugir da serpente Píton, Latona teve seus filhos na ilha Ortigia.

{23} “Hamlet”, Ato Dois, Cena II, Shakespeare

{24} Náiades eram ninfas aquáticas que viviam em fontes e nascentes. Eram extremamente belas, tinham a pele clara ou até azulada e olhos extremamente azuis e profundos. Tinham o dom da cura e da profecia.

{25} “para não escurecer seu alvo rosto”
“Il Canzonieri”, Soneto CCXXXVI, Francesco Petrarca

{26} “Parece que temos aqui reunida
A mais distinta seleção dos mortais”
“Orlando Furioso”, Canto VI, Ludovico Ariosto

{27} Lúcio Quincio Cincinato (519 a 439 aC) foi general, cônsul e ditador romano por determinação do Senado. Enquanto cônsul fora designado para apaziguar uma contenda entre os tribunos e plebeus a respeito da Lei Terentilia Arsa. Ao cumprir tal tarefa, retornou à sua vida pastoril.

{28} Romaico é considerado o idioma Grego Moderno.

{29} Metáfora para o gabinete do Império Otomano, cunhada pelos embaixadores ocidentais, que eram recebidos à porta do Palácio Topkapi, localizado na parte europeia de Istambul.

{30} “The Bride’s Tragedy”, Ato Quarto, Cena III, Thomas Lovell Beddoes

{31} “Otelo”, Ato Terceiro, Cena III, Shakespeare

{32} “Vathek”, William Beckford

{33} Mortalmente atingido por Hércules, o centauro Nísio deu à Dejanira a túnica que vestia, garantindo que, do sangue envenenado que se esvaia de suas feridas, o poder de manter os maridos longe de amores ilícitos havia sido concedido.

{34} As Fúrias, na mitologia romana, eram as personificações da vingança. Eram representadas por Megera, Alecto e Tisífone.

{35} “A Morte de Wallenstein”, Friedrich Schiller

{36} idem à 32

{37} “Werner”, Lordee Byron

{38} Refere-se à passagem de João, cap. 14, v.2: “Na casa de meu pai há muitas moradas. Se assim não fosse eu vo-lo teria dito. Vou preparar o lugar para vós.”

{39} “Noite de Reis”, Ato Segundo, Cena III, Shakespeare

{40} Refere-se à passagem do Êxodos, cap. 8, v.12: “Moisés e Arão saíram da presença do Faraó; e Moisés clamou ao Senhor pelo cumprimento da promessa que tinha feito ao Faraó relativamente às rãs.”

{41} “Teogonia”, Hesíodo

{42} “Reflexões sobre a Revolução Francesa”, Edmund Burke

{43} Adonis era um jovem belo, o preferido de Afrodite e Perséfone, que foi morto por um javali selvagem. Ele ressuscitou sob a condição de que passasse parte do ano acima da terra e parte no submundo, simbolizando, portanto, as estações variáveis e o ciclo da natureza. Dessa forma, ele fez as vezes de objeto de um culto à fertilidade.

{44} “A Peregrinação de Childe Harolde”, Quarto Canto, Lordee Byron.

{45} Soneto Dois, Shakespeare

{46} Soneto 63, Shakespeare

{47} Propontis é o nome antigo para o que hoje é chamado de Mar de Mármara, localizado entre o Mar Negro e o Egeu.

{48} O Corno de Ouro é um estuário que divide Istambul, formando um porto natural. Seu nome, segundo a lenda grega, foi atribuído por Keroessa.

{49} “Cada pedra uma pirâmide levanta,
E cada flor constrói um monumento,
Cada edifício é um sepulcro ativo,
Cada soldado, um esqueleto vivo”,
“La Vida Es Sueño”, Pedro Calderón de la Barca

{50} A partir do século XIX e até o começo do século XX, o termo Stamboul passou a ser usado para designar as regiões centrais localizadas na península histórica, entre o Corno de Ouro e o Bósforo. À época, o termo Constantinopla referia-se à metrópole de Istambul como um todo.

{51} Janissários eram unidades de infantaria que formavam as tropas domésticas do sultão otomano, surgidas no século XIV e dissolvidas em 1826.

{52} “Mask of Anarchy”, P.B. Shelley

{53} Timon é o protagonista da obra “Timon de Atenas”, de Shakespeare. Timon era um rico ateniense que convida seus amigos de outrora, que haviam desertado, para um banquete, apenas para servir-lhes água quente.

{54} “The Revenge”, Edward Young

{55} “Reflexões sobre a Revolução Francesa”, Edmund Burke

{56} Refere-se à passagem do Apocalipse, cap. 6, v.12: “Quando abriu o sexto selo, vi que sobreveio um grande terremoto. O sol se tornou negro como um saco de crina, a lua tornou-se toda (vermelha) como sangue.”

{57} “Antônio e Cleópatra”, Verso 1, Shakespeare

{58} Golden Coast era uma antiga colônia inglesa na costa leste da África. Em 6 de março de 1957, tornou-se independente e adotou o nome de Gana.

{59} “Ensaio sobre o Homem”, Alexander Pope

{60} Idem à 13

{61} “Os Trabalhos e os Dias”, Hesíodo

{62} Simum é um vento forte, quente e carregado de areia que sopra pelos desertos do Saara e da Arábia.

{63} Nome histórico do continente australiano usado pela primeira vez em 1644 pelo marinheiro holandês Abel Tasman. Seu uso foi adotado por 150 anos e em 1804 Matthew Flinders sugeriu que o nome fosse mudado para Austrália, recebendo a sanção oficial do Reino Unido em 1824.

{64} Refere-se ao Eton College, fundado em 1440 por Henrique VI, sendo uma das mais antigas escolas da Inglaterra. Seus edifícios são parte do patrimônio nacional inglês. Atualmente abriga 1300 alunos do sexo masculino entre 13 e 18 anos, e localiza-se nas cercanias de Windsor. É famoso por abrigar e receber filhos da nobreza inglesa, inclusive membros da família real, além de membros da aristocracia e das mais ricas famílias do mundo.

{65} “Romeu e Julieta”, Ato Terceiro, Cena Dois, Shakespeare

{66} Refere-se à passagem do Eclesiastes, cap.12, v6-7: “(Lembra-te do teu Criador). Antes que se quebre o cordão de prata, se retire a fita de ouro, se

quebre o cântaro sobre a fonte, se desfaça a roda sobre a cisterna, o pó volte à terra donde saiu e o espírito volte para Deus que o deu.”

{67} “Epístola ao Dr. Arbuthnot”, Alexander Pope

{68} Segundo a mitologia grega, Sêmele era filha de Cadmo e de Hermone. Foi amante de Zeus e, desse relacionamento, nasceu Dionísio. Morreu fulminada quando Zeus apresentou-se como deus olímpico, envolto em luz radiante. Tempos depois, Dionísio buscou-a nos infernos e promoveu sua aceitação no Olimpo sob a condição de deusa.

{69} “Sonetos”, Shakespeare

{70} Refere-se à passagem de Lucas, cap. 16, v8: “E o Senhor louvou o feitor iníquo, por ter procedido sagazmente, porque os filhos deste século são mais hábeis no trato com seus semelhantes que os filhos da luz.”

{71}] “Pisando a terra dura
está sempre o homem,
e cada passo que dá
é sobre sua sepultura” “El Príncipe Constante”, Pedro Calderón de la Barca

{72} “Resolution and Independence”, William Wordsworth

{73} Refere-se à passagem da Primeira Epístola aos Tessalonicenses, cap. 5 v2: “Porque vós sabeis muito bem que o Dia do Senhor virá como um ladrão durante a noite.”

{74} “Sleep and Poetry”, John Keats.

{75} “Macbeth”, Ato Quarto, Cena III, Shakespeare

{76} Idem à 77

{77} “Para a Amada Recatada”, Andrew Marvell.

{78} Pierre Simon, marquês de La Place, era um astrônomo e matemático francês que viveu entre 1749 a 1827. Dando continuidade ao trabalho de Newton, ele formulou uma teoria sobre a origem do sistema solar.

{79} “The Cenci”, Percy Bysshe Shelley.

{80} “The Bride’s Tragedy”, Ato Quarto, Cena III, Thomas Lovell Beddoes

{81} “The world is too much with us”, William Wordsworth.

{82} “Salomão”, Canto Segundo, Matthew Prior

{83} “Poemas”, Cleveland

{84} “Os Trabalhos e os Dias”, Hesíodo

{85} Refere-se à passagem dos Salmos, cap. 8, v6-8: “Tu o fizeste pouco inferior aos anjos de glória e de honra o coroaste. E deste-lhes o mando sobre as obras das tuas mãos. Sujeita-se todas as coisas debaixo de seus pés, todas as ovelhas e vacas; todos os outros animais do campo.”
{86} Refere-se à passagem de Eclesiastes, cap. 9, v10: “Faze com presteza tudo quanto pode fazer a tua mão, porque na sepultura, para onde te precipitas, não haverá nem obra, nem razão, nem sabedoria, nem ciência.”
{87} Refere-se à passagem de Eclesiastes, cap. 12, v5: “Eles terão medo também (de subir) aos lugares altos e temerão no caminho. A amendoeira florescerá, o gafanhoto engordará e a alcaparra se extinguirá, porque o homem irá para a casa da sua eternidade, e, carpindo o irão acompanhando pelas ruas.”
{88} “Poemas”, Cleveland
{89} “Coração Desiludido”, John Ford
{90} “Antônio e Cleópatra”, Verso Quinto, Shakespeare.
{91} Do latim: “Aqui jaz.”
{92} “A Letter to a Noble Lorde”, Edmund Burke
{93} Idem à 94
{94} “Henrique VI”, Parte Três, Shakespeare
{95} “Édipo em Colono”, Sófocles.
{96} “Cimbeline, Rei da Britânia”, Shakespeare
{97} O Lobo do Vale (Wolf’s Glen) é um personagem de uma obscura lenda alemã que foi imortalizado na ópera “Der Freischutz”, de Weber, estreada em 1821, na qual simboliza o demônio.
{98} “Júlio César”, Shakespeare
{99} Refere-se à passagem dos Salmos, cap. 8, v4-6: “Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas, que tu criaste: Que é o homem para te lembrares dele? ou o filho do homem, para o visitares? Tu o fizeste pouco inferior aos anjos de glória e de honra o coroaste.”
{100} “Hamlet”, Ato Segundo, Cena Dois, Shakespeare
{101} “O Escudo de Hércules”, Hesíodo
{102} Refere-se à passagem do Gênesis, cap. 6, v6-7: “...arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra. E, tocado de íntima dor de coração, disse: exterminarei da face da terra o homem que criei, desde o homem até aos animais, desde os répteis até as aves do céu; porque me pesa de os ter feito.”

{103} “Reflexões sobre a Revolução Francesa”, Edmund Burke

{104} Refere-se à passagem de Eclesiastes, cap. 12, v5: “Eles terão medo também (de subir) aos lugares altos e temerão no caminho. A amendoeira florescerá, o gafanhoto engordará e a alcaparra se extinguirá, porque o homem irá para a casa da sua eternidade, e, carpindo o irão acompanhando pelas ruas.”

{105} Náiades eram ninfas aquáticas que viviam em fontes e nascentes. Eram extremamente belas, tinham a pele clara ou até azulada e olhos extremamente azuis e profundos. Tinham o dom da cura e da profecia.

{106} “Fragment: To Music”, P. B. Shelley

{107} Trecho do oratório “The Creation” composto por Haydn originalmente em inglês.

{108} Refere-se ao vento do norte, frio e geralmente seco, vindo do nordeste da Europa, conhecido como “La Bise”.

{109} “The Bride’s Tragedy”, Ato Primeiro, Cena I, Thomas Lovell Beddoes

{110} “Letters from Norway”, Mary Wollstonecraft

{111} “Tam O’Shanter”, Robert Burns

{112} “Kubla Khan”, Samuel Taylor Coleridge

{113} Refere-se à passagem do Cântico dos Cânticos, cap. 2, v11-13: ““Porque já passou o inverno, a chuva cessou, desapareceu. Apareceram as flores na nossa terra, chegou o tempo da poda; ouviu-se na nossa terra a voz da rola; a figueira lança os seus rebentos; as vinhas em flor espalharam o seu perfume. Levanta-te amiga minha, formosa minha, e vem.”

{114} “Il Allegro” e “Il Penseroso”, John Milton

{115} Mosco de Siracusa, poeta pastoril grego do século II a.c.

{116} “Soneto 44”, Shakespeare

{117} Romance escrito por Ann Radcliffe em 1797.

{118} “Ruins of Rome”, Edmund Spenser